



EDIÇÃO DE COLECIONADOR



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



EDIÇÃO DE COLECIONADOR





EDIÇÃO DE COLECIONADOR



1356
Azincourt
O condenado
Stonehenge
O forte
Tolos e mortais

Trilogia As Crônicas de Artur

O rei do inverno
O inimigo de Deus
Excalibur

Trilogia A Busca do Graal

O arqueiro
O andarilho
O herege

Série As Aventuras de um Soldado nas Guerras Napoleônicas

O tigre de Sharpe (Índia, 1799)
O triunfo de Sharpe (Índia, setembro de 1803)
A fortaleza de Sharpe (Índia, dezembro de 1803)
Sharpe em Trafalgar (Espanha, 1805)
A presa de Sharpe (Dinamarca, 1807)
Os fuzileiros de Sharpe (Espanha, janeiro de 1809)
A devastação de Sharpe (Portugal, maio de 1809)
A águia de Sharpe (Espanha, julho de 1809)
O ouro de Sharpe (Portugal, agosto de 1810)
A fuga de Sharpe (Portugal, setembro de 1810)
A fúria de Sharpe (Espanha, março de 1811)
A batalha de Sharpe (Espanha, maio de 1811)
A companhia de Sharpe (janeiro a abril de 1812)

Série Crônicas Saxônicas

O último reino
O cavaleiro da morte
Os senhores do norte
A canção da espada
Terra em chamas
Morte dos reis
O guerreiro pagão

*O trono vazio
Guerreiros da tempestade
O portador do fogo
A guerra do lobo
A espada dos reis
O senhor da guerra*

Série *As Crônicas de Starbuck*

*Rebelde
Traidor
Inimigo
Herói*



O REI
DO INVERNO

As CRÔNICAS de ARTUR Bernard Cornwell

VOLUME I

O REI do INVERNO

37ª edição
TRADUÇÃO DE
ALVES CALADO



EDITORAL RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

EDITORIA-EXECUTIVA

Rafaela Pedroni

SUPERINTENDENTE DE ADMINISTRAÇÃO IMPRESSA

Marcus Vianna

ARQUIVISTA DE LINGUAGEM

Adrielle Martins / Laboratório Secreto

ATILACARDINAL

Julia Wotring

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C835r

Cornwell, Bernard, 1944-

O rei do inverno [recurso eletrônico] / Bernard Cornwell; tradução Alves Calado. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2021.

recurso digital (Crônicas de Artur; 1)

Tradução de: The winter king

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-359-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Arthur, Rei – Ficção. 3. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título. III. Série.

21-72800

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

TÍTULO EM INGLÊS:

The Winter King

Copyright © 1995 by Bernard Cornwell

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5587-359-7

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br



Sumário

[Personagens](#)

[Lugares](#)

[Mapa | Os Reinos da Britânia](#)

[Parte 1 | Um nascimento no inverno](#)

[Parte 2 | A noiva](#)

[Parte 3 | A volta de Merlin](#)

[Parte 4 | A Ilha dos Mortos](#)

[Parte 5 | A parede de escudos](#)

[Nota do autor](#)



Personagens

AELLE

Rei saxão

AGRÍCOLA

Comandante guerreiro de Gwent, que serve ao rei Tewdric

AILLEANN

Amante de Artur, mãe de seus filhos gêmeos Amhar e Loholt

AMHAR

Filho bastardo de Artur

ANNA

Irmã de Artur, casada com o rei Budic de Broceliande

ARTUR

Filho bastardo de Uther e protetor de Mordred

BALISE

Antigo druida da Dumnonia

BAN

Rei de Benoic, pai de Lancelot e Galahad

BEDWIN

Bispo em Dumnonia, principal conselheiro do rei

BLEIDDIG

Chefe tribal em Benoic

BORS

Campeão de Benoic

BROCHVAEL

Rei de Powys depois da época de Artur

CADWALLON

Rei de Gwynedd

CADWY

Rei submetido à Dumnonia, que guarda a fronteira com Kernow

CALEDDIN

Druida, há muito morto, que compilou o códice de Merlin

CAVAN

Segundo em comando de Derfel

CEI

Companheiro de infância de Artur, agora um de seus guerreiros

CEINWYN

Princesa de Powys, irmã de Cuneglas, filha de Gorfyddyd

CELWIN

Sacerdote que estuda em Ynys Trebes

CERDIC

Rei saxão

CULHWCH

Primo de Artur, um de seus guerreiros

CUNGLAS

Edling (príncipe herdeiro) de Powys, filho de Gorfyddyd

DAFYDD AP GRUFFUD

Escrivão que traduz a história de Derfel

DERFEL CADARN

O narrador, nascido saxão, pupilo de Merlin e um dos guerreiros de Artur

DIWRNACH

Rei irlandês de Lley, país anteriormente chamado Henis Wyren

DRUIDAN

Um anão, comandante da guarda de Merlin

ELAINE

Rainha de Benoic, mãe de Lancelot

GALAHAD

Príncipe de Benoic, meio-irmão de Lancelot

GEREINT

Príncipe submetido à Dumnonia, Senhor das Pedras

GORFYDDYD

Rei de Powys, pai de Cuneglas e Ceinwyn

GRIFFID AP ANNAN

Segundo em comando de Owain

GUDOVAN

Escriba de Merlin

GUENDOLOEN

Esposa descartada de Merlin

GUINEVERE

Princesa de Henis Wyren

GUNDLEUS

Rei de Silúria

GWLYDDYN

Carpinteiro de Ynys Wydryn

HELLEDD

Princesa de Elmet, que se casa com Cuneglas de Powys

HYGWYDD

Serviçal de Artur

HYWEL

Administrador de Merlin

IGRAINE

Rainha de Powys, casada com Brochvael, patrona de Derfel em Dinnewrac

IGRAINE DE GWYNEDD

Mãe de Artur (também mãe de Morgana, Anna e Morgause)

IORWETH

Druida em Powys

ISSA

Um dos lanceiros de Derfel

LADWYS

Amante de Gundleus

LANCELOT

Edling (príncipe herdeiro) de Benoic, filho de Ban

LANVAL

Um dos guerreiros de Artur, chefe da guarda pessoal de Guinevere

LEODEGAN

Rei exilado de Henis Wyren, pai de Guinevere

LIGESSAC

Primeiro comandante da guarda pessoal de Mordred, que mais tarde serve a Gundleus

LLYWARCH

Segundo comandante da guarda pessoal de Mordred

LOHOLT

Filho bastardo de Artur, gêmeo de Amhar

LUNETE

Antiga companheira de Derfel, mais tarde dama de companhia de Guinevere

LWELLWYN

Funcionário do tesouro da Dumnonia

MAELGWYN

Monge em Dinnewrac

MARK

Rei de Kernow, pai de Tristan

MELWAS

Rei dos Belgae, submetido à Dumnonia

MERLIN

Senhor de Avalon, druida

MEURIG

Edling (príncipe herdeiro) de Gwent, filho de Tewdric

MORDRED

Rei infante da Dumnonia

MORFANS

“O Feio”, um dos guerreiros de Artur

MORGANA

Irmã de Artur, uma das sacerdotisas de Merlin

MORGAUSE

Irmã de Artur, casada com o rei Lot, de Lothian

NABUR

Magistrado cristão em Durnovária, tutor legal de Mordred

NIMUE

Amante de Merlin, sacerdotisa

NORWENNA

Nora de Uther, mãe de Mordred

OENGUS MAC AIREM

Rei irlandês de Demetia, rei dos Escudos Pretos

OWAIN

Campeão de Uther, comandante guerreiro da Dumnonia

PELLINORE

Rei louco aprisionado em Ynys Wydryn

RALLA

Mulher de Gwlyddyn, ama de leite de Mordred

SAGRAMOR

Comandante númida de Artur

SANSUM

Sacerdote e bispo cristão, superior de Derfel em Dinnewrac

SARLINNA

Criança que sobrevive ao massacre em Dartmoor

SEBILE

Escrava saxã de Morgana

TANABURS

Druída de Silúria

TEWDRIC

Rei de Gwent

TRISTAN

Edling (príncipe herdeiro) de Kernow

TUDWAL

Monge noviço em Dinnewrac

UTHER

Rei da Dumnonia, Grande Rei da Britânia, o Pendragon

VALERIN

Chefe tribal em Powys, anteriormente noivo de Guinevere



Lugares

ABONA

Avonmouth, Avon

AQUAE SULIS*

Bath, Avon

BRANOGENIUM*

Forte romano. Leintwardine, Hereford e Worcester

BURRIUM*

Capital de Tewdric. Usk, Gwent

CAER CADARN

Morro real da Dumnonia. Morro South Cadbury, Somerset

CAER DOLFORWYN*

Morro real de Powys. Perto de Newtown, Powys

CAER LUD*

Ludlow, Shropshire

CAER MAES

Morro White Sheet, Mere, Wiltshire

CAER SWS*

Capital de Gorfyddyd. Caersws, Powys

CALLEVA*

Fortaleza de fronteira. Silchester, Hampshire

CORINIUM*

Cirencester, Gloucestershire

CUNETIO*

Mildenhall, Wiltshire

DINNEWAC

Mosteiro em Powys

DURNOVÁRIA*
Dorchester, Dorset

DUROCOBRIVIS*
Dunstable, Bedfordshire

GLEVUM*
Gloucester

ISCA*
Exeter, Devon

ILHA DOS MORTOS*
Portland Bill, Dorset

LINDINIS*
Cidade romana. Ilchester, Somerset

LUGG VALE*
Mortimer's Cross, Hereford e Worcester

MAGNIS*
Forte romano. Kenchester, Hereford e Worcester

MAI DUN*
Castelo Maiden. Dorchester, Dorset

MORRO DE COEL*
Cole's Hill, Hereford e Worcester

AS PEDRAS*
Stonehenge

RATAE*
Leicester

VENTA*
Winchester, Hampshire

YNYS MON*
Anglesey

YNYS TREBES
Capital de Benoic. Monte Saint Michel, França

YNYS WAIR*
Ilha de Lundy

YNYS WYDRYN*
Glastonbury, Somerset

Nota

* Os nomes de lugares marcados com * são registrados pela história. (N. do A.)





Parte 1

Um nascimento no inverno

HÁ MUITO E MUITO TEMPO, numa terra chamada Britânia, estas coisas aconteceram. O bispo Sansum, a quem Deus deve abençoar acima de todos os santos vivos e mortos, diz que tais memórias deveriam ser lançadas no poço sem fundo com todas as outras imundícies da humanidade decaída, pois são as histórias dos últimos dias antes que a grande escuridão baixasse sobre a terra que chamamos de Lloegyr, que significa Terras Perdidas, o país que um dia foi nosso mas que nossos inimigos agora chamam de Inglaterra. Estas são as histórias de Artur, o Senhor das Guerras, o Rei que Nunca Existiu, o Inimigo de Deus e — que o Cristo vivo e o bispo Sansum me perdoem — o melhor homem que conheci. Como chorei por Artur!

Hoje está frio. Os morros são de uma palidez mortal e as nuvens escuras. Teremos neve antes do anoitecer, mas Sansum certamente nos recusará a bênção de um fogo aceso. É bom para mortificar a carne, diz o santo. Agora estou velho, mas Sansum, que Deus ainda lhe dê muitos anos, é ainda mais velho, de modo que não posso usar a idade como argumento para destrancar o depósito de lenha. Sansum dirá apenas que o sofrimento é uma oferenda a Deus, que sofreu mais do que todos nós, e assim, nós, os seis irmãos, tremeremos no semissono, amanhã o poço estará congelado e o irmão Maelgwyn terá de descer pela corrente para bater com uma pedra no gelo antes que possamos beber.

Mas o frio não é a pior aflição de nosso inverno, e sim que os caminhos gelados farão com que Igraine não visite o mosteiro. Igraine é nossa rainha, casada com o rei Brochvael. É morena e esguia, muito jovem, e tem uma agilidade que parece o calor do sol num dia de inverno. Vem aqui rezar para ter um filho, mas passa mais tempo conversando comigo do que rezando para Nossa Senhora ou seu Filho abençoado. Conversa comigo porque gosta de ouvir as histórias de Artur, e no verão passado contei tudo que pude lembrar e, quando não pude lembrar mais, ela me trouxe um maço de pergaminhos, um frasco de tinta feito de chifre e um feixe de penas de ganso para escrever. Artur usava penas de ganso no capacete. Estas penas de escrever não são tão grandes, nem tão brancas, mas ontem segurei o maço de penas diante do céu de inverno e por um glorioso momento de culpa pensei ter visto seu rosto abaixo das plumas. Naquele instante o dragão e o urso rosnaram sobre a Britânia para aterrorizar de novo os pagãos, mas então espirrei e vi que segurava um punhado de penas sujas de bosta de ganso, pouco adequadas para escrever. A tinta é igualmente ruim; mera fuligem de lâmpada misturada com goma de casca de macieira. Os pergaminhos

são melhores. São feitos de pele de carneiro, que sobraram da época dos romanos e já estiveram cobertos por uma escrita que nenhum de nós sabe ler, mas as mulheres de Igraine raspam as peles até ficarem brancas. Sansum diz que seria melhor se tanta pele de carneiro fosse transformada em sapatos, mas as peles raspadas são finas demais para ser moldadas, e além disso Sansum não ousou ofender Igraine e com isso perder a amizade do rei Brochvail. Este mosteiro não fica a mais de um dia de viagem dos lanceiros inimigos, e até mesmo nosso pequeno armazém poderia atrair aqueles inimigos que ficam do outro lado do riacho Negro, além dos morros e até no vale de Dinnewrac, se os guerreiros de Brochvail não recebessem a ordem de nos proteger. Mas não creio que mesmo a amizade de Brochvail faria Sansum se reconciliar com a ideia de o irmão Derfel escrever um relato sobre Artur, o Inimigo de Deus, e assim Igraine e eu mentimos ao santo abençoado dizendo que estou escrevendo uma tradução do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo para a língua dos saxões. O santo abençoado não fala a língua do inimigo, nem sabe ler, por isso podemos enganá-lo por tempo suficiente para que esta narrativa seja escrita.

E ele precisará ser enganado, já que, pouco depois de eu começar a escrever nesta mesma pele, o santo Sansum entrou na sala. Ficou perto da janela, olhou para o céu opaco e esfregou as mãos magras.

— Eu gosto do frio — disse ele, sabendo que eu não.

— Eu o sinto mais na mão que me falta — respondi gentilmente. É a minha mão esquerda que falta e estou usando o coto do pulso para firmar o pergaminho enquanto escrevo.

— Toda dor é uma lembrança abençoada da Paixão de nosso querido Senhor — disse o bispo, como eu esperava, depois se encostou na mesa para olhar o que eu tinha escrito. — Fale o que dizem as palavras, Derfel.

— Estou escrevendo a história do nascimento do Menino Jesus — menti.

Ele olhou para a pele, depois colocou uma unha suja sobre seu próprio nome. Sansum é capaz de decifrar algumas letras, e o nome dele deve ter se destacado do pergaminho tão claramente quanto um corvo na neve. Em seguida, riu como uma criança e torceu com os dedos uma mecha dos meus cabelos brancos.

— Eu não estava presente no nascimento de Nosso Senhor, Derfel, no entanto este é o meu nome. Você está escrevendo heresia, seu sapo do inferno?

— Senhor — falei humildemente enquanto seu aperto mantinha meu rosto curvado para perto do trabalho. — Comecei o Evangelho registrando que é apenas pela graça de Nosso Senhor Jesus Cristo e com a permissão de seu santo mais sagrado, Sansum — e aqui aponte para o nome dele —, que posso anotar essa Boa-Nova de Cristo Jesus.

Ele puxou meu cabelo, arrancando alguns fios, depois se afastou.

— Você é fruto de uma prostituta saxã, e nenhum saxão jamais foi digno de confiança. Tome cuidado, saxão, para não me ofender.

— Glorioso senhor — falei, mas ele não ficou para ouvir mais. Houve um tempo em que Sansum se ajoelhava diante de mim e beijava minha espada, mas agora é um santo e eu sou apenas o mais miserável dos pecadores. E um pecador com frio, porque a luz fora de nossas paredes é oca, cinzenta e cheia de ameaça. A primeira neve cairá logo.

E havia neve quando começou a história de Artur. Foi há uma vida inteira, no último ano do reino do Grande Rei Uther. Aquele ano, segundo a contagem do tempo feita pelos romanos, era 1233 depois da fundação da cidade deles — ainda que nós, na Britânia, costumemos contar nossas datas a partir do Ano Negro, que foi quando os romanos abateram os druidas em Ynys Mon. Segundo essa contagem, a história de Artur começa no ano 420, ainda que Sansum, que Deus o abençoe, numere nossa época a partir da data do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo ele acredita, aconteceu 480 invernos antes de essas coisas começarem. Mas, como quer que você conte os anos, foi há muito, muito tempo, numa terra chamada Britânia, e eu estava lá.

E foi assim.

COMEÇOU COM UM NASCIMENTO.

Numa noite fria, quando o reino estava imóvel e branco sob uma lua minguante.

E no salão Norwenna gritava.

E gritava.

Era meia-noite. O céu estava claro, seco e brilhante de estrelas. A terra congelada, dura como ferro, os riachos travados pelo gelo. A lua minguante era um mau presságio, e em sua luz carrancuda as longas terras do oeste pareciam brilhar com um tremeluzir pálido e frio. Nenhuma neve tinha caído havia três dias, e não acontecera nenhum degelo, de modo que o mundo inteiro estava branco a não ser onde as árvores tinham sido sopradas pelo vento e agora estavam pretas e intrincadas contra a terra devastada pelo inverno. Nosso hálito virava névoa, mas não era soprado para longe porque não existia vento nessa clara meia-noite. A terra parecia morta e imóvel, como se tivesse sido abandonada por Belenos, o Deus Sol, e deixada à deriva no vazio interminável e frio entre os mundos. E frio estava; um frio cortante, mortal. Agulhas de gelo pendiam compridas das traves no grande salão de Caer Cadarn e do portão em arco por onde, mais cedo, o séquito do Grande Rei tinha lutado através da neve para trazer nossa princesa a este alto lugar de reis. Caer Cadarn era onde ficava a pedra real; era o lugar de aclamação e portanto o único local, segundo insistia o Grande Rei, onde seu herdeiro poderia nascer.

Norwenna gritou de novo.

Nunca vi o nascimento de uma criança, nem, que Deus permita, verei. Vi uma égua dar à luz e vi cascos abrirem caminho para o mundo, e ouvi o ganido fraco de uma cadela parindo e senti os movimentos de um gato que nascia, mas nunca vi o sangue e o muco que acompanha os gritos de uma mulher. E como Norwenna gritava!, mesmo tentando não gritar, pelo menos foi o que as mulheres disseram depois. Algumas vezes os guinchos se interrompiam subitamente e deixavam um silêncio pairando em toda a alta fortaleza, e o Grande Rei podia levantar sua cabeça grandiosa de entre as peles e ouvir com tanta atenção quanto se estivesse num bosque com os saxões por perto, só que agora prestava atenção na esperança de que o silêncio súbito marcasse o instante do nascimento, quando seu reino teria de novo um herdeiro. Ele ouvia, e no silêncio da fortaleza gelada escutávamos o barulho áspero da respiração terrível de sua nora e uma vez, só uma, houve um gemido patético, e o Grande Rei meio se virou como se fosse dizer algo, mas então os gritos

recomeçaram e sua cabeça baixou sobre as peles grossas, de modo que somente os olhos podiam ser vistos brilhando na caverna sombria formada pelo pesado capuz e a gola de pele.

— O senhor não deveria estar nas muralhas, Grande Senhor — disse o bispo Bedwin.

Uther balançou a mão enluvada como a sugerir que Bedwin podia ir para dentro, onde os fogos estavam acesos, mas que o Grande Rei Uther, o Pendragon da Britânia, não iria se mexer. Queria ficar nas muralhas de Caer Cadarn para olhar a terra gelada e o ar onde espreitavam os demônios; mas Bedwin estava certo, o Grande Rei não deveria estar montando guarda contra demônios naquela noite inclemente. Uther estava velho e doente, mas a segurança do reino dependia de seu corpo inchado e de sua mente lenta e triste. Havia apenas seis meses ele estava vigoroso, mas então veio a notícia da morte de seu herdeiro: Mordred — o mais amado de seus filhos e o único nascido da esposa e que permanecia vivo — fora cortado por um machado saxão e sangrara até a morte sob o morro do Cavalo Branco. A morte deixara o reino sem herdeiro, e um reino sem herdeiro é um reino condenado, mas esta noite, se os Deuses quisessem, o herdeiro de Uther nasceria da viúva de Mordred. A não ser que fosse uma menina, claro, e nesse caso toda a dor teria sido em vão e o reino estava condenado.

A cabeça grandiosa de Uther se levantou das peles, que estavam com uma crosta de gelo onde seu hálito havia tocado nos pelos.

— Tudo está sendo feito, Bedwin? — perguntou Uther.

— Sim, Grande Senhor, tudo. — O bispo Bedwin era o conselheiro de maior confiança do rei e, como a princesa Norwenna, era cristão. Norwenna, protestando por ter sido tirada da quente vila romana na localidade próxima de Lindinis, tinha gritado com o sogro dizendo que só iria a Caer Cadarn se ele promettesse manter longe as feiticeiras dos Deuses antigos. Ela insistira num nascimento cristão, e Uther, desesperado por um herdeiro, tinha concordado com a exigência. Agora os sacerdotes de Bedwin entoavam suas orações numa câmara ao lado do salão onde a água benta tinha sido espargida, uma cruz fora pendurada sobre a cama do nascimento e outra posta sob o corpo de Norwenna. Bedwin explicou:

— Estamos rezando à abençoada Virgem Maria que, não tendo conspurcado seu corpo sagrado com qualquer conhecimento carnal, tornou-se a santa mãe de Cristo e...

— Basta — rosnou Uther. O Grande Rei não era cristão e não gostava de que qualquer homem tentasse transformá-lo em um, mas aceitava que o Deus cristão provavelmente tinha tanto poder quanto a maioria dos outros. Os acontecimentos desta noite estavam testando essa tolerância até o limite.

E era por isso que eu estava lá. Eu era uma criança prestes a me

tornar homem, um cumpridor de mandados imberbe que se agachava, gélido, ao lado da cadeira do rei nas muralhas de Caer Cadarn. Tinha vindo de Ynys Wydryn, a fortaleza de Merlin, que ficava no horizonte norte. Minha tarefa, se fosse ordenado, era trazer Morgana e suas auxiliares que esperavam na enlameada cabana de um pastor de porcos ao pé da encosta oeste de Caer Cadarn. A princesa Norwenna poderia querer a mãe de Cristo como sua parteira, mas Uther estava a postos com os Deuses mais antigos, caso o mais novo fracassasse.

E o Deus cristão fracassou. Os gritos de Norwenna diminuíram, mas os gemidos ficaram mais desesperados até que finalmente a mulher do bispo Bedwin veio do salão e se ajoelhou trêmula ao lado da cadeira do Grande Rei. O bebê, disse Ellin, não queria sair, e a mãe, pelo que ela temia, estava morrendo. Uther desconsiderou o último comentário. A mãe era nada, apenas a criança importava, e somente se fosse um menino.

— Grande Senhor... — começou Ellin nervosamente, mas Uther não estava mais ouvindo.

Ele deu um tapa na minha cabeça.

— Vá, garoto. — E então saí de sua sombra, saltei no interior da fortaleza e corri entre as construções, pela brancura sombreada pela lua. Os guardas do portão oeste me viram passar correndo, e em seguida eu estava escorregando e caindo pela rampa de gelo da estrada oeste. Eu cortei a neve, rasguei o manto num toco de árvore e caí com força sobre algumas sarças pesadas de gelo, mas não senti nada, a não ser o peso gigantesco do destino de um reino sobre meus ombros jovens.

— Lady Morgana! — gritei enquanto me aproximava da cabana. — Lady Morgana!

Ela devia estar esperando, porque a porta da cabana se abriu imediatamente e seu rosto com a máscara de ouro brilhou ao luar.

— Vá! — gritou ela para mim. — Vá! — Então me virei e comecei a subir de volta o morro enquanto ao meu redor um punhado dos órfãos de Merlin se esforçava para andar na neve. Estavam carregando painéis que batiam umas nas outras enquanto corriam, mas quando a encosta ficou íngreme e perigosa demais eles foram forçados a jogar as painéis adiante e subir atrás, usando mãos e pés. Morgana seguia mais devagar, atendida por sua escrava Sebile, que carregava os feitiços e ervas necessários. — Acenda os fogos, Derfel! — gritou ela para mim.

— Fogo! — gritei sem fôlego enquanto atravessava o portão. — Fogo nas muralhas! Fogo!

O bispo Bedwin protestou contra a chegada de Morgana, mas o Grande Rei se virou em fúria contra o conselheiro, e o bispo se rendeu humilde à fé mais antiga. Seus sacerdotes e monges receberam a ordem de sair da capela feita às pressas, de carregar archotes para todas as partes das muralhas e lá empilhar os archotes com lenha e madeira

arrancada das cabanas que se agrupavam dentro do muro norte da fortaleza. Os fogos estalaram, depois arderam gigantescos na noite, e sua fumaça pairou no ar, formando uma cúpula que confundiria os espíritos malignos e os manteria longe deste lugar onde uma princesa e seu filho estavam morrendo. Nós, os jovens, corríamos pelas fortificações batendo panelas para fazer o grande barulho que entonteceria ainda mais os malignos.

— Gritem — ordenei aos filhos de Ynys Wydryn, e outras crianças ainda vieram das cabanas dentro da fortaleza para somar seus ruídos aos nossos. Os guardas batiam com as lanças nos escudos, e os sacerdotes empilhavam mais lenha numa dúzia de piras flamejantes enquanto o resto de nós gritava nossos desafios ruidosos contra as fúrias malignas que cortavam a noite para amaldiçoar o trabalho de parto de Norwenna.

Morgana, Sebile, Nimue e uma menina foram para o salão da frente. Norwenna gritou, mas não soubemos se gritava em protesto contra a vinda das mulheres de Merlin ou porque a criança teimosa estava partindo seu corpo ao meio. Mais gritos soaram enquanto Morgana expulsava os auxiliares cristãos. Jogou as duas cruzes na neve e lançou no fogo um punhado de artemísia, a erva da mulher. Mais tarde, Nimue me contou que elas puseram bolotas de ferro na cama úmida para espantar os espíritos malignos que já estavam alojados ali e colocaram sete pedras de águia em volta da cabeça da mulher que se retorcia, para trazer os bons espíritos da morada dos Deuses.

Sebile, a escrava de Morgana, pôs um galho de bétula sobre a porta do salão e balançou outro sobre o corpo da princesa que se contorcia. Nimue se agachou perto da porta e urinou na soleira para manter as fadas malignas longe do salão, depois pegou um pouco da urina com a mão em concha e levou até a cama de Norwenna, onde borrifou-a sobre a palha como mais uma precaução para que a alma da criança não fosse roubada na hora do nascimento. Morgana, com a máscara dourada brilhando à luz das chamas, afastou as mãos de Norwenna com tapas para poder forçar um amuleto feito de âmbar raro entre os seios da princesa. A menina, uma das enjeitadas sob a proteção de Merlin, esperava cheia de terror ao pé da cama.

A fumaça das fogueiras recém-ateadas turvava as estrelas. Criaturas que acordaram na floresta ao pé de Caer Cadarn uivavam para o barulho que tinha irrompido acima enquanto o Grande Rei Uther erguia os olhos para a lua que ia morrendo e rezava para que não tivesse chamado Morgana tarde demais. Morgana era filha natural de Uther, a primeira dos quatro bastardos que o Grande Rei havia gerado em Igraine de Gwynedd. Sem dúvida, Uther preferiria que Merlin estivesse ali, mas ele tinha sumido havia meses, ido para lugar nenhum — ido, algumas vezes nos parecia, para sempre —, e Morgana, que aprendera

com Merlin, devia tomar o lugar dele nesta noite fria em que batíamos panelas e gritávamos até ficar roucos para afastar os inimigos malignos de Caer Cadarn. Até mesmo Uther se juntou a nós fazendo barulho, ainda que o som de seu cajado batendo na borda da muralha fosse muito fraco. O bispo Bedwin estava de joelhos, rezando, enquanto sua mulher, expulsa da sala do parto, chorava, uivava e pedia ao Deus cristão para perdoar as feiticeiras pagãs.

Mas a feitiçaria deu certo, porque nasceu uma criança viva.

O grito dado por Norwenna na hora do nascimento foi pior do que qualquer um que o precedera. Foi o urro de um animal atormentado, um lamento para fazer toda a noite soluçar. Nimue me disse mais tarde que Morgana tinha causado essa dor enfiando a mão no canal do nascimento e arrancando o bebê para este mundo com o uso de força bruta. A criança veio sangrenta de dentro da mãe atormentada, e Morgana gritou para a menina pegar a criança enquanto Nimue amarrava e cortava o cordão. Era importante que o bebê fosse segurado primeiro por uma virgem, e por isso a menina tinha sido levada ao salão, mas ela ficou apavorada e não queria chegar perto da palha sangrenta onde Norwenna agora ofegava, e onde o recém-nascido, manchado de sangue, parecia natimorto.

— Pegue-o! — gritou Morgana, mas a menina fugiu em lágrimas. Assim, Nimue pegou o bebê da cama e limpou sua boca, para que ele pudesse respirar ofegante pela primeira vez.

Todos os presságios eram muito ruins. A lua com halo estava minguando e a virgem fugira do bebê que agora começava a chorar alto. Uther ouviu o barulho e o vi fechar os olhos enquanto rezava aos Deuses para ter recebido um menino.

— Posso? — perguntou hesitante o bispo Bedwin.

— Vá — disse Uther com rispidez, e o bispo desceu rapidamente a escada de madeira, arrebanhou a túnica e correu pela neve pisoteada até a porta do salão. Ficou ali alguns segundos, depois correu de volta para a muralha, acenando.

— Boas-novas, Grande Senhor, boas-novas! — gritava Bedwin enquanto subia desajeitadamente pela escada de mão. — Notícia excelente!

— Um menino. — Uther antecipou a notícia soltando as palavras com a respiração.

— Um menino! — confirmou Bedwin. — Um belo menino!

Eu estava agachado perto do Grande Rei e vi lágrimas surgirem em seus olhos virados para o céu.

— Um herdeiro — disse Uther num tom de espanto, como se na verdade não tivesse ousado esperar que os Deuses o favorecessem. Enxugou as lágrimas com a mão coberta pela luva de pele. — O reino está salvo, Bedwin.

— Deus seja louvado, Grande Senhor, ele está salvo — concordou Bedwin.

— Um menino — disse Uther, e então, de repente, seu corpo enorme foi sacudido por uma tosse terrível que o deixou ofegante. — Um menino — disse de novo quando a respiração se estabilizou.

Morgana veio depois de um tempo. Subiu a escada e prostrou o corpo atarracado na frente do Grande Rei. Sua máscara de ouro brilhava, escondendo o horror que havia por baixo. Uther tocou o ombro dela com o cajado.

— Levante-se, Morgana. — Em seguida enfiou a mão debaixo do manto e pegou um broche de ouro para recompensá-la.

Mas Morgana não quis aceitar.

— O menino é aleijado — disse ela numa voz agourenta. — Tem um pé torto.

Vi Bedwin fazer o sinal da cruz, porque um príncipe aleijado era o pior presságio que essa noite poderia trazer.

— É muito ruim? — perguntou Uther.

— Só o pé — disse Morgana em sua voz áspera. — A perna é bem formada, Grande Senhor, mas o príncipe jamais correrá.

Bem do fundo de seu manto de pele cheio de dobras Uther deu um risinho.

— Os reis não correm, Morgana. Eles andam, governam, cavalgam e recompensam seus súditos bons e honestos. Aceite o ouro. — Ele estendeu de novo o broche para ela. Era uma peça de ouro grosso, maravilhosamente moldada na forma do talismã de Uther, um dragão.

Mas Morgana continuou não querendo aceitar.

— E o menino é o último filho que Norwenna poderá ter, Grande Senhor. Nós queimamos as secundinas e elas não soaram nem uma vez. — As secundinas eram sempre postas no fogo, de modo que o som estalado que elas fizessem diria quantos outros filhos a mulher teria. — Eu ouvi com atenção, e elas permaneceram silenciosas.

— Os Deuses as queriam silenciosas — disse Uther, irritado. — Meu filho está morto — prosseguiu em voz monótona —, então quem mais poderia dar a Norwenna um filho homem em condições de ser rei?

Morgana fez uma pausa.

— O senhor? — disse ela enfim.

Uther riu diante do pensamento, depois o riso virou uma gargalhada e finalmente outro ataque de tosse que o fez se curvar para a frente numa dor que rasgava os pulmões. A tosse finalmente passou e ele inspirou trêmulo enquanto balançava a cabeça.

— O único dever de Norwenna era parir um filho homem, Morgana, e isso ela fez. Nosso dever é protegê-lo.

— Com toda a força da Dumnonia — acrescentou Bedwin, ansioso.

— Os recém-nascidos morrem com facilidade — alertou Morgana

aos dois homens, em sua voz opaca.

— Este não — disse Uther com ferocidade. — Este não. Ele irá até você, Morgana, em Ynys Wydryn, e você usará suas habilidades para garantir que ele viva. Ande, pegue o broche.

Finalmente Morgana aceitou o broche do dragão. O bebê aleijado ainda chorava, e a mãe gemia, mas sobre as muralhas de Caer Cadarn os que batiam panelas e cuidavam das fogueiras comemoravam a notícia de que nosso reino tinha um herdeiro de novo. Dumnonia tinha um edling, e o nascimento de um edling significava grandes festas e presentes generosos. A palha da cama, ensanguentada pelo parto, foi trazida e jogada numa fogueira para que as chamas estalassem ruidosas. Uma criança havia nascido; tudo que essa criança precisava agora era de um nome, e desse nome não poderia haver dúvida. Nenhuma. Uther se levantou da cadeira e ficou de pé, enorme e sério sobre a muralha de Caer Cadarn para pronunciar o nome de seu neto recém-nascido, o nome de seu herdeiro e o nome do edling de seu reino. O bebê nascido no inverno teria o nome do pai.

Iria se chamar Mordred.

NORWENNA E O BEBÊ VIERAM ficar conosco em Ynys Wydryn. Foram trazidos num carro de bois que atravessou a ponte de terra a leste que levava ao pé do Tor, e fiquei olhando do cume ventoso enquanto a mãe doente e a criança aleijada eram erguidas de sua cama feita de mantos de pele e carregadas numa liteira de tecido, subindo o caminho até a paliçada. Aquele dia estava frio; um frio cortante e com neve luminosa, que comia os pulmões, rachava a pele e fazia Norwenna gemer enquanto era carregada com o bebê envolto em panos através do portão da terra que levava ao Tor de Ynys Wydryn.

E assim Mordred, edling da Dumnonia, entrou no reino de Merlin.

Ynys Wydryn, apesar do nome — que significa Ilha de Vidro —, não era uma ilha de verdade, e sim um promontório de terreno alto que se projetava numa vastidão de mar e atoleiros, riachos e pântanos cercados de salgueiros onde juncos e carriços cresciam densamente. Era um lugar rico devido às aves selvagens, aos peixes, à argila e ao calcário que podia ser retirado facilmente dos morros à beira do refugio das marés, entrecruzados por caminhos cercados de bosques onde visitantes incautos algumas vezes se afogavam quando o vento vinha forte do oeste e soprava uma onda alta rapidamente por cima das terras encharcadas, longas e verdes. A oeste, onde a terra subia, havia pomares de maçãs e campos de trigo, e ao norte, onde morros pálidos cercavam os pântanos, havia rebanhos de bois e ovelhas. Era tudo terra boa, e em seu coração ficava Ynys Wydryn.

Tudo isso era terra do lorde Merlin. Chamava-se Avalon e tinha sido governada por seu pai e pelo pai de seu pai, e cada servo e escravo à vista do cume do Tor trabalhava para Merlin. Era esta terra, com seus produtos fartos nos riachos de marés ou crescendo no solo rico dos vales dos rios internos, que dava a Merlin a riqueza e a liberdade para ser um druida. Um dia a Britânia fora a terra dos druidas, mas os romanos foram os primeiros a trucidá-los, depois domaram a religião de modo que até mesmo agora, após duas gerações sem o governo romano, restava apenas um punhado dos antigos sacerdotes. Os cristãos tinham tomado o seu lugar, e agora o cristianismo saltava ao redor da fé antiga como uma maré impulsionada pelo vento, espirrando pelos campos de juncos assombrados pelos demônios em Avalon.

A ilha de Avalon, Ynys Wydryn, era um agrupamento de morros cobertos de grama, todos nus a não ser pelo Tor, que era o mais íngreme e mais alto. Em seu cume ficava um penhasco onde foi construído o salão de Merlin, e abaixo do salão espalhavam-se construções menores

protegidas por uma paliçada de madeira empoleirada precariamente no topo das encostas gramadas, cortadas num padrão de terraços que sobraram dos velhos tempos antes da chegada dos romanos. Um caminho estreito seguia os terraços antigos, serpenteando até o pico, e os que visitavam o Tor em busca de cura ou profecia eram forçados a seguir esse caminho que servia para espantar os maus espíritos que, caso contrário, poderiam vir azedar a fortaleza de Merlin. Dois outros caminhos desciam retos as encostas do Tor, um a leste, onde a ponte de terra levava a Ynys Wydryn, o outro a oeste, desde o portão do mar e descendo até o povoado ao pé do Tor, onde viviam pescadores, caçadores, cesteiros e pastores. Esses caminhos eram as entradas cotidianas para o Tor, e Morgana os mantinha livres de espíritos malignos através de orações e feitiços constantes.

Morgana dava atenção especial ao caminho do oeste, porque levava não apenas ao povoado, mas também ao templo cristão de Ynys Wydryn. O bisavô de Merlin tinha deixado os cristãos chegarem à ilha nos tempos romanos, e desde então nada pudera desalojá-los. Nós, filhos do Tor, éramos encorajados a jogar pedras nos monges e bosta de animal por cima da paliçada deles, ou rir dos peregrinos que passavam abaixados pelo portão de vime para cultuar um espinheiro que crescia perto da impressionante igreja de pedra que tinha sido construída pelos romanos e ainda dominava a área dos cristãos. Certo ano Merlin entronizou um espinheiro semelhante no Tor, e todos nós o cultuamos cantando, dançando e fazendo reverências. Os cristãos do povoado disseram que seríamos derrubados pelo seu Deus, mas nada aconteceu. No fim, queimamos nosso espinheiro e misturamos suas cinzas com a comida dos porcos, mas mesmo assim o Deus cristão nos ignorou. Os cristãos diziam que seu espinheiro era mágico e que tinha sido trazido a Ynys Wydryn por um estrangeiro que vira o Deus cristão pregado numa árvore. Que Deus me perdoe, mas naqueles dias distantes eu zombava dessas histórias. Na época não conseguia entender o que o espinheiro tinha a ver com a morte de um Deus, mas agora entendo, e posso lhe dizer que o Espinheiro Sagrado, se ainda cresce em Ynys Wydryn, não é a árvore que brotou do cajado de José de Arimateia. Sei disso porque numa noite escura de inverno, quando Merlin me mandou pegar um frasco de água limpa da fonte sagrada ao sul do Tor, vi os monges cristãos desencavando um pequeno espinheiro para substituir a árvore que tinha acabado de morrer dentro de sua paliçada. O Espinheiro Sagrado estava sempre morrendo, mas não posso dizer se era por causa da bosta de vaca que jogávamos ou simplesmente porque a pobre árvore ficava sufocada pelas tiras de roupas amarradas pelos peregrinos. De qualquer modo, os monges do Espinheiro Sagrado enriqueceram, engordados pelos presentes generosos dos peregrinos.

Os monges de Ynys Wydryn ficaram deliciados ao saber que

Norwenna viera para a nossa paliçada, porque agora tinham um motivo para subir o caminho íngreme e trazer suas orações ao coração da fortaleza de Merlin. A princesa Norwenna ainda era uma cristã feroz e de língua afiada, apesar do fracasso da Virgem Maria em fazer seu filho nascer, e exigiu que os monges fossem admitidos todas as manhãs. Não sei se Merlin teria permitido que entrassem, e Nimue certamente condenava Morgana por ter dado a permissão, mas naqueles dias Merlin não estava em Ynys Wydryn. Não víamos nosso senhor havia mais de um ano, porém a vida prosseguia sem ele em sua estranha ausência.

E era realmente estranha. Merlin era o mais incomum dos habitantes de Ynys Wydryn, mas em volta dele, para o seu prazer, tinha reunido uma tribo de criaturas mutiladas, desfiguradas, aleijadas e meio loucas. O capitão da residência e comandante da guarda era Druidan, um anão. Não era mais alto do que uma criança de 5 anos, mas tinha a fúria de um guerreiro crescido, e se vestia todos os dias com grevas, peitoral, capacete, manto e armas. Xingava o destino que interrompera seu crescimento e se vingava contra as únicas criaturas ainda menores: os órfãos que Merlin reunia tão descuidadamente. Poucas das meninas de Merlin não eram fanaticamente possuídas por Druidan, mas quando tentou arrastar Nimue para a sua cama ele recebera uma surra furiosa. Merlin tinha-lhe batido na cabeça, partindo as orelhas de Druidan, cortando seus lábios e deixando seus olhos pretos enquanto as crianças e os guardas da paliçada aplaudiam. Os guardas que Druidan comandava eram todos aleijados, cegos ou loucos, e alguns eram as três coisas, mas nenhum era suficientemente louco para gostar dele.

Nimue, minha amiga e companheira de infância, era irlandesa. Os irlandeses eram britânicos, mas nunca tinham sido governados pelos romanos, e por isso se consideravam melhores do que os britânicos do Sul, a quem atacavam, provocavam, escravizavam e colonizavam. Se os saxões não fossem inimigos tão terríveis na época, nós teríamos considerado os irlandeses as piores criaturas de Deus, ainda que de vez em quando fizéssemos alianças com eles contra alguma outra tribo de britânicos. Nimue tinha sido arrancada de sua família num ataque feito por Uther contra os povoados irlandeses em Demetia, que ficavam diante do grande mar alimentado pelo rio Severn. Dezesseis cativos foram tomados naquele ataque, e todos enviados para ser escravos na Dumnonia, mas, enquanto os navios estavam atravessando o mar de Severn, uma grande tempestade soprou do oeste e o navio que levava os cativos afundou em Ynys Wair. Somente Nimue sobreviveu, saindo da água, pelo que disseram, sem ao menos se molhar. Era um sinal, disse Merlin, de que ela era amada por Manawydan, o Deus do mar, ainda que a própria Nimue insistisse que tinha sido Don, a Deusa mais poderosa, quem salvara sua vida. Merlin queria chamá-la de Vivien, um nome dedicado a Manawydan, mas Nimue ignorou o nome e manteve o

seu. Nimue quase sempre tinha o que queria. Cresceu no pequeno lar de Merlin com uma curiosidade aguçada e uma grande confiança. E quando, talvez depois de se passarem 13 ou 14 de seus verões, Merlin ordenou que a jovem fosse para a cama dele, ela foi como se soubesse o tempo todo que seu destino era se tornar sua amante e, assim, pela ordem, a segunda pessoa mais importante em toda Ynys Wydryn.

Ainda que Morgana não cedesse esse posto sem luta. Dentre todas as criaturas estranhas da casa de Merlin, Morgana era a mais grotesca. Era viúva e tinha 30 verões quando Norwenna e Mordred vieram ficar sob sua guarda, e a tarefa era apropriada porque a própria Morgana era de alta origem. Era a primeira dos quatro bastardos, quatro mulheres e um homem, gerados pelo Grande Rei Uther em Igraine de Gwynedd. Seu irmão era Artur, e com tal linhagem e tal irmão poderia se pensar que homens ambiciosos teriam batido às próprias portas do Outro Mundo para reivindicar a mão da viúva, mas, quando era uma jovem noiva, Morgana tinha ficado presa numa casa em chamas que matou seu marido recente e a deixou com cicatrizes horrendas. As chamas tinham destruído sua orelha esquerda, cegado o olho direito, tirado o cabelo do lado esquerdo do crânio, mutilado a perna esquerda e torcido o braço esquerdo de modo que nua, pelo que me disse Nimue, todo o lado esquerdo de Morgana era enrugado, vermelho como em carne viva e distorcido, encolhido em alguns lugares, esticado em outros, medonho em toda parte. Como uma maçã podre, disse-me Nimue, só que pior. Morgana era uma criatura de pesadelo, mas para Merlin ela era uma dama adequada ao seu alto salão e ele a havia treinado para ser sua profetisa. Ele ordenara que um dos ourives do Grande Rei lhe fizesse uma máscara que se ajustava sobre a cabeça devastada como se fosse um capacete. A máscara de ouro tinha um buraco para o olho único e uma fenda para a boca retorcida, e era feita de ouro fino gravado com espirais e dragões, e na frente tinha uma imagem de Cernunnos, o Deus chifrudo, que era protetor de Merlin. De rosto dourado, Morgana sempre se vestia de preto, tinha uma luva na mão esquerda ressequida e grande fama pelo toque curador e os dons da profecia. Também era a mulher mais mal-humorada que já conheci.

Sebile era escrava e companheira de Morgana. Sebile era algo raro, uma grande beldade com cabelos cor de ouro pálido. Era uma saxã capturada num ataque, e depois que o bando de guerreiros a estuprou durante uma estação inteira ela chegara a Ynys Wydryn, falando coisas sem sentido, e Morgana havia curado sua mente. Mesmo assim ela continuava meio louca, ainda que não fosse uma loucura maligna, apenas tolice além dos sonhos de tolices. Era capaz de se deitar com qualquer homem, não porque quisesse, mas porque temia não se deitar, e nada que Morgana fizesse era capaz de impedi-la. Dava à luz ano após ano, ainda que poucas das crianças de cabelos claros sobrevivessem, e as

que sobreviviam Merlin vendia como escravos para homens que davam valor a crianças de cabelos claros. Ele se divertia com Sebile, ainda que nada em sua loucura falasse dos deuses.

Eu gostava de Sebile porque também era saxão, e Sebile falava comigo na língua de minha mãe, de modo que cresci em Ynys Wydryn falando saxão e a língua dos britânicos. Eu deveria ter sido escravo, mas quando era pequeno, ainda menor do que o anão Druidan, uma incursão tinha chegado à Costa Norte da Dumnonia, vindo da Silúria, e ocupado a aldeia onde minha mãe era escrava. O rei Gundleus, de Silúria, liderava o ataque. Minha mãe, que, pelo que imagino, se parecia um pouco com Sebile, foi estuprada enquanto eu era levado ao poço da morte onde Tanaburs, o druida de Silúria, sacrificou uma dúzia de cativos como agradecimento ao Grande Deus Bel pelo enorme butim proporcionado pelo ataque. Santo Deus, como me lembro daquela noite. Os incêndios, os gritos, os estupradores bêbados, a dança louca, e depois o momento em que Tanaburs me jogou no poço escuro e cheio de estacas afiadas. Sobrevivi, intocado, e saí do poço da morte tão calmamente como Nimue tinha saído do mar assassino, e Merlin, encontrando-me, me chamou de filho de Bel. Deu-me o nome de Derfel, deu-me um lar, e me deixou crescer livre.

O Tor era cheio de crianças que tinham sido arrancadas dos Deuses. Merlin acreditava que éramos especiais e que poderíamos crescer tornando-nos uma nova ordem de druidas e sacerdotisas que poderiam ajudá-lo a restabelecer a religião antiga na Britânia assolada por Roma, mas nunca teve tempo de nos ensinar, e assim a maioria de nós cresceu para se tornar agricultores, pescadores ou esposas. Durante meu tempo no Tor apenas Nimue parecia marcada pelos Deuses e estava se tornando uma sacerdotisa. Eu não queria nada mais do que ser guerreiro.

Pellinore me deu essa ambição. Pellinore era o favorito, dentre todas as criaturas de Merlin. Era um rei, mas os saxões tinham tomado sua terra e seus olhos, e os Deuses tinham tomado sua mente. Ele deveria ter sido mandado para a Ilha dos Mortos, aonde iam os loucos perigosos, mas Merlin ordenou que fosse mantido no Tor, trancado numa pequena construção parecida com aquela onde Druidan guardava os seus porcos. Vivia nu, com o cabelo branco comprido, chegando aos joelhos, e com órbitas vazias que choravam. Falava constantemente, altercando com o universo a respeito de seus tormentos, e Merlin ouvia a loucura e retirava dela mensagens dos Deuses. Todo mundo temia Pellinore. Ele era totalmente maluco e incontrolavelmente furioso. Certa vez cozinhou um dos filhos de Sebile em sua fogueira. Mas, estranhamente, não sei por que, Pellinore gostava de mim. Eu passava entre as barras de seu cercado e ele me fazia carinho e contava histórias de lutas e caçadas selvagens. Nunca me parecia louco e nunca me machucava, nem

machucava Nimue, mas, como Merlin sempre dizia, nós dois éramos crianças especialmente amadas por Bel.

Bel poderia nos amar, mas Guendoloen nos odiava. Ela era a mulher de Merlin, agora velha e desdentada. Como Morgana, tinha grandes habilidades com ervas e feitiços, mas Merlin a afastou quando seu rosto ficou desfigurado por uma doença. Isso tinha acontecido muito antes de eu chegar ao Tor, durante um período que todo mundo chamava de Tempo Ruim, quando Merlin tinha voltado do Norte louco e chorando, mas mesmo quando recuperou a sanidade ele não tomou Guendoloen de volta, ainda que lhe permitisse viver numa pequena cabana ao lado da paliçada, onde passava os dias fazendo feitiços contra o marido e gritando insultos contra o resto de nós. Odiava Druidan acima de todos. Algumas vezes o atacava com um cuspe de fogo e Druidan disparava em meio às cabanas, com Guendoloen correndo atrás. Nós, crianças, a estimulávamos, pedindo aos gritos o sangue do anão, mas ele sempre conseguia se safar.

Assim era o estranho lugar aonde Norwenna chegou com o edling Mordred, e ainda que eu possa ter feito com que parecesse um local de horrores, na verdade era um bom refúgio. Éramos os privilegiados filhos do lorde Merlin, vivíamos livres, trabalhávamos pouco, ríamos, e Ynys Wydryn, a Ilha de Vidro, era um lugar feliz.

Norwenna chegou no inverno quando os pântanos de Avalon estavam com uma capa de gelo brilhante. Havia um carpinteiro em Ynys Wydryn chamado Gwlyddyn, cuja mulher tinha um filhinho da mesma idade de Mordred, e Gwlyddyn nos fazia trenós e agitávamos o ar com gritos enquanto escorregávamos pelas encostas nevadas do Tor. Ralla, a mulher de Gwlyddyn, foi posta como ama de leite de Mordred, e o príncipe, apesar do pé aleijado, cresceu forte com o leite dela. Até a saúde de Norwenna melhorou enquanto o frio cortante diminuía e as primeiras gotas que pingavam da neve do inverno floresceram nos espinheiros perto da fonte sagrada ao pé do Tor. A princesa nunca foi forte, mas Morgana e Guendoloen lhe davam ervas, os monges rezavam, e parecia que sua doença do parto estava finalmente passando. A cada semana um mensageiro levava notícias da saúde do edling ao seu avô, o Grande Rei, e cada boa notícia era recompensada com uma peça de ouro, ou talvez um chifre de sal ou um frasco de vinho raro que Druidan roubava.

Esperávamos a volta de Merlin, mas ele não vinha, e o Tor parecia vazio sem o druida, ainda que a vida cotidiana praticamente não mudasse. Os depósitos tinham de ser mantidos cheios, os ratos tinham de ser mortos e a lenha e a água da fonte tinham de ser carregadas morro acima três vezes por dia. Gudovan, o escriba de Merlin, mantinha uma conta dos pagamentos dos meeiros enquanto Hywel, o administrador, cavalgava pelas propriedades para se certificar de que

nenhuma família enganasse o senhor ausente. Gudovan e Hywel eram homens sóbrios, cabeças-duras, que trabalhavam muito; prova, segundo Nimue me dizia, de que as excentricidades de Merlin terminavam quando se tratava de seus ganhos. Foi Gudovan quem me ensinou a ler e escrever. Eu não queria aprender essas habilidades tão pouco guerreiras, mas Nimue tinha insistido.

— Você não tem pai — disse-me ela — e terá de viver de suas próprias capacidades.

— Eu quero ser soldado.

— Será — prometeu ela —, mas não será se não aprender a ler e escrever. — E tamanha era a sua autoridade juvenil sobre mim que acreditei e aprendi as habilidades da escrita muito antes de saber que nenhum soldado precisava delas.

Assim Gudovan me ensinou as letras e Hywel, o administrador, me ensinou a lutar. Ele me treinou com o bastão pequeno — o cajado de camponês, capaz de abrir um crânio, mas que também podia imitar os movimentos de uma espada ou o golpe de uma lança. Antes de perder a perna para um machado saxão, Hywel tinha sido um guerreiro famoso no bando de Uther e me fez exercitar até meus braços ficarem fortes o bastante para manusear uma espada pesada com a mesma velocidade de um bastão. A maioria dos guerreiros, segundo Hywel, dependia da força bruta e da bebida, em vez da habilidade. Dizia que eu iria enfrentar homens fedendo a hidromel e cerveja, cujo único talento era dar golpes gigantescos que poderiam matar um boi, mas um homem sóbrio que soubesse os nove golpes da espada sempre venceria esses brutamontes.

— Eu estava bêbado — admitiu ele — quando Othta, o saxão, tirou minha perna. Agora mais rápido, garoto, mais rápido! Sua espada deve deixá-los tontos! Mais rápido!

Ele me ensinou bem, e os primeiros a saber disso foram os filhos dos monges no povoado abaixo de Ynys Wydryn. Eles se ressentiam de nós, as crianças privilegiadas do Tor, porque ficávamos à toa enquanto eles trabalhavam, e corríamos livres enquanto eles labutavam, e como vingança corriam atrás de nós e tentavam nos espancar. Um dia levei meu bastão para o povoado e tirei sangue de três cristãos. Sempre fui alto para a minha idade, e os Deuses me fizeram forte como um touro. Dediquei minha vitória em honra deles, ainda que Hywel tenha me chicoteado por isso. O privilegiado, disse ele, jamais deveria se aproveitar dos inferiores, mas acho que mesmo assim ele ficou satisfeito, porque me levou para caçar no dia seguinte, e matei meu primeiro javali com uma lança de homem. Isso foi num bosque cheio de névoa perto do rio Cam, e eu tinha apenas 12 verões. Hywel lambuzou minha cara com o sangue do javali, me deu as presas do bicho para usar no pescoço, depois levou o cadáver para o seu templo de Mitra, onde deu uma festa para todos os velhos guerreiros que cultuavam aquele Deus dos

soldados. Não tive permissão de ir à festa, mas um dia, prometeu Hywel, quando eu tivesse barba e matasse meu primeiro saxão em batalha, ele me iniciaria nos mistérios de Mitra.

Três anos depois ainda sonhava em matar saxões. Algumas pessoas poderiam achar estranho que eu, um saxão, fosse tão fervorosamente britânico em minha lealdade, mas desde muito pequeno fora criado entre os britânicos, e meus amigos, amores, a fala diária, as histórias, as inimizades e os sonhos eram britânicos. E minha coloração não era tão incomum. Os romanos tinham deixado a Britânia povoada por todo tipo de estrangeiros, na verdade o maluco Pellinore me contou uma vez sobre dois irmãos que eram pretos como carvão, e até eu conhecer Sagamor, o comandante nômada de Artur, achava que suas palavras eram mera loucura tecendo romance.

O Tor ficou apinhado assim que Mordred e sua mãe chegaram, porque Norwenna trouxe não apenas suas damas, mas também uma tropa de guerreiros cuja tarefa era proteger a vida do edling. Dormíamos quatro ou cinco em cada cabana, mas ninguém além de Nimue e Morgana podia entrar nos aposentos interiores do salão. Eles pertenciam a Merlin, e apenas Nimue tinha permissão de dormir lá. Norwenna e sua corte viviam no salão propriamente dito, que estava sempre cheio de fumaça das duas fogueiras acesas dia e noite. O salão era sustentado por vinte pilares de carvalho e tinha paredes de pau a pique rebocadas e teto de palha. O chão era de terra coberto por juncos que algumas vezes pegavam fogo e causavam pânico até que as chamas fossem apagadas. Os aposentos de Merlin eram separados do salão por uma parede interna, de pau a pique, cortada por uma porta de madeira. Sabíamos que Merlin dormia, estudava e sonhava naqueles cômodos que culminavam numa torre de madeira construída no ponto mais alto do Tor. O que acontecia dentro da torre era mistério para todo mundo, menos Merlin, Morgana e Nimue, e nenhum desses três jamais contaria, ainda que as pessoas do campo, que podiam ver a torre de Merlin a quilômetros de distância, jurassem que ela estava atulhada de tesouros tirados dos morros onde ficavam as sepulturas do Povo Antigo.

O chefe da guarda de Mordred era um cristão chamado Ligessac, um homem alto, magro e ambicioso cuja maior habilidade era com o arco. Ele era capaz de partir um graveto a 50 passos de distância quando estava sóbrio, ainda que raramente estivesse. Ensinou-me um pouco de sua habilidade, mas ficava rapidamente entediado com a companhia de um garoto e preferia jogar com seus homens. Mas me contou a história verdadeira da morte do príncipe Mordred, e portanto o motivo para o Grande Rei Uther ter amaldiçoado Artur.

— Não foi culpa de Artur — disse Ligessac enquanto jogava uma pedra em seu tabuleiro. Todos os soldados tinham tabuleiros, alguns muito bonitos, feitos de osso.

— Um seis! — disse ele enquanto eu esperava para ouvir a história de Artur.

— Eu dobro — disse Menw, um dos guardas do príncipe, depois rolou sua própria pedra. Ela fez barulho sobre as ranhuras do tabuleiro e se acomodou num um. Ele só precisava de um dois para ganhar, por isso tirou suas pedras do tabuleiro e xingou.

Ligessac mandou Menw pegar sua bolsa para pagar, depois me contou como Uther tinha convocado Artur, da Armórica, para ajudar a derrotar um grande exército de saxões que havia penetrado muito em nossa terra. Artur tinha trazido seus guerreiros, disse Ligessac, mas nenhum de seus famosos cavalos porque a convocação fora urgente e não houvera tempo para arranjar navios suficientes para homens e cavalos.

— Não que ele precisasse de cavalos — disse Ligessac, em tom de admiração — porque isolou aqueles bastardos saxões no vale do Cavalo Branco. Então Mordred decidiu que sabia mais do que Artur. Ele queria todo o crédito, veja você. — Ligessac passou o pulso no nariz que escorria, depois olhou em volta para se certificar de que ninguém estivesse escutando. — Mordred estava bêbado — prosseguiu em voz mais baixa — e metade de seus homens estava frenética e gritando que seria capaz de matar um número de guerreiros dez vezes maior do que o seu. Deveríamos ter esperado Artur, mas o príncipe ordenou que atacássemos.

— Você estava lá? — perguntei num jovem espanto.

Ele assentiu.

— Com Mordred. Santo Deus, mas como eles lutaram. Eles nos rodearam e de repente éramos cinquenta britânicos morrendo ou ficando sóbrios muito rapidamente. Eu estava atirando flechas o mais rápido possível, nossos lanceiros fizeram uma parede de escudos, mas os guerreiros deles nos atacavam com espada e machado. Os tambores deles rufavam, os feitiçeiros uivavam e achei que já era um homem morto. Tinha ficado sem flechas e usava a lança, e não restavam mais de vinte de nós vivos e estávamos todos no fim das forças. A bandeira do dragão tinha sido capturada, Mordred sangrava até a morte e o resto de nós só se agrupava esperando o fim, então chegaram os homens de Artur. — Ele fez uma pausa, depois balançou a cabeça, triste. — Os bardos dizem que naquele dia Mordred cobriu o chão com sangue dos saxões, garoto, mas não foi Mordred, foi Artur. Ele matou e matou. Pegou a bandeira de volta, trucidou os feitiçeiros, queimou os tambores de guerra, caçou os sobreviventes até o anoitecer e matou o comandante deles na Pedra de Edwy à luz da lua. E é por isso que os saxões estão sendo vizinhos cautelosos, garoto, não porque Mordred os derrotou, mas porque eles acham que Artur voltou à Britânia.

— Mas não voltou — falei, desanimado.

— O Grande Rei não vai deixar. O Grande Rei o culpa. — Ligessac fez uma pausa e olhou em volta de novo, para ver se não estavam escutando. — O Grande Rei acha que Artur queria a morte de Mordred para que ele próprio possa ser rei, mas isso não é verdade. Artur não é assim.

— Como ele é?

Ligessac deu de ombros como se quisesse sugerir que a resposta era difícil, mas então, antes que pudesse responder qualquer coisa, viu que Menw retornava.

— Nenhuma palavra, garoto — ele me alertou. — Nenhuma palavra.

Todos ouvíamos histórias semelhantes, ainda que Ligessac fosse o primeiro homem que conheci e que disse ter estado na Batalha do Cavalo Branco. Mais tarde decidi que ele não estivera lá, mas que simplesmente tecia uma história para obter a admiração de um garoto crédulo, no entanto seu relato era bastante preciso. Mordred era um idiota bêbado, Artur tinha sido vitorioso, mas mesmo assim Uther o mandou para o outro lado do mar. Os dois eram filhos de Uther, mas Mordred era o herdeiro amado, e Artur, o bastardo pretensioso. Mas o banimento de Artur não pôde impedir que cada dumnoniano acreditasse que o bastardo era a melhor esperança do país; o jovem guerreiro vindo do outro lado dos mares que iria nos salvar dos saxões e tomar de volta as Terras Perdidas de Lloegyr.

A segunda metade do inverno foi amena. Lobos foram vistos abaixo do muro de terra que guardava a ponte de terra de Ynys Wydryn, mas nenhum deles chegou perto do Tor, ainda que algumas das crianças menores fizessem feitiços de lobo que escondiam debaixo da cabana de Druidan na esperança de que uma fera enorme e babenta saltasse sobre a paliçada e levasse o anão para o jantar. Os feitiços não funcionaram e, à medida que o inverno recuava, todos começamos a nos preparar para o grande festival de primavera de Beltain, com suas enormes fogueiras e festividades à meia-noite, mas então uma empolgação maior tomou conta do Tor.

Gundleus de Silúria chegou.

O bispo Bedwin chegou antes. Ele era o conselheiro de maior confiança de Uther, e sua chegada prometia agitação. As damas de companhia de Norwenna foram retiradas do salão e tapetes tecidos foram postos sobre o junco, sinal claro de que uma grande pessoa faria uma visita. Todos achávamos que fosse o próprio Uther, mas a bandeira que apareceu na ponte de terra uma semana antes de Beltain mostrava a raposa de Gundleus, e não o dragão de Uther. Era manhã clara quando vi os cavaleiros desmontarem ao pé do Tor. O vento agitava seus mantos e sacudia a bandeira franjada onde vi a odiada máscara de raposa que me fez gritar em protesto e fazer o sinal contra o mal.

— O que é? — perguntou Nimue. Ela estava ao meu lado na plataforma de guarda do leste.

— É a bandeira de Gundleus. — Vi a surpresa nos olhos de Nimue, porque Gundleus era rei de Silúria e aliado do rei Gorfyddyd de Powys, inimigo jurado da Dumnonia.

— Tem certeza? — perguntou Nimue.

— Ele levou minha mãe — falei —, e seu druida me jogou no poço da morte.

Cuspi por cima da paliçada em direção à dúzia de homens que tinham começado a subir a pé o Tor, íngreme demais para os cavalos. E ali, entre eles, estava Tanaburs, o druida de Gundleus e meu espírito maligno. Era um homem alto e velho com barba trançada e cabelo comprido e branco raspado na metade da frente do crânio, no tipo de tonsura adotado por druidas e sacerdotes cristãos. Ele jogou o manto para o lado no meio do morro e começou uma dança protetora para o caso de Merlin ter deixado espíritos guardando o portão. Nimue, vendo o velho saltitar inseguro numa das pernas sobre a encosta íngreme, cuspiu no vento e depois correu para os aposentos de Merlin. Corri atrás dela, mas ela me empurrou para o lado dizendo que eu não entendia o perigo.

— Perigo? — perguntei, mas ela sumira. Não parecia haver perigo, porque Bedwin tinha ordenado que o portão do lado de terra fosse escancarado e agora tentava organizar as boas-vindas em meio ao caos no cume do Tor. Naquele dia Morgana estava fora, interpretando no templo dos sonhos nos morros do leste, mas todas as outras pessoas do Tor vinham correndo para ver os visitantes. Druidan e Ligessac juntavam seus guardas, Pellinore, nu, latia para as nuvens, Guendoloen estava cuspidando xingamentos desdentados para o bispo Bedwin enquanto uma dúzia de crianças lutava para conseguir a melhor visão dos visitantes. A recepção deveria ser digna, mas Lunete, uma enjeitada irlandesa um ano mais nova do que Nimue, abriu um cercado dos porcos de Druidan de modo que Tanaburs, o primeiro a passar pelo portão da paliçada, foi recebido por um frenesi de guinchos.

Seria necessário mais do que leitões em pânico para apavorar um druida. Tanaburs, vestido com uma túnica cinza suja, bordada com lebres e luas crescentes, parou na entrada e levantou as duas mãos acima da cabeça tonsurada. Segurava um bastão com uma lua no topo, que girou três vezes no sentido do caminho do sol, depois uivou para a torre de Merlin. Um leitão passou pelas suas pernas, depois tentou firmar as patas na lama junto ao portão antes de disparar morro abaixo. Tanaburs uivou de novo, imóvel, testando os inimigos invisíveis que existissem no Tor.

Por alguns segundos houve silêncio, a não ser pelo estalar da bandeira e a respiração pesada dos guerreiros que tinham subido o

morro atrás do druida. Gudovan, o escriba de Merlin, tinha vindo para perto de mim, as mãos enroladas em panos manchados de tinta como proteção para o frio.

— Quem é ele? — perguntou, depois estremeceu quando um grito agudo respondeu ao desafio de Tanaburs. O grito veio de dentro do salão, e eu soube que era Nimue.

Tanaburs pareceu furioso. Latiu como uma raposa, tocou os órgãos genitais, fez o sinal maligno e depois começou a saltar numa perna em direção ao salão. Parou depois de 5 passos, uivou seu desafio de novo, mas dessa vez nenhum grito de resposta veio do salão, por isso ele pôs o segundo pé no chão e chamou seu senhor, através do portão.

— Está seguro! — gritou Tanaburs. — Venha, senhor rei, venha!

— Rei? — perguntou-me Gudovan. Eu lhe disse quem eram os visitantes, depois perguntei por que Gundleus, um inimigo, tinha vindo ao Tor. Gudovan coçou um piolho debaixo da camisa, depois encolheu os ombros. — Política, garoto. Política.

— Conte como é.

Gudovan suspirou como se minha pergunta fosse prova de uma estupidez incurável, a resposta usual a qualquer pergunta, mas depois deu uma resposta:

— Norwenna é casável, Mordred é um bebê que precisa ser protegido, e quem protege um príncipe melhor do que um rei? E quem melhor do que um rei inimigo que pode se tornar amigo da Dumnonia? Na verdade é muito simples, garoto. Se pensasse um instante, teria a resposta sem ter de ocupar o meu tempo. — Ele me deu um tapa de leve na orelha, como retribuição. — Pense bem — Gudovan deu um risinho. — Ele terá de abrir mão de Ladwys por um tempo.

— Ladwys?

— A amante, seu garoto estúpido. Você acha que algum rei dorme sozinho? Mas algumas pessoas dizem que Gundleus é tão apaixonado por Ladwys que na verdade se casou com ela! Dizem que ele a levou para o monte Lleu e mandou seu druida uni-los, mas não acredito que seja tão idiota. Ela não é do sangue. Você não deveria estar fazendo a conta dos arrendamentos para Hywel?

Ignorei a pergunta e fiquei olhando enquanto Gundleus e seus guardas passavam cuidadosamente pelo lamaçal do portão. O rei de Silúria era um homem alto, bem-feito, talvez com 30 anos. Era um rapaz quando seus guerreiros haviam capturado minha mãe e me jogado no poço da morte, mas os cerca de 12 anos que se passaram desde aquela noite escura e sangrenta tinham-lhe sido gentis, porque ainda era bonito, com cabelos pretos compridos e uma barba bifurcada que não mostrava qualquer traço de grisalho. Usava um manto de pele de raposa, botas de couro que chegavam ao joelho, uma túnica de lã castanha e levava uma espada numa bainha vermelha. Seus guardas estavam vestidos de modo

semelhante, e todos eram homens altos que se erguiam acima da lamentável coleção de lanceiros aleijados de Druidan. Os silurianos tinham espadas, mas nenhum carregava lança ou escudo, prova de que tinham vindo em paz.

Recuei para longe quando Tanaburs passou. Eu era um menino pequeno quando ele me lançou no poço, e não havia chance de que o velho me reconhecesse como alguém que tinha enganado a morte. Tampouco eu precisava temê-lo, depois de seu fracasso em me matar, mesmo assim me encolhi para longe do druida siluriano. Ele tinha olhos azuis, um nariz comprido e a boca frouxa e babenta. Pendurara ossos pequenos nas pontas de seu cabelo comprido e branco, e os ossos faziam barulho enquanto andava à frente do rei. O bispo Bedwin acertou o passo ao lado de Gundleus, proclamando boas-vindas e dizendo como o Tor era honrado por essa visita real. Dois guardas silurianos levavam uma caixa pesada que devia conter presentes para Norwenna.

A delegação desapareceu no salão. A bandeira da raposa foi cravada na terra do lado de fora da porta, onde os homens de Ligessac barravam a entrada de todas as outras pessoas, mas aqueles de nós que tinham crescido no Tor sabiam como se infiltrar no salão de Merlin. Corri, contornando o lado sul, subi na pilha de lenha e empurrei para o lado uma das cortinas de couro que protegiam as janelas. Então saltei no chão e me escondi atrás dos cestos de vime que guardavam as roupas de festa. Uma das escravas de Norwenna viu minha chegada, e provavelmente alguns dos homens de Gundleus também, mas ninguém se preocupou o bastante para me expulsar.

Norwenna estava sentada numa cadeira no centro do salão. A princesa viúva não era uma beldade: seu rosto era redondo como a lua, com pequenos olhos porcos e uma boca fina, de lábios azedos, e a pele marcada por alguma doença infantil, mas nada disso importava. Os grandes homens não se casam com princesas pela aparência, e sim pelo poder que elas trazem nos dotes. Mas mesmo assim Norwenna tinha se preparado cuidadosamente para esta visita. Suas damas tinham-na vestido num fino manto de lã tingido de azul-claro, que ia até o chão em volta dela e haviam trançado seu cabelo escuro e enrolado em círculos em volta da cabeça, antes de enfiar flores de abrunho nas tranças. Usava no pescoço um pesado torque — um colar torcido — de ouro; três braceletes dourados no pulso; e uma cruz de madeira simples pendurada entre os seios. Estava claramente nervosa, porque sua mão livre ficava mexendo na cruz de madeira, enquanto no outro braço, envolto em metros de linho fino e enrolado num manto tingido de rara cor dourada com água impregnada pela goma das colmeias, estava o edling da Dumnonia, o príncipe Mordred.

O rei Gundleus mal olhou para Norwenna. Esparramou-se na cadeira diante dela e parecia estar totalmente entediado pelos

procedimentos. Tanaburs andava de pilar em pilar, murmurando encantos e cuspiendo. Quando passou perto do meu esconderijo, me agachei totalmente até que o cheiro dele sumisse. Chamas estalavam nas fogueiras entre pedras nas duas extremidades do salão, a fumaça se misturando e se revolvendo abaixo do teto escurecido pela fuligem.

Vinho, peixe defumado e bolos de aveia foram servidos aos visitantes. Em seguida, o bispo Bedwin fez um discurso explicando a Norwenna que Gundleus, rei de Silúria, numa missão de amizade ao Grande Rei, estava passando por acaso perto de Ynys Wydryn e pensou que seria cortês fazer esta visita ao príncipe Mordred e sua mãe. O rei tinha trazido alguns presentes para o príncipe, disse Bedwin, e nesse ponto Gundleus acenou descuidadamente para que os portadores dos presentes se adiantassem. Os dois guardas carregaram o baú até os pés de Norwenna. A princesa não tinha falado, nem falou agora quando os presentes foram postos no tapete aos seus pés. Havia uma bela pele de lobo, duas outras peles, uma pele de castor e um couro de cervo, um pequeno torque de ouro, alguns broches, um chifre de beber envolto num padrão de prata trançada e um frasco romano de vidro verde-claro, com um bico maravilhosamente delicado e alça em forma de festão. O baú vazio foi carregado para longe e houve um silêncio incômodo em que ninguém sabia o que dizer. Gundleus fez um gesto descuidado em direção aos presentes, o bispo Bedwin sorriu de felicidade, Tanaburs lançou uma cusparada protetora para uma coluna enquanto Norwenna olhava em dúvida para os presentes do rei que, na verdade, não eram muito generosos. O couro de cervo poderia servir para um bom par de luvas, as peles eram boas, mas Norwenna provavelmente tinha muitas bem melhores em seus cestos de vime, e o torque em volta do seu pescoço pesava quatro vezes mais do que aquele aos seus pés. Os broches de Gundleus eram de ouro fino e o chifre de beber estava lascado na borda. Somente o frasco romano verde era realmente precioso.

Bedwin rompeu o silêncio constrangedor.

— Os presentes são magníficos! Raros e magníficos. Verdadeiramente generosos, senhor rei.

Norwenna assentiu, obediente. A criança começou a chorar, e Ralla, a ama de leite, levou-o para as sombras além dos pilares, onde desnudou um seio e o aquietou.

— O edling está bem? — falou Gundleus pela primeira vez desde que entrara no salão.

— Graças a Deus e Seus santos — respondeu Norwenna —, está.

— E o pé esquerdo? — perguntou Gundleus, demonstrando falta de tato. — Melhora?

— O pé não irá impedi-lo de cavalgar, usar uma espada ou sentar-se num trono — respondeu Norwenna com firmeza.

— Claro que não, claro que não — disse Gundleus, e olhou para o bebê faminto. Sorriu, depois esticou os braços compridos e olhou o salão em volta. Não disse nada sobre casamento, mas não diria junto dessas pessoas. Se quisesse se casar com Norwenna pediria a Uther, e não a Norwenna. Esta visita era apenas uma oportunidade de inspecionar a noiva. Deu a Norwenna um breve olhar desinteressado, depois espiou de novo o salão sombreado. — Então este é o covil do lorde Merlin, hein? Onde ele está?

Ninguém respondeu. Tanaburs estava remexendo debaixo da beira de um dos tapetes e achei que estaria enterrando um feitiço na terra do piso do salão. Mais tarde, quando a delegação siluriana tinha ido embora, procurei no local e achei uma pequena escultura em osso, de um javali, que joguei no fogo. As chamas queimaram azuis e cuspiram ferozmente, e Nimue disse que eu tinha feito a coisa certa.

— Achamos que o lorde Merlin está na Irlanda — respondeu por fim o bispo Bedwin. — Ou talvez nos ermos do Norte — acrescentou vagamente.

— Ou talvez morto? — sugeriu Gundleus.

— Rezo para que não — disse o bispo, com fervor.

— É mesmo? — Gundleus se retorceu na cadeira para olhar o rosto envelhecido de Bedwin. — O senhor aprova Merlin, bispo?

— Ele é um amigo, senhor rei. — Bedwin era um homem digno, gorducho, que estava sempre ansioso para manter seu lugar entre as várias religiões.

— O lorde Merlin é um druida que odeia os cristãos, bispo. — Gundleus estava tentando provocar Bedwin.

— Agora existem muitos cristãos na Britânia e poucos druidas — disse Bedwin. — Acho que a fé verdadeira nada tem a temer.

— Ouviu isso, Tanaburs? — gritou Gundleus para seu druida. — O bispo não teme você!

Tanaburs não respondeu. Em sua busca pelo salão ele havia chegado à cerca fantasma que guardava a porta para os aposentos de Merlin. A cerca era simples: apenas dois crânios postos de cada lado da porta, mas apenas um druida ousaria atravessar a barreira invisível formada por eles, e até mesmo um druida temeria uma cerca fantasma posta por Merlin.

— O senhor descansará aqui esta noite? — perguntou o bispo Bedwin a Gundleus, tentando afastar o assunto de Merlin.

— Não — disse Gundleus grosseiramente, levantando-se. Achei que ele estava para ir embora, mas em vez disso olhou para além de Norwenna, para a pequena porta preta, guardada por crânios, na frente da qual Tanaburs estava se eriçando como um cão ao cheirar um javali invisível. — O que há atrás daquela porta?

— Os aposentos do meu lorde Merlin, senhor rei — disse Bedwin.

— O local dos segredos? — perguntou Gundleus com um ar lupino.

— Os aposentos de dormir, nada mais — descartou Bedwin.

Tanaburs levantou seu cajado com cabeça de lua e o segurou, trêmulo, na direção da cerca fantasma. O rei Gundleus olhou o desempenho de seu druida, depois acabou de beber o vinho e jogou no chão o chifre de beber.

— Talvez eu acabe dormindo aqui, mas primeiro vamos inspecionar os aposentos de dormir. — Ele fez um gesto para Tanaburs se adiantar, mas o druida estava nervoso. Merlin era o maior druida da Britânia, temido até mesmo além do mar da Irlanda, e ninguém se intrometia em sua vida assim. No entanto, o grande homem não era visto havia muitos meses e algumas pessoas sussurravam que a morte do príncipe Mordred tinha sido um sinal de que os poderes de Merlin estavam diminuindo. E Tanaburs, como seu senhor, certamente estava fascinado pelo que haveria atrás da porta, porque talvez ali houvesse segredos que o tornariam tão poderoso e sábio quanto o grande Merlin. — Abra a porta — ordenou Gundleus a Tanaburs.

A parte de baixo do cajado de lua se moveu trêmula em direção a um dos crânios, hesitou, depois tocou o osso do cocuruto, bastante amarelado. Nada aconteceu. Tanaburs tossiu no crânio, depois o virou antes de puxar o cajado de volta como se tivesse cutucado uma cobra adormecida. De novo nada aconteceu, assim ele estendeu a mão livre em direção à tranca de madeira da porta.

Então parou aterrorizado.

Um uivo tinha ecoado na escuridão enfumaçada do salão. Um grito medonho, como uma garota sendo torturada, e o som horrível fez o druida recuar. Norwenna gritou alto, de medo, e fez o sinal da cruz. O bebê Mordred começou a chorar, e nada que Ralla fizesse podia aquietá-lo. Primeiro Gundleus prestou atenção ao barulho, depois riu enquanto o uivo diminuía.

— Um guerreiro não sente medo do grito de uma menina — anunciou ao salão, nervoso. Em seguida foi até a porta, ignorando o bispo Bedwin, que estava balançando as mãos, tentando conter o rei sem tocá-lo.

Um estalo soou vindo da porta guardada pelos fantasmas. Foi um ruído violento e tão súbito que todo mundo pulou, alarmado. A princípio achei que a porta tinha caído diante do avanço do rei, depois vi que uma lança tinha sido atirada, atravessando-a. A ponta prateada se projetava orgulhosa do carvalho antigo, enegrecido pelo fogo, e tentei imaginar que força inumana fora necessária para impulsionar aquele aço afiado através de uma barreira tão grossa.

O surgimento súbito da lança fez até Gundleus hesitar, mas seu orgulho tinha sido ameaçado, e ele não recuaria diante de seus guerreiros. Fez um sinal contra o mal, cuspiu na ponta da lança e depois

andou até a porta, levantou a tranca e abriu.

E imediatamente deu um passo atrás, com terror no rosto. Eu estava olhando-o e vi o medo puro em seus olhos. Ele deu um segundo passo para longe da porta aberta, e então ouvi o grito agudo de Nimue enquanto ela avançava para o salão. Tanaburs fazia movimentos ansiosos com seu cajado, Bedwin rezava, o bebê chorava enquanto Norwenna tinha se virado na cadeira com um ar de angústia.

Nimue passou pela porta, e até estremeci ao ver minha amiga. Ela estava nua, seu corpo branco e magro coberto de sangue que pingava do cabelo e escorria em riachos, passando pelos seios pequenos e descendo pelas coxas. A cabeça estava coroada por uma máscara da morte, a pele bronzeada das feições de um homem sacrificado, empoleirada sobre seu próprio rosto como um capacete que rosnasse, e presa no lugar pela pele dos braços do morto amarrada ao pescoço fino. A máscara parecia ter uma pavorosa vida própria, porque balançava enquanto a garota andava em direção ao rei de Silúria. A pele seca e amarela do corpo do morto pendia frouxa nas costas de Nimue enquanto ela se adiantava aos arrancos, em passos pequenos e irregulares. Apenas o branco de seus olhos aparecia no rosto sangrento, e enquanto avançava trêmula ela gritava imprecações numa linguagem mais suja do que a de qualquer soldado, e em suas mãos havia duas víboras, com os corpos escuros brilhando e as cabeças ágeis se projetando na direção do rei.

Gundleus recuou, fazendo o sinal contra o mal, depois se lembrou de que era um homem, um rei e um guerreiro, e por isso pôs a mão no punho da espada. Foi então que Nimue balançou a cabeça e a máscara da morte caiu de seu cabelo que estava preso num coque alto, e vimos que não era seu cabelo que estava naquele coque, e sim um morcego que esticou as asas pretas e enrugadas e arreganhou a boca vermelha para Gundleus.

O morcego fez Norwenna gritar e correr para pegar o bebê enquanto o resto de nós olhava em terror para a criatura presa no cabelo de Nimue. O bicho se sacudia e batia as asas, tentava voar, rosnava e lutava. As serpentes se retorciam, e de repente o salão se esvaziou. Norwenna correu primeiro, Tanaburs foi atrás. E depois todo mundo, até mesmo o rei, corria para a luz da manhã na porta do leste.

Nimue ficou imóvel enquanto eles fugiam, depois seus olhos reviraram-se e ela piscou. Foi até a fogueira e descuidadamente jogou as duas cobras nas chamas onde elas sibilaram, chicotearam o corpo e chiaram enquanto morriam. Ela libertou o morcego, que voou para os caibros do teto, depois desamarrou do pescoço a máscara da morte e a enrolou num fardo antes de pegar o delicado frasco romano entre os presentes que Gundleus trouxera. Olhou o frasco por alguns segundos, depois seu corpo fino se retorceu enquanto ela jogava o tesouro contra um pilar de carvalho, onde ele se despedaçou em incontáveis cacos

verde-claros.

— Derfel? — disse ela ríspidamente no silêncio que se seguiu. — Sei que você está aqui.

— Nimue? — respondi nervoso, depois saí de trás do meu esconderijo de vime. Estava aterrorizado. A gordura das cobras chiava no fogo e o morcego se agitava no teto.

Nimue sorriu para mim.

— Preciso de água, Derfel.

— Água? — perguntei estupidamente.

— Para lavar o sangue de galinha.

— Galinha?

— Água — disse ela de novo. — Há uma jarra grande perto da porta. Traga um pouco.

— Para lá? — perguntei, perplexo, porque o gesto dela parecia dar a entender que eu deveria levar a água para os aposentos de Merlin.

— Por que não? — perguntou ela, depois passou pela porta que continuava com a grande lança empalada enquanto eu levantava a jarra pesada e seguia até encontrá-la parada na frente de uma folha de cobre batido que refletia seu corpo nu. Ela não estava envergonhada, talvez porque tivéssemos andado nus juntos na infância, mas eu tinha uma consciência desconfortável de que não éramos mais crianças.

— Aqui? — perguntei.

Nimue assentiu. Pousei a jarra no chão e recuei para a porta.

— Fique — disse ela. — Por favor, fique. E feche a porta.

Tive de arrancar a lança da porta antes de poder fechá-la. Não queria perguntar como ela havia enfiado aquela ponta de lança através do carvalho, porque ela não estava com o humor para perguntas, por isso fiquei quieto enquanto soltava a arma e Nimue lavava o sangue de sua pele branca, depois se enrolava num manto preto.

— Venha cá — disse ela quando acabou. Fui obedientemente até uma cama feita de peles e cobertores de lã empilhados numa baixa plataforma de madeira onde ela evidentemente dormia. Sobre a cama, como uma tenda, havia um pano escuro e mofado, e em sua escuridão eu me sentei e a envolvi nos braços. Dava para sentir suas costelas através da maciez da lã do manto. Nimue chorava. Eu não sabia por que, por isso ajudei-a, sem jeito, e fiquei olhando o quarto de Merlin.

Era um lugar extraordinário. Havia baús de madeira e cestos de vime empilhados, formando recantos e corredores percorridos por uma tribo de gatos magros. Em alguns lugares as pilhas haviam desmoronado como se alguém tivesse procurado um objeto numa caixa de baixo e não pudesse se incomodar em dismantelar a arrumação, de modo que havia simplesmente revirado a pilha. Havia poeira em toda parte. Eu duvidava de que os juncos do chão tivessem sido trocados há anos, ainda que em muitos lugares eles estivessem cobertos por tapetes e mantas que

acabaram apodrecendo. O fedor do cômodo era avassalador; um cheiro de pó, urina de gato, umidade, podridão e mofo, tudo misturado com os aromas mais sutis das ervas penduradas nos caibros. Havia uma mesa ao lado da porta, cheia de pergaminhos enrolados, se desfazendo. Peles de animais ocupavam uma prateleira empoeirada acima da mesa, e, à medida que meus olhos se acostumavam à escuridão sepulcral, vi que havia entre elas pelo menos dois crânios humanos. Escudos desbotados se empilhavam de encontro a um vasto pote de argila no qual estava enfiado um feixe de lanças cheias de teias de aranha. Havia uma espada encostada na parede. Havia um braseiro soltando fumaça numa pilha de cinzas perto do grande espelho de cobre onde, extraordinariamente, estava pendurada uma cruz cristã com a figura retorcida do Deus morto pregado. Havia um maço de visgo preso à cruz como precaução contra seu mal inerente. Um grande emaranhado de galhadas de cervos pendia de um caibro, com galhos de visgo seco e um emaranhado de morcegos empoleirados cujo esterco fazia pequenos montes no chão. Morcegos numa casa eram o pior presságio, mas eu supunha que pessoas poderosas como Merlin e Nimue não tivessem necessidade de se preocupar com ameaças tão prosaicas. Uma segunda mesa estava coberta de tigelas, almofarizes, pilões, uma balança de metal, frascos e potes lacrados com cera que, mais tarde descobri, tinham orvalho colhido de sepulturas de homens assassinados, pó de crânios esmagados e infusões de beladona, mandrágora e estramônio, enquanto numa curiosa urna de pedra perto da mesa havia um monte de pedras de água, bolos das fadas, setas de elfos, pedras de serpente e pedras de bruxas, tudo misturado com penas, conchas do mar e pinhas. Eu nunca tinha visto um cômodo tão atulhado, tão imundo ou tão fascinante, e imaginei se a câmara ao lado, a Torre de Merlin, seria tão apavorantemente maravilhosa.

Nimue tinha parado de chorar e agora estava imóvel nos meus braços. Devia ter sentido meu espanto e o nojo com relação ao quarto.

— Ele não joga nada fora — disse ela, cansada. — Nada. — Eu não falei, apenas tentei acalmá-la com carinhos. Por um tempo ela ficou exausta, mas então, quando minha mão explorou o manto sobre um de seus pequenos seios, ela se retorceu, afastando-se com raiva. — Se é isso que você quer, vá procurar Sebile. — Nimue apertou o manto contra o corpo enquanto descia da plataforma e ia até a mesa atulhada com os instrumentos de Merlin.

Gaguejei algum tipo de desculpas encabuladas.

— Isso não é importante. — Ela descartou minhas desculpas. Podíamos ouvir vozes no Tor, do lado de fora, e mais vozes no grande salão ao lado, mas ninguém tentou nos perturbar. Nimue estava procurando em meio aos potes, tigelas e conchas sobre a mesa e achou o que queria. Era uma faca feita de pedra preta, com a lâmina afiada em

bordas brancas como ossos. Voltou até a cama embolorada e se ajoelhou perto da plataforma, de modo a poder olhar direto no meu rosto. Seu manto tinha se aberto e eu estava nervosamente cômico daquele corpo nu em meio às sombras, mas ela encarava fixamente meus olhos, e eu não podia fazer nada além de devolver o olhar.

Nimue não falou durante longo tempo, e no silêncio quase pude ouvir meu coração batendo. Ela parecia estar tomando uma decisão, uma daquelas decisões tão cheias de presságio que mudam para sempre o equilíbrio de uma vida, e assim esperei, temeroso, incapaz de alterar minha postura desajeitada. O cabelo preto de Nimue estava revoltado, emoldurando o rosto em forma de cunha. Nimue não era bonita nem feia, mas seu rosto possuía uma vivacidade e uma vida que não carecia de beleza formal. Sua testa era larga e alta, os olhos escuros e ferozes, o nariz afilado, a boca larga e o queixo fino. Era a mulher mais inteligente que já conheci, mas mesmo naquela época, quando praticamente não passava de uma criança, era cheia de uma tristeza nascida dessa inteligência. Sabia demais. Nascera sabendo, ou então os Deuses tinham lhe dado o conhecimento quando a pouparam de se afogar. Na infância ela fora cheia de absurdos e travessuras, mas agora, sem a orientação de Merlin, mas com as responsabilidades dele em seus ombros magros, estava mudando. Eu também estava, claro, mas minha mudança era previsível: um garoto ossudo virando um rapaz alto. Nimue florescia da infância para a autoridade. Essa autoridade brotava de seu sonho, um sonho que ela compartilhava com Merlin, mas um sonho que jamais comprometeria, como ele. Com Nimue era tudo ou nada. Ela preferiria ver toda a terra morrer no frio de um vácuo sem Deus do que ceder 1 centímetro aos que diluiriam sua imagem de uma Britânia perfeita dedicada aos Deuses britânicos. E agora, ajoelhada na minha frente, eu soube que Nimue estava julgando se eu era digno de fazer parte desse sonho fervoroso.

Ela tomou a decisão e se aproximou mais de mim.

— Dê-me sua mão esquerda — falou.

Eu a estendi.

Ela virou minha palma para cima, sobre sua mão esquerda, depois falou um encanto. Reconheci os nomes de Cumulos, o Deus da guerra, de Manawydan Fab Llyr, o Deus do mar de Nimue, de Agrona, a Deusa do massacre, e de Aranhrod, a dourada, a Deusa do amanhecer, mas a maioria dos nomes e palavras eram estranhos, e falados numa voz tão hipnótica que me senti atraído e confortado, sem me preocupar com o que Nimue dizia até que de repente ela passou a faca na minha palma — e então, espantado, gritei. Ela me fez ficar quieto. Por um segundo, o corte da faca permaneceu fino na minha mão, depois o sangue brotou.

Ela cortou sua palma esquerda do mesmo modo como tinha cortado a minha, a seguir pôs o corte em cima do meu e agarrou meus dedos

inertes com os seus. Largou a faca e puxou uma ponta do manto, que enrolou com força em volta das duas mãos sangrentas.

— Derfel — falou baixinho —, enquanto sua mão tiver uma cicatriz, e enquanto a minha tiver uma cicatriz, nós somos um só. Concorde?

Olhei em seus olhos e soube que aquilo não era uma coisa pequena, não era brincadeira de criança, e sim um juramento que iria me ligar por todo este mundo e talvez no outro. Por um segundo fiquei aterrorizado com tudo que viria, depois assenti e, de algum modo, consegui falar:

— Concorde.

— E enquanto você tiver essa cicatriz, Derfel, sua vida é minha, e enquanto eu tiver esta cicatriz, minha vida é sua. Entende isso?

— Sim. — Minha mão latejava. Parecia quente e inchada enquanto a dela parecia minúscula e gélida em meu aperto sangrento.

— Um dia, Derfel, chamarei você, e se não vier, a cicatriz irá marcá-lo para os Deuses como um amigo falso, um traidor e um inimigo.

— Sim.

Ela me olhou em silêncio durante alguns segundos, depois subiu na pilha de peles e cobertores, onde se enrolou nos meus braços. Era incômodo ficarmos juntos porque nossas mãos ainda estavam ligadas, mas de algum modo nos fizemos confortáveis e depois permanecemos imóveis. Vozes soavam do lado de fora, e o pó dançava na alta câmara escura onde os morcegos dormiam e os gatos caçavam. Estava frio, e Nimue puxou uma pele sobre nós dois e depois dormiu com o pequeno peso de seu corpo entorpecendo meu braço direito. Fiquei acordado, cheio de espanto e confusão com o que a faca tinha causado entre nós.

Ela acordou no meio da tarde.

— Gundleus foi embora — falou sonolenta, ainda que eu não soubesse como ela sabia, depois se soltou de meu aperto e das peles emboladas antes de desenrolar o manto que continuava prendendo nossas mãos. O sangue tinha criado crosta e a casca se arrancou dolorosamente de nossos ferimentos quando nos separamos. Nimue foi até o feixe de lanças e tirou um punhado de teias de aranha, que colocou na minha palma ensanguentada. — Vai curar logo — disse descuidadamente, e depois, com seu próprio corte envolto num pedaço de pano, encontrou um pouco de pão e queijo. — Não está com fome?

— Sempre.

Compartilhamos a refeição. O pão estava seco e duro, e o queijo tinha sido mordiscado pelos camundongos. Pelo menos Nimue achava que eram camundongos.

— Talvez os morcegos tenham mordido — disse ela. — Morcegos comem queijo?

— Não sei — respondi, depois hesitei. — Era um morcego domesticado? — Estava falando do animal que ela havia prendido no cabelo. Eu tinha visto esse tipo de coisas antes, claro, mas Merlin nunca

falava delas, nem seus acólitos, mas eu suspeitava de que a estranha cerimônia com as mãos sangrentas iria me trazer a confiança de Nimue.

E trouxe, porque ela balançou a cabeça.

— É um truque antigo para assustar os tolos — falou, sem dar muita importância. — Merlin me ensinou. Você põe uma peia nos pés do morcego, depois amarra a peia no cabelo. — Ela passou a mão pelos cabelos pretos, depois riu. — E isso assustou Tanaburs! Imagine só! E ele é um druida!

Eu não estava achando divertido. Queria acreditar na magia dela, e não vê-la explicada como um truque feito com peias usadas para falcões.

— E as cobras?

— Ele as guarda num cesto. Eu tenho de alimentá-las. — Nimue estremeceu, depois viu meu desapontamento. — O que há de errado?

— É tudo truque?

Ela franziu a testa e ficou quieta durante um tempo. Achei que não ia responder, mas finalmente explicou, e eu soube, enquanto ouvia, que estava escutando as coisas que Merlin tinha lhe ensinado. A magia, disse ela, acontecia nos momentos em que as vidas dos Deuses e dos homens se tocavam, mas esses momentos não eram comandados pelos homens.

— Eu não posso estalar os dedos e encher a sala de névoa, mas já vi isso acontecer. Não posso trazer os mortos de volta, mas Merlin diz que já viu isso ser feito. Não posso ordenar que um raio atinja o rei Gundleus, mas gostaria de poder, porque somente os Deuses podem fazer isso. Mas houve um tempo, Derfel, em que podíamos fazer essas coisas, quando vivíamos com os Deuses e os agradávamos, e podíamos usar o poder deles para manter a Britânia como eles queriam. Cumpríamos a vontade deles, entenda bem, mas a vontade deles era o nosso desejo. — Ela cruzou as mãos com força para demonstrar o que queria dizer, depois se encolheu quando a pressão fez doer o corte na palma. — Mas então vieram os romanos, e eles romperam o pacto.

— Mas por quê? — interrompi, impaciente, porque já tinha ouvido isso muitas vezes. Merlin vivia dizendo como Roma tinha despedaçado a ligação entre a Britânia e seus Deuses, mas ele nunca explicava por que isso podia acontecer se os Deuses eram tão poderosos. — Por que não vencemos os romanos?

— Porque os Deuses não quiseram. Alguns Deuses são malignos, Derfel. E, além disso, eles não têm dever para conosco, apenas nós temos para com eles. Talvez isso os tenha divertido. Ou talvez nossos ancestrais tenham rompido o pacto e os Deuses os puniram mandando os romanos. Não sabemos, mas sabemos que os romanos foram embora e Merlin diz que temos uma chance, só uma chance, de restaurar a Britânia — ela falava em voz baixa, intensa. — Temos de refazer a velha Britânia, a verdadeira Britânia, a terra de Deuses e homens, e se fizermos isso, Derfel, se fizermos isso, de novo teremos a força dos Deuses.

Eu queria acreditar nela. Como queria acreditar que nossas vidas curtas, assoladas por doenças e espreitadas pela morte pudessem ter novas esperanças graças à boa vontade de criaturas sobrenaturais de poder glorioso.

— Mas você precisa fazer isso com truques? — perguntei, sem esconder a desilusão.

— Ah, Derfel. — Os ombros de Nimue descaíram. — Pense bem. Nem todo mundo pode sentir a presença dos Deuses, de modo que os que podem têm um dever especial. Se eu mostrar fraqueza, se eu mostrar um instante de descrença, que esperança haverá para as pessoas que querem acreditar? Na verdade não são truques, são... — ela fez uma pausa, procurando a palavra certa — ... insígnias. Como a coroa de Uther, seus torques, sua bandeira e sua pedra em Caer Cadarn. Essas coisas nos dizem que Uther é o Grande Rei e nós o tratamos como tal, e quando Merlin anda entre seu povo ele também tem de usar sua insígnia. Ela diz ao povo que ele toca os Deuses, e o povo o teme por isso. — Nimue apontou para a porta com a fenda lascada, aberta pela lança. — Quando passei por aquela porta, nua, com duas serpentes e um morcego escondido debaixo da pele de um morto, estava confrontando um rei, seu druida e seus guerreiros. Uma garota, Derfel, contra um rei, um druida e uma guarda real. Quem venceu?

— Você.

— Então o truque funcionou, mas não foi o meu poder que o fez funcionar. Foi o poder dos Deuses, mas eu tinha de acreditar nesse poder para que ele funcionasse. E para acreditar, Derfel, você precisa dedicar a vida a isso. — Agora ela falava com uma paixão rara e intensa. — A cada minuto de cada dia e a cada momento de cada noite você precisa estar aberto aos Deuses e, se estiver, eles virão. Nem sempre quando você quer, claro, mas, se você nunca pedir, eles nunca vão atender; mas, quando eles atendem, Derfel, ah, quando atendem é tão maravilhoso e tão aterrorizante como ter asas que o erguem até a glória. — Seus olhos brilhavam enquanto falava. Eu nunca a ouvira falar dessas coisas. Não fazia muito tempo ela era uma criança, mas agora estivera na cama de Merlin e recebera seus ensinamentos e sua força, e eu me ressentia disso. Ela estava crescendo e se afastando de mim, e eu não podia fazer nada para impedir.

— Estou aberto aos Deuses — falei ressentido. — Acredito neles. Quero a ajuda deles.

Ela tocou meu rosto com a mão enfaixada.

— Você vai ser um guerreiro, Derfel, e um guerreiro grandioso. Você é uma pessoa boa, é honesto, é tão sólido quanto a torre de Merlin e não há qualquer loucura em você. Nenhum traço; nem mesmo uma fagulha selvagem, desesperada. Você acha que quero seguir Merlin?

— Sim — falei, magoado. — Eu sei que sim! — Eu queria dizer,

claro, que estava magoado porque ela não iria se dedicar a mim.

Ela respirou fundo e olhou para o teto sombrio onde dois pombos tinham entrado por um buraco enfumaçado e agora andavam sobre um caibro.

— Algumas vezes acho que gostaria de me casar, ter filhos, vê-los crescer, ficar velha, morrer. Mas, dentre todas essas coisas, Derfel — ela me olhou de novo —, só terei a última. Não suporto pensar no que vai acontecer comigo. Não suporto pensar em sofrer as Três Feridas da Sabedoria, mas preciso, preciso!

— As Três Feridas? — perguntei, porque nunca tinha ouvido falar nelas.

— A Ferida no Corpo, a Ferida no Orgulho — e aí ela se tocou entre as pernas — e a Ferida na Mente, que é a loucura. — Ela parou enquanto um olhar de horror cruzava seu rosto. — Merlin sofreu todas as três, e por isso ele é um homem tão sábio. Morgana teve a pior Ferida no Corpo que qualquer pessoa pode imaginar, mas ela nunca sofreu as outras duas feridas, e por isso nunca pertencerá realmente aos Deuses. Eu não sofri nenhuma das três, mas sofrerei. Eu devo! — ela falou com ferocidade. — Devo porque fui escolhida.

— Por que não fui escolhido?

Ela balançou a cabeça.

— Você não entende, Derfel. Ninguém me escolheu, além de mim mesma. Você precisa fazer a escolha por si mesmo. Poderia ter acontecido com qualquer um de nós aqui. Por isso Merlin recolhe crianças enjeitadas, porque acredita que as crianças sem pais podem ter poderes especiais, mas apenas algumas poucas têm.

— E você tem.

— Eu vejo os Deuses em toda parte — disse Nimue simplesmente. — Eles me veem.

— Nunca vi um Deus — falei teimoso.

Ela sorriu de meu ressentimento.

— Verá, porque você precisa pensar na Britânia, Derfel, como se ela estivesse coberta pelas fitas de uma névoa que vai se afinando. Apenas tiras tênues aqui e ali, pairando e se desbotando, mas essas tiras são os Deuses, e se pudermos encontrá-los, agradá-los e tornar esta terra novamente deles, as tiras vão ficar mais densas e se juntar para fazer uma névoa grande, maravilhosa, que cobrirá toda a terra e nos protegerá do que há lá fora. É por isso que vivemos aqui, no Tor. Merlin sabe que os Deuses amam este lugar, e aqui a névoa sagrada é densa, mas nossa tarefa é espalhá-la.

— É isso que Merlin está fazendo?

Ela sorriu.

— Neste momento exato, Derfel, Merlin está dormindo. E eu também preciso. Você não tem serviço a fazer?

— Arrendamentos a contar — falei sem jeito. Os armazéns lá embaixo se enchiam de peixe defumado, enguias defumadas, jarras de sal, cestos de salgueiro, tecido, lingotes de chumbo, tonéis de carvão e até um pouco de raro âmbar e azeviche: os arrendamentos de inverno pagáveis em Beltain que Hywel tinha de avaliar, contabilizar e depois dividir na parte de Merlin e na porção que seria dada aos coletores de impostos do Grande Rei.

— Então vá contar — disse Nimue, como se nada estranho tivesse acontecido entre nós, ainda que ela tenha se aproximado e me dado um beijo de irmã. — Vá — disse ela, e saí meio tonto dos aposentos de Merlin para encarar os olhares ressentidos e curiosos das damas de Norwenna que tinham voltado para o grande salão.

Veio o equinócio. Os cristãos celebraram a festa da morte de seu Deus enquanto acendíamos as grandes fogueiras de Beltain. Nossas chamas rugiam na escuridão para trazer vida nova ao mundo que renascia. Os primeiros atacantes saxões foram vistos longe ao leste, mas nenhum veio perto de Ynys Wydryn. Também não vimos Gundleus de Silúria outra vez. Gudovan, o escriba, supôs que a proposta de casamento resultara em nada e previu carrancudo uma nova guerra nos reinos do Norte.

Merlin não voltou e não tivemos qualquer notícia dele.

Os dentes do bebê edling Mordred chegaram. Os primeiros a se mostrar ficavam na gengiva inferior, um bom presságio para uma vida longa, e Mordred usou os dentes novos para morder os mamilos de Ralla até tirar sangue, ainda que ela continuasse alimentando-o para que seu filho gorducho sugasse o sangue de um príncipe junto com o leite da mãe. O ânimo de Nimue melhorou à medida que os dias ficavam mais longos. As cicatrizes nas nossas mãos passaram de rosadas para brancas, e depois viraram uma sombra de linhas. Nimue nunca falava delas.

O Grande Rei passou uma semana em Caer Cadarn e o edling foi levado até lá, para a inspeção do avô. Uther deve ter aprovado o que viu, e os presságios de primavera eram todos auspiciosos, já que três semanas depois de Beltain ficamos sabendo que o futuro do reino, o futuro de Norwenna e o futuro de Mordred seriam decididos num Alto Conselho, o primeiro a ser realizado na Britânia em mais de sessenta anos.

Era primavera, as folhas estavam verdes, e havia esperanças enormes na terra cheia de frescor.

O ALTO CONSELHO FOI REALIZADO EM Glevum, uma cidade romana ao lado do rio Severn, logo depois da fronteira norte entre a Dumnonia e Gwent. Uther foi levado para lá numa carroça puxada por quatro bois, cada animal enfeitado com ramos floridos de pilriteiros e coberto de tecidos verdes. O Grande Rei desfrutava de seu progresso majestoso através do início de verão em seu reino, talvez porque soubesse que esta seria a última vez em que veria a beleza da Britânia antes que atravessasse a caverna de Cruachan e a ponte da espada até o Outro Mundo. As sebes entre as quais seus bois passavam estavam brancas de flores de pilriteiros, as florestas tinham uma névoa de campânulas azuis enquanto papoulas chamejavam em meio ao trigo, ao centeio, à cevada e nos campos de feno quase maduro onde as codornizes faziam barulho. O Grande Rei viajava lentamente, parando com frequência em povoados e aldeias onde inspecionava plantações e moradias senhoriais, e aconselhava homens que sabiam fazer uma represa ou castrar um porco melhor do que ele. Tomou banho nas fontes quentes de Aquae Sulis e estava tão recuperado ao sair da cidade que andou 1,5 quilômetro antes de ser ajudado mais uma vez a subir na carroça forrada de peles. Era acompanhado por seus bardos, seus conselheiros, seu médico, seu coro, uma quantidade de serviçais e uma companhia de guerreiros comandados por Owain, seu campeão e comandante da guarda. Todo mundo usava flores, e os guerreiros penduravam os escudos de cabeça para baixo mostrando que marchavam em paz, ainda que Uther fosse velho demais e cauteloso demais para não se certificar de que as pontas de lanças fossem aguçadas a cada novo dia.

Caminhei até Glevum. Não tinha o que fazer lá, mas Uther havia convocado Morgana para o Alto Conselho. Normalmente as mulheres não eram bem-vindas nos conselhos, altos ou baixos, mas Uther achava que ninguém falava por Merlin como Morgana, e assim, no desespero pela ausência de Merlin, chamou-a. Além disso ela era filha natural de Uther, e o Grande Rei gostava de dizer que havia mais senso na cabeça de Morgana, coberta de ouro, do que em metade dos crânios de seus conselheiros juntos. Morgana também era responsável pela saúde de Norwenna, e era o futuro de Norwenna que estava sendo decidido, ainda que a própria Norwenna não fosse convocada nem consultada. Ficou em Ynys Wydryn sob os cuidados da mulher de Merlin, Guendoloen. Morgana não levaria ninguém a Glevum, além de sua escrava Sebile, mas no último momento Nimue anunciou calmamente que também ia viajar para lá, e que eu deveria acompanhá-la.

Morgana armou uma confusão, claro, mas Nimue enfrentou a irritação dela com uma calma irritante.

— Fui instruída — disse ela a Morgana, e quando Morgana, com voz esganiçada, exigiu saber por quem, Nimue apenas sorriu. Morgana tinha o dobro do tamanho de Nimue e o dobro da idade, mas quando Merlin levou Nimue para a sua cama o poder em Ynys Wydryn passou para ela e, diante dessa autoridade, a mulher mais velha era impotente. Mesmo assim se opôs à minha ida. Exigiu saber por que Nimue não levava Lunete, a outra garota irlandesa recolhida por Merlin. Um garoto como eu, disse Morgana, não era companhia para uma jovem, e quando ainda assim Nimue não fez nada além de sorrir, Morgana disse rispidamente que contaria a Merlin que Nimue estava interessada em mim. Contar isso determinaria o fim de Nimue e, diante dessa ameaça desajeitada, Nimue gargalhou e lhe deu as costas.

Eu me importava pouco com a discussão. Só queria ir a Glevum e ver os torneios, ouvir os bardos, assistir às danças e, acima de tudo, estar com Nimue.

E assim fomos para Glevum, um quarteto mal-ajambrado. Morgana, segurando um cajado de ameixeira-brava e com a máscara de ouro brilhando ao sol de verão, pisava firme na frente, com a perna manca transformando cada passo pesado num enfático gesto de desaprovação à companhia de Nimue. Sebile, a escrava saxã, se apressava dois passos atrás de sua senhora, com as costas curvadas sob a trouxa de túnicas de dormir, ervas secas e potes. Nimue e eu íamos atrás, descalços, de cabeças nuas e sem fardos. Nimue usava um manto preto comprido sobre uma túnica branca amarrada na cintura com uma corda de escravo. Seu cabelo preto e comprido estava preso no alto, e ela não usava joias, nem mesmo um alfinete de osso para prender o manto. O pescoço de Morgana estava enfeitado com um pesado torque de ouro, e seu manto castanho-acinzentado era preso ao peito com dois broches de ouro, um na forma de um cervo de três chifres e o outro o pesado ornamento em forma de dragão que lhe fora dado em Caer Cadarn.

Gostei da viagem. Levamos três dias, num passo lento, porque Morgana andava com dificuldade, mas o sol brilhava sobre nós e a estrada romana tornava fácil a jornada. No entardecer achávamos a moradia do chefe tribal mais próximo e dormíamos como hóspedes de honra em seu celeiro cheio de palha. Outros viajantes eram poucos, e todos abriam caminho para o brilho do ouro de Morgana, que era seu símbolo de grande posição. Tínhamos sido alertados contra os homens sem senhores e sem terras que roubavam mercadores nas estradas importantes, mas nenhum nos ameaçou, talvez porque os soldados de Uther tivessem preparado o Alto Conselho varrendo as florestas e os morros em busca de bandoleiros, e nós passamos por mais de uma dúzia de corpos apodrecendo, empalados nas laterais das estradas, como

aviso. Os servos e os escravos que encontrávamos se ajoelhavam diante de Morgana, mercadores abriam caminho para ela, e apenas um viajante ousou desafiar nossa autoridade, um padre de barba feroz com seu séquito maltrapilho de mulheres descabeladas. O grupo cristão dançava pela estrada, louvando seu Deus pregado, mas, quando o padre viu a máscara de ouro que cobria o rosto de Morgana, a galhada tripla e o dragão de asas abertas em seus broches, esbravejou dizendo que ela era uma criatura do diabo. O padre deve ter pensado que uma mulher tão desfigurada e andando com dificuldade seria uma presa fácil para suas provocações, mas um pregador errante acompanhado por sua mulher e prostitutas sagradas não era páreo para a filha de Igraine, guardiã de Merlin e irmã de Artur. Morgana simplesmente deu uma cacetada com seu cajado pesado no ouvido do sujeito, um golpe que o derrubou de lado numa vala cheia de urtiga, e continuou andando sem sequer olhar para trás. As mulheres do padre gritaram e se dividiram. Algumas rezavam e outras cuspiam xingamentos, mas Nimue deslizou através de sua malevolência como um espírito.

Eu não carregava armas, a não ser que um cajado e uma faca contassem como apetrechos de guerreiro. Queria levar uma espada e uma lança, para parecer homem adulto, mas Hywel tinha zombado, dizendo que um homem não era feito de querer, e sim de fazer. Para a minha proteção ele me deu um torque de bronze que mostrava nos arremates o Deus chifrudo de Merlin. Ninguém, disse ele, ousaria desafiar Merlin. Mas mesmo assim, sem armas de homem, eu me sentia inútil. Por que eu estava ali?, perguntei a Nimue.

— Porque você é meu amigo de juramento, pequenino — disse ela. Eu já era mais alto do que Nimue, mas ela usou a palavra de modo afetuosos. — E porque você e eu somos escolhidos de Bel, e se Ele nos escolhe, devemos nos escolher um ao outro.

— Então por que nós dois estamos indo a Glevum?

— Porque Merlin quer, claro.

— Ele vai estar lá? — perguntei ansioso. Merlin estava fora havia muito tempo, e sem ele Ynys Wydryn era como um céu sem o sol.

— Não — disse ela calmamente, ainda que eu não soubesse como Nimue conhecia o desejo de Merlin nessa questão, porque Merlin continuava longe e as convocações para o Alto Conselho tinham sido feitas muito depois de sua partida.

— E o que faremos na chegada a Glevum?

— Saberemos ao chegar — disse ela misteriosamente e não quis explicar mais.

Glevum, assim que me acostumei ao fortíssimo fedor de adubo feito de bosta humana, era maravilhosamente estranha. Afora algumas vilas que tinham se tornado sedes de fazenda nas propriedades de Merlin, esta era a minha primeira vez num local propriamente romano, e fiquei

boquiaberto diante das visões como se fosse um pinto recém-nascido. As ruas eram pavimentadas com pedras que se encaixavam, e apesar de terem se estragado bastante nos longos anos desde a partida dos romanos, os homens do rei Tewdric tinham feito o máximo para consertar os danos, arrancando as ervas daninhas e varrendo a terra para que as nove ruas da cidade parecessem rios pedregosos na estação da seca. Era difícil andar nelas, e Nimue e eu ríamos ao ver cavalos tentando passar pelas pedras traiçoeiras. As construções eram tão estranhas quanto as ruas. Fazíamos nossos salões e casas usando madeira, palha, barro e trançados de varas, mas aquelas construções romanas eram todas juntas e feitas de pedra e estranhos tijolos estreitos, ainda que no decorrer dos anos algumas tivessem desmoronado, deixando áreas cheias de entulho nas longas fileiras de casas baixas que eram curiosamente cobertas de telhas de barro cozido. A cidade murada guardava uma passagem no Severn e ficava entre dois reinos e perto de um terceiro, por isso era um famoso centro de comércio. Oleiros trabalhavam nas casas, ourives se curvavam sobre suas mesas e bezerros mugiam num pátio de matadouro atrás do mercado apinhado de gente do campo procurando manteiga, nozes, couro, peixe defumado, mel, tecidos tingidos e lã recém-tosquiada. O melhor de tudo, pelo menos para meus olhos maravilhados, eram os soldados do rei Tewdric. Eram romanos, disse-me Nimue, ou pelo menos britânicos ensinados a agir como romanos, e todos mantinham as barbas curtas e se vestiam de modo igual, com fortes sapatos de couro e calças justas de lã por baixo dos saiotes de couro. Os soldados de patente superior tinham placas de bronze costuradas nos saiotes, e quando andavam as placas ressoavam como sinetas de vacas. Cada homem tinha uma placa peitoral polida até brilhar, um longo manto vermelho e um capacete de couro costurado no cocuruto, formando uma crista. Alguns capacetes tinham um penacho de plumas tingidas. Os soldados carregavam espadas curtas, de lâmina larga, lanças compridas com cabo polido e escudos oblongos feitos de madeira e couro com o símbolo de Tewdric, o touro. Todos os escudos eram do mesmo tamanho, as lanças eram todas do mesmo comprimento e todos os soldados marchavam em passo sincronizado, uma visão extraordinária que me fez rir a princípio, mas depois me acostumei.

No centro da cidade, onde as quatro ruas que vinham dos quatro portões se encontravam numa ampla praça aberta, havia uma construção vasta e espantosa. Até mesmo Nimue ficou boquiaberta, porque certamente nenhum ser vivo poderia fazer uma coisa daquelas; tão alta, tão branca e com cantos tão retos. Colunas sustentavam o teto alto, e em todo o espaço triangular entre o pico do teto e o topo das colunas havia imagens fantásticas esculpidas em pedra branca, mostrando homens maravilhosos pisoteando inimigos sob os cascos dos cavalos. Os homens de pedra levavam lanças de pedra, usavam

capacetes de pedra com altas cristas de pedra. Algumas das imagens tinham caído ou se partido durante os congelamentos, mas ainda eram um milagre para mim, apesar de Nimue, depois de olhá-las, ter cuspido para espantar o mal.

— Você não gosta? — perguntei, ressentido.

— Os romanos tentaram ser deuses — disse ela — e por isso os Deuses os humilharam. O Conselho não deveria se reunir aqui.

Mas o Alto Conselho foi convocado para Glevum, e Nimue não podia mudar isso. Aqui, cercado por fortificações romanas feitas de terra e madeira, o destino do reino de Uther seria decidido.

O Grande Rei já chegara quando alcançamos a cidade. Ele estava alojado em outra construção alta que dava para o palácio cheio de colunas do outro lado da praça. Não mostrou surpresa nem desprazer por Nimue ter vindo, talvez porque pensasse que ela era apenas parte da comitiva de Morgana, e nos deu um cômodo simples nos fundos da casa, onde as cozinhas soltavam fumaça e os escravos falavam sem parar. Os soldados do Grande Rei pareciam desenxabidos ao lado dos brilhantes homens de Tewdric. Nossos soldados usavam cabelo comprido e barba revolta, tinham mantos remendados e puídos, de cores diferentes, e levavam espadas compridas e pesadas, lanças de cabo áspero e escudos redondos nos quais o símbolo de Uther, o dragão, parecia grosseiro ao lado dos touros cuidadosamente pintados de Tewdric.

Nos primeiros dois dias houve comemorações. Campeões dos dois reinos faziam lutas fingidas do lado de fora das muralhas, mas quando Owain, o campeão de Uther, entrou na arena, o rei Tewdric foi forçado a colocar dois dos seus melhores homens contra ele. O famoso herói da Dumnonia tinha a reputação de ser invencível, e parecia ser, parado com o sol de verão brilhando em sua espada comprida. Era um homem enorme com braços tatuados, o peito despido cheio de pelos e a barba áspera decorada com anéis de guerreiro forjados a partir das armas de inimigos derrotados. Sua luta contra os dois campeões de Tewdric deveria ser uma batalha de mentira, mas era difícil ver a mentira enquanto os dois heróis de Gwent se revezavam atacando-o. Os três homens lutaram como se estivessem cheios de ódio e trocavam golpes de espada que deviam estar ressoando até no norte, no distante Powys, e depois de alguns minutos o suor se misturava com sangue, os gumes rombudos das espadas estavam amassados e os três praticamente se arrastavam, mas Owain ainda levava a melhor. Apesar do tamanho, era rápido com a espada, e seus golpes tinham um peso esmagador. A multidão, que tinha vindo de todas as regiões próximas e, portanto, tanto do reino de Uther quanto do de Tewdric, gritava como feras selvagens para instigar seus homens ao massacre, e Tewdric, vendo a paixão, jogou seu cajado para encerrar a luta.

— Nós somos amigos, lembrem-se — disse aos três homens, e Uther, sentado um degrau mais alto do que Tewdric, como era adequado a um Grande Rei, assentiu concordando.

Uther parecia balofo e doente; o corpo inchado de líquido, o rosto estava amarelo e frouxo, a respiração, difícil. Tinha sido levado ao campo de luta numa liteira e estava sentado no trono, enrolado num manto pesado que escondia seu cinto de joias e o colar brilhante. O rei Tewdric se vestia como um romano, na verdade seu avô fora um romano de verdade, o que devia explicar o nome que parecia estrangeiro. O rei usava o cabelo cortado muito curto, não tinha barba e estava enrolado numa toga branca com dobras intrincadas num dos ombros. Era alto, magro e de movimentos graciosos, e, apesar de ainda ser jovem, o ar triste e sábio de seu rosto o fazia parecer muito mais velho. Sua rainha, Enid, usava o cabelo numa estranha trança espiral que se empilhava tão precariamente no topo da cabeça a ponto de ela ser forçada a se mover com a falta de jeito angulosa de um potro recém-nascido. Seu rosto estava coberto com uma pasta branca que o fixava numa expressão vazia, de tédio perplexo. Seu filho Meurig, o edling de Gwent, era uma criança agitada de 10 anos, que se sentava ao pé da mãe e levava um tapa do pai sempre que enfiava o dedo no nariz.

Depois da luta, os harpistas e bardos tiveram sua disputa. Cynyr, o bardo de Gwent, cantou a grandiosa narrativa da vitória de Uther sobre os saxões em Caer Idern. Mais tarde, percebi que Tewdric devia ter ordenado isso como tributo ao Grande Rei, e certamente o desempenho agradou a Uther, que sorria enquanto os versos rolavam e assentia sempre que um guerreiro em particular era louvado. Cynyr declamou a vitória numa voz ressoante e, quando chegou aos versos que contavam como Owain havia trucidado saxões aos milhares, virou-se para o lutador cansado e combalido, e um dos campeões de Tewdric, que fazia apenas uma hora estivera tentando derrotar o homenzarrão, levantou-se e ergueu o braço que Owain usava para segurar a espada. A multidão rugiu, depois gargalhou quando Cynyr adotou uma voz de mulher para descrever os saxões implorando misericórdia. Começou a correr pelo campo em passinhos apavorados, agachando-se como estivesse se escondendo, e a multidão adorou. Eu também adorei, porque quase dava para ver os odiados saxões se encolhendo de terror e sentir o cheiro do sangue de sua morte e ouvir as asas dos corvos vindo se refestelar em sua carne, e então Cynyr se empertigou em toda a sua altura e deixou o manto cair, de modo que seu corpo pintado de azul ficou nu, e ele cantou a canção de tributo aos Deuses que tinham visto seu campeão, o Grande Rei Uther da Dumnonia, o Pendragon da Britânia, derrotar os reis, os chefes e os campeões do inimigo. Então, ainda nu, o bardo se prostrou diante do trono de Uther.

Uther enfiou a mão no manto felpudo até encontrar um torque de

ouro amarelo que jogou na direção de Cynyr. O gesto foi frágil e o torque caiu na beira do tablado de madeira onde os dois reis estavam. Nimue empalideceu diante do mau presságio, mas Tewdric pegou calmamente o torque e o levou até o bardo de cabelos brancos, que o rei levantou com as próprias mãos.

Depois que os bardos tinham cantado, e assim que o sol estava se pondo atrás da silhueta escura e baixa dos morros do oeste que marcavam a borda das terras de Silúria, uma procissão de garotas trouxe flores para as rainhas, mas havia apenas uma rainha no tablado, Enid. Durante alguns segundos as garotas que carregavam os buquês de flores destinadas à dama de Uther não souberam o que fazer, mas Uther se mexeu e apontou para Morgana, que tinha seu banco ao lado do tablado, e assim as garotas foram para o lado e amontoaram os íris, as rainhas-dos-prados e as orquídeas diante dela.

— Ela parece um bolinho de massa enfeitado de salsa — sussurrou Nimue em meu ouvido.

Na noite anterior ao Alto Conselho houve um culto cristão no grande salão do prédio grandioso no centro da cidade. Tewdric era um cristão entusiasmado e seus seguidores apinharam o salão que foi iluminado por tochas postas em suportes de ferro presos às paredes. Tinha chovido naquela tarde e o salão apinhado fedia a suor, lâ úmida e fumaça. As mulheres ficavam do lado esquerdo e os homens do lado direito, ainda que Nimue tivesse calmamente ignorado o arranjo e subido num pedestal atrás da multidão escura de homens cobertos com os mantos e com as cabeças descobertas. Havia outros pedestais assim, na maioria com estátuas, porém o nosso estava vazio e proporcionava amplo espaço para nós dois nos sentarmos e olharmos os ritos cristãos, ainda que a princípio eu estivesse mais pasmo com o vasto interior do salão que era mais alto, mais largo e mais comprido do que qualquer salão de festa que eu já tivesse visto; tão gigantesco que pardais viviam lá dentro e deviam achar o salão romano um mundo inteiro. O céu dos pardais era um teto curvo sustentado por colunas de tijolo atarracadas que já tinham sido cobertas de reboco branco com figuras pintadas. Restavam fragmentos das pinturas: dava para ver a silhueta vermelha de um cervo correndo, uma criatura marinha com chifres e cauda partida, e duas mulheres segurando uma taça com duas alças.

Uther não estava no salão, mas seus guerreiros cristãos tinham comparecido, e o bispo Bedwin, conselheiro do Grande Rei, ajudou nas cerimônias a que Nimue e eu assistimos de nosso poleiro como duas crianças travessas espiando os adultos. O rei Tewdric estava lá, e com ele alguns dos reis e príncipes que estariam no Alto Conselho no dia seguinte. Esses grandes homens tinham assentos na frente do salão, contudo a massa de luzes das tochas não brilhava em volta de seus assentos, e sim nos sacerdotes cristãos reunidos em volta de sua mesa.

Era a primeira vez que eu via essas criaturas realizando seus rituais.

— O que, exatamente, é um bispo? — perguntei a Nimue.

— É como um druida — disse ela e, de fato, como druidas, todos os sacerdotes cristãos usavam a parte de frente do crânio raspada. — Só que eles não têm treinamento — acrescentou Nimue, ridicularizando — e não sabem nada.

— Todos eles são bispos? — perguntei, porque havia uma quantidade de homens raspados indo e vindo, abaixando-se e se levantando em volta da mesa iluminada na extremidade do salão.

— Não, alguns são apenas sacerdotes. Eles sabem ainda menos do que os bispos. — Ela riu.

— Nada de sacerdotisas?

— Na religião deles as mulheres devem obedecer aos homens — disse ela, cheia de desprezo. Em seguida, cuspiu contra o mal e alguns dos guerreiros próximos se viraram com olhares desaprovadores. Nimue os ignorou. Estava envolta em seu manto preto com os braços apertando os joelhos puxados contra os seios. Morgana nos havia proibido de comparecer a cerimônias cristãs, mas Nimue não recebia mais ordens de Morgana. À luz das tochas, seu rosto fino tinha sombras escuras, e os olhos brilhavam.

Os estranhos sacerdotes cantavam e entoavam na língua grega que nada significava para nós. Ficavam se curvando e, quando faziam isso, toda a multidão se abaixava e lutava para se levantar de novo, e cada mergulho era marcado no lado direito do salão por um estardalhaço quando mais de uma centena de espadas embainhadas batiam no chão de ladrilho. Os sacerdotes, como os druidas, estendiam os braços para os lados quando rezavam. Usavam túnicas estranhas que pareciam um pouco com a toga de Tewdric e eram cobertos por mantos curtos e enfeitados. Cantavam e a multidão cantava de volta, e algumas das mulheres de pé atrás da frágil rainha Enid de cara branca começaram a se sacudir e tremer em êxtase, mas os sacerdotes ignoravam a comoção e continuavam entoando e cantando. Havia uma cruz simples sobre a mesa, para a qual eles se curvavam e para a qual Nimue fez o sinal do mal enquanto murmurava um encanto protetor. Logo nós dois ficamos entediados e eu quis sair para garantir que tivéssemos um bom lugar para acompanhar parte da grande festa que seria dada depois da cerimônia no salão de Uther, mas então a língua da noite se transformou na fala da Britânia enquanto um jovem sacerdote discursava para a multidão.

O jovem sacerdote era Sansum, e aquela noite foi a primeira vez em que vi o santo. Na época ele era bem novo, muito mais do que os bispos, mas era considerado um homem ascendente, esperança do futuro cristão, e deliberadamente os bispos tinham-lhe dado a honra de fazer este sermão como um modo de estimular sua carreira.

Sansum sempre foi um homem magro, de baixa estatura, com o queixo afiado e raspado, e uma testa recuada sobre a qual seu cabelo tonsurado se projetava duro e preto como uma cerca de espinheiro, ainda que a cerca tivesse sido cortada mais curta no topo do que dos lados, deixando-o assim com um par de tufos espetados que saltavam logo acima das orelhas.

— Ele parece Lughtigern — sussurrou Nimue, e ri alto porque Lughtigern é o Lorde Camundongo das histórias infantis; uma criatura cheia de alardes e bravata, mas sempre fugindo quando aparece um gato. Só que esse Lorde Camundongo tonsurado certamente sabia pregar. Eu nunca ouvira o abençoado Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo antes daquela noite, e algumas vezes estremeço quando penso como recebi mal aquele primeiro sermão, mas nunca esquecerei o poder de sua fala. Sansum trepou numa segunda mesa para que pudesse ver e ser visto, e algumas vezes, na paixão da pregação, ameaçava cair pela borda e tinha de ser seguro por seus colegas sacerdotes. Eu esperava que ele caísse, mas de algum modo ele sempre recuperava o equilíbrio.

Sua pregação começou de modo bastante convencional. Agradeceu a Deus pela presença dos reis grandiosos e dos príncipes poderosos que tinham vindo escutar o Evangelho, depois fez alguns belos elogios ao rei Tewdric antes de se lançar numa diatribe que estabelecia a visão cristã da situação da Britânia. Mais tarde, percebi que era mais um discurso político do que um sermão.

A Ilha da Britânia, disse Sansum, era amada por Deus. Era uma terra especial, separada das outras e cercada por um mar luminoso para defendê-la da pestilência, das heresias e dos inimigos. A Britânia, prosseguiu ele, também era abençoada por grandes dirigentes e guerreiros poderosos, mas ultimamente a terra fora assolada por estrangeiros, e seus campos, celeiros e povoados tinham passado pela espada. Os pagãos saxões estavam tomando a terra dos nossos ancestrais e a devastando. Os terríveis saxões violavam as sepulturas de nossos pais, estupravam nossas mulheres e trucidavam nossas crianças, e essas coisas não podiam acontecer, afirmou Sansum, se não fossem a vontade de Deus, e por que Deus viraria as costas desse modo para seus filhos especiais e amados?

Porque, disse ele, esses filhos tinham se recusado a ouvir Sua mensagem sagrada. Os filhos da Britânia ainda se curvavam diante de madeira e pedra. Os bosques supostamente sagrados continuavam de pé e seus templos ainda tinham os crânios dos mortos e eram lavados pelo sangue dos sacrifícios. Essas coisas podiam não ser vistas nas cidades, disse Sansum, porque a maioria das cidades estava cheia de cristãos, mas o campo, alertou ele, estava infestado de pagãos. Podiam restar poucos druidas na Britânia, mas em cada vale e fazenda havia homens e mulheres que agiam como druidas, que sacrificavam seres vivos à pedra

morta e que usavam feitiços e amuletos para enganar o povo crédulo. Até mesmo os cristãos, e aqui Sansum teve uma expressão de nojo para a sua congregação, levavam os doentes para feiticeiras e contavam seus sonhos a profetisas pagãs, e enquanto essas práticas malignas fossem encorajadas Deus castigaria a Britânia com estupro, morte e saxões. Aqui ele parou para respirar, e segurei o torque em meu pescoço porque sabia que aquele Lorde Camundongo que discursava sem parar era inimigo de meu senhor Merlin e de minha amiga Nimue. Nós tínhamos pecado!, gritou Sansum de repente, abrindo os braços enquanto cambaleava na beira da mesa, e todos tínhamos de nos arrepender. Os reis da Britânia, disse ele, deviam amar Cristo e Sua Mãe abençoada, e só quando toda a raça britânica estivesse unida sob Deus, Deus uniria toda a Britânia. Agora a turba reagia ao sermão, gritando em concordância, rezando em voz alta pedindo misericórdia ao seu Deus e gritando pela morte dos druidas e seus seguidores. Era aterrorizante.

— Venha — sussurrou Nimue —, já ouvi o bastante.

Descemos do pedestal e passamos pela multidão que enchia o vestíbulo sob as colunas externas do palácio. Para minha vergonha, levantei a gola do manto até o queixo imberbe, para que ninguém visse meu torque enquanto seguia Nimue descendo a escadaria até a praça batida pelo vento, iluminada em todos os lados por tochas enormes. Uma chuva fraca vinha do oeste, fazendo as pedras da praça brilhar à luz das tochas. Os guardas uniformizados de Tewdric estavam imóveis ao redor da borda da praça enquanto Nimue me levava ao centro do amplo espaço, onde parou e de repente começou a rir. A princípio era um risinho, depois a gargalhada de pilhéria que se transformou numa zombaria feroz e depois num uivo desafiador que ultrapassou os telhados de Glevum até ecoar em direção aos céus e terminar num guincho maníaco tão louco quanto o grito de morte de uma fera acuada. Ela se virou enquanto dava o grito, virou-se acompanhando o caminho do sol, do norte para o leste, para o sul, para o oeste e depois para o norte de novo, e nenhum soldado se mexeu. Alguns cristãos que estavam no pórtico do grande prédio nos olharam com raiva, mas não interferiram. Até os cristãos reconheciam alguém que era tocado pelos Deuses, e nenhum deles ousaria encostar a mão em Nimue.

Quando seu fôlego chegou ao fim ela desmoronou nas pedras. Ficou em silêncio; uma figura minúscula agachada sob uma capa preta, uma coisa informe estremecendo aos meus pés.

— Ah, pequenino — disse ela finalmente numa voz cansada —, ah, meu pequenino.

— O que é? — perguntei. Confesso que estava mais tentado pelo cheiro de porco assando que vinha da casa de Uther do que por qualquer transe momentâneo que tivesse exaurido Nimue a tal ponto.

Ela estendeu a mão esquerda, com a cicatriz, e a puxei de pé.

— Temos uma chance — falou numa voz pequena, apavorada —, só uma chance, e se a perdermos os Deuses se afastarão. Seremos abandonados pelos Deuses e deixados aos brutos. E aqueles idiotas lá, o Lorde Camundongo e seus seguidores, arruinarão essa chance se não lutarmos contra eles. E há tantos deles, e nós somos tão poucos! — Ela olhava meu rosto, chorando desesperadamente.

Eu não sabia o que fazer. Não tinha habilidades com o mundo dos espíritos, mesmo sendo criado por Merlin e filho de Bel.

— Bel vai nos ajudar, não vai? — perguntei desamparado. — Ele nos ama, não é?

— Ele os ama! — Ela puxou a mão de dentro da minha. — Ele nos ama! — repetiu, cheia de desprezo. — Não é tarefa dos Deuses nos amar. Você ama os porcos de Druidan? Por que, em nome de Bel, um Deus deveria nos amar? Amar! O que você sabe sobre amor, Derfel, filho de uma saxã?

— Sei que amo você — falei. Agora sou capaz de ruborizar quando penso nos gestos desesperados de um garoto pelo afeto de uma mulher. Tinha sido necessária toda a coragem do meu corpo para fazer aquela declaração, cada grama de coragem que eu possuía, e depois de ter dito as palavras ruborizei à luz varrida pela chuva, e desejei ter ficado quieto.

Nimue sorriu para mim.

— Eu sei. Eu sei. Agora venha. Há um festim para o nosso jantar.

Nestes dias, nestes meus dias agonizantes que passo escrevendo neste mosteiro nas colinas de Powys, algumas vezes fecho os olhos e vejo Nimue. Não como ela se tornou, mas como era na época: tão cheia de fogo, tão ágil, tão confiante. Sei que ganhei Cristo e que através de Sua bênção ganhei também todo o mundo, mas do que perdi, do que todos nós perdemos, a conta não tem fim. Nós perdemos tudo.

O festim foi maravilhoso.

O ALTO CONSELHO TEVE INÍCIO NO meio da manhã, depois que os cristãos realizaram outra cerimônia. Eles faziam um número terrível de cerimônias, pensei, já que cada hora do dia parecia exigir alguma nova genuflexão diante da cruz, mas o atraso serviu para dar aos príncipes e guerreiros tempo de se recuperar da noite de bebedeira, vaidades e brigas. O Alto Conselho aconteceu no grande salão que estava novamente iluminado por tochas, já que, apesar de o sol de verão estar brilhante, as poucas janelas eram altas e pequenas, menos adequadas a deixar a luz entrar do que a fumaça a sair, ainda que até isso elas fizessem mal.

Uther, o Grande Rei, estava sentado numa plataforma acima do tablado reservado para os reis, edlings e príncipes. Tewdric de Gwent, anfitrião do Conselho, sentava-se abaixo de Uther, e a cada lado do trono de Tewdric havia uma dúzia de outros tronos ocupados nesse dia por reis ou príncipes visitantes que pagavam tributo a Uther ou Tewdric. O príncipe Cadwy de Isca estava lá, o rei Melwas dos Belgae e o príncipe Gereint, Senhor das Pedras, enquanto o distante Kernow, o reino selvagem na ponta ocidental da Britânia, tinha mandado seu edling, o príncipe Tristan, que estava sentado envolto em pele de lobo na ponta do tablado, perto de um dos dois tronos vazios.

Na verdade os tronos não passavam de cadeiras tiradas do salão de festa e enfeitadas com mantas, e em frente de cada cadeira, pousados no chão e encostados no tablado, estavam os escudos dos reinos. Houvera um tempo em que 33 escudos podiam se apoiar no tablado, mas agora as tribos da Britânia lutavam entre si e alguns dos reinos tinham sido enterrados em Lloegyr pelas lâminas saxãs. Um dos objetivos desse Alto Conselho era fazer a paz entre o resto dos reinos britânicos, uma paz que já estava ameaçada porque Powys e Silúria não tinham vindo. Seus tronos estavam vazios, testemunhas mudas da inimizade contínua daqueles reinos para com Gwent e Dumnonia.

Diretamente diante dos reis e príncipes, e além de um pequeno espaço aberto que fora deixado para os discursos, estavam os conselheiros e os principais magistrados dos reinos. Alguns dos conselhos, como os de Gwent e da Dumnonia, eram enormes, ao passo que outros tinham apenas um punhado de homens. Os magistrados e conselheiros sentavam-se no chão que, como vi agora, era decorado com milhares de minúsculas pedras coloridas arrumadas numa imagem gigantesca que aparecia entre os corpos sentados. Todos os conselheiros tinham trazido cobertores para servir como almofadas, porque sabiam

que as deliberações do Alto Conselho podiam durar até depois do anoitecer. Atrás dos conselheiros, e presentes apenas como observadores, estavam os guerreiros armados, alguns com seus cães de caça prediletos ao lado, presos em coleiras. Eu me encontrava de pé junto daqueles guerreiros armados, já que meu torque de bronze com a cabeça de Cernunnos era toda a autoridade de que precisava para estar presente.

Duas mulheres estavam no conselho, só duas, e até mesmo sua presença tinha causado murmúrios de protesto entre os homens que esperavam, até que uma piscada de Uther silenciou os grunhidos.

Morgana sentava-se logo à frente de Uther. Os conselheiros tinham se afastado dela para que ficasse sozinha, até que Nimue passou cheia de ousadia pela porta do salão e abriu caminho entre os homens sentados para ocupar um lugar junto dela. Nimue entrara com uma segurança tão tranquila que ninguém tentou impedi-la. Assim que se sentou ela olhou para o Grande Rei Uther como se o desafiasse a expulsá-la, mas o rei ignorou sua chegada. Morgana também ignorou sua jovem rival que se sentou muito quieta e com as costas muito retas. Vestia sua túnica de linho branco com o fino cinto de couro, de escrava, e em meio aos homens de capas grossas e cabelos grisalhos parecia frágil e vulnerável.

O Alto Conselho teve início, como todos os conselhos, com uma oração. Merlin, se estivesse presente, teria invocado os Deuses, mas em vez disso o bispo Conrad de Gwent fez uma oração ao Deus cristão. Vi Sansum sentado em meio aos conselheiros de Gwent e notei o feroz olhar de ódio que lançou às duas mulheres quando elas não baixaram a cabeça durante a oração do bispo. Sansum sabia que as mulheres tinham vindo no lugar de Merlin.

Depois da oração o desafio foi lançado por Owain, o campeão da Dumnonia que havia lutado na véspera contra os dois melhores homens de Tewdric. Um bruto, era como Merlin sempre chamava Owain, e ele parecia um bruto enquanto se levantava diante do Grande Rei com o rosto ainda com cascas de sangue da luta, com a espada desembainhada e um grosso manto de pele de lobo em volta dos músculos sobressalentes de seus ombros enormes.

— Algum homem aqui — rosnou ele — questiona o direito de Uther ao Grande Trono?

Ninguém questionou. Owain, parecendo meio desapontado por ver negada a chance de trucidar um desafiante, embainhou a espada e sentou-se desconfortavelmente entre os conselheiros. Ele preferiria ficar de pé com seus guerreiros.

Em seguida, foram dadas as notícias da Britânia. O bispo Bedwin, falando pelo Grande Rei, informou que a ameaça saxã ao leste da Dumnonia tinha diminuído, ainda que a um preço muito alto para ser contemplado. O príncipe Mordred, edling da Dumnonia e guerreiro cuja fama tinha alcançado os limites da terra, fora morto na hora da vitória.

O rosto de Uther não demonstrou coisa alguma enquanto ouvia a história, narrada com frequência, da morte de seu filho. O nome de Artur não foi mencionado, mesmo tendo sido ele quem conquistara a vitória depois das ações desajeitadas de Mordred, e todo mundo no salão sabia disso. Bedwin disse que os saxões derrotados tinham vindo das terras que um dia foram governadas pela tribo Catuvelan e que, apesar de não terem sido expulsos de todo aquele antigo território, eles concordaram em pagar ao Grande Rei um tributo anual em ouro, trigo e bois. Deus permita, acrescentou ele, que a paz dure.

— Deus permita — interveio o rei Tewdríc — que os saxões sejam expulsos daquelas terras! — Suas palavras levaram os guerreiros no fundo e nas laterais do salão a bater as lanças no chão, e pelo menos uma lança quebrou as pequenas pedras do mosaico. Cães uivaram.

Ao norte da Dumnonia, continuou Bedwin calmamente quando os aplausos cessaram, a paz reinava, graças ao sábio tratado de amizade que existia entre o Grande Rei e o nobre rei Tewdríc. No oeste, e aqui Bedwin parou para lançar um sorriso para o belo e jovem príncipe Tristan, também havia paz.

— O reino de Kernow — disse Bedwin — mantém-se isolado. Soubemos que o rei Mark tomou uma nova esposa e rezamos para que ela, como suas distintas predecessoras, mantenham o senhor totalmente ocupado. — Isso provocou um murmúrio de risos.

— Que esposa é essa? — perguntou Uther de repente. — A quarta ou a quinta?

— Acho que até meu pai perdeu a conta, Grande Senhor — disse Tristan e o salão explodiu com risos. Mais pedras de mosaico se partiram sob as lanças, e um dos pequenos fragmentos deslizou pelo chão até bater no meu pé.

Agrícola falou em seguida. O nome dele era romano, e era famoso por aderir aos costumes romanos. Agrícola era comandante de Tewdríc e, apesar de ser agora um homem velho, ainda era temido pela habilidade em batalha. A idade não tinha curvado sua figura alta, ainda que tivesse tornado seus cabelos curtos tão cinzentos quanto uma lâmina de espada. Seu rosto cheio de cicatrizes era bem barbeado e ele usava uniforme romano, porém muito mais grandioso do que os de seus homens. Sua túnica era escarlate, o peitoral e as grevas das pernas eram de prata, e sob o braço havia um elmo de prata com um penacho de crina de cavalo tingida, cortado como uma rígida escova escarlate. Ele também informou que os saxões a leste do reino de seu senhor tinham sido derrotados, mas as notícias das Terras Perdidas de Lloegyr eram perturbadoras, porque ele ouvira que mais barcos tinham vindo da terra dos saxões atravessando o mar Germânico, e com o tempo, alertou, mais barcos nas costas saxãs significariam mais guerreiros pressionando para o oeste, em direção à Britânia. Agrícola também nos alertou sobre

um novo líder saxão chamado Aelle, que lutava pelo domínio entre os saxões. Era a primeira vez que eu ouvia o nome de Aelle, e na época só os Deuses sabiam como esse nome viria nos assombrar durante os anos seguintes.

Os saxões, prosseguiu Agrícola, poderiam estar temporariamente quietos, mas isso não trouxera paz ao reino de Gwent. Bandos de guerreiros britânicos tinham vindo de Powys, em direção ao sul, enquanto outros haviam marchado para o oeste saindo de Silúria para atacar a terra de Tewdric. Mensageiros tinham ido aos dois reinos, convidando seus monarcas a comparecer a este conselho, mas infelizmente — e aqui Agrícola fez um gesto para as duas cadeiras vazias na plataforma real — nem Gorfyddyd de Powys nem Gundleus de Silúria tinham vindo. Tewdric não podia esconder o desapontamento, porque claramente estivera esperando que Gwent e Dumnonia pudessem fazer a paz com os dois vizinhos do Norte. Essa esperança de paz, presumi, também fora o motivo por trás do convite de Uther a Gundleus para visitar Norwenna na primavera, mas os tronos vazios pareciam falar apenas de uma inimizade continuada. Se não houvesse paz, alertou Agrícola seriamente, o rei de Gwent não teria opção além de ir à guerra contra Gorfyddyd de Powys e seu aliado, Gundleus de Silúria. Uther assentiu, dando seu consentimento à ameaça.

De mais ao norte, informou Agrícola, vinham notícias de que Leodegan, rei de Henis Wyren, tinha sido expulso de seu reino por Diwrnach, o invasor irlandês que dera o nome de Lleyrn às terras recém-conquistadas. O deposto Leodegan, acrescentou Agrícola, tinha procurado abrigo com o rei Gorfyddyd de Powys porque Cadwallon de Gwynedd não quis aceitá-lo. Houve mais risos diante dessa notícia, porque o rei Leodegan era famoso por suas tolices.

— Também ouvi dizer — prosseguiu Agrícola quando o riso diminuiu — que mais invasores irlandeses entraram em Demetia e estão pressionando as fronteiras ocidentais de Powys e Silúria.

— Eu devo falar por Silúria, e ninguém mais — interveio uma voz forte vinda da porta.

Houve uma enorme agitação enquanto cada homem no salão se virava para olhar em direção à porta. Gundleus tinha vindo.

O rei de Silúria entrou no salão como um herói. Não havia hesitação nem pedido de desculpas em sua postura, ainda que seus guerreiros tivessem atacado repetidamente a terra de Tewdric, assim como tinham vindo em direção ao sul, atravessando o mar de Severn para atacar o país de Uther. Gundleus parecia tão confiante que precisei me lembrar de como ele tinha fugido de Nimue no salão de Merlin. Atrás de Gundleus, arrastando os pés e babando, vinha Tanaburs, o druida, e de novo me escondi ao me lembrar do poço da morte. Uma vez Merlin tinha me dito que o fracasso de Tanaburs em me matar tinha posto a alma dele sob

meu comando, mas eu ainda estremecia de medo olhando o velho entrar no salão com os cabelos chocalhando por causa dos pequenos ossos pendurados nas pontas.

Atrás de Tanaburs, com as longas espadas em bainhas envoltas em tecido vermelho, vinha a comitiva de Gundleus. Os cabelos e os bigodes deles estavam trançados e as barbas eram compridas. Ficaram com os outros guerreiros, empurrando-os para o lado para fazer uma sólida falange de homens orgulhosos vindo ao Alto Conselho de seus inimigos, enquanto Tanaburs, vestido em sua túnica cinza e suja bordada com luas crescentes e lebres correndo, encontrou espaço entre os conselheiros. Owain, sentindo cheiro de sangue, tinha se levantado para barrar o caminho de Gundleus, mas Gundleus ofereceu ao campeão do Grande Rei o punho de sua espada para mostrar que viera em paz, em seguida se prostrou no chão de mosaico diante do trono de Uther.

— Levante-se, Gundleus Ap Meilyr, rei de Silúria — ordenou Uther, depois estendeu a mão num gesto de boas-vindas. Gundleus subiu no tablado e beijou a mão antes de tirar das costas o escudo com o brasão mostrando uma máscara de raposa. Colocou-o com os outros escudos, depois ocupou seu trono e passou a olhar o salão em volta, como se estivesse muito satisfeito em estar presente. Cumprimentou conhecidos com a cabeça, murmurando surpresa ao ver alguns e sorrindo para outros. Todos os homens a quem cumprimentou eram seus inimigos, no entanto ele parecia relaxado na cadeira, como se estivesse sentado perto do fogo em sua casa. Até mesmo pendurou uma das pernas compridas no braço da cadeira. Ergueu uma das sobranceiras quando viu as duas mulheres e a mim, e detectei um leve desprezo quando reconheceu Nimue. Mas o desprezo desapareceu enquanto seu olhar perpassava a multidão. Tewdric o convidou cordialmente a dar notícias de seu reino ao Alto Conselho, mas Gundleus apenas sorriu e disse que tudo ia bem em Silúria.

Não vou cansá-los com a maior parte das questões do dia. Nuvens se juntaram sobre Glevum enquanto disputas eram resolvidas, casamentos acertados e julgamentos feitos. Gundleus, ainda que jamais admitindo suas invasões, consentiu em pagar a Tewdric uma gratificação de bois, ovelhas e ouro, com a mesma compensação para o Grande Rei, e muitas queixas menores foram resolvidas de modo semelhante. As discussões eram longas e os pedidos emaranhados, mas uma a uma as questões foram decididas. Tewdric fez a maior parte do trabalho, mas nunca sem um olhar de lado para o Grande Rei, para detectar qualquer gesto minúsculo que desse a entender a decisão de Uther. Afora esses gestos, Uther praticamente não se mexia, a não ser quando um escravo lhe trazia água, pão ou um remédio que Morgana fizera com folhas de unha-de-cavalo embebidas em hidromel para acalmar sua tosse. Só deixou o tablado uma vez para mijar contra a parede dos fundos do

salão enquanto Tewdric, sempre paciente e sempre cuidadoso, considerava uma disputa de fronteira entre dois chefes de seu próprio reino. Uther cuspiu em sua urina para afastar o mal, depois voltou mancando ao tablado enquanto Tewdric dava o julgamento que, como todos os outros, foi registrado em pergaminho por três escribas sentados numa mesa atrás do tablado.

Uther guardava a pouca energia para as questões mais importantes, que vieram depois do entardecer. Foi um crepúsculo escuro, e os servos de Tewdric tinham posto mais uma dúzia de tochas acesas no salão. Também havia começado a chover forte, e o salão ficou frio enquanto a água encontrava buracos no teto e pingava no chão ou corria em riachos pelas paredes de tijolos. De repente ficou tão frio que um braseiro — um cesto de ferro de 1,20 metro de comprimento — foi cheio com lenha e aceso perto dos pés do Grande Rei. Os escudos reais foram afastados e o trono de Tewdric puxado para o lado, para que o calor do braseiro chegasse a Uther. A fumaça de madeira pairava no salão, misturando-se às sombras altas enquanto buscava uma saída até a chuva.

Finalmente Uther se levantou para falar ao Alto Conselho. Ele estava pouco firme, por isso se apoiou numa grande lança de caçar javalis enquanto abria a mente sobre seu reino. Dumnonia, disse ele, tinha um novo edling, e devíamos agradecer aos Deuses por essa misericórdia, mas o edling era fraco, era um bebê e tinha um pé aleijado. Murmúrios receberam a confirmação do mau presságio que já se espalhara em boatos, mas diminuíram quando Uther ergueu a mão pedindo silêncio. A fumaça o envolvia, dando-lhe um ar espectral como se sua alma já estivesse vestida com o corpo-sombra do Outro Mundo. O ouro brilhava em seu pescoço e nos pulsos, e um fino filete de ouro, a coroa do rei, circundava os cabelos brancos e ralos.

— Estou velho e não viverei muito. — Ele acalmou os protestos com outro gesto frágil da mão. — Não afirmo que meu reino esteja acima de qualquer outro nesta terra, mas digo que se Dumnonia cair diante dos saxões, toda a Britânia cairá. Se Dumnonia cair, perderemos a ligação com Armórica e nossos irmãos do outro lado do mar. Se Dumnonia cair os saxões terão dividido a terra da Britânia, e uma terra dividida não pode sobreviver. — Ele fez uma pausa, e por um segundo pensei que estava cansado demais para continuar, mas então aquela grande cabeça de touro se ergueu e Uther continuou falando: — Os saxões não devem chegar ao mar de Severn! — Ele gritou o credo que estivera no âmago de suas ambições durante todos aqueles anos. Enquanto os saxões estivessem contidos pelos britânicos havia uma chance de que um dia pudessem ser impelidos de volta ao mar Germânico, mas se chegassem à nossa Costa Oeste teriam separado Dumnonia de Gwent, e os britânicos do Sul dos britânicos do Norte. — Os homens de Gwent — prosseguiu Uther — são nossos maiores guerreiros — e aqui ele prestou tributo a

Agrícola —, mas não é segredo que Gwent vive do pão da Dumnonia. Dumnonia precisa ser mantida, ou então a Britânia será perdida. Tenho um neto, e o reino é dele! O reino é para ser governado por Mordred quando eu morrer. Esta é a minha lei! — E nesse ponto ele bateu com a lança na plataforma e, por um momento, a antiga força do Pendragon brilhou em seus olhos. Independentemente de qualquer outra coisa que fosse decidida aqui, o reino não sairia da linhagem de Uther, pois esta era a lei de Uther e agora todo mundo no salão sabia disso. Tudo que restava era decidir como a criança aleijada seria protegida até ter idade suficiente para assumir o reino.

E assim as discussões começaram, se bem que todo mundo sabia o que já fora decidido. Por que outro motivo Gundleus estava tão relaxado em seu trono? Mas alguns homens ainda apresentaram outros candidatos para a mão de Norwenna. O príncipe Gereint, Senhor das Pedras, que tinha as fronteiras da Dumnonia com os saxões, propôs Meurig Ap Tewdric, edling de Gwent, mas todo mundo no salão sabia que a proposta era apenas um modo de elogiar Tewdric e jamais seria aceita porque Meurig era uma mera criança que vivia enfiando o dedo no nariz e não tinha chance de defender a Dumnonia contra os saxões. Gereint, tendo cumprido o seu dever, sentou-se e ouviu quando um dos conselheiros de Tewdric propôs o príncipe Cuneglas, o filho mais velho de Gorfyddyd, e portanto edling de Powys. Um casamento com o príncipe herdeiro da coroa inimiga, afirmou o conselheiro, forjaria a paz entre Powys e Dumnonia, os dois reinos britânicos mais poderosos, porém a sugestão foi implacavelmente derrubada pelo bispo Bedwin, que sabia que o seu senhor jamais entregaria o reino aos cuidados de um homem que era filho do pior inimigo de Tewdric.

Tristan, príncipe de Kernow, era outro candidato, mas hesitou, sabendo muito bem que ninguém da Dumnonia confiaria em seu pai, o rei Mark. Meriadoc, príncipe de Stronggore, foi sugerido, mas Stronggore, um reino a leste de Gwent, já estava meio perdido para os saxões, e se um homem não era capaz de manter seu próprio reino, como poderia manter outro? E quanto às casas reais da Armórica?, perguntou alguém, mas ninguém sabia se os príncipes do outro lado do mar abandonariam sua terra, a Bretanha, para defender a Dumnonia.

Gundleus. Tudo retornava a Gundleus.

Mas então Agrícola falou o nome que quase todos os homens no salão queriam e temiam ouvir. O velho soldado se levantou, com a armadura romana brilhando e os ombros retos, e olhou para Uther, o Pendragon, direto nos olhos remelentos.

— Artur — disse Agrícola. — Eu proponho Artur.

Artur. O nome ressoou no salão, e então o eco que morria foi afogado pelo ruído súbito das lanças batendo no chão. Os lanceiros que aplaudiam eram guerreiros da Dumnonia, homens que tinham seguido

Artur em batalha e conheciam seu valor, mas a rebelião foi breve.

Uther, o Pendragon, Grande Rei da Britânia, levantou sua lança e baixou-a uma vez. Houve um silêncio imediato no qual apenas Agrícola ousava desafiar o Grande Rei.

— Proponho que Artur se case com Norwenna — disse ele respeitosamente, e até eu, por mais novo que fosse, soube que Agrícola devia estar falando por seu senhor, o rei Tewdric, e isso me deixou perplexo, porque achava que Gundleus era o candidato de Tewdric. Se Gundleus pudesse ser separado de sua amizade com Powys, a nova aliança entre Dumnonia, Gwent e Silúria sustentaria toda a terra nas duas margens do mar de Severn, e essa aliança tríplice seria um baluarte contra Powys e os saxões. Eu deveria saber, claro, que, ao sugerir Artur, Tewdric estava invocando uma recusa que teria de ser recompensada com um favor.

— Artur Ap Neb — disse Uther, e esta última palavra foi recebida com um ofegar de surpresa horrorizada: “não é do sangue”. Não poderia haver argumento com tal decreto e Agrícola, aceitando a derrota, curvou-se e se sentou. Neb significava ninguém, e Uther estava negando que era pai de Artur, assim declarando que Artur não tinha sangue real e portanto não poderia se casar com Norwenna. Um bispo dos Belgae argumentou em favor de Artur, protestando que os reis sempre tinham sido escolhidos na nobreza e que os costumes que serviram no passado deveriam servir no futuro, mas sua objeção verborrágica foi silenciada por um olhar feroz de Uther. A chuva entrou redemoinhando por uma das janelas altas e sibilou no fogo.

O bispo Bedwin se levantou de novo. Poderia parecer que até esse momento toda a conversa sobre o futuro de Norwenna fora apenas conversa vã, mas pelo menos as alternativas tinham sido arejadas, e assim os homens de bom senso podiam entender o raciocínio por trás do anúncio feito agora por Bedwin.

Bedwin disse em voz afável que Gundleus de Silúria era um homem sem esposa. Houve um murmúrio no salão quando os homens lembraram dos boatos do escandaloso casamento de Gundleus com sua amante plebeia, Ladwys, mas Bedwin ignorou o distúrbio. Algumas semanas antes, continuou o bispo, Gundleus tinha visitado Uther e feito a paz com o Grande Rei, e agora era o prazer de Uther que Gundleus se casasse com Norwenna e fosse protetor, ele repetiu a palavra, protetor do reino de Mordred. Como sinal de suas boas intenções, Gundleus já pagara um preço em ouro ao rei Uther e esse preço fora aceito. Havia alguns, admitiu arejadamente o bispo Bedwin, que poderiam não confiar num homem que até recentemente fora inimigo, mas como outro sinal de sua mudança de ânimo Gundleus de Silúria tinha concordado em abandonar a antiga reivindicação de Silúria ao reino de Gwent e, ainda mais, ele iria se tornar cristão sendo batizado publicamente no rio

Severn abaixo das muralhas de Glevum na manhã seguinte. Todos os cristãos presentes gritaram aleluia, mas eu estava olhando o druida Tanaburs e imaginei por que o velho maligno não mostrava sinal de desaprovação por seu senhor renegar tão publicamente a religião antiga.

Também imaginei por que aqueles adultos eram tão rápidos em dar as boas-vindas a um ex-inimigo, mas é claro que estavam desesperados. Um reino estava sendo passado a uma criança aleijada, e Gundleus, a despeito de seu passado traiçoeiro, era um guerreiro famoso. Se ele se mostrasse sincero, a paz da Dumnonia e Gwent estava garantida. Mas Uther não era idiota, por isso fez o máximo para proteger o neto caso Gundleus se mostrasse falso. Dumnonia, decretou Uther, seria governada por um conselho até Mordred ter idade para pegar a espada. Gundleus presidiria o conselho e meia dúzia de homens, o principal sendo o bispo Bedwin, serviria como seus conselheiros. Tewdric de Gwent, firme aliado da Dumnonia, era convidado a mandar dois homens, e o conselho, assim composto, teria o governo final da terra. Gundleus não ficou satisfeito com a decisão. Não tinha pagado dois cestos de ouro para sentar-se num conselho de velhos, mas sabia que não deveria protestar. Manteria a paz enquanto o reino de sua nova noiva e do enteado estivesse amarrado por regras.

E mais regras ainda foram determinadas. Mordred, disse Uther, teria três guardiães juramentados; homens ligados por juramento de morte para defender a vida do menino com sua própria. Se algum homem fizesse mal a Mordred os guerreiros jurados vingariam o mal, ou então sacrificariam a própria vida. Gundleus ficou sentado imóvel enquanto o edito era preparado, mas agitou-se desconfortavelmente quando os defensores foram citados. Um era o rei Tewdric de Gwent; Owen, o campeão da Dumnonia, era outro; e Merlin, senhor de Avalon, o terceiro.

Merlin. Os homens tinham esperado esse nome assim como esperaram o de Artur. Geralmente Uther não tomava nenhuma decisão importante sem o conselho de Merlin, mas este não estava presente. Merlin não era visto na Dumnonia havia meses. Pelo que todos sabiam, poderia estar morto.

Foi então que Uther olhou para Morgana pela primeira vez. Ela deve ter se agitado quando a paternidade de seu irmão foi questionada, assim como a sua, mas não fora convocada ao Alto Conselho como filha bastarda de Uther, e sim como profetisa da confiança de Merlin. Depois de Tewdric e Owain terem feito seus juramentos de morte, Uther olhou para a mulher de um olho só e aleijada. Os cristãos no salão fizeram o sinal da cruz, que era o seu modo de se guardar contra os maus espíritos.

— E então? — perguntou Uther a Morgana.

Morgana estava nervosa. O que se precisava de sua parte era uma

afirmação de que Merlin, seu companheiro nos mistérios, aceitava o alto cargo imposto pelo juramento. Ela estava ali como sacerdotisa, não como conselheira, e deveria ter respondido como uma sacerdotisa. Não o fez, e sua resposta foi insuficiente.

— Meu senhor Merlin ficará honrado com a designação, grande senhor.

Nimue gritou. O som foi tão súbito e fantasmagórico que por todo o salão os homens estremeceram e apertaram suas lanças com força. O pelo nas costas dos cães de caça se eriçou. Então o grito diminuiu, deixando um silêncio entre os homens. A fumaça se juntava no teto escuro, em grandes formas iluminadas pelas tochas, e então, na esteira do grito e distante na noite abalada pela tempestade, houve o som de um trovão.

Trovão! Os cristãos fizeram o sinal da cruz de novo, mas nenhum homem ali poderia ter duvidado do sinal. Taranis, o Deus do trovão, havia falado, prova de que os Deuses tinham vindo ao Alto Conselho. E mais, vieram a chamado de uma garota que, apesar do frio que fazia os homens apertarem os mantos em volta do corpo, usava apenas uma túnica branca e uma cinta de escrava.

Ninguém andou, ninguém falou, ninguém sequer se mexeu. Os chifres de hidromel foram pousados e os homens não coçaram os piolhos. Não havia mais reis aqui, nem guerreiros. Não havia bispos, nem sacerdotes tonsurados, nem homens velhos e sábios. Havia apenas uma multidão silenciosa que olhava espantada uma garota se levantar e soltar os cabelos, deixando-os cair negros e compridos nas costas magras e brancas. Morgana olhou para o chão, Tanaburs ficou boquiaberto e o bispo Bedwin murmurou orações silenciosas enquanto Nimue ia até o local dos discursos, ao lado do braseiro. Estendeu os braços dos dois lados e se virou muito devagar, acompanhando a direção do movimento do sol, de modo que cada homem no salão pudesse ver seu rosto. Era um rosto de horror. Os olhos mostravam o branco, nada mais, e a língua se projetava de uma boca distorcida. Ela se virou e se virou de novo, cada vez mais rápido, e juro que um tremor comunal perpassou a multidão. Agora ela tremia enquanto girava, e chegando cada vez mais perto daquele fogo baixo até que ameaçava cair nas chamas, mas de repente saltou no ar e deu um grito antes de desmoronar nos pequenos ladrilhos. Depois, como uma fera, ficou de quatro, abrindo caminho para a frente e para trás ao longo da fileira de escudos que tinham sido separados para deixar que o calor do fogo aquecesse as pernas do Grande Rei, e quando chegou ao escudo da raposa, de Gundleus, levantou-se como uma serpente dando o bote e cuspiu uma vez.

O cuspe pousou na raposa.

Gundleus se levantou de seu trono, mas Tewdric o segurou.

Tanaburs também ficou de pé, mas Nimue se virou para ele, com os olhos ainda mostrando o branco, e gritou. Apontou para ele, o grito ululando e ecoando no vasto salão romano, e o poder de sua magia fez Tanaburs se encolher no chão.

Depois Nimue estremeceu, seus olhos reviraram e pudemos ver de novo as pupilas castanhas. Ela piscou para o salão apinhado como se estivesse surpresa em se ver em tal lugar, e então, de costas para o Grande Rei, ficou absolutamente imóvel. A imobilidade denotava que ela estava na mão dos Deuses e que, quando falasse, estaria falando por eles.

— Merlin vive? — perguntou Tewdric respeitosamente.

— Claro que vive. — A voz de Nimue estava cheia de desprezo e ela não dirigiu qualquer título ao rei que a havia interrogado. Estava com os Deuses e não tinha necessidade de demonstrar respeito a meros mortais.

— Onde ele está?

— Ele se foi — disse Nimue e se virou para olhar o rei togado, sobre a plataforma.

— Foi para onde? — perguntou Tewdric.

— Procurar o Conhecimento da Britânia.

Cada homem prestava muita atenção a isso, finalmente era uma novidade real. Eu podia ver Sansum, o Lorde Camundongo, se retorcendo em sua necessidade desesperada de protestar contra essa interferência pagã no Alto Conselho, mas enquanto o rei Tewdric interrogasse a garota não havia como um mero sacerdote interferir.

— O que é o Conhecimento da Britânia? — perguntou o Grande Rei Uther.

Nimue girou de novo, uma volta inteira no sentido do sol, mas girava apenas para juntar os pensamentos para a resposta que, quando veio, foi dada numa voz entoada, hipnótica.

— O Conhecimento da Britânia são as coisas dos nossos ancestrais, os dons dos Deuses, as Treze Propriedades dos Treze Tesouros que, quando reunidas, vão nos dar o poder de reivindicar nossa terra. — Ela fez uma pausa e, quando falou de novo, a voz voltara ao timbre normal. — Merlin luta para costurar esta terra, tornando-a uma outra vez, uma terra britânica — e aqui Nimue girou de modo que encarasse direto os olhos pequenos e indignados de Sansum — com Deuses britânicos. — E se virou de novo para o Grande Rei. — E se o lorde Merlin fracassar, Uther da Dumnonia, todos morreremos.

Um murmúrio ressoou no salão. Agora Sansum e os cristãos estavam ganindo em protesto, mas Tewdric, o rei cristão, fez um gesto para que silenciassem.

— Estas são palavras de Merlin? — perguntou ele a Nimue.

Nimue deu de ombros como se a pergunta fosse irrelevante.

— Estas não são minhas palavras — disse, insolente.

Uther não tinha dúvida de que Nimue, mera criança prestes a virar mulher, não falava por si, e sim por seu senhor, por isso inclinou o corpanzil para a frente e franziu a testa para ela.

— Pergunte a Merlin se ele aceitará meu juramento. Pergunte! Ele vai proteger o meu neto?

Nimue parou durante longo tempo. Acho que sentia a verdade da Britânia antes de cada um de nós, antes mesmo de Merlin e certamente muito antes de Artur, se, de fato, Artur algum dia soubesse, mas algum instinto não a deixava falar essa verdade àquele homem velho, agonizante e teimoso.

— Merlin, meu senhor rei — disse ela finalmente numa voz cansada que dava a entender que apenas se desencarregava de um dever necessário, mas que desperdiçava tempo —, promete neste momento, com a vida de sua alma, que aceitará o juramento de morte para proteger o seu neto.

— Desde que! — Morgana nos espantou a todos com a interjeição. Ela se levantou, parecendo agachada e escura ao lado de Nimue. A luz do fogo brilhava em seu capacete dourado. — Desde que! — gritou ela de novo, depois se lembrou de se balançar para trás e para a frente na fumaça do braseiro, como a sugerir que os Deuses estavam tomando o seu corpo. — Desde que, diz Merlin, Artur compartilhe o juramento. Artur e seus homens devem ser guardiães de seu neto. Merlin falou! — Ela disse as palavras com toda a dignidade de alguém acostumada a ser oráculo e profetisa, mas eu, pelo menos, percebi que nenhum trovão ressoou na noite varrida pela chuva.

Gundleus ficou de pé protestando contra o pronunciamento de Morgana. Ele já havia passado por um conselho de seis e um trio de guardiões juramentados para ver seu poder imposto, mas agora propunham que seu novo reino sustentasse um bando de guerreiros possivelmente inimigos.

— Não! — gritou ele de novo, mas Tewdric ignorou o protesto enquanto descia da plataforma para ficar ao lado de Morgana, de frente para o Grande Rei. Assim ficou claro para a maioria de nós no salão que Morgana, mesmo que estivesse pronunciando a voz de Merlin, falara o que Tewdric queria que ela falasse. O rei Tewdric de Gwent podia ser um bom cristão, mas era um político melhor e sabia exatamente quando deveria contar com o apoio dos Deuses antigos para as suas exigências.

— Artur Ap Neb e seus guerreiros — disse Tewdric ao Grande Rei — serão uma garantia melhor para a vida de seu neto do que qualquer juramento meu, ainda que Deus saiba que meu juramento é solene.

O príncipe Gereint, sobrinho de Uther e, depois de Owain, o mais poderoso comandante guerreiro na Dumnonia, poderia ter protestado contra a indicação de Artur, mas o Senhor das Pedras era um homem honesto, de ambição limitada, que duvidava de sua capacidade de

liderar todos os exércitos da Dumnonia, por isso ficou ao lado de Tewdric e acrescentou o seu apoio. Owain, que era o líder da Guarda Real de Uther, bem como campeão do Grande Rei, pareceu menos feliz diante da indicação de um rival, mas finalmente ele também se levantou ao lado de Tewdric e grunhiu, concordando.

Ainda assim, Uther hesitou. Havia um número da sorte, e três guardiões juramentados deveriam bastar, e o acréscimo de um quarto poderia arriscar o desprazer dos Deuses, mas Uther devia a Tewdric um favor por ter descartado a proposta de Artur como marido de Norwenna, e agora o Grande Rei pagava sua dívida.

— Artur deve fazer o juramento — concordou ele, e só os Deuses sabiam como era difícil para o Grande Rei nomear o homem que ele acreditava ser responsável pela morte de seu filho amado, mas nomeou, e o salão ressoou com as aclamações. Apenas os silurianos de Gundleus ficaram quietos enquanto as lanças quebravam o piso e os gritos dos guerreiros ecoavam na amplidão escura e enfumaçada.

Assim, quando terminou o Alto Conselho, Artur, filho de ninguém, foi escolhido para ser um dos guardiões juramentados de Mordred.

NORWENNA E GUNDLEUS SE CASARAM duas semanas depois do fim do Alto Conselho. A cerimônia foi realizada num templo cristão em Abona, uma cidade portuária na nossa Costa Norte, virada para Silúria, que ficava do outro lado do mar de Severn, e pode não ter sido uma ocasião de alegria, porque Norwenna voltou naquela mesma noite para Ynys Wydryn. Nenhum de nós, do Tor, foi à cerimônia, ainda que um bocado dos monges de Ynys Wydryn e suas esposas tenham acompanhado a princesa. Ela voltou para nós como rainha Norwenna de Silúria, ainda que a honra não lhe trouxesse novos guardas nem mais serviçais. Gundleus navegou de volta para o seu país, onde, pelo que ouvimos dizer, havia escaramuças contra os Ui Liatháin, os irlandeses Escudos Pretos que tinham colonizado o antigo reino britânico de Dyfed, que os Escudos Pretos chamavam de Demetia.

A vida praticamente não mudou por termos uma rainha entre nós. Nós, do Tor, poderíamos parecer preguiçosos comparados às pessoas que viviam embaixo do morro, mas ainda tínhamos nossos deveres. Cortávamos feno e o espalhávamos em fileiras para secar, terminávamos de tosquiar as ovelhas e púnhamos o linho recém-cortado em poços fétidos para macerar e depois fazer fios. Todas as mulheres de Ynys Wydryn tinham rocas e fusos onde fiavam a lã recém-tosquiada e apenas a rainha, Morgana e Nimue eram poupadas dessa tarefa interminável. Druidan castrava porcos, Pellinore comandava exércitos imaginários, e Hywel, o administrador, preparava suas varetas da contabilidade para contar os arrendamentos do verão. Merlin não veio a Avalon, nem recebemos qualquer notícia dele. Uther descansava em seu palácio na Durnovária enquanto Mordred, seu herdeiro, crescia sob os cuidados de Morgana e Guendoloen.

Artur permaneceu na Armórica. Disseram-nos que ele finalmente viria para a Dumnonia, mas só depois de ter cumprido o dever para com Ban, cujo reino de Benoic era vizinho de Broceliande, o reino do rei Budic que era casado com Anna, a irmã de Artur. Para nós, esses reinos da Bretanha eram um mistério, uma vez que ninguém em Ynys Wydryn jamais tinha cruzado o mar para explorar os lugares onde tantos britânicos expulsos pelos saxões haviam buscado refúgio. Sabíamos que Artur era o comandante guerreiro de Ban, e que assolara o país a oeste de Benoic para manter o inimigo franco a distância, já que nossas noites de inverno tinham sido cheias de inveja com as histórias sobre o rei Ban. O rei de Benoic era casado com uma rainha chamada Elaine, e os dois fizeram um reino maravilhoso onde a justiça era rápida e justa, e onde

até mesmo o servo mais pobre era alimentado no inverno com a comida vinda dos armazéns reais. Tudo parecia bom demais para ser verdade, ainda que muito mais tarde eu tenha visitado o reino de Ban e visto que as histórias não eram exageradas. Ban erguera sua capital numa fortaleza em uma ilha, Ynys Trebes, famosa por seus poetas. O rei era pródigo em afeto e dinheiro para a cidade que tinha a reputação de ser mais bonita do que a própria Roma. Dizia-se que em Ynys Trebes havia fontes que Ban havia canalizado e represado, de modo que cada casa pudesse encontrar água limpa não muito longe de sua porta. As balanças dos mercadores eram testadas para a precisão, o palácio do rei ficava aberto dia e noite aos que buscavam compensação ou apresentavam queixas, e as várias religiões recebiam ordem de viver em paz, caso contrário teriam seus templos e igrejas derrubados e transformados em pó. Ynys Trebes era um porto de paz, mas somente enquanto os soldados de Ban mantivessem os inimigos longe de suas muralhas, e era por isso que o rei Ban relutava tanto em deixar Artur partir para a Britânia. E talvez Artur também não quisesse vir à Dumnonia enquanto Uther ainda vivesse.

Na Dumnonia aquele verão foi abençoado. Juntamos o feno seco em grandes pilhas que montávamos sobre grossas bases de samambaias que impediriam a umidade de subir e manteriam os ratos a distância. O centeio e a cevada amadureciam nos campos que formavam colchas de retalhos em toda a terra entre os pântanos de Avalon e Caer Cadarn, macieiras cresciam densas nos pomares do leste enquanto enguias e lúcios engordavam em nossos lagos e riachos. Não havia peste nem lobos, e poucos saxões. De vez em quando víamos uma distante pira de fumaça no horizonte sudeste e achávamos que um ataque de navios piratas saxões tinha queimado um povoado, mas depois do terceiro incêndio assim o príncipe Gereint liderou um bando de guerreiros para se vingar pela Dumnonia, e os ataques saxões pararam. O chefe saxão chegou a pagar tributo na época certa, ainda que esse fosse o último tributo que recebêssemos de um saxão por muitos anos, e sem dúvida boa parte do pagamento havia sido pilhado de nossas próprias aldeias na fronteira. Mesmo assim, aquele verão foi um tempo bom, e Artur, pelo que os homens diziam, morreria de tédio se trouxesse seus famosos cavaleiros para a pacífica Dumnonia. Até mesmo Powys estava calmo. O rei Gorfyddyd tinha perdido a aliança com Silúria, mas, em vez de se virar contra Gundleus, ele ignorou o casamento dumnoniano e concentrou suas lanças contra os saxões que ameaçavam seu território ao norte. Gwynedd, o reino ao norte de Powys, tinha dificuldades com os temíveis soldados irlandeses de Diwrnach de Lley, mas na Dumnonia, o mais abençoado dos reinos britânicos, havia uma paz roliça e céus quentes.

Entretanto foi naquele verão, naquele verão quente e idílico, que

matei meu primeiro inimigo e assim me tornei homem.

Porque a paz nunca dura, e a nossa foi rompida do modo mais cruel. Uther, o Grande Rei e Pendragon da Britânia, morreu. Todos sabíamos que ele estava doente, todos sabíamos que iria morrer logo, de fato sabíamos que ele fizera todo o possível para preparar a própria morte, mas de algum modo achávamos que esse momento nunca viria. Ele fora rei por muito tempo, e sob seu governo a Dumnonia havia prosperado; parecia que nada poderia mudar nunca. Mas então, logo antes da colheita, o Pendragon morreu. Nimue disse ter ouvido uma lebre gritar ao sol do meio-dia, no momento exato, enquanto Morgana, tendo perdido o pai, fechou-se em sua cabana e chorou como uma criança.

O corpo de Uther foi queimado ao modo antigo. Bedwin teria preferido dar ao Grande Rei um funeral cristão, mas o resto do conselho se recusou a sancionar tal sacrilégio, e assim seu cadáver inchado foi posto na pira sobre o cume do Caer Maes, e ali entregue às chamas. Sua espada foi derretida pelo ferreiro Ystrwth, e o aço fundido foi jogado num lago para que Gofannon, o Deus Ferreiro do Outro Mundo, pudesse forjar a espada de novo para a alma renascida de Uther. O metal queimado sibilou ao bater na água, e sua fumaça voou como uma nuvem densa enquanto os videntes se curvavam sobre o lago para predizer o futuro do rei nas formas torturadas adotadas pelo metal que esfriava. Eles deram boas-novas, apesar de o bispo Bedwin ter tido o cuidado de mandar seus mensageiros mais velozes ao sul, para Armórica, convocar Artur, enquanto homens mais lentos viajavam para Silúria, ao norte, indo contar a Gundleus que o reino de seu enteado estava precisando de seu protetor oficial.

A fogueira de Uther queimou durante três noites. Só então as chamas tiveram permissão de morrer, um processo apressado por uma tempestade poderosa que veio do mar Ocidental. Grandes nuvens cobriram o céu, raios assolaram a terra do homem morto e uma chuva forte golpeou uma larga faixa de plantações que cresciam. Em Ynys Wydryn nos agachávamos nas cabanas e ouvíamos a chuva que tamborilava e o trovão estrondoso, e víamos a água cascadear em riachos que desciam dos tetos de palha. Foi durante essa tempestade que o mensageiro do bispo Bedwin trouxe a grande bandeira do dragão para Mordred. O mensageiro teve de gritar feito um ensandecido para atrair a atenção de alguém dentro da paliçada, mas finalmente Hywel e eu abrimos o portão, e assim que a tempestade passou e o vento morreu, plantamos a bandeira diante do salão de Merlin, como sinal de que Mordred era agora o rei da Dumnonia. O bebê não era o Grande Rei, claro, porque esta era uma honra dada a um rei ao ser reconhecido pelos outros como estando acima deles todos. Tampouco Mordred era o Pendragon, pois esse título só era dado a um Grande Rei que tivesse obtido a posição durante uma batalha. De fato, Mordred ainda não era

sequer o rei da Dumnonia, nem seria enquanto não fosse levado a Caer Cadarn e ali proclamado com espada e grito sobre a pedra real do reino, mas era o dono da bandeira, e assim o dragão vermelho se agitava diante do alto salão de Merlin.

A bandeira era um quadrado de linho branco com a largura e a altura da lança de um guerreiro. Era mantida aberta por hastes de salgueiro enfiadas nas bainhas e presa a uma grande haste de olmo coroadado pela figura dourada de um dragão. O dragão bordado na bandeira era feito de lã vermelha que soltava tinta na chuva, manchando o linho na parte inferior e deixando-o rosado. A chegada da bandeira foi seguida, dentro de alguns dias, pela da Guarda Real, uma centena de homens comandados por Owain, o campeão, cuja tarefa era proteger Mordred, rei da Dumnonia. Owain trouxe uma sugestão do bispo Bedwin, de que Norwenna e Mordred deveriam se mudar para Durnovária, no Sul, sugestão que Norwenna aceitou ansiosa, porque queria criar o filho numa comunidade cristã, e não no ar descaradamente pagão do Tor, mas, antes que pudessem ser feitos os arranjos, vieram más notícias do Norte do país. Gorfyddyd de Powys, ao saber da morte do Grande Rei, tinha mandado seus lanceiros atacar Gwent, e agora os homens de Powys estavam queimando, saqueando e pegando cativos dentro do território de Tewdric. Agrícola, o comandante romano de Tewdric, lutava, mas os traiçoeiros saxões, sem dúvida mancomunados com Gorfyddyd, haviam trazido seus bandos de guerreiros para Gwent, e subitamente nosso aliado mais antigo estava lutando pela própria existência de seu reino. Em vez disso Owain, que teria escoltado Norwenna e o bebê para o sul até Durnovária, levou seus guerreiros para o norte, indo ajudar o rei Tewdric, e Ligessac, que era de novo comandante da guarda de Mordred, insistiu em que o bebê estaria mais seguro por trás da ponte de terra de Ynys Wydryn, que podia ser defendida com mais facilidade, do que em Caer Cadarn ou Durnovária, e assim, relutantemente, Norwenna permaneceu no Tor.

Ficamos com a respiração presa para ver que lado Gundleus de Silúria escolheria, e a resposta veio rapidamente. Ele lutaria por Tewdric, contra seu velho aliado Gorfyddyd. Gundleus mandou a Norwenna uma mensagem dizendo que suas tropas atravessariam os passos nas montanhas para atacar os homens de Gorfyddyd por trás, e que assim que os guerreiros de Powys fossem derrotados ele viria ao sul para proteger sua mulher e seu filho real.

Nós esperávamos notícias, dia e noite olhando os morros distantes à procura das fogueiras de sinalização que nos falariam do desastre ou da aproximação dos inimigos, e mesmo assim, apesar das incertezas da guerra, aqueles foram dias felizes. O sol curou a terra assolada pelas tempestades e secou o grão enquanto Norwenna, mesmo estando presa no Tor pagão, agora parecia mais confiante de que seu filho era rei.

Mordred sempre foi uma criança séria, de cabelos ruivos e coração teimoso, mas naqueles dias amenos ele parecia suficientemente feliz enquanto brincava com a mãe ou com Ralla, sua ama de leite, e o filho dela. O marido de Ralla, o carpinteiro Gwlyddyn, esculpiu para Mordred um conjunto de animais: patos, porcos, vacas e ovelhas, e o rei adorava brincar com eles, mesmo ainda sendo pequeno demais para saber o que eram. Norwenna ficava feliz quando seu filho estava feliz. Eu costumava vê-la fazer cócegas em Mordred para que ele risse, aninhá-lo quando ele sentia dor e sempre amando-o. Ela o chamava de seu reizinho, seu menino-amante-sempre-amado, seu milagre, e Mordred ria de volta e aquecia o coração infeliz da mãe. Ele engatinhava nu ao sol e todos víamos como seu pé esquerdo era torto e crescia para dentro como um punho fechado, mas afora isso ele crescia forte com o leite de Ralla e o amor da mãe. Foi batizado na igreja de pedra ao lado do Espinheiro Sagrado.

Notícias da guerra chegavam, e eram todas boas. O príncipe Gereint tinha derrotado um bando de guerreiros saxões na fronteira leste da Dumnonia enquanto mais ao norte Tewdric havia destruído outra força de atacantes saxões. Agrícola, liderando o resto do exército de Gwent em aliança com Owain da Dumnonia, tinha expulsado os invasores de Gorfyddyd de volta para os morros de Powys. Então veio um mensageiro de Gundleus dizendo que Gorfyddyd de Powys estava pedindo a paz, e o mensageiro jogou aos pés de Norwenna duas espadas powysianas capturadas, como penhor da vitória de seu marido. Ainda melhor, informou o homem, Gundleus de Silúria estava agora mesmo a caminho do Sul, para pegar sua noiva e seu precioso filho. Estava na hora, disse Gundleus, de que Mordred fosse proclamado rei em Caer Cadarn. Nada poderia ter sido mais doce aos ouvidos de Norwenna e, em sua felicidade, ela deu ao mensageiro um pesado bracelete de ouro antes de mandá-lo para o Sul, passar a mensagem do marido a Bedwin e ao conselho.

— Diga a Bedwin — ordenou ela — que aclamaremos Mordred antes da colheita. Que Deus dê rapidez ao seu cavalo!

O mensageiro partiu para o Sul e Norwenna começou a se preparar para a cerimônia de aclamação em Caer Cadarn. Ordenou aos monges do Espinheiro Sagrado que estivessem prontos para viajar com ela, mas proibiu que Morgana ou Nimue comparecessem, porque a partir desse dia, declarou, a Dumnonia seria um reino cristão e os feiticeiros pagãos seriam mantidos longe do trono de seu filho. A vitória de Gundleus tinha dado ousadia a Norwenna, encorajando-a a exercer uma autoridade que Uther jamais lhe permitiria.

Esperamos que Morgana ou Nimue protestassem por ser excluídas da cerimônia de aclamação, mas as duas receberam a proibição com uma calma surpreendente. Morgana, na verdade, simplesmente encolheu

os ombros pretos, mas naquele entardecer levou um caldeirão de bronze para os aposentos de Merlin e ali se trancou com Nimue. Norwenna, que tinha convidado o monge-chefe do Espinheiro Sagrado e sua mulher para jantarem no Tor, comentou que as feiticeiras estavam cozinhando o mal, e todo mundo no salão gargalhou. Os cristãos eram vitoriosos.

Eu não tinha tanta certeza de sua vitória. Nimue e Morgana não gostavam uma da outra, mas agora estavam trancadas juntas, e eu suspeitava de que apenas uma questão da maior importância poderia provocar tal reconciliação. Mas Norwenna não tinha dúvidas. A morte de Uther e as vitórias de seu marido estavam lhe trazendo uma liberdade abençoada, e logo ela deixaria o Tor e assumiria seu lugar de direito como mãe do rei numa corte cristã, onde seu filho cresceria à imagem de Cristo. Ela jamais esteve tão feliz quanto naquela noite em que reinava suprema; uma cristã no coração da residência pagã de Merlin.

Mas então Morgana e Nimue reapareceram.

Houve silêncio no salão quando as duas mulheres andaram até a cadeira de Norwenna onde, com devida humildade, se ajoelharam. O monge-chefe, um homenzinho feroz de barba eriçada e que fora curtidor antes de se converter a Cristo, e que ainda fedia ao estercor necessário em sua profissão antiga, exigiu saber o que elas queriam. Sua mulher se defendeu do mal fazendo o sinal da cruz, mas também cuspiu para se garantir.

Morgana respondeu ao monge por trás de sua máscara dourada. Falou com uma deferência incomum enquanto afirmava que o mensageiro de Gundleus tinha mentido. Ela e Nimue, disse Morgana, tinham olhado no caldeirão e visto a verdade refletida no espelho de água. Não havia vitória no Norte, e também não havia derrota, mas Morgana alertou que o inimigo estava mais perto de Ynys Wydryn do que qualquer um de nós poderia saber, e que deveríamos estar todos prontos para deixar o Tor às primeiras luzes e buscar segurança no Sul da Dumnonia. Morgana falou as palavras com seriedade e dando-lhes peso, e quando terminou se curvou diante da rainha, depois se inclinou desajeitadamente para beijar a bainha do vestido azul de Norwenna.

Norwenna puxou o vestido. Tinha ouvido em silêncio a profecia amarga, mas agora começou a chorar, e com as lágrimas súbitas veio um jorro de raiva.

— Você não passa de uma bruxa aleijada! E quer que seu irmão bastardo seja rei. Isso não vai acontecer! Você me ouviu! Não vai acontecer. Meu bebê é o rei!

— Grande senhora — Nimue tentou intervir, mas foi imediatamente interrompida.

— Você não é nada! — Norwenna virou-se ferozmente para Nimue. — Você não passa de uma criança histérica, filha do demônio. Você rogou uma praga contra o meu filho! Eu sei que rogou! Ele nasceu

aleijado porque você estava presente no nascimento dele. Ah, meu Deus! Meu filho! — ela gritava e chorava, batendo com o punho na mesa enquanto cuspiu o ódio contra Nimue e Morgana. — Agora vão! Vocês duas! Vão! — Houve silêncio no salão enquanto Nimue e Morgana saíram para a noite.

E na manhã seguinte pareceu que Norwenna devia estar certa, porque nenhuma fogueira de sinalização ardia nos morros ao norte. Na verdade foi o dia mais bonito daquele belo verão. A terra estava encorpada enquanto a colheita se aproximava, os morros ficavam enevoados com o calor sonolento, e o céu praticamente não tinha nuvens. Centáureas e papoulas cresciam nos bosques de espinheiros ao pé do Tor, e borboletas brancas navegavam as quentes correntes do ar que subiam como fantasmas por nossas encostas estampadas de verde. Norwenna, cega à beleza do dia, entoou suas orações matinais com os monges visitantes, depois decretou que iria se mudar do Tor e esperar a chegada do marido nos aposentos dos peregrinos no templo do Espinheiro Sagrado.

— Vivi muito tempo entre os malignos — anunciou com muita grandeza enquanto um guarda gritava um alerta na parede de leste.

— Cavaleiros! Cavaleiros!

Norwenna correu até a cerca onde uma multidão se juntava para olhar um grupo de cavaleiros armados atravessando a ponte de terra que levava da estrada romana até os morros verdes de Ynys Wydryn. Ligessac, comandante da guarda de Mordred, parecia saber quem estava chegando, porque mandou ordens a seus homens para deixarem os cavaleiros atravessarem a muralha de terra. Os cavaleiros esporearam os animais passando pelo portão no muro e vieram em nossa direção, sob uma bandeira luminosa que mostrava o símbolo vermelho da raposa. Era o próprio Gundleus, e Norwenna riu deliciada ao ver o marido cavalgando vitorioso, vindo da guerra, com a alvorada de um novo reino cristão luminoso na ponta de sua lança.

— Está vendo? — Ela se virou para Morgana. — Está vendo? Seu caldeirão mentiu. Há vitória!

Mordred começou a chorar por causa da agitação, e Norwenna ordenou bruscamente que ele fosse dado a Ralla, depois exigiu que seu melhor manto fosse apanhado e que um aro de ouro fosse posto em sua cabeça. E assim, vestida como rainha, esperou por seu rei diante das portas do salão de Merlin.

Ligessac abriu o portão de terra do Tor. A guarda desengonçada de Druidan formou uma fila desajeitada enquanto o pobre louco Pellinore gritava em sua jaula pedindo notícias. Nimue correu para os aposentos de Merlin enquanto eu ia pegar Hywel, o administrador de Merlin, que, eu sabia, ia querer dar as boas-vindas ao rei.

Os vinte cavaleiros silurianos desmontaram ao pé do Tor. Tinham

vindo da guerra, por isso traziam lanças, escudos e espadas. Hywel, com apenas uma perna, curvando-se com o peso de sua espada enorme, franziu a testa ao ver que o druida Tanaburs estava em meio ao grupo de silurianos.

— Eu pensava que Gundleus tinha abandonado a fé antiga — disse o administrador.

— Eu pensava que ele tinha abandonado Ladwys! — riu Gudovan, o escriba, depois apontou o queixo em direção aos cavaleiros que haviam começado a subir o caminho estreito e íngreme do Tor. — Está vendo? — disse Gudovan, e com certeza havia uma mulher entre os homens vestidos com armadura de couro. A mulher estava vestida como homem, mas os cabelos compridos e pretos voavam soltos. Carregava uma espada, mas não tinha escudo. E Gudovan riu ao vê-la. — Nossa pequena rainha terá dificuldade em competir com aquele diabrete de Satã.

— Quem é Satã? — perguntei, e Gudovan me deu uma bofetada na cabeça por desperdiçar seu tempo com perguntas estúpidas.

Hywel franzia a testa, e sua mão estava apertada no punho da espada enquanto os guerreiros silurianos se aproximavam dos últimos degraus íngremes que levavam ao portão onde nossos guardas desajeitados esperavam em duas fileiras mal arrumadas. Então algum instinto que continuava aguçado como quando ele era guerreiro cutucou os medos de Hywel.

— Ligessac! — rugiu ele. — Feche o portão! Feche! Agora!

Em vez disso, Ligessac desembainhou a espada. Depois se virou e pôs a mão em concha sobre o ouvido, como se não tivesse ouvido Hywel direito.

— Feche o portão! — gritou Hywel. Um dos homens de Ligessac se mexeu para cumprir a ordem, mas Ligessac segurou o homem e olhou para Norwenna, esperando ordens.

Norwenna se virou para Hywel e fez uma cara de desprezo pela ordem dele.

— É o meu marido que está vindo — disse ela. — E não um inimigo. — E olhou de novo para Ligessac. — Deixe o portão aberto — comandou imperiosamente, e Ligessac curvou a cabeça, obedecendo.

Hywel xingou, depois desceu desajeitado da paliçada e foi mancando com a muleta em direção à cabana de Morgana enquanto eu simplesmente olhava para aquele portão vazio, iluminado pelo sol, e imaginava o que iria acontecer. Hywel havia farejado alguma encrenca no ar do verão, mas nunca descobri como fez isso.

Gundleus chegou ao portão aberto. Cuspiu no limiar, depois sorriu para Norwenna, que esperava a uns 12 passos de distância. Ela ergueu os braços gorduchos para cumprimentar seu senhor, que estava suando e sem fôlego, o que não era de espantar, porque ele subira o íngreme Tor

vestido com todo o equipamento de guerra. Usava peitoral de couro, pernas almofadadas, botas, um elmo de ferro com um rabo de raposa na crista e um grosso manto vermelho preso nos ombros. Seu escudo com o brasão da raposa estava pendurado do lado esquerdo, a espada no quadril, e ele carregava uma pesada lança de batalha na mão direita. Ligessac se ajoelhou e ofereceu ao rei o punho de sua espada desembainhada, e Gundleus se adiantou para tocar o botão da arma com a mão que usava uma luva de couro.

Hywel tinha entrado na cabana de Morgana, mas agora Sebile saía correndo da cabana segurando Mordred nos braços. Sebile? Não Ralla? Fiquei perplexo com isso, e Norwenna também deve ter ficado, enquanto a escrava saxã corria para perto dela com o pequeno Mordred envolto em seu rico manto de tecido dourado, mas Norwenna não teve tempo de questionar Sebile porque agora Gundleus vinha em sua direção.

— Eu lhe ofereço minha espada, querida rainha! — disse ele numa voz ressoante, e Norwenna deu um sorriso feliz, talvez porque ainda não tivesse percebido Tanaburs ou Ladwys que tinham passado pelo portão de Merlin com o bando de guerreiros de Gundleus.

Gundleus enfiou a lança no chão e desembainhou a espada, mas em vez de oferecê-la a Norwenna com o punho na frente, segurou a ponta afiada da espada em direção ao rosto dela. Norwenna, sem saber o que deveria fazer, estendeu a mão, hesitando, para tocar a ponta brilhante.

— Regozijo-me com sua volta, meu caro senhor — disse obedientemente, depois se ajoelhou aos pés dele, como ordenava o costume.

— Beije a espada que defenderá o reino de seu filho — ordenou Gundleus, e Norwenna se curvou sem jeito, para tocar com os lábios o aço que lhe fora oferecido.

Ela beijou a espada como lhe fora ordenado e, assim que seus lábios tocaram o aço cinzento, Gundleus baixou a espada com força. Estava gargalhando quando matou a esposa, gargalhava enquanto fazia a espada deslizar pelo queixo dela e atravessar a resistência sufocada do corpo que se retorcia. Norwenna não teve tempo de gritar, tampouco restou qualquer voz enquanto a lâmina rasgava sua garganta e penetrava no coração. Gundleus grunhiu enquanto apertava o aço. Tinha pendurado no ombro o pesado escudo de guerra, de modo que as duas mãos enluvadas estivessem no punho enquanto ele empurrava e torcia a lâmina para baixo. Havia sangue na espada, sangue na grama e sangue no manto azul da rainha agonizante, e escorreu ainda mais sangue quando Gundleus puxou violentamente a lâmina comprida. O corpo de Norwenna, sem a sustentação da espada, tombou de lado, estremeceu durante alguns segundos e depois ficou imóvel.

Sebile largou o bebê e fugiu gritando. Mordred chorou alto, em

protesto, mas a espada de Gundleus interrompeu os gritos do menino. Golpeou apenas uma vez com a lâmina vermelha, e de repente o tecido dourado estava encharcado de vermelho. Era muito sangue vindo de uma criança tão pequena.

Tudo tinha acontecido rápido demais. Gudovan, perto de mim, estava boquiaberto, incrédulo, enquanto Ladwys, que era uma beldade alta com cabelos compridos, olhos escuros e um rosto agudo e feroz, riu da vitória de seu amante. Tanaburs tinha fechado um dos olhos, levantado uma das mãos para o céu e pulava numa perna só, todos os sinais de que estava em comunhão sagrada com os Deuses enquanto lançava seus feitiços de perdição, e os guardas de Gundleus se espalhavam com lanças apontadas para tornar realidade essa perdição. Ligessac juntara-se às fileiras silurianas e ajudava os lanceiros a massacrar seus próprios homens. Alguns dumnonianos tentaram lutar, mas tinham sido convocados para honrar Gundleus, e não para se opor a ele, e os lanceiros silurianos tiveram um trabalho breve com os guardas de Mordred e um trabalho mais breve ainda com os lamentáveis soldados de Druidan. Pela primeira vez em minha vida adulta eu via homens morrerem em pontas de lanças e ouvia os gritos terríveis que um homem dá quando sua alma é impelida por uma lança até o Outro Mundo.

Durante alguns segundos fiquei desamparado de pânico. Norwenna e Mordred estavam mortos, o Tor gritava e o inimigo corria o para o salão e a torre de Merlin. Morgana e Hywel apareceram ao lado da torre, mas, enquanto Hywel mancava com a espada na mão, Morgana correu para o portão do mar. Uma quantidade de mulheres, crianças e escravos corriam com ela; uma massa aterrorizada de pessoas que Gundleus parecia contente em deixar escapar. Ralla, Sebile e os restos da guarda de Druidan que tinham conseguido evitar os terríveis guerreiros silurianos corriam com eles. Pellinore pulava em sua jaula, gargalhando nu, adorando o terror.

Saltei da paliçada e corri para o salão. Não estava sendo corajoso, estava simplesmente apaixonado por Nimue e queria me certificar de que ela estivesse em segurança antes de eu também fugir do Tor. Os guardas de Ligessac estavam mortos e os homens de Gundleus começavam a saquear as cabanas enquanto eu mergulhava pela porta e corria na direção dos aposentos de Merlin, mas, antes que pudesse chegar à pequena porta preta, um cabo de lança me fez tropeçar. Caí violentamente, então uma pequena mão agarrou minha gola e, com força espantosa, me arrastou para meu velho esconderijo atrás dos cestos de roupas de festa.

— Você não pode ajudá-la, idiota — disse a voz de Druidan no meu ouvido. — Agora fique quieto!

Cheguei à segurança segundos antes que Gundleus e Tanaburs

entrassem no salão, e tudo que pude fazer foi olhar o rei, seu druida e três homens de capacete marcharem até a porta de Merlin. Eu sabia o que ia acontecer, e não podia impedir porque Druidan estava apertando sua pequena mão em minha boca para me impedir de gritar. Eu duvidava que Druidan tivesse entrado no palácio para salvar Nimue, provavelmente tinha vindo roubar o ouro que conseguisse antes de fugir com o resto de seus homens, mas sua presença ao menos tinha salvado minha vida. Mas não salvou Nimue de nada.

Tanaburs chutou para o lado a cerca fantasma, depois abriu a porta. Gundleus entrou, seguido por seus lanceiros.

Ouvi Nimue gritar. Não sei se ela usou truques para defender os aposentos de Merlin, ou se já havia abandonado a esperança. Sei que o orgulho e o dever tinham feito com que ficasse para proteger os segredos de seu senhor, e agora pagava por esse orgulho. Ouvi Gundleus gargalhar, depois ouvi pouca coisa, a não ser o som dos silurianos remexendo as caixas, os fardos e os cestos de Merlin. Nimue choramingou, Gundleus gritou em triunfo, e então ela gritou de novo numa dor súbita, terrível.

— Isso vai lhe ensinar a não cuspir no meu escudo, garota — disse Gundleus enquanto Nimue soluçava desamparada.

— Ela está bem estuprada agora — disse Druidan no meu ouvido, com um prazer maligno. Mais lanceiros de Gundleus passaram pelo salão para entrar nos aposentos de Merlin. Com sua lança, Druidan tinha aberto um buraco na parede de barro, e agora ordenou que eu passasse pelo buraco e o acompanhasse morro abaixo, mas eu não queria ir enquanto Nimue estivesse viva.

— Eles vão revistar estes cestos logo — alertou o anão, mas mesmo assim eu não quis ir com ele. — Garoto idiota. — Em seguida, ele passou pelo buraco e correu em direção ao espaço sombreado entre uma cabana próxima e um galinheiro.

Fui salvo por Ligessac. Não porque ele tenha me visto, mas porque disse aos silurianos que não havia nada nos cestos que me escondiam, a não ser toalhas de banquete.

— Todo o tesouro está aí dentro — disse aos novos aliados e eu me agachei, não ousando me mexer, enquanto os soldados vitoriosos saqueavam os aposentos de Merlin. Só os Deuses sabem o que encontraram: peles de homens mortos, ossos velhos, novos feitiços e ervas antigas, mas poucos tesouros preciosos. E só os Deuses sabem o que fizeram com Nimue, porque ela jamais contou, ainda que não fosse necessário contar. Fizeram o que os soldados sempre fazem com mulheres capturadas, e quando terminaram deixaram-na sangrando e meio louca.

Também deixaram-na para morrer, porque quando saquearam a câmara do tesouro e a encontraram cheia de absurdos mofados e apenas

um pouquinho de ouro, pegaram um galho aceso na fogueira do salão e jogaram entre os cestos partidos. A fumaça saiu pela porta. Outro galho aceso foi jogado nos cestos onde eu estava escondido, e então os homens de Gundleus saíram do salão. Alguns carregavam ouro, outros tinham alguns badulaques de prata, mas a maioria correu de mãos vazias. Quando o último homem saiu, cobri a boca com a beira do meu gibão e corri em meio à fumaça sufocante em direção à porta de Merlin, e encontrei Nimue logo na entrada do cômodo.

— Venha — falei desesperado. O ar estava se enchendo de fumaça enquanto as chamas saltavam loucamente nas caixas onde os gatos gritavam e os morcegos batiam asas em pânico.

Nimue não queria se mexer. Estava caída de barriga para baixo, com as mãos apertadas contra o rosto, nua, com sangue escorrendo pelas pernas. Estava chorando.

Corri até a porta que levava à Torre de Merlin, pensando que poderia haver algum modo de fugir por ali, mas quando abri a porta vi que as paredes não tinham aberturas. Também descobri que a torre, longe de ser uma câmara de tesouro, estava quase vazia. Havia um chão de terra batida, quatro paredes de madeira e um teto aberto. Era uma câmara exposta ao céu, mas na metade do funil aberto, suspensa por um par de traves e alcançável por uma escada de mão, pude ver uma plataforma de madeira que estava sendo rapidamente obscurecida pela fumaça. A torre era uma câmara de sonhos, um lugar vazio onde os sussurros dos Deuses ecoariam até Merlin.

Olhei para a plataforma de sonhos por um segundo, depois mais fumaça veio de trás de mim subindo pela torre, e corri de volta até Nimue, peguei seu manto preto na cama desarrumada e a enrolei na lã como se fosse um animal doente. Agarrei os cantos do manto e, com seu corpo leve enrolado dentro, entrei no salão e fui na direção da porta distante. Agora o fogo rugia com a fome das chamas que se refestelavam na madeira seca, meus olhos lacrimejavam e os pulmões estavam cheios da fumaça que era mais densa perto da porta principal do salão, por isso arrastei Nimue, seu corpo batendo no chão de terra atrás de mim, até onde Druidan tinha feito o buraco de rato na parede. Meu coração martelou aterrorizado quando olhei por ele, mas não pude ver inimigos. Chutei a parede aumentando o buraco, empurrando para trás o trançado de varas de salgueiro e partindo torrões de barro, depois atravessei com dificuldade, puxando Nimue em seguida. Ela fez pequenos ruídos de protesto quando puxei com força seu corpo através daquela fenda grosseira, mas o ar puro pareceu recuperá-la, porque finalmente tentou se ajudar e, quando tirou as mãos do rosto, vi por que seu último grito fora tão terrível. Gundleus tinha arrancado um dos seus olhos. A órbita era um poço de sangue sobre o qual ela apertou de novo a mão ensanguentada. A luta para atravessar o buraco tinha-a deixado

nua, por isso soltei o manto que estava preso num pedaço de pau e o coloquei em seus ombros antes de agarrar-lhe a mão livre e correr em direção à cabana mais próxima.

Um dos homens de Gundleus nos viu, e em seguida o próprio Gundleus reconheceu Nimue e gritou dizendo que a feiticeira deveria ser capturada viva e jogada de volta nas chamas. O grito da caçada cresceu, grandes uivos como o som de caçadores perseguindo um javali ferido até a morte, e nós dois sem dúvida teríamos sido apanhados se alguns dos outros fugitivos já não tivessem aberto um buraco na paliçada do lado sul do Tor. Corri na direção do buraco novo e descobri Hywel, o bom Hywel, caído morto no buraco, com a muleta debaixo do corpo, a cabeça cortada ao meio e a espada ainda em sua mão. Peguei a espada e puxei Nimue. Chegamos à íngreme encosta sul e caímos, gritando enquanto escorregávamos pelo capim precipitoso. Nimue estava meio cega e absolutamente enlouquecida pela dor enquanto eu estava frenético de pânico, mas de algum modo consegui me agarrar à espada de guerra de Hywel, e de algum modo consegui pôr Nimue de pé na base do Tor, e passamos cambaleando pelo poço sagrado, pelo pomar dos cristãos, através de um bosque de amieiros, e descemos até onde eu sabia que o bote que Hywel usava no pântano estava preso perto de uma cabana de pescador. Joguei Nimue no barquinho feito de juncos amarrados, cortei a amarra com minha espada nova e empurrei a embarcação para longe do píer de madeira, e só então percebi que não tinha uma vara para impulsionar o barco desajeitado para fora do intrincado labirinto de canais e lagos que costuravam o pântano. Em vez disso, usei a espada; a lâmina de Hywel era lamentável como vara para impulsionar barco, mas era tudo que eu tinha até que o primeiro dos perseguidores de Gundleus chegou à margem coberta de juncos e, incapaz de avançar até nós por causa da lama pegajosa, jogou sua lança em nossa direção.

A lança assobiou enquanto voava para mim. Por um segundo não pude me mexer, hipnotizado pela visão daquela haste pesada com sua brilhante cabeça de aço vindo em nossa direção, mas então a arma passou por mim e enterrou a lâmina na borda do barco de junco. Agarrei a trêmula vara de freixo e a usei para impulsionar o barco rapidamente através dos caminhos de água. Ali estávamos em segurança. Alguns dos homens de Gundleus corriam ao longo de um caminho ladeado de árvores que seguia paralelo ao nosso rumo, mas logo me virei para longe deles. Outros saltaram em coracles — os barcos forrados de couro — e usaram as lanças como remos, mas nenhum coracle podia igualar a velocidade de um barco de juncos, por isso os deixamos bem para trás. Ligessac disparou uma flecha, mas já estávamos fora do alcance e seu míssil mergulhou sem som na água escura. Atrás de nossos frustrados perseguidores, no alto do verde Tor,

as chamas lambiam famintas as cabanas e a torre do palácio, fazendo a fumaça cinzenta subir alta no céu de verão.

— Duas feridas — falou Nimue pela primeira vez desde que eu a havia arrancado das chamas.

— O quê? — Eu me virei. Ela estava encolhida na proa, com o manto preto enrolado no corpo magro, e com uma das mãos em cima do olho vazio.

— Sofri duas Feridas da Sabedoria, Derfel — disse ela numa voz de espanto enlouquecido. — A Ferida do Corpo e a Ferida do Orgulho. Agora só estou diante da loucura, e depois serei tão sábia quanto Merlin. — Ela tentou sorrir, mas havia uma selvageria histérica em sua voz, que me fez pensar se Nimue já não estava sob o feitiço da loucura.

— Mordred está morto — falei-lhe —, assim como Norwenna e Hywel. O Tor está pegando fogo. — Todo o nosso mundo estava sendo destruído, no entanto Nimue parecia estranhamente inabalada pelo desastre. Em vez disso, quase parecia empolgada porque tinha suportado dois dos três testes da sabedoria.

Empurrei o barco com a lança, passando por uma fileira de armadilhas para peixes feitas de salgueiro, depois virei no lago de Lissa, um grande lago preto que ficava na borda sul dos pântanos. Estava indo em direção a Ermid's Hall, um povoado num bosque onde Ermid, chefe de uma tribo local, tinha sua morada. Eu sabia que Ermid não estaria em sua residência, porque havia marchado para o norte com Owain, mas seu povo iria nos ajudar, e também sabia que nosso barco chegaria lá muito antes que o mais rápido dos cavaleiros de Gundleus poderia galopar em volta das margens longas, cheias de junco e lamacentas do lago. Eles teriam de ir praticamente até o Caminho Fosse, a grande estrada romana que corria a leste do Tor, antes que pudessem contornar a extremidade leste do lago e galopar em direção a Ermid's Hall, e então já teríamos ido há muito tempo para o sul. Eu podia ver outros barcos muito a minha frente no lago, e achei que os fugitivos do Tor estariam sendo levados para a segurança pelos pescadores de Ynys Wydryn.

Contei a Nimue meu plano de chegar a Ermid's Hall e depois continuar para o sul até que a noite caísse e encontrássemos amigos.

— Bom — disse Nimue, mas não tive certeza de que ela realmente havia entendido alguma coisa que eu disse. — Bom Derfel. Agora sei por que os Deuses me fizeram confiar em você.

— Você confia em mim — falei amargamente e enfiei a lança no fundo lamacento do lago para empurrar o barco — porque estou apaixonado por você, e isso lhe dá poder sobre mim.

— Bom — repetiu ela e não falou nada comigo até que deslizamos para o cais sombreado por árvores abaixo da paliçada de Ermid onde, enquanto eu empurrava o barco de junco mais para dentro das sombras do riacho, vi os outros fugitivos do Tor. Morgana estava lá com Sebile, e

Ralla chorava com seu bebê em segurança no colo perto de Gwlyddyn, seu marido. Lunete, a garota irlandesa, estava lá, e foi correndo chorando até a beira da água para ajudar Nimue. Falei a Morgana sobre a morte de Hywel, e ela disse que tinha visto Guendoloen, a mulher de Merlin, ser cortada por um siluriano. Gudovan estava em segurança, mas ninguém sabia o que havia acontecido com o pobre Pellinore ou com Druidan. Nenhum dos guardas de Norwenna sobrevivera, mas um punhado dos lamentáveis soldados de Druidan tinha chegado à segurança dúbia de Ermid's Hall, bem como três chorosas auxiliares de Norwenna e uma dúzia dos apavorados enfeitados de Merlin.

— Temos de ir embora logo — falei a Morgana. — Eles estão atrás de Nimue. — Nimue estava recebendo curativos e sendo vestida pelas servas de Ermid.

— Não é atrás de Nimue que eles estão, seu idiota — disse Morgana rispidamente —, e sim de Mordred.

— Mordred está morto! — protestei, mas Morgana respondeu virando-se e agarrando o bebê que estava nos braços de Ralla. Ela puxou o tecido marrom e grosseiro do corpo da criança e vi o pé torto.

— Você acha, idiota, que eu permitiria que o rei fosse morto?

Olhei para Ralla e Gwlyddyn, imaginando como eles poderiam ter conspirado para deixar o próprio filho morrer. Foi Gwlyddyn quem me respondeu com um olhar mudo.

— Ele é um rei — explicou simplesmente, apontando para Mordred —, enquanto o nosso menino era só o filho de um carpinteiro.

— E logo Gundleus descobrirá que o menino que ele matou tinha dois pés bons — disse Morgana, irada. — E vai trazer cada homem que puder para nos procurar. Nós vamos para o Sul. — Não havia segurança em Ermid's Hall. O chefe e seus guerreiros tinham ido à guerra, deixando apenas um punhado de servos e crianças no povoado.

Partimos um pouco antes do meio-dia, mergulhando na floresta verde ao sul das posses de Ermid. Um dos caçadores de Ermid nos guiou por caminhos estreitos e trilhas secretas. Éramos trinta, principalmente mulheres e crianças, com somente meia dúzia de homens capazes de portar armas e, dentre esses, só Gwlyddyn já havia matado um homem em batalha. Os poucos sobreviventes dentre os tolos de Druidan seriam inúteis, e eu nunca tinha lutado com fúria, mas andava como retaguarda com a espada nua de Hywel enfiada no cinto de corda, e a pesada lança de guerra siluriana firme na mão direita.

Passamos lentamente debaixo dos carvalhos e aveleiras. De Ermid's Hall até Caer Cadarn não era mais do que uma caminhada de quatro horas, mas levaríamos muito mais porque viajávamos por caminhos secretos e tortuosos, e éramos retardados pelas crianças. Morgana não tinha dito que tentaria chegar a Caer Cadarn, mas eu sabia que o refúgio real era seu destino provável, porque era ali que teríamos probabilidade

de encontrar soldados dumnonianos. Mas sem dúvida Gundleus teria feito a mesma dedução, e estava tão desesperado quanto nós. Morgana, que tinha habilidade para entender as maldades do mundo, deduziu que o rei siluriano estivera planejando esta guerra desde o Alto Conselho, esperando apenas a morte de Uther para lançar um ataque em aliança com Gorfyddyd. Todos tínhamos sido enganados. Havíamos pensado que Gundleus era amigo, e assim ninguém havia guardado as fronteiras, e agora Gundleus estava querendo nada menos do que o trono da Dumnonia. Mas para ganhar esse trono, disse Morgana, ele precisaria de mais do que um punhado de cavaleiros, e por isso seus lanceiros deviam estar agora mesmo correndo para se encontrar com o rei enquanto marchavam pela comprida estrada romana que partia da Costa Norte da Dumnonia. Os silurianos estavam à solta em nosso país, mas antes que pudesse ter certeza da vitória, Gundleus precisava matar Mordred. Tinha de nos encontrar, caso contrário todo o seu ousado empreendimento fracassaria.

A grande floresta abafava nossos passos. Ocasionalmente um pombo batia asas em meio às folhas altas, e algumas vezes um pica-pau bicava um tronco não muito longe. Certa vez houve um barulho alto no mato ao lado, e todos paramos, imóveis, temendo um cavaleiro siluriano, mas era apenas um javali que apareceu numa clareira, olhou para nós e se virou para o outro lado. Mordred estava chorando e não queria aceitar o peito de Ralla. Algumas crianças menores também choravam de medo e cansaço, mas ficaram quietas quando Morgana ameaçou transformá-las em sapos fedorentos.

Nimue mancava à minha frente. Eu sabia que ela estava sentindo dor, mas a garota não reclamava. Algumas vezes chorava em silêncio, e nada que Lunete pudesse dizer era capaz de confortá-la. Lunete era uma garota esguia e morena, da mesma idade que Nimue e não muito diferente dela, mas carecia do conhecimento e do espírito empolgado de Nimue. Nimue podia olhar para um riacho e saber se ele era a moradia de espíritos da água, ao passo que Lunete iria simplesmente vê-lo como um bom lugar para lavar roupas. Depois de um tempo Lunete diminuiu o passo para andar ao meu lado.

— O que vai acontecer conosco agora, Derfel?

— Não sei.

— Merlin vem?

— Espero que sim, ou talvez Artur. — Eu falava numa esperança fervorosa mas incrédula, porque precisávamos de um milagre. Em vez disso, parecíamos presos num pesadelo de meio-dia porque quando, depois de duas horas andando, fomos forçados a deixar a floresta e atravessar um riacho fundo e sinuoso que banhava pastagens verdes e cheias de flores, vimos mais piras no céu distante do leste, embora ninguém soubesse se as fogueiras tinham sido acesas por atacantes

silurianos ou por saxões que se aproveitavam de nossa fraqueza.

Um cervo saiu correndo do mato a uns 400 metros a leste.

— Abaixem-se! — sibilou a voz do caçador, e todos afundamos no capim na beira do mato. Ralla forçou Mordred contra o peito para aquietá-lo, e ele retaliou mordendo-a com tanta força que o sangue escorreu até a cintura, mas nem ele nem ela fizeram um som enquanto o cavaleiro que tinha espantado o cervo apareceu à beira das árvores. O cavaleiro também estava a leste de nós, mas muito mais perto do que as piras, tão perto que eu podia ver a máscara de raposa em seu escudo redondo. Ele carregava uma lança comprida e uma trombeta de chifre que fez soar depois de ter olhando por muito tempo em nossa direção. Todos tememos que esse sinal significasse que o cavaleiro tinha nos visto, e que logo apareceria todo um bando de cavaleiros silurianos, mas quando o homem atçou o cavalo de volta para as árvores achamos que o som monótono da trombeta significava que não tinha nos visto. Outra trombeta soou ao longe, depois houve silêncio.

Esperamos por longos minutos. Abelhas zumbiam em meio aos pastos que ladeavam o riacho. Estávamos todos olhando para a borda das árvores, temendo ver mais cavaleiros armados, porém nenhum inimigo apareceu, e depois de um tempo nosso guia sussurrou dizendo que deveríamos nos arrastar até o riacho, atravessá-lo e subir até as árvores do outro lado.

Foi uma movimentação difícil, especialmente para Morgana com sua perna esquerda torta, mas finalmente todos tivemos a chance de beber água enquanto atravessávamos o riacho. Assim que chegamos à floresta do outro lado caminhamos com as roupas encharcadas, mas também com a sensação aliviada de que talvez tivéssemos deixado os inimigos para trás. Mas, infelizmente, não deixamos as preocupações.

— Será que eles vão nos fazer de escravos? — perguntou-me Lunete. Como muitos de nós, Lunete fora capturada originalmente para o mercado de escravos da Dumnonia, e apenas a intervenção de Merlin a mantivera livre. Agora temia que a perda da proteção de Merlin significasse a sua perdição.

— Não creio — falei. — A não ser que Gundleus ou os saxões nos capturem. Você seria tomada como escrava, mas eles provavelmente me matariam. — Eu me senti muito corajoso dizendo isso.

Lunete enfiou o braço no meu, procurando conforto, e me senti lisonjeado por seu toque. Ela era uma garota bonita, e até então tinha me tratado com desdém, preferindo a companhia dos agitados rapazes pescadores de Ynys Wydryn.

— Quero que Merlin volte — disse ela. — Não quero abandonar o Tor.

— Agora não há nada para nós lá. Teremos de achar um novo lugar para viver. Ou então teremos de voltar e reconstruir o Tor se pudermos.

— Mas somente se a Dumnonia sobrevivesse, pensei. Talvez agora mesmo, nesta tarde assombrada pela fumaça, o reino estivesse morrendo. Percebi como eu tinha sido cego para não ver os horrores que a morte de Uther traria. Reinos precisam de reis, e sem eles não há nada além de terra vazia convidando as lanças de um conquistador.

No meio da tarde atravessamos um riacho mais largo, quase um rio, tão fundo que a água chegava ao meu peito. Ao chegar à outra margem, sequei a espada de Hywel o melhor que pude. Era uma lâmina bonita, feita pelos famosos ferreiros de Gwent e decorada com desenhos retorcidos e círculos entrelaçados. Sua lâmina de aço era reta e se estendia da minha garganta até as pontas dos dedos quando eu esticava o braço. A cruzeta era feita de ferro grosso com acabamentos redondos e simples, e o punho era de macieira que tinha sido rebitada no espigão e depois amarrada com tiras de couro comprido e fino amaciado com óleo. O botão era uma bola redonda enrolada com fio de prata que vivia se soltando, e no final tirei o fio e moldei num bracelete grosseiro para Lunete.

Ao sul do rio havia outro pasto amplo, este ocupado por novilhos que se aproximaram para inspecionar nossa passagem exausta. Talvez tenha sido o movimento deles que atraiu o problema, porque não foi muito depois de termos entrado na floresta do lado mais distante do pasto que ouvi as batidas de cascos soando altas atrás de nós. Mandeí um aviso para a frente, depois me virei, segurando a lança e a espada, para vigiar o caminho.

Aqui os galhos das árvores eram baixos, tão baixos que um cavaleiro não poderia seguir montado pelo caminho. Quem estava nos perseguindo seria forçado a abandonar os cavalos e seguir a pé. Não estávamos usando os caminhos mais largos das florestas, mas sim trilhas escondidas que serpenteavam estreitas entre as árvores, tão estreitas que nossos perseguidores, como nós, teriam de adotar fila única. Eu temia que fossem batedores silurianos mandados à frente da pequena força de Gundleus. Quem mais estaria interessado no que tinha agitado o gado na margem do rio, nesta tarde preguiçosa?

Gwlyddyn chegou ao meu lado e tirou a lança pesada da minha mão. Ouviu os passos distantes, depois assentiu, como se estivesse satisfeito.

— Só são dois — disse calmamente. — Deixaram os cavalos e estão vindo a pé. Eu pego o primeiro, e você retenha o segundo até que eu possa matá-lo. — Ele parecia extraordinariamente calmo, o que ajudou a aplacar meus medos. — E lembre-se, Derfel, eles também estão apavorados. — Em seguida, me empurrou para as sombras e se agachou no outro lado do caminho, atrás das raízes levantadas de uma faia caída. — Abaixar-se — sussurrou. — Esconder-se!

Eu me agachei, e todo o terror cresceu de novo dentro de mim.

Minhas mãos suavam, a perna esquerda coçava, a garganta estava seca, eu queria vomitar, e minhas entranhas estavam líquidas. Hywel tinha me ensinado bem, mas eu nunca havia enfrentado um homem que quisesse me matar. Podia ouvir os homens que se aproximavam, mas não podia vê-los, e meu instinto mais forte era virar as costas e correr atrás das mulheres. Mas fiquei. Não tinha escolha. Desde a infância vinha ouvindo histórias de guerreiros e fora ensinado repetidamente que um homem nunca dava as costas e fugia. Um homem lutava por seu senhor, enfrentava o inimigo e nunca fugia. Agora meu senhor estava mamando no peito de Ralla e eu ia enfrentar seus inimigos, mas como queria ser uma criança e simplesmente correr! E se houvesse mais do que dois lanceiros inimigos? E mesmo que houvesse apenas dois, eles certamente eram guerreiros experientes; hábeis, endurecidos e implacáveis ao matar.

— Calma, garoto, calma — disse Gwlyddyn em voz baixa. Ele havia lutado nas batalhas de Uther. Tinha enfrentado os saxões e usado uma lança contra os homens de Powys. Agora, no interior de sua terra nativa, agachava-se no emaranhado de raízes cheias de terra com um meio riso no rosto e minha lança comprida nas mãos fortes e marrons. — Isto é vingança por meu filho — falou sério — e os Deuses estão do nosso lado.

Eu estava agachado atrás de sarças e flanqueado por samambaias. Minhas roupas úmidas pesavam desconfortáveis. Olhei para as árvores cheias de líquens e com folhas emaranhadas. Um pica-pau fez barulho perto e eu pulei, alarmado. Meu esconderijo era melhor do que o de Gwlyddyn, mas mesmo assim eu me sentia exposto, e ainda mais quando nossos dois perseguidores finalmente apareceram a apenas 12 passos de meu esconderijo de folhas.

Eram dois jovens lanceiros de aparência ágil, com peitorais de couro, pernas amarradas e compridos mantos de lã avermelhada jogados sobre os ombros. As barbas trançadas eram compridas, e o cabelo escuro estava amarrado atrás por tiras de couro. Os dois carregavam lanças compridas e o segundo também tinha uma espada no cinto, mais ainda não a havia desembainhado. Prendi o fôlego.

O líder levantou o braço e os dois pararam e prestaram atenção durante um tempo, antes de continuar vindo. O rosto do homem mais próximo tinha cicatrizes de uma luta antiga, sua boca estava aberta e eu podia ver as falhas nos dentes amarelados. Ele parecia imensamente forte, experiente e assustador, e de repente me senti assolado por um terrível desejo de fugir, mas então a cicatriz na palma da minha mão esquerda, a cicatriz que Nimue tinha posto ali, latejou, e aquela pulsação quente me deu um jorro de coragem.

— Nós ouvimos um cervo — disse o segundo homem, desanimado. Agora os dois andavam num passo cauteloso, pousando os pés cuidadosamente e olhando as folhas adiante, em busca do menor

movimento.

— Nós ouvimos um bebê — insistiu o primeiro. Ele estava dois passos à frente do outro, que parecia, aos meus olhos apavorados, ainda mais alto e mais maldoso do que o companheiro.

— Os bastardos desapareceram — disse o segundo, e vi o suor pingando de seu rosto e percebi como ele apertava e soltava repetidamente o cabo de sua lança de freixo, e soube que ele estava nervoso. Eu dizia repetidamente o nome de Bel em minha cabeça, implorando coragem ao Deus, implorando que ele me tornasse um homem. O inimigo estava a 6 passos de distância e continuava vindo, e em volta de nós a floresta era quente e imóvel, e eu podia sentir o cheiro dos dois homens, o cheiro do couro e o cheiro que permanecia de seus cavalos enquanto o suor pingava nos meus olhos e eu quase gemia alto, de tanto terror, mas então Gwlyddyn pulou de sua emboscada e soltou um grito de guerra enquanto corria para a frente.

Corri com ele e, de súbito, estava livre dos medos enquanto a louca alegria da batalha, dada pelos Deuses, me veio pela primeira vez. Mais tarde, muito mais tarde, aprendi que a alegria e o medo são exatamente a mesma coisa, uma apenas se transformava na outra pela ação, mas naquela tarde de verão me senti subitamente empolgado. Que Deus e Seus anjos me perdoem, mas naquele dia descobri a alegria que há na batalha, e por muito tempo depois ansiei por ela como um homem sedento procurando água. Corri para a frente, gritando como Gwlyddyn, mas não estava tão enlouquecido a ponto de acompanhá-lo às cegas. Fui para o lado direito do caminho estreito de modo a poder passar por ele quando ele atacasse o siluriano mais próximo.

Aquele homem tentou aparar o golpe da lança de Gwlyddyn, mas o carpinteiro esperava o movimento baixo do cabo de freixo e ergueu sua arma acima dele enquanto a impulsionava na direção certa. Tudo aconteceu rápido demais. Num momento o siluriano era uma figura ameaçadora equipada para a guerra, em seguida ofegava e se retorcia enquanto Gwlyddyn enfiava a ponta da lança através da armadura de couro, afundando-a no peito dele. E eu já tinha passado pelos dois, gritando enquanto girava a espada de Hywel. Naquele momento não senti medo. Talvez a alma do falecido Hywel tivesse voltado do Outro Mundo para me preencher, porque de súbito eu sabia exatamente o que fazer, e meu grito de guerra foi um grito de triunfo.

O segundo homem teve um tempo de preparação um pouco mais longo do que seu companheiro agonizante, por isso havia se agachado numa posição de lanceiro, da qual poderia saltar à frente com força mortal. Saltei para ele e, enquanto a lança vinha para mim numa língua de aço brilhante, tocada pelo sol, girei para o lado e aparei o golpe com minha espada, não com tanta força a ponto de perder o controle do aço, mas o bastante para fazer a arma do sujeito passar pelo meu lado

enquanto eu girava a espada.

“Está tudo nos pulsos, garoto, tudo nos pulsos”, ouvi Hywel dizer e gritei o nome dele enquanto descia a espada com força na lateral do pescoço do siluriano.

Foi tudo muito rápido, rápido demais. O pulso manobra a espada, mas o braço lhe dá força, e naquela tarde meu braço tinha a grande força de Hywel. Meu aço se enterrou no pescoço do siluriano como um machado cortando madeira podre. A princípio, de tão inexperiente que eu era, pensei que ele não tivesse morrido, e soltei a espada para golpeá-lo de novo. Golpeei pela segunda vez e tive consciência do sangue iluminando o dia e do homem caindo de lado, e pude ouvir sua respiração sôfrega e ver seu esforço agonizante para puxar a lança e dar um segundo golpe, mas então sua vida se extinguiu na garganta e outro grande jorro de sangue desceu pelo peito coberto de couro enquanto ele caía sobre as folhas mofadas.

E fiquei ali tremendo. De repente queria chorar. Não tinha ideia do que havia feito. Não tinha sentimento de vitória, só de culpa, e fiquei chocado e imóvel com a espada ainda embainhada na garganta do morto, sobre a qual as primeiras moscas já pousavam. Não podia me mexer.

Um pássaro gritou nas folhas altas, depois o braço forte de Gwlyddyn estava em volta dos meus ombros e lágrimas desciam pelo meu rosto.

— Você é um bom homem, Derfel — disse Gwlyddyn. Eu me virei e o abracei como uma criança agarrada ao pai. — Um serviço bem-feito — disse ele de novo e repetiu: — Bem-feito. — E ficou me dando tapinhas, desajeitado, até que por fim funguei engolindo as lágrimas.

— Desculpe — ouvi-me dizendo.

— Desculpe? — gargalhou ele. — O quê? Hywel sempre disse que você era o melhor que ele já treinou, e eu devia ter acreditado. Você é rápido. Agora venha, temos de ver o que ganhamos.

Peguei a bainha da minha vítima, que era feita de couro enrijecido com salgueiro, e descobri que servia toleravelmente para a espada de Hywel, depois revistamos os dois corpos em busca do pouco que pudéssemos encontrar: uma maçã ainda verde, uma velha moeda lisa de tanto uso, dois mantos, as armas, algumas tiras de couro e uma faca com cabo de osso. Gwlyddyn chegou a pensar se deveríamos voltar e pegar os dois cavalos, depois decidiu que não tínhamos tempo. Eu não me importava. Minha visão podia estar borrada pelas lágrimas, mas eu estava vivo, tinha matado um homem e havia defendido o meu rei, e de repente estava numa felicidade delirante enquanto Gwlyddyn me levava de volta aos fugitivos apavorados e levantava meu braço como sinal de que eu havia lutado bem.

— Vocês dois fizeram bastante barulho — rosnou Morgana. — Logo

teremos metade de Silúria nos nossos calcanhares. Agora venham! Andando!

Nimue não parecia interessada na minha vitória, mas Lunete queria ouvir tudo a respeito, e ao contar exagerei tanto o inimigo quanto a luta, e a admiração de Lunete engendrou mais exagero ainda. Ela estava com o braço no meu de novo, e olhei para seu rosto moreno e imaginei por que nunca tinha percebido realmente como ela era linda. Como Nimue, Lunete possuía um rosto em forma de cunha, mas enquanto o de Nimue era cheio de um conhecimento cauteloso, o de Lunete era suave e com um calor provocante, e sua proximidade me dava uma nova confiança enquanto andávamos através da tarde comprida, até finalmente virarmos para o leste em direção às colinas onde Caer Cadarn se destacava como um batedor.

Uma hora depois estávamos na beira da floresta diante de Caer Cadarn. Já era tarde, mas estávamos no meio do verão e o sol continuava alto no céu, e sua luz bela e suave inundava com um brilho esverdeado os taludes a oeste de Caer Cadarn. Estávamos a 1,5 quilômetro da fortaleza, mas suficientemente perto para vermos as paliçadas amarelas em cima dos taludes, suficientemente perto para vermos que não havia nenhum guarda em cima daquelas muralhas, e que nenhuma fumaça subia do pequeno povoado dentro.

Mas também não havia nenhum inimigo à vista, e isso fez Morgana decidir atravessar a área aberta e subir o caminho do oeste até a fortaleza do rei. Gwlyddyn argumentou que deveríamos ficar na floresta até o anoitecer, ou então ir ao povoado próximo, Lindinis, mas Gwlyddyn era um carpinteiro, e Morgana, uma dama de alto nascimento, por isso ele cedeu aos desejos dela.

Entramos nas pastagens e nossas sombras se alongaram à frente. O capim tinha sido cortado curto por cervos ou gado, mas estava macio e luxuriante sob os pés. Nimue, que parecia continuar num transe assombrado pela dor, tirou os sapatos emprestados e seguiu descalça. Um falcão passou acima, e depois uma lebre, espantada pelo nosso aparecimento súbito, saltou de um buraco cheio de capim e saiu correndo com agilidade.

Seguimos um caminho ladeado de centáureas, margaridas e cornisos. Atrás de nós, sombreada por causa do sol baixo no oeste, a floresta parecia escura. Estávamos cansados e maltrapilhos, mas o fim da viagem estava à vista, e alguns dentre nós até pareciam alegres. Trazíamos Mordred de volta ao seu local de nascimento, de volta ao morro real da Dumnonia, mas antes que estivéssemos ao menos na metade daquele glorioso refúgio verde, o inimigo apareceu atrás de nós.

O bando de guerreiros de Gundleus surgiu. Não somente os cavaleiros que tinham chegado a Ynys Wydryn de manhã, mas também seus lanceiros. Gundleus devia saber o tempo todo para onde íamos, por

isso trouxera os cavaleiros sobreviventes e mais de uma centena de lanceiros a esse lugar sagrado dos reis da Dumnonia. E mesmo que não fosse forçado a perseguir o rei bebê, Gundleus teria vindo a Caer Cadarn, porque desejava nada menos do que a coroa da Dumnonia, e era em Caer Cadarn que essa coroa era posta sobre a cabeça do governante. Quem dominasse Caer Cadarn dominaria a Dumnonia, dizia o velho ditado, e quem dominasse a Dumnonia dominava a Britânia.

Os cavaleiros silurianos esporearam os animais, partindo à frente dos lanceiros. Só demorariam alguns minutos para nos alcançar, e eu sabia que nenhum de nós, nem mesmo os corredores mais rápidos, poderia chegar às longas encostas da fortaleza antes que aqueles cavaleiros nos rodeassem com aço cortante e espadas penetrantes. Fui para o lado de Nimue e vi que seu rosto magro estava pálido e cansado, e o olho que restava estava machucado e lacrimoso.

— Nimue? — falei.

— Está tudo certo, Derfel. — Nimue parecia chateada porque eu queria cuidar dela.

Ela estava louca, decidi. De todas as coisas vivas que tinham sobrevivido àquele dia terrível, ela sobrevivera à pior experiência, e isso a levava a um lugar aonde eu não podia ir e que não podia entender.

— Eu realmente amo você — falei, tentando tocar sua alma com ternura.

— Eu? Não Lunete? — disse Nimue, furiosa. Ela não estava olhando para mim, e sim para a fortaleza, enquanto eu me virava e olhava para os cavaleiros que se aproximavam e se espalhavam numa fileira comprida, como se estivessem num jogo de terror. Os mantos pousavam nas ancas dos cavalos, as bainhas das espadas pendiam ao lado das botas, e o sol brilhava nas pontas das lanças e iluminava a bandeira da raposa. Gundleus cavalgava ao lado da bandeira, usando o capacete de ferro com a crista de cauda de raposa. Ladwys vinha ao lado, com uma espada na mão, enquanto Tanaburs, com a túnica comprida balançando ao vento, montava um cavalo cinza ao lado do rei. Eu ia morrer, pensei, no mesmo dia em que tinha me tornado homem. Essa percepção foi muito cruel.

— Corram! — gritou Morgana subitamente. — Corram! — Pensei que ela havia entrado em pânico, e não queria obedecer porque achava que seria mais nobre ficar e morrer como homem do que ser cortado por trás como um fugitivo. Então vi que ela não estava em pânico e que, afinal de contas, Caer Cadarn não estava deserta, mas que os portões tinham se aberto e uma torrente de homens descia correndo e cavalgando pelo caminho. Os cavaleiros estavam vestidos como os guardas de Gundleus, só que usavam os escudos de dragão, de Mordred.

Corremos. Arrastei Nimue pelo braço enquanto o punhado de

cavaleiros dumnonianos esporeava os animais em nossa direção. Havia uma dúzia de cavaleiros, não muitos, mas o bastante para conter o avanço dos homens de Gundleus, e atrás dos cavaleiros vinha um bando de lanceiros dumnonianos.

— Cinquenta lanças — disse Gwlyddyn. Ele estivera contando o grupo de resgate. — Não podemos vencê-los com cinquenta — acrescentou carrancudo —, mas podemos chegar à segurança.

Gundleus estava deduzindo o mesmo, e agora liderou seus cavaleiros numa curva ampla que iria levá-los para trás dos lanceiros dumnonianos que se aproximavam. Queria cortar nossa retirada, porque assim que tivesse juntado os inimigos num só lugar poderia nos matar a todos, quer fôssemos setenta ou sete. Gundleus tinha a vantagem numérica e, ao descer de sua fortaleza, os dumnonianos haviam sacrificado sua única vantagem, o lugar alto.

Os cavaleiros dumnonianos passaram trovejando por nós, os cascos dos cavalos cortando grandes bocados de terra da pastagem luxuriante. Aqueles não eram os fabulosos homens de Artur, os homens com armaduras, que atacavam como raios, mas batedores de armadura leve que normalmente desmontavam antes de entrar na batalha, mas agora formavam uma tela protetora entre nós e os lanceiros silurianos. Um momento depois nossos lanceiros chegaram e fizeram sua parede de escudos. Essa parede nos deu uma nova confiança, uma confiança que beirou a imprudência quando vimos quem liderava o grupo de resgate. Era Owain, o poderoso Owain, campeão do rei e maior lutador de toda a Britânia. Tínhamos pensado que Owain estaria longe no norte, lutando ao lado dos homens de Gwent nas montanhas de Powys, mas ali estava ele, em Caer Cadarn.

Mas a triste verdade era que Gundleus ainda tinha vantagem. Éramos 12 cavaleiros, cinquenta lanceiros e trinta fugitivos cansados que tinham se reunido num lugar aberto onde Gundleus juntara quase o dobro de cavaleiros e o dobro de lanceiros.

O sol ainda estava claro. Faltariam duas horas para o crepúsculo, e quatro até que estivesse totalmente escuro, e isso dava a Gundleus tempo mais do que suficiente para terminar a chacina, embora a princípio ele tenha tentado nos persuadir com palavras. Veio cavalgando, esplêndido em sua montaria coberta por uma espuma de suor e com o escudo virado de cabeça para baixo como sinal de trégua.

— Homens da Dumnonia — gritou ele —, deem-me a criança e vou embora! — Ninguém respondeu. Owain tinha se escondido no centro da nossa parede de escudos para que Gundleus, não vendo um líder, se dirigisse a todos nós. — É uma criança aleijada! — gritou o rei siluriano. — Maldita pelos Deuses. Vocês acham que a boa fortuna pode chegar a um país governado por um rei aleijado? Querem que suas colheitas se estraguem? Querem que suas crianças nasçam doentes? Querem que seu

gado morra de sarna? Querem que os saxões sejam senhores desta terra? O que um rei aleijado traz além de má sorte?

Ainda assim, ninguém respondeu, mas, Deus sabe, um número suficiente de homens em nossas fileiras arrumadas às pressas devia ter pressentido que Gundleus pudesse estar falando a verdade.

O rei siluriano levantou o elmo de cima de seu cabelo comprido e sorriu da nossa dificuldade.

— Todos vocês podem viver — prometeu —, desde que me entreguem a criança. — Ele esperou uma resposta que não veio. — Quem lidera vocês? — perguntou por fim.

— Eu! — Finalmente Owain atravessou as fileiras para ocupar seu lugar na frente da parede de escudos.

— Owain. — Gundleus reconheceu-o, e pensei ter visto um tremor de medo nos olhos do siluriano. Como nós, ele não sabia que Owain tinha voltado ao coração da Dumnonia. Mas Gundleus continuava confiante na vitória, mesmo sabendo que, tendo Owain entre seus inimigos, essa vitória seria muito mais difícil. — Lorde Owain — disse Gundleus, dando o título apropriado ao campeão dumnoniano —, filho de Eilynon e neto de Culwas. Eu o saúdo! — Gundleus levantou a ponta de sua lança em direção ao sol. — Você tem um filho, lorde Owain.

— Muitos homens têm filhos — respondeu Owain descuidadamente. — Em que isso lhe interessa?

— Quer que seu filho fique sem pai? Quer que suas terras sejam devastadas? Sua casa queimada? Quer que sua mulher vire brinquedo dos meus homens?

— Minha mulher poderia vencer todos os seus homens, e você também. Quer brinquedos, Gundleus? Volte para a sua prostituta. — Ele esticou o queixo na direção de Ladwys. — E se não quiser compartilhar sua prostituta com seus homens, a Dumnonia pode dar algumas ovelhas solitárias à Silúria.

O desafio de Owain nos animou. Ele parecia impossível de ser derrotado com sua lança enorme, a espada comprida e o escudo com placas de aço. Sempre tinha lutado com a cabeça nua, desdenhando um elmo, e seus braços tremendamente musculosos eram tatuados com o dragão da Dumnonia e seu próprio símbolo, um javali de presas longas.

— Entregue a criança. — Gundleus ignorou os insultos, sabendo que eram apenas desafios esperados de um homem antes da batalha. — Dê-me o rei aleijado!

— Dê-me a sua prostituta, Gundleus — respondeu Owain. — Você não é homem suficiente para ela. Dê-me a prostituta e você pode ir em paz.

Gundleus cuspiu.

— Os bardos vão cantar a sua morte, Owain. A canção da caça ao javali.

Owain enfiou o cabo de sua lança no chão.

— Aqui está o javali, Gundleus Ap Meilyr, rei de Silúria — gritou ele. — E aqui o javali vai morrer ou mijar no seu cadáver. Agora vá!

Gundleus sorriu, deu de ombros e virou seu cavalo para o outro lado. Também virou o escudo de cabeça para cima, dando a entender que teríamos uma luta.

Era a minha primeira batalha.

Os cavaleiros dumnonianos tinham formado atrás de nós uma fila de lanças para proteger as mulheres e crianças enquanto pudessem. O resto de nós se juntou à linha de batalha e vimos nossos inimigos fazer o mesmo. Ligessac, o traidor, estava entre os silurianos. Tanaburs realizou os rituais, pulando numa perna, com uma das mãos levantadas e um olho fechado, na frente da parede de escudos de Gundleus, que avançava lentamente sobre o capim. Só quando Tanaburs tinha lançado seu feitiço protetor os silurianos começaram a gritar insultos em nossa direção. Eles nos alertaram do massacre que viria e alardearam quantos de nós matariam, mas mesmo assim percebi como vinham devagar e, quando estavam apenas a 50 passos, como pararam por completo. Alguns de nossos homens zombaram timidamente, mas Owain rosnou para que ficassemos quietos.

As linhas de batalha se entreolharam. Nenhuma das duas se mexeu.

É preciso uma coragem extraordinária para atacar uma fileira de escudos e lanças. Por isso tantos homens bebem antes da luta. Já vi exércitos pararem durante horas enquanto juntam coragem para atacar, e quanto mais velho o guerreiro, mais coragem é necessária. Tropas novas atacam e morrem, mas os homens mais velhos sabem como pode ser terrível uma parede de escudos. Eu não tinha escudo, mas estava coberto pelos escudos de meus vizinhos, e seus escudos tocavam outros e assim por diante, seguindo pela nossa pequena fileira, de modo que qualquer homem que atacasse seria enfrentado por uma parede de madeira forrada de couro e cheia de pontas de lanças afiadas.

Os silurianos começaram a bater com as lanças nos escudos. O som se destinava a nos inquietar, e inquietou, ainda que ninguém do nosso lado demonstrasse medo. Simplesmente estávamos agrupados, esperando o ataque.

— Primeiro haverá alguns ataques falsos, garoto — alertou meu vizinho e, nem bem ele tinha falado, um grupo de silurianos correu gritando de sua fileira e arremessou lanças compridas no centro de nossa defesa. Nossos homens se agacharam e as lanças bateram nos nossos escudos, e de repente toda a fileira siluriana estava se movendo à frente, mas imediatamente Owain ordenou que nossa fileira se levantasse e marchasse para adiante, e esse movimento deliberado interrompeu a ameaça de ataque inimigo. Aqueles de nossos homens cujos escudos tinham sido cravados pelas lanças inimigas arrancaram as armas e

depois restauraram a parede de escudos.

— Recuar! — ordenou Owain. Ele tentaria recuar lentamente pelos 800 metros de pasto até Caer Cadarn, esperando que os silurianos não juntassem coragem para atacar enquanto completávamos aquela jornada penosa e lenta. Para nos dar mais tempo Owain foi para a frente da fileira e gritou desafiando Gundleus a lutar com ele, homem contra homem. — Você é mulher, Gundleus? — gritou o campeão do nosso rei. — Perdeu a coragem? Não tomou hidromel suficiente? Por que não volta para o seu tear, mulher? Volte para o seu bordado! Volte para a sua roca!

Nós andávamos para trás, andávamos para trás, mas de repente um ataque do inimigo nos fez parar firmes e nos esconder atrás dos escudos enquanto as lanças eram atiradas. Uma passou acima da minha cabeça, soando como um sopro de vento, mas de novo o ataque era um engodo destinado a causar pânico. Ligessac lançava flechas, mas devia estar bêbado, porque seus arremessos passavam muito acima. Owain serviu de alvo para uma dúzia de lanças, mas a maioria errou, e as outras ele varreu de lado, com desprezo, usando a espada ou o escudo antes de zombar dos atiradores.

— Quem ensinou vocês a atirar lanças? Suas mães? — cuspiu para os inimigos. — Venha, Gundleus! Lute comigo! Mostre aos seus ajudantes de cozinha que você é um rei, e não um rato!

Os silurianos bateram com as lanças nos escudos para abafar as provocações de Owain. Ele virou as costas para mostrar seu desprezo e voltou lentamente para a nossa fileira de escudos.

— Para trás — ordenou ele em voz baixa —, para trás.

Então dois silurianos largaram seus escudos e armas e tiraram as roupas para lutar nus. Meu vizinho cuspiu.

— Agora vai haver encenca — alertou ele, sério.

Os homens nus provavelmente estavam bêbados, ou então tão intoxicados pelos Deuses que acreditavam que nenhuma lâmina inimiga poderia machucá-los. Eu tinha ouvido falar de homens assim, e sabia que seu exemplo suicida geralmente era sinal de um ataque verdadeiro. Agarrei minha espada e tentei prometer que morreria bem, mas na verdade poderia ter chorado diante de uma situação tão lamentável. Tinha me tornado homem naquele dia, e agora ia morrer. Ia me juntar a Uther e Hywel no Outro Mundo, e ali esperaria através dos anos de sombra até que minha alma achasse outro corpo humano em que voltar a este mundo verde.

Os dois homens desamarraram os cabelos, pegaram suas lanças e espadas e depois dançaram diante da fileira de silurianos. Uivavam enquanto entravam no frenesi de batalha; aquele estado de êxtase insensato que deixa um homem tentar qualquer feito. Gundleus, pondo o cavalo atrás de sua bandeira, sorriu para os dois homens cujos corpos

estavam intrinsecamente tatuados com desenhos azuis. As crianças choravam atrás de nós, e nossas mulheres invocavam os Deuses enquanto os homens dançavam cada vez mais perto, suas lanças e espadas girando ao sol da tarde. Homens assim não tinham necessidade de escudos, roupas ou armaduras. Os Deuses eram sua proteção e a glória sua recompensa, e se conseguissem matar Owain os bardos cantariam sua vitória durante anos e anos. Eles avançaram de cada lado de nosso campeão, que avaliou o peso de sua lança enquanto se preparava para enfrentar o ataque frenético que também marcaria o momento da carga de toda a linha inimiga.

E então a trombeta soou.

A trombeta deu uma nota clara, fria, como nenhuma que eu tivesse ouvido antes. Havia uma pureza, uma pureza fria e dura diferente de tudo na terra. Soou uma vez, soou duas, e o segundo toque bastou para fazer com que até mesmo os homens nus parassem e se virassem na direção do leste, de onde o som viera.

Também olhei.

E fiquei pasmo. Era como se um novo sol brilhante tivesse nascido no fim daquele dia. A luz cortou as pastagens, cegando-nos, confundindo-nos, mas então ela se desviou e vi que era apenas o reflexo do sol verdadeiro olhando de um escudo polido até brilhar como um espelho. Mas aquele escudo era empunhado por um homem como eu nunca tinha visto antes; um homem magnífico, um homem montado num grande cavalo e acompanhado por homens iguais; uma horda de homens espantosos, homens emplumados, homens com armaduras, homens que brotaram dos sonhos dos Deuses para vir a este campo da morte, e sobre as cabeças emplumadas dos homens flutuava uma bandeira que eu viria a amar mais do que qualquer bandeira em toda a terra de Deus. Era a bandeira do urso.

O chifre soou uma terceira vez, e de repente eu soube que iria viver e estava chorando de alegria, e todos os nossos lanceiros estavam meio chorando e meio gritando, e a terra estremecia com os cascos dos cavalos daqueles homens que pareciam Deuses, que vinham nos resgatar.

Porque Artur, finalmente, tinha chegado.



Parte 2

A noiva

IGRAINE ESTÁ INFELIZ. QUER HISTÓRIAS da infância de Artur. Ouviu falar de uma espada presa na pedra e quer que eu escreva a respeito. Conta que ele foi gerado por um espírito numa rainha e que os céus estavam cheios de trovões na noite de seu nascimento, e talvez esteja certa e os céus tenham feito barulho naquela noite, mas todo mundo com quem falei tinha dormido o tempo todo, e quanto à espada na pedra, bom, houve uma espada e houve uma pedra, mas o lugar delas na história ainda está muito adiante. A espada chamava-se Caledfwlch, que significa “raio duro”, mas Igraine prefere chamá-la de Excalibur, e também irei chamá-la assim porque Artur nunca se importou com o nome de sua espada longa. Também não se importava com sua infância, já que certamente nunca o ouvi falar dela. Uma vez perguntei-lhe sobre isso e ele não quis responder.

— O que é o ovo para a águia? — perguntou ele, depois disse que tinha nascido, tinha vivido e virado soldado, e que era só isso que eu precisava saber.

Mas por minha muito bela e generosa protetora, Igraine, deixe-me anotar o pouco que fiquei sabendo. Apesar da negativa de Uther em Glevum, Artur era filho do Grande Rei, ainda que houvesse pouca vantagem nisso porque Uther foi pai de tantos bastardos quanto um gato pode gerar filhotes. A mãe de Artur, como minha preciosíssima rainha, chamava-se Igraine. Ela veio de Caer Gei, que fica em Gwynedd, e dizem que era filha de Cunedda, rei de Gwynedd e Grande Rei antes de Uther, ainda que Igraine não fosse princesa, porque sua mãe não era esposa de Cunedda, e sim casada com um chefe tribal de Henis Wyren. Tudo que Artur dizia sobre Igraine de Gwynedd, que morreu quando ele estava à beira de virar homem, é que ela era a mãe mais maravilhosa, inteligente e bela que qualquer garoto poderia desejar, ainda que, segundo Cei, que conheceu Igraine bem, sua beleza fosse enfatizada por uma sagacidade rancorosa. Cei é filho de Ector Ap Ednywain, chefe tribal de Caer Gei que aceitou Igraine e seus quatro filhos bastardos em seu lar quando Uther os rejeitou. Essa rejeição aconteceu no mesmo ano em que Artur nasceu, e Igraine nunca perdoou o filho por isso. Ela costumava dizer que Artur era uma criança que veio além da conta, e de algum modo acreditava que sempre teria governado como amante de Uther se Artur não tivesse nascido.

Artur foi o quarto dos filhos de Igraine a sobreviver à infância. Os outros três eram todos do sexo feminino, e Uther evidentemente gostava que seus bastardos fossem meninas, porque teriam menos probabilidade

de fazer exigências relativas ao seu patrimônio quando crescessem. Cei e Artur foram criados juntos, e Cei diz, embora jamais na presença de Artur, que ele e Artur sentiam medo de Igraine. Artur, disse-me ele, era um garoto obediente, trabalhador, que lutava para ser o melhor em cada lição, fosse na leitura ou na luta de espadas, mas nada que ele pudesse realizar dava prazer à sua mãe, ainda que Artur sempre a adorasse, defendesse e tivesse chorado inconsolavelmente quando ela morreu de febre. Na época Artur tinha 13 anos, e Ector, seu protetor, apelou a Uther para ajudar os quatro órfãos empobrecidos de Igraine. Uther os levou a Caer Cadarn, provavelmente porque achava que as três filhas seriam peças úteis no jogo dos casamentos dinásticos. O casamento de Morgana com o príncipe de Kernow teve vida curta graças ao incêndio, mas Morgause se casou com o rei Lot de Lothian e Anna se casou com o rei Budic Ap Camran, que morava na Bretanha, do outro lado do mar. Esses dois últimos não foram casamentos importantes, uma vez que nenhum dos dois reis estava suficientemente perto para mandar reforços a Dumnonia em caso de guerra, mas ambos serviam aos seus pequenos objetivos. Artur, sendo um garoto, não tinha tal utilidade, por isso foi para a corte de Uther e aprendeu a usar espada e lança. Também conheceu Merlin, ainda que nenhum dos dois falasse muito do que se passou entre eles naqueles meses antes de Artur, perdendo a esperança de ter qualquer preferência da parte de Uther, seguir sua irmã Anna até a Bretanha. Lá, no tumulto da Gália, cresceu tornando-se um grande soldado, e Anna, sempre consciente de que um irmão guerreiro era um parente valioso, manteve Uther a par dos feitos dele. Foi por isso que Uther trouxe Artur de volta à Britânia para a campanha que terminou com a morte de seu filho. O resto você sabe.

E agora contei a Igraine tudo que sei sobre a infância de Artur, e sem dúvida ela vai enfeitar a história com as lendas que já estão sendo contadas a respeito dele entre o povo comum. Igraine está levando esses pergaminhos um a um e mandando que sejam transcritos na língua apropriada da Britânia por Dafydd Ap Gruffud, o escrivão da justiça que fala a língua saxã, e eu não confio que ele ou Igraine deixem essas palavras intocadas por suas fantasias. Há ocasiões em que desejo ter ousado anotar esta história na língua britânica, mas o bispo Sansum, de quem Deus gosta acima de todos os santos, ainda suspeita do que escrevo. Algumas vezes ele tentou parar com este trabalho, ou então ordenou aos diabretes de Satã que me impedissem. Um dia descobri que todas as minhas penas tinham sumido, e em outro havia urina no tinteiro de chifre, mas Igraine restaura tudo e Sansum, a não ser que aprenda a ler e dominar a língua saxã, não pode confirmar suas suspeitas de que esta obra, na verdade, não é um Evangelho em saxão.

Igraine insiste para que eu escreva mais, e mais rápido, e implora que conte a verdade sobre Artur, mas depois reclama quando essa verdade

não combina com os contos de fadas que ela ouve na cozinha do Caer ou nos aposentos das mulheres. Ela quer transformações e feras caçadoras, mas não posso inventar o que não vi. Deus me perdoe, é verdade que mudei algumas coisas, mas nada de importante. Assim, quando Artur nos salvou na batalha diante de Caer Cadarn, muito antes de ele ter aparecido percebi que estava vindo, porque Owain e seus homens sabiam o tempo todo que Artur e seus cavaleiros, recém-chegados da Bretanha, estavam escondidos nas florestas ao norte de Caer Cadarn, assim como sabiam que o bando de guerreiros de Gundleus vinha se aproximando. O erro de Gundleus foi incendiar o Tor, porque a pira de fumaça serviu como alerta para todo o país do Sul, e os batedores montados de Owain estavam vigiando os homens de Gundleus desde o meio-dia. Owain, tendo ajudado Agrícola a derrotar a invasão de Gorfyddyd, havia corrido para o Sul, para receber Artur, não por amizade, mas para estar presente quando um comandante rival aparecesse no reino, e para nós foi uma sorte Owain ter retornado. Mas mesmo assim a batalha nunca poderia ter acontecido como a descrevi. Se Owain não soubesse que Artur estava perto ele teria dado o bebê Mordred ao seu cavaleiro mais rápido e mandado a criança a galope para a segurança, ainda que o resto de nós caísse sob as lanças de Gundleus. Eu poderia ter escrito esta verdade, claro, mas os bardos me ensinaram a dar forma a uma história, de modo que os ouvintes sejam mantidos à espera da parte que querem ouvir, e acho que a narrativa fica melhor guardando a notícia da chegada de Artur até o último minuto. É um pequeno pecado esta alteração, mas Deus sabe que Sansum jamais iria perdoá-la.

Ainda é inverno aqui em Dinnewrac, e faz muito frio, mas o rei Brochvael ordenou que Sansum acendesse as nossas fogueiras depois que o irmão Aron foi encontrado morto congelado em sua cela. O santo recusou, até que o rei mandou lenha de seu Caer, assim agora temos fogueiras, não muitas e nunca grandes. Mesmo assim, até mesmo um pequeno fogo torna mais fácil escrever, e ultimamente o abençoado santo Sansum tem sido menos intrometido. Dois novinhos entraram para o nosso pequeno rebanho, meros garotos com vozes que ainda não mudaram, e Sansum tomou a si treiná-los nos caminhos de Nosso Preciosíssimo Salvador. Tal é o cuidado do santo com as almas imortais deles que chega a insistir que os meninos compartilhem sua cela, e parece um homem mais feliz com a companhia. Agradeçamos a Deus por isso, e pelo presente do fogo, e pela força de continuar com esta história de Artur, o Rei que Nunca Foi, o Inimigo de Deus e Senhor das Batalhas.

NÃO DEVO CANSAR VOCÊ COM os detalhes daquela luta diante de Caer Cadarn. Foi uma rusga, não uma batalha, e apenas um punhado de silurianos escapou. Ligessac, o traidor, foi um dos que fugiu, mas a maioria dos homens de Gundleus foi capturada. Uma grande quantidade dos inimigos morreu, inclusive os dois lutadores nus que caíram sob a lança de Owain. Gundleus, Ladwys e Tanaburs foram aprisionados vivos. Eu não matei ninguém. Nem cheguei a fazer moessa no gume da minha espada.

Tampouco me lembro direito da rusga, porque tudo que queria fazer era olhar para Artur.

Ele estava montado em Llamrei, sua égua, um grande animal preto com patas peludas e ferraduras lisas, de ferro, presas aos cascos com tiras de couro. Todos os homens de Artur montavam cavalos grandes assim, que tinham as narinas cortadas para que pudessem respirar com mais facilidade. Os animais ficavam ainda mais assustadores devido aos extraordinários escudos de couro esticado que protegiam seus peitos dos golpes de lanças. Os escudos eram tão grossos e incômodos que os cavalos não podiam baixar a cabeça para pastar depois da batalha, e Artur ordenou que um de seus cavaleiros soltasse o escudo para que Llamrei pudesse se alimentar. Cada um dos cavalos precisava de dois cavaleiros, um para cuidar do escudo do animal, da manta e da sela, o outro para guiar o cavalo pelo bridão, enquanto um terceiro serviçal levava a lança e o escudo do guerreiro. Artur tinha uma lança comprida e pesada chamada Rhongomyniad, enquanto seu escudo, Wynebgwrthucher, era feito de tábuas de salgueiro cobertas com uma pele de prata batida, polida até ofuscar. No quadril pendia a faca chamada Carnwenhau e a famosa espada Excalibur em sua bainha negra enfeitada com fios de ouro entrecruzados.

Eu não podia ver seu rosto porque a cabeça estava dentro de um elmo com largas placas sobre as faces, escondendo as feições. O elmo, com a abertura para os olhos e um buraco escuro no lugar da boca, era de ferro polido decorado com desenhos retorcidos feitos de prata, e tinha uma plumagem alta de penas de ganso. Havia alguma coisa mortal naquele capacete pálido, tinha uma aparência temível, como um crânio, sugerindo que o dono era um dos mortos-vivos. Seu manto, como as plumas, era branco. O manto, que ele fazia questão absoluta de manter limpo, pendia dos ombros para manter o sol longe de sua comprida armadura de escamas. Eu nunca tinha visto uma, ainda que Hywel tivesse me falado a respeito, e ao ver a de Artur me senti assolado por

um desejo de possuir uma assim. A armadura era romana e feita de centenas de placas de ferro, cada uma não maior do que a falange do polegar, costuradas em fileiras sobrepostas sobre uma jaqueta de couro que ia até o joelho. As placas eram quadradas em cima, onde havia dois buracos para passar o fio de costura, e pontudas na base, e as escamas se sobrepunham de tal modo que uma ponta de lança encontraria sempre pelo menos duas camadas de ferro antes de tocar no couro forte por baixo. A armadura rígida fazia barulho quando Artur se mexia, e não era apenas som de ferro, porque seus ferreiros tinham acrescentado uma fileira de placas de ouro no pescoço e espalharam escamas de prata em meio ao ferro polido, de modo que toda a armadura parecia brilhar. Eram necessárias horas de polimento a cada dia para que não enferrujasse, e depois de cada batalha algumas placas estariam faltando, e precisariam ser forjadas de novo. Poucos ferreiros podiam fazer uma armadura daquelas, e muito poucos homens poderiam comprar, mas Artur pegara a sua de um chefe tribal franco, a quem havia matado na Armórica. Além do elmo, do manto e da armadura escamada, ele usava botas de couro, luvas de couro e um cinto de couro de onde pendia Excalibur em sua bainha com fios de ouro cruzados, que supostamente protegeriam o dono contra todo mal.

Para mim, fascinado com sua chegada, ele parecia um Deus branco e brilhante vindo à terra. Eu não conseguia afastar os olhos.

Ele abraçou Owain e ouvi os dois rirem. Owain era um homem alto, mas Artur era capaz de olhá-lo no olho, ainda que nem de longe tivesse um corpo tão maciço quanto o de Owain. Owain era todo feito de músculos e volume enquanto Artur era um homem magro e nodoso. Owain bateu com força nas costas de Artur e este devolveu o gesto afetuosos antes de os dois andarem, com os braços passados pelo ombro um do outro, até onde Ralla estava segurando Mordred.

Artur caiu de joelhos diante do rei e, com uma delicadeza surpreendente para um homem com armadura rígida e pesada, levantou a mão enluvada para segurar a bainha da túnica do bebê. Em seguida, empurrou para os lados as abas do elmo, presas por dobradiças, e beijou a túnica. Mordred respondeu gritando e lutando.

Artur se levantou e estendeu os braços para Morgana. Ela era mais velha do que o irmão, que tinha apenas 25 ou 26 anos, mas, quando ele fez questão de abraçá-la, ela começou a chorar por trás da máscara de ouro que bateu de leve contra o elmo de Artur quando os dois se apertaram. Ele a segurou com força e deu tapinhas nas suas costas.

— Querida Morgana — eu o ouvi dizer —, querida e doce Morgana.

Eu nunca tinha percebido como Morgana era solitária, até que a vi chorar nos braços do irmão.

Ele se afastou gentilmente do abraço dela e em seguida usou as duas mãos enluvadas para tirar da cabeça o elmo cinza-prateado.

— Tenho um presente para você — disse Artur a Morgana —, pelo menos acho que tenho, a não ser que Hygwydd o tenha roubado. Onde você está, Hygwydd?

O servo Hygwydd se adiantou correndo e recebeu o elmo com plumas brancas em troca de um colar de dentes de urso engastados em ouro e presos numa corrente de ouro, que Artur pendurou no pescoço da irmã.

— Uma coisa linda para a minha adorável irmã — disse ele, e depois insistiu em saber quem era Ralla, e quando soube da morte de seu bebê o rosto dele mostrou tanta dor e simpatia que Ralla começou a chorar, e Artur a abraçou impulsivamente e quase esmagou o rei bebê contra seu peito com a armadura de escamas. Então Gwlyddyn foi apresentado e contou a Artur como eu tinha matado um siluriano para proteger Mordred, e assim Artur girou para me agradecer.

E, pela primeira vez, olhei direto para o seu rosto.

Era um rosto gentil. Esta foi a minha primeira impressão. Não; é isso que Igraine quer que eu escreva. Na verdade, minha primeira impressão foi de suor, um monte de suor resultante de usar armadura de metal num dia de verão, mas depois do suor notei como ele parecia gentil. Dava para confiar em Artur à primeira vista. Por isso as mulheres sempre gostaram de Artur, não porque ele fosse bonito, porque não era escancaradamente belo, mas porque olhava para você com interesse genuíno e óbvia benevolência. Tinha um rosto forte e ossudo, cheio de entusiasmo, e fartos cabelos castanho-escuros que, quando o vi pela primeira vez, estavam empastados de suor, grudados na cabeça, graças ao forro de couro do elmo. Os olhos eram castanhos, ele tinha nariz comprido e maxilar forte, totalmente raspado, mas a característica mais notável era a boca. Era muito grande e cheia de dentes. Ele tinha orgulho dos dentes e os limpava todos os dias com sal, quando podia encontrar, e com água pura quando não podia. Era um rosto grande e forte, mas o que me impressionou mais foram aquele olhar de gentileza e o humor maroto dos olhos. Havia um ar de diversão em Artur, algo em seu rosto irradiava uma felicidade que envolvia os outros em sua aura. Nesse momento percebi, e sempre depois, como os homens e as mulheres ficavam mais alegres quando Artur estava em sua companhia. Todo mundo ficava mais otimista, havia mais risos, e quando ele partia pairava uma monotonia. No entanto, Artur não era muito espirituoso, nem um contador de histórias, era simplesmente Artur, um homem bom e com uma confiança contagiante, uma vontade impaciente e uma decisão de ferro. Você não percebia essa dureza a princípio, e até mesmo o próprio Artur fingia que ela não estava ali, mas estava. Um número incontável de sepulturas nos campos de batalha testemunha isso.

— Gwlyddyn me contou que você matou um saxão — provocou ele.

— Senhor — foi tudo que pude dizer, e caí de joelhos.

Ele se curvou e me levantou pelos ombros. Seu toque era firme.

— Não sou rei, Derfel, não se ajoelhe diante de mim, mas eu deveria me ajoelhar diante de você por ter arriscado a vida para salvar nosso rei. — Ele sorriu. — Por isso eu lhe agradeço. — Ele tinha a capacidade de fazer a gente sentir que ninguém mais no mundo importava tanto quanto a gente, e eu estava de fato perdido numa adoração por ele. — Quantos anos você tem?

— Quinze, acho.

— Pelo tamanho parece ter 20. — Ele sorriu. — Quem lhe ensinou a lutar?

— Hywel, o administrador de Merlin.

— Ah! O melhor professor! Ele também me ensinou, e como vai o bom Hywel? — A pergunta foi feita ansiosamente, mas não encontrei as palavras nem a coragem para responder.

— Morto — respondeu Morgana por mim. — Morto por Gundleus. — Ela cuspiu através da abertura da máscara em direção ao rei capturado que estava sendo mantido a alguns passos de distância.

— Hywel está morto? — Artur fez a pergunta a mim, com os olhos nos meus. Assenti e pisquei para refrear as lágrimas e instantaneamente Artur me abraçou. — Você é um bom homem, Derfel, e eu lhe devo uma recompensa por salvar a vida do nosso rei. O que você quer?

— Ser um guerreiro, senhor.

Ele sorriu e se afastou de mim.

— Você é um homem de sorte, Derfel, porque é o que deseja ser. Lorde Owain? — Ele se virou para o campeão corpulento e tatuado. — Você pode usar este bom guerreiro saxão?

— Posso usá-lo — concordou Owain prontamente.

— Então ele é seu homem — disse Artur, e deve ter sentido meu desapontamento, porque se virou de novo e pousou uma das mãos no meu ombro. — Por enquanto, Derfel — disse suavemente —, emprego cavaleiros e não lanceiros. Deixe Owain ser o seu senhor, porque não há ninguém melhor para ensinar o ofício de soldado. — Ele agarrou meu ombro com a mão enluvada, depois se virou e acenou para os dois guardas ao lado de Gundleus. Uma multidão se reunira perto do rei capturado, que estava debaixo das bandeiras dos vitoriosos. Os cavaleiros de Artur, com elmos de ferro, armaduras de couro com ferro e mantos de linho ou lã, misturavam-se aos lanceiros de Owain e aos fugitivos do Tor na área gramada onde Artur agora encarava Gundleus.

Gundleus se empertigou. Não tinha armas, mas não abandonaria o orgulho, nem piscou quando Artur se aproximou.

Artur andou em silêncio até ficar a dois passos do rei capturado. A multidão prendeu o fôlego. Gundleus estava na sombra do estandarte de Artur, que mostrava um urso preto sobre campo branco. O urso voava entre a bandeira do dragão de Mordred, recapturada, e o estandarte do

javali de Owain, enquanto aos pés de Gundleus estava caída sua bandeira da raposa, que tinha sido cuspidada, mijada e pisoteada pelos vitoriosos. Gundleus ficou olhando enquanto Artur desembainhava Excalibur. A lâmina tinha um tom azulado no aço polido até ficar tão brilhante quanto a cota de escamas, o elmo e o escudo de Artur.

Esperamos pelo golpe fatal, mas em vez disso Artur se abaixou sobre um dos joelhos e estendeu o punho de Excalibur para Gundleus.

— Senhor rei — disse ele humildemente, e a multidão, que estivera antecipando a morte de Gundleus, ficou boquiaberta.

Gundleus hesitou pelo tempo de uma batida de coração, depois estendeu a mão para tocar o botão da espada. Não falou nada. Talvez estivesse pasmo demais para falar.

Artur se levantou e embainhou a espada.

— Fiz um juramento de proteger meu rei — disse ele — e não de matar reis. O que acontecer com você, Gundleus Ap Meilyr, não será decisão minha, mas será mantido cativo até que esta decisão seja tomada.

— Quem toma a decisão? — perguntou Gundleus, arrogante. Artur hesitou, claramente sem saber a resposta. Muitos de nossos guerreiros estavam gritando pela morte de Gundleus, Morgana insistia para que o irmão vingasse Norwenna enquanto Nimue guinchava para que o rei cativo fosse entregue à sua vingança, mas Artur balançou a cabeça. Muito mais tarde ele me explicou que Gundleus era primo de Gorfyddyd, rei de Powys, e que isso tornava a morte dele uma questão de estado, e não de vingança.

— Eu queria fazer a paz, e raramente a paz vem da vingança — admitiu ele —, mas provavelmente deveria tê-lo matado. Não que isso fizesse muita diferença.

Mas agora, diante de Gundleus ao sol que ia baixando e nas proximidades de Caer Cadarn, ele meramente disse que o destino de Gundleus estava nas mãos do conselho da Dumnonia.

— E quanto a Ladwys? — perguntou Gundleus, fazendo um gesto para a mulher alta e de rosto pálido que estava atrás dele, com um ar de terror. — Peço que ela tenha permissão de ficar comigo.

— A prostituta é minha — disse Owain asperamente. Ladwys balançou a cabeça e chegou mais perto de Gundleus.

— Ela é minha esposa! — protestou Gundleus a Artur, confirmando assim o antigo boato de que ele realmente havia se casado com a amante plebeia. O que também significava que havia se casado falsamente com Norwenna, ainda que este pecado, considerando o que mais ele fez com ela, era até pequeno.

— Esposa ou não — insistiu Owain —, ela é minha. — Ele viu a hesitação de Artur. — A não ser que o conselho decida em contrário — acrescentou num eco deliberado da invocação feita por Artur àquela alta

autoridade.

Artur pareceu perturbado pela reivindicação de Owain, mas sua posição na Dumnonia ainda era incerta, porque mesmo tendo sido nomeado protetor de Mordred e um dos comandantes guerreiros do reino, isso apenas lhe dava uma autoridade igual à de Owain. Todos notamos como, depois da rusga com os silurianos, Artur assumira o controle, mas Owain, ao exigir ter Ladwys como escrava, estava lembrando de que possuía poder igual. O momento foi incômodo, até que Artur sacrificou Ladwys à unidade dumnoniana.

— Owain decidiu a questão — disse ele a Gundleus, depois se virou para o outro lado, de modo a não precisar testemunhar o efeito de suas palavras sobre os amantes. Ladwys gritou em protesto, depois ficou quieta quando um dos homens de Owain a arrastou para longe.

Tanaburs gargalhou do sofrimento de Ladwys. Ele era um druida, por isso nenhum mal lhe podia ser feito. Não era prisioneiro e estava livre para ir, mas teria de abandonar o campo sem comida, bênção ou companhia. Entretanto, encorajado pelos acontecimentos do dia, eu não podia deixá-lo ir sem falar, por isso o acompanhei pelo pasto cheio de mortos silurianos.

— Tanaburs! — gritei.

O druida se virou e me viu sacar a espada.

— Cuidado, garoto — disse ele, e fez o sinal de alerta com seu cajado com a lua na ponta.

Eu deveria ter sentido medo, mas um novo espírito guerreiro me preenchia quando me aproximei e encostei a espada nos pelos brancos e emaranhados de sua barba. A cabeça dele se sacudiu para trás ao toque do aço, fazendo chacoalhar os ossinhos presos ao cabelo. Seu rosto velho era enrugado, marrom e manchado, os olhos vermelhos e o nariz torto.

— Eu deveria matá-lo — falei.

Ele gargalhou.

— E a praga da Britânia vai acompanhá-lo. Sua alma nunca chegará ao Outro Mundo, você terá tormentos desconhecidos e incontáveis, e serei o autor deles. — Ele cuspiu na minha direção, depois tentou empurrar a lâmina da espada para longe da barba, mas firmei o punho e, de súbito, ele pareceu alarmado ao perceber minha força.

Uns poucos observadores curiosos tinham me seguido, e alguns tentaram me alertar sobre o destino pavoroso que me atormentaria se eu matasse um druida, mas eu não tencionava matar o velho. Só queria apavorá-lo.

— Há mais de dez anos — falei —, vocês vieram à aldeia de Madog. — Madog era o homem que havia escravizado minha mãe, e cujo povoado o jovem Gundleus tinha atacado.

Tanaburs assentiu enquanto se lembrava do ataque.

— E viemos mesmo, viemos mesmo. Foi um bom dia! Pegamos muito ouro e muitos escravos!

— E você fez um poço da morte.

— E daí? — Ele deu de ombros, depois riu, zombando. — Devemos agradecer aos Deuses pela boa sorte.

Sorri e deixei a ponta da espada cutucar sua garganta magra.

— E daí que eu sobrevivi, druida. Eu sobrevivi.

Tanaburs levou alguns segundos para entender o que eu tinha dito, mas em seguida ficou branco e trêmulo, porque sabia que eu, apenas eu em toda a Britânia, possuía o poder de matá-lo. Ele havia me sacrificado aos Deuses, mas seu descuido em não se certificar da oferenda significava que os Deuses tinham me dado o poder sobre sua vida. Ele gritou de terror, pensando que minha lâmina já ia penetrar em sua garganta, mas em vez disso eu afastei o aço de sua barba desgrehada e gargalhei enquanto ele se virava e corria tropeçando pelo campo. Estava desesperado para escapar de mim, mas logo antes de chegar à floresta para onde o punhado de sobreviventes silurianos havia fugido, ele se virou e apontou a mão ossuda para mim.

— Sua mãe vive, garoto! — gritou ele. — Ela vive! — Em seguida sumiu.

Fiquei ali de boca aberta e com a espada pendurada na mão. Não que eu estivesse dominado por alguma emoção específica, porque mal podia me lembrar de minha mãe e não tinha uma lembrança real de amor entre nós, mas o simples pensamento de que ela vivia esmagou todo o meu mundo com tanta violência quanto a destruição do salão de Merlin naquela manhã. Então balancei a cabeça. Como Tanaburs poderia se lembrar de um escravo dentre tantos? Sem dúvida sua afirmação era falsa, meras palavras para me perturbar, nada mais, e com isso embainhei a espada e voltei lentamente na direção da fortaleza.

Gundleus foi posto sob guarda numa câmara perto do grande salão de Caer Cadarn. Houve uma espécie de festa naquela noite, embora, devido à quantidade de gente na fortaleza, as porções de carne fossem pequenas e cozinhadas às pressas. Boa parte da noite foi gasta por velhos amigos trocando notícias da Britânia e da Bretanha, já que muitos seguidores de Artur eram originários da Dumnonia ou dos outros reinos britânicos. Os nomes dos homens de Artur se turvavam na minha mente, porque havia mais de setenta cavaleiros em seu bando, bem como cavaliços, servos, mulheres e uma tribo de crianças. Com o tempo os nomes dos guerreiros de Artur se tornaram familiares, mas naquela noite não significaram nada: Dagonet, Aglaval, Cei, Lanval, os irmãos Balan e Balin, Gawain e Agravain, Blaise, Illtyd, Eiddilig, Bedwyr. Notei Morfans porque ele era o homem mais feio que já vi, tão feio que se orgulhava de sua aparência grotesca, do pescoço com papeira, do lábio leporino e o queixo deformado. Também notei

Sagrador, porque era negro e eu nunca tinha visto um homem daqueles, nem mesmo acreditava em sua existência. Era alto, magro e azedamente lacônico, mas quando persuadido a contar uma história em seu sotaque horrível era capaz de enfeitiçar um salão inteiro.

E, claro, notei Ailleann. Era uma mulher magra e de cabelos pretos, alguns anos mais velha do que Artur, com rosto fino, sério e gentil que lhe dava um ar de grande sabedoria. Naquela noite estava vestida com adornos reais. Seu vestido era de linho tingido de vermelho-ferrugem com terra férrea, enfeitado com uma pesada corrente de prata, e tinha mangas compridas e soltas franjadas com pelo de lontra. Usava um brilhante torque de ouro pesado no pescoço comprido, braceletes de ouro nos pulsos e no peito um broche de esmalte mostrando o símbolo de Artur, o urso. Movia-se graciosamente, falava pouco e observava Artur de modo protetor. Achei que ela devia ser uma rainha, ou pelo menos uma princesa, só que estava carregando tigelas de comida e frascos de hidromel como qualquer serva comum.

— Ailleann é escrava, garoto — disse Morfans, o Feio. Ele estava agachado à minha frente, no chão do salão, e me vira observando a mulher enquanto ela se deslocava das áreas iluminadas pelo fogo até as sombras tremulantes.

— Escrava de quem?

— De quem você acha? — perguntou ele, e depois enfiou uma costela de porco na boca e usou os dois dentes que restavam para tirar a carne suculenta do osso. — De Artur — falou depois de ter jogado o osso para um dos muitos cachorros no salão. — E também é amante dele, além de escrava, claro. — Ele arrotou, depois bebeu numa taça de chifre. — Foi dada pelo cunhado dele, o rei Budic. Isso foi há muito tempo. Ela é uns bons anos mais velha do que Artur, e acho que Budic não achava que ele iria mantê-la por muito tempo. Mas, quando Artur gosta de alguém, o negócio parece ficar para sempre. Aqueles são os gêmeos dela. — Ele esticou a barba gordurosa em direção ao fundo do salão, onde dois meninos carrancudos, de uns 9 anos, estavam agachados na terra com suas tigelas de comida.

— Filhos de Artur?

— De ninguém mais — disse Morfan, ridicularizando. — Amhar e Loholt, é como se chamam, e o pai adora os dois. Nada é bom demais para os bastardozinhos. São verdadeiros imprestáveis. — Havia um ódio genuíno em sua voz. — Vou lhe dizer, filho, Artur Ap Uther é um grande homem. É o melhor soldado que já conheci, o homem mais generoso e o senhor mais justo, mas quando se trata de ter filhos eu poderia fazer melhor com uma porca.

Olhei de novo para Ailleann.

— Eles são casados?

Morfans gargalhou.

— Claro que não! Mas ela o mantém feliz nesses dez anos. Veja bem, chegará o dia em que irá mandá-la embora como o pai mandou sua mãe. Artur vai se casar com uma mulher da realeza e ela nem de longe será tão gentil quanto Ailleann, mas é isso que homens como Artur têm de fazer. Têm de se casar bem. Não como você e eu, garoto. Podemos casar com quem quisermos, desde que não seja da realeza. Ouça isso! — Ele riu enquanto uma mulher gritava na noite do lado de fora do palácio.

Owain tinha saído do salão e Ladwys, evidentemente, estava aprendendo seus novos deveres. Artur se encolheu ao ouvir o som, e Ailleann levantou a cabeça elegante e franziu a testa para ele, mas a única outra pessoa no salão que pareceu perceber o sofrimento de Ladwys foi Nimue. Seu rosto coberto de bandagem estava pálido e triste, mas o grito a fez sorrir por causa do tormento que ela sabia que o som provocaria em Gundleus. Não havia perdão em Nimue, nem uma gota. Ela já pedira a Artur e Owain a permissão para matar Gundleus pessoalmente, e isso fora recusado, mas enquanto Nimue vivesse Gundleus conheceria o medo.

Artur liderou um grupo de cavaleiros até Ynys Wydryn no dia seguinte. Voltou à tarde informando que o povoado de Merlin tinha sido queimado até o chão. Os cavaleiros também voltaram com o pobre louco Pellinore e um indignado Druidan que havia se abrigado num poço pertencente aos monges do Espinheiro Sagrado. Artur declarou a intenção de reconstruir o palácio de Merlin, mas nenhum de nós sabia como isso seria feito sem dinheiro e um exército de trabalhadores, e Gwlyddyn foi nomeado formalmente como o construtor real de Mordred e instruído para começar a derrubar árvores para refazer as construções do Tor. Pellinore foi trancado num depósito vazio, feito de pedra, ligado à vila romana em Lindinis, que era o povoado mais perto de Caer Cadarn e o lugar onde as mulheres, crianças e escravos que seguiam Artur encontraram teto para se abrigar. Artur organizou tudo. Era sempre um homem inquieto que odiava ficar parado, e naqueles primeiros dias após a captura de Gundleus trabalhava do amanhecer até muito depois do crepúsculo. A maior parte de seu tempo era gasta arrumando moradia para seus seguidores; terra real tinha de ser designada para eles, e casas ampliadas para suas famílias, tudo isso sem ofender as pessoas que já moravam em Lindinis. A vila em si tinha pertencido a Uther, e agora Artur a tomava para si. Nenhuma tarefa era trivial demais para ele, e numa manhã cheguei a encontrá-lo se esforçando para levantar uma grande folha de chumbo.

— Ajude-me aqui, Derfel! — gritou ele. Fiquei lisonjeado por ele recordar meu nome e corri para ajudá-lo e levantar aquela massa desajeitada. — Isso é uma coisa rara! — falou animado. Estava despido até a cintura e tinha a pele manchada pelo chumbo que pretendia cortar

em tiras para forrar a vala de pedra que antigamente levava água de uma fonte até o interior da vila. — Os romanos levaram todo o chumbo embora, quando partiram, e é por isso que os dutos de água não funcionam. Deveríamos pôr as minas para funcionar de novo. — Ele largou sua ponta do chumbo e enxugou a testa. — Pôr as minas para funcionar, reconstruir as pontes, pavimentar os vaus, cavar as represas e descobrir um modo de persuadir os saxões a voltar para casa. É trabalho bastante para a vida de um homem, não acha?

— Sim, senhor — repliquei nervoso, e me perguntei por que um comandante guerreiro iria se ocupar consertando dutos de água. O conselho iria se reunir mais tarde naquele dia, e eu pensava que Artur estaria bastante ocupado se preparando para isso, porém parecia mais preocupado com o chumbo do que com questões de estado.

— Não sei se a gente serra o chumbo ou se corta com uma faca — disse ele, com um jeito maroto. — Preciso saber. Vou perguntar a Gwlyddyn. Ele parece saber tudo. Você sabe que é sempre preciso colocar os troncos de cabeça para baixo se forem usados como pilares?

— Não, senhor.

— Isso não deixa a umidade subir, veja bem, e impede que a madeira apodreça. Foi o que Gwlyddyn me disse. Gosto desse tipo de conhecimento. É conhecimento bom, prático, do tipo que faz o mundo funcionar. — Ele riu para mim. — Então, o que está achando de Owain?

— Ele é bom para mim, senhor — falei, embaraçado pela pergunta. Na verdade, ainda me sentia nervoso com Owain, apesar de ele nunca ter demonstrado falta de gentileza.

— Ele deve ser bom para você. Cada líder depende de bons homens para a sua reputação.

— Mas eu preferiria servir ao senhor — falei subitamente, com indiscrição juvenil.

Ele sorriu.

— E vai, Derfel, você vai. No devido tempo. Se passar no teste de lutar por Owain. — Artur fez a observação de modo bastante casual, porém mais tarde me perguntei se ele previa o que estava para vir. Com o tempo passei no teste de Owain, mas foi difícil, e talvez Artur quisesse que eu aprendesse a lição antes de me juntar ao seu grupo. Ele se curvou de novo para a folha de chumbo, depois se empertigou quando um uivo soou na construção precária. Era Pellinore, protestando contra a prisão.

— Owain disse que deveríamos mandar o pobre Pell para a Ilha dos Mortos — disse Artur, referindo-se à ilha para onde eram mandados os loucos violentos. — O que você acha?

Eu estava tão pasmo por ele me perguntar que a princípio não respondi. Depois gaguejei, dizendo que Pellinore era amado por Merlin e que Merlin quisera deixá-lo entre os vivos, e que eu achava que os desejos de Merlin deveriam ser respeitados. Artur ouviu seriamente e até

pareceu agradecer meu conselho. Ele não precisava desse conselho, claro, só estava tentando fazer com que eu me sentisse valorizado.

— Então Pellinore pode ficar aqui, garoto. Agora segure a outra ponta. Levante!

Lindinis se esvaziou no dia seguinte. Morgana e Nimue voltaram para Ynys Wydryn, onde planejavam reconstruir o Tor. Nimue desconsiderou minha despedida; seu olho continuava doendo, ela estava amarga e não queria nada da vida além de vingança contra Gundleus, o que lhe era negado. Artur seguiu para o norte com todos os seus cavaleiros, para reforçar Tewdric na fronteira norte de Gwent enquanto eu ficava com Owain, que assumira residência na grande fortaleza de Caer Cadarn. Eu podia ser um guerreiro, mas naquele verão era mais importante juntar a colheita do que ficar de guarda nas muralhas da fortaleza. Assim, durante dias seguidos, eu abria mão da minha espada, do elmo, escudo e peitoral de couro que tinha herdado de um siluriano morto e ia aos campos do rei ajudar os servos a colher o centeio, a cevada e o trigo. Era um trabalho duro, feito com uma foice pequena que tinha de ser constantemente afiada com uma rasoura — um bastão de madeira que era primeiro mergulhado em gordura de porco, depois coberto de areia fina que dava um gume afiado à lâmina da foice — embora jamais parecesse suficientemente afiada para mim e, por mais que eu estivesse em boa forma física, a postura constantemente curvada e o movimento de puxar deixavam minhas costas doídas e os músculos exaustos. Eu nunca havia trabalhado tanto quando morava no Tor, mas agora deixara o mundo privilegiado de Merlin e fazia parte da tropa de Owain.

Empilhávamos o grão cortado nos campos, depois levávamos de carroça vastos montes de palha de centeio para Caer Cadarn e Lindinis. A palha era usada para consertar os telhados e encher os colchões, de modo que por alguns dias abençoados nossas camas estavam livres de piolhos e pulgas, ainda que essa bênção não durasse muito. Foi nessa época que cresceu minha primeira barba, uns pelos finos e dourados dos quais eu sentia um orgulho incrível. Passava os dias trabalhando nos campos até rachar as costas, mas ainda devia suportar duas horas de treinamento militar a cada noite. Hywel tinha me ensinado bem, mas Owain era melhor.

— Aquele siluriano que você matou — disse Owain uma tarde, quando eu estava suando nas fortificações de Caer Cadarn depois de uma luta de bastão com um guerreiro chamado Mapon. — Aposto o pagamento de um mês contra um rato morto que você o matou com o gume da sua espada. — Não aceitei a aposta, mas confirmei que tinha baixado a espada como se fosse um machado. Owain gargalhou, depois dispensou Mapon com um gesto da mão. — Hywel sempre ensinou as pessoas a lutar com o gume. Observe Artur na próxima vez em que ele

lutar. Cortando, cortando, como um colhedor tentando terminar o trabalho antes da chuva. — Ele desembainhou a espada. — Use a ponta, garoto. Use sempre a ponta. Mata mais rápido. — Ele estocou, fazendo-me apará-lo desesperadamente. — Se você está usando o gume da espada significa que está em campo aberto. A parede de escudos foi rompida, e se a parede de escudos que foi rompida é a sua, então você é um homem morto, não importa que seja bom com a espada. Mas se a parede de escudos se mantém firme isso significa que você está de pé ombro a ombro e não tem espaço para girar a espada, só para estocar. — Ele estocou de novo, fazendo-me aparar o golpe. — Por que acha que os romanos usavam espadas curtas?

— Não sei, senhor.

— Porque uma espada curta é melhor para estocar, por isso. Não que eu vá persuadir qualquer um de vocês a trocar de espada, mas, mesmo assim, lembre-se de estocar. A ponta sempre vence, sempre. — Ele se virou e de repente girou de novo para me estocar, e de algum modo consegui derrubar sua espada com o bastão desajeitado. Owain riu. — Você é rápido, e isso é bom. Você vai conseguir, garoto, enquanto se mantiver sóbrio. — Ele embainhou a espada e olhou para leste. Estava procurando aquelas manchas distantes de fumaça cinza que traíam a presença de um bando em ataque, mas aquela era época de colheita, tanto para os saxões quanto para nós, e os soldados deles tinham coisa melhor a fazer do que atravessar nossa fronteira distante. — Então, o que acha de Artur, garoto? — perguntou Owain subitamente.

— Gosto dele — falei sem jeito, tão nervoso com sua pergunta quanto ficara com a pergunta de Artur sobre Owain.

A grande cabeça desgrenhada de Owain, tão parecida com a de seu velho amigo Uther, virou-se para mim.

— Ah, ele é uma pessoa fácil de se gostar — falou meio carrancudo. — Sempre gostei de Artur. Todo mundo gosta de Artur, mas só os Deuses sabem se alguém o entende. A não ser Merlin. Você acha que Merlin está vivo?

— Sei que está — falei fervoroso, sem saber de nada.

— Bom — disse Owain. Eu tinha vindo do Tor, e Owain presumia que tivesse algum conhecimento mágico negado aos outros homens. Também havia se espalhado entre seus guerreiros o boato de que eu tinha enganado um druida num poço da morte, o que me tornava sortudo e auspicioso aos olhos deles. — Gosto de Merlin — prosseguiu Owain —, mesmo ele tendo dado aquela espada a Artur.

— Caledfwlch? — perguntei, usando o nome certo de Excalibur.

— Você não sabia? — Owain estava perplexo, porque Merlin nunca tinha dito que dera um presente tão grandioso. Algumas vezes Merlin falava de Artur, a quem havia conhecido no breve tempo em que Artur

passou na corte de Uther, mas sempre usava um tom de voz carinhosamente depreciativo, como se Artur fosse um pupilo lento mas de boa vontade, cujas realizações posteriores tinham sido maiores do que Merlin esperava, mas o fato de ele ter dado a Artur a espada famosa sugeria que sua opinião sobre o pupilo era muito mais elevada do que dava a entender. — Caledfwlch — explicou Owain — foi forjada no Outro Mundo por Gofannon. — Gofannon era o Deus dos ferreiros. — Merlin a encontrou na Irlanda, onde a espada se chamava Cadalchog. Ganhou-a de um druida num concurso de sonhos. Os druidas irlandeses dizem que, quando a pessoa que usa Cadalchog está numa encrenca desesperada, pode enfiar a espada no chão, e Gofannon sairá do Outro Mundo e virá ajudá-lo. — Ele balançou a cabeça, não incrédulo, mas pasmo. — E por que Merlin deu um presente desses a Artur?

— Por que não? — perguntei cuidadosamente, porque senti o ciúme na pergunta de Owain.

— Porque Artur não acredita nos Deuses, por isso. Ele nem acredita naquele Deus maricas que os cristãos cultuam. Pelo que posso deduzir, Artur não acredita em nada, a não ser em cavalos grandes, e só os Deuses sabem para que eles servem.

— Eles são apavorantes — falei, querendo ser leal a Artur.

— Ah, eles são apavorantes, mas só se você nunca tiver visto um. Mas são lentos, comem o dobro ou o triplo de um cavalo comum, precisam de dois cavaliços, os cascos se partem como manteiga quente se você não prender aquelas ferraduras desajeitadas nas patas, e mesmo assim não investem contra uma parede de escudos.

— Não?

— Nenhum cavalo faz isso — disse Owain, com desprezo. — Mantenha o pé firme e todos os cavalos do mundo vão se desviar de uma fileira de lanças apontadas. Os cavalos não têm utilidade na guerra, garoto, a não ser para levar os batedores a grandes distâncias.

— Então por que...

— Porque — Owain antecipou minha pergunta — o único objetivo da batalha, garoto, é romper a parede de escudos do inimigo. Todo o resto é fácil, e os cavalos de Artur apavoram as linhas de batalha, fazendo-as fugir, mas chegará a ocasião em que os inimigos vão manter as posições, e então que os Deuses ajudem os cavalos. E que os Deuses ajudem Artur também, se ele for derrubado de seu monte de carne de cavalo e tentar lutar a pé, usando aquela armadura de peixe. O único metal de que um guerreiro precisa é sua espada e o pedaço de ferro na ponta da lança, o resto é só peso, garoto, peso morto. — Ele olhou para baixo, para o interior da fortaleza onde Ladwys estava agarrada à cerca que rodeava a prisão de Gundleus. — Artur não vai demorar aqui — falou, cheio de confiança. — Basta uma derrota e ele vai navegar de volta para Armórica, onde as pessoas se impressionam com cavalos

grandes, roupas de peixe e espadas bonitas. — Owain cuspiu, e eu soube que, mesmo professando gostar de Artur, havia outra coisa ali, algo mais profundo do que a inveja. Owain sabia que tinha um rival, mas estava se dando tempo como, imaginei, Artur também estava, e a inimizade mútua me preocupou porque eu gostava dos dois. Owain sorriu da perturbação de Ladwys. — Ela é uma puta leal, isso devo admitir, mas vou dobrá-la. Aquela é a sua mulher? — Ele olhou para Lunete, que estava carregando uma bolsa de couro cheia de água em direção às cabanas dos guerreiros.

— É — falei e ruborizei ao confessar. Lunete, como minha barba nova, era um sinal de hombridade e eu usava ambos desajeitadamente. Lunete decidira ficar comigo em vez de voltar com Nimue para o que restava de Ynys Wydryn. Na verdade, a decisão tinha sido de Lunete, e eu ainda estava nervoso com tudo em nosso relacionamento, embora Lunete não parecesse ter dúvidas quanto ao arranjo. Ela havia assumido um canto da cabana, varrido, separado do resto com um trançado de vime e agora falava confiante sobre nosso futuro juntos. Eu achava que ela queria permanecer com Nimue, mas desde o estupro Nimue ficara quieta e recolhida. Na verdade tornara-se hostil, sem falar com ninguém a não ser para encerrar a conversa. Morgana estava cuidando de seu olho, e o mesmo ferreiro que fizera a máscara de Morgana havia se oferecido para fazer uma bola de ouro para substituir o olho perdido. Lunete, como o resto de nós, tinha ficado um pouco assustada com essa nova Nimue, sempre azeda e cuspiendo.

— Ela é uma garota bonita — disse Owain de má vontade —, mas as mulheres vivem com os guerreiros apenas por um motivo, garoto: para ficar ricas. Então certifique-se de mantê-la feliz ou, com toda certeza, ela vai arrasar sua vida. — Ele procurou nos bolsos da capa e achou um pequeno anel de ouro. — Dê a ela.

Gaguejei os agradecimentos. Os líderes dos guerreiros deviam dar presentes aos seus seguidores, mas mesmo assim o anel era um presente generoso, porque eu ainda não havia lutado como um dos homens de Owain. Lunete gostou do anel que, com o fio de prata que eu tinha desenrolado do botão de minha espada, formou o início de seu tesouro. Ela gravou uma cruz na superfície gasta do anel, não porque fosse cristã, mas porque a cruz o transformava num anel de amante e mostrava que ela havia passado da infância para a vida adulta. Alguns homens também usavam anéis de amantes, mas eu desejava os simples aros de ferro que os guerreiros vitoriosos faziam a partir das pontas de lanças de seus inimigos derrotados. Owain tinha uma quantidade de anéis assim em sua barba, e os dedos eram escuros, cobertos por outros. Artur, percebi, não usava nenhum.

Assim que a colheita foi terminada ao redor de Caer Cadarn, marchamos por toda Dumnonia para recolher os impostos das

plantações. Visitamos reis e chefes, e éramos sempre acompanhados por um funcionário do tesouro de Mordred que fazia a contabilidade. Era estranho pensar que agora Mordred era rei, e que não era mais o tesouro de Uther que nós enchíamos, mas até um rei bebê precisava de dinheiro para pagar as tropas de Artur, além de todos os outros soldados que estavam mantendo em segurança as fronteiras da Dumnonia. Alguns dos homens de Owain foram mandados para reforçar a guarda permanente na fronteira de Gereint, na fortaleza de Durocobrivis, enquanto o resto de nós se tornava coletores de impostos durante um tempo.

Eu estava surpreso porque Owain, o famoso amante das batalhas, não foi a Durocobrivis nem voltou a Gwent, ficando em vez disso com o trabalho comum de coletar impostos. Para mim esse trabalho parecia subalterno, mas eu não passava de um garoto com alguns fiapos de barba, e não entendia a mente de Owain.

Os impostos, para Owain, eram mais importantes do que qualquer saxão. Os impostos, como eu aprenderia, eram a melhor fonte de riqueza para homens que não queriam trabalhar, e essa temporada de impostos, agora que Uther estava morto, era a oportunidade de Owain. Em um povoado após outro, ele informava uma colheita ruim, e assim registrava impostos baixos, e o tempo todo estava enchendo sua bolsa com subornos oferecidos em troca desses relatórios falsos. Owain era bastante franco a esse respeito.

— Uther jamais deixaria que eu me desse bem com isso — disse-me ele um dia enquanto andávamos pelo litoral sul em direção à cidade romana de Isaca. Falava como se gostasse do rei morto. — Uther era um velho sacana e sempre tinha uma ideia astuta do que deveria receber, mas o que sabe Mordred? — Ele olhou para a esquerda. Estávamos atravessando uma charneca larga e desnuda em cima de um grande morro, e a vista para o sul era do mar brilhante e vazio onde um vento soprava forte, branqueando as ondas cinzentas. Ao longe, no leste, onde terminava um longo banco de cascalho, havia uma grande ponta de terra onde as ondas se despedaçavam em espuma. A ponta de terra era quase uma ilha, ligada à terra apenas por um caminho estreito feito de pedra e cascalho. — Sabe o que é aquilo? — perguntou Owain, apontando o queixo para a ponta de terra.

— Não, senhor.

— A Ilha dos Mortos — disse ele, depois cuspiu para afastar a má sorte enquanto eu parava e olhava para o lugar medonho que era o centro dos pesadelos dumnonianos. A ponta de terra era a ilha dos loucos, o lugar ao qual pertencia Pellinore com todas as outras almas ensandecidas e violentas que eram consideradas mortas no momento em que atravessavam o caminho vigiado. A ilha estava sob a guarda de Crom Dubh, o Deus escuro e aleijado, e alguns homens diziam que a

caverna de Cruachan, a boca do Outro Mundo, ficava na extremidade da ilha. Olhei para lá, amedrontado, até que Owain me bateu no ombro. — Você nunca precisa se preocupar com a Ilha dos Mortos, garoto. Você tem uma cabeça rara sobre os ombros. — E continuou andando para o oeste. — Onde nós vamos ficar esta noite? — gritou ele para Lwellwyn, o funcionário do tesouro cuja mula carregava os registros falsificados daquele ano.

— Com o príncipe Cadwy de Isca.

— Ah, Cadwy! Gosto de Cadwy. O que pegamos daquele tratante feioso no ano passado?

Lwellwyn não precisou olhar para as varetas de madeira com as marcas da contabilidade, mas citou uma lista de peles, velocinos, escravos, lingotes de estanho, peixe seco, sal e trigo moído.

— Mas ele pagou a maior parte em ouro — acrescentou.

— Gosto do sujeito ainda mais! — disse Owain. — Com quanto ele vai concordar, Lwellwyn?

Lwellwyn estimou uma quantia que era a metade do que Cadwy pagara no ano anterior, e essa foi exatamente a quantia acertada no jantar no palácio do príncipe Cadwy. Era um local grandioso, construído pelos romanos, com um pórtico de colunas que dava para um comprido vale coberto de floresta indo em direção à foz do rio Exe. Cadwy era príncipe dos dumnonios, a tribo que dera o nome ao nosso país, e o título de príncipe deixava Cadwy na segunda categoria do reino. Os reis eram a categoria mais elevada, príncipes como Gereint e Cadwy e reis submetidos como Melwas dos Belgae vinham em seguida, e depois deles vinham os chefes como Merlin, embora Merlin de Avalon também fosse druida, o que o punha totalmente fora da hierarquia. Cadwy era príncipe e chefe, e reinava sobre uma tribo espalhada, que habitava toda a terra entre Isca e a fronteira de Kernow. Houvera um tempo em que todas as tribos da Britânia eram separadas, e um homem dos catuvellanos pareceria muito diferente de um dos Belgae, mas os romanos tinham-nos deixado muito parecidos. Apenas algumas tribos, como a de Cadwy, ainda mantinham sua aparência distinta. Os membros de sua tribo se achavam superiores aos outros britânicos, e para enfatizar isso tatuavam o rosto com os símbolos de sua tribo e de seu clã. Cada vale tinha um clã, geralmente não mais do que uma dúzia de famílias. A rivalidade entre os clãs era forte, mas nada que se comparasse com a rivalidade entre a tribo do príncipe Cadwy e o resto da Britânia.

A capital tribal era Isca, a cidade romana, que tinha belas muralhas e construções de pedra tão grandiosas quanto qualquer uma de Glevum, mas Cadwy preferia morar fora da cidade, em sua propriedade. A maioria dos moradores da cidade seguia costumes romanos e abria mão das tatuagens, mas do lado de fora das muralhas, nos vales da terra de

Cadwy, onde o domínio romano nunca fora muito forte, cada homem, mulher e criança tinha as tatuagens azuis nas bochechas. Além disso, era uma região rica, mas o príncipe Cadwy pensava em torná-la mais rica ainda.

— Esteve no urzal ultimamente? — perguntou ele a Owain naquela noite. Era uma noite quente e agradável, e a refeição fora servida no pórtico aberto que dava para as propriedades de Cadwy.

— Nunca — disse Owain.

Cadwy grunhiu. Eu o tinha visto no Alto Conselho de Uther, mas esta era minha primeira chance de olhar de perto o homem cuja responsabilidade era guardar a Dumnonia contra ataques de Kernow ou da distante Irlanda. O príncipe era um homem de meia-idade, baixo, careca, corpulento, com marcas tribais no rosto, nos braços e nas pernas. Usava roupas britânicas, mas gostava de sua vila romana com pavimento, colunas e água canalizada que corria em valas de pedra através do pátio central e ia até o pórtico onde fazia um pequeno poço para lavar os pés, antes de passar por cima de uma represa de mármore e se juntar ao rio lá embaixo no vale. Cadwy, decidi, tinha uma boa vida. Suas plantações eram fartas, as ovelhas e as vacas eram gordas, e suas muitas mulheres sentiam-se felizes. Além disso ele estava longe das ameaças dos saxões, mas continuava descontente.

— Há dinheiro no urzal — disse ele a Owain. — Estanho.

— Estanho? — Owain pareceu não achar grande coisa.

Cadwy assentiu solenemente. Estava bastante bêbado, mas a maioria dos homens ao redor da mesa baixa onde a refeição fora servida também estava. Eram todos guerreiros, homens de Cadwy ou Owain, ainda que eu, sendo mais novo, tivesse de ficar atrás do divã de Owain como seu escudeiro.

— Estanho — disse Cadwy outra vez — e talvez ouro. Mas muito estanho. — A conversa era particular, porque o jantar estava quase no fim e Cadwy havia oferecido garotas escravas para os guerreiros. Ninguém dava atenção para os dois líderes, a não ser eu e o escudeiro de Cadwy, um garoto sonolento olhando boquiaberto e com os olhos opacos para as cabriolas das escravas. Eu ouvia Owain e Cadwy, mas tão imóvel e ereto que eles provavelmente até se esqueceram de que eu me encontrava ali. — Você pode não querer estanho — disse Cadwy a Owain —, mas há muita gente que quer. Não é possível fazer bronze sem estanho, e pagam bastante bem por ele na Armórica, e mais ainda no interior do país. — Cadwy balançou o punho em direção ao resto da Dumnonia, depois deu um arroteo que pareceu surpreendê-lo. Acalmou a barriga com um gole de bom vinho, depois franziu a testa como se não conseguisse lembrar do que estivera falando. — Estanho — disse finalmente, recordando.

— Então me fale a respeito — disse Owain. Ele olhava para um de

seus homens, que havia despedido uma escrava e agora passava manteiga na barriga dela.

— O estanho não é meu — disse Cadwy em tom vigoroso.

— Deve ser de alguém. Quer que eu pergunte a Lwellwyn? Ele é um sacana esperto quando se trata de dinheiro e propriedade.

O homem deu um tapa com força na barriga da escrava, espalhando manteiga por toda a mesa baixa e provocando uma gargalhada geral. A garota reclamou, mas o homem mandou que ficasse quieta e começou a passar manteiga e gordura de porco por todo o seu corpo.

— O fato — disse Cadwy incisivamente para afastar a atenção de Owain da garota nua — é que Uther deixou lá um punhado de homens de Kernow. Eles vieram trabalhar nas antigas minas romanas, porque ninguém de nosso povo sabia fazer isso. Os sacanas deveriam, veja bem, deveriam mandar o arrendamento para o seu tesouro, mas estão mandando o estanho de volta para Kernow. Sei disso com certeza.

Agora as orelhas de Owain estavam em alerta.

— Eles estão tirando dinheiro de suas terras. De nossa terra! — disse Cadwy, indignado.

Kernow era um reino separado, um lugar misterioso na extremidade oeste da península da Dumnonia que nunca havia sido governado pelos romanos. Na maior parte do tempo vivia em paz conosco, mas de vez em quando o rei Mark se levantava da cama de sua última esposa e mandava um grupo de ataque atravessar o rio Tamar.

— O que os homens de Kernow estão fazendo aqui? — perguntou Owain numa voz tão indignada quanto a de seu anfitrião.

— Eu lhe disse. Roubando o nosso dinheiro. E não só isso. Andei sentindo falta de gado bom, de ovelhas e até de alguns escravos. Aqueles mineiros estão passando do ponto, e não estão pagando a vocês como deveriam. Mas nunca conseguirá provar. Nunca. Nem mesmo seu esperto Lwellwyn pode olhar um buraco no urzal e dizer quanto estanho deveria sair por ano. — Cadwy deu um tapa numa mariposa, depois balançou a cabeça, pensativo. — Eles acham que estão acima da lei. Esse é o problema. Só porque Uther era patrono deles, acham que estão acima da lei.

Owain encolheu os ombros. Sua atenção tinha voltado à garota coberta de manteiga, que agora era caçada pelo terraço de baixo por uma dúzia de homens bêbados. A gordura em seu corpo tornava-a difícil de ser apanhada, e a caçada grotesca estava deixando alguns observadores quase morrendo de tanto gargalhar. Eu estava com enorme dificuldade para não rir. Owain olhou de novo para Cadwy.

— Então vá lá em cima e mate alguns dos bastardos, senhor príncipe — disse ele, como se fosse a solução mais fácil do mundo.

— Não posso.

— Por que não?

— Uther deu proteção a eles. Se eu atacá-los vão reclamar ao conselho e ao rei Mark, e serei forçado a pagar *sarhaed*. — *Sarhaed* era o preço de sangue posto por lei sobre um homem. O *sarhaed* de um rei era impagável, o de um escravo era barato, mas um bom mineiro provavelmente teria um preço suficientemente alto para prejudicar até mesmo um príncipe rico como Cadwy.

— E como eles vão saber que foi você quem os atacou? — perguntou Owain, com escárnio.

Como resposta, Cadwy apenas deu um tapinha no próprio rosto. Estava sugerindo que as tatuagens traíam seus homens.

Owain assentiu. A garota coberta de manteiga finalmente tinha sido derrubada e agora era rodeada pelos captores em meio a alguns arbustos que cresciam no terraço de baixo. Owain esmigalhou um pedaço de pão, depois olhou de novo para Cadwyn.

— E?

— E se eu pudesse encontrar um punhado de homens que pudessem dar uma surra naqueles desgraçados, isso ajudaria. Faria com que me procurassem em busca de proteção, certo? E meu preço seria o estanho que eles estão mandando para o rei Mark. E o seu preço... — Ele parou para se certificar de que Owain não estava chocado pela implicação — ... seria metade do valor desse estanho.

— Quanto? — perguntou Owain rapidamente. Os dois estavam falando baixo, e eu precisava me concentrar para ouvir suas palavras em meio aos risos e gritos dos guerreiros.

— Cinquenta peças de ouro por ano? Como esta — disse Cadwy e pegou numa bolsa um lingote de ouro do tamanho do cabo de uma espada, e o deslizou sobre a mesa.

— Tanto assim? — Até Owain estava surpreso.

— É um lugar rico, o urzal. Muito rico.

Owain olhou para o vale de Cadwy, onde o reflexo da lua pousava no rio distante, tão liso e prateado como uma lâmina de espada.

— Quantos desses mineiros existem lá? — perguntou afinal ao príncipe.

— O assentamento mais próximo tem setenta ou oitenta homens. E há um bocado de escravos e mulheres, claro.

— Quantos assentamentos?

— Três, mas os outros dois são muito distantes. Só estou preocupado com esse.

— Nós somos apenas vinte — disse Owain com cautela.

— E se forem à noite? E eles nunca sofreram ataques, por isso não estarão montando guarda.

Owain tomou vinho em sua taça de chifre.

— Setenta peças de ouro — disse em tom neutro —, e não cinquenta.

O príncipe Cadwy pensou por um segundo, depois assentiu,

concordando com o preço.

Owain riu.

— Por que não, hein? — Ele pegou o lingote de ouro e se virou, rápido como uma cobra, para me olhar. Não me mexi nem afastei o olhar de uma das garotas que esfregava o corpo nu num dos guerreiros tatuados de Cadwy. — Está acordado, Derfel? — perguntou Owain rispidamente.

Dei um pulo, como se tivesse levado um susto.

— Senhor? — falei, fingindo que minha mente estivesse vagueando nos últimos minutos.

— Bom garoto — disse Owain, satisfeito por eu não ter ouvido nada. — Quer uma daquelas garotas?

Ruborizei.

— Ah, não, senhor.

Owain gargalhou.

— Ele acabou de conseguir uma garotinha irlandesa bonita — disse a Cadwy —, por isso está sendo fiel a ela. Mas vai aprender. Quando chegar ao Outro Mundo, garoto — ele tinha se virado de novo para mim —, não vai se arrepender dos homens que não matou, mas vai se arrepender das mulheres que dispensou. — Falava gentilmente. Nos primeiros dias a seu serviço eu ficara apavorado com ele, mas, por algum motivo, Owain gostava de mim e me tratava bem. Agora olhou de volta para Cadwy. — Amanhã à noite — disse em voz baixa. — Amanhã à noite.

Eu tinha passado do Tor de Merlin para o bando de Owain, e era como saltar de um mundo para outro. Olhei a lua e pensei nos cabeludos homens de Gundleus massacrando os guardas do Tor, pensei também nas pessoas do urzal que estariam enfrentando a mesma selvageria na próxima noite, e soube que não podia fazer nada para impedir, mesmo ciente de que isso deveria ser impedido. Mas o destino, como Merlin sempre nos ensinava, é inexorável. A vida é uma brincadeira dos Deuses, costumava dizer Merlin, e não existe justiça. Você precisa aprender a rir, disse-me ele uma vez, ou então vai simplesmente chorar até morrer.

NOSSOS ESCUDOS TINHAM SIDO LAMBUZADOS com piche de construtor de barco, para que se parecessem com os escudos pretos dos guerreiros irlandeses de Oengus Mac Airem cujos barcos compridos e de proas finas assolavam o litoral norte da Dumnonia. Um guia local, de bochechas tatuadas, nos conduziu durante toda a tarde através de vales fundos e luxuriantes que subiam devagar em direção ao vulto sem graça do urzal, ocasionalmente visível através de alguma abertura entre as grandes árvores. Era uma terra boa, cheia de cervos e atravessada por riachos rápidos e frios que iam para o mar, descendo do alto platô.

Ao cair da noite estávamos à beira do urzal, e depois de escurecer seguimos uma trilha de cabras até as partes mais altas. Era um lugar misterioso. O Povo Antigo tinha vivido aqui e deixara seus círculos sagrados de pedra nos vales, enquanto os picos eram coroados por amontoados de rocha cinzenta e os lugares mais baixos cheios de pântanos traiçoeiros através dos quais nosso guia nos levava sem hesitação.

Owain nos dissera que as pessoas do urzal estavam rebeladas contra o rei Mordred, e que a religião deles os tinha ensinado a temer homens com escudos pretos. Era uma boa história, e eu poderia ter acreditado se não tivesse entre ouvido a conversa dele com o príncipe Cadwy. Além disso, Owain nos prometera ouro se cumpríssemos a tarefa direito, depois alertou que a matança daquela noite devia ficar em segredo, porque não tínhamos ordem do conselho para realizar essa punição. No fundo da floresta densa a caminho do urzal havíamos encontrado um antigo templo construído num bosque de carvalhos, e Owain obrigara cada um de nós a fazer o juramento de morte, de manter segredo, diante dos crânios cheios de musgo que estavam alojados nos nichos da parede do templo. A Britânia era cheia desses templos antigos, escondidos — prova de como os druidas tinham influência ampla antes da vinda dos romanos —, aonde o povo do campo ainda ia procurar a ajuda dos Deuses. E naquela tarde, sob os grandes carvalhos cobertos de líquen, tínhamos nos ajoelhado diante dos crânios, tocado o punho da espada de Owain e recebido o beijo de Owain. Então, assim abençoados pelos Deuses e jurando a matança, seguimos em direção à noite.

Era um lugar imundo aquele aonde chegamos. Grandes fogueiras de fundição lançavam fagulhas e fumaça para o céu. Havia várias cabanas entre as fogueiras e em volta dos enormes buracos pretos que mostravam onde os homens entravam na terra. Gigantescos montes de carvão pareciam picos pretos, e o vale fedia como nenhum outro que eu

já vira; de fato, para a minha imaginação acalorada, aquela aldeia de mineração no alto da montanha parecia mais o reino de Annawn, o Outro Mundo, do que qualquer povoado humano.

Cães latiram à nossa aproximação, mas ninguém no povoado ligou para o barulho. Não havia cerca, nem mesmo um banco de terra para proteger o lugar. Pôneis estavam amarrados perto de fileiras de carroças, e eles começaram a relinchar enquanto seguíamos pela beira do vale, mas mesmo assim ninguém saiu das cabanas baixas para descobrir a causa da agitação. As cabanas eram círculos feitos de pedra e cobertos de turfa, mas no centro do povoado havia duas antigas construções romanas; quadradas, altas e sólidas.

— Dois homens para cada, não mais — sussurrou Owain, lembrando-nos de quantos homens cada um deveria matar. — E não estou contando escravos ou mulheres. — Vão depressa, matem depressa e sempre vigiem as costas. E fiquem juntos!

Nós nos dividimos em dois grupos. Fiquei com Owain, cuja barba brilhava por causa do fogo refletido nos anéis de ferro. Os cães latiram, os pôneis relincharam, e finalmente um galo cantou e um homem saiu agachado de uma cabana para descobrir o que tinha agitado os animais, mas já era muito tarde. A matança havia começado.

Vi muitas matanças assim. Em povoados saxões teríamos queimado as cabanas antes de começar o morticínio, mas aqueles círculos de pedra e turfa não pegariam fogo, por isso éramos forçados a entrar com lanças e espadas. Pegávamos paus incandescentes numa fogueira próxima e jogávamos dentro das cabanas antes de entrar, de modo que o interior estivesse suficientemente iluminado para a matança. Algumas vezes as chamas bastavam para expulsar os habitantes, e lá fora as espadas à espera baixavam como machados de açougueiro. Se o fogo não expulsasse a família, Owain ordenava que dois de nós entrássemos enquanto os outros montavam guarda do lado de fora. Eu estava apavorado com a minha vez, mas tinha consciência de que ela viria, e também tinha consciência de que não ousaria desobedecer ao comando. Eu me ligara por juramento àquele derramamento de sangue, e recusá-lo seria minha sentença de morte.

Os gritos começaram. As primeiras cabanas foram bem fáceis porque as pessoas estavam dormindo ou acabando de acordar, mas enquanto nos aprofundávamos no povoado a resistência ficou mais feroz. Dois homens nos atacaram com machados e foram derrubados com facilidade e desprezo por nossos lanceiros. Mulheres corriam com crianças no colo. Um cão saltou contra Owain e morreu ganindo com a espinha partida. Vi uma mulher correr com um bebê num braço e segurando uma mão sangrenta, de criança, no outro, e de repente me lembrei do grito de Tanaburs ao partir, dizendo que minha mãe ainda vivia. Estremeci ao perceber que o velho druida podia ter me rogado

uma praga quando ameacei sua vida, e apesar de minha sorte estar mantendo a praga a distância, pude sentir sua maldade cercando-me como um inimigo escuro e escondido. Toquei a cicatriz na mão esquerda e rezei a Bel para que a maldição de Tanaburs fosse derrotada.

— Derfel! Licat! Aquela cabana! — gritou Owain e, como um bom soldado, obedeci à ordem. Larguei o escudo, joguei um pau aceso pela porta e depois me agachei para passar pela entrada minúscula. Crianças gritaram quando entrei, e um homem seminu saltou para mim com uma faca, forçando-me a me virar desesperadamente de lado. Caí sobre uma criança enquanto projetava a lança contra seu pai. A ponta escorregou nas costelas do homem e ele teria pousado em cima de mim e enfiado a faca na minha garganta se Licat não o tivesse matado. O homem se dobrou, agarrando a barriga, depois ofegou quando Licat soltou a ponta da lança e sacou sua faca para começar a matar as crianças que gritavam. Agachei-me e saí, com sangue na ponta da minha lança, para dizer a Owain que só havia um homem lá dentro.

— Venham! — gritou Owain. — Demetia! Demetia! — Esse era o nosso grito de guerra naquela noite; o nome do reino irlandês de Oengus Mac Airem, a oeste de Silúria. Agora todas as cabanas estavam vazias, e começamos a caçar mineiros nos espaços escuros do povoado. Fugitivos corriam por toda parte, mas alguns homens ficaram para trás e tentaram lutar conosco. Um grupo corajoso chegou a formar uma grosseira linha de batalha e nos atacou com lanças, picaretas e machados, mas os homens de Owain enfrentaram o ataque precário com uma eficiência terrível, deixando seus escudos pretos receberem o impacto, depois usando as lanças e espadas para derrubar os atacantes. Fui um desses homens eficientes. Que Deus me perdoe, mas naquela noite matei meu segundo homem, e talvez também um terceiro. O primeiro recebeu minha lança na garganta, o segundo na virilha. Não usei minha espada, porque não achei que a lâmina de Hywel fosse um instrumento adequado para o objetivo daquela noite.

Tudo terminou bem rápido. De repente o povoado estava vazio, apenas com os mortos, os agonizantes e alguns homens, mulheres e crianças tentando se esconder. Matamos todos que encontramos. Matamos seus animais, queimamos as carroças que usavam para levar o carvão dos vales, arrebentamos os telhados de turfa de suas cabanas, pisoteamos os canteiros de verduras, e depois saqueamos o povoado em busca de tesouros. Algumas flechas vieram do alto, mas nenhum de nós foi ferido.

Havia um barril de moedas romanas, lingotes de ouro e barras de prata na cabana do chefe. Era a maior, medindo 6 metros de um lado ao outro, e dentro da cabana as luzes de nossos archotes mostraram o chefe morto esparramado com o rosto amarelo e a barriga aberta. Uma de suas mulheres e dois dos filhos estavam mortos em seu sangue. Uma

terceira criança, uma menina, estava debaixo de uma pele encharcada de sangue e pensei ter visto sua mão estremecer quando um dos nossos homens tropeçou em seu corpo, mas fingi que ela estava morta e a deixei em paz. Outra criança gritou na noite quando seu esconderijo foi encontrado, e uma espada baixou com força.

Deus me perdoe, Deus e seus anjos me perdoem, mas só confessei o pecado daquela noite a uma pessoa, e ela não era um padre e não tinha poder de me dar a absolvição de Cristo. No purgatório, ou talvez no inferno, sei que encontrarei aquelas crianças mortas. Seus pais e suas mães receberão minha alma como brinquedo e merecerei a punição.

Mas que opção tinha? Eu era jovem; queria viver; fizera o juramento; seguia meu líder. Não matei nenhum homem que não tivesse me atacado, mas de que serve isso diante daqueles pecados? Para meus companheiros isso não pareceu pecado algum, estavam meramente matando criaturas de outra tribo; na verdade, de outra nação, e isso era justificativa suficiente para eles. Mas eu fora criado no Tor, onde éramos de todas as raças e todas as tribos, e ainda que o próprio Merlin fosse um chefe tribal e ferozmente protetor de qualquer um que pudesse usar o nome de britânico, ele não ensinava o ódio contra outras tribos. Seu ensinamento me deixou inadequado para matar estranhos por pura insensatez, sem outro motivo que não sua estranheza.

Mas, inadequado ou não, matei, e que Deus me perdoe por isso, e por todos os outros pecados numerosos demais para lembrar.

Partimos antes do amanhecer. O vale estava enfumaçado, encharcado de sangue e horripilante. O urzal fedia com a matança e era assombrado pelos uivos de viúvas e órfãos. Owain me deu um lingote de ouro, duas barras de prata e um punhado de moedas e, que Deus me perdoe, fiquei com eles.

O OUTONO TRAZ BATALHAS, JÁ QUE durante toda a primavera e o verão os barcos transportam novos saxões para nossa Costa Leste, e é no outono que esses recém-chegados tentam encontrar terras para ocupar. É o último surto guerreiro antes que o inverno tranque a terra.

E foi no outono do ano da morte de Uther que lutei pela primeira vez contra os saxões, porque nem bem tínhamos chegado da coleta de impostos no Oeste e soubemos de atacantes saxões no Leste. Owain nos pôs sob o comando de seu capitão, um homem chamado Griffid Ap Annan, e nos mandou ajudar Melwas, rei dos Belgae, monarca submetido a Dumnonia. A responsabilidade de Melwas era defender nosso litoral sul contra os invasores saxões que, naquele triste ano da pira funerária de Uther, tinham encontrado uma nova beligerância. Owain ficou em Caer Cadarn porque havia uma disputa acirrada no conselho do reino sobre quem deveria ser responsável pela criação de Mordred. O bispo Bedwin queria criar o rei em sua casa, mas os não cristãos, que eram maioria no conselho, não queriam Mordred criado como cristão, assim como Bedwin e seu grupo objetavam que o rei criança fosse criado como pagão. Owain, que dizia cultuar igualmente todos os Deuses, propôs a si próprio, como um meio-termo.

— Não que importe em que Deus um rei acredite — disse-nos ele antes de marcharmos —, porque um rei deve aprender a lutar, e não a rezar.

Nós o deixamos defendendo sua causa enquanto íamos matar saxões.

Griffid Ap Annan, nosso capitão, era um homem magro e lúgubre que sabia que o que Owain realmente desejava era impedir que Artur criasse Mordred.

— Não que Owain não goste de Artur — apressou-se ele a acrescentar —, mas se o rei pertencer a Artur, a Dumnonia também pertencerá.

— Isso é muito ruim? — perguntei.

— É melhor para você e para mim se a terra pertencer a Owain. — Griffid passou a mão num dos torques de ouro em seu pescoço para mostrar o que queria dizer. Todos me chamavam de garoto, mas só porque eu era o mais novo da tropa e ainda não conhecia o sangue de uma batalha decente contra outros guerreiros. Também acreditavam que minha presença em suas fileiras lhes trazia sorte porque eu tinha escapado do poço da morte de um druida. Todos os homens de Owain, como os soldados de toda parte, eram tremendamente supersticiosos.

Cada presságio era considerado e debatido; cada homem levava um pé de lebre ou uma pedra de acender; e cada ação era ritualizada, de modo que nenhum deles calçava a bota direita antes da esquerda, nem afiava a lança na própria sombra. Havia um punhado de cristãos em nossas fileiras, e eu achava que eles mostrariam menos temor aos Deuses, espíritos e fantasmas, mas eram tão supersticiosos quanto o resto de nós.

Venta, a capital do rei Melwas, era uma cidade pobre, de fronteira. Suas oficinas estavam fechadas há muito e as paredes das grandes construções romanas mostravam grandes marcas de incêndio das épocas em que a cidade fora saqueada por saxões. O rei Melwas estava aterrorizado porque a cidade seria saqueada de novo. Segundo ele, os saxões tinham um líder faminto por terra e apavorante em batalha.

— Por que Owain não veio? — perguntou ele com petulância. — Ou Artur? Eles querem me destruir, é isso? — O rei era um homem gordo e cheio de suspeitas, com o pior hálito que já encontrei. Era rei de uma tribo, e não de um país, o que o punha na segunda categoria, mas ao olhar para ele você pensaria que Melwas era um servo, e por sinal um servo encenqueiro. — Vocês não são muitos, são? — reclamou a Griffid. — Foi uma boa coisa eu ter convocado o *levy*.

O *levy* era o exército temporário dos cidadãos de Melwas, e cada homem em condições físicas na sua tribo deveria servir, ainda que alguns poucos tivessem sumido e a maioria dos ricos tivesse mandado escravos como substitutos. Mesmo assim, Melwas conseguira juntar uma força de mais de trezentos homens, cada um levando sua própria comida e suas próprias armas. Alguns tinham sido guerreiros e vinham equipados com boas lanças e escudos cuidadosamente preservados, mas a maioria não possuía armadura e alguns poucos tinham apenas bastões ou picaretas afiadas para usar como armas. Muitas mulheres e crianças acompanhavam o *levy*, não querendo ficar sozinhas em casa quando havia uma ameaça saxã.

Melwas insistia em que ele e seus guerreiros deveriam ficar para defender as fortificações meio desmoronadas de Venta, o que significava que Griffid tinha de liderar o *levy* contra os inimigos. Melwas não fazia ideia de onde os saxões estavam, assim Griffid entrou de qualquer jeito nas densas florestas a leste de Venta. Éramos mais uma turba do que um bando de guerreiros, e a visão de um cervo provocava uma louca perseguição cheia de gritos que teria alertado qualquer inimigo num raio de 20 quilômetros, e a perseguição sempre terminava com o *levy* espalhado por uma vastidão de floresta. Desse jeito perdemos quase cinquenta homens, ou porque sua perseguição descuidada os levou para as mãos dos saxões ou porque simplesmente se perderam e decidiram ir para casa.

Havia muitos saxões naquelas florestas, ainda que a princípio não víssemos nenhum. Algumas vezes encontrávamos as fogueiras de seus

acampamentos ainda quentes, e uma vez encontramos um pequeno povoado dos Belgae que fora atacado e queimado. Os homens e os velhos ainda estavam lá, todos mortos, mas os jovens e as mulheres tinham sido levados como escravos. O cheiro dos mortos diminuía o ânimo do resto do *levy*, e os fazia ficar juntos enquanto Griffid seguia para o leste.

Encontramos o primeiro bando de guerreiros saxões num amplo vale de rio onde um grupo dos invasores estava fazendo um assentamento. Quando chegamos eles haviam construído metade de uma paliçada e plantado os pilares de madeira da construção principal, mas nosso aparecimento na beira da floresta os fez largar as ferramentas e pegar as lanças. Estávamos em maior número, numa relação de três para um, mas mesmo assim Griffid não conseguiu nos persuadir a atacar sua bem urdida linha de escudos, cheia de lanças ferozes. Nós, os mais jovens, estávamos bastante ansiosos, e alguns ficavam saltitando como idiotas na frente dos saxões, mas nunca havia um número suficiente para atacar, e os saxões ignoravam nossas provocações enquanto o resto dos homens de Griffid bebia hidromel e xingava nossa ansiedade. Para mim, desesperado por ganhar um anel de guerreiro feito de ferro saxão, parecia loucura não atacarmos, mas eu ainda não havia experimentado a carnificina de duas paredes de escudos entrelaçadas, nem tinha aprendido como é difícil persuadir homens a oferecer seus corpos para esse trabalho macabro. Griffid fez alguns esforços precários para encorajar um ataque; depois ficou contente em beber seu hidromel e gritar insultos; e assim ficamos encarando o inimigo por três horas ou mais, sem avançar mais do que alguns passos.

A timidez de Griffid pelo menos me deu a chance de examinar os saxões que, na verdade, não pareciam muito diferentes de nós. Seu cabelo era mais claro, os olhos de um azul pálido, a pele mais vermelha do que a nossa, e gostavam de usar muita pele nas roupas, mas afora isso se vestiam como nós e as únicas diferenças nas armas era que a maioria dos saxões carregava uma faca de lâmina comprida que era maligna na luta corpo a corpo, e muitos usavam enormes machados de lâmina larga que podiam partir um escudo apenas de um golpe. Alguns de nossos homens ficavam tão impressionados com os machados que também carregavam armas assim, mas Owain, como Artur, os desdenhava, dizendo que eram desajeitados. Não é possível aparar um golpe com um machado, costumava dizer Owain, e uma arma que não defende tão bem quanto ataca não era boa aos seus olhos. Os sacerdotes saxões eram muito diferentes de nossos homens santos, já que esses feiticeiros usavam peles de animais e cobriam os cabelos com esterco de vaca para ficarem em pé, como espetos sobre as cabeças. Naquele dia no vale do rio, um desses sacerdotes saxões sacrificou um bode para descobrir se eles deveriam lutar conosco ou não. Primeiro o sacerdote

quebrou uma das patas traseiras do animal, depois o esfaqueou no pescoço e o deixou correr com a perna quebrada se arrastando. O animal mancou, sangrando e chorando, ao longo da linha de batalha, depois voltou na nossa direção antes de desmoronar no capim, e evidentemente isso foi um mau presságio porque a linha de escudos dos saxões perdeu o ar de desafio e recuou sumariamente através do povoado construído pela metade, atravessou um vau e entrou na floresta. Eles levaram suas mulheres, as crianças, os escravos, os porcos e os outros animais. Nós chamamos aquilo de vitória, comemos o bode e derrubamos sua paliçada. Não houve pilhagem.

Agora nosso *levy* estava faminto, porque, como todos os *levies*, havia comido todo o suprimento de alimentos nos primeiros dias e agora não tinham nada com que se alimentar, a não ser as amêndoas que tiravam das árvores da floresta. Essa falta de comida significava que não tínhamos opção além de recuar. O *levy* faminto, ansioso para estar em casa, foi na frente, enquanto nós, guerreiros, seguíamos mais devagar. Griffid estava chateado, porque voltava sem ouro ou escravos, ainda que na verdade tivesse realizado tanto quanto a maioria dos bandos de guerreiros que percorriam as terras disputadas. Mas então, quando estávamos quase de volta à área familiar, encontramos um bando de guerreiros saxões voltando no outro sentido. Deviam ter encontrado parte do nosso *levy* em retirada, porque traziam uma grande quantidade de armas e mulheres cativas.

O encontro foi uma surpresa para os dois lados. Eu estava na parte de trás da coluna de Griffid e só ouvi o começo da luta quando nossa vanguarda emergiu das árvores e encontrou meia dúzia de saxões atravessando um riacho. Nossos homens atacaram, depois lanceiros de ambos os lados correram para entrar na luta desorganizada. Não havia parede de escudos, apenas uma briga sangrenta num riacho raso e, de novo, como naquele dia em que matei meu primeiro inimigo na floresta ao sul de Ynys Wydryn, experimentei a alegria da batalha. Decidi que era a mesma sensação de Nimue quando os Deuses a preenchiem; é como ter asas que o levantam no alto até a glória, dissera ela, e foi exatamente assim que me senti naquele dia de outono. Encontrei meu primeiro saxão numa corrida, minha lança apontada, vi o medo nos seus olhos e soube que ele estava morto. A lança se grudou em sua barriga, por isso desembainhei a espada de Hywel, que agora eu chamava de Hywelbane — a maldição de Hywel — e acabei com ele dando um corte de lado, depois entrei no rio e matei mais dois. Eu estava gritando como um espírito maligno, berrando contra os saxões em sua língua, para virem e provarem o gosto da morte, e então um guerreiro enorme aceitou meu convite e me atacou com um dos grandes machados que pareciam tão aterrorizantes. Só que um machado tem muito peso morto. Uma vez dado o golpe ele não pode ser revertido, e derrubei o

grandalhão com uma estocada direta que teria aquecido o coração de Owain. Peguei três torques de ouro, quatro broches e uma faca cravejada de joias só daquele homem, e guardei a lâmina de seu machado para fazer meus primeiros anéis de batalha.

Os saxões fugiram, deixando oito mortos e um número igual de feridos. Eu tinha matado nada menos do que quatro dos nossos inimigos, feito que foi percebido por meus companheiros. Cresci no respeito deles, ainda que mais tarde, quando estava mais velho e mais sábio, tenha atribuído a matança desproporcional à mera estupidez juvenil. A vontade jovem costuma jorrar enquanto a dos sábios flui constantemente. Perdemos três homens, um deles era Licat, o que me salvara a vida no urzal. Recuperei minha lança, peguei mais dois torques de prata com os homens que matei no riacho, depois fiquei olhando enquanto os feridos inimigos eram despachados para o Outro Mundo, onde iriam se tornar escravos de nossos lutadores mortos. Encontramos seis cativas britânicas encolhidas entre as árvores. Eram mulheres que tinham seguido nosso *levy* para a guerra e foram capturadas por aqueles saxões. Foi uma daquelas mulheres que descobriu o único guerreiro inimigo ainda escondido em meio a alguns juncos na beira do riacho. Ela gritou na direção dele e tentou esfaqueá-lo, mas ele conseguiu entrar na água, onde o capturei. Era apenas um garoto imberbe, talvez da minha idade, e estava tremendo de medo.

— Como é o seu nome? — perguntei com a lâmina sangrenta da espada em sua garganta.

Ele estava esparramado na água.

— Wlenca.

Em seguida me disse que tinha vindo para a Britânia fazia apenas algumas semanas, e quando perguntei de onde tinha vindo ele não conseguiu responder, a não ser para dizer que viera de casa. Sua língua não era exatamente igual à minha, mas as diferenças eram pequenas e eu o entendia bastante bem. O rei de seu povo, segundo ele, era um grande líder chamado Cerdic, que estava tomando terras na Costa Sul da Britânia. Disse que Cerdic precisara lutar contra Aesc, um rei saxão que agora governava as terras de Kent, para estabelecer sua nova colônia, e esta foi a primeira vez em que eu soube que os saxões lutavam entre si, exatamente como os britânicos. Parece que Cerdic tinha vencido sua guerra contra Aesc e agora estava fazendo investidas na Dumnonia.

A mulher que tinha descoberto Wlenca estava agachada perto, e sibilando ameaças contra ele, mas outra mulher declarou que Wlenca não havia tomado parte nos estupros que se seguiram à captura. Griffid, sentindo alívio por ter algum botim para levar embora, declarou que Wlenca podia viver, e assim o saxão foi despido, posto sob a guarda de uma mulher e marchou para o Oeste, para a escravidão.

Aquela foi a última expedição do ano e, apesar de termos declarado

que era uma grande vitória, empalideceu diante das realizações de Artur. Ele não somente havia expulsado os saxões de Aelle do norte de Gwent, mas em seguida derrotou as forças de Powys e no processo decepara o braço do escudo do rei Gorfyddyd. O rei inimigo tinha escapado, mas mesmo assim foi uma grande vitória, e toda Gwent e toda a Dumnonia ressoaram com os elogios a Artur. Owain não ficou feliz.

Lunete, por outro lado, estava em delírio. Eu lhe trouxera ouro e prata, o bastante para ela poder usar uma pele de urso no inverno e ter sua própria escrava, uma criança de Kernow que Lunete comprou da casa de Owain. A criança trabalhava do amanhecer ao anoitecer, e à noite chorava no canto da cabana que chamávamos de lar. Quando a menina chorava demais Lunete batia nela, e quando eu tentava defender a menina Lunete me batia. Todos os homens de Owain haviam se mudado dos parques alojamentos dos guerreiros em Caer Cadarn para o assentamento mais confortável em Lindinis, onde Lunete e eu tínhamos uma cabana de pau a pique dentro da baixa fortificação de terra construída pelos romanos. Caer Cadarn ficava a 10 quilômetros de distância e só era ocupada quando um inimigo chegava perto demais, ou quando havia uma grande comemoração real. Tivemos uma ocasião dessas no inverno, no dia em que Mordred fez 1 ano e quando, por acaso, os problemas da Dumnonia chegaram ao auge. Ou talvez não fosse acaso, porque Mordred sempre foi agourento e sua aclamação estava condenada a ter o toque da tragédia.

A cerimônia aconteceu logo depois do solstício. Mordred seria aclamado rei e os grandes homens da Dumnonia se reuniram em Caer Cadarn para a festa. Nimue chegou um dia antes e visitou nossa cabana, que Lunete enfeitara com azevinho e hera para o solstício. Nimue pisou na soleira da cabana, que era riscada com desenhos para manter os maus espíritos do lado de fora, depois se sentou perto do nosso fogo e empurrou para trás o capuz do manto.

Sorri porque ela possuía um olho de ouro.

— Gosto dele — falei.

— É oco — disse ela, e, de um modo desconcertante, bateu no olho com uma unha. Lunete estava gritando com a escrava por ter queimado a sopa de brotos de cevada, e Nimue se encolheu diante da demonstração de raiva. — Você não está feliz — disse.

— Estou — insisti, porque os jovens odeiam admitir que cometem erros.

Nimue olhou para o interior de nossa cabana, desarrumada e enegrecida pela fumaça, como se estivesse farejando o humor dos habitantes.

— Lunete é errada para você — disse calmamente enquanto pegava no chão imundo uma meia casca de ovo e a esmagava para que nenhum espírito maligno pudesse se abrigar nela. — Sua cabeça está nas nuvens,

Derfel — prosseguiu ela enquanto jogava os fragmentos da casca no fogo —, enquanto Lunete é grudada à terra. Ela quer ser rica e você quer ser honrado. Não vai dar certo. — Nimue deu de ombros, como se isso não fosse realmente importante, depois me deu notícias de Ynys Wydryn. Merlin não havia voltado e ninguém sabia onde ele estava, mas Artur enviara dinheiro capturado do derrotado rei Gorfyddyd para pagar a reconstrução do Tor, e Gwlyddyn estava supervisionando a construção de um salão novo e mais grandioso. Pellinore estava vivo, bem como Druidan e Gudovan, o escriba. Norwenna, disse-me Nimue, tinha sido enterrada no templo do Espinheiro Sagrado, onde era reverenciada como santa.

— O que é um santo?

— Um cristão morto — disse ela, categórica. — Todos eles devem ser santos.

— E você?

— Estou viva — respondeu ela numa voz neutra.

— Está feliz?

— Você sempre pergunta essas coisas estúpidas. Se eu quisesse ser feliz, Derfel, estaria aqui com você, assando o seu pão e mantendo sua roupa de cama limpa.

— Então por que não está?

Ela cuspiu no fogo para descartar minha estupidez.

— Gundleus vive — respondeu categoricamente, mudando de assunto.

— Preso em Corinium — falei, como se Nimue já não soubesse onde seu inimigo estava.

— Enterrei o nome dele escrito numa pedra — disse ela, depois me espiou com o olho dourado. — Ele me engravidou quando me estuprou, mas matei aquela coisa abominável com cravagem. — Cravagem era um fungo preto que crescia no centeio, e as mulheres usavam para abortar. Merlin também usava como meio de entrar no estado de sonho e falar com os Deuses. Uma vez experimentei e passei mal durante dias.

Lunete insistiu em mostrar todas as suas posses a Nimue: o tripé, o caldeirão e a joeira, as joias e o manto, a fina blusa de linho e a velha jarra de prata com o cavaleiro romano nu caçando um cervo. Nimue fingiu mal estar impressionada, depois pediu que eu fosse com ela até Caer Cadarn, onde passaria a noite.

— Lunete é uma idiota — disse ela. Estávamos andando pela beira de um riacho que dava no rio Cam. Folhas marrons e quebradiças estalavam debaixo dos nossos pés. Houvera uma geada e o dia estava muito frio. Nimue parecia mais irritada do que nunca e, por causa disso, mais linda. A tragédia lhe caía bem, ela sabia, e por isso a procurava. — Você está fazendo nome — disse ela, olhando para os anéis de ferro em minha mão esquerda. Eu mantinha a direita sem anéis para ter firmeza

ao segurar a lança ou a espada, mas agora usava quatro anéis de ferro na mão esquerda.

— Sorte — expliquei os anéis.

— Não, não é sorte. — Ela ergueu a mão esquerda para que eu pudesse ver a cicatriz. — Quando você luta, Derfel, eu luto com você. Será um grande guerreiro, e precisará ser.

— Serei mesmo?

Ela estremeceu. O céu estava cinza, o mesmo cinza de uma espada sem polimento, mas o horizonte a oeste era riscado por uma luz azeda, amarelada. As árvores tinham o negro do inverno, o capim um tom escuro e carrancudo, e a fumaça das fogueiras do povoado se grudava ao chão como se temesse o céu frio e vazio.

— Você sabe por que Merlin partiu de Ynys Wydryn? — perguntou ela de súbito, surpreendendo-me.

— Para encontrar o Conhecimento da Britânia — respondi, repetindo o que ela dissera no Alto Conselho em Glevum.

— Mas por que agora? Por que não há dez anos? — E Nimue respondeu à própria pergunta: — Ele foi agora, Derfel, porque estamos entrando no tempo ruim. Tudo de bom vai ficar ruim, e tudo de ruim vai ficar pior. Todos na Britânia estão reunindo suas forças porque sabem que a grande luta está chegando. Algumas vezes penso que os Deuses estão brincando conosco. Estão lançando todos os dados ao mesmo tempo para ver como o jogo terminará. Os saxões estão ficando mais fortes e logo vão atacar em hordas, e não em bandos de guerreiros. Os cristãos — ela cuspiu no rio para espantar o mal — dizem que logo serão quinhentos invernos desde que seu Deus desgraçado nasceu e afirmam que está chegando o tempo de seu triunfo. — Ela cuspiu de novo. — E quanto a nós, britânicos? Lutamos uns contra os outros, roubamos uns dos outros, construímos novos palácios quando deveríamos estar forjando espadas e lanças. Nós vamos ser testados, Derfel, e é por isso que Merlin está juntando suas forças, porque, se os reis não nos salvarem, Merlin deve persuadir os Deuses a vir nos ajudar. — Ela parou ao lado de um poço no riacho e olhou para a água preta que tinha a imobilidade gélida que vem logo antes do congelamento. A água nas pegadas do gado à beira do poço já estava congelada.

— E quanto a Artur? Ele não vai nos salvar?

Ela me deu um leve sorriso.

— Artur é para Merlin o que você é para mim. Artur é a espada de Merlin, mas nenhum de nós dois pode controlar vocês. Nós lhes damos poder — ela estendeu a mão com a cicatriz e tocou o botão de minha espada — e depois os soltamos. Temos de confiar que vocês farão a coisa certa.

— Pode confiar em mim.

Ela suspirou como sempre fazia quando eu falava uma coisa dessas,

depois balançou a cabeça.

— Quando chegar o Teste da Britânia, Derfel, e ele chegará, nenhum de nós saberá como nossa espada se mostrará forte. — Ela se virou e olhou para as fortificações de Caer Cadarn, coloridas com bandeiras de todos os senhores e chefes que tinham vindo testemunhar a aclamação de Mordred no próximo dia. — Idiotas — falou em tom amargo. — Idiotas.

Artur chegou no dia seguinte, logo antes do amanhecer. Veio a cavalo de Ynys Wydryn, com Morgana. Estava acompanhado apenas por dois guerreiros, todos os três montados em seus grandes cavalos, apesar de não trazerem armaduras ou escudos, só lanças e espadas. Artur nem mesmo trouxe sua bandeira. Estava muito relaxado, quase como se essa cerimônia não lhe causasse outro interesse além da curiosidade. Agrícola, o comandante romano de Tewdric, viera no lugar de seu senhor, que estava com febre. E Agrícola também parecia distante da cerimônia, mas todas as outras pessoas em Caer Cadarn estavam tensas, preocupadas com a possibilidade de os presságios do dia serem ruins. O príncipe Cadwy de Isca se encontrava lá, com as bochechas tatuadas em azul. O príncipe Gereint, senhor das Pedras, tinha vindo da fronteira saxã e o rei Melwas viera da decadente Venta. Toda a nobreza da Dumnonia, mais de cem homens, esperava na fortaleza. Durante a noite caíra neve com chuva, deixando Caer Cadarn cheio de lama escorregadia, mas as primeiras luzes trouxeram um vento forte do oeste, e quando Owain emergiu do palácio com o bebê real o sol estava aparecendo nos morros que circulavam o leste de Caer Cadarn.

Morgana tinha decidido quanto à hora da cerimônia, adivinhando-a a partir dos augúrios do fogo, da água e da terra. Era, previsivelmente, uma cerimônia matinal, porque nada de bom vem de coisas realizadas quando o sol está declinando, mas a multidão tinha de esperar até que Morgana ficasse satisfeita com que a hora exata estivesse iminente, antes que pudessem ter início os procedimentos no círculo de pedra que coroava o pico de Caer Cadarn. As pedras do círculo não eram grandes, nenhuma era maior do que uma criança abaixada, e no centro exato, onde Morgana fazia seus alinhamentos com relação ao sol pálido, ficava a pedra real da Dumnonia. Era um pedregulho cinza e chato, indistinguível de uma centena de outros, mas tinha sido naquela pedra, segundo nos ensinaram, que o Deus Bel ungira seu filho humano Beli Mawr, ancestral de todos os reis da Dumnonia. Assim que Morgana ficou satisfeita com os cálculos, Balise foi levado ao centro do círculo. Ele era um Druida velho que vivia na floresta a oeste de Caer Cadarn e, na ausência de Merlin, fora persuadido a comparecer e invocar as bênçãos dos Deuses. Era uma criatura encurvada, cheia de piolhos, envolta em pele de cabra e trapos, tão suja que era impossível dizer onde começavam os trapos e onde terminava a barba, mas diziam que foi

Balise quem ensinou a Merlin muitas de suas habilidades. O velho levantou o cajado para o sol aquoso, murmurou algumas orações e depois cuspiu, fazendo um círculo que acompanhava o caminho do sol, antes de sucumbir num terrível ataque de tosse. Em seguida foi cambaleando até uma cadeira na beirada do círculo, onde sentou-se ofegante enquanto sua companheira, uma velha cuja aparência era quase indistinguível da de Balise, esfregava debilmente suas costas.

O bispo Bedwin fez uma oração ao Deus cristão, depois desfilaram com o rei bebê em volta do círculo de pedra. Mordred fora posto em cima de um escudo de guerra e coberto de peles, e assim foi mostrado a todos os guerreiros, chefes e príncipes que, enquanto o bebê passava, ajoelharam-se para prestar homenagem. Um rei adulto teria caminhado em torno do círculo, mas dois guerreiros dumnonianos carregavam Mordred enquanto atrás da criança, com a espada comprida desembainhada, seguia Owain, o campeão do rei. Mordred foi carregado no sentido contrário ao caminho do sol, a única vez em toda a vida de um rei em que ele ia assim, contra a ordem natural, mas a direção nefasta era escolhida deliberadamente a fim de mostrar que um rei que descendia dos Deuses estava acima de regras mesquinhas, como sempre andar num círculo seguindo o caminho do sol.

Em seguida, Mordred foi posto, sobre seu escudo, na pedra central, onde presentes lhe foram trazidos. Uma criança pôs um pão diante dele, como símbolo de seu dever de alimentar o povo, depois uma segunda criança trouxe um chicote para mostrar que ele tinha de ser o magistrado de seu país, e por fim foi posta uma espada aos seus pés para simbolizar seu papel como defensor da Dumnonia. Mordred gritou o tempo todo e chutava com tanto empenho que quase caiu do escudo. Seus chutes despiram o pé aleijado e isso, pensei, tinha de ser um mau presságio, mas os celebrantes ignoraram o membro torto enquanto os grandes homens do reino se aproximavam um a um e acrescentavam seus presentes. Trouxeram ouro e prata, pedras preciosas, moedas, azeviche e âmbar. Artur deu à criança uma estátua dourada de um falcão, presente que fez os observadores ficarem boquiabertos diante da beleza, mas Agrícola trouxe o presente mais valioso de todos. Pôs aos pés do bebê os equipamentos de guerra do rei Gorfyddyd de Powys. Artur havia capturado a armadura enfeitada em ouro depois de expulsar Gorfyddyd de seu acampamento, e presenteara a armadura ao rei Tewdric que agora, através de seu comandante guerreiro, devolvia o presente à Dumnonia.

Finalmente o bebê agitado foi erguido da pedra e entregue à sua nova ama, uma escrava da casa de Owain. Agora havia chegado o momento de Owain. Todos os outros homens importantes tinham vindo com manto e peles por causa do frio do dia, mas Owain avançou vestido apenas com suas calças justas e as botas. Seu peito e os braços tatuados

estavam tão desnudos quanto a espada que, com devida cerimônia, ele pôs sobre a pedra real. Depois, deliberadamente e com escárnio no rosto, caminhou em volta do círculo externo e cuspiu na direção de todos os presentes. Era um desafio. Se algum homem ali achasse que Mordred não deveria ser rei, só precisava avançar e pegar a espada nua na pedra. Em seguida precisaria lutar com Owain. Owain se pavoneou, zombou e desafiou, mas ninguém se moveu. Só quando Owain tinha completado dois circuitos inteiros ele voltou à pedra e pegou a espada.

E nesse ponto todo mundo aplaudiu, porque a Dumnonia tinha um rei de novo. Os guerreiros que cercavam as fortificações bateram com as lanças nos escudos.

Era necessário um último ritual. O bispo Bedwin tentara proibi-lo, mas o conselho passara por cima dele. Artur, percebi, se afastou, mas todas as outras pessoas, até o bispo Bedwin, permaneceram enquanto um cativo era levado nu e cheio de terror até a pedra real. Era Wlenca, o garoto saxão que eu havia capturado. Duvido de que ele soubesse o que estava acontecendo, mas certamente temia o pior.

Morgana tentou levantar Balise, mas o velho druida estava fraco demais para fazer o seu papel, por isso ela própria foi até o trêmulo Wlenca. O saxão estava desamarrado e poderia tentar fugir, mas os Deuses sabiam que não haveria como escapar através da multidão armada que o cercava. Entretanto ele ficou imóvel enquanto Morgana se aproximou. Talvez a visão de sua máscara de ouro e o caminhar manco o tenham congelado, e ele não se mexeu até que ela mergulhou a mão esquerda mutilada e enluvada num prato e, depois de deliberar um momento, tocou-o na barriga. Ao sentir o toque Wlenca pulou, assustado, mas ficou imóvel de novo. Morgana tinha mergulhado a mão num prato de sangue de bode recém-colhido, que agora deixou sua marca vermelha e molhada na barriga magra e pálida de Wlenca.

Morgana se afastou. A multidão estava imóvel, silenciosa e apreensiva, porque esse era um espantoso momento de verdade. Os Deuses iam falar à Dumnonia.

Owain entrou no círculo. Havia descartado sua espada e estava com sua lança de guerra, de cabo preto. Manteve os olhos no apavorado garoto saxão que parecia estar rezando aos seus Deuses, mas eles não tinham poder em Caer Cadarn.

Owain movia-se lentamente. Afastou os olhos do olhar de Wlenca apenas por um segundo, só o tempo necessário para encostar a ponta da lança no lugar exato marcado na barriga do saxão, depois olhou de novo nos olhos do cativo. Os dois estavam imóveis. Havia lágrimas nos olhos de Wlenca e ele fez um movimento minúsculo com a cabeça, num mudo apelo por misericórdia, mas Owain ignorou o pedido. Esperou até Wlenca estar imóvel de novo. A ponta da lança pousava na marca de sangue, e nenhum dos dois se mexia. O vento agitou os cabelos dos dois

e levantou as roupas úmidas dos espectadores.

Owain golpeou. Foi um movimento forte dos músculos, que enfiou a lança no fundo do corpo de Wlenca, depois ele puxou a lâmina e correu para trás, deixando apenas o saxão sangrando no círculo de pedra.

Wlenca gritou. O ferimento era terrível, deliberadamente infligido para provocar uma morte lenta, extremamente dolorosa. Mas nos estertores da morte do homem agonizante um áugure treinado como Balise ou Morgana podia dizer o futuro do reino. Balise, arrancado de seu torpor, observou o saxão cambalear com uma das mãos agarrada na barriga e o corpo curvado por causa da dor horrível. Nimue se inclinou ansiosa para a frente, porque esta era a primeira vez em que testemunhava a mais poderosa das artes divinatórias e queria aprender seus segredos. Confesso que fiz uma careta, não pelo horror da cerimônia, mas porque tinha gostado de Wlenca e visto em seu rosto largo e de olhos azuis uma ideia de como eu parecia, mas me consolei com o conhecimento de que o sacrifício significava que ele receberia um lugar de guerreiro no Outro Mundo onde, um dia, eu e ele nos encontraríamos de novo.

O grito de Wlenca tinha se reduzido a um ofegar desesperado. Seu rosto ficou amarelo, ele estava tremendo, mas de algum modo se manteve de pé enquanto se virava para o leste. Chegou ao círculo de pedras e, por um segundo, parecia que ia desmoronar. Então um espasmo de dor o fez arquear para trás, depois se curvar para a frente de novo. Girou num círculo louco, espirrando sangue, e deu alguns passos para o norte. E então, finalmente, caiu. Estava se sacudindo em agonia, e cada espasmo significava alguma coisa para Balise e Morgana. Esta se adiantou para olhá-lo mais atentamente enquanto ele se retorcia e se sacudia. Suas pernas estremeçeram por alguns instantes e então as entranhas se romperam, a cabeça foi para trás e um som chocalhante saiu de sua garganta. Um grande jorro de sangue espirrou quase até os pés de Morgana enquanto o saxão morria.

Alguma coisa na postura de Morgana dizia que o augúrio era ruim, e seu humor azedo se espalhou pela multidão que esperava o terrível pronunciamento. Morgana voltou e se curvou ao lado de Balise, que deu uma risada rouca, irreverente. Nimue tinha ido inspecionar a trilha de sangue e depois o corpo, e em seguida se juntou a Morgana e Balise enquanto a multidão esperava. E esperava.

Finalmente Morgana voltou ao corpo. Dirigiu suas palavras a Owain, o campeão que estava ao lado do rei bebê, mas todo mundo se inclinou para ouvi-la falar.

— O rei Mordred terá vida longa — disse ela. — Será líder em batalha e conhecerá a vitória.

Um suspiro atravessou a multidão. O augúrio poderia ser traduzido como favorável, mesmo eu pensando que todo mundo sabia o quanto

fora deixado sem ser dito, e alguns presentes puderam se lembrar da aclamação de Uther, quando a trilha de sangue do homem e os movimentos agonizantes tinham realmente previsto um reino de glória. Mesmo assim, mesmo sem glória, havia alguma esperança no augúrio da morte de Wlenca.

Aquela morte encerrou a aclamação de Mordred. A pobre Norwenna, enterrada sob o Espinheiro Sagrado de Ynys Wydryn, teria feito tudo diferente, mas mesmo se mil bispos e uma miríade de santos houvessem se reunido para rezar em favor de Mordred em seu trono, os augúrios teriam sido os mesmos. Porque Mordred, o nosso rei, era aleijado, e nem druida nem bispo poderiam jamais mudar isso.

TRISTAN DE KERNOW CHEGOU NAQUELA tarde. Estávamos na festa de Mordred no grande salão, um acontecimento notável pela falta de alegria, mas a chegada de Tristan tornou-a ainda menos animada. Ninguém sequer percebeu sua chegada até ele se aproximar da grande fogueira central e as chamas brilharem em seu peitoral de couro e no capacete de ferro. O príncipe era conhecido como amigo da Dumnonia, e o bispo Bedwin o recebeu como tal, mas a única reação de Tristan foi desembainhar a espada.

Esse gesto atraiu atenção imediata, porque nenhum homem deveria portar arma num salão em festa, quanto mais num salão que festejava a aclamação de um rei. Alguns homens estavam bêbados, mas até eles ficaram em silêncio enquanto olhavam o príncipe jovem e de cabelos escuros.

Bedwin tentou ignorar a espada desembainhada.

— Veio para a aclamação, senhor príncipe? Sem dúvida se atrasou, não foi? A viagem é muito difícil no inverno. Venha sentar-se aqui. Perto de Agrícola de Gwent. Temos carne de veado.

— Vim com uma contenda — disse Tristan em voz alta. Ele havia deixado seus seis guardas do lado de fora da porta de entrada, onde uma chuva misturada com neve cuspiam sobre o topo do morro. Os guardas eram homens sérios em armaduras molhadas e mantos gotejantes, cujos escudos estavam virados de cabeça para cima, e cujas lanças de guerra brilhavam com a água.

— Uma contenda! — disse Bedwin, como se o simples pensamento fosse algo notável. — Não neste dia auspicioso, certamente não!

Alguns guerreiros no salão rosnaram desafios. Estavam suficientemente bêbados para gostar de uma contenda, mas Tristan os ignorou.

— Quem fala pela Dumnonia? — perguntou.

Houve um momento de hesitação. Owain, Artur, Gereint e Bedwin tinham autoridade, mas nenhum deles era preeminente. O príncipe Gereint, que jamais era homem de se apresentar, desconsiderou a pergunta. Owain deu um olhar maligno para Tristan, enquanto Artur respeitosamente cedia a Bedwin que sugeriu, muito timidamente, que como conselheiro-chefe do reino ele poderia falar tão bem quanto qualquer outro em nome do rei Mordred.

— Diga ao rei Mordred — disse Tristan — que haverá sangue entre meu país e o dele a não ser que eu receba justiça.

Bedwin ficou alarmado e suas mãos se agitaram com gestos pedindo

calma enquanto ele tentava pensar no que dizer. Nada lhe veio, e no final foi Owain quem respondeu.

— Diga o que tem a dizer — falou categoricamente.

— Um grupo de pessoas do povo de meu pai recebeu proteção do rei Uther. Eles vieram a este país, a pedido de Uther, para trabalhar nas minas e viver em paz com os vizinhos, mas no fim do verão passado alguns desses vizinhos foram à mina deles e lhes deram espada, fogo e morticínio. Cinquenta e oito mortos, diga ao seu rei, e o *sarhead* deles será o valor de suas vidas mais o da vida do homem que ordenou que fossem mortos, ou então viremos com nossas espadas e escudos cobrar o preço.

Owain gargalhou.

— O pequeno Kernow? Estamos tão apavorados!

Os guerreiros ao meu redor gritaram com escárnio. Kernow era um país pequeno e não era páreo para as forças da Dumnonia. O bispo Bedwin tentou parar o barulho, mas o salão estava cheio de homens bêbados até a arrogância, e se recusaram a ficar calmos até que o próprio Owain pediu silêncio.

— Ouvi dizer, príncipe, que foram os irlandeses Escudos Pretos de Oengus Mac Airem que atacaram o urzal.

Tristan cuspiu no chão.

— Se foram, então eles voaram por cima do país para fazê-lo, porque ninguém os viu passar e eles não roubaram sequer um ovo de nenhum dumnoniano.

— Isso é porque eles temem a Dumnonia, mas não Kernow — disse Owain, e o salão explodiu em risos e zombarias de novo.

Artur esperou até que os risos tivessem parado.

— Você sabe de algum outro homem além de Oengus Mac Airem que poderia ter atacado o seu povo? — perguntou com cortesia.

Tristan se virou e observou os homens agachados no chão do salão. Viu a cabeça careca do príncipe Cadwy de Isca e apontou para ele com sua espada.

— Pergunte a ele. Ou melhor ainda — Tristan ergueu a voz para aquietar os que zombavam —, pergunte à testemunha que tenho lá fora. — Cadwy estava de pé e gritando para que lhe permitissem pegar sua espada enquanto seus lanceiros tatuados ameaçavam massacrar Kernow inteiro.

Artur deu um tapa na mesa alta. O som ecoou no salão, produzindo silêncio. Agrícola de Gwent, sentado perto de Artur, mantinha os olhos baixos, porque essa contenda não era da sua conta, mas duvidou que uma única nuance do confronto estivesse escapando à sua esperteza.

— Se algum homem derramar sangue esta noite — disse Artur —, ele é meu inimigo. — Em seguida esperou até que Cadwy e seus homens se aquietassem, depois olhou de novo para Tristan. — Traga sua

testemunha, senhor.

— Isto aqui é um tribunal? — objetou Owain.

— Que as testemunhas entrem — insistiu Artur.

— Isso é uma festa — protestou Owain.

— Que a testemunha venha, que venha. — O bispo Bedwin queria acabar com aquele negócio desagradável, e concordar com Artur parecia o modo mais rápido. Os homens nas bordas do salão chegaram mais perto para ouvir o drama, mas riram quando a testemunha de Tristan apareceu, porque era apenas uma menina pequena, talvez de 9 anos, que andou calmamente e com as costas eretas até junto do príncipe, que pôs um braço em seu ombro, depois apertou-o para lhe dar confiança.

— Fale.

Sarlinna lambeu os lábios. Optou por falar diretamente a Artur, talvez porque ele tivesse o rosto mais gentil dentre os homens sentados na mesa elevada.

— Meu pai foi morto, minha mãe foi morta, meus irmãos e irmãs foram mortos... — Ela falava como se tivesse ensaiado as palavras, mas nenhum homem presente duvidava da verdade nelas. — Minha irmãzinha foi morta, meu gatinho foi morto — uma primeira lágrima apareceu — e vi tudo.

Artur balançou a cabeça, com simpatia. Agrícola de Gwent passou uma das mãos pelos cabelos curtos e grisalhos, depois olhou para os caibros empretecidos pela fuligem. Owain se recostou na cadeira e bebeu num copo de chifre enquanto o bispo Bedwin parecia perturbado.

— Você realmente viu os assassinos? — perguntou o bispo.

— Sim, senhor. — Agora que Sarlinna não estava mais falando as palavras que tinha preparado e ensaiado, estava mais nervosa.

— Mas era noite, criança — objetou Bedwin. — O ataque não foi à noite, senhor príncipe? — Todos os lordes da Dumnonia tinham ouvido falar do ataque ao urzal, mas haviam acreditado na afirmação de Owain, de que o ataque era obra dos Escudos Pretos irlandeses de Oengus.

Tristan encorajou a menina dando-lhe um tapinha no ombro.

— Diga ao senhor bispo o que aconteceu.

— Os homens jogaram fogo na nossa cabana, senhor — disse Sarlinna numa voz pequena.

— Não foi fogo suficiente — rosnou um homem nas sombras, e todo o salão gargalhou.

— Como sobreviveu, Sarlinna? — perguntou Artur gentilmente quando o riso terminou.

— Eu me escondi debaixo de uma pele, senhor.

Artur sorriu.

— Fez bem. Mas viu o homem que matou sua mãe e seu pai? — Ele fez uma pausa. — E o seu gatinho?

Ela assentiu. Seus olhos estavam brilhantes de lágrimas na penumbra do salão.

— Vi, senhor — disse ela em voz baixa.

— Então fale sobre ele.

Sarlinna usava uma pequena túnica cinza debaixo de um manto de lã preto, e agora levantou os braços magros e puxou as mangas da túnica para desnudar a pele pálida.

— O braço do homem tinha figuras, senhor, de um dragão. E de um javali. Aqui. — Mostrou onde as tatuagens poderiam estar em seus braços pequenos, depois olhou para Owain. — E havia anéis na barba dele — acrescentou a menina e a seguir ficou quieta, mas não precisava falar mais. Apenas um homem usava anéis de guerreiros na barba, e todos os homens presentes tinham visto os braços de Owain enfiando a lança na barriga de Wlenca naquela manhã, e todo mundo sabia que aqueles braços eram tatuados com o dragão da Dumnonia e com seu símbolo do javali com presas compridas.

Houve silêncio. Um pedaço de pau estalou no fogo, lançando um jorro de fumaça para os caibros do teto. Um sopro de vento jogou neve e chuva na grossa cobertura de palha e fez tremular as tochas espalhadas pelo salão. Agrícola estava examinando a alça com prata engastada em seu chifre de beber, como se nunca tivesse visto um objeto daqueles. Em algum ponto do salão um homem arrotou, e o barulho pareceu provocar Owain a virar sua cabeça desgrenhada para olhar a criança.

— Ela mente! — disse com aspereza. — E crianças que mentem devem ser espancadas até sangrar!

Sarlinna começou a chorar, depois enfiou o rosto nas dobras do manto de Tristan. O bispo Bedwin franziu a testa.

— É verdade, Owain, ou não é, que você visitou o príncipe Cadwy no final do verão?

— E daí? — respondeu Owain bruscamente. — E daí? — Ele rugiu a palavra de novo, dessa vez como um desafio a todos os presentes. — Aqui estão os meus guerreiros! — Ele fez um gesto para nós, sentados juntos no lado direito do salão. — Perguntem a eles! Perguntem a eles! A criança mente! Juro que ela mente!

O salão ficou num tumulto repentino enquanto homens cuspiam em desafio a Tristan. Sarlinna chorava tanto que o príncipe se curvou, pegou-a no colo e a abraçou e continuou segurando-a enquanto Bedwin tentava recuperar o controle do salão.

— Se Owain jura — gritou o bispo — então a criança mente. — Os guerreiros rosnaram concordando.

Artur, percebi, estava me olhando. Baixei os olhos para a minha tigela com carne de veado.

O bispo Bedwin desejava não ter convidado a criança para o salão. Passou os dedos pela barba, depois balançou a cabeça num gesto

cansado.

— A palavra de uma criança não tem peso na lei — falou numa voz lamentosa. — Uma criança não faz parte dos Com-Língua. — Os Com-Língua eram as nove testemunhas cuja palavra tinha peso de verdade na lei: um lorde, um druida, um sacerdote, um pai falando pelos filhos, um magistrado, um ofertante falando de seu presente, uma donzela falando de sua virgindade, um pastor falando de seus animais e um homem condenado falando suas últimas palavras. Em nenhum lugar da lista havia qualquer menção a uma criança falando do massacre de sua família. — Lorde Owain é um Com-Língua — disse o bispo Bedwin a Tristan.

Tristan estava pálido, mas não podia recuar.

— Acredito na criança — disse ele. — E amanhã, depois do nascer do sol, virei pegar a resposta da Dumnonia, e se essa resposta negar a justiça a Kernow meu pai tomará a justiça em suas mãos.

— Qual é o problema com o seu pai? — zombou Owain. — Perdeu o interesse na última esposa, foi? Por isso quer levar uma surra na batalha?

Tristan saiu em meio a gargalhadas, uma gargalhada que cresceu enquanto os homens tentavam imaginar o pequeno Kernow declarando guerra contra a poderosa Dumnonia. Não me juntei ao riso, em vez disso terminei com o meu guisado, dizendo a mim mesmo que precisava da comida se quisesse me manter quente durante o turno de guarda que começaria no fim da festa. E não bebi hidromel, de modo que estava ainda mais sóbrio quando peguei minha capa, a lança, a espada e o elmo e fui para a muralha do norte. A chuva e a neve tinham parado, e as nuvens estavam passando para revelar uma brilhante meia lua navegando em um tremular de estrelas, apesar de mais nuvens estarem se juntando no oeste acima do mar de Severn. Eu estremecia enquanto andava sobre a fortificação.

Onde Artur me encontrou.

Eu sabia que ele viria. Tinha desejado que viesse, mas mesmo assim sentia medo enquanto o via atravessar o pátio e subir o curto lance de degraus de madeira que levava ao muro baixo feito de terra e pedras. A princípio não falou nada, apenas se encostou na paliçada de madeira e olhou para o distante ponto de fogo que iluminava Ynys Wydryn. Estava vestido com sua capa branca, que tinha arrebanhado para não sujar na lama. Havia amarrado as pontas da capa na cintura, logo acima da bainha com enfeites entrecruzados.

— Não vou lhe perguntar o que aconteceu no urzal — falou por fim, a respiração soltando névoa no ar da noite — porque não quero pedir que qualquer homem, principalmente um homem de quem gosto, rompa um juramento de morte.

— Sim, senhor — falei e imaginei como ele sabia que era um

juramento de morte que havia nos unido naquela noite sombria.

— Então, em vez disso vamos andar. — Ele sorriu para mim e fez um gesto indicando o resto da fortificação. — Uma sentinela que anda permanece quente. Você é mesmo um bom soldado, como ouvi dizer?

— Tonto, senhor.

— E ouvi dizer que você teve sucesso. Muito bem. — Ele ficou quieto enquanto passávamos por um dos meus companheiros que estava encolhido contra os mourões da paliçada. O sujeito me olhou e seu rosto mostrou medo de que eu traísse a tropa de Owain. Artur afastou o capuz do rosto. Ele tinha um passo longo e firme, e eu precisava me apressar para acompanhá-lo. — Qual você acha que é o serviço de um soldado, Derfel? — perguntou-me daquele modo íntimo que faz a gente sentir que ele estava mais interessado na gente do que em qualquer outra pessoa do mundo.

— Lutar em batalhas, senhor.

Ele balançou a cabeça.

— Lutar batalhas em nome de pessoas que não podem lutar por si mesmas. Aprendi isso na Bretanha. Este mundo miserável é cheio de pessoas fracas, pessoas sem poder, pessoas famintas, pessoas tristes, pessoas doentes, pessoas pobres, e a coisa mais fácil do mundo é desprezar os fracos, especialmente se você é um soldado. Se é um guerreiro e quer a filha de um homem, simplesmente a pega; se quer a terra dele, simplesmente o mata; afinal de contas, você é um soldado e tem uma lança e uma espada, e ele é apenas um homem pobre e fraco com um ancinho quebrado e um boi doente, e o que vai impedir você? — Ele não esperou uma resposta para a pergunta, simplesmente continuou andando em silêncio. Tínhamos chegado ao portão do oeste e a escada feita de troncos cortados que ia até a plataforma acima do portão estava ficando branca com a geada nova. Subimos lado a lado. — Mas a verdade, Derfel — disse Artur quando chegamos à alta plataforma —, é que só somos soldados porque aquele homem fraco nos torna soldados. Ele planta o grão que nos alimenta, ele curte o couro que nos protege e corta o freixo que faz nossos cabos de lanças. Nós lhe devemos nosso serviço.

— Sim, senhor — falei e olhei com ele para a terra ampla e plana. Não estava tão frio quanto na noite em que Mordred nascera, mas mesmo assim era gélido, e o vento piorava a sensação.

— Há um propósito em todas as coisas, até em ser soldado. — Ele sorriu para mim, como se pedisse desculpas por estar sendo tão sério, mas não precisava disso, porque eu bebia suas palavras. Eu sonhara em me tornar soldado por causa da alta posição e porque sempre me parecera melhor carregar uma lança do que uma foice, mas nunca tinha pensado além dessas ambições egoístas. Artur havia pensado muito além, e trouxe à Dumnonia uma visão clara de onde sua lança e sua

espada deveriam levá-lo.

— Temos a chance de fazer uma Dumnonia onde possamos servir ao nosso povo. — Artur se encostou na alta paliçada enquanto falava. — Não podemos lhes dar felicidade, e não sei como garantir uma boa colheita que irá torná-los ricos, mas sei que podemos deixá-los em segurança, e um homem seguro, um homem que sabe que seus filhos vão crescer sem ser levados como escravos e que o dote de sua filha não será arruinado pelo estupro cometido por um soldado, é um homem com mais probabilidade de ser feliz do que um homem que viva sob a ameaça da guerra. Isso é justo?

— Sim, senhor.

Ele esfregou a mão enluvada, por causa do frio. Minhas mãos estavam enroladas em trapos que tornavam difícil segurar a lança, especialmente enquanto tentava mantê-las aquecidas debaixo de minha capa. Atrás de nós, no salão festivo, soou uma grande gargalhada masculina. A comida tinha sido tão ruim quanto em qualquer festa de inverno, mas houvera bastante hidromel e vinho, embora Artur estivesse tão sóbrio quanto eu. Observei seu perfil enquanto ele olhava para o oeste, em direção às nuvens que se formavam. A lua sombreava seu queixo comprido e fazia o rosto parecer mais ossudo do que nunca.

— Odeio a guerra — disse Artur de repente.

— É mesmo? — Eu estava surpreso, mas afinal era jovem a ponto de gostar da guerra.

— Claro! — Ele sorriu para mim. — Por acaso sou bom em guerrear, talvez você também seja, e isso só significa que temos de usar essa capacidade com sabedoria. Sabe o que aconteceu em Gwent no outono passado?

— O senhor feriu Gorfyddyd — falei ansioso. — Arrancou o braço dele.

— Isso mesmo — disse ele, quase num tom de surpresa. — Meus cavalos não são de muita utilidade num país montanhoso, e são completamente inúteis numa floresta, por isso os levei para o norte, para as planícies agrícolas de Powys. Gorfyddyd estava tentando derrubar as muralhas de Tewdric, por isso comecei a queimar as pilhas de feno e os armazéns de grãos de Gorfyddyd. Nós queimamos, matamos. Fizemos isso bem, não porque quiséssemos, mas porque precisava ser feito. E funcionou. Trouxe Gorfyddyd de volta das muralhas de Tewdric para as terras planas onde meus cavalos podiam vencê-lo. E venceram. Nós o atacamos ao amanhecer, e ele lutou bem, mas perdeu a batalha junto com o braço esquerdo, e isso, Derfel, foi o fim da matança. Tinha servido ao nosso propósito, entende? O propósito da matança era persuadir Powys de que seria melhor para eles estar em paz com a Dumnonia do que em guerra. E agora haverá paz.

— Haverá? — perguntei em dúvida. A maioria de nós acreditava que

a primavera só poderia trazer um novo ataque do amargo rei Gorfyddyd, de Powys.

— O filho de Gorfyddyd é um homem sensato. O nome dele é Cuneglas, e ele quer a paz, e devemos dar ao príncipe Cuneglas tempo para persuadir o pai de que ele perderá mais do que um braço se entrar em guerra conosco outra vez. E, assim que Gorfyddyd for convencido de que a paz é melhor do que a guerra, ele vai convocar um conselho, e todos compareceremos e faremos muito barulho, e esse será o fim, Derfel. Devo me casar com a filha de Gorfyddyd, Ceinwyn. — Ele me deu um olhar rápido e um tanto constrangido. — *Seren*, é como a chamam, a estrela! A estrela de Powys. Dizem que é muito bonita. — Ele estava satisfeito com essa perspectiva, e de algum modo seu prazer me surpreendeu, mas naquela época eu ainda não tinha reconhecido a vaidade em Artur. — Esperemos que ela seja linda como uma estrela. Mas, linda ou não, vou me casar com ela e vamos pacificar Silúria, e então os saxões vão enfrentar uma Britânia unida. Powys, Gwent, Dumnonia e Silúria, cada um abraçando o outro, todos lutando contra o mesmo inimigo, e todos em paz uns com os outros.

Eu ri, não dele, mas com ele, porque sua profecia ambiciosa tinha sido tão casual.

— Como o senhor sabe?

— Sei porque Cuneglas ofereceu os termos de paz, claro, e você não dirá isso a ninguém, Derfel, caso contrário pode não acontecer. Nem o pai dele sabe ainda, de modo que este é um segredo entre nós.

— Sim, senhor — falei e me senti enormemente privilegiado por ele me contar um segredo tão importante, mas claro que era assim que Artur queria que eu me sentisse. Ele sempre soube manipular os homens e sabia especialmente manipular os homens jovens e idealistas.

— Mas de que adianta a paz se estivermos lutando entre nós? Nossa tarefa é dar a Mordred um reino grande e pacífico, e para isso precisamos torná-lo um reino bom e justo. — Agora ele estava me olhando e falando muito sério em sua voz profunda e suave. — Não podemos ter paz se rompermos nossos tratados, e o tratado que deixava os homens de Kernow minerarem nosso estanho era bom. Não tenho dúvida de que eles estavam nos enganando, todos os homens enganam quando se trata de dar seu dinheiro a reis, mas isso era motivo para matá-los, matar seus filhos e os gatinhos de seus filhos? De modo que na próxima primavera, Derfel, a não ser que acabemos com esse absurdo agora, teremos guerra em vez de paz. O rei Mark vai atacar. Não vai vencer, mas seu orgulho garantirá que seus homens matem muitos de nossos camponeses e teremos de mandar um bando de guerreiros para Kernow, e aquele é um lugar ruim para lutar, muito ruim, mas no fim venceremos. O orgulho será acomodado, mas a que preço? Trezentos camponeses mortos? Quanto gado morto? E se Gorfyddyd vir que temos

uma guerra na fronteira oeste ele será tentado a se aproveitar de nossa fraqueza atacando no norte. Podemos fazer a paz, Derfel, mas apenas se formos suficientemente fortes para fazer a guerra. Se parecermos fracos nossos inimigos virão como falcões. E quantos saxões teremos de encarar no ano que vem? Podemos realmente nos dar ao luxo de mandar alguns homens atravessar o Tamar para matar alguns camponeses em Kernow?

— Senhor — comecei, e estava para confessar a verdade, mas Artur me silenciou. Os guerreiros no salão estavam cantando a “Canção da Guerra de Beli Mawr”, batendo no chão de terra com os pés enquanto proclamavam o grande morticínio e sem dúvida antecipavam mais morticínio em Kernow.

— Você não deve dizer uma palavra sobre o que aconteceu no urzal. Juramentos são sagrados, mesmo para aqueles de nós que imaginam se algum Deus se preocupa o bastante para fazê-los valer. Vamos simplesmente presumir, Derfel, que a menininha de Tristan estava dizendo a verdade. O que isso significa?

Olhei para a noite gélida.

— Guerra com Kernow — falei, em voz opaca.

— Não. Significa que amanhã de manhã, quando Tristan voltar, alguém tem que desafiar a verdade. Os Deuses, pelo que as pessoas me dizem, sempre favorecem os honestos nessas situações.

Eu sabia o que ele estava dizendo e balancei a cabeça.

— Tristan não vai desafiar Owain.

— Não se ele tiver tanto bom senso quanto parece ter. Até os Deuses achariam difícil que Tristan vencesse a espada de Owain. De modo que, se quisermos paz, e se quisermos todas as coisas boas que vêm com a paz, outra pessoa tem de ser o campeão de Tristan. Não está certo?

Olhei-o, aterrorizado diante do que pensei que ele estava dizendo.

— O senhor? — perguntei por fim.

Ele encolheu os ombros debaixo da capa branca.

— Não sei quem mais fará isso — falou gentilmente. — Mas há uma coisa que você pode fazer por mim.

— Qualquer coisa, senhor, qualquer coisa. — E naquele momento achei que até mesmo teria concordado em lutar com Owain por ele.

— Um homem que vai para a batalha, Derfel — disse Artur cautelosamente — deve saber que sua causa é a certa. Talvez os irlandeses Escudos Pretos tenham realmente carregado seus escudos através da terra sem que ninguém visse. Ou talvez os druidas os tenham feito voar, não é? Ou talvez, amanhã, os Deuses, se tiverem algum interesse, pensarão que luto por uma boa causa. O que acha?

Ele fez a pergunta tão inocentemente quanto se estivesse apenas inquirendo sobre o tempo. Eu o encarei, assombrado com ele e desesperadamente querendo que evitasse esse desafio contra o melhor

lutador de espadas na Dumnonia.

— E então? — insistiu ele.

— Os Deuses... — comecei, mas então tive dificuldade para falar, porque Owain tinha sido bom para mim. O campeão não era um homem honesto, mas eu podia contar nos dedos quantos homens honestos eu tinha encontrado e, apesar de sua malícia, gostava dele. Porém gostava muito mais deste homem honesto. Além disso, fiz uma pausa para pensar se minhas palavras rompiam o juramento ou não e decidi que não rompiam. — Os Deuses irão apoiá-lo, senhor — falei enfim.

Ele deu um sorriso triste.

— Obrigado, Derfel.

— Mas por quê? — falei de súbito.

Ele suspirou e olhou de novo para a terra que brilhava sob a lua.

— Quando Uther morreu — disse ele depois de um longo tempo —, a terra caiu no caos. Isso acontece a uma terra sem rei, e agora estamos sem rei. Temos Mordred, mas ele é uma criança, por isso alguém precisa manter o poder até que ele tenha idade. Um homem deve ter o poder, Derfel, e não três ou quatro ou dez, só um. Eu gostaria de que não fosse assim. De todo o coração, acredite, eu preferiria deixar as coisas como estão. Preferiria ficar velho tendo Owain como meu querido amigo, mas não pode ser. O poder deve ser mantido para Mordred e deve ser mantido adequadamente, com justiça, e dado a ele intacto, e isso significa que não podemos nos dar ao luxo de discussões perpétuas entre homens que querem para si o poder do rei. Um homem que não é rei tem de ser rei, e esse homem deve abrir mão dos poderes do reino quando Mordred tiver a idade para assumir. E é isso que os soldados fazem, lembra? Lutam as batalhas pelas pessoas que são fracas demais para lutar por si mesmas. Além disso — sorriu — eles tomam o que querem, e amanhã quero uma coisa de Owain; quero a honra dele, por isso irei tomá-la. — Artur deu de ombros. — Amanhã lutarei por Mordred e por aquela criança. E você, Derfel — ele me cutucou o peito com força —, arranjará um gatinho para ela. — Em seguida bateu os pés no chão para espantar o frio, depois olhou para o oeste. — Você acha que aquelas nuvens trarão chuva ou neve de manhã?

— Não sei, senhor.

— Esperemos que sim. Bom, eu soube que você teve uma conversa com aquele pobre saxão que eles mataram para ler o futuro. Diga tudo que ele lhe contou. Quanto mais conhecermos os inimigos, melhor.

Ele andou comigo de volta até o meu posto, ouviu o que eu tinha a dizer sobre Cerdic, o novo líder saxão na Costa Sul, depois foi dormir. Parecia não estar perturbado pelo que deveria acontecer de manhã, mas eu estava aterrorizado por ele. Lembrei-me de Owain derrotando o ataque combinado dos dois campeões de Tewdric e tentei rezar às

estrelas que são os lares dos Deuses, mas não podia vê-las porque meus olhos estavam cheios de água.

A noite foi longa e de um frio cortante. Mas eu desejei que a manhã nunca chegasse.

O DESEJO DE ARTUR FOI CONCEDIDO, porque na alvorada começou a chover. Logo se tornou uma tempestade forte de chuva invernal que varria em véus cinzentos o vale amplo e comprido entre Caer Cadarn e Ynys Wydryn. As valas transbordaram; água jorrava nas fortificações e empoçava debaixo dos beirais do grande salão. Fumaça brotava nos buracos dos tetos de palha encharcada e as sentinelas encolhiam os ombros debaixo das capas ensopadas.

Tristan, que passara a noite num pequeno povoado a leste de Caer Cadarn, lutou para subir o caminho lamacento até a fortaleza. Seus seis guardas e a menina órfã o acompanhavam, todos escorregando na lama íngreme sempre que não conseguiam apoio para os pés nos tufo de capim que cresciam nas laterais do caminho. O portão estava aberto e nenhuma sentinela se moveu para parar o príncipe de Kernow enquanto ele chapinhava na lama do pátio até a porta do grande salão.

Onde ninguém esperava para recebê-lo. O interior do salão era um caos úmido de homens dormindo depois de uma noite de bebedeira, comida largada, cães comendo restos, carvões cinzentos e molhados e vômito secando nas palhas do chão. Tristan chutou um dos homens adormecidos e o mandou encontrar o bispo Bedwin ou alguma outra autoridade.

— Se é que alguém tem autoridade neste país — gritou para o homem que se afastava.

Bedwin, com um manto pesado para se abrigar da chuva forte, veio escorregando e cambaleando através da lama traiçoeira.

— Senhor príncipe — falou ofegante enquanto saía do mau tempo para o abrigo dúbio do salão —, peço desculpas. Não o esperava tão cedo. Tempo inclemente, não? — Ele torceu a água das pontas do manto. — Mesmo assim é melhor chuva do que neve, não acha?

Tristan não disse nada.

Bedwin estava perturbado com o silêncio do visitante.

— Quer um pouco de pão? E vinho quente? Deve haver uma sopa sendo cozinhada, tenho certeza. — Ele olhou em volta procurando alguém para despachar até as cozinhas, mas os homens adormecidos roncavam imóveis. — Menininha? — Bedwin franziu a testa por causa de uma dor de cabeça enquanto se inclinava para Sarlinna. — Você deve estar com fome, não é?

— Viemos por justiça, e não comida — disse Tristan asperamente.

— Ah, sim. Claro. Claro. — Bedwin empurrou o capuz para trás da cabeça tonsurada e coçou um piolho incômodo na barba. — Justiça —

falou vagamente, depois assentiu com vigor. — Pensei no assunto, senhor príncipe, pensei de fato e decidi que a guerra não é uma coisa desejável. Não concorda? — Ele esperou, mas o rosto de Tristan não mostrava reação. — Tamanho desperdício, e como não consigo ver falta em meu lorde Owain, confesso que fracassamos em nosso dever de proteger seus compatriotas no urzal. Fracassamos de fato. Fracassamos lamentavelmente, e assim, senhor príncipe, se agradar ao seu pai, iremos, claro, fazer pagamento de *sarhead*, embora não — e aqui Bedwin deu um riso — pelo gatinho.

Tristan fez uma careta.

— E quanto ao homem que fez a matança?

Bedwin deu de ombros.

— Que homem? Não conheço esse homem.

— Owain. Que quase com certeza recebeu ouro de Cadwy.

Bedwin balançou a cabeça.

— Não. Não. Não. Não pode ser. Não. Juro, senhor príncipe, que não tenho conhecimento da culpa de qualquer homem. — Ele lançou um olhar suplicante a Tristan. — Senhor príncipe, eu ficaria profundamente magoado em ver nossos países em guerra. Ofereci o que posso oferecer e devo fazer orações pelos seus mortos, mas não posso contrariar um juramento de inocência feito por um homem.

— Eu posso — disse Artur. Ele estivera esperando atrás da cortina da cozinha na extremidade mais distante do salão. Eu estava com ele quando entrou no salão, onde sua capa branca parecia brilhante na penumbra úmida.

Bedwin piscou para ele.

— Lorde Artur?

Artur caminhou entre os corpos que se remexiam, grunhindo.

— Se o homem que matou os mineiros de Kernow não for punido, Bedwin, ele poderá assassinar de novo. Não concorda?

Bedwin encolheu os ombros, abriu as mãos e depois encolheu os ombros de novo. Tristan estava franzindo a testa, sem saber aonde levavam as palavras de Artur.

Artur parou perto de uma das colunas centrais do salão.

— E por que o reino deveria pagar *sarhead* quando o reino não fez a matança? Por que o tesouro de meu senhor Mordred deveria ser dilapidado por causa da ofensa de outro homem?

Bedwin fez um gesto para Artur silenciar.

— Não sabemos quem é o assassino! — insistiu ele.

— Então devemos provar sua identidade.

— Não podemos! — protestou Bedwin, irritado. — A criança não é um Com-Língua! E lorde Owain, se ele é o homem de quem você fala, jurou que é inocente. Ele é um Com-Língua, então por que passar pela farsa de um julgamento? A palavra dele basta.

— Num tribunal de palavras, sim, mas também há o tribunal das espadas, e por minha espada, Bedwin — aqui ele parou e desembainhou Excalibur, em toda a sua brilhante extensão, na meia-luz —, afirmo que Owain, campeão da Dumnonia, fez mal aos nossos primos de Kernow e que ele, e ninguém mais, deve pagar o preço.

Artur cravou a ponta de Excalibur na terra, através das palhas imundas, e a deixou ali, vibrando. Por um segundo imaginei se os Deuses do Outro Mundo apareceriam subitamente para ajudar Artur, mas houve apenas o som do vento, da chuva e dos homens recém-despertados, boquiabertos.

Bedwin também ficou boquiaberto. Permaneceu sem fala por alguns segundos.

— Você... — conseguiu dizer finalmente, mas depois não conseguiu falar mais nada.

Tristan, com o rosto bonito pálido à luz débil, balançou a cabeça.

— Se alguém deve disputar no tribunal das espadas — disse ele a Artur —, que seja eu.

Artur sorriu.

— Eu pedi primeiro, Tristan — disse em tom despreocupado.

— Não! — Bedwin encontrou sua língua. — Não pode ser!

Artur fez um gesto para a espada.

— Você gostaria de arrancá-la, Bedwin?

— Não! — Bedwin estava perturbado, prevendo a morte da melhor esperança do reino. Mas, antes que pudesse dizer outra palavra, o próprio Owain irrompeu pela porta do salão. Seu cabelo comprido e a barba densa estavam molhados, e o peito despido brilhava da chuva.

Olhou de Bedwin para Tristan e Artur, depois para a espada enfiada na terra. Parecia perplexo.

— Você está maluco? — perguntou a Artur.

— Minha espada afirma sua culpa na questão entre Kernow e a Dumnonia — disse Artur tranquilamente.

— Ele está maluco — disse Owain aos seus guerreiros que se agruparam atrás dele. O campeão estava de olhos vermelhos e cansado. Tinha bebido durante boa parte da noite, depois dormido mal, mas o desafio pareceu lhe dar uma nova energia. Ele cuspiu na direção de Artur. — Vou voltar para a cama daquela puta siluriana — falou — e quando acordar quero que isso tenha sido um sonho.

— Você é covarde, assassino e mentiroso — disse Artur calmamente enquanto Owain se virava de costas. As palavras deixaram os homens no salão boquiabertos de novo.

Owain se virou de novo.

— Frangote — disse a Artur. Em seguida, foi até Excalibur e derrubou a espada, o que era a aceitação formal de um desafio. — Então a sua morte, frangote, fará parte do sonho. Lá fora. — Ele virou a

cabeca na direção da chuva. A luta não poderia ser em lugar fechado, para que o salão da festa não fosse condenado por uma sorte abominável, de modo que os homens teriam de lutar na chuva de inverno.

Agora toda a fortaleza estava se agitando. Muitas pessoas que moravam em Lindinis tinham dormido em Caer Cadarn naquela noite, e a fortaleza fervilhava enquanto as pessoas iam acordando para testemunhar a luta. Lunete estava lá, e Nimue e Morgana; na verdade toda Caer Cadarn correu para ver a batalha que aconteceria, como exigia a tradição, dentro do círculo real de pedras. Agrícola, com manto vermelho sobre sua estupenda armadura romana, se encontrava entre Bedwin e o príncipe Gereint enquanto o rei Melwas, segurando um pedaço de pão, olhava arregalado entre seus guardas. Tristan estava no lado mais distante do círculo onde também ocupei meu lugar. Owain me viu ali e presumiu que eu o tivesse traído. Rugiu dizendo que minha vida seguiria a de Artur para o Outro Mundo, mas Artur proclamou que minha vida estava sob sua segurança.

— Ele rompeu o juramento! — gritou Owain, apontando para mim.

— Juro que ele não rompeu juramento nenhum — disse Artur. Em seguida, tirou a capa branca e a dobrou cuidadosamente sobre uma das pedras. Estava vestido com calças justas, botas e um fino gibão de pele sobre uma veste de lã. Owain estava de peito nu. Suas calças eram entrecruzadas com tiras de couro e ele usava grandes botas pregadas. Artur sentou-se na pedra e tirou as botas, preferindo lutar descalço.

— Isto não é necessário — disse-lhe Tristan.

— Infelizmente é. — Em seguida, Artur levantou-se e tirou Excalibur da bainha.

— Usando sua espada mágica, Artur? — zombou Owain. — Tem medo de lutar com uma arma mortal, é?

Artur embainhou Excalibur de novo e pôs a espada em cima da capa.

— Derfel — ele se virou para mim —, esta é a espada de Hywel?

— Sim, senhor.

— Poderia emprestá-la? Prometo devolver.

— Não deixe de cumprir esta promessa, senhor — falei, tirando Hywelbane de sua bainha e entregando-a a ele, pelo punho. Ele segurou a espada, depois pediu que eu corresse até o salão e pegasse um pouco de cinzas que, quando voltei, ele esfregou no couro oleado do punho.

Em seguida virou-se para Owain.

— Lorde Owain — disse cortesmente —, se preferir lutar quando estiver descansado, posso esperar.

— Frangote — cuspiu Owain. — Tem certeza de que não quer vestir sua armadura de peixe?

— Ela enferruja na chuva — respondeu Artur com muita calma.

— Um soldado para tempo bom — zombou Owain, depois ensaiou dois golpes com sua espada comprida que assobiou no ar. Na linha de escudos ele preferia lutar com espada curta, mas com qualquer tamanho de lâmina Owain era um homem a se temer. — Estou pronto, frangote — gritou.

Fiquei com Tristan e seus guardas enquanto Bedwin fazia um último esforço inútil para impedir a luta. Ninguém duvidava do resultado. Artur era um homem alto, mas magro comparado com o corpo musculoso de Owain, e ninguém jamais vira Owain ser derrotado numa luta. Mas Artur parecia notavelmente composto enquanto ocupava seu lugar na borda oeste do círculo e encarava Owain que ficou, acima dele, no leste.

— Vocês se submetem ao julgamento do tribunal de espadas? — perguntou Bedwin aos dois, e ambos assentiram.

— Então que Deus os abençoe, e que Deus dê vitória à verdade. — Bedwin fez o sinal da cruz e então, com o velho rosto grave, saiu do círculo.

Owain, como esperávamos, correu para Artur, mas na metade do círculo, perto da pedra real, seu pé escorregou na lama, e de repente Artur estava atacando. Eu havia esperado que Artur lutaria calmamente, usando as habilidades que Hywel lhe ensinara, mas naquela manhã, enquanto a chuva jorrava do céu de inverno, vi como Artur tinha mudado nas batalhas. Tornou-se um inimigo terrível. Sua energia era posta apenas numa coisa: a morte. E ele partiu para Owain com golpes rápidos e intensos que fizeram o grandalhão recuar e recuar. As espadas batiam com força. Artur estava cuspidando para Owain, xingando-o, provocando-o, e cortando e cortando com o gume da espada e jamais dando a Owain a chance de se recuperar dos movimentos de defesa.

Owain lutou bem. Nenhum outro homem poderia ter sustentado aquela abertura, aquele ataque mortal. Suas botas escorregavam na lama, e cada vez mais ele tinha de defender ajoelhado os ataques de Artur, mas sempre conseguia recuperar o pé, mesmo que continuasse sendo impulsionado para trás. Quando Owain escorregou pela quarta vez entendi parte da confiança de Artur. Ele quisera a chuva para tornar o chão traiçoeiro e acho que sabia que Owain estaria cansado e de ressaca da bebedeira. Mesmo assim não conseguia romper aquela guarda desajeitada, mesmo tendo levado o campeão de volta ao lugar onde o sangue de Wlenca ainda era visível como um trecho mais escuro de lama encharcada.

E ali, perto do sangue do saxão, a sorte de Owain mudou. Artur escorregou e, mesmo tendo se recuperado, a hesitação era toda a abertura de que Owain precisava. Ele estocou rápido como um chicote. Artur aparou o golpe, mas a espada de Owain cortou o gibão de couro e tirou da cintura de Artur o primeiro sangue da luta. Artur aparou de

novo, e de novo, desta vez recuando diante das estocadas fortes e rápidas que teriam chegado ao coração de um touro. Os homens de Owain rugiram apoiando enquanto seu campeão, sentindo o cheiro de vitória, tentou lançar todo o corpo contra Artur para jogar o oponente mais leve na lama, mas Artur estava pronto para a manobra e se desviou, saltando na pedra real, e deu um golpe de espada por trás, que abriu a nuca de Owain até o crânio. O ferimento, como todos os ferimentos no couro cabeludo, sangrou copiosamente, encharcando o cabelo de Owain e escorrendo por suas costas largas até ser diluído pela chuva. Seus homens ficaram quietos.

Artur saltou da pedra, atacando de novo, e de novo Owain estava na defensiva. Os dois ofegavam, os dois estavam cheios de lama e sangue, e os dois tentavam cuspir mais insultos para o outro. A chuva fazia seus cabelos penderem em novelos compridos e encharcados, enquanto Artur cortava à direita e à esquerda no mesmo ritmo rápido com que abrira a luta. Era tão rápido que Owain não tinha chance de fazer nada além de aparar os golpes. Lembrei-me da descrição desdenhosa que Owain tinha feito sobre o estilo de luta de Artur, cortando como um ceifeiro com pressa para não pegar tempo ruim, dissera ele. Uma vez, e só uma, Artur conseguiu passar a lâmina pela guarda de Owain, mas o golpe foi meio aparado, diminuindo sua força, e a espada bateu nos anéis de ferro na barba de Owain. Este empurrou a lâmina para longe, depois tentou de novo derrubar Artur no chão com o peso de seu corpo. Os dois caíram, e por um segundo parecia que Owain iria imobilizar Artur, mas de algum modo Artur conseguiu se afastar e ficar de pé.

Artur esperou Owain se levantar. Os dois estavam respirando com dificuldade, e por alguns segundos se entreolharam, avaliando as chances, e então Artur retomou o ataque. Girava e girava a espada, como fizera antes, e de novo e de novo Owain aparava os golpes selvagens. Então, Artur escorregou pela segunda vez. Ele gritou de medo ao cair, e seu grito foi respondido por um berro de triunfo quando Owain recuou a mão para o golpe mortal. Então Owain viu que Artur não havia caído, tinha simplesmente fingido para levar Owain a abrir a guarda, e agora foi Artur quem estocou. Era sua primeira estocada na batalha, e a última. Owain estava de costas para mim e eu meio escondendo os olhos para não ver a morte de Artur, mas, em vez disso, na minha frente, vi a ponta brilhante de Hywelbane brotar nas costas molhadas e ensanguentadas de Owain. A estocada de Artur tinha atravessado o corpo do campeão. Owain pareceu congelar, com o braço da espada subitamente sem força. Então, dos dedos sem nervos, sua espada caiu na lama.

Por um segundo, por uma batida de coração, Artur deixou Hywelbane na barriga de Owain, depois, com um esforço gigantesco que ocupou cada músculo de seu corpo, ele torceu a espada e a livrou.

Gritou enquanto arrancava o aço de dentro de Owain, gritou quando a lâmina rompeu a sucção da carne e rasgou entranha, músculo, pele e carne, e ainda gritava enquanto arrastou a espada para a luz cinzenta do dia. A força necessária para arrancar o aço do corpo pesado de Owain fez com que a espada continuasse num giro para trás que espirrou sangue longe, no círculo enlameado.

Enquanto Owain, com descrença no rosto e as tripas espirrando na lama, caía.

Então Hywelbane foi enfiada uma vez no pescoço do campeão.

E houve silêncio em Caer Cadarn.

Artur recuou para longe do cadáver. Depois girou seguindo o caminho do sol para olhar o rosto de cada homem em volta do círculo. O rosto do próprio Artur estava duro como pedra. Não havia um fiapo de gentileza ali, só o rosto de um lutador em triunfo. Era um rosto terrível, seu maxilar grande trincado num ricto de ódio, de modo que aqueles de nós que só conheciam Artur como um homem dolorosamente pensativo ficaram chocados com a mudança.

— Algum homem aqui contesta o julgamento? — gritou ele.

Ninguém contestou. A chuva pingava das capas e diluía o sangue de Owain enquanto Artur ia encarar os lanceiros do campeão.

— Agora é a sua chance de vingar seu senhor, caso contrário vocês são meus. — E cuspiu para eles. Ninguém conseguia encará-lo nos olhos, por isso ele se virou, passou por cima do comandante caído e encarou Tristan. — Kernow aceita o julgamento, senhor príncipe?

Tristan, de rosto pálido, assentiu.

— Aceita, senhor.

— O *sarhead* será pago com as posses de Owain. — E se virou de novo para os guerreiros. — Quem comanda os homens de Owain agora?

Griffid Ap Annan se adiantou, nervoso.

— Eu, senhor.

— Você virá receber ordens minhas dentro de uma hora. Se algum homem dos seus tocar em Derfel, meu camarada, todos vocês queimarão num poço de fogo. — Eles preferiram baixar a cabeça a encará-lo.

Artur usou um punhado de lama para limpar o sangue da espada, depois a entregou a mim.

— Seque bem, Derfel.

— Sim, senhor.

— E obrigado. É uma boa espada. — Ele fechou os olhos de repente. — Que Deus me ajude, mas gostei disso. Agora — seus olhos se abriram — já fiz minha parte, e quanto à sua?

— A minha? — encarei-o, boquiaberto.

— Um gatinho para Sarlinna — disse ele pacientemente.

— Tenho um, senhor — falei.

— Então vá pegar, e venha ao salão para o desjejum. Você tem uma

mulher?

— Sim, senhor.

— Diga a ela que vamos partir amanhã, quando o conselho tiver terminado suas deliberações.

Eu o encarei, mal acreditando em minha sorte.

— Quer dizer... — comecei.

— Quero dizer — ele me interrompeu impaciente —, que agora você vai me servir.

— Sim, senhor! Sim, senhor!

Ele pegou sua espada, a capa e as botas, pegou a mão de Sarlinna e se afastou do rival que acabara de matar.

E eu tinha encontrado o meu senhor.

LUNETE NÃO QUERIA VIAJAR PARA o Norte até Corinium, onde Artur passava o inverno com seus homens. Não queria deixar as amigas, e além disso, acrescentou quase como um pensamento de última hora, estava grávida. Recebi o anúncio com um silêncio incrédulo.

— Você ouviu — disse ela rispidamente —, estou grávida. Não posso ir. E por que deveríamos ir? Estamos felizes aqui. Owain era um bom senhor, e você precisou estragar tudo. Então por que não vai sozinho? — Ela estava agachada perto da nossa fogueira, tentando captar o calor possível das chamas débeis. — Odeio você — disse ela e tentou em vão arrancar do dedo o nosso anel de amantes.

— Grávida? — perguntei chocado.

— Mas talvez não de você! — gritou Lunete, depois desistiu de tentar tirar o anel do dedo inchado. Em vez disso jogou em cima de mim um pedaço de pau pegando fogo. Nossa escrava uivava de sofrimento no fundo da cabana, e Lunete jogou um pedaço de lenha nela também.

— Mas eu tenho de ir, tenho de ir com Artur.

— E me abandonar? — guinchou ela. — Quer que eu seja uma puta? É isso? — Ela jogou outro pedaço de pau e abandonei a briga. Era o dia seguinte à disputa de Artur com Owain, e estávamos todos de volta a Lindinis, onde o conselho da Dumnonia ia se reunir na vila de Artur, que conseqüentemente foi rodeada de peticionários com seus parentes e amigos. Aquelas pessoas ansiosas esperavam no portão da frente da vila. No fundo havia um amontoado de armarias e depósitos onde antigamente ficava o jardim da vila. O bando de guerreiros de Owain me esperava lá. Tinham escolhido bem o lugar da emboscada, um lugar onde pés de azevinho nos escondiam das construções. Lunete ainda estava gritando comigo quando segui pelo caminho, chamando-me de traidor e covarde.

— Ela acertou com relação a você, saxão — disse Griffid Ap Annan, e depois cuspiu para mim.

Seus homens bloquearam meu caminho. Havia uma dúzia de lanceiros, todos antigos camaradas, mas agora com rostos implacavelmente hostis. Artur podia ter posto minha vida sob sua proteção, mas ali, escondido das janelas da vila, ninguém saberia como eu tinha terminado morto na lama.

— Você rompeu seu juramento — acusou Griffid.

— Não rompi.

Minac, um velho guerreiro cujo pescoço e os pulsos pesavam de tanto ouro que Owain lhe dera, me apontou a lança.

— Não se preocupe com sua garota — falou, maligno. — Há muitos de nós que sabem cuidar de jovens viúvas.

Desembainhei Hywelbane. Atrás de mim, as mulheres tinham saído de suas cabanas para ver os maridos vingarem a morte de seu senhor. Lunete estava entre elas e zombava de mim como as outras.

— Fizemos um novo juramento — disse Minac. — E, diferente de você, mantemos nossos juramentos. — Ele avançou pelo caminho, com Griffid ao lado. Os outros lanceiros se juntaram atrás dos líderes enquanto às minhas costas as mulheres chegavam mais perto, e algumas delas deixaram de lado os sempre presentes fusos e as rocas para começar a jogar pedras, me forçando a ir na direção da lança de Griffid. Ergui Hywelbane. Seu gume ainda guardava marcas da luta de Artur com Owain, e fiz uma oração para que os Deuses me dessem uma boa morte.

— Saxão — disse Griffid, usando o pior insulto que pôde encontrar. Ele estava avançando muito cautelosamente, porque conhecia minha habilidade com a espada. — Saxão traidor — falou, depois se encolheu quando uma pedra pesada bateu na lama do caminho entre nós dois. Ele olhou para além de mim e vi o medo em seu rosto, e então a ponta de sua lança baixou.

— Seus nomes estão na pedra — sibilou a voz de Nimue atrás de mim. — Griffid Ap Annan, Mapon Ap Ellchyd, Minac Ap Caddan... — ela recitou o nome dos lanceiros um a um, e a cada vez que pronunciava um nome ela cuspiu na direção da pedra da maldição, que tinha jogado no caminho deles. As lanças foram baixadas.

Fiquei de lado para deixar Nimue passar. Estava vestida com um manto preto com capuz que deixava seu rosto numa sombra onde o olho de ouro brilhava, malévolo. Parou ao meu lado, depois se virou de repente e apontou um cajado enfeitado com um galho de visgo na direção das mulheres que tinham jogado pedras.

— Querem que seus filhos virem ratos? — gritou para todas que estavam olhando. — Querem que seu leite seque e que sua urina queime como fogo? Vão! — As mulheres pegaram as crianças e correram para se esconder nas cabanas.

Griffid sabia que Nimue era a amada de Merlin e que possuía o poder do druida, e ele estava tremendo de medo diante da maldição.

— Por favor — disse ele enquanto Nimue se virava para encará-lo.

Ela passou por sua lança baixada e deu-lhe um golpe forte no rosto, com o cajado.

— Deitados — disse ela. — Todos vocês! Deitados! Com a cara no chão! Deitados! — Ela bateu em Minac. — Deite-se!

Eles se deitaram de barriga na lama e, um a um, ela pisou em suas costas. Seu passo era leve, mas a maldição era pesada.

— Suas mortes estão na minha mão, suas vidas são minhas. Usarei

suas almas como peças de jogo. A cada manhã que acordarem vivos irão me agradecer pela misericórdia, e a cada anoitecer vão rezar para que eu não veja seus rostos imundos nos meus sonhos. Griffid Ap Annan: jure aliança a Derfel. Beije a espada dele. De joelhos, cão! De joelhos!

Protestei dizendo que aqueles homens não me deviam aliança, mas Nimue se virou para mim furiosa e ordenou que eu estendesse a espada. Então, um a um, com lama e terror no rosto, meus antigos companheiros se arrastaram de joelhos para beijar a Hywelbane ponta de. O juramento não me dava direitos de senhor sobre aqueles homens, mas tornava impossível que qualquer um deles me atacasse sem pôr as almas em perigo, porque Nimue lhes disse que, se rompessem esse juramento, suas almas estavam condenadas a ficar para sempre no escuro Outro Mundo, jamais encontrando corpos nesta terra verde e ensolarada outra vez. Um dos lanceiros, um cristão, desafiou Nimue dizendo que o juramento não significava nada, mas sua coragem falhou quando ela tirou o olho dourado da órbita e o estendeu para ele, sibilando uma praga, e em terror abjeto ele se ajoelhou e beijou minha espada como os outros. Assim que terminaram o juramento, Nimue ordenou que se deitassem de novo. Em seguida, recolocou a bola de ouro na órbita e depois os deixamos na lama.

Nimue gargalhou enquanto subíamos para fora das vistas deles.

— Gostei daquilo! — disse ela, e houve um vislumbre da velha marotice infantil em sua voz. — Gostei realmente daquilo! Eu odeio tanto os homens, Derfel!

— Todos os homens?

— Homens de couro, carregando lanças. — Ela estremeceu. — Não você. Mas o resto eu odeio. — Ela se virou e cuspiu para trás no caminho. — Como os Deuses devem rir dos homenzinhos metidos a besta. — Em seguida, empurrou o capuz para trás e me olhou. — Você quer que Lunete o acompanhe até Corinium?

— Jurei protegê-la — falei infeliz —, e ela disse que está grávida.

— Isso significa que você quer a companhia dela?

— Sim — falei, querendo dizer que não.

— Acho que você é um idiota, mas Lunete vai fazer o que eu mandar. Mas lhe digo, Derfel, que se não deixá-la agora, ela vai deixá-lo mais cedo ou mais tarde. — Nimue pôs a mão no meu braço para me segurar. Tínhamos chegado perto do pórtico da vila, onde a multidão de petiçãoários esperava para ver Artur. — Você sabia — perguntou ela em voz baixa — que Artur está pensando em soltar Gundleus?

— Não — fiquei chocado com a notícia.

— Está. Ele acha que agora Gundleus vai manter a paz, e acha que Gundleus é o melhor homem para governar Silúria. Artur não vai soltá-lo sem a concordância de Tewdric, de modo que isso não vai acontecer agora, mas, quando acontecer, Derfel, vou matar Gundleus. — Ela

falava com a simplicidade terrível do que era verdadeiro, e fiquei pensando em como a ferocidade lhe dava uma beleza que a natureza lhe havia negado. Ela estava olhando por cima da terra molhada e fria, em direção ao monte distante de Caer Cadarn. — Artur sonha com a paz, mas nunca haverá paz. Nunca! A Britânia é um caldeirão, Derfel, e Artur vai agitá-lo até o horror.

— Você está errada — falei com lealdade.

Nimue zombou dessa afirmação com uma careta e então, sem outra palavra, virou-se e voltou pelo caminho em direção às cabanas dos guerreiros.

Passi pelos peticionários e entrei na vila. Artur me olhou enquanto eu chegava, acenou boas-vindas num gesto casual e depois voltou a atenção para um homem que reclamava que seu vizinho mudara de lugar as pedras que limitavam seus terrenos. Bedwin e Gereint estavam sentados à mesa com Artur enquanto de um lado Agrícola e o príncipe Tristan permaneciam de pé, parecendo guardas. Uma quantidade de conselheiros e magistrados do reino sentava-se no chão, que era curiosamente quente graças ao modo romano de fazer embaixo um espaço que podia ser enchido com ar enfumaçado vindo de uma fornalha. Uma rachadura nos ladrilhos deixava fiapos de fumaça subirem pelo grande salão.

Os peticionários eram recebidos um a um e a justiça era pronunciada. Quase todos os casos poderiam ter sido resolvidos pela corte de magistrados de Lindinis, que ficava a apenas 100 passos da vila, mas muitas pessoas, especialmente os camponeses pagãos, achavam que uma decisão dada pelo Conselho Real era mais válida do que um julgamento feito por uma corte estabelecida pelos romanos e assim guardavam as contendas e demandas até que os conselhos estivessem convenientemente próximos. Artur, representando o bebê Mordred, lidava com eles pacientemente, mas ficou aliviado quando a verdadeira questão do dia começou. Essa questão era resolver as pontas emaranhadas que haviam sobrado da luta na véspera. Os guerreiros de Owain foram dados ao príncipe Gereint, com a recomendação de Artur de que fossem divididos entre várias tropas. Um dos capitães de Gereint, um homem chamado Llywarch, foi nomeado no lugar de Owain como o novo comandante da guarda real, e em seguida um magistrado recebeu a tarefa de avaliar a riqueza de Owain e mandar a Kernow a porção devida em *sarhaed*. Percebi a brusquidão com que Artur conduziu a negociação, embora jamais sem dar a cada homem presente a chance de falar. Essas consultas poderiam levar a discussões intermináveis, mas Artur tinha o talento de entender rapidamente questões complicadas e propor acordos que satisfaziam a todos. Percebi também como Gereint e Bedwin estavam contentes em deixar Artur ocupar o primeiro lugar. Bedwin tinha posto todas as esperanças para o futuro da Dumnonia na

espada de Artur, e com isso era o mais forte aliado de Artur, enquanto Gereint, que era sobrinho de Uther, poderia ter sido um oponente, mas o príncipe não tinha nada da ambição do tio e estava feliz por Artur se dispor a assumir a responsabilidade do governo. A Dumnonia tinha um novo campeão do rei, Artur Ap Uther, e o alívio no salão era palpável.

O príncipe Cadwy de Isca recebeu a ordem de contribuir para o *sarhaed* devido a Kernow. Ele protestou contra a decisão, mas ficou quieto diante da fúria de Artur e humildemente concordou em pagar um quarto do preço de Kernow. Desconfio de que Artur teria preferido infligir uma punição mais séria, mas eu estava preso por juramento para não revelar a parte de Cadwy no ataque contra o urzal, além de não haver qualquer outra evidência de sua cumplicidade, de modo que Cadwy escapou de um julgamento mais pesado. O príncipe Tristan aceitou a decisão de Artur com um gesto de cabeça.

A próxima questão do dia era acertar o futuro de nosso rei. Mordred estivera vivendo na casa de Owain e agora precisava de um novo lar. Bedwin propôs um homem chamado Nabur, que era o principal magistrado da Durnovária. Outro conselheiro protestou imediatamente, condenando Nabur por ser cristão.

Artur bateu na mesa para encerrar a discussão antes que ela começasse.

— Nabur está aqui? — perguntou ele.

Um homem alto se levantou no fundo do salão.

— Eu sou Nabur. — Ele era barbeado e se vestia com toga romana.

— Nabur Ap Lwyd — apresentou-se formalmente. Era um homem jovem, de rosto estreito e sério e cabelo que ia recuando na testa, o que lhe dava a aparência de um bispo ou druida.

— Você tem filhos, Nabur? — perguntou Artur.

— Três vivos, senhor. Dois meninos e uma menina. A menina tem a idade do nosso senhor Mordred.

— E há um druida ou bardo na Durnovária?

Nabur assentiu.

— Derella, o bardo, senhor.

Artur falou em particular com Bedwin, que assentiu, depois Artur sorriu para Nabur.

— Você tomaria o rei aos seus cuidados?

— Com prazer, senhor.

— Você pode ensinar-lhe sua religião, Nabur Ap Lwyd, mas somente quando Derella estiver presente, e Derella deve se tornar o tutor do menino quando ele tiver 5 anos. Você receberá metade da pensão de um rei, retirada do tesouro, e deverá manter vinte guardas junto de nosso senhor Mordred o tempo todo. O preço da vida dele é a sua alma e a alma de todos de sua família. Concorde?

Nabur ficou pálido quando soube que sua mulher e seus filhos

morreriam se Mordred fosse morto, mas mesmo assim confirmou com a cabeça. E não era de espantar. Ser guardião do rei dava a Nabur um lugar muito próximo ao centro do poder da Dumnonia.

— Concorde, senhor.

A última questão do conselho era o destino de Ladwys, esposa e amante de Gundleus e escrava de Owain. Ela foi trazida ao salão onde ficou de pé, em atitude desafiadora, diante de Artur.

— Hoje parto para Corinium, no Norte, onde seu marido é nosso cativo — disse Artur. — Você quer ir junto?

— Para que possa me humilhar ainda mais? — perguntou ela. Owain, apesar de toda a brutalidade, não conseguira dobrar seu espírito.

Artur franziu a testa diante do tom hostil.

— Para que possa estar com ele, senhora — disse gentilmente. — A prisão de seu marido não é rígida, ele tem uma casa como esta, mesmo que esteja sob guarda. Mas você pode viver com ele em privacidade e paz, se é o que quer.

Lágrimas apareceram nos olhos de Ladwys.

— Ele talvez não me queira. Fui conspurcada.

Artur deu de ombros.

— Não posso falar por Gundleus, só quero a sua decisão. Se escolher ficar aqui, pode. A morte de Owain significa que você está livre.

Ela parecia perplexa com a generosidade de Artur, mas conseguiu assentir.

— Eu irei, senhor.

— Bom! — Artur se levantou e levou sua cadeira até o lado da sala, onde, com cortesia, convidou Ladwys a se sentar. Depois encarou os conselheiros, lanceiros e chefes reunidos. — Tenho uma coisa a dizer, só uma, mas todos devem entender essa coisa e devem repeti-la aos seus homens, suas famílias, suas tribos e seus clãs. Nosso rei é Mordred, ninguém senão Mordred, e é a Mordred que devemos nossa aliança e nossas espadas. Mas nos próximos anos o reino vai enfrentar inimigos, como acontece com todos os reinos, e haverá necessidade, como sempre, de decisões fortes, e quando essas decisões forem tomadas haverá homens entre vocês que vão sussurrar, dizendo que estou usurpando o poder do rei. Até mesmo serão tentados a achar que desejo o poder do rei. Então, agora, diante de vocês e diante de nossos amigos de Gwent e Kernow — aqui Artur fez um gesto cortês para Agrícola e Tristan —, deixem-me fazer qualquer juramento que vocês escolherem, determinando que deverei usar apenas com um objetivo o poder que me dão, e esse objetivo é ver Mordred assumir seu reino de minhas mãos quando tiver idade. Isso eu juro.

Ele parou abruptamente.

Houve uma agitação no salão. Até aquele momento ninguém havia

entendido totalmente com que rapidez Artur assumira o poder na Dumnonia. O fato de estar sentado na mesa com Bedwin e o príncipe Gereint sugeria que os três eram iguais no poder, mas o discurso de Artur proclamava que havia apenas um homem no comando, e Bedwin e Gereint, com seu silêncio, deram apoio à reivindicação de Artur. Nem Bedwin nem Gereint estavam privados de seu poder, mas agora eles o exerciam segundo a vontade de Artur, e a vontade dele decretava que Bedwin permaneceria como árbitro das disputas dentro do reino, e Gereint guardaria a fronteira saxã enquanto Artur ia para o norte enfrentar as forças de Powys. Eu sabia, e talvez Bedwin soubesse, que Artur tinha grandes esperanças de paz com o reino de Gorfydddyd, mas até que essa paz fosse acertada ele continuaria numa postura de guerra.

Um grande grupo foi para o norte naquela tarde. Artur, com seus dois guerreiros e seu servo Hygwydd, cavalgava na frente com Agrícola e seus homens. Morgana, Ladwys e Lunete iam numa carroça enquanto eu caminhava com Nimue. Lunete estava obediente, dominada pela fúria de Nimue. Passamos a noite no Tor, onde vi o bom trabalho que Gwlyddyn ia fazendo. A nova paliçada estava no lugar, e uma nova torre se erguia sobre os alicerces da antiga. Ralla estava grávida. Pellinore não me reconheceu, simplesmente andava de um lado para o outro em sua jaula como se estivesse de guarda, e gritava ordens para lanceiros invisíveis. Druidan ficou de olho grande em Ladwys. Gudovan, o escrivão, me mostrou a sepultura de Hywel no norte do Tor, depois levou Artur ao templo do Espinheiro Sagrado onde a santa Norwenna estava enterrada, perto da árvore milagrosa.

Na manhã seguinte, eu disse adeus a Morgana e Nimue. O céu estava azul de novo, o vento estava frio, e segui para o norte com Artur.

NA PRIMAVERA MEU FILHO NASCEU. Morreu três dias depois. Durante dias depois disso eu ficava vendo aquele rostinho enrugado e vermelho e lágrimas me vinham aos olhos. Ele parecera saudável, mas de manhã, pendurado em seus cueiros na parede da cozinha para ficar fora do caminho dos cachorros e dos porcos, ele simplesmente morreu. Lunete, como eu, chorou, mas além disso me culpou pela morte do bebê, dizendo que o ar em Corinium era pestilento, embora na verdade ela estivesse bastante feliz na cidade. Gostou das limpas construções romanas e de sua pequena casa de tijolos numa rua calçada de pedras, e havia iniciado uma amizade improvável com Ailleann, a amante de Artur, e com os filhos gêmeos de Ailleann, Amhar e Loholt. Eu gostava bastante de Ailleann, mas os garotos eram duas pestes. Artur fazia as vontades deles, talvez porque sentisse culpa porque, como ele próprio, não eram filhos que herdariam, e sim bastardos que precisariam abrir caminho num mundo difícil. Nunca os vi receber disciplina, a não ser uma vez, quando os encontrei cutucando os olhos de um cachorrinho com uma faca e bati nos dois. O cachorrinho ficou cego e tive a misericórdia de matá-lo rapidamente. Artur simpatizou com minha atitude, mas disse que eu não tinha direito de bater em seus garotos. Seus guerreiros me aplaudiram, e Ailleann, acho, aprovou.

Ela era uma mulher triste. Sabia que os dias como companheira de Artur estavam contados, porque seu homem tornara-se o verdadeiro governante do reino mais forte da Britânia, e que teria de se casar com uma noiva que pudesse reforçar seu poder. Eu sabia que essa noiva era Ceinwyn, estrela e princesa de Powys, e desconfio de que Ailleann também soubesse. Ela queria voltar a Benoic, mas Artur não permitiria que seus preciosos filhos saíssem do país. Ailleann sabia que Artur jamais a deixaria passar fome, mas tampouco ele desgraçaria sua esposa real mantendo a amante por perto. Enquanto a primavera punha folhas nas árvores e espalhava flores pela terra, a tristeza dela ia se aprofundando.

Os saxões atacaram na primavera, mas Artur não foi à guerra. O rei Melwas defendeu a fronteira sul a partir de sua capital, Venta, enquanto os bandos de guerreiros do príncipe Gereint investiam de Durocobrivis para se opor às tropas saxãs do temido rei Aelle. Gereint foi quem enfrentou mais dificuldades, e Artur o reforçou mandando Sagramor com trinta cavaleiros. A intervenção de Sagramor fez a balança pender para o nosso lado. Os saxões de Aelle, pelo que nos disseram, acreditavam que o rosto negro de Sagramor fazia dele um monstro

mandado do Reino da Noite, e os feiticeiros não tinham nem as espadas para enfrentá-lo. O númida forçou os homens de Aelle tão para trás que criou uma nova fronteira, um dia inteiro de marcha além da antiga, e marcou sua nova fronteira com uma fila de cabeças saxãs decepadas. Fez pilhagem penetrando fundo em Lloegyr, certa vez chegando a liderar seus cavaleiros até Londres, uma cidade que fora a maior de todas na Britânia romana, mas que agora estava em decadência por trás de muralhas caídas. Os britânicos que sobreviviam lá, disse-nos Sagramor, eram tímidos e imploraram que ele não perturbasse a paz frágil que tinham feito com os senhores saxões.

Não havia notícias de Merlin.

Em Gwent esperaram o ataque de Gorfyddyd de Powys, mas não veio ataque nenhum. Em vez disso, um mensageiro cavalgou para o sul, vindo da capital de Gorfyddyd em Caer Sws, e duas semanas depois Artur cavalgou para o norte, indo encontrar o rei inimigo. Fui com ele, um dos 12 guerreiros que marcharam com espadas, mas sem escudos ou lanças de guerra. Estávamos em missão de paz, e Artur ficou empolgado com a perspectiva. Levamos conosco Gundleus de Silúria, e primeiro marchamos para o leste até a capital de Tewdric, Burrium, que era uma cidade romana cercada de muralhas, cheia de armarias e com o fedor das forjas dos ferreiros, e de lá fomos para o norte acompanhados por Tewdric e seus auxiliares. Agrícola estava defendendo a fronteira de Gwent com os saxões, e Tewdric, como Artur, levava apenas um punhado de guardas, mas estava acompanhado por três padres, dentre eles Sansum, o irritado sacerdote de tonsura preta que Nimue tinha apelidado de Lughtigern, o Lorde Camundongo.

Éramos um grupo colorido. Os homens do rei Tewdric usavam capas vermelhas por cima dos uniformes romanos enquanto Artur dera a cada um de seus guerreiros novas capas verdes. Viajávamos sob quatro bandeiras: a do dragão de Mordred, pela Dumnonia; a do urso de Artur; a da raposa de Gundleus e a do touro de Tewdric. Com Gundleus seguia Ladwys, a única mulher do grupo. Ela estava feliz de novo, e Gundleus parecia contente em tê-la de novo ao lado. Ele ainda era prisioneiro, mas usava espada outra vez e cavalgava no lugar de honra ao lado de Artur e Tewdric. Este continuava suspeitando de Gundleus, mas Artur o tratava como um velho amigo. Gundleus, afinal de contas, fazia parte de seu plano para trazer a paz entre os britânicos, paz que permitiria a Artur voltar suas espadas e lanças contra os saxões.

Na fronteira de Powys fomos recebidos por um guarda que viera nos prestar homenagem. Juncos foram postos sobre a estrada e um bardo cantou uma canção falando da vitória de Artur sobre os saxões no vale do Cavalo Branco. O rei Gorfyddyd não viera nos receber, em vez disso mandara Leodegan, o rei de Henis Wyren, cujas terras tinham sido tomadas pelos irlandeses e que agora estava exilado na corte de

Gorfyddyd. Leodegan fora escolhido porque seu título nos dava honra, embora ele fosse um notório idiota. Era um homem extraordinariamente alto, muito magro e de pescoço comprido, cabelo escuro e fino e boca frouxa e úmida. Jamais conseguia ficar parado; agitava-se, tremia, piscava, se coçava e se mexia o tempo todo.

— O rei estaria aqui — disse ele —, sim, de fato, mas não pode estar aqui. Entende? Mas, mesmo assim, boas-vindas de Gorfyddyd!

Ele ficou olhando com inveja enquanto Tewdric recompensava o bardo com ouro. Leodegan, como saberíamos depois, era um homem muito empobrecido e passava a maior parte dos dias tentando recompensar as perdas enormes que lhe foram infligidas quando Diwrnach, o conquistador irlandês, tomara suas terras.

— Podemos prosseguir? Há alojamentos em... — Leodegan fez uma pausa. — Puxa, esqueci, mas o comandante da guarda sabe. Onde está ele? Ali. Qual é o nome dele? Não importa, chegaremos lá.

A bandeira da águia de Powys e a do cervo de Leodegan se juntaram aos nossos estandartes. Seguimos por uma estrada romana que atravessava reta como uma lança por uma região boa, a mesma região que Artur havia devastado no outono anterior, embora apenas Leodegan tenha demonstrado a falta de tato de mencionar a campanha.

— Você esteve aqui antes, claro — gritou ele para Artur. Leodegan não tinha cavalo e por isso era forçado a andar ao lado do grupo real.

Artur franziu a testa.

— Não tenho certeza se conheço esta terra — disse, diplomático.

— Conhece sim, conhece. Está vendo? Aquela fazenda queimada? Obra sua! — Leodegan sorriu de orelha a orelha para Artur. — Eles o subestimaram, não foi? Eu disse isso a Gorfyddyd, disse na cara dele. O jovem Artur é bom, eu disse, mas Gorfyddyd nunca foi um homem capaz de ouvir o bom senso. É um lutador, sim, mas não um pensador. O filho é melhor, acho. Cuneglas é definitivamente melhor. Eu esperava que Cuneglas se casasse com uma das minhas filhas, mas Gorfyddyd não quer saber disso. Não importa.

Ele tropeçou num tufo de capim. A estrada, como a Fosse, perto de Ynys Wydryn, era abaulada para que a superfície drenasse a água para as valas laterais, mas os anos tinham enchido as valas e jogado terra sobre as pedras da estrada, que agora estavam cheias de mato e capim. Leodegan insistia em apontar outros lugares que Artur devastara, mas depois de um tempo desistiu de tentar provocar qualquer reação, por isso foi retardando os passos e seguiu com os guardas que andavam atrás dos três padres de Tewdric. Leodegan tentou conversar com Agravain, o comandante da guarda de Artur, mas Agravain estava mal-humorado e Leodegan finalmente decidiu que eu era o mais simpático do séquito de Artur. Por isso ficou me interrogando ansioso sobre a nobreza da Dumnonia. Estava tentando descobrir quem era e quem não

era casado.

— E o príncipe Gereint? Ele é? Ele é?

— Sim, senhor — falei.

— E ela tem boa saúde?

— Pelo que sei, sim, senhor.

— E o rei Melwas? Ele tem uma rainha?

— Ela morreu, senhor.

— Ah! — Ele se animou imediatamente. — Eu tenho filhas, sabe? — explicou muito sério. — Duas filhas, e filhas devem se casar, não é? Filhas solteiras não servem nem para homem nem para animal. Veja bem, para ser justo, uma das minhas filhas vai se casar. Guinevere está comprometida. Vai se casar com Valerin. Conhece Valerin?

— Não, senhor.

— Um bom homem, um bom homem, um bom homem, mas não... — Ele fez uma pausa, procurando a palavra certa. — Não é rico! Não tem terras de verdade, veja bem. Só uma área imprestável no Oeste, acho, mas não tem dinheiro que valha a pena. E Guinevere é uma princesa! E há Gwenhwyfach, a irmã dela, e ela não tem nenhuma perspectiva de casamento, nenhuma! Vive apenas da minha bolsa, e os Deuses sabem que é uma bolsa quase vazia. Mas Melwas está com a cama vazia, não é? É uma ideia! Ainda que seja uma pena a situação de Cuneglas.

— Por que, senhor?

— Parece que ele não quer se casar com nenhuma das duas! — disse Leodegan, indignado. — Sugerir ao pai dele. Aliança sólida, falei, reinos contíguos, um arranjo ideal! Mas não. Cuneglas está com o olho fixo em Helledd de Elmet, e Artur, pelo que soubemos, vai se casar com Ceinwyn.

— Não sei, senhor — falei inocentemente.

— Ceinwyn é uma garota bonita! Ah, sim! Mas minha Guinevere também é, só que ela vai se casar com Valerin. Coitado de mim. Que desperdício! Nada de arrendamentos, nem ouro, nem dinheiro, nada além de uns pastos alagados e um punhado de vacas doentes. Ela não vai gostar! Ela gosta de conforto, gosta mesmo, mas Valerin não sabe o significado de conforto! Mora numa pocilga, pelo que sei. Mesmo assim é um chefe. Veja bem, quanto mais você penetra em Powys, mas homens se chamam de chefes. — Ele suspirou. — Mas ela é uma princesa! Eu achava que um dos garotos de Cadwallon, em Gwynedd, poderia se casar com ela, mas Cadwallon é um sujeito estranho. Jamais gostou muito de mim. Não me ajudou quando os irlandeses vieram.

Ele ficou quieto enquanto pensava naquela grande injustiça. Tínhamos viajado bastante para o norte agora, porque a terra e as pessoas pareciam estranhas. Na Dumnonia éramos rodeados por Gwent, Silúria, Kernow e os saxões, mas aqui os homens falavam de Gwynedd e

Elmet, de Lleyrn e Ynys Mon. Antigamente Lleyrn era Henis Wyren, o reino de Leodegan, do qual Ynys Mon, a ilha de Mona, fizera parte. Agora ambos eram governados por Diwrnach, um dos senhores irlandeses do outro lado do mar, que estavam usurpando reinos na Britânia. Leodegan, refleti, devia ter sido presa fácil para um homem mau como Diwrnach, cuja crueldade era famosa. Até na Dumnonia tínhamos ouvido como ele pintava os escudos de seu bando de guerreiros com o sangue dos homens que matavam em batalha. Era melhor lutar contra os saxões, diziam muitos, do que enfrentar Diwrnach.

Mas viajávamos a Caer Sws para fazer paz, e não para contemplar guerra. Caer Sws acabou sendo uma pequena cidade lamacenta cercada uma precária fortaleza romana num vale amplo e plano ao lado de um vau fundo no Severn, que aqui era chamado de rio Hafren. A capital real de Powys era Caer Dolforwyn, um belo morro encimado por uma pedra real, mas Caer Dolforwyn, como Caer Cadarn, não tinha água nem espaço para acomodar uma corte de justiça, um tesouro, armarias, cozinhas e depósitos de um reino, por isso, assim como os negócios cotidianos da Dumnonia eram realizados a partir de Lindinis, o governo de Powys funcionava a partir de Caer Sws, e apenas em ocasiões de perigo ou em grandes festivais reais a corte de Gorfyddyd atravessava o rio até o imponente pico de Caer Dolforwyn.

As construções romanas de Caer Sws tinham praticamente desaparecido, mas o salão de festas de Gorfyddyd fora construído sobre um de seus antigos alicerces de pedra. Ele havia flanqueado esse palácio com dois novos salões construídos especialmente para Tewdric e Artur. Gorfyddyd nos recebeu dentro de seu salão. O rei de Powys era um homem azedo, cuja manga esquerda pendia vazia graças a Excalibur. Era de meia-idade, corpulento e tinha um rosto cheio de suspeitas, de olhos pequenos, que não mostrou calor ao abraçar Tewdric e grunhiu boas-vindas com relutância. Ficou num silêncio carrancudo enquanto Artur, que não era rei, se ajoelhava à sua frente. Seus chefes e guerreiros tinham compridos bigodes trançados e capas pesadas que pingavam por causa da chuva que tinha caído o dia inteiro. O salão fedia a cachorro molhado. Não havia mulheres presentes, a não ser duas escravas que carregavam jarras nas quais Gorfyddyd frequentemente enchia um chifre com hidromel. Mais tarde ficamos sabendo que ele passara a beber nas longas semanas após ter perdido o braço para a Excalibur; semanas em que estava com febre e os homens duvidavam de sua sobrevivência. O hidromel era preparado grosso e forte, e seu efeito foi transferir a administração de Powys do amargo e frustrado Gorfyddyd para os ombros de seu filho Cuneglas, o edling de Powys.

Cuneglas era um homem jovem, de rosto redondo e inteligente e bigodes compridos e escuros. Era rápido em rir, relaxado e amigável.

Ficou claro que ele e Artur eram almas gêmeas. Durante três dias os dois caçaram cervos nas montanhas e à noite festejavam e ouviam os bardos. Havia poucos cristãos em Powys, mas assim que Cuneglas ficou sabendo que Tewdric era cristão, transformou um depósito numa igreja e convidou os padres a pregar. Cuneglas até ouviu um dos sermões, mas depois balançou a cabeça e disse que preferia seus Deuses. O rei Gorfyddyd dizia que a igreja era um absurdo, mas não proibiu o filho de ceder à religião de Tewdric, apesar de Gorfyddyd ter-se certificado de que seu druida cercasse a igreja com um círculo de feitiços.

— Gorfyddyd não está totalmente convencido de que queremos manter a paz — alertou-nos Artur na segunda noite —, mas Cuneglas o persuadiu. Então, pelo amor de Deus, fiquem sóbrios, mantenham as espadas nas bainhas e não arranjem briga. Basta uma fagulha aqui e Gorfyddyd vai nos expulsar e fazer guerra de novo.

No quarto dia o conselho de Powys se reuniu no grande salão. O principal assunto do dia era estabelecer a paz, e isso, apesar das reservas de Gorfyddyd, foi feito rapidamente. O rei de Powys deixou-se cair em sua cadeira e observou enquanto seu filho fazia a proclamação. Powys, Gwent e a Dumnonia, disse Cuneglas, seriam aliados, o sangue de um era o sangue dos outros, e um ataque contra qualquer um dos três seria considerado um ataque contra os outros. Gorfyddyd confirmou com a cabeça, ainda que sem entusiasmo. Melhor ainda, prosseguiu Cuneglas, assim que seu casamento com Helledde de Elmet fosse realizado, Elmet também se juntaria ao pacto, e assim os saxões estariam cercados por uma unidade de reinos britânicos. Essa aliança era a grande vantagem que Gorfyddyd obtinha em fazer a paz com a Dumnonia: a chance de guerrear os saxões, e o preço de Gorfyddyd para a paz era o reconhecimento de que Powys lideraria essa guerra.

— Ele quer ser Grande Rei — rosnou Agravain para nós, nos fundos do salão. Gorfyddyd também exigia a restauração de seu primo, Gundleus de Silúria. Tewdric, que tinha sofrido mais do que ninguém com os ataques de Silúria, relutou em recolocar Gundleus em seu trono, e nós, dumnonianos, não estávamos dispostos a perdôá-lo pelo assassinato de Norwenna, enquanto eu odiava o sujeito pelo que fizera a Nimue, mas Artur havia nos persuadido de que a liberdade de Gundleus era um preço bem pequeno a ser pago pela paz, e assim o traiçoeiro Gundleus foi devidamente restaurado.

Gorfyddyd pode ter parecido relutante em concluir o tratado, mas deve ter sido persuadido das vantagens, porque estava disposto a pagar o maior preço de todos pela conclusão bem-sucedida. Estava disposto a permitir que sua filha Ceinwyn, a estrela de Powys, se casasse com Artur. Gorfyddyd era um homem azedo, cheio de suspeitas e áspero, mas amava a filha de 17 anos e jorrava sobre ela todos os restos de afeto e gentileza que havia em sua alma, e o fato de permitir que ela se casasse

com Artur, que não era rei e nem mesmo possuía o título de príncipe, era evidência da convicção de que seus guerreiros não deviam mais lutar contra companheiros britânicos. O noivado também era evidência de que Gorfyddyd, como seu filho Cuneglas, reconhecia que Artur era o verdadeiro poder na Dumnonia e assim, na grande festa que se seguiu ao conselho, Ceinwyn e Artur ficaram noivos formalmente.

A cerimônia de noivado foi considerada suficientemente importante para que todo mundo saísse de Caer Sws para o salão mais auspicioso no cume de Caer Dolforwyn, cujo nome foi dado por causa de Dolforwyn, uma campina na base do morro que, de modo bastante apropriado, significava “campina da donzela”. Chegamos ao pôr do sol, quando o topo do morro estava enfumaçado pelas grandes fogueiras em que cervos e suínos eram assados. Muito abaixo de nós, o prateado Severn serpenteava no vale, enquanto ao norte as grandes montanhas se estendiam pálidas em direção a Gwynedd, que ia escurecendo. Diziam que num dia claro Cadair Idris podia ser visto do pico de Caer Dolforwyn, mas naquela tarde o horizonte estava enevoadado por uma chuva distante. As encostas mais baixas do morro eram cobertas de grandes carvalhos, dos quais dois milhafres vermelhos alçaram voo à medida que o sol tornava escarlates as nuvens do oeste. Todos concordávamos que a vista dos dois pássaros voando no fim da tarde era um presságio maravilhoso para o que ia acontecer. Dentro do salão os bardos cantavam a história de Hafren, a donzela humana que dera a Dolforwyn o seu nome e que havia se transformado numa Deusa quando sua madrastra tentou afogá-la num rio ao pé do morro. Cantaram até o sol se pôr.

O noivado aconteceu à noite, de modo que a Deusa Lua abençoasse o casal. Artur se preparou primeiro, deixando o salão durante uma hora inteira antes de voltar em toda a sua glória. Até mesmo guerreiros endurecidos ficaram boquiabertos quando ele reentrou no salão, porque veio com armadura completa. A cota de escamas, com suas placas de ouro e prata, brilhava à luz das tochas, e as plumas de ganso em seu alto elmo engastado de prata, gravado com a cabeça da morte, roçavam nos caibros do salão enquanto ele seguia pela passagem central. O escudo coberto de prata ofuscava ao luar enquanto a capa branca varria o chão atrás. Homens não levam armas para um salão festivo, mas naquela noite Artur optou por usar Excalibur e caminhou até a mesa alta como um conquistador fazendo a paz, e até mesmo Gorfyddyd de Powys pareceu impressionado enquanto seu antigo inimigo vinha em direção ao tablado. Até agora Artur fora o pacificador, mas naquela noite queria lembrar seu poder ao futuro sogro.

Ceinwyn entrou no salão alguns instantes depois. Desde nossa chegada a Caer Sws ela estivera escondida nos aposentos das mulheres, e essa ocultação apenas aumentara as expectativas entre aqueles de nós

que nunca tinham visto a filha de Gorfyddyd. Confesso que a maioria de nós esperava se desapontar com a estrela de Powys, mas na verdade ela brilhava mais do que qualquer estrela. Entrou no salão com suas damas de companhia e a visão da princesa tirou o fôlego dos homens. Tirou o meu. Tinha a cor clara mais comum aos saxões, mas em Ceinwyn esse tom se tornava uma beleza pálida, delicada. Ela parecia muito jovem, com rosto tímido e modos recatados. Usava um vestido de linho tingido de amarelo-ouro com o uso de cera de abelha, bordado com estrelas no pescoço e na bainha. O cabelo era dourado e tão leve que parecia brilhar tanto quanto a armadura de Artur. Era tão esguia que Agravain, sentado perto de mim no salão, comentou que ela não serviria para ter filhos.

— Qualquer bebê decente morreria lutando para passar naqueles quadris — falou azedamente, mas até senti pena de Ailleann, que certamente esperaria que a mulher de Artur fosse nada mais do que uma conveniência dinástica.

A lua navegava alta acima do pico de Caer Dolforwyn enquanto Ceinwyn caminhava lenta e timidamente em direção a Artur. Nas mãos levava uma corda enlaçada, presente que trazia ao futuro marido como símbolo de que estava passando da autoridade do pai para a dele. Artur ficou desajeitado e quase deixou a corda cair quando Ceinwyn a entregou, e isso certamente era um mau presságio, mas todo mundo, até mesmo Gorfyddyd, riu daquele momento, e então Iorweth, o druida de Powys, noivou formalmente o casal. As tochas tremularam enquanto as mãos dos dois eram amarradas numa corrente feita de capim. O rosto de Artur estava escondido atrás do elmo cinza e prata, mas Ceinwyn, a doce Ceinwyn, parecia plena de alegria. O druida deu a bênção, juntando Gwydion, o Deus da luz, e Aranrhod, a Deusa dourada do alvorecer, para serem suas divindades especiais e abençoar a Britânia com sua paz. Um harpista tocou, os homens aplaudiram e Ceinwyn, a linda e prateada Ceinwyn, chorou e riu pela alegria de sua alma. Perdi o coração para Ceinwyn naquela noite. Muitos homens perderam. Ela parecia muito feliz, e não era de espantar, porque com Artur ela estava escapando do pesadelo de todas as princesas, que é casar pelo país e não pelo coração. Uma princesa tem de ir para a cama com qualquer bode velho fedorento e de barriga frouxa se isso garantir uma fronteira segura ou estabelecer uma aliança, mas Ceinwyn havia encontrado Artur, e na juventude e gentileza dele ela sem dúvida enxergou uma fuga de seus medos.

Leodegan, o rei exilado de Henis Wyren, chegou ao salão festivo no clímax da cerimônia. Ele não estivera conosco desde nossa chegada, mas em vez disso fora à sua casa ao norte de Caer Sws. Agora, ansioso para participar da fartura que sempre vem depois de uma cerimônia de noivado, ficou no fundo do salão e se juntou aos aplausos que receberam a distribuição do ouro e da prata de Artur. Artur também

obtivera permissão do conselho da Dumnonia para trazer de volta o equipamento de guerra de Gorfyddyd, que ele havia capturado no ano anterior, mas esse tesouro fora devolvido em particular, para que ninguém fosse lembrado da derrota de Powys.

Assim que os presentes foram dados, Artur tirou o elmo e se sentou ao lado de Ceinwyn. Falou com ela, curvando-se para perto como sempre fazia, de modo que ela sem dúvida sentiu-se a pessoa mais importante do firmamento como, na verdade, tinha o direito de se sentir. Muitos de nós no salão estávamos com ciúme de um amor que parecia tão perfeito, e até Gorfyddyd, que devia estar amargo por perder a filha para um homem que o havia derrotado e mutilado em batalha, parecia feliz com a alegria de Ceinwyn.

Mas foi naquela noite feliz, quando a paz finalmente havia chegado, que Artur dividiu a Britânia.

Na hora nenhum de nós soube. A distribuição dos presentes de noivado foi seguida por bebidas e cantos. Assistimos a malabaristas, ouvimos o bardo real de Gorfyddyd e rugimos nossas próprias canções. Um dos nossos homens se esqueceu do aviso de Artur e entrou numa luta com um guerreiro de Powys e os dois bêbados foram arrastados para fora e encharcados com água, e meia hora depois estavam abraçados e jurando amizade imortal. E em algum momento daquele período, quando as fogueiras rugiam alto e a bebida fluía rapidamente, vi Artur olhando fixamente para o fundo do salão e, curioso, virei-me para ver o que havia prendido seu olhar.

Virei-me e vi uma jovem que estava com a cabeça e os ombros acima da multidão, e que tinha no rosto um ar desafiador. Se você puder me dominar, pareciam dizer aqueles olhos, poderá dominar qualquer outra pessoa que esse mundo maligno venha a trazer. Posso vê-la agora, parada em meio aos seus cães de caça que tinham os mesmos corpos finos e esguios de sua dona, o mesmo nariz comprido e os mesmos olhos de caçador. Olhos verdes, ela possuía, com uma espécie de crueldade bem no fundo. Não era um rosto suave, assim como o corpo não era suave. Era uma mulher de linhas fortes e ossos altos, e isso formava um rosto bom e bonito, mas duro, muito duro. O que a tornava bela era o cabelo e o porte, já que se mantinha tão reta quanto uma lança, e os cabelos caíam em volta dos ombros como uma cascata de cachos vermelhos. O cabelo ruivo suavizava sua aparência, enquanto o riso atraía os homens como se fossem salmões apanhados em armadilhas trançadas. Existiram muitas outras mulheres bonitas, e milhares que foram melhores, mas desde que o mundo nasceu duvido que tenha havido muitas tão inesquecíveis quanto Guinevere, a filha mais velha de Leodegan, o exilado rei de Henis Wyren.

E teria sido melhor, Merlin sempre dizia, se ela tivesse sido afogada ao nascer.

A COMITIVA REAL FOI CAÇAR CERVOS no dia seguinte. Os cães de Guinevere trouxeram um pequeno macho sem galhada, mas ao ouvir Artur elogiando os cães era de se pensar que haviam caçado o próprio cervo selvagem de Dyfeld.

Os bardos cantam sobre o amor e sobre como as mulheres desejam o amor, mas ninguém sabe o que ele é até que, como uma lança atirada do escuro, ele acerta. Artur não conseguia afastar os olhos de Guinevere, ainda que os Deuses saibam que tentou. Nos dias seguintes à festa de noivado, quando estávamos de volta em Caer Sws, ele caminhava e conversava com Ceinwyn, mas não podia esperar para ver Guinevere, e ela, sabendo exatamente que jogo fazia, o hipnotizava. Seu noivo, Valerin, estava na corte e ela caminhava de braço dado com Valerin, rindo, depois lançava um súbito olhar modesto, de lado, para Artur, para quem o mundo parava subitamente de girar. Ele se incendiava por Guinevere.

Teria feito diferença se Bedwyn estivesse ali? Acho que não. Nem mesmo Merlin poderia ter impedido o que aconteceu. Seria o mesmo que pedir que a chuva voltasse para as nuvens ou ordenar que um rio retornasse à nascente.

Na segunda noite após a festa, Guinevere veio ao salão de Artur no escuro, e eu, que estava montando guarda, ouvi o som de seus risos e o murmúrio da conversa. Durante toda a noite eles conversaram e talvez tenham feito mais do que isso, não sei, mas sei que falaram e sei disso porque estava postado do lado de fora do cômodo e não conseguia deixar de ouvir. Algumas vezes a conversa era baixa demais, mas em outras eu ouvia Artur explicando e adulando, implorando e insistindo. Eles devem ter falado de amor, mas isso não ouvi, ouvi Artur falar da Britânia e do sonho que o trouxera da Armórica, do outro lado do mar. Falou dos saxões e de como eles eram uma praga que precisava ser curada para a terra ser feliz. Falou de guerra, e da alegria terrível que era montar um cavalo com armadura na batalha. Falou como tinha falado comigo nas gélidas fortificações de Caer Cadarn, descrevendo uma terra em paz onde o povo comum não temia a chegada de lanceiros ao amanhecer. Falava apaixonadamente, insistentemente, e Guinevere escutava de boa vontade e dizia que seu sonho era inspirado. Artur teceu um futuro para seu sonho e Guinevere estava dentro da trama. Pobre Ceinwyn, tinha apenas a beleza e a juventude enquanto Guinevere via a solidão na alma de Artur e prometia curá-la. Ela partiu antes do amanhecer, uma figura escura deslizando por Caer Sws com uma lua em

forma de foice presa em seus cabelos encaracolados.

No dia seguinte, cheio de remorso, Artur passeou com Ceinwyn e o irmão dela. Naquele dia Guinevere usava um torque novo, de ouro pesado, e alguns de nós sentimos pena de Ceinwyn, mas ela era uma criança, Guinevere era uma mulher e Artur não tinha forças para lutar contra ela.

Era uma loucura aquele amor. Louco como Pellinore. Suficientemente louco para condenar Artur à Ilha dos Mortos. Tudo desapareceu para Artur: a Britânia; os saxões; a nova aliança; toda a grandiosa, cuidadosa, equilibrada estrutura de paz pela qual ele trabalhara desde que tinha navegado da Armórica, entrava num redemoinho de destruição pela posse daquela princesa ruiva e sem dinheiro, sem terra. Ele sabia o que estava fazendo, mas não conseguia parar, assim como não conseguia impedir o sol de nascer. Estava possuído, pensava nela, falava sobre ela, sonhava com ela, não podia viver sem ela, mas de algum modo, de um modo agonizante, mantinha o fingimento do noivado com Ceinwyn. Os arranjos para o casamento estavam sendo feitos. Como marca da colaboração de Tewdric para o tratado de paz, o casamento seria em Glevum, e Artur iria para lá primeiro, fazer seus preparativos. O casamento só poderia acontecer quando a lua estivesse ficando cheia. Agora era a minguante, e nenhum casamento poderia ser arriscado numa época de presságio tão ruim, mas dentro de duas semanas os augúrios estariam certos, e Ceinwyn iria para o sul, com flores nos cabelos.

Mas Artur estava com o cabelo de Guinevere em seu pescoço. Era uma fina madeixa ruiva que ele escondia debaixo da gola, mas que vi quando levei água para ele num dia de manhã. Ele estava com o peito nu, afiando numa pedra sua faca de barbear, e ele deu de ombros ao ver que notei os fios trançados.

— Você acha que o cabelo dela dá azar, Derfel? — perguntou ele quando viu minha expressão.

— É o que todo mundo diz, senhor.

— Mas todo mundo está certo? — perguntou ele ao espelho de bronze. — Para endurecer uma lâmina de espada, Derfel, você não a mergulha na água, e sim em urina de um garoto ruivo. Isso deve dar sorte, não é? E daí se cabelos ruivos dão azar? — Ele fez uma pausa, cuspiu na pedra e ficou passando a lâmina para frente e para trás. — Nossa tarefa, Derfel, é mudar as coisas, e não deixar que elas permaneçam. Por que não tornar cabelos ruivos objetos de sorte?

— O senhor pode fazer qualquer coisa — falei, com lealdade desprovida de alegria.

Ele suspirou.

— Espero que sim, Derfel. Espero realmente que sim. — Ele se mirou no espelho de bronze, depois se encolheu quando encostou a lâmina no

rosto. — A paz é mais do que um casamento, Derfel. Tem de ser! Não se faz guerra por causa de uma noiva. Se a paz é tão desejável, e ela é, a gente não a abandona porque um casamento não acontece, não é?

— Não sei, senhor.

Eu só sabia que o meu senhor estava ensaiando argumentos, repetindo-os várias vezes até acreditar neles. Estava louco de amor, tão louco que norte era sul e quente era frio. Esse, para mim, era um Artur que eu não vira antes; um homem apaixonado e, ousado dizer, egoísta. Artur tinha subido rápido demais. É verdade que nascera com sangue de rei nas veias, mas não recebera o patrimônio, por isso considerava que todas as suas realizações eram apenas suas. Tinha orgulho disso e estava convencido, por essas realizações, de que sabia mais do que qualquer outro homem, exceto talvez Merlin, e como esse conhecimento costumava ser o que outros homens desejavam incoerentemente, suas ambições egoístas geralmente eram vistas como nobres e sagazes, mas em Caer Sws as ambições se chocaram com o que outros homens queriam.

Deixei-o se barbeando e saí para o novo sol onde Agravain estava afiando uma lança de caçar javali.

— E então? — perguntou ele.

— Ele não vai se casar com Ceinwyn — falei. Não podíamos ser ouvidos no salão, mas mesmo que estivéssemos mais perto, Artur não nos teria ouvido. Estava cantando.

Agravain cuspiu.

— Ele vai se casar com quem lhe disseram para se casar — falou e depois enfiou o cabo da lança no chão e seguiu em direção aos aposentos de Tewdric.

Não sei se Gorfyddyd e Cuneglas sabiam o que vinha acontecendo, porque não estavam em contato tão constante com Artur quanto nós. Gorfyddyd, suspeitava-se, provavelmente achava que isso não tinha importância. Sem dúvida acreditava, se acreditava em alguma coisa, que Artur tomaria Guinevere como amante e Ceinwyn como esposa. Eram maus modos, claro, chegar a um arranjo assim na semana do noivado, porém maus modos nunca preocuparam Gorfyddyd de Powys. Ele próprio não tinha modos e sabia, como todos os reis sabem, que esposas são para dar dinastias e amantes para dar prazer. Sua mulher estava morta havia muito, mas uma sucessão de garotas escravas mantinham sua cama quente e, para ele, a empobrecida Guinevere jamais estaria muito acima de uma escrava, e assim não era ameaça para sua filha amada. Cuneglas era mais perceptivo, e tenho certeza de que deve ter sentido cheiro de encrenca. Mas tinha investido todas as energias nesta nova paz e devia esperar que a obsessão de Artur por Guinevere terminaria como uma tempestade de verão. Ou talvez nem Gorfyddyd nem Cuneglas suspeitassem de nada, porque certamente não mandaram

Guinevere para longe de Caer Sws, embora só os Deuses soubessem se isso adiantaria de alguma coisa. Agravain achava que a loucura poderia passar. Disse-me que Artur estivera obcecado assim uma vez.

— Era uma garota em Ynys Trebes — disse-me Agravain —, não consigo lembrar o nome. Mella? Messa? Algo assim. Uma coisinha linda. Artur ficou estupefato, andando atrás dela como um cachorro atrás de uma carroça de cadáveres. Mas veja bem: ele era jovem na época, tão jovem que o pai dela achava que ele nunca seria ninguém, por isso levou sua Mella-Messa para Broceliande e casou-a com um magistrado cinquenta anos mais velho. Ela morreu dando à luz, mas na época Artur já a havia superado. E essas coisas passam, Derfel. Tewdric vai enfiar um pouco de miolo em Artur, nem que seja a marteladas, preste atenção.

Tewdric passou toda a manhã trancado com Artur, e achei que talvez tenha tido sucesso em enfiar miolos em meu senhor, porque Artur pareceu abrandado durante o resto do dia. Não olhou para Guinevere sequer uma vez, mas se obrigou a ser solícito com Ceinwyn, e naquela noite, talvez para agradar a Tewdric, ele e Ceinwyn ouviram Sansum pregar na pequena igreja improvisada. Achei que Artur devia ter ficado satisfeito com o sermão do Lorde Camundongo, porque depois convidou Sansum para o seu salão e ficou fechado sozinho com o padre durante longo tempo.

Na manhã seguinte, Artur apareceu com um rosto fixo e sério, e anunciou que todos iríamos partir naquela mesma manhã. Na verdade, naquela mesma hora. Só deveríamos partir dentro de dois dias. Gorfyddyd, Cuneglas e Ceinwyn devem ter ficado surpresos, mas Artur os convenceu de que precisava de mais tempo para se preparar para o casamento, e Gorfyddyd aceitou a desculpa com bastante placidez. Cuneglas deve ter acreditado que Artur estava indo antes para se afastar da tentação de Guinevere, e por isso não protestou, ordenando em vez disso que preparassem fardos de pão, queijo, mel e hidromel para a jornada. Ceinwyn, a bela Ceinwyn, fez suas despedidas, começando conosco, os guardas. Estávamos todos apaixonados por ela, e isso nos deixava ressentidos com a loucura de Artur, ainda que houvesse pouco que pudéssemos fazer com o ressentimento. Ceinwyn deu a cada um de nós um pequeno presente de ouro, e cada qual tentou recusar o presente, mas ela insistiu. Deu-me um broche com desenhos entrelaçados e tentei colocá-lo de novo em suas mãos, mas ela apenas sorriu e dobrou meus dedos sobre o ouro.

— Cuide do seu senhor — falou, séria.

— E da senhora — respondi com fervor.

Ela sorriu e foi até Artur, presenteando-o com um ramo de flores de maio, que lhe dariam uma jornada rápida e segura. Artur prendeu o ramo em sua espada e beijou a mão da noiva antes de subir na ampla

garupa de Llamrei. Cuneglas queria mandar guardas para nos escoltar, mas Artur recusou a honra.

— Deixe-nos partir o mais rápido possível, senhor príncipe, para fazermos os arranjos de nossa felicidade.

Ceinwyn ficou satisfeita com as palavras de Artur. Cuneglas, sempre gentil, ordenou que os portões fossem abertos e Artur, como um homem liberado de um sofrimento, galopou Llamrei loucamente para fora de Caer Sws, passando pelo vau profundo no Severn. Nós, guardas, seguimos a pé e encontramos um ramo de flores de maio caídas na margem mais distante do rio. Agravain pegou o ramo para que Ceinwyn não o encontrasse.

Sansum veio conosco. Sua presença não foi explicada, mas Agravain supôs que Tewdric havia ordenado que o padre aconselhasse Artur contra sua loucura, uma loucura que todos rezávamos para que estivesse passando, mas estávamos errados. A loucura fora implacável desde o instante em que Artur olhou pelo salão de Gorfyddyd e viu o cabelo ruivo de Guinevere. Sagramor costumava nos contar uma antiga história de batalha no mundo antigo; uma batalha numa grande cidade de torres, palácios e templos, e toda aquela coisa lamentável havia começado por causa de uma mulher, e por causa daquela mulher dez mil guerreiros vestidos de bronze morreram no pó.

A história não era tão antiga, afinal de contas.

Porque, apenas duas horas depois de termos saído de Caer Sws, num trecho de floresta solitária onde não havia plantações, mas apenas morros íngremes, riachos rápidos e árvores grossas e densas, encontramos Leodegan de Henis Wyren esperando ao lado do caminho. Ele nos guiou sem dizer nada por uma trilha entre as raízes dos grandes carvalhos, até uma clareira ao lado de um poço feito por um riacho represado por castores. A floresta era cheia de mercúrios-do-campo e lírios enquanto as últimas campânulas azuis dançavam tremulantes nas sombras. A luz do sol caía sobre a grama onde primulas e violetas cresciam e onde, brilhando mais do que qualquer flor, Guinevere esperava num vestido de linho creme. Estava com primulas trançadas nos cabelos ruivos. Usava o torque de ouro de Artur, braceletes de prata e uma capa de lã lilás. A visão bastava para travar a garganta de qualquer um. Agravain xingou baixinho.

Artur saltou do cavalo e correu até Guinevere. Pegou-a nos braços e nós a ouvimos rir enquanto ele a girava.

— Minhas flores! — gritou ela, pondo a mão na cabeça, e Artur a pousou gentilmente, depois se ajoelhou para beijar a bainha de seu vestido.

Em seguida, levantou-se e se virou.

— Sansum!

— Senhor?

— Pode nos casar agora.

Sansum se recusou. Cruzou os braços sobre a túnica preta e suja e inclinou para cima o rosto de camundongo.

— O senhor está noivo — insistiu ele nervosamente.

Achei que Sansum estava sendo nobre, mas na verdade tudo tinha sido combinado. Sansum não viera conosco por sugestão de Tewdric, e sim de Artur, e agora o rosto de Artur ficou irado diante da mudança teimosa do padre.

— Nós concordamos! — disse Artur, e quando Sansum apenas balançou a cabeça tonsurada, Artur tocou o punho de Excalibur. — Eu poderia arrancar sua cabeça dos ombros, padre.

— Os mártires sempre são feitos pelos tiranos, senhor — disse Sansum, ajoelhando-se na grama florida, onde curvou a cabeça para desnudar a nuca imunda. — Estou indo para vós, ó Senhor — gemeu ele para a grama. — Vosso servo! Indo para Vossa glória, ah, seja louvado! Vejo abertos os portões do céu! Vejo os anjos esperando por mim! Recebei-me Senhor Jesus, em Vosso seio abençoado! Estou indo! Estou indo!

— Fique quieto e se levante! — disse Artur com a voz cansada.

Sansum franziu os olhos meio de esguelha para Artur.

— O senhor não vai me dar a bênção do céu?

— Ontem à noite concordou em nos casar. Por que se recusa agora?

Sansum deu de ombros.

— Lutei com minha consciência, senhor.

Artur entendeu e suspirou.

— Então qual é o seu preço, padre?

— Um bispado — disse Sansum apressadamente, ficando de pé.

— Eu achava que vocês tinham um papa que dava bispados. Simplício? Não é esse o nome dele?

— O abençoadíssimo e santíssimo Simplício, que ainda viva em saúde! — concordou Sansum. — Mas dê-me uma igreja, senhor, e um trono na igreja, e os homens vão me chamar de bispo.

— Uma igreja e uma cadeira? Só isso?

— E a nomeação para ser capelão do rei Mordred. Eu devo ter isso! Ser seu capelão único e pessoal, entende? Com um pagamento do tesouro que seja suficiente para ter meu copeiro, porteiro, cozinheiro e encarregado das velas. — Ele espanou o capim de sua túnica preta. — E uma lavadeira — acrescentou às pressas.

— É só isso? — perguntou Artur, sarcástico.

— Um lugar no conselho da Dumnonia — disse Sansum como se o pedido fosse trivial. — Só isso.

— Concedido — disse Artur descuidadamente. — Então o que fazemos para nos casarmos?

Enquanto essas negociações eram consumadas eu observava

Guinevere. Havia um ar de triunfo em seu rosto, e não era de espantar, porque estava se casando acima das esperanças de seu pobre pai. Seu pai, com a boca mole e tremendo, observava num terror abjeto para o caso de Sansum se recusar a fazer a cerimônia, enquanto atrás de Leodegan estava uma garota pequena e melancólica que parecia encarregada do quarteto de cães de caça de Guinevere e da pouca bagagem que a exilada família real possuía. Acabou que a garota pequenina e melancólica era Gwenhwyfach, a irmã mais nova de Guinevere. Existia um irmão também, mas há muito tempo ele havia se retirado para um mosteiro no litoral selvagem de Strath Clota, onde estranhos eremitas cristãos competiam em deixar o cabelo crescer, passar fome se alimentando de frutinhas e pregar a salvação para as focas.

Houve pouca cerimônia no casamento. Artur e Guinevere ficaram sob a bandeira dele enquanto Sansum abria os braços e fazia algumas orações na língua grega, depois Leodegan desembainhou sua espada e tocou as costas da filha com a lâmina antes de entregar a arma a Artur, como sinal de que Guinevere havia passado da autoridade do pai para a do marido. Em seguida, Sansum pegou um pouco de água do riacho e borrifou sobre Artur e Guinevere, dizendo que com isso estava limpando-os de seus pecados e recebendo-os na família da Santa Igreja, que a partir daí reconhecia sua união como una e indissolúvel, sagrada diante de Deus e dedicada à procriação de filhos. Depois olhou para cada um de nós, guardas, e exigiu que declarássemos ter testemunhado a cerimônia solene. Todos fizemos a declaração, e Artur ficou tão feliz que não ouviu a relutância em nossas vozes, apesar de Guinevere ter ouvido. Nada escapava a Guinevere.

— Pronto — disse Sansum quando o ritual precário terminou —, estão casados, senhor.

Guinevere riu. Artur beijou-a. Ela era tão alta quanto ele, talvez um dedinho mais alta, e confesso que, enquanto olhava, eles pareciam um casal esplêndido. Mais do que esplêndido, porque Guinevere era realmente impressionante. Ceinwyn era bonita, mas Guinevere embaçava o sol com sua presença. Nós, guardas, estávamos em choque. Nada podíamos fazer para impedir essa consumação da loucura de nosso senhor, mas a pressa daquilo parecia tão indecente quanto fraudulenta. Artur, sabíamos, era um homem de impulso e entusiasmo, e havia tirado o nosso fôlego com a velocidade da decisão. Mas Leodegan estava jubiloso, falando sem parar com a filha mais nova como as finanças da família iam se recuperar agora, e como, mais cedo do que qualquer um pensava, os guerreiros de Artur varreriam o usurpador irlandês Diwrnach de Henis Wyren. Artur ouviu a fanfarronice e se virou rapidamente.

— Duvido de que isso seja possível, pai — falou.

— Possível! Claro que é possível! — interveio Guinevere. — Você

deve fazer disso meu presente de casamento, senhor, a volta do reino de meu querido pai.

Agravain cuspiu em desaprovação. Guinevere optou por ignorar o gesto, e em vez disso caminhou ao longo da fileira de guardas e deu a cada um de nós uma prímula do diadema que havia usado na cabeça. Depois, como criminosos fugindo da justiça de um senhor, corremos para o sul, para deixar o reino de Powys antes que viesse a retribuição de Gorfyddyd.

Merlin sempre dizia que o destino é inexorável. Muita coisa resultou daquela cerimônia na clareira florida ao lado do riacho. Tantos morreram! Houve tanta dor, tanto sangue e tantas lágrimas que dariam para formar um grande rio; mas, com o tempo, as marés se acalmaram, novos rios se juntaram, e as lágrimas seguiram para o grande mar aberto e algumas pessoas se esqueceram de como tudo começou. O tempo da glória tinha chegado, mas o que poderia ter sido nunca foi, e de todos os que foram feridos por aquele momento ao sol, Artur foi o mais atingido.

Mas naquele dia ele estava feliz. Nós corremos para casa.

A NOTÍCIA DO CASAMENTO RESSOOU PELA Britânia como a lança de um Deus batendo num escudo. A princípio o som atordoou, e naquele período calmo, em que os homens tentavam entender as consequências, chegou uma embaixada de Powys. Um dos embaixadores era Valerin, o chefe que fora noivo de Guinevere. Ele desafiou Artur a uma luta, mas Artur recusou, e quando Valerin tentou desembainhar a espada nós, guardas, tivemos de expulsá-lo de Lindinis. Valerin era um homem alto e vigoroso, de cabelos e barba pretos, olhos fundos e nariz quebrado. Sua dor era terrível, a raiva pior ainda, e sua tentativa de vingança fora frustrada.

Iorweth, o druida, era o chefe da delegação de Powys, que fora despachada por Cuneglas e não por Gorfyddyd. Este estava bêbado de hidromel e fúria, ao passo que seu filho ainda esperava que houvesse uma chance de recuperar a paz em meio ao desastre. O druida Iorweth era um homem sério e sensato e falou longamente com Artur. O casamento, disse o druida, não era válido porque tinha sido realizado por um sacerdote cristão, e os Deuses da Britânia não reconheciam a nova religião. Tome Guinevere como sua amante, insistiu Iorweth, e Ceinwyn como esposa.

— Guinevere é minha esposa.

Todos ouvimos Artur gritar essa declaração.

O bispo Bedwin deu apoio a Iorweth, mas não podia mudar a ideia de Artur. Nem mesmo a perspectiva de guerra mudaria a ideia de Artur. Iorweth levantou essa possibilidade, dizendo que a Dumnonia tinha insultado Powys e que o insulto precisaria ser lavado com sangue se Artur não mudasse de ideia. Tewdric de Gwent tinha mandado o bispo Conrad para pedir a paz, implorando que Artur renunciasse a Guinevere e se casasse com Ceinwyn, e Conrad chegou a ameaçar a hipótese de Tewdric fazer uma paz em separado com Powys.

— O meu senhor rei não lutará contra a Dumnonia — ouvi Conrad garantir a Bedwin enquanto os dois bispos andavam de um lado para o outro no terraço da vila de Lindinis —, mas também não lutaremos por aquela prostituta de Henis Wyren.

— Prostituta? — perguntou Bedwin, alarmado e chocado com a palavra.

— Talvez não — admitiu Conrad. — Mas vou lhe dizer uma coisa, meu irmão, Guinevere nunca levou uma chicotada. Nunca!

Bedwin balançou a cabeça diante de tamanha frouxidão por parte de Leodegan, depois os dois se afastaram e não pude ouvir mais. No dia

seguinte, o bispo Conrad e a embaixada de Powys partiram para suas casas e não levaram boas notícias.

Mas Artur acreditava que o tempo de sua felicidade havia chegado. Não haveria guerra, insistia ele, porque Gorfyddyd já perdera um braço e não arriscaria outro. O bom senso de Cuneglas garantiria a paz. Durante um tempo, dizia ele, haveria ressentimentos e desconfiança, mas tudo passaria. Ele achava que sua felicidade devia abarcar o mundo.

Foram contratados trabalhadores para expandir e reparar a vila de Lindinis, para transformá-la num palácio digno de uma princesa. Artur mandou um mensageiro a Ban, de Benoic, pedindo que seu antigo senhor enviasse pedreiros e estucadores que soubessem restaurar construções romanas. Queria um pomar, um jardim, um lago de peixes; queria um banheiro com água quente; queria um pátio onde harpistas tocariam. Artur queria um céu na terra para a sua mulher, mas outros homens queriam vingança, e naquele verão ficamos sabendo que Tewdric de Gwent havia se encontrado com Cuneglas e feito um tratado de paz, e parte desse tratado era um acordo de que os exércitos de Poyws poderiam marchar livremente pelas estradas romanas que atravessavam Gwent. Essas estradas levavam apenas a Dumnonia.

Mas, à medida que aquele verão passava, não veio nenhum ataque. Sagamor mantinha os saxões de Aelle a distância enquanto Artur passava um verão apaixonado. Eu era membro de sua guarda, por isso estava com ele dia sim, dia não. Deveria usar uma espada, um escudo e uma lança, mas com frequência tinha de carregar jarras de vinho e tigelas de comida, porque Guinevere gostava de fazer as refeições em clareiras escondidas e perto de riachos secretos, e nós, lanceiros, deveríamos levar pratos de prata, copos de chifre, comida e vinho até o lugar designado. Ela reunia um grupo de damas para lhe fazer a corte e, que os Deuses me ajudassem, Lunete era uma delas. Lunete havia reclamado amargamente por ter de abandonar sua casa de tijolos em Corinium, mas levou apenas alguns dias para decidir que havia um futuro melhor com Guinevere. Lunete era bonita, e Guinevere declarou que só iria se cercar de pessoas e objetos belos, por isso ela e suas damas vestiam os linhos mais finos, decorados com ouro, prata, ágata e âmbar, e pagava a harpistas, cantores, dançarinos e poetas para divertir sua corte. Elas brincavam nos bosques caçando-se umas às outras, escondiam-se e pagavam prendas se alguma delas quebrasse uma das elaboradas regras determinadas por Guinevere. O dinheiro para esses jogos, como o dinheiro que estava sendo gasto na vila de Lindinis, era proporcionado por Leodegan, que fora nomeado tesoureiro da casa de Artur. Leodegan jurava que o dinheiro vinha de arrendamentos, e talvez Artur acreditasse no sogro, mas o resto de nós ouvia histórias sombrias de que o tesouro de Mordred estava sendo esvaziado de ouro e enchido com promessas sem valor, que Leodegan restituiria. Artur parecia não se

preocupar. Aquele verão foi o seu antegozo da paz na Britânia, mas para o resto de nós foi o céu de um tolo.

Amhar e Loholt foram trazidos a Lindinis, mas não sua mãe, Ailleann. Os gêmeos foram apresentados a Guinevere, e Artur, acho, esperava que eles fossem morar no palácio cheio de colunas que estava crescendo em volta do coração da antiga vila. Guinevere manteve os gêmeos por um dia, depois disse que a presença deles a perturbava. Eles não eram divertidos. Não eram bonitos, disse ela, assim como sua irmã Gwenhwyfach não era bonita, e se não eram bonitos, não eram divertidos, não tinham lugar na vida de Guinevere. Além disso, disse ela, os gêmeos pertenciam à vida antiga de Artur, e essa vida estava morta. Ela não os queria, nem se importava em fazer esse anúncio em público.

Guinevere tocou o rosto de Artur.

— Se quisermos filhos, meu príncipe, devemos fazer os nossos.

Guinevere sempre chamava Artur de príncipe. No começo Artur dizia que não era príncipe, mas Guinevere insistia que ele era filho de Uther, e portanto era real. Artur, para fazer sua vontade, permitiu que ela o chamasse pelo título, mas logo todos nós recebemos ordem de fazer o mesmo. Guinevere ordenou e obedecemos.

Ninguém jamais havia desafiado Artur com relação a Amhar e Loholt e vencido a discussão, mas Guinevere venceu, e assim os gêmeos foram mandados para a mãe em Corinium. A colheita foi pobre naquele ano, porque houve chuva tardia que deixou as plantações enegrecidas e murchas. Os boatos diziam que a colheita dos saxões tinham sido melhores, porque as chuvas haviam poupado suas terras, e assim Artur liderou um bando de guerreiros para o leste, além de Durocobrivis, para encontrar e capturar seus depósitos de grãos. Ele sentia-se feliz, acho, em escapar das canções e danças de Caer Cadarn, e estávamos felizes porque ele nos comandava de novo e porque portávamos lanças em vez de roupas de festa. Foi um ataque bem-sucedido, que encheu a Dumnonia com os grãos capturados, o ouro pilhado e escravos saxões. Leodegan, agora membro do conselho da Dumnonia, recebeu a tarefa de distribuir os grãos gratuitamente para cada parte do reino, mas houve rumores horrendos de que boa parte estava sendo vendida, e que o ouro resultante encontrou caminho até a nova casa que Leodegan estava construindo do outro lado do rio, em frente ao palácio de Guinevere ainda coberto de reboco úmido.

Algumas vezes a loucura termina. Os Deuses decretam isso, e não os homens. Artur ficara louco de amor durante um verão, e tinha sido um bom verão apesar de nossas ocupações mesquinhas, porque um Artur feliz era um senhor divertido e generoso, mas, enquanto o outono varria a terra com vento, chuva e folhas douradas, ele pareceu acordar de seu sonho de verão. Ainda estava apaixonado — na verdade não creio que algum dia tenha perdido o amor por Guinevere — mas naquele outono

ele viu o dano que tinha causado à Britânia. Em vez de paz havia uma trégua carrancuda, e ele sabia que isso não poderia durar.

Cortamos varas de freixo para as lanças, e as cabanas dos ferreiros ressoavam com o som dos martelos nas bigornas. Sagramor foi chamado de volta da fronteira saxã para estar mais perto do coração do reino. Artur mandou um mensageiro ao rei Gorfyddyd, reconhecendo o mal que tinha feito ao rei e à sua filha, desculpando-se por isso, mas implorando que houvesse paz na Britânia. Mandou um colar de pérolas e ouro a Ceinwyn, mas Gorfyddyd devolveu o colar pendurado na cabeça decepada do mensageiro. Ouvimos dizer que Gorfyddyd havia parado de beber e retomado as rédeas do reino que estavam com o filho, Cuneglas. Essa notícia confirmou que jamais haveria paz enquanto o insulto contra Ceinwyn não fosse vingado pelas compridas lanças de Powys.

Viajantes de toda parte traziam histórias agourentas. Os senhores do Outro Lado do Mar estavam trazendo novos guerreiros irlandeses para os seus reinos litorâneos. Os francos reuniam bandos de guerreiros na costa da Bretanha. A colheita de Powys estava guardada em depósitos e seus levys, as tropas temporárias, treinavam para lutar com lanças em vez de cortar trigo com foices. Cuneglas tinha se casado com Helledd de Elmet, e agora homens daquele país do Norte juntavam-se às fileiras do exército de Powys. Gundleus, restaurado em Silúria, forjava espadas e lanças nos vales profundos de seu reino, enquanto no Leste mais barcos saxões desembarcavam nas costas capturadas.

Artur vestiu sua armadura de escamas, era apenas a terceira vez que eu a via desde sua chegada à Britânia, e então, com duas vintenas de seus cavaleiros com armaduras, ele percorreu a Dumnonia. Queria mostrar ao reino o seu poder e queria que os viajantes que transportavam mercadorias pelas fronteiras dos reinos levassem uma história de sua capacidade. Depois voltou a Lindinis onde Hygwydd, seu servo, tirou a ferrugem nova da cota de escamas.

A primeira derrota veio naquele outono. Tinha havido peste em Venta, enfraquecendo os homens do rei Melwas, e Cerdic, o novo líder saxão, derrotou o bando guerreiro dos Belgae e capturou um bom trecho de terra ribeirinha. O rei Melwas implorou por reforços, mas Artur sabia que Cerdic era o menor de seus problemas. Os tambores de guerra batiam por toda a região saxã de Lloegyr e por todos os reinos britânicos do Norte, e nenhuma lança podia ser mandada a Melwas. Além disso, Cerdic parecia totalmente ocupado com suas novas posses e não ameaçou a Dumnonia de novo, por isso Artur deixaria o saxão ficar por enquanto.

— Daremos uma chance à paz — disse Artur ao conselho.

No final do outono, quando a maioria dos exércitos está pensando em passar gordura nas armas e guardá-las durante os meses frios, o

poder de Powys marchou. A Britânia estava em guerra.



Parte 3

A volta de Merlin

IGRAINE ME FALA SOBRE O amor. É verão aqui em Dinnewrac, e o sol infunde o mosteiro com um calor frágil. Há ovelhas nas encostas do sul, mas ontem um lobo matou uma delas e deixou uma trilha de sangue passando por nosso portão. Mendigos se juntam diante do portão pedindo comida e estendem as mãos doentes quando Igraine vem me visitar. Um dos mendigos roubou dos corvos rapineiros os restos de uma carcaça de ovelha coberta de vermes e estava sentado, mordendo a pele do animal, quando Igraine chegou hoje de manhã.

Ela me pergunta se Guinevere era mesmo bonita. Não, digo, mas muitas mulheres trocariam sua beleza pela aparência de Guinevere. Igraine, claro, queria saber se ela própria era bela, e garanti que sim, mas ela disse que os espelhos no Caer de seu marido eram velhos e gastos, e por isso era difícil dizer.

— Não seria lindo — disse ela — se pudéssemos nos ver como realmente somos?

— Deus faz isso — falei — e só Deus.

Ela franziu o rosto para mim.

— Realmente odeio quando você me prega sermão, Derfel. Não combina com você. Se Guinevere não era bonita, então por que Artur se apaixonou por ela?

— O amor não é só pela beleza.

— E eu disse que era? — perguntou Igraine, indignada. — Mas você disse que Guinevere atraiu Artur desde o primeiro instante, então, se não foi pela beleza, por que foi?

— A simples visão dela transformou o sangue dele em fumaça.

Igraine gostou disso. Sorriu.

— Então ela era linda?

— Ela o desafiou, e ele achou que seria menos do que um homem se fracassasse em capturá-la. E talvez os Deuses estivessem jogando conosco, não é? — Dei de ombros, incapaz de descobrir mais motivos. — E, além disso, eu nunca quis dizer que ela não era bonita, só que era mais do que bonita. Ela era a mulher de melhor aparência que já vi.

— Inclusive eu? — perguntou imediatamente minha rainha.

— Infelizmente meus olhos estão fracos por causa da idade.

Ela gargalhou diante da evasão.

— Guinevere amava Artur?

— Ela amava a ideia que fazia dele. Amava o fato de ele ser o campeão da Dumnonia, e o amava como ele era no momento em que o viu pela primeira vez. Ele estava de armadura, o grande Artur, o

brilhante, o senhor da guerra, a espada mais temida de toda a Britânia e da Armórica.

Igrane passou pelas mãos o cordão trançado de seu manto branco. Ficou pensativa durante um tempo.

— Você acha que transformo o sangue de Brochvail em fumaça? — perguntou melancólica.

— Todas as noites.

— Ah, Derfel. — Ela suspirou e se afastou do banco junto à janela e foi até a porta, de onde podia olhar para o nosso pequeno salão. — Você já esteve apaixonado assim?

— Já.

— Quem era? — perguntou ela imediatamente.

— Não importa.

— Para mim importa! Insisto. Era Nimue?

— Não era Nimue — falei com firmeza. — Nimue era diferente. Eu a amava, mas não estava louco de desejo por ela. Só achava que ela era infinitamente... — Parei, procurando a palavra e não encontrando. — Maravilhosa — falei sem jeito, sem olhar para Igraine, para que não visse minhas lágrimas.

Ela esperou um tempo.

— Então por quem você se apaixonou? Lunete?

— Não! Não!

— Então quem?

— A história chegará com o tempo, se eu viver.

— Claro que você viverá. Nós lhe mandaremos comida especial do Caer.

— Que meu senhor Sansum tirará de mim por ser indigna de um mero irmão — falei, não querendo que ela desperdiçasse o esforço.

— Então venha morar no Caer — disse ela, ansiosa. — Por favor!

Sorri.

— Eu faria isso de muito boa vontade, senhora, mas infelizmente fiz um juramento de permanecer aqui.

— Pobre Derfel. — Ela voltou à janela e ficou olhando o irmão Maelgwyn cavando. Tinha com ele nosso noviço sobrevivente, o irmão Tudwal. O segundo noviço morreu de febre no inverno passado, mas Tudwal ainda vive e partilha a cela do santo. O santo quer que o menino aprenda as letras, acho, para descobrir se realmente estou traduzindo o evangelho para o saxão, mas o garoto não é inteligente e parece mais apto a cavar do que ler. Está na hora de termos alguns eruditos de verdade aqui em Dinnewrac, porque esta primavera frágil trouxe nossas discussões rancorosas usuais sobre a data da páscoa, e não teremos paz até que a discussão termine. — Sansum realmente casou Artur e Guinevere? — Igraine interrompeu meus pensamentos melancólicos.

— Sim, casou mesmo.

— E não foi numa grande igreja? Com trombetas tocando?

— Foi numa clareira ao lado de um riacho, com sapos coaxando e ramos de salgueiros empilhados atrás da represa dos castores.

— Nós nos casamos num salão de festa — disse Igraine — e a fumaça fez meus olhos lacrimejarem. — Ela deu de ombros. — Então, o que você mudou na última parte? — perguntou em tom acusador. — Que alteração fez na história?

Balancei a cabeça.

— Nenhuma.

— Mas na aclamação de Mordred a espada só foi posta em cima da pedra? — perguntou ela, desapontada. — Não foi enfiada nela? Tem certeza?

— Foi posta deitada em cima. Juro — fiz o sinal da cruz — pelo sangue de Cristo, minha senhora.

Ela encolheu os ombros.

— Dafydd Ap Gruffud vai traduzir a história como eu quiser, e gosto da ideia de uma espada enfiada na pedra. Fico feliz por você ter sido gentil com relação a Cuneglas.

— Ele era um bom homem — falei. Além disso ele era avô do marido de Igraine.

— Ceinwyn era realmente linda?

Assenti.

— Era, de verdade. Tinha olhos azuis.

— Olhos azuis! — Igraine estremeceu diante dessa característica saxã. — O que aconteceu com o broche que ela lhe deu?

— Gostaria de saber — falei, mentindo.

O broche está na minha cela, escondido em segurança até mesmo das vigorosas revistas de Sansum. O santo, que com certeza Deus exalta acima de todos os homens vivos e mortos, não permite que tenhamos qualquer tesouro. Todos os nossos bens devem ser entregues à sua guarda, esta é a regra, e apesar de eu ter entregado todo o resto a Sansum — inclusive Hywelbane —, que Deus me perdoe, ainda tenho o broche de Ceinwyn. O ouro foi alisado pelos anos, mas ainda vejo Ceinwyn quando, no escuro, pego o broche em seu esconderijo e deixo a luz da lua brilhar sobre seu padrão intrincado de curvas entrelaçadas. Algumas vezes — não, sempre — eu o toco com os lábios. Que velho idiota me tornei. Talvez devesse dar o broche a Igraine, porque sei que ela vai valorizá-lo, mas devo mantê-lo por algum tempo porque o ouro é como um retalho de sol neste lugar frio e cinzento. Claro, quando Igraine ler isto, saberá que o broche existe, mas, se ela é gentil como creio, deixará que eu o mantenha como uma pequena lembrança de uma vida de pecados.

— Não gosto de Guinevere — disse Igraine.

— Então fracassei.

— Você fez com que ela parecesse dura demais.

Durante um tempo não falei nada, apenas ouvi as ovelhas balindo.

— Ela podia ser maravilhosamente gentil — falei depois da pausa. — Ela sabia como transformar a tristeza em felicidade, mas era impaciente com o lugar-comum. Tinha a visão de um mundo onde não havia aleijados, chatos ou coisas feias, e queria tornar esse mundo real banindo tais inconveniências. Artur também tinha uma visão, só que a visão dele oferecia ajuda aos aleijados, e ele queria tornar seu mundo igualmente real.

— Ele queria Camelot — disse Igraine, sonhadora.

— Nós chamávamos o lugar de Dumnonia — falei com severidade.

— Você tenta tirar toda a alegria da coisa, Derfel — reagiu Igraine, irritada, ainda que realmente nunca ficasse furiosa comigo. — Quero que seja a Camelot do poeta: grama verde, torres altas, damas em belos vestidos e guerreiros cobrindo o caminho delas com flores. Quero menestréis e risos! Não era assim?

— Um pouco, mas não me lembro de muitos caminhos floridos. Lembro dos guerreiros mancando depois das batalhas, e alguns se arrastando e chorando com as entranhas sendo arrastadas atrás, no pó.

— Pare com isso! Então por que os bardos chamam o lugar de Camelot?

— Porque os poetas sempre foram tolos. Caso contrário, por que seriam poetas?

— Não, Derfel! O que havia de especial em Camelot? Diga.

— Era especial porque Artur deu justiça à terra.

Igraine franziu a testa.

— Só isso?

— Isso, criança, é mais do que a maioria dos governantes sonha em fazer.

Ela desconsiderou o assunto.

— Guinevere era inteligente?

— Muito.

Igraine brincou com a cruz que usava no pescoço.

— Fale de Lancelot.

— Espere!

— Quando Merlin chega?

— Logo.

— São Sansum está sendo perverso com você?

— O santo tem o destino de nossas almas imortais em sua consciência. Ele faz o que deve fazer.

— Mas ele realmente caiu de joelhos e gritou pelo martírio antes de casar Artur e Guinevere?

— Sim — falei e não pude deixar de rir diante da lembrança.

Igraine gargalhou.

— Vou pedir a Brochvael para transformar o Lorde Camundongo num mártir de verdade, então você pode ficar no comando de Dinnewrac. Gostaria disso, irmão Derfel?

— Eu gostaria de um pouco de paz para continuar com minha narrativa — provoqueei-a.

— Então o que acontece em seguida? — perguntou Igraine, ansiosa.

Em seguida vem a Armórica. A terra do outro lado do mar. A bela Ynys Trebes, o rei Ban, Lancelot, Galahad e Merlin. Santo Deus, que homens eles eram, que dias passamos, que lutas tivemos e que sonhos despedaçamos! Na Armórica.

MAIS TARDE, MUITO mais tarde, quando olhávamos para aqueles tempos simplesmente os chamávamos de “anos ruins”, mas raramente falávamos deles. Artur odiava que o lembrassem daqueles primeiros dias na Dumnonia, quando sua paixão por Guinevere rasgou a terra lançando-a no caos. Seu noivado com Ceinwyn tinha sido como um broche elaborado que prendia um frágil vestido de gaze diáfana, e quando o broche se foi a vestimenta caiu em trapos. Artur se culpava e não gostava de falar dos anos ruins.

Durante um tempo Tewdric se recusou a lutar de qualquer dos dois lados. Culpava Artur pela paz rompida e em troca permitiu que Gorfyddyd e Gundleus levassem seus bandos de guerreiros através de Gwent até a Dumnonia. Os saxões pressionavam do Leste, os irlandeses atacavam a partir do mar do Oeste e, como se esses inimigos não bastassem, o príncipe Cawdy de Isca se rebelou contra o comando de Artur. Tewdric tentou ficar distante de tudo isso, mas, quando os saxões de Aelle atacaram a fronteira de Tewdric, os únicos amigos a quem ele pôde pedir ajuda foram os dumnonianos, e assim, no final, foi forçado a entrar na guerra do lado de Artur, mas então os lanceiros de Powys e Silúria tinham usado suas estradas para capturar os morros ao norte de Ynys Wydryn, e quando Tewdric se declarou a favor da Dumnonia, eles ocuparam Glevum também.

Cresci naqueles anos. Perdi a conta dos homens que matei e dos anéis de guerreiro que forjei. Recebi um apelido, Cadarn, que significa “o poderoso”. Derfel Cadarn, sóbrio na batalha e com uma espada mortalmente rápida. Numa ocasião Artur me convidou a me tornar um de seus cavaleiros, mas preferi ficar em chão firme, e por isso permaneci como lanceiro. Durante essa época observei Artur e comecei a entender por que ele era um soldado tão grandioso. Não era apenas sua coragem, apesar de ele ser corajoso, e sim o modo como enganava os inimigos. Nossos exércitos eram instrumentos desajeitados, lentos para marchar e lerdos em mudar de direção depois de estarem marchando, mas Artur forjou uma pequena força de homens que aprendeu a viajar com rapidez. Ele liderava esses homens, alguns a pé, alguns nas selas, em

longas marchas que circulavam os flancos do inimigo, de modo que sempre apareciam onde menos eram esperados. Gostávamos de atacar ao amanhecer, quando o inimigo ainda estava de ressaca das bebidas da noite, ou então os atraíamos com falsas retiradas e depois golpeávamos seus flancos desprotegidos. Após um ano de batalhas assim, quando finalmente tínhamos expulsado as forças de Gorfyddyd e Gundleus de Glevum e do norte da Dumnonia, Artur me tornou capitão e comecei a dar ouro aos meus próprios comandados. Dois anos depois, cheguei a receber a honraria definitiva de um guerreiro, o convite para passar para o lado do inimigo. Veio logo de Ligessac, o traiçoeiro comandante da guarda de Norwenna, que conversou comigo num templo de Mitra, onde sua vida estava protegida, e me ofereceu uma fortuna se eu servisse a Gundleus como ele. Recusei. Graças a Deus, sempre fui leal a Artur.

Sagramor também era leal, e foi ele quem me convidou para o serviço a Mitra. Mitra era um Deus que os romanos tinham trazido à Britânia, e devia gostar do nosso clima, porque ainda tinha poder. É um Deus dos soldados, e nenhuma mulher pode ser iniciada em Seus mistérios. Minha iniciação aconteceu no final do inverno, quando os soldados tinham tempo de sobra. Aconteceu nas colinas. Sagramor me levou sozinho para um vale tão fundo que até no fim da tarde a geada da manhã continuava encrespando o capim. Paramos perto da entrada de uma caverna onde Sagramor me instruiu para deixar as armas de lado e me despir totalmente. Fiquei ali, tremendo, enquanto o númida amarrava um pano grosso em cima dos meus olhos e dizia que eu deveria obedecer a cada instrução, e que se hesitasse ou falasse uma vez, apenas uma vez, seria trazido de volta às minhas armas e minhas roupas e mandado embora.

A iniciação é uma agressão aos sentidos do homem, e para sobreviver ele precisa se lembrar de apenas uma coisa: obedecer. É por isso que os soldados gostam de Mitra. A batalha agride os sentidos, e essa agressão fomenta o medo, e a obediência é o caminho estreito que leva para fora do caos do medo, até a sobrevivência. Com o tempo iniciei muitos homens em Mitra, e passei a conhecer muito bem os truques, mas naquela primeira vez, quando entrei na caverna, não fazia ideia do que me seria infligido. Quando entrei pela primeira vez na caverna do Deus, Sagramor, ou talvez algum outro homem, me virou de um lado para o outro, no sentido do sol, com tanta rapidez e violência que minha mente ficou tonta. Em seguida, me ordenaram que andasse para a frente. Uma fumaça me fez engasgar, mas continuei, seguindo o caminho que descia no chão de rocha. Uma voz gritou para que eu parasse, outra me ordenou que virasse, uma terceira para me ajoelhar. Alguma substância foi encostada na minha boca e me encolhi com o fedor de bosta humana que fez minha cabeça girar.

— Coma! — gritou uma voz, e quase cuspi o bocado até perceber

que estava apenas mastigando peixe seco. Bebi algum líquido nauseabundo que me deixou com a cabeça leve. Era provavelmente suco de estramônio misturado com mandrágora ou cogumelo, porque, apesar de meus olhos estarem bem cobertos, tive visões de criaturas luminosas vindo com asas amarrotadas beliscar minha carne com seus bicos. Chamas tocaram minha pele, queimando os pelos dos braços e das pernas. Ordenaram que me adiantasse de novo, depois que parasse, e ouvi lenha sendo jogada numa fogueira e senti o vasto calor crescer à minha frente. O fogo rugiu, as chamas assaram minha pele nua e minha hombridade, e então a voz ordenou que eu pisasse no fogo e obedeci, mas senti o pé afundar num poço de água gelada que quase me fez gritar alto, por medo de ter pisado num caldeirão de metal derretido.

Uma ponta de espada foi encostada em minha hombridade, apertada ali, e recebi a ordem de pisar em cima, e quando fiz isso a ponta de espada desapareceu. Tudo era truque, claro, mas as ervas e cogumelos postos na bebida bastavam para ampliar os truques transformando-os em milagres, e quando terminei de seguir o caminho tortuoso até a câmara quente, enfumaçada e ecoante no coração da cerimônia, já estava num transe de terror e exaltação. Fui levado a uma pedra da altura de uma mesa e uma faca foi posta na minha mão direita enquanto a esquerda foi posta com a palma para baixo numa barriga nua.

— É uma criança que está sob sua mão, seu sapo miserável — disse a voz, e uma mão levou minha mão direita até estar em cima da garganta da criança. — Uma criança inocente que não fez mal a ninguém, uma criança que só merece a vida, e você vai matá-la. Agora!

A criança gritou alto enquanto eu mergulhava a faca, sentindo o sangue quente jorrar em meu pulso e na minha mão. A barriga que pulsava debaixo de minha mão esquerda deu um último espasmo e ficou imóvel. Uma fogueira rugiu ali perto, a fumaça irritando minhas narinas.

Obrigaram-me a ajoelhar e beber um líquido quente e pegajoso que se grudou na minha garganta e azedou meu estômago. Só então, quando aquele chifre de sangue de touro foi esvaziado, minha venda foi retirada e vi que tinha matado um carneiro novo com a barriga raspada. Amigos e inimigos se juntaram em volta de mim, cheios de congratulações porque agora eu havia entrado para o serviço do Deus dos guerreiros. Tinha me tornado parte de uma sociedade secreta que se espalhava pelo mundo romano e até além de suas fronteiras; uma sociedade de homens que tinham se provado na batalha, não como simples soldados, mas como guerreiros de fato. Tornar-se um mitraísta era uma verdadeira honra, porque qualquer membro do culto podia proibir a iniciação de outro homem. Alguns lideravam exércitos e jamais eram escolhidos, outros jamais subiam acima de soldado raso e eram membros honrados.

Agora, como um daqueles eleitos, minhas roupas e armas foram

trazidas, eu me vesti, e então recebi as palavras secretas do culto que me permitiriam identificar meus camaradas em batalha. Se eu descobrisse que estava lutando com um colega mitraísta deveria matá-lo rapidamente, com piedade, e se um daqueles homens se tornasse meu prisioneiro eu deveria honrá-lo. Então, com as formalidades terminadas, fomos para uma segunda caverna enorme, iluminada por tochas que soltavam muita fumaça, e paramos junto a uma grande fogueira onde uma carcaça de touro estava sendo assada. Recebi grandes homenagens por parte dos homens que compareceram ao festim. A maioria dos iniciados estaria contente com seus próprios camaradas, mas para Derfel Cadarn os poderosos de ambos os lados tinham vindo à caverna invernal. Agrícola de Gwent estava lá, e com ele havia dois de seus inimigos de Silúria, Ligessac e um lanceiro chamado Nasiens, que era campeão de Gundleus. Uma dúzia dos guerreiros de Artur estava presente, alguns de meus homens e até o bispo Bedwin, conselheiro de Artur, que parecia pouco familiar com um peitoral enferrujado, cinto de espada e manto de guerreiro.

— Já fui guerreiro — explicou ele — e fui iniciado... hã, quando? Há trinta anos? Foi muito antes de me tornar cristão, claro.

— E isto — fiz um gesto indicando a caverna onde a cabeça decepada do touro tinha sido posta num tripé de lanças para que o sangue pingasse no chão — não é contrário à sua religião?

Bedwin deu de ombros.

— Claro que sim, mas eu sentiria falta do companheirismo. — Ele se inclinou para mim e baixou a voz para um suspiro conspiratório. — Espero que não vá contar ao bispo Sansum que estou aqui, não é?

Ri do pensamento de algum dia contar algo ao furioso Sansum que zumbia por toda a Dumnonia em guerra como se fosse uma abelha operária. Ele vivia condenando seus inimigos, e não tinha amigos.

— O jovem mestre Sansum — disse Bedwin, com a boca cheia de carne e a barba pingando com o suco sangrento da carne — vai me substituir, e acho que conseguirá.

— Vai? — Eu estava perplexo.

— Porque ele quer demais e trabalha muito. Santo Deus, como aquele homem trabalha! Sabe o que descobri um dia desses? Ele não sabe ler! Nenhuma palavra! E para ser um líder da Igreja o sujeito deve ser capaz de ler, então o que Sansum faz? Ele manda um escravo ler para ele em voz alta e aprende tudo de cor. — Bedwin me cutucou para ter certeza de que eu entendia a memória extraordinária de Sansum. — Aprende tudo de cor! Salmos, orações, liturgia, escritos dos padres, tudo de cor! — Ele balançou a cabeça. — Você não é cristão, é?

— Não.

— Deveria pensar a respeito. Talvez não ofereçamos muitas delícias terrenas, mas nossa vida após a morte certamente vale a pena. Não que

eu tenha podido persuadir Uther disso, mas tenho esperanças com relação a Artur.

Olhei a festa em volta.

— Artur não está — falei, desapontado por meu senhor não fazer parte do culto.

— Ele foi iniciado — disse Bedwin.

— Mas ele não acredita nos Deuses — falei, repetindo a afirmativa de Owain.

Bedwin balançou a cabeça.

— Artur acredita. Como um homem pode não acreditar em Deus ou nos Deuses? Você acha que Artur acredita que nós nos fizemos? Ou que o mundo simplesmente apareceu por acaso? Artur não é idiota, Derfel Cadarn. Artur acredita, mas mantém em silêncio suas crenças. Desse modo os cristãos acham que ele é um dos seus, ou que pode ser, e os pagãos acreditam o mesmo, de modo que ambos o servem de boa vontade. E lembre-se, Derfel, Artur é amado por Merlin, e Merlin, acredite, não ama os que não acreditam.

— Sinto falta de Merlin.

— Todos sentimos falta de Merlin — disse Bedwin calmamente —, mas podemos ter consolo em sua ausência, porque ele não estaria em outro lugar se a Britânia estivesse sob a ameaça de destruição. Merlin virá quando for necessário.

— O senhor acha que ele não é necessário agora? — perguntei azedamente.

Bedwin limpou a barba com a manga do manto, depois bebeu vinho.

— Alguns dizem que estaríamos melhor sem Artur — falou baixando a voz. — Que sem Artur haveria paz, mas, se não houver Artur, quem vai proteger Mordred? Você? Eu? — Ele sorriu ao pensamento. — Gereint? Ele é um bom homem, poucos são melhores, mas não é inteligente e não pode se decidir e também não quer governar a Dumnonia. É Artur ou ninguém, Derfel. Ou melhor, é Artur ou Gorfyddyd. E esta guerra não está perdida. Nossos inimigos temem Artur: e, enquanto ele viver, a Dumnonia está em segurança. Não, não creio que Merlin seja necessário ainda.

O traidor Ligessac, que era outro cristão que não via conflito entre sua fé proclamada e os rituais secretos de Mitra, falou comigo no fim da festa. Fui frio, mesmo ele sendo um companheiro mitraísta, mas ele ignorou minha hostilidade e me puxou pelo cotovelo para um canto escuro da caverna.

— Artur vai perder. Você sabe disso, não sabe? — perguntou.

— Não.

Ligessac puxou um fiapo de carne de entre os restos de seus dentes.

— Mais homens de Elmet entrarão na guerra. Powys, Elmet e Silúria — ele falou os nomes contando nos dedos. — Unidos contra Gwent e a

Dumnonia. Gorfyddyd será o próximo Pendragon. Primeiro expulsamos os saxões para fora das terras a leste de Ratae, depois viremos para o sul e acabaremos com a Dumnonia. Dois anos?

— A festa subiu-lhe à cabeça, Ligessac.

— E meu senhor pagará pelos serviços de um homem como você. — Ligessac estava entregando um recado. — Meu senhor o rei Gundleus é generoso, Derfel, muito generoso.

— Diga ao seu senhor rei que Nimue, de Ynys Wydryn, terá o crânio dele como taça de bebida, e que eu o darei a ela.

E me afastei.

Naquela primavera a guerra estourou de novo, ainda que a princípio de modo menos destrutivo. Artur pagara boa quantia em ouro a Oengus Mac Airem, o rei irlandês de Demetia, para atacar a região Oeste de Powys e Silúria, e esses ataques afastaram os inimigos de nossas fronteiras ao norte. O próprio Artur liderou um bando de guerreiros para pacificar o Oeste da Dumnonia, onde Cadwy tinha declarado suas terras tribais como um reino independente, mas enquanto estava lá os saxões de Aelle lançaram um poderoso ataque contra as terras de Gereint. Gorfyddyd, pelo que soubemos mais tarde, tinha pagado aos saxões como nós pagamos aos irlandeses, e o dinheiro de Powys foi provavelmente mais bem gasto, porque os saxões vieram numa torrente que trouxe Artur correndo de volta do Oeste, onde deixou Ceï, seu companheiro de infância, encarregado da luta contra os tatuados guerreiros tribais de Cadwy.

Foi então, com o exército saxão de Cadwy ameaçando capturar Durocobrivis e com as forças de Gwent ocupadas contra Powys e os saxões do Norte, e com a rebelião não derrotada de Cadwy sendo encorajada pelo rei Mark de Kernow, que Ban de Benoic fez sua convocação.

Todos sabíamos que o rei Ban só permitira que Artur viesse para a Dumnonia com a condição de que voltasse a Armórica, caso Benoic estivesse em dificuldades. Agora, segundo a mensagem de Ban, Benoic estava correndo grande perigo, e o rei Ban, insistindo para que Artur cumprisse o juramento, exigia a volta dele.

A notícia chegou a nós em Durocobrivis. A cidade já fora um próspero assentamento romano com banhos luxuosos, um palácio de justiça feito de mármore e um belo mercado, mas agora era um empobrecido forte de fronteira, para sempre vigiando os saxões no Leste. As construções fora da muralha de terra da cidade tinham sido queimadas pelos atacantes de Aelle e jamais foram reconstruídas, enquanto dentro da muralha as grandes estruturas romanas estavam se arruinando. O mensageiro de Ban chegou ao que restava do salão dos banhos romanos, cheio de arcos. Era noite e havia uma fogueira acesa no poço do antigo banho de imersão, com a fumaça se revolvendo no

teto arqueado onde o vento a apanhava e sugava por uma janela pequena. Tínhamos feito a refeição da noite sentados em círculo no chão frio e Artur levou o mensageiro de Ban até o centro, onde rabiscou na terra um mapa grosseiro da Dumnonia, depois espalhou pedaços de mosaico vermelho e branco para mostrar onde estavam posicionados nossos inimigos e amigos. Em toda parte os ladrilhos vermelhos da Dumnonia estavam sendo espremidos pelos pedaços de pedras brancas. Havíamos lutado naquele dia e Artur recebera um corte de lança no malar direito. Não era um ferimento perigoso, mas suficientemente fundo para criar uma crosta de sangue no rosto. Ele estivera lutando sem o elmo, afirmando que enxergava melhor sem o metal, mas se o saxão houvesse golpeado 2 centímetros acima teria enfiado o aço no cérebro de Artur. Ele lutara a pé, como fazia usualmente, porque estava guardando os cavalos pesados para as batalhas mais difíceis. Meia dúzia de seus cavaleiros montavam a cada dia, mas a maioria dos caros e raros cavalos de guerra era mantida no interior da Dumnonia, onde estavam a salvo dos ataques inimigos. Nesse dia, depois de Artur ter se ferido, nosso punhado de pesados cavaleiros tinha desbaratado a linha saxã, matando o chefe deles e mandando os sobreviventes para o Leste, mas o fato de Artur ter escapado por pouco deixou a todos inquietos. O mensageiro do rei Ban, um chefe chamado Bleiddig, só fez esse clima se intensificar.

— Você vê por que não posso partir? — disse Artur a Bleiddig. E fez um gesto para os pedaços de pedra vermelha e branca.

— Um juramento é um juramento — respondeu Bleiddig, categoricamente.

— Se o príncipe sair da Dumnonia — interveio o príncipe Gereint —, a Dumnonia cai. — Gereint era um homem pesado, cabeça dura, mas leal e honesto. Como sobrinho de Uther podia reivindicar o trono da Dumnonia, mas nunca fez essa reivindicação e sempre foi fiel a Artur, seu primo bastardo.

— Melhor a Dumnonia cair do que Benoic — disse Bleiddig e ignorou o murmúrio irado que seguiu suas palavras.

— Jurei defender Mordred — observou Artur.

— Você jurou defender Benoic — respondeu Bleiddig, descartando a objeção de Artur. — Traga o menino com você.

— Devo entregar o reino a Mordred — insistiu Artur. — Se ele partir, o reino perde seu rei e seu coração. Mordred fica aqui.

— E quem ameaça tomar o reino dele? — O chefe de Benoic era um homem grande, não muito diferente de Owain e com a força bruta de Owain. — Você! — Ele apontou com escárnio para Artur. — Se tivesse se casado com Ceinwyn não haveria guerra! Se tivesse se casado com Ceinwyn não apenas a Dumnonia, mas Gwent e Powys estariam mandando tropas para ajudar o meu rei!

Homens gritavam e espadas foram desembainhadas, mas Artur bradou pedindo silêncio. Um fio de sangue escapou por baixo da casca da ferida e desceu pelo seu rosto comprido e fundo.

— Quanto tempo temos antes que Benoic caia? — perguntou.

Bleiddig franziu a testa. Estava claro que não sabia a resposta, mas sugeriu seis meses, ou talvez um ano. Os francos, disse, tinham trazido novos exércitos para o Leste do país dele, e Ban não podia lutar contra todos. O próprio exército de Ban, liderado por seu campeão, Bors, estava mantendo a fronteira do norte enquanto os homens que Artur tinha deixado, liderados por seu primo Culhwch, mantinham a fronteira sul.

Artur olhava para seu mapa de ladrilhos vermelhos e brancos.

— Três meses — falou —, e eu irei. Se puder! Três meses. Mas, enquanto isso, Bleiddig, mandarei para vocês um grupo de bons guerreiros.

Bleiddig protestou, dizendo que o juramento de Artur exigia sua presença imediata na Armórica, mas Artur não admitia ser pressionado. Três meses ou nada, disse ele, e Bleiddig teve de aceitar o meio-termo.

Artur fez um gesto para que eu o acompanhasse até o pátio em colonata ao lado do palácio. No pequeno pátio havia tinas que fediam como uma latrina, mas ele parecia não notar o fedor.

— Deus sabe, Derfel — disse ele e eu soube que Artur estava sob tensão porque usara a palavra “Deus”, assim como percebi que usou a palavra cristã, no singular, apesar de ter imediatamente equilibrado a balança —, os Deuses sabem que não quero perder você, mas preciso mandar alguém que não tenha medo de romper uma parede de escudos. Preciso mandá-lo.

— Senhor príncipe... — comecei.

— Não me chame de príncipe — interrompeu ele, irritado. — Não sou príncipe. E não discuta comigo. Já tenho todo mundo discutindo comigo. Todo mundo sabe como vencer essa guerra, menos eu. Melwas está gritando por mais homens, Tewdric me quer no norte, Cei diz que precisa de mais cem lanças, e agora Ban me quer! Se ele gastasse mais dinheiro com seu exército do que com seus poetas, não estaria encrencado!

— Poetas?

— Ynys Trebes é um porto para os poetas — disse ele com amargura, referindo-se à capital insular do rei Ban. — Poetas! Precisamos de lanceiros, não de poetas. — Ele parou e se encostou numa coluna. Parecia mais cansado do que eu jamais o vira. — Não posso conseguir nada enquanto não pararmos de lutar. Se ao menos pudesse conversar com Cuneglas, cara a cara, poderia haver esperança.

— Não enquanto Gorfyddyd viver.

— Não enquanto Gorfyddyd viver — concordou ele. Depois ficou

quieto e eu soube que estava pensando em Ceinwyn e Guinevere. A luz da lua entrou por uma fenda no teto da colunata, banhando de prata seu rosto ossudo. Fechou os olhos e eu soube que Artur culpava-se pela guerra, mas o que estava feito não podia ser desfeito. Uma nova paz teria de ser criada, e havia apenas um homem que poderia forçar essa paz na Britânia, o próprio Artur. Ele abriu os olhos e fez uma careta. — Que cheiro é esse? — perguntou enfim.

— Eles branqueiam roupas aqui, senhor — expliquei e fiz um gesto para as tinas cheias de urina e titica de galinha lavada para produzir o valioso tecido branco como o dos mantos que o próprio Artur gostava de usar.

Geralmente Artur teria encorajado essa mostra de atividade numa cidade em decadência como Durocobrivis, mas naquela noite simplesmente desconsiderou o cheiro e tocou o fio de sangue recente no rosto.

— Mais uma cicatriz — falou em tom maroto. — Logo terei tantas quanto você, Derfel.

— O senhor deveria usar o elmo.

— Não consigo enxergar à esquerda e à direita com ele — falou, como se não desse importância. Em seguida, se desencostou da coluna e fez um gesto para que eu caminhasse com ele pela arcada. — Agora escute, Derfel, lutar contra os francos é como lutar contra saxões. Eles são todos germanos, e não há nada de especial nos francos, a não ser que gostam de usar lanças de arremesso, além das armas comuns. Então mantenha a cabeça baixa no início do ataque deles, mas depois disso é apenas parede de escudos contra parede de escudos. Eles são bons lutadores, mas bebem demais, de modo que geralmente é possível ser mais esperto do que eles. Por isso o estou mandando. Você é jovem, mas consegue pensar, o que é mais do que a maioria dos nossos faz. Eles só acreditam que basta ficar bêbados e sair golpeando, mas ninguém vence guerras assim. — Artur parou e tentou esconder um bocejo. — Desculpe. E pelo que sei, Derfel, Benoic não está correndo perigo. Ban é um homem emotivo — usou essa descrição com azedume — e entra em pânico facilmente. Mas se perder Ynys Trebes, ficará de coração partido e eu terei de viver com essa culpa também. Você pode confiar em Culhwch, ele é bom. Bors é capaz.

— Mas traçoeiro. — Sagramor falou das sombras perto das tinas de clareamento. Ele tinha vindo do palácio para procurar Artur.

— Isso é injusto — disse Artur.

— Ele é traçoeiro — insistiu Sagramor em seu sotaque áspero —, porque é homem de Lancelot.

Artur deu de ombros.

— Lancelot pode ser difícil — admitiu. — Ele é herdeiro de Ban e gosta das coisas do seu jeito, mas eu também gosto. — Artur sorriu e me

olhou. — Você sabe escrever, não sabe?

— Sim, senhor. — Nós tínhamos passado por Sagramor, que ficou nas sombras, os olhos jamais abandonando Artur. Gatos passaram furtivamente por nós, e morcegos giravam perto da cumeeira do grande salão. Tentei imaginar esse local fétido cheio de romanos com togas e iluminado por lâmpadas de óleo, mas parecia uma ideia impossível.

— Você deve escrever e me contar o que está acontecendo — disse Artur — para que eu não tenha de depender da imaginação de Ban. Como está a sua mulher?

— Minha mulher? — Fiquei espantado com a pergunta, e por um segundo achei que Artur estava se referindo a Canna, uma escrava saxã que me fazia companhia e que estava me ensinando seu dialeto, que diferia ligeiramente do saxão nativo da minha mãe, mas depois percebi que Artur falava de Lunete. — Não tenho notícias dela, senhor.

— E não pede, não é? — Ele me lançou um olhar divertido, depois suspirou. Lunete estava com Guinevere que, por sua vez, tinha ido à distante Durnovária ocupar o antigo palácio de inverno de Uther. Guinevere não queria deixar seu palácio novo e belo perto de Caer Cadarn, mas Artur insistira que ela fosse mais para o interior do país, para ficar mais segura contra as hordas de inimigos. — Sansum me contou que Guinevere e suas damas cultuam Ísis.

— Quem?

— Exatamente — sorriu ele. — Ísis é uma Deusa estrangeira, Derfel, com seus próprios mistérios; tem algo a ver com a lua, acho. Pelo menos foi o que Sansum me disse. Não creio que ele saiba também, mas ele diz que devo impedir o culto. Diz que os mistérios de Ísis são indizíveis, mas quando lhe pergunto como são, ele não sabe. Ou não quer dizer. Você não soube de nada?

— Nada, senhor.

— Claro que, se Guinevere encontra consolo em Ísis, não pode ser ruim — disse Artur, um tanto enfático demais. — Eu me preocupo com ela. Eu lhe prometi muita coisa, veja bem, e ainda não dei nada. Quero colocar o pai dela de volta no trono, e faremos isso, faremos, mas vai demorar mais do que pensamos.

— O senhor quer lutar contra Diwrnach? — perguntei, pasmo com a ideia.

— Ele não passa de um homem, Derfel, e pode ser morto. Um dia faremos isso. — Artur se virou de novo para o salão. — Você vai para o sul. Não posso lhe dar mais de sessenta homens, Deus sabe que não é o bastante se Ban estiver realmente encrocado, mas leve-os para o outro lado do mar, Derfel, e ponha-se sob o comando de Culhwch. Talvez possa viajar pela Durnovária. Nesse caso, pode me mandar notícias de minha querida Guinevere?

— Sim, senhor.

— Vou lhe dar um presente para ela. Talvez aquele colar de joias que o líder saxão estava usando. Acha que ela vai gostar? — perguntou ansiosamente.

— Qualquer mulher gostaria.

O colar era um trabalho saxão, grosseiro e pesado, mas mesmo assim bonito. Era feito de placas de ouro moldadas como os raios do sol, e com pedras preciosas.

— Bom! Leve-o até a Durnovária para mim, Derfel, depois vá salvar Benoic.

— Se eu puder — falei sério.

— Se você puder — ecoou Artur —, pelo bem da minha consciência.

— Ele acrescentou as últimas palavras em voz baixa, depois chutou um pedaço de telha de argila que voou para longe de sua bota e espantou um gato que arqueou as costas e sibilou para nós. — Há três anos — disse ele em voz baixa — tudo parecia tão fácil!

Mas então chegou Guinevere.

No dia seguinte, com sessenta homens, seguiu para o sul.

— Ele mandou VOCÊ para me espionar? — perguntou Guinevere com um sorriso.

— Não, senhora.

— Caro Derfel — ela zombou de mim —, tão parecido com meu marido!

Isso me surpreendeu.

— Sou?

— Sim, Derfel, é. Só que ele é muito mais inteligente. Você gosta deste lugar? — Ela indicou o pátio em volta.

— É lindo — falei. A vila na Durnovária era romana, claro, mas antigamente servira como palácio de inverno de Uther. Deus sabe que não devia ser bonita quando ele a ocupava, mas Guinevere tinha restaurado a construção a algo de sua elegância anterior. O pátio tinha colunas como o de Durocobrivis, mas aqui todas as telhas estavam no lugar e todas as colunas haviam sido caiadas. O símbolo de Guinevere estava pintado nas paredes dentro da arcada num padrão repetido de cervos coroados com luas crescentes. O cervo era símbolo de seu pai, a lua o acréscimo dela, e os rondéis pintados eram bonitos. Rosas brancas cresciam em canteiros onde água corria em pequenos canais de telha. Os falcões de caça ficavam em poleiros, com a cabeça girando enquanto andávamos pela arcada romana. Havia estátuas pelo pátio, todas de homens e mulheres nus, enquanto sobre pedestais debaixo da colonata havia cabeças de bronze enfeitadas de flores. O pesado colar saxão que eu trouxera como presente de Artur estava agora no pescoço de uma daquelas cabeças de bronze. Guinevere brincara com o presente durante alguns segundos, depois tinha franzido a testa.

— É um trabalho grosseiro, não é? — perguntara.

— O príncipe Artur acha bonito, senhora, e digno da senhora.

— Querido Artur — disse ela descuidadamente, depois escolheu a cabeça de bronze de um homem que tinha expressão de desprezo e pôs o colar no pescoço dele. — Isso vai melhorá-lo — falou, referindo-se à cabeça de bronze. — Eu o chamo de Gorfyddyd. Ele se parece com Gorfyddyd, não é?

— Parece, senhora. — O busto realmente tinha algo do rosto azedo e infeliz de Gorfyddyd.

— Gorfyddyd é um animal. Ele tentou tirar minha virgindade.

— Foi mesmo? — consegui dizer quando me recuperei do choque da revelação.

— Tentou e fracassou — disse ela com firmeza. — Ele estava bêbado. Ficou babando em cima de mim. Fiquei fedendo a baba por aqui inteira. — Ela passou a mão nos seios. Estava usando uma camisola de linho simples que caía em dobras retas dos ombros até os pés. O linho deve ter sido espantosamente caro, já que o tecido era tão hipnotizantemente fino que, se eu olhasse para ela, coisa que tentei não fazer, era possível ter vislumbres de sua nudez por baixo do pano fino. Uma imagem dourada do cervo coroado pela lua estava pendurada em seu pescoço, os brincos eram gotas de âmbar engastadas em ouro enquanto na mão esquerda havia um anel de ouro coroado com o urso de Artur e cortado com uma cruz de amante.

— Babão, babão — disse ela, deliciada. — Então, quando ele terminou, ou, para ser exata, quando ele terminou de tentar começar e ficou soluçando sobre como pretendia fazer de mim sua rainha e como iria me tornar a rainha mais rica da Britânia, fui até Iorweth e mandei que ele me fizesse um feitiço contra um amante indesejado. Não contei ao druida que era o rei, claro, ainda que provavelmente isso não tivesse importado, porque Iorweth faria qualquer coisa se eu sorrisse para ele. Assim, ele fez o encanto e eu o enterrei, depois mandei meu pai dizer a Gorfyddyd que eu havia enterrado um feitiço de morte contra a filha do homem que tentasse me estuprar. Gorfyddyd sabia de quem eu estava falando, e ele adora aquela pequenina e insípida Ceinwyn. Ele me evitou depois disso. — E gargalhou. — Os homens são tão idiotas!

— Não o príncipe Artur — falei com firmeza, tendo o cuidado de usar o título no qual Guinevere insistia.

— Ele é um idiota com relação a joias — disse ela com acidez e depois me perguntou novamente se Artur tinha me mandado espioná-la.

Caminhamos pela colunata. Estávamos sozinhos. Um guerreiro chamado Lanval era o comandante da guarda da princesa, e quisera deixar seus homens dentro do pátio, mas Guinevere insistiu em que saíssem.

— Deixe que criem um boato ao nosso respeito — disse ela alegremente, mas depois fez um muxoxo. — Algumas vezes acho que

Lanval recebesse ordens para me espionar.

— Lanval simplesmente toma conta da senhora, porque de sua segurança depende a felicidade do príncipe Artur, e sobre a felicidade dele repousa um reino.

— Isso é bonito, Derfel. Gosto disso — disse ela em tom meio zombeteiro. Continuamos andando. Uma tigela de pétalas de rosas encharcadas em água espalhava um cheiro bom sob a colunata que oferecia uma sombra agradável do sol quente. — Você quer ver Lunete? — perguntou Guinevere de súbito.

— Duvido que ela queira me ver.

— Provavelmente não. Mas vocês não são casados, são?

— Não, senhora. Nunca nos casamos.

— Então não importa, não é? — perguntou ela, embora não tenha dito o que não importava, e eu não tenha perguntado. — Eu queria ver você, Derfel — disse ela, séria.

— A senhora me lisonjeia.

— Suas palavras ficam cada vez mais bonitas! — Ela bateu palmas, e depois franziu o nariz. — Diga, Derfel, alguma vez você toma banho?

Fiquei ruborizado.

— Sim, senhora.

— Você fede a couro, sangue, suor e poeira. Pode ser um aroma bom, mas não hoje. Está quente demais. Gostaria de que minhas damas lhe dessem um banho? Fazemos isso ao modo romano, com muito suor e raspagem. É bem cansativo.

Eu deliberadamente dei um passo para longe dela.

— Vou encontrar um riacho, senhora.

— Mas eu realmente queria vê-lo. — Ela se aproximou de mim de novo, e até mesmo enfiou o braço no meu. — Fale de Nimue.

— Nimue? — Fiquei surpreso com a pergunta.

— Ela realmente é capaz de fazer magia? — perguntou Guinevere, ansiosa. A princesa era tão alta quanto eu, e seu rosto, tão bonito e com malares altos, estava perto do meu. A proximidade com Guinevere era uma coisa poderosa, como o grande distúrbio dos sentidos provocado pela bebida de Mitra. Seu cabelo ruivo estava perfumado, e os espantosos olhos verdes estavam delineados com uma goma misturada a fuligem de lâmpada, de modo que pareciam maiores. — Ela é capaz de fazer magia? — perguntou Guinevere de novo.

— Acho que sim.

— Acha! — Ela se afastou, desapontada. — Só acha?

A cicatriz na minha mão esquerda latejou e não soube o que dizer. Guinevere gargalhou.

— Diga a verdade, Derfel. Preciso saber! — Ela voltou a enfiar o braço no meu e andou comigo pela sombra da arcada. — Aquele homem horrível, o bispo Sansum, está tentando transformar todos nós

em cristãos, e não admito isso! Ele quer que todos nos sintamos culpados o tempo todo, e fico dizendo que não tenho do que sentir culpa, mas os cristãos estão ficando mais poderosos. Estão construindo uma igreja nova aqui! Não, estão fazendo pior do que isso. Venha! — Ela se virou impulsivamente e bateu palmas. Escravas correram para o pátio e Guinevere ordenou que seu manto e seus cães fossem trazidos. — Vou lhe mostrar uma coisa, Derfel, para que possa ver por si mesmo o que aquele bispozinho maligno está fazendo em nosso país.

Ela vestiu um manto de lã malva para esconder a fina camisola de linho, depois pegou as correias de dois cães veadeiros que ofegavam ao lado dela com as línguas compridas balançando entre dentes afiados. Os portões da vila foram abertos, e com duas escravas seguindo e um quarteto dos guardas de Lanval se postando apressadamente de cada lado de nós, seguimos pela rua principal da Durnovária, que era lindamente pavimentada com pedras largas e possuía valas para levar a chuva até o rio, a leste da cidade. As lojas abertas estavam cheias de mercadorias: sapatos, um açougue, sal, um oleiro. Algumas casas tinham desmoronado, mas a maioria estava bem restaurada, talvez porque a presença de Mordred e Guinevere houvesse trazido uma nova prosperidade ao lugar. Havia mendigos, claro, que se arrastavam em tocos de pernas, arriscando-se às lanças dos guardas para agarrar as moedas de cobre distribuídas pelas duas escravas de Guinevere. A própria Guinevere, com os cabelos ruivos descobertos ao sol, descia o morro praticamente sem olhar a comoção que sua presença causava.

— Está vendo aquela casa? — Guinevere fez um gesto na direção de uma bela construção de dois andares no lado norte da rua. — É ali que vive Nabur, e onde nosso pequeno rei peida e vomita. — Ela estremeceu. — Mordred é uma criança particularmente desagradável. Manca e nunca para de gritar. Pronto! Está ouvindo? — Realmente eu podia ouvir uma criança chorando, mas não podia dizer se era realmente Mordred. — Ande, venha cá — ordenou Guinevere enquanto atravessava uma pequena multidão que a olhava do lado da rua e depois subiu numa pilha de pedras partidas ao lado da bela casa de Nabur.

Eu a acompanhei e descobri que tínhamos chegado a uma área de construção, ou melhor, a um lugar onde uma construção estava sendo derrubada e outra sendo erigida nas ruínas. O prédio que estava sendo destruído parecia um templo romano.

— Era aqui que as pessoas cultuavam Mercúrio — disse Guinevere — mas agora teremos um templo para um carpinteiro morto. E como é que um carpinteiro morto vai nos dar boas colheitas, diga! — Essas últimas palavras, ostensivamente faladas para mim, foram pronunciadas suficientemente alto para perturbar a dúzia de cristãos que trabalhavam em sua nova igreja. Alguns estavam assentando pedras, alguns aparelhando portais com enxós, enquanto outros derrubavam as paredes

antigas para pegar material para a nova construção. — Se você precisa de um abrigo para o seu carpinteiro — disse Guinevere em voz ressoante —, por que não ocupar simplesmente o prédio antigo? Perguntei isso a Sansum, mas ele diz que deve ser tudo novo para que seus preciosos cristãos não precisem respirar o ar que já foi usado por pagãos, e segundo essa crença absurda nós derrubamos o antigo, que era belíssimo, e montamos um prédio medonho cheio de pedras mal ajustadas e sem qualquer graça! — Ela cuspiu na poeira, para afastar o mal. — Ele diz que é uma capela para Mordred! Dá para acreditar? Ele está determinado a transformar aquela criança desgraçada num cristão lamuriento, e é nesta abominação que fará isso.

— Cara senhora! — O bispo Sansum surgiu de trás de uma das novas paredes, que realmente era mal-assentada em comparação com o cuidadoso trabalho de pedreiro dos antigos templos romanos. Sansum usava um manto preto que, como seu cabelo rigidamente tonsurado, estava embranquecido com o pó de pedra. — A senhora nos causa imensa honra com sua presença — disse ele, enquanto se curvava para Guinevere.

— Não estou lhe fazendo honra, seu verme. Vim mostrar a Derfel a carnificina que está fazendo. Como pode cultuar num lugar assim? — Ela apontou para a igreja semiconstruída. — É o mesmo que usar um curral de vacas!

— Nosso querido senhor nasceu num curral, senhora, de modo que me regozijo ao saber que nossa humilde igreja a faz lembrar de algo assim. — Ele fez outra reverência. Alguns de seus trabalhadores tinham se reunido na extremidade mais distante da construção nova, onde começaram a cantar uma de suas canções sagradas para se guardar da presença maléfica dos pagãos.

— O som certamente se parece com o de um curral — disse Guinevere azedamente, depois passou pelo sacerdote e caminhou sobre o chão cheio de entulho até onde uma cabana de madeira se encostava na parede de tijolo e pedra da casa de Nabur. Em seguida soltou os cães para que eles corressem livres. — Onde está aquela estátua, Sansum? — Ela fez a pergunta por sobre o ombro, enquanto chutava a porta da cabana.

— Infelizmente, graciosa dama, apesar de eu ter tentado salvá-la para a senhora, nosso abençoado Senhor ordenou que fosse derretida. Para os pobres, entende?

Ela se virou selvagememente para o bispo.

— Bronze! Que uso o bronze tem para os pobres? Eles comem bronze? — Ela me olhou. — Uma estátua de Mercúrio, Derfel, do tamanho de um homem alto e lindamente trabalhada. Linda! Obra romana, não britânica, mas sumiu, derretida numa fornalha cristã porque vocês — ela olhava para Sansum de novo, com desprezo no

rosto forte — não podem suportar a beleza. Ficam amedrontados com ela. São como larvas derrubando uma árvore e não têm ideia do que fazem. — Guinevere entrou na cabana, que era obviamente o lugar onde Sansum guardava os objetos valiosos que descobria nos restos do templo. Emergiu com uma pequena estatueta de pedra, que jogou para um de seus guardas. — Não é muito — falou —, mas pelo menos está em segurança de um verme carpinteiro nascido num curral.

Sansum, ainda sorrindo apesar de todos os insultos, me perguntou como ia a luta no Norte.

— Estamos vencendo lentamente — falei.

— Diga ao meu senhor Artur que rezo por ele.

— Reze pelos inimigos dele, seu sapo — disse Guinevere — e talvez vençamos mais rapidamente. — Ela olhou para os seus dois cães que estavam mijando nas paredes novas da igreja. — Cadwy fez um ataque nesta direção no mês passado — disse-me ela — e chegou perto.

— Graças a Deus fomos poupados — acrescentou piedosamente o bispo Sansum.

— Não graças a você, seu verme desgraçado — disse Guinevere. — Os cristãos fugiram. Levantaram a bainha das saias e correram para o Leste. O resto de nós ficou, e Lanval, graças aos Deuses, expulsou Cadwy. — Ela cuspiu na direção da igreja nova. — Com o tempo estaremos livres dos inimigos, e quando isso acontecer, Derfel, vou demolir esse curral e construir um templo digno de um Deus de verdade.

— Para Ísis? — perguntou Sansum, zombeteiro.

— Cuidado — alertou Guinevere —, porque minha Deusa governa a noite, sapo, e ela pode roubar sua alma para se divertir. Ainda que só os Deuses saibam qual seria a serventia de sua alma miserável. Venha, Derfel.

Os dois cães veadeiros foram recolhidos e voltamos morro acima. Guinevere tremia de raiva.

— Viu o que ele está fazendo? Derrubando o que é antigo! Por quê? Para que possa impor suas superstições mesquinhas a nós. Por que não pode deixar o que é antigo em paz? Nós não nos importamos se alguns idiotas querem cultivar um carpinteiro, então por que ele se importa com o que nós cultuamos? Quanto mais Deuses, melhor, é o que eu digo. Por que ofender alguns Deuses para exaltar o seu? Não faz sentido.

— Quem é Ísis? — perguntei ao entrarmos nos portões de sua vila.

Ela me lançou um olhar divertido.

— É a pergunta de meu querido esposo que estou ouvindo?

— Sim.

Ela gargalhou.

— Muito bem, Derfel. A verdade é sempre espantosa. Então Artur está preocupado com minha Deusa?

— Ele está preocupado porque Sansum o preocupa com histórias de

mistérios.

Ela deixou o manto cair nos ladrilhos do pátio, para ser apanhado por uma escrava.

— Diga a Artur que ele não tem com que se preocupar. Ele duvida de meu afeto?

— Ele a adora — falei, cheio de tato.

— E eu a ele. — Ela me sorriu. — Diga-lhe isso, Derfel — acrescentou calorosamente.

— Direi, senhora.

— E diga que ele não precisa se preocupar com relação a Ísis. — Ela segurou minha mão impulsivamente. — Venha — falou como tinha feito quando me levou até o novo templo cristão, mas dessa vez me puxou pelo pátio, pulando por cima dos pequenos canais de água, até uma porta pequena, na última arcada. — Isto — disse ela, soltando minha mão e empurrando a porta — é o templo de Ísis, que tanto preocupa o meu querido senhor.

Hesitei.

— Um homem tem permissão de entrar?

— Durante o dia, sim. À noite? Não. — Ela passou pela porta e empurrou para o lado uma grossa cortina de lã que estava pendurada no interior. Fui atrás, empurrando a cortina até me encontrar num cômodo negro e sem luz. — Fique onde está — alertou ela, e a princípio achei que obedecia a alguma regra de Ísis, mas à medida que meus olhos se acostumaram à escuridão, vi que ela me fizera parar para que eu não tropeçasse num poço de água no chão. A única luz no templo vinha das bordas da cortina, mas enquanto esperava percebi uma luz cinzenta escoando pela extremidade mais distante da sala; então percebi que Guinevere estava puxando camada após camada de cortinas pretas nas paredes, cada uma sustentada por uma haste presa por braçadeiras, e cada uma tecida com trama tão fechada que nenhuma luz atravessava os panos superpostos. Atrás das cortinas, que agora estavam amarrotadas no chão, havia janelas que Guinevere abriu deixando entrar um jorro de luz ofuscante.

— Pronto — disse ela, parada de um dos lados da grande janela em arco —, os mistérios! — Guinevere zombava dos medos de Sansum, mas na verdade a sala era realmente misteriosa, porque era inteiramente preta. O chão era de pedra preta, as paredes e o teto em arco eram pintados de piche. No centro do chão preto havia o raso poço de água preta, e atrás dele, entre o poço e a janela recém-aberta, ficava um baixo trono preto feito de pedra. — Então, o que acha, Derfel?

— Não estou vendo nenhuma Deusa — falei, procurando uma estátua de Ísis.

— Ela vem com a lua — disse Guinevere e tentei imaginar a lua cheia entrando pela janela para brilhar no poço e fazer tremeluzir as

paredes pretas. — Fale de Nimue — ordenou Guinevere — e eu lhe falo de Ísis.

— Nimue é sacerdotisa de Merlin — falei, a voz ecoando na pedra pintada de preto — e está aprendendo os segredos dele.

— Que segredos?

— Os segredos dos Deuses antigos, senhora.

Ela franziu a testa.

— Mas como ele descobre esses segredos? Eu achava que os druidas não escreviam nada. Eles eram proibidos de escrever, não?

— Eram, senhora, mas mesmo assim Merlin procura o conhecimento deles.

Guinevere assentiu.

— Eu sabia que tínhamos perdido alguns conhecimentos. E Merlin está indo encontrá-los? Bom! Isso pode dar um jeito naquele sapo amargo do Sansum. — Ela havia andado até o centro da janela e agora estava olhando sobre os tetos de telha e palha da Durnovária, e por cima das paliçadas do sul e dos montes de grama do anfiteatro mais além, em direção às vastas paredes de terra de Mai Dun, que se erguiam no horizonte. Nuvens brancas se juntavam no céu azul, mas o que fez a respiração se travar na minha garganta foi que agora a luz do sol estava atravessando a camisola de linho branco de Guinevere, de modo que era como se a senhora de meu senhor, a princesa de Henis Wyren, estivesse nua e, naqueles momentos, enquanto o sangue latejava em meus ouvidos, senti ciúme de meu senhor. Será que Guinevere tinha consciência da traição daquele sol? Pensei que não, mas podia estar errado. Ela estava de costas para mim, mas de repente deu meia-volta para me olhar. — Lunete conhece magia?

— Não, senhora.

— Mas ela aprendeu com Nimue, não foi?

— Não. Ela nunca teve permissão de entrar nos aposentos de Merlin. Ela não tinha interesse.

— Mas você já esteve nos aposentos de Merlin?

— Só duas vezes. — Eu podia ver seus seios e, deliberadamente, baixei o olhar para o poço negro, mas ele apenas espelhava a beleza dela, e acrescentava um brilho ardente ao seu corpo comprido e esguio. Um silêncio pesado baixou e percebi, pensando em nossas últimas palavras, que Lunete devia ter dito que possuía algum conhecimento da magia de Merlin, e que sem dúvida eu tinha acabado de estragar essa afirmação. — Talvez — falei sem jeito — Lunete saiba mais do que tenha me dito, não é?

Guinevere deu de ombros e se virou para o outro lado. Levantei os olhos de novo.

— Mas você diz que Nimue é mais capaz do que Lunete?

— Infinitamente, senhora.

— Duas vezes exigi que Nimue viesse até mim — disse Guinevere incisivamente — e duas vezes ela recusou. Como posso fazer com que venha a mim?

— O melhor modo de obrigar Nimue a fazer qualquer coisa é proibi-la de fazer.

Houve silêncio de novo na sala. Os sons da cidade eram bastante altos; o grito dos falcoeiros no mercado, os estalos das rodas de carroças nas pedras, cães latindo, um bater de potes numa cozinha próxima, mas na sala havia silêncio.

— Um dia — Guinevere rompeu nosso silêncio — construirei um templo para Ísis lá em cima. — Ela apontou para as fortificações de Mai Dun, que preenchiam o céu do sul. — Aquele lugar é sagrado?

— Muito.

— Bom. — Ela se virou de novo para mim, com o sol enchendo seu cabelo ruivo e fazendo brilhar a pele por baixo da camisola fina. — Não quero fazer jogos infantis, Derfel, tentando ser mais esperta do que Nimue. Quero que ela venha aqui. Preciso do poder de uma sacerdotisa. Preciso de uma amiga dos Deuses antigos se devo lutar contra aquele verme do Sansum. Preciso de Nimue, Derfel. Então, pelo amor que tem por Artur, diga: que mensagem irá trazê-la aqui? Diga isso e lhe conto por que cultuo Ísis.

Fiz uma pausa, pensando em que engodo poderia atrair Nimue.

— Diga-lhe — falei enfim — que Artur lhe dará Gundleus se ela obedecer à senhora. Mas certifique-se de que ele cumpra a promessa.

— Obrigada, Derfel. — Ela sorriu, depois sentou-se no negro trono de pedra polida. — Ísis é uma Deusa, e o trono é seu símbolo. Um homem pode sentar-se no trono de um reino, mas Ísis pode determinar quem é esse homem. Por isso eu a cultuo.

Senti o cheiro de traição em suas palavras.

— O trono deste reino, senhora — falei, repetindo a afirmação frequente de Artur —, é ocupado por Mordred.

Guinevere zombou dessa afirmativa com um muxoxo.

— Mordred não pode ocupar nem mesmo um penico! Mordred é um aleijado! Mordred é uma criança mal-educada que já sente o cheiro do poder como um porco farejando para cobrir uma porca. — Sua voz estava dura como um chicote e cheia de escárnio. — E desde quando, Derfel, um trono era entregue de pai para filho? Nunca foi assim nos velhos tempos! O melhor homem da tribo assumia o poder, e é assim que deve ser hoje. — Ela fechou os olhos como se de repente se arrependesse do que tinha dito. — Você é amigo do meu marido? — perguntou depois de um tempo, com os olhos abertos de novo.

— A senhora sabe que sou.

— Então você e eu somos amigos, Derfel. Somos um só, porque ambos amamos Artur, e você acha, meu amigo Derfel Cadarn, que

Mordred será um rei melhor do que Artur?

Hesitei, porque ela me convidava a verbalizar uma traição, mas também me convidava a falar honestamente num local sagrado, por isso lhe dei a verdade.

— Não, senhora. O príncipe Artur seria melhor rei.

— Bom. — Ela sorriu. — Então diga a Artur que ele não tem o que temer e tem muito a ganhar com meu culto a Ísis. Diga que é pelo seu futuro que cultuo aqui, e que nada que acontece nesta sala pode lhe fazer mal. Está suficientemente claro?

— Eu lhe direi, senhora.

Ela me encarou durante longo tempo. Fiquei ereto, em posição de soldado, com o manto tocando o chão preto, Hywelbane ao lado do corpo e a barba crescida dourada à luz do sol no templo.

— Vamos vencer esta guerra? — perguntou Guinevere depois de um tempo.

— Sim, senhora.

Ela sorriu diante da minha confiança.

— Diga por quê.

— Porque Gwent se mantém como uma rocha no Norte, porque os saxões lutam entre si, como nós, e assim nunca vão se juntar contra nós. Porque Gundleus de Silúria está aterrorizado com a possibilidade de outra derrota. Porque Cadwy é uma lesma que será esmagada quando tivermos tempo livre. Porque Gorfyddyd sabe lutar, mas não sabe liderar exércitos. E acima de tudo, senhora, porque temos o príncipe Artur.

— Bom — disse ela de novo, depois se levantou de modo que o sol inundou aquela fina camisola de linho. — Você deve ir, Derfel. Já viu o bastante. — Ruborizei e ela gargalhou. — E encontre um riacho! — gritou enquanto eu passava pela cortina da porta. — Porque está fedendo como um saxão!

Encontrei um riacho, lavei-me, depois levei meus homens para o sul, em direção ao mar.

NÃO GOSTO DO MAR. É frio e traiçoeiro, e seus inquietos morros cinzentos correm interminavelmente do oeste distante, onde o sol morre a cada dia. Em algum lugar além daquele horizonte vazio, disseram-me os marinheiros, fica a fabulosa terra de Lyonesse, mas ninguém a viu, ou certamente ninguém jamais voltou de Lyonesse, por isso ela se tornou um porto abençoado para todos os pobres marinheiros; uma terra de delícias terrenas onde não há guerra, nem fome e, acima de tudo, nem navios para atravessar o mar cheio de corcovas e cinzento com suas ondas de cristas brancas assoladas pelo vento, chicoteando pelas encostas cinza-esverdeadas que golpeavam tão implacavelmente nossos pequenos navios. O litoral da Dumnonia parecia tão verde! Eu não havia percebido o quanto amava esse lugar até que o deixei pela primeira vez.

Meus homens viajavam em três navios, todos impulsionados pelos remos dos escravos, mas assim que saímos do rio um vento veio do oeste e os remos foram recolhidos enquanto as velas maltrapilhas arrastavam os navios desajeitados descendo as longas laterais precipitosas das ondas. Muitos de meus homens ficaram enjoados. Eram jovens, na maioria mais jovens do que eu, porque a guerra é realmente um jogo de meninos, mas alguns eram mais velhos. Cavan, meu segundo no comando, tinha quase 40 anos, uma barba grisalha e um rosto entrecruzado de cicatrizes. Era um irlandês azedo que servira a Uther e que agora não achava nada estranho em ser comandado por um homem com metade de sua idade. Ele me chamava de senhor, presumindo que, como eu vinha do Tor, era herdeiro de Merlin, ou pelo menos um filho senhorial do mago gerado numa escrava saxã. Artur tinha me dado Cavan, acho, para o caso da minha autoridade não se mostrar maior do que meus anos, mas com toda honestidade nunca tive problemas para comandar homens. Você diz aos soldados o que eles devem fazer, você faz, pune-os quando falham, mas afora isso os recompensa bem e lhes dá a vitória. Meus lanceiros eram todos voluntários e estavam indo para Benoic porque queriam me servir ou, mais provavelmente, porque acreditavam que haveria pilhagens e glórias maiores ao sul do mar. Viajávamos sem mulheres, cavalos ou serviçais. Eu tinha dado a liberdade a Canna despachando-a para o Tor, esperando que Nimue cuidasse dela, mas duvidava que fosse rever minha pequena saxã. Ela encontraria logo um marido enquanto eu encontraria a Bretanha e veria pessoalmente a fabulosa beleza de Ynys Trebes.

Bleiddig, o chefe mandado pelo rei Ban, viajava conosco. Ele

reclamou da minha pouca idade, mas após Cavan ter grunhido dizendo que eu provavelmente matara mais homens do que o próprio Bleiddig, este decidiu manter para si as reservas com relação a mim. Ainda reclamava de que nosso número era muito pequeno. Disse que os francos eram famintos por terras, bem armados e numerosos. Duzentos homens podiam fazer diferença, dizia agora, mas não sessenta.

Naquela primeira noite ancoramos na baía de uma ilha. As ondas rugiam passando pela boca da baía enquanto na praia um bando de homens maltrapilhos gritava para nós e algumas vezes atiravam flechas precárias que caíam longe de nossos três navios. O comandante da nossa embarcação temia que uma tempestade estivesse chegando e sacrificou um cabrito que estava a bordo exatamente para isso. Ele espalhou o sangue do animal agonizante na proa e de manhã os ventos haviam se acalmado, mas uma grande névoa tinha se espalhado sobre o mar. Nenhum dos capitães navegaria na névoa, por isso esperamos um dia e uma noite inteiros, e então, sob um céu claro, remamos para o sul. Foi um dia longo. Rodeamos algumas rochas pavorosas coroadas com os ossos de navios naufragados, e então, numa tarde quente, com vento fraco e uma maré montante ajudando nossos cansados remadores, entramos num rio largo onde, sob as asas afortunadas de um bando de cisnes, atracamos a embarcação. Havia uma fortaleza ali perto, e homens armados vieram à margem do rio nos desafiar, mas Bleiddig gritou dizendo que éramos amigos. Os homens gritaram de volta em língua britânica, dando as boas-vindas. O sol que se punha estava dourando os redemoinhos e as ondulações do rio. O lugar cheirava a peixe, sal e alcatrão. Redes pretas pendiam de suportes ao lado de barcos pesqueiros atracados, fogueiras ardiam debaixo das panelas de sal, cães corriam entrando e saindo das pequenas ondas, latindo para nós, e um grupo de crianças veio de algumas cabanas próximas, para olhar enquanto chapinhávamos até a margem.

Segui primeiro, levando meu escudo, com o símbolo do urso de Artur, virado de cabeça para baixo. Depois de passar pela linha da maré alta, cheia de destroços, enfié o cabo da lança na areia e fiz uma oração a Bel, meu protetor, e a Manawydan, o Deus do mar, para que um dia me levassem de volta da Armórica, de volta para o lado do meu senhor, de volta a Artur na abençoada Britânia.

Então fomos à guerra.

OUVI HOMENS DIZEREM QUE NENHUMA cidade, nem mesmo Roma ou Jerusalém, era tão bela quanto Ynys Trebes, e talvez esses homens falassem a verdade, porque apesar de não ter visto aquelas outras, conheci Ynys Trebes, e era um local de maravilhas, uma cidade espantosa, o lugar mais bonito que já vi. Era construída numa íngreme ilha de granito dentro de uma baía ampla e rasa que podia se encher de espuma e uivar com o vento, mas dentro de Ynys Trebes tudo ficava calmo. No verão a baía tremulava de calor, mas dentro da capital de Benoic sempre parecia fresco. Guinevere teria amado Ynys Trebes, porque todas as coisas antigas eram consideradas tesouros, e nada de feio tinha permissão de manchar sua graça.

Os romanos estiveram em Ynys Trebes, claro, mas não a haviam fortificado, apenas construído um par de vilas no cume. As vilas continuavam ali: o rei Ban e a rainha Elaine tinham-nas juntado e depois aumentado, pilhando edifícios romanos no continente em busca de colunas, pedestais, mosaicos e estátuas, de modo que agora o cume da ilha era coroado por um palácio arejado, cheio de luz, onde cortinas de linho branco balançavam a cada sopro de vento do mar brilhante. A ilha era mais facilmente alcançada por barco, mas havia uma espécie de caminho que era coberto a cada maré alta, e que na maré baixa podia ficar traiçoeiro com areias movediças. Cordas de vime marcavam o caminho, mas o surgimento das gigantescas marés da baía arrastavam as marcas e apenas um idiota tentaria a passagem sem contratar os serviços de um guia local para se desviar das areias sugadoras e dos riachos trêmulos. Nas marés mais baixas, Ynys Trebes emergia do mar e ficava em meio a uma vastidão de areias onduladas, cortadas por sulcos e poças, enquanto nas marés mais altas, quando o vento soprava forte do oeste, a cidade era como um navio monstruoso abrindo caminho intrepidamente pelos mares tumultuosos.

Abaixo do palácio havia um amontoado de construções menores que se agarravam às íngremes encostas de granito como ninhos de aves marinhas. Havia templos, lojas, igrejas e casas, tudo caiado, tudo feito de pedra, tudo enfeitado com esculturas e decorações que não foram desejadas no alto palácio de Ban, e todos dando para a estrada pavimentada de pedras que subia em degraus em volta da ilha, até a casa real. Havia um pequeno cais de pedra no lado leste, onde os barcos podiam atracar, mas apenas no tempo mais calmo a atracação era possível, e por isso os nossos navios tinham nos deixado num lugar seguro, a um dia de marcha a oeste. Além do cais havia um pequeno

porto que não passava de uma piscina de maré protegida por bancos de areia. Na maré baixa a piscina era separada do mar enquanto na alta o abrigo era precário sempre que o vento estava no norte. Em volta de toda a base da ilha, a não ser nos lugares onde o granito era íngreme demais para se subir, um muro de pedra tentava manter a distância o mundo exterior. Fora de Ynys Trebes era o tumulto, os inimigos francos, sangue, pobreza e doença, enquanto dentro da muralha ficava o aprendizado, a música, a poesia e a beleza.

Eu não deveria ficar na amada capital insular do rei Ban. Minha tarefa era defender Ynys Trebes lutando na área continental de Benoic, onde os francos entravam nas fazendas que sustentavam a luxuosa capital, mas Bleiddig insistiu para que eu conhecesse o rei, por isso fui guiado pelo caminho de areia, pelo portão da cidade que era decorado com um tritão brandindo um tridente, e subi a estrada íngreme que levava ao alto palácio. Todos os meus homens tinham permanecido em terra, e desejei tê-los trazido para ver as maravilhas da cidade: os portões esculpidos; a íngreme escada de pedra que subia e descia pela ilha de granito entre os templos e as lojas; as casas avarandadas cheias de vasos com flores; as estátuas e as fontes que jorravam água limpa e fresca em valas de mármore esculpido onde qualquer pessoa podia mergulhar um balde ou se curvar para beber. Bleiddig era o meu guia e rosnava dizendo como a cidade era um desperdício de dinheiro bom que deveria ser gasto nas defesas em terra. Mas eu estava maravilhado. Esse, pensei, era um local pelo qual valeria lutar.

Bleiddig me guiou pela última porta decorada com um tritão e entramos no pátio do palácio. As construções do palácio, cobertas de trepadeiras, tomavam três lados do pátio enquanto o terceiro era limitado por uma série de arcos pintados de branco que se abriam para uma longa vista do mar. Havia guardas de mantos brancos em todas as portas, com os cabos das lanças polidos e as pontas brilhando.

— Eles não são de utilidade terrena — murmurou Bleiddig para mim. — Não seriam capazes de lutar com um cachorrinho, mas são bonitos.

Um cortesão de toga branca nos encontrou na porta do palácio e nos acompanhou de sala em sala, cada uma delas cheia de raros tesouros. Havia estátuas de alabastro, pratos de ouro, e uma sala forrada de espelhos que me deixou boquiaberto quando me vi refletido numa distância interminável: um soldado barbudo, sujo, com manto castanho, ficando cada vez menor nas figuras cada vez menores nos espelhos. Na sala seguinte, pintada de branco e com cheiro de flores, uma garota tocava harpa. Usava uma túnica curta e nada mais. Sorrii quando passamos e continuou tocando. Seus seios eram dourados do sol, o cabelo era curto e o sorriso tranquilo.

— Parece um bordel — confidenciou Bleiddig num sussurro áspero

— e eu gostaria de que fosse. Nesse caso poderia ter alguma utilidade.

O cortesão togado abriu o último par de portas com maçanetas de bronze e fez uma reverência, levando-nos a uma sala ampla que dava para o mar brilhante.

— Senhor rei — ele se curvou para o único ocupante da sala —, o chefe Bleiddig e Derfel, capitão da Dumnonia.

Um homem alto e magro, com rosto preocupado e cabelos brancos rareando se levantou de trás de uma mesa onde estivera escrevendo num pergaminho. Um sopro de vento agitou seu trabalho e ele se apressou em prender os cantos do pergaminho com chifres de tinta e pedras-de-serpente.

— Ah, Bleiddig! — disse o rei enquanto avançava para nós. — Você voltou, estou vendo. Bom, bom. Algumas pessoas nunca voltam. Os navios não sobrevivem. Deveríamos pensar nisso. A resposta será navios maiores? O que você acha? Ou será que os construímos mal? Não sei se temos as habilidades adequadas para construir barcos, ainda que nossos pescadores jurem que sim, mas alguns deles também nunca voltam. É um problema. — O rei Ban parou na metade da sala e coçou a têmpora, transferindo ainda mais tinta para os cabelos ralos. — Nenhuma solução imediata se sugere — anunciou finalmente, depois me espiou. — Drivel, não é?

— Derfel, senhor rei — falei, apoiando-me num dos joelhos.

— Derfel! — Ele pronunciou meu nome com espanto. — Derfel! Deixe-me pensar agora! Derfel. Acho, se é que esse nome significa alguma coisa, que é “pertencente a um druida”. Você pertence a um druida, Derfel?

— Fui criado por Merlin, senhor.

— Foi? Foi mesmo! Minha nossa! Isso é incrível. Vejo que precisamos conversar. Como vai meu querido Merlin?

— Ele não foi visto nos últimos cinco anos, senhor.

— Então ele está invisível! Oh! Sempre achei que esse poderia ser um dos seus truques. E um truque útil. Devo pedir aos meus sábios que investiguem. Levante-se, levante-se. Não suporto gente se ajoelhando para mim. Não sou um Deus, pelo menos não creio que seja. — O rei me inspecionou quando me levantei e pareceu desapontado com o que viu. — Você parece um franco! — observou perplexo.

— Sou dumnoniano, senhor rei — falei com orgulho.

— Tenho certeza de que sim, e rezo para que seja um dumnoniano que esteja precedendo Artur, não é? — perguntou com expectativa.

Eu não estivera ansioso por esse momento.

— Não, senhor. Artur está sendo atacado por muitos inimigos. Ele luta pela existência do nosso reino e por isso me mandou com alguns homens, tudo que pudemos ceder, e deverei escrever-lhe se precisarmos de mais.

— Mais serão necessários, sem dúvida — disse Ban tão ferozmente quanto permitia sua voz fina, aguda. — Claro que sim. Então você trouxe alguns homens, não foi? Quantos são esses alguns, exatamente?

— Sessenta, senhor.

O rei caiu abruptamente num assento de madeira incrustado com marfim.

— Sessenta! Eu esperava trezentos! E o próprio Artur. Você parece muito jovem para ser um capitão de homens — falou em tom dubio, depois se alegrou de súbito. — Eu o ouvi corretamente? Você disse que sabe escrever?

— Sim, senhor.

— E ler? — insistiu ele, ansioso.

— Sei, senhor rei.

— Veja só, Bleiddig! — gritou o rei numa voz triunfante enquanto saltava da cadeira. — Alguns guerreiros sabem ler e escrever! Isso não os torna menos homens. Não os reduz à posição mesquinha de escrivães, mulheres, reis ou poetas como você tanto acredita. Oh! Um guerreiro letrado. Por algum acaso feliz, você escreve poesia?

— Não, senhor.

— Que pena! Somos uma comunidade de poetas. Somos uma irmandade. Nós nos chamamos de *fili*, e a poesia é nossa amante séria. Você poderia dizer que é a nossa tarefa sagrada. Quem sabe você se inspira? Venha comigo, meu letrado Derfel.

Tendo esquecido a ausência de Artur, Ban atravessou a sala às pressas, chamando-me a passar por uma segunda porta dupla, grandiosa, e outra pequena sala onde uma segunda harpista, seminua como a primeira e igualmente bela, tocava suas cordas, depois entramos numa grande biblioteca.

Eu nunca tinha visto antes uma biblioteca de verdade, e o rei Ban, deliciado em me mostrar a sala, observava minha reação. Fiquei boquiaberto, e não era de espantar, porque pergaminho após pergaminho era amarrado com fita e guardado em caixas feitas sob medida, com a extremidade aberta, que ficavam uma em cima da outra como as células de uma colmeia. Havia centenas de células assim, cada uma com seu rolo de pergaminho e cada célula rotulada com uma letra muito bem-feita.

— Que línguas você fala, Derfel? — perguntou Ban.

— Saxão, senhor, e britânico.

— Ah. — Ele estava desapontado. — Apenas línguas rudes. Eu agora domino latim, grego, britânico, claro, e um pouco de árabe. O padre Celwin, ali, fala dez vezes esse número de línguas, não é, Celwin?

O rei se dirigia ao único ocupante da biblioteca, um velho padre de barba branca com as costas grotescamente corcundas e um capuz preto de monge. O padre levantou a mão fina, cumprimentando, mas não

ergueu os olhos dos pergaminhos que estavam fixados com pesos sobre a mesa. Pensei por um momento que o padre estava com um cachecol de pele dobrado nas costas do capuz de monge, depois vi que era um gato cinza que levantou a cabeça, me olhou, bocejou e depois voltou a dormir. O rei Ban ignorou a grosseria do padre, conduziu-me pelas fileiras de caixas e falou dos tesouros que colecionava.

— O que tenho aqui — disse com orgulho — é qualquer coisa que os romanos deixaram e qualquer coisa que meus amigos pensam em me mandar. Alguns dos manuscritos são antigos demais para ser manuseados, por isso nós os copiamos. Vejamos aqui, o que é isto? Ah, sim, uma das doze peças de Aristófanes. Eu tenho todas, claro. Esta aqui é *Os babilônios*. Uma comédia em grego, meu jovem.

— E nem um pouco engraçada — disse o padre rispidamente, de sua mesa.

— E tremendamente divertida — disse o rei Ban, sem se abalar com a grosseria do padre, à qual evidentemente estava acostumado. — Talvez os *fili* devam construir um teatro para representá-la, não é? Ah, disto você vai gostar. A *Ars Poetica*, de Horácio. Eu mesmo copiei.

— Não é de espantar que esteja ilegível — exclamou o padre Celwin.

— Faço todo o estudo das máximas de Horácio para os *fili* — disse o rei.

— Motivo pelo qual eles são poetas tão execráveis — interveio o padre, mas mesmo assim não ergueu o olhar de seus pergaminhos.

— Ah, Tertuliano! — O rei tirou um rolo de sua caixa e soprou poeira do pergaminho. — Uma cópia de seu *Apologeticus*!

— Tudo besteira — disse Celwin. — Desperdício de tinta preciosa.

— A própria eloquência! Não sou cristão, Derfel, mas alguns textos cristãos são cheios de bom sentido moral.

— Não esta coisa — reiterou o padre.

— Ah, e esta é uma obra que você já deve conhecer — disse o rei, retirando outro rolo de sua caixa. — As *Meditações*, de Marco Aurélio. É um guia sem paralelos, meu caro Derfel, para o modo como um homem deve viver.

— Trivialidades em mau grego escritas por um romano chato — rosnou o padre.

— Provavelmente o maior livro já escrito — disse o rei em voz sonhadora, guardando o Marco Aurélio e pegando outra obra. — E isto é uma curiosidade, de fato. O grande tratado de Aristarco de Samos. Você conhece, não é?

— Não, senhor — confessei.

— Talvez não esteja na lista de leituras de todo mundo — admitiu o rei com tristeza —, mas é um divertimento exótico. Aristarco afirma, não ria, que a terra gira em torno do sol e não o sol em torno da terra. — Ban ilustrou essa noção absurda com extravagantes movimentos

circulares dos braços compridos. — Ele entendeu tudo ao contrário, entende?

— Para mim parece sensato — disse Celwin, ainda sem erguer o olhar de seu trabalho.

— E Silius Italicus! — O rei fez um gesto para todo um grupo de células cheias de rolos. — O querido Silius Italicus! Tenho todos os 18 volumes de sua história da Segunda Guerra Púnica. Tudo em versos, claro. Que tesouro!

— A segunda guerra túrgida — zombou o padre.

— Esta é a minha biblioteca — disse Ban orgulhosamente, conduzindo-me para fora da sala —, a glória de Ynys Trebes! Isso e nossos poetas. Desculpe por tê-lo perturbado, padre.

— Um camelo pode ser perturbado por um gafanhoto? — perguntou o padre Celwin, depois a porta foi fechada e acompanhei o rei, passando pela harpista de peito nu, até onde Bleiddig esperava.

— O padre Celwin está fazendo pesquisas sobre a envergadura das asas dos anjos — anunciou Ban orgulhosamente. — Talvez eu deva perguntar a ele sobre a invisibilidade. Ele parece saber de tudo. Mas você vê agora, Derfel, por que é tão importante que Ynys Trebes não caia? Neste pequeno lugar, meu caro amigo, está guardada a sabedoria de nosso mundo, reunida de suas ruínas e abrigada. O que será um camelo? Você sabe o que é um camelo, Bleiddig?

— Uma espécie de carvão, senhor. Os ferreiros o usam para fazer aço.

— É mesmo? Que interessante. Mas o carvão não seria incomodado por um gafanhoto, seria? A contingência dificilmente surgiria, então por que sugeri-la? Que espantoso! Devo perguntar ao padre Celwin quando ele estiver com humor para ouvir perguntas, o que não acontece com frequência. Agora, meu jovem, sei que você veio salvar o meu reino e tenho certeza de que está ansioso para fazer isso, mas primeiro deve ficar para o jantar. Meus filhos estão aqui, ambos são guerreiros! Eu tinha esperado que eles dedicassem a vida à poesia e à erudição, mas a época exige guerreiros, não é? Mesmo assim, meu querido Lancelot valoriza os *fili* tanto quanto eu, de modo que há esperança para o nosso futuro. — Ele fez uma pausa, franziu o nariz e me ofereceu um sorriso gentil. — Você vai querer tomar um banho, acho, não é?

— Vou?

— Sim — disse Ban decisivamente. — Leonor vai levá-lo à sua câmara, preparar seu banho e lhe dar roupas. — Ele bateu palmas e a primeira harpista apareceu junto à porta. Parecia ser Leonor.

Eu estava num local à beira do mar, cheio de luz e beleza, assombrado por música, sagrado para a poesia e encantado por seus habitantes que me pareciam vir de outra época e outro mundo.

E então conheci Lancelot.

— VOCÊ É PRATICAMENTE uma criança — disse-me Lancelot.

— Verdade, senhor. — Estava comendo lagosta encharcada em manteiga derretida e não creio que tenha comido algo tão delicioso, antes ou depois.

— Artur nos insulta mandando uma mera criança.

— Não é verdade, senhor — falei, com manteiga pingando na barba.

— Você me acusa de mentir? — perguntou enfático Lancelot, o edling de Benoic.

Sorri para ele.

— Acuso-o, senhor príncipe, de estar equivocado.

— Sessenta homens? — zombou ele. — É só isso que Artur pode conseguir?

— Sim, senhor.

— Sessenta homens comandados por uma criança — disse Lancelot com escárnio. Ele era apenas um ou dois anos mais velho que eu, mas possuía o cansaço mundano de um homem muito mais velho. Era selvagemmente belo, alto e de boa compleição, com rosto estreito e de olhos escuros, tão impressionante em sua masculinidade como Guinevere o era em sua feminilidade, ainda que houvesse algo perturbadoramente ofídico na aparência distanciada de Lancelot. Tinha cabelos escuros que usava em cachos oleados presos com pentes de ouro, o bigode e a barba eram bem cortados e oleados até brilhar, e usava um perfume que cheirava a lavanda. Era o homem de melhor aparência que eu já vira e, pior, sabia disso. E desgostei dele no instante em que o vi. Nós nos conhecemos no salão de festas de Ban, que era diferente de qualquer outro que eu já vira. Este possuía colunas de mármore, cortinas brancas que nublavam a vista do mar, e paredes rebocadas e lisas onde havia pinturas de Deuses, Deusas e animais fabulosos. Serviçais e guardas se alinhavam junto à parede da sala graciosa iluminada por uma miríade de pequenos pratos de bronze onde pavios flutuavam em óleo, e grossas velas de cera de abelha queimavam na mesa comprida coberta por tecido branco que eu manchava constantemente com pingos de manteiga, assim como manchava a toga desajeitada que o rei Ban insistira em que eu usasse na festa.

Eu estava adorando a comida e odiando a companhia. O padre Celwin estava presente e eu teria gostado da chance de conversar com ele, mas o velho estava irritando um dos três poetas à mesa, todos membros do amado bando de *fili* do rei Ban, enquanto eu me encontrava perdido na extremidade da mesa com o príncipe Lancelot. A rainha Elaine, ao lado do marido, o rei, defendia os poetas contra as invectivas de Celwin, que pareciam muito mais divertidas do que a conversa amarga de Lancelot.

— Artur nos insulta — insistiu Lancelot de novo.

— Lamento que o senhor pense assim — respondi.

— Você nunca discute, criança?

Olhei em seus olhos chapados e duros.

— Acho pouco sensato guerreiros discutirem numa festa, senhor príncipe.

— Então você é uma criança tímida!

Suspirei e baixei a voz.

— O senhor realmente quer uma discussão, senhor príncipe? — perguntei, a paciência finalmente chegando ao fim. — Porque se quer, basta me chamar de criança de novo e arranco o seu crânio. — Sorri.

— Criança — disse ele após o tempo de uma batida de coração.

Dei-lhe outro olhar perplexo, imaginando se ele estava fazendo um jogo com regras que eu não conhecia, mas, se fazia isso, o jogo era mortalmente sério.

— Dez vezes a espada preta — falei.

— O quê? — Lancelot franziu a testa, não reconhecendo a fórmula mitraica que significava que ele não era meu irmão. — Ficou maluco? — perguntou, e depois de uma pausa: — Você é uma criança maluca, além de tímida?

Bati nele. Eu devia ter mantido o controle, mas o desconforto e a raiva suplantaram qualquer prudência. Dei-lhe um golpe com meu cotovelo que tirou sangue de seu nariz, rachou o lábio e o derrubou da cadeira, para trás. Ele se esparramou no chão e tentou jogar em mim a cadeira caída, mas fui muito rápido e estava perto demais para que o golpe tivesse força. Chutei a cadeira para o lado, levantei-o e o empurrei de costas contra uma coluna onde bati sua cabeça contra a pedra e pus o joelho em sua virilha. Ele se encolheu. Sua mãe gritava, enquanto o rei Ban e os convidados poéticos simplesmente me olhavam boquiabertos. Um guarda nervoso, de manto branco, pôs a ponta de sua lança em minha garganta.

— Tire-a — falei ao guarda —, ou então você é um homem morto.

— Ele a afastou e perguntei a Lancelot: — O que sou, senhor príncipe?

— Uma criança.

Pus o antebraço em sua garganta, meio sufocando-o. Ele lutou, mas não pôde se livrar de mim.

— O que sou, senhor? — perguntei de novo.

— Uma criança — grasnou ele.

Alguém tocou em meu braço e me virei, vendo um homem de cabelos claros, da minha idade, sorrindo. Ele estivera sentado na extremidade oposta da mesa, e eu presumira que fosse outro poeta. Mas, essa suposição estava errada.

— Há muito tempo eu queria fazer o que você fez — disse o rapaz.

— Mas, se quiser que meu irmão pare de dizer insultos, terá de matá-lo, e a honra familiar insistirá em que eu o mate, e não sei se quero isso.

Soltei o braço da garganta de Lancelot. Por alguns segundos ele ficou

ali, tentando respirar, depois balançou a cabeça, cuspiu em mim e voltou para a mesa. Seu nariz sangrava, os lábios estavam inchados e o cabelo cuidadosamente oleado pendia numa desarrumação lamentável. Seu irmão parecia divertido com a briga.

— Sou Galahad, e tenho orgulho de conhecer Derfel Cadarn.

Agradei, depois me forcei a ir até a cadeira do rei Ban onde, apesar da declarada aversão dele por gestos respeitosos, me ajoelhei.

— Pelo insulto à sua casa, senhor rei, peço desculpas e me submeto à sua punição.

— Punição? — disse Ban em voz surpresa. — Não seja tão idiota. É só o vinho. Vinho demais. Deveríamos pôr água no vinho como os romanos faziam, não é, padre Celwin?

— Coisa ridícula de se fazer — disse o velho sacerdote.

— Nada de punições, Derfel — disse Ban. — E fique de pé, não suporto ser cultuado. E qual foi a sua ofensa? Simplesmente ser ávido numa discussão. E qual é o erro nisso? Eu gosto de uma discussão, não é, padre Celwin? Um jantar sem discussão é como um dia sem poesia. — O rei ignorou o comentário ácido do padre sobre como seria um dia assim. — E meu filho Lancelot é um homem precipitado. Tem coração de guerreiro e alma de poeta, e isso, temo, é a mistura mais inflamável. Fique e coma. — Ban era um monarca extremamente generoso, mas notei que sua rainha, Elaine, não estava nem um pouco satisfeita com a decisão. Ela possuía cabelos grisalhos, mas o rosto não era enrugado e continha uma graça e uma calma que combinavam com a beleza serena de Ynys Trebes. Mas naquele momento a rainha franzia a testa para mim, numa desaprovação severa.

— Todos os guerreiros dumnonianos são tão mal-educados? — perguntou ela à mesa em geral, numa voz azeda.

— A senhora quer que os guerreiros sejam cortesãos? — retrucou Celwin bruscamente. — A senhora mandaria seus preciosos poetas para matar os francos? E não quero dizer recitando os versos deles para os inimigos, embora, pensando bem, isso pudesse ser bastante eficaz. — Ele olhou de esguelha para a rainha e os três poetas estremeceram. De algum modo Celwin tinha escapado da proibição de coisas feias em Ynys Trebes porque, sem o capuz que usava na biblioteca, ele parecia um homem espantosamente desfavorecido, com um olho esbugalhado, um tapa-olho mofado no outro, uma boca torta e azeda, cabelo sebento que crescia por trás de uma tonsura malfeita, barba imunda que meio escondia uma cruz tosca de madeira pendurada no peito fundo, e com um corpo curvado e torto, distorcido pela corcunda estupenda. O gato cinza que estivera pendurado em seu pescoço na biblioteca estava agora enrolado em seu colo, comendo migalhas de lagosta.

— Venha para o meu lado da mesa — disse Galahad — e não se culpe.

— Mas eu me culpo. A culpa é minha. Deveria ter mantido o controle.

— Meu irmão, ou melhor, meio-irmão — disse Galahad quando os lugares tinham sido rearrumados —, adora zombar das pessoas. É o esporte dele, mas a maioria não ousa responder porque ele é o edling, o que significa que um dia terá poderes de vida e morte. Mas você fez a coisa certa.

— Não, a coisa errada.

— Não vou discutir. Mas vou levá-lo para a terra firme esta noite.

— Esta noite? — Eu estava surpreso.

— Meu irmão não aceita a derrota facilmente — disse Galahad em voz baixa. — Uma faca nas costelas enquanto você estiver dormindo? Se eu fosse você, Derfel Cadarn, iria me juntar aos seus homens em terra, para dormir em segurança junto deles.

Olhei para o outro lado da mesa, onde Lancelot, o homem de beleza sombria, era consolado pela mãe, que limpava o sangue de seu rosto com um lenço embebido em vinho.

— Meio-irmão? — perguntei a Galahad.

— Sou filho da amante do rei, e não de sua esposa. — Galahad se inclinou para perto de mim e explicou em voz baixa. — Mas papai tem sido bom para mim e insiste em me chamar de príncipe.

Agora o rei Ban discutia com o padre Celwin sobre algum ponto obscuro da teologia cristã. Mas debatia com entusiasmo cortês enquanto Celwin cuspiam insultos e os dois se divertiam tremendamente.

— Seu pai me disse que você e Lancelot são guerreiros — falei a Galahad.

— Os dois? — Galahad riu. — Meu caro irmão emprega poetas e bardos para cantar elogios a ele como se fosse o maior guerreiro da Armórica, mas ainda não o vi numa fileira de escudos.

— Mas preciso lutar para preservar a herança dele — falei com azedume.

— O reino está perdido — disse Galahad descuidadamente. — Papai gastou o dinheiro em construções e manuscritos, e não em soldados, e aqui em Ynys Trebes estamos muito longe de nosso povo, de modo que eles preferem recuar para Broceliande a nos procurar pedindo ajuda. Os francos estão vencendo em toda parte. O seu serviço, Derfel, é ficar vivo e voltar para casa em segurança.

Sua honestidade me fez olhá-lo com um novo interesse. Ele tinha um rosto mais largo e mais grosseiro que o irmão, e mais aberto; o tipo de rosto que você ficaria satisfeito em ver ao lado direito na linha de escudos. O lado direito de um homem é defendido pelo escudo do vizinho, de modo que era bom ter boas relações com esse homem, e Galahad, senti instintivamente, seria um homem fácil de gostar.

— Está dizendo que não deveríamos lutar contra os francos? —

perguntei em voz baixa.

— Estou dizendo que a luta está perdida, mas sim, você jurou a Artur que lutaria, e cada momento que Ynys Trebes viver é um momento de luz num mundo escuro. Estou tentando persuadir meu pai a mandar sua biblioteca para a Britânia, mas acho que ele preferiria cortar o próprio coração primeiro. Mas, quando chegar a hora, tenho certeza, ele irá mandá-la. Agora — Galahad empurrou para trás sua cadeira dourada — você e eu devemos sair. Antes — acrescentou baixo — que os *fili* recitem. A não ser, claro, que goste de versos intermináveis sobre as glórias do luar sobre campos de juncos.

Levantei-me e bati na mesa com uma das facas especiais para comer, que o rei Ban oferecera aos convidados. Agora aqueles convidados me olhavam, cautelosos.

— Devo me desculpar — falei — não somente a todos vocês, mas a meu senhor Lancelot. Um guerreiro tão grandioso como ele deveria ter companhia melhor para o jantar. Agora, desculpem-me, preciso dormir.

Lancelot não respondeu. O rei Ban sorriu, a rainha Elaine pareceu enojada e Galahad me levou rapidamente, primeiro aonde estavam minhas roupas e armas, e depois até o cais iluminado por tochas em que um barco nos esperava para nos levar para a terra. Galahad, ainda vestido com sua toga, carregava um saco que jogou no convés do pequeno barco. O fardo caiu com um barulho metálico.

— O que é? — perguntei.

— Minhas armas e a armadura. — Ele soltou a amarra do barco e depois subiu a bordo. — *Vou* com você.

O barco deslizou para fora do cais sob uma vela escura. A água se encrespava na proa e batia suavemente nos costados enquanto penetrávamos na baía. Galahad se despia da toga, que jogou para o barqueiro, antes de se vestir com o equipamento de guerra enquanto eu olhava para o palácio sobre o morro. Pendia no céu como uma embarcação celeste velejando em nuvens, ou talvez como uma estrela que desceu à terra; um lugar de sonhos; um refúgio onde um rei justo e uma rainha bela governavam, e onde poetas cantavam e velhos podiam estudar a envergadura das asas dos anjos. Era tão linda, Ynys Trebes, tão absolutamente linda!

E, se não pudéssemos salvá-la, absolutamente condenada.

DOIS ANOS LUTAMOS. DOIS ANOS contra todas as chances. Dois anos de esplendor e vilania. Dois anos de matanças e festas, de espadas partidas e escudos despedaçados, de vitória e desastre, e em todos aqueles meses e todas aquelas lutas suadas em que homens corajosos engasgavam no próprio sangue e homens comuns faziam coisas que jamais sonhavam ser possível, jamais vi Lancelot. Mas os poetas diziam que ele era o herói de Benoic, o guerreiro mais perfeito, o lutador dos lutadores. Os poetas diziam que preservar Benoic era a luta de Lancelot, e não minha, nem de Galahad, nem de Culhwch, mas de Lancelot. Mas Lancelot passou a guerra na cama, implorando à mãe que lhe trouxesse vinho e mel.

Não, nem sempre na cama. Algumas vezes Lancelot estava numa luta, mas sempre a cerca de 1,5 quilômetro atrás, para que pudesse ser o primeiro a voltar a Ynys Trebes com a notícia da vitória. Ele sabia como rasgar um manto, criar mossas num gume de espada, desgrenhar o cabelo oleado e até cortar o rosto para cambalear para casa como um herói, e então sua mãe mandaria os *fili* compor uma nova canção, e a canção seria levada à Britânia por comerciantes e marinheiros, de modo que até mesmo no distante Rheged, ao norte de Elmet, acreditavam que Lancelot era o novo Artur. Os saxões temiam sua vinda, e Artur lhe mandou de presente um cinto de espada bordado e com uma fivela ricamente esmaltada.

— Você acha que a vida deveria ser justa? — perguntou-me Culhwch quando reclamei do presente.

— Não, senhor.

— Então não gaste o fôlego falando de Lancelot. — Culhwch era o líder de cavalaria deixado por Artur na Armórica quando foi para a Britânia, e também era primo de Artur, ainda que não tivesse qualquer semelhança com meu senhor. Culhwch era um brigão atarracado, ferozmente barbudo e de braços compridos que não pedia nada da vida além de um suprimento suficiente de inimigos, bebida e mulheres. Artur o deixara no comando de trinta homens e cavalos, mas todos os cavalos estavam mortos e metade dos homens também, de modo que agora Culhwch lutava a pé. Juntei meus homens aos dele, e com isso aceitei seu comando. Ele mal podia esperar pelo fim da guerra em Benoic, para lutar de novo ao lado de Artur. Adorava Artur.

Mas lutamos uma guerra estranha. Quando Artur estava na Armórica, os francos ainda se encontravam alguns quilômetros a leste, onde a terra era plana e sem árvores, e portanto ideal para seus pesados cavaleiros, mas agora o inimigo estava no fundo das florestas que

cobriam os morros no centro de Benoic. O rei Ban, como Tewdric de Gwent, depositara sua fé nas fortificações, mas enquanto Gwent era situada de maneira ideal para fortalezas maciças e muralhas altas, as florestas e os morros de Benoic ofereciam ao inimigo muitos caminhos que passavam pelas fortalezas no topo dos morros, guarnecidas pelas desanimadas forças de Ban. Nosso serviço era dar nova esperança a essas forças, e fazíamos isso usando as táticas de Artur, com marchas forçadas e ataques de surpresa. Os morros cobertos de florestas em Benoic eram feitos para esse tipo de batalhas, e nossos homens eram ímpares. Existem poucas alegrias comparáveis com a luta que se segue a uma emboscada bem urdida, quando o inimigo está desprevenido e com as armas embainhadas. Fiz novas cicatrizes no gume comprido de Hywelbane.

Os francos nos temiam. Chamavam-nos de lobos das florestas, e então adotamos o insulto como símbolo e passamos a usar caudas de lobos cinzentos nos capacetes. Uivávamos para amedrontá-los e os mantínhamos acordados noite após noite, tocaiávamos durante dias e armávamos as emboscadas quando queríamos, e não quando eles estavam preparados, mas os inimigos eram muitos, nós éramos poucos, e mês a mês nosso número se encolhia.

Galahad lutava conosco. Era um grande guerreiro, mas também era um erudito que tinha mergulhado na biblioteca do pai, e durante a noite falava sobre Deuses antigos, novas religiões, países estranhos e grandes homens. Lembro-me de uma noite quando acampamos numa vila arruinada. Uma semana antes aquele lugar era um povoado florescente, com seu próprio moinho, sua olaria e queijaria, mas os francos tinham estado lá, e agora a vila era uma ruína enfumaçada e manchada de sangue, as paredes derrubadas e a fonte envenenada com cadáveres de mulheres e crianças. Nossas sentinelas guardavam os caminhos da floresta, de modo que tivemos o luxo de uma fogueira onde assamos lebres e um cabrito. Bebemos água e fingimos que era vinho.

— Falerniano — disse Galahad sonhadoramente, estendendo sua taça de barro para as estrelas como se fosse um frasco de ouro.

— Quem é ele? — perguntou Culhwch.

— Falerniano, meu caro Culhwch, é um vinho, um vinho romano muito agradável.

— Jamais gostei de vinho — disse Culhwch, depois deu um bocejo enorme. — É bebida de mulher. Agora, a cerveja saxã! Aquilo é que é bebida. — Dentro de minutos ele estava dormindo.

Galahad não conseguiu dormir. O fogo tremulava baixo enquanto acima de nós as estrelas brilhavam. Uma caiu, cortando o seu caminho rápido através dos céus, e Galahad fez o sinal da cruz porque era cristão, e para ele uma estrela cadente era o sinal de um demônio caindo do paraíso.

— Ele já esteve na terra — falou.

— O quê? — perguntei.

— O paraíso. — Ele se recostou na grama e pousou a cabeça sobre os braços. — O doce paraíso.

— Você está falando de Ynys Trebes?

— Não, não. Quero dizer, Derfel, que quando Deus fez o homem ele nos ofereceu um paraíso onde viver, e me ocorre que desde então viemos perdendo esse paraíso, centímetro a centímetro. E acho que logo desaparecerá. A escuridão está baixando. — Ele ficou quieto durante um tempo, depois sentou-se quando os pensamentos lhe deram nova energia. — Pense bem: não faz cem anos esta terra era pacífica. Os homens construíam grandes casas. Não sabemos construir como eles. Sei que meu pai construiu um belo palácio, mas que não passa de pedaços de palácios antigos juntados e remendados com pedra. Nós não sabemos construir como os romanos. Não sabemos construir tão alto, ou com tanta beleza. Não sabemos fazer estradas, não sabemos fazer canais, não sabemos fazer aquedutos. — Eu nem sabia o que era um aqueduto, mas fiquei quieto enquanto Culhwch roncava contente ao lado. — Os romanos construíram cidades inteiras, lugares tão vastos, Derfel, que demoraria toda uma manhã para ir de um lado até o outro, e todos os passos caíam sobre pedras polidas, encaixadas. E naquela época ainda era possível andar durante semanas e continuar na terra de Roma, sujeito às leis de Roma e ouvindo a linguagem de Roma. Agora olhe. — Ele apontou para a noite. — Só escuridão. E ela se espalha, Derfel. A escuridão está se arrastando para dentro da Armórica. Benoit acabará, e depois de Benoit, Broceliande, e depois de Broceliande, a Britânia. Sem leis, sem livros, sem música, sem justiça, apenas com homens vis em volta de fogueiras fumacentas planejando quem matarão no dia seguinte.

— Não enquanto Artur viver — falei, teimoso.

— Um homem contra a escuridão? — perguntou Galahad com ceticismo. Ele pensou por um segundo, olhando para a fogueira que enchia de sombras seu rosto forte. — Cristo foi nossa última chance — falou finalmente. — Ele disse para nos amarmos uns aos outros, fazer o bem, dar esmolas aos pobres, comida aos famintos, roupas aos que estão nus. Então os homens O mataram. — Ele se virou e olhou para mim. — Acho que Cristo sabia o que estava chegando, por isso prometeu que, se vivêssemos como ele viveu, um dia estaríamos com ele no paraíso. Não na terra, Derfel, mas no paraíso. Lá em cima — e apontou para as estrelas — porque ele sabia que a terra estava acabada. Mas estamos nos últimos dias. Até os nossos Deuses fugiram de nós. Não é isso que você me diz? Que o seu Merlin está percorrendo terras estranhas para encontrar pistas dos Deuses antigos? Mas de que servirão as pistas? Sua religião morreu há muito tempo quando os romanos destruíram Ynys

Mon, e só lhes restaram farrapos de conhecimento desconectado. Os seus Deuses se foram.

— Não — falei, pensando em Nimue, que sentia a presença deles, ainda que para mim os Deuses fossem sempre distantes e sombrios. Para mim, Bel era como Merlin, apenas mais distante, indescritivelmente enorme e muito mais misterioso. Pensava em Bel vivendo no norte distante enquanto Manawydan devia viver no Oeste, onde as águas rolavam interminavelmente.

— Os Deuses antigos se foram — insistiu Galahad. — Eles nos abandonaram porque não somos dignos.

— Artur é digno — falei teimosamente —, e você também.

Ele balançou a cabeça.

— Sou um pecador tão vil, Derfel, que nem suporto.

Ri de seu tom de voz abjeto.

— Absurdo.

— Eu mato, sinto luxúria, inveja. — Ele estava realmente sofrendo, mas Galahad, como Artur, era um homem que vivia julgando a própria alma e descobrindo que ela era indigna, e jamais conheci um homem assim que ficasse feliz por muito tempo.

— Você só mata homens que iriam matá-lo — defendi-o.

— E, que Deus me ajude, eu gosto. — Ele fez o sinal da cruz.

— Bom. E o que há de errado com a luxúria?

— Ela suplanta a razão.

— Mas você é razoável.

— Mas sinto luxúria, Derfel, como sinto! Há uma garota em Ynys Trebes, uma das harpistas do meu pai. — Ele balançou a cabeça desesperançado.

— Mas se controla a sua luxúria, então sinta orgulho disso.

— Eu sinto, e o orgulho é outro pecado.

Balancei a cabeça diante da inutilidade de discutir com ele.

— E a inveja? — ofereci a última parte de sua trindade de pecados.

— Quem você inveja?

— Lancelot.

— Lancelot? — Fiquei surpreso.

— Por que ele é o edling, e não eu. Por que ele toma o que quer, quando quer, e parece não se arrepender. Aquela harpista? Ele a tomou. Ela gritou, lutou, mas ninguém ousou impedi-lo porque ele era Lancelot.

— Nem você?

— Eu o teria matado, mas estava longe da cidade.

— O seu pai não o impediu?

— Meu pai estava com seus livros. Provavelmente confundiu os gritos da garota com uma gaivota chamando o vento do mar, ou dois de seus *fili* discutindo por causa de uma metáfora.

Cuspi no fogo.

— Lancelot é um verme — falei.

— Não — insistiu Galahad —, ele é simplesmente Lancelot. Pega o que quer e passa os dias planejando como conseguir. Ele pode ser muito encantador, muito plausível, e até poderia ser um grande rei.

— Nunca — falei com firmeza.

— Verdade. Se poder é o que ele quer, e é, e se ele recebê-lo, talvez seu apetite seja saciado. Lancelot realmente quer que o amem.

— Ele tem um modo estranho de querer isso — falei, lembrando de como Lancelot me provocara à mesa de seu pai.

— Desde o princípio ele sabia que você não ia gostar dele, por isso o desafiou. Assim, quando fizer de você um inimigo, ele poderá explicar a si mesmo por que você não gosta dele. Mas com pessoas que não o ameaçam ele pode ser gentil. Ele pode ser um grande rei.

— Ele é fraco — falei com desprezo.

Galahad sorriu.

— O forte Derfel! Derfel, o que não tem dúvidas. Você deve achar que todos nós somos fracos.

— Não, mas acho que estamos todos cansados e que amanhã temos de matar francos, de modo que vou dormir.

E no dia seguinte realmente matamos francos, e depois de descansarmos numa das fortalezas de Ban em uma colina, com os ferimentos tratados e as combalidas espadas afiadas, voltamos para a floresta. Mas semana a semana, mês a mês, lutávamos mais perto de Ynys Trebes. O rei Ban pediu que seu vizinho, Budic de Broceliande, mandasse tropas, mas Budic estava fortificando sua própria fronteira e se recusou a desperdiçar homens na defesa de uma causa perdida. Ban apelou para Artur, e apesar de Artur ter mandado uma pequena leva de homens, ele próprio não veio. Estava ocupado demais lutando contra os saxões. Recebíamos notícias da Britânia, mas eram pouco frequentes e costumavam ser vagas, mas soubemos que as novas hordas de saxões estavam tentando colonizar as terras do meio e pressionando as fronteiras da Dumnonia. Gorfyddyd, que era uma grande ameaça quando deixei a Britânia, ultimamente andava mais quieto, graças a uma praga terrível que afligira o seu país. Viajantes contavam que o próprio Gorfyddyd estava doente e muitos achavam que não chegaria ao final do ano. A mesma doença que atacara Gorfyddyd havia matado o noivo de Ceinwyn, um príncipe de Rheged. Eu nem sabia que ela estava noiva outra vez e confesso que senti um prazer egoísta, porque o príncipe morto de Rheged não se casaria com a estrela de Powys. De Guinevere, Nimue ou Merlin eu não sabia coisa alguma.

O reino de Ban desmoronava. Não houve homens para fazer a colheita no ano anterior, e naquele inverno nos apinhamos numa fortaleza ao sul do reino, onde vivemos de carne de veado, raízes, frutas e aves selvagens. Ainda fazíamos um ataque ocasional ao território dos

francos, mas agora éramos como vespas tentando matar um touro a picadas, já que os francos estavam em toda parte. Seus machados ressoavam nas florestas invernais enquanto eles abriam terras para plantações, e suas paliçadas recém-construídas com troncos muito bem partidos brilhavam ao pálido sol de inverno.

No início da nova primavera recuamos diante de um exército de guerreiros francos. Eles vieram batendo tambores e sob estandartes feitos de chifres de touro sobre mastros. Vi uma parede de escudos feita de mais de duzentos homens e soube que os nossos cinquenta sobreviventes jamais poderiam rompê-la, e assim, com Culhwch e Galahad de cada um dos lados, recuei. Os francos zombaram e nos perseguiram com uma chuva de suas lanças leves.

Agora o reino de Benoic estava com pouca gente. A maioria tinha ido para o reino de Broceliande, que lhes prometia terra em troca de serviço bélico. Os antigos povoados romanos estavam desertos, e seus campos emaranhados de capim. Nós, dumnonianos, caminhamos para o norte arrastando as lanças para defender a última fortaleza do reino de Ban: a própria Ynys Trebes.

A cidade na ilha estava apinhada de fugitivos. Em cada casa dormiam vinte pessoas. Crianças choravam e famílias brigavam. Barcos de pesca levavam alguns dos fugitivos para Broceliande, a oeste, ou para a Britânia, ao norte, mas jamais havia barcos suficientes, e quando os exércitos francos apareceram na praia fronteiria à ilha, Ban ordenou que o resto dos barcos permanecesse ancorado no pequeno e desajeitado porto de Ynys Trebes. Queria que ficassem ali para que pudéssemos suprir a guarnição assim que o cerco tivesse início, mas os comandantes de embarcações são uma gente teimosa, e quando chegou a ordem para ficarem, muitos levantaram ferro e partiram para o norte, vazios. Apenas um punhado de barcos permaneceu.

Lancelot foi feito comandante de Ynys Trebes, e as mulheres aplaudiam quando ele descia para a rua circular da cidade. Os cidadãos acreditavam que agora tudo ficaria bem, porque o maior dos soldados estava no comando. Ele aceitou a adulação, e fazia discursos em que prometia construir em Ynys Trebes uma nova rua feita com os crânios dos francos mortos. Certamente o príncipe tinha a figura certa para o papel do herói, porque usava uma cota de escamas onde cada placa de metal tinha sido esmaltada de branco, de modo que ela brilhava ao sol do início de primavera. Lancelot dizia que a cota tinha pertencido a Agamenon, um herói da Antiguidade, mas Galahad me garantiu que era trabalho romano. As botas de Lancelot eram feitas de couro vermelho, o manto era azul-escuro e no quadril, pendurada no cinto bordado que tinha sido presente de Artur, ele usava Tanlladwyr, “matadora brilhante”, a sua espada. Seu elmo era preto, e na crista havia as asas abertas de uma águia do mar.

— Para que ele possa voar para longe — comentou azedamente Cavan, meu severo irlandês.

Lancelot convocou um conselho de guerra na câmara elevada, beijada pelo vento, ao lado da biblioteca de Ban. A maré estava baixa e o mar tinha fugido dos bancos de areia da baía, onde grupos de francos tentavam achar um caminho seguro para a cidade. Galahad havia plantado guias falsas por toda a baía, tentando levar o inimigo para as areias movediças ou então para bancos firmes que seriam os primeiros a ser cobertos quando a maré virasse e invadissem a baía. Lancelot, de costas para o inimigo, contou sua estratégia. Seu pai estava sentado de um lado, a mãe do outro, e ambos assentiram diante da sabedoria do filho.

A defesa de Ynys Trebes era simples, anunciou Lancelot. Só precisamos sustentar as muralhas da ilha. Nada mais. Os francos tinham poucos barcos, não podiam voar, por isso tinham de caminhar até Ynys Trebes, e esta era uma jornada que só podiam fazer na maré baixa e depois de terem descoberto a rota segura sobre a planície de maré. Assim que chegassem à cidade estariam cansados, e não poderiam escalar as muralhas de pedra.

— Basta sustentar as muralhas — disse Lancelot — e estamos seguros. Barcos podem trazer suprimentos. Ynys Trebes não precisa cair jamais!

— Certo! Certo! — disse o rei Ban, animado pelo otimismo do filho.

— Quanta comida nós temos? — Culhwch rosnou a pergunta.

Lancelot deu-lhe um olhar penalizado.

— O mar está cheio de peixes. São coisinhas brilhantes, lorde Culhwch, com caudas e barbatanas. A gente come.

— Eu não sabia — disse Culhwch, impassível. — Estive ocupado demais matando francos.

Um murmúrio de gargalhadas passou por alguns dos guerreiros convocados à reunião. Uma dúzia deles, como nós, tinham lutado no continente, mas o resto era composto por pessoas íntimas do príncipe Lancelot, e haviam sido recentemente promovidos a capitães, para este sítio. Bors, primo de Lancelot, era campeão de Benoic e comandante da guarda do palácio. Ele, pelo menos, tinha visto alguma luta e ganhara reputação de guerreiro, mas agora, com as pernas compridas esparramadas, vestindo uniforme romano e com os cabelos compridos, como os de seu primo Lancelot, grudados com óleo ao crânio, parecia pretensioso.

— Quantas lanças temos? — perguntei.

Até então Lancelot havia me ignorado. Eu sabia que ele não esquecera nosso encontro dois anos antes, mas mesmo assim sorriu da minha pergunta.

— Temos 420 homens em armas, e cada um tem uma lança. Você

consegue deduzir a resposta?

Devolvi o sorriso sedoso.

— Lanças se quebram, senhor príncipe, e os homens que defendem muralhas jogam suas lanças como se fossem dardos. Quando 420 lanças forem atiradas, o que jogaremos em seguida?

— Poetas — rosnou Culhwch, felizmente baixo demais para Ban ouvir.

— Existem lanças de reserva — disse Lancelot tranquilamente. — E além disso usaremos as lanças que os francos jogarem contra nós.

— Poetas, com certeza — disse Culhwch.

— O senhor falou, lorde Culhwch? — perguntou Lancelot.

— Arrotei, senhor príncipe. Mas, já que tenho sua graciosa atenção, nós temos arqueiros?

— Alguns.

— Muitos?

— Dez.

— Que os Deuses nos ajudem — disse Culhwch e desceu de sua cadeira. Ele odiava cadeiras.

Elaine falou em seguida, lembrando-nos de que a ilha estava abrigando mulheres, crianças e os maiores poetas do mundo.

— A segurança dos *fili* está nas mãos de vocês, e vocês sabem o que acontecerá se fracassarem.

Chutei Culhwch para impedir que ele fizesse um comentário.

Ban ficou de pé e fez um gesto na direção de sua biblioteca.

— Sete mil, oitocentos e quarenta e três rolos estão ali — falou solenemente —, o tesouro acumulado do conhecimento humano. E, se a cidade cair, a civilização também cairá. — Em seguida, contou a história antiga de um herói que entrou num labirinto para matar um monstro, deixando no caminho um fio de lã com o qual poderia encontrar o caminho para sair da escuridão. — Minha biblioteca — explicou finalmente o motivo da história comprida — é o fio. Se o perdermos, cavalheiros, ficaremos na escuridão eterna. Então eu lhes imploro, imploro: lutem! — Ele parou, sorrindo. — E convoquei ajuda. Cartas estão indo para Broceliande e Artur, e acho que não está longe o dia em que nosso horizonte estará cheio de velas amigas! E Artur, lembrem-se, jurou nos ajudar!

— Artur está com as mãos cheias de saxões — interveio Culhwch.

— Um juramento é um juramento! — disse Ban, reprovando.

Galahad perguntou se planejavamos atacar os acampamentos dos francos na praia. Poderíamos ir facilmente de barco, falou, desembarcando a leste ou a oeste das posições deles, mas Lancelot descartou a ideia.

— Se deixarmos as muralhas, morreremos. É simples.

— Sem ataques? — perguntou Culhwch, enojado.

— Se deixarmos as muralhas — repetiu Lancelot —, morreremos. As ordens são simples: fiquem atrás das muralhas. — Ele anunciou que os melhores guerreiros de Benoic, uma centena de veteranos da guerra no continente, guardariam o portão principal. Nós, os cinquenta dumnonianos sobreviventes, ficamos com as muralhas de oeste, enquanto as tropas temporárias da cidade, aumentadas com fugitivos do continente, guardariam o resto da ilha. O próprio Lancelot, com uma companhia da guarda do palácio, vestida com mantos brancos, formaria a reserva que assistiria à luta do palácio e desceria para intervir se sua ajuda fosse necessária.

— Podia muito bem chamar as fadas — rosnou Culhwch para mim.

— Outro arroto? — perguntou Lancelot.

— É todo esse peixe que como, senhor príncipe — disse Culhwch.

O rei Ban nos convidou a inspecionar sua biblioteca antes de sairmos, talvez querendo nos impressionar com o valor do que ele defendia. A maioria dos homens que tinham estado no conselho de guerra entrou arrastando os pés. Ficaram boquiabertos diante dos rolos encaixados nos pombais, depois foram olhar a harpista de peito de fora que tocava na antecâmara da biblioteca. Galahad e eu nos demoramos mais entre os livros onde o padre corcunda Celwin continuava curvado sobre sua mesa antiga, tentando impedir que o gato cinzento brincasse com sua pena.

— Ainda trabalhando na envergadura das asas dos anjos, padre? — perguntei.

— Alguém precisa — disse ele. Depois se virou para me espiar mal-humorado, com seu único olho. — Quem é você?

— Derfel, padre, da Dumnonia. Nós nos conhecemos dois anos atrás. Estou surpreso em vê-lo ainda aqui.

— Sua surpresa não me interessa, Derfel da Dumnonia. Além disso, fiquei fora durante um tempo. Fui a Roma. Lugar imundo. Pensei que os vândalos poderiam tê-lo limpado, mas o lugar continua cheio de padres com seus garotinhos gorduchos, por isso voltei para cá. As harpistas de Ban são muito mais bonitas do que os catamitas de Roma. — Ele me lançou um olhar inamistoso. — Você se importa com minha segurança, Derfel da Dumnonia?

Eu não podia responder que não, apesar de me sentir tentado.

— Meu serviço é proteger vidas — falei um tanto pretensiosamente —, inclusive a sua, padre.

— Então ponho minha vida em suas mãos, Derfel da Dumnonia — disse ele enquanto virava o rosto feioso de volta para a mesa e empurrava o gato com sua pena. — Deixo minha vida em sua consciência, Derfel da Dumnonia, e agora você pode ir lutar e me deixar fazer alguma coisa útil.

Tentei perguntar ao padre sobre Roma, mas ele desconsiderou as

perguntas. Assim, desci para o depósito na muralha oeste, que seria nosso lar pelo resto do sítio. Galahad, que agora se considerava um dumnoniano honorário, estava conosco, e ambos tentamos contar os francos que estavam recuando da maré depois de outra tentativa de descobrir a trilha pelas areias. Os bardos, cantando sobre o sítio de Ynys Treves, dizem que o inimigo era em maior número do que os grãos de areia na baía. Não havia tantos, mas mesmo assim era um número formidável. Cada bando de guerreiros francos no Oeste da Gália tinha combinado ajudar na captura de Ynys Trebes, a joia da Armórica que, segundo boatos, estava atulhada com os tesouros do decadente império romano. Galahad estimava que estávamos diante de 3 mil francos, na minha opinião eram 2 mil, enquanto Lancelot nos garantia que eram 10 mil. Mas, segundo qualquer contagem, era uma quantidade terrível.

Os primeiros ataques trouxeram apenas desastre aos francos. Eles encontraram um caminho pela areia e assaltaram o portão principal, e foram repelidos com muito sangue, e no dia seguinte atacaram nossa parte da muralha, e receberam o mesmo tratamento, só que dessa vez ficaram tempo demais e boa parte de sua força foi cortada pela maré que chegou. Alguns tentaram vagar até o continente e se afogaram, outros recuavam para o trecho de areia que ia se encolhendo diante de nossas muralhas onde foram trucidados por uma investida de lanceiros liderados do portão por Bleiddig, o chefe que tinha me levado para Benoic e que agora era o líder dos veteranos. O ataque de Bleiddig pela areia aconteceu em desobediência direta à regra de Lancelot, de que deveríamos ficar dentro da muralha da cidade, mas os mortos foram tantos que Lancelot fingiu ter ordenado o ataque e depois, após a morte de Bleiddig, até mesmo afirmou ter comandado a investida. Os *fili* fizeram uma canção contando como Lancelot tinha represado a baía com francos mortos, mas na verdade o príncipe ficou no palácio enquanto Bleiddig atacava. Durante dias, os corpos dos guerreiros francos boiavam em volta da base da ilha, levados pela maré e proporcionando uma carniça rica para as gaivotas.

Então os francos começaram a construir um caminho decente. Cortaram centenas de árvores e puseram sobre a areia, depois firmaram os troncos com pedras levadas por escravos. As marés na ampla baía de Ynys Trebes eram ferozes, algumas vezes subindo 12 metros, e o novo caminho era rasgado pelas correntes, de modo que na maré baixa a planície ficava atulhada de troncos flutuantes, mas os francos sempre traziam mais árvores e pedras e completavam as falhas. Eles haviam capturado milhares de escravos e não se importavam com quantos morressem na construção da nova estrada. O caminho ia ficando mais comprido à medida que nosso suprimento de comida se tornava mais curto. Nossos poucos barcos remanescentes continuavam pescando, e outros traziam grãos de Broceliande, mas os francos lançaram seus

próprios barcos do litoral, e depois de dois de nossos pescqueiros serem capturados e suas tripulações estripadas, nossos comandantes ficaram em casa. Os poetas no topo do morro, posando com suas lanças, viviam dos ricos suprimentos do palácio, mas nós, guerreiros, arrancávamos cracas das rochas, comíamos mexilhões e lingueirões ou cozinhávamos os ratos que caçávamos no depósito ainda cheio de peles, sal e barris de pregos. Não passamos fome. Tínhamos armadilhas para peixes na base das rochas e na maior parte dos dias elas rendiam alguns peixes pequenos, mas na maré baixa os francos mandavam grupos de ataque para destruir as armadilhas.

Na maré alta os barcos francos remavam em volta da ilha para tirar as armadilhas de peixe postas mais longe da cidade. A baía era suficientemente rasa para que o inimigo visse as armadilhas e as quebrasse com suas lanças. Um desses barcos encalhou na volta ao continente e foi deixado preso a 400 metros da cidade enquanto a maré baixava. Culhwch ordenou um ataque, e trinta de nós descemos por redes de pesca penduradas no topo da muralha. Os 12 homens da tripulação do barco fugiram enquanto nos aproximávamos, e dentro da embarcação abandonada encontramos um barril de peixe salgado e dois pães secos que levamos de volta em triunfo. Quando a maré subiu trouxemos o barco de volta para a cidade e o amarramos em segurança abaixo de nossa muralha. Lancelot soube de nossa desobediência, mas não tomou qualquer atitude, apesar de ter chegado uma mensagem da rainha Elaine, exigindo saber que suprimentos tínhamos retirado do barco. Mandamos um pouco de peixe seco para cima, e sem dúvida o presente foi considerado um insulto. Então Lancelot nos acusou de capturar o barco para que pudéssemos desertar de Ynys Trebes, e ordenou que o mandássemos para o pequeno porto da ilha. Como resposta, subi o morro até o palácio e exigi que ele confirmasse a acusação de covardia usando a espada. Gritei o desafio pelo pátio, mas o príncipe e seus poetas permaneceram atrás das portas trancadas. Cuspi na soleira e fui embora.

Quanto mais as coisas ficavam desesperadas, mais feliz Galahad parecia. Parte de sua felicidade resultava da presença de Leanor, a harpista que tinha me dado as boas-vindas havia dois anos, a garota por quem Galahad tinha me confessado sua luxúria, a mesma garota que fora estuprada por Lancelot. Ela e Galahad viviam num canto do depósito. Todos tínhamos mulheres. Havia algo na desesperança de nossa situação que erodia o comportamento normal, por isso atulhávamos o máximo de vida possível naquelas horas anteriores à morte. As mulheres montavam guarda conosco e jogavam pedras sempre que os francos tentavam dismantelar as frágeis armadilhas de peixes. Há muito tempo tínhamos ficado sem lanças, a não ser as que havíamos trazido para Benoic e que estávamos guardando para o ataque principal.

O punhado de arqueiros não tinha flechas, a não ser as que eram lançadas na cidade pelos francos, e esse suprimento aumentou quando a estrada do inimigo chegou perto do portão da cidade. Os francos erigiram uma cerca de madeira no fim da estrada e seus arqueiros ficavam atrás da cerca e jorravam flechas contra os defensores do portão. Os francos não fizeram qualquer tentativa de estender a estrada até a cidade, porque ela se destinava apenas a lhes dar uma passagem segura até o lugar onde o assalto poderia ter início. Sabíamos que o ataque começaria logo.

Era início de verão quando a estrada ficou pronta. A lua estava cheia e trouxe marés gigantescas. Durante boa parte do tempo o caminho ficava debaixo de água, mas na maré baixa as areias se estendiam largas em volta de Ynys Trebes, e os francos, que estavam aprendendo os segredos das planícies de areia dia após dia, se posicionavam em toda parte. Seus tambores eram nossa música constante, e as ameaças que lançavam estavam sempre em nossos ouvidos. Um dia foi comemorada uma festa especial para as tribos deles, e em vez de nos atacar eles acenderam grandes fogueiras na praia, depois fizeram marchar uma coluna de escravos até a extremidade da estrada de troncos onde, um a um, os cativos foram decapitados. Os escravos eram bretões, alguns com parentes que assistiam das muralhas da cidade, e o barbarismo da chacina fez com que alguns dos defensores de Ynys Trebes saíssem correndo do portão numa tentativa inútil de resgatar mulheres e crianças condenadas. Os francos estavam esperando o ataque e formaram uma parede de escudos na areia, mas os homens de Ynys Trebes, enlouquecidos pela fúria e pela fome, atacaram. Bleiddig foi um deles. Morreu naquele dia, cortado por uma lança franca. Nós, dumnonianos, ficamos olhando enquanto um punhado de sobreviventes corria de volta para a cidade. Não havia nada que pudéssemos fazer a não ser acrescentar nossos cadáveres à pilha. O corpo de Bleiddig foi esfolado, estripado e depois empalado numa estaca na extremidade do caminho, para que fôssemos forçados a olhá-lo até a próxima maré alta. Mas, de algum modo, Bleiddig ficou na estaca apesar de ter sido imerso, de modo que na manhã seguinte, sob uma alvorada cinzenta, as gaivotas estavam destroçando seu cadáver lavado pelo sal.

— Deveríamos ter atacado com Bleiddig — disse-me Galahad amargamente.

— Não.

— Melhor ter morrido como um homem na frente de uma parede de escudos do que de fome, aqui.

— Você terá sua chance de lutar contra a parede de escudos — prometi, mas também dei os passos possíveis para ajudar meu povo em derrota. Montamos barricadas nos caminhos que levavam ao nosso setor, de modo que, se os francos invadissem a cidade na ilha,

pudéssemos mantê-los a distância enquanto nossas mulheres eram levadas por um estreito caminho que se retorcia entre as rochas na encosta do pico de granito, indo até um penhasco minúsculo na borda noroeste da ilha, onde tínhamos escondido o barco capturado. O penhasco não era um porto, por isso protegemos o navio enchendo-o de pedras de modo que a maré o inundasse duas vezes por dia. Sob a água o casco frágil estava a salvo de ser jogado pelos ventos e ondas contra as laterais do penhasco. Eu achava que o ataque do inimigo seria feito na água rasa, e dois de nossos homens feridos tinham instruções de tirar as pedras do barco assim que o ataque começasse, de modo que a embarcação flutuaria na entrada da maré. A ideia de escapar no barco era desesperada, mas dava ânimo ao nosso pessoal.

Nenhum navio veio em nosso resgate. Num dia de manhã, uma grande vela foi avistada ao norte, e correu pela cidade o boato de que o próprio Artur estava vindo. Mas gradualmente a vela se afastou e desapareceu na névoa de verão. Estávamos sozinhos. À noite cantávamos canções e contávamos histórias, e durante o dia vigiávamos os bandos de francos se reunindo na praia.

Esses bandos fizeram seu ataque numa tarde de verão, no final da maré vazante. Chegaram num grande enxame de homens com armaduras de couro, elmos de ferro e escudos de madeira levantados bem alto. Atravessaram a estrada, desceram no final e subiram a suave encosta de areia em direção ao portão da cidade. Os primeiros atacantes levavam um tronco enorme como aríete, com a extremidade endurecida pelo fogo e envolta em couro, enquanto os que vinham atrás traziam escadas compridas. Uma horda veio e jogou suas escadas contra nossa muralha.

— Deixem que eles subam! — gritou Culhwch aos nossos soldados. Ele esperou até que uma das escadas estivesse com cinco homens, depois jogou uma pedra enorme sobre eles. Os francos gritaram enquanto eram arrancados dos degraus. Uma flecha raspou no elmo de Culhwch enquanto ele jogava outra pedra. Mais flechas batiam na parede ou sibilavam sobre nossa cabeça enquanto uma chuva de lanças leves se chocava inutilmente contra a pedra. Os francos eram uma massa fervilhante ao pé da muralha, contra a qual jogávamos pedras e esgoto. Cavan conseguiu levantar uma escada e nós a partimos em pedaços que jogamos sobre os atacantes. Quatro de nossas mulheres se esforçaram para chegar à paliçada com uma fina coluna de pedra tirada de um portal, e a jogamos por sobre a muralha, e sentimos prazer com os gritos terríveis dos homens que ela esmagou.

— É assim que chega a escuridão! — gritou Galahad para mim. Ele estava exultante; lutando a última batalha e cuspidno no olho da morte. Esperou que um franco chegasse ao topo de uma escada, depois deu um golpe poderoso com sua espada de modo que a cabeça do homem voou

até a areia. O resto do cadáver ficou preso à escada, obstruindo os francos atrás, que se tornaram alvos fáceis para as nossas pedras. Agora estávamos arrebetando as paredes do depósito para fazer munição e íamos vencendo a luta, porque um número cada vez menor de francos ousava subir as escadas. Em vez disso, recuaram da base da muralha e nós zombamos, dissemos que tinham sido vencidos por mulheres, mas que se atacassem de novo acordaríamos nossos guerreiros para a luta. Não sei se eles entendiam as provocações, mas ficaram para trás, com medo de nossas defesas. O ataque principal ainda fervilhava no portão, onde o som da cabeça do aríete era como um tambor gigantesco causando enjoo na baía inteira.

O sol esticou as sombras do lado oeste da baía, do outro lado da areia, enquanto nuvens rosadas criavam listras no céu. Gaivotas voavam para seus poleiros. Nossos dois homens feridos tinham ido tirar as pedras de dentro do barco — eu esperava que nenhum franco tivesse chegado tão longe na ilha a ponto de descobrir a embarcação — mas não achei que fôssemos precisar dela. A noite caía e a maré subia, de modo que logo a água obrigaria os atacantes a voltar à estrada de troncos e depois retornar aos seus acampamentos, e nós comemoraríamos uma vitória famosa.

Mas então ouvimos o rugido de batalha, de homens gritando do outro lado do portão da cidade, e vimos nossos francos derrotados correrem da frente da muralha para se juntar ao ataque distante, e soubemos que a cidade estava perdida. Mais tarde, conversando com sobreviventes, descobrimos que os francos haviam tido sucesso em subir no cais de pedra e que agora estavam enxameando a cidade.

E então começaram os gritos.

Galahad e eu atravessamos com vinte homens a barricada mais próxima. Mulheres corriam em nossa direção, mas quando nos viram entraram em pânico e tentaram subir o morro de granito. Culhwch ficou para guardar nossa muralha e proteger a retirada para o barco assim que a primeira fumaça de uma cidade derrotada se retorcesse para o céu do fim de tarde.

Corremos por trás dos defensores do portão principal, descemos um lance de escada de pedra e vimos o inimigo correndo como ratos num depósito de grãos. Centenas de lanceiros vinham do cais. Seus estandartes com chifres de touro avançavam por toda parte, os tambores batiam enquanto as mulheres presas nas casas da cidade berravam. À nossa esquerda, no lado mais distante do porto onde apenas alguns atacantes tinham ocupado uma posição, surgiu de repente um grupo de lanceiros com mantos brancos. Bors, primo de Lancelot e comandante da guarda do palácio, liderava um contra-ataque, e por um momento pensei que ele viraria a sorte do dia e selaria o recuo do inimigo. Mas, em vez de atacar pelo cais, Bors levou seus homens até os degraus para o

mar, onde uma frota de pequenos barcos esperava para levá-los à segurança. Vi o príncipe Lancelot correndo em meio à guarda, trazendo sua mãe pela mão e liderando um punhado de cortesãos em pânico. Os *fili* fugiam da cidade condenada.

Galahad cortou dois homens que tentavam subir a escada, depois vi a rua atrás de nós se encher de francos com mantos escuros.

— Para trás! — gritei e puxei Galahad para fora do beco.

— Deixe-me lutar! — Ele tentou se livrar de mim e encarar os próximos dois homens que subiam os estreitos degraus de pedra.

— Viva, seu idiota. — Eu o empurrei para trás de mim, findei com a lança para a esquerda e depois a levantei e enfiei a lâmina na cara de um franco. Larguei o cabo, aparei com o escudo o golpe da lança do segundo homem enquanto sacava Hywelbane, depois dei um golpe por baixo da borda do escudo que lançou o homem berrando para a escada, com sangue brotando entre as mãos que seguravam a virilha. — Você sabe como atravessar a cidade em segurança! — gritei para Galahad. Abandonei a lança enquanto o empurrava para longe dos inimigos enlouquecidos pela batalha, que vinham subindo a escada. Havia uma loja de oleiro no topo da escada e, apesar do sítio, a mercadoria do vendedor continuava exposta sobre mesas em cavaletes debaixo de um toldo de lona. Derrubei uma mesa cheia de jarras e vasos no caminho dos atacantes, depois arranquei o toldo e joguei na cara deles. — Mostre o caminho! — gritei. Havia becos e jardins que só os moradores de Ynys Trebes conheciam, e precisaríamos desses caminhos secretos se quiséssemos escapar.

Agora os invasores tinham atravessado o portão principal, separando-nos de Culhwch e seus homens. Galahad me guiou morro acima, virou à esquerda num túnel curto que passava embaixo de um templo, depois atravessou um jardim e subiu até a parede de uma cisterna de água da chuva. Abaixo de nós a cidade se retorcia no horror. Os vitoriosos francos quebravam portas para vingar seus mortos deixados na areia. Crianças choravam e eram silenciadas por espadas. Vi um guerreiro franco, um homem gigantesco com chifres no capacete, cortar com um machado quatro defensores num local sem saída. Mais fumaça subia das casas. A cidade podia ser de pedra, mas havia muita mobília, piche para barcos e tetos de madeira para alimentar um fogo maníaco. Lá no mar, onde a maré vinha redemoinhando pelos bancos de areia, pude ver o elmo alado de Lancelot num dos três barcos que escapavam enquanto acima de mim, róseo ao sol poente, o gracioso palácio esperava seus últimos momentos. A brisa da tarde soprava a fumaça cinzenta e balançava suavemente uma cortina branca numa janela sombreada do palácio.

— Por aqui! — gritou Galahad, apontando um caminho estreito. — Siga o caminho até o nosso barco! — Nossos homens corriam para

salvar a vida. — Venha, Derfel! — gritou ele.

Mas não me mexi. Estava olhando para o morro íngreme.

— Venha, Derfel!

Mas eu escutava uma voz na cabeça. Era a voz de um velho; uma voz seca, irônica e inamistosa, e o som dela não permitia que eu me mexesse.

— Venha, Derfel! — gritou Galahad.

“Eu ponho minha vida em suas mãos”, dissera o velho, e de repente ele falou de novo dentro do meu crânio. “Deixo minha vida em sua consciência, Derfel da Dumnonia.”

— Como chego ao palácio? — gritei para Galahad.

— Palácio?

— Como? — gritei furioso.

— Por aqui, por aqui!

Nós subimos.

OS BARDOS CANTAM O AMOR, celebram as chacinhas, exaltam reis e lisonjeiam rainhas, mas se eu fosse poeta escreveria elogiando a amizade.

Tive sorte com amigos. Artur foi um, mas de todos os meus amigos nunca houve outro como Galahad. Havia ocasiões em que nos entendíamos sem falar, e outras em que as palavras rolavam durante horas. Compartilhávamos tudo, menos mulheres. Não posso contar o número de vezes em que estivemos ombro a ombro na parede de escudos ou o número de vezes em que dividimos o último bocado de comida. Homens achavam que éramos irmãos e nos víamos do mesmo modo.

E naquele início de noite, enquanto a cidade se transformava em fogo abaixo de nós, Galahad entendeu que eu não podia ser levado ao barco que esperava. Sabia que eu estava sob o comando de algum imperativo, de alguma mensagem dos Deuses que me fazia subir desesperadamente na direção do palácio sereno que coroava Ynys Trebes. Em volta de nós o terror ia inundando o morro, mas estávamos à frente dele, correndo desesperadamente por um teto de igreja, saltando num beco onde atravessávamos uma multidão de fugitivos acreditando que a igreja lhes daria proteção, depois subindo uma escada de pedra e chegando à rua principal que circulava Ynys Trebes. Havia francos correndo em nossa direção, competindo para ser o primeiro a chegar ao palácio de Ban, mas estávamos à frente deles com um lamentável punhado de pessoas que tinham escapado do morticínio na cidade abaixo e agora buscavam um refúgio desesperançado no topo do morro.

Os guardas tinham sumido do pátio. As portas do palácio estavam abertas, e dentro, onde mulheres se encolhiam e crianças choravam, a linda mobília esperava os conquistadores. As cortinas balançavam ao vento.

Mergulhei nas salas elegantes, corri através da câmara espelhada e passei pela harpa abandonada de Leanor, e fui assim até a grande sala onde Ban me recebera da primeira vez. O rei ainda estava lá, ainda vestia sua toga, e ainda na sua mesa segurava a pena.

— É tarde demais — disse ele enquanto eu entrava na sala com a espada abaixada. — Artur me falhou.

Gritos soavam nos corredores do palácio. A vista das janelas em arco estava borrada de fumaça.

— Venha conosco, pai! — disse Galahad.

— Tenho trabalho a fazer — disse Ban, lamentando. Em seguida, enfiou a pena no tinteiro de chifre e começou a escrever. — Não veem que estou ocupado?

Empurrei a porta que dava na biblioteca, atravessei a antecâmara vazia e depois abri a porta da biblioteca, e vi o padre corcunda parado diante de uma das prateleiras onde ficavam os rolos. O chão de madeira polida estava atulhado de manuscritos.

— Sua vida é minha — gritei furioso, ressentido por um velho tão feio ter me colocado nesta obrigação quando havia tantas outras vidas a salvar na cidade —, então venha comigo! Agora! — O padre me ignorou. Estava freneticamente tirando os rolos das prateleiras, arrancando suas fitas e lacres e examinando as primeiras linhas antes de jogá-los no chão e pegar outros. — Venha logo! — rosnei para ele.

— Espere! — insistiu Celwin, puxando outro bolo, depois descartando-o e abrindo mais um. — Ainda não!

Um estouro ressoou no palácio; gritos de alegria soaram e foram afogados pelos gritos de medo. Galahad estava parado na porta da biblioteca, implorando para que seu pai viesse conosco, mas Ban simplesmente desconsiderou o filho, como se as palavras dele fossem um absurdo. Então a porta se abriu bruscamente e três suarentos guerreiros francos entraram. Galahad correu para enfrentá-los, mas não teve tempo de salvar a vida do pai, e Ban nem mesmo tentou se defender. O primeiro franco o golpeou com uma espada e acho que o rei de Benoic já estava morto, de coração partido, antes mesmo que a lâmina do inimigo o tocasse. O franco tentou decepar a cabeça do rei e morreu sob a lança de Galahad enquanto eu atacava o segundo com Hywelbane e girava seu corpo ferido para obstruir o terceiro. O hálito do franco agonizante fedia a cerveja, como o hálito dos saxões. Apareceu fumaça do lado de fora da porta. Agora Galahad estava ao meu lado, com a lança se projetando para matar o terceiro homem, mas outros francos chegavam pelo corredor. Soltei minha espada e recuei para a antecâmara.

— Venha, seu velho idiota! — gritei por cima do ombro para o padre obstinado.

— Velho, sim, Derfel, mas idiota? Nunca. — O padre gargalhou, e alguma coisa naquele riso azedo fez com que eu me virasse e vi, como se num sonho, que a corcunda estava desaparecendo enquanto o padre esticava o corpo comprido até sua altura total. Ele não era nem um pouco feio, pensei, mas maravilhoso, majestoso e tão cheio de sabedoria que mesmo estando num lugar de morte, que fedia a sangue e ecoava com os gritos dos agonizantes, me senti mais seguro do que nunca em toda a vida. Ele ainda estava rindo de mim, deliciado por ter me enganado durante tanto tempo.

— Merlin! — falei e confesso que havia lágrimas nos meus olhos.

— Dê-me alguns minutos. Segure-os um tempo. — Ele ainda estava puxando rolos, arrancando seus lacres e largando-os depois de um olhar rápido. Havia tirado o tapa-olho, que era meramente uma parte do disfarce. — Segure-os — disse de novo, passando para uma nova

prateleira com rolos que ainda não tinha examinado. — Ouvi dizer que você é bom em matar, então seja muito bom agora.

Galahad colocou a harpa e o banco da harpista do lado de fora da porta, depois nós dois defendemos a passagem com lança, espada e escudos.

— Você sabia que ele estava aqui? — perguntei a Galahad.

— Quem? — Galahad enfiou sua lança num escudo franco redondo e a puxou de volta.

— Merlin.

— É ele? — Galahad estava perplexo. — Claro que eu não sabia.

Gritando, com o cabelo encaracolado e sangue na barba, um franco projetou a lança na minha direção. Eu a agarrei logo abaixo da ponta e a usei para puxá-lo contra a minha espada. Outra lança foi jogada, passando por mim e cravando a ponta de aço no lintel atrás. Um homem emaranhou os pés nas cordas cacofônicas da harpa, tropeçou para frente e foi chutado no rosto por Galahad. Baixei a borda do meu escudo na nuca do sujeito, depois aparei um golpe de espada. O palácio ressoava com gritos e estava se enchendo de uma fumaça ácida, mas os homens que nos atacavam estavam perdendo o interesse em qualquer butim que pudessem encontrar na biblioteca, preferindo pegar coisas mais fáceis em outras partes do prédio.

— Merlin está aqui? — perguntou Galahad, incrédulo.

— Veja você mesmo.

Galahad se virou para olhar para a figura alta que vasculhava desesperadamente a biblioteca condenada de Ban.

— Aquele é Merlin?

— É.

— Como você sabia que ele estava aqui?

— Eu não sabia. Venha, seu bastardo! — Isso foi dito para um franco enorme com um manto de couro e carregando um machado de lâmina dupla e que queria bancar o herói. Ele cantou seu hino de guerra enquanto atacava e continuava cantando quando morreu. O machado se enterrou nas tábuas do piso junto aos pés de Galahad, enquanto ele arrancava a lança do peito do homem.

— Já sei! Já sei! — gritou Merlin subitamente atrás de nós. — Silius Italicus, claro! Ele nunca escreveu 18 livros sobre a Segunda Guerra Púnica, apenas 17. Como posso ter sido tão idiota? Você está certo, Derfel, sou um velho idiota! Um idiota perigoso! Dezoito livros sobre a Segunda Guerra Túrgida? Qualquer criança sabe que eram apenas 17! Eu tenho tudo! Venha, Derfel, não desperdice meu tempo! Não podemos ficar passeando aqui a noite inteira!

Corremos de volta para a biblioteca desarrumada enquanto eu empurrava a grande mesa de trabalho contra a porta, como uma barreira temporária, enquanto Galahad abria a chutes as janelas que

davam para oeste. Um novo enxame de francos passou pela sala da harpista. Merlin tirou a cruz de madeira do pescoço e lançou o míssil precário contra os invasores que estavam momentaneamente barrados pela mesa pesada. Quando a cruz caiu, um grande jorro de chamas engolfou a antecâmara. Achei que o fogo mortal era apenas coincidência, e que a parede da sala havia desmoronado e deixado entrar o fogaréu, mas Merlin disse que o triunfo era seu.

— Aquele negócio horrível tinha de servir para alguma coisa — falou sobre a cruz, depois gritou para os inimigos que berravam e queimavam: — Assem, seus vermes, assem! — Ele enfiava o rolo precioso no peito da túnica. — Você já leu Silius Italicus? — perguntou-me.

— Nunca ouvi falar nele, senhor — disse, puxando-o para a janela aberta.

— Ele escrevia versos épicos, meu caro Derfel, versos épicos. — Merlin resistia a meus puxões apavorados e pôs uma das mãos do meu ombro. — Deixe-me dar um conselho. — Ele falava muito sério. — Evite os versos épicos. Falo por experiência própria.

De repente, eu queria chorar como uma criança. Era um tremendo alívio olhar de novo em seus olhos sábios e marotos. Era como estar de novo com meu pai.

— Senti saudades suas, meu senhor — falei bruscamente.

— Não banque o sentimental agora! — disse Merlin com rispidez, depois correu para a janela enquanto um guerreiro franco passava pelas chamas da porta e escorregava pelo tampo da mesa, gritando em desafio. O cabelo do homem estava soltando fumaça enquanto golpeava com a lança em nossa direção. Desviei sua lâmina com o escudo, estoquei com a espada, chutei-o e estoquei de novo.

— Por aqui! — gritou Galahad do jardim atrás da janela. Desferi um último golpe no franco morto, depois vi que Merlin voltara à sua mesa de trabalho.

— Depressa, senhor! — gritei para ele.

— O gato! — explicou Merlin. — Não posso abandonar o gato! Não seja louco.

— Pelo amor dos Deuses, senhor! — gritei, mas Merlin se enfiava debaixo da mesa para pegar o apavorado gato cinzento, que aninhou nos braços enquanto finalmente pulava a janela até um canteiro de ervas protegido por uma pequena cerca viva. O sol estava esplêndido no oeste, encharcando o céu num vermelho brilhante e fazendo estremecer seu reflexo feroz nas águas da baía. Atravessamos a cerca e seguimos Galahad por um lance de escada que levava à cabana de um jardineiro, depois por um caminho perigoso que contornava o pico de granito. De um lado do caminho havia um penhasco de pedra e no outro era o ar, mas Galahad conhecia as trilhas desde pequeno, e nos levou em

segurança em direção à água escura.

Corpos flutuavam na água. Nosso barco, apinhado até parecer um milagre que pudesse ao menos flutuar, já estava a 400 metros da ilha, com seus remadores se esforçando para arrastar à segurança o peso dos passageiros. Pus as mãos em concha e gritei:

— Culhwch! — Minha voz ecoou na rocha e foi se apagando em direção ao mar, onde se perdeu na imensidão de gritos e gemidos que marcavam o fim de Ynys Trebes.

— Deixe-os ir — disse Merlin calmamente, depois procurou debaixo da túnica imunda que usava disfarçado de padre Celwin. — Segure isso. — Ele pôs o gato nos meus braços, depois enfiou de novo a mão debaixo da túnica até encontrar um pequeno chifre de prata que ele soprou uma vez. Soou uma nota doce.

Quase imediatamente um barquinho apareceu rodeando a parte norte de Ynys Trebes. Um único homem, vestido com capa, impelia o barco com uma vara comprida presa à popa. O barco tinha uma proa alta e pontuda e espaço para apenas três passageiros. Havia um baú de madeira nas tábuas do fundo, gravado com o selo de Merlin, o Deus chifrudo Cernunnos.

— Fiz esses arranjos quando ficou claro que o pobre Ban não tinha verdadeira ideia dos rolos que possuía — disse Merlin tranquilamente. — Achei que precisaria de mais tempo, e era verdade. Claro que os rolos eram rotulados, mas os *fili* viviam mexendo neles, para não dizer de quando tentavam melhorá-los ou quando roubavam os versos para dizer que eram seus. Um desgraçado passou seis meses plagiando Catulo, depois o guardou no lugar de Platão. Boa noite, meu caro Caddwg! — ele cumprimentou amigavelmente o barqueiro. — Está tudo bem?

— Afora o mundo estar morrendo, sim — rosnou Caddwg.

— Mas você está com o baú. — Merlin fez um gesto para a caixa fechada. — Nada mais importa.

Antigamente o barquinho fora usado pelo palácio para levar passageiros aos navios maiores ancorados ao largo, e Merlin havia combinado que ele esperasse seu chamado. Agora subimos a bordo e nos deixamos cair sobre as tábuas enquanto o sério Caddwg impelia a embarcação para o mar do fim de tarde. Uma única lança mergulhou das alturas até ser engolida pelas águas ao nosso lado, mas afora isso a partida não foi percebida nem perturbada. Merlin pegou o gato comigo e se acomodou contente na borda do barco enquanto Galahad e eu olhávamos a morte da ilha.

A fumaça cobria a água. Os gritos dos condenados eram uma ode fúnebre no dia agonizante. Podíamos ver as formas escuras dos lanceiros francos ainda atravessando a estrada de troncos e pulando de sua extremidade, indo para a cidade caída. O sol afundou, escurecendo a baía e tornando mais brilhantes as chamas no palácio. Uma cortina

pegou fogo e chamejou breve e nítida antes de se desmoronar em cinza suave. A biblioteca queimava ferozmente; rolo após rolo explodindo em chamas rápidas e transformando num inferno aquele canto do palácio. Era a pira funerária do rei Ban, queimando na noite.

Galahad chorou. Ajoelhou-se no barco, segurando a lança, e ficou olhando sua casa se transformar em pó. Fez o sinal da cruz e uma oração silenciosa desejando que a alma do pai fosse para algum Outro Mundo em que Ban tivesse acreditado. O mar estava misericordiosamente calmo. Estava colorido de vermelho e preto, sangue e morte, um espelho perfeito para a cidade em chamas onde nosso inimigo dançava num triunfo medonho. Ynys Trebes jamais foi reconstruída no nosso tempo: as paredes caíram, o mato cresceu, aves marinhas se aninharam lá. Os pescadores francos evitavam a ilha onde tantos tinham morrido. Não a chamavam mais de Ynys Trebes, deram-lhe um novo nome em sua língua áspera: o Monte da Morte, e à noite, diziam os marinheiros de lá, quando a ilha deserta está negra sobre um mar de obsidiana, os gritos das mulheres e os gemidos das crianças ainda podem ser ouvidos.

Chegamos a uma praia vazia no lado oeste da baía. Abandonamos o barco e levamos o baú lacrado de Merlin, subindo por urzes e espinheiros curvados pelos vendavais até a alta encosta na ponta de terra. A noite caiu totalmente quando chegamos ao cume, e me virei e vi Ynys Trebes brilhando como um carvão aceso no escuro, depois continuei andando para carregar meu fardo para casa, para a consciência de Artur. Ynys Trebes estava morta.

PEGAMOS UM BARCO PARA A Britânia no mesmo rio onde uma vez eu tinha rezado a Bel e Manawydan para que me levassem em segurança para casa. Encontramos Culhwch no rio, com o barco sobrecarregado preso à lama. Leanor estava viva, assim como a maioria dos nossos homens. Um barco pronto para fazer a viagem para casa tinha sido deixado no rio e seu mestre aguardara com a esperança de conseguir um lucro gordo com sobreviventes desesperados, mas Culhwch pôs a espada na garganta do homem e o obrigou a nos levar de graça. O resto do povo do rio já havia fugido dos francos. Esperamos durante uma noite que ficou extravagante com o reflexo das chamas de Ynys Trebes, e de manhã levantamos a âncora do barco e velejamos para o norte.

Merlin ficou olhando a costa recuar e eu, mal ousando acreditar que o velho realmente tinha voltado para nós, espiava-o. Era um homem alto e ossudo, talvez o mais alto que já vi, com cabelos brancos e compridos que cresciam da linha de tonsura e eram reunidos num rabo de cavalo preso com fita preta. Tinha usado o cabelo solto e desgrehado enquanto fingia ser Celwin, mas agora, com o rabo de cavalo restaurado, parecia o velho Merlin. Sua pele era da cor de madeira antiga e polida, os olhos verdes e o nariz uma proa ossuda e afilada. A barba e o bigode eram arrumados em tranças finas que ele gostava de torcer nos dedos quando estava pensando. Ninguém sabia sua idade, mas certamente jamais encontrei alguém mais velho, a não ser o druida Balise, nem soube de algum homem cuja idade parecesse tão difícil de definir quanto Merlin. Ele possuía todos os dentes, cada um deles, e mantinha a agilidade de um jovem, mas adorava fingir que era velho, frágil e desamparado. Vestia-se de preto, sempre de preto, jamais de outra cor, e habitualmente levava um cajado alto e preto, mas agora, fugindo da Armórica, não estava com esse distintivo do cargo.

Era um homem impositivo, não só por causa da altura, da reputação ou da elegância, mas por causa da presença. Como Artur, tinha a capacidade de dominar uma sala e fazer um salão apinhado parecer vazio quando partia, mas enquanto a presença de Artur era generosa e entusiasmada, a de Merlin era sempre perturbadora. Quando olhava para você, parecia capaz de ler a parte secreta de seu coração e, pior ainda, achá-la divertida. Era malicioso, impaciente, impulsivo e total e absolutamente sábio. Apequenava tudo, denegria todo mundo e amava poucas pessoas por completo. Artur era uma, Nimue outra, e acho que eu era uma terceira, mas jamais pude ter toda a certeza, porque ele era um homem que adorava o fingimento e os disfarces.

— Você está me olhando, Derfel! — acusou-me da proa do barco, onde ainda estava de costas para mim.

— Espero jamais perdê-lo de vista de novo, senhor.

— Que idiota emocional você é, Derfel. — Ele se virou e resmungou. — Eu deveria tê-lo jogado de volta no poço de Tanaburs. Leve aquele baú para a minha cabine.

Merlin havia reivindicado a cabine do mestre do navio, onde agora tinha colocado o baú de madeira. Merlin entrou pela porta baixa, remexeu nos travesseiros do capitão para fazer um assento confortável e depois sentou-se com um suspiro de felicidade. O gato cinza pulou no seu colo enquanto, sobre uma mesa tosca que brilhava com escamas de peixe, ele desenrolava alguns centímetros do rolo grosso por cuja obtenção arriscara a vida.

— O que é? — perguntei.

— É o único tesouro verdadeiro que Ban possuía. O resto consistia principalmente de bobagens gregas e romanas. Algumas coisas boas, suponho, mas não muito.

— O que é? — perguntei de novo.

— É um rolo, caro Derfel — disse ele, como se eu fosse idiota por perguntar. Em seguida olhou pela abertura na parede para ver a vela enfundada num vento ainda azedado pela fumaça de Ynys Trebes. — Um bom vento! — disse alegremente. — Será que estaremos em casa ao anoitecer? Sinto saudades da Britânia. — Olhou de novo para o rolo. — E Nimue? Como vai aquela criança querida? — perguntou enquanto examinava as primeiras linhas.

— Na última vez em que a vi — falei amargo —, ela havia sido estuprada e perdido um olho.

— Essas coisas acontecem — disse Merlin descuidadamente.

Sua insensibilidade me tirou o fôlego. Esperei, depois perguntei de novo o que havia de tão importante naquele manuscrito.

Merlin suspirou.

— Você é uma criatura importuna, Derfel. Bom, vou fazer sua vontade. — Ele soltou o manuscrito que se enrolou, depois se recostou nos travesseiros úmidos e puídos do comandante. — Claro que você sabe quem foi Caleddin, não é?

— Não, senhor.

Ele ergueu as mãos em desespero.

— Não tem vergonha de sua ignorância, Derfel? Caleddin foi um druida dos Ordovicii. Uma tribo desgraçada, disso sei muito bem. Uma das minhas mulheres era ordoviciana, e uma criatura daquelas bastou para uma dúzia de vidas. Nunca mais. — Ele estremeceu à lembrança, depois me espiou. — Gundleus estuprou Nimue, não foi?

— Sim. — Tentei imaginar como ele sabia.

— Homem idiota! Homem idiota! — Merlin parecia mais divertido

do que furioso com o destino de sua amante. — Como ele vai sofrer! Nimue está com raiva?

— Furiosa.

— Bom. A fúria é muito útil, e a querida Nimue tem talento para isso. Uma das coisas que não suporto nos cristãos é sua admiração pela humildade. Imagine transformar a humildade numa virtude! Humildade! Você consegue imaginar um céu cheio somente de humildes? Que ideia pavorosa! A comida ficaria fria enquanto todo mundo ia passando os pratos uns para os outros. A humildade não é boa, Derfel. A raiva e o egoísmo são as qualidades que fazem o mundo marchar. — Ele gargalhou. — Bom, quanto a Caleddin: ele era um druida razoável para um ordoviciano, nem de longe tão bom quanto eu, claro, mas teve dias melhores. Gostei de sua tentativa de matar Lancelot, a propósito, uma pena não ter terminado o serviço. Imagino que ele tenha escapado da cidade, não é?

— Assim que ela foi condenada.

— Os marinheiros dizem que os ratos são os primeiros a abandonar um navio condenado. Pobre Ban. Ele era um tolo, mas um tolo bom.

— Ele sabia quem o senhor era?

— Claro que sabia. Teria sido uma grosseria monstruosa da minha parte enganar meu anfitrião. Ele não contou a mais ninguém, claro, caso contrário eu seria sitiado por aqueles poetas medonhos pedindo que usasse magia para que suas rugas desaparecessem. Você não faz ideia, Derfel, de como um pouco de magia pode ser entediante. Ban sabia quem eu era, assim como Caddwg. Ele é meu serviçal. O pobre Hywel está morto, não é?

— Se o senhor já sabia, por que pergunta?

— Só estou conversando! — protestou ele. — A conversa é uma das artes da civilização, Derfel. Não podemos atravessar a vida com uma espada e um escudo, rosnando. Alguns de nós tentam preservar a dignidade. — Ele fungou.

— Então como sabe que Hywel está morto?

— Porque Bedwin escreveu me contando, claro, seu idiota.

— Bedwin esteve escrevendo para o senhor esse tempo todo? — perguntei, completamente pasmo.

— Claro! Ele precisava dos meus conselhos. O que você acha que fiz? Desapareci?

— Desapareceu — falei, ressentido.

— Absurdo. Vocês simplesmente não sabiam onde me procurar. Não que Bedwin aceitasse meu conselho a respeito de alguma coisa. Que confusão o sujeito fez! Mordred vivo! Pura tolice. A criança deveria ter sido estrangulada com o próprio cordão umbilical, mas acho que Uther jamais poderia ser persuadido a isso. Pobre Uther. Ele acreditava que as virtudes são passadas através do ventre de um homem! Que absurdo!

Uma criança é como um bezerro; se é aleijado você dá uma boa pancada no crânio e cobre a vaca de novo. É por isso que os Deuses tornaram tão prazeroso gerar filhos, porque muitos pequeninos desgraçados precisam ser substituídos. Nas mulheres não há muito prazer nesse processo, claro, mas alguém tem de sofrer, e graças aos Deuses são elas, e não nós.

— O senhor já teve filhos? — perguntei, imaginando por que nunca tinha pensado em perguntar isso antes.

— Claro que tive! Que pergunta extraordinária. — Ele me olhou como se duvidasse da minha sanidade. — Jamais gostei muito de nenhum deles, e felizmente a maioria morreu e o resto deserdei. Prefiro os filhos dos outros; são muito mais agradecidos. Agora, do que estávamos falando? Ah, sim, Caleddin. Homem terrível. — Ele balançou a cabeça, mal-humorado.

— Ele escreveu esse rolo?

— Não seja estúpido, Derfel — reagiu Merlin impaciente. — Os druidas não têm permissão de escrever nada, é contra as regras. Você sabe disso! Assim que você escreve alguma coisa ela se torna fixa. Vira dogma. As pessoas passam a discutir a respeito, ficam autoritárias, referem-se aos textos, produzem manuscritos, discutem mais e logo estão matando umas às outras. Se você nunca escreve nada, ninguém sabe exatamente o que disse, de modo que sempre pode mudar. Será que tenho de explicar tudo?

— O senhor pode explicar o que está escrito no rolo — falei humildemente.

— Eu estava fazendo exatamente isso! Mas você fica me interrompendo e mudando de assunto! Comportamento extraordinário! E pensar que cresceu no Tor. Eu deveria ter mandado chicoteá-lo com mais frequência, isso poderia ter-lhe dado melhores maneiras. É verdade que Gwlyddyn está reconstruindo meu salão?

— É.

— Um homem bom, honesto, o Gwlyddyn. Provavelmente eu mesmo terei de reconstruí-lo sozinho, mas ele tenta.

— O rolo — lembrei.

— Eu sei! Eu sei! Caleddin era um druida, eu lhe disse. E um ordoviciano. Feras pavorosas, os ordovicianos. De qualquer modo, volte sua mente ao Ano Negro e se pergunte como Suetônio sabia tudo que sabia sobre religião. Você sabe quem era Suetônio, não sabe?

A pergunta era um insulto, porque todos os britânicos conhecem e odeiam o nome de Suetônio Paulino, o governador nomeado pelo imperador Nero e que, no Ano Negro que ocorreu cerca de cem anos antes do nosso tempo, virtualmente destruiu nossa religião antiga. Todo britânico cresceu com a história pavorosa de como as duas legiões tinham esmagado o santuário dos druidas em Ynys Mon. Ynys Mon, como Ynys Trebes, era uma ilha, o maior santuário dos nossos Deuses,

mas de algum modo os romanos cruzaram os estreitos e passaram a fio de espada todos os druidas, bardos e sacerdotisas. Derrubaram os bosques sagrados e conspurcaram o lago sagrado, de modo que tudo que nos restou foi apenas uma sombra da religião antiga, e nossos druidas, como Tanaburs e Iorweth, eram apenas ecos débeis de uma glória antiga.

— Sei quem foi Suetônio.

— Houve outro Suetônio — disse ele, divertido. — Um escritor romano, e bastante bom. Ban possuía o seu *De Viris Illustribus* que é principalmente sobre a vida dos poetas. Suetônio foi particularmente escandaloso sobre Virgílio. É extraordinário tudo o que os poetas levam para a cama; principalmente uns aos outros, claro. É uma pena essa obra ter se queimado, porque nunca vi outro exemplar. O pergaminho de Ban devia ser a última cópia, e agora não passa de cinzas. Virgílio será aliviado. De qualquer modo, o fato é que Suetônio Paulino queria saber tudo que fosse possível sobre nossa religião antes de atacar Ynys Mon. Queria ter certeza de que não íamos transformá-lo num sapo ou num poeta, por isso encontrou um traidor, Caleddin, o druida. E Caleddin ditou tudo que sabia para um escriba romano que anotou tudo, no que parece ser um latim execrável. Mas, execrável ou não, é o único registro de nossa religião antiga; todos os segredos, todos os rituais, todos os seus significados e seu poder. E este, criança, é o texto. — Ele fez um gesto para o pergaminho e conseguiu derrubá-lo da mesa.

Peguei o manuscrito embaixo do catre do comandante do navio.

— E pensei — falei amargamente — que o senhor era um cristão tentando descobrir a envergadura das asas dos anjos.

— Não seja perverso, Derfel! Todo mundo sabe que a envergadura pode variar dependendo da altura e do peso do anjo. — Ele desenrolou o pergaminho de novo e espiou seu conteúdo. — Procurei este tesouro em toda parte. Até em Roma! E o tempo todo o velho e tolo Ban tinha-o catalogado como o 18º volume de Silius Italicus. Isso prova que nunca leu a obra inteira, mesmo dizendo que era maravilhosa. Mesmo assim, não creio que alguém tenha lido o negócio inteiro. Como poderiam? — Ele estremeceu.

— Não é de espantar que o senhor tenha levado mais de cinco anos para encontrar — falei, pensando em quantas pessoas tinham sentido sua falta durante esse tempo.

— Absurdo. Só fiquei sabendo da existência do pergaminho há um ano. Antes disso estava procurando outras coisas: o Chifre de Bran Galed, a Faca de Laufrodedd, a Funda de Gwendolau, o Anel de Eluned. Os Tesouros da Britânia, Derfel... — Ele fez uma pausa, olhando o baú lacrado, depois me olhou de novo. — Os Tesouros são a chave do poder, Derfel, mas sem os segredos deste pergaminho eles não passam de objetos mortos. — Havia uma rara reverência em sua voz, e não era de

espantar, porque os Treze Tesouros eram os talismãs mais misteriosos e sagrados da Britânia. Numa noite em Benoic, quando estávamos tremendo no escuro e tentando ouvir os francos em meio às árvores, Galahad tinha zombado da própria existência dos Tesouros, duvidando que eles poderiam ter sobrevivido aos longos anos de domínio romano, mas Merlin sempre insistira que os antigos druidas, diante da derrota, tinham-nos escondido tão fundo que nenhum romano jamais iria encontrá-los. A obra de sua vida era a coleta dos treze talismãs; sua ambição era o espantoso momento final em que eles seriam usados. Parecia que esse uso era descrito no manuscrito perdido de Caleddin.

— Então, o que o rolo conta? — perguntei ansioso.

— Como é que vou saber? Você não me dá tempo de ler. Por que não sai daqui e procura ser útil? Emendar um remo ou qualquer coisa que os marinheiros fazem quando não estão se afogando. — Ele esperou até eu ter chegado à porta. — Ah, e mais uma coisa — acrescentou abstratamente.

Virei-me e vi que ele estava olhando para as primeiras linhas do manuscrito.

— Senhor?

— Só queria agradecer, Derfel — disse ele distraidamente. — Então, obrigado. Sempre esperei que você fosse útil algum dia.

Pensei em Ynys Trebes queimando e em Ban morto.

— Fracassei com Artur — falei amargamente.

— Todo mundo fracassa com Artur. Ele espera demais. Agora vá.

EU TINHA SUPOSTO QUE LANCELOT e sua mãe Elaine navegariam para Broceliande, a oeste, para se juntar à massa de refugiados expulsos do reino de Ban pelos francos, mas em vez disso velejaram para o norte, para Dumnonia.

E assim que chegaram a Dumnonia viajaram para Durnovária, alcançando a cidade dois dias inteiros antes de Merlin, Galahad e eu desembarcarmos, de modo que não estávamos lá para ver sua entrada, mas ouvimos tudo porque a cidade ressoava com histórias espantosas dos fugitivos.

O grupo real de Benoic viajara em três navios rápidos, que tinham sido preparados antes da queda de Ynys Trebes e em cujos porões estava atulhado o ouro e a prata que os francos esperavam encontrar no palácio de Ban. Quando o grupo da rainha Elaine chegou a Durnovária o tesouro já fora escondido e todos os fugitivos estavam a pé, alguns sem sapatos, todos esfarrapados e empoeirados, o cabelo emaranhado e com uma crosta de sal do mar, e com sangue nas roupas e nas armas danificadas que carregavam em mãos nervosas. Elaine, rainha de Benoic, e Lancelot, agora rei de um reino perdido, foram mancando pela rua principal da cidade para implorar como indigentes no palácio de Guinevere. Atrás deles seguia uma mistura de guardas, poetas e cortesãos que, segundo exclamou Elaine piedosamente, eram os únicos sobreviventes do massacre.

— Se ao menos Artur tivesse mantido a palavra — gemeu ela para Guinevere —, se ao menos ele tivesse feito metade do que prometeu!

— Mamãe! Mamãe! — Lancelot abraçou-a.

— Eu só quero morrer, querido — declarou Elaine —, como quase aconteceu com você durante a luta.

Guinevere, claro, reagiu esplendidamente à ocasião. Roupas foram arrumadas, banheiras enchidas, comida preparada, vinho servido, ferimentos tratados, histórias ouvidas, tesouro dado e Artur convocado.

As histórias eram maravilhosas. Foram contadas por toda a cidade, e quando chegamos a Durnovária tinham se espalhado por cada canto da Dumnonia e já estavam voando sobre as fronteiras para ser recontadas em incontáveis salões britânicos e irlandeses. Era uma grande narrativa de heróis; como Lancelot e Bors tinham sustentado o portão dos tritões e como haviam atapetado as areias com mortos francos e fartado as gaivotas com entranhas francas. Os francos, diziam as histórias, gritavam por piedade, temendo que a brilhante Tanlladwyr surgisse de novo na mão de Lancelot, mas então alguns outros defensores, fora das

vistas de Lancelot, cederam passagem. O inimigo estava dentro da cidade e, se antes a luta fora violenta, agora tinha se tornado medonha. Inimigo após inimigo caiu enquanto rua após rua era defendida, mas nem todos os heróis da antiguidade poderiam ter contido o jorro de bandidos que enxameavam do mar como demônios libertos dos pesadelos de Manawydan. Os heróis em menor número tiveram de recuar, deixando as ruas atravancadas com mortos inimigos; mais inimigos vieram e os heróis recuaram mais, até o próprio palácio onde Ban, o bom rei Ban, se curvou sobre o terraço procurando os navios de Artur. “Eles virão!”, insistira Ban, “porque Artur prometeu”.

Segundo a história, o rei não queria sair do terraço porque, se Artur chegasse e ele não estivesse lá, o que os homens diriam? Insistiu que ficaria para receber Artur, mas primeiro beijou a esposa, abraçou o herdeiro e depois desejou a ambos bons ventos para a Britânia antes de se virar para o resgate que nunca veio.

Era uma história poderosa, e no dia seguinte, quando parecia que nenhum navio viria da distante Armórica, a história se transformou sutilmente. Agora eram os homens da Dumnonia, as forças lideradas por Culhwch e Derfel, que tinham permitido a entrada dos inimigos em Ynys Trebes.

— Eles lutaram — garantiu Lancelot a Guinevere —, mas não puderam suportar.

Artur, que estivera fazendo campanha contra os saxões de Cerdic, cavalgou a toda velocidade para Durnovária, vindo dar as boas-vindas aos hóspedes. Chegou apenas horas antes que nosso grupo lamentável passasse sem ser notado pela estrada que vinha do mar, atravessando as grandes fortificações gramadas de Mai Dun. Um dos guardas no portão sul da cidade me reconheceu e nos deixou entrar.

— Vocês chegaram na hora certa — disse ele.

— Para quê? — perguntei.

— Artur está aqui. Eles vão contar a história de Ynys Trebes.

— Vão, é? — Olhei para a cidade, em direção ao palácio no morro do oeste. — Eu gostaria de ouvir — falei, depois levei meus companheiros para dentro da cidade. Corri até a encruzilhada no centro, curioso em inspecionar a capela que Sansum construía para Mordred, mas, para minha surpresa, não havia capela nem templo no local, apenas um terreno baldio cheio de mato. — Nimue — falei, divertido.

— O quê? — perguntou Merlin. Ele estava encapuzado, de modo que ninguém o reconheceu.

— Um homenzinho metido a importante ia construir uma igreja aqui. Guinevere convocou Nimue para impedi-lo.

— Então Guinevere não é totalmente desprovida de bom senso?

— E eu disse que era?

— Não, caro Derfel, não disse. Então vamos? — Viramo-nos para o

morro, na direção do palácio. Era fim de tarde, e os escravos do palácio colocavam tochas em suportes no pátio onde, sem ligar para os danos que causavam às rosas e aos canais de água de Guinevere, uma multidão tinha se reunido para ver Lancelot e Artur. Ninguém nos reconheceu quando passamos pelo portão. Merlin estava encapuzado, enquanto Galahad e eu usávamos fechadas as peças laterais de nossos elmos com caudas de lobo. Esprememo-nos com Culhwch e uma dúzia de outros homens na arcada, atrás da multidão.

E ali, enquanto a noite caía, ouvimos a história da queda de Ynys Trebes.

Lancelot, Guinevere, Elaine, Artur, Bors e Bedwin estavam no lado leste do pátio, onde o pavimento era um pouco elevado acima dos outros três lados, funcionando como um palco natural; uma impressão enfatizada pelas tochas fixas na parede atrás do terraço cujos degraus davam no pátio. Procurei Nimue, mas não a vi, e o jovem bispo Sansum também não estava. O bispo Bedwin fez uma oração e os cristãos em meio à turba murmuraram sua resposta, fizeram o sinal da cruz e depois se acomodaram para ouvir de novo a espantosa narrativa da queda de Ynys Trebes. Bors contou a história. Ficou na beira dos degraus e falou da luta de Benoic, e a multidão que ouvia ficou boquiaberta diante do horror, e aplaudiam quando ele descrevia alguma passagem específica sobre o heroísmo de Lancelot. Uma vez, assolado pela emoção, Bors simplesmente fez um gesto para Lancelot, que tentou conter os aplausos levantando uma das mãos enrolada em bandagens. E quando o gesto fracassou, ele balançou a cabeça, como se o elogio da multidão fosse simplesmente grande demais para suportar. Elaine, vestida de preto, chorava ao lado do filho. Bors não se demorou no fracasso de Artur em reforçar a guarnição condenada, em vez disso explicou que, apesar de Lancelot saber que Artur estava lutando na Britânia, o rei Ban tinha se agarrado às suas esperanças pouco realistas. Artur, ferido, mesmo assim balançou a cabeça e parecia à beira das lágrimas, especialmente quando Bors contou a história tocante da despedida de Ban à mulher e ao filho. Eu também estava à beira das lágrimas, não por causa das mentiras que ouvia, mas por pura alegria de rever Artur. Ele não tinha mudado. O rosto ossudo ainda era forte, e os olhos cheios de preocupação.

Bedwin perguntou o que havia acontecido aos homens da Dumnonia, e Bors, com aparente relutância, permitiu que a história de nossas mortes lamentáveis lhe fosse arrancada. A multidão gemeu quando todos souberam que tínhamos sido nós, os homens da Dumnonia, que cedemos os portões da cidade. Bors levantou a mão enluvada.

— Eles lutaram bem! — falou, mas a multidão não sentiu consolo.

Merlin parecia estar ignorando o absurdo de Bors. Em vez disso sussurrava com um homem na parte de trás da multidão, mas agora se

adiantou para tocar meu ombro.

— Preciso mijar, garoto — falou na voz do padre Celwin. — Bexiga de velho. Cuide desses idiotas que já volto logo.

— Seus homens lutaram bem! — gritou Bors para a multidão. — E apesar de derrotados, morreram como homens!

— E agora, como fantasmas, estão de volta do Outro Mundo! — gritei e bati com o escudo contra uma coluna, soltando uma pequena nuvem de pó de pedra. Em seguida, entrei na luz de uma tocha. — Você mente, Bors! — gritei.

Culhwch veio para o meu lado.

— Também digo que você mente — rosnou ele.

— E eu também digo! — Galahad apareceu.

Desembainhei Hywelbane. O barulho do aço na garganta de madeira da bainha fez a multidão recuar, deixando um caminho através das rosas pisoteadas que levavam ao terraço. Nós três, exaustos pela batalha, sujos de pó, com capacetes e armados, nos adiantamos. Caminhamos no mesmo passo, lentamente, e nem Bors nem Lancelot ousaram falar quando viram as caudas de lobos pendendo de nossos capacetes. Parei no centro do jardim e enfiei a ponta de Hywelbane num canteiro de rosas.

— Minha espada diz que você mente — gritei. — Derfel, filho de uma escrava, diz que Lancelot Ap Ban, rei de Benoic, mente!

— Culhwch Ap Galeid também diz! — Culhwch enfiou sua lâmina cheia de mossas ao lado da minha.

— E Galahad Ap Ban, príncipe de Benoic, também. — Galahad acrescentou sua espada.

— Nenhum franco tomou nossa muralha — falei, retirando o elmo para que Lancelot pudesse ver meu rosto. — Nenhum franco ousou subir em nossa muralha, porque havia mortos demais ao pé dela.

— E eu, irmão — Galahad também retirou o elmo —, estava com seu pai na última hora, e não você.

— E você, Lancelot — gritei —, não tinha um curativo quando fugiu de Ynys Trebes. O que aconteceu? Uma farpa da amurada do navio espetou seu polegar?

Houve um rugido. Alguns dos guardas de Bors estavam do lado do pátio e sacaram as espadas, gritando insultos, mas Cavan e o resto dos nossos homens passaram pelo portão aberto com lanças erguidas, ameaçando um massacre.

— Nenhum de vocês, desgraçados, lutou na cidade — gritou Cavan. — Então lutem agora!

Lanval, comandante dos guardas de Guinevere, gritou para que seus arqueiros se alinhassem no terraço. Elaine tinha ficado branca, Lancelot e Bors estavam de cada lado dela, e ambos pareciam trêmulos. O bispo Bedwin estava gritando, mas foi Artur quem restaurou a ordem. Ele

desembainhou Excalibur e bateu-a contra o escudo. Lancelot e Bors tinham se encolhido no fundo do terraço, mas Artur fez com que se adiantassem, depois olhou para nós três. A multidão ficou em silêncio e os arqueiros soltaram as flechas das cordas.

— Na batalha — disse Artur gentilmente, exigindo a atenção de todos no pátio — as coisas ficam confusas. Os homens raramente veem tudo que acontece numa batalha. Há muito barulho, muito caos, muito horror. Nossos amigos de Ynys Trebes — e aqui ele passou pelos ombros de Lancelot o braço que segurava a espada — estão equivocados, mas foi um equívoco honesto. Sem dúvida, algum pobre homem confuso falou com eles sobre suas mortes e eles acreditaram, mas agora, felizmente, foram corrigidos. Mas não envergonhados! Houve glória suficiente em Ynys Trebes para todos compartilharem. Não estou certo?

Artur tinha dirigido a pergunta a Lancelot, mas foi Bors quem respondeu.

— Estou errado — disse ele. — E me sinto feliz por estar errado.

— Eu também — acrescentou Lancelot, numa voz corajosa e clara.

— Pronto! — exclamou Artur e sorriu para nós três. — Agora, meus amigos, peguem suas armas. Não teremos inimizade aqui! Vocês são todos heróis, todos vocês! — Ele esperou, mas nenhum de nós se mexeu. As chamas das tochas brilhavam em nossos elmos e tocavam as lâminas das espadas plantadas, que eram um desafio para uma luta pelo estabelecimento da verdade. O sorriso de Artur desapareceu enquanto ele se levantava totalmente. — Estou ordenando que peguem as espadas. Esta é minha casa. Você, Culhwch, e você, Derfel, são submetidos a mim por juramento. Estão rompendo seus juramentos?

— Estou defendendo minha honra, senhor — respondeu Culhwch.

— Sua honra está em servir a mim — disse Artur rispidamente, e o aço em sua voz bastou para me fazer estremecer. Ele era um homem gentil, mas era fácil esquecer que não havia se transformado em guerreiro por mera gentileza. Falava muito de paz e reconciliação, mas na batalha sua alma se liberava dessas preocupações e se entregava à matança. Agora ele ameaçava a matança pondo a mão no punho de Excalibur.

— Peguem as espadas — ordenou —, a não ser que queiram que eu as pegue para vocês.

Não podíamos lutar com nosso senhor, por isso obedecemos. Galahad seguiu nosso exemplo. A rendição fez com que nos sentíssemos magoados e enganados, mas Artur, no momento em que restaurou a amizade em sua casa, sorriu de novo. Abriu os braços dando as boas-vindas enquanto descia os degraus, e sua alegria em nos ver era tão óbvia que meu ressentimento se desvaneceu no ato. Ele abraçou seu primo Culhwch, depois me abraçou e senti as lágrimas de meu senhor no rosto.

— Derfel — disse ele. — Derfel Cadarn. É você mesmo?

— E mais ninguém, senhor.

— Você parece mais velho — disse ele com um sorriso.

— O senhor não.

Ele fez uma careta.

— Eu não estava em Ynys Trebes. Gostaria de ter estado. — Em seguida, se virou para Galahad. — Ouvi falar de sua bravura, senhor príncipe, e o saúdo.

— Mas não me insulte, senhor, acreditando em meu irmão — disse Galahad com amargura.

— Não, não quero discussões. Devemos ser amigos. Insisto nisso. — Em seguida, passou o braço pelo meu e subiu com nós três até o terraço, onde decretou que eu deveria abraçar Bors e Lancelot. — Já há problemas suficientes sem isso — disse-me ele em voz baixa quando fiquei parado.

Eu me adiantei e abri os braços. Lancelot hesitou, depois veio na minha direção. Seu cabelo cheio de óleo cheirava a violetas.

— Criança — sussurrou ele em meu ouvido, depois de beijar meu rosto.

— Covarde — sussurrei de volta e depois nos separamos, sorrindo.

O bispo Bedwin estava com lágrimas nos olhos quando me abraçou.

— Caro Derfel!

— Tenho notícias ainda melhores para o senhor — falei em voz baixa. — Merlin está aqui.

— Merlin? — Bedwin me encarou, não ousando acreditar na notícia. — Merlin está aqui? Merlin! — A notícia se espalhou pela multidão. Merlin estava de volta! O grande Merlin tinha retornado. Os cristãos se benzeram, mas até eles reconheciam a importância da notícia. Merlin tinha vindo a Dumnonia, e de repente os problemas do reino pareciam diminuídos pela metade.

— Então onde ele está? — perguntou Artur.

— Ele saiu — falei debilmente, apontando para o portão.

— Merlin! — gritou Artur. — Merlin!

Mas não houve resposta. Guardas procuraram por ele, mas nenhum o encontrou. Mais tarde, as sentinelas do portão do oeste disseram que um padre velho e corcunda, com tapa-olho, um gato cinza e uma tosse horrível tinha saído da cidade, mas que não viram nenhum sábio de barba branca.

— Você passou por uma batalha pavorosa, Derfel — disse-me Artur quando estávamos no salão de festas do palácio, onde uma refeição com porco, pão e hidromel foi servida. — Os homens têm sonhos estranhos quando sofrem dificuldades.

— Não, senhor — insisti. — Merlin estava aqui. Pergunte ao príncipe Galahad.

— Perguntarei, claro que perguntarei. — Ele se virou para a mesa elevada onde Guinevere estava apoiada num cotovelo para ouvir Lancelot. — Todos vocês sofreram.

— Mas falhei com o senhor — confessei — e lamento isso.

— Não, Derfel, não! Eu é que falhei com Ban. Mas o que mais podia fazer? Há tantos inimigos! — Ele ficou quieto, depois sorriu, quando o riso luminoso de Guinevere ressoou no salão. — Fico satisfeito porque ao menos ela está feliz — falou, depois foi conversar com Culhwch, que só pensava em devorar um leitão inteiro.

Lunete estava na corte naquela noite. Tinha o cabelo trançado e torcido num círculo cheio de flores. Usava torques, broches e braceletes, e seu vestido era de linho tingido de vermelho e enfeitado com um cinto com fivela de prata. Sorriu para mim, espanou pó da minha manga e depois franziu o nariz diante do cheiro das minhas roupas.

— As cicatrizes ficam bem em você, Derfel — disse ela, tocando de leve o meu rosto —, mas você se arrisca demais.

— Sou um guerreiro.

— Não esse tipo de risco. Falo de inventar histórias sobre Merlin. Você me deixa embaraçada! E se anunciar como filho de uma escrava! Não pensou em como isso poderia fazer com que eu me sentisse? Sei que não estamos mais juntos, mas as pessoas sabem que estivemos, e como você acha que me sinto quando você diz que é filho de escrava? Você deveria pensar nos outros, Derfel, devia mesmo. — Notei que ela não usava mais nosso anel de amantes, mas não esperava vê-lo, porque há muito tempo ela encontrara outros homens que poderiam ser mais generosos do que eu. — Acho que Ynys Trebes o deixou meio maluco. Caso contrário, por que desafiaria Lancelot a uma luta? Sei que você é bom com uma espada, Derfel, mas ele é Lancelot, não é um guerreiro qualquer. — Ela se virou para onde estava o rei, ao lado de Guinevere. — Ele não é maravilhoso?

— Incomparavelmente — falei com azedume.

— E não é casado, pelo que ouvi dizer, não é? — perguntou Lunete, cheia de coquetismo.

Inclinei-me para perto dela.

— Ele prefere meninos — sussurrei.

Ela bateu no meu braço.

— Idiota. Qualquer um pode ver que não. Vê como ele olha Guinevere? — Foi a vez de Lunete encostar a boca no meu ouvido. — Não diga a ninguém — sussurrou com a voz rouca —, mas ela está grávida.

— Bom.

— Não é nem um pouco bom. Ela não está feliz. Não quer ficar barriguda. E não a culpo. Odiei ficar grávida. Ah, ali está alguém que quero ver. Realmente gosto de caras novas numa corte. Ah, e outra

coisa, Derfel. — Ela deu um sorriso doce. — Tome um banho, querido. — Ela atravessou o salão para acuar um dos poetas da rainha Elaine.

— Acaba com o antigo, parte para o novo? — O bispo Bedwin apareceu do meu lado.

— Estou tão velho que me surpreendo ao ver que Lunete ao menos se lembra de mim.

Bedwin sorriu e me levou ao pátio, que agora estava vazio.

— Merlin estava com você — disse ele, não como uma pergunta, e sim como uma declaração.

— Sim, senhor. — E contei como Merlin disse que ia sair do palácio apenas por alguns instantes.

Bedwin balançou a cabeça.

— Ele gosta desses jogos — falou desanimado. — Conte mais.

Contei tudo que pude. Andamos de um lado para o outro no terraço superior, através da fumaça das tochas que pingavam, e falei do padre Celwin e da biblioteca de Ban, e contei a verdadeira história do cerco e a verdade sobre Lancelot, e terminei descrevendo o manuscrito de Caleddin, que Merlin salvara da queda da cidade.

— Ele disse que o manuscrito contém o conhecimento da Britânia — falei.

— Rezo a Deus que tenha, que Deus me perdoe. Alguém precisa nos ajudar.

— As coisas estão ruins?

Bedwin deu de ombros. Parecia velho e cansado. Agora seu cabelo estava ralo, a barba fina e o rosto mais macilento do que eu lembrava.

— Acho que poderiam estar piores, mas infelizmente nunca melhoram. Na verdade as coisas não estão muito diferentes de quando você foi embora, a não ser que Aelle fica mais forte, tão forte que até mesmo ousa chamar-se de Bretwalda. — Bedwin estremeceu diante da pretensão bárbara. Bretwalda era um título saxão e significava “governante da Britânia”. — Ele capturou toda a terra entre Durocbrivis e Corinium e provavelmente teria capturado aquelas duas fortalezas se não tivéssemos comprado a paz com o resto de nosso ouro. E há Cerdic, no sul. Ele está se mostrando ainda mais maligno do que Aelle.

— Aelle não ataca Powys?

— Gorfyddyd lhe pagou ouro, como nós.

— Gorfyddyd não estava doente?

— A peste passou, como passam todas as pestes. Ele se recuperou, e agora lidera os homens de Elmet com as forças de Powys. Está se saindo melhor do que tínhamos — disse Bedwyn, desanimado —, talvez porque seja impelido pelo ódio. Ele não bebe como antigamente e jurou vingar o braço perdido com a cabeça de Artur. Pior do que isso, Derfel, Gorfyddyd está fazendo o que Artur esperava fazer: unir as tribos. Mas

infelizmente as está unindo contra nós, e não contra os saxões. Ele paga aos silurianos de Gundleus e aos irlandeses Escudos Negros para atacar nosso litoral e suborna o rei Mark para ajudar a Cadwy, e ousa dizer que está levantando dinheiro agora para pagar Aelle para romper nossa trégua. Gorfyddyd se ergue e nós caímos. Em Powys ele é chamado de Grande Rei. E tem Cuneglas como herdeiro enquanto nós temos o pobre aleijado Mordred. Gorfyddyd monta um exército e nós temos bandos de guerreiros. E assim que a colheita deste ano estiver terminada, Derfel, Gorfyddyd virá para o sul com os homens de Elmet e Powys. Os homens dizem que será o maior exército já visto na Britânia, e não é de espantar que haja pessoas — ele baixou a voz — dizendo que deveríamos fazer a paz nos termos deles.

— E quais são os termos?

— Só há uma condição. A morte de Artur. Gorfyddyd jamais perdoará Artur por ter abandonado Ceinwyn. Você pode culpá-lo? — Bedwin encolheu os ombros e deu alguns passos em silêncio. — O verdadeiro perigo é se Gorfyddyd encontrar o dinheiro para trazer Aelle de volta à guerra. Não podemos pagar mais aos saxões. Não temos mais nada. O tesouro está vazio. Quem vai pagar impostos a um regime agonizante? E não podemos abrir mão de nenhum lanceiro para coletar impostos.

— Há muito ouro lá dentro — falei, balançando a cabeça para o salão onde o som da festa era alto. — Lunete estava usando bastante.

— As damas da princesa Guinevere não precisam colaborar com suas joias para a guerra — disse Bedwin amargamente. — Mesmo que colaborassem, duvido que houvesse o bastante para subornar Aelle de novo, e se ele atacar no outono, Derfel, os homens que querem a vida de Artur não vão sussurrar suas exigências, vão gritar das muralhas. Artur, claro, poderia simplesmente ir embora. Poderia ir para Broceliande, acho, então Gorfyddyd tomaria o pequeno Mordred a seus cuidados e seríamos apenas um reino submetido a Powys.

Continuei andando em silêncio. Não fazia ideia de que as coisas estavam tão desesperadoras.

Bedwin deu um sorriso triste.

— De modo que parece, meu jovem amigo, que você pulou da panela fervente para o fogo. Haverá trabalho para sua espada, Derfel, e logo, não precisa temer.

— Eu queria tempo para visitar Ynys Wydryn.

— Para encontrar Merlin de novo?

— Para encontrar Nimue.

Ele parou.

— Você não soube?

Alguma coisa fria acariciou meu coração.

— Não soube de nada. Pensei que ela poderia estar aqui, na

Durnovária.

— Estava. A princesa Guinevere mandou chamá-la. Fiquei surpreso quando ela veio, mas veio. Você precisa entender, Derfel, que Guinevere e o bispo Sansum... lembra-se dele? Como poderia esquecê-lo?... estão em desavença. Nimue foi a arma de Guinevere. Deus sabe o que ela pensava que Nimue poderia fazer, mas Sansum não esperou para descobrir. Pregou contra Nimue, dizendo que ela era feiticeira. Alguns dos meus colegas cristãos, temo, não são cheios de gentileza, e Sansum pregou dizendo que ela deveria ser apedrejada até a morte.

— Não! — protestei.

— Não, não! — Ele estendeu a mão para me acalmar. — Ela contratou trazendo para a cidade os pagãos do campo. Eles saquearam a nova capela de Sansum, houve um tumulto e uma dúzia de pessoas morreram, mas nem ela nem Sansum se feriram. Os guardas do rei entraram em pânico, pensando que era um ataque contra Mordred. Claro que não era, mas isso não os impediu de usar suas lanças. Então Nimue foi presa por Nabur, o magistrado responsável pelo rei, e ele a considerou culpada de fomentar a revolta. Claro que ele faria isso, sendo um cristão. O bispo Sansum exigiu a morte dela, a princesa Guinevere exigiu a soltura de Nimue, e entre essas duas exigências Nimue apodrecia nas celas de Nabur. — Bedwin fez uma pausa e pude ver em seu rosto que o pior ainda estava por vir. — Ela ficou louca, Derfel — continuou o bispo finalmente. — Foi como engaiolar um falcão, veja bem, e ela se rebelou contra as barras. Ficou louca, gritando sem parar. Ninguém podia contê-la.

Eu sabia o que estava vindo e balancei a cabeça.

— Não — falei e Bedwin deu a notícia medonha:

— A Ilha dos Mortos. O que mais poderiam fazer?

— Não — protestei de novo, porque Nimue estava na Ilha dos Mortos, perdida entre os insanos, e eu não podia suportar a ideia desse destino. — Ela sofreu a Terceira Ferida — falei em voz baixa.

— O quê? — Bedwin pôs a mão em concha sobre o ouvido.

— Nada. Ela está viva?

— Quem sabe? Nenhuma pessoa viva entra lá. E se entra, não pode voltar.

— Mas é para lá que Merlin deve ter ido! — gritei aliviado. Sem dúvida, Merlin ficara sabendo da notícia pelo homem com quem estivera sussurrando atrás da multidão, e Merlin poderia fazer o que nenhuma outra pessoa ousaria. A Ilha dos Mortos não guardaria terrores para Merlin. O que mais teria feito com que ele desaparecesse tão precipitadamente? Dentro de um ou dois dias, pensei, ele voltaria a Durnovária com Nimue resgatada e recuperada. Tinha de ser isso.

— Deus permita que sim — disse Bedwin —, pelo bem dela.

— O que aconteceu com Sansum? — perguntei, cheio de vingança.

— Não foi punido oficialmente, mas Guinevere persuadiu Artur a retirar dele o posto de capelão de Mordred, e então o velho que administrava o templo do Espinheiro Sagrado em Ynys Wydryn morreu, e consegui persuadir nosso jovem bispo a ir para lá. Ele não ficou feliz, mas sabia que tinha feito muitos inimigos na Durnovária, por isso aceitou. — Bedwin estava claramente deliciado com a queda de Sansum. — Ele certamente perdeu seu poder aqui, e não o vejo recuperando-o. Pelo menos enquanto não ficar muito mais sutil do que imagino. Claro que ele é um daqueles que sussurram dizendo que Artur deve ser sacrificado, Nabur é outro. Há uma facção Mordred em nosso reino, Derfel, e eles perguntam por que deveríamos lutar para preservar a vida de Artur.

Contornei uma poça de vômito produzida por um soldado bêbado que tinha vindo do salão. O sujeito gemeu, me olhou, depois vomitou de novo.

— Quem mais poderia governar a Dumnonia? — perguntei a Bedwin quando estávamos longe da audição do bêbado.

— Esta é uma boa pergunta, Derfel, quem? Gorfyddyd, claro, ou então seu filho Cuneglas. Alguns homens sussurram o nome de Gereint, mas ele não quer. Nabur chegou a sugerir que eu assumisse o controle. Não falou nada específico, claro, apenas sugestões. — Bedwin deu um risinho de desprezo. — Mas que utilidade eu teria contra nossos inimigos? Precisamos de Artur. Ninguém mais poderia manter longe esse círculo de inimigos durante tanto tempo, Derfel, mas as pessoas não entendem. Culpam-no pelo caos, mas se qualquer outro estivesse no poder o caos seria pior. Somos um reino sem um rei de fato, de modo que cada bandido ambicioso tem o olho no trono de Mordred.

Parei perto do busto de bronze que se parecia tanto com Gorfyddyd.

— Se Artur tivesse se casado com Ceinwyn...

Bedwin me interrompeu.

— Se, Derfel, se. Se o pai de Mordred tivesse sobrevivido, se Artur tivesse matado Gorfyddyd em vez de simplesmente cortar seu braço, tudo seria diferente. A história não passa de “ses”. E talvez você esteja certo. Talvez, se Artur tivesse se casado com Ceinwyn, estivéssemos em paz agora, e talvez a cabeça de Aelle estivesse plantada numa ponta de lança em Caer Cadarn, mas quanto tempo você acha que Gorfyddyd teria suportado o sucesso de Artur? E lembre-se de por que Gorfyddyd concordou com o casamento.

— Pela paz?

— Minha nossa, não. Gorfyddyd só permitiu o noivado de Ceinwyn porque acreditava que o filho dela, o seu neto, governaria a Dumnonia em vez de Mordred. Eu deveria ter pensado que isso era óbvio.

— Não para mim — falei, porque em Caer Sws, quando Artur enlouqueceu de amor, eu era um mero lanceiro na guarda, não um

capitão que precisava sondar a motivação dos reis e príncipes.

— Nós precisamos de Artur — disse Bedwyn, fitando meus olhos. — E, se Artur precisa de Guinevere, que assim seja. — Ele deu de ombros e continuou andando. — Eu preferiria Ceinwyn como esposa dele, mas a escolha e a cama nupcial não eram minhas. Agora, coitada, ela vai se casar com Gundleus.

— Gundleus! — falei alto demais, espantando o soldado que gemia em cima do próprio vômito. — Ceinwyn vai se casar com Gundleus?

— A cerimônia de noivado acontecerá em duas semanas — informou Bedwin calmamente —, durante o Lughnasa. — O Lughnasa era o festival de verão de Lleullaw, o Deus da luz, e era dedicado à fertilidade, assim qualquer noivado ocorrido na festa era considerado particularmente auspicioso. — Eles vão se casar no fim do outono, depois da guerra. — Bedwin fez uma pausa, sabendo que as últimas três palavras sugeriam que Gorfyddyd e Gundleus venceriam a guerra e que a cerimônia de casamento faria parte das celebrações da vitória. — Gorfyddyd jurou dar a eles a cabeça de Artur como presente nupcial.

— Mas Gundleus já é casado! — protestei, imaginando por que estava tão indignado. Seria porque me lembrava da beleza frágil de Ceinwyn? Eu ainda usava o broche dela dentro de meu peitoral, mas disse a mim mesmo que a indignação não era por causa dela, e simplesmente porque odiava Gundleus.

— Estar casado com Ladwys não impediu Gundleus de se casar com Norwenna — disse Bedwin cheio de escárnio. — Ele porá Ladwys de lado, rodeará três vezes a pedra sagrada e depois beijará o chapéu-de-sapo mágico ou o que quer que vocês pagãos fazem para se divorciar hoje em dia. Ele não é mais cristão, a propósito. Fará um divórcio pagão, se casará com Ceinwyn, lhe dará um herdeiro, depois correrá de volta para a cama de Ladwys. É assim que as coisas parecem ser hoje em dia. — Ele fez uma pausa, inclinando um ouvido para os sons de risos que vinham do salão. — Mas talvez nos próximos anos venhamos a pensar nestes dias como os últimos dos bons tempos.

Alguma coisa em sua voz fez meu ânimo baixar ainda mais.

— Estamos condenados?

— Se Aelle mantiver a trégua podemos durar mais um ano, mas apenas se derrotarmos Gorfyddyd. E se não derrotarmos? Então devemos rezar para que Merlin tenha nos trazido vida nova. — Ele deu de ombros, mas não pareceu muito esperançoso.

Ele não era um bom cristão, o bispo Bedwin, mas era um homem muito bom. Agora Sansum me diz que a bondade de Bedwin não impediu sua alma de assar no inferno. Mas naquele verão, quando eu estava recém-chegado de Benoic, todas as nossas almas pareciam condenadas à perdição. A colheita estava apenas começando, mas assim que terminasse, a chacina de Gorfyddyd chegaria.



Parte 4

A Ilha dos Mortos

IGRAINE EXIGIU VER O BROCHE de Ceiwyn. Segurou-o junto à janela, virando-o e olhando as espirais douradas. Eu podia ver o desejo em seus olhos.

— Você tem muitos que são mais bonitos — falei gentilmente.

— Mas nenhum tão cheio de história — disse ela, segurando o broche contra ao peito.

— Minha história, querida rainha, e não sua — ralhei.

Ela sorriu.

— Mas o que você escreveu? Que, se eu fosse tão gentil quanto sabe que sou, eu teria a permissão de ficar com ele?

— Eu escrevi isso?

— Porque sabia que isso iria me fazer devolvê-lo. Você é um velho inteligente, irmão Derfel. — Ela me estendeu o broche, depois dobrou os dedos sobre o ouro antes que eu pudesse pegá-lo. — Ele será meu um dia?

— E de ninguém mais, querida senhora. Prometo.

Ela continuou segurando-o.

— E você não vai deixar o bispo Sansum pegá-lo?

— Nunca — falei com fervor.

Ela o largou na minha mão.

— Você realmente o usava debaixo do peitoral?

— Sempre — falei, enfiando o broche em segurança debaixo da túnica.

— Pobre Ynys Trebes. — Ela estava sentada em seu lugar de sempre, no banco da janela, de onde podia olhar o vale de Dinnewrac em direção ao rio que estava inchado com uma prematura chuva de verão. Será que estava imaginando os invasores francos atravessando o vau e cobrindo a encosta como um enxame? — O que aconteceu com Leonor? — perguntou, surpreendendo-me com a pergunta.

— A harpista? Ela morreu.

— Não! Mas pensei que você disse que ela havia escapado de Ynys Trebes.

Confirmei com a cabeça.

— Escapou, mas ficou doente no primeiro inverno que passou na Britânia e morreu. Simplesmente morreu.

— E quanto a sua mulher?

— Minha?

— Em Ynys Trebes. Você disse que Galahad tinha Leonor, mas que o resto de vocês todos tinham mulheres. Então quem era a sua? E o que

aconteceu com ela?

— Não sei.

— Ah, Derfel! Ela não pode ter sido sem importância!

Suspirei.

— Ela era filha de um pescador. Seu nome era Pellocyn, só que todo mundo a chamava de Gata. O marido dela tinha se afogado um ano antes de eu conhecê-la, e, quando Culhwch guiava nossos sobreviventes para o barco, Gata caiu do caminho do abismo. Ela estava segurando o filhinho no colo, veja bem, e não pôde se agarrar às pedras. Havia um caos, com todo mundo em pânico e correndo. Não foi culpa de ninguém. Se bem que eu pensava frequentemente que, se estivesse lá, Pellocyn teria sobrevivido. Ela era uma garota forte e de olhos brilhantes, com riso rápido e um apetite inexaurível pelo trabalho pesado. Uma boa mulher. Mas se eu tivesse salvado sua vida Merlin teria morrido. O destino é inexorável.

Igraine devia estar pensando o mesmo.

— Eu gostaria de ter conhecido Merlin — falou, pensativa.

— Ele teria gostado da senhora. Sempre gostou de mulheres bonitas.

— E Lancelot também? — perguntou ela rapidamente.

— Ah, sim.

— E não de garotos?

— Não de garotos.

Igraine gargalhou. Neste dia estava usando um vestido bordado, de linho tingido de azul, que combinava com sua pele clara e o cabelo escuro. Dois torques de ouro circulavam seu pescoço e um emaranhado de braceletes chacoalhava num pulso fino. Ela fedia a fezes, fato que fui suficientemente diplomático para ignorar, já que percebi que devia estar usando um pessário feito com as primeiras fezes de um recém-nascido, antigo remédio para mulheres estéreis. Pobre Igraine.

— Você odiava Lancelot? — acusou ela de súbito.

— Totalmente.

— Isso não é justo! — Ela pulou do banco junto à janela e ficou andando de um lado para o outro no cômodo pequeno. — As histórias das pessoas não deveriam ser contadas por seus inimigos. Imagine se Nwylle escrevesse a minha!

— Quem é Nwylle?

— Você não a conhece — disse ela, franzindo a testa, e imaginei que Nwylle fosse a amante do seu marido. — Mas não é justo — insistiu —, porque todo mundo sabe que Lancelot era o maior dos soldados de Artur. Todo mundo!

— Eu, não.

— Mas ele deve ter sido corajoso!

Olhei pela janela, tentando ser justo em pensamento, tentando encontrar algo de bom para dizer sobre meu pior inimigo.

— Ele podia ser corajoso, mas optou por não ser. Algumas vezes lutava, mas geralmente evitava a batalha. Tinha medo de ganhar uma cicatriz no rosto, veja bem. Ele era muito vaidoso com a aparência. Colecionava espelhos romanos. A sala espelhada no palácio de Benoic era a sala de Lancelot. Ele podia ficar sentado lá e se admirar em cada parede.

— Não acredito que ele fosse tão ruim quanto você faz parecer.

— Acho que era pior. — Não gosto de escrever sobre Lancelot porque a lembrança dele é como uma mancha na minha vida. — Acima de tudo — falei —, ele era desonesto. Contava mentiras porque queria esconder a verdade a seu próprio respeito, mas também sabia fazer as pessoas gostarem dele quando queria. Era capaz de encantar os peixes do mar, minha querida.

Ela fungou, insatisfeita com meu julgamento. Sem dúvida, quando Dafydd Ap Gruffud traduzir estas palavras, Lancelot será elogiado como gostaria. Brilhante Lancelot! Elevado Lancelot! Belo, dançante, sorridente, espirituoso, elegante Lancelot! Ele era o rei sem terra e o Senhor das Mentiras, mas, se Igraine fizer sua vontade, ele brilhará através dos anos como o modelo do guerreiro nobre.

Igraine olhou pela janela, para onde Sansum estava expulsando um grupo de leprosos de nosso portão. O santo jogava torrões de terra contra eles, gritando para que fossem para o diabo e convocando nossos outros irmãos para ajudá-lo. O noviço Tudwal, que a cada dia fica mais rude com o resto de nós, dançava ao lado de seu mestre e o incitava. Os guardas de Igraine, parados na porta da cozinha como sempre, finalmente apareceram e usaram suas lanças para livrar o mosteiro dos mendigos doentes.

— Sansum realmente queria sacrificar Artur? — perguntou Igraine.

— Foi o que Bedwin me disse.

Igraine me lançou um olhar enviesado.

— Sansum gosta de garotos, Derfel?

— O santo ama todo mundo, querida rainha, até as mulheres jovens que fazem perguntas impertinentes.

Ela deu um sorriso obediente e depois fez uma careta.

— Tenho certeza de que ele não gosta de mulheres. Por que não deixa nenhum de vocês se casar? Outros monges se casam, mas nenhum aqui.

— O piedoso e amado Sansum acredita que as mulheres nos distraem do dever de adorar Deus. Assim como a senhora me distrai de meu trabalho.

Ela gargalhou, mas de repente se lembrou de uma tarefa e ficou séria.

— Há duas palavras que Dafydd não entendeu no último lote de pergaminhos, Derfel. Ele quer que você as explique. Catamito?

— Diga para ele perguntar a outra pessoa.

— Vou perguntar a outra pessoa, certamente — disse ela, indignada.

— E camelo? Ele diz que não é carvão.

— Um camelo é um animal mítico, senhora, com chifres, asas, escamas, cauda bifurcada e hálito de chamas.

— Parece Nwylle.

— Ah! Os escritores do Evangelho trabalhando! Meus dois evangelistas! — Sansum, com as mãos sujas da terra que tinha jogado nos leprosos, entrou no quarto para dar a este pergaminho um olhar dúbio, antes de franzir o nariz. — Estou sentindo cheiro de alguma coisa suja?

Fiquei sem jeito.

— Foram os feijões do desjejum, senhor bispo — falei. — Desculpe-me.

— Estou pasmo em ver como a senhora suporta a companhia dele — disse Sansum a Igraine. — E a senhora não deveria estar na capela? Rezando por um bebê? Não é a sua tarefa aqui?

— Certamente não é a sua — disse Igraine, mal-humorada. — Se quer saber, senhor bispo, estávamos discutindo as parábolas de Nosso Senhor. O Senhor não pregou uma vez sobre o camelo e o buraco da agulha?

Sansum grunhiu e olhou por cima do meu ombro.

— E, fedido irmão Derfel, qual é a palavra saxã para camelo?

— Nwylle — falei.

Igraine gargalhou e Sansum a olhou furioso.

— Minha senhora acha divertidas as palavras de nosso abençoado Senhor?

— Eu simplesmente estou feliz aqui — disse Igraine humildemente —, mas adoraria saber o que é um camelo.

— Todo mundo sabe! — disse Sansum com ar de desprezo. — Um camelo é um peixe, um peixe grande! — E acrescentou, maroto: — Não é muito diferente do salmão que algumas vezes seu marido manda para nós, pobres monges.

— Farei com que ele mande mais com o próximo lote de pergaminhos para Derfel e sei que ele mandará logo, porque este evangelho saxão é muito caro ao rei.

— É mesmo? — perguntou Sansum cheio de suspeitas.

— Muito caro, senhor bispo.

Ela é uma garota inteligente, muito inteligente, e bonita também. O rei Brochvael é tolo se tiver uma amante, além da rainha, mas os homens sempre foram tolos com relação às mulheres. Ou alguns homens eram, e o maior de todos, acho, foi Artur. O caro Artur, meu senhor, meu Presenteador, o mais generoso dos homens, de quem é esta história.

ERA ESTRANHO ESTAR EM CASA, especialmente porque eu não tinha casa. Possuía alguns torques de ouro e pequenas joias, mas estas, menos o broche de Ceinwyn, vendi para que meus homens finalmente tivessem comida nos primeiros dias de volta à Britânia. Meus outros pertences estavam todos em Ynys Trebes e agora faziam parte de alguma horda de francos. Eu estava pobre, sem casa, sem nada mais para dar aos meus homens, nem mesmo um salão onde festejar com eles, mas eles me perdoavam por isso. Como eu, tinham deixado para trás tudo que não puderam carregar quando Ynys Trebes caiu. Como eu, estavam pobres, mas nenhum reclamava. Cavan simplesmente dizia que um soldado devia assumir suas perdas como assumia suas pilhagens, com leveza. Issa, um garoto nascido numa fazenda, que era um lanceiro extraordinário, tentou devolver um fino torque de ouro que eu tinha lhe dado. Disse que não era justo que um lanceiro usasse um torque de ouro quando seu capitão não usava, mas não aceitei, portanto Issa o deu de presente à garota que trouxera de Benoic, e no dia seguinte ela fugiu com um padre andarilho e seu bando de prostitutas. O país estava cheio desses cristãos viajantes que se chamavam de missionários, e quase todos tinham uma horda de mulheres crentes que supostamente ajudariam nos rituais cristãos, mas que, segundo os boatos, tinham mais probabilidade de ser usadas para a sedução de convertidos para a nova religião.

Artur me deu uma residência logo ao norte da Durnovária: não exatamente para mim, já que ela pertencia a uma herdeira chamada Gyllad, uma órfã, mas Artur me fez seu protetor; cargo que geralmente terminava com a ruína da criança e o enriquecimento do guardião. Gyllad não tinha nem 8 anos, e eu poderia ter me casado com ela se quisesse e depois ficar com a propriedade, ou então poderia vendê-la em casamento com um homem disposto a comprar a noiva com as terras, mas em vez disso, como Artur pretendia, vivi dos arrendamentos pagos a Gyllad e lhe permiti crescer em paz. Mesmo assim seus parentes protestaram contra minha nomeação. Naquela mesma semana de meu retorno de Ynys Trebes, quando eu estava havia apenas dois dias na residência de Gyllad, um tio dela, cristão, apelou contra meu cargo de protetor a Nabur, o magistrado cristão da Durnovária, dizendo que antes de sua morte o pai de Gyllad lhe prometera o cargo, e só consegui manter o presente de Artur postando meus lanceiros em volta do tribunal. Eles estavam com todo o equipamento de guerra, com as pontas das lanças brilhando de tão afiadas, e de algum modo sua presença dissuadiu o tio e os que o apoiavam de continuarem com o

processo. Os guardas da cidade foram convocados, mas apenas um olhar para meus veteranos os convenceu de que talvez tivessem coisa melhor a fazer em outro lugar. Nabur reclamou de os soldados estarem cometendo abusos numa cidade pacífica, mas, quando meus oponentes não apareceram no tribunal, ele debilmente julgou a meu favor. Mais tarde, ouvi dizer que o tio já havia comprado o veredicto oposto de Nabur e que jamais pôde recuperar o dinheiro. Nomeei um dos meus homens, Llystan, que tinha perdido um pé numa batalha nas florestas de Benoic, como administrador de Gyllad, e ele, como a herdeira e sua propriedade, prosperaram.

Artur me convocou na semana seguinte. Encontrei-o no salão do palácio, onde estava comendo sua refeição do meio-dia com Guinevere. Ordenou um assento e mais comida para mim. O pátio do lado de fora estava apinhado de pedintes.

— Pobre Artur — comentou Guinevere —, basta uma visita ao lar e de repente todos os homens estão reclamando do vizinho ou exigindo uma redução de aluguel. Por que não usam os magistrados?

— Porque não são suficientemente ricos para comprá-los — disse Artur.

— Ou suficientemente poderosos para cercar o tribunal com homens armados? — acrescentou Guinevere, sorrindo para mostrar que não desaprovava minha ação. Ela não faria isso, porque era uma opositora jurada de Nabur, que era líder da facção cristã do reino.

— Um gesto espontâneo de apoio por parte dos meus homens — falei tranquilamente e Artur gargalhou.

Foi uma refeição alegre. Eu raramente ficava sozinho com Artur e Guinevere, mas, quando isso acontecia, eu sempre via como ela o deixava contente. Ela possuía uma espirituosidade cheia de farpas, que não havia no marido, e usava-a com gentileza, como sabia que era a preferência dele. Lisonjeava Artur, mas também lhe dava bons conselhos. Artur estava sempre pronto a acreditar no melhor sobre as pessoas e precisava do ceticismo de Guinevere para compensar esse otimismo. Ela não parecia mais velha do que na última vez em que eu estivera perto assim, mas talvez houvesse uma nova esperteza naqueles olhos verdes de caçadora. Eu não podia ver qualquer evidência de que Guinevere estivesse grávida: seu vestido verde-claro caía liso sobre a barriga, onde uma corda de ouro trançado pendia como um cinto frouxo. Seu distintivo do cervo com o crescente estava pendurado no pescoço ao lado dos pesados raios solares do colar saxão que Artur lhe enviara de Durocbrivis. Ela havia zombado do colar quando o ofertei, mas agora o usava com orgulho.

A conversa durante aquela refeição do meio-dia foi principalmente leve. Artur queria saber por que os melros e os tordos paravam de cantar no verão, mas nenhum de nós tinha a resposta, assim como não

podíamos lhe dizer aonde as andorinhas iam no inverno, apesar de Merlin ter me dito uma vez que elas iam para uma grande caverna nas vastidões do Norte, onde dormiam em gigantescos montes plumosos até a primavera. Guinevere me pressionou perguntando sobre Merlin e lhe jurei, por minha vida, que o druida realmente havia retornado à Britânia.

— Ele foi à Ilha dos Mortos — falei.

— Ele fez o quê? — perguntou Artur, pasmo.

Expliquei sobre Nimue e me lembrei de agradecer a Guinevere por seus esforços para salvar minha amiga da vingança de Sansum.

— Pobre Nimue — disse Guinevere. — Mas ela é uma criatura forte, não é? Gostei dela, mas não creio que tenha gostado de nós. Somos todos frívolos demais! E não consegui interessá-la em Ísis. Ela me dizia que Ísis é uma Deusa estrangeira e depois cuspiu como um gatinho e murmurava uma prece a Manawydan.

Artur não demonstrou reação diante da menção a Ísis, e supus que ele tivesse perdido o medo da Deusa estranha.

— Eu gostaria de ter conhecido Nimue melhor — disse ele.

— Vai conhecer quando Merlin a trouxer de volta dos mortos.

— Se ele puder — disse Artur, cheio de dúvida. — Ninguém jamais voltou da ilha.

— Nimue voltará — insisti.

— Ela é extraordinária — disse Guinevere. — E se alguém pode sobreviver à ilha, é ela.

— Com a ajuda de Merlin — acrescentei.

Apenas no final da refeição nossa conversa voltou a Ynys Trebes, e mesmo então Artur teve o cuidado de não mencionar o nome de Lancelot. Em vez disso, lamentou não ter um presente para me recompensar pelos esforços.

— Estar em casa é recompensa suficiente, senhor príncipe — falei, lembrando-me de usar o título preferido por Guinevere.

— Posso pelo menos chamá-lo de lorde; e assim, de agora em diante, você será chamado de lorde Derfel.

Eu ri, não porque fosse ingrato, mas porque a recompensa do título de comandante guerreiro parecia grandioso demais para minhas realizações. Além disso, fiquei orgulhoso: um homem era chamado de lorde quando era rei, príncipe, chefe ou porque sua espada o tornara famoso. Toquei supersticiosamente o cabo de Hywelbane, para que minha sorte não se azedasse com o orgulho. Guinevere riu de mim, não por despeito, e sim deliciada com meu prazer, e Artur, que amava mais do que tudo ver os outros felizes, ficou satisfeito com nós dois. Naquele dia ele próprio estava feliz, mas a felicidade de Artur era sempre mais silenciosa do que a dos outros homens. Naquela época, quando ele veio pela primeira vez à Britânia, eu nunca o via bêbado, nunca o via se

gabar e nunca o via perder o autocontrole, a não ser no campo de batalha. Ele possuía uma tranquilidade que alguns homens achavam desconcertante, porque temiam que lesse suas almas, mas acho que a calma vinha do desejo de ser diferente. Ele queria admiração e amava recompensar a admiração com generosidade.

O barulho dos pedintes à espera ficou mais alto, e Artur suspirou enquanto pensava no trabalho que o aguardava. Empurrou o vinho para longe e me lançou um olhar de desculpas.

— Você merece descansar, lorde — falou, deliberadamente me lisonjeando com o título novo. — Mas infelizmente muito em breve pedirei que leve suas lanças para o norte.

— Minhas lanças são suas, senhor príncipe — falei obedientemente.

Ele traçou um círculo com o dedo sobre o tampo de mármore da mesa.

— Estamos rodeados por inimigos, mas o verdadeiro perigo é Powys. Gorfyddyd está montando um exército jamais visto na Britânia. Esse exército virá para o sul muito em breve, e temo que o rei Tewdric não tenha estômago para a luta. Preciso levar o máximo de lanças possível para Gwent, para sustentar a lealdade de Tewdric. Ceci pode segurar Cadwy, Melwas terá de fazer o melhor possível contra Cerdic, e o resto de nós irá para Gwent.

— E quanto a Aelle? — perguntou Guinevere sugestivamente.

— Ele está em paz — insistiu Artur.

— Ele obedece ao preço mais alto — disse Guinevere. — E Gorfyddyd aumentará o preço muito em breve.

Artur encolheu os ombros.

— Seriam necessárias trezentas lanças para segurar os saxões de Aelle, não para derrotá-los, só segurar. A falta dessas trezentas lanças significará derrota em Gwent.

— Coisa que Gorfyddyd sabe — observou Guinevere.

— Então o que você acha que eu deveria fazer, meu amor?

Mas Guinevere não tinha uma resposta melhor do que a de Artur, e a dele era simplesmente rezar pela paz frágil com Aelle. O rei saxão tinha sido comprado com uma carroça de ouro, e nenhum preço a mais poderia ser pago porque não havia mais ouro no reino.

— Temos de esperar que Gereint possa segurá-lo enquanto destruímos Gorfyddyd. — Artur empurrou sua cadeira para trás e sorriu para mim. — Descanse até depois do Lughnasa, lorde Derfel, e assim que a colheita estiver terminada você pode marchar para o norte comigo.

Ele bateu palmas chamando os serviços para que tirassem os restos da refeição e deixou que os pedintes entrassem. Guinevere me chamou enquanto os serviços se apressavam com o trabalho.

— Podemos conversar?

— Com prazer, senhora.

Ela tirou o colar pesado e entregou-o a uma escrava, depois me guiou subindo um lance de escada que terminava numa porta aberta para um pátio onde dois de seus grandes cães veadeiros esperavam-na. Vespas zumbiam em volta de frutas caídas, e Guinevere exigiu que os escravos tirassem as frutas para que pudéssemos caminhar sem ser molestados. Ela deu restos de galinha aos cães enquanto 12 escravos catavam as frutas apodrecidas e machucadas nas saias das túnicas e depois iam embora, cheios de picadas, deixando-nos a sós. Estruturas de vime para os caramanchões que seriam decorados com flores para a grande festa de Lughnasa tinham sido erguidas por todo o muro do pomar.

— É bonito — falou Guinevere sobre o pomar —, mas eu gostaria de estar em Lindinis.

— No ano que vem, senhora.

— O lugar estará em ruínas — disse ela, mal-humorada. — Você não soube? Gundleus atacou Lindinis. Não capturou Caer Cadarn, mas derrubou meu palácio novo. Isso foi há um ano. — Ela fez uma careta. — Espero que Ceinwyn torne sua vida absolutamente um inferno, mas duvido. Ela é uma coisinha insípida. — O sol filtrado pelas folhas iluminou seu cabelo ruivo e lançou sombras fortes em seu rosto saudável. — Algumas vezes eu gostaria de ser homem — falou, surpreendendo-me.

— É mesmo?

— Você sabe como é odioso ficar esperando notícias? — perguntou em voz passional. — Em duas ou três semanas vocês todos vão para o norte, e então teremos apenas de esperar. Esperar e esperar. Esperar para saber se Aelle falta à palavra, esperar para saber se o exército de Gorfyddyd é realmente gigantesco. — Ela fez uma pausa. — Por que Gorfyddyd está esperando? Por que não ataca agora?

— Os *levies* dele estão trabalhando na colheita. Tudo para durante a colheita. Os homens dele querem se certificar de ter a colheita antes de virem pegar a nossa.

— Podemos impedi-los? — perguntou ela abruptamente.

— Na guerra, senhora, nem sempre é uma questão do que podemos fazer, mas do que devemos fazer. Devemos impedi-los. — Ou morrer, pensei carrancudo.

Ela deu alguns passos em silêncio, espantando os cães agitados para longe dos seus pés.

— Você sabe o que as pessoas estão dizendo sobre Artur? — perguntou depois de um tempo.

Confirmei com a cabeça.

— Que seria melhor se ele fugisse para Broceliande e deixasse o reino para Gorfyddyd. Dizem que a guerra está perdida.

Ela me olhou, dominando-me com seus olhos enormes. Naquele momento, tão perto dela, sozinho com ela no jardim quente e engolfado por seu perfume sutil, entendi por que Artur tinha arriscado a paz de um reino por aquela mulher.

— Mas você lutará por Artur?

— Até o fim, senhora. E pela senhora — acrescentei sem jeito.

Ela sorriu.

— Obrigada. — Viramos uma esquina, andando em direção à pequena fonte que brotava de uma pedra no canto da parede romana. O fiapo de água irrigava o pomar e alguém havia enfiado fitas votivas em nichos da pedra cheia de musgo. Guinevere levantou a bainha dourada de seu vestido verde-maçã enquanto passava sobre a vala. — Há um partido Mordred no reino — disse ela, repetindo o que o bispo Bedwin me contara na noite em que voltei. — Eles são cristãos, principalmente, e estão rezando pela derrota de Artur. Se ele fosse derrotado, eles teriam de se curvar diante de Gorfyddyd, claro, mas curvar-se, percebi, é uma coisa natural para os cristãos. Se eu fosse homem, Derfel, três cabeças cairiam sob minha espada: Sansum, Nabur e Mordred.

Não duvidei de suas palavras.

— Mas, se Nabur e Sansum são os melhores homens que o partido de Mordred pode reunir, senhora, Artur não precisa se preocupar.

— O rei Melwas também, acho, e quem sabe quantos outros? Quase todo padre viajante do reino espalha a pestilência, perguntando por que os homens deveriam morrer por Artur. Eu gostaria de arrancar a cabeça de todos eles, mas os traidores não se revelam, lorde Derfel. Esperam no escuro e atacam quando você não está olhando. Mas, se Artur derrotar Gorfyddyd, todos vão cantar elogios e fingir que o apoiavam o tempo todo. — Ela cuspiu para evitar o mal, depois me lançou um olhar afiado. — Fale-me do rei Lancelot.

Tive a impressão de que finalmente estávamos chegando ao motivo verdadeiro desse passeio entre as macieiras e pereiras.

— Não o conheço realmente — falei, tentando me livrar da pergunta.

— Ele falou bem de você ontem à noite.

— Foi? — respondi com ceticismo. Eu sabia que Lancelot e seus companheiros ainda moravam na casa de Artur, na verdade estava receoso de encontrá-lo e aliviado porque ele não comparecera à refeição do meio-dia.

— Falou que você é um grande soldado.

— É bom saber que algumas vezes ele pode dizer a verdade — respondi azedamente. Presumi que Lancelot, ajitando suas velas para um vento novo, tentara obter o favor de Artur elogiando um homem que sabia ser amigo dele.

— Será que os guerreiros que sofrem uma derrota terrível como a de

Ynys Trebes não terminam sempre discutindo?

— Sofrem? — falei asperamente. — Eu o vi saindo de Benoic, senhora, mas não me lembro de vê-lo sofrer. Assim como não me lembro de ter visto um curativo em sua mão quando ele partiu.

— Ele não é covarde — insistiu ela calorosamente. — Ele usa um monte de anéis de guerreiro na mão esquerda, lorde Derfel.

— Anéis de guerreiro! — falei, zombando, e mergulhei a mão na bolsa presa ao cinto e peguei um punhado daquelas coisas. Eu tinha tantos agora que não me incomodava mais em fazê-los. Joguei os anéis na grama do pomar, espantando os cães que olharam a dona, esperando algum sinal. — Qualquer um pode achar anéis de guerreiro, senhora.

Guinevere olhou para os anéis caídos, depois chutou um para o lado.

— Gosto do rei Lancelot — falou em tom desafiador, assim me alertando contra outras observações depreciativas. — E precisamos cuidar dele. Artur acha que fracassamos em Benoic, e o mínimo que podemos fazer é tratar com honra os sobreviventes. Quero que você seja gentil com Lancelot, por mim.

— Sim, senhora — falei humildemente.

— Precisamos achar uma esposa rica para ele. Ele deve ter terras e homens para comandar. Dumnonia tem sorte, acho, por ele ter vindo às nossas terras. Precisamos de bons soldados.

— Precisamos mesmo, senhora.

Ela captou o sarcasmo em minha voz e fez uma careta, mas, apesar da minha hostilidade, preservou o verdadeiro motivo pelo qual me havia convidado a esse pomar privativo.

— O rei Lancelot quer fazer parte do culto de Mitra, e Artur e eu não queremos que haja oposição.

Senti um clarão de fúria por minha religião ser tomada tão levemente.

— Mitra é uma religião para os corajosos, senhora — repliquei com frieza.

— Nem mesmo você, Derfel Cadarn, precisa de mais inimigos — respondeu Guinevere com frieza igual. Com isso eu soube que ela viraria minha inimiga se eu bloqueasse os desejos de Lancelot. E sem dúvida, pensei, Guinevere daria a mesma mensagem a qualquer outro homem que pudesse se opor à iniciação de Lancelot nos mistérios mitraicos.

— Nada será feito até o inverno — falei, esquivando-me de um comprometimento.

— Mas certifique-se de que seja feito — disse ela e depois abriu a porta do palácio. — Obrigada, lorde Derfel.

— Obrigado, senhora — falei e senti outro jorro de raiva enquanto descia correndo a escada até o salão. Dez dias!, pensei, só dez dias e Lancelot fizera de Guinevere uma defensora. Xinguei, prometendo que preferiria me tornar um cristão miserável antes de sequer ver Lancelot

festejando numa caverna sob a cabeça sangrenta de um touro. Eu tinha rompido três paredes de escudos saxões e enterrado Hywelbane até o cabo nos meus inimigos antes de ser eleito para o serviço de Mitra, mas tudo de que Lancelot precisou foi contar vantagem.

Entrei no salão e encontrei Bedwin sentado com Artur. Estavam ouvindo os pedintes, mas Bedwin deixou o tablado para me levar a um lugar calmo ao lado da porta externa do salão.

— Soube que agora você é um lorde. Parabéns.

— Um lorde sem terra — falei amargamente, ainda irritado com a exigência ultrajante de Guinevere.

— A terra acompanha a vitória, e a vitória se segue à batalha, e batalhas, lorde Derfel, você terá muitas neste ano. — Ele parou quando a porta do salão foi aberta e Lancelot e seus seguidores entraram. Bedwin se curvou para ele enquanto eu apenas balançava a cabeça. O rei de Benoic pareceu surpreso em me ver, mas não disse nada enquanto ia se juntar a Artur, que ordenou que uma terceira cadeira fosse posta no tablado. — Lancelot é membro do conselho agora? — perguntei, irritado.

— Ele é um rei — disse Bedwin pacientemente. — Você não pode esperar que ele fique junto de nós.

Percebi que o rei de Benoic ainda tinha uma bandagem na mão.

— Acho que o ferimento do rei significa que ele não poderá vir conosco, não é? — falei acidamente. Quase confessei a Bedwin como Guinevere tinha exigido que elegêssemos Lancelot um mitraísta, mas decidi que a notícia podia esperar.

— Ele não virá conosco — confirmou Bedwin. — Vai ficar aqui como comandante da guarnição da Durnovária.

— Como o quê? — perguntei alto, e com tanta raiva que Artur se virou na cadeira para ver o que era aquela agitação.

— Se os homens do rei Lancelot guardarem Guinevere e Mordred — disse Bedwin cautelosamente —, isso vai liberar os homens de Lanval e Llywarch para lutarem contra Gorfyddyd. — Ele hesitou, depois pousou a mão frágil em meu braço. — Há outra coisa que preciso lhe contar, lorde Derfel. — Sua voz era baixa e gentil. — Merlin esteve em Ynys Wydryn na semana passada.

— Com Nimue? — perguntei, ansioso.

Ele balançou a cabeça.

— Ele não foi procurá-la, Derfel. Foi para o norte, mas aonde ou por que, não sei.

A cicatriz da minha mão esquerda latejou.

— E Nimue? — perguntei, com medo de ouvir a resposta.

— Ainda está na ilha se continuar viva. — E fez uma pausa. — Sinto muito.

Olhei o salão apinhado. Será que Merlin sabia sobre Nimue? Ou

será que preferira deixá-la entre os mortos? Por mais que eu o amasse, algumas vezes achava que Merlin podia ser o homem mais cruel do mundo. Se tinha visitado Ynys Wydryn, devia saber onde Nimue estava aprisionada, mas nada fizera. Tinha-a deixado com os mortos, e de repente meus medos estavam gritando dentro de mim como o choro das crianças agonizantes em Ynys Trebes. Por alguns segundos frios, não pude me mexer nem falar, depois olhei para Bedwin.

— Galahad levará meus homens para o norte se eu não retornar — falei.

— Derfel! — Ele agarrou meu braço. — Ninguém volta da Ilha dos Mortos. Ninguém!

— Isso importa? — perguntei. Porque se toda a Dumnonia estava perdida, o que isso importava? E Nimue não estava morta, eu sabia, porque a cicatriz latejava na minha mão. E se Merlin não se importava com ela, eu sim, e me importava mais com Nimue do que com Gorfyddyd, Aelle ou o desgraçado Lancelot com suas ambições de entrar para os eleitos de Mitra. Eu amava Nimue mesmo que ela jamais fosse me amar e fizera o juramento da cicatriz para protegê-la.

O que significava que devia ir aonde Merlin não ousava ir. Devia ir à Ilha dos Mortos.

A ILHA FICAVA A APENAS 16 quilômetros ao sul da Durnovária, não mais do que uma caminhada tranquila durante uma manhã, mas era como se estivesse no lado mais distante da lua.

Eu sabia que não era uma ilha, e sim uma península de pedra clara e dura no fim de um caminho estreito e comprido. Os romanos tinham usado a ilha como pedreira, mas usávamos as pedras das construções deles, por isso as pedreiras tinham sido fechadas e a Ilha dos Mortos ficou vazia. Tornou-se uma prisão. Três muros foram construídos no caminho, guardas foram postados, e para a ilha mandávamos aqueles que queríamos punir. Com o tempo também mandamos outros; os homens e mulheres cuja sanidade havia fugido e que não podiam viver em paz entre nós. Eram os loucos violentos, mandados para um reino dos loucos onde nenhuma pessoa sã vivia, e onde suas almas assombradas pelos demônios não podiam pôr os vivos em perigo. Os druidas diziam que a ilha era domínio de Crom Dubh, o Deus escuro e aleijado, os cristãos diziam que era o lugar onde o demônio punha os pés na terra, mas ambos concordavam que os homens e mulheres mandados para lá eram almas perdidas. Estavam mortos enquanto o corpo ainda vivia, e, quando seus corpos morriam, os demônios e os espíritos malignos ficavam presos na ilha, de modo que jamais podiam voltar para assombrar os vivos. Famílias traziam seus loucos para a ilha e ali, no terceiro muro, os soltavam para os horrores desconhecidos que esperavam no fim do caminho. Depois, de volta, a família fazia uma festa dos mortos para o parente perdido. Nem todos os loucos eram mandados à ilha. Alguns eram tocados pelos Deuses e portanto sagrados, e algumas famílias mantinham seus loucos trancados, como Merlin fizera com o pobre Pellinore, mas quando os Deuses que tocavam os loucos eram malévolos, a ilha era o lugar para onde as almas cativas deviam ser mandadas.

O mar se quebrava branco contra a ilha. Em sua extremidade voltada para o oceano, até mesmo no tempo mais calmo, havia um grande turbilhão de redemoinhos e água borbulhante no lugar onde a caverna de Cruachan levava ao Outro Mundo. Borrifos explodiam do mar acima da caverna, e ondas se chocavam interminavelmente para marcar a horrenda boca que não podia ser vista. Nenhum pescador chegava perto daquela tormenta, porque qualquer barco que fosse soprado para o horror borbulhante certamente iria se perder. Afundaria e sua tripulação seria sugada para se tornar sombras no Outro Mundo.

O sol brilhava no dia em que fui para lá. Levava Hywelbane, mas

nenhum outro equipamento de guerra, porque nenhum escudo ou peitoral feito por homem iria me proteger dos espíritos e serpentes da ilha. Como suprimento, carregava um odre de água fresca e uma bolsa com bolos de aveia, e como talismãs contra os demônios da ilha usava o broche de Ceinwyn e um ramo de alho preso no manto verde.

Passei pelo salão onde eram realizadas as festas para os mortos. A estrada depois do salão era ladeada de crânios, humanos e de animais, alertando o incauto de que estava se aproximando do Reino das Almas Mortas. À minha esquerda agora estava o mar, e à direita um pântano salobro, escuro, onde nenhum pássaro cantava. Além do pântano havia um grande banco de seixos que se curvava afastando-se da costa até se transformar no caminho que ligava a ilha à terra. Aproximar-se da ilha pelo banco de seixos significava um desvio de muitos quilômetros, de modo que a maior parte do tráfego usava o caminho ladeado de crânios que levava a um cais de madeira apodrecida de onde uma balsa fazia a travessia até a praia. Havia várias casas dos guardas perto do cais. Muitos patrulhavam o banco de seixos.

Os guardas do cais eram homens velhos, ou então veteranos feridos que viviam com suas famílias nas cabanas. Os homens viram quando me aproximei, depois barraram meu caminho com lanças enferrujadas.

— Meu nome é lorde Derfel — falei — e exijo passar.

O comandante dos guardas, um homem maltrapilho com um antiquíssimo peitoral de ferro e um mofado elmo de couro, fez uma reverência para mim.

— Não tenho poder de impedir sua passagem, lorde Derfel, mas não posso deixá-lo retornar. — Seus homens, pasmos porque alguém queria viajar voluntariamente à ilha, me olhavam boquiabertos.

— Então passarei — repliquei e os lanceiros se afastaram quando o comandante gritou para que preparassem a pequena balsa. — Muitas pessoas pedem para passar por aqui? — perguntei ao comandante.

— Poucas. Algumas estão cansadas de viver; outras acham que podem governar uma ilha de loucos. Poucos viveram o bastante para implorar que eu os deixasse sair de novo.

— Você os deixou sair?

— Não — disse ele categoricamente. Ficou olhando enquanto os remos eram trazidos de uma das cabanas, depois franziu a testa para mim. — Tem certeza, senhor?

— Tenho certeza.

Ele estava curioso, mas não ousou perguntar o que eu ia fazer lá. Em vez disso, me ajudou a descer os degraus escorregadios do cais e me levou ao barco empretecido com piche.

— Os remadores vão levá-lo ao primeiro portão — disse ele, em seguida apontou para o caminho que ficava no lado mais distante do canal estreito. — Depois disso, o senhor irá até um segundo muro,

depois a um terceiro no final do caminho. Não há portões nesses muros, só escadas para atravessar. É provável que não encontre almas mortas entre os portões, mas e depois disso? Só os Deuses sabem. O senhor quer mesmo ir?

— Você nunca ficou curioso? — perguntei.

— Temos permissão de levar comida e almas mortas até o terceiro muro, e não tive desejo de ir mais longe — disse ele em voz séria. — Chegarei à ponte de espadas para o Outro Mundo na hora certa, senhor. — E apontou o queixo para o caminho. — A caverna de Cruachan fica do outro lado da ilha, senhor, e só os tolos e os desesperados buscam a morte antes da hora certa.

— Tenho motivos, e tornarei a vê-lo neste mundo dos vivos.

— Não se atravessar a água, senhor.

Olhei para a encosta verde e branca da ilha, que se erguia acima dos muros do caminho.

— Já estive num poço da morte — falei ao comandante dos guardas — e me arrastei para fora de lá como me arrastarei daqui. — Procurei uma moeda em minha bolsa e entreguei a ele. — Falaremos de minha saída quando chegar a hora.

— O senhor será um homem morto no momento em que atravessar aquele canal — alertou ele uma última vez.

— A morte não sabe como me levar — repliquei com bravata imbecil, depois ordenei que os remadores me levassem através do canal cheio de redemoinhos. Foram necessárias apenas algumas remadas, e então o barco parou num banco de lama inclinado e subimos até o arco no primeiro muro, onde os dois remadores levantaram a trave, abriram o portão e recuaram para que eu passasse. Uma soleira preta marcava a divisão entre este mundo e o outro. Assim que passasse por aquela faixa de madeira enegrecida, eu seria considerado um homem morto. Por um segundo, meus temores me fizeram hesitar, depois passei.

O portão se fechou atrás de mim com um estrondo. Estremeci.

Virei-me para examinar a face interna do muro principal. Tinha 3 metros de altura, uma barreira de pedra lisa tão bem assentada quanto qualquer obra romana, e tão bem-feita que nenhum apoio para as mãos podia ser visto na face branca. Em cima do muro havia uma cerca fantasma feita de crânios, para impedir que as almas mortas entrassem no mundo dos vivos.

Rezei aos Deuses. Fiz uma oração a Bel, meu protetor especial, e outra a Manawydan, o Deus do mar que salvara Nimue no passado, e depois segui pelo caminho até onde o segundo muro barrava a estrada. Este muro era uma pilha grosseira de pedras alisadas pelo mar que, como o primeiro, era encimado por uma fileira de crânios humanos. Desci os degraus do outro lado do muro. À minha direita, no oeste, as grandes ondas se chocavam contra os seixos enquanto à direita a baía

rasa estava calma sob o sol. Alguns barcos de pesca trabalhavam na baía, mas todos se mantinham bem longe da ilha. À minha frente ficava o terceiro muro. Eu não via nenhum homem ou mulher esperando ali. Gaivotas pairavam no alto, com gritos abandonados no vento oeste. As laterais do caminho eram marcadas por linhas de maré feitas de algas escuras.

Estava apavorado. Nos anos desde que Artur voltara à Britânia, eu tinha enfrentado incontáveis paredes de escudos e inumeráveis homens em batalha, mas em nenhuma daquelas lutas, nem mesmo na incendiada Benoic, sentira um medo como o frio que apertava meu coração agora. Parei e me virei para olhar os morros verdes e suaves da Dumnonia e a pequena aldeia de pescadores na baía ao leste. Volte agora, pensei, volte! Nimue estava ali havia um ano inteiro, e eu duvidava de que muitas almas sobrevivessem tanto na Ilha dos Mortos, a não ser que fossem selvagens e poderosas. E mesmo que eu a encontrasse, ela estaria louca. Ela não poderia sair daqui. Este era o seu reino, o domínio da morte. Volte, insisti comigo mesmo, volte, mas então a cicatriz na palma esquerda pulsou, e eu disse a mim mesmo que Nimue vivia.

Uma coruja piando me espantou. Virei-me e vi uma figura preta, em farrapos, empoleirada no topo do terceiro muro, e então a figura desapareceu do outro lado. Rezei aos Deuses para me darem força. Nimue sempre soubera que sofreria as Três Feridas, e a cicatriz na minha mão esquerda era a segurança de que eu iria ajudá-la a sobreviver aos sofrimentos. Continuei andando.

Subi o terceiro muro, que era outra pilha de pedras cinzentas e lisas, e vi uma escada grosseira que descia à ilha. Ao pé da escada havia alguns cestos vazios; evidentemente usados pelos vivos para entregar pão e carne salgada aos parentes mortos. A figura esfarrapada havia desaparecido, deixando apenas o morro alto à minha frente e um emaranhado de sarças a cada lado de um caminho pedregoso que levava ao flanco oeste da ilha, onde pude ver um grupo de construções arruinadas na base do morro alto. A ilha era um lugar enorme. Um homem levaria duas horas para caminhar do terceiro muro até onde o mar borbulhava na ponta do Extremo Sul, e um tempo igual para subir até o cume da grande rocha para atravessar da Costa Oeste até a Costa Leste da ilha.

Segui a estrada. O vento agitava o capim da praia do outro lado das sarças. Um pássaro gritou para mim e depois se alçou nas asas brancas para o céu ensolarado. A estrada fez uma curva, de modo que eu estava indo diretamente para a cidade antiga. Era uma cidade romana, mas não era nenhuma Glevum ou Durnovária, meramente um esquelético amontoado de baixas construções de pedra onde antigamente viviam os escravos das pedreiras. Os tetos das construções eram telhados grosseiros feitos de madeira trazida pelo mar e algas secas, abrigos

precários até mesmo para os mortos. O medo do que haveria na cidade me fez hesitar, depois uma voz súbita gritou em alerta, e uma pedra voou dos arbustos à esquerda e bateu no caminho ao meu lado. O alerta fez com que um enxame de criaturas maltrapilhas saísse correndo das cabanas para ver quem se aproximava. O enxame era composto de homens e mulheres, a maioria em trapos, mas algumas pessoas usavam seus trapos com um ar de grandeza e caminhavam para mim como se fossem os maiores monarcas da terra. Seus cabelos eram coroados com tranças de algas. Alguns dos homens carregavam lanças e quase todo mundo segurava pedras. Alguns estavam nus. Havia crianças entre eles; pequenas, ferozes e perigosas. Alguns dos adultos tremiam incontrolavelmente, outros tinham espasmos, e todos me examinavam com olhos brilhantes e famintos.

— Uma espada! — exclamou um homem enorme. — Eu ficarei com a espada! Uma espada! — Ele veio arrastando os pés até mim e seus seguidores avançaram atrás, descalços. Uma mulher jogou uma pedra, e de repente todos estavam gritando deliciados porque tinham uma alma nova para saquear.

Desembainhei Hywelbane, mas nenhum homem, mulher ou criança se abalou com a visão da lâmina comprida. Então fugi. Não poderia haver desgraça em um guerreiro fugir dos mortos. Corri de volta pela estrada e uma quantidade de pedras caiu junto aos meus pés, e depois um cão saltou para morder minha capa verde. Espantei o bicho com a espada, depois cheguei à curva onde mergulhei à direita, atravessando as sarças e os arbustos até chegar à encosta. Uma coisa se ergueu na minha frente, uma coisa nua com rosto de homem e corpo de fera, cheio de pelos e sujeira. Um dos olhos da coisa era uma ferida gotejante, a boca era um poço de gengivas podres e aquilo saltou para mim com mãos transformadas em garras por unhas que pareciam ganchos. Hywelbane girou brilhante. Eu estava gritando de terror, certo de que enfrentava um dos demônios da ilha, mas meus instintos continuavam tão afiados quanto minha lâmina que atravessou o braço peludo da fera e penetrou em seu crânio. Saltei por cima dele e subi o morro, sabendo que uma horda de almas famintas vinha atrás. Uma pedra acertou minhas costas, outra pegou no meu flanco, mas eu estava subindo rápido pelos pilares e plataformas de pedra cortada até que encontrei um caminho estreito que se retorcia como as ruas de Ynys Trebes, em volta do flanco áspero do morro.

Virei-me para encarar os perseguidores. Eles pararam, finalmente com medo da espada que os esperava no caminho estreito onde apenas um deles podia se aproximar de cada vez. O grandalhão me olhou, malicioso:

— Homem bonzinho — gritou numa voz lisonjeira. — Desça, homem bonzinho. — Ele estendia um ovo de gaivota para me tentar. —

Venha comer!

Uma mulher velha levantou a saia e projetou o ventre na minha direção.

— Venha para mim, meu amante! Venha para mim, querido. Eu sabia que você viria! — Ela começou a mijar. Uma criança gargalhou e jogou uma pedra.

Deixei-os. Alguns me seguiram pelo caminho, mas depois de um tempo se chatearam e voltaram ao povoado fantasmagórico.

O caminho estreito seguia entre o céu e o mar. De vez em quando era interrompido por uma pedreira antiga onde as marcas das ferramentas romanas tinham deixado cicatrizes, mas depois de cada pedreira o caminho se retorcia de novo através de trechos onde havia tomilho e espinheiros. Não vi ninguém até que, de repente, uma voz me saudou de uma das pequenas pedreiras.

— Você não parece louco — disse a voz, em dúvida. Eu me virei, a espada erguida, e vi um homem cortês, com manto escuro, olhando seriamente da boca de uma caverna. Ele ergueu uma das mãos. — Por favor! Nada de armas. Meu nome é Malldynn, e eu o saúdo, estranho, se veio em paz e, se não, peço que vá em frente.

Enxuguei o sangue de Hywelbane e a enfiei de novo na bainha.

— Venho em paz — falei.

— Você é recém-chegado à ilha? — perguntou ele enquanto se aproximava de mim animadamente. Tinha um rosto agradável, com rugas profundas e tristes, e um jeito que me fez lembrar do bispo Bedwin.

— Cheguei nesta hora.

— E sem dúvida foi perseguido pela turba do portão. Peço desculpas por eles, mas os Deuses sabem que não tenho responsabilidade por aqueles monstros. Eles pegam o pão a cada semana e fazem com que o resto de nós pague por ele. Fascinante, não é, como até mesmo num lugar de almas perdidas nós formamos nossas hierarquias? Há governantes aqui. Há os fortes e os fracos. Alguns homens sonham em fazer paraísos na terra, e a primeira exigência desses paraísos, pelo que percebo, é que devemos estar livres das leis, mas suspeito, meu amigo, de que qualquer lugar livre de leis irá se parecer mais com esta ilha do que qualquer paraíso. Não tenho o prazer de saber seu nome.

— Derfel.

— Derfel? — Ele franziu a testa, pensando. — Um serviçal dos druidas?

— Fui. Agora sou guerreiro.

— Não, não é — corrigiu ele. — Você é morto. Veio à Ilha dos Mortos. Por favor, venha sentar-se. Não é muita coisa, mas é minha casa. — Ele fez um gesto para a caverna onde dois blocos de pedra semitalhados serviam como cadeira e mesa. Um velho pedaço de pano, talvez tirado do mar, escondia a área de dormir, onde pude ver uma

cama feita de capim seco. Ele insistiu em que eu usasse o pequeno bloco de pedra como cadeira. — Posso lhe oferecer água da chuva para beber, e pão velho de cinco dias para comer.

Pus um bolo de aveia na mesa. Malldynn estava simplesmente faminto, mas resistiu ao impulso de agarrar a comida. Em vez disso, pegou uma pequena faca cuja lâmina fora afiada com tanta frequência que tinha o gume ondulado e usou-a para dividir o bolo de aveia ao meio.

— Com o risco de parecer ingrato — disse ele — a aveia nunca foi minha comida predileta. Prefiro carne, carne fresca, mas mesmo assim obrigado, Derfel. — Ele estivera ajoelhado à minha frente, mas assim que o bolo foi comido e as migalhas delicadamente limpadas dos lábios, Malldynn se levantou e encostou na parede da caverna. — Minha mãe fazia bolos de aveia, mas os dela eram mais duros. Suspeito de que a aveia não era moída adequadamente. Este estava delicioso, e agora devo revisar minha opinião sobre a aveia. Obrigado de novo. — E fez uma reverência.

— Você não parece louco — falei.

Malldynn sorriu. Era um homem de meia-idade, com rosto distinto, olhos inteligentes e barba branca que tentava manter aparada. Sua caverna tinha sido varrida com uma vassoura de gravetos que estava encostada na parede.

— Não só os loucos são mandados para cá, Derfel — disse ele em tom reprovador. — Alguns querem punir os sãos nos mandam também. Infelizmente eu ofendi Uther. — Ele fez uma pausa marota. — Eu era um conselheiro, até mesmo um grande homem, mas, quando disse a Uther que seu filho Mordred era um idiota, vim parar aqui. Mas eu estava certo. Mordred era um idiota, mesmo com 10 anos ele era idiota.

— O senhor está aqui há tanto tempo assim? — perguntei perplexo.

— Infelizmente.

— Como sobreviveu?

Ele deu de ombros num gesto autodepreciativo.

— Os monstros que vigiam o portão acham que sou mago. Eu ameaço restaurar sua sanidade se eles me ofenderem, por isso tomam muito cuidado para me manter feliz. Eles são mais felizes estando loucos, acredite. Qualquer homem que possua a sanidade rezaria para ficar louco nesta ilha. E você, amigo Derfel, posso perguntar o que o trouxe aqui?

— Estou procurando uma mulher.

— Ah! Nós temos muitas, e a maioria não é contida pela modéstia. Tais mulheres, acredito, são outro requisito para os paraísos terrestres, mas infelizmente a realidade se mostrou outra. Elas sem dúvida são imodestas, mas também são imundas, sua conversa é tediosa, e o prazer que se obtém com elas é tão momentâneo quanto vergonhoso. Se

procura uma mulher assim, Derfel, irá encontrá-las em abundância.

— Estou procurando uma mulher chamada Nimue.

— Nimue — disse ele, franzindo a testa enquanto tentava lembrar o nome. — Nimue! Sim, de fato, lembro-me dela agora! Uma garota com um olho só e cabelos pretos. Ela foi para o povo do mar.

— Afogou-se? — perguntei, pasmo.

— Não, não. — Ele balançou a cabeça. — Você deve entender que temos nossas comunidades na ilha. Você já conheceu os monstros do portão. Nós aqui nas pedreiras somos os eremitas, um pequeno grupo que prefere a solidão e por isso habita as cavernas deste lado da ilha. Do lado mais distante ficam as feras. Você pode imaginar como são. Na extremidade sul fica o povo do mar. Eles pescam com linhas feitas de cabelos humanos e usam espinhos como anzóis, e devo dizer que é a tribo mais bem comportada da ilha, ainda que nenhuma delas seja exatamente famosa por sua hospitalidade. Todas lutam umas contra as outras, claro. Está vendo como temos aqui tudo que a Terra dos Vivos oferece? Exceto, talvez, religião, se bem que um ou dois de nossos habitantes acham que são deuses. E quem vai negar?

— Você nunca tentou ir embora?

— Tentei — disse ele com tristeza. — Há muito tempo. Uma vez tentei nadar atravessando a baía, mas eles nos vigiam, e uma pancada de um cabo de lança na cabeça é uma lembrança eficiente de que não devemos deixar a ilha, e voltei muito antes que pudessem me dar um golpe desses. A maioria que tenta fugir assim se afoga. Uns poucos vão pela estrada e alguns talvez consigam voltar para os vivos, mas só se tiverem sucesso em passar primeiro pelos monstros do portão. E se sobreviverem a esse sofrimento terão de evitar os guardas que esperam na praia. Sabe aqueles crânios que viu quando vinha pela estrada? São todos de homens e mulheres que tentaram escapar. Pobres almas. — Malldynn ficou quieto e pensei, por um segundo, que ele ia chorar. Depois se afastou rapidamente da parede. — O que estou pensando? Será que não tenho educação? Devo lhe oferecer água. Está vendo? Minha cisterna!

Ele fez um gesto orgulhoso para um barril de madeira do lado de fora da boca da caverna, colocado ali para pegar a água que cascadeava pelas laterais da pedreira durante as chuvaradas. Ele possuía uma concha, com a qual encheu dois copos de água.

— O barril e a concha vieram de um barco de pesca que naufragou aqui, quando? Deixe-me ver... há dois anos. Pobre gente! Três homens e dois garotos. Um homem tentou nadar para longe e se afogou, os outros dois morreram sob uma chuva de pedras e os dois garotos foram levados. Você pode imaginar o que lhes aconteceu! Pode haver uma quantidade de mulheres, mas a carne nova e limpa de um menino pescador é uma iguaria rara nesta ilha. — Ele pôs o copo na minha

frente e balançou a cabeça. — É um lugar terrível, meu amigo, e você foi idiota em vir aqui. Ou foi mandado?

— Vim por opção.

— Então seu lugar é aqui mesmo, porque é totalmente maluco. — Ele bebeu sua água. — Conte-me as novidades da Britânia.

Contei. Ele tinha ouvido falar da morte de Uther e da chegada de Artur, porém não muito mais. Franziu a testa quando falei que o rei Mordred era aleijado, mas ficou satisfeito ao saber que Bedwin continuava vivo.

— Gosto de Bedwyn — falou. — Ou melhor, gostava. Temos de aprender a falar aqui como se estivéssemos mortos. Ele deve estar velho, não é?

— Não tanto quanto Merlin.

— Merlin vive? — perguntou ele, surpreso.

— Sim.

— Que coisa! Então Merlin vive! — Ele parecia satisfeito. — Uma vez lhe dei uma pedra de águia e ele me agradeceu muito. Tenho outra aqui, em algum lugar. Onde? — Ele procurou numa pequena pilha de pedras e restos de madeira que formavam uma coleção ao lado da porta da caverna. — Está ali? — E apontou para a cortina que separava a cama. — Você está vendo?

Virei-me para procurar a preciosa pedra chacoalhante, e no momento em que olhei para o outro lado Malldynn saltou nas minhas costas e tentou passar o gume áspero da faca na minha garganta.

— Vou comer você! — gritou ele em triunfo. — Comer você! — Mas consegui segurar a mão dele com a minha esquerda e consegui manter a lâmina longe da traqueia. Ele lutou comigo no chão e tentou morder minha orelha. Estava montado em cima de mim, com o apetite estimulado pelo pensamento de carne humana nova e limpa para comer. Acertei-o uma vez, duas, consegui girar e levantar o joelho, depois o golpeei de novo, mas o desgraçado tinha uma força notável, e o som de nossa luta trouxe mais homens correndo de outras cavernas. Eu tinha apenas alguns segundos antes que fosse dominado pelos recém-chegados, por isso me arqueei desesperadamente uma última vez, depois acertei a cabeça de Malldynn com a minha e finalmente o derrubei. Chutei-o, recuei desesperadamente para longe dos seus amigos que chegavam e parei na entrada de seu quarto, onde finalmente tive espaço para desembainhar Hywelbane. Os eremitas se encolheram, afastando-se da lâmina brilhante.

Malldynn, com a boca sangrando, estava no lado da caverna.

— Nem mesmo um pedaço de fígado fresco? — implorou ele. — Só um pedacinho? Por favor?

Deixei-o. Os outros eremitas puxaram minha capa enquanto eu passava pela pedreira, mas nenhum tentou me impedir. Um deles

gargalhou quando saí.

— Você terá de voltar! — gritou o sujeito. — E então nós vamos estar mais famintos!

— Comam Malldynn — sugeri azedamente.

Subi a encosta da ilha onde crescia tojo em meio às pedras. Do cume pude ver que o grande morro rochoso não se estendia até a ponta sul da ilha, mas caía íngreme até uma longa planície entrecortada por antigos muros de pedra; evidência de que homens e mulheres comuns tinham vivido na ilha e plantado no platô pedregoso que descia até o mar. Ainda havia povoados no platô: as casas do povo do mar, supus. Um grupo daquelas almas mortas me olhava de seu agrupamento de cabanas redondas que ficava ao pé do morro, e sua presença me persuadiu a ficar onde estava e esperar o amanhecer. A vida se arrasta lentamente de manhã cedo, e é por isso que os soldados gostam de atacar às primeiras luzes. Portanto eu procuraria minha perdida Nimue quando os loucos habitantes da ilha ainda estivessem lentos e embriagados de sono.

Foi uma noite difícil. Uma noite ruim. As estrelas giraram no alto, lares luminosos de onde os espíritos olham para a terra frágil. Rezei a Bel, implorando força, e algumas vezes dormi, mas cada balanço de capim ou queda de pedra me acordava totalmente. Eu havia me abrigado numa fenda estreita que restringiria qualquer ataque, e por isso confiava que podia me proteger, mas só Bel sabia como eu sairia da ilha. Ou se encontraria minha Nimue.

Saí do nicho na pedra antes do alvorecer. Uma névoa pairava sobre o mar além do tumulto maligno que marcava a entrada da caverna de Cruachan, e uma luz fraca e cinzenta fazia com que a ilha parecesse plana e gélida. Não pude ver ninguém enquanto descia. O sol ainda não tinha subido quando entrei no primeiro vilarejo de cabanas grosseiras. Decidi que ontem tinha sido tímido demais com os moradores da ilha. Hoje trataria os mortos como a carniça que eles eram.

As cabanas eram de pau a pique, cobertas de galhos e palha. Chutei uma tosca porta de madeira, entrei na cabana e agarrei a primeira forma adormecida que encontrei. Empurrei aquela criatura para fora, chutei outra, depois abri um buraco na cobertura com Hywelbane. Coisas que já tinham sido seres humanos se desemaranharam e se afastaram de mim. Chutei um homem na cabeça, bati em outro com a parte chata da lâmina de Hywelbane, depois arrastei um terceiro para a luz do céu. Joguei-o no chão, pus o pé em seu peito e segurei a ponta de Hywelbane contra sua garganta.

— Procuro uma mulher chamada Nimue — falei.

Ele gaguejou uma algaravia. Não podia falar, ou pelo menos só falava numa língua que ele próprio inventara, por isso deixei-o e corri atrás de uma mulher que estava mancando em direção aos arbustos. Ela gritou quando a peguei e gritou de novo quando pus o aço em sua

garganta.

— Conhece uma mulher chamada Nimue?

Ela estava aterrorizada demais para falar. Em vez disso, levantou a saia imunda e me ofereceu um riso sem dentes, por isso bati em seu rosto com a parte lisa da espada.

— Nimue — gritei para ela. — Uma garota com um olho só, chamada Nimue. Você conhece? — A mulher ainda não conseguia falar, mas apontou para o sul, sacudindo a mão na direção da ponta meridional da ilha, num esforço frenético para que eu a liberasse. Afastei a espada e chutei a saia para que cobrisse de novo as coxas dela. A mulher correu até um ajuntamento de espinheiros. As outras almas apavoradas olharam de suas cabanas enquanto eu seguia o caminho para o sul, em direção ao mar agitado.

Passei por dois outros povoados minúsculos, mas ninguém tentou me parar. Eu me tornara parte do pesadelo vivo da Ilha dos Mortos; uma criatura ao amanhecer, com uma espada nua. Caminhei por campos de capim claro sarapintado de trevos, ervas-leiteiras azuis e orquídeas carmesins, e disse a mim mesmo que deveria saber que Nimue, uma criatura de Manawydan, teria encontrado refúgio o mais perto possível do mar.

A Costa Sul da ilha era uma confusão de rochas cercando um penhasco baixo. Grandes ondas se despedaçavam em espuma, sugadas através de fendas e explodidas em nuvens de borrifos. O caldeirão fervilhava e cuspiam na terra. Era uma manhã de verão, mas o mar estava cinza como ferro, o vento era frio e os pássaros marinhos soltavam lamentos ruidosos.

Saltei de pedra em pedra, descendo na direção daquele mar mortal. Minha capa rasgada sacudiu ao vento quando rodeei um pilar de pedra clara e vi uma caverna pouco acima da linha escura de algas e destroços deixados pelas marés mais altas. Uma laje levava à caverna, e sobre a laje estavam empilhados os ossos de pássaros e outros animais. As pilhas tinham sido feitas por mãos humanas, porque eram regularmente espaçadas e cada pilha era sustentada por uma cuidadosa treliça feita de ossos maiores e encimada por um crânio. Parei, com o medo surgindo como o jorro das águas, enquanto olhava para o refúgio mais perto do mar do que qualquer outro ponto daquela ilha de almas condenadas.

— Nimue? — gritei, juntando coragem para me aproximar da laje.
— Nimue?

Subi na estreita plataforma de pedra e caminhei devagar entre os ossos empilhados. Tinha medo do que poderia encontrar na caverna.

— Nimue? — gritei.

Abaixo de mim uma onda rugiu sobre uma ponta de rocha e lançou garras brancas em direção à laje. A água recuou e escorreu, formando canais até o mar, antes que outra onda trovejasse na ponta de terra,

coabrindo as pedras brilhantes. A caverna estava escura e silenciosa.

— Nimue? — chamei de novo, com a voz falhando.

A boca da caverna era guardada por dois crânios humanos que tinham sido postos em nichos, de modo que os dentes quebrados riam para o vento que gemia, de cada lado da entrada.

— Nimue?

Não houve resposta, a não ser o uivo do vento, o lamento dos pássaros e o chiado e os estrondos do mar feroz.

Entrei. Estava frio na caverna, e a luz era fraca. As paredes eram úmidas. O chão de seixos subia à minha frente, e me forçou a me agachar na passagem baixa enquanto prosseguia com cuidado. A caverna se estreitava e fazia uma curva fechada à esquerda. Um terceiro crânio amarelado guardava a curva, onde esperei enquanto meus olhos se acomodavam à escuridão, depois passei pelo crânio guardião e vi a caverna se estendendo até um final morto, escuro.

E ali, no limite escuro da caverna, estava ela. Minha Nimue.

A princípio achei que estivesse morta, porque estava nua e encolhida com o cabelo escuro e imundo em cima do rosto, e com as pernas magras dobradas até os seios, e os braços pálidos apertando as canelas. Algumas vezes, nos morros verdes, nós nos arriscávamos nos túmulos ancestrais e cavávamos procurando o ouro do Povo Antigo, e encontrávamos os ossos deles num amontoado assim, agachados na terra para espantar os espíritos por toda a eternidade.

— Nimue? — Fui forçado a ir de quatro no último trecho, até onde ela estava. — Nimue? — falei de novo. Dessa vez seu nome ficou preso em minha garganta porque tive certeza de que ela devia estar morta, mas então vi suas costelas se mexerem. Ela respirou, mas fora isso permaneceu tão imóvel como se estivesse morta. Pousei Hywelbane e estendi a mão para tocar seu ombro frio e branco. — Nimue?

Ela saltou na minha direção, sibilando, mostrando os dentes, um olho era uma órbita lívida e vermelha e o outro estava revirado de modo que aparecia apenas o branco. Tentou me morder, me arranhou, soltou uma praga numa voz gemida e depois cuspiu em mim, e em seguida foi com as unhas longas na direção dos meus olhos.

— Nimue? — gritei. Ela estava cuspindo, babando, lutando e tentando morder meu rosto com dentes imundos. — Nimue!

Ela xingou de novo e pôs a mão direita na minha garganta. Tinha a força dos loucos, e seu grito cresceu em triunfo enquanto os dedos se fechavam na minha traqueia. Então, de repente, eu soube o que tinha de fazer. Peguei sua mão esquerda, ignorei a dor na garganta e pus minha cicatriz em cima da dela. Deixei-a ali; deixei-a ali; não me mexi.

E, muito lentamente, a mão direita em minha garganta enfraqueceu. Lentamente seu olho bom se revirou, de modo que pude ver de novo a alma luminosa do meu amor. Ela me olhou, e depois começou a chorar.

— Nimue — falei, e ela passou os braços pelo meu pescoço e se agarrou a mim. Agora estava soltando enormes soluços que sacudiam as costelas finas enquanto eu a abraçava, acariciava e falava seu nome.

Os soluços ficaram lentos e por fim pararam. Ela ficou agarrada ao meu pescoço por longo tempo; depois senti sua cabeça se mexer.

— Onde está Merlin? — perguntou numa vozinha de criança.

— Aqui na Britânia.

— Então precisamos ir. — Ela tirou os braços de meu pescoço e se agachou para poder olhar no meu rosto. — Sonhei que você viria.

— Eu realmente amo você. — Não tinha pretendido dizer isso, mesmo sendo verdadeiro.

— É por isso que veio — disse ela, como se fosse óbvio.

— Você tem roupas?

— Tenho a sua capa. Não preciso de nada mais, a não ser sua mão.

Arrastei-me para fora da caverna, embainhei Hywelbane e enrolei minha capa verde em seu corpo pálido e trêmulo. Ela enfiou um braço por um buraco na lã da capa e então, com a mão na minha, caminhamos entre os ossos e subimos o morro até onde o povo do mar observava. Eles se separaram quando chegamos ao topo do penhasco e não foram atrás enquanto andávamos lentamente pelo lado leste da ilha. Nimue não disse nada. Sua loucura havia desaparecido no momento em que minha mão tocou a sua, mas tinha-a deixado terrivelmente fraca. Ajudei-a nas partes mais íngremes do caminho. Passamos pelas cavernas dos eremitas sem sermos perturbados. Talvez estivessem todos dormindo, ou então os Deuses tivessem enfeitiçado a ilha enquanto íamos para o norte, para longe das almas mortas.

O sol nasceu. Agora eu podia ver que o cabelo de Nimue estava grudento de sujeira e cheio de piolhos, sua pele estava imunda e ela perdera o olho de ouro. Estava tão fraca que mal podia andar e, enquanto descíamos o morro em direção à estrada, peguei-a no colo e descobri que pesava menos do que uma criança de 10 anos.

— Você está fraca — falei.

— Eu nasci fraca, Derfel, e a vida é passada fingindo o contrário.

— Você precisa descansar um pouco.

— Eu sei. — Ela encostou a cabeça no meu peito e pela primeira vez na vida estive absolutamente contente em ser cuidada.

Levei-a até o caminho e passei pelo primeiro muro. O mar quebrava à nossa esquerda e a baía brilhava com um reflexo do sol nascente à direita. Eu não sabia como iria passar com Nimue pelos guardas. Só sabia que tínhamos de sair da ilha porque esse era o destino dela, e eu era o instrumento desse destino, por isso caminhei contente com a ideia de que os Deuses resolveriam o problema quando chegássemos à barreira final.

Carreguei-a por cima do muro do meio, com sua fileira de crânios, e

andei em direção aos morros verde-escuros da Dumnonia. Podia ver a silhueta de um único lanceiro acima do liso rosto de pedra do último muro e supus que alguns dos guardas tivessem remado atravessando o canal quando me viram saindo da ilha. Mais guardas estavam parados no banco de seixos; tinham se postado para impedir minha passagem até a terra. Se eu tivesse de matar, pensei, mataria. Esta era a vontade dos Deuses, e não minha, e Hywelbane cortaria com a habilidade e a força de um Deus.

Mas, enquanto andava até o último muro com o fardo leve nos braços, os portões da vida e da morte se abriram para me receber. Eu meio que esperava que o comandante dos guardas estivesse ali com sua lança enferrujada, pronto para fazer com que eu voltasse; em vez disso, eram Galahad e Cavan que me aguardavam na soleira negra, as espadas desembainhadas e os escudos de batalha nos braços.

— Seguimos você — disse Galahad.

— Bedwin nos mandou — acrescentou Cavan. Cobri o medonho cabelo de Nimue com o capuz da capa, para que meus amigos não vissem sua degradação, e ela se agarrou a mim, tentando se esconder.

Galahad e Cavan tinham trazido meus homens, que haviam manobrado a balsa e estavam mantendo os guardiões da ilha nas pontas das lanças, na margem oposta do canal.

— Nós iríamos entrar para procurá-lo hoje — disse Galahad, e em seguida fez o sinal da cruz enquanto olhava para o caminho. Lançou-me um olhar curioso como se temesse que eu tivesse voltado diferente da ilha.

— Eu devia saber que você estaria aqui — falei.

— Sim, deveria. — Havia lágrimas nos olhos dele, lágrimas de felicidade.

Remamos atravessando o canal e carreguei Nimue pela estrada de crânios até o salão de festas no fim da estrada, onde encontrei um homem carregando uma carroça com sal para levar a Durnovária. Pus Nimue em cima de sua carga e caminhei atrás dela enquanto a carroça rangia para o norte, em direção à cidade. Eu tinha trazido Nimue da Ilha dos Mortos, de volta para um local em guerra.

LEVEI NIMUE PARA A FAZENDA de Gyllad. Não a coloquei no grande salão, usei a cabana abandonada de um pastor, onde nós dois podíamos ficar a sós. Alimentei-a com caldo e leite, mas primeiro lavei-a; lavei cada centímetro, lavei-a duas vezes e depois lavei seu cabelo preto e em seguida usei um pente de osso para desembaraçar. Alguns emaranhados eram tão densos que precisaram ser cortados, mas a maioria soltou-se, e quando o cabelo pendeu molhado e reto, usei o pente para encontrar e matar os piolhos antes de lavá-la de novo. Ela suportou o processo como uma pequena criança obediente e, quando estava limpa, eu a enrolei num grande cobertor de lã, tirei o caldo do fogo e fiz com que ela o tomasse enquanto eu me lavava e caçava os piolhos que haviam passado de seu corpo para o meu.

Quando terminei já estava escurecendo, e ela dormia um sono pesado numa cama feita de samambaias recém-cortadas. Dormiu a noite inteira e de manhã comeu seis ovos mexidos que eu tinha preparado numa panela sobre o fogo. Depois dormiu novamente enquanto eu pegava uma faca e um pedaço de couro e cortava um tapa-olho que ela poderia amarrar em volta dos cabelos. Ordenei que um dos escravos de Gyllad trouxesse roupas e mandei Issa à cidade, para descobrir as novidades que pudesse. Ele era um rapaz inteligente, com um jeito aberto e fácil, de modo que até os estranhos ficavam felizes em se abrir com ele numa mesa de taberna.

— Metade da cidade diz que a guerra já está perdida, senhor — revelou ele ao voltar. Nimue estava dormindo e conversamos junto ao riacho que passava perto da cabana.

— E a outra metade?

Ele riu.

— Está ansiosa pela chegada do Lughnasa, senhor. Não está pensando além disso. Mas a metade que está pensando é toda composta de cristãos. — Ele cuspiu no riacho. Dizem que Lughnasa é uma festa maligna e que o rei Gorfyddyd está vindo punir nossos pecados.

— Nesse caso é melhor garantir que vamos cometer bastante pecados para merecer a punição.

Ele gargalhou.

— Alguns dizem que lorde Artur não ousa sair da cidade por medo de que haja uma revolta assim que seus soldados partam.

Balancei a cabeça.

— Ele quer estar com Guinevere no Lughnasa.

— Quem não quereria?

— Você falou com o ourives?

Issa confirmou.

— Ele disse que não pode fazer o olho em menos de duas semanas porque nunca fez um antes, mas vai encontrar um cadáver e tirar o olho para ver o tamanho certo. Eu disse para usar o cadáver de uma criança, porque a moça não é grande, não é? — Ele sacudiu a cabeça em direção à cabana.

— Você falou que o olho tinha de ser oco?

— Falei, senhor.

— Muito bem. E agora acho que você quer fazer as piores coisas possíveis e comemorar o Lughnasa, não é?

Ele riu.

— Sim, senhor.

Lughnasa era supostamente uma comemoração da colheita próxima, mas os jovens sempre fizeram dele um festival de fertilidade, e suas festividades começariam nesta noite, a véspera da festa.

— Então vá. Ficarei aqui.

Naquela tarde fez um caramanchão de Lughnasa para Nimue. Duvidava de que ela fosse apreciá-lo, mas queria fazer, por isso construí uma pequena cobertura perto do riacho, cortando os juncos e dobrando-os num abrigo em que trançei centáureas, papoulas, margaridas, dedaleiras e grandes ramos de convólculos cor-de-rosa. Esse tipo de caramanchão estava sendo construído para a festa em toda a Britânia, e por toda a Britânia, no final da próxima primavera, nasceriam centenas de bebês do Lughnasa. A primavera era considerada uma época boa para nascer, porque a criança chegaria a um mundo que se dirigia à plenitude do verão, mas para as plantações deste ano levarem a uma colheita feliz tudo dependeria das batalhas que deveriam ser travadas depois da colheita.

Nimue saiu da cabana no momento em que eu estava trançando as últimas dedaleiras no topo do caramanchão.

— É Lughnasa? — perguntou ela, surpresa.

— Amanhã.

Ela deu um riso tímido

— Ninguém nunca me fez um caramanchão.

— Você nunca quis.

— Eu sei — disse ela e se sentou à sombra florida com um ar tão deliciado que meu coração saltou. Ela havia encontrado o tapa-olho e colocado um dos vestidos que a criada de Gyllad trouxera à cabana; era um vestido de escrava, de tecido marrom comum, mas lhe caía bem, como sempre acontecia com as coisas simples. Estava pálida e magra, mas limpa, e havia uma leve cor em suas bochechas. — Não sei o que aconteceu com o olho de ouro — falou se lastimando, tocando o novo tapa-olho.

— Mandeí fazer outro — falei, mas não acrescentei que o adiantamento para o ourives tinha levado minhas últimas moedas. Precisava desesperadamente da pilhagem de uma batalha, pensei, para encher de novo minha bolsa.

— E estou com fome — disse Nimue com um toque de sua malícia antiga.

Coloquei uns gravetos de bétula no fundo da panela, para que o caldo não grudasse, depois pus dentro o resto do caldo e botei no fogo. Ela comeu tudo e depois se estendeu no caramanchão de Lughnasa e ficou olhando o riacho. Bolhas apareciam onde uma lontra nadava debaixo da água. Eu a tinha visto antes, um animal velho com o lado do corpo marcado por batalhas e golpes de raspão das lanças de caçadores. Nimue ficou olhando a trilha de bolhas desaparecer debaixo de um salgueiro caído, e depois começou a falar.

Ela sempre tivera um apetite grande por falar, mas naquela noite estava insaciável. Queria notícias, e eu dei, mas então queria mais detalhes, sempre mais detalhes, e cada detalhe ela ajustava obsessivamente num esquema seu, de modo que a história do ano anterior se tornou, pelo menos para ela, um grande piso em mosaico onde uma pedra poderia parecer insignificante, mas acrescentada às outras se tornava parte de um todo intrincado e significativo. Ela estava mais interessada em Merlin e no manuscrito que ele havia tirado da biblioteca condenada de Ban.

— Você não o leu? — perguntou.

— Não.

— Eu lerei — disse ela com fervor.

Hesitei um momento, depois falei o que estava pensando.

— Eu achava que Merlin iria à Ilha pegar você. — Estava me arriscando a ofendê-la duas vezes, primeiro criticando implicitamente Merlin, e segundo ao mencionar o único assunto do qual ela não tinha falado, a Ilha dos Mortos, mas ela não pareceu se incomodar.

— Merlin sabe que posso cuidar de mim mesma — falou, depois sorriu. — E sabe que tenho você.

Já estava escuro, e o riacho exibia ondulações prateadas sob a lua de Lughnasa. Havia uma dúzia de perguntas que eu queria fazer e não ousava, mas de repente ela começou a respondê-las assim mesmo. Falou da ilha, ou melhor, falou de como uma parte minúscula de sua alma estivera sempre consciente do horror da ilha, ainda que o resto tivesse se abandonado à perdição.

— Eu achava que a loucura seria como a morte, e que não saberia se havia uma alternativa a estar louca, mas a gente sabe. A gente realmente sabe. É como se você olhasse para si mesma e não pudesse se ajudar. Você se abandona — disse ela, depois parou e vi as lágrimas em seu olho bom.

— Não — falei, subitamente não querendo saber.

— E algumas vezes eu me sentava na minha pedra e olhava o mar, e sabia que estava sã, e imaginava que objetivo estava sendo servido, e então sabia que tinha de estar louca, porque, se não estivesse, não havia objetivo.

— Não havia objetivo — falei com raiva.

— Ah, Derfel, querido Derfel. Você tem a mente parecida com uma pedra caindo de um penhasco. — Ela sorriu. — É o mesmo objetivo que fez Merlin encontrar o manuscrito de Calledin. Não entende? Os Deuses jogam conosco, mas, se nós nos abirmos, podemos nos tornar parte do jogo, em vez de vítimas dele. A loucura tem um objetivo! É um presente dos Deuses e, como todos os presentes deles, vem com um preço, mas agora paguei. — Ela falava apaixonadamente, mas de súbito senti um bocejo me ameaçando e, por mais que tentasse, não consegui contê-lo. Tentei esconder, mas ela viu mesmo assim. — Você precisa dormir um pouco.

— Não — protestei.

— Você dormiu ontem à noite?

— Um pouco. — Eu tinha sentado à porta da cabana e cochilado enquanto ouvia os camundongos remexendo na palha.

— Então vá para a cama agora — disse ela com firmeza — e me deixe aqui para pensar.

Eu estava tão cansado que mal consegui me despir, mas finalmente me deitei na cama de samambaias, onde dormi como os mortos. Foi um sono maravilhoso, profundo, como o descanso que chega em segurança depois da batalha, quando o sonho ruim, aquele interrompido por pesadelos que lembram os golpes de lança e espada, é varrido para longe da alma. Assim dormi, e de noite Nimue veio até mim e a princípio achei que fosse sonho, mas em seguida acordei com um susto e encontrei sua pele nua e gélida encostada na minha.

— Está tudo bem, Derfel — sussurrou ela —, durma. — E dormi de novo com os braços em volta de seu corpo.

Acordamos no alvorecer perfeito de Lughnasa. Houve ocasiões de pura felicidade em minha vida, e aquela foi uma. São ocasiões, acho, em que o amor está no mesmo passo da existência, ou talvez quando os Deuses querem que sejamos tolos, e nada é tão doce quanto a tolice de Lughnasa. O sol brilhava, filtrando a luz através das flores em nosso caramanchão onde fizemos amor, e depois brincamos como crianças no riacho, onde tentei fazer bolhas de lontra debaixo da água e, quando saí engasgado, encontrei Nimue gargalhando. Uma ave pescadora passou entre os salgueiros, suas cores brilhantes parecendo um manto de sonho. As únicas pessoas que vimos o dia inteiro foram dois cavaleiros que seguiram pela margem oposta do riacho, com falcões nos punhos. Não nos viram, e ficamos deitados em silêncio, olhando enquanto um dos

pássaros derrubava uma garça: um bom presságio. Durante aquele único dia perfeito, Nimue e eu fomos amantes, ainda que tivéssemos negado o segundo prazer do amor, que é o conhecimento certo de um futuro compartilhado, numa felicidade tão grande quanto o início do amor. Mas eu não tinha futuro com Nimue. O futuro dela estava nos caminhos dos Deuses, e eu não possuía talento para essas estradas.

Mas até mesmo Nimue sentiu-se tentada a sair desses caminhos. Na tarde de Lughnasa, quando a luz comprida sombreava as árvores nas encostas do oeste, ela ficou aninhada em meus braços sob o caramanchão e falamos de tudo que poderia ser. Uma pequena casa, um pedaço de terra, filhos e animais domésticos.

— Podíamos ir a Kernow — disse ela em voz sonhadora. — Merlin sempre diz que Kernow é o lugar abençoado. É muito longe dos saxões.

— A Irlanda é ainda mais longe — falei.

Senti sua cabeça se sacudindo em meu peito.

— A Irlanda é condenada.

— Por quê?

— Eles tinham os Tesouros da Britânia e deixaram que desaparecessem.

Eu não queria falar dos Tesouros da Britânia, nem dos Deuses, nem de nada que estragasse esse momento.

— Então Kernow — concordei.

— Uma casinha — disse ela, depois listou todas as coisas de que uma casinha precisava: jarros, panelas, espetos para assar, panos para coar, peneiras, baldes de teixo, segadeiras, tosquiador, uma roca, um enrolador de meadas, uma rede de salmões, um barril, um fogão, uma cama. Será que tinha sonhado com essas coisas em sua caverna úmida e fria acima do turbilhão de ondas? — E nada de saxões, e também sem cristãos. Talvez devêssemos ir para as ilhas no mar do Oeste, não é? Para as ilhas além de Kernow. Para Lyonesse — ela falou suavemente o nome adorável. — Viver e amar em Lyonesse — acrescentou e depois riu.

— Por que está rindo?

Ela ficou quieta durante um tempo, depois deu de ombros.

— Lyonesse é para outra vida — falou e com essa declaração sombria quebrou o encanto. Pelo menos para mim, porque pensei ter ouvido a gargalhada zombeteira de Merlin agitando as folhas do verão, e por isso deixei o sonho se desvanecer enquanto ficávamos deitados imóveis à luz comprida e suave. Dois cisnes voaram para o norte sobre o vale, indo em direção à grande imagem fálica do Deus Sucellos, que era esculpida no morro de calcário logo ao norte das terras de Gyllad. Sansum quisera apagar aquela imagem ousada. Guinevere o impedira, ainda que não tivesse podido impedi-lo de construir um pequeno templo ao pé do morro. Eu tinha em mente comprar a terra quando pudesse,

não para plantar, mas para impedir que os cristãos cobrissem o calcário com grama ou escavassem a imagem do Deus.

— Onde está Sansum? — perguntou Nimue. Ela estivera lendo meus pensamentos.

— Agora é o guardião do Espinheiro Sagrado.

— Que ele o espete — disse ela vingativamente. Em seguida, se desenrolou dos meus braços e sentou-se, puxando o cobertor até nosso pescoço. — E Gundleus está noivo?

— Está.

— Ele não viverá para desfrutar da noiva — disse ela, mais por esperança, temi, do que por profecia.

— Ele viverá se Artur não puder derrotar seu exército.

E no dia seguinte as esperanças dessa vitória pareciam ter desaparecido para sempre. Eu estava preparando as coisas para a colheita de Gyllad; afiando as foices e pregando os manguais de madeira em suas dobradiças de couro, quando chegou na Durnovária um mensageiro de Durocobrivis. Issa nos trouxe a notícia da cidade, e era pavorosa. Aelle tinha rompido a trégua. Na véspera do Lughnasa um enxame de saxões atacara a fortaleza de Gereint e atravessara as muralhas. O príncipe Gereint estava morto, Durocobrivis tinha caído, e o príncipe Meriadoc de Stroggore, submetido a Dumnonia, fugira e os últimos restos de seu reino haviam se tornado parte de Lloegyr. Agora, além de enfrentar o exército de Gorfyddyd, Artur devia lutar com a horda saxã. Sem dúvida a Dumnonia estava condenada.

Nimue zombou do meu pessimismo.

— Os Deuses não vão acabar o jogo tão rápido — disse ela.

— Então é melhor que os Deuses encham nosso tesouro — falei incisivo —, porque não podemos derrotar Aelle e Gorfyddyd, o que significa que temos de subornar o saxão ou ir para a morte.

— Mentes pequenas se preocupam com dinheiro.

— Então agradecemos aos Deuses pelas mentes pequenas — retruquei. Eu me preocupava interminavelmente com dinheiro.

— Há dinheiro na Dumnonia se você precisar — disse Nimue despreocupadamente.

— De Guinevere? — perguntei, balançando a cabeça. — Artur não tocará nele. — Naquela época nenhum de nós sabia qual era o tamanho do tesouro que Lancelot havia trazido de Ynys Trebes; esse tesouro poderia bastar para comprar a paz de Aelle, mas o rei exilado de Benoic o estava mantendo bem escondido.

— Não o ouro de Guinevere — disse Nimue e em seguida me revelou onde o preço de sangue de um saxão podia ser encontrado, e me xinguei por não ter pensado antes. Havia uma chance, afinal de contas, pensei, só uma chance, desde que os Deuses nos dessem tempo e que o preço de Aelle não fosse impossivelmente alto. Admiti que os homens de

Aelle levariam uma semana para ficar sóbrios depois do saque a Durocobrivis, por isso tínhamos apenas uma semana para fazer o milagre.

Levei Nimue a Artur. Não haveria idílio em Lyonesse, nem peneira, fogão ou cama junto ao mar. Merlin fora para o norte salvar a Britânia, agora Nimue devia trabalhar sua feitiçaria no sul. Fomos comprar a paz de um saxão enquanto atrás, na margem de nosso riacho de verão, as flores do Lughnasa murchavam.

ARTUR E SUA GUARDA cavalgaram para o norte pela estrada Fosse. Sessenta cavaleiros cobertos de couro e ferro iam para a guerra, e com eles seguiam cinquenta lanceiros, seis meus e o resto liderado por Lanval, o ex-comandante da guarda de Guinevere, cujo serviço e objetivo fora usurpado por Lancelot, rei de Benoic, que, com seus homens, era agora o protetor de todas as pessoas importantes que viviam na Durnovária. Galahad tinha levado o resto dos meus homens para Gwent, no Norte, e era sinal de nossa urgência o fato de que marchávamos todos antes da colheita, mas a traição de Aelle não nos dava escolha. Eu marchava com Artur e Nimue. Ela insistira em me acompanhar, mesmo ainda estando longe de se sentir forte, mas nada iria mantê-la longe da guerra que estava para começar. Marchamos dois dias depois do Lughnasa e, talvez como um prenúncio do que viria, o céu ficou nublado, ameaçando chuva forte.

Os cavaleiros, com seus cavaliços e mulas de carga, esperaram na estrada com os lanceiros de Lanval, enquanto Artur atravessava a ponte de terra até Ynys Wydryn. Nimue e eu fomos com ele, levando apenas meus seis lanceiros como escolta. Era estranho estar de novo abaixo da alta colina onde Gwlyddyn havia reconstruído os salões de Merlin, de modo que o cume do Tor estava quase como no dia em que Nimue e eu tínhamos fugido da selvageria de Gundleus. Até a torre fora reconstruída, e imaginei se, como a primeira, ela era uma câmara de sonhos em que os sussurros dos Deuses ecoariam no mago adormecido.

Mas nosso negócio não era com o Tor, e sim com o templo do Espinheiro Sagrado. Cinco dos meus homens ficaram do lado de fora dos portões do templo enquanto Artur, Nimue e eu andávamos até lá. A cabeça de Nimue estava coberta por um capuz, de modo que seu rosto com o tapa-olho não fosse visto. Sansum correu para nos receber. Ele parecia em boas condições para um homem que caíra ostensivamente em desgraça por causar um tumulto mortal na Durnovária. Estava mais gordo do que eu me lembrava e usava um novo manto preto, meio coberto por uma sobrecapa luxuosamente bordada com cruzes de ouro e espinhos de prata. Uma pesada cruz de ouro pendia numa corrente de ouro em seu peito enquanto um grosso torque de ouro brilhava no pescoço. Seu rosto de camundongo, com os cabelos tonsurados rígidos

como escova, nos ofereceu uma careta que pretendia ser sorriso.

— Que honra o senhor nos dá! — gritou, com as mãos se abrindo em boas-vindas. — Que honra! Posso ousar ter a esperança, lorde Artur, de que veio cultuar nosso querido Senhor? Este é o Espinheiro Sagrado! Dos mesmos espinhos que espetaram Sua cabeça enquanto Ele sofria por nossos pecados. — Sansum fez um gesto para a árvore descaída, com suas pequenas folhas tristes. Um grupo de peregrinos em volta da árvore tinha pendurado oferendas votivas nos galhos patéticos. Vendo-nos, esses peregrinos se afastaram, sem perceber que o garoto malvestido que cultuava com eles era um dos nossos homens. Era Issa, que eu mandara na frente com uma pequena oferenda de moedas para o templo. — Um pouco de vinho, talvez? — ofereceu Sansum. — E comida? Temos salmão frio, pão novo, até mesmo alguns morangos.

— Você vive bem, Sansum — disse Artur, olhando o templo em volta. O lugar tinha crescido desde a última vez em que eu estivera em Ynys Wydryn. A igreja de pedra fora aumentada e dois novos prédios construídos, um era dormitório para os monges e o outro uma casa para o próprio Sansum. As duas construções eram de pedra e tinham cobertura de telhas tiradas das vilas romanas.

Sansum levantou os olhos para as nuvens ameaçadoras.

— Somos apenas humildes servos do grande Deus, senhor, e nossa vida na terra se deve apenas à Sua graça e providência. Sua estimada esposa está bem, não é?

— Muito, obrigado.

— A notícia nos traz alegria, senhor — mentiu Sansum. — E nosso rei, também está bem?

— O menino cresce, Sansum.

— E na fé verdadeira, confio. — Sansum estava recuando enquanto avançávamos. — Então, senhor, o que o traz ao nosso pequeno povoado?

Artur sorriu.

— A necessidade, bispo, a necessidade.

— De graça espiritual?

— De dinheiro.

Sansum levantou as mãos.

— Um homem que procura um peixe subiria ao topo de uma montanha? Um homem morrendo de sede vai a um deserto? Por que vir até nós, lorde Artur? Nós, irmãos, fazemos voto de pobreza, e as poucas migalhas que o querido Senhor permite caírem em nosso colo nós damos aos pobres. — Ele fechou as mãos juntas, graciosamente.

— Então, caro Sansum, vim me certificar de que vocês mantêm seu voto de pobreza. A guerra está difícil, ela exige dinheiro, o tesouro está vazio, e você terá a honra de fazer um empréstimo ao seu rei. — Nimue, que agora vinha humildemente atrás de nós como uma serviçal

encurvada, tinha lembrado a Artur da riqueza da Igreja. Eu imaginava como ela devia estar adorando o desconforto de Sansum.

— A Igreja foi poupada desses empréstimos forçados — disse Sansum em voz cortante e pondo um tom de escárnio na última palavra. — O Grande Rei Uther, que sua alma descanse em paz, isentou a Igreja de tais pagamentos, assim como os templos pagãos — ele se persignou — são vergonhosa e pecaminosamente isentos.

— O conselho do rei Mordred rescindiu a isenção, e o seu templo, bispo, é conhecido como o mais rico da Dumnonia.

Sansum levantou os olhos de novo para o céu.

— Se possuíssemos pelo menos uma moeda de ouro, eu teria prazer em dá-la ao senhor como presente. Mas somos pobres. O senhor deveria procurar o empréstimo no morro. — Ele fez um gesto para o Tor. — Os pagãos de lá, senhor, têm guardado ouro infel durante séculos!

— O Tor foi saqueado por Gundleus quando Norwenna foi morta — intervim friamente. — O pouco ouro que havia, e era pouco, foi roubado.

Sansum fingiu ter acabado de me notar.

— É Derfel, não é? Achei que fosse. Bem-vindo ao lar, Derfel!

— Lorde Derfel — corrigiu Artur.

Os olhos pequenos de Sansum se arregalaram.

— Graças a Deus! Graças a Ele! O senhor ascende no mundo, lorde Derfel, e que satisfação isso me dá, um humilde homem da Igreja que agora poderá alardear que o conheceu quando o senhor era apenas um lanceiro comum. É um lorde agora? Que bênção! E que honra sua presença nos dá! Mas até o senhor, lorde Derfel, sabe que quando o rei Gundleus atacou o Tor ele também atacou os pobres monges daqui. E que depredações ele fez! O templo sofreu por Cristo e nunca se recuperou.

— Gundleus foi primeiro ao Tor — falei. — Eu sei, porque estava lá. E, ao fazer isso, ele deu tempo aos monges daqui para esconder seus tesouros.

— Que fantasias vocês, pagãos, têm sobre nós, cristãos! Ainda dizem que comemos bebês em nossas festas do amor? — gargalhou Sansum.

Artur suspirou.

— Caro bispo Sansum, sei que meu pedido é difícil para o senhor. Sei que seu trabalho é preservar a riqueza de sua Igreja para que ela possa crescer e refletir a glória de Deus. Tudo isso eu sei, mas também sei que, se não tivermos dinheiro para lutar contra o inimigo, o inimigo virá aqui e não haverá Igreja, não haverá Espinheiro Sagrado, e o templo do bispo — ele cutucou as costelas de Sansum — não passará de ossos secos bicados pelos corvos.

— Há outras maneiras de manter o inimigo longe dos nossos portões — disse Sansum, involuntariamente sugerindo que Artur era a causa da

guerra e que se Artur simplesmente saísse da Dumnonia Gorfyddyd ficaria satisfeito.

Artur não ficou com raiva. Simplesmente sorriu.

— Seu tesouro é necessário para a Dumnonia, bispo.

— Não temos tesouro. Infelizmente! — Sansum fez o sinal da cruz.

— E Deus é minha testemunha, senhor, não possuímos nada.

Fui até o espinheiro.

— Os monges de Ivinium — falei, referindo-me a um mosteiro alguns quilômetros ao sul — são jardineiros melhores do que vocês, bispo. — Em seguida, tirei Hywelbane da bainha e cutuquei com a ponta o solo ao lado da árvore lamentável. — Será que não deveríamos tirar o espinheiro e levá-lo para os cuidados de Ivinium? Tenho certeza de que os monges de lá pagariam caro pelo privilégio.

— E o espinheiro estaria mais longe dos saxões! — disse Artur, animado. — Sem dúvida o senhor aprovaria nosso plano, bispo.

Sansum balançava as mãos desesperadamente.

— Os monges de Ivinium são tolos ignorantes, meros murmuradores de orações. Se os senhores quiserem esperar na igreja, talvez eu possa encontrar algumas moedas para o seu objetivo, certo?

— Faça isso — disse Artur.

Nós três fomos levados à igreja, uma construção simples, com piso de pedra, paredes de pedra e um teto de traves. Era um lugar sombrio, já que só um pouco de luz entrava pelas pequenas janelas altas onde pardais piavam e cresciam goivos. Na extremidade mais distante havia uma mesa de pedra e sobre ela um crucifixo. Nimue, com o capuz jogado para trás, cuspiu em direção ao crucifixo enquanto Artur ia até a mesa e se esticava para sentar na beira.

— Não sinto prazer com isso, Derfel — disse ele.

— Por que deveria, senhor?

— Não é bom ofender os Deuses — respondeu Artur, sombrio.

— Dizem que este Deus é do perdão — disse Nimue, cheia de desprezo. — Melhor ofender um desses do que qualquer outro.

Artur sorriu. Usava um gibão simples, calças, botas, uma capa e Excalibur. Não usava ouro, nem armadura, mas não havia como se equivocar com sua autoridade, nem, naquele momento, com seu mal-estar. Ficou sentado em silêncio durante um tempo, depois me olhou. Nimue explorava as pequenas salas no fundo da igreja, e ficamos sozinhos.

— Será que eu deveria deixar a Britânia? — perguntou Artur.

— E entregar a Dumnonia a Gorfyddyd?

— Gorfyddyd entronizará Mordred no devido tempo, e é só isso que importa.

— É o que ele diz?

— É.

— E o que mais ele diria? — perguntei, pasmo ao ver que meu senhor estava ao menos pensando no exílio. — Mas a verdade — acrescentei incisivo — é que Mordred será um rei submetido a Gorfyddyd, e por que Gorfyddyd poria alguém assim no trono? Por que não pôr seu filho Cuneglas?

— Cuneglas é honrado.

— Cuneglas fará o que o pai mandar — falei cheio de desprezo. — E Gorfyddyd quer ser Grande Rei, o que significa que certamente não quererá o herdeiro do antigo Grande Rei como rival. Além disso, o senhor acha que os druidas de Gorfyddyd deixarão um rei aleijado viver? Se o senhor for embora, posso contar os dias de Mordred.

Artur não respondeu. Ficou ali sentado, com as mãos na beira da mesa e a cabeça baixa, olhando o chão. Sabia que eu estava certo, assim como sabia que apenas ele, dentre os comandantes da Britânia, lutava por Mordred. O resto da Britânia queria que o próprio Artur se sentasse no trono. Ele me olhou.

— Guinevere...?

— Sim — interrompi friamente. Eu supusera que ele estava se referindo à ambição de Guinevere, de colocá-lo no trono da Dumnonia, mas ele estava pensando em algo totalmente diverso.

Artur pulou da mesa e começou a andar de um lado para o outro.

— Entendo os seus sentimentos por Lancelot — falou, surpreendendo-me —, mas considere o seguinte, Derfel. Suponha que Benoic fosse o seu reino, e suponha que você acreditasse que eu iria salvá-lo para você, é verdade que fiz um juramento de salvá-lo, e que não salvei. E Benoic foi destruído. Isso não iria deixá-lo amargo? Não iria deixá-lo desconfiado? O rei Lancelot sofreu muito, e o sofrimento foi causado por minhas mãos! Minhas! E quero, se puder, compensar suas perdas. Não posso recapturar Benoic, mas talvez possa lhe dar outro reino.

— Qual?

Ele deu um sorriso maroto. Tinha todo o esquema pensado e sentia um prazer imenso em me revelar.

— Silúria. Vamos supor que podemos derrotar Gorfyddyd, e, com ele, Gundleus. Gundleus não tem herdeiro, Derfel, por isso, se pudermos matar Gundleus, um trono estará vago. Temos um rei sem trono, eles têm um trono sem rei. E mais, temos um rei solteiro! Oferecemos Lancelot como marido a Ceinwyn e Gorfyddyd terá sua filha como rainha, e teremos nosso amigo no trono de Silúria. Paz, Derfel! — ele falava com todo o seu entusiasmo antigo, construindo uma visão maravilhosa com as palavras. — Uma união! O casamento de união que nunca realizei, mas agora podemos fazê-lo de novo. Lancelot e Ceinwyn! E para alcançar isso só precisamos matar um homem. Só um.

E mais todos os outros que precisarem morrer em batalha, pensei,

mas não disse nada. Em algum lugar no norte roncou um trovão. O Deus Taranis estava consciente de nós, pensei, e esperei que ele estivesse do nosso lado. O céu através das janelas altas e minúsculas estava negro como a noite.

— Então? — perguntou Artur.

Eu não tinha falado porque o pensamento de Lancelot se casar com Ceinwyn era tão amargo que eu não era capaz de confiar no que diria, mas agora me obriguei a ser educado.

— Primeiro temos de subornar os saxões e derrotar Gorfyddyl.

— Mas e se fizermos isso? — perguntou ele impaciente, como se minhas objeções fossem obstáculos triviais.

Dei de ombros, como se a ideia do casamento estivesse muito além da minha competência para julgar.

— Lancelot gosta da ideia — disse Artur — e a mãe dele também. Guinevere também aprova, mas isso é evidente, já que a ideia de casar Ceinwyn com Lancelot foi dela. É uma mulher inteligente. Muito inteligente. — Ele sorriu como sempre fazia ao pensar na esposa.

— Mas até mesmo sua esposa inteligente, senhor — ousei dizer —, não pode ditar quem irá aderir a Mitra.

Ele sacudiu a cabeça como se eu lhe tivesse dado um soco.

— Mitra! — disse ele furioso. — Por que Lancelot não pode entrar?

— Porque é um covarde — rosnei, incapaz de esconder mais minha amargura.

— Bors diz que não, assim como uma dúzia de outros homens.

— Pergunte a Galahad, ou então ao seu primo Culhwch. — De repente a chuva soou no telhado, e um instante depois começou a pingar das altas janelas. Nimue tinha reaparecido na pequena porta em arco ao lado da mesa de pedra, onde pôs o capuz sobre o rosto de novo.

— Se Lancelot provar que é corajoso, você cede? — perguntou Artur depois de um tempo.

— Se Lancelot se mostrar um lutador, senhor, cedo. Mas eu achava que agora ele era guarda de seu palácio.

— O desejo dele é comandar na Durnovária apenas até que a mão ferida se cure, mas, se ele lutar, Derfel, você irá elegê-lo?

— Se ele lutar bem, sim — prometi com relutância. Eu tinha bastante certeza de que era uma promessa que nunca precisaria cumprir.

— Bom — disse Artur, satisfeito como sempre em conseguir algum acordo, depois se virou quando a porta da igreja se abriu subitamente, trazendo um sopro de vento com chuva, e Sansum entrou correndo seguido por dois monges. Os dois monges estavam carregando bolsas de couro. Bolsas de couro muito pequenas.

Sansum sacudiu a água do manto enquanto se apressava pela igreja.

— Nós procuramos, senhor — disse sem fôlego —, procuramos, reviramos tudo que é canto e reunimos os poucos tesouros que nossa

humilde morada possui, e esses tesouros nós colocamos diante do senhor, num dever humilde, ainda que relutante. — Ele balançou a cabeça com tristeza. — Passaremos fome nesta estação, como resultado de nossa generosidade, mas onde uma espada comanda, nós, meros serviçais de Deus, precisamos obedecer.

Seus monges derramaram o conteúdo das duas sacolas nas pedras do chão. Uma moeda rolou pelo chão até que a fiz parar com o pé.

— Ouro do imperador Adriano! — disse Sansum, falando da moeda.

Peguei-a. Era um sestércio de latão com a cabeça do imperador Adriano de um lado e uma imagem de Britânia com seu tridente e o escudo do outro. Dobrei a moeda ao meio com o indicador e o polegar e joguei para Sansum.

— Ouro dos tolos, bispo — falei.

O resto do tesouro não era muito melhor. Havia algumas moedas gastas, na maioria de cobre com um pouco de prata, algumas barras de ferro que eram comumente usadas como dinheiro, um broche de ouro vagabundo e alguns elos de ouro fino, de uma corrente quebrada. Toda a coleção valia talvez umas 12 peças de ouro.

— É só isso? — perguntou Artur.

— Nós damos aos pobres, senhor! — disse Sansum. — Mas se suas necessidades forem grandes talvez eu possa acrescentar isto. — Ele tirou a cruz de ouro do pescoço. A cruz pesada e a corrente grossa valiam facilmente quarenta ou cinquenta peças, e agora, relutante, o bispo as estendeu para Artur. — Meu empréstimo pessoal para a sua guerra, senhor.

Artur estendeu a mão para a corrente, e Sansum imediatamente a puxou de volta.

— Senhor — ele baixou a voz de modo que apenas Artur e eu pudemos ouvi-lo —, fui tratado injustamente no ano passado. Pelo empréstimo desta corrente — ele a sacudiu e os elos pesados fizeram barulho —, exigiria que minha nomeação como capelão pessoal de Mordred fosse honrada. Meu lugar é ao lado do rei, senhor, e não aqui neste pântano pestilento. — Antes que Artur pudesse responder, a porta da igreja se abriu de novo e Issa entrou, encharcado. Sansum se virou furiosamente para ele. — A igreja não está aberta para peregrinos! — disse rispidamente. — Existem cultos regulares. Agora saia! Saia!

Issa tirou o cabelo molhado do rosto, riu e falou comigo:

— Eles escondem todas as riquezas ao lado do laguinho, atrás da casa grande, senhor, tudo debaixo de uma pilha de pedras. Eu vi quando puseram os tributos de hoje.

Artur pegou a corrente pesada na mão de Sansum.

— Você pode ficar com estes outros tesouros para alimentar sua morada humilde durante o inverno, bispo — falou com um gesto para o conjunto insignificante no chão. — E guarde o torque como lembrança

de que seu pescoço é presente meu. — E foi em direção à porta.

— Senhor! — gritou Sansum, protestando. — Eu imploro...

— Implore! — interrompeu Nimue, tirando o capuz de cima do rosto. — Implore, seu cão. — Ela se virou e cuspiu no crucifixo, depois no chão da igreja, depois uma terceira vez em Sansum. — Implore, seu monte de sujeira — rosnou ela.

— Santo Deus! — Sansum ficou branco diante da visão de sua inimiga. Recuou, fazendo o sinal da cruz no peito fino. Por um momento pareceu aterrorizado até mesmo para falar. Devia ter pensado que Nimue estava perdida para sempre na Ilha dos Mortos, mas ali estava ela, cuspidando em triunfo. Benzeu-se pela terceira vez, depois girou para Artur. — O senhor ousa trazer uma feiticeira para a casa de Deus! — gritou. — Isso é um sacrilégio! Ah, doce Cristo! — Em seguida, caiu de joelhos e olhou para os caibros do telhado. — Lançai fogo dos céus! Lançai agora!

Artur o ignorou e saiu na chuva torrencial que estava manchando as patéticas fitas votivas penduradas no Espinheiro Sagrado.

— Chame os outros lanceiros para dentro — ordenou Artur a Issa. Meus homens tinham esperado do lado de fora do templo para o caso de Sansum tentar esconder seus tesouros fora do muro externo, mas agora os lanceiros vieram para ajudar a espantar os monges frenéticos da pilha de pedras que escondia o tesouro secreto. Alguns monges caíram de joelhos ao verem Nimue. Sabiam quem ela era.

Sansum correu da igreja e se jogou contra as pedras, decretando dramaticamente que sacrificaria a vida para preservar o dinheiro de Deus. Artur balançou a cabeça tristemente.

— Tem certeza desse sacrifício, senhor bispo?

— Santíssimo Deus! — gritou Sansum. — Vosso servo está indo, trucidado por homens malignos e sua feiticeira imunda! Tudo que fiz foi obedecer à Vossa palavra. Recebei-me, Senhor! Recebei vosso humilde servo! — Isso foi seguido por um grito quando ele antecipou a morte, mas era apenas Issa levantando-o pela gola e os fundilhos do manto e levando-o gentilmente para longe da pilha de pedras, até o laguinho, onde largou o bispo na água salobra e lamacenta. — Estou afogando, Senhor! Lançado em águas poderosas como Jonas no oceano! Um mártir por Cristo! Como Paulo e Pedro foram martirizados, senhor, agora eu vou! — Ele soprou algumas bolhas ansiosas, mas ninguém além de seu Deus estava notando, por isso arrastou-se lentamente para fora das plantas aquáticas enlameadas e ficou cuspidando pragas contra meus homens que estavam retirando as pedras.

Debaixo da pilha de pedras havia uma cobertura de tábuas que, erguidas, revelaram uma cisterna de pedra atulhada de sacos de couro, e nos sacos havia ouro. Grossas moedas de ouro, correntes de ouro, estátuas de ouro, torques de ouro, broches de ouro, braceletes de ouro,

alfinetes de ouro; o ouro deixado ali por centenas de peregrinos que procuravam a bênção do Espinheiro, e que agora Artur insistiu que um monge contasse e pesasse para que um recibo adequado fosse entregue ao mosteiro. Deixou meus homens supervisionando a contabilidade enquanto guiava Sansum, molhado e protestando, até o Espinheiro Sagrado.

— Precisa aprender a cultivar espinheiros antes de mexer com as questões dos reis, senhor bispo — disse Artur. — Não terá de volta o cargo de capelão do príncipe, ficará aqui e aprenderá a ser um agricultor.

— Proteja a raiz da próxima árvore com palha — aconselhei. — Deixe que as raízes fiquem úmidas enquanto ela se acomoda. E não transplante a árvore florida, bispo, elas não gostam disso. Esse foi o problema com os últimos espinheiros que plantaram aqui; vocês as arrancam da floresta na época errada. Tragam no inverno, façam um bom buraco com um pouco de esterco e protejam com palha, e talvez consigam um milagre de verdade.

— Perdoai-os, Senhor! — disse Sansum, ajoelhando-se e olhando para o céu úmido.

Artur queria visitar o Tor, mas primeiro parou junto à sepultura de Norwenna, que tinha se tornado um local de veneração para os cristãos.

— Ela foi uma mulher mal usada — observou ele.

— Todas as mulheres são — disse Nimue. Ela havia nos acompanhado até a sepultura que ficava ao lado do Espinheiro Sagrado.

— Não — insistiu Artur. — Talvez a maioria das pessoas seja, mas nem todas as mulheres, e nem todos os homens. Mas esta mulher foi, e ainda temos de vingá-la.

— Você teve a chance de vingá-la uma vez — acusou Nimue asperamente — e deixou Gundleus viver.

— Porque tinha esperança de paz. Mas na próxima vez ele morre.

— Sua esposa o prometeu a mim — disse ela.

Artur estremeceu, sabendo que havia crueldade por trás do desejo de Nimue, mas assentiu.

— Ele é seu, prometo. — Em seguida se virou e nos guiou pela chuva torrencial até o cume do Tor. Nimue e eu estávamos indo para casa, Artur para ver Morgana.

Ele abraçou a irmã no salão. A máscara de ouro de Morgana brilhava na luz da tempestade, e no pescoço ela usava as garras de urso engastadas em ouro que Artur lhe trouxera de Benoic havia tanto tempo. Morgana se agarrou a ele, desesperada por afeto, e eu os deixei a sós. Nimue, quase como se nunca tivesse saído do Tor, passou pela pequena porta dos reconstruídos aposentos de Merlin enquanto eu corria pela chuva até a cabana de Gudovan. Encontrei o velho administrador sentado à sua mesa, mas sem trabalhar, porque estava cego de catarata, mas disse que ainda podia identificar a luz e a

escuridão.

— E agora é escuro quase o tempo todo — falou triste, depois sorriu. — Acho que você é grande demais para levar uma surra, não é, Derfel?

— Você pode tentar, Gudovan, mas não vai adiantar muito.

— Adiantou alguma vez? — Ele riu. — Merlin falou de você quando esteve aqui na semana passada. Não que tenha ficado muito. Veio, falou conosco, deixou outro gato como se já não tivéssemos bastante, e depois foi embora. Nem ficou para passar a noite, de tanta pressa.

— Sabe aonde ele foi?

— Ele não quis dizer, mas para onde você acha que foi? — perguntou Gudovan com um toque de sua antiga aspereza. — Procurar Nimue. Pelo menos suponho que seja isso, mas não sei por que ele quer procurar aquela garota idiota. Merlin deveria tomar uma escrava! — Em seguida parou e de repente pareceu à beira das lágrimas. — Sabe que Sebile morreu? Coitada. Foi assassinada, Derfel! Assassinada! Cortaram sua garganta. Ninguém sabe quem fez isso. Algum viajante, acho. O mundo está indo para os cães, Derfel, para os cães. — Por um momento ele pareceu perdido, depois encontrou de novo o fio dos pensamentos. — Merlin deveria usar uma escrava. Não há nada de errado com uma escrava disposta, e por aí há uma quantidade delas, que cederiam por uma moedinha. Eu uso a casa perto da antiga oficina de Gwlyddyn. Há uma boa mulher lá, mas hoje em dia a gente costuma conversar mais do que rolar na cama. Estou velho, Derfel.

— Você não parece velho. E Merlin não foi procurar Nimue. Ela está aqui.

O trovão soou de novo e a mão de Gudovan encontrou um pequeno pedaço de ferro que ele acariciou, como proteção contra o mal.

— Nimue está aqui? — perguntou, pasmo. — Mas ouvimos dizer que ela estava na ilha! — E tocou no ferro de novo.

— Estava, mas agora não está.

— Nimue... — Ele pronunciou o nome, quase incrédulo. — Ela vai ficar?

— Não, vamos todos para o Leste hoje.

— E vão nos deixar sozinhos? — perguntou petulante. — Sinto saudade de Hywel.

— Eu também.

Ele suspirou.

— Os tempos mudam, Derfel. O Tor não é mais o que era. Agora estamos todos velhos e não restam crianças. Sinto falta delas, e o pobre Druidan não tem a quem perseguir. Pellinore arenga para o vazio, e Morgana está amarga.

— Ela não esteve sempre?

— Ela perdeu seu poder. Não o poder de revelar sonhos e curar os

doentes, mas o poder que desfrutava quando Merlin estava aqui e Uther no trono. Ela se ressentia disso, Derfel, como se ressentia de sua Nimue. — Gudovan fez uma pausa, pensando. — Ela ficou especialmente com raiva quando Guinevere mandou chamar Nimue para lutar contra Sansum por causa daquela igreja na Durnovária. Morgana acha que deveria ter sido convocada, mas ouvimos dizer que *lady* Guinevere só quer beleza ao redor, e em que situação isso deixa Morgana? — Ele deu um risinho. — Mas ela ainda é uma mulher forte, Derfel, e tem a ambição do irmão, de modo que não vai ficar contente em permanecer aqui ouvindo os sonhos dos camponeses e dando ervas para curar febre do leite. Ela está entediada! Tão entediada que até joga jogos de tabuleiro com aquele desgraçado bispo Sansum, do templo. Por que ele foi mandado para Ynys Wydryn?

— Porque não o queriam na Durnovária. Ele realmente vem aqui jogar com Morgana?

Gudovan assentiu.

— Ele diz que precisa de companhia inteligente e que ela possui a mente mais aguçada de Ynys Wydryn, e ousou dizer que está certo. Ele prega para ela, claro, um absurdo interminável sobre uma virgem parindo um Deus que é pregado numa cruz, mas Morgana deixa tudo passar através da máscara. Pelo menos espero que deixe. — Ele parou e tomou um gole de hidromel num chifre onde uma vespa lutava para não se afogar. Quando pousou a mão, pesquei a vespa e a esmaguei em sua mesa. — O cristianismo ganha convertidos, Derfel. Até a mulher de Gwlyddyn, aquela boa mulher, Ralla, se converteu, o que provavelmente significa que Gwlyddyn e os dois filhos vão acompanhá-la. Eu não me importo, mas por que eles precisam cantar tanto?

— Não gosta dos cantos? — provoquei.

— Ninguém gosta mais de uma boa canção do que eu. “A Canção de Batalha de Uther” ou o “Canto da Carnificina de Taranis”, é isso que eu chamo de canção, não aqueles gemidos falando de serem pecadores que precisam da graça. — Ele suspirou e balançou a cabeça. — Ouvi dizer que você esteve em Ynys Trebes, não foi?

Contei a história da queda da cidade. Pareceu uma história adequada enquanto estávamos ali, com a chuva caindo nos campos do lado de fora e uma escuridão baixando sobre toda a Dumnonia. Quando a história terminou, Gudovan olhou pela porta, sem ver, sem dizer nada. Pensei que ele podia ter caído no sono, mas quando me levantei do banco ele fez um gesto para que eu me sentasse.

— As coisas estão tão ruins quanto diz o bispo Sansum? — perguntou.

— Estão ruins, meu amigo.

— Conte.

Contei como os irlandeses e os cónicos estavam atacando no Oeste,

enquanto Cadwy ainda fingia governar um reino independente. Tristan fazia o máximo para conter os soldados do pai, mas o rei Mark não podia resistir a enriquecer seu reino pobre roubando da enfraquecida Dumnonia. Conteí como os saxões de Aelle tinham rompido a trégua, mas acrescentei que o exército de Gorfyddyd ainda era a pior ameaça.

— Ele reuniu os homens de Elmet, Powys e Silúria, e assim que a colheita estiver terminada, virá com todos para o sul.

— E Aelle não luta contra Gorfyddyd? — perguntou o velho escriba.

— Gorfyddyd comprou a paz de Aelle.

— E Gorfyddyd vai ganhar?

Fiz uma pausa longa.

— Não — falei por fim, não porque fosse a verdade, mas porque não queria que aquele velho amigo se preocupasse com a hipótese de que seu último vislumbre desta vida fosse um clarão de luz enquanto a espada de um guerreiro viesse em direção aos seus olhos cegos. — Artur vai lutar contra eles, e Artur nunca foi derrotado.

— Vai lutar contra eles também?

— Este é o meu serviço agora, Gudovan.

— Você seria um bom escritorário. É uma profissão honrada e útil, ainda que ninguém nos faça lordes por causa dela. — Eu pensava que ele não sabia de minha honra e de repente senti vergonha por ter tanto orgulho dela. Gudovan estendeu a mão para o seu hidromel e tomou outro gole. — Se você se encontrar com Merlin, diga para ele voltar. O Tor está morto sem ele.

— Eu digo.

— Adeus, lorde Derfel — disse Gudovan, e senti que ele sabia que nunca mais nos encontraríamos neste mundo. Tentei abraçar o velho, mas ele me afastou, com medo de trair suas emoções.

Artur estava esperando no portão do mar, onde olhou para o oeste por cima dos pântanos que estavam sendo varridos por pálidas ondas de chuva.

— Isto vai ser ruim para a colheita — disse ele em tom opaco. Um raio tremulou acima do mar de Severn.

— Houve uma tempestade assim depois que Uther morreu — falei.

Artur apertou a capa com força em volta do corpo.

— Se o filho de Uther tivesse vivido... — falou e depois ficou quieto, não terminando o pensamento. Seu humor estava tão sombrio e sem graça quanto o tempo.

— O filho de Uther não teria lutado contra Gorfyddyd, senhor, nem contra Aelle.

— Nem contra Cadwy — acrescentou ele com amargura. — Nem contra Cerdic. São tantos inimigos, Derfel!

— Então fique satisfeito por ter amigos, senhor.

Ele recebeu esta verdade com um sorriso, depois se virou para olhar

para o norte.

— Eu me preocupo com um amigo — falou em voz baixa. — Preocupo-me com a possibilidade de Tewdric não lutar. Ele está cansado da guerra e não posso culpá-lo por isso. Gwent sofreu muito mais do que a Dumnonia. — Ele me olhou e havia lágrimas em seus olhos, ou talvez fosse apenas a chuva. — Eu queria fazer coisas grandes, Derfel, coisas muito grandes. E no final fui eu quem os traiu, não fui?

— Não, senhor — falei com firmeza.

— Os amigos deveriam dizer a verdade — censurou ele gentilmente.

— O senhor precisava de Guinevere — observei, constrangido por estar falando assim — e seu destino era estar com ela, do contrário por que os Deuses iriam levá-la ao salão de festa na noite de seu noivado? Não está em nosso poder, senhor, ler a mente dos Deuses, apenas viver nosso destino obedientemente.

Ele fez uma careta diante disso, porque gostava de acreditar que era senhor de seu próprio destino.

— Você acha que todos deveríamos correr loucamente pelos caminhos do destino?

— Acho, senhor, que, quando o destino nos agarra, fazemos bem em pôr a razão à parte.

— E eu fiz isso — disse ele em voz baixa e depois sorriu para mim.

— Você ama alguém, Derfel?

— As únicas mulheres que amo, senhor, não são para mim — respondi com pena de mim mesmo.

Ele franziu a testa, depois balançou a cabeça em comiseração.

— Pobre Derfel — falou baixinho e alguma coisa em seu tom de voz me fez olhá-lo. Será que estava acreditando que eu pretendia incluir Guinevere entre essas mulheres? Ruborizei e pensei no que deveria dizer, mas Artur já havia se virado para olhar Nimue saindo do salão. — Algum dia você precisa me contar sobre a Ilha dos Mortos, quando tivermos tempo.

— Contarei, senhor, depois de sua vitória, quando precisar de boas histórias para as longas noites de inverno.

— Sim, depois da nossa vitória. — Mas ele não pareceu esperançoso. O exército de Gorfyddyd era tão gigantesco e o nosso tão pequeno!

Mas antes que pudéssemos lutar contra Gorfyddyd tínhamos de comprar a paz dos saxões com o dinheiro de Deus. Por isso viajamos em direção a Lloegyr.

SENTIMOS O CHEIRO DE Durocobrivis muito antes de nos aproximarmos da cidade. O cheiro veio no segundo dia de viagem, e ainda estávamos a meio dia de distância da cidade capturada. Mas o vento vinha do leste e trazia o fedor azedo de morte e fumaça por cima das fazendas desertas. Os campos estavam prontos para a colheita, mas as pessoas tinham

fugido aterrorizadas com os saxões. Em Cunetio, uma pequena cidade construída pelos romanos onde tínhamos passado a noite, os refugiados enchiam as ruas e seus rebanhos atulhavam os currais de inverno, reconstruídos às pressas. Ninguém havia saudado Artur em Cunetio, e não era de espantar, porque o culpavam pela duração e pelos desastres da guerra. Os homens murmuravam que havia paz sob o comando de Uther, e nada além de guerra sob Artur.

Os cavaleiros de Artur lideravam nossa coluna silenciosa. Usavam armadura, levavam espadas e lanças, mas os escudos estavam pendurados de cabeça para baixo, e ramos verdes tinham sido amarrados às pontas das lanças como sinais de que vínhamos em paz. Atrás da vanguarda marchavam os lanceiros de Lanval, e depois deles vinham duas vintenas de mulas de carga levando o ouro de Sansum e com todos os pesados escudos de couro que os cavalos de Artur usavam nas batalhas. Um segundo contingente menor de cavaleiros formava a retaguarda. O próprio Artur caminhava com meus lanceiros que usavam caudas de lobos nos elmos, logo atrás de seu porta-bandeira que ia montado com os cavaleiros da frente. Lamrei, a égua preta de Artur, era montada por Hygwydd, seu serviçal, e com ele estava um estranho que achei ser outro serviçal. Nimue andava conosco e, como Artur, tentava aprender um pouco de saxão comigo, mas nenhum deles era bom aluno. Nimue ficou logo entediada com a língua áspera, ao passo que Artur tinha muitas coisas em mente, mas obedientemente aprendeu algumas palavras: paz, terra, lança, comida, mãe, pai. Eu seria seu intérprete, a primeira das muitas vezes em que falei por Artur e traduzi as palavras de seus inimigos.

Encontramos o inimigo ao meio-dia enquanto descíamos um morro suave onde crescia uma floresta de cada lado da estrada. De repente, uma flecha voou das árvores e se cravou na turfa logo adiante de nosso homem de frente, Sagramor. Ele ergueu uma das mãos e Artur gritou para que todos na coluna ficassem imóveis.

— Sem espadas! — ordenou. — Só esperem!

Os saxões deviam estar nos vigiando a manhã inteira, porque tinham reunido um pequeno bando de guerreiros para nos enfrentar. Esses homens, sessenta ou setenta, saíram das árvores atrás de seu líder, um sujeito de peito largo que andava sob um estandarte de chefe tribal, feito de galhadas de cervo das quais pendiam farrapos de pele humana bronzada.

O chefe tinha o amor dos saxões pelas peles de animais; um afeto sensato, já que poucas coisas aparam tão bem um golpe de espada quanto uma pele grossa e densa. Esse homem tinha uma gola de pele preta e pesada em volta do pescoço, e tiras de pele em volta dos braços e das coxas. O resto da roupa era feito de couro ou lã: um gibão, calças, botas e um elmo de couro com crista de pele preta. Na cintura pendia

uma espada comprida, e na mão ele segurava a arma predileta dos saxões, o machado de lâmina larga.

— Vocês estão perdidos, *wealhas*? — gritou. — *Wealhas* era a palavra que usavam para nós, britânicos. Significa estrangeiros e tem um tom depreciativo, assim como nossa palavra *sais*, para designá-los. — Ou só estão cansados da vida?

Ele se manteve firmemente no nosso caminho, com os pés separados, cabeça erguida e o machado repousando no ombro. Tinha barba castanha e uma massa de cabelos castanhos que se espetava para fora da borda do elmo. Seus homens, alguns com elmos de ferro, alguns de couro, e quase todos com machados, formaram uma parede de escudos atravessando a estrada. Alguns tinham enormes cães presos com correias, feras do tamanho de lobos, e ultimamente, pelo que tínhamos ouvido dizer, os *sais* estavam usando esses cães como armas, soltando-os contra nossas paredes de escudos alguns segundos antes de atacar com machado e lança. Os cães assustaram alguns de nossos homens muito mais do que os saxões.

Caminhei com Artur, parando a alguns passos do saxão desafiador. Nenhum de nós carregava lança ou escudo, e nossas espadas estavam nas bainhas.

— Meu senhor é Artur, protetor da Dumnonia — falei em saxão —, que vem a vocês em paz.

— Por enquanto — disse o homem — a paz é de vocês, mas apenas por enquanto. — Ele falava em tom de desafio, mas ficara impressionado com o nome de Artur e fez uma inspeção longa e curiosa ao meu senhor, antes de me olhar de novo. — Você é saxão?

— Nasci como um. Agora sou britânico.

— Um lobo pode se transformar num sapo? — perguntou ele com uma careta de desprezo. — Por que não vira saxão de novo?

— Porque jurei prestar serviço a Artur, e esse serviço é levar ao seu rei um grande presente em ouro.

— Para um sapo você uiva bem. Eu sou Therdig.

Eu nunca ouvira falar nele.

— Sua fama causa pesadelo em nossas crianças — falei.

Ele gargalhou.

— Bem falado, sapo. Então quem é o nosso rei?

— Aelle.

— Não ouvi, sapo.

Suspirei.

— O Bretwalda Aelle.

— Muito bem, sapo — disse Therdig.

Nós, britânicos, não reconhecíamos o título de Bretwalda, mas o usei para aplacar o chefe saxão. Artur, que nada entendia de nossa conversa, esperou pacientemente até que eu estivesse preparado para

traduzir alguma coisa. Ele confiava em quem nomeava e não iria me apressar nem intervir.

— O Bretwalda está a algumas horas daqui — disse Therdig. — Você pode me dar algum motivo, sapo, para eu perturbar o dia dele com a notícia de que uma praga de ratos, camundongos e vermes entrou nas suas terras?

— Trazemos mais ouro para o Bretwalda do que você pode sonhar, Therdig. Ouro para os seus homens, para as suas mulheres, para as suas filhas, até para os seus escravos. Isso é motivo suficiente?

— Mostre, sapo.

Era um risco, mas Artur estava disposto a corrê-lo, levando Therdig e seis de seus homens até as mulas e revelando a grande carga nos sacos. O risco era que Therdig decidisse que a fortuna valia uma luta naquela hora, mas éramos mais numerosos e a visão dos homens de Artur em seus grandes cavalos era uma dissuasão temível, por isso ele meramente pegou três moedas de ouro e disse que informaria nossa presença ao Bretwalda.

— Esperem nas Pedras — ordenou ele. — Estejam lá à noite, e meu rei irá se encontrar com vocês de manhã. — Essa ordem revelou que Aelle certamente fora alertado de nossa presença, e devia ter adivinhado a que vínhamos. — Vocês podem ficar nas Pedras em paz até que o Bretwalda decida seu destino.

Aquela noite, uma vez que levamos a tarde inteira para chegar às Pedras, foi a primeira vez em que vi o grande círculo. Merlin falara dele frequentemente, e Nimue ouvira contar de seu poder, mas ninguém sabia quem o fizera ou por que as grandes pedras aparadas tinham sido postas naquele círculo enorme. Nimue tinha certeza de que apenas os Deuses poderiam ter feito um lugar assim, por isso cantava orações enquanto nos aproximávamos dos monólitos cinzentos e solitários, cujas sombras no fim de tarde se estendiam escuras e compridas sobre o capim claro. Um poço rodeava as pedras arrumadas num grande círculo de pilares com outras pedras formando lintéis acima, e dentro daquela arcada grosseira e enorme havia mais pedras grandes em volta de uma espécie de altar. Havia muitos outros círculos de pedra na Britânia, alguns ainda maiores em circunferência, mas nenhum com tanto mistério e majestade, e todos ficamos espantados e quietos enquanto nos aproximávamos.

Nimue lançou seus feitiços, depois nos disse que era seguro atravessar o poço, e assim vagamos pasmos entre aquelas rochas dos Deuses. Liquens cresciam densos nas pedras, algumas das quais haviam se inclinado ou até caído no correr dos longos anos, ao passo que outras estavam gravadas com nomes e numerais romanos. Gereint fora o senhor daquelas Pedras, um cargo criado por Uther para recompensar o homem responsável por sustentar nossa fronteira do leste contra os saxões, ainda que agora outro homem tivesse de assumir o título e tentar

empurrar Aelle de volta para além da incendiada Durocobrivis. Era uma vergonha, disse-me Nimue, que Aelle tivesse exigido nos encontrar ali, tão no interior da Dumnonia.

Havia uma floresta num vale a 1,5 quilômetro ao sul, e nós usamos as mulas para pegar lenha para uma fogueira que queimou durante toda aquela noite assombrada por fantasmas. Outras fogueiras queimavam logo além do horizonte a leste, prova de que os saxões tinham nos seguido. Foi uma noite nervosa. Nossa fogueira queimava como uma chama de Beltain, mas as sombras nas pedras continuavam nos deixando nervosos. Nimue lançou feitiços de segurança em volta do fosso, e essa precaução acalmou nossos homens, mas os cavalos reunidos relincharam e pisotearam a turfa durante toda a noite. Artur suspeitava de que eles sentiam o cheiro dos cães de guerra dos saxões, mas Nimue tinha certeza de que os espíritos dos mortos estavam girando em volta de nós. Nossas sentinelas apertavam com força os cabos das lanças e desafiavam cada vento que suspirava nos montes funerários ao redor das pedras, mas nenhum cachorro, fantasma ou guerreiro nos perturbou, ainda que poucos dos nossos homens tenham dormido.

Artur não dormiu nada. Num momento da noite ele me pediu para caminharmos juntos, e andei com ele em volta do círculo externo de pedras. Ele ficou um tempo sem falar, com a cabeça desnuda sob as estrelas.

— Eu estive aqui antes, uma vez — falou, rompendo o silêncio abruptamente.

— Quando, senhor?

— Há dez anos. Talvez 11. — Ele deu de ombros, como se o número de anos não fosse importante. — Merlin me trouxe aqui. — Artur ficou quieto de novo e não falei nada, porque senti com as últimas palavras que este sítio ocupava um lugar especial em sua memória. E eu estava certo, porque finalmente ele parou de andar e apontou para a pedra cinzenta que ficava como um altar no coração das pedras. — Foi ali, Derfel, que Merlin me deu Caledfwch.

Olhei para a bainha bordada com pontos cruzados.

— Um presente nobre, senhor.

— Pesado, Derfel. Veio com um fardo. — Artur puxou meu braço e continuamos a andar. — Ele me deu com a condição de que fizesse o que ele me ordenasse, e obedeci. Fui para Benoic e aprendi com Ban quais são os deveres de um rei. Aprendi que um rei só é tão bom quanto o homem mais pobre sob o seu governo. Esta foi a lição de Ban.

— Não foi uma lição que o próprio Ban aprendeu — falei amargamente, pensando em como Ban tinha ignorado seu povo para enriquecer Ynys Trebes.

Artur sorriu.

— Alguns homens são melhores em saber do que em fazer, Derfel.

Ban era muito sábio, mas não era prático. Preciso ser as duas coisas.

— Para ser rei? — ousei perguntar, porque declarar tal ambição ia contra tudo que Artur afirmava sobre seu destino.

Mas Artur não se ofendeu com minhas palavras.

— Para ser um governante. — Ele havia parado de novo e estava olhando para a pedra no centro do círculo, além das formas escuras de seus homens adormecidos sob as capas, e para mim foi como se a laje tremeluzisse ao luar, ou talvez fosse apenas minha imaginação estimulada. — Merlin me fez ficar nu e permanecer de pé naquela pedra a noite inteira. Havia chuva no vento, e estava frio. Ele entoou feitiços e me fez segurar a espada com o braço estendido e mantê-la ali. Lembro que meu braço ficou como fogo e finalmente se entorpeceu, mas ele não me deixava largar Caledfwch. “Segure!”, gritava ele, “segure”, e fiquei ali parado, estremecendo enquanto ele invocava os mortos para testemunhar o presente. E eles vieram, Derfel, fileira após fileira dos mortos, guerreiros com olhos vazios e elmos enferrujados, que se levantavam do Outro Mundo para olhar a espada que me fora concedida. — Artur sacudiu a cabeça diante da lembrança. — Ou talvez eu tenha apenas sonhado com aqueles homens comidos pelos vermes. Eu era jovem, veja bem, e muito impressionável, e Merlin sabe como incutir o medo aos Deuses nas mentes jovens. Mas depois de ter me apavorado com a multidão de testemunhas mortas ele me disse como liderar homens, como encontrar guerreiros que precisam de líderes e como lutar batalhas. Ele contou o meu destino, Derfel. — Artur ficou quieto de novo, o rosto comprido muito sério ao luar. Depois deu um sorriso maroto. — Tudo absurdo.

Suas últimas duas palavras tinham sido faladas tão baixo que quase não ouvi.

— Absurdo? — perguntei, incapaz de esconder a desaprovação.

— Devo entregar a Britânia de volta aos Deuses — disse Artur, zombando do dever com o tom da voz.

— E irá fazer isso, senhor.

Ele deu de ombros.

— Merlin queria um braço forte para segurar uma boa espada, mas o que os Deuses querem, Derfel, eu não sei. Se querem a Britânia, por que precisam de mim? Ou de Merlin? Os Deuses precisam dos homens? Ou somos como cães latindo para donos que não querem ouvir?

— Não somos cães. Somos as criaturas dos Deuses. Eles devem ter um propósito para nós.

— Devem? Talvez nós só os façamos rir.

— Merlin diz que perdemos contato com os Deuses — falei teimosamente.

— Assim como Merlin perdeu o contato conosco — replicou Artur com firmeza. — Você viu como ele saiu correndo da Durnovária naquela

noite em que vocês voltaram de Ynys Trebes. Merlin está ocupado demais, Derfel. Merlin está caçando seus Tesouros da Britânia, e o que fazemos na Dumnonia não tem importância para ele. Eu poderia fazer um grande reino para Mordred, poderia estabelecer a justiça, poderia trazer a paz, poderia ter cristãos e pagãos dançando juntos ao luar e nada disso interessaria a Merlin. Ele só deseja o momento em que tudo isso seja dado de volta aos Deuses e, quando esse momento chegar, ele exigirá que eu lhe entregue Caledfwlch de volta. Esta foi sua outra condição. Eu poderia usar a espada dos Deuses, disse ele, desde que a devolvesse quando ele precisasse.

Artur tinha falado com um traço de zombaria que me perturbou.

— O senhor não acredita no sonho de Merlin?

— Acredito que Merlin é o homem mais sábio da Britânia, e que sabe mais do que jamais espero saber. Também sei que meu destino está entrelaçado com o dele, assim como o seu, acho, está entrelaçado ao de Nimue, mas também creio que Merlin é entediado desde o instante em que nasceu, por isso está fazendo o que os Deuses fazem: se divertindo à nossa custa. O que significa, Derfel, que o momento de devolver Caledfwlch será o momento em que mais precisarei dela.

— Então o que o senhor fará?

— Não tenho ideia. Nenhuma. — Ele pareceu achar esse pensamento divertido, porque sorriu, depois colocou a mão em meu ombro. — Vá dormir, Derfel. Preciso de sua língua amanhã e não a quero engrolada de cansaço.

Deixei-o, e de algum modo consegui alguns instantes de sono à sombra lançada por uma enorme pedra ao luar, mas antes de dormir fiquei pensando naquela noite distante em que Merlin fizera o braço de Artur doer com o peso da espada e deixara sua alma pesada com o fardo ainda maior do destino. Por que Merlin tinha escolhido Artur? Agora me parecia que Artur e Merlin estavam em pontos opostos. Merlin acreditava que o caos só podia ser derrotado com o uso dos poderes do mistério, ao passo que Artur acreditava nos poderes dos homens. Podia ser, pensei, que Merlin houvesse treinado Artur para governar os homens, deixando-o livre para governar os poderes das sombras, mas também percebi, ainda que fracamente, que chegaria o instante em que todos teríamos de escolher entre os dois, e eu temia esse instante. Rezei para que nunca chegasse. Então dormi até que o sol nasceu, lançando a sombra de um único pilar, que ficava isolado fora do círculo, direto no coração das Pedras, onde nós, guerreiros cansados, guardávamos o pagamento de um rei.

Bebemos água, comemos pão duro e depois afivelamos as espadas antes de espalharmos o ouro no capim molhado de orvalho ao lado da pedra do altar.

— O que impediria Aelle de levar o ouro e continuar com sua

guerra? — perguntei a Artur enquanto esperávamos a chegada do saxão. Afinal de contas, Aelle já aceitara ouro nosso, antes, e isso não o impediria de incendiar Durocobrivis.

Artur deu de ombros. Estava usando sua armadura de reserva, uma cota de malha romana amassada e arranhada das lutas frequentes. Usava a malha pesada por baixo de uma de suas capas brancas.

— Nada — respondeu ele —, a não ser o pouco de honra que ele possa ter. E é por isso que temos de oferecer mais do que ouro.

— Mais? — perguntei, mas Artur não respondeu porque os saxões tinham aparecido na borda do céu do leste emoldurado pela alvorada.

Vieram numa linha comprida espalhada pelo horizonte com seus tambores de guerra batendo e os lanceiros organizados para a batalha, ainda que as armas tivessem folhas nas pontas para mostrar que não pretendiam nos causar mal imediato. Aelle os liderava. Foi o primeiro dos dois homens que conheci e que reivindicaram o título de Bretwalda. O outro veio mais tarde e iria nos causar mais problemas, porém Aelle já era problema suficiente. Era um homem alto com rosto chapado e duro e olhos escuros que não revelavam qualquer pensamento. Sua barba era preta, as bochechas tinham cicatrizes de batalhas e faltavam dois dedos na mão direita. Usava uma túnica de tecido preto presa com cinto de couro, botas de couro, um elmo de ferro com chifres de touro, e sobre tudo aquilo uma capa de pele de urso que deixou cair quando o calor do dia ficou forte demais para um adereço tão exagerado. Seu estandarte era um crânio de touro manchado de sangue no alto de um cabo de lança.

Seu bando de guerreiros era composto de duzentos homens, talvez um pouco mais, e mais da metade deles tinha grandes cães presos a correias de couro. Atrás dos guerreiros vinha uma horda de mulheres, crianças e escravos. Agora havia um número mais que suficiente de saxões para nos suplantar, mas Aelle dera a palavra de que estávamos em paz, pelo menos até que tivesse decidido o nosso destino, e seus homens não fizeram qualquer demonstração hostil. A fileira parou do lado de fora do fosso circular enquanto Aelle, seu conselho, um intérprete e um par de feiticeiros vinham se encontrar com Artur. Os feiticeiros tinham os cabelos endurecidos em pontas, com o uso de esterco, e usavam capas esfarrapadas feitas de pele de lobo. Quando giraram para dizer seus feitiços, as pernas, as caudas e os rostos dos lobos saltavam diante de seus corpos pintados. Eles gritavam esses feitiços à medida que se aproximavam, anulando qualquer magia que pudéssemos estar lançando contra seu líder. Nimue se agachou atrás de nós e cantou seu contrafeitiço.

Os dois líderes se avaliaram mutuamente. Artur era mais alto, e Aelle mais largo. O rosto de Artur era marcante, mas o de Aelle aterrorizante. Era implacável, o rosto de um homem que viera do outro

lado do mar para construir um reino em terra estranha e fizera esse reino com uma brutalidade selvagem e direta.

— Eu deveria matá-lo agora, Artur — disse ele —, e ter menos um inimigo a destruir.

Seus feiticeiros, nus por baixo das peles comidas por traças, se agacharam atrás dele. Um mastigou um bocado de terra, o outro revirou os olhos enquanto Nimue, com a órbita vazia despida, sibilava para os dois. A luta entre Nimue e os feiticeiros era uma guerra particular que os líderes ignoraram.

— Chegará o tempo, Aelle, em que talvez devamos nos encontrar em batalha. Mas por enquanto ofereço paz. — Eu esperava que Artur se curvasse para Aelle que, diferentemente de Artur, era um rei, mas Artur tratou o Bretwalda como um igual, e Aelle aceitou o tratamento sem protestar.

— Por quê? — perguntou Aelle, sem cerimônia. Aelle não usava os circunlóquios dos quais nós, britânicos, gostávamos. Eu tinha percebido essa diferença entre nós e os saxões. Os britânicos pensavam em curvas, como os desenhos intrincados de suas joias, ao passo que os saxões eram abruptos e diretos, tão grosseiros quanto seus pesados broches e cordões de ouro. Os britânicos raramente abordavam um assunto de frente, falavam ao redor do mesmo, envolvendo-o com sugestões e alusões, sempre procurando manobras, mas os saxões dispensavam a sutileza. Uma vez Artur disse que eu possuía essa objetividade saxã, e acho que falou isso como um elogio.

Artur ignorou a pergunta de Aelle.

— Eu achava que já tínhamos paz. Tínhamos um acordo selado com ouro.

O rosto de Aelle não traiu qualquer vergonha por ter rompido a trégua. Simplesmente deu de ombros, como se uma paz rompida fosse coisa pequena.

— Então, se uma trégua falha, por que comprar outra?

— Porque tenho uma pendência com Gorfyddyd — respondeu Artur, adotando os modos diretos do saxão — e busco sua ajuda nessa pendência.

Aelle assentiu.

— Mas, se ajudá-lo a destruir Gorfyddyd, eu torno você mais forte. Por que deveria fazer isso?

— Porque, se não fizer, Gorfyddyd vai me destruir e então ele será mais forte.

Aelle gargalhou, mostrando a boca cheia de dentes podres.

— Um cão se importa com qual de dois ratos ele mata?

Traduzi isso como “um cão se importa com qual de dois cervos ele derruba”. Pareceu mais diplomático, e notei que o intérprete de Aelle, um escravo britânico, não contou ao seu senhor.

— Não — admitiu Artur —, mas os cervos não são iguais. — O intérprete de Aelle disse que os ratos não eram iguais, e não contei a Artur. — Na melhor das hipóteses, senhor Aelle — prosseguiu Artur —, preservo a Dumnonia e torno Powys e Silúria meus aliados. Mas, se Gorfyddyd vencer, ele unirá Elmet, Rhege, Powys, Silúria e Dumnonia contra você.

— Mas você também terá Gwent ao seu lado. — Aelle era um homem esperto, e rápido.

— Certo, mas o mesmo acontecerá com Gorfyddyd, caso ocorra uma guerra entre os britânicos e os saxões.

Aelle grunhiu. A situação atual, com os britânicos lutando entre si, lhe servia melhor, mas ele sabia que as guerras entre os britânicos eventualmente terminariam. Como agora parecia que Gorfyddyd venceria essa guerra em breve, a presença de Artur lhe dava um modo de prolongar o conflito entre os inimigos.

— Então o que quer de mim?

Agora os seus feiticeiros saltavam de quatro, como gafanhotos humanos, enquanto Nimue arrumava pedregulhos no chão. O padrão dos pedregulhos deve ter perturbado os feiticeiros saxões, porque eles começaram a dar gritinhos perturbados. Aelle os ignorou.

— Quero que dê três luas de paz a Dumnonia e Gwent — disse Artur.

— Você só está comprando paz? — Aelle rugiu as palavras e até mesmo Nimue se espantou. O saxão apontou a mão enluvada para seu bando de guerreiros que estavam agachados com as mulheres, os cães e os escravos além do fosso raso. — O que um exército faz durante a paz? Diga! Prometi mais do que ouro a eles. Prometi terra! Prometi escravos! Prometi sangue *wealhas*, e você me dá paz? — Ele cuspiu. — Em nome de Thor, Artur, eu lhe darei paz, mas a paz atravessará os seus ossos e meus homens vão se revezar com sua mulher. Esta é a minha paz! — Ele cuspiu no chão, depois me olhou. — Diga ao seu senhor, cão, que metade de meus homens acabou de chegar de barco. Eles não têm colheita nem como alimentar suas pessoas no inverno. Não podemos comer ouro. Se não tomarmos terra e grãos, morremos de fome. De que serve a paz para um homem faminto?

Traduzi para Artur, deixando de fora os insultos maiores.

Um olhar de dor atravessou o rosto de Artur. Aelle viu o olhar, traduziu-o como fraqueza e por isso se virou para outro lado, cheio de escárnio.

— Dou-lhe duas horas de vantagem, inseto — gritou por cima do ombro. — Depois vou persegui-lo.

— Ratae — disse Artur, sem nem mesmo esperar que eu traduzisse a ameaça de Aelle.

O saxão se virou de novo. Não disse nada, apenas olhou no rosto de

Artur. O fedor de sua capa de pele de urso era espantoso; uma mistura de suor, esterco e gordura. Ele esperou.

— Ratae — disse Artur de novo. — Diga-lhe que Ratae pode ser tomada, diga que ela está cheia das coisas que ele deseja. Diga que a terra e tudo que ela guarda será dele.

Ratae era a fortaleza que protegia a fronteira mais a leste de Gorfyddyd com os saxões, e se Gorfyddyd perdesse aquela fortaleza os saxões entrariam mais de 30 quilômetros para perto do coração de Powys.

Traduzi. Levei algum tempo para identificar Ratae para Aelle, mas por fim ele entendeu. Não ficou satisfeito, porque aparentemente Ratae era uma formidável fortaleza romana que Gorfyddyd reforçara com uma grande muralha de terra.

Artur explicou que Gorfyddyd havia tirado os melhores lanceiros da guarnição para juntar ao exército que reunira para a invasão de Gwent e Dumnonia. Não precisou explicar que Gorfyddyd só se arriscara a dar esse passo por causa da paz que pensava ter comprado com Aelle, uma paz pela qual Artur oferecia um preço maior. Artur revelou que uma comunidade cristã em Ratae havia construído um mosteiro do lado de fora das muralhas de terra da fortaleza, e que as idas e vindas dos monges tinham aberto uma passagem na paliçada. O comandante da fortaleza, explicou ele, era um dos raros cristãos de Gorfyddyd, e tinha dado sua bênção ao mosteiro.

— Como ele sabe disso? — perguntou-me Aelle.

— Diga que tenho comigo um homem de Ratae, que sabe que o mosteiro pode ser invadido e que está disposto a servir de guia. Diga que só peço que esse homem seja recompensado com a vida. — Então percebi quem devia ser o estranho que estivera andando com Hygwydd. Percebi também que Artur sabia que teria de sacrificar Ratae mesmo antes de deixar a Durnovária.

Aelle exigiu saber mais sobre o traidor, e Artur contou como o homem havia desertado de Powys e vindo a Dumnonia em busca de vingança porque sua mulher o abandonara em troca de um dos chefes de Gorfyddyd.

Aelle falou com seu conselho enquanto os dois feiticeiros soltavam algaravias para Nimue. Depois, um deles apontou um osso de coxa humana para ela, mas Nimue simplesmente cuspiu. O gesto pareceu concluir a guerra de feitiços, porque os dois feiticeiros recuaram enquanto Nimue se levantava e limpava as mãos. O conselho de Aelle regateou conosco. Num determinado ponto insistiram em que lhes déssemos os grandes cavalos de guerra, mas Artur exigiu todos os cães de guerra em troca, e finalmente, à tarde, os saxões aceitaram a oferta de Ratae e do ouro de Artur. Talvez tenha sido o maior preço em ouro pago por um britânico a um saxão, mas Aelle também insistiu em ficar com

dois refêns que, segundo prometeu, seriam liberados caso o ataque a Ratae não fosse uma armadilha montada por Gorfyddyd e Artur juntos. Ele escolheu aleatoriamente, pegando dois guerreiros de Artur: Balin e Lanval.

Naquela noite comemos com os saxões. Eu estava curioso para conhecer aqueles homens que eram meus irmãos por nascimento, e até mesmo temia a possibilidade de sentir algum parentesco com eles, mas na verdade achei sua companhia repelente. Seu humor era grosseiro, os modos rústicos, e o cheiro de sua carne envolta em peles era nauseante. Alguns zombaram de mim dizendo que eu me parecia com seu rei Aelle, mas eu não podia ver semelhança entre as feições duras e chapadas dele e o que eu achava que seria meu rosto. Finalmente, Aelle rosnou ordenando silêncio aos que zombavam de mim, depois me lançou um olhar frio antes de mandar que eu convidasse os homens de Artur a compartilhar uma refeição composta de enormes pedaços de carne assada que comemos com as mãos enluvadas, mordendo a carne escaldante até os sucos pingarem das barbas. Nós lhes demos hidromel, eles nos deram cerveja. Algumas lutas de bêbados começaram, mas ninguém foi morto. Aelle, como Artur, ficou sóbrio, mas os dois feiticeiros do Bretwalda se embebedaram terrivelmente e, depois de terem dormido junto ao próprio vômito, Aelle explicou que eram loucos que tinham contato com os Deuses. Ele possuía outros sacerdotes sãos, mas pensava que os lunáticos possuíam um poder especial de que os saxões poderiam necessitar.

— Temíamos que você trouxesse Merlin — explicou.

— Merlin é senhor de si mesmo — respondeu Artur —, mas esta é a sacerdotisa dele. — E fez um gesto para Nimue, que encarou o saxão com seu olho único.

Aelle fez um gesto que deveria ser o seu modo de evitar o mal. Temia Nimue por causa de Merlin, e era bom saber disso.

— Mas Merlin está na Britânia? — perguntou Aelle, cheio de temor.

— Alguns homens dizem que sim — respondi por Artur — e alguns dizem que não. Quem sabe? Talvez esteja ali no escuro. — E virei a cabeça para a escuridão atrás das pedras iluminadas pelo fogo.

Aelle usou um cabo de lança para acordar um dos seus feiticeiros loucos. O homem gemeu de dar pena, e Aelle pareceu contente, achando que o som evitaria qualquer mal. O Bretwalda havia pendurado a cruz de Sansum no pescoço, e outros de seus homens usavam os pesados torques de ouro de Ynys Wydryn. Mais tarde, quando a maioria dos saxões estava roncando, alguns de seus escravos contaram a história da queda de Durocobrivis, e como o príncipe Gereint fora apanhado vivo e torturado até a morte. A história fez Artur chorar. Nenhum de nós conhecia Gereint bem, mas ele fora um homem modesto e sem ambição, que tentara ao máximo barrar as forças saxãs cada vez maiores. Alguns

escravos imploraram para que os levássemos, mas não ousávamos ofender os anfitriões concedendo o pedido.

— Viremos buscá-los um dia — prometeu Artur aos escravos. — Nós viremos.

Os saxões partiram na tarde seguinte. Aelle insistiu que esperássemos outra noite inteira antes de sairmos das Pedras, para se certificar de que não iríamos segui-lo, e levou Balin, Lanval e o homem de Powys com seu bando de guerreiros. Nimue, consultada por Artur sobre se Aelle manteria a palavra, assentiu e disse que tinha sonhado com a concordância do saxão e a volta em segurança dos reféns.

— Mas o sangue de Ratae está em suas mãos — disse ela, em tom agourento.

Arrumamos nossas coisas e nos preparamos para a viagem, que só começaria no alvorecer do dia seguinte. Artur nunca ficava satisfeito quando era obrigado ao ócio, e no fim da tarde pediu que Sagramor e eu caminhássemos com ele até a floresta no Sul. Durante um tempo achei que ele andava sem objetivo, mas finalmente Artur parou abaixo de um carvalho gigantesco cheio de barbas de líquen cinza.

— Eu me sinto sujo — falou. — Não mantive meu juramento para com Benoic e agora estou comprando a morte de centenas de britânicos.

— O senhor não poderia salvar Benoic — insisti.

— Uma terra que compra poetas em vez de lanceiros não merece sobreviver — acrescentou Sagramor.

— Não importa se eu podia salvá-la ou não — disse Artur. — Fiz um juramento a Ban e não cumpri.

— Um homem cuja casa está pegando fogo não carrega água para o incêndio do vizinho — disse Sagramor. Seu rosto preto, tão impenetrável quanto o de Aelle, tinha fascinado os saxões. Muitos haviam lutado contra ele nos últimos anos e achavam que fosse algum tipo de demônio invocado por Merlin, e Artur tinha aproveitado esse medo dando a entender que deixaria Sagramor cuidando da fronteira nova. Na verdade, Artur levaria Sagramor para Gwent, porque necessitava de todos os seus melhores homens na luta contra Gorfyddyd. — Você não pôde manter o juramento para com Benoic. Por isso os Deuses vão perdoá-lo. — Sagramor tinha uma visão robustamente pragmática dos Deuses e dos homens; este era um de seus pontos fortes.

— Os Deuses podem me perdoar, mas eu não. E agora pago aos saxões para matarem britânicos. — Ele estremeceu diante da ideia. — Ontem à noite fiquei desejando a presença de Merlin, para saber se ele aprovaria o que estamos fazendo.

— Ele aprovaria — falei. Nimue podia não ter aprovado o sacrifício de Ratae, mas Nimue sempre foi mais pura do que Merlin. Ela entendia a necessidade de pagar aos saxões, mas se revoltava diante do pensamento de pagar com sangue britânico, ainda que esse sangue

pertencesse aos nossos inimigos.

— Mas não importa o que Merlin pense — disse Artur, irritado. — Não importa se cada sacerdote, druida e bardo da Britânia concordar comigo. Pedir a bênção de outro homem é simplesmente evitar a responsabilidade. Nimue está certa, devo ser responsável por todas as mortes em Ratae.

— O que mais poderia fazer? — perguntei.

— Você não entende, Derfel — acusou Artur com amargura, embora na verdade estivesse acusando a si próprio. — Eu sempre soube que Aelle ia querer algo mais do que ouro. Eles são saxões! Não querem paz, querem guerra! Eu sabia disso, por que outro motivo teria trazido aquele pobre homem de Ratae? Antes mesmo que Aelle pedisse eu estava pronto a dar, e quantos homens morrerão por essa antevisão? Trezentos? E quantas mulheres serão tomadas como escravas? Duzentas? Quantas crianças? Quantas famílias serão divididas? E para quê? Para provar que sou um líder melhor do que Gorfyddyd? Minha vida vale tantas almas?

— Essas almas manterão Mordred no trono — falei.

— Outro juramento! — disse Artur amargamente. — Todos esses juramentos que nos amarram! Jurei a Uther colocar seu neto no trono, jurei a Leodegan retomar Ynys Wyren. — Ele parou abruptamente e Sagamor me olhou com o rosto alarmado, porque era a primeira vez que qualquer um de nós ouvia falar de um juramento para lutar contra Diwrnach, o pavoroso rei irlandês de Lleyrn, que tomara a terra de Leodegan. — Mas, dentre todos os homens — disse Artur, arrasado —, sou o que violo os juramentos com mais facilidade. Violei o juramento a Ban e o juramento a Ceinwyn. Pobre Ceinwyn. — Era a primeira vez em que qualquer um de nós o ouvia lamentar tão abertamente essa promessa descumprida. Eu tinha pensado que Guinevere era um sol tão luminoso no firmamento de Artur que havia reduzido à invisibilidade o brilho mais pálido de Ceinwyn, mas parecia que a lembrança da princesa de Powys ainda podia ser um agulhão na consciência de Artur. Assim como o pensamento na perdição de Ratae o perturbava agora. — Talvez eu devesse lhes enviar um alerta — disse ele.

— E perder os reféns? — perguntou Sagamor.

Artur balançou a cabeça.

— Eu me troco por Balin e Lanval.

Ele estava pensando em fazer exatamente isso. Dava para ver. A agonia do remorso o feria e ele procurava um modo de sair daquele emaranhado de consciência e dever, mesmo ao preço da própria vida.

— Merlin riria de mim agora — disse.

— Sim — concordei. — Riria. — A consciência de Merlin, se é que ele possuía uma, era meramente um guia para saber como os homens inferiores pensavam, e assim servia como um estímulo para o druida se comportar do modo contrário. A consciência de Merlin era uma pilhéria

para divertir os Deuses. A de Artur era um fardo.

Agora ele olhou para o chão coberto de musgo à sombra do carvalho. O dia se retirava para o crepúsculo enquanto a mente de Artur afundava na tristeza. Será que estava realmente tentado a abandonar tudo? Cavalgar até a fortaleza de Aelle e trocar sua existência pela vida das almas de Ratae? Acho que estava, mas então a lógica insidiosa de sua ambição se alçou para suplantar o desespero como uma maré cobrindo as areias lisas de Ynys Trebes.

— Há cem anos — disse ele devagar — esta terra tinha paz. Tinha justiça. Um homem podia preparar o terreno, feliz, sabendo que seus netos viveriam para contar isso. Mas aqueles netos estão mortos, mortos pelos saxões ou por gente de sua própria raça. Se não fizermos nada, o caos vai se espalhar até restarem apenas saxões arrogantes e seus feiticeiros loucos. Se Gorfyddyd vencer ele arrancará a riqueza da Dumnonia, mas se eu vencer abraçarei Powys como um irmão. Odeio o que estamos fazendo, mas, se fizermos, poderemos consertar as coisas. — Ele olhou para nós dois. — Somos todos de Mitra, de modo que vocês podem testemunhar este juramento feito a Ele. — Artur fez uma pausa. Estava aprendendo a odiar os juramentos e os deveres que eles implicavam, mas era tal seu estado depois do encontro com Aelle que estava disposto a assumir o fardo de mais um. — Encontre-me uma pedra, Derfel.

Chutei uma pedra, desgrudando-a do solo, limpei a terra grudada nela, depois, a pedido de Artur, risquei o nome de Aelle na pedra com a ponta de minha faca. Artur usou sua faca para fazer um buraco fundo ao pé do carvalho, a seguir se levantou.

— Meu juramento é este: se eu sobreviver a esta batalha com Gorfyddyd, vingarei as almas inocentes que condenei em Ratae. Matarei Aelle. Destruirei seus homens. Vou dá-los de alimento aos corvos e doarei sua riqueza aos filhos de Ratae. Vocês são testemunhas, e se eu falhar neste juramento os dois estão livres de todas as obrigações a mim devidas. — Ele largou a pedra no buraco e nós três chutamos terra em cima. — Que os Deuses me perdoem pelas mortes que acabei de causar.

Em seguida, fomos causar mais algumas.

VIAJAMOS PARA GWENT PASSANDO POR Corinium. Ailleann ainda morava lá, e apesar de ver os filhos Artur não recebeu a mãe deles, para que nenhuma palavra sobre tal encontro magoasse sua Guinevere, mas me mandou com um presente para Ailleann. Ela me recebeu com gentileza, mas deu de ombros ao ver o presente de Artur, um pequeno broche de prata esmaltada mostrando um animal que se parecia muito com uma lebre, só que com pernas e orelhas mais curtas. Tinha vindo dos tesouros do templo de Sansum, mas Artur havia meticulosamente posto de volta o preço do broche, com moedas de sua bolsa.

— Ele gostaria de ter algo melhor para lhe mandar — falei, dando o recado de Artur —, mas infelizmente hoje em dia os saxões devem ficar com nossas melhores joias.

— Houve um tempo — disse ela amargamente — em que os presentes dele vinham do amor, e não da culpa. — Ailleann ainda era uma mulher marcante, apesar de agora seus cabelos estarem tocados de cinza, e os olhos nublados de resignação. Usava um vestido comprido, de lã azul, e o cabelo em dois coques enrolados sobre as orelhas. Olhou o estranho animal esmaltado.

— O que você acha que é? — perguntou. — Não é uma lebre. É um gato?

— Sagramor disse que se chama coelho. Ele viu coelhos na Capadócia, onde quer que isso seja.

— Você não deve acreditar em tudo que Sagramor diz — censurou Ailleann enquanto prendia o pequeno broche no vestido. — Tenho joias suficientes para uma rainha — acrescentou enquanto me levava ao pequeno pátio de sua casa romana —, mas ainda sou uma escrava.

— Artur não a libertou? — perguntei chocado.

— Ele se preocupa com a hipótese de eu voltar para a Armórica. Ou para a Irlanda, levando os gêmeos para longe. — Ela deu de ombros. — No dia em que os garotos ficarem maiores de idade Artur me dará a liberdade, e sabe o que vou fazer? Vou ficar aqui mesmo. — Ela fez um gesto para que eu ocupasse uma cadeira à sombra de uma parreira. — Você está mais velho — falou enquanto servia um vinho cor de palha, de um jarro envolto em vime. — Ouvi dizer que Lunete o deixou, foi? — Acrescentou enquanto me entregava um copo feito de chifre.

— Nós nos deixamos, acho.

— Ouvi dizer que agora ela é sacerdotisa de Ísis — disse Ailleann, num tom de zombaria. — Ouço um bocado de coisas sobre a Durnovária, e não ousou acreditar na metade.

— Como o quê?

— Se você não sabe, Derfel, então é melhor ficar na ignorância. — Ela bebericou o vinho e fez uma careta diante do gosto. — Artur também. Ele nunca quer saber as más notícias, só as boas. Chega a acreditar que haja bondade nos gêmeos.

Fiquei chocado em ouvir uma mãe falar dos filhos assim.

— Tenho certeza de que há.

Ela me lançou um olhar fixo, divertido.

— Os garotos não são melhores do que algum dia foram, Derfel, e eles nunca foram bons. Ressentem-se do pai. Achem que deveriam ser príncipes e por isso se comportam como príncipes. Não há coisa ruim nesta cidade que eles não causem ou encorajem, e se eu tentar controlá-los eles me chamam de prostituta. — Ela partiu um pedaço de bolo e jogou as migalhas para alguns pardais. Um serviçal ficou varrendo o lado mais distante do pátio com uma vassoura de gravetos até Ailleann ordenar que o homem nos deixasse a sós, depois me perguntou sobre a guerra, e tentei esconder o pessimismo com relação ao exército gigantesco de Gorfyddyd.

— Vocês não podem levar Amhar e Loholt? — perguntou ela depois de um tempo. — Eles podem virar bons soldados.

— Duvido que o pai os ache com idade suficiente.

— Se é que ele ao menos pensa nos dois. Ele manda dinheiro. Gostaria de que não mandasse. — Ela tocou o broche novo. — Os cristãos na cidade dizem que Artur está condenado.

— Ainda não, senhora.

Ela sorriu.

— Não por muito tempo, Derfel. As pessoas subestimam Artur. Veem a bondade dele, ouvem sua gentileza, escutam sua conversa sobre justiça, e nenhuma delas, nem mesmo você, sabe o que arde dentro dele.

— O que é?

— Ambição — disse ela categoricamente, depois pensou durante um segundo. — A alma dele é uma carruagem puxada por dois cavalos; a ambição e a consciência, mas eu lhe digo, Derfel, o cavalo da ambição está no arreio da mão direita, e sempre suplantar o outro. E ele é capaz, muito capaz. — Ailleann deu um sorriso triste. — Basta olhá-lo, Derfel, quando parece condenado, quando tudo está mais escuro, e então ele irá espantá-lo. Já vi isso antes. Ele vencerá, mas então o cavalo da consciência puxará as rédeas e Artur cometerá o erro usual de perdoar os inimigos.

— Isso é ruim?

— Não é uma questão de bom ou ruim, Derfel, mas de ser prático ou não. Nós, irlandeses, sabemos de uma coisa acima de todas as outras: um inimigo perdoado é um inimigo contra o qual teremos de lutar repetidamente. Artur confunde moralidade com poder, e ele piora a

mistura ao sempre acreditar que as pessoas são inerentemente boas, mesmo as piores, e é por isso, guarde minhas palavras, que ele nunca terá paz. Ele anseia pela paz, fala da paz, mas sua própria alma confiante é o motivo pelo qual sempre terá inimigos. A não ser que Guinevere consiga pôr um pouco de pedra em sua alma. E ela é capaz disso. Sabe quem ela me faz lembrar?

— Eu não sabia que a senhora a conhecia.

— Eu também nunca encontrei a pessoa que ela me faz lembrar, mas ouço coisas e conheço Artur muito bem. Ela parece a mãe dele; muito bonita e muito forte, e desconfio de que ele fará tudo para agradá-la.

— Mesmo ao preço de sua própria consciência?

Ailleann sorriu da pergunta.

— Você deveria saber, Derfel, que algumas mulheres querem que seus homens paguem um preço exorbitante. Quanto mais o homem paga, maior é o valor da mulher, e suspeito de que Guinevere é uma dama que se valoriza muito. E deve mesmo se valorizar. Todas nós deveríamos. — Ela falou as últimas palavras com tristeza, depois se levantou de sua cadeira. — Dê-lhe o meu amor — falou enquanto voltava para a casa — e diga, por favor, para ele levar os filhos à guerra.

Artur não quis levá-los.

— Dê-lhes mais um ano — falou enquanto marchávamos para longe na manhã seguinte. Tinha jantado com os gêmeos e dado pequenos presentes, mas todos notamos o jeito carrancudo com que Amhar e Loholt receberam o afeto do pai. Artur também notou, e por isso estava num azedume pouco característico enquanto marchávamos para o oeste. — Filhos nascidos de mães solteiras — disse ele após longo silêncio — têm partes da alma faltando.

— E a sua alma, senhor? — perguntei.

— Eu a remendo todas as manhãs, Derfel, pedaço por pedaço. — Ele suspirou. — Preciso dedicar tempo a Amhar e Loholt, e só os Deuses sabem onde irei arranjá-lo, porque dentro de quatro ou cinco meses serei pai de novo. Se sobreviver — acrescentou desanimado.

Então Lunete estava certa. Guinevere estava grávida.

— Fico feliz pelo senhor — falei, mas estava pensando no comentário de Lunete, sobre como Guinevere se sentia infeliz com sua situação.

— Estou feliz por mim! — Ele gargalhou, com o humor sombrio abruptamente derrotado. — E feliz por Guinevere. Vai ser bom para ela, e dentro de dez anos, Derfel, Mordred estará no trono e Guinevere e eu poderemos encontrar algum lugar feliz para criar nosso gado, nossos filhos e nossos porcos! Então serei feliz. Vou treinar Llamrei a puxar uma carroça e usarei Excalibur como agulhão para incitar os bois do arado.

Tentei imaginar Guinevere como uma mulher de fazendeiro, até

mesmo como uma rica mulher de fazendeiro, e de algum modo não consegui conjurar a imagem, mas mantive minha paz.

De Corinium fomos a Glevum, depois atravessamos o Severn e marchamos pelo coração de Gwent. Éramos uma coisa bela de se ver, porque Artur viajava deliberadamente com bandeiras voando e os cavaleiros com armaduras. Marchávamos naquele estilo elevado porque queríamos dar nova confiança ao povo do local. Agora eles não possuíam nenhuma. Todo mundo presumia que Gorfyddyd seria vitorioso, e mesmo sendo época de colheita o campo estava desanimado. Passamos por uma eira e o canto era o “Lamento de Essylt”, em vez da canção animada que dava ritmo às foices. Também notamos como cada vila, cada casa e cabana estavam estranhamente despidas de qualquer coisa valiosa. As posses iam sendo escondidas, provavelmente enterradas, de modo que os invasores de Gorfyddyd não tirassem tudo do povo.

— As toupeiras estão ficando ricas de novo — disse Artur azedamente.

Somente Artur não cavalgava com sua melhor armadura.

— Morfans está com a armadura de escamas — disse ele quando perguntei por que usava a cota de malha, de reserva. Morfans era o guerreiro feio que se tornara meu amigo na festa após a chegada de Artur a Caer Cadarn há tantos anos.

— Morfans? — perguntei, perplexo. — Como ele mereceu um presente desses?

— Não é presente, Derfel. Morfans só está usando emprestada, e durante todos os dias da semana passada estive cavalgando perto dos homens de Gorfyddyd. Eles acham que ainda estou lá, e talvez isso lhes tenha feito hesitar, não é? Até agora, pelo menos, não tivemos notícia de qualquer ataque.

Tive de rir ao pensar no rosto horroroso de Morfans escondido atrás das peças laterais do elmo de Artur, e talvez o ardil tenha funcionado, porque, quando nos juntamos ao rei Tewdric na fortaleza romana de Magnis, o inimigo ainda não tinha saído de suas fortificações nos morros de Powys.

Vestido em sua bela armadura romana, Tewdric parecia quase um velho. Seu cabelo tinha ficado grisalho e havia em suas costas uma curvatura que não estivera lá na última vez em que eu o vira. Ele recebeu com um grunhido a notícia sobre Aelle, depois se esforçou para ser mais elogioso.

— Boas-novas — falou rudemente, depois esfregou os olhos. — Mas Deus sabe que Gorfyddyd nunca precisou de ajuda saxã para nos derrotar. Ele tem homens de sobra.

A fortaleza romana fervilhava. Armeiros faziam pontas de lanças, e cada freixo das redondezas tivera os galhos retirados para fazer cabos.

Carroças com o grão recém-colhido chegavam o tempo todo, e os fornos dos padeiros queimavam ferozes como as fornalhas dos ferreiros, de modo que uma constante pira de fumaça pairava sobre as paliçadas. Mas apesar da nova colheita o exército reunido estava faminto. A maioria dos lanceiros acampara do lado de fora das muralhas, alguns a quilômetros de distância, e havia discussões constantes sobre a distribuição do pão duro e dos feijões secos. Outros contingentes reclamavam da água suja por causa das latrinas dos homens acampados rio acima. Havia doença, fome e deserção; evidências de que nem Tewdric nem Artur jamais tiveram de lidar com os problemas de um exército tão grande.

— Mas, se temos dificuldades — dizia Artur, otimista —, imagine os problemas de Gorfyddyd.

— Eu preferiria ter os problemas dele aos meus — disse Tewdric, carrancudo.

Meus lanceiros, ainda sob o comando de Galahad, estavam acampados 12 quilômetros ao norte de Magnis, onde Agrícola, o comandante de Tewdric, mantinha vigilância aos morros que marcavam a fronteira entre Gwent e Powys. Senti uma pontada de felicidade ao ver de novo seus elmos com caudas de lobos. Depois do derrotismo no campo era subitamente bom pensar que aqui, finalmente, estavam homens que jamais seriam derrotados. Nimue veio comigo, e meus homens se agruparam ao redor para que ela tocasse as pontas de suas lanças e as lâminas das espadas, para lhes dar força. Até os cristãos, observei, queriam seu toque pagão. Ela estava fazendo o serviço de Merlin, e como sabiam que viera da Ilha dos Mortos, pensavam que era quase tão poderosa quanto seu senhor.

Agrícola me recebeu dentro de uma barraca, a primeira que eu já vira. Era um negócio espantoso, com um alto mastro central e quatro paus nos cantos sustentando uma cúpula de linho que filtrava a luz do sol, de modo que o cabelo curto e cinzento de Agrícola parecia estranhamente amarelo. Estava usando sua armadura romana, sentado atrás de uma mesa coberta com pedaços de pergaminho. Era um homem sério, e seu cumprimento foi superficial, mas acrescentou um elogio sobre meus homens.

— Eles são confiantes. Mas o inimigo também é, e há um número muito maior deles do que de nós. — Seu tom de voz era sério.

— Quantos?

Agrícola pareceu ofendido por meus modos diretos, mas eu não era mais o garoto vendo pela primeira vez o comandante guerreiro de Gwent. Agora eu também era um lorde, comandante de homens, e tinha direito de saber que chances esses homens enfrentavam. Ou talvez não tenha sido meu tom direto que irritou Agrícola, e sim o fato de que ele não queria ser lembrado da preponderância do inimigo. Mas finalmente

falou o número.

— Segundo nossos espiões, Powys reuniu seiscentos lanceiros de sua própria terra. Gundleus trouxe mais 250 de Silúria, talvez mais. Ganval de Elmet mandou duzentos homens, e só os Deuses sabem quantos homens sem senhores passaram para a bandeira de Gorfyddyd em troca de uma parte dos espólios. — Os homens sem senhores eram bandidos, exilados, assassinos e selvagens atraídos a um exército pela pilhagem que poderiam obter na batalha. Esses homens eram temidos porque nada tinham a perder, e tudo a ganhar. Eu duvidava de que tivéssemos muitos deles do nosso lado, não só porque esperavam que perdêssemos, mas porque tanto Tewdric quanto Artur eram mal dispostos com relação a criaturas assim. Mas, curiosamente, muitos dos melhores cavaleiros de Artur tinham sido homens daqueles. Guerreiros como Sagramor haviam lutado nos exércitos romanos que foram desbaratados pelos selvagens que invadiram a Itália, e o gênio juvenil de Artur pôde transformar aqueles mercenários sem senhores num bando de guerreiros.

— Há mais — prosseguiu Agrícola em tom agourento. — O reino de Cornóvia doou homens, e ontem mesmo soubemos que Oengus Mac Airem, de Demetia, veio com um bando de seus Escudos Pretos; talvez uns cem. E outro relatório diz que os homens de Gwynedd se juntaram a Gorfyddyd.

— E *levies*? — perguntei.

Agrícola deu de ombros.

— Quinhentos, seiscentos? Talvez até mil. Mas eles não virão antes do fim da colheita.

Eu estava começando a desejar que não tivesse perguntado.

— E os nossos números, senhor?

— Agora que Artur chegou... — Ele fez uma pausa. — Setecentas lanças.

Fiquei quieto. Não era de espantar, pensei, que os homens de Gwent e da Dumnonia enterrassem seus tesouros e sussurrassem que Artur deveria deixar a Britânia. Estávamos diante de uma horda.

— Eu agradeceria que você não falasse por aí sobre esses números, certo? — disse Agrícola acidamente, como se a ideia de gratidão fosse absolutamente estranha ao seu pensamento. — Já temos deserções suficientes. Se houver mais, podemos muito bem começar a cavar nossas sepulturas.

— Nenhum homem meu desertou — insisti.

— Não — admitiu ele —, ainda não. — Em seguida, se levantou e pegou sua espada romana curta que estava pendurada num mastro da tenda, depois parou na porta, de onde lançou um olhar maligno para os morros do inimigo. — Os homens dizem que você é amigo de Merlin.

— Sim, senhor.

— Ele virá?

— Não sei, senhor.

Agrícola grunhiu.

— Rezo para que ele venha. Alguém precisa falar com esse exército e enfiar tino na cabeça deles. Todos os comandantes foram convocados a Magnis esta noite. Um conselho de guerra — falou ele azedamente, como se soubesse que esses conselhos produziam mais discussões do que camaradagem. — Esteja lá ao pôr do sol.

Galahad foi comigo. Nimue permaneceu com meus homens, porque sua presença lhes dava confiança, e fiquei satisfeito porque ela não foi, já que o conselho foi aberto por uma oração do bispo Conrad de Gwent, que parecia imbuído do derrotismo enquanto implorava ao seu Deus para nos dar força diante do inimigo poderosíssimo. Galahad, com os braços abertos na postura de oração dos cristãos, rezou com o bispo enquanto nós, pagãos, murmurávamos que não deveríamos rezar pedindo forças, e sim vitória. Desejei que tivéssemos alguns druidas, mas Tewdric, um cristão, não empregava nenhum, e Balise, o velho que comparecera à aclamação de Mordred, tinha morrido durante o primeiro inverno que passei em Benoic. Agrícola estava certo em esperar que Merlin viesse, porque ter um exército sem druidas era dar vantagem ao inimigo.

Havia cerca de quarenta ou cinquenta homens no conselho, todos éramos chefes tribais ou líderes. Reunimo-nos no despido salão de pedra da casa de banhos de Magnis, que me lembrou da igreja de Ynys Wydryn. O rei Tewdric, Artur, Agrícola e o filho de Tewdric, o edling Meurig, sentaram-se à mesa sobre uma plataforma de pedra. Meurig tinha crescido e se transformado numa criatura pálida que parecia infeliz em sua armadura romana mal-ajustada. Tinha idade suficiente para lutar, mas com o jeito nervoso parecia inadequado para a batalha. Piscava constantemente, como se tivesse acabado de sair de um cômodo escuro para a luz do sol, e ficava remexendo numa pesada cruz de ouro pendurada no pescoço. Somente Artur, dentre todos os comandantes, não estava vestido com equipamento de guerra, parecia relaxado em suas roupas de camponês.

Os guerreiros saudaram e bateram com os cabos das lanças quando o rei Tewdric anunciou que aparentemente os saxões tinham se retirado da fronteira leste, mas foi a última saudação durante muito tempo naquela noite, porque então Agrícola se levantou e fez sua avaliação curta e grossa dos dois exércitos. Não listou todos os contingentes menores do inimigo, mas mesmo sem esses acréscimos estava claro que o exército de Gorfyddyd era duas vezes maior do que o nosso.

— Só temos de matar duas vezes mais rápido! — gritou Morfans, do fundo. Ele havia devolvido a armadura de escamas a Artur, jurando que apenas um herói podia usar aquela quantidade de metal e ainda lutar. Agrícola ignorou a interrupção, acrescentando que a colheita deveria

estar completa em uma semana, e que então os *levies* de Gwent fariam nosso número aumentar. Ninguém pareceu animado com essa notícia.

O rei Tewdric propôs que lutássemos contra Gorfyddyd sob as muralhas de Magnis.

— Deem-me uma semana — disse ele —, e encherei esta fortaleza de tal modo com a nova colheita que Gorfyddyd nunca poderá nos arrancar. Lutemos aqui — ele fez um gesto para a escuridão do outro lado das portas — e se a batalha continuar entramos dentro dos portões e deixamos que eles desperdicem lanças contra as paliçadas de madeira.

Esse era o modo de guerra que Tewdric preferia e que aperfeiçoara há muito: guerra de cerco, onde podia usar o trabalho dos engenheiros romanos, mortos há muito, para frustrar lanças e espadas. Um murmúrio de concordância ressoou no salão, e esse murmúrio cresceu quando Tewdric disse ao conselho que Aelle podia muito bem estar planejando atacar Ratae.

— Se pararmos Gorfyddyd aqui — disse um homem —, ele correrá de volta para o norte quando souber que Aelle está passando por sua porta dos fundos.

— Aelle não lutará minha batalha — falou Artur pela primeira vez, e o salão ficou quieto. Artur parecia embaraçado por ter falado com tanta firmeza. Deu um sorriso de desculpas para o rei Tewdric e perguntou exatamente onde as forças do inimigo estavam reunidas. Artur já sabia, claro, mas estava fazendo a pergunta para que o resto de nós soubesse a resposta.

Agrícola respondeu por Tewdric.

— Seus homens de frente estão entre o morro de Coel e Caer Lud, e o grosso do exército está reunido em Branogenium. Mais homens vêm marchando de Caer Sws.

Os nomes significavam pouco para nós, mas Artur parecia entender a geografia.

— Então eles guardam os morros entre nós e Branogenium?

— Cada passagem e cada topo de colina — confirmou Agrícola.

— Quantos estão no vale de Lugg?

— Pelo menos duzentos dos melhores lanceiros. Eles não são tolos, senhor — acrescentou Agrícola azedamente.

Artur se levantou. Nesses conselhos ele sempre estava em sua melhor forma, facilmente dominando multidões de homens facciosos. Sorriu para nós.

— Os cristãos vão entender isso melhor — falou, sutilmente elogiando os homens que tinham mais probabilidade de se opor a ele. — Imaginem uma cruz cristã. Aqui em Magnis estamos no pé da cruz. O eixo da cruz é a estrada que segue para o norte, de Magnis a Branogenium, e o travessão é composto pelas colinas que cruzam essa estrada, e o vale de Lugg está no centro da cruz. O vale é onde a estrada

e o rio atravessam os montes.

Saiu de trás da mesa e se sentou na frente dela, de modo a estar mais perto de sua plateia.

— Quero que pensem numa coisa. — A luz das tochas nas paredes lançavam sombras em suas faces compridas, mas os olhos estavam brilhantes e o tom enérgico. — Todo mundo sabe que devemos perder esta batalha. Estamos em menor número. Por isso esperamos aqui que Gorfyddyd nos ataque. Esperamos e alguns de nós ficam desanimados e levam as lanças para casa. Outros ficam doentes. E todos pensamos naquele grande exército que está se reunindo na tigela dos morros em volta de Branogenium e tentamos não imaginar nossa parede de escudos atacada pelos flancos e o inimigo vindo para nós de três lados ao mesmo tempo. Mas pensem no inimigo! Eles esperam também, mas enquanto esperam ficam mais fortes! Chegam homens de Cornóvia, de Elmet, de Demetia, de Gwynedd. Homens sem terra vêm ganhar terra, e homens sem senhores vêm pilhar. Sabem que vencerão e sabem que esperamos como camundongos presos por uma tribo de gatos.

Ele sorriu de novo e se levantou.

— Mas não somos camundongos. Temos alguns dos maiores guerreiros que já empunharam uma lança. Temos campeões! — Os aplausos começaram. — Podemos matar gatos! E sabemos como arrancar suas peles! Mas... — esta última palavra interrompeu os gritos seguintes assim que eles começaram — não se esperarmos aqui para sermos atacados. Se esperarmos aqui, atrás das muralhas de Magnis, o que acontecerá? O inimigo vai marchar em volta de nós. Nossas casas, nossas mulheres, nossos filhos, nossas terras, nossos rebanhos e nossa nova colheita se tornarão deles, e só nos transformamos em ratos numa armadilha. Precisamos atacar, e atacar logo.

Agrícola esperou que os aplausos dumnonianos terminassem.

— Atacar onde? — perguntou azedamente.

— Onde eles menos esperam, senhor, em seu lugar mais forte. O vale de Lugg. Subindo direto pela cruz! Direto ao coração! — Ele levantou uma das mãos para interromper os aplausos. — O vale é um lugar estreito, onde nenhuma parede de escudos pode ser flanqueada. A estrada atravessa o rio num vau ao norte do vale. — Ele franzia a testa ao falar, tentando se lembrar de um local que vira apenas uma vez na vida, mas Artur tinha memória de soldado no que se referia a terrenos, e só precisava ver um lugar uma vez. — Precisaríamos pôr homens no morro do oeste para impedir que os arqueiros deles façam chover flechas para baixo, mas assim que estivermos no vale juro que não poderemos ser desalojados.

Agrícola objetou.

— Podemos nos sustentar — concordou —, mas como chegaremos? Eles têm duzentos lanceiros lá, talvez mais, mas até cem homens podem

sustentar aquele vale o dia inteiro. Quando tivermos lutado até a extremidade mais distante do vale, Gorfyddyd terá trazido sua horda de Branogenium. Pior, os irlandeses Escudos Pretos que estão no morro de Coel vão marchar para o sul das colinas e atacar nossa retaguarda. Talvez não sejamos desalojados, senhor, mas seremos mortos onde estivermos.

— Os irlandeses no morro de Coel não importam — disse Artur descuidadamente. Ele estava empolgado e não conseguia ficar quieto; começou a andar de um lado para o outro na plataforma, explicando e adulando. — Eu imploro, senhor rei — falou a Tewdric —, pense no que acontecerá se ficarmos aqui. O inimigo virá, vamos recuar para as muralhas inexpugnáveis e eles atacarão nossas terras. No meio do inverno estaremos vivos, mas todas as outras pessoas em Gwent ou na Dumnonia continuarão vivas? Não. Aqueles morros ao sul de Branogenium são as muralhas de Gorfyddyd. Se rompermos essas muralhas ele terá de lutar conosco, e se lutar no vale de Lugg será um homem derrotado.

— Os duzentos homens dele no vale de Lugg vão nos impedir — insistiu Agrícola.

— Eles desaparecerão como a névoa! — proclamou Artur, cheio de confiança. — São duzentos homens que nunca enfrentaram cavalos com armaduras em batalha.

Agrícola balançou a cabeça.

— O vale está barrado por uma parede de árvores caídas. Os cavalos armados serão retidos. — Ele parou para bater com o punho na palma virada para cima. — Mortos. — Agrícola disse a palavra categoricamente, e seu tom definitivo fez Artur se sentar. Havia o cheiro de derrota no salão. Do lado de fora dos banhos, onde os ferreiros trabalhavam noite e dia, ouvi o sibilar de uma lâmina recém-forjada sendo posta na água.

— Será que eu teria permissão de falar? — Quem disse isso foi Meurig, filho de Tewdric. Ele possuía uma voz estranhamente aguda, quase petulante, e evidentemente era míope, porque espremia os olhos e inclinava a cabeça sempre que queria olhar alguém na parte principal do salão. — O que eu gostaria de perguntar — disse quando o pai lhe deu permissão de se dirigir ao conselho — é: por que lutamos? — Ele piscou rapidamente quando a pergunta foi feita.

Ninguém respondeu. Talvez todos estivessemos pasmos demais com a pergunta.

— Deixem-me, permitam-me, consentam que eu explique — disse Meurig em tom pedante. Ele podia ser jovem, possuir a confiança de um príncipe, mas achei irritante a falsa modéstia com que envolvia seus pronunciamentos. — Lutamos contra Gorfyddyd, corrijam-me se eu estiver errado, devido à nossa antiga aliança com a Dumnonia. Esta

aliança nos serviu bem, sem dúvida, mas Gorfyddyd, pelo que entendo, não tem desígnios com relação ao trono da Dumnonia.

Um rosnado brotou de nós, dumnonianos, mas Artur levantou a mão pedindo silêncio, depois fez um gesto para que Meurig continuasse. Meurig piscou e segurou sua cruz.

— Fico imaginando: por que nós lutamos? O que temos, se é que posso verbalizar assim, como *casus belli*?

— Calças velhas? — gritou Culhwch. Culhwch tinha me visto quando cheguei, e atravessou o salão para me dar as boas-vindas. Agora pôs a boca perto do meu ouvido. — Os sacanas têm escudos finos, Derfel, e estão procurando uma rota de fuga.

Artur se levantou de novo e falou cortesmente com Meurig.

— O motivo da guerra, senhor príncipe, é o juramento feito por seu pai, de preservar o trono do rei Mordred, e o desejo evidente do rei Gorfyddyd de tirar esse trono do meu rei.

Meurig deu de ombros.

— Mas... corrija-me por favor, eu imploro. Mas pelo modo como entendo essas coisas, Gorfyddyd não deseja destronar o rei Mordred.

— Você sabe disso? — gritou Culhwch.

— Há indicações — disse Meurig, irritado.

— Os sacanas andam falando com o inimigo — sussurrou Culhwch em meu ouvido. — Já recebeu uma facada nas costas, Derfel? Artur está recebendo uma agora.

Artur ficou calmo.

— Que indicações? — perguntou afavelmente.

O rei Tewdric tinha ficado em silêncio enquanto o filho falava, prova de que dera a permissão para Meurig sugerir, ainda que delicadamente, que Gorfyddyd deveria ser aplacado e não confrontado, mas agora, parecendo velho e exausto, o rei assumiu o controle do salão.

— Não há indicações, senhor, das quais eu queira depender minha estratégia. Entretanto — e quando Tewdric pronunciou essa palavra tão enfaticamente todos soubemos que Artur tinha perdido o debate —, entretanto, senhor, estou convencido de que não precisamos provocar Powys desnecessariamente. Vejamos se não podemos ter paz. — Ele fez uma pausa, quase como se temesse que a palavra iria irritar Artur, mas Artur ficou quieto. Tewdric suspirou. — Gorfyddyd luta — disse lenta e cuidadosamente — por causa de um insulto causado à sua família. — De novo ele parou, temendo que sua objetividade pudesse ter ofendido Artur, mas este jamais foi homem de fugir da responsabilidade e assentiu relutante diante a franqueza de Tewdric. — Ao passo que nós lutamos para manter o juramento que fizemos ao Grande Rei Uther. Um juramento pelo qual prometemos preservar o trono de Mordred. Eu, por mim, não violarei esse juramento.

— Nem eu! — gritou Artur.

— Mas, lorde Artur, e se o rei Gorfyddyd não tiver desígnios com relação a esse trono? — perguntou o rei Tewdric. — Se ele estiver pensando em manter Mordred no trono, por que devemos lutar?

Houve um tumulto no salão. Nós, dumnonianos, farejamos traição, os homens de Gwent farejaram uma saída da guerra, e durante um tempo gritamos uns contra os outros até que por fim Artur restabeleceu a ordem batendo na mesa.

— O último emissário que mandei a Gorfyddyd teve a cabeça mandada de volta num saco. Está sugerindo, senhor rei, que mandemos outro?

Tewdric balançou a cabeça.

— Gorfyddyd está se recusando a receber meus enviados. Eles são mandados de volta na fronteira. Mas, se esperarmos aqui e deixarmos o exército dele desperdiçar os esforços contra as nossas muralhas, acredito que ele ficará desencorajado e negociará.

Seus homens murmuraram concordando.

Mais uma vez Artur tentou dissuadir Tewdric. Conjurou uma imagem de nosso exército enraizado atrás de muralhas enquanto a horda de Gorfyddyd pilhava as fazendas onde a colheita era recente, mas os homens de Gwent não se comoveram com sua oratória nem sua paixão. Só viam paredes de escudos atacadas pelos flancos e campos de mortos, e assim se agarraram à crença de seu rei, de que a paz viria se recuassem para Magnis e deixassem Gorfyddyd exaurir seus homens batendo-se contra muralhas fortes. Começaram a exigir a concordância de Artur, e vi a dor no rosto dele. Tinha perdido. Se esperasse aqui Gorfyddyd exigiria sua cabeça. Se fugisse para a Armórica viveria, mas estaria abandonando Mordred e seu sonho de uma Britânia justa e unida. O clamor no salão ficou mais alto, e foi então que Galahad se levantou e gritou pedindo a chance de ser ouvido.

Tewdric apontou para Galahad, que primeiro se apresentou.

— Sou Galahad, senhor rei, príncipe de Benoit. Se o rei Gorfyddyd não quer receber enviados de Gwent ou da Dumnonia, certamente não recusará um da Armórica, não é? Deixe-me ir a Caer Sws, senhor rei, e perguntar o que Gorfyddyd pretende fazer com Mordred. E se eu for, senhor rei, o senhor aceitaria minha palavra com relação a esse veredicto?

Tewdric ficou feliz em aceitar. Ficava feliz com qualquer coisa que pudesse evitar a guerra, mas continuava ansioso pela concordância de Artur.

— Suponha que Gorfyddyd decreta que Mordred está em segurança — sugeriu ele a Artur. — O que você fará?

Artur olhou para a mesa. Estava perdendo o seu sonho, mas não podia dizer uma mentira para salvar esse sonho, por isso ergueu os olhos com um sorriso triste.

— Nesse caso, senhor rei, deixo a Britânia e entrego Mordred aos seus cuidados.

De novo nós, dumnonianos, gritamos em protesto, mas dessa vez Tewdric nos silenciou.

— Não sabemos que resposta o príncipe Galahad vai trazer, mas isto eu prometo: se o trono de Mordred estiver ameaçado, eu, o rei Tewdric, lutarei. Se não? Não vejo motivo para lutar.

E com essa promessa tivemos de ficar contentes. Parecia que a guerra dependia da resposta de Gorfyddyd. Para descobri-la, na manhã seguinte Galahad viajou para o norte.

Fui com Galahad. Ele não queria que eu fosse, dizendo que minha vida correria perigo, mas discuti com ele como nunca tinha feito antes. Também pedi a Artur, dizendo que pelo menos um dumnoniano deveria ouvir Gorfyddyd declarando suas intenções relativas ao nosso rei, e Artur defendeu minha posição diante de Galahad, que finalmente cedeu. Afinal de contas, éramos amigos, ainda que pela minha segurança Galahad insistisse em me levar como se eu fosse seu, serviçal, carregando seu símbolo em meu escudo.

— Você não tem símbolo — falei.

— Tenho agora — disse ele e ordenou que nossos escudos fossem pintados com cruzes. — Por que não? — perguntou ele. — Sou cristão.

— Parece errado — falei. Eu estava acostumado aos escudos dos guerreiros terem brasões com touros, águias, dragões e cervos, não com uma peça dissecada de geometria religiosa.

— Eu gosto, e além disso você é agora meu humilde serviçal, Derfel, por isso sua opinião não me interessa. Nem um pouco. — Ele riu e se desviou do soco que dei em seu braço.

Fui forçado a cavalgar até Caer Sws. Em todos os meus anos com Artur nunca me acostumei a montar nas costas de um cavalo. Para mim sempre parecia natural montar bem atrás num cavalo, mas assim era impossível aferrar os flancos do animal com os joelhos, para isso era preciso deslizar para a frente até estar empoleirado logo atrás do pescoço dele, com os pés pendendo no ar atrás das patas dianteiras. No final me acostumei a enfiar um dos pés na barrigueira, uma postura que ofendia Galahad, orgulhoso de sua habilidade ao montar.

— Monte direito! — dizia ele.

— Mas não tenho onde pôr os pés!

— O cavalo já tem quatro. Quantos mais você quer?

Fomos até Caer Lud, a principal fortaleza de Gorfyddyd nos morros de fronteira. A cidade ficava numa colina junto à curva de um rio, e percebemos que as sentinelas de lá estavam menos cautelosas do que as que guardavam a estrada romana no vale de Lugg. Mesmo assim não anunciamos nosso objetivo verdadeiro em Powys, simplesmente nos declaramos como homens sem terra vindos da Armórica, procurando

entrar no país de Gorfyddyd. Os guardas, ao descobrir que Galahad era um príncipe, insistiram em escoltá-lo até o comandante, e assim nos levaram através da cidade que estava cheia de homens armados, cujas lanças se juntavam em cada porta e cujos elmos se empilhavam sob todos os bancos das tavernas. O comandante da cidade era um homem atormentado que claramente odiava as responsabilidades de governar uma guarnição inchada pela iminência da guerra.

— Soube que vocês deveriam ser da Armórica quando vi seus escudos, senhor príncipe — disse ele a Galahad. — Um símbolo estranho aos nossos olhos provinciais.

— Um símbolo honrado aos meus — disse Galahad seriamente, sem me encarar.

— Certamente, certamente — disse o comandante. Seu nome era Halsyd. — E claro que o senhor é bem-vindo, senhor príncipe. Nosso Grande Rei dá as boas-vindas a todos... — Ele parou, embaraçado. Ia dizer que Gorfyddyd dava as boas-vindas a todos os guerreiros sem terras, mas essa expressão era muito próxima de um insulto quando pronunciada para um príncipe despossuído de um reino armórico. — A todos os homens corajosos — disse o comandante. — Por acaso o senhor não está pensando em ficar aqui, está? — Ele estava preocupado com a hipótese de sermos mais duas bocas famintas numa cidade já com dificuldades para alimentar a guarnição atual.

— Eu preferiria viajar a Caer Sws. Com meu serviçal. — Galahad apontou para mim.

— Que os Deuses apressem seu caminho, senhor príncipe.

E assim entramos no país inimigo. Cavalgamos por vales calmos onde o trigo recém-cortado criava padrões nos campos e os pomares estavam pesados com as maçãs amadurecendo. No dia seguinte estávamos entre os morros, seguindo uma estrada de terra que serpenteava através de grandes trechos de floresta úmida até que, finalmente, subimos acima das árvores e atravessamos o passo que levava à capital de Gorfyddyd, abaixo. Senti um tremor nos nervos quando vi as muralhas de terra de Caer Sws. O exército de Gorfyddyd podia estar se reunindo em Branogenium, a cerca de 60 quilômetros dali, mas ainda assim a terra em volta de Caer Sws estava apinhada de soldados. As tropas tinham armado abrigos grosseiros com paredes de pedra cobertas de turfa, e os abrigos rodeavam a fortaleza de cujas paredes voavam oito bandeiras, mostrando que homens de oito reinos serviam nas fileiras crescentes de Gorfyddyd.

— Oito? — perguntou Galahad. — Powys, Silúria, Elmet, mas quem mais?

— Cornóvia, Demetia, Gwynedd, Rheged e os Escudos Pretos de Demetia — falei, encerrando a lista sinistra.

— Não é de espantar que Tewdric queira a paz — disse Galahad em

voz baixa, maravilhado com a quantidade de homens acampados a cada lado do rio que corria junto à capital inimiga.

Cavalgamos descendo até aquela colmeia de ferro. Crianças nos seguiam, curiosas com nossos escudos estranhos, enquanto suas mães nos observavam, cheias de suspeitas, das aberturas sombreadas de seus abrigos. Os homens nos olhavam brevemente, percebendo nossa insígnia estranha e a qualidade de nossas armas, mas nenhum nos questionou até chegarmos aos portões de Caer Sws, onde a guarda real de Gorfyddyd barrou nosso caminho com pontas de lanças polidas.

— Sou Galahad, príncipe de Benoic — anunciou Galahad com grandiosidade. — Vim ver meu primo, o Grande Rei.

— Ele é seu primo? — perguntei num sussurro.

— É como nós, da realeza, falamos — sussurrou ele de volta.

A cena dentro da área do palácio explicava de certa forma por que tantos soldados estavam reunidos em Caer Sws. Três altas estacas tinham sido enfiadas na terra e agora esperavam as cerimônias formais que precediam a guerra. Powys era um dos reinos menos cristãos, e ali os rituais antigos eram realizados cuidadosamente. Suspeitei de que muitos dos soldados acampados fora das muralhas teriam sido chamados de Branogenium para especificamente testemunhar os rituais e assim informar aos camaradas que os Deuses tinham sido aplacados. Não haveria pressa na invasão de Gorfyddyd, tudo seria feito metodicamente, e Artur, pensei, provavelmente estava certo ao pensar que tal empreendimento poderia ser desequilibrado por um ataque de surpresa.

Nossos cavalos foram levados por serviçais e então, depois de um conselheiro ter interrogado Galahad e determinado que ele era realmente quem afirmava ser, fomos levados para o grande salão. O porteiro pegou nossos escudos, espadas e lanças, e os acrescentou à pilha de armas semelhantes pertencentes aos homens que já estavam reunidos no salão de Gorfyddyd.

Mais de cem homens se reuniam entre as atarracadas colunas de carvalho onde estavam pendurados crânios humanos, para mostrar que o reino estava em guerra. Os homens abaixo daqueles crânios risonhos eram os reis, príncipes, lordes, chefes e campeões dos exércitos reunidos. A única mobília no salão era a fileira de tronos postos num tablado na extremidade mais distante e escura, onde Gorfyddyd estava sentado junto ao seu símbolo, a águia, e perto dele, mas num trono mais baixo, estava Gundleus. A simples visão do rei de Silúria fez pulsar a cicatriz na minha mão esquerda. Tanaburs estava agachado ao lado de Gundleus enquanto Gorfyddyd tinha Iorweth, seu próprio druida, ao lado direito. Cuneglas, o edling de Powys, ocupava um terceiro trono e era flanqueado por reis que eu não reconhecia. Não havia nenhuma mulher presente. Sem dúvida este era um conselho de guerra, ou pelo menos

uma chance para os homens alardearem a vitória que estava para ser deles. Os homens se vestiam com cotas de malha e armaduras de couro.

Paramos no fundo do salão e vi Galahad murmurar uma prece silenciosa ao seu Deus. Um cão caçador de lobos, com uma das orelhas mordida e o quadril cheio de cicatrizes, farejou nossas botas, depois voltou para o seu dono, que estava com os outros guerreiros no chão de terra coberto de junco. Num canto distante do salão, um bardo cantava baixinho uma canção de guerra, mas sua recitação em *staccato* era ignorada pelos homens que ouviam Gundleus descrever as forças que ele esperava que viriam de Demetia. Um chefe, evidentemente um homem que tinha sofrido com os irlandeses no passado, protestou dizendo que Powys não tinha necessidade da ajuda dos Escudos Pretos para derrotar Artur e Tewdric, mas seu protesto foi interrompido por um gesto abrupto de Gorfyddyd. Eu imaginava que seríamos forçados a esperar enquanto o conselho terminava suas outras deliberações, mas não tivemos de aguardar mais de um minuto antes de sermos conduzidos pelo centro do salão até o espaço aberto diante de Gorfyddyd. Olhei para Gundleus e Tanaburs, mas nenhum dos dois me reconheceu.

Ajoelhamo-nos e esperamos.

— Levantem-se — disse Gorfyddyd. Obedecemos e de novo olhei seu rosto amargo. Ele não tinha mudado muito nos anos desde que eu o vira pela última vez. Seu rosto estava tão inchado e cheio de suspeitas como quando Artur viera pedir a mão de Ceinwyn, ainda que a doença nos últimos anos tivesse embranquecido seu cabelo e a barba. A barba era rala e não podia esconder uma papeira que agora desfigurava sua garganta. Ele nos olhou cautelosamente. — Galahad — falou em voz rouca —, príncipe de Benoic. Ouvimos falar de Lancelot, seu irmão, mas não de você. Como seu irmão, você é um dos cachorrinhos de Artur?

— Não sou ligado por juramento a homem nenhum, senhor rei — disse Galahad —, a não ser ao meu pai, cujos ossos foram pisoteados por seus inimigos. Eu não tenho terra.

Gorfyddyd se remexeu no trono. Sua manga esquerda, esvaziada, pendia ao lado do braço da cadeira, uma lembrança sempre presente de seu odiado inimigo, Artur.

— Então veio até mim por causa de terra, Galahad de Benoic? Muitos outros vieram com o mesmo propósito — alertou, fazendo um gesto para o salão apinhado. — Mas ousou dizer que há terra suficiente para todos na Dumnonia.

— Venho, senhor rei, trazendo livremente os cumprimentos do rei Tewdric de Gwent.

Isso causou uma agitação no salão. Os homens ao fundo, que não tinham escutado o anúncio de Galahad, pediram que ele fosse repetido, e o murmúrio das conversas continuou durante vários segundos. Cuneglas, filho de Gorfyddyd, ergueu os olhos, incisivamente. Seu rosto

redondo, com o bigode comprido e escuro, parecia preocupado, e não era de espantar, pensei, porque Cuneglas era como Artur, um homem que ansiava pela paz, mas quando Artur desprezou Ceinwyn também destruiu as esperanças de Cuneglas, e agora o edling de Powys só podia acompanhar o pai à guerra que ameaçava lançar na destruição os reinos do Sul.

— Parece que nossos inimigos estão perdendo a fome de batalha — disse Gorfyddyd. — Por que outro motivo Tewdric manda cumprimentos?

— O rei Tewdric não teme homem algum, Grande Rei, mas ama a paz mais ainda — disse Galahad, usando cuidadosamente o título que Gorfyddyd dera a si próprio numa antecipação da vitória.

O corpo de Gorfyddyd se sacudiu por um momento e pensei que ele ia vomitar, depois percebi que estava rindo.

— Nós, reis, só amamos a paz — disse Gorfyddyd enfim — quando a guerra se torna inconveniente para nós. Esta reunião, Galahad de Benoic — ele fez um gesto para a multidão de chefes e príncipes —, explicará o novo amor de Tewdric pela paz. — Ele parou, tomando fôlego. — Até agora, Galahad de Benoic, recusei-me a receber as mensagens de Tewdric. Por que deveria recebê-las? Uma águia ouve um cordeiro que bale pedindo misericórdia? Dentro de alguns dias pretendo ouvir todos os homens de Gwent balindo pela paz, mas, por enquanto, já que veio de tão longe, você pode me divertir. O que Tewdric oferece?

— Paz, senhor rei, apenas paz.

Gorfyddyd cuspiu.

— Você não tem terra, Galahad, e está com as mãos vazias. Tewdric acha que a paz vem de graça? Tewdric acha que gastei sem motivo o ouro do meu reino num exército? Ele me acha um idiota?

— Ele acha, senhor rei, que o sangue derramado entre os britânicos é sangue desperdiçado.

— Você fala como uma mulher, Galahad de Benoic. — Gorfyddyd pronunciou o insulto numa voz deliberadamente alta, de modo que o salão ecoou com zombarias e gargalhadas. — Mesmo assim — continuou quando o riso diminuiu —, você deve levar alguma resposta ao rei de Gwent, então que seja. — Ele fez uma pausa para compor seus pensamentos. — Diga a Tewdric que ele é um carneiro chupando a teta seca da Dumnonia. Diga que minha briga não é com ele, mas com Artur, então diga a Tewdric que ele pode ter sua paz com duas condições: primeiro, deixar meu exército passar por suas terras sem qualquer impedimento, e segundo, que ele me dê grãos suficientes para alimentar mil homens durante dez dias. — Os guerreiros no salão ficaram boquiabertos, porque eram termos generosos, mas também inteligentes. Se Tewdric aceitasse ele evitaria o saque de seu país e tornaria mais fácil a invasão de Gorfyddyd a Dumnonia. — Você tem poderes, Galahad de

Benoic, para aceitar estes termos?

— Não, senhor rei, apenas para perguntar que termos o senhor ofereceria e perguntar o que pretende fazer com Mordred, rei da Dumnonia, a quem Tewdric jurou proteger.

Gorfyddyd adotou um olhar ferido.

— Pareço um homem que guerreia contra crianças? — perguntou, depois se levantou e avançou até a beira do tablado dos tronos. — Minha briga é com Artur — disse, não somente para nós, mas para todo o salão —, que preferiu se casar com uma prostituta de Henis Wyren a se casar com minha filha. Algum homem deixaria tal insulto sem vingança? — O salão rugiu em resposta. — Artur é um carreirista, filho de prostituta, e para uma prostituta retornou! Enquanto proteger o amante de prostitutas, Gwent será nosso inimigo. Enquanto lutar pelo amante de prostitutas, a Dumnonia será nossa inimiga. E nosso inimigo será o generoso provedor de nosso ouro, nossos escravos, nossa comida, nossa terra, nossas mulheres e nossa glória! Mataremos Artur e poremos sua prostituta para trabalhar em nossos alojamentos. — Ele esperou até que os gritos morressem, depois olhou imperiosamente para Galahad. — Diga isso a Tewdric, Galahad de Benoic, e depois diga a Artur.

— Derfel pode dizer a Artur — falou uma voz no salão e virei-me para ver Ligessac, o dissimulado Ligessac, que um dia fora comandante da guarda de Norwenna e agora era um traidor a serviço de Gundleus. Ele apontou para mim.

— Esse homem é jurado a Artur, Grande Rei. Juro por minha vida.

O salão ferveu com ruídos. Eu podia ouvir homens gritando que eu era um espião e outros exigindo minha morte. Tanaburs me olhava atentamente, tentando ver para além de minha barba comprida e loura e de meu bigode espesso, e de repente me reconheceu e gritou:

— Matem-no! Matem-no!

Os guardas de Gorfyddyd, os únicos homens armados no salão, correram para mim. Gorfyddyd fez seus lanceiros pararem usando a mão erguida que lentamente silenciou a multidão ruidosa.

— Você é ligado por juramento ao amante de prostitutas? — perguntou o rei numa voz perigosa.

— Derfel está a meu serviço, Grande Rei — insistiu Galahad.

Gorfyddyd apontou para mim.

— Ele responderá. Você é jurado a Artur?

Eu não podia mentir sobre um juramento.

— Sim, senhor rei.

Gorfyddyd desceu da plataforma pisando com força e esticou o braço único na direção de um guarda, mas continuou me olhando.

— Você sabe, cão, o que fizemos com o último mensageiro de Artur?

— Mataram-no, senhor rei.

— Mandeí a cabeça dele, cheia de vermes, para o amante de

prostitutas, foi o que fiz. Venha, depressa! — disse rispidamente ao guarda mais próximo que não sabia o que pôr na mão esticada de seu rei. — Sua espada, idiota! — disse Gorfyddyd e o guarda desembainhou rapidamente a espada e entregou o punho da arma ao rei.

— Senhor rei. — Galahad se adiantou, mas Gorfyddyd girou a lâmina de modo que ela parou a centímetros dos olhos de Galahad.

— Tenha cuidado com o que diz em meu salão, Galahad de Benoic — rosnou Gorfyddyd.

— Peço pela vida de Derfel. Ele não está aqui como espião, mas como emissário da paz.

— Não quero a paz! — gritou Gorfyddyd para Galahad. — A paz não é o meu prazer! Quero ver Artur chorando como minha filha chorou. Entende isso? Quero ver as lágrimas dele! Quero vê-lo implorando como ela implorou comigo. Quero vê-lo se arrastar, quero vê-lo morto e sua prostituta dando prazer aos meus homens. Nenhum emissário de Artur é bem-vindo aqui, e Artur sabe disso! E você sabia disso! — Ele gritou as últimas palavras enquanto girava a espada para seu rosto.

— Mate-o! Mate-o! — Tanaburs saltava em seu manto bordado com desenhos confusos, de modo que os ossos nos cabelos chocalhavam como feijões num pote.

— Toque nele, Gorfyddyd — disse uma nova voz no salão —, e sua vida é minha. Irei enterrá-la no monte de esterco de Caer Idion e chamar os cães para mijar em cima. Darei sua alma aos espíritos das crianças que não têm brinquedos. Mantereí você na escuridão até que o último dia termine e depois cuspirei em você até que comece a próxima era e, mesmo então, senhor rei, seus tormentos mal terão começado.

Senti a tensão passar por mim como um jorro de água. Apenas um homem ousaria falar assim a um Grande Rei. Era Merlin. Merlin! Merlin que agora caminhava alto e lento pelo corredor central do salão, Merlin que passou por mim e, com um gesto mais real do que qualquer coisa de que Gorfyddyd seria capaz, usou seu cajado preto para empurrar a espada do rei para o lado. Merlin, que agora tinha ido até Tanaburs e sussurrado em seu ouvido, de modo que o druida inferior gritou e saiu correndo do salão.

Era Merlin, capaz de se modificar como nenhum outro homem. Adorava fingir, confundir e enganar. Podia ser abrupto, malicioso, paciente ou senhorial, mas neste dia optara por aparecer em majestade nítida e fria. Não havia sorriso em seu rosto moreno, nenhuma sugestão de alegria nos olhos profundos, apenas um ar de autoridade tão arrogante que os homens mais próximos instintivamente se ajoelharam, e até mesmo o rei Gorfyddyd, que um momento antes estivera pronto para cortar meu pescoço com a espada, baixou a lâmina.

— O senhor fala por ele, lorde Merlin? — perguntou Gorfyddyd.

— Você é surdo, Gorfyddyd? Derfel Cadarn deve viver. Deve ser seu hóspede honrado. Deve comer de sua comida e beber de seu vinho. Deve dormir nas suas camas e tomar suas escravas se desejar. Derfel Cadarn e Galahad de Benoic estão sob minha proteção. — Ele se virou para olhar o salão inteiro, desafiando qualquer homem a se opor. — Derfel Cadarn e Galahad de Benoic estão sob minha proteção! — repetiu e dessa vez levantou o cajado preto, e era possível sentir os guerreiros tremerem sob a ameaça. — Sem Derfel Cadarn e Galahad de Benoic não existiria o Conhecimento da Britânia. Eu estaria morto em Benoic e todos vocês estariam condenados à escravidão sob o domínio dos saxões. — Ele se virou de novo para Gorfyddyd. — Eles precisam de comida. E pare de ficar me encarando, Derfel — acrescentou sem sequer me olhar.

Eu o estivera encarando, tanto com perplexidade quanto com alívio, mas também imaginava o que Merlin estaria fazendo nessa cidadela do inimigo. Os druidas, claro, eram livres para viajar para onde quisessem, mesmo em território inimigo, mas sua presença em Caer Sws numa época daquelas parecia estranha e até perigosa, porque, apesar de os homens de Gorfyddyd estarem subjugados pela presença de Merlin, também se ressentiam de sua interferência, e alguns, em segurança no fundo do salão, rosnavam dizendo que ele deveria cuidar de sua vida.

Merlin se virou para eles.

— Minha vida — disse numa voz baixa que, mesmo assim, acabou com o pequeno protesto — é cuidar das suas almas, e se eu quiser lançar essas almas no sofrimento vocês desejarão que suas mães nunca tenham dado à luz. Idiotas! — Esta última palavra soou alta e ríspida, acompanhada com um gesto do cajado que fez os homens de armadura se ajoelharem com dificuldade. Nenhum dos reis ousou intervir enquanto Merlin girava o cajado para golpear com força um dos crânios pendurados numa coluna. — Vocês rezam pela vitória! Mas vitória sobre o quê? Sobre seus parentes e não sobre seus inimigos! Seus inimigos são os saxões. Durante anos sofremos sob o domínio romano, mas finalmente os Deuses acharam por bem levar embora os vermes romanos, e o que fazemos? Lutamos entre nós e deixamos um novo inimigo tomar nossas terras, estuprar nossas mulheres e colher nosso trigo. Então lutem suas guerras, idiotas, lutem e vençam, e mesmo assim não terão vitória.

— Mas minha filha será vingada — disse Gorfyddyd atrás de Merlin.

— Sua filha, Gorfyddyd, vingará o próprio sofrimento. Quer conhecer o destino dela? — Ele fez a pergunta em tom zombeteiro, mas respondeu sério e numa voz que tinha o tom de uma profecia. — Ela jamais será elevada e jamais será rebaixada, mas será feliz. A alma dela, Gorfyddyd, é abençoada, e se você tivesse o bom senso de uma pulga ficaria contente com isso.

— Ficarei contente com o crânio de Artur — disse Gorfyddyd, em

tom desafiador.

— Então vá pegá-lo — disse Merlin com desprezo, depois me puxou pelo cotovelo. — Venha, Derfel, e desfrute da hospitalidade de seu inimigo.

Ele nos levou para fora do salão, andando despreocupado em meio às fileiras de inimigos cobertos de ferro e couro. Os guerreiros nos olhavam ressentidos, mas nada podiam fazer para nos impedir de sair nem para nos impedir de ocupar uma das câmaras para os hóspedes de Gorfyddyd, que o próprio Merlin evidentemente estava usando.

— Então Tewdric quer a paz? — perguntou ele.

— Sim, senhor — respondi.

— É bem o jeito de Tewdric. Ele é cristão, por isso acha que sabe mais do que os Deuses.

— E o senhor conhece a mente dos Deuses? — perguntou Galahad.

— Acredito que os Deuses odeiam se entediar, por isso me esforço ao máximo para diverti-los. Desse jeito eles riem de mim. O seu Deus — disse Merlin azedamente — despreza a diversão, exige um culto subserviente. Deve ser uma criatura muito lamentável. Provavelmente se parece com Gorfyddyd, sempre com suspeitas e com um ciúme medonho de sua reputação. Vocês dois não têm sorte por eu estar aqui? — Ele riu para nós, súbita e maliciosamente, e vi o quanto ele desfrutara da humilhação pública de Gorfyddyd. Parte da reputação de Merlin era resultado de seus desempenhos; alguns druidas, como Iorweth, trabalhavam em silêncio, outros, como Tanaburs, contavam com uma astúcia sinistra, mas Merlin gostava de dominar e ofuscar, e humilhar um rei ambicioso era tão prazeroso quanto instintivo para ele.

— Ceinwyn é realmente abençoada? — perguntei.

Ele pareceu perplexo com a pergunta imprevista.

— Por que isso importaria para você? Mas ela é uma garota bonita, e confesso que as garotas bonitas são uma fraqueza minha, de modo que devo tecer para ela um feitiço de bênção. Fiz o mesmo por você uma vez, Derfel, mas não porque seja bonito. — Ele gargalhou, depois olhou pela janela para julgar a extensão das sombras do sol. — Devo me pôr a caminho logo.

— O que o trouxe aqui, senhor? — perguntou Galahad.

— Preciso falar com Iorweth — disse Merlin, olhando em volta para se certificar de que tinha recolhido todos os seus pertences. — Ele pode ser um idiota atabalhado, mas possui os velhos farrapos de conhecimento que posso ter esquecido momentaneamente. Ele mostrou conhecer sobre o Anel de Eluned. Eu o tenho em algum lugar. — Merlin bateu nos bolsos costurados no tecido de seu manto. — Bom, eu o tinha — falou descuidado, mas suspeitei de que a indiferença fosse apenas fingimento.

— O que é o Anel de Eluned? — perguntou Galahad.

Merlin fez uma careta de desprezo diante da ignorância do meu amigo, depois decidiu ser indulgente.

— O Anel de Eluned — anunciou com grandiosidade — é um dos Treze Tesouros da Britânia. Sempre soubemos dos tesouros, claro. Pelo menos aqueles de nós que reconhecem os Deuses verdadeiros — acrescentou olhando para Galahad —, mas nenhum de nós sabia qual era o seu poder verdadeiro.

— E o manuscrito lhe disse? — perguntei.

Merlin deu um sorriso lupino. Seu cabelo comprido e branco estava muito bem preso com uma fita preta na nuca enquanto a barba era toda em tranças apertadas.

— O manuscrito confirmou tudo que eu suspeitava ou sabia, e até sugeriu um ou dois fiapos de conhecimento. Ah, aqui está. — Ele estivera procurando nos bolsos o anel, que agora nos mostrou. Para mim o tesouro parecia um anel de guerreiro comum, feito de ferro, mas Merlin o segurava na palma da mão como se fosse a maior joia da Britânia. — O Anel de Eluned, forjado no Outro Mundo no início dos tempos. Na verdade é um pedaço de metal, nada há de especial nele. — Merlin jogou-o para mim e o peguei apressadamente. — Em si, o anel não tem poder. Nenhum dos Tesouros tem poder em si. O Manto da Invisibilidade não irá torná-lo invisível, assim como a Trompa de Bran Galed não soa melhor do que qualquer outra trompa de caça. A propósito, Derfel, você pegou Nimue?

— Sim.

— Muito bem. Achei que pegaria. Lugar interessante, a Ilha dos Mortos, não acha? Vou lá quando preciso de companhia estimulante. Onde é que eu estava? Ah, sim, os Tesouros. Lixo sem valor, na verdade. Você não daria o Manto de Padarn nem mesmo a um mendigo, não se fosse gentil, mas mesmo assim é um dos Tesouros.

— Então de que eles servem? — perguntou Galahad. Ele pegara o anel comigo, mas agora o devolveu ao druida.

— Eles comandam os Deuses, claro — disse Merlin rispidamente, como se a resposta devesse ser óbvia. — Em si eles não passam de coisas insignificantes, mas se puser todos juntos você pode fazer os Deuses pularem como sapos. Não basta juntar os tesouros, claro. Há um ou dois rituais necessários. E quem sabe se tudo isso vai funcionar? Ninguém jamais tentou, pelo que sei. Nimue está bem? — perguntou-me sério.

— Agora está.

— Você parece ressentido! Acha que eu deveria ter ido pegá-la? Meu caro Derfel, já estou bastante ocupado sem correr pela Britânia atrás de Nimue! Se a garota não pudesse enfrentar a Ilha dos Mortos, de que ela adiantaria?

— Ela poderia ter morrido — acusei, pensando nos monstros e nos

canibais da ilha.

— Claro que poderia! Qual é o sentido de uma provação se não houver perigo? Você tem ideias infantis, Derfel. — Merlin balançou a cabeça penalizado, depois enfiou o Anel em um de seus dedos longos e ossudos. Olhou-nos solenemente e esperamos, pasmos, alguma manifestação de poder sobrenatural, mas depois de alguns segundos agourentos Merlin apenas riu de nossa expressão. — Eu disse! Os Tesouros não são nada de especial.

— Quantos Tesouros o senhor tem? — perguntou Galahad.

— Vários — respondeu Merlin evasivamente —, mas mesmo que tivesse 12 dos 13, ainda estaria encrocado se não encontrasse o 13º. E esse, Derfel, é o Tesouro desaparecido: o Caldeirão de Clyddno Eiddyn. Sem o Caldeirão estamos perdidos.

— Estamos perdidos de qualquer modo — falei amargamente.

Merlin me espiou como se eu estivesse sendo particularmente obtuso.

— A guerra? — perguntou depois de alguns segundos. — Foi por isso que você veio aqui? Implorar a paz! Que idiotas vocês dois são! Gorfyddyd não quer paz. Aquele homem é um bruto. Tem o cérebro de um boi, e mesmo assim um boi não muito esperto. Ele quer ser Grande Rei, o que significa que tem de governar a Dumnonia.

— Ele diz que deixará Mordred no trono — insistiu Galahad.

— Claro que diz! — zombou Merlin. — O que mais diria? Mas no minuto em que puser as mãos no pescoço daquela criança desgraçada, irá torcê-lo como se fosse uma galinha. O que seria uma coisa boa.

— O senhor quer que Gorfyddyd vença? — perguntei, apalermado.

Ele suspirou.

— Derfel, Derfel, você é tão parecido com Artur! Acha que o mundo é simples, que bem é bem e mal é mal, que em cima é em cima e embaixo é embaixo. Está perguntando o que quero? Eu digo o que quero. Quero os Treze Tesouros, e devo usá-los para trazer os Deuses de volta à Britânia, e então irei ordenar que restaurem a Britânia à condição abençoada que ela desfrutava antes que os romanos viessem. Nada de cristãos — ele apontou um dedo para Galahad — e nem mitraístas — e apontou para mim —, só o povo dos Deuses no país dos Deuses. Isso, Derfel, é o que quero.

— E quanto a Artur? — perguntei.

— Quanto a ele? Ele é um homem, tem uma espada, pode cuidar de si mesmo. O destino é inexorável, Derfel. Se o destino pretende que Artur vença esta guerra não importa se Gorfyddyd juntar todos os exércitos do mundo contra ele. Se eu não tivesse nada de melhor a fazer confesso que ajudaria Artur, porque gosto dele, mas o destino decretou que sou um homem velho, cada vez mais frágil e dono de uma bexiga que parece um odre vazando, e portanto devo cuidar de minhas energias

cada vez menores — ele proclamou essa declaração patética num tom vigoroso. — Nem mesmo posso vencer as guerras de Artur, curar a mente de Nimue e descobrir os Tesouros ao mesmo tempo. Claro, se eu descobrir que salvar a vida de Artur me ajudará a encontrar os Tesouros, tenha certeza de que irei à batalha. Mas e caso contrário? — Ele deu de ombros, como se a guerra não lhe fosse importante. E não creio que fosse. Ele se virou para a pequena janela e espiou para as três estacas que tinham sido erigidas no pátio. — Espero que fiquem para ver as formalidades.

— Devemos ficar? — perguntei.

— Claro que sim, se Gorfyddyd permitir. Toda experiência é útil, ainda que medonha. Já realizei os rituais muitas vezes, por isso não vou ficar para me divertir, mas saibam que vocês estarão seguros aqui. Transformo Gorfyddyd numa lesma se ele tocar um fio de suas cabeças tolas, mas agora tenho de ir. Iorweth acha que há uma mulher na fronteira de Demetia que pode se lembrar de alguma coisa útil. Se ela estiver viva, claro, e mantiver a memória. Odeio falar com velhas; elas ficam tão agradecidas pela companhia que não param de matraquear e além disso nunca se atêm ao assunto. Que perspectiva! Diga a Nimue que estou ansioso para vê-la! — E com essas palavras ele saiu pela porta e foi andando pelo pátio interno da fortaleza.

O céu se nublou naquela tarde e uma chuvinha cinza e medonha encharcou o forte antes do crepúsculo. O druida Iorweth veio até nós, dizendo que estávamos em segurança, mas, com tato, sugeriu que forçaríamos a hospitalidade relutante de Gorfyddyd se comparecêssemos à festa da noite, que marcava a última reunião dos aliados de Gorfyddyd e dos chefes antes que os homens de Caer Sws marchassem em direção ao sul para se juntar ao resto do exército em Branogenium. Garantimos a Iorweth que não tínhamos desejo de comparecer à festa. O druida sorriu agradecendo, depois sentou-se num banco perto da porta.

— Vocês são amigos de Merlin? — perguntou.

— Lorde Derfel é — disse Galahad.

Iorweth esfregou os olhos, cansado. Era velho, com um rosto amigável, afável, e uma cabeça careca onde o fantasma de uma tonsura aparecia logo acima de cada orelha.

— Não consigo deixar de pensar que meu irmão Merlin espera demais dos Deuses. Ele acredita que o mundo pode ser renovado e que a história pode ser apagada como uma linha desenhada na lama. Mas não é assim. — Ele coçou um piolho na barba, depois olhou para Galahad, que usava uma cruz no pescoço. — Eu invejo o seu Deus cristão. Ele é três e é um, está morto e está vivo, está em toda parte e em lugar nenhum, e exige que vocês O cultuem, mas afirma que nada mais é digno de culto. Há espaço nessas contradições para um homem acreditar em qualquer coisa ou em nada, mas não com os nossos Deuses. Eles são

como reis, caprichosos e poderosos, e se querem nos esquecer, esquecem. Não importa em que acreditemos, só o que eles querem. Nossos feitiços só funcionam quando os Deuses permitem. Merlin discorda, claro. Acha que se gritarmos suficientemente alto vamos atrair a atenção deles, mas o que a gente faz com uma criança que grita?

— Dá atenção a ela? — sugeri.

— Bate nela, lorde Derfel. Bate até que ela fique quieta. Temo que lorde Merlin grite alto demais durante tempo demais. — Ele se levantou e pegou seu cajado. — Desculpe por vocês não poderem comer com os guerreiros esta noite, mas a princesa Helledd disse que são bem-vindos para comer em sua casa.

Helledd de Elmet era a mulher de Cuneglas, e seu convite não era necessariamente um elogio. Na verdade, o convite podia ser um insulto medido, imaginado por Gorfyddyd para dar a entender que só podíamos jantar com mulheres e crianças, mas Galahad disse que ficaríamos honrados em aceitar.

E lá, no pequeno salão de Helledd, estava Ceinwyn. Eu quisera vê-la de novo, quisera desde que Galahad tinha feito a sugestão de ir como enviado a Powys, e foi por isso que fiz um esforço tão enorme para acompanhá-lo. Não tinha vindo a Caer Sws para fazer a paz, e sim para ver de novo o rosto de Ceinwyn, e agora, à luz tremulante do salão de Helledd, vi.

Os anos não a haviam mudado. Seu rosto era tão doce, seus modos tão recatados, seu cabelo tão brilhante e o sorriso tão lindo como antes. Quando entramos na sala estava com uma criança pequena, tentando lhe dar pedaços de maçã. A criança era o filho de Cuneglas, Perddel.

— Eu disse que se ele não comer a maçã os horríveis dumnonianos iriam levá-lo embora — disse ela com um sorriso. — Acho que ele deve querer ir com vocês, porque não está comendo nada.

Helledd de Elmet, mãe de Perddel, era uma mulher alta, de maxilar grande e olhos claros. Deu-nos as boas-vindas, ordenando que uma jovem nos servisse hidromel, depois nos apresentou a duas de suas tias, Tonwyn e Elsel, que nos olharam ressentidas. Evidentemente havíamos interrompido uma conversa da qual elas estavam gostando, e os olhares azedos das tias sugeriam que deveríamos sair, mas Helledd foi mais educada.

— Vocês conhecem a princesa Ceinwyn? — perguntou.

Galahad fez uma reverência a ela, depois se agachou ao lado de Perddel. Ele sempre gostou de crianças que, por sua vez, confiavam nele à primeira vista. Num instante os dois príncipes estavam brincando como se os pedaços de maçã fossem raposas: a boca de Perddel era a toca das raposas e os dedos de Galahad os cães de caça. Os pedaços de maçã desapareceram.

— Por que não pensei nisso? — perguntou Ceinwyn.

— Porque não foi criada pela mãe de Galahad, senhora, que sem dúvida o alimentava do mesmo modo — falei. — Até hoje ele não consegue comer se alguém não tocar uma trompa de caça.

Ela riu, depois viu o broche que eu usava. Prendeu o fôlego, ruborizou-se e, por um instante, pensei ter cometido um erro gigantesco. Depois ela sorriu.

— Devo lembrar-me de você, lorde Derfel?

— Não, senhora. Eu era muito jovem.

— E você o guardou? — perguntou ela, aparentemente perplexa porque alguém mantinha um de seus presentes como um tesouro.

— Guardei, senhora, mesmo quando perdi tudo o mais.

A princesa Helledd nos interrompeu perguntando o que nos havia trazido a Caer Sws. Tenho certeza de que ela já sabia, mas era polido da parte de uma princesa fingir que estava fora do conselho dos homens. Respondi dizendo que tínhamos sido mandados para determinar se a guerra era inevitável.

— E é? — perguntou a princesa com preocupação compreensível, porque na manhã seguinte seu marido iria para o sul, em direção ao inimigo.

— Infelizmente, senhora, é o que parece.

— É tudo culpa de Artur — disse firmemente a princesa Helledd e suas tias assentiram com vigor.

— Acho que Artur concorda com a senhora — falei — e que ele lamenta isso.

— Então por que luta conosco?

— Porque jurou manter Mordred no trono, senhora.

— Meu sogro jamais despojará o herdeiro de Uther — disse Helledd impetuosamente.

— Lorde Derfel quase perdeu a cabeça quando teve esta conversa de manhã — disse Ceinwyn maliciosamente.

— Lorde Derfel manteve a cabeça porque é amado pelos Deuses — interveio Galahad, levantando os olhos depois da última caça à raposa.

— Não pelo seu, príncipe? — perguntou Helledd incisivamente.

— Meu Deus ama todas as pessoas, senhora.

— Quer dizer que ele não faz discriminação? — Gargalhou.

Comemos ganso, galinha, lebre e veado, e nos serviram um vinho pavoroso que devia estar guardado há tempo demais, desde que fora trazido à Britânia. Depois da refeição passamos para divãs almofadados e uma harpista tocou para nós. Os divãs eram móveis de um salão de mulher, e Galahad e eu ficamos desconfortáveis porque eram baixos e macios, mas eu estava bastante feliz, porque havia me certificado de ocupar um perto de Ceinwyn. Durante um tempo sentei-me com as costas eretas, mas depois me apoiei num cotovelo para falar baixo com ela. Elogiei-a pelo noivado com Gundleus.

Ela me lançou um olhar divertido.

— Parece um cortesão falando.

— Às vezes sou forçado a ser cortesão, senhora. Preferiria que eu fosse um guerreiro?

Ela se recostou apoiando-se num cotovelo, para que pudéssemos falar sem atrapalhar a música, e sua proximidade fez com que meus sentidos parecessem flutuar em fumaça.

— Meu senhor Gundleus exigiu minha mão como o preço de seu exército nesta próxima guerra — disse ela em voz baixa.

— Então o exército dele é o mais valioso da Britânia.

Ela não sorriu do elogio, mas manteve os olhos fixos nos meus.

— É verdade que ele matou Norwenna?

A brusquidão da pergunta me perturbou.

— O que ele diz, senhora? — perguntei em vez de responder diretamente.

— Ele diz — e a voz dela ficou ainda mais baixa, de modo que eu mal conseguia ouvir as palavras — que seus homens foram atacados e que na confusão ela morreu. Diz que foi um acidente.

Olhei para a jovem que tocava harpa. As tias olhavam furiosas para nós dois, mas Helledd parecia não se preocupar com a conversa. Galahad ouvia a música, com um braço em volta do adormecido Perddel.

— Eu estava no Tor naquele dia, senhora — falei, virando-me de novo para Ceinwyn.

— E?

Decidi que sua objetividade merecia uma resposta objetiva.

— Norwenna se ajoelhou dando-lhe as boas-vindas, senhora, e ele passou a espada pela garganta dela. Vi acontecer.

Seu rosto se endureceu por um segundo. As luzes tremulantes davam cor à sua pele clara e criavam sombras suaves nas bochechas e sob o lábio inferior. Ela usava um rico vestido de linho azul, enfeitado com a pele branco-prateada e pontilhada de preto de um arminho. Um torque de prata circulava o pescoço, havia argolas de prata nas orelhas e pensei em como a prata combinava bem com seu cabelo brilhante. Ela deu um pequeno suspiro.

— Eu temia ouvir esta verdade, mas ser princesa significa que devo me casar com quem for mais útil, e não com quem eu queira. — Ela virou a cabeça para a musicista durante um tempo, depois se inclinou de novo para perto de mim. — Meu pai diz que esta guerra é por causa da minha honra — falou nervosamente. — É mesmo?

— Para ele, senhora, sim, mas posso dizer que Artur lamenta o mal que lhe causou.

Ela fez uma leve careta. O assunto era claramente doloroso, mas ela não podia descartá-lo, porque a rejeição de Artur mudara a vida de

Ceinwyn de um modo muito mais sutil e triste do que jamais mudara a dele. Artur saíra para a felicidade de um casamento, ao passo que ela fora deixada para sofrer as longas lamentações e descobrir as respostas dolorosas que, evidentemente, não tinham sido encontradas.

— Você o entende? — perguntou ela depois de um tempo.

— Não entendi na época, senhora. Achei que ele era um tolo. Foi o que todos achamos.

— E agora? — Seus olhos azuis estavam fixos nos meus.

Pensei por alguns segundos.

— Acho, senhora, que pela primeira vez na vida Artur foi golpeado por uma loucura que ele não pôde controlar.

— O amor?

Olhei-a e disse a mim mesmo que não estava apaixonado por ela, e que seu broche era um talismã apanhado aleatoriamente. Disse a mim mesmo que ela era uma princesa e eu o filho de uma escrava.

— Sim, senhora.

— Você entende essa loucura?

Eu não tinha consciência de coisa alguma na sala, exceto Ceinwyn. A princesa Helledd, o príncipe adormecido, Galahad, as tias, a harpista, nenhum deles existia para mim, assim como os tecidos pendurados nas paredes ou os suportes de bronze das lamparinas. Só tinha consciência dos olhos grandes e tristes de Ceinwyn e do meu coração batendo.

— Entendo que é possível olhar nos olhos de alguém — ouvi-me dizendo — e de súbito saber que a vida será impossível sem eles. Saber que a voz da pessoa pode fazer seu coração falhar, e que a companhia dessa pessoa é tudo que sua felicidade pode desejar, e que a ausência dela deixará sua alma solitária, desolada e perdida.

Ela ficou quieta durante um tempo, apenas me olhando com uma expressão ligeiramente perplexa.

— Isso já lhe aconteceu, lorde Derfel? — perguntou enfim.

Hesitei. Sabia quais eram as palavras que minha alma queria dizer, e sabia as palavras que minha posição deveria me fazer dizer, mas então disse a mim mesmo que um guerreiro não florescia com a timidez e deixei que a alma governasse minha língua.

— Nunca aconteceu até este momento, senhora. — Foi necessário mais coragem para fazer essa declaração do que eu jamais necessitara para romper uma parede de escudos.

Ela imediatamente olhou para o outro lado e se sentou empertigada. Eu me xinguei por tê-la ofendido com minha estúpida falta de jeito. Permaneci recostado no divã, com o rosto vermelho e a alma doendo de embaraço enquanto Ceinwyn aplaudia a harpista jogando algumas moedas de prata no tapete ao lado do instrumento. Ela pediu que fosse tocada a “Canção de Thiannon”.

— Pensei que você não estava escutando, Ceinwyn — provocou uma

das tias.

— Estou, Tonwyn, estou, e estou sentindo grande prazer em tudo que ouço — disse Ceinwyn e de súbito me senti como um homem se sente quando uma parede de escudos desmorona. Só que não ousei confiar nas palavras. Queria; não ousava. O amor é loucura, balançando do êxtase para o desespero num segundo insano.

A música recomeçou, tendo ao fundo os ásperos gritos de comemoração que vinham do grande salão onde os guerreiros antecipavam a batalha. Recostei-me totalmente nas almofadas, com o rosto ainda vermelho enquanto tentava deduzir se as últimas palavras de Ceinwyn se referiam à nossa conversa ou à música, e então Ceinwyn se recostou de novo perto de mim.

— Não quero que haja uma guerra por minha causa — falou.

— Parece inevitável, senhora.

— Meu irmão concorda comigo.

— Mas seu pai governa Powys, senhora.

— Governa mesmo. — Ela parou franzindo a testa, depois me olhou.

— Se Artur vencer, com quem ele quererá que eu me case?

De novo a objetividade de sua pergunta me surpreendeu, mas dei-lhe a resposta verdadeira.

— Ele quer que a senhora seja rainha de Silúria.

Ela me olhou com alarme súbito.

— Casada com Gundleus?

— Com o rei Lancelot de Benoic, senhora — falei, revelando a esperança secreta de Artur. Observei sua reação.

Ela olhou nos meus olhos, aparentemente tentando julgar se eu tinha falado a verdade.

— Dizem que Lancelot é um grande guerreiro — comentou depois de um tempo, e com uma falta de entusiasmo que aqueceu meu coração.

— Dizem isso, senhora, sim.

Ela ficou quieta de novo. Apoiou-se no cotovelo e olhou as mãos da harpista passar sobre as cordas, e a observei.

— Diga a Artur — falou depois de um tempo, e sem olhar para mim — que não guardo rancor. E diga outra coisa.

Ela parou de súbito.

— Sim, senhora?

— Diga que se ele ganhar — ela se virou e passou um dos dedos esguios pelo espaço entre nossos divãs para tocar as costas da minha mão, mostrando como as palavras eram importantes —, que se Artur ganhar — repetiu —, implorarei pela proteção dele.

— Direi, senhora — falei, depois parei com o coração cheio. — E juro que também darei a minha, com toda a honra.

Ela manteve o dedo na minha mão, um toque tão leve quanto a respiração do príncipe adormecido.

— Talvez eu o faça cumprir este juramento, lorde Derfel — disse ela, com os olhos nos meus.

— Até o tempo se acabar e mais além, este juramento será verdadeiro, senhora.

Ela sorriu, afastou a mão e sentou-se empertigada.

E naquela noite fui para a cama num atordoamento de confusão, esperança, estupidez, apreensão, medo e deleite. Porque, como Artur, eu viera a Caer Sws e fora golpeado pelo amor.



Parte 5

A parede de escudos

— ENTÃO FOI ELA! — ACUSOU-ME Igraine. — Foi a princesa Ceinwyn que transformou seu sangue em fumaça, irmão Derfel.

— Sim, senhora, foi — confessei e confesso agora que há lágrimas em meus olhos ao recordar Ceinwyn. Ou talvez seja o clima que faz meus olhos lacrimejarem, porque o outono chegou a Dinnewrac e o vento frio está se esgueirando por minha janela. Devo fazer em breve uma pausa nessa escrita, porque estaremos ocupados armazenando os alimentos para o inverno e juntando a pilha de lenha que o abençoado São Sansum terá prazer em não queimar, para que possamos compartilhar do sofrimento de nosso querido Salvador.

— Não é de espantar que você odiasse tanto Lancelot! Eram rivais. Ele sabia o que você sentia por Ceinwyn?

— Com o tempo, soube.

— E então o que aconteceu? — perguntou ela, ansiosa.

— Por que não deixamos a história na ordem apropriada, senhora?

— Porque não quero, claro.

— Bom, eu quero, e sou o narrador, não a senhora.

— Se eu não gostasse tanto de você, irmão Derfel, mandaria cortar sua cabeça e dar seu corpo aos cães. — Ela franziu a testa, pensando. Igraine está muito bonita hoje, num manto de lã cinza com barra de pele de lontra. Não está grávida, de modo que o pessário de fezes de bebê não funcionou, ou então Brochvael está passando muito tempo com Nwylle. — Na família do meu marido sempre se falou muito sobre a tia-avó Ceinwyn, mas ninguém jamais explicou o que foi o escândalo.

— Jamais conheci alguém, senhora, sobre quem houvesse menos escândalo.

— Ceinwyn nunca se casou, disso eu sei.

— Isso é escandaloso demais?

— É, se ela agia como se fosse casada — disse Igraine cheia de indignação. — É isso que a sua Igreja prega. Nossa Igreja — corrigiu-se rapidamente. — Então o que aconteceu? Diga!

Puxei a manga da túnica de monge sobre o cotoco da minha mão, sempre a primeira parte a sentir o vento frio.

— A história de Ceinwyn é comprida demais para contar agora — falei e me recusei a dizer mais, apesar das exigências importunas da minha rainha.

— Então Merlin encontrou o Caldeirão? — perguntou Igraine, mudando de assunto.

— Chegaremos a isso na hora certa.

Ela ergueu as mãos.

— Você me deixa furiosa, Derfel. Se eu me comportasse como uma rainha de verdade exigiria a sua cabeça.

— E se eu fosse algo mais do que um monge velho e frágil, eu a entregaria à senhora.

Ela riu, depois se virou para olhar pela janela. As folhas dos pequenos carvalhos que o irmão Maelgwyn plantou para fazer uma barreira para o vento ficaram marrons cedo, e a floresta na ravina abaixo de nós está cheia de frutinhas selvagens, sinais de que o inverno se aproxima. Uma vez Sagramor me disse que havia lugar onde o inverno nunca chega, e o sol brilha quente o ano inteiro, mas talvez, como a existência dos coelhos, esta fosse uma de suas histórias imaginárias. Um dia eu esperava que o céu cristão fosse um lugar quente, mas São Sansum insiste em que o céu deve ser frio, porque o inferno é quente, e suponho que o santo esteja certo. Há muita coisa a esperar. Igraine estremeceu e se virou de novo para mim.

— Ninguém nunca me fez um caramanchão de Lughnasa — falou pensativa.

— Claro que fez! Todo ano a senhora tem um!

— Mas aquele é o caramanchão do Caer. Os escravos o fazem porque precisam, e naturalmente me sento lá, mas não é o mesmo que seu homem fazer para você um caramanchão de dedaleiras e salgueiro. Merlin ficou furioso porque você e Nimue fizeram amor?

— Eu nunca deveria ter confessado isso à senhora. Se ele soube, nunca disse nada. Não acharia importante. Ele não era ciumento. — Não como o resto de nós. Não como Artur, não como eu. Quanto de nossa terra foi molhado de sangue por causa do ciúme! E no fim da vida, o que isso importa? Envelhecemos e os jovens nos olham e não conseguem ver que um dia fizemos um reino ressoar de tanto amor.

Igraine adotou seu olhar malicioso.

— Você disse que Gorfyddyd chamou Guinevere de prostituta. Ela era?

— A senhora não deveria usar esta palavra.

— Certo. Guinevere era o que Gorfyddyd disse que ela era, aquela coisa que não tenho permissão de dizer por medo de ofender seus ouvidos inocentes?

— Não, não era.

— Mas ela era fiel a Artur?

— Espere — falei.

Ela esticou a língua para mim.

— Lancelot se tornou um mitraísta?

— Espere para ver.

— Odeio você!

— E sou o seu servo mais dedicado, cara senhora, mas além disso

estou cansado e esse tempo frio faz a tinta empedrar. Vou escrever o resto da história, prometo.

— Se Sansum deixar.

— Ele deixará.

O santo está mais feliz ultimamente, graças ao novíço que restou, e que não é mais novíço, foi consagrado padre e monge e, segundo insiste Sansum, já é um santo como ele. São Tudwal, é como devemos chamá-lo, e os dois santos compartilham uma cela e glorificam Deus juntos. A única coisa errada que consigo ver nessa parceria bendita é que o abençoado São Tudwal, agora com 12 anos, está fazendo mais um esforço para aprender a ler. Ele não sabe falar a língua saxã, claro, mas mesmo assim temo que possa decifrar algo destes escritos. Mas esse medo deve esperar até que São Tudwal domine suas letras, se é que fará isso, e por enquanto, se Deus permitir, e para satisfazer a impaciente curiosidade da minha muito adorável rainha, Igraine, devo continuar esta narrativa sobre Artur, meu amado senhor perdido, meu amigo, meu senhor da guerra.

No dia seguinte não percebi coisa alguma. Fiquei com Galahad como um hóspede indesejado no reino de meu inimigo Gorfyddyd, enquanto Iorweth fazia a propiciação aos Deuses. Por mim, o druida podia estar soprando sementes de dente-de-leão, tão pouca atenção prestei à cerimônia. Eles mataram um touro, amarraram três prisioneiros nas três estacas, estrangularam-nos, depois buscaram os augúrios da guerra esfaqueando o diafragma de um quarto prisioneiro. Cantaram a “Canção de Batalha de Maponos”, enquanto dançavam em volta dos mortos, e então os reis, príncipes e chefes molharam as pontas de lanças no sangue dos mortos antes de lamber o sangue das lâminas e espalhar sobre as bochechas. Galahad fez o sinal da cruz enquanto eu sonhava com Ceinwyn. Ela não compareceu às cerimônias. Nenhuma mulher compareceu. Os augúrios, segundo me disse Galahad, foram favoráveis à causa de Gorfyddyd, mas eu não me importava. Estava feliz lembrando daquele toque leve e prateado do dedo de Ceinwyn em minha mão.

Nossos cavalos, armas e escudos foram trazidos, e o próprio Gorfyddyd nos levou ao portão de Caer Sws. Cuneglas, seu filho, também veio; ele podia estar fazendo uma cortesia ao nos acompanhar, mas Gorfyddyd não tinha tais gentilezas em mente.

— Diga ao seu amante de prostituta — falou o rei, com o rosto ainda manchado de sangue — que a guerra só pode ser evitada com uma coisa. Diga a Artur que, se ele se apresentar no vale de Lugg para o meu julgamento e veredicto, considerarei limpa a mancha na honra da minha filha.

— Direi, senhor rei — respondeu Galahad.

— Artur continua sem barba? — perguntou Gorfyddyd, fazendo a

pergunta parecer um insulto.

— Sim, senhor rei.

— Nesse caso não posso trançar uma corda de prisioneiro com a barba dele — rosnou Gorfyddyd —, então diga para ele cortar o cabelo ruivo de sua prostituta antes de vir, e mande trançá-lo para fazer sua própria corda. — Gorfyddyd estava claramente gostando de exigir essa humilhação de seus inimigos, mas o rosto do príncipe Cuneglas mostrava um nítido embaraço pela grosseria do pai. — Diga isso a ele, Galahad de Benoic, e diga que, se ele me obedecer, sua prostituta careca pode ficar livre, desde que deixe a Britânia.

— A princesa Guinevere pode ficar livre — repetiu Galahad.

— A prostituta! — gritou Gorfyddyd. — Deitei-me com ela vezes suficientes, por isso sei. Diga isso a Artur! — Ele cuspiu a exigência no rosto de Galahad. — Diga que ela vinha à minha cama por livre vontade, e a outras camas também!

— Direi — mentiu Galahad, para refrear as palavras azedas. — E quanto a Mordred, senhor rei?

— Sem Artur, Mordred precisará de um novo protetor. Assumirei a responsabilidade pelo futuro de Mordred. Agora vão.

Fizemos uma reverência, montamos e fomos embora. Olhei para trás uma vez, na esperança de ver Ceinwyn, mas havia apenas homens nas fortificações de Caer Sws. Em volta da fortaleza os abrigos estavam sendo desmontados enquanto os homens se preparavam para marchar na estrada que levava diretamente a Branogenium. Tínhamos concordado em não usar essa estrada, iríamos para casa por um caminho mais longo através de Caer Lud, para que não pudéssemos espionar a horda de Gorfyddyd que se reunia.

Galahad estava sombrio enquanto cavalgávamos para o leste, mas eu não podia conter a felicidade, e assim que tínhamos nos afastado dos acampamentos comecei a cantar a “Canção de Rhiannon”.

— O que há com você? — perguntou ele, irritado.

— Nada. Nada! Nada! Nada! — gritei em júbilo e bati com os calcanhares de modo que o cavalo disparou pelo caminho verdejante e caí nuns arbustos de urtiga. — Absolutamente nada — falei quando Galahad me trouxe o cavalo de volta. — Absolutamente nada.

— Você está maluco, meu amigo.

— Você está certo — falei enquanto montava desajeitadamente outra vez. Estava realmente maluco, mas não ia contar a Galahad o motivo da loucura, de modo que por um tempo tentei me comportar com sobriedade. — O que vamos dizer a Artur?

— Nada sobre Guinevere — disse Galahad com firmeza. — Além disso, Gorfyddyd estava mentindo. Meu Deus! Como ele pôde contar essas mentiras sobre Guinevere?

— Queria nos provocar, claro. Mas o que vamos dizer a Artur sobre

Mordred?

— A verdade. Mordred está em segurança.

— Mas, se Gorfyddyd mentiu sobre Guinevere, por que não mentiria sobre Mordred? E Merlin não acreditava nele.

— Não fomos mandados para saber a resposta de Merlin.

— Fomos mandados para descobrir a verdade, meu amigo, e afirmo que Merlin a disse.

— Mas Tewdric acreditará em Gorfyddyd — respondeu Galahad com firmeza.

— O que significa que Artur perdeu — falei desanimado, mas não queria falar de derrota, por isso perguntei o que Galahad achava de Ceinwyn. Estava deixando a loucura me dominar outra vez e queria ouvir Galahad elogiá-la e dizer que ela era a criatura mais linda entre os mares e as montanhas, mas ele simplesmente deu de ombros.

— Uma coisinha bem-feita — falou despreocupadamente — e bem bonita se você gosta dessas garotas frágeis. — Ele parou, pensando. — Lancelot gostará dela. Você sabe que Artur quer casar os dois? Mas agora não creio que isso vá acontecer. Desconfio de que o trono de Gundleus esteja seguro e que Lancelot terá de procurar uma esposa em outra parte.

Não falei mais nada sobre Ceinwyn. Voltamos pelo mesmo caminho e chegamos a Magnis na segunda noite quando, tal como Galahad previra, Tewdric pôs sua fé na promessa de Gorfyddyd, enquanto Artur preferiu acreditar em Merlin. Gorfyddyd, percebi, nos usara para separar Tewdric de Artur, e me pareceu ter conseguido, porque enquanto ouvíamos os dois discutirem nos aposentos de Tewdric ficou claro que o rei de Gwent não tinha estômago para a guerra que viria. Galahad e eu deixamos os dois discutindo enquanto andávamos pelas fortificações de Magnis, que eram formadas por um grande muro de terra flanqueado por um poço inundado e encimado por uma forte paliçada.

— Tewdric vencerá a discussão — disse Galahad, desanimado. — Ele não confia em Artur.

— Claro que confia — protestei.

Galahad balançou a cabeça.

— Ele sabe que Artur é um homem honesto, mas Artur também é um aventureiro. Artur não tem terra, você já pensou nisso? Ele defende uma reputação, e não uma propriedade. Ele mantém o posto por causa da idade de Mordred, e não pelo nascimento. Para ter sucesso Artur precisa ser mais ousado do que os outros homens, mas Tewdric não quer ousadia agora. Quer segurança. Aceitará a oferta de Gorfyddyd. — Galahad ficou quieto um tempo. — Talvez o nosso destino seja nos tornarmos guerreiros andarilhos — prosseguiu sombrio —, privados de terra e sempre sendo empurrados para o mar do Oeste por novos inimigos.

Estremeci e apertei o manto em volta do corpo. A noite estava se nublando e trazendo uma gelada promessa de chuva no vento oeste.

— Está dizendo que Tewdric vai nos abandonar?

— Ele já fez isso — disse Galahad categórico. — O único problema agora é se livrar de Artur educadamente. Tewdric tem muito a perder e não vai se arriscar mais, mas Artur não tem nada a perder, a não ser suas esperanças.

— Vocês dois! — uma voz gritou alto atrás de nós, e nos viramos e vimos Culhwch correndo pelas fortificações. — Artur quer ver vocês.

— Para quê? — perguntou Galahad.

— O que acha, senhor príncipe? Que ele está precisando de alguém para um jogo de tabuleiro? — Culhwch riu. — Esses desgraçados podem não ter coragem para lutar — e fez um gesto para a fortaleza apinhada com os homens de Tewdric, muito bem uniformizados —, mas nós temos. Desconfio de que vamos atacar sozinhos. — Ele viu nossa surpresa e gargalhou. — Vocês ouviram lorde Agrícola na outra noite. Duzentos homens podem guardar o vale de Lugg contra um exército. E então? Nós temos duzentos lanceiros e Gorfyddyd possui um exército, então por que precisamos de mais alguém de Gwent? Está na hora de alimentar os corvos.

A primeira chuva caiu, sibilando nas fogueiras dos ferreiros, e parecia que estávamos indo à guerra.

ALGUMAS VEZES ACHO QUE FOI a decisão mais corajosa de Artur. Deus sabe que ele tomou outras decisões em circunstâncias igualmente desesperadas, porém jamais Artur esteve mais fraco do que naquela noite chuvosa em Magnis, onde Tewdric estava dando as ordens pacientes que retirariam seus homens para as muralhas romanas na preparação de uma trégua entre Gwent e o inimigo.

Artur reuniu cinco de nós na casa de um soldado perto daquelas muralhas. A chuva fazia barulho no teto enquanto sob a palha uma fogueira soltava fumaça nos iluminando com um clarão sinistro. Sagramor, o comandante de maior confiança de Artur, estava ao lado de Morfans no pequeno banco da cabana. Culhwch, Galahad e eu ficamos agachados no chão enquanto Artur falava.

O príncipe Meurig, admitiu Artur, tinha dito uma verdade desconfortável, porque a guerra fora de fato causada por ele. Se não tivesse rejeitado Ceinwyn não haveria inimizade entre Powys e a Dumnonia. Gwent estava envolvido por ser o inimigo mais antigo de Powys e tradicional amigo da Dumnonia, mas não era interesse de Gwent continuar com a guerra.

— Se eu não tivesse vindo para a Britânia — disse Artur —, o rei Tewdric não estaria diante do estupro de sua terra. Esta guerra é minha e, assim como a comecei, devo terminá-la. — Ele fez uma pausa. Era um homem cuja emoção surgia facilmente, e naquele instante estava dominado pelos sentimentos. — Vou ao vale de Lugg amanhã — disse enfim e por um segundo pavoroso pensei que pretendia se entregar à vingança horrenda de Gorfyddyd. Mas então Artur ofereceu-nos um dos seus sorrisos abertos e generosos. — E gostaria de que vocês viessem comigo, mas não tenho direito de exigir.

Houve silêncio no cômodo. Acho que estávamos todos pensando que a luta no vale parecia uma perspectiva arriscada mesmo quando os exércitos combinados de Gwent e da Dumnonia seriam usados. Mas como venceríamos apenas com os homens da Dumnonia?

— O senhor tem o direito de exigir nossa ida — disse Culhwch rompendo o silêncio —, porque juramos servi-lo.

— Eu os libero do juramento — disse Artur — pedindo apenas que, se sobreviverem, mantenham minha promessa de garantir que Mordred cresça para ser rei.

Houve silêncio de novo. Acho que nenhum de nós hesitou em nossa lealdade, mas também não sabíamos como expressá-la até que Galahad falou:

— Não lhe fiz juramento — disse a Artur —, mas faço agora. Onde o senhor lutar, senhor, eu luto, e quem for seu inimigo é meu inimigo, e quem for seu amigo é meu amigo também. Juro isso pelo precioso sangue do Cristo vivo. — Ele se inclinou à frente, segurou a mão de Artur e beijou-a. — Que minha vida seja tirada se eu faltar à palavra.

— São necessários dois para um juramento — disse Culhwch. — O senhor pode me liberar, senhor, mas eu não me libero.

— Nem eu, senhor — acrescentei.

Sagramor parecia entediado.

— Sou homem seu — disse a Artur — e de mais ninguém.

— Dane-se o juramento — disse o feio Morfans. — Quero lutar.

Artur tinha lágrimas nos olhos. Durante um tempo não pôde falar, por isso se ocupou em remexer o fogo com um pedaço de pau até conseguir reduzir à metade o calor e duplicar a fumaça.

— Seus homens não são ligados por juramento — falou com a voz embargada — e só quero homens dispostos no vale de Lugg amanhã.

— Por que amanhã? — perguntou Culhwch. — Por que não depois de amanhã? Quanto mais tempo tivermos para nos preparar, melhor, não é?

Artur balançou a cabeça.

— Não estaremos mais bem preparados se esperarmos um ano inteiro. Além disso, os espiões de Gorfyddyd já devem estar indo para o norte com a notícia de que Tewdric aceita os termos dele, portanto devemos atacar antes que esses mesmos espiões descubram que nós, dumnonianos, não recuamos. Atacamos amanhã de madrugada. — Ele me olhou. — Você vai atacar primeiro, lorde Derfel, por isso esta noite precisa encontrar seus homens e falar com eles, e caso se mostrem relutantes deixe para lá, mas, se estiverem dispostos, Morfans pode lhe dizer o que devem fazer.

Morfans tinha cavalgado diante de toda a linha inimiga, ostentando-se na armadura de Artur, mas também reconhecendo as posições do inimigo. Agora pegou uns punhados de grãos num pote e os empilhou em sua capa aberta, fazendo um modelo grosseiro do vale de Lugg.

— Não é um vale comprido, mas os lados são íngremes. A barricada fica aqui, na extremidade sul. — Apontou para um lugar logo na entrada do modelo do vale. — Eles derrubaram árvores e fizeram uma cerca. É suficientemente grande para parar um cavalo, mas não demorará muito para que alguns homens empurrem as árvores para o lado. A fraqueza deles está aqui. — Ele indicou o morro do oeste. — É íngreme na extremidade norte do vale, mas aqui onde construíram a barricada você pode facilmente descer a encosta. Suba o morro no escuro e de madrugada ataque morro abaixo e desmantele a cerca de árvores enquanto ainda estiverem acordando. Depois os cavalos podem passar. — Ele riu, adorando a ideia de surpreender o inimigo.

— Seus homens estão acostumados a marchar à noite — disse Artur. — Então, amanhã ao alvorecer tome a barricada, destrua-a e depois sustente o vale por tempo suficiente para nossos cavalos chegarem. Depois dos cavalos irão nossos lanceiros. Sagramor comandará os lanceiros no vale enquanto eu e cinquenta cavaleiros atacaremos Branogenium. — Sagramor não demonstrou reação ao anúncio que lhe dava o comando da maior parte do exército de Artur.

O resto de nós não conseguiu esconder o espanto, não diante da designação de Sagramor, mas da tática de Artur.

— Cinquenta cavaleiros para atacar todo o exército de Gorfyddyd? — perguntou Galahad, em dúvida.

— Não vamos capturar Branogenium — admitiu Artur —, talvez nem cheguemos perto, mas vamos fazer com que nos persigam e os levaremos para o vale. Sagramor vai ao encontro dos perseguidores na extremidade norte do vale, no vau onde a estrada atravessa o rio, e quando eles atacarem, vocês recuam. — Ele olhou para um de cada vez, certificando-se de que tinhamos entendido as instruções. — Recuem, sempre recuem. Deixe que pensem que venceram! E quando os tiverem atraído para bem dentro do vale, atacarei.

— Por onde? — perguntei.

— Por trás, claro! — Energizado pela perspectiva da batalha, Artur tinha recuperado todo o entusiasmo. — Quando meus cavaleiros recuarem de Branogenium não vamos voltar para o vale, vamos nos esconder na extremidade norte. O lugar é coberto de árvores. E assim que tiverem atraído o inimigo para dentro, viremos pela retaguarda.

Sagramor olhou para a pilha de grãos.

— Os Escudos Pretos que estão no morro de Coel — disse em seu sotaque execrável — podem marchar para o sul das colinas e nos pegar pela retaguarda. — Ele empurrou um dedo através dos grãos espalhados no sul do vale, para mostrar o que queria dizer. Aqueles irlandeses, todos sabíamos, eram os temíveis guerreiros de Oengus Mac Airem, rei de Demetia, que fora nosso aliado até que Gorfyddyd trocou sua lealdade por ouro. — Você quer que sustentemos um exército pela frente e os Escudos Pretos por trás?

— Vocês percebem por que ofereci para liberá-los do juramento — disse Artur com um sorriso. — Mas assim que Tewdric souber que estamos batalhando, ele virá. À medida que o dia passar, Sagramor, você verá sua linha de escudos engrossar minuto a minuto. Os homens de Tewdric enfrentarão o inimigo do morro de Coel.

— E se não fizerem isso? — perguntou Sagramor.

— Então provavelmente perderemos — admitiu Artur com calma. — Mas com minha morte virá a vitória de Gorfyddyd e a paz de Tewdric. Minha cabeça irá para Ceinwyn como presente de casamento, e vocês, meus amigos, estarão festejando no Outro Mundo onde, espero,

guardarão um lugar à mesa para mim.

Houve silêncio de novo. Artur parecia certo de que Tewdric lutaria, mas nenhum de nós podia ter tanta certeza. Eu achava que Tewdric podia preferir deixar Artur e seus homens perecerem no vale de Lugg e assim se livrar de uma aliança inconveniente, mas também disse a mim mesmo que essas questões políticas não eram da minha conta. Minha preocupação era sobreviver no dia seguinte e, enquanto olhava o grosseiro modelo do campo de batalha feito por Morfans, preocupei-me com o morro do oeste, pelo qual atacaríamos ao alvorecer. Se podíamos atacar por lá, pensei, o inimigo também podia.

— Eles vão flanquear nossa linha de escudos — falei, descrevendo minha preocupação.

Artur balançou a cabeça.

— O morro é íngreme demais para um homem com armadura subir pelo lado norte do vale. O pior que farão será mandar os *levies* para lá, o que significa arqueiros. Se você puder dispensar homens, Derfel, ponha um punhado lá, mas fora isso reze para que Tewdric venha rapidamente. E com esse objetivo — disse ele, virando-se para Galahad — por mais que me doa pedir que fique longe da parede de escudos, senhor príncipe, será de mais valor para mim amanhã se for como meu enviado ao rei Tewdric. Você é um príncipe, fala com autoridade e, acima de todos os homens, pode persuadi-lo a se aproveitar da vitória que pretendo lhe dar com minha desobediência.

Galahad pareceu perturbado.

— Eu preferiria lutar, senhor.

— Na dúvida — sorriu Artur —, eu preferiria vencer a perder. Para isso preciso de que os homens de Tewdric venham antes do fim do dia e você, senhor príncipe, é o único mensageiro adequado que posso mandar para um rei melindrado. Você deve persuadi-lo, lisonjeá-lo, implorar, mas acima de tudo convencê-lo de que venceremos a guerra amanhã ou então lutaremos pelo resto de nossos dias.

Galahad aceitou a opção.

— Mas tenho sua permissão de voltar e lutar ao lado de Derfel quando a mensagem tiver sido dada?

— Será bem-vindo — disse Artur. Ele fez uma pausa, olhando para as pilhas de grãos. — Somos poucos, e eles são uma horda, mas os sonhos não se realizam através da cautela, e sim com o perigo ousado. Amanhã poderemos trazer paz aos britânicos. — Ele parou abruptamente, talvez pasmo com o pensamento de que sua ambição de paz também era o sonho de Tewdric. Talvez Artur estivesse pensando se deveria lutar. Lembrei-me de como depois de nosso encontro com Aelle, quando fizemos o juramento sob o carvalho, Artur pensara em desistir da luta e meio esperei que ele desnudasse a alma de novo, mas naquela noite chuvosa o cavalo da ambição estava puxando sua alma com força,

e ele não podia contemplar uma paz em que sua vida ou seu exílio fosse o preço. Queria a paz, porém queria mais ainda ditar essa paz. — Quaisquer que sejam os Deuses para quem vocês rezam — falou em voz baixa —, que eles sigam com todos amanhã.

Tive de montar a cavalo para voltar aos meus homens. Estava com pressa e caí três vezes. Como presságios, as quedas foram terríveis, mas a estrada estava macia por causa da lama, e nada se feriu além do meu orgulho. Artur foi comigo, mas refreou meu cavalo quando ainda estávamos a distância de um arremesso de lança de onde as fogueiras dos meus homens tremulavam baixas na chuva insistente.

— Faça isso por mim amanhã, Derfel, e poderá carregar sua própria bandeira e pintar seus escudos.

Neste mundo ou no outro, pensei, mas não disse o pensamento em voz alta por medo de provocar os Deuses. Porque no dia seguinte, num alvorecer cinzento e melancólico, estaríamos lutando contra o mundo.

Nenhum dos meus HOMENS tentou fugir de seus juramentos. Alguns talvez quisessem evitar a batalha, mas nenhum desejou mostrar fraqueza diante dos camaradas, por isso marchamos todos, partindo no meio da noite para atravessar uma região encharcada pela chuva. Artur nos viu partir, depois foi para onde seus cavaleiros estavam acampados.

Nimue insistiu em nos acompanhar. Ela nos prometera um feitiço de disfarce, e depois disso nada convenceria meus homens a deixá-la para trás. Fez o feitiço antes de partirmos, usando o crânio de uma ovelha que encontrou, com a luz de uma tocha, numa vala perto do acampamento. Ela arrastou a carcaça para fora da floresta onde um lobo havia se refestelado, cortou a cabeça, tirou os restos da pele cheia de vermes, depois se agachou, escondendo-se com o crânio fétido por baixo do manto. Ficou ali agachada por longo tempo, respirando o fedor medonho da cabeça decomposta, depois se levantou e chutou o crânio para o lado, com uma expressão de desprezo. Olhou onde ele foi parar e, depois de um instante de deliberação, declarou que o inimigo desviaria o olhar enquanto marchávamos pela noite. Artur, que era fascinado pela veemência de Nimue, estremeceu quando ela fez o pronunciamento, e em seguida me abraçou.

— Tenho uma dívida para com você, Derfel.

— O senhor não me deve nada.

— No mínimo lhe agradeço por trazer a mensagem de Ceinwyn. — Ele sentira um prazer enorme no perdão dela, depois estremeceu quando acrescentei as outras palavras sobre ter a proteção dele. “Ela não tem o que temer de nenhum homem na Dumnonia”, dissera ele. Agora me deu um tapa nas costas. — Verei você de manhã — prometeu, depois ficou olhando enquanto saíamos das luzes das fogueiras para a escuridão.

Atravessamos campinas cobertas de capim e campos recém-colhidos, onde nenhum obstáculo além do chão encharcado, do escuro e da chuva

nos atrapalhava. A chuva vinha da esquerda, do oeste, e parecia implacável; uma chuva penetrante, fria e forte que escorria por dentro dos gibões e gelava nosso corpo. A princípio seguíamos bem juntos, para que nenhum homem se sentisse sozinho no escuro, mas, mesmo atravessando terreno fácil, chamávamos constantemente em voz baixa para descobrir onde poderiam estar nossos camaradas. Alguns tentavam segurar a capa de um amigo, mas as lanças se chocavam e os homens tropeçavam, até que finalmente fiz todo mundo parar e formei duas filas. Todos receberam a ordem de pendurar o escudo nas costas e depois segurar a lança do homem da frente. Cavan estava na nossa retaguarda, certificando-se de que ninguém se perdesse, enquanto Nimue e eu íamos na vanguarda. Ela segurava minha mão, não por afeto, mas simplesmente para que pudéssemos estar juntos na noite negra. Agora o Lughnasa parecia um sonho, varrido não pelo tempo, mas pela feroz recusa de Nimue em reconhecer que os momentos que passamos no caramanchão ao menos aconteceram. Aquelas horas, como os meses passados na Ilha dos Mortos, tinham servido ao seu objetivo e agora eram irrelevantes.

Chegamos a um agrupamento de árvores. Hesitei, depois desci por um barranco íngreme e enlameado, entrando numa escuridão tão engolfante que quase perdi a esperança de conseguir levar cinquenta homens através daquele negror horrendo, mas então Nimue começou a cantarolar em voz baixa, e o som agiu como um farol para levar os homens em segurança através do escuro que os fazia tropeçar o tempo todo. As duas correntes de lanças se romperam, mas seguindo a voz de Nimue todos conseguimos passar pelas árvores e emergir numa campina do outro lado. Paramos ali enquanto Cavan e eu fazíamos uma contagem dos homens e Nimue circulava em torno de nós, sussurrando feitiços no escuro.

Meu ânimo, encharcado pela chuva e a escuridão, baixou ainda mais. Eu achava que possuía uma imagem mental dessa região logo ao norte do acampamento dos meus homens, mas o progresso difícil obliterou essa imagem. Eu não tinha ideia de onde estava, nem aonde deveria ir. Achava que estávamos indo para o norte, mas sem uma estrela para me guiar ou a lua para iluminar o caminho, deixei que os medos suplantassem a resolução.

— Por que está esperando? — Nimue veio para o meu lado e sussurrou as palavras.

Não falei nada, sem querer admitir que estava perdido. Ou talvez não querendo admitir que estava amedrontado.

Nimue sentiu meu desamparo e assumiu o comando.

— Temos um longo trecho de pastagem aberta à nossa frente — disse ela aos meus homens. — Antes o lugar era usado como pastagem de ovelhas, mas eles levaram os rebanhos embora, por isso não há

pastores ou cães para nos verem. O caminho é todo de subida, mas bastante fácil se permanecermos juntos. No fim da pastagem chegaremos a um bosque e vamos esperar o alvorecer. Não é longe e não é difícil. Sei que estamos molhados e com frio, mas amanhã vamos nos esquentar nas fogueiras dos inimigos — ela falava com confiança absoluta.

Não creio que eu pudesse guiar os homens através daquela noite molhada, mas Nimue pôde. Ela afirmava que, com seu olho único, podia enxergar na escuridão em que nossos olhos não conseguiam, e talvez fosse verdade, ou talvez ela simplesmente possuísse uma ideia melhor daquela região do que eu. Mas, como quer que tenha sido feito, ela o fez muito bem. Na última hora caminhamos pelo topo de um morro e de repente a caminhada ficou mais fácil, porque agora estávamos na colina a leste do vale Lugg, e as fogueiras de vigilância do inimigo queimavam no escuro lá embaixo. Eu até podia ver a barricada de pinheiros caídos e o brilho do rio Lugg mais além. No vale homens lançavam grandes pedaços de lenha nas fogueiras para iluminar a estrada por onde os atacantes poderiam vir do sul.

Chegamos ao bosque e nos deixamos cair no chão molhado. Alguns de nós caíram no cochilo enganador, raso e cheio de sonhos que não se parece absolutamente com sono e deixa os homens com frio, cansados e doloridos, mas Nimue ficou acordada, murmurando encantos e falando com os homens que não conseguiam dormir. Não era conversa fiada, porque Nimue não tinha tempo para isso, e sim explicações ferozes do motivo pelo qual lutávamos. Não era por Mordred, dizia ela, e sim por uma Britânia livre de estrangeiros e ideias estrangeiras, e até os cristãos de minhas fileiras a ouviam.

Não esperei o alvorecer para atacar. Em vez disso, quando o céu encharcado mostrou o primeiro brilho pálido de luz cor de aço no leste, acordei os adormecidos e liderei meus cinquenta lanceiros até a borda do bosque. Esperamos ali, acima de uma encosta coberta de capim, que descia até o leito do vale tão íngreme quanto os flancos do Tor em Ynys Wydryn. Meu braço esquerdo estava tenso nas correias do escudo, Hywelbane estava pendurada no quadril e a lança pesada presa na mão direita. Uma coruja branca voou baixo ao lado das nossas árvores e meus homens acharam que o pássaro era mau presságio, mas então um gato selvagem rosnou atrás de nós e Nimue disse que o aparecimento agourento da coruja tinha sido anulado. Fiz uma oração a Mitra, dedicando as próximas horas à Sua glória, depois disse aos meus homens que os francos tinham sido inimigos muito mais ferozes do que os powysianos aturdidos pela noite no vale abaixo de nós. Duvidei de que estivesse sendo totalmente verdadeiro, mas quem está na borda da batalha não precisa de verdade, e sim de confiança. Particularmente, eu tinha ordenado a Issa e outro homem para ficarem perto de Nimue, porque, se ela morresse, eu sabia que a confiança dos meus homens

desapareceria como uma névoa de verão.

A chuva golpeava por trás, deixando escorregadia a encosta coberta de capim. O céu acima do lado mais distante do vale se iluminou mais, mostrando as primeiras sombras entre as nuvens que voavam. Dentro do vale o mundo continuava cinzento e negro, numa escuridão noturna, mas já estava mais claro na borda da floresta, um contraste que me fez temer que o inimigo pudesse nos ver e que não pudéssemos vê-lo. As fogueiras continuavam acesas, porém muito mais baixas do que durante a escuridão assombrada por espíritos durante a noite. Eu não podia ver sentinelas. Estava na hora de ir.

— Movam-se devagar — ordenei aos homens. Havia imaginado uma corrida louca morro abaixo, mas mudei de ideia. O capim molhado estaria traiçoeiro, e seria melhor, decidi, se nos esgueirássemos devagar e silenciosamente pela encosta, como espíritos malignos na escuridão. Fui na frente, pisando com cuidado cada vez maior enquanto o morro ficava mais íngreme. Até mesmo as botas com pregos eram traiçoeiras no terreno molhado, por isso seguimos devagar como felinos de tocaia, e o barulho mais alto na semiescuridão era o som de nossa respiração. Usávamos as lanças como apoios. Por duas vezes homens caíram pesadamente, os escudos fazendo barulho contra bainhas de espada ou lanças, e nas duas vezes todos ficamos imóveis e esperamos uma reação. Não houve.

A última parte da encosta era a mais íngreme, mas do início daquela última descida podíamos finalmente ver todo o leito do vale. O rio corria como uma sombra escura do lado mais distante, e debaixo de nós a estrada romana passava entre um grupo de cabanas cobertas de palha onde o inimigo devia estar abrigado. Eu só conseguia ver quatro homens. Dois estavam agachados perto das fogueiras, um terceiro sentava-se sob o beiral de uma cabana enquanto o quarto andava de um lado para o outro atrás da cerca de árvores. O céu do leste ia empalidecendo na direção da claridade do alvorecer, e estava na hora de liberar meus lanceiros com caudas de lobos para a matança.

— Que os Deuses sejam sua parede de escudos — falei. — E matem bem.

Lançamo-nos pelos últimos metros daquela encosta íngreme. Alguns homens escorregaram de costas em vez de tentar ficar de pé, alguns correram de cabeça, e eu, como seu líder, corri com eles. O medo nos deu asas e nos fez gritar nosso desafio. Éramos os lobos de Benoic vindo aos morros da fronteira de Powys oferecer a morte e de repente, como sempre acontece na batalha, a empolgação tomou conta. A alegria crescente disparou dentro de nossas almas enquanto toda a contenção, todo o pensamento e a decência eram obliterados, deixando apenas o brilho feroz do combate. Saltei os últimos metros, tropecei nuns arbustos de amoreiras, chutei um balde vazio e vi o primeiro homem

espantado emergir de uma cabana próxima. Ele estava vestido com calça e gibão, segurando uma lança e piscando na madrugada chuvosa, e assim morreu quando atravessei minha lança em sua barriga. Eu estava dando o uivo de lobo, desafiando meus inimigos a vir e a ser mortos.

Minha lança ficou grudada nas entranhas do sujeito. Deixei-a lá e desembainhei Hywelbane. Outro homem pôs a cabeça para fora da cabana, querendo ver o que estava acontecendo e estoquei na direção de seus olhos, jogando-o para trás. Meus homens passaram por mim, uivando e gritando. As sentinelas estavam fugindo. Uma correu para o rio, hesitou, virou-se de novo e morreu sob dois golpes de lanças. Um dos meus homens pegou um galho da fogueira e jogou na cabana molhada. Mais galhos acesos se seguiram, até que por fim as cabanas pegaram fogo, levando seus ocupantes a sair para onde meus lanceiros esperavam. Uma mulher gritou quando um teto incendiado caiu sobre ela. Nimue tinha apanhado a espada de um inimigo morto e a enfiava no pescoço de um homem caído. Ela emitia um som estranho, agudo, que trazia um terror novo à madrugada gélida.

Cavan gritou para que os homens comessem a retirar a cerca para o lado. Deixei à mercê de meus homens os poucos inimigos que ainda restavam e fui ajudá-lo. A cerca era uma barricada feita de duas dúzias de pinheiros caídos, e cada árvore precisava de uns vinte homens para retirá-la. Fizemos uma abertura de 12 metros de largura na área onde a estrada cruzava a barricada, depois Issa gritou um alerta para mim.

Os homens que tínhamos matado não eram toda a guarda do vale, e sim a linha de piquete que vigiava a cerca, e agora a guarnição principal, acordada pelo barulho, vinha aparecendo na parte norte do vale, ainda envolta em sombras.

— Parede de escudos! — gritei. — Parede de escudos!

Formamos a linha logo ao norte das cabanas incendiadas. Dois dos meus homens tinham quebrado o tornozelo ao descer a encosta, e um terceiro fora morto nos primeiros momentos da luta, mas o resto de nós formamos a linha e juntamos as bordas dos escudos para nos certificarmos de que a parede estava firme. Eu havia recuperado minha lança, por isso embainhei Hywelbane e estendi a lança para se juntar às outras pontas de aço que se projetavam 1,5 metro acima da parede de escudos. Ordenei que meia dúzia de homens permanecesse atrás com Nimue, para o caso de algum inimigo ainda estar escondido entre as sombras, depois tivemos de esperar enquanto Cavan substituíu seu escudo, cujas tiras se haviam partido. Ele pegou um escudo powysiano e rapidamente cortou a cobertura de couro onde havia o símbolo da águia, depois ocupou seu lugar na extremidade direita da parede, o local mais vulnerável porque o homem da direita numa linha deve segurar o escudo para proteger o homem da esquerda, e assim expor a própria direita aos golpes inimigos.

— Pronto, senhor! — gritou ele para mim.

— Avante! — gritei. Era melhor avançar do que deixar que o inimigo entrasse em formação e nos atacasse.

As laterais do vale ficavam mais elevadas e mais íngremes enquanto marchávamos para o norte. A encosta à nossa direita, além do rio, era um denso emaranhado de árvores, ao passo que à nossa esquerda o morro era coberto de capim, a princípio, mas depois se transformava em mato áspero. O vale ficava mais estreito à medida que avançávamos, mas nunca o suficiente para ser chamado de garganta. Havia espaço para um bando de guerreiros manobrar no vale de Lugg, se bem que a margem pantanosa do rio ajudasse a reduzir o terreno plano e seco necessário para a batalha. As primeiras luzes nubladas estavam iluminando os morros do oeste, mas aquela luz ainda não tinha inundado as profundezas do vale, onde a chuva finalmente havia parado, mas o vento soprava frio e úmido, agitando as chamas das fogueiras de acampamento acesas na parte superior do vale. Aquelas fogueiras revelaram um povoado de cabanas em volta de uma construção romana. As sombras de homens correndo tremulavam diante das fogueiras, um cavalo relinchou, e de repente, quando a luz fantasmagórica do alvorecer chegou enfim à estrada, vi uma parede de escudos se formando.

Também podia ver que a parede de escudos tinha pelos menos cem homens, e outros vinham correndo juntar-se a eles.

— Parem! — gritei para meus homens, depois olhei para a luz ruim e achei que quase duzentos homens estariam formando a parede inimiga. A luz cinzenta brilhava em suas pontas de lança. Esta era a guarda de elite que Gorfyddyd pusera para sustentar o vale.

Certamente o vale era largo demais para meus cinquenta homens resistirem. A estrada seguia perto da encosta a oeste e deixava uma campina larga à nossa direita, onde o inimigo poderia facilmente nos flanquear, por isso ordenei que meus homens recuassem.

— Devagar para trás! — gritei. — Devagar e com firmeza! De volta à cerca!

Podíamos guardar a abertura que tínhamos feito na cerca de árvores, mas ainda assim seria apenas uma questão de instantes antes que o inimigo subisse nas outras árvores e nos rodeasse.

— Devagar para trás! — gritei de novo, depois fiquei imóvel enquanto meus homens recuavam. Esperei porque um único cavaleiro tinha vindo das fileiras do inimigo e esporeava em nossa direção.

O emissário do inimigo era um homem alto que cavalgava bem. Tinha um elmo de ferro com crista de penas de cisne, uma lança e uma espada, mas estava sem escudo. Usava peitoral e sua cela era uma pele de carneiro. Era um homem de aparência impressionante, olhos escuros e barba preta, e havia algo familiar em seu rosto, mas somente quando

ele parou acima de mim o reconheci. Era Valerin, o chefe de quem Guinevere era noiva quando conheceu Artur. Ele me olhou, depois levantou lentamente a ponta da lança até apontá-la para minha garganta.

— Eu esperava que você fosse Artur.

— Meu senhor lhe manda lembranças, lorde Valerin.

Valerin cuspiu na direção do meu escudo, que tinha o símbolo do urso de Artur.

— Dê minhas lembranças a ele também, e à prostituta com quem se casou. — Valerin fez uma pausa, levantando a ponta da lança até estar perto dos meus olhos. — Você está muito longe de casa, menino. Sua mãe sabe que está fora da cama?

— Minha mãe está preparando um caldeirão para os seus ossos, lorde Valerin. Nós precisamos de cola e ouvimos dizer que os ossos de ovelhas fazem a melhor.

Ele pareceu satisfeito por eu conhecê-lo, confundindo meu reconhecimento com fama e não percebendo que eu fora um dos guardas que tinha ido a Caer Sws com Artur tantos anos atrás. Levantou a ponta da lança afastando-a do meu rosto e olhou meus homens.

— Vocês não são muitos — falou —, mas nós somos. Gostaria de se render agora?

— Vocês são muitos, mas meus homens estão com fome de batalha, por isso vão gostar de terem uma boa porção de inimigos.

Esperava-se que um líder fosse bom nesses insultos rituais antes da batalha, e sempre gostei deles. Artur nunca foi bom nessas trocas verbais porque, mesmo nos últimos instantes antes da matança, ainda tentava fazer com que os inimigos gostassem dele.

Valerin deu meia-volta com o cavalo.

— Seu nome? — perguntou ele antes de partir.

— Lorde Derfel Cadarn — falei com orgulho e pensei ter visto, ou pelo menos esperei ter visto, um clarão de reconhecimento antes de ele bater com os calcanhares instigando o cavalo para o norte.

Se Artur não viesse, pensei, estávamos todos mortos, mas quando me juntei de novo aos meus lanceiros perto da barricada encontrei Culhwch, que cavalgava de novo com Artur, me esperando. Seu grande cavalo estava pastando ruidosamente o capim ali perto.

— Não estamos longe, Derfel — garantiu ele — e quando esses vermes atacarem você deve fugir. Entendeu? Faça com que eles os persigam. Isso vai espalhá-los, e quando nos vir chegando saia do caminho. — Ele apertou minha mão, depois me envolveu num abraço de urso. — Isso é melhor do que falar sobre paz, não é? — falou, depois voltou ao seu cavalo e montou na sela. — Sejam covardes por alguns instantes! — gritou ele aos meus homens, depois levantou uma das mãos e esporeou em direção ao sul.

Expliquei aos homens o que significavam as últimas palavras de Culhwch, depois ocupei meu lugar no centro da parede de escudos que se estendia na abertura que tínhamos feito nas árvores caídas. Nimue estava atrás de mim, ainda segurando a espada sangrenta.

— Vamos fingir que estamos em pânico quando eles fizerem o primeiro ataque — gritei para a parede de escudos. — E não tropecem quando correrem e se certifiquem de sair do caminho dos cavalos. — Ordenei que quatro dos meus homens ajudassem os dois que estavam com o tornozelo quebrado a irem para as árvores atrás da cerca, onde poderiam se esconder.

Esperamos. Olhei para trás uma vez, mas não podia ver os homens de Artur, que eu presumia estivessem escondidos onde a estrada entrava num trecho de árvores 400 metros ao sul. À minha direita, o rio corria em redemoinhos escuros e brilhantes onde dois cisnes deslizavam. Uma garça pescava na beira do rio, mas depois abriu as asas preguiçosamente e partiu para o norte, uma direção que Nimue considerou bom augúrio porque o pássaro estava levando a má sorte em direção ao inimigo.

Os lanceiros de Valerin vieram lentamente. Tinham sido acordados para a batalha e ainda estavam vagarosos. Alguns tinham a cabeça descoberta, e achei que os líderes os haviam retirado das camas de palha com tanta pressa que nem todos tiveram tempo de pegar os equipamentos. Eles não tinham druida, de modo que pelo menos estávamos livres de feitiços, se bem que, como meus homens, murmurei umas preces rápidas. As minhas foram para Mitra e Bel. Nimue estava gritando para Andraste, a Deusa da chacina, enquanto Cavan clamava aos seus Deuses irlandeses que dessem à sua lança um bom dia de matança. Vi que Valerin havia desmontado e estava liderando seus homens no centro da fileira, mas notei que um serviçal puxava o cavalo do chefe logo atrás da linha que avançava.

Um forte vento úmido soprou a fumaça das cabanas que queimavam do outro lado da estrada, meio escondendo a linha dos inimigos. Os corpos de seus camaradas mortos acordariam aqueles lanceiros que avançavam, pensei, e sem dúvida ouvi os gritos de raiva enquanto eles encontravam os cadáveres recentes, e quando um vento afastou a fumaça a linha de ataque estava vindo mais rápido e gritando insultos. Esperamos em silêncio enquanto a luz cinzenta se espalhava no chão úmido do vale.

Os lanceiros dos inimigos pararam a 50 passos de nós. Todos levavam a águia de Powys nos escudos, de modo que nenhum era de Silúria ou dos outros contingentes que se aliaram a Gorfyddyd. Presumi que aqueles lanceiros estavam entre os melhores de Powys, de modo que qualquer um que matássemos faria diferença mais tarde, e os Deuses sabiam como precisávamos disso. Até agora estávamos nos saindo melhor, e eu tinha de me lembrar que aqueles momentos fáceis se

destinavam apenas a trazer toda a força de Gorfyddyd e seus aliados contra os poucos homens leais a Artur.

Dois homens saíram correndo da linha de Valerin e jogaram lanças que passaram muito acima de nossa cabeça, enterrando-se no chão atrás. Meus homens zombaram, e alguns deliberadamente afastaram os escudos da frente do corpo, como se convidassem o inimigo a tentar de novo. Agradei a Mitra porque Valerin não tinha arqueiros. Poucos guerreiros carregavam arcos, porque nenhuma flecha é capaz de atravessar um escudo ou um peitoral de couro. O arco era uma arma de caçador, mais bem usado contra aves selvagens ou caças pequenas, mas uma massa de camponeses num *levy*, carregando arcos leves, ainda podia ser incômoda ao forçar os guerreiros a se agachar atrás das paredes de escudos.

Mais dois homens jogaram lanças. Uma arma bateu num escudo e ficou presa, a outra voou alta de novo. Valerin estava nos observando, avaliando nossa decisão, e talvez porque não jogássemos lanças de volta ele tenha pensado que já estávamos vencidos. Levantou os braços, bateu a lança no escudo e gritou para seus homens atacarem.

Eles rugiram em desafio e nós, assim como Artur tinha ordenado, rompemos fileira e corremos. Por um segundo houve confusão enquanto os homens na linha de escudos se atrapalhavam mutuamente, mas em seguida nos espalhamos e partimos pela estrada. Nimue, com o manto preto esvoaçando, corria à nossa frente, mas sempre olhando para trás para ver o que acontecia. O inimigo comemorou a vitória e correu para nos pegar enquanto Valerin, vendo a chance de montar seu cavalo em meio a uma confusão, gritou para que o servo trouxesse o animal.

Corremos desajeitadamente, atrapalhados pelas capas, pelos escudos e lanças. Eu estava cansado, e a respiração martelava no meu peito enquanto seguia meus homens para o sul. Dava para ouvir o inimigo atrás, e por duas vezes olhei por cima do ombro e vi um homem alto e ruivo rindo enquanto se esforçava para me pegar. Ele corria mais rápido do que eu, que já estava pensando que precisaria parar, me virar e enfrentá-lo, quando ouvi aquele som doce e abençoado da trompa de Artur. Ela soou duas vezes e então, saindo das árvores embaçadas pelo alvorecer à nossa frente, irrompeu a força de Artur.

Primeiro veio o próprio Artur, com suas plumas brancas, a armadura brilhante e o escudo espelhado, e com a capa branca aberta atrás como se fosse asas. Sua ponta de lança baixou-se enquanto os cinquenta homens surgiam sobre os cavalos com armaduras, os rostos envoltos em ferro e as pontas de lanças brilhando. As bandeiras do dragão e do urso voavam brilhantes e a terra tremia sob aqueles cascos portentosos que espirravam água e lama no ar enquanto os grandes cavalos ganhavam velocidade. Meus homens corriam para o lado, formando dois grupos que rapidamente se reuniram em círculos defensivos com escudos e

lanças virados para fora. Fui para a esquerda e me virei a tempo de ver os homens de Valerin tentando desesperadamente formar uma parede de escudos. O lorde, montado em seu cavalo, gritou para que eles recuassem até a barricada, mas já era tarde demais. Nossa armadilha tinha sido acionada, e os defensores do vale de Lugg estavam condenados.

Artur passou em disparada por mim, montado em Llamrei, sua égua predileta. A bainha da manta do animal e as extremidades da capa de Artur já estavam encharcadas de lama. Um homem jogou uma lança que ricocheteou no peitoral de Llamrei, depois Artur cravou sua lança no primeiro soldado inimigo, abandonou a arma e expôs Excalibur à alvorada. O resto dos cavalos passou num tumulto de água e barulho. Os homens de Valerin gritaram enquanto as feras enormes se lançavam contra suas fileiras partidas. Espadas desciam com violência deixando homens curvados e sangrentos enquanto os cavalos pressionavam, alguns fazendo com que os homens em pânico se abaixassem sob seus pesados cascos ferrados. Lanceiros desunidos não tinham defesa contra cavalos, e aqueles guerreiros de Powys não tiveram chance de formar nem mesmo a menor parede de escudos. Só podiam correr, e Valerin, vendo que não havia salvação, virou seu animal leve e galopou para o norte.

Alguns de seus homens foram atrás, mas qualquer homem a pé estava condenado a ser derrubado pelos cavalos. Outros se viraram de lado e correram para o rio ou o morro, e esses nós caçamos com grupos de lanceiros. Alguns largaram as lanças e escudos e levantaram os braços, e esses nós deixamos viver, mas qualquer homem que oferecesse resistência era rodeado como um javali preso num mato sem saída e morto a golpes de lança. O cavalo de Artur tinha desaparecido no vale, deixando atrás uma horrenda trilha de homens com cabeças cortadas até o cérebro pelos golpes da espada. Outros inimigos estavam mancando e caindo, e Nimue, vendo sua destruição, gritou em triunfo.

Fizemos quase cinquenta prisioneiros. Pelo menos um número equivalente era de mortos ou agonizantes. Alguns escaparam subindo o morro pelo qual tínhamos vindo ao alvorecer, outros tinham se afogado tentando atravessar o Lugg, mas o resto estava sangrando, cambaleando, vomitando e sentindo a derrota. Os homens de Sagamor, cento e cinquenta lanceiros de primeira, surgiram marchando enquanto terminávamos de cercar os últimos sobreviventes de Valerin.

— Não podemos poupar homens para guardar prisioneiros — disse Sagamor, cumprimentando-me.

— Eu sei.

— Então mate-os — ordenou ele e Nimue ecoou sua aprovação.

— Não — insisti. Sagamor era o meu comandante pelo resto daquele dia, e eu não estava gostando de discordar dele, mas Artur

queria trazer a paz aos britânicos, e matar prisioneiros desamparados não era um modo de ligar Powys à paz que ele desejava. Além disso, os meus homens tinham feito os prisioneiros, de modo que seu destino era minha responsabilidade e, em vez de matá-los, ordenei que fossem despedidos e depois levados um a um até onde Cavan esperava com um pedregulho como martelo e uma grande pedra como bigorna. Colocamos a mão da lança de cada um dos homens sobre a pedra e depois esmagamos os dois dedos menores com o pedregulho. Um homem com dois dedos despedaçados viveria e talvez até mesmo pudesse segurar uma lança de novo, mas não nesse dia. Nem por muitos outros dias. Depois nós os mandamos para o sul, nus e sangrando, e dissemos que se vissemos seus rostos de novo antes do anoitecer eles morreriam. Sagramor zombou de mim por demonstrar tamanha indulgência, mas não contradisse as ordens. Meus homens pegaram as melhores roupas e as botas dos inimigos, revistaram as roupas descartadas em busca de moedas e depois jogaram as vestimentas nas cabanas que ainda queimavam. Empilhamos junto à estrada as armas capturadas.

Depois marchamos para o norte e ficamos sabendo que Artur terminara sua perseguição junto ao vau, retornando ao povoado que ficava perto da construção romana de tamanho razoável, que, segundo ele, tinha sido uma hospedaria para viajantes que seguiam para os morros do norte. Uma multidão de mulheres se encolhia sob guarda ao lado da construção, agarrando os filhos e os escassos pertences.

— O seu inimigo era Valerin — revelei a Artur.

Ele demorou alguns segundos para situar o nome, depois sorriu. Tinha retirado o elmo e desmontado para nos cumprimentar.

— Pobre Valerin, duas vezes perdedor — disse ele, depois me abraçou e agradeceu aos meus homens. — A noite estava tão escura que duvidei que fosse encontrar o vale.

— Eu não encontrei. Foi Nimue.

— Então lhe devo um agradecimento — disse Artur a Nimue.

— Agradeça-me por trazer a vitória neste dia.

— Com a ajuda dos Deuses, sim. — Ele se virou e olhou para Galahad que havia cavalgado junto no ataque. — Vá para o sul, senhor príncipe, e dê minhas saudações a Tewdric e peça que os lanceiros dele venham para o nosso lado. Que Deus dê eloquência à sua língua.

Galahad esporeou o cavalo e voltou pelo vale coberto de sangue.

Artur se virou e olhou para uma pequena colina, 1,5 quilômetro ao norte do vau. Ali existia uma velha fortaleza de terra, legado do Povo Antigo, mas parecia deserta.

— A coisa ficaria ruim para nós se alguém visse onde nos escondemos — disse ele com um sorriso. Artur queria encontrar seu esconderijo e deixar as armaduras pesadas dos cavalos lá, antes de partir

em direção ao norte para provocar os homens de Gorfyddyd a saírem dos acampamentos em Branogenium.

— Nimue fará um feitiço para escondê-lo — falei.

— Você faria isso, senhora? — perguntou ele, sério.

Ela foi procurar um crânio. Artur me abraçou de novo, em seguida chamou seu serviçal Hygwydd para ajudá-lo a tirar a pesada cota de escamas. Ela saiu por cima de sua cabeça, deixando desgrehado o cabelo curto.

— Você poderia usá-la? — perguntou.

— Eu? — Eu estava pasmo.

— Quando o inimigo atacar eles esperarão me encontrar aqui, e se não estiver eles suspeitarão de uma armadilha. — Artur sorriu. — Eu pediria a Sagramor, mas acho que o rosto dele é mais evidente do que o seu, lorde Derfel. Mas terá de cortar um pouco desse cabelo comprido. — Meu cabelo aparecendo por baixo da borda do elmo seria sinal claro de que eu não era Artur. — E talvez aparar a barba um pouco.

Peguei a armadura com Hygwydd e fiquei chocado com o peso.

— Sinto-me honrado — falei.

— É pesada — alertou ele. — Você vai sentir calor e não vai poder enxergar dos lados quando estiver usando o elmo, por isso vai precisar de dois homens bons para flanqueá-lo. — Ele sentiu minha hesitação. — Devo pedir a outro?

— Não, senhor. Eu uso a armadura.

— Vai significar perigo.

— Eu não estava esperando um dia em segurança, senhor.

— Vou lhe deixar as bandeiras. Quando Gorfyddyd vier, ele deve estar convencido de que todos os inimigos estão juntos. Será uma luta dura, Derfel.

— Galahad trará ajuda — garanti.

Ele pegou meu peitoral e meu escudo, deu-me seu escudo brilhante e a capa branca, depois se virou e segurou o bridão de Llamrei.

— Essa foi a parte fácil do dia — falou depois de ser ajudado a subir na sela. Em seguida, chamou Sagramor e falou conosco: — O inimigo estará aqui ao meio-dia. Façam o possível para se preparar, depois lutem como nunca. Se eu os vir de novo seremos vitoriosos. Se não, agradeço-lhes, saúdo-os, e esperarei para festejar com vocês no Outro Mundo. — Ele gritou chamando seus homens para montarem, em seguida foram para o norte.

E esperamos o início da verdadeira batalha.

A ARMADURA DE ESCAMAS ERA ESPANTOSAMENTE pesada, forçando meus ombros para baixo como as varas com baldes de água que as mulheres levam para casa todas as manhãs. Era difícil até mesmo levantar o braço da espada, porém ficou mais fácil quando apertei com força o cinto da espada em volta das escamas de ferro, retirando dos ombros o peso da parte de baixo da cota.

Depois de terminar seu feitiço de disfarce, Nimue cortou meu cabelo com uma faca. Queimou todo o cabelo cortado para que nenhum inimigo encontrasse os restos e fizesse um encantamento, depois usei o escudo de Artur como espelho para cortar a barba o suficiente para escondê-la atrás das peças laterais do elmo. Depois coloquei o elmo, forçando o forro de couro almofadado sobre o crânio e empurrando-o para baixo, até que envolvesse minha cabeça como uma concha. Minha voz parecia abafada apesar das perfurações sobre os ouvidos no metal brilhante. Experimentei o escudo pesado, deixei Nimue prender a capa suja de lama nos meus ombros, depois tentei me acostumar ao peso desajeitado da armadura. Issa me fez lutar usando um cabo de lança como se fosse um bastão, e descobriu que eu estava muito mais lento do que o usual.

— O medo vai deixá-lo mais rápido, senhor — disse Issa quando rompeu minha guarda pela décima vez e me deu um golpe ecoante na cabeça.

— Não derrube as plumas — falei. Secretamente estava desejando nunca ter aceitado a armadura pesada. Era equipamento de cavaleiro, destinado a acrescentar peso e espanto num homem montado que tinha de abrir caminho entre as fileiras dos inimigos, mas nós, lanceiros, dependíamos da agilidade e da rapidez quando não estávamos grudados ombro a ombro numa parede de escudos.

— Mas o senhor está maravilhoso — disse Issa, admirado.

— Serei um cadáver maravilhoso se você não guardar meu flanco. É como lutar dentro de um balde. — Tirei o capacete, aliviado quando o crânio se livrou da pressão. — Quando vi essa armadura pela primeira vez — falei a Issa —, eu a quis mais do que qualquer coisa no mundo. Agora a trocaria por um peitoral de couro decente.

— O senhor vai ficar bem — disse ele com um riso.

Tínhamos trabalho a fazer. As mulheres e crianças abandonadas pelos homens derrotados de Valerin tinham de ser mandadas para o sul, para longe do vale, depois preparamos as defesas perto dos restos da cerca de árvores. Sagamor temia que o peso avassalador do inimigo nos

retirasse do vale antes que os cavaleiros de Artur chegassem para nos resgatar, por isso preparou o terreno da melhor maneira possível. Meus homens queriam dormir, mas em vez disso cavamos um fosso raso atravessando o vale. O fosso nem de longe era suficientemente fundo para impedir a passagem de um homem, mas forçaria os lanceiros a interromper o passo e talvez tropeçar enquanto se aproximavam de nossa linha de lanças. A barricada de árvores estava logo atrás do fosso, marcava o limite até onde recuaríamos e o lugar que deveríamos defender até a morte. Sagramor escorou as árvores caídas com algumas das lanças abandonadas de Valerin, que ele ordenou que fossem cravadas no chão para fazer uma cerca de pontas se projetando entre os galhos dos pinheiros. Deixamos a abertura por onde a estrada passava no centro da cerca, para que pudéssemos recuar para trás da frágil barreira antes de defendê-la.

Minha preocupação era o morro íngreme e aberto por onde meus homens tinham atacado ao alvorecer. Os guerreiros de Gorfyddyd sem dúvida atacariam direto pelo vale, mas seus *levies* provavelmente seriam mandados ao terreno alto para ameaçar nosso flanco esquerdo, e Sagramor não podia destacar nenhum homem para sustentar aquele terreno elevado, mas Nimue insistiu que não havia necessidade. Ela pegou dez lanças capturadas e, com a ajuda de meia dúzia de meus homens, cortou a cabeça de dez dos lanceiros mortos de Valerin e levou as lanças e as cabeças sangrentas morro acima, onde mandou que os cabos das lanças fossem cravados no chão. Depois enfiou as cabeças sangrentas nas pontas das lanças e as enfeitou com medonhas perucas de grama amarrada, cada nó sendo um feitiço, antes de espalhar galhos de teixo entre os postes espaçados. Tinha feito uma cerca fantasma: uma linha de espantalhos humanos imbuídos de encantos e feitiços que nenhum homem ousaria ultrapassar sem a ajuda de um druida. Sagramor queria que ela fizesse outra cerca assim no terreno a norte do vau, mas Nimue recusou.

— Os guerreiros deles virão com druidas — explicou — e uma cerca fantasma é risível para um druida. Mas o *levy* não terá druida. — Ela colhera uma braçada de verbenas no morro e agora distribuía suas pequenas flores púrpuras entre os lanceiros, que sabiam que a verbena dava proteção na batalha. Enfiou um ramo inteiro dentro da minha armadura.

Os cristãos se juntaram em suas preces enquanto nós, pagãos, buscávamos a ajuda dos Deuses. Alguns homens jogaram moedas no rio, depois trouxeram seus talismãs para Nimue tocar. A maioria carregava um pé de lebre, mas alguns trouxeram suas setas de elfos ou pedras-de-serpente. As setas de elfos eram minúsculas pontas de flechas feitas de sílex, lançadas pelos espíritos e muito valorizadas pelos soldados, ao passo que as pedras-de-serpentes tinham cores brilhantes que Nimue

enriquecia mergulhando-as no rio antes de tocá-las com seu olho bom. Apertei a armadura de escamas até sentir o broche de Ceinwyn picando o peito, depois me ajoelhei e beijei a terra. Mantive a testa no chão molhado enquanto pedia que Mitra me desse força, coragem e, se fosse Sua vontade, uma boa morte. Alguns homens bebiam o hidromel que tínhamos descoberto no povoado, mas tomei apenas água. Comemos a comida que os homens de Valerin pensavam que seria seu desjejum, e depois um grupo de lanceiros ajudou Nimue a pegar sapos e víboras, os quais ela matou e pôs na estrada do outro lado do vau, para dar maus presságios aos inimigos que se aproximassem. Depois, afiamos as armas de novo e esperamos. Sagramor tinha encontrado um homem escondido na floresta atrás do povoado. O sujeito era um pastor e Sagramor o interrogou sobre a região em volta, e ficou sabendo que havia um segundo vau rio acima, por onde o inimigo poderia nos flanquear se tentássemos defender a margem do rio na extremidade norte do vale. A existência do segundo vau não nos perturbou por enquanto, mas precisávamos nos lembrar de sua existência, porque dava ao inimigo um modo de flanquear nossa linha de defesa que ficava mais ao norte.

Eu estava nervoso com a luta iminente, mas Nimue não parecia ter medo.

— Não tenho o que temer — disse-me ela. — Sofri as Três Feridas, o que pode me machucar? — Ela estava sentada ao meu lado, perto do vau na extremidade norte do vale. Esta seria a nossa primeira linha de defesa, o lugar onde começaríamos a lenta retirada que atrairia o inimigo para dentro do vale e para a armadilha de Artur. — Além disso — acrescentou —, estou sob a proteção de Merlin.

— Ele sabe que estamos aqui?

Ela fez uma pausa, depois assentiu.

— Sabe.

— Ele virá?

Ela franziu a testa, como se minha pergunta fosse uma idiotice.

— Ele fará o que precisar fazer.

— Então ele virá — falei, numa esperança fervorosa.

Nimue balançou a cabeça, impaciente.

— Merlin só se importa com a Britânia. Ele acredita que Artur pode ajudar a restaurar o Conhecimento da Britânia, mas, se decidir que Gorfyddyd faria isso melhor, acredite, Derfel, Merlin ficaria do lado de Gorfyddyd.

Merlin tinha dado a entender isso em Caer Sws, mas eu ainda achava difícil acreditar que suas ambições estivessem tão distantes das minhas alianças e esperanças.

— E você?

— Só tenho um fardo que me liga a este exército — disse ela — e

depois disso estarei livre para ajudar Merlin.

— Gundleus — falei.

Ela confirmou com a cabeça.

— Dê-me Gundleus vivo, Derfel — disse Nimue, olhando nos meus olhos. — Dê-me Gundleus vivo, eu imploro. — Ela tocou o tapa-olho de couro e ficou quieta enquanto invocava energias para a vingança ansiada. Seu rosto ainda tinha uma palidez de osso, e o cabelo preto pendia frouxo sobre as bochechas. A suavidade que revelara no Lughnasa fora substituída por uma aridez gélida que me fez pensar que nunca iria entendê-la. Eu a amava, não como achava que amava Ceinwyn, mas como um homem pode amar uma bela criatura selvagem, uma águia ou um gato do mato, porque sabia que nunca compreenderia sua vida ou seus sonhos. Ela fez uma careta de repente. — Eu devo fazer a alma de Gundleus gritar pelo resto dos tempos — falou em voz baixa —, devo mandá-la pelo abismo do nada, mas ele jamais chegará ao nada, Derfel, estará sempre sofrendo na borda, gritando.

Estremeci por Gundleus.

Um grito me fez olhar para o outro lado do rio. Seis cavaleiros vinham galopando em nossa direção. Nossa parede de escudos se levantou e todos passaram os braços pelas correias, mas depois vi que o homem da frente era Morfans. Ele cavalgava desesperadamente, esporeando o cavalo suado e exausto, e temi que aqueles seis homens fossem tudo que restava da tropa de Artur.

Os cavalos espirraram a água do vau enquanto Sagramor e eu nos adiantávamos. Morfans puxou as rédeas na margem do rio.

— A 3 quilômetros! — disse ele, ofegando. — Artur nos mandou para ajudá-los. Deuses, há centenas dos desgraçados! — Ele enxugou o suor da testa, depois riu. — Há pilhagem suficiente para mil dos nossos! — Em seguida desmontou pesadamente e vi que ele estava com a trompa de prata e achei que iria usá-la para chamar Artur quando fosse a hora certa.

— Onde está Artur? — perguntou Sagramor.

— Escondido em segurança — garantiu Morfans, depois olhou para a minha armadura e seu rosto feio se partiu num riso torto. — É um tremendo peso essa armadura, não é?

— Como ele consegue lutar dentro dela? — perguntei.

— Muito bem, Derfel, muito bem. E você também lutará. — Ele deu um tapa no meu ombro. — Alguma notícia de Galahad?

— Não.

— Agrícola não nos deixará lutar sozinhos, independentemente do que desejem aquele rei cristão e seu filho sem coragem — disse Morfans, que depois levou seus cinco cavaleiros através da parede de escudos. — Dê-nos alguns minutos para descansar os cavalos.

Sagramor puxou o elmo sobre a cabeça. O núbida usava uma cota

de malha, uma capa preta e botas de cano alto. Seu capacete de ferro era pintado de preto, com piche, e subia numa ponta que lhe dava uma aparência exótica. Geralmente ele lutava a cavalo, mas não mostrava arrependimento por ser um homem de infantaria hoje. Nem mostrava qualquer nervosismo enquanto andava com as pernas compridas de um lado para o outro em frente à nossa parede de escudos, dando coragem aos seus homens.

Coloquei o capacete sufocante de Artur e preendi a correia sob o queixo. Depois, vestido como o meu senhor, também caminhei pela fileira de lanças e avisei aos meus homens de que a luta seria difícil, mas que a vitória era certa desde que nossa parede de escudos resistisse. Era uma parede perigosamente fina, em alguns lugares com a profundidade de apenas três homens, mas todos eram homens bons. Um deles saiu da fileira enquanto eu me aproximava do lugar onde os homens de Sagamor faziam limite com os meus.

— Lembra-se de mim, senhor? — gritou ele.

Por um momento pensei que o sujeito havia me confundido com Artur, e puxei as peças laterais do capacete para que ele pudesse ver meu rosto, então finalmente o reconheci. Era Griffid, o capitão de Owain, o homem que tinha tentado me matar em Lindinis antes que Nimue interviesse para salvar minha vida.

— Griffid Ap Annan — cumprimentei.

— Houve sangue ruim entre nós, senhor — disse ele e em seguida se ajoelhou. — Perdoe-me.

Eu o puxei de pé e abracei. Sua barba tinha ficado grisalha, mas ele era o mesmo homem de ossos compridos e rosto triste de quem eu me lembrava.

— Minha alma está sob sua guarda — falei —, e fico feliz em colocá-la assim.

— E a minha sob a sua, senhor.

— Minac! — reconheci outro de meus antigos camaradas. — Estou perdoado?

— Havia alguma coisa a perdoar, senhor? — perguntou ele, constrangido com a pergunta.

— Nada houve a perdoar — garanti. — Nenhum juramento foi rompido, juro.

Minac se adiantou e me abraçou. Por toda a parede de escudos outras pendências estavam sendo resolvidas.

— Como você tem andado? — perguntei a Griffid.

— Lutando muito, senhor. Principalmente contra os saxões de Cerdic. Hoje será fácil comparado com aqueles desgraçados, a não ser por uma coisa. — Ele hesitou.

— O quê?

— Ela vai devolver nossas almas, senhor? — perguntou Griffid,

olhando para Nimue. Estava se lembrando da praga terrível que ela havia lançado sobre ele e seus homens.

— Claro que sim — falei e chamei Nimue, que tocou a testa de Griffid e de todos os outros sobreviventes que haviam ameaçado minha vida naquele dia distante em Lindinis. Assim, sua maldição foi retirada e eles lhe agradeceram beijando sua mão. Abracei Griffid de novo, depois levantei a voz para que todos os meus homens pudessem ouvir. — Hoje daremos aos bardos canções suficientes para mil anos! E hoje nos tornamos homens ricos de novo!

Eles comemoraram. A emoção naquela linha de escudos era tão rica que alguns homens choraram de felicidade. Agora sei que não existe alegria como a de servir a Jesus Cristo, mas como sinto falta da companhia de guerreiros! Naquela manhã não havia barreiras entre nós, nada além de um amor grandioso e crescente entre cada um enquanto esperávamos o inimigo. Éramos irmãos, éramos invencíveis, e até o lacônico Sagramor estava com lágrimas nos olhos. Um lanceiro começou a cantar a “Canção Guerreira de Beli Mawr”, a grande canção de batalha da Britânia, e as fortes vozes masculinas cresceram numa harmonia nítida por toda a fileira. Outros homens dançavam em volta de suas espadas, cabriolando desajeitadamente nas armaduras de couro enquanto faziam passos intrincados de cada lado da lâmina. Nossos cristãos estavam com os braços abertos enquanto cantavam, quase como se a canção fosse uma reza pagã ao seu Deus, e outros batiam com as lanças contra os escudos no ritmo da música.

Ainda estávamos cantando sobre o jorro do sangue inimigo em nossa terra quando o inimigo apareceu. Continuamos cantando desafiadoramente enquanto bando após bando de lanceiros surgia e se espalhava nos campos distantes, sob bandeiras reais que brilhavam no dia nublado. E continuávamos cantando, uma grande torrente de canção para desafiar o exército de Gorfyddyd, o exército do pai da mulher que eu estava convencido de amar. Era por isso que eu lutava, não somente por Artur, mas porque apenas com a vitória poderia voltar a Caer Sws e rever Ceinwyn. Não podia reivindicá-la nem tinha esperanças, porque era filho de escrava e ela uma princesa, mas de algum modo senti naquele dia que tinha a perder mais do que jamais possuía na vida.

Demorou mais de uma hora para aquela horda pesada formar uma linha de batalha na outra margem do rio. O rio só podia ser atravessado no vau, o que significava que teríamos tempo de recuar quando chegasse a hora, mas por enquanto o inimigo devia ter presumido que planejavamos defender o vau durante o dia inteiro, porque reuniu seus melhores homens no centro da linha. O próprio Gorfyddyd estava lá, com sua bandeira da águia manchada pela tinta que havia escorrido na chuva, parecendo que já fora mergulhada em nosso sangue. As bandeiras de Artur, a do urso preto e a do dragão vermelho, voavam no

centro da nossa fileira, onde eu estava diante do vau. Ao meu lado, Sagramor contava as bandeiras inimigas. A raposa de Gundleus se encontrava lá, e o cavalo vermelho de Elmet, e várias outras que não reconhecemos.

— Seiscentos homens? — supôs Sagramor.

— E mais continuam vindo — acrescentei.

— Sem dúvida. — Ele cuspiu na direção do vau. — E todos devem ter visto que o touro de Tewdric está faltando. — Ele deu um de seus raros sorrisos. — Será uma luta digna de se lembrar, lorde Derfel.

— Fico feliz em compartilhá-la com você, lorde — falei fervoroso e estava mesmo. Não havia maior guerreiro do que Sagramor. Nem mesmo a presença de Artur provocava pavor equivalente ao rosto impassível e à espada feroz do númida. Era uma espada curva, de estranha manufatura estrangeira, e Sagramor a brandia com rapidez terrível. Uma vez perguntei por que ele havia jurado lealdade a Artur.

— Porque quando eu não tinha nada Artur me deu tudo — explicou, lacônico.

Por fim, nossos lanceiros tinham parado de cantar enquanto dois druidas avançavam do exército de Gorfyddyd. Tínhamos apenas Nimue para contrabalançar seus feitiços, e agora ela atravessou o vau para encontrar os dois homens que avançavam pulando pela estrada com um braço erguido e um dos olhos fechados. Os druidas eram Iorweth, o feiticeiro de Gorfyddyd, e Tanaburs, com seu longo manto bordado de luas e lebres. Os dois trocaram beijos com Nimue, falaram com ela rapidamente e em seguida ela voltou para o nosso lado do vau.

— Eles queriam que nos rendêssemos — falou cheia de desprezo —, e eu os convidei a fazer o mesmo.

— Bom — rosnou Sagramor.

Iorweth foi pulando desajeitado até o outro lado do vau.

— Os Deuses cumprimentam vocês! — gritou para nós, mas ninguém respondeu. Eu tinha fechado as laterais do elmo para não ser reconhecido. Tanaburs pulava rio acima, usando seu cajado para manter o equilíbrio. Iorweth levantou seu cajado horizontalmente acima da cabeça para mostrar que queria falar mais.

— Meu rei, o rei de Powys e Grande Rei da Britânia, o rei Gorfyddyd Ap Cadell Ap Brychan Ap Laganis Ap Coel Ap Beli Mawr, poupará às suas almas ousadas uma viagem para o Outro Mundo. Vocês só precisam, bravos guerreiros, nos entregar Artur! — Ele apontou o cajado para mim, e Nimue imediatamente sibilou uma oração protetora e jogou dois punhados de terra no ar.

Fiquei quieto e o silêncio foi minha recusa. Iorweth girou o cajado e cuspiu três vezes em nossa direção, depois começou a pular pela margem do rio para acrescentar suas pragas aos feitiços de Tanaburs. O rei Gorfyddyd, acompanhado do filho Cuneglas e do aliado Gundleus,

tinha cavalgado até a metade do rio para olhar os druidas trabalhando, e eles trabalharam mesmo. Deram nosso sangue aos vermes, nossa carne aos animais e nossos ossos à agonia. Rogaram pragas contra nossas mulheres, nossos filhos, nossos campos e nossos animais. Nimue contrapôs os feitiços, mas mesmo assim nossos homens estremeceram. Os cristãos gritaram dizendo que nada tinham a temer, mas até faziam o sinal da cruz enquanto as pragas voavam por sobre o rio em asas de escuridão.

Os druidas praguejaram durante uma hora inteira e nos deixaram trêmulos. Nimue caminhou pela fileira de escudos tocando pontas de lanças e garantindo aos homens que as pragas não tinham funcionado, mas nossos homens estavam nervosos com a fúria dos Deuses enquanto a fileira de lanças do inimigo finalmente avançava.

— Levantar escudos! — gritou Sagramor asperamente. — Levantar lanças!

O inimigo parou a 50 passos do rio enquanto um homem sozinho avançava a pé. Era Valerin, o chefe que tínhamos expulsado do vale ao alvorecer, e que agora avançava para a borda norte do vau com escudo e lança. Ele havia sofrido a derrota de manhã, e seu orgulho o forçava a este momento em que poderia recuperar a reputação.

— Artur! — gritou para mim. — Você se casou com uma prostituta!

— Fique quieto, Derfel — alertou Sagramor.

— Uma prostituta! — gritou Valerin. — Ela já tinha sido usada quando veio a mim. Quer a lista dos amantes dela? Uma hora, Artur, não seria suficiente para esta lista! E com quem ela está se prostituindo agora enquanto você espera para morrer? Acha que ela o está esperando? Conheço aquela prostituta! Ela está embolando as pernas com um homem ou dois! — Ele abriu os braços e sacudiu os quadris obscenamente e meus lanceiros zombaram de volta, mas Valerin ignorou os insultos gritados. — Uma prostituta, uma prostituta rançosa e usada! Você lutaria por sua prostituta, Artur? Ou perdeu a coragem de lutar? Defenda sua prostituta, seu verme! — Ele passou pelo vau que chegava à altura das coxas e parou na nossa margem, com o manto pingando, a apenas uma dúzia de passos de mim. Olhou para a sombra escura do buraco do olho de meu elmo. — Uma prostituta, Artur — repetiu. — Sua mulher é uma prostituta. — Ele cuspiu. Estava com a cabeça despida e tinha amarrado ramos de visgo nos cabelos compridos e pretos, para proteção. Usava um peitoral, mas nenhuma outra armadura, e seu escudo estava pintado com a águia de asas abertas, de Gorfyddyd. Ele riu de mim, depois ergueu a voz para gritar a todos os nossos homens: — Seu líder não quer lutar por sua prostituta, então por que vocês devem lutar por ele?

Sagramor rosnou para que eu ignorasse as provocações, mas o desafio de Valerin era perturbador para nossos homens, cujas almas já

tinham sido enregeladas pelas pragas dos druidas. Esperei até que Valerin chamasse Guinevere de prostituta mais uma vez, e quando ele o fez, arremessei minha lança. Foi um lançamento desajeitado, por causa da restrição da cota de escamas, e a lança passou por ele, caindo no rio.

— Uma prostituta — gritou ele, e correu para mim com a lança de guerra apontada enquanto eu sacava Hywelbane da bainha. Fui na direção dele e tive tempo de dar apenas dois passos antes que ele projetasse a lança contra mim, com um enorme grito de fúria.

Abaixei-me sobre um joelho e levantei o escudo polido em ângulo, para que a ponta da lança se desviasse da minha cabeça. Eu podia ver os pés de Valerin e ouvir seu rugido de fúria enquanto estocava com Hywelbane, por baixo da borda do meu escudo. Fiz um movimento para cima com a lâmina, sentindo-a acertar antes que o corpo dele batesse em meu escudo e me derrubasse. Agora ele estava gritando, em vez de rugir, porque o movimento de espada por baixo do escudo era um golpe maligno que vinha do chão para rasgar as entranhas, e eu soube que Hywelbane tinha penetrado fundo em Valerin, porque pude sentir o peso de seu corpo empurrando a lâmina para baixo enquanto ele desmoronava sobre o escudo. Tive de usar toda a força para jogá-lo fora do escudo e grunhi enquanto puxava a espada, arrancando-a da carne. O sangue jorrou fétido ao lado de sua lança que tinha caído no chão, onde ele agora estava sangrando e se retorcendo numa dor medonha. Mesmo assim, tentou desembainhar a espada enquanto eu me levantava e punha a bota em seu peito. Seu rosto estava ficando amarelo, ele estremeceu e seus olhos já estavam se nublando com a morte.

— Guinevere é uma dama — falei —, e sua alma é minha, se você negar.

— Ela é uma prostituta — ele conseguiu dizer por entre os dentes trincados, depois engasgou e balançou a cabeça debilmente. — O touro me guarda — conseguiu acrescentar, e eu soube que ele era de Mitra, por isso enfiei Hywelbane de novo com força. A lâmina encontrou a resistência de sua garganta e depois cortou rapidamente para terminar com a vida. O sangue subiu como uma fonte junto da lâmina, e não creio que Valerin tenha sabido que não foi Artur quem mandou sua alma para a ponte de espadas na caverna de Cruachan.

Nossos homens comemoraram aos gritos. Seu ânimo, tão erodido pelos druidas e resfriado pelos insultos imundos de Valerin, foi instantaneamente restaurado porque tínhamos derramado o primeiro sangue. Fui até a beira do rio, onde dancei os passos da vitória enquanto mostrava a lâmina sangrenta de Hywelbane ao inimigo desanimado. Gorfyddyd, Cuneglas e Gundleus, quando viram seu campeão derrotado, viraram os cavalos, e meus homens os provocaram, chamando-os de covardes e fracos.

Sagramor assentiu enquanto eu voltava à parede de escudos. O

movimento de cabeça foi evidentemente seu modo de elogiar uma boa luta.

— O que quer que seja feito com ele? — perguntou com um gesto para o corpo de Valerin.

Mandei Issa tirar as joias do cadáver, depois dois outros homens o levaram até o rio, e rezei para que os espíritos das águas levassem meu irmão em Mitra para a sua recompensa. Issa me trouxe as armas de Valerin, seu torque de ouro, dois broches e um anel.

— São seus, senhor — disse ele, me oferecendo o butim. Ele também havia recuperado minha lança no rio.

Peguei a lança e as armas de Valerin, porém nada mais.

— O ouro é seu, Issa — falei, lembrando-me de como ele tentara me dar seu torque quando voltara de Ynys Trebes.

— Não isto, senhor — disse ele, e me mostrou o anel de Valerin. Era uma pesada peça de ouro, lindamente feita e gravada com a figura de um cervo correndo sob uma lua crescente. Era o distintivo de Guinevere, e na parte de trás do anel, gravado rusticamente mas fundo no ouro grosso, havia uma cruz. Era um anel de amante, e Issa, pensei, fora inteligente em perceber.

Peguei o anel e pensei em Valerin usando-o durante todos esses anos difíceis. Ou talvez, ousei esperar, ele tenha tentado vingar sua dor atacando a reputação dela e gravando uma cruz falsa no anel, para que os homens pensassem que ele fora seu amante.

— Artur nunca deve saber — alertei Issa, e em seguida joguei o anel na água.

— O que era aquilo? — perguntou Sagramor quando me juntei a ele.

— Nada. Nada. Só um feitiço que poderia trazer má sorte.

Então uma trombeta de chifre de carneiro soou do outro lado do rio e fui poupado de ter de pensar na mensagem do anel.

O inimigo vinha.

OS BARDOS AINDA CANTAM AQUELA batalha, mas só os Deuses sabem como eles inventam os detalhes com que enfeitam a história, porque ouvindo as canções você pensaria que nenhum de nós poderia ter sobrevivido ao vale de Lugg, e talvez nenhum devesse ter sobrevivido. Foi desesperada. Também foi — se bem que os bardos não admitam — uma derrota para Artur.

O primeiro ataque de Gorfyddyd foi um jorro de lanceiros que partiram para o vau uivando feito loucos. Sagramor ordenou que nos adiantássemos, e nós os encontramos no rio onde o entrechocar-se dos escudos foi como um trovão explodindo na boca do vale. O inimigo tinha a vantagem numérica, mas seu ataque era canalizado pelas margens do vau, e podíamos nos dar ao luxo de trazer homens dos flancos para engrossar o centro.

Nós, na fileira da frente, tivemos tempo de investir uma vez, depois nos agachamos atrás dos escudos e simplesmente espetávamos as linhas do inimigo enquanto a segunda fileira lutava por cima de nossa cabeça. O som agudo das lâminas de espadas, o estalar dos escudos e os choques das lanças formava um ruído ensurdecedor, mas um número notavelmente pequeno de homens morreu, porque é difícil matar em meio ao esmagamento enquanto duas paredes de escudos entrelaçadas se esfregam mutuamente. Em vez disso, a coisa se transforma numa disputa de empurra-empurra. O inimigo agarra a cabeça de sua lança, de modo que você não consegue puxá-la de volta, praticamente não há espaço para desembainhar uma espada, e durante todo o tempo a segunda fileira do inimigo está fazendo chover golpes de espada, machado e lança sobre elmos e bordas de escudos. Os piores ferimentos são causados por homens enfiando espadas por baixo de escudos e, gradualmente, uma barreira de mutilados cresce na frente, tornando a matança ainda mais difícil. Somente quando um lado recua o outro pode matar os inimigos mutilados, caídos na linha de maré da batalha. Prevalecemos naquele primeiro ataque, não tanto pelo valor, mas porque Morfans atravessou com seus seis cavaleiros a confusão de nossos homens e aproveitou as grandes lanças usadas com os cavalos para acertar por cima a linha de frente formada por inimigos agachados.

— Escudos! Escudos! — Ouvi Morfans gritar enquanto o vasto peso dos seis cavalos fazia nossa linha de escudos se curvar à frente. Nossos homens de retaguarda levantaram os escudos bem alto para proteger os grandes cavalos de guerra da chuva de lanças inimigas enquanto nós, na frente, nos agachávamos no rio e tentávamos acabar com os homens que

recuavam dos golpes dos cavaleiros. Abriguei-me atrás do escudo polido de Artur e golpeava com Hywelbane sempre que surgia uma fenda na linha inimiga. Levei dois golpes violentos na cabeça, mas o elmo os absorveu, ainda que meu crânio ressoasse durante uma hora depois. Uma lança acertou minha cota de escamas, mas não pôde atravessá-la. O homem que deu aquele golpe foi morto por Morfans, e após sua morte o inimigo perdeu o ânimo e voltou chapinhando para a margem norte do rio. Eles pegaram seus feridos, menos um punhado que estava perto demais de nossa linha, e esse punhado nós matamos antes de recuar para nossa margem. Tínhamos perdido seis homens para o Outro Mundo, e o dobro desse número era de feridos.

— Você não deveria estar na linha de frente — disse Sagamor enquanto olhava nossos feridos sendo levados para longe. — Eles verão que você não é Artur.

— Eles estão vendo que Artur luta, ao contrário de Gorfyddyd ou Gundleus. — Os reis inimigos estiveram perto da luta, mas nunca o suficiente para usar suas armas.

Iorweth e Tanaburs gritavam com os homens de Gorfyddyd, encorajando-as à matança e prometendo as recompensas dos Deuses, mas, enquanto Gorfyddyd reorganizava seus lanceiros, um grupo de homens sem senhores vadeou o rio para atacar por conta própria. Esses guerreiros contavam com uma demonstração de coragem para conseguir riquezas e posto, e aqueles trinta desesperados atacaram numa fúria cheia de gritos assim que passaram a parte mais funda do rio. Estavam bêbados ou loucos pela batalha, porque apenas trinta atacaram toda a nossa força. A recompensa pelo sucesso teria sido terra, ouro, perdão de seus crimes e posição de lorde na corte de Gorfyddyd, mas trinta homens não bastavam. Eles nos machucaram, mas morreram. Eram todos bons lanceiros com as mãos cheias de anéis de guerreiros, mas agora cada um enfrentava três ou quatro inimigos. Todo um grupo veio correndo para mim, vendo minha armadura e as plumas brancas como a rota mais rápida para a glória, porém Sagamor e meus lanceiros com caudas de lobos os enfrentaram. Um homem enorme usava um machado saxão. Sagamor matou-o com sua lâmina escura e curva, depois pegou o machado na mão agonizante e jogou contra outro lanceiro, ao mesmo tempo em que cantava uma estranha canção de batalha em sua língua nativa. Um último lanceiro me atacou e aparei seu golpe lateral com a cobertura de ferro do escudo de Artur, derrubei seu escudo com Hywelbane e depois chutei-o na virilha. Ele se dobrou, sentindo dor demais para gritar, e Issa enfiou uma lança em seu pescoço. Tiramos as armaduras, as armas e as joias dos atacantes mortos e deixamos seus corpos na margem do vau, como uma barreira ao próximo ataque.

O ataque veio logo e veio forte. Como o primeiro, esse terceiro assalto foi feito por uma massa de lanceiros, só que dessa vez os

recebemos na margem do rio, onde a pressão de homens atrás da vanguarda do inimigo forçou seus lanceiros de frente a tropeçar nos corpos empilhados. Os tropeções os abriram para o nosso contra-ataque, e gritamos em triunfo enquanto golpeávamos com as lanças vermelhas. Então os escudos se entrechocaram de novo, homens agonizantes gritavam e clamavam a seus Deuses, e as espadas ressoavam alto como as bigornas de Magnis. Eu estava de novo na fileira da frente, tão perto da linha inimiga que podia sentir o hidromel no hálito deles. Um homem tentou arrancar o elmo da minha cabeça e perdeu a mão para um golpe de espada. A disputa de empurrões começou, e de novo parecia que o inimigo iria nos forçar para trás apenas pelo peso, mas Morfans trouxe seus cavalos para o meio da confusão, e de novo o inimigo jogou lanças que bateram contra nossos escudos, e outra vez os homens de Morfans golpearam com suas lanças compridas e de novo os inimigos recuaram. Os bardos dizem que o rio ficou vermelho, o que não é verdade, mas vi fiapos de sangue se desbotando corrente abaixo, saindo dos feridos que tentavam e não conseguiam atravessar o vau.

— Poderíamos lutar contra esses desgraçados aqui o dia inteiro — disse Morfans. Seu cavalo sangrava e ele havia desmontado para tratar do ferimento no animal.

Balancei a cabeça.

— Há outro vau rio acima. — E aponte para oeste. — Logo eles terão lanceiros nesta margem.

Esses inimigos chegaram pelo flanco mais rápido do que eu pensava, já que dez minutos depois um grito à nossa esquerda alertou que um grupo de inimigos havia atravessado o rio a oeste e agora avançava pela nossa margem.

— Hora de voltar — disse Sagramor. Seu rosto negro e barbeado tinha manchas de sangue e suor, mas havia alegria em seus olhos, porque esta batalha vinha se mostrando digna de fazer os poetas lutarem por novas palavras para descrevê-la, uma luta que os homens lembrariam nos salões enfumaçados durante muitos invernos, uma luta que, mesmo perdida, mandaria um homem em honra para os salões dos guerreiros no Outro Mundo. — Está na hora de atraí-los — disse Sagramor e depois gritou a ordem de retirada, de modo que, lenta e desajeitadamente, toda a nossa força recuou passando pelo povoado com sua construção romana e parou 100 passos depois. Agora nosso flanco esquerdo estava ancorado no íngreme lado oeste do vale enquanto o direito era protegido pelo terreno pantanoso que se estendia para o rio. Mesmo assim estávamos muito mais vulneráveis do que no vau, porque agora a parede de escudos era desesperadamente fina, e o inimigo podia atacar por toda a sua extensão.

Gorfyddyd levou uma hora inteira para trazer seus homens até o outro lado do rio e arrumá-los numa nova linha de escudos. Achei que

já era de tarde e olhei para trás, buscando algum sinal de Galahad ou dos homens de Tewdríc, e não vi ninguém se aproximando. Mas fiquei satisfeito em ver que também não havia nenhum homem no morro do oeste, onde a cerca fantasma de Nimue guardava nosso flanco, mas Gorfyddyd não precisava de homens ali, porque agora seu exército era maior do que nunca. Novos contingentes tinham vindo de Branogenium, e os comandantes de Gorfyddyd estavam empurrando esses recém-chegados para a parede de escudos. Observamos os capitães usando as lanças compridas para aquecer a linha inimiga, e todos sabíamos que, apesar dos desafios que gritávamos, para cada homem que havíamos matado no rio, dez outros tinham atravessado o vau.

— Nunca seremos capazes de segurá-los aqui — disse Sagramor enquanto olhava as forças inimigas crescendo. — Teremos de voltar à cerca de árvores.

Mas então, antes que Sagramor pudesse dar a ordem de retirada, o próprio Gorfyddyd se adiantou cavalcando para nos desafiar. Veio sozinho, sem nem mesmo o filho, e veio apenas com uma espada embainhada e uma lança, porque não tinha braço para segurar um escudo. O elmo de Gorfyddyd, com acabamento de ouro, que Artur tinha devolvido na semana do noivado com Ceinwyn, estava coroadado com as asas abertas de uma águia dourada, e sua capa preta abria-se sobre as ancas do cavalo. Sagramor rosou para que eu ficasse onde estava e caminhou para se encontrar com o rei.

Gorfyddyd não usava rédeas, em vez disso falou com o cavalo, que obedientemente parou a 2 passos de Sagramor. Gorfyddyd pousou o cabo da lança no chão, depois abriu as peças laterais do elmo de modo que seu rosto azedo apareceu.

— Você é o demônio negro de Artur — acusou, cuspiendo para evitar o mal — e seu senhor, o amante de prostituta, se esconde atrás de sua espada. — Gorfyddyd cuspiu de novo, dessa vez na minha direção. — Por que não fala comigo, Artur? — gritou. — Perdeu a língua?

— O meu senhor Artur está economizando o fôlego para a canção da vitória — respondeu Sagramor em seu britânico de forte sotaque.

Gorfyddyd levantou sua lança comprida.

— Eu tenho apenas uma das mãos — gritou para mim —, mas luto com você!

Não falei nada, nem me mexi. Artur, eu sabia, jamais lutaria em combate singular com um aleijado, mas Artur também não ficaria quieto. Nesse momento ele já estaria implorando a paz a Gorfyddyd.

Gorfyddyd não queria paz. Queria matança. Cavalgou de um lado para o outro diante de nossa linha, controlando o cavalo com os joelhos e gritando para nossos homens.

— Vocês vão morrer porque seu senhor não consegue manter as mãos longe de uma prostituta! Estão morrendo por uma cadela de ancas

molhadas! Por uma cadela em cio perpétuo! Suas almas serão condenadas. Meus mortos já estão festejando no Outro Mundo, mas as almas de vocês vão ser joguetes deles. E por que vão morrer? Pela prostituta ruiva dele? — O rei apontou sua lança para mim, depois cavalgou em minha direção. Recuei para que ele não visse através da fenda do elmo que eu não era Artur, e meus lanceiros se fecharam em volta, protegendo-me. Gorfyddyd riu do meu aparente temor. Seu cavalo estava suficientemente perto para ser tocado por meus homens, mas Gorfyddyd não demonstrou medo de suas lanças enquanto cuspia em mim.

— Mulher! — gritou ele, seu pior insulto, depois tocou o cavalo com o pé esquerdo e o animal se virou e galopou para o seu exército.

Sagramor se virou para nós e levantou os braços.

— Para trás! — gritou. — De volta à cerca! Rápido agora! Para trás!

Demos as costas ao inimigo e corremos, e um grande grito ressoou quando eles viram nossas duas bandeiras recuando. Pensaram que estávamos fugindo e romperam as fileiras para nos perseguir, mas estávamos com uma dianteira muito grande e tínhamos passado pela abertura na barricada muito antes que qualquer homem de Gorfyddyd pudesse nos alcançar. Nossa linha se espalhou atrás da cerca e ocupei o lugar de Artur no centro da linha, onde a estrada passava pela abertura entre as árvores caídas. Deliberadamente deixamos a abertura sem qualquer obstáculo, na esperança de que isso atraísse os ataques de Gorfyddyd, dando tempo aos nossos flancos para descansar. Ali ergui as duas bandeiras de Artur e esperei o ataque.

Gorfyddyd gritou para que seus lanceiros desorganizados fizessem uma nova parede de escudos. O rei Gundleus comandava o flanco direito do inimigo, e o príncipe Cuneglas o esquerdo. Esse arranjo sugeria que Gorfyddyd não ia aceitar nossa isca da abertura na cerca, mas que pretendia atacar por toda a linha.

— Fiquem aqui! — gritou Sagramor para os nossos lanceiros. — Vocês são guerreiros! Vão provar isso agora! Fiquem aqui, matem aqui e vençam aqui! — Morfans forcara seu cavalo ferido a subir uma pequena parte do morro do oeste, de onde olhava para o norte do vale, avaliando se era o momento de tocar a trompa e chamar Artur, mas os reforços inimigos ainda estavam atravessando o vau, e ele voltou sem encostar a prata aos lábios.

Em vez disso, a trombeta de Gorfyddyd soou. Era uma rouca trombeta de chifre de carneiro que não mandou sua linha de escudos para a frente, em vez disso provocou uma dúzia de loucos nus a sair da linha inimiga e correr para o nosso centro. Aqueles homens tinham posto a alma sob a guarda dos Deuses, depois atordoado os sentidos com uma mistura de hidromel, suco de estramônio, mandrágora e beladona, que pode provocar pesadelos num homem desperto ao mesmo

tempo em que afasta seus medos. Esses homens podiam estar loucos, bêbados e nus, mas também eram perigosos porque tinham apenas um objetivo: derrubar os comandantes inimigos. Correram para mim, a boca espumando devido às ervas mágicas que tinham mastigado, e com as lanças erguidas, prontas para golpear.

Meus lanceiros com caudas de lobos avançaram ao encontro deles. Os homens nus não se importavam com a morte, jogaram-se contra meus lanceiros como se dessem as boas-vindas às pontas de lança. Um dos meus homens foi jogado para trás com um monstro nu arranhando seus olhos e cuspidando em seu rosto. Issa matou esse inimigo, mas outro conseguiu matar um dos meus melhores homens e depois gritou sua vitória, com as pernas abertas, braços erguidos e lança sangrenta na mão sangrenta, e todos os meus homens pensaram que os Deuses deviam ter nos abandonado. Mas Sagramor rasgou a barriga do homem nu, depois o decapitou antes mesmo que o cadáver tivesse caído no chão. Sagramor cuspiu no cadáver nu e eviscerado, em seguida cuspiu de novo contra a parede de escudos do inimigo. Aquela parede, vendo que o centro de nossa linha estava desorganizada, atacou.

O nosso centro, realinhado às pressas, curvou-se quando a massa de lanceiros se chocou. A fina linha de homens se esticou pela estrada, curva como uma árvore nova, mas de algum modo conseguimos nos sustentar. Estávamos incentivando uns aos outros, invocando os Deuses, golpeando e cortando enquanto Morfans e seus cavaleiros cavalgavam por toda a parede de escudos e se lançavam à luta sempre que o inimigo parecia prestes a atravessá-la. Os flancos de nossa parede de escudos estavam protegidos pela barricada, por isso estavam tendo menos dificuldade, mas no centro a luta era desesperada. Perdi a lança para um inimigo, desembainhei Hywelbane, mas contive o primeiro golpe para deixar um escudo inimigo se chocar contra a prata polida de Artur. Os escudos se chocaram, depois o rosto do inimigo apareceu por um instante e lancei Hywelbane à frente, sentindo a pressão do escudo se desvanecer. O homem caiu, com o corpo fazendo uma barreira sobre a qual seus companheiros tinham de subir. Issa matou um homem, depois levou um golpe de lança no braço que segurava o escudo, encharcando de sangue sua manga. Ele continuou lutando. Eu estava dando golpes loucos no espaço aberto pelo inimigo caído, tentando abrir um buraco na parede de escudos de Gorfyddyd. Vi o rei inimigo uma vez, olhando de seu cavalo para o lugar onde eu gritava, cortava e desafiava seus homens a virem pegar minha alma. Alguns ousaram, pensando em se transformar em tema de canções, mas em vez disso se transformaram em cadáveres. Hywelbane estava encharcada, minha mão esquerda pegajosa, e a manga da pesada armadura de escamas também estava manchada de sangue, mas não era sangue meu.

Sem a proteção das árvores emaranhadas, o centro de nossa linha

quase se rompeu uma vez, mas dois dos cavaleiros de Morfans usaram seus animais para fechar a abertura. Um dos cavalos morreu, relinchando e sacudindo os cascos enquanto sangrava até a morte na estrada. Depois nossa parede de escudos se remendou e forçamos contra o inimigo que lentamente, lentamente era sufocado pela pressão dos mortos e agonizantes entre as duas fileiras de frente. Nimue estava atrás de nós, guinchando e soltando pragas.

O inimigo se afastou e por fim pudemos descansar. Todos estávamos ensanguentados e sujos de lama, e a respiração vinha em sorvos gigantescos. Os braços que seguravam lanças e espadas estavam cansados. Notícias sobre colegas eram passadas entre as fileiras. Minac estava morto, tal homem estava ferido, outro agonizante. Homens faziam curativos nos ferimentos dos vizinhos, depois juravam defender uns aos outros até a morte. Tentei aliviar a pressão enorme da armadura de Artur, que criava grandes feridas nos meus ombros.

Agora o inimigo estava cauteloso. Os homens cansados à nossa frente tinham sentido nossas espadas e aprendido a nos temer, mas mesmo assim atacaram de novo. Dessa vez foi a guarda real de Gundleus que partiu para o nosso centro, e a recebemos na pilha de mortos e agonizantes que restava do ataque anterior, e aquela barreira macabra nos salvou, porque os lanceiros inimigos não conseguiam passar sobre os cadáveres e se proteger ao mesmo tempo. Partíamos seus tornozelos, cortávamos suas pernas, depois enfiávamos as lanças quando eles caíam, aumentando a altura da barreira sangrenta. Corvos pretos circulavam o vau, com as asas abertas de encontro ao céu opaco. Vi Ligessac, o traidor que entregara Norwenna à espada de Gundleus, e tentei abrir caminho até ele, mas a maré da batalha o levou para longe de Hywelbane. Então o inimigo recuou de novo e ordenei roucamente que alguns de meus homens pegassem odres de água no rio. Estávamos todos sedentos devido ao suor que jorrara, misturando-se com o sangue. Eu tinha um arranhão na mão da espada, porém nada mais. Estivera no poço da morte, e sempre supunha que por isso tinha sorte na batalha.

O inimigo começou a pôr novas tropas em sua frente de batalha. Alguns levavam a águia de Cuneglas, outros a raposa de Gundleus e uns poucos tinham emblemas próprios. Então, gritos de alegria soaram atrás de mim e me virei, esperando ver os homens de Tewdric chegando com seus uniformes romanos. Mas em vez disso era Galahad que vinha sozinho, num cavalo suado. Ele parou atrás de nossa linha e quase caiu da montaria, na pressa de nos alcançar.

— Achei que estaria atrasado demais — disse ele.

— Eles vêm? — perguntei.

Galahad parou, e antes mesmo que falasse eu soube que tínhamos sido abandonados.

— Não — falou por fim.

Xinguei e olhei de novo para o inimigo. Tinham sido apenas os Deuses que nos salvaram no último ataque, mas só os Deuses sabiam quanto tempo poderíamos nos sustentar agora.

— Ninguém está vindo? — perguntei amargamente.

— Talvez alguns. — Galahad deu a má notícia em voz baixa. — Tewdric acha que estamos condenados, Agrícola diz que eles deveriam nos ajudar, mas Meurig diz que devemos ser deixados para morrer. Estão todos discutindo, mas Tewdric disse que qualquer homem que quisesse morrer aqui poderia me seguir. Talvez alguns estejam vindo, não é?

Rezei para que estivessem, porque agora uma parte do *levy* de Gorfyddyd tinha chegado ao morro do oeste, ainda que ninguém daquela horda maltrapilha tivesse ousado atravessar a cerca fantasma de Nimue. Poderíamos resistir por mais duas horas, pensei, e depois disso estávamos condenados, apesar de que, com certeza, Artur chegaria primeiro.

— Nenhum sinal dos irlandeses Escudos Pretos? — perguntei a Galahad.

— Não, graças a Deus — disse ele, e esta foi uma pequena bênção num dia quase desprovido de bênçãos, mas, meia hora depois de Galahad ter vindo, finalmente recebemos algum reforço. Sete homens caminharam para o norte em direção à nossa combalida parede de escudos, sete homens com armadura, carregando lanças, escudos e espadas, e o símbolo dos escudos era o gavião de Kernow, nosso inimigo. Mas aqueles homens não eram inimigos. Eram seis lutadores cheios de cicatrizes e endurecidos, liderados por seu edling, o príncipe Tristan.

Ele explicou sua presença quando a agitação dos cumprimentos terminou.

— Artur lutou por mim uma vez, e há muito tempo eu queria pagar a dívida.

— Com sua vida? — perguntou Sagramor, sombrio.

— Artur arriscou a dele — disse Tristan simplesmente. Eu me lembrava dele como um homem alto e bonito, e ainda era, mas os anos tinham dado um ar cauteloso e cansado ao seu rosto, como se ele tivesse sofrido desapontamentos demais. — Meu pai talvez jamais perdoe minha vinda — acrescentou melancólico —, mas eu nunca me perdoaria pela ausência.

— Como está Sarlinna? — perguntei.

— Sarlinna? — Ele demorou alguns segundos para se lembrar da garotinha que tinha vindo acusar Owain em Caer Cadarn. — Ah, Sarlinna! Está casada. Com um pescador. — Ele sorriu. — Você deu o gatinho a ela, não foi?

Pusemos Tristan e seus homens no centro, o lugar de honra neste

campo de batalha, mas quando o próximo ataque do inimigo chegou não foi contra o centro, e sim contra a cerca de árvores que protegia nossos flancos. Durante um tempo a trincheira rasa e os galhos emaranhados da cerca os atrapalharam, mas logo eles aprenderam a usar as árvores caídas para se proteger, e em alguns lugares conseguiram passar e fizeram nossa linha se curvar para trás de novo. Mas de novo resistimos, e Griffid, meu ex-inimigo, fez nome matando Nasiens, o campeão de Gundleus. Os escudos se chocavam incessantemente. Lanças se partiam, espadas se despedaçavam e escudos rachavam enquanto os exaustos lutavam contra os cansados. No topo do morro o *levy* inimigo se reunia para olhar por trás da cerca fantasma de Nimue enquanto Morfans forçava seu cavalo de novo pela encosta perigosamente íngreme. Ele olhou para o norte e nós o observamos e rezamos para que soprasse a trompa. Morfans ficou olhando por longo tempo, mas deve ter achado que todas as forças inimigas estavam agora dentro do vale, porque encostou a trompa de prata nos lábios e soprou a convocação abençoada por cima do ruído da batalha.

Nunca um toque de trompa foi tão bem-vindo. Toda a nossa fileira se adiantou e as espadas cheias de cicatrizes golpearam o inimigo com nova energia. A trompa de prata, tão pura e clara, chamou de novo e de novo, um chamado de caçada para a matança, e a cada vez que ela soava nossos homens faziam pressão contra os galhos das árvores caídas para cortar, golpear e gritar contra os inimigos que, suspeitando de algum ardil, olhavam nervosamente ao redor enquanto se defendiam. Gorfyddyd gritou para que seus homens nos rompessem agora, e sua guarda real liderou o ataque contra o centro. Ouvi os homens de Kernow dando seu grito de guerra enquanto pagavam a dívida do edling. Nimue estava entre nossos lanceiros, brandindo uma espada com as duas mãos. Gritei para que ela recuasse, mas a luxúria do sangue havia encharcado sua alma e ela lutava como um demônio. O inimigo estava com medo dela, sabendo que Nimue era dos Deuses, e os homens tentavam evitá-la, em vez de lutar, mas ao mesmo tempo fiquei satisfeito quando Galahad a empurrou para longe da luta. Galahad podia ter chegado tarde à batalha, mas pelejava com uma alegria selvagem que impelia o inimigo para trás da pilha de mortos e agonizantes que se retorciam.

A trompa soou uma última vez. E Artur finalmente atacou.

Seus lanceiros vestidos com armaduras tinham vindo do esconderijo ao norte do rio e agora os cavalos faziam o vau espumar como uma maré de trovões. Passaram sobre os cadáveres deixados pela luta anterior e baixaram as lanças brilhantes rasgando as unidades de retaguarda do inimigo. Os homens se espalhavam como farelo enquanto os cavalos cobertos de ferro mergulhavam fundo no exército de Gorfyddyd. Os homens de Artur se dividiram em dois grupos que

abriram canais profundos no amontoado de lanceiros. Atacavam, deixavam as lanças fixas nos mortos e depois faziam mais mortos com as espadas.

E por um momento, por um momento glorioso, pensei que o inimigo ia se romper, mas então Gorfyddyd viu o mesmo perigo e gritou para que seus homens formassem uma nova parede de escudos virada para o norte. Ele sacrificaria os homens da retaguarda e faria uma nova linha de lanças contra as últimas fileiras de suas tropas de frente. E essa nova linha resistiu. Há muito tempo Owain estivera certo quando me disse que nem mesmo os cavalos de Artur atacariam uma parede de escudos bem-feita. E não atacaram mesmo. Artur trouxera o pânico e a morte a um terço do exército de Cuneglas, mas agora o resto estava formado adequadamente e desafiava seu punhado de cavaleiros.

E o inimigo ainda era em número muito superior ao nosso.

Por trás da cerca de árvores nossa linha não tinha mais de dois homens de profundidade, e em alguns lugares contava com apenas um. Artur tinha fracassado em abrir caminho até nós, e Gorfyddyd sabia que Artur jamais passaria enquanto ele mantivesse uma parede de escudos virada para os cavalos. Plantou aquela parede, abandonando o terço perdido de seu exército à mercê de Artur, depois virou o resto dos homens de novo para a parede de escudos de Sagamor. Agora Gorfyddyd conhecia a tática de Artur e a havia derrotado, por isso podia lançar seus lanceiros para a batalha com renovada confiança, ainda que dessa vez, em vez de atacar em toda a nossa linha, tenha concentrado a investida ao longo da borda oeste do vale, numa tentativa de dominar nosso flanco esquerdo.

Os homens daquele flanco lutaram, mataram e morreram, mas poucos poderiam manter a fileira durante muito tempo, e nenhum poderia sustentá-la depois que os silurianos de Gundleus nos flanquearam, subindo as encostas mais baixas do morro abaixo da macabra cerca fantasma. O ataque foi brutal e a defesa igualmente horrenda. Os cavaleiros de Morfans que ainda sobreviviam lançaram-se contra os silurianos, Nimue rogava pragas contra eles, e os descansados homens de Tristan lutaram ali como campeões, mas ainda que possuíssemos um número duas vezes maior não teríamos impedido que o inimigo nos flanqueasse, e assim nossa parede de escudos, como uma cobra se enrolando, desmoronou na margem do rio onde fizemos um semicírculo defensivo ao redor das duas bandeiras e dos poucos feridos que tínhamos conseguido carregar. Foi um momento terrível. Vi nossa parede de escudos se romper, vi o inimigo começando a trucidar os homens espalhados, e então corri com o resto para o desesperado ajuntamento de sobreviventes. Apenas tivemos tempo de fazer uma grosseira parede de escudos, depois só conseguimos olhar enquanto as forças triunfantes de Gorfyddyd perseguiram e matavam nossos fugitivos.

Tristan sobreviveu, assim como Galahad e Sagramor, mas era um pequeno consolo porque tínhamos perdido a batalha, e tudo que nos restava agora era morrer como heróis. Na metade norte do vale Artur ainda estava contido pela parede de escudos, ao passo que no sul a nossa parede, que havia resistido aos inimigos durante o dia inteiro, fora rompida e seus restos cercados. Tínhamos ido para a batalha com uma força de duzentos homens, e agora éramos pouco mais de cem.

O príncipe Cuneglas veio a cavalo pedir nossa rendição. Seu pai estava comandando os homens virados de frente para Artur, e o rei de Powys ficou contente em deixar a destruição dos lanceiros restantes de Sagramor ao seu filho e ao rei Gundleus. Cuneglas, pelo menos, não insultou meus homens. Ele parou o cavalo a 12 passos de nossa fileira e levantou a mão direita vazia, para mostrar que viera em trégua.

— Homens da Dumnonia! — gritou. — Vocês lutaram bem, mas continuar lutando é morrer. Eu lhes ofereço a vida.

— Use sua espada antes de pedir que homens corajosos se rendam — gritei para ele.

— Está com medo de lutar, é? — zombou Sagramor, porque até agora nenhum de nós tinha visto Gorfyddyd, Cuneglas ou Gundleus na frente da parede de escudos do inimigo. O rei Gundleus estava montado em seu cavalo alguns passos atrás do príncipe Cuneglas. Nimue o xingava, mas não sei se ele percebia sua presença. Se percebia, não mostrava preocupação, porque agora estávamos todos numa armadilha, e sem dúvida condenados.

— Ou lute comigo agora! — gritei para Cuneglas. — De homem para homem se tem coragem.

Cuneglas me olhou com tristeza. Eu estava manchado de sangue, coberto de lama, suado, machucado e sentindo dor, enquanto ele parecia elegante numa curta armadura de escamas e com um elmo encimado por penas de águia. Ele meio que sorriu para mim.

— Sei que você não é Artur, porque eu o vi montado, mas quem quer que seja, lutou nobremente. Ofereço-lhe a vida.

Tirei o elmo suado da cabeça e o joguei no centro do nosso semicírculo.

— O senhor me conhece, senhor príncipe.

— Lorde Derfel! — ele disse meu nome, depois me fez honra. — Lorde Derfel Cadarn, se eu garantir sua vida e a de seus homens, você se rende?

— Senhor príncipe, eu não comando aqui. O senhor deve falar com lorde Sagramor.

Sagramor veio para o meu lado e tirou o elmo preto e pontudo, que tinha sido furado por uma lança, de modo que seu cabelo crespo estava empapado de sangue.

— Senhor príncipe — disse cautelosamente.

— Eu lhe ofereço a vida desde que você se renda.

Sagramor apontou a espada curva para onde os cavaleiros de Artur dominavam a parte norte do vale.

— O meu senhor não se rendeu, por isso eu também não posso. Mas mesmo assim — ele ergueu a voz — libero meus homens de seus juramentos.

— Eu também! — anunciei aos meus homens.

Tenho certeza de que alguns ficaram tentados a deixar as fileiras, mas seus camaradas rosnaram para que ficassem, ou talvez o rosnado fosse simplesmente o som do desafio de homens exaustos. O príncipe Cuneglas esperou alguns segundos, depois pegou dois finos torques de ouro num bolso preso ao cinto. Sorriu para nós.

— Saúdo sua coragem, lorde Sagramor. Saúdo-o, lorde Derfel. — E jogou o ouro a nossos pés. Eu peguei o meu e curvei as pontas para que se ajustasse ao meu pescoço. — Ah, Derfel Cadarn? — acrescentou Cuneglas. Seu rosto redondo e amigável sorria.

— Senhor príncipe?

— Minha irmã pediu que o cumprimentasse. É o que faço.

Minha alma, perto da morte, pareceu saltar de alegria.

— Dê-lhe minhas lembranças, senhor príncipe. E diga que estarei ansioso por sua companhia no Outro Mundo. — Depois o pensamento em nunca mais ver Ceinwyn neste mundo suplantou minha alegria, e de repente senti vontade de chorar.

Cuneglas viu minha tristeza.

— Você não precisa morrer, lorde Derfel. Eu lhe ofereço a vida e respondo por sua segurança. Ofereço também minha amizade, se quiser.

— Seria uma honra, senhor príncipe, mas, enquanto meu senhor lutar, eu luto.

Sagramor recolocou o elmo, fazendo uma careta quando o metal passou sobre o ferimento de lança no couro cabeludo.

— Agradeço, senhor príncipe — disse ele a Cuneglas — e escolho lutar contra o senhor.

Cuneglas virou o cavalo. Olhei para a minha espada, tão combalida e pegajosa, depois olhei para os meus homens sobreviventes.

— No mínimo — falei — garantimos que o exército de Gorfyddyd não poderá marchar pela Dumnonia por muitos longos dias. E talvez nunca! Quem gostaria de lutar duas vezes contra homens como nós?

— Os irlandeses Escudos Pretos — rosnou Sagramor e virou a cabeça na direção do morro, onde a cerca fantasma havia sustentado nosso flanco o dia inteiro. E ali, atrás dos postes cheios de magia, estava um bando de guerreiros com escudos redondos e pretos e as malignas lanças compridas da Irlanda. Era a guarnição do morro de Coel, os irlandeses Escudos Pretos de Oengus Mac Airem, que tinham vindo se juntar à matança.

ARTUR AINDA ESTAVA LUTANDO. TINHA transformado um terço do exército inimigo numa ruína vermelha, mas agora o resto o retinha. Ele atacava repetidamente em seus esforços de romper aquela parede de escudos, mas nenhum cavalo na terra passaria por um emaranhado de homens, escudos e lanças. Até Llamrei desobedeceu, e tudo que lhe restava, pensei, era enfiar Excalibur no solo avermelhado pelo sangue e esperar que o Deus Gofannon viesse do abismo mais escuro do Outro Mundo para resgatá-lo.

Mas nenhum Deus veio, e nenhum homem de Magnis. Mais tarde ficamos sabendo que alguns voluntários tinham partido, mas chegaram tarde demais.

O *levy* de Powys ficou no morro, apavorado demais para atravessar a cerca fantasma, enquanto ao lado estavam reunidos mais de cem guerreiros irlandeses. Aqueles homens começaram a andar para o sul, pensando em rodear os fantasmas vingativos da cerca. Dentro de meia hora, pensei, os irlandeses Escudos Pretos estariam se juntando ao ataque final de Cuneglas, por isso fui até Nimue.

— Atravesse o rio — insisti. — Sabe nadar, não sabe?

Ela ergueu a mão esquerda onde estava a cicatriz.

— Se você morrer aqui, Derfel, eu morro aqui.

— Você deve...

— Fique quieto. É isso que deve fazer. — E em seguida ficou na ponta dos pés e me beijou na boca. — Antes de morrer, mate Gundleus por mim.

Um dos nossos lanceiros começou a cantar a “Canção da Morte de Werlinna”, e o resto acompanhou a melodia lenta e triste. Cavan, com a capa escurecida de sangue, estava martelando com uma pedra o encaixe da ponta de sua lança, tentando prender melhor o cabo.

— Nunca pensei que a coisa chegaria a esse ponto — falei a ele.

— Nem eu, senhor — disse Cavan, erguendo a cabeça. Sua cauda de lobo também estava encharcada de sangue, o elmo estava amassado, e havia um trapo servindo de bandagem na coxa esquerda.

— Eu achava que tinha sorte. Sempre achei isso, mas talvez todo mundo ache.

— Nem todo mundo, senhor, mas os melhores líderes sim.

Sorri, agradecendo.

— Gostaria de ter visto o sonho de Artur se realizar.

— Não haveria trabalho para os guerreiros se isso acontecesse — disse Cavan melancolicamente. — Seríamos escribas ou camponeses.

Talvez seja melhor assim. Uma última luta, e descer para o Outro Mundo a serviço de Mitra. Vamos nos divertir lá, senhor. Mulheres roliças, boa luta, hidromel forte e rico ouro para sempre.

— Ficarei feliz com sua companhia lá — falei. Na verdade estava absolutamente sem alegria. Ainda não queria ir para o Outro Mundo, não enquanto Ceinwyn vivia neste. Apertei a armadura contra o peito para sentir seu pequeno broche e pensei na loucura que agora jamais seguiria seu curso. Falei o nome dela em voz alta, deixando Cavan perplexo. Eu estava apaixonado, mas morreria sem jamais segurar a mão da minha amada ou ver seu rosto de novo.

Então fui forçado a me esquecer de Ceinwyn porque, em vez de rodear a cerca, os irlandeses Escudos Pretos de Demetia tinham se arriscado aos fantasmas atravessando-a. Então vi por quê. Um druida tinha aparecido no morro para liderá-los através da fileira de espíritos. Nimue veio para perto de mim e olhou para o morro onde a figura alta, de capuz e manto branco caminhava com as pernas compridas descendo a encosta íngreme. Os irlandeses o seguiram, e atrás de seus escudos pretos e de suas lanças compridas vinha o *levy* de Powys com seu armamento misturado, arcos, picaretas, machados, lanças, bastões e foices.

O canto de meus homens foi terminando. Eles levantaram as lanças e tocaram as bordas dos escudos umas contra as outras, certificando-se de que a parede estivesse firme. O inimigo, que estivera preparando sua própria parede de escudos para nos atacar, agora se virou para olhar enquanto o druida trazia o inimigo para dentro do vale. Iorweth e Tanaburs correram para encontrá-lo, mas o druida recém-chegado balançou seu longo cajado ordenando que saíssem do caminho. Em seguida, empurrou o capuz do manto para trás e vimos a barba comprida e trançada e o rabo de cavalo de seu cabelo preso com uma fita preta. Era Merlin.

Nimue gritou ao ver Merlin, depois correu para ele. Os inimigos se moveram para o lado deixando-a passar, assim como se separaram para deixar Merlin ir até ela. Até mesmo num campo de batalha um druida podia ir aonde quisesse, e esse druida era o mais famoso e poderoso de toda a terra. Nimue correu e Merlin abriu os braços para recebê-la, e ela ainda soluçava quando finalmente o encontrou de novo e lançou seus braços finos e brancos em volta do corpo dele. E de repente fiquei feliz por ela.

Merlin manteve um dos braços em volta de Nimue enquanto vinha até nós. Gorfyddyd vira a chegada do druida e agora galopou em seu cavalo até a nossa parte do campo de batalha. Merlin levantou o cajado cumprimentando o rei, mas ignorou suas perguntas. O bando de guerreiros irlandeses havia parado ao pé do morro, onde formou sua negra e sombria parede de escudos.

Merlin veio até mim e, como no dia em que salvara minha vida em Caer Sws, veio numa majestade nítida e fria. Não havia sorriso em seu rosto moreno, nenhuma sugestão de alegria nos olhos profundos, apenas um olhar de fúria tão feroz que caí de joelhos e baixei a cabeça enquanto ele se aproximava. Sagramor fez o mesmo, e de repente todo o nosso combalido grupo de lanceiros estava ajoelhado diante do druida.

Ele estendeu seu cajado preto e tocou primeiro em Sagramor, e depois me tocou nos ombros.

— Levantem-se — falou numa voz baixa e dura antes de se virar para o inimigo. Tirou o braço dos ombros de Nimue e ergueu o cajado preto horizontalmente acima da cabeça tonsurada, usando as duas mãos. Olhou para o exército de Gorfyddyd, depois baixou lentamente o cajado, e tamanha era a autoridade no rosto comprido, antigo e irado, naquele gesto lento, seguro, que todos os inimigos se ajoelharam para ele. Apenas os dois druidas permaneceram de pé, e os poucos cavaleiros continuaram em suas selas.

— Durante sete anos procurei o Conhecimento da Britânia — disse Merlin numa voz que se estendeu clara pelo vale chegando ao centro profundo, de modo que até Artur e seus homens podiam ouvi-lo. — Procurei o poder de nossos ancestrais que abandonamos quando os romanos chegaram. Procurei as coisas que restaurarão esta terra aos seus Deuses de direito, seus próprios Deuses, os Deuses que nos fizeram e que podem ser persuadidos a voltar para nos ajudar — ele falava devagar e com simplicidade, de modo que cada homem pudesse ouvir e entender. — Agora preciso de ajuda. Preciso de homens com espadas, homens com lanças, homens com corações intrépidos, para me acompanhar a um sítio inimigo e encontrar o último Tesouro da Britânia. Eu procuro o Caldeirão de Clyddno Eiddyn. O Caldeirão é o nosso poder, nosso poder perdido, nossa última esperança de tornar a Britânia uma outra vez, a ilha dos Deuses. Prometo a vocês apenas dificuldades, não darei recompensas além da morte, não os alimentarei com nada além de amargura e darei apenas fel para beber, mas em troca peço suas espadas e suas vidas. Quem virá comigo encontrar o Caldeirão?

Ele fez a pergunta abruptamente. Tínhamos esperado que Merlin falasse deste enorme derramamento de sangue que havia transformado em vermelho um vale verde. Mas ele havia ignorado a luta como se fosse irrelevante, quase como se nem tivesse percebido que entrara num campo de batalha.

— Quem? — perguntou de novo.

— Lorde Merlin! — gritou Gorfyddyd antes que qualquer homem pudesse responder. O rei inimigo forçou o cavalo através das fileiras de seus lanceiros ajoelhados. — Lorde Merlin! — Sua voz estava irada e o rosto implacável.

— Gorfyddyd — cumprimentou Merlin.

— Sua busca ao Caldeirão pode esperar ao menos uma hora? — A pergunta foi feita com sarcasmo.

— Pode esperar um ano, Gorfyddyd Ap Cadel. Pode esperar cinco anos. Pode esperar para sempre, mas não deve.

Gorfyddyd veio até o espaço aberto entre as duas paredes de escudos. Estava vendo sua grande vitória prejudicada e sua reivindicação de ser Grande Rei ameaçada por um druida, por isso virou o cavalo para os seus homens, abriu as peças laterais do elmo e levantou a voz.

— Haverá tempo para pedir lanças na busca ao Caldeirão — gritou aos seus homens —, mas apenas quando tivermos punido o amante de prostituta e afogado nossas lanças nas almas dos homens dele. Tenho um juramento a cumprir e não deixarei que nenhum homem, nem mesmo lorde Merlin, impeça a realização desse juramento. Não pode haver paz, nem Caldeirão, enquanto o amante de prostituta viver. — Ele se virou e olhou para o mago. — O senhor salvaria o amante de prostituta com este apelo?

— Eu não me importaria, Gorfyddyd Ap Cadel, se a terra se abrisse e engolissem Artur e o exército dele. Nem se ela engolissem o seu também.

— Então lutamos! — gritou Gorfyddyd e usou o braço único para livrar a espada da bainha. — Esses homens — disse para o seu exército, mas apontou a espada para as nossas bandeiras — são seus. A terra deles, os rebanhos, o ouro e as casas são seus. As mulheres e as filhas deles são suas prostitutas. Vocês lutaram contra eles até agora e vão deixar que saiam livres? O Caldeirão não vai desaparecer com a vida deles, mas sua vitória vai desaparecer se não terminarmos o que viemos fazer aqui. Nós lutamos!

Houve um instante de silêncio, então os homens de Gorfyddyd se levantaram e começaram a bater com as lanças nos escudos. Gorfyddyd lançou um olhar de triunfo para Merlin, depois esporeou o cavalo e voltou para as fileiras clamorosas de seus homens.

Merlin se virou para Sagamor e para mim.

— Os irlandeses Escudos Pretos estão do lado de vocês — falou em voz casual. — Conversei com eles. Eles atacam os homens de Gorfyddyd e vocês terão uma grande vitória. Que os Deuses lhes deem forças. — Em seguida se virou de novo, passou o braço pelos ombros de Nimue e se afastou através das fileiras inimigas que se abriram para deixá-lo passar.

— Foi uma boa tentativa! — gritou Gundleus para Merlin. O rei de Powys estava no limiar de sua grande vitória, e aquela perspectiva vertiginosa o encheu de confiança para desafiar o druida, mas Merlin ignorou o insulto e simplesmente se afastou com Tanaburs e Iorweth.

Isa me trouxe o elmo de Artur. Enfie-o de novo na cabeça, feliz com sua proteção naqueles últimos instantes de batalha.

O inimigo formou de novo sua parede de escudos. Poucos insultos foram lançados agora, porque poucos homens tinham energia para algo mais do que a matança sinistra que espreitava na margem do rio. Gorfyddyd, pela primeira vez no dia inteiro, desmontou e ocupou seu lugar na parede. Ele não tinha escudo, porém mesmo assim lideraria esse último ataque que esmagaria o poder de seu odiado inimigo. Levantou a espada, sustentou-a no alto durante alguns momentos e depois baixou-a.

O inimigo atacou.

Forçamos as lanças e os escudos para recebê-los e as duas paredes se chocaram com um som terrível. Gorfyddyd tentou passar sua espada pelo escudo de Artur, mas eu a aparei e golpeei com Hywelbane. A espada se desviou em seu capacete, cortando uma asa de águia, e então estávamos travados juntos pelos homens pressionando por trás.

— Empurrem! — gritava Gorfyddyd aos seus homens, depois cuspiu em mim por cima do escudo. — O seu amante de escravas se esconde enquanto você luta — gritou por cima do barulho da batalha.

— Ela não é prostituta, senhor rei — falei e tentei livrar Hywelbane do aperto para lhe dar um golpe, mas a espada estava presa na pressão de escudos e homens.

— Ela recebeu bastante ouro de mim, e não pago a mulheres cujas pernas não se separem.

Fiz força com Hywelbane e tentei acertar os pés de Gorfyddyd, mas a espada simplesmente raspou a barra de sua armadura. Ele riu do meu fracasso, cuspiu em mim de novo, depois levantou a cabeça quando ouviu um pavoroso grito de batalha.

Era o ataque dos irlandeses. Os Escudos Pretos de Oengus Mac Airem sempre atacavam com um berro ululante; um terrível grito de batalha que parecia sugerir um deleite inumano na matança. Gorfyddyd gritou para seus homens se esforçarem e romperem nossa minúscula parede de escudos, e por alguns instantes os homens de Powys e Silúria nos golpearam com um novo frenesi, crendo que os Escudos Pretos vinham em seu auxílio, mas então novos gritos da retaguarda fizeram com que eles percebessem que a traição havia mudado a aliança dos Escudos Pretos. Os irlandeses cortaram as fileiras de Gorfyddyd, suas lanças compridas encontrando alvos fáceis, e de repente, rapidamente, os homens de Gorfyddyd desmoronaram como um odre furado.

Vi a fúria e o pânico atravessarem o rosto de Gorfyddyd.

— Renda-se, senhor rei! — gritei para ele, mas sua guarda pessoal encontrou espaço para golpear com as espadas, e por alguns segundos desesperados eu estava me defendendo com intensidade demais para ver o que tinha acontecido com o rei, mas Issa gritou que viu Gorfyddyd ferido. Galahad estava ao meu lado, estocando e aparando golpes, e então, como se por magia, o inimigo começou a fugir. Nossos homens foram em perseguição, juntando-se aos Escudos Pretos para guiar os

homens de Powys e Silúria, como se fossem um rebanho de ovelhas, para onde os homens de Artur esperavam para matar. Procurei Gundleus e o vi uma vez em meio a uma massa de homens correndo enlameados e ensanguentados, e então o perdi de vista.

O vale tinha visto muita morte naquele dia, mas agora via um massacre total, porque nada produz uma chacina tão fácil quanto uma parede de escudos rompida. Artur tentou parar a matança, mas nada poderia ter contido a selvageria transbordada, e seus cavaleiros corriam como deuses vingativos entre a massa em pânico enquanto perseguíamos e cortávamos os fugitivos numa orgia de sangue. Uma quantidade de inimigos conseguiu passar pelos cavaleiros e atravessar o vau até a segurança, mas uma quantidade ainda maior foi forçada a buscar refúgio no povoado onde finalmente encontrou tempo e espaço para formar uma nova parede de escudos. Agora era a sua vez de estar rodeados. A luz da tarde se esticava pelo vale, tocando as árvores com a primeira e débil luz amarelada do sol daquele dia longo e sangrento, enquanto parávamos em volta do povoado. Estávamos ofegantes, e nossas espadas e lanças grossas de tanto sangue.

Artur, com a espada tão vermelha quanto a minha, desceu pesadamente do dorso de Llamrei. A égua preta estava branca de suor, tremendo, os olhos claros arregalados, enquanto o próprio Artur se mostrava exausto da luta desesperada. Tinha tentado repetidamente atravessar até nós; havia lutado, segundo seus homens, como alguém possuído pelos Deuses, mesmo parecendo, durante toda aquela tarde comprida, que os Deuses o houvessem abandonado. Agora, apesar de ser o vitorioso do dia, estava perturbado enquanto abraçava Sagramor e depois a mim.

— Falhei com vocês, Derfel. Falhei com vocês.

— Não, senhor. Nós vencemos. — E aponte com minha espada combatida e vermelha para os sobreviventes de Gorfyddyd, que tinham se reunido em volta da bandeira da águia. A raposa de Gundleus também aparecia ali, mas nenhum dos reis inimigos estava à vista.

— Eu fracassei. Não consegui atravessar — disse Artur. — Havia muitos deles. — Esse fracasso o mortificava, porque ele sabia muito bem como estivemos perto da derrota total. De fato, ele sentia que fora derrotado, porque seus alardeados cavaleiros haviam sido retidos, e tudo que pudera fazer fora olhar enquanto éramos batidos, mas ele estava enganado. A vitória era sua, toda sua, porque Artur, sozinho entre todos os homens da Dumnonia e Gwent, possuía a confiança para a batalha. A batalha não acontecera como Artur planejava; Tewdric não havia marchado para nos ajudar, e os cavalos de guerra de Artur tinham sido contidos pela parede de escudos de Gundleus; mas ainda assim era uma vitória, e fora alcançada apenas por uma coisa: a coragem de Artur em lutá-la. Merlin interviera, claro, mas o druida jamais reivindicou a

vitória. Ela era de Artur e, ainda que na época Artur tenha se enchido de recriminações, foi o vale do Lugg, a única vitória que Artur sempre desprezou, que o transformou no governante final da Britânia. O Artur dos poetas, o Artur que cansa a língua dos bardos, o Artur por cujo retorno todos os homens rezam nestes dias sombrios, tornou-se grande por aquela carnificina confusa. Hoje em dia, claro, os poetas não cantam a verdade a respeito do vale do Lugg. Fazem parecer uma vitória tão completa quanto as batalhas posteriores, e talvez estejam certos em moldar a história assim, porque nestes tempos difíceis precisamos de que Artur tenha sido um grande herói desde o início. Mas a verdade é que naqueles primeiros anos Artur era vulnerável. Governou Dumnonia em virtude da morte de Owain e do apoio de Bedwin, mas à medida que os anos de guerra prosseguiram houve muitos que desejaram que ele se fosse. Gorfyddyd tinha quem o apoiasse na Dumnonia e, que Deus me perdoe, muitos cristãos estavam rezando pela derrota de Artur. E foi por isso que ele lutou, porque sabia que era fraco demais para não lutar. Artur tinha de proporcionar a vitória ou perder tudo, e no final venceu, mas só depois de chegar à beira do desastre.

Artur foi abraçar Tristan, depois cumprimentar Oengus Mac Airem, o rei irlandês de Demetia, cujo contingente salvara a batalha. Como sempre, ajoelhou-se diante do rei, mas Oengus levantou-o e lhe deu um abraço de urso. Virei-me e olhei para o vale enquanto os dois conversavam. Era uma imundície de homens derrubados, digna de pena com os cavalos agonizantes, atulhada de cadáveres e armas espalhadas. O sangue fedia e os feridos gritavam. Eu me sentia mais cansado do que nunca na vida, e meus homens também, mas vi que o *levy* de Gorfyddyd descera do morro para começar a pilhar os mortos e feridos, por isso mandei Cavan e uns vinte lanceiros expulsá-los. Corvos voavam por cima do rio para rasgar as entranhas dos mortos. Vi que as cabanas que tínhamos incendiado de manhã ainda soltavam fumaça. Depois pensei em Ceinwyn e, em meio a todo aquele horror bestial, minha alma se ergueu como se tivesse grandes asas brancas.

Virei-me a tempo de ver Merlin e Artur se abraçarem. Artur quase pareceu desmoronar nos braços do druida, mas Merlin o levantou e apertou com força. Em seguida, os dois caminharam até os escudos inimigos.

O príncipe Cuneglas e o druida Iorweth vieram da parede circular de escudos. Cuneglas carregava uma lança, mas estava sem escudo, enquanto Artur mantinha Excalibur na bainha e não levava qualquer outra arma. Ele caminhou à frente de Merlin e, enquanto se aproximava de Cuneglas, apoiou-se sobre um joelho e baixou a cabeça.

— Senhor príncipe — falou.

— Meu pai está morrendo — disse Cuneglas. — Recebeu um golpe de lança nas costas. — Ele fez aquilo parecer uma acusação, mas todo

mundo sabia que quando uma parede de escudos se rompia muitos homens morriam com ferimentos por trás.

Artur permaneceu ajoelhado. Por um momento parecia não saber o que dizer, depois olhou para Cuneglas.

— Posso vê-lo? Ofendi sua casa, senhor príncipe, e insultei a honra dela, e apesar de ter sido sem intenção ainda gostaria de pedir o perdão de seu pai.

Foi a vez de Cuneglas ficar perplexo, depois deu de ombros como se não tivesse certeza de estar tomando a decisão certa. Mas finalmente fez um gesto para a parede de escudos. Artur se levantou e, lado a lado com o príncipe, foi ver o agonizante Gorfyddyd.

Eu queria gritar para que Artur não fosse, mas ele foi engolido pelas fileiras inimigas antes que meu raciocínio lento se recuperasse. Encolhi-me ao pensar no que Gorfyddyd diria a Artur, e sabia que Gorfyddyd diria essas coisas, as mesmas coisas imundas que tinha cuspidido contra mim sobre a borda de seu escudo amassado pelas lanças. O rei Gorfyddyd não era homem de perdoar os inimigos, nem de poupar o sofrimento a eles, mesmo se estivesse morrendo. Especialmente se estivesse morrendo. Seria o prazer final de Gorfyddyd neste mundo saber que tinha magoado seu rival. Sagramor compartilhava meus temores, e nós dois ficamos olhando angustiados enquanto, após alguns instantes, Artur emergia das fileiras derrotadas com um rosto tão sombrio quanto a caverna de Cruachan. Sagramor foi em sua direção.

— Ele mentiu, senhor — disse Sagramor em voz baixa. — Ele sempre mentiu.

— Sei que ele mentiu — disse Artur e em seguida estremeceu. — Mas algumas inverdades são difíceis de se ouvir e impossíveis de perdoar. — De repente, a raiva inchou por dentro e ele desembainhou Excalibur e se virou feroz para o inimigo preso na armadilha. — Alguém de vocês quer lutar pelas mentiras de seu rei? — gritou enquanto andava de um lado para o outro diante das fileiras. — Há alguém de vocês? Ao menos um homem disposto a lutar por aquela coisa maligna que morre com vocês? Só um? Caso contrário minha maldição mandará seu rei para a escuridão definitiva! Venham, lutem. — Ele apontou Excalibur para os escudos levantados. — Lutem! Seus desgraçados! — Sua fúria era mais terrível do que tudo que o vale tinha visto o dia inteiro. — Em nome dos Deuses, declaro que seu rei é um mentiroso, um bastardo, uma coisa sem honra, um nada! — E cuspiu contra eles, depois abriu com uma das mãos as fivelas do meu peitoral, que ele ainda usava. Consegui soltar as tiras dos ombros, mas não as da cintura, de modo que o peitoral ficou pendurado na frente como um avental de ferreiro. — Eu torno mais fácil para vocês! — gritou. — Sem armadura. Sem escudo. Venham e lutem comigo! Provem que o seu rei desgraçado, usuário de prostitutas, fala a verdade! Ninguém? — Sua fúria estava fora de controle, porque agora

ele se encontrava nas mãos dos Deuses e jorrava o ódio contra um mundo que se curvava diante de sua força pavorosa. Cuspiu de novo. — Suas prostitutas rançosas! — Ele girou enquanto Cuneglas aparecia na parede de escudos. — Você, pirralho? — E apontou Excalibur para Cuneglas. — Você luta por aquele monte de imundície à beira da morte?

Como todos os homens presentes, Cuneglas estava abalado com a fúria de Artur, mas saiu sem armas da parede de escudos e então, a pouco mais de 1 metro de Artur, ajoelhou-se.

— Estamos à sua mercê, lorde Artur — falou, e Artur o encarou. Seu corpo estava tenso porque toda a raiva e a frustração de um dia de lutas fervia por dentro, e por um segundo pensei que Excalibur sibilaria no crepúsculo para arrancar a cabeça de Cuneglas, mas então Cuneglas levantou os olhos. — Agora sou rei de Powys, lorde Artur, mas estou à sua mercê.

Artur fechou os olhos. Então, ainda de olhos fechados, tateou buscando a bainha de Excalibur e guardou a espada comprida. Virou-se de costas para Cuneglas, abriu os olhos e nos encarou, seus lanceiros, e vi a loucura se afastar. Ele ainda fervia de raiva, mas a fúria incontrolável tinha passado e sua voz estava calma quando pediu que Cuneglas se levantasse. Em seguida convocou os porta-bandeiras para que os estandartes gêmeos do dragão e do urso dessem dignidade às suas palavras.

— Meus termos são os seguintes — disse para que todos no vale escutassem. — Exijo a cabeça do rei Gundleus. Ele a manteve durante tempo demais, e o assassinato da mãe de meu rei deve ser justificado. Feito isso, só peço a paz entre o rei Cuneglas e meu rei, e entre o rei Cuneglas e o rei Tewdric. Peço a paz entre todos os britânicos.

Houve um silêncio perplexo. Artur era o vencedor nesse campo. Suas forças tinham matado o rei inimigo e capturado o herdeiro de Powys, e cada homem no vale esperava que Artur exigisse um resgate real pela vida de Cuneglas. Em vez disso, pedia apenas a paz.

Cuneglas franziu a testa.

— E quanto ao meu trono? — conseguiu perguntar.

— Seu trono é seu, senhor rei. De quem mais poderia ser? Aceite meus termos e estará livre para retornar a ele.

— E o trono de Gundleus? — perguntou Cuneglas, talvez suspeitando de que Artur quisesse Silúria para si próprio.

— Não é seu — respondeu Artur firmemente —, nem meu. Juntos encontraremos alguém para mantê-lo quente. Assim que Gundleus estiver morto — acrescentou sinistro. — Onde ele está?

Cuneglas fez um gesto para o povoado.

— Numa das construções, senhor.

Artur se virou para os lanceiros derrotados de Powys e levantou a voz para que todos pudessem ouvir.

— Esta guerra nunca deveria ter acontecido! — gritou. — Foi lutada por minha culpa, e aceito essa culpa e devo pagar por ela em qualquer moeda que não minha vida. À princesa Ceinwyn eu devo mais do que desculpas e pagarei o que ela exigir, mas agora só peço que sejamos aliados. Novos saxões chegam diariamente para pegar nossa terra e escravizar nossas mulheres. Devemos lutar contra eles, e não entre nós. Peço a amizade de vocês, e como penhor desse desejo lhes deixo suas terras, suas armas e seu ouro. Isto aqui não é vitória nem derrota — ele fez um gesto para o vale sangrento, empalidecido pela fumaça —, é uma paz. Só peço a paz e uma vida. A de Gundleus. — Ele olhou de novo para Cuneglas e baixou a voz. — Espero sua decisão, senhor rei.

O druida Iorweth correu para o lado de Cuneglas e os dois conversaram. Nenhum deles parecia acreditar na proposta de Artur, porque geralmente os comandantes não são magnânimos na vitória. Os vencedores das batalhas exigem resgates, ouro, escravos e terras; Artur queria apenas amizade.

— E quanto a Gwent? — perguntou Cuneglas a Artur. — O que Tewdric vai querer?

Artur olhou irônico para o vale que escurecia.

— Não estou vendo nenhum homem de Gwent, senhor rei. Se um homem não toma parte numa luta ele não poderá fazer parte do acordo posterior. Mas posso lhe dizer, senhor rei, que Gwent anseia pela paz. O rei Tewdric pedirá apenas sua amizade e a amizade do meu rei. Uma amizade que devemos prometer que jamais romperemos.

— Estou livre para ir embora caso prometa isso? — perguntou Cuneglas, cheio de suspeitas.

— Quando quiser, senhor rei, mas peço sua permissão para procurá-lo em Caer Sws para conversarmos mais.

— E meus homens estão livres para ir?

— Com suas armas, seu ouro, suas vidas e minha amizade. — Artur estava totalmente sério, desesperado para garantir que esta fosse a última batalha entre os britânicos, mas tomara bastante cuidado, notei, para não mencionar nada sobre Ratae. Essa surpresa podia esperar.

Cuneglas ainda parecia achar a oferta boa demais para ser verdade, mas então, talvez lembrando-se de sua antiga amizade com Artur, sorriu.

— O senhor terá sua paz, lorde Artur.

— Com uma última condição — disse Artur inesperada e asperamente, ainda que não muito alto, de modo que apenas alguns de nós pudemos ouvir as palavras. Cuneglas pareceu cauteloso, mas esperou. — Diga, senhor rei, jurando por sua honra, que na hora da morte seu pai mentiu para mim.

A paz dependia da resposta de Cuneglas. Ele fechou momentaneamente os olhos como se estivesse ferido; depois falou:

— Meu pai nunca se importou com a verdade, lorde Artur, mas

apenas com as palavras que realizassem suas ambições. Meu pai era um mentiroso, isso eu juro.

— Então temos paz! — exclamou Artur. Eu só o vira mais feliz uma vez, quando se casou com sua Guinevere, mas agora, em meio à fumaça e ao fedor de uma batalha vencida, ele parecia quase tão alegre quanto naquela clareira florida ao lado do rio. Na verdade, ele mal conseguia falar de tanta alegria, porque obtivera o que mais queria no mundo. Tinha feito a paz.

MENSAGEIROS FORAM PARA O NORTE e o Sul, a Caer Sws e Durnovária, a Magnis e Silúria. O vale do Lugg fedia a sangue e fumaça. Muitos dos feridos estavam morrendo onde haviam caído, e seus gritos eram de dar pena na noite enquanto os vivos se agrupavam em volta de fogueiras e falavam sobre lobos que vinham dos morros para se refestelar nos mortos.

Artur parecia quase pasmo com o tamanho de sua vitória. Agora, ainda que mal pudesse compreender, ele era o efetivo governante do Sul da Britânia, porque não havia outros homens que ousassem se erguer contra seu exército, por mais abalado que este estivesse. Ele precisava conversar com Tewdric, precisava mandar lanceiros de volta para a fronteira saxã, queria desesperadamente que a boa-nova chegasse a Guinevere, e ao mesmo tempo os homens lhe imploravam favores e terra, ouro e postos. Merlin estava lhe falando sobre o Caldeirão, Cuneglas queria discutir os saxões de Aelle, enquanto Artur queria falar de Lancelot e Ceinwyn, e Oengus Mac Airem exigia terras, mulheres, ouro e escravos de Silúria.

Só pedi uma coisa naquela noite, e essa coisa Artur me concedeu.

Ele me entregou Gundleus.

O rei de Silúria tinha buscado refúgio num pequeno templo construído pelos romanos, ligado à grande casa romana no pequeno povoado. O templo era feito de pedra e não tinha janelas, a não ser um buraco grosseiro no alto para deixar a fumaça sair, e apenas uma porta que se abria para o estábulo de uma casa. Gundleus tentara escapar do vale, mas seu cavalo fora derrubado por um dos cavaleiros de Artur, e agora, como um rato em seu último buraco, esperava a perdição. Um punhado de silurianos leais guardavam a porta do templo, mas foram embora quando viram meus guerreiros avançando no escuro.

Somente Tanaburs fora deixado para guardar o templo iluminado por uma fogueira, onde fizera uma pequena cerca fantasma colocando duas cabeças recém-decapitadas nas laterais da porta. Ele viu nossas pontas de lanças brilhando no portão do estábulo e levantou seu cajado encimado pela lua enquanto cuspiam pragas. Estava invocando os Deuses para murchar nossas almas quando, de repente, seus gritos pararam.

Pararam quando ele ouviu Hywelbane saindo da bainha. Diante desse som ele espiou para o pátio escuro enquanto Nimue e eu avançávamos juntos e, reconhecendo-me, deu um gritinho apavorado como o som de uma lebre acuada por um gato selvagem. Sabia que eu era o dono de sua alma, por isso correu aterrorizado pela porta do

templo. Nimue chutou as duas cabeças para o lado, cheia de escárnio, e depois me seguiu para dentro. Estava segurando uma espada. Meus homens esperaram do lado de fora.

Antigamente o templo fora dedicado a algum Deus romano, mas agora era para os Deuses britânicos que os crânios estavam empilhados tão alto de encontro às paredes de pedra nua. As escuras órbitas dos crânios olhavam vazias para as duas fogueiras que iluminavam a câmara alta e estreita onde Tanaburs fizera um círculo de poder com um anel de crânios amarelados. Agora ele estava no círculo entoando feitiços enquanto atrás, encostado na parede mais distante onde havia um baixo altar de pedra manchado de preto com o sangue de sacrifícios, Gundleus esperava com a espada desembainhada.

Tanaburs, com o manto bordado sujo de lama e sangue, levantou o cajado e lançou pragas imundas contra mim. Praguejou pela água e pelo fogo, pela terra e pelo ar, pela pedra e pela carne, pelo orvalho e pelo luar, pela vida e pela morte, e nenhuma das pragas me fez parar enquanto eu ia lentamente em sua direção tendo ao lado Nimue, vestida em sua túnica branca manchada. Tanaburs cuspiu uma praga final, depois apontou o cajado direto para meu rosto.

— Sua mãe vive, saxão! — gritou o druida. — Sua mãe vive e a vida dela é minha. Está ouvindo, saxão? — Ele zombou de mim, dentro de seu círculo, e seu rosto antigo estava sombreado pelas duas fogueiras do templo, que davam aos olhos uma ameaça rubra, feroz. — Ouviu? — gritou de novo. — A alma da sua mãe é minha! Copulei com ela para conseguir isso! Fiz o animal de duas costas com ela e tirei seu sangue para me apossar da sua alma. Toque-me, saxão, e a alma da sua mãe vai para os dragões de fogo. Será esmagada pelo chão, queimada pelo ar, afogada pela água e lançada na dor para todo o sempre. E não apenas a alma dela, saxão, mas a alma de cada coisa viva que já saiu do ventre daquela mulher. Pus o sangue de sua mãe no solo, saxão, e enfiei minha força dentro da barriga dela. — Tanaburs gargalhou e levantou o cajado no alto, em direção às traves do teto do templo. — Toque em mim, saxão, e a maldição levará a vida dela, e, através da vida dela, a sua. — Ele baixou o cajado até apontá-lo para mim de novo. — Mas, se me deixar ir, ela viverá.

Parei na borda do círculo. Os crânios não formavam uma cerca fantasma, mas mesmo assim tinham uma força pavorosa em sua arrumação. Eu podia sentir essa força como asas invisíveis dando grandes batidas para me esmagar. Se eu atravessar o círculo de crânios, pensei, entrarei na área de brinquedos dos Deuses para lutar contra coisas que nem posso imaginar, quanto mais entender. Tanaburs percebeu minha incerteza e sorriu, triunfante.

— Sua mãe é minha, saxão — cantarolou. — Minha, toda minha, seu sangue, sua alma e seu corpo são meus, e isso torna você meu,

porque nasceu no sangue e na dor do meu corpo. — Ele moveu o cajado de modo que o topo em forma de lua tocou meu peito. — Devo levá-lo até ela, saxão? Ela sabe que você está vivo, e uma jornada de dois dias irá levá-lo de volta. — Ele deu um sorriso maligno. — Você é meu — gritou —, todo meu! Eu sou sua mãe e seu pai, sua alma e sua vida. Fiz o encanto da unidade no útero da sua mãe e agora você é meu filho! Pergunte a ela! — Ele virou o cajado na direção de Nimue. — Ela conhece o encanto.

Nimue ficou quieta, apenas olhava maligna para Gundleus enquanto eu espiava os olhos horrendos do druida. Eu estava receoso de atravessar seu círculo, aterrorizado por suas ameaças, mas então, num jorro nauseabundo, os acontecimentos daquela noite tão antiga voltaram como se tivessem acontecido na véspera. Lembrei-me dos gritos da minha mãe, e me lembrei de vê-la implorando aos soldados para me deixarem ao seu lado, e me lembrei dos lanceiros rindo e batendo em sua cabeça com os cabos das lanças, e me lembrei desse druida cacarejando, com as lebres e as luas de sua túnica e os ossos de seu cabelo, e me lembrei de como ele tinha me levantado, me acariciado e dito como eu seria um belo presente para os deuses. Tudo isso recordei, assim como me lembrei de ter sido levantado, gritando por minha mãe que não podia me ajudar, e me lembrei de ter sido carregado por entre as duas linhas de fogo onde os guerreiros dançavam e as mulheres gemiam, e me lembrei de Tanaburs me segurando no alto, acima de sua cabeça tonsurada enquanto ia até a borda de um poço que era um círculo preto na terra, rodeado pelo fogo cujas chamas queimavam com brilho suficiente para iluminar a ponta de uma estaca manchada de sangue, projetando-se das entranhas do poço redondo e escuro. As lembranças eram como serpentes de dor mordendo minha alma enquanto recordava os pedaços de carne sangrenta pendurados na estaca iluminada pelo fogo e o terror meio compreendido dos corpos que se retorciam em agonia lenta e penosa, morrendo na escuridão sangrenta do poço daquele druida. E me lembrei de como ainda gritava por minha mãe quando Tanaburs me levantou para as estrelas e se preparou para me dar aos seus Deuses. “Para Gofannon”, gritara ele, e minha mãe gritava enquanto era estuprada e eu gritava porque sabia que ia morrer. “Para Lleullaw”, gritou Tanaburs, “Para Cernunnos, para Taranis, para Sucellos, para Bel!” E com este último grande nome ele havia me lançado contra a estaca assassina.

E tinha errado.

Minha mãe estivera gritando, e eu ainda ouvia seus gritos quando abri caminho chutando o círculo de crânios feito por Tanaburs, e os gritos dela se fundiram ao guincho do druida enquanto eu ecoava seu antigo berro de morte.

— Para Bel! — gritei.

Hywelbane baixou. E não errei. Hywelbane cortou Tanaburs através do ombro, pelas costelas, e tal era a fúria sanguinolenta da minha alma que Hywelbane cortou sua barriga esquelética e se afundou nas entranhas fétidas, de modo que o corpo se dividiu como um cadáver podre, e o tempo todo eu dava o grito medonho de uma criança que foi entregue ao poço da morte.

O círculo de crânios se encheu com o sangue e meus olhos com as lágrimas enquanto olhava o rei que tinha matado o filho de Ralla e a mãe de Mordred. O rei que havia estuprado Nimue e tirado seu olho. Lembrando aquela dor, segurei o punho de Hywelbane com as duas mãos e arranquei a lâmina das vísceras imundas aos meus pés e passei por cima do corpo do druida para levar a morte a Gundleus.

— Ele é meu! — gritou Nimue. Ela havia tirado o tapa-olho de modo que sua órbita vazia espiava vermelha à luz das chamas. Passou por mim, sorrindo. — Você é meu — cantarolou —, todo meu. — E Gundleus gritou.

E talvez, no Outro Mundo, Norwenna tenha ouvido esse grito e sabido que seu filho, seu filhinho nascido no inverno, ainda era o rei.



Nota do autor

Não é surpreendente que o período arturiano da história da Grã-Bretanha seja conhecido como a Idade das Trevas, porque não sabemos praticamente nada sobre os acontecimentos e as personalidades daqueles anos. Nem mesmo podemos ter certeza da existência de Artur, ainda que, pensando bem, pareça provável que um grande herói britânico chamado Artur (ou Arthur ou Artorius) tenha contido os invasores saxões em alguma época nos primeiros anos do século VI d.C. Uma história desse conflito foi escrita na década de 540, *De Excidio et Conquestu Britanniae*, de Gildas, e podemos supor que essa obra seja uma fonte autorizada a respeito das realizações de Artur, mas Gildas nem mesmo cita Artur, um fato sempre lembrado pelos que questionam sua existência.

Mas há algumas evidências antigas em favor de Artur. Por volta de meados do século VI, quando Gildas estava escrevendo sua história, os relatos remanescentes mostram um número surpreendente e atípico de homens chamados Artur, o que sugere uma moda súbita de dar nome aos filhos a partir de um homem famoso e poderoso. Essa evidência não é conclusiva, assim como não o são as primeiras referências literárias a Artur, uma menção superficial no grande poema épico *Y Gododdin*, que foi escrito por volta do ano 600 d.C. para comemorar uma batalha entre os britânicos do Norte (“uma horda alimentada por hidromel”) e os saxões, mas muitos eruditos acham que essa referência a Artur é uma inserção bem posterior.

Depois dessa única menção dúbia em *Y Gododdin* temos de esperar mais duzentos anos para que a existência de Artur seja narrada por um historiador, um vazio temporal que enfraquece a autoridade da evidência, mas mesmo assim Nennius, que compilou sua história dos britânicos nos últimos anos do século VIII, põe Artur em grande conta. De modo significativo, Nennius nunca o chama de rei, descrevendo Artur como o *Dux Bellorum*, o Líder das Batalhas, título que traduzi como *Warlord* (Comandante Guerreiro, ou Senhor das Guerras). Sem dúvida Nennius se baseava em antigas narrativas folclóricas, uma fonte fértil a alimentar as frequentes versões da história de Artur, que chegaram ao zênite no século XII quando dois escritores em países separados transformaram Artur num herói de todos os tempos. Na Grã-Bretanha, Geoffrey de Monmouth escreveu sua maravilhosa e mítica *Historia Regum Britanniae* enquanto na França, o poeta Chrétien de

Troyes introduziu, dentre outras coisas, Lancelot e Camelot à mistura real. O nome Camelot pode ter sido pura invenção (ou então adaptado arbitrariamente do nome romano de Colchester, Camulodunum), mas fora isso Chrétien de Troyes estava quase com certeza partindo de mitos bretões que podem ter preservado, como as narrativas folclóricas galesas que alimentaram a história de Geoffrey, lembranças genuínas de um herói antigo. Então, no século XV, Sir Thomas Malory escreveu *Le Morte d'Arthur*, que é a protoversão de nossa resplandecente lenda de Artur, com seu Santo Graal, a tábua redonda, donzelas suaves, monstros que propõem enigmas, magos poderosos e espadas encantadas.

Provavelmente é impossível desemaranhar essa rica tradição para encontrar a verdade de Artur, apesar de muitos terem tentado, e sem dúvida muitos tentarão de novo. Disseram que Artur era um homem do norte da Grã-Bretanha, um homem de Essex, bem como um camponês do oeste. Uma obra identifica Artur como um governante galês do século VI chamado Owain Ddantgwyn, mas como os autores observam que “nada foi registrado a respeito de Owain Ddantgwyn”, isso não ajuda muito. Camelot foi situado em Carlisle, Winchester, South Cadbury, Colchester e numa dúzia de outros lugares. Minha opção é, na melhor das hipóteses, caprichosa, e fortalecida pela certeza de que não existe resposta verdadeira. Dei a Camelot o nome inventado de Caer Cadarn e a situei em South Cadbury, em Somerset, não porque acho que seja o local mais provável (ainda que não o considere o menos provável), mas porque conheço e amo essa parte da Grã-Bretanha. Por mais que sondemos, só podemos deduzir com segurança, a partir da história, que um homem chamado Artur provavelmente viveu nos séculos V e VI, que foi um grande comandante guerreiro ainda que nunca tenha sido rei, e que suas maiores batalhas foram travadas contra os invasores saxões.

Podemos saber muito pouco sobre Artur, mas podemos deduzir muito da época em que ele provavelmente viveu. A Grã-Bretanha nos séculos V e VI deve ter sido um lugar medonho. Os romanos protetores tinham partido no início do século V, e com isso os britânicos romanizados foram abandonados a um círculo de inimigos temíveis. Do Oeste vinham os saqueadores irlandeses que eram celtas, parentes próximos dos britânicos, mas que mesmo assim eram invasores, colonizadores e escravagistas. Ao Norte ficava o estranho povo das Terras Altas da Escócia, sempre pronto para vir ao Sul em ataques destruidores, mas nenhum desses inimigos era tão temido quanto os odiados saxões, que primeiro atacaram, depois colonizaram e em seguida capturaram o Leste da Grã-Bretanha e que, com o tempo, capturaram o coração da Grã-Bretanha e mudaram seu nome para Inglaterra.

Os britânicos que enfrentavam esses inimigos estavam longe de ser unidos. Seus reinos pareciam passar tanto tempo lutando entre si quanto

se opondo aos invasores, e sem dúvida também eram divididos ideologicamente. Os romanos deixaram um legado de leis, indústria, ensino e religião, mas esse legado deve ter sido oposto por muitas tradições nativas que haviam sido violentamente suprimidas durante sua longa ocupação, mas que nunca desapareceram por completo, e a principal dessas tradições é o druidismo. Os romanos esmagaram o druidismo por causa de sua associação com o nacionalismo britânico (e portanto antirromano), e no lugar introduziram uma variedade de outras religiões, inclusive, claro, o cristianismo. Opiniões de estudiosos sugerem que o cristianismo estava muito disseminado na Grã-Bretanha pós-romana (ainda que fosse um cristianismo estranho para as mentes modernas), mas sem dúvida o paganismo também existia, especialmente no campo (pagão vem da palavra latina que significa camponês) e, à medida que o estado pós-romano desmoronava, homens e mulheres devem ter se agarrado a qualquer apoio sobrenatural que tenha aparecido. Pelo menos um estudioso moderno sugeriu que o cristianismo era simpático aos remanescentes do druidismo britânico, e que os dois credos existiram em cooperação pacífica, mas a tolerância nunca foi a característica mais forte da Igreja, e duvido das conclusões desse estudioso. Minha crença é de que a Grã-Bretanha de Artur era um lugar tão assolado pela divisão religiosa quanto pela invasão e a política. Com o tempo, claro, as histórias de Artur se tornaram muito cristianizadas, especialmente na obsessão com o Santo Graal, mas podemos duvidar de que tal cálice fosse conhecido de Artur. Entretanto, as lendas da busca ao Graal talvez não fossem criações totalmente posteriores, porque têm uma semelhança notável com narrativas folclóricas celtas sobre guerreiros procurando caldeirões mágicos; contos pagãos nos quais, como muitas outras coisas na mitologia arturiana, autores cristãos posteriores puseram seu brilho piedoso, assim enterrando uma tradição arturiana muito anterior, que agora só existe em algumas antigas e obscuras vidas de santos celtas. Essa tradição, surpreendentemente, retrata Artur como vilão e inimigo do cristianismo. Parece que a igreja celta não gostava de Artur, e as vidas dos santos sugerem que isso acontecia porque ele confiscava o dinheiro da Igreja para financiar suas guerras, o que pode explicar por que Gildas, um clérigo e o historiador mais contemporâneo de Artur, se recuse a lhe dar crédito pelas vitórias britânicas que temporariamente contiveram o avanço saxão.

O Espinheiro Sagrado, claro, teria existido em Ynys Wydryn (Glastonbury) se acreditarmos na lenda de que José de Arimateia trouxe o Santo Graal a Glastonbury em 63 d.C., ainda que essa história só apareça realmente no século XII, portanto suspeito de que a inclusão do Espinheiro em *O rei do inverno* seja um dos meus muitos anacronismos deliberados. Quando comecei o livro eu estava decidido a excluir qualquer anacronismo, inclusive os acréscimos de Chrétien de Troyes,

mas tal pureza teria excluído Lancelot, Galahad, Excalibur e Camelot, para não falar de figuras como Merlin, Morgana e Nimue. Será que Merlin existiu? As evidências de sua vida são ainda menores do que as de Artur, e é altamente improvável que os dois tenham coexistido. Entretanto são inseparáveis, e achei impossível deixar Merlin de fora. Mas felizmente boa parte dos anacronismos pôde ser descartada, e assim o Artur do século VI não usa armadura de placas de ferro nem carrega uma lança medieval. Não tem tábua redonda, ainda que seus guerreiros (não cavaleiros) frequentemente festegassem, ao modo celta, num círculo no chão. Seus castelos seriam feitos de terra e madeira, e não de pedras, altos e com torres. E duvido, infelizmente, que algum braço vestido de tecido branco, místico e maravilhoso tenha subido de um pântano enevoadado para levar sua espada até a eternidade, mas é quase certo que os tesouros pessoais de um grande líder fossem, na sua morte, lançados num lago como oferenda aos Deuses.

A maioria dos nomes dos personagens no livro é retirada de registros dos séculos V e VI, mas sobre as pessoas ligadas a esses nomes sabemos praticamente nada, assim como sabemos muito pouco sobre os reinos pós-romanos da Grã-Bretanha — na verdade, histórias modernas chegam a discordar quanto ao número e ao nome dos reinos. A Dumnonia existiu, assim como Powys, enquanto o narrador da história, Derfel (pronunciado, ao modo galês, como Dervel) seja identificado em algumas das narrativas mais antigas como um dos guerreiros de Artur e exista a observação de que mais tarde ele virou monge, porém não sabemos mais nada a respeito. Outros, como o bispo Sansum, sem dúvida existiram e permanecem conhecidos até hoje como santos, apesar de parecer que era exigida muito pouca virtude daqueles primeiros homens santos.

Assim, *O rei do inverno* é uma narrativa sobre a Idade das Trevas, em que a lenda e a imaginação devem compensar a carência de registros históricos. Praticamente a única coisa de que podemos ter bastante certeza é o amplo cenário histórico: uma Grã-Bretanha em que cidades romanas, estradas romanas, vilas romanas e alguns costumes romanos ainda estão presentes, mas também uma Grã-Bretanha que vem sendo rapidamente destruída pela invasão e pelas guerras civis. Alguns dos britânicos já haviam abandonado a luta e se estabelecido na Armórica, a Bretanha, o que explica a persistência das lendas arturianas naquela parte da França. Mas para os britânicos que permaneceram em sua amada ilha foi uma época em que buscavam desesperadamente a salvação, tanto espiritual quanto militar, e àquele lugar infeliz chegou um homem que, pelo menos por um tempo, repeliu o inimigo. Esse homem é Artur, um grande comandante guerreiro e herói que lutou de tal modo que, contra todas as chances, 1.500 anos depois seus inimigos amam e reverenciam sua memória.



As CRÔNICAS de ARTUR Bernard Cornwell

VOLUME II

O INIMIGO de DEUS

28ª EDIÇÃO

TRADUÇÃO DE
ALVES CALADO



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

REVISÃO-EXECUTIVA

Renata Borggill

SUPERINTENDENTE DE EDITORIA IMPRESSA

Mayana Rulleyra

ARQUITETA DE LAYOUT

Adrielle Martins / Laboratório Secreto

ATILACARDINAL

Julia Moniz God

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C835i

Cornwell, Bernard, 1944-

O inimigo de Deus [recurso eletrônico] / Bernard Cornwell; tradução Alves Calado. –

1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2021.

recurso digital (Crônicas de Artur; 2)

Tradução de: The enemy of God

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-360-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Arthur, Rei – Ficção. 3. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título. III. Série.

21-72921

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

TÍTULO EM INGLÊS:

The Enemy of God

Copyright © 1996 by Bernard Cornwell

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5587-360-3

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

O inimigo de Deus é para Susan Watt, sua única inspiradora



Sumário

[Prefácio](#)

[Personagens](#)

[Mapa](#)

[Lugares](#)

[Parte 1 | A estrada escura](#)

[Parte 2 | A guerra partida](#)

[Parte 3 | Camelot](#)

[Parte 4 | Os mistérios de Ísis](#)

[Nota do autor](#)



Prefácio

O inimigo de Deus é o segundo romance da série *As crônicas de Artur*, e se segue imediatamente aos acontecimentos descritos em *O rei do inverno*. Naquele livro o rei da Dumnonia e Grande Rei da Britânia, Uther, morre e é sucedido pelo neto Mordred, um bebê aleijado. Artur, filho bastardo de Uther, é nomeado um dos guardiães de Mordred, e com o tempo se transforma no mais importante desses guardiães. Artur está decidido a cumprir o juramento feito a Uther, de que Mordred, na maioridade, ocupará o trono de Dumnonia.

Artur também está decidido a trazer a paz para os litigiosos reinos britânicos. O maior conflito é entre Dumnonia e Powys, mas quando Artur é convidado a se casar com Ceinwyn, uma princesa de Powys, parece que a guerra poderá ser evitada. Em vez disso ele foge com a princesa Guinevere, e esse insulto a Ceinwyn provoca anos de guerra que só terminam quando Artur derrota o rei Gorfyddyd de Powys na batalha do vale do Lugg. Então o trono de Powys passa para Cuneglas, irmão de Ceinwyn, que, como Artur, quer a paz entre os britânicos, de modo que possam concentrar suas lanças contra o inimigo comum, os saxões (ou *sais*).

O rei do inverno, como este livro, era narrado por Derfel (pronuncia-se Dervel), um jovem escravo saxão que cresceu na casa de Merlin e se tornou um dos guerreiros de Artur. Artur mandou Derfel à Armórica (a atual Bretanha) onde ele participou da malfadada campanha para preservar o reino britânico de Benoic contra os invasores francos. Dentre os refugiados de Benoic que voltam à Britânia está Lancelot, rei de Benoic, que agora Artur quer casar com Ceinwyn e colocar no trono de Silúria. Derfel se apaixonou por Ceinwyn.

O outro amor de Derfel é Nimue, sua amiga de infância que se tornou auxiliar e amante de Merlin. Merlin é um druida, líder da facção que deseja restaurar a Britânia aos seus Deuses antigos, e com esse objetivo procura um Caldeirão, um dos Treze Tesouros da Britânia, uma busca que, para Merlin e Nimue, suplanta de longe qualquer batalha contra outros reinos ou invasores. Opondo-se a Merlin estão os cristãos da Britânia, e um dos líderes desses cristãos é o bispo Sansum, que perdeu grande parte de seu poder ao desafiar Guinevere. Agora

Sansum está em desgraça, servindo como abade no mosteiro do Espinheiro Sagrado em Ynys Wydryn (Glastonbury).

O rei do inverno terminou com Artur vencendo a grande batalha no vale do Lugg. O trono de Mordred está seguro, os reinos do sul da Britânia estão aliados e Artur, ainda que não seja rei, é seu líder inquestionável.



Personagens

ADE

Amante de Lancelot

AELLE

Rei saxão

AGRÍCOLA

Comandante guerreiro de Gwent, que serve ao rei Tewdric

AILLEANN

Ex-amante de Artur, mãe de seus filhos gêmeos Amhar e Loholt

AMHAR

Filho bastardo de Artur e Ailleann

ARTUR

Comandante guerreiro de Dumnonia, guardião de Mordred

BALIN

Um dos guerreiros de Artur

BAN

Antigo rei de Benoic (um reino na Bretanha), pai de Lancelot

BEDWIN

Bispo em Dumnonia, principal conselheiro

BORS

Primo de Lancelot, seu campeão

BROCHVAEL

Rei de Powys depois da época de Artur

BYRTHIG

Edling (príncipe herdeiro) de Gwynedd, mais tarde rei

CADOC
Bispo cristão, santo reputado e recluso

CADWALLON
Rei de Gwynedd

CADWY
Príncipe rebelde de Isca

CALLYN
Campeão de Kernow

CAVAN
Segundo em comando de Derfel

CEI
Companheiro de infância de Artur, agora um de seus guerreiros

CEINWYN
Princesa de Powys, irmã de Cuneglas

CERDIC
Rei saxão

CULHWCH
Primo de Artur, um de seus guerreiros

CUNEGLAS
Rei de Powys, filho de Gorfyddyd

CYTHRYN
Magistrado dumnoniano, conselheiro

DERFEL CADARN
O narrador, nascido saxão, um dos guerreiros de Artur e mais tarde monge

DIAN
Filha mais nova de Derfel

DINAS
Druida siluriano, gêmeo de Lavaine

DIWRNACH
Rei irlandês de Llein, país anteriormente chamado Henis Wyren

EACHERN

Um dos lanceiros de Derfel

ELAINE

Mãe de Lancelot, viúva de Ban

EMYRS

Bispo em Dumnonia, sucessor de Bedwin

ERCE

Mãe de Derfel, também chamada de Enna

GALAHAD

Meio-irmão de Lancelot, príncipe da perdida Benoic

GORFYDDYD

Rei de Powys morto no vale do Lugg, pai de Cuneglas e Ceinwyn

GUINEVERE

Mulher de Artur

GUNDLEUS

Ex-rei de Silúria, morto após a batalha do vale do Lugg

GWENHWYVACH

Irmã de Guinevere, princesa da perdida Henis Wyren

GWLYDDYN

Serviçal de Merlin

GWYDRE

Filho de Artur e Guinevere

HELLEDD

Mulher de Cuneglas, rainha de Powys

HYGWYDD

Serviçal de Artur

IGRAINE

Rainha de Powys, após o tempo de Artur, casada com Brochvael

IORWETH

Druída de Powys

ISOLDA

Rainha de Kernow, casada com Mark

ISSA

Um dos lanceiros de Derfel, mais tarde seu segundo em comando

LANCELOT

Rei exilado de Benoic

LANVAL

Um dos guerreiros de Artur

LAVAINÉ

Druida siluriano, gêmeo de Dinas

LEODEGAN

Rei exilado de Henis Wyren, pai de Guinevere e Gwenhwyvach

LIGESSAC

Traidor exilado

LOHOLT

Filho bastardo de Artur, gêmeo de Amhar

LUNETE

Ex-amante de Derfel, agora dama de companhia de Guinevere

MAELGWYN

Monge em Dinnewrac

MALAINÉ

Druida em Powys

MALLA

Esposa saxã de Sagramor

MARK

Rei de Kernow, pai de Tristan

MELWAS

Rei exilado dos Belgae

MERLIN

Principal druida de Dumnonia

MEURIG

Edling (príncipe herdeiro) de Gwent, mais tarde rei

MORDRED

Rei de Dumnonia, filho de Norwenna

MORFANS

“O Feio”, um dos guerreiros de Artur

MORGANA

Irmã mais velha de Artur, ex-principal sacerdotisa de Merlin

MORWENNA

Filha mais velha de Derfel

NABUR

Magistrado cristão em Durnovária

NIMUE

Amante de Merlin e sua principal sacerdotisa

NORWENNA

Mãe de Mordred, morta por Gundleus

OENGUS MAC AIREM

Rei irlandês de Demetia, uma terra anteriormente conhecida como Dyfed

PEREDUR

Filho de Lancelot e Ade

PYRLIG

Bardo de Derfel

RALLA

Serviçal de Merlin, casada com Gwlyddyn

SAGRAMOR

Comandante númida de Artur, Senhor das Pedras

SANSUM

Bispo em Dumnonia, mais tarde superior de Derfel em Dinnewrac

SCARACH

Mulher de Issa

SEREN

Segunda filha de Derfel

TANABURS

Druida de Silúria, morto por Derfel depois da batalha do vale do Lugg

TEWDRIC

Rei de Gwent, pai de Meurig, mais tarde recluso cristão

TRISTAN

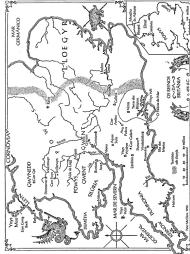
Edling (Príncipe Herdeiro) de Kernow, filho de Mark

TUDWAL

Monge noviço em Dinnewrac

UTHER

Rei morto da Dumnonia, avô de Mordred





Lugares

ABONA

Avonmouth, Avon

AQUAE SULIS

Bath, Avon

BENOIC

Reino na Bretanha (Armórica), perdido para os francos

BODUAN

Garn Boduan, Gwynedd

BROCELIANDE

Reino britânico sobrevivente em Armórica

BURRIUM

Capital de Gwent. Usk, Gwent

CAER AMBRA*

Amesbury, Wiltshire

CAER CADARN*

South Cadbury, Somerset

CAER GEI*

Capital de Gwynedd. Gales do Norte

CAER SWS

Capital de Powys. Caersws, Powys

CALLEVA

Silchester, Hampshire

CORINIUM

Cirencester, Gloucestershire

CWM ISAF
Perto de Newtown, Powys

DINNEWRAC*
Mosteiro em Powys Dolforwyn. Perto de Newtown, Powys

DUN CEINACH*
Haresfield Beacon, perto de Gloucester

DUNUM
Hod Hill, Dorset

DURNOVÁRIA
Dorchester, Dorset

ERMID'S HALL*
Perto de Street, Somerset

GLEVUM
Gloucester

HALCWM*
Salcombe, Gwent

ISCA DUMNONIA
Exeter, Devon

ISCA SILÚRIA
Caerleon, Gwent

LINDINIS
Ilchester, Somerset

LLOEGYR
A parte da Britânia ocupada pelos saxões, literalmente “as terras perdidas”. Em galês moderno *Lloegr* significa Inglaterra

LLYN CERRIG BACH
O Lago das Pedrinhas, agora Vale Airfield, Anglesey

MAGNIS
Kenchester, Hereford & Worcester

NIDUM
Neath, Glamorgan

PONTES

Staines, Surrey

PEDRAS, AS
Stonehenge

RATAE
Leicester

O TOR
Colina de Glastonbury, Somerset

VALE DO LUGG*
Mortimer's Cross, Hereford e Worcester

VENTA
Winchester, Hampshire

VINDOCLÁDIA
Forte romano perto de Wimborne Minster, Dorset

YNYS MON
Anglesey

YNYS TREBES*
Capital perdida de Benoic, Monte Saint Michel, Bretanha

YNYS WIT
Ilha de Wight

YNYS WYDRYN
Glastonbury, Somerset

Nota

* Os nomes de lugares marcados com * são fictícios.



Parte 1

A estrada escura

HOJE ESTIVE FALANDO DOS MORTOS.

Este é o último dia do ano que passou. As samambaias nos morros ficaram marrons, os olmos no final do vale perderam as folhas e teve início a matança do nosso gado para o inverno. Esta noite é a Véspera de Samain.

Esta noite a cortina que separa os mortos dos vivos irá tremular, rasgar-se e finalmente desaparecer. Esta noite os mortos atravessarão a ponte de espadas. Esta noite os mortos virão do Outro Mundo para este mundo, mas não os veremos. Serão sombras na escuridão, meros sussurros de vento numa noite sem vento, mas estarão aqui.

O bispo Sansum, o santo que comanda nossa pequena comunidade de monges, zomba dessa crença. Diz que os mortos não têm corpos de sombra nem podem atravessar a ponte de espadas, em vez disso ficam em suas sepulturas frias e esperam a última vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. Diz que é certo lembrarmos os mortos e rezar por suas almas imortais, mas seus corpos se foram. Estão corrompidos. Seus olhos se dissolveram deixando buracos escuros nos crânios, vermes liquefazem suas barrigas, e o mofo cobre de pelos seus ossos. O santo insiste em que os mortos não perturbam os vivos na Véspera de Samain, mas até ele cuida de deixar um pedaço de pão junto ao fogão do mosteiro nesta noite. Fingirá que é descuido, mas mesmo assim esta noite haverá um pedaço de pão e um jarro de água ao lado das cinzas da cozinha.

Deixarei mais. Uma taça de hidromel e um pedaço de salmão. São presentes pequenos, mas é tudo que posso dar, e esta noite vou colocá-los nas sombras perto do fogão e depois irei para minha cela de monge e darei aos mortos as boas-vindas a esta casa fria sobre o morro despido.

Direi o nome dos mortos. Ceinwyn, Guinevere, Nimue, Merlin, Lancelot, Galahad, Dian, Sagramor; a lista poderia encher dois pergaminhos. Tantos mortos! Seus passos não farão barulho no chão nem assustarão os camundongos que vivem no teto de palha do mosteiro, mas até o bispo Sansum sabe que nossos gatos arquearão as costas e sibilarão nos cantos da cozinha quando as sombras que não são sombras chegarem ao nosso fogão para encontrar os presentes destinados a impedi-los de fazer maldades.

De modo que hoje estive pensando nos mortos.

Agora estou velho, talvez tão velho quanto Merlin era, mas nem de longe tão sábio. Acho que o bispo Sansum e eu somos os únicos que restam vivos dos grandes dias, e somente eu os recordo com carinho. Talvez alguns outros ainda vivam. Na Irlanda, quem sabe, ou nas vastidões ao norte de Lothian. Entretanto não sei deles, mas disto sei:

que, se alguns outros vivem, eles, como eu, curvam-se diante da escuridão que se expande assim como os gatos se encolhem para longe das sombras desta noite. Tudo que amamos está destruído, tudo que fizemos está derrubado e tudo que semeamos é colhido pelos saxões. Nós, britânicos, nos agarramos às altas terras do oeste e falamos em vingança, mas não há espada que lute contra uma grande escuridão. Existem tempos, agora frequentes demais, em que só quero estar com os mortos. O bispo Sansum aplaude esse desejo e me diz que é certo eu querer estar no céu, à mão direita de Deus, mas não creio que eu chegue ao céu dos santos. Pequei demais e por isso temo o inferno. Mas em vez disso ainda espero — contra minha fé — passar para o Outro Mundo. Porque lá, sob as macieiras de Annwn das quatro torres, espera uma mesa cheia de comida e apinhada com os corpos-sombra de todos os meus velhos amigos. Merlin estará engambelando, dando lições, murmurando e zombando. Galahad estará louco para interromper, e Culhwch, entediado com tanta falação, roubará um pedaço maior de carne e pensará que ninguém viu. E Ceinwyn estará lá, a amada e linda Ceinwyn, trazendo paz ao tumulto provocado por Nimue.

Mas ainda sofro a maldição de respirar. Vivo enquanto meus amigos festejam, e enquanto viver escreverei esta narrativa sobre Artur. Escrevo a pedido da rainha Igraine, a jovem esposa do rei Brochvael de Powys, que é protetor de nosso pequeno mosteiro. Igraine queria saber tudo que recordo sobre Artur, por isso comecei a escrever essas histórias, mas o bispo Sansum desaprova a tarefa. Diz que Artur era o Inimigo de Deus, filho do diabo, por isso estou escrevendo em minha língua nativa, o saxão, que o santo não fala. Igraine e eu dissemos ao santo que estou escrevendo o evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo na língua do inimigo, e talvez ele acredite, ou talvez esteja se dando tempo até que possa provar nossa falsidade e então me punir.

Escrevo todos os dias. Igraine vem frequentemente ao mosteiro rezar para que Deus dê ao seu útero a bênção de um filho, e quando suas orações terminam leva os pergaminhos e manda que sejam traduzidos para o britânico pelo escrivão da justiça de Brochvael. Acho que então Igraine muda a história, fazendo-a combinar com o Artur que ela deseja, e não com o Artur que existiu, mas talvez isso não importe, porque quem lerá algum dia essa narrativa? Sou como um homem construindo uma parede de pau a pique para resistir à enchente que se aproxima. Vem chegando a escuridão em que nenhum homem lerá. Haverá apenas os saxões.

Por isso escrevo sobre os mortos, e a escrita faz passar o tempo até que possa me juntar a eles; quando o irmão Derfel, um humilde monge de Dinnewrac, será de novo lorde Derfel Cadarn, Derfel, o Poderoso, Campeão de Dumnonia e amigo querido de Artur. Mas agora não passo de um monge com frio rabiscando lembranças com a única mão que me

resta. E esta noite é a Véspera de Samain e amanhã é um novo ano. O inverno está chegando. As folhas mortas caem em redemoinhos brilhantes contra as sebes, aparecem tordos cantadores no restolho, gaivotas voaram para o interior, vindas do mar, e as galinhas se reúnem sob a lua cheia. É uma boa estação para escrever sobre coisas antigas, diz-me Igraine, por isso ela me trouxe um lote de peles novas, um frasco de tinta recém-preparada e um feixe de penas. Fale de Artur, diz ela, do Artur dourado, nossa última e melhor esperança, nosso rei que nunca foi rei, o Inimigo de Deus e flagelo dos saxões. Fale de Artur.

Um campo após a batalha é uma coisa pavorosa.

Tínhamos vencido, mas não havia empolgação em nossas almas, apenas cansaço e alívio. Tremíamos junto às fogueiras e tentávamos não pensar nos monstros e espíritos que tocaiavam o escuro onde os mortos do vale do Lugg estavam caídos. Alguns de nós dormiam, mas ninguém dormia bem porque os pesadelos do final da batalha nos assolavam. Acordei nas horas negras, assustado pela memória de um golpe de lança que por pouco não rasgou minha barriga. Issa havia me salvado, empurrando a lança do inimigo para longe com a borda de seu escudo, mas fiquei assombrado pelo que quase acontecera. Tentei dormir de novo, mas a memória daquela lança me mantinha desperto, até que por fim, tremendo e cansado, levantei-me e me enrolei na capa. O vale era iluminado por fogueiras espalhadas, e na escuridão entre as chamas pairava um miasma de fumaça e névoa do rio. Algumas coisas se moviam na fumaça, mas eu não podia dizer se eram fantasmas ou os vivos.

— Não consegue dormir, Derfel? — disse uma voz baixa na porta da construção romana onde estava o corpo do rei Gorfyddyd.

Virei-me e vi que era Artur quem me observava.

— Não consigo dormir, senhor.

Ele abriu caminho entre os guerreiros adormecidos. Usava uma das compridas capas brancas de que tanto gostava e, na noite feroz, ela parecia brilhar. Não havia lama na capa, nem sangue, e percebi que ele devia tê-la guardado em segurança para ter algo limpo que usar após a batalha. O resto de nós não se importaria se tivéssemos terminado a noite nus em pelo, desde que vivêssemos, mas Artur sempre foi um homem meticuloso. Estava com a cabeça descoberta e o cabelo ainda mostrava as marcas de onde o elmo havia apertado o crânio.

— Nunca durmo bem depois de uma batalha, pelo menos durante uma semana. Depois vem uma abençoada noite de descanso. — Ele sorriu para mim. — Estou em dívida com você.

— Não, senhor — falei, mas na verdade ele estava em dívida. Sagamor e eu tínhamos sustentado o vale do Lugg durante todo aquele dia comprido, lutando na parede de escudos contra uma vasta horda de

inimigos, e Artur fracassara em nos resgatar. Um resgate que viera finalmente e com a vitória, mas, de todas as batalhas de Artur, a do vale do Lugg foi a mais próxima da derrota. Até a última batalha.

— Eu, pelo menos, me lembrarei da dívida — disse ele com carinho —, mesmo que você não lembre. Está na hora de torná-lo rico, Derfel, você e seus homens. — Ele sorriu e pegou meu cotovelo, guiando-me até um trecho de terra nua onde nossas vozes não perturbariam o sono inquieto dos guerreiros deitados mais perto das fogueiras fumarentas. O chão estava úmido, e a chuva tinha criado lama nas cicatrizes fundas deixadas pelos cascos dos grandes cavalos de Artur. Imaginei se os cavalos sonhavam com batalhas, depois imaginei se os mortos, recém-chegados ao Outro Mundo, ainda tremiam ao lembrar o golpe de espada ou de lança que mandara suas almas pela ponte de espadas. Artur interrompeu meus pensamentos: — Gundleus está morto, não é?

— Morto, senhor. — O rei de Silúria tinha morrido mais cedo, no início da noite, mas eu não vira Artur desde o momento em que Nimue arrancara a vida de seu inimigo.

— Eu o ouvi gritando — disse Artur numa voz despreocupada.

— Toda a Britânia deve tê-lo ouvido gritando — respondi numa secura igual. Nimue havia tirado a negra alma do rei pedaço a pedaço, e o tempo todo cantarolava sua vingança contra o homem que a havia estuprado e arrancado um de seus olhos.

— Então Silúria precisa de um rei — disse Artur, depois olhou pelo comprido vale onde as formas negras pairavam na névoa e na fumaça. Seu rosto barbeado estava sombreado pelas chamas, que lhe davam uma aparência magra. Ele não era um homem bonito, mas também não era feio. Tinha um rosto singular; comprido, ossudo e forte. Em repouso era um rosto triste, sugerindo simpatia e meditação, mas na conversa se animava com entusiasmo e um sorriso rápido. Ele ainda era jovem na época, tinha apenas trinta anos, e o cabelo cortado curto não estava tocado pelo cinza. — Venha. — Ele tocou meu braço e fez um gesto para o interior do vale.

— O senhor quer andar entre os mortos? — Recuei, pasmo. Preferia esperar até que a alvorada expulsasse os fantasmas antes de me afastar da luz protetora das fogueiras.

— Nós os mandamos para o reino dos mortos, Derfel, você e eu. Eles é que deveriam nos temer, não é? — Ele jamais foi um homem supersticioso, não como o resto de nós, que vivíamos pedindo bênçãos, guardávamos amuletos e observávamos cada momento em busca de presságios que pudessem alertar contra perigos. Artur movia-se por aquele mundo de espíritos como um cego. — Venha — falou, tocando meu braço de novo.

Então fomos andando para o escuro. Não estavam todas mortas, aquelas coisas caídas na névoa, algumas pediam ajuda com gritos dignos

de pena, mas Artur, normalmente o mais gentil dos homens, estava surdo aos lamentos frágeis. Pensava na Britânia.

— Vou para o sul amanhã, me encontrar com Tewdric — falou. O rei Tewdric era nosso aliado, mas se recusara a mandar seus homens para o vale do Lugg, achando que a vitória era impossível. Agora o rei estava em dívida conosco, porque tínhamos vencido para ele essa guerra. Mas Artur não era homem de guardar rancor. — Vou pedir a Tewdric que mande homens para o leste, enfrentar os saxões, mas mandarei Sagamor também. Isso deve sustentar a fronteira durante o inverno. Os seus homens — ele me deu um sorriso rápido — merecem descanso.

O sorriso me disse que não haveria descanso.

— Eles farão o que o senhor pedir — respondi obedientemente. Estava andando depressa, cauteloso com as sombras ao redor e fazendo com a mão direita o sinal contra o mal. Algumas almas, recém-arrancadas dos corpos, não acham a entrada do Outro Mundo e vagueiam pela superfície da terra buscando vingança contra seus matadores. Muitas dessas almas estavam naquela noite no vale do Lugg, e eu as temia, mas Artur, sem perceber a ameaça, caminhava descuidado pelo campo da morte com uma das mãos levantando a bainha da capa para mantê-la livre do capim molhado e da lama grossa.

— Quero os seus homens em Silúria — falou decisivamente. — Oengus Mac Airem vai querer saqueá-la, mas deve ser impedido. — Oengus era o rei irlandês de Demétia, que tinha mudado de lado na batalha, para dar a vitória a Artur, e o preço do irlandês era uma parte dos escravos e da riqueza do reino do falecido rei Gundleus. — Oengus pode pegar cem escravos — decretou Artur — e um terço do tesouro de Gundleus. Ele concordou com isso, mas tentará nos enganar.

— Vou garantir que ele não faça isso, senhor.

— Não, você não. Você deixaria Galahad liderar seus homens?

Assenti, escondendo a surpresa.

— Então o que o senhor quer de mim?

— Silúria é um problema — prosseguiu Artur, ignorando a pergunta. Em seguida parou, franzindo a testa enquanto pensava no reino de Gundleus. — Ele tem sido mal governado, Derfel, mal governado. — Falava com um nojo profundo. Para o resto de nós um governo corrupto era tão natural quanto neve no inverno ou flores na primavera, mas Artur ficava genuinamente horrorizado. Hoje em dia nos lembramos de Artur como um comandante guerreiro, como o homem brilhante em armadura polida que carregava uma espada lendária, mas ele gostaria de ser lembrado apenas como um governante bom, honesto e justo. A espada lhe dava poder, mas ele entregava esse poder à lei. — Não é um reino importante, mas causará problemas intermináveis se não dermos um jeito. — Ele estava pensando em voz alta, tentando antecipar cada obstáculo entre esta noite após a batalha e seu sonho de uma Britânia

unida e pacífica. — A resposta ideal seria dividi-lo entre Gwent e Powys.

— Então por que não fazer isso? — perguntei.

— Porque prometi Silúria a Lancelot — disse ele numa voz que não revelava qualquer contradição.

Fiquei quieto, mas toquei o punho de Hywelbane para que o ferro protegesse minha alma das coisas malignas da noite. Olhava para o sul, onde os mortos estavam caídos como uma linha de maré junto à cerca de árvores onde meus homens tinham lutado contra o inimigo durante todo aquele dia comprido.

Existiram muitos homens corajosos naquela luta, mas não Lancelot. Em todos os anos em que eu tinha lutado por Artur, e em todos os anos em que conhecia Lancelot, ainda não o vira na parede de escudos. Eu o vira perseguir fugitivos derrotados, e o vira liderar cativos num desfile diante da multidão empolgada, mas nunca o vira na pressão dura, suada e barulhenta de duas paredes de escudos em luta. Ele era o rei exilado de Benoic, destronado pela horda de francos que saíra da Gália para varrer para o esquecimento o reino de seu pai, e nenhuma vez, pelo que eu soube, ele usara uma lança contra um bando de guerreiros francos, mas bardos de todos os calibres da Britânia cantam sua bravura. Ele era Lancelot, o rei sem terra, o herói de cem lutas, a espada dos britânicos, o belo senhor triste, o modelo; e tudo nessa grande reputação fora feito pelas canções, e nada, pelo que eu soubesse, com uma espada. Eu era seu inimigo, e ele meu, mas ambos éramos amigos de Artur, e essa amizade mantinha nossa inimizade numa trégua incômoda.

Artur conhecia minha hostilidade. Ele tocou meu cotovelo e fomos para o sul, em direção à linha de maré dos mortos.

— Lancelot é amigo de Dumnonia — insistiu ele —, portanto se Lancelot governar Silúria não teremos o que temer vindo de lá. E, se Lancelot se casar com Ceinwyn, Powys também o apoiará.

Pronto, estava dito, e agora minha hostilidade se eriçava de ira, mas mesmo assim não falei nada contra o esquema de Artur. O que poderia dizer? Eu era filho de uma escrava saxã, um jovem guerreiro com um bando de homens mas sem terras, e Ceinwyn era uma princesa de Powys. Ela era chamada de *seren*, a estrela, e brilhava numa terra opaca como se fosse uma fagulha do sol caída na lama. Tinha sido noiva de Artur, mas o perdera para Guinevere, e essa perda trouxera a guerra que tínhamos acabado de encerrar na carnificina do vale do Lugg. Agora, pela paz, Ceinwyn deveria se casar com Lancelot, meu inimigo, enquanto eu, um mero nada, estava apaixonado por ela. Eu usava seu broche e carregava sua imagem nos pensamentos. Tinha até jurado protegê-la, e ela não rejeitara o juramento. Sua aceitação me havia preenchido com uma esperança insana de que meu amor não fosse impossível, mas era. Ceinwyn era uma princesa e devia se casar com um rei, e eu era um lanceiro nascido escravo e me casaria com quem

pudesse.

Por isso não falei nada sobre meu amor por Ceinwyn, e Artur, que estava dispondo da Britânia naquela noite após a vitória, de nada suspeitava. E por que deveria? Se eu tivesse confessado que estava apaixonado por Ceinwyn, ele teria considerado isso uma ambição ultrajante, como um galo vivendo de esterco que quisesse se acasalar com uma águia.

— Você conhece Ceinwyn, não conhece? — perguntou ele.

— Sim, senhor.

— E ela gosta de você — falou, apenas pela metade em tom de pergunta.

— É o que ousou pensar — respondi sincero, lembrando-me da beleza pálida e prateada de Ceinwyn e odiando a ideia de vê-la entregue aos belos cuidados de Lancelot. — Ela gosta de mim a ponto de ter dito que não sente entusiasmo por esse casamento.

— Por que sentiria? Ela não conheceu Lancelot. Eu não espero entusiasmo da parte dela, Derfel, apenas obediência.

Hesitei. Antes da batalha, quando Tewdric estivera tão desesperado para terminar a guerra que ameaçava seu reino, eu fora em missão de paz a Gorfyddyd. A missão tinha fracassado, mas conversei com Ceinwyn e falei da esperança de Artur, de que ela se casasse com Lancelot. Ela não rejeitou a ideia, mas também não a recebeu bem. Na ocasião, claro, ninguém acreditava que Artur pudesse derrotar o pai de Ceinwyn em batalha, mas Ceinwyn considerara essa possibilidade improvável e me pedira para requisitar um favor a Artur, caso ele vencesse. Ela queria sua proteção, e eu, tão apaixonado, traduzi esse pedido como um rogo para que ela não fosse forçada a um casamento indesejado. Agora falei a Artur que ela pedira sua proteção.

— Ela ficou noiva muitas vezes, senhor — acrescentei — e se desapontou com muita frequência, e acho que quer ser deixada em paz por um tempo.

— Tempo! — Artur gargalhou. — Ela não tem tempo, Derfel. Ela tem quase vinte anos! Não pode continuar solteira como um gato que não pega ratos. E com quem mais ela pode se casar? — Ele deu alguns passos. — Ela tem minha proteção, mas que proteção melhor Ceinwyn poderia querer do que se casar com Lancelot e ser posta num trono? E quanto a você? — perguntou subitamente.

— Eu, senhor? — Por um momento pensei que ele estivesse propondo que eu me casasse com Ceinwyn, e meu coração saltou.

— Você está com quase trinta anos, e está na época de se casar. Cuidaremos disso quando voltarmos a Dumnonia, mas por enquanto quero que vá a Powys.

— Eu, senhor? A Powys? — Tínhamos acabado de lutar e derrotar o exército de Powys, e eu não poderia imaginar alguém em Powys dando

as boas-vindas a um guerreiro inimigo.

Artur agarrou meu braço.

— A coisa mais importante nas próximas semanas, Derfel, é que Cuneglas seja aclamado rei de Powys. Ele acha que ninguém irá desafiá-lo, mas quero ter certeza. Quero um dos meus homens em Caer Sws para testemunhar nossa amizade. Nada mais. Só quero que qualquer desafiante saiba que terá de lutar comigo, além de com Cuneglas. Se você estiver lá e se for visto como amigo dele, essa mensagem será clara.

— Então por que não mandar uma centena de homens?

— Porque pareceria que estamos impondo Cuneglas ao trono de Powys. Não quero isso. Preciso dele como amigo, e não o quero voltando a Powys como um homem derrotado. Além disso — ele sorriu —, você vale por cem homens, Derfel. Provou isso ontem.

Fiz uma careta, porque sempre ficava desconfortável com elogios extravagantes, mas, se o elogio significava que eu era o homem certo para ser o enviado de Artur a Powys, fiquei feliz, porque estaria perto de Ceinwyn de novo. Ainda guardava como um tesouro a lembrança de seu toque em minha mão, assim como guardava o broche que ela me dera havia tantos anos. Ela ainda não tinha se casado com Lancelot, falei a mim mesmo, e eu só queria uma chance de ceder às esperanças impossíveis.

— E, quando Cuneglas for aclamado, o que faço?

— Espere por mim. Vou a Powys logo que puder, e, assim que estivermos estabelecidos em paz e Lancelot estiver noivo em segurança, vamos para casa. E, no ano que vem, meu amigo, lideraremos os exércitos da Britânia contra os saxões.

Ele falava com um raro prazer pelo negócio da guerra. Artur era bom em lutar, e até gostava da batalha pelas emoções que ela provocava em sua alma geralmente tão cautelosa, mas nunca buscava a guerra se a paz estivesse disponível, porque desconfiava das incertezas da batalha. Os caprichos da vitória e da derrota eram imprevisíveis demais, e Artur odiava ver a boa ordem e a diplomacia cuidadosa sendo abandonadas aos acasos da batalha. Mas a diplomacia e o tato jamais derrotariam os invasores saxões, que como uma praga se espalhavam para o oeste sobre a Britânia. Artur sonhava com uma Britânia organizada, governada segundo as leis, pacífica, e os saxões não faziam parte desse sonho.

— Vamos marchar na primavera? — perguntei.

— Quando aparecerem as primeiras folhas.

— Então primeiro devo lhe pedir um favor.

— É só falar — disse ele, deliciado por eu querer alguma coisa em troca da ajuda em lhe dar a vitória.

— Quero marchar com Merlin, senhor.

Durante um tempo ele não respondeu. Só olhou para o terreno úmido onde estava caída uma espada com a lâmina quase totalmente

dobrada. Em algum lugar no escuro um homem gemeu, gritou, depois ficou quieto.

— O Caldeirão — disse Artur finalmente, com a voz pesada.

— Sim, senhor.

Merlin tinha vindo até nós durante a batalha e pedido que os dois lados abandonassem a luta e o seguissem numa busca ao Caldeirão de Clyddno Eiddyn. O Caldeirão era o maior Tesouro da Britânia, o presente mágico dos Deuses, e estivera perdido durante séculos. A vida de Merlin era dedicada a recuperar esses Tesouros, e o Caldeirão era o prêmio maior. Se ele encontrasse o Caldeirão, segundo nos disse, poderia restaurar a Britânia aos seus Deuses de direito.

Artur balançou a cabeça.

— Você realmente acha que o Caldeirão de Clyddno Eiddyn esteve escondido esse tempo todo? Durante todos os anos do domínio de Roma? Ele foi levado a Roma, Derfel, e derretido para fazer alfinetes, broches ou moedas. Não existe Caldeirão!

— Merlin diz que existe, senhor.

— Merlin andou ouvindo histórias de velhas — disse Artur, com raiva. — Você sabe quantos homens querem partir nessa busca dele ao Caldeirão?

— Não, senhor.

— Oitenta, foi o que ele me disse. Ou cem. Ou, melhor ainda, duzentos! Ele nem quer dizer onde o Caldeirão está, só quer que eu lhe dê um exército e o deixe marchar para algum lugar selvagem. Irlanda, talvez, ou para o Ermo. Não! — Ele chutou a espada amassada, depois cutucou meu ombro com um dedo. — Escute, Derfel, preciso de cada lança que puder reunir no ano que vem. Vamos acabar com os saxões de uma vez por todas, e não posso abrir mão de oitenta ou cem homens para procurarem uma panela que desapareceu há quase quinhentos anos. Assim que os saxões de Aelle estiverem derrotados você pode ir atrás desse absurdo, se quiser. Mas repito que é um absurdo. Não existe Caldeirão. — Ele se virou e começou a voltar para as fogueiras. Eu fui atrás, querendo argumentar, mas sabia que jamais poderia persuadi-lo porque ele precisaria de cada lança possível se quisesse derrotar os saxões, e agora não faria nada que enfraquecesse suas chances de vitória na primavera. Sorrii para mim como se para compensar a recusa áspera ao meu pedido. — Se o Caldeirão existe, pode ficar escondido mais um ou dois anos. Mas enquanto isso, Derfel, planejo tornar você rico. Vamos casá-lo com alguém com muito dinheiro. — Ele me deu um tapa nas costas. — Uma última campanha, meu caro Derfel, uma última grande matança, depois teremos paz. Pura paz. Então não precisaremos de caldeirões. — Ele falava exultante. Naquela noite, entre os mortos, Artur realmente via a paz chegando.

Fomos em direção às fogueiras ao redor da casa romana onde o pai

de Ceinwyn, Gorfyddyd, estava morto. Artur estava feliz naquela noite, verdadeiramente feliz, porque via seu sonho se realizando. E tudo parecia fácil demais. Haveria mais uma guerra, depois paz para sempre. Artur era o nosso comandante, o maior guerreiro da Britânia, mas naquela noite após a batalha, entre as almas que gritavam, as almas dos mortos envoltos em fumaça, ele só queria a paz. O herdeiro de Gorfyddyd, Cuneglas de Powys, compartilhava o sonho de Artur. Tewdric de Gwent era um aliado, Lancelot poderia ganhar o reino de Silúria, e com o exército dumnoniano de Artur os reinos unidos da Britânia derrotariam os invasores saxões. Mordred, sob a proteção de Artur, cresceria para assumir o trono de Dumnonia e Artur se aposentaria para desfrutar a paz e a prosperidade que sua espada trouxera à Britânia.

Assim Artur estabelecia o futuro dourado.

Mas não contava com Merlin. Merlin era mais velho, mais sábio e mais sutil do que Artur, e Merlin tinha farejado o Caldeirão. Ele iria encontrá-lo, e o poder daquela relíquia se espalharia pela Britânia como um veneno.

Porque era o Caldeirão de Clyddno Eiddyn. Era o Caldeirão que partia os sonhos dos homens.

E Artur, apesar de todo o seu senso prático, era um sonhador.

Em Caer Sws as folhas estavam pesadas com a última maturidade do verão. Viajei para o norte com o rei Cuneglas e seus homens derrotados, e assim fui o único dumnoniano presente quando o corpo do rei Gorfyddyd foi queimado no cume do Dolforwyn. Vi as chamas de sua fogueira funerária subirem gigantescas na noite enquanto sua alma atravessava a ponte de espadas para ocupar o corpo de sombra no Outro Mundo. A fogueira estava rodeada por um duplo anel de lanceiros de Powys carregando tochas acesas que balançavam juntas enquanto eles cantavam o Lamento da Morte de Beli Mawr. Cantaram durante longo tempo e o som de suas vozes ecoava dos morros próximos como um coro de fantasmas. Havia muita tristeza em Caer Sws. Muitos na terra tinham se transformado em viúvas e órfãos, e na manhã depois de o velho rei ser queimado e enquanto sua fogueira funerária ainda lançava uma pira de fumaça para as montanhas do norte houve ainda mais tristeza, quando chegou a notícia da queda de Ratae. Ratae tinha sido uma grande fortaleza na fronteira leste de Powys, mas Artur a havia traído, entregando-a aos saxões para comprar a paz com eles enquanto lutava contra Gorfyddyd. Ninguém em Powys sabia da traição de Artur, e eu não contei.

Não vi Ceinwyn durante três dias, porque eram os dias de luto por Gorfyddyd e nenhuma mulher foi até a fogueira funerária. Em vez disso as mulheres da corte de Powys usavam lã preta e ficavam trancadas

dentro do salão das mulheres. Nenhuma música era tocada no salão, apenas água era dada para beber e a única comida era pão seco e um mingau ralo de aveia. Fora do salão os guerreiros de Powys se reuniram para a aclamação do novo rei e eu, obediente às ordens de Artur, tentei detectar se algum homem questionaria o direito de Cuneglas ao trono, mas não ouvi qualquer sussurro de oposição.

No fim dos três dias, a porta do salão das mulheres foi aberta. Uma serviçal apareceu e espalhou arruda na soleira e nos degraus, e um instante depois um sopro de fumaça saiu da porta e das janelas do salão, e só quando a fumaça havia se dissipado Helledd, agora rainha de Powys, desceu os degraus para se ajoelhar diante do marido, o rei Cuneglas de Powys. Helledd usava um vestido de linho branco que, quando Cuneglas a fez se levantar, exibia marcas de lama onde ela havia se ajoelhado. Ele beijou-a, depois a levou de volta para o salão. Vestido de preto, Iorweth, o principal druida de Powys, acompanhou o rei até o salão das mulheres, enquanto do lado de fora, rodeando as paredes de madeira do salão em fileiras de ferro e couro, os guerreiros sobreviventes de Powys observavam e esperavam.

Esperavam enquanto um coro de crianças cantava o dueto de amor de Gwydion e Aranrhod, a Canção de Rhianon, e depois cada um dos longos versos da Marcha de Gofannon a Caer Idion, e, somente quando essa última canção terminou, Iorweth, agora vestido de branco e carregando um cajado preto com um ramo de visgo na ponta, veio à porta e anunciou que os dias de luto finalmente haviam terminado. Os guerreiros comemoraram e se espalharam das fileiras para procurar suas mulheres. No dia seguinte Cuneglas seria aclamado no cume do Dolforwyn, e se algum homem quisesse questionar seu direito de governar Powys a aclamação daria essa chance. Também seria a primeira vez em que eu ia vislumbrar Ceinwyn depois da batalha.

No dia seguinte olhei para Ceinwyn enquanto Iorweth realizava os rituais da aclamação. Ela estava de pé, olhando o irmão, e eu a mirava numa espécie de espanto por alguma mulher poder ser tão linda. Agora estou velho, de modo que talvez minha memória de velho exagere a beleza da princesa Ceinwyn, mas não creio. Ela não era chamada de *seren*, a estrela, por nada. Tinha altura mediana, mas era muito esguia, e essa esbeltez lhe dava uma aparência de fragilidade que era um engano, como descobri mais tarde, porque acima de tudo Ceinwyn tinha vontade de ferro. Seu cabelo, como o meu, era claro, só que de um dourado pálido e brilhante como o sol, enquanto os meus eram mais da cor de palha suja. Seus olhos eram azuis, seu jeito recatado e o rosto doce como o mel de uma colmeia selvagem. Naquele dia usava um vestido de linho azul enfeitado com a pele prateada e pintalgada de preto de um arminho, o mesmo que tinha usado quando tocou minha mão e aceitou meu juramento. Captou o meu olhar uma vez e deu um sorriso grave, e

juro que meu coração parou de bater.

Os rituais de aclamação em Powys não eram muito diferentes dos nossos. Cuneglas desfilou pelo círculo de pedra do Dolforwyn, recebeu os símbolos do reinado, e depois um guerreiro o declarou rei e desafiou qualquer homem presente a questionar a aclamação. O desafio foi recebido com silêncio. As cinzas da grande fogueira funerária ainda soltavam fumaça além do círculo, mostrando que um rei tinha morrido, mas o silêncio junto às pedras era prova de que um novo rei governava. Então Cuneglas recebeu presentes. Artur, eu sabia, traria seu próprio presente magnífico, mas tinha me dado a espada de guerra de Gorfyddyd que fora encontrada no campo de batalha, e agora eu a devolvia ao filho de Gorfyddyd como penhor do desejo de paz por parte de Dumnonia.

Depois da aclamação houve uma festa na única construção existente no topo do Dolforwyn. Foi uma festa modesta, mais rica em hidromel e cerveja do que em comida, mas era a chance de Cuneglas falar aos guerreiros sobre suas esperanças como rei.

Falou primeiro da guerra que tinha acabado. Citou os mortos do vale do Lugg e garantiu aos seus homens que aqueles guerreiros não tinham morrido em vão.

— O que eles alcançaram foi a paz entre os britânicos. Uma paz entre Powys e Dumnonia. — Isso causou alguns resmungos entre os guerreiros, mas Cuneglas os silenciou com a mão erguida. — Nosso inimigo — disse ele, e sua voz ficou subitamente dura — não é Dumnonia. Nosso inimigo são os saxões! — Em seguida fez uma pausa, e dessa vez ninguém resmungou discordando. Simplesmente esperaram em silêncio e observaram seu novo rei, que na verdade não era um grande guerreiro, e sim um homem bom e honesto. Essas qualidades pareciam óbvias em seu rosto redondo, jovem e sem malícia, ao qual ele tentara dar dignidade deixando crescer um comprido bigode trançado que ia até o peito. Podia não ser guerreiro, mas era suficientemente esperto para saber que tinha de oferecer a esses guerreiros a chance da guerra, porque apenas pela guerra um homem pode obter glória e riqueza. Prometeu que Ratae seria retomada e que os saxões seriam punidos pelos horrores que infligiram aos habitantes da cidade. Lloegyr, as Terras Perdidas, seriam retomadas dos saxões, e Powys, que já fora o reino mais poderoso da Britânia, de novo se esticaria das montanhas até o Mar Germânico. As cidades romanas seriam reconstruídas, suas muralhas erguidas de novo para a glória, e as estradas consertadas. Haveria terras para plantar, butins e escravos saxões para cada guerreiro de Powys. Eles aplaudiram essa perspectiva, porque Cuneglas estava oferecendo aos seus desapontados chefes as recompensas que esses homens sempre buscavam com seus reis. Mas, prosseguiu depois de levantar a mão para interromper as comemorações, a riqueza de Lloegyr não seria reclamada apenas por Powys.

— Agora — alertou ele aos guerreiros — marchamos com os homens de Gwent e ao lado dos lanceiros de Dumnonia. Eles eram inimigos de meu pai, mas são meus amigos, e por isso lorde Derfel está aqui. — Sorriu para mim. — E é por isso que na próxima lua cheia minha querida irmã ficará noiva de Lancelot. Ela governará como rainha de Silúria, e os homens daquele país marcharão conosco, e com Artur e com Tewdric, para livrar a terra sob domínio saxão. Devemos destruir nosso verdadeiro inimigo. Devemos destruir os saxões!

Dessa vez as comemorações não foram interrompidas. Ele os conquistara. Estava lhes oferecendo a riqueza e o poder da antiga Britânia e eles aplaudiram e bateram com os pés no chão para mostrar que aprovavam. Cuneglas ficou parado um tempo, deixando a aclamação continuar, depois sentou-se e sorriu para mim como se reconhecesse como Artur teria aprovado o que acabara de dizer.

Não fiquei em Dolforwyn para a bebedeira que continuaria durante toda a noite, em vez disso, caminhei de volta a Caer Sws atrás da carroça puxada por bois que levava a rainha Helledd, suas duas tias e Ceinwyn. As mulheres da realeza queriam estar de volta a Caer Sws ao pôr do sol e segui com elas, não porque não me sentisse bem-vindo entre os homens de Cuneglas, mas porque não tivera chance de falar com Ceinwyn. Então, como um bezerro demente, juntei-me à pequena guarda de lanceiros que escoltava a carroça para casa. Tinha me vestido com cuidado naquele dia, querendo impressionar Ceinwyn, por isso havia limpado minha cota de malha, escovado a lama das botas e da capa e depois atado o cabelo claro e comprido numa trança que pendia frouxa às costas. Usava seu broche na capa, como sinal de minha aliança.

Pensei que Ceinwyn iria me ignorar, porque durante toda a longa volta a Caer Sws ela ficou sentada na carroça olhando para outro lado, mas finalmente, quando viramos a curva e a fortaleza surgiu, ela se virou e desceu da carroça para me esperar ao lado da estrada. Os lanceiros da escolta se afastaram para deixar que eu caminhasse ao seu lado. Ela sorriu ao reconhecer o broche, mas não fez qualquer observação sobre isso.

— Lorde Derfel — disse ela —, o que o trouxe aqui?

— Artur queria um dumnoniano para testemunhar a aclamação de seu irmão, senhora.

— Ou será que Artur queria ter certeza de que ele seria aclamado? — perguntou ela, com esperteza.

— Isso também — admiti.

Ceinwyn deu de ombros.

— Aqui não há mais ninguém que poderia ser rei. Meu pai se certificou disso. Havia um chefe chamado Valerin, que poderia ter desafiado Cuneglas pelo reino, mas ouvimos dizer que Valerin morreu

na batalha.

— Sim, senhora, morreu — falei, mas não acrescentei que eu tinha matado Valerin em combate singular no vale do Lugg. — Ele era um homem corajoso, assim como o seu pai. Sinto muito por ele ter morrido.

Ela deu alguns passos em silêncio enquanto Helledd, a rainha de Powys, nos observava da carroça, cheia de suspeitas.

— Meu pai era um homem amargo — disse Ceinwyn depois de um tempo. — Mas sempre foi bom comigo. — Ela falava com tristeza, mas não derramou lágrimas. Todas as lágrimas já haviam sido choradas, e agora seu irmão era rei e Ceinwyn enfrentava um novo futuro. Ela levantou a bainha da saia para passar sobre uma poça de lama. Chovera na noite anterior e as nuvens a oeste prometiam mais chuva para breve. — Então Artur vem para cá?

— A qualquer dia desses, senhora.

— E vai trazer Lancelot?

— Acho que sim.

Ela fez uma careta.

— Na última vez em que nos encontramos, lorde Derfel, eu ia me casar com Gundleus. Agora deve ser Lancelot. Um rei após outro.

— Sim, senhora. — Foi uma resposta inadequada, até estúpida, mas eu fora golpeado pelo estranho nervosismo que prende a língua dos amantes. Só queria estar com Ceinwyn, mas quando me vi ao seu lado não podia dizer o que levava na alma.

— E devo ser rainha de Silúria — disse Ceinwyn sem qualquer prazer com a perspectiva. Em seguida, parou e fez um gesto para o amplo vale do Severn. — Logo depois do Dolforwyn há um pequeno vale escondido, com uma casa e algumas macieiras. E quando eu era pequenina sempre pensava que o Outro Mundo era como aquele vale; um lugar pequeno e seguro onde eu poderia viver, ser feliz e ter filhos. — Ela riu de si mesma e recomeçou a andar. — Por toda a Britânia há garotas que sonham em se casar com Lancelot e ser rainhas num palácio, mas quero apenas um pequeno vale com macieiras.

— Senhora — falei, juntando coragem para dizer o que realmente queria dizer, mas ela adivinhou de imediato o que me passava pela cabeça e tocou meu braço para me silenciar.

— Devo cumprir meu dever, lorde Derfel — disse ela, alertando-me para segurar a língua.

— A senhora tem meu juramento — deixei escapar. Era o mais próximo de uma confissão de amor que fui capaz de fazer naquele momento.

— Eu sei — disse ela gravemente. — E você é meu amigo ou não é?

Eu queria ser mais do que amigo, mas assenti.

— Sou seu amigo, senhora.

— Então vou lhe dizer o que falei ao meu irmão. — Ela me olhou, os

olhos azuis muito sérios. — Não sei se quero me casar com Lancelot, mas prometi a Cuneglas que vou me encontrar com ele antes de decidir. Devo fazer isso, mas não sei se devo me casar com ele. — Ceinwyn seguiu alguns passos em silêncio e senti que ela estava decidindo se diria uma coisa. Por fim, decidiu confiar em mim. — Depois de me encontrar com você da outra vez, eu visitei a sacerdotisa de Maesmwyrr, e ela me levou à caverna dos sonhos e me fez dormir na cama de crânios. Eu queria descobrir meu destino, veja bem, mas não me lembro de ter tido nenhum sonho. Mas quando acordei a sacerdotisa disse que o próximo homem que quisesse se casar comigo em vez disso se casaria com os mortos. — Ela me olhou. — Isso faz sentido?

— Nenhum, senhora — falei, e toquei o ferro no punho de Hywelbane. Estaria ela me alertando? Nunca tínhamos falado de amor, mas ela devia sentir meu anseio.

— Também não faz sentido para mim, por isso perguntei a Iorweth o que significava a profecia, e ele disse que eu não devia me preocupar. Disse que a sacerdotisa fala através de enigmas porque é incapaz de dizer coisa com coisa. Creio que significa que não devo me casar, mas não sei. Só sei de uma coisa, lorde Derfel. Não vou me casar só por casar.

— A senhora sabe duas coisas. Sabe que meu juramento se mantém.

— Também sei disso. — E ela sorriu de novo. — Fico feliz por você estar aqui, lorde Derfel. — E com essas palavras ela correu adiante e voltou a subir na carroça, deixando-me com a tentativa de resolver sua charada e não encontrando resposta que pudesse dar paz à minha alma.

Artur chegou a Caer Sws três dias depois. Veio com vinte cavaleiros e cem lanceiros. Trouxe bardos e harpistas. Trouxe Merlin, Nimue e presentes do ouro tirado dos mortos no vale do Lugg, e também trouxe Guinevere e Lancelot.

Resmunguei quando vi Guinevere. Tínhamos obtido uma vitória e feito a paz, mas mesmo assim achei cruel Artur trazer a mulher por quem havia desprezado Ceinwyn. Mas Guinevere insistira em acompanhar o marido, por isso chegou a Caer Sws numa carroça de bois toda forrada de peles, com cortinas de linho tingido e enfeitada com ramos verdes para significar paz. A rainha Elaine, mãe de Lancelot, viajava na carroça com Guinevere, mas era Guinevere, e não a rainha, quem chamava atenção. Ficou de pé enquanto a carroça passava lentamente pelo portão de Caer Sws e continuou de pé enquanto os bois a puxavam até a porta do grande salão de Cuneglas, onde um dia ela fora uma exilada indesejada e ao qual voltava como conquistadora. Usava um vestido de linho tingido de dourado, ouro no pescoço e nos pulsos, e o cabelo ruivo e encaracolado preso com um círculo de ouro. Estava grávida, mas a gravidez não aparecia por baixo do precioso linho dourado. Parecia uma Deusa.

Mas, se Guinevere parecia uma Deusa, Lancelot entrou cavalcando em Caer Sws como um Deus. Muitas pessoas presumiram que ele fosse Artur, porque parecia magnífico num cavalo branco com uma manta de linho claro onde estavam presas pequenas estrelas de ouro. Usava sua armadura de escamas esmaltadas em branco, a espada numa bainha branca, e uma comprida capa branca pendia dos ombros, enfeitada de vermelho na borda. Seu rosto moreno e bonito era emoldurado pelas laterais douradas do elmo que agora tinha na crista um par de asas de cisne abertas, em vez das asas de águia-do-mar que ele usara em Ynys Trebes. As pessoas ficaram boquiabertas ao vê-lo, e ouvi os sussurros correrem pela multidão dizendo que aquele não era Artur, afinal de contas, e sim o rei Lancelot, o trágico herói do reino perdido de Benoic, o homem que se casaria com a princesa deles, Ceinwyn. Meu coração se encolheu ao vê-lo, porque temi que sua magnificência ofuscasse Ceinwyn. A multidão mal havia notado Artur, que usava um gibão de couro e capa branca, e parecia embaraçado por estar em Caer Sws.

Naquela noite houve uma festa. Duvido de que Cuneglas estivesse gostando muito da presença de Guinevere, mas ele era um homem paciente e sensato que, diferentemente do pai, não optava por se ofender com qualquer mesquinha imaginação, por isso tratou Guinevere como rainha. Serviu-lhe vinho, comida e curvava a cabeça para falar com ela. Artur, sentado do outro lado de Guinevere, irradiava satisfação. Ele sempre parecia feliz quando estava com sua Guinevere, e devia haver um grande prazer em vê-la ser tratada com tal cerimônia no mesmo salão onde ele a vira pela primeira vez, de pé em meio às pessoas menos importantes no fundo da multidão.

Artur dava a maior parte de sua atenção a Ceinwyn. Todo mundo no salão sabia como ele a havia desprezado uma vez, e como ele rompera o noivado para se casar com a empobrecida Guinevere, e muitos homens de Powys tinham jurado nunca perdoar essa falta, mas Ceinwyn o perdoou e tornou óbvio o perdão. Sorria para ele, pôs uma das mãos em seu braço e se inclinou para perto, e mais tarde, quando o hidromel havia dissolvido as antigas hostilidades, o rei Cuneglas pegou a mão de Artur, depois a de sua irmã, e as apertou juntas nas suas, e o salão aplaudiu ao ver esse sinal de paz. Um velho insulto fora enterrado.

Um instante depois, num outro gesto simbólico, Artur pegou a mão de Ceinwyn e a levou até uma cadeira que fora deixada vazia ao lado de Lancelot. Houve mais aplausos. Fiquei olhando com rosto de pedra enquanto Lancelot se levantava para receber Ceinwyn, e enquanto ele se sentava ao lado dela e lhe servia vinho. Ele tirou do pulso um pesado bracelete de ouro e deu de presente a ela, e, apesar de ter fingido que recusava o presente generoso, Ceinwyn finalmente o colocou no braço, onde o ouro brilhou à luz das velas. Os guerreiros sentados no chão exigiram ver o bracelete, e Ceinwyn levantou o braço recatadamente

para mostrar a pesada faixa de ouro. Só eu não aplaudi. Fiquei sentado enquanto o som trovejava ao redor e a chuva forte batia no teto de palha. Ela tinha sido ofuscada, pensei, tinha sido ofuscada. A estrela de Poyws caíra diante da beleza morena e elegante de Lancelot.

Eu teria saído naquele momento para levar meu sofrimento para a noite lavada pela chuva, mas Merlin estava percorrendo o salão. No início da festa ele estivera sentado à mesa elevada, mas saíra para andar entre os guerreiros, parando aqui e ali para ouvir uma conversa ou sussurrar ao ouvido de algum homem. Seu cabelo branco estava puxado para trás da tonsura, numa trança comprida que ele havia amarrado com uma fita preta, e a barba comprida estava trançada e amarrada de modo semelhante. Seu rosto, moreno como as castanhas romanas que eram uma iguaria tão apreciada em Dumnonia, era comprido, com rugas profundas, e demonstrava diversão. Ele estava aprontando alguma coisa, pensei, e me encolhi no meu lugar para que ele não aprontasse a tal coisa contra mim. Eu amava Merlin como se ele fosse meu pai, mas não me sentia no clima para mais charadas. Só queria estar tão longe de Ceinwyn e Lancelot quanto os Deuses permitissem.

Esperei até que Merlin estivesse do outro lado do salão, para que fosse seguro sair sem que ele me visse, mas foi justo nesse momento que sua voz sussurrou no meu ouvido:

— Estava se escondendo de mim, Derfel? — perguntou ele e depois deu um gemido elaborado enquanto se sentava ao meu lado, no chão. Merlin gostava de fingir que sua idade o deixara frágil, e massageou exageradamente os joelhos, gemendo da dor nas juntas. Depois tirou o chifre de hidromel da minha mão e engoliu tudo. — Observe a princesa virgem indo para o seu destino medonho — disse ele, fazendo um gesto com o chifre vazio na direção de Ceinwyn. — Vejamos agora. — Ele coçou entre as tranças da barba como se pensasse nas próximas palavras. — Meio mês até o noivado? Casamento uma ou duas semanas depois, em seguida um punhado de meses até que a criança a mate. Não há chance de um bebê sair daqueles quadris pequenos sem parti-la em duas. — Ele gargalhou. — Seria como uma gatinha dar à luz um novilho. Muito feio, Derfel. — Ele me espiou, desfrutando meu desconforto.

— Pensei que o senhor tinha feito um feitiço de felicidade para Ceinwyn.

— E fiz — disse ele em voz afável. — Mas e daí? As mulheres gostam de ter bebês, e, se a felicidade de Ceinwyn consistir em ser partida em duas metades sangrentas por seu primogênito, meu feitiço terá dado certo, não é? — Ele sorriu para mim.

— Ela nunca será elevada — falei, citando a profecia que Merlin havia pronunciado neste mesmo salão, um mês atrás — e nunca será rebaixada, mas será feliz.

— Que memória para trivialidades você tem! O carneiro não está horrível? Cozinhou de menos, veja só. E nem está quente! Não suporto comida fria. — O que não o impediu de roubar uma porção do meu prato. — Você acha que ser rainha de Silúria é uma situação elevada?

— Não é? — perguntei azedamente.

— Ah, claro que não. Que ideia absurda! Silúria é o pior lugar da terra, Derfel. Nada além de vales sujos, praias pedregosas e gente feia. — Ele estremeceu. — Eles queimam carvão em vez de madeira, e em resultado disso a maioria das pessoas é tão preta quanto Sagramor. Não creio que saibam o que é banho. — Merlin tirou dos dentes um pedaço de cartilagem e jogou para um dos cães que procuravam comida entre os participantes da festa. — Logo Lancelot vai se entediar com Silúria! Não consigo ver nosso galante Lancelot suportando durante muito tempo aquelas lesmas feias e empretecidas pelo carvão, por isso, se sobreviver ao parto, a pobre Ceinwyn será deixada sozinha com um punhado de carvão e um bebê ranhento. Será o fim dela! — Ele parecia feliz com a perspectiva. — Já percebeu, Derfel, como você encontra uma jovem no auge da beleza, com um rosto capaz de arrancar as próprias estrelas do céu, e um ano depois a descobre fedendo a leite e merda de criança, e fica imaginando como pôde achá-la bonita? Os bebês fazem isso com as mulheres, por isso olhe agora para ela, Derfel, olhe agora, porque ela nunca mais será tão linda.

Ela era linda, e pior, parecia feliz. Usava um vestido branco naquela noite, e no pescoço trazia uma estrela de prata presa numa corrente de prata. Seu cabelo dourado estava preso num filete de prata, e gotas de chuva de prata pendiam de suas orelhas. E naquela noite Lancelot estava tão impressionante quanto Ceinwyn. Diziam que ele era o homem mais bonito da Britânia, e era, se você gostasse de seu rosto moreno, fino, comprido, quase reptiliano. Vestia uma capa preta com listras brancas, usava um torque de ouro na garganta e tinha um círculo de ouro prendendo o cabelo preto e comprido, untado com óleo para ficar grudado no crânio antes de cascadear pelas costas. Sua barba, cortada em ponta, também estava untada.

— Ela me disse que não tem certeza se quer se casar com Lancelot — falei a Merlin, sabendo que revelava demais do meu coração para aquele velho malicioso.

— Bom, ela diria isso, não é? — respondeu Merlin descuidadamente, chamando um escravo que levava um prato de porco em direção à mesa alta. Em seguida, jogou um punhado de costeletas no colo de sua túnica branca suja e ficou chupando uma delas, cobiçosamente. — Ceinwyn é uma idiota romântica — prosseguiu ele quando tinha tirado quase toda a carne da costeleta. — De algum modo se convenceu de que poderia se casar com quem quisesse, mas só os Deuses sabem por que alguma garota deveria pensar assim! Mas, claro, tudo muda — concluiu com a

boca cheia de carne de porco. — Ela conheceu Lancelot! Já deve estar tonta por ele. Quem sabe, nem vai esperar o casamento. Talvez esta noite mesmo, no segredo de seu quarto, ela seque o desgraçado. Mas provavelmente não. Ela é uma garota muito convencional. — Merlin falou as últimas três palavras com desânimo. — Pegue uma costeleta — ofereceu. — Está na hora de você se casar.

— Não há ninguém com quem eu queira me casar — falei carrancudo. A não ser Ceinwyn, claro, mas que esperança eu tinha contra Lancelot?

— O casamento nada tem a ver com querer — disse Merlin com escárnio. — Artur achava que tinha, e que idiota é Artur com as mulheres! O que você quer, Derfel, é uma garota bonita na sua cama, mas só um idiota acha que a garota e a esposa têm de ser a mesma criatura. Artur acha que você deveria se casar com Gwenhwyvach. — Ele falou o nome descuidadamente.

— Gwenhwyvach! — falei alto demais. Ela era a irmã mais nova de Guinevere, uma garota gorda, sem graça, pálida, que Guinevere não suportava. Eu não tinha motivo particular para desgostar de Gwenhwyvach, mas não conseguia me imaginar casado com uma garota tão opaca, sem alma e infeliz.

— E por que não? — perguntou Merlin fingindo ultraje. — É um bom casamento, Derfel. O que você é, afinal de contas, se não o filho de uma escrava saxã? E Gwenhwyvach é uma princesa genuína. Não tem dinheiro, claro, e é mais feia do que a porca selvagem de Llyffan, mas pense em como ela ficará agradecida! — Ele zombou de mim. — E pense nos quadris de Gwenhwyvach, Derfel! Não há perigo de um bebê ficar arraigado. Ela vai cuspir os monstrosinhos como se fossem carochos engordurados!

Fiquei imaginando se Artur realmente havia proposto esse casamento ou se seria ideia de Guinevere. Provavelmente de Guinevere. Fiquei olhando-a, sentada envolta em ouro ao lado de Cuneglas, e o triunfo em seu rosto era inconfundível. Parecia de uma beleza incomum naquela noite. Era sempre a mulher de aparência mais impressionante na Britânia, mas naquela noite festiva em Caer Sws parecia brilhar. Talvez fosse por causa da gravidez, mas a explicação mais provável era que estava revelando a superioridade sobre aquelas pessoas que um dia a haviam desconsiderado como uma exilada sem um tostão. Agora, graças à espada de Artur, podia dispor daquelas pessoas como seu marido dispusera dos reinos delas. Eu sabia que Guinevere era o principal apoio de Lancelot em Dumnonia, e Guinevere tinha feito Artur prometer a Lancelot o trono de Silúria, e sabia que Guinevere decidira fazer de Ceinwyn a noiva de Lancelot. Agora, suspeitei, ela queria me punir pela hostilidade para com Lancelot transformando sua inconveniente irmã em minha noiva insuportável.

— Você parece infeliz, Derfel — provocou Merlin.

Não respondi à provocação.

— E o senhor? Está feliz?

— Você se importa?

— Eu o amo como um pai, senhor.

Ele uivou diante disso, depois meio que engasgou com uma fatia de porco, mas ainda estava rindo quando se recuperou.

— Como um pai! Ah, Derfel, você é um animal emocional absurdo. O único motivo para eu tê-lo criado foi porque pensei que você fosse especial para os Deuses, e talvez seja. Algumas vezes os Deuses escolhem as criaturas mais estranhas para amar. Então, diga, querido suposto filho, seu amor filial se estende até o serviço?

— Que serviço, senhor? — perguntei, mas achava saber muito bem o que ele queria. Queria lanceiros para procurar o Caldeirão.

Ele baixou a voz e se inclinou para perto de mim, mas duvido de que alguém tivesse ouvido nossa conversa no salão barulhento e bêbado.

— A Britânia sofre de duas doenças, mas Artur e Cuneglas só reconhecem uma.

— Os saxões.

Ele assentiu.

— Mas a Britânia sem os saxões ainda seria doente, Derfel, porque nos arriscamos a perder os Deuses. O cristianismo se espalha mais rápido do que os saxões, e os cristãos são uma ofensa maior aos nossos Deuses do que qualquer saxão. Se não afastarmos os cristãos, os Deuses vão nos abandonar por completo, e o que é a Britânia sem os seus Deuses? Mas se segurarmos os Deuses e os restaurarmos na Britânia, os saxões e os cristãos vão desaparecer. Nós atacamos a doença errada, Derfel.

Olhei para Artur, que ouvia atentamente algo dito por Cuneglas. Artur não era um homem sem religião, mas levava suas crenças com leveza e não guardava ódio na alma contra homens e mulheres que acreditassem em outros Deuses, mas eu sabia que Artur odiaria ouvir Merlin falar em luta contra os cristãos.

— E ninguém ouve o senhor? — perguntei a Merlin.

— Alguns, poucos, um ou dois — disse ele, carrancudo. — Artur não ouve. Acha que sou um velho idiota na beira da senilidade. Mas e você, Derfel? Acha que sou um velho idiota?

— Não, senhor.

— E você acredita em magia, Derfel?

— Sim, senhor. — Eu tinha visto a magia funcionar, mas também tinha visto falhar. A magia era difícil, mas acreditava nela.

Merlin se aproximou ainda mais do meu ouvido.

— Então esteja no cume do Dolforwyn esta noite, Derfel, e lhe concederei o desejo de sua alma.

Uma harpista tocou o acorde que convocaria os bardos para cantar. As vozes dos guerreiros morreram enquanto um vento frio soprava chuva pela porta aberta e fazia tremer as pequenas chamas das velas e das lamparinas de gordura.

— O desejo de sua alma — sussurrou Merlin de novo, mas quando olhei para a esquerda ele havia desaparecido.

E de noite os trovões rosnaram. Os Deuses estavam lá fora e eu tinha sido convocado ao Dolforwyn.

Deixei a festa antes da entrega dos presentes, antes que os bardos cantassem e antes que as vozes dos guerreiros bêbados crescessem na fantasmagórica Canção de Nwyfre. Ouvi a canção muito atrás de mim, enquanto andava sozinho pelo vale do rio onde Ceinwyn tinha me contado de sua visita à cama de crânios e da estranha profecia que não fazia sentido.

Usava minha armadura, mas não levava escudo. Minha espada, Hywelbane, estava ao lado do corpo, e a capa verde pendurada nos ombros. Nenhum homem andava à noite desprevenido, porque a noite pertencia aos monstros e espíritos, mas eu tinha sido convocado por Merlin, portanto sabia que estaria seguro.

Meu caminho era fácil porque havia uma estrada que levava para o leste, saindo das fortificações em direção à borda sul dos morros onde ficava Dolforwyn. Era uma caminhada longa, quatro horas na escuridão úmida, e a estrada estava num negrume de piche, mas os Deuses devem ter desejado que eu chegasse, porque não perdi o caminho nem encontrei qualquer perigo na noite.

Eu sabia que Merlin não podia estar muito à frente, e, apesar de ser duas vidas mais jovem do que ele, não o alcancei e nem mesmo o ouvi. Só ouvia a canção que ia diminuindo, e depois, quando a canção desapareceu no escuro, ouvi o murmúrio do rio correndo nas pedras e o barulho da chuva caindo das folhas, o grito de uma lebre apanhada por uma doninha e o grito de um castor chamando a companheira. Passei por dois povoados adormecidos onde o brilho mortiço das fogueiras aparecia através das aberturas baixas sob os tetos de palha. De uma daquelas cabanas uma voz de homem gritou desafiando, mas gritei dizendo que viajava em paz e ele aquietou seu cão que latia.

Deixei a estrada e encontrei o caminho estreito que serpenteava pelo flanco do Dolforwyn, e temi que o escuro me fizesse perder a direção sob os carvalhos que cresciam densos na encosta, mas as nuvens de chuva se afnaram deixando um fraco luar atravessar as folhas pesadas e úmidas e mostrar o caminho pedregoso que subia circulando o morro real. Ninguém vivia ali. Era um lugar de carvalhos, pedra e mistério.

O caminho saía das árvores para o amplo espaço aberto do cume, onde o solitário salão de festas se erguia e onde o círculo de pedras

marcava o ponto onde Cuneglas fora aclamado. Este cume era o lugar mais sagrado de Powys, mas durante a maior parte do ano ficava deserto, usado apenas em grandes festas e em ocasiões de grande solenidade. Agora, ao fraco luar, o salão estava escuro, e o topo do morro parecia deserto.

Parei no limiar dos carvalhos. Uma coruja branca voou acima de mim, seu corpo roliço passando com as asas curtas perto da crista do meu elmo, onde ficava a cauda de lobo. A coruja era um presságio, mas eu não sabia se bom ou mau, e de repente fiquei com medo. A curiosidade tinha me atraído até aqui, mas agora sentia o perigo. Merlin não ofereceria o desejo de minha alma em troca de nada, e isso significava que eu estava aqui para fazer uma escolha, e era uma escolha que eu suspeitava de que não gostaria de fazer. Na verdade, eu a temia tanto que quase voltei para a escuridão das árvores, mas então um latejamento na cicatriz da mão esquerda me fez parar.

A cicatriz tinha sido posta ali por Nimue, e sempre que latejava eu sabia que meu destino não era de minha escolha. Eu era ligado por juramento a Nimue. Não podia voltar.

A chuva tinha parado e as nuvens estavam esfarrapadas. Havia um vento frio batendo no topo das árvores, mas não chovia. Ainda estava escuro. A alvorada não podia estar longe, mas nenhum fiapo de rosaclaro ainda se erguera sobre os morros do leste. Havia apenas a claridade do luar que transformava as pedras do círculo real do Dolforwyn em formas prateadas no escuro.

Fui em direção ao círculo de pedras, e o som de meu coração parecia mais alto do que o das botas pesadas. Ninguém aparecera ainda, e por um momento imaginei se esta seria alguma brincadeira elaborada da parte de Merlin, mas então, no centro do anel de pedras, onde ficava a pedra central do reino de Powys, vi um brilho mais luminoso do que qualquer reflexo do luar enevoadado sobre as pedras molhadas de chuva.

Cheguei mais perto, com o coração martelando, depois entrei no círculo de pedras e vi que o luar estava se refletindo numa taça. Uma taça de prata. Uma pequena taça de prata que, quando me aproximei da pedra real, vi que estava cheia de um líquido escuro, com brilho de lua.

— Beba, Derfel — disse a voz de Nimue num sussurro que mal se fez ouvir acima do som do vento nos carvalhos. — Beba.

Virei-me, procurando por ela, mas não vi ninguém. O vento levantou minha capa e balançou algumas palhas soltas no teto do salão.

— Beba, Derfel — disse de novo a voz de Nimue. — Beba.

Olhei para o céu e rezei para que Llewlaw me preservasse. Minha mão esquerda, que agora latejava de dor, estava apertada com força no punho de Hywelbane. Eu queria fazer a coisa mais segura, e essa, eu sabia, era me virar e voltar ao calor da amizade de Artur, mas o sofrimento na alma tinha me trazido a esse morro frio e desnudo, e o

pensamento na mão de Lancelot pousada no pulso fino de Ceinwyn me fez olhar para a taça.

Levantei-a, hesitei, depois bebi tudo.

O líquido era amargo e me fez estremecer quando terminou. O gosto ruim ficou na boca e na garganta enquanto eu pousava a taça cuidadosamente de volta sobre a pedra do rei.

— Nimue? — chamei quase implorando, mas não houve resposta, a não ser o vento nas árvores. — Nimue! — chamei de novo, porque agora minha cabeça estava girando. As nuvens borbulhavam pretas e cinzentas, e a luz se partia em lanças de luz prateada que saltavam do rio distante e se despedaçavam na escuridão agitada das árvores que se retorciam. — Nimue! — gritei enquanto meus joelhos cediam e minha cabeça girava em sonhos tenebrosos. Ajoelhei-me perto da pedra real que subitamente parecia grande como uma montanha, depois caí para a frente com tanta força que meu braço, girando, mandou a taça para longe. Sentia-me enjoado, mas não conseguia vomitar, havia apenas sonhos, sonhos terríveis, monstros de pesadelo que gritavam dentro da minha cabeça. Eu estava chorando, estava suando e meus músculos tremiam em espasmos incontrolláveis.

Então mãos seguraram minha cabeça. Meu elmo foi retirado dos cabelos e uma testa se encostou na minha. Era uma testa branca e fria, e os pesadelos se afastaram, sendo substituídos pela visão de um corpo comprido e nu, com membros esguios e seios pequenos.

— Sonhe, Derfel — acalentou Nimue, as mãos acariciando meu cabelo. — Sonhe, meu amor, sonhe.

Eu estava chorando desesperado. Era um guerreiro, um lorde de Dumnonia, amado de Artur, e ele me devia tanto depois da última batalha que me daria terras e riquezas além de meus sonhos, mas agora chorava como uma criança órfã. O desejo de minha alma era Ceinwyn, mas Ceinwyn estava sendo ofuscada por Lancelot, e eu pensava que nunca mais teria felicidade de novo.

— Sonhe, meu amor — disse Nimue baixinho, e ela deve ter posto uma capa preta sobre nossa cabeça porque de repente a noite cinzenta desapareceu e eu estava numa escuridão silenciosa, com seus braços em meu pescoço e seu rosto apertado contra o meu. Ajoelhamo-nos, de rosto colado, minhas mãos tremendo espasmódicas e desamparadas na pele fria de suas coxas nuas. Deixei o peso de meu corpo trêmulo em seus ombros magros e ali, em seus braços, as lágrimas terminaram, os espasmos foram acabando e, de repente, fiquei calmo. Nenhum vômito chegou à minha garganta, a dor nas pernas desapareceu e me senti quente. Tão quente que o suor continuava brotando.

A princípio foi um sonho maravilhoso, porque parecia que eu recebera as asas de uma grande águia e estava voando alto, acima de uma terra que não conhecia. Depois vi que era uma terra terrível,

partida por grandes abismos e altas montanhas de rocha serrilhada, pela qual pequenos riachos cascateavam brancos em direção a lagos escuros e turfosos. As montanhas pareciam não ter fim, nem qualquer refúgio, porque, enquanto circulava acima delas nas asas de meu sonho, não vi casas, nem cabanas, nem campos, nem rebanhos, nem almas, mas apenas um lobo correndo nas fendas e os ossos de um cervo caídos num emaranhado de arbustos. O céu acima de mim era cinza como uma espada, as montanhas abaixo eram escuras como sangue seco e o ar entre minhas asas era frio como uma faca nas costelas.

— Sonhe, meu amor — murmurava Nimue, e no sonho voei baixo com as grandes asas até ver uma estrada que se retorcia entre morros escuros. Era uma estrada de terra batida, rompida por pedras, que abria seu caminho cruel de vale em vale, algumas vezes subindo em passos áridos antes de mergulhar de novo nas pedras nuas de outro fundo de vale. A estrada passava junto a lagos negros, atravessava abismos sombrios, rodeava morros cobertos de neve, mas ia sempre para o norte. Eu não sabia como era o norte, mas aquele era um sonho, onde nenhum conhecimento precisa de motivo.

As asas de sonho me fizeram descer à superfície da estrada, e de repente eu não estava mais voando, e sim subindo a estrada em direção a uma passagem nos morros. As encostas de cada lado do passo eram lajes íngremes e pretas de ardósia por onde escorria água, mas algo me dizia que o fim da estrada ficava logo depois do passo negro, e que se eu conseguisse continuar andando com minhas pernas cansadas atravessaria a crista e encontraria o desejo da minha alma do outro lado.

Agora estava ofegando, a respiração saindo em haustos sofridos enquanto sonhava caminhando no último trecho da estrada, e ali, de repente, no cume, vi luz, cor e calor.

Porque a estrada descia depois do passo até um litoral onde havia árvores e campos, e além do litoral havia um mar brilhante onde ficava uma ilha, e na ilha, brilhando ao sol súbito, havia um lago.

— Lá! — falei em voz alta, porque sabia que a ilha era o meu objetivo. Mas, quando parecia que eu recebera energia renovada para correr os últimos quilômetros da estrada e mergulhar naquele mar ensolarado, um monstro saltou no caminho. Era uma coisa preta, de armadura preta com a boca soltando gosma preta e uma espada preta do dobro do tamanho de Hywelbane na mão de garras pretas. A coisa gritou um desafio para mim.

E gritei também, e meu corpo se enrijeceu no abraço de Nimue.

Os braços dela apertaram meus ombros.

— Você viu a Estrada Escura, Derfel — sussurrou ela. — Você viu a Estrada Escura. — E de repente ela se afastou de mim e a capa foi tirada de minhas costas. Caí para a frente na grama molhada do Dolforwyn enquanto o vento redemoinhava frio ao redor.

Fiquei ali deitado durante longos minutos. O sonho tinha passado e me perguntei o que a Estrada Escura tinha a ver com o desejo da minha alma. Em seguida me sacudi para o lado e vomitei, e depois disso minha cabeça clareou de novo e pude ver a taça de prata caída ao lado. Peguei-a, sentei sobre os calcanhares e vi que Merlin estava me olhando do outro lado da pedra real. Nimue, sua amante e sacerdotisa, estava ao lado, o corpo magro enrolado numa capa preta, o cabelo preto preso com uma fita e o olho de ouro brilhando ao luar. O olho daquela órbita tinha sido arrancado por Gundleus, e por esse dano ele tinha pagado um preço mil vezes maior.

Nenhum dos dois falou, apenas ficaram olhando enquanto eu cuspi o resto de vômito da boca, passava a mão nos lábios, balançava a cabeça e depois tentava me levantar. Meu corpo ainda estava fraco, ou então meu crânio girava, porque não consegui me erguer, e em vez disso me ajoelhei ao lado da pedra e me apoiei nos cotovelos. Pequenos espasmos ainda me faziam estremecer de vez em quando.

— O que você me fez beber? — perguntei, pondo a taça de prata de novo sobre a pedra.

— Não fiz você beber nada — respondeu Merlin. — Você bebeu por espontânea vontade, Derfel, assim como veio aqui por espontânea vontade. — Sua voz, que tinha sido tão maliciosa no salão de Cuneglas, agora estava fria e distante. — O que você viu?

— A Estrada Escura — respondi obedientemente.

— Ela fica lá — disse Merlin, apontando para a noite.

— E o monstro?

— É Diwrnach.

Fechei os olhos, porque agora sabia o que ele queria.

— E a ilha — falei, abrindo os olhos de novo — é Ynys Mon?

— Sim — disse Merlin —, a ilha abençoada.

Antes que os romanos viessem e antes que os saxões ao menos sonhassem, a Britânia era governada pelos Deuses, e os Deuses nos falavam em Ynys Mon, mas a ilha foi depredada pelos romanos que tinham cortado seus carvalhos, destruído os bosques sagrados e trucidado os druidas guardiães. Aquele Ano Negro tinha ocorrido mais de quatrocentos anos antes dessa noite, mas Ynys Mon ainda era sagrada para os poucos druidas que, como Merlin, tentavam restaurar os Deuses na Britânia. Agora a ilha abençoada fazia parte do reino de Lley, e Lley era governado por Diwrnach, o mais terrível de todos os reis irlandeses que tinham atravessado o mar da Irlanda para tomar a terra britânica. Diziam que Diwrnach pintava seus escudos com sangue humano. Não havia rei mais cruel ou mais temido em toda a Britânia, e apenas as montanhas que o cercavam e o pequeno tamanho de seu exército o impediam de espalhar o terror ao sul através de Gwynedd. Diwrnach era uma fera que não podia ser morta; uma criatura que

espreitava na borda escura da Britânia e que, por consentimento comum, era melhor deixar sem ser provocada.

— O senhor quer que eu vá a Ynys Mon? — perguntei a Merlin.

— Quero que você vá conosco a Ynys Mon — disse ele, indicando Nimue. — Conosco e com uma virgem.

— Uma virgem?

— Porque só uma virgem pode encontrar o Caldeirão de Clyddno Eiddyn, Derfel. E acho que nenhum de nós tem essa qualificação. — Ele acrescentou sarcasticamente as últimas palavras.

— E o Caldeirão está em Ynys Mon — falei devagar. Merlin assentiu e estremeceu ao pensar numa tarefa daquelas. O Caldeirão de Clyddno Eiddyn era um dos treze Tesouros Mágicos da Britânia, que tinham sido dispersados quando os romanos destruíram Ynys Mon, e a ambição final da longa vida de Merlin era reunir de novo os Tesouros, mas o Caldeirão era o seu prêmio real. Com o Caldeirão, segundo ele, Merlin poderia controlar os Deuses e destruir os cristãos, e era por isso, com a boca amarga e a barriga azeda, que eu estava ajoelhado num morro em Powys. — Meu serviço — falei a Merlin — é lutar contra os saxões.

— Idiota! — reagiu Merlin. — A guerra contra os saxões está perdida a não ser que recuperemos os Tesouros.

— Artur não concorda.

— Então Artur é um idiota tão grande quanto você. O que importam os saxões, idiota, se os Deuses nos abandonaram?

— Jurei prestar serviço a Artur.

— Você também é ligado a mim por juramento — disse Nimue, levantando a mão esquerda para mostrar a cicatriz igual à minha.

— Mas não quero na Estrada Escura nenhum homem que não venha de livre vontade — disse Merlin. — Você deve optar por sua lealdade, Derfel, mas posso ajudá-lo a escolher.

Ele tirou a taça de cima da pedra e pôs no lugar dela um punhado de ossos das costeletas que tinha trazido do salão de Cuneglas. Ajoelhou-se, pegou um osso e pôs em cima da pedra real.

— Este é Artur — disse ele —, e este — pegou outro osso — é Cuneglas, e deste — falou, pondo um terceiro osso formando um triângulo com os dois — falaremos mais tarde. — Este — ele pôs um terceiro osso atravessado num dos cantos do triângulo — é Tewdric de Gwent, e este é a aliança de Artur com Tewdric, e este é a aliança dele com Cuneglas. — Assim o segundo triângulo tinha se formado em cima do primeiro, e os dois lembravam uma grosseira estrela de seis pontas. — Este é Elmet — ele começou a terceira camada, paralela à primeira — e este é Silúria, e este osso — ele segurou o último — é a aliança de todos esses reinos. Pronto. — Merlin se recostou e fez um gesto para a precária torre de ossos no centro da pedra. — Você vê o cuidadoso esquema de Artur, Derfel, mas eu lhe digo, eu lhe prometo, que sem os

Tesouros esse esquema cairá.

Ele ficou quieto. Olhei para os nove ossos. Todos eles, a não ser o misterioso terceiro osso, ainda tinham restos de carne, tendão e cartilagem. Apenas aquele terceiro osso estava totalmente limpo e branco. Toquei-o cuidadosamente com o dedo, cuidando para não perturbar o frágil equilíbrio da pequena torre.

— E o que é este terceiro osso? — perguntei.

Merlin sorriu.

— O terceiro osso, Derfel, é o casamento entre Lancelot e Ceinwyn.
— Ele fez uma pausa. — Tire-o.

Não me mexi. Tirar o terceiro osso significaria desmoronar a frágil rede de alianças que era a melhor esperança de Artur, na verdade sua única esperança, de derrotar os saxões.

Merlin zombou de minha relutância, depois segurou o terceiro osso, mas não o soltou.

— Os Deuses odeiam a ordem — rosnou ele para mim. — A ordem, Derfel, é o que destrói os Deuses, por isso eles precisam destruir a ordem. — Merlin puxou o osso e a pilha imediatamente se desmoronou no caos. — Artur deve restaurar os Deuses, Derfel, se quiser trazer a paz a toda a Britânia. — Ele estendeu o osso para mim. — Pegue.

Não me mexi.

— É só uma pilha de ossos — disse Merlin. — Mas este osso, Derfel, é o desejo de sua alma. — Ele segurou o osso limpo junto de mim. — Este osso é o casamento de Lancelot com Ceinwyn. Parta esse osso ao meio, Derfel, e o casamento nunca acontecerá. Mas deixe-o inteiro, Derfel, e seu inimigo levará

sua mulher para a cama e irá mutilá-la como se fosse um cão. — Ele estendeu o osso para mim de novo, e de novo não o peguei. — Você acha que o amor por Ceinwyn não está escrito em seu rosto? — perguntou Merlin, zombando. — Pegue! Porque eu, Merlin de Avalon, dou a você, Derfel, o poder sobre este osso.

Peguei-o, que os Deuses me ajudassem, mas peguei. O que mais poderia fazer? Estava apaixonado e peguei aquele osso limpo e pus no bolso.

— Não vai adiantar nada se você não quebrá-lo — zombou Merlin.

— Talvez não me ajude de jeito nenhum — falei, descobrindo finalmente que podia ficar de pé.

— Você é um idiota, Derfel. Mas é um idiota bom em usar uma espada, e é por isso que preciso de você se formos andar pela Estrada Escura. — Ele se levantou. — Agora a escolha é sua. Você pode quebrar o osso e Ceinwyn irá para você, isso eu prometo, mas então você estará comprometido com a busca do Caldeirão. Ou pode se casar com Gwenhwyfach e desperdiçar a vida se batendo contra escudos saxões enquanto os cristãos tramam para tomar Dumnonia. Eu lhe deixo a

escolha, Derfel. Agora feche os olhos.

Fechei os olhos e os mantive obedientemente fechados por longo tempo, mas finalmente, quando não vieram mais instruções, abri-os.

O topo da colina estava vazio. Eu não ouvira nada, mas Merlin, Nimue, os oito ossos e a taça de prata tinham sumido. A alvorada surgia no leste, os pássaros faziam barulho nas árvores e eu tinha um osso limpo no bolso.

Desci o morro até a estrada junto ao rio, mas na cabeça via a outra estrada, a Estrada Escura que levava ao antro de Diwrnach, e fiquei apavorado.

NAQUELA MANHÃ CAÇAMOS JAVALIS, e Artur deliberadamente buscou minha companhia enquanto saíamos de Caer Sws.

Você saiu cedo ontem à noite, Derfel — disse ele.

— Foi a minha barriga, senhor. — Eu não queria contar a verdade, que tinha estado com Merlin, porque ele teria suspeitado de que eu ainda não abandonara a busca do Caldeirão. Era melhor mentir. — Fiquei com dor de barriga.

Ele gargalhou.

— Nunca sei por que chamamos isso de festa, porque não passa de uma desculpa para beber. — Ele parou para esperar Guinevere, que gostava de caçar e naquela manhã estava vestida com botas e protetores de couro amarrados às pernas longas. Escondia a gravidez por baixo de um gibão de couro sobre o qual usava uma capa verde. Tinha trazido alguns de seus amados cães veadeiros e me entregou as correias deles para que Artur pudesse carregá-la através do vau ao lado da antiga fortaleza. Lancelot ofereceu a mesma cortesia a Ceinwyn, que gritou em deleite evidente enquanto ele a erguia nos braços. Ceinwyn também estava vestida com roupas de homem, mas as dela não eram apertadas e sutis como as de Guinevere. Ceinwyn provavelmente tinha apanhado emprestada qualquer roupa que o irmão não quisesse, e as vestimentas largas e compridas demais a faziam parecer um menino diante da elegância sofisticada de Guinevere. Nenhuma das duas levava lança, mas Bors, primo de Lancelot e seu campeão, levava uma arma de reserva para o caso de Ceinwyn querer se juntar à caçada. Artur insistira para que Guinevere, por estar grávida, não levasse lança.

— Você deve tomar cuidado hoje — falou enquanto a recolocava de pé na margem sul do Severn.

— Você se preocupa demais — disse ela, depois pegou comigo as correias dos cães e passou uma das mãos pelos cabelos ruivos, densos e encaracolados, enquanto se virava de novo para Ceinwyn. — Engravide — disse ela — e os homens vão pensar que você é feita de vidro. — Ela acertou o passo ao lado de Lancelot, Ceinwyn e Cuneglas, deixando Artur andando ao meu lado em direção ao vale coberto de árvores onde os caçadores de Cuneglas tinham visto uma grande quantidade de caça. Devíamos ser uns cinquenta caçadores no total, na maioria guerreiros, mas um punhado de mulheres tinha desejado vir, e vinte serviçais fechavam o grupo. Um desses serviçais tocou uma trompa para dizer aos caçadores no lado mais distante do vale que estava na hora de espantar a caça em direção ao rio, e nós, caçadores, levantamos as lanças compridas e pesadas, especiais para javalis, enquanto nos espalhávamos

numa fleira. Era um dia frio do final de verão, suficientemente frio para nublificar o hálito, mas a chuva tinha acabado e o sol brilhava nos campos incultos enfeitados por uma névoa matinal. Artur estava animado, desfrutando a beleza do dia, sua juventude e a perspectiva de uma caçada.

— Mais uma festa — disse ele — e você pode ir para casa descansar.

— Mais uma festa? — perguntei sem alegria, a mente turva de cansaço e dos restos de efeito do que Merlin e Nimue tinham me dado para beber no pico do Dolforwyn.

Artur apertou meu ombro.

— O noivado de Lancelot, Derfel. Depois voltamos a Dumnonia. E ao trabalho! — Ele pareceu deliciado com a perspectiva e me contou cheio de entusiasmo seus planos para o próximo inverno. Havia quatro pontes romanas quebradas que ele queria reconstruir, depois os pedreiros do reino seriam mandados para terminar o palácio real em Lindinis. Lindinis era a cidade romana perto de Caer Cadarn, o lugar das aclamações reais de Dumnonia, e Artur queria transformá-la na nova capital. — Há cristãos demais em Durnovária — disse ele, mas rapidamente, tipicamente, acrescentou que nada tinha de pessoal contra os cristãos.

— Mas eles têm algo contra o senhor — falei secamente.

— Alguns têm.

Antes da batalha, quando a causa de Artur parecia absolutamente perdida, um partido de oposição a Artur tinha crescido em Dumnonia, e esse partido era liderado pelos cristãos, os mesmos cristãos que eram guardiães de Mordred. A causa imediata de sua hostilidade fora um empréstimo que Artur tinha forçado a igreja a fazer para a campanha que terminara no vale do Lugg, e esse empréstimo provocara uma inimizade amarga. Era estranho, pensei, como a igreja pregava os méritos da pobreza, mas jamais perdoava um homem por lhe pedir dinheiro emprestado.

— Eu queria falar de Mordred com você — disse Artur, explicando por que tinha buscado minha companhia nessa bela manhã. — Dentro de dez anos ele terá idade para assumir o trono. Não é muito tempo, Derfel, nem um pouco, e ele precisa ser criado bem durante esses dez anos. Precisa aprender as letras, precisa aprender a usar uma espada e precisa aprender responsabilidade. — Confirmei com a cabeça, mas não com entusiasmo. Sem dúvida o menino Mordred, de cinco anos, aprenderia todas as coisas que Artur queria, mas eu não via o que tinha a ver com isso. Artur pensava diferente. — Quero que você seja o guardião dele — falou, surpreendendo-me.

— Eu!

— Nabor se importa mais com vantagens pessoais do que com o

caráter de Mordred — disse Artur. Nabur era o magistrado cristão que servia como atual guardião do menino, e fora Nabur quem tramara mais vigorosamente para destruir o poder de Artur; Nabur e, claro, o bispo Sansum. — E Nabur não é soldado — prosseguiu Artur. — Rezo para que Mordred governe em paz, Derfel, mas ele precisa das habilidades da guerra, todos os reis precisam, e acho que não há ninguém melhor do que você para treiná-lo.

— Eu não — protestei. — Sou novo demais!

Artur riu de minha objeção.

— Os jovens devem ser criados pelos jovens, Derfel.

Uma trompa distante soou, sinalizando que a caçada tinha começado na outra extremidade do vale. Nós, caçadores, entramos nas árvores e passamos sobre os emaranhados de urzes e troncos mortos cheios de cogumelos. Agora íamos lentamente, ouvindo o som terrível de um javali atravessando os arbustos.

— Além disso — continuei —, meu lugar é em sua parede de escudos, e não no quarto de brinquedos de Mordred.

— Você ainda estará na minha parede de escudos. Acha que vou dispensá-lo, Derfel? — disse Artur, rindo. — Não quero você amarrado a Mordred, só quero que ele fique na sua casa. Preciso de que ele seja criado por um homem honesto.

Dei de ombros para o elogio, depois pensei, cheio de culpa, no osso limpo e inteiro em meu bolso. Seria honesto, pensei, usar a magia para mudar o pensamento de Ceinwyn? Olhei para ela, e ela olhou para o meu lado e deu um sorriso tímido.

— Não tenho casa — falei a Artur.

— Mas terá, e logo. — Em seguida, ele ergueu a mão e me imobilizei, ouvindo os sons à frente. Alguma coisa pesada vinha por entre as árvores, e nos agachamos instintivamente com as lanças a poucos centímetros do chão, mas então vimos que a fera apavorada era um belo cervo com boa galhada, e relaxamos enquanto o animal passava num troar de cascos. — Vamos caçá-lo amanhã, talvez — disse Artur, olhando o cervo passar correndo. — Deixe seus cães correrem soltos! — gritou ele para Guinevere.

Ela riu e desceu o morro em nossa direção, com os cães forçando as correias.

— Eu gostaria disso — disse ela. Seus olhos estavam luminosos e o rosto ruborizado do frio. — Aqui a caçada é melhor do que em Dumnonia.

— Mas não a terra — disse-me Artur. — Há uma propriedade a norte de Durnovária que é de Mordred por direito, e planejo fazer de você o guardião dela. Vou lhe dar outras terras também, para serem suas, mas você pode fazer uma residência na terra de Mordred e criá-lo lá.

— Conheço a propriedade — disse Guinevere. — Fica a norte da de Gyllad.

— Também conheço — falei. A propriedade tinha boas terras para plantações junto a um rio e belas colinas para ovelhas. — Mas não creio que eu saiba criar uma criança — murmurei. As trombetas soaram altas adiante, e os cães dos caçadores estavam latindo. Gritos vinham da direita, significando que alguém tinha encontrado caça, mas a nossa parte da floresta estava vazia. Um riacho rolava à direita, e o bosque subia à esquerda. As pedras e as raízes retorcidas estavam cheias de musgo.

Artur desconsiderou meus temores.

— Você não vai criar Mordred. Mas quero que ele seja criado em sua casa, com seus serviçais, seus modos, sua moral e seus julgamentos.

— E sua esposa — acrescentou Guinevere.

O estalo de um galho me fez olhar para cima. Lancelot e seu primo Bors estavam lá, os dois parados diante de Ceinwyn. O cabo da lança de Lancelot era pintado de branco e ele usava altas botas de couro e um manto de couro de primeira. Olhei de novo para Artur.

— A esposa, senhor, é novidade para mim.

Ele agarrou meu cotovelo, tendo se esquecido da caça ao javali.

— Planejo nomear você campeão de Dumnonia, Derfel.

— A honra está acima de mim, senhor — falei cautelosamente. — Além disso, o senhor é o campeão de Mordred.

— O príncipe Artur — disse Guinevere, porque gostava de chamá-lo de príncipe, mesmo ele sendo bastardo — já é chefe do Conselho. Não pode ser também campeão, não se tiver de fazer todo o trabalho de Dumnonia.

— Certo, senhora — falei. Eu não me sentia avesso à honraria, porque era elevada, mas havia um preço. Na batalha eu teria de lutar contra qualquer campeão que se apresentasse para combate singular, mas na paz significaria riqueza e posição muito acima de minha situação atual. Eu já possuía o título de lorde e os homens para sustentar esse título, e o direito de pintar meu símbolo nos escudos desses homens, mas compartilhava essa honra com uma quantidade de outros líderes dumnonianos. Ser o campeão do rei iria me tornar o principal guerreiro de Dumnonia, mas não conseguia ver como qualquer homem poderia reivindicar tal posição enquanto Artur vivesse. Nem enquanto Sagramor vivesse. — Sagramor — falei cautelosamente — é um guerreiro maior do que eu, senhor príncipe. — Com Guinevere presente eu tinha de me lembrar de chamá-lo de príncipe, mas era um título do qual ele não gostava.

Artur descartou a objeção.

— Estou fazendo de Sagramor Senhor das Pedras, e ele não quer nada além. — Ser o Senhor das Pedras tornava Sagramor o homem que

guardava a fronteira saxã, e eu podia acreditar que aquele guerreiro de pele escura e olhos negros ficaria bem contente com um cargo tão beligerante. — Você, Derfel — ele cutucou meu peito —, será o campeão.

— E quem será a esposa do campeão? — perguntei secamente.

— Minha irmã Gwenhwyvach — disse Guinevere, me olhando atentamente.

Fiquei grato por Merlin ter me alertado.

— A senhora me honra imensamente — falei em tom afável.

Guinevere sorriu, satisfeita por minhas palavras implicarem aceitação.

— Você algum dia pensou que se casaria com uma princesa, Derfel?

— Não, senhora. — Gwenhwyvach, como Guinevere, era de fato uma princesa, princesa de Henis Wyren, ainda que Henis Wyren não existisse mais. Agora aquele triste reino era chamado de Lleyn, e governado pelo sombrio invasor irlandês, o rei Diwrnach.

Guinevere puxou as correias para controlar os cães agitados.

— Você pode ficar noivo quando voltar a Dumnonia — disse ela. — Gwenhwyvach concordou.

— Há um obstáculo, senhor — falei a Artur.

Guinevere puxou as correias de novo, desnecessariamente, mas odiava qualquer oposição, por isso descontou a frustração nos cães, em vez de em mim. Naquela época ela não desgostava de mim, mas também não me apreciava particularmente. Sabia de minha aversão por Lancelot, e isso sem dúvida a punha contra mim, mas não devia me considerar suficientemente importante para desgostar, porque sem dúvida me via como apenas um dos líderes guerreiros de seu marido; um homem alto, sem graça, de cabelo claro, que carecia das graças civilizadas que Guinevere tanto valorizava.

— Um obstáculo? — perguntou ela, perigosamente.

— Senhor príncipe — falei, insistindo em me dirigir a Artur e não à sua esposa —, eu estou ligado por juramento a uma dama. — Pensei no osso em meu bolso. — Não tenho como reivindicá-la, nem posso esperar nada dela, mas ela me reivindica, portanto sou submetido a ela.

— Quem? — exigiu saber Guinevere.

— Não posso dizer, senhora.

— Quem? — insistiu Guinevere.

— Ele não precisa dizer — defendeu-me Artur. Em seguida sorriu. — Durante quanto tempo essa dama pode reivindicar sua lealdade?

— Não muito tempo, senhor. Agora apenas dias. — Porque assim que Ceinwyn estivesse noiva de Lancelot eu poderia considerar meu juramento inválido.

— Bom — disse ele vigorosamente e sorriu para Guinevere como se a convidasse a compartilhar seu prazer, mas em vez disso Guinevere

tinha um ar de desprezo. Ela detestava Gwenhwyvach, considerando-a sem graça e tediosa, e queria desesperadamente casar a irmã para afastá-la de sua vida. — Se tudo correr bem — disse Artur — você pode se casar em Glevum na mesma ocasião em que Lancelot se casar com Ceinwyn.

— Ou será que você está exigindo esses dias — perguntou Guinevere acidamente — para conjurar motivos para não se casar com minha irmã?

— Senhora, seria uma honra me casar com Gwenhwyvach. — Esta, eu acho, era a verdade, porque sem dúvida Gwenhwyvach se mostraria uma esposa honesta, mas se eu ia ser bom marido era outro assunto, porque meu único motivo para me casar com Gwenhwyvach seria a posição e a fortuna que ela traria no dote; e esses, para muitos homens, eram o objetivo do casamento. E, se eu não pudesse ter Ceinwyn, o que importaria com quem me casasse? Merlin sempre nos alertava contra confundir amor com casamento, e, apesar do alerta ser cínico, existia verdade nele. Não se esperava que eu amasse Gwenhwyvach, simplesmente que me casasse com ela, e sua posição e seu dote eram minhas recompensas por lutar naquele dia longo e sangrento no vale do Lugg. Se essas recompensas vinham tingidas pela zombaria de Guinevere, mesmo assim eram um presente rico. — Eu me casarei satisfeito com sua irmã — prometi a Guinevere — desde que a dona de meu juramento não me reivindique.

— Rezo para que não — disse Artur com um sorriso, depois girou quando um grito soou no alto do morro.

Bors estava agachado com sua lança. Lancelot se encontrava ao lado, mas olhava para nós, embaixo, talvez preocupado com que o animal nos escapasse. Artur empurrou Guinevere gentilmente para trás, depois fez um gesto para que eu subisse o morro e fechasse o espaço.

— São dois! — gritou Lancelot para nós.

— Um deve ser fêmea — gritou Artur, depois correu alguns passos rio acima, antes de começar a subir o morro. — Onde? — perguntou. Lancelot apontou com sua lança de cabo branco, mas eu ainda não podia ver nada nos arbustos.

— Lá! — disse Lancelot petulante, apontando a lança para um emaranhado de urzes.

Artur e eu subimos mais um pouco e finalmente pudemos ver o javali enfiado no mato baixo. Era um animal grande e velho, com presas amarelas, olhos pequenos e corcova musculosa sob o couro escuro e cheio de cicatrizes. Aqueles músculos podiam levá-lo em enorme velocidade e ele era capaz de usar suas presas afiadas como espadas com uma habilidade fatal. Todos tínhamos visto homens morrerem com ferimentos causados por presas, e nada tornava um javali mais perigoso do que ficar acuado com uma fêmea. Todos os caçadores rezavam por

um javali atacando em terreno aberto, porque podiam usar a velocidade e o peso do animal para enfiar a lança em seu corpo. Um confronto assim exigia coragem e habilidade, mas nem de longe tanta coragem como quando o homem precisava atacar o javali.

— Quem o viu primeiro? — perguntou Artur.

— Meu senhor rei viu — disse Bors, indicando Lancelot.

— Então ele é seu, senhor rei. — Artur graciosamente passou a honra da matança a Lancelot.

— Ele é meu presente ao senhor — respondeu Lancelot. Ceinwyn estava parada junto dele, mordendo o lábio inferior e com os olhos arregalados. Tinha apanhado a lança de reserva com Bors, não porque esperasse usá-la, mas para poupá-lo do fardo, e segurava a arma nervosamente.

— Vamos pôr os cães em cima deles! — Guinevere juntou-se a nós. Seus olhos estavam brilhantes e o rosto animado. Acho que ficava frequentemente entediada com os grandes palácios de Dumnonia, e o campo de caça lhe dava a empolgação que queria.

— Você vai perder os dois cães — alertou Artur. — O bicho sabe lutar. — Ele se adiantou cautelosamente, avaliando o melhor modo de provocar a fera, depois se adiantou rápido e bateu nos arbustos com a lança, como se para oferecer ao animal um caminho para sair do abrigo. A fera grunhiu, mas não se mexeu, nem mesmo quando a ponta da lança passou a centímetros de seu focinho. A fêmea estava atrás dele, observando-nos.

— Ele já fez isso antes — disse Artur, feliz.

— Deixe-me pegá-lo, senhor — falei, subitamente ansioso por sua causa.

— Acha que perdi o jeito? — perguntou Artur com um sorriso. Em seguida bateu de novo nos arbustos, mas as urzes não se abaixavam, e o javali não se mexia. — Que os Deuses o abençoem — disse Artur ao animal, depois gritou um desafio e pulou no emaranhado de espinhos. Saltou para um dos lados do caminho que tinha aberto toscamente, e enquanto batia os pés no chão projetou a lança com força, apontando a lâmina brilhante para o flanco esquerdo do javali, logo à frente do ombro.

A cabeça do javali pareceu tremer, só um pequeno tremor, mas foi o bastante para desviar a lâmina da lança com a presa, de modo que ela fez um corte inofensivo no flanco do animal, e então ele atacou. Um bom javali pode partir de uma posição imóvel para a loucura instantânea, com a cabeça baixa e as presas prontas para subir, e essa fera já havia passado pela ponta de lança de Artur quando atacou, e Artur estava atrapalhado com os espinheiros.

Gritei para distrair o javali e mergulhei minha lança em sua barriga. Artur estava de costas, tendo abandonado a lança, e o javali estava em

cima dele. Os cães latiam e Guinevere gritava para que ajudássemos. Minha lança tinha penetrado fundo na barriga do javali, e seu sangue jorrou até minhas mãos quando ergui a lança para girar o bicho ferido, tirando-o de cima do meu senhor. A criatura pesava mais do que dois sacos cheios de grãos, e seus músculos eram como cordas de ferro que prendiam minha lança. Agarrei com força e empurrei para cima, mas então a fêmea atacou e me desequilibrou. Caí, e meu peso empurrou o cabo da lança de novo para baixo e trouxe o javali outra vez para cima da barriga de Artur.

Artur tinha conseguido agarrar as duas presas do javali e, usando toda a força, estava forçando a cabeça do bicho para longe do peito. A fêmea desapareceu, mergulhando morro abaixo em direção ao riacho.

— Mate-o! — gritou Artur, mas ele também estava meio gargalhando. Estava a centímetros da morte, mas adorava aquele momento. — Mate-o! — gritou de novo. As pernas traseiras do javali faziam força, com a saliva caindo no rosto de Artur e o sangue encharcando a roupa dele.

Eu estava de costas, o rosto lacerado de espinhos. Consegui ficar de pé e estendi a mão para a lança que se sacudia, ainda enterrada na barriga da grande fera, mas então Bors enfiou uma faca no pescoço do javali e vi a enorme força do animal começar a arrefecer. Artur conseguiu forçar a cabeça larga, fétida e sangrenta para longe de suas costelas. Agarrei minha lança e torci a lâmina, procurando o sangue da vida do animal no fundo de suas entranhas, enquanto Bors esfaqueava uma segunda vez. De repente, o javali mijou em Artur, deu uma última sacudida desesperada com o pescoço enorme e abruptamente desmoronou. Artur estava banhado em sangue e urina, meio enterrado sob o corpo do bicho.

Ele soltou cautelosamente as presas, depois se dissolveu numa gargalhada incontida. Bors e eu pegamos cada um uma presa e, com um esforço combinado, levantamos o bicho de cima de Artur. Uma das presas tinha se prendido no gibão de Artur e rasgou o tecido quando puxamos. Largamos o animal no arbusto de espinhos e ajudamos Artur a se levantar. Nós três ficamos rindo, as roupas enlameadas, rasgadas e cobertas de folhas, gravetos e sangue do animal.

— Vou ficar com um hematoma aqui — disse Artur, batendo no peito. Em seguida se virou para Lancelot, que não tinha se mexido para ajudar durante a luta. — Deu-me um presente nobre, senhor rei, e o recebi da maneira mais ignóbil. — Ele enxugou os olhos. — Mas mesmo assim gostei. E vamos desfrutá-lo em sua festa de noivado. — Artur olhou para Guinevere e viu que ela estava pálida, quase tremendo, e imediatamente foi até ela. — Está se sentindo mal?

— Não, não — disse ela, em seguida abraçou-o e encostou a cabeça em seu peito ensanguentado. Estava chorando. Era a primeira vez que eu

a via chorar.

Artur deu-lhe um tapinha nas costas.

— Não houve perigo, meu amor, nenhum perigo. Só fiz uma tremenda bagunça na hora da matança.

— Está ferido? — perguntou Guinevere, afastando-o e enxugando as lágrimas.

— Só arranhado. — O rosto e as mãos dele estavam lacerados por espinhos, mas fora isso não tinha ferimentos, a não ser o hematoma causado pela presa. Artur se afastou dela, pegou sua lança e deu um grito de alegria. — Eu não era derrubado de costas assim há uns doze anos!

O rei Cuneglas chegou correndo, preocupado com os convidados, e os caçadores vieram para amarrar o bicho e levá-lo embora. Todos deviam ter percebido a comparação entre as roupas imaculadas de Lancelot e nosso estado de desalinho, cobertos de sangue, mas ninguém falou. Estávamos todos empolgados, satisfeitos por termos sobrevivido e ansiosos para compartilhar a história de Artur segurando a fera pelas presas. A notícia se espalhou e o som do riso dos homens ressoou entre as árvores. Apenas Lancelot não ria.

— Precisamos lhe arranjar um javali, senhor rei — falei a ele. Estávamos parados a alguns passos da multidão empolgada que tinha se reunido para observar os caçadores cortando a fera, para dar as estranhas aos cães de Guinevere.

Lancelot me olhou de lado. Ele desgostava de mim tanto quanto eu desgostava dele, mas de repente sorriu.

— Um javali seria melhor do que uma porca, eu acho.

— Uma porca? — perguntei, farejando um insulto.

— A porca não atacou você? — perguntou ele, depois abriu os olhos inocentemente. — Certamente você não pensou que eu estava me referindo ao seu casamento! — Ele me ofereceu uma reverência irônica. — Devo lhe dar os parabéns, lorde Derfel! Casar-se com Gwenhwyvach!

Contive com esforço minha raiva e me obriguei a olhar seu rosto fino e zombeteiro com a barba delicada, os olhos escuros e o cabelo comprido e azeitado, preto e brilhante como a asa de um corvo.

— E devo parabenizá-lo, senhor rei, pelo seu noivado.

— Com *Seren* — disse ele —, a estrela de Powys. — Em seguida olhou para Ceinwyn que estava parada com as mãos no rosto enquanto as facas dos caçadores arrancavam as longas alças dos intestinos do javali. Ela parecia tão jovem com o cabelo brilhante arrepanhado na nuca! — Não é encantadora? — perguntou Lancelot numa voz que parecia o ronronar de um gato. — Tão vulnerável. Nunca acreditei nas histórias sobre sua beleza, porque quem esperaria uma joia dessas entre os filhotes de Gorfyddyd? Mas ela é linda, e tenho muita sorte.

— Sim, senhor rei, tem.

Ele riu e se virou. Era um homem em sua glória, um rei que viera tomar sua noiva, e também era meu inimigo. Mas eu estava com seu osso no bolso. Toquei-o, imaginando se a luta com o javali o haveria quebrado, mas continuava inteiro, ainda escondido e apenas esperando o meu prazer.

Cavan, meu segundo em comando, veio a Caer Sws na véspera do noivado de Ceinwyn e trouxe quarenta dos meus lanceiros. Galahad os enviara de volta, reconhecendo que seu trabalho em Silúria poderia ser completado com os vinte homens que lhe restavam. Parece que os silurianos tinham aceitado a derrota do país, ainda que de má vontade, e não houvera inquietação com a notícia da morte do rei, apenas uma submissão dócil às exigências dos vitoriosos. Cavan me disse que Oengus de Demétia, o rei irlandês que trouxera a vitória para Artur no vale do Lugg, havia tomado sua porção de escravos e do tesouro, roubado mais um tanto e depois ido para casa, e os silurianos estavam evidentemente felizes porque agora o renomado Lancelot seria seu rei.

— E admito que o desgraçado será bem-vindo — disse Cavan quando me encontrou no salão de Cuneglas, onde eu abria meu cobertor e fazia minhas refeições. Ele coçou um piolho na barba. — Lugar sujo, Silúria.

— Eles criam bons guerreiros — falei.

— Que lutam para ir para longe de casa, o que não é de espantar. — Ele fungou. — O que arranhou seu rosto, senhor?

— Espinhos. Lutando com um javali.

— Pensei que tinha se casado enquanto eu não estava olhando, e que esse era o presente de casamento.

— Vou me casar — falei enquanto saíamos do salão para o sol de Caer Sws, e descrevi a proposta de Artur para me tornar campeão de Mordred e seu cunhado. Cavan ficou satisfeito com a notícia de meu enriquecimento iminente, porque era um exilado irlandês que buscara transformar sua habilidade com espada e lança numa fortuna na Dumnonia de Uther, mas de algum modo a fortuna havia escapado no tabuleiro de jogos. Tinha o dobro da minha idade, era um homem atarracado, de ombros largos, barba grisalha e com mãos grossas de tantos anéis de guerreiros que forjávamos com as armas dos inimigos derrotados. Ficou deliciado porque meu casamento significaria ouro, e mostrou tato com relação à noiva que traria esse metal.

— Ela não é uma beldade como a irmã — falou.

— Certo.

— Na verdade — disse ele, abandonando o tato —, ela é feia como um saco de sapos.

— Ela é sem graça — admiti.

— Mas as mulheres sem graça são as melhores esposas, senhor. —

Ele nunca tinha se casado, mas também nunca vivera sozinho. — E vai trazer riqueza para todos nós — acrescentou feliz. E esse, claro, era o motivo para eu me casar com a pobre Gwenwhyvach. Meu bom senso não podia pôr fé na costela de porco que estava em meu bolso, e o dever para com meus homens era recompensá-los pela fidelidade, e tais recompensas tinham sido poucas no ano passado. Eles tinham perdido praticamente todas as posses na queda de Ynys Trebes, e depois lutado contra o exército de Gorfyddyd no vale do Lugg; agora estavam cansados, empobrecidos, e nenhum homem jamais merecera mais de seu senhor.

Cumprimentei meus quarenta homens que esperavam para receber alojamento. Fiquei feliz ao ver Issa entre eles, porque era meu melhor lanceiro: um jovem camponês de força enorme e otimismo inabalável, que protegeu meu lado direito na batalha. Abracei-o, depois lamentei não ter presentes para eles.

— Mas nossa recompensa está vindo em breve — acrescentei, depois olhei para as duas dúzias de garotas que eles deviam ter atraído em Silúria. — Mas fico feliz ao ver que a maior parte de vocês já arranjou alguma recompensa.

Eles riram. A garota de Issa era uma menina bonita e de cabelos escuros, com uns quatorze verões. Issa apresentou-a a mim.

— Scarach, senhor. — Ele disse o nome com orgulho.

— Irlandesa? — perguntei a ela.

Ela assentiu.

— Eu era escrava de Ladwys, senhor. — Scarach falava a língua da Irlanda; uma linguagem como a nossa, mas bastante diferente, como seu nome, para marcar sua raça. Imaginei que ela fora capturada pelos homens de Gundleus num ataque às terras do rei Oengus em Demétia. A maioria dos escravos irlandeses vinha desses povoados na costa oeste da Britânia, mas suspeitei de que nenhum jamais fosse capturado de Lleyn. Apenas um idiota iria se aventurar sem ser convidado no território de Diwrnach.

— Ladwys! — falei. — Como está ela? — Ladwys fora amante de Gundleus, uma mulher morena e alta com quem Gundleus se casara secretamente, apesar de ele ter se mostrado pronto a desonrar o casamento quando Gorfyddyd lhe ofereceu a perspectiva da mão de Ceinwyn.

— Está morta, senhor — disse Scarach com ar feliz. — Nós a matamos na cozinha. Enfie um espeto em sua barriga.

— Ela é uma boa garota — observou Issa, animado.

— Claro que é — falei —, então cuide dela. — Sua última garota tinha-o abandonado em troca de um dos missionários cristãos que percorriam as estradas de Dumnonia, mas de algum modo eu duvidava de que a formidável Scarach se mostrasse igualmente idiota.

Naquela tarde, usando cal dos depósitos de Cuneglas, meus homens pintaram um novo símbolo em seus escudos. A honra de carregar meu símbolo me fora dada por Artur na véspera da batalha do vale do Lugg, mas não tivéramos tempo de mudar os escudos que, até agora, levavam o símbolo de Artur, o urso. Meus homens esperavam que eu usasse como símbolo a máscara do lobo, eco das caudas de lobos que tínhamos começado a usar nos elmos nas florestas de Benoic, mas insisti em que cada um pintasse uma estrela de cinco pontas.

— Uma estrela! — rosnou Cavan desapontado. Ele queria algo feroz, com garras, bico e dentes, mas insisti na estrela. — *Seren* — falei —, porque somos as estrelas da parede de escudos.

Eles gostaram dessa explicação, e ninguém suspeitou do romantismo desesperançado que havia por trás da escolha. Por isso primeiro pusemos uma camada de piche nos escudos de tábuas de salgueiro cobertas de couro, depois pintamos as estrelas com cal, usando uma bainha de espada para fazer as bordas retas, e quando a cal secou aplicamos um verniz feito de resina de pinheiro e clara de ovo, que protegeria as estrelas da chuva durante alguns meses.

— É diferente — admitiu Cavan a contragosto quando admiramos os escudos terminados.

— É esplêndido — falei e, naquela noite, quando jantei no círculo de guerreiros que comiam no piso do salão, Issa ficou atrás de mim como escudeiro. O verniz ainda estava molhado, mas isto só fazia a estrela parecer mais brilhante. Scarach me serviu. Era uma refeição pobre, de mingau de cevada, mas as cozinhas de Caer Sws não podiam fornecer coisa melhor porque estavam ocupadas preparando a grande festa da noite seguinte. Na verdade todo o palácio estava ocupado com os preparativos. O salão fora decorado com ramos de faia vermelha, o chão fora varrido e forrado com juncos novos, e dos aposentos das mulheres ouvíamos histórias de vestidos sendo feitos e delicadamente bordados. Pelo menos quatrocentos guerreiros residiam agora em Caer Sws, a maioria aquartelada em abrigos rústicos nos campos em volta das fortificações, e as mulheres, os filhos e os cães dos guerreiros atulhavam a fortaleza. Metade dos homens pertencia a Cuneglas, a outra metade era de dumnonianos, mas, apesar da guerra recente, não havia problemas, nem mesmo quando se espalhou a notícia de que Ratae tinha caído diante da horda dos saxões de Aelle por causa da traição de Artur. Cuneglas devia ter suspeitado de que Artur comprara a paz de Aelle através de alguma coisa assim, e aceitou o juramento de Artur de que os homens de Dumnonia arrancariam a vingança pelos mortos de Powys que estavam nas cinzas da fortaleza capturada.

Eu não via Merlin nem Nimue desde a noite no Dolforwyn. Merlin tinha deixado Caer Sws, mas Nimue, pelo que ouvi dizer, ainda se encontrava na fortaleza, escondida nos aposentos das mulheres, onde,

segundo os boatos, ficava muito na companhia da princesa Ceinwyn. Isso me parecia improvável, porque Nimue e Ceinwyn eram muito diferentes. Nimue era alguns anos mais velha do que Ceinwyn, era morena e intensa, sempre oscilando sobre o fino muro entre a loucura e a raiva, enquanto Ceinwyn era loura, gentil e, como Merlin me dissera, convencional demais. Eu não podia imaginar que qualquer uma tivesse muito a dizer à outra, por isso presumi que os boatos eram falsos e que Nimue estava com Merlin que, eu acreditava, tinha ido encontrar os homens que levariam suas espadas para a terra pavorosa de Diwrnach em busca do Caldeirão.

Mas será que eu iria com ele? Na manhã do noivado de Ceinwyn fui para o norte, para os grandes carvalhos que cercavam o amplo vale de Caer Sws. Buscava um lugar específico, e Cuneglas tinha me dito como encontrá-lo. Issa, o leal Issa, foi comigo, mas ele não tinha ideia do que íamos fazer na floresta escura e funda.

Essa terra, o coração de Powys, fora pouco tocada pelos romanos. Eles tinham construído fortalezas aqui, como Caer Sws, e deixado algumas estradas que atravessavam retas os vales dos rios, mas não havia grandes povoados ou cidades como as que davam a Dumnonia o brilho de uma civilização perdida. Tampouco havia muitos cristãos aqui no coração da terra de Cuneglas; o culto aos Deuses antigos tinha sobrevivido em Powys sem o rancor que azedava a religião no reino de Mordred, onde cristãos e pagãos buscavam os favores reais e o direito de erigir seus templos nos lugares sagrados. Nenhum altar romano tinha substituído os bosques dos druidas de Powys, e nenhuma igreja cristã se erguia junto aos poços sagrados. Os romanos haviam derrubado alguns templos, mas muitos se preservaram e foi a um desses antigos lugares sagrados que Issa e eu chegamos no crepúsculo gerado pelas folhas da floresta ao meio-dia.

Era um templo druídico, um bosque de carvalhos no fundo de uma floresta densa. As folhas acima ainda não tinham se desbotado em bronze, mas logo iriam se transformar e cair na baixa parede de pedras que formava um semicírculo no centro do bosque. Dois nichos tinham sido feitos na parede e havia dois crânios humanos nos nichos. Antigamente havia muitos lugares assim em Dumnonia, e muitos outros foram refeitos depois da partida dos romanos. Mas com frequência os cristãos vinham e quebravam os crânios, derrubavam as paredes de pedra e cortavam os carvalhos, mas esse templo em Powys podia estar nessa floresta profunda há mil anos. Pequenos retalhos de lã tinham sido enfiados entre as pedras para marcar as orações oferecidas pelas pessoas no bosque.

Fazia silêncio em meio aos carvalhos; um silêncio pesado. Issa ficou olhando das árvores enquanto eu ia até o centro do semicírculo, onde tirei o pesado cinturão de Hywelbane.

Pousei a espada na pedra lisa que marcava o centro do templo e tirei do bolso o osso limpo e branco que me dava poder sobre o casamento de Lancelot. Coloquei-o ao lado da espada. Finalmente, pus na pedra o pequeno broche de ouro que Ceinwyn me dera havia tantos anos. Depois me deitei no chão coberto de folhas e musgo.

Dormi esperando um sonho que me dissesse o que fazer, mas não veio sonho nenhum. Talvez devesse ter sacrificado algum pássaro ou animal antes de dormir, um presente que poderia provocar um Deus a me dar a resposta que buscava, mas não veio nenhuma resposta. Havia apenas o silêncio. Eu pusera minha espada e o poder do osso nas mãos dos Deuses, na posse de Bel e Manawydan, de Taranis e Lleullaw, mas eles ignoraram os presentes. Havia apenas o vento nas folhas altas, o raspar das garras dos esquilos nos galhos dos carvalhos e o batuque súbito de um pica-pau.

Fiquei imóvel quando acordei. Não houvera sonho, mas eu sabia o que queria. Queria pegar o osso e parti-lo em dois, e, se esse gesto significasse andar na Estrada Escura até o reino de Diwrnach, que assim fosse. Mas também queria que a Britânia de Artur fosse íntegra, boa e verdadeira. E queria que meus homens tivessem ouro, terras, escravos e posto. Queria expulsar os saxões de Lloegyr. Queria ouvir os gritos de uma parede de escudos rompida e o toque das trombetas de guerra enquanto um exército vitorioso perseguia até a ruína um inimigo espalhado. Queria marchar com meus escudos estrelados na terra lisa do leste que nenhum britânico livre vira em uma geração. E queria Ceinwyn.

Sentei-me. Issa viera sentar-se perto de mim. Devia estar imaginando por que eu olhava tão fixamente para o osso, mas não fez perguntas.

Pensei na pequena torre de ossos feita por Merlin, que representava o sonho de Artur, e imaginei se esse sonho poderia realmente desmoronar caso Lancelot não se casasse com Ceinwyn. O casamento não era o fecho que mantinha a aliança de Artur no lugar; era apenas uma conveniência para dar um trono a Lancelot, e dar a Powys uma posição na casa real de Silúria. Se o casamento não acontecesse, os exércitos de Dumnonia, Gwent, Powys e Elmet ainda marchariam contra os saxões. Tudo isso eu sabia, e tudo isso era verdade, mas também sentia que de algum modo o osso poderia prejudicar o sonho de Artur. No momento em que partisse o osso ao meio eu estaria jurado com a busca de Merlin, e essa busca prometia trazer inimizade a Dumnonia; a inimizade dos antigos pagãos que tanto odiavam a crescente religião cristã.

— Guinevere — falei subitamente o nome em voz alta.

— Senhor? — perguntou Issa, perplexo.

Balancei a cabeça para indicar que nada mais tinha a dizer. Na verdade, não pretendia dizer alto o nome de Guinevere, mas de repente

havia entendido que quebrar o osso faria mais do que encorajar a campanha de Merlin contra o Deus cristão, também tornaria Guinevere minha inimiga. Fechei os olhos. Será que a mulher de meu senhor poderia ser minha inimiga? E se fosse? Artur continuaria gostando de mim e eu dele, e minhas lanças e meus escudos estrelados valiam mais para ele do que toda a fama de Lancelot.

Levantei-me e peguei o broche, o osso e a espada. Issa ficou olhando enquanto eu pegava um fio de lã tingida de verde de minha capa e enfiava entre as pedras.

— Você não estava em Caer Sws quando Artur rompeu o noivado com Ceinwyn? — perguntei.

— Não, senhor. Mas ouvi dizer.

— Eu estava na festa de noivado, igual à festa de hoje. Artur sentava-se à mesa alta, ao lado de Ceinwyn, e ele viu Guinevere no fundo do salão. Ela estava parada, com uma capa maltrapilha e os cães ao lado. Artur a viu, e nada mais foi o mesmo. Só os Deuses sabem quantos homens morreram por ele ter visto aquela cabeça ruiva. — Virei-me de novo para a pedra baixa e vi que havia uma rede abandonada dentro de um dos crânios cobertos de musgo. — Merlin disse-me que os Deuses amam o caos — falei.

— Merlin ama o caos — retrucou Issa, sem dar muita importância, porém havia mais verdade em suas palavras do que ele sabia.

— Merlin ama o caos, mas a maioria de nós o teme, e é por isso que tentamos fazer a ordem. — Pensei na pilha de ossos cuidadosamente montada. — Mas, quando você tem ordem, você não precisa dos Deuses. Quando tudo está bem ordenado e disciplinado, nada é inesperado. Se você entende tudo — falei cautelosamente —, não resta espaço para a magia. Só quando está perdido, apavorado e no escuro é que você chama os Deuses, e eles gostam de ser chamados. Isso os torna poderosos, e é por isso que gostam de que vivamos no caos. — Eu estava repetindo as lições de minha infância, lições dadas no Tor de Merlin. — E agora temos uma escolha. Podemos viver na Britânia organizada de Artur ou podemos acompanhar Merlin até o caos.

— Eu irei segui-lo, senhor, independentemente do que fizer. — Não creio que Issa soubesse o que eu estava dizendo, mas mesmo assim ele parecia contente em confiar em mim. — Eu gostaria de saber o que fazer — confessei. Como seria fácil se os Deuses andassem pela Britânia como antigamente! Então poderíamos vê-los, ouvi-los e falar com eles, mas agora éramos como homens vendados procurando um alfinete num espinheiro. Prendi de novo o cinto da espada e depois enfi o osso ainda inteiro no bolso. — Quero que você dê uma mensagem aos homens. Não a Cavan, porque eu mesmo falarei com ele, mas quero que você lhes diga que, se alguma coisa estranha acontecer esta noite, eles estão liberados do juramento a mim.

Issa franziu a testa.

— Liberados do juramento? — perguntou ele, depois balançou a cabeça vigorosamente. — Eu não, senhor.

Silencieio.

— E diga a eles que se alguma coisa estranha acontecer, e talvez não aconteça, a lealdade a meu juramento pode significar uma luta contra Diwrnach.

— Diwrnach! — Issa cuspiu e fez o símbolo contra o mal com a mão direita.

— Diga-lhes, Issa.

— Então o que pode acontecer esta noite? — perguntou ele, ansioso.

— Talvez nada, talvez absolutamente nada. — Porque os Deuses não tinham me dado nenhum sinal naquele bosque, e eu ainda não sabia o que escolheria. Ordem ou caos. Ou nenhum dos dois, porque talvez o osso não passasse de um resto da cozinha, e quebrá-lo não faria nada além de simbolizar meu despedaçado amor por Ceinwyn. Mas havia apenas um modo de descobrir, e era quebrar o osso. Se eu ousasse.

Na festa de noivado de Ceinwyn.

De todas as festas daquelas últimas noites de verão, a do noivado de Lancelot e Ceinwyn foi a mais farta. Até os Deuses pareciam favorecê-la, porque a lua estava cheia e clara, e esse era um presságio maravilhoso para um noivado. A lua nasceu logo depois do pôr do sol, um orbe de prata pairando enorme acima dos picos onde ficava o Dolforwyn. Eu tinha imaginado se a festa aconteceria no salão do Dolforwyn, mas Cuneglas, vendo a enorme quantidade de pessoas a ser alimentada, optara por manter a celebração dentro de Caer Sws.

Havia convidados demais para o salão do rei, de modo que apenas os mais privilegiados tiveram permissão de entrar no interior das grossas paredes de madeira. O resto sentou-se do lado de fora, agradecendo aos Deuses por terem mandado uma noite seca. O chão ainda estava úmido da chuva no início da semana, mas havia bastante palha para os homens fazerem assentos secos. Tochas encharcadas em piche foram acesas, de modo que o pátio real estava subitamente brilhante com as chamas que saltavam. O casamento aconteceria de dia, para que Gwydion, o Deus da luz, e Belenos, o Deus do sol, dessem a bênção, mas o noivado tinha a bênção da lua. De vez em quando uma brasa acesa voava de uma tocha e flutuava à terra acendendo alguma palha, e havia explosões de gargalhadas, crianças gritando, cães latindo e uma agitação de pânico até que o fogo fosse apagado.

Mais de cem homens se apinhavam no salão de Cuneglas. Velas e lamparinas tinham sido postas juntas, lançando sombras estranhas no alto teto de palha e traves, onde agora os amarrados de folhas de faias se misturavam aos primeiros cachos de frutos de azevinho do ano. A única

mesa do salão estava posta no tablado abaixo de uma fileira de escudos, e cada escudo tinha uma vela embaixo, para iluminar o símbolo pintado no couro. No centro ficava o escudo real de Cuneglas de Powys, com sua águia de asas abertas, e de um lado da águia estava o urso preto de Artur, e do outro o do dragão vermelho de Dumnonia. O símbolo de Guinevere, o cervo corado pela lua, estava pendurado junto ao urso, ao passo que a águia-do-mar de Lancelot voava com um peixe nas garras perto do dragão. Ninguém de Gwent estava presente, mas Artur insistira em que o touro preto de Tewdric fosse pendurado, com o cavalo vermelho de Elmet e a máscara da raposa de Silúria. Os símbolos reais marcavam a grande aliança: a parede de escudos que empurraria os saxões de volta ao mar.

Iorweth, o principal druida de Powys, anunciou o momento em que teve certeza de que os últimos raios do sol tinham desaparecido no distante mar da Irlanda, e então os convidados de honra ocuparam seus lugares no tablado. O resto de nós já estava sentado no chão do salão, onde os homens gritavam pedindo mais do hidromel de Powys, famoso por sua força, e que fora especialmente preparado para aquela noite.

A rainha Elaine veio primeiro. A mãe de Lancelot estava vestida de azul, com um torque de ouro na garganta e uma corrente de ouro prendendo os cachos de seu cabelo grisalho. Em seguida, um rugido enorme recebeu Cuneglas e a rainha Helledd. O rosto redondo do rei luzia de prazer diante da perspectiva da celebração desta noite em cuja honra ele amarrara pequenas fitas nas pontas do bigode. Artur veio de preto sóbrio, enquanto Guinevere, seguindo-o ao tablado, estava esplêndida em seu vestido de linho cor de ouro pálido. O vestido era cortado e costurado com inteligência, de modo que o tecido precioso, habilmente tingido com fuligem e cera de abelha, parecia grudar-se ao seu corpo alto e reto. A barriga mal traía a gravidez, e um murmúrio de apreciação por sua beleza soou entre os homens. Pequenas escamas de ouro tinham sido costuradas no tecido, de modo que seu corpo parecia brilhar enquanto ela seguia Artur silenciosamente até o centro do tablado. Ela sorriu da luxúria que sabia ter provocado, e que queria provocar, porque nesta noite Guinevere estava decidida a suplantar qualquer coisa que Ceinwyn usasse. Um círculo de ouro mantinha no lugar o cabelo revoltado de Guinevere, um cinto de elos de ouro rodeava a cintura, e em homenagem a Lancelot ela usava no pescoço um broche de ouro representando uma águia-do-mar. Beijou a rainha Elaine nas duas bochechas, beijou Cuneglas numa, inclinou a cabeça para a rainha Helledd e depois sentou-se à direita de Cuneglas enquanto Artur ocupava a cadeira vazia ao lado de Helledd.

Restavam duas cadeiras, mas, antes que elas fossem ocupadas, Cuneglas se levantou e bateu na mesa com o punho. O silêncio baixou, e no silêncio Cuneglas fez um gesto mudo em direção aos tesouros

arrumados na borda do tablado, diante da toalha de linho da mesa.

Os tesouros eram os presentes que Lancelot trouxera para Ceinwyn, e a magnificência deles causou uma tempestade de aplausos no salão. Todos tínhamos inspecionado os presentes, e eu ouvira com azedume os homens elogiarem a generosidade do rei de Benoic. Havia torques de ouro, de prata e outros feitos de uma mistura de ouro e prata, tantos torques que simplesmente serviam como base sobre a qual estavam empilhados os presentes maiores. Havia espelhos de mão romanos, frascos de vidro romano e pilhas de joias romanas. Havia colares, broches, ânforas, alfinetes e prendedores. Havia um resgate real em metal brilhante, em esmalte, coral e pedras preciosas, e tudo aquilo, eu sabia, havia sido tirado de Ynys Trebes durante o incêndio, quando Lancelot, desdenhando levar sua espada contra os atacantes francos, fugiu no primeiro navio para escapar da morte da cidade.

Os aplausos ainda soavam quando Lancelot chegou em sua glória. Como Artur, estava vestido de preto, mas as roupas pretas de Lancelot tinham bainhas com tiras de raro tecido dourado. Seu cabelo preto fora azeitado e esticado para trás, de modo a ficar grudado no crânio estreito e nas costas. Os dedos da mão direita brilhavam com anéis de ouro enquanto a esquerda estava opaca com os anéis de guerreiro, nenhum dos quais, presumi azedamente, ele merecera em batalha. No pescoço usava um pesado torque de ouro com acabamentos de pedras brilhantes, e no peito, em honra a Ceinwyn, usava o símbolo da família real dela, a águia de asas abertas. Não usava armas, porque nenhum homem tinha permissão de levar uma lâmina para o salão de um rei, mas usava o cinto de espada esmaltado que tinha sido presente de Artur. Recebeu os aplausos com a mão levantada, beijou a mãe no rosto, beijou Guinevere na mão, curvou-se para Helledd e se sentou.

A outra cadeira permanecia vazia. Uma harpista tinha começado a tocar, as notas plangentes quase inaudíveis acima das conversas. O cheiro de carne assada entrou no salão, onde meninas escravas carregavam as jarras de hidromel. O druida Iorweth andava de um lado para o outro no salão, abrindo um corredor entre os homens sentados no piso coberto de juncos. Empurrou homens para o lado, fez uma reverência para o rei quando o corredor estava feito, depois fez um gesto com o cajado, pedindo silêncio.

Os convidados de honra tinham entrado no salão pelos fundos, saindo direto das sombras da noite para o tablado, mas Ceinwyn entraria pela grande porta na frente do salão, e para chegar àquela porta tinha de passar pela multidão de convidados que esperavam no pátio iluminado. Os sons que ouvimos eram os convidados aplaudindo sua passagem desde o salão das mulheres, enquanto dentro do salão do rei esperávamos num silêncio cheio de expectativa. Até a harpista ergueu os dedos das cordas para olhar a porta.

Uma criança entrou primeiro. Era uma garotinha vestida de linho branco que andava de costas pelo corredor feito por Iorweth para a passagem de Ceinwyn. A menina espalhava pétalas de flores de primavera sobre os juncos recém-colocados. Ninguém falou. Todos os olhos estavam fixos na porta, a não ser os meus, porque eu me concentrava no tablado. Lancelot olhava a porta, com um meio sorriso no rosto. Artur, o pacificador, resplandecia. Só Guinevere não estava sorrindo. Apenas parecia triunfante. Um dia tinha sido desprezada nesse salão, e agora dispunha da filha do rei em casamento.

Fiquei olhando Guinevere enquanto, com a mão direita, peguei o osso no bolso. A costela era lisa em minha mão, e Issa, de pé atrás de mim com meu escudo, provavelmente se perguntou o que significaria aquele pedaço de lixo naquela noite enluarada, noite de lua e fogo.

Olhei para a grande porta do salão no momento em que Ceinwyn apareceu e, um instante antes que os aplausos se iniciassem no salão, houve um ofegar perplexo. Nem todo o ouro da Britânia, nem todas as rainhas da antiguidade poderiam ter suplantado Ceinwyn. Nem precisei olhar para Guinevere a fim de saber que ela fora totalmente derrotada naquela noite de beleza.

Essa, eu sabia, era a quarta festa de noivado de Ceinwyn. Ela viera aqui uma vez para Artur, mas ele rompeu o juramento sob o feitiço do amor de Guinevere, e depois Ceinwyn ficara noiva de um príncipe da distante Rheged, mas ele morrera de febre antes que os dois pudessem se casar; depois, não fazia muito tempo, tinha carregado o cabresto do noivado para Gundleus de Silúria, mas ele morrera gritando sob as mãos cruéis de Nimue, e agora, pela quarta vez, Ceinwyn levava o cabresto para um homem. Lancelot lhe dera um monte de ouro, mas o costume exigia que ela desse o presente comum de um cabresto de boi como símbolo de que, a partir desse dia, iria se submeter à sua autoridade.

Lancelot se levantou quando ela entrou, e o meio sorriso se espalhou num ar de alegria, e não era de espantar, porque a beleza dela era ofuscante. Nos outros noivados, como cabia a uma princesa, Ceinwyn viera com joias e prata, ouro e atavios, mas nesta noite usava apenas um vestido branco, tendo como cinto um cordão azul-claro que pendia na saia simples do vestido, terminando numa franja. Nenhuma prata prendia seu cabelo, nenhum ouro aparecia em sua garganta, não usava nenhuma joia preciosa, só o vestido de linho e, no cabelo louro claro, uma delicada grinalda azul feita das últimas violetas do verão. Não mostrava qualquer sinal de realeza nem qualquer símbolo de riqueza, simplesmente viera ao salão vestida com a simplicidade de uma campônia, e isso era um triunfo. Não era de espantar que os homens estivessem boquiabertos, e não era de espantar que aplaudissem enquanto ela andava devagar e tímida entre os convidados. Cuneglas chorava de felicidade, Artur puxou os aplausos, Lancelot alisou o cabelo

oleado e sua mãe demonstrou aprovação. Por um momento, o rosto de Guinevere ficou ilegível, mas então ela sorriu, e foi um sorriso de puro triunfo. Podia estar sendo derrotada pela beleza de Ceinwyn, mas esta noite ainda era a noite de Guinevere, e ela estava vendo sua antiga rival ser dada num casamento que ela própria havia tramado.

Vi esse risinho de triunfo no rosto de Guinevere, e talvez tenha sido sua satisfação maldosa que me fez decidir. Ou talvez tenha sido meu ódio por Lancelot, ou meu amor por Ceinwyn, ou talvez Merlin estivesse certo e os Deuses adorem o caos, porque, num súbito jorro de raiva, apertei o osso com as duas mãos. Não pensei nas consequências da magia de Merlin, em seu ódio pelos cristãos ou no risco de morrer procurando o Caldeirão no reino de Diwrnach. Não pensei na ordem cuidadosa de Artur, só sabia que Ceinwyn estava sendo dada a um homem que eu odiava. Eu, como os outros convidados no chão, estava de pé e olhava Ceinwyn por entre as cabeças dos guerreiros. Ela havia chegado ao grande pilar central de carvalho, onde foi rodeada e sitiada pelo barulho de gritos e assobios. Apenas eu estava em silêncio. Olhei-a e pus os dois polegares no centro do osso e apertei as pontas no meio das mãos. Agora, Merlin, pensei, agora, seu velho bandido, deixe-me ver sua magia agora.

Parti o osso. O barulho se perdeu em meio aos aplausos.

Enfie o osso quebrado no bolso, e juro que meu coração praticamente não batia enquanto olhava a princesa de Powys, que tinha saído da noite com flores no cabelo.

E que agora parou subitamente. Junto ao pilar onde estavam penduradas folhas e frutinhas, ela parou.

Desde o momento em que entrara, Ceinwyn mantivera os olhos em Lancelot, e ainda estavam nele, e ainda havia um sorriso em seu rosto, mas ela parou, e sua imobilidade súbita fez um lento silêncio perplexo cair sobre o salão. A menina que espalhava pétalas franziu a testa e olhou em volta, procurando orientação. Ceinwyn não se mexeu.

Artur, ainda sorrindo, deve ter pensado que ela estava nervosa, porque a chamou, encorajando. O cabresto nas mãos dela tremeu. A harpista tocou um acorde inseguro, depois levantou os dedos das cordas, e, quando suas notas morreram no silêncio, vi uma figura de capa preta sair da multidão atrás do pilar.

Era Nimue, com seu olho de ouro refletindo as chamas no salão perplexo.

Ceinwyn olhou de Lancelot para Nimue e então, muito devagar, estendeu um dos braços cobertos pela manga branca. Nimue pegou sua mão e olhou nos olhos da princesa com uma expressão enigmática. Ceinwyn parou um segundo, depois assentiu minimamente. De súbito, o salão se encheu de conversas enquanto Ceinwyn se virava de costas para o tablado e, seguindo Nimue, mergulhava na multidão.

As conversas morreram, porque ninguém conseguia encontrar uma explicação para o que estava acontecendo. Lancelot, deixado de pé sobre o tablado, só podia olhar. O queixo de Artur havia caído enquanto Cuneglas, meio levantado de sua cadeira, olhava incrédulo sua irmã atravessar a multidão que se afastava do rosto feroz, marcado e escarninho de Nimue. Guinevere parecia pronta para matar.

Então Nimue captou meu olhar e sorriu e senti o coração batendo como uma coisa selvagem aprisionada. Então Ceinwyn sorriu para mim e eu não tinha olhos para Nimue, apenas para Ceinwyn, a doce Ceinwyn, que estava trazendo o cabresto de boi por entre a multidão de homens até o lugar onde eu estava. Os guerreiros se afastaram para o lado, mas eu parecia petrificado, incapaz de me mexer ou falar enquanto a princesa, com lágrimas nos olhos, vinha até mim. Nada falou, apenas estendeu o cabresto, oferecendo-me. Uma confusão de falas atônitas cresceu à nossa volta, mas ignorei as vozes. Em vez disso, caí de joelhos e peguei o cabresto, depois segurei as mãos de Ceinwyn e as apertei contra o rosto que, como o dela, estava encharcado de lágrimas.

O salão explodia em raiva, protesto e espanto, mas Issa ficou acima de mim com o escudo levantado. Nenhum homem entrava com arma de gume num salão real, mas Issa segurava o escudo com sua estrela de cinco pontas como se fosse derrubar qualquer um que questionasse aquele momento espantoso. Nimue, do meu lado, estava sibilando maldições, desafiando qualquer homem a questionar a escolha da princesa.

Ceinwyn se ajoelhou, até seu rosto ficar perto do meu.

— O senhor fez um juramento de me proteger, lorde.

— Fiz, senhora.

— Eu o libero do juramento, se for o seu desejo.

— Nunca — prometi.

Ela se afastou ligeiramente.

— Não me casarei com homem nenhum, Derfel — disse ela em voz baixa, os olhos fixos nos meus. — Eu lhe darei tudo, menos o casamento.

— Então a senhora me dá tudo que eu algum dia poderia querer — falei, com a garganta cheia e os olhos turvos de lágrimas de felicidade. Sorri e lhe devolvi o cabresto. — É seu.

Ela sorriu diante desse gesto, depois largou o cabresto na palha do chão e me deu um beijo suave no rosto.

— Acho — sussurrou maliciosamente em meu ouvido — que esta festa ficará melhor sem nós. — Em seguida nos levantamos e, de mãos dadas e ignorando as perguntas, os protestos e até mesmo alguns aplausos, saímos para a noite enluarada. Atrás de nós havia confusão e ira, e na frente uma multidão de pessoas perplexas, através da qual andamos lado a lado. — A casa atrás do Dolforwyn está esperando por

nós — disse Ceinwyn.

— A casa das macieiras? — perguntei, lembrando-me de quando ela contou sobre a casinha com a qual sonhava na infância.

— Aquela casa — disse ela. Tínhamos deixado a multidão reunida perto das portas do salão, e estávamos indo para o portão de Caer Sws, iluminado por tochas. Issa tinha se juntado de novo a mim, depois de pegar nossas espadas e lanças, e Nimue estava do outro lado de Ceinwyn. Três das serviçais de Ceinwyn corriam para se juntar a nós, bem como uns vinte dos meus homens.

— Tem certeza disso? — perguntei a Ceinwyn como se, de algum modo, ela pudesse voltar os últimos minutos e entregar o cabresto a Lancelot.

— Tenho mais certeza do que de qualquer coisa que já fiz — disse Ceinwyn calmamente. Em seguida me olhou, divertida. — Alguma vez você duvidou de mim, Derfel?

— Duvidei de mim.

Ela apertou minha mão.

— Não sou mulher de homem nenhum. Só de mim mesma — e em seguida gargalhou de puro deleite, soltou minha mão e começou a correr. Violetas caíram de seu cabelo enquanto ela corria por puro prazer sobre a grama. Corri atrás dela, enquanto atrás de nós, pela porta perplexa do salão, Artur gritava para que voltássemos.

Mas continuamos correndo. Para o caos.

NO DIA SEGUINTE, peguei uma faca afiada e acertei as extremidades partidas dos dois fragmentos de osso, e então, trabalhando com muito cuidado, fiz duas fendas estreitas nas laterais de madeira do punho de Hywelbane. Issa foi até Caer Sws e pegou um pouco de cola que esquentamos no fogo, e, assim que nos certificamos de que as fendas se ajustavam exatamente à forma dos fragmentos de osso, cobrimos as fendas com a cola e depois apertamos os pedaços de osso no punho da espada. Enxugamos o excesso de cola e a seguir amarramos o osso com tiras de cartilagem para que ficassem firmes na madeira.

Parece marfim — comentou Issa, admirando, quando o serviço ficou pronto.

— Pedaços de osso de porco — falei, como se não desse importância, mas na verdade as duas tiras pareciam marfim e davam uma rica aparência a Hywelbane. A espada recebera esse nome por causa de seu primeiro dono, Hywel, o administrador de Merlin, que tinha me ensinado a usar armas.

— Mas os ossos são mágicos? — perguntou Issa, ansioso.

— Magia de Merlin — falei, mas não expliquei mais.

Cavan veio me procurar ao meio-dia. Ajoelhou-se na grama e baixou a cabeça, mas não falou, nem precisava falar, porque eu sabia por que ele viera.

— Você está livre para ir embora, Cavan — falei. — Eu o libero de seu juramento. — Ele me olhou, mas ficar livre de um juramento era algo pesado demais para ele dizer qualquer coisa, por isso sorri. — Você não é um jovem, Cavan, e merece um senhor que lhe ofereça ouro e conforto em vez de uma Estrada Escura e a incerteza.

Ele finalmente encontrou sua voz:

— Tenho em mente morrer na Irlanda, senhor.

— Para estar com seu povo?

— Sim, senhor. Mas não posso voltar como um homem pobre. Preciso de ouro.

— Então queime o seu tabuleiro de jogo.

Ele riu disso, depois beijou o punho de Hywelbane.

— Sem ressentimento, senhor? — perguntou ansioso.

— Nenhum. E, se algum dia precisar de minha ajuda, avise.

Ele se levantou e me abraçou. Precisaria voltar ao serviço de Artur e levar consigo metade dos meus homens, porque apenas vinte ficaram comigo. Os outros temiam Diwrnach, ou então estavam muito ansiosos para conseguir riquezas, e eu não podia culpá-los. Tinham obtido honra, anéis de guerreiro e caudas de lobo servindo-me, mas pouco ouro. Eu

lhes dei permissão para manter as caudas de lobo nos elmos, porque eles as haviam merecido nas terríveis lutas em Benoic, mas fiz com que apagassem as estrelas recém-pintadas nos escudos.

As estrelas eram para os vinte homens que ficaram comigo, e esses vinte eram os mais jovens, os mais fortes e os mais aventureiros de meus lanceiros e, os Deuses sabem, eles precisavam saber, porque ao partir o osso eu os comprometera com a Estrada Escura.

Eu não sabia quando Merlin nos convocaria, por isso esperei na casinha à qual Ceinwyn nos guiara sob o luar. A casa ficava a norte e a leste do Dolforwyn, num pequeno vale tão íngreme que as sombras não fugiam do riacho até que o sol estivesse na metade da subida do céu matinal. As laterais íngremes do vale eram cobertas de carvalhos, mas em volta da casa havia um retalho de campos minúsculos onde muitas macieiras tinham sido plantadas. A casa não tinha nome; nem o vale, era simplesmente chamado de Cwm Isaf, o Vale de Baixo, e agora era o nosso novo lar.

Meus homens construíram cabanas entre as árvores na encosta sul do vale. Eu não sabia como prover para vinte homens e suas famílias, porque a pequena fazenda do Cwm Isaf teria dificuldades para alimentar até mesmo um rato-do-campo, quanto mais um bando de guerreiros, mas Ceinwyn tinha ouro e, como me prometeu, seu irmão não nos deixaria passar fome. A fazenda, disse ela, pertencera ao seu pai, uma das milhares de propriedades espalhadas que haviam sustentado a riqueza de Gorfyddyd. O último morador fora um primo do encarregado das velas de Caer Sws, mas tinha morrido antes da batalha do vale do Lugg, e nenhum outro ocupante fora escolhido. A casa em si era pobre, um pequeno retângulo de pedra com teto de palha de cevada e samambaias que precisava desesperadamente de conserto. Havia três cômodos dentro. Um deles, a sala central, servira como abrigo para os poucos animais do fazendeiro, e esse cômodo limpamos muito bem para ser nossa sala de estar. Os outros cômodos eram quartos de dormir, um para Ceinwyn e outro para mim.

— Prometi a Merlin — disse ela naquela primeira noite, explicando os dois quartos separados.

Senti a pele arrepiar.

— Prometeu o quê?

Ela deve ter ruborizado, mas nenhum luar entrava no fundo Cwm Isaf, e eu não podia ver seu rosto, mas sentia a pressão de seus dedos nos meus.

— Prometi a ele — disse ela lentamente — que permaneceria virgem até que o Caldeirão fosse encontrado.

Então eu tinha começado a entender como Merlin fora sutil. Como fora sutil, maligno e inteligente. Ele precisava de um guerreiro para protegê-lo enquanto viajava a Llein, e precisava de uma virgem para

encontrar o Caldeirão, por isso nos manipulou.

— Não! — protestei. — Você não pode ir a Lleyln!

— Só uma virgem pode descobrir o Caldeirão — sibilou Nimue para nós, do escuro. — Você preferiria que levássemos uma criança, Derfel?

— Ceinwyn não pode ir a Lleyln — insisti.

— Quietos — pediu Ceinwyn. — Eu prometi. Fiz um juramento.

— Você sabe o que é Lleyln? Sabe o que Diwrnach faz?

— Sei que a jornada até lá é o preço que pago por estar aqui com você. E eu prometi a Merlin. Fiz um juramento.

E assim dormi sozinho naquela noite, mas de manhã, depois de termos dividido um desjejum precário com nossos lanceiros e serviçais, e antes de eu colocar os pedaços de osso no punho de Hywelbane, Ceinwyn subiu comigo pelo riacho do Cwm Isaf. Ouviu meus argumentos apaixonados dizendo por que ela não deveria viajar pela Estrada Escura, e os descartou todos dizendo que, se Merlin estivesse conosco, o que poderia nos acontecer de mal?

— Diwrnach — falei, carrancudo.

— Mas você vai com Merlin?

— Vou.

— Então não me impeça. Estarei com você, e você comigo.

E não quis ouvir mais argumentos. Ela não era mulher de homem nenhum. Tinha decidido.

E então, claro, falamos do que tinha acontecido nos últimos dias e nossas palavras rolaram. Estávamos apaixonados, tanto quanto Artur estivera por Guinevere, e não nos fartávamos das histórias um do outro. Eu lhe mostrei o osso de porco e ela riu quando contei como tinha esperado até o último instante para parti-lo em dois.

— Eu realmente não sabia se ia ousar dar as costas a Lancelot — admitiu Ceinwyn. — Não sabia do osso, claro. Pensei que foi Guinevere quem me fez decidir.

— Guinevere? — perguntei, surpreso.

— Não pude suportá-la tripudiando. Não é uma coisa medonha da minha parte? Eu me senti como se fosse um bichinho nas mãos dela, e não pude suportar. — Ela continuou andando em silêncio durante um tempo. Folhas caíam das árvores que, em sua maioria, ainda estavam verdes. Naquela manhã, acordando em meu primeiro amanhecer no Cwm Isaf, tinha visto uma andorinha voar das palhas do telhado. Ela não voltou e achei que não veríamos outra até a primavera. Ceinwyn andava descalça junto ao riacho, com a mão na minha. — E eu andei pensando na profecia da cama de crânios, e acho que significa que não devo me casar. Estive noiva três vezes, Derfel, três vezes! E nas três vezes perdi o homem, e, se isso não é uma mensagem dos Deuses, o que é?

— Eu ouço Nimue.

Ela gargalhou.

— Gosto dela — disse.

— Não conseguia imaginar vocês duas gostando uma da outra — confessei.

— Por que não? Aprecio a beligerância dela. A vida é para ser tomada, não para a submissão, e toda a minha vida, Derfel, fiz o que as pessoas mandaram. Sempre fui boa — disse ela, dando à palavra “boa” uma tensão estranha. — Sempre fui a garotinha obediente, a filha que cumpre os deveres. Era fácil, claro, porque meu pai me amava e ele amava muito poucas pessoas, mas eu ganhava tudo o que queria, e em troca eles só queriam que eu fosse bonita e obediente. E eu era muito obediente.

— Bonita também.

Ela me deu uma cotovelada na costela, em reprovação. Um bando de lavandiscas voou numa confusão, saindo da névoa que cobria o riacho mais adiante.

— Sempre fui obediente — disse Ceinwyn com tristeza. — Sabia que teria de me casar com quem me mandassem, e não me preocupava, porque é isso que as filhas dos reis fazem, e me lembro de que fiquei muito feliz quando conheci Artur. Pensei que minha vida de sorte continuaria para sempre. Tinha recebido um homem tão bom, e então, de repente, ele desapareceu.

— E você nem me percebeu — falei. Eu era o lanceiro mais jovem da guarda de Artur quando ele veio a Caer Sws para ficar noivo de Ceinwyn. Foi então que ela me deu o pequeno broche que ainda uso. Ela havia recompensado toda a escolta de Artur, mas nunca soube do fogo que acendeu em minha alma naquele dia.

— Tenho certeza de que percebi você. Quem poderia não ver uma coisa tão grande, desajeitada, com esse cabelo de palha? — Ela riu de mim, depois me deixou ajudá-la a passar sobre um carvalho caído. Trajava o mesmo vestido de linho que usara na noite anterior, mas agora a saia branca estava manchada de lama e musgo. — Então fiquei noiva de Caelgyn de Rheged — continuou ela — e não tive mais tanta certeza de que estava com sorte. Ele era uma fera carrancuda, mas tinha prometido ao meu pai trazer cem lanceiros e um pagamento em ouro, e me convenci de que seria feliz mesmo assim, mesmo se tivesse de viver em Rheged, mas Caelgyn morreu de febre. Então veio Gundleus. — Ela franziu a testa diante da lembrança. — Aí percebi que eu era apenas uma peça num jogo de guerra. Meu pai me amava, mas me entregaria até a Gundleus se isso significasse mais lanças contra Artur. Foi então que entendi que jamais seria feliz se não fizesse minha própria felicidade, e foi então que você e Galahad vieram nos ver. Lembra?

— Lembro. — Eu tinha acompanhado Galahad em sua fracassada missão de paz, e Gorfyddyd, como insulto, fez com que jantássemos no salão das mulheres. Ali, à luz das velas, enquanto uma harpista tocava,

eu tinha falado com Ceinwyn e feito o juramento de protegê-la.

— E você quis saber se eu estava feliz — disse ela.

— Eu estava apaixonado. Era um cão uivando para uma estrela.

Ela sorriu.

— E então veio Lancelot. O adorável Lancelot. O lindo Lancelot, e todo mundo me disse que eu era a mulher mais feliz da Britânia, mas sabe o que senti? Que seria apenas mais uma posse de Lancelot, e ele parece já ter muitas. Mas ainda não tinha certeza do que deveria fazer, então Merlin veio e falou comigo, e deixou Nimue e ela falou e falou, mas eu já sabia que não queria pertencer a homem nenhum. Pertenci a homens a vida inteira. Então Nimue e eu fizemos um juramento a Don, e jurei a Ela que se me desse a força para tomar minha própria liberdade eu jamais me casaria. Eu amarei você — prometeu, olhando meu rosto —, mas não serei posse de homem nenhum.

Talvez não, pensei, mas ela, como eu, ainda era uma peça do jogo de Merlin. Como ele estivera ocupado, ele e Nimue! Mas não falei nada disso, nem da Estrada Escura.

— Mas agora você será inimiga de Guinevere — alertei.

— Sim, mas sempre fui, desde o momento em que ela decidiu tirar Artur de mim. Mas na época eu era apenas uma criança, e não sabia como lutar. Ontem à noite eu contra-ataquei, mas por enquanto vou ficar fora das vistas. — Ela sorriu. — E você deveria se casar com Gwenthwyvach?

— Sim.

— Pobre Gwenthwyvach. Ela sempre foi muito boa comigo quando morava aqui, mas lembro que, sempre que sua irmã entrava na sala, ela saía correndo. Era como um camundongo grande e gordo, e sua irmã era o gato.

Naquela tarde Artur veio ao Vale de Baixo. A cola que prendia os pedaços de osso ainda estava secando no punho de Hywelbane quando seus guerreiros preencheram as árvores da encosta sul de Cwm Isaf, diante de nossa casinha. Os lanceiros não vieram nos ameaçar, mas simplesmente tinham se desviado da longa marcha para casa, para a confortável Dumnonia. Não havia sinal de Lancelot, nem de Guinevere, enquanto Artur caminhava sozinho junto ao riacho. Ele não trazia espada nem escudo.

Nós o recebemos na porta. Ele fez uma reverência a Ceinwyn, depois sorriu para ela.

— Cara senhora — disse simplesmente.

— Está com raiva de mim, senhor? — perguntou ansiosa.

Ele fez uma careta.

— Minha esposa acha que estou, mas não. Como posso estar com raiva? A senhora só fez o que eu fiz uma vez, e teve a graça de fazê-lo antes do juramento. — Ele sorriu de novo. — Talvez tenha criado uma

inconveniência para mim, mas mereci. Posso conversar com Derfel?

Seguimos o mesmo caminho que eu tomara naquela manhã com Ceinwyn, e, assim que estava fora das vistas de seus lanceiros, Artur pôs o braço sobre meus ombros.

— Você fez bem, Derfel — disse ele em voz baixa.

— Desculpe se o magoei, senhor.

— Não seja idiota. Você fez o que já fiz, e o injeço pela novidade. Isso apenas muda as coisas, só. Como eu disse, é um inconveniente.

— Não quero ser o campeão de Mordred.

— Não. Mas alguém será. Se fosse por mim, meu amigo, eu levaria vocês dois para casa, faria de você meu campeão e lhe daria tudo que tinha de dar, mas as coisas nem sempre podem ser como queremos.

— O senhor quer dizer que a princesa Guinevere não me perdoará — falei bruscamente.

— Não. Nem Lancelot. — Artur suspirou. — O que devo fazer com Lancelot?

— Case-o com Gwenhwyfach e enterre os dois em Silúria.

Ele gargalhou.

— Se ao menos eu pudesse! Vou mandá-lo para Silúria, certamente, mas duvido que Silúria o segure. Ele tem ambições acima daquele pequeno reino, Derfel. Eu esperava que Ceinwyn e uma família o mantivessem lá, mas agora? — Ele deu de ombros. — Eu teria feito melhor se desse o reino a você. — Artur tirou o braço dos meus ombros e me encarou. — Eu não o libero de seus juramentos, lorde Derfel Cadarn — disse formalmente. — Você ainda é homem meu, e, quando eu mandar chamá-lo, você virá a mim.

— Sim, senhor.

— Isso acontecerá na primavera. Jurei três meses de paz com os saxões, e mantereí essa paz, e quando os três meses terminarem o inverno manterá nossas lanças guardadas. Mas na primavera marcharemos, e quero seus homens em minha parede de escudos.

— Eles estarão lá, senhor.

Ele ergueu as duas mãos e as colocou em meus ombros.

— Você também está jurado a Merlin? — perguntou, encarando meus olhos.

— Sim, senhor.

— Então vai caçar um Caldeirão que não existe?

— Vou procurar o Caldeirão, sim.

Ele fechou os olhos.

— Que estupidez! — Em seguida baixou as mãos e abriu os olhos. — Eu acredito nos Deuses, Derfel, mas será que os Deuses acreditam na Britânia? Esta não é a antiga Britânia — falou veemente. — Talvez um dia tenhamos sido um povo de um sangue só, mas agora? Os romanos trouxeram homens de todos os cantos do mundo! Sármatas, líbios,

gauleses, númidas, gregos! O sangue deles está misturado ao nosso, assim como ele fervilha de sangue romano e agora se mistura com sangue saxão. Nós somos o que somos, Derfel, e não o que fomos um dia. Temos uma centena de Deuses agora, não somente os Deuses antigos, e não podemos fazer os anos voltarem, nem mesmo com o Caldeirão e cada Tesouro da Britânia.

— Merlin discorda.

— E Merlin me faria lutar contra os cristãos só para que os Deuses dele governem? Não, não farei isso, Derfel. — Ele falava com raiva. — Você pode procurar seu Caldeirão imaginário, mas não creio que eu vá fazer o jogo de Merlin lutando contra os cristãos.

— Merlin deixará o destino dos cristãos com os Deuses — falei defensivamente.

— E o que somos nós, senão ferramentas dos Deuses? Mas não vou lutar com outros britânicos só porque eles cultuam outro Deus. Nem você, Derfel, enquanto estiver sob juramento.

— Não, senhor.

Ele suspirou.

— Odeio todo esse rancor com relação a Deuses. Mas, afinal de contas, Guinevere sempre diz que sou cego aos Deuses. Ela diz que é meu único defeito. — Ele sorriu. — Se você está jurado a Merlin, Derfel, deve ir com ele. Aonde ele vai levá-lo?

— A Ynys Mon, senhor.

Ele me olhou em silêncio durante alguns instantes, depois estremeceu.

— Você vai a Llein? — perguntou incrédulo. — Ninguém volta vivo de Llein.

— Eu volto — gabei-me.

— Certifique-se disso, Derfel, certifique-se disso. — Ele parecia triste. — Preciso de sua ajuda para vencer os saxões. E depois disso, talvez, você possa voltar a Dumnonia. Guinevere não é uma mulher de guardar ressentimentos. — Duvidei, mas fiquei quieto. — Então devo convocá-la na primavera e rezar para que você sobreviva a Llein. — Ele passou o braço pelo meu e voltamos para a casa. — E se alguém perguntar, Derfel, diga que acabo de censurá-lo furiosamente. Que o xinguei, até que bati em você.

Gargalhei.

— Perdoo as pancadas, senhor.

— Considere-se censurado, e considere-se o segundo homem mais sortudo da Britânia.

O mais sortudo do mundo, pensei, porque tinha o desejo da minha alma.

Ou teria, que os Deuses nos preservassem, quando Merlin tivesse o dele.

Fiquei olhando os lanceiros partirem. A bandeira de Artur, com o símbolo do urso, apareceu brevemente entre as árvores, ele acenou, subiu no cavalo e foi embora.

E nós estávamos sozinhos.

*

Então eu não estava em Dumnonia para ver o retorno de Artur. Gostaria disso, porque ele voltou como herói a um país que havia descartado suas chances de sobrevivência e tramara para substituí-lo por criaturas inferiores.

A comida foi escassa naquele outono, porque a guerra súbita havia esgotado a colheita nova, mas não existia fome, e os homens de Artur coletaram bons impostos. Isso parece uma pequena melhoria, mas depois dos anos recentes causou agitação na terra. Apenas os ricos pagavam impostos ao Tesouro Real. Alguns pagavam em ouro, mas a maioria em grãos, couro, linho, sal, lã e peixe seco que eles, por sua vez, tinham exigido de seus arrendatários. Nos últimos anos os ricos tinham pagado pouco ao rei, e os pobres tinham pagado muito aos ricos, de modo que Artur mandou lanceiros para perguntar aos pobres que imposto lhes tinha sido cobrado, e usou as respostas para fazer sua cobrança aos ricos. Do obtido ele devolveu um terço às igrejas e aos magistrados para que pudessem distribuir a comida no inverno. Apenas esse ato revelou a Dumnonia que um novo poder tinha chegado à terra, e, apesar de os ricos reclamarem, nenhum ousou levantar uma parede de escudos contra Artur. Ele era o comandante guerreiro do reino de Mordred, o vitorioso do vale do Lugg, matador de reis, e os que se opunham agora o temiam.

Mordred foi posto aos cuidados de Culhwch, primo de Artur e guerreiro rude, honesto, que provavelmente se interessava pouco pelo destino de uma criança pequena e problemática. Culhwch estava ocupado demais reprimindo a revolta iniciada por Cadwy de Isca, no interior do oeste de Dumnonia, e ouvi dizer que ele levou suas lanças numa campanha rápida sobre o grande urzal, depois para o sul, na terra inculta da costa. Devastou o coração das terras de Cadwy, depois atacou o príncipe rebelde na velha fortaleza romana de Isca. O príncipe Cadwy foi apanhado num templo romano e desmembrado ali. Artur ordenou que partes de seu corpo fossem exibidas nas cidades de Dumnonia, e que sua cabeça, com as tatuagens azuis facilmente reconhecíveis nas bochechas, fosse mandada ao rei Mark de Kernow, que encorajara a revolta. O rei Mark mandou de volta um tributo em lingotes, um barril de peixe defumado, três cascos de tartaruga polidos que tinham chegado às praias de seu país selvagem e uma inocente negativa de qualquer cumplicidade com a rebelião de Cadwy.

Ao capturar a fortaleza de Cadwy, Culhwch encontrou cartas que

mandou a Artur. As cartas eram do partido cristão de Dumnonia, tinham sido escritas antes da campanha que terminou no vale do Lugg, e revelavam toda a extensão dos planos de livrar Dumnonia de Artur. Os cristãos desgostavam de Artur desde que ele tinha revogado a determinação do rei Uther, de que a igreja estaria isenta de impostos e empréstimos, e tinham se convencido de que seu Deus estava levando Artur a uma grande derrota nas mãos de Gorfyddyd. Foi a perspectiva dessa derrota quase certa que os havia encorajado a escrever seus pensamentos, e esses mesmos escritos agora estavam na posse de Artur.

As cartas revelavam uma preocupada comunidade cristã que queria a morte de Artur, mas também temia a incursão dos lanceiros pagãos de Gorfyddyd. Para se salvar e às suas riquezas eles tinham se mostrado prontos a sacrificar Mordred, e as cartas encorajavam Cadwy a marchar sobre Durnovária durante a ausência de Artur, matar Mordred e depois entregar o reino a Gorfyddyd. Os cristãos lhe prometiam ajuda, e esperavam que as lanças de Cadwy os protegessem assim que Gorfyddyd estivesse governando.

Em vez disso, as cartas lhes trouxeram punição. O rei Melwas, dos belgae, um rei submetido a Dumnonia que havia tomado partido dos cristãos opositores de Artur, foi feito novo governante da terra de Cadwy. Isso não era exatamente uma recompensa, porque levou Melwas para longe de seu povo, a um lugar onde Artur podia mantê-lo sob vigilância atenta. Nabur, o magistrado cristão que tinha a guarda de Mordred, e que usara essa guarda para erguer o partido que se opusera a Artur e que era o escritor das cartas sugerindo o assassinato de Mordred, foi pregado numa cruz no anfiteatro de Durnovária. Hoje em dia, claro, ele é chamado de santo e mártir, mas só me lembro de Nabur como um mentiroso escorregadio e corrupto. Dois padres, outro magistrado e dois senhores de terras também foram mandados à morte. O último conspirador era o bispo Sansum, mas ele fora esperto demais não deixando que seu nome fosse escrito, e essa esperteza, com sua estranha amizade com Morgana, a aleijada irmã pagã de Artur, salvou sua vida. Ele jurou lealdade imorredoura a Artur, pôs a mão num crucifixo e jurou que nunca havia tramado para matar o rei, e assim continuou como guardião do templo do Espinheiro Sagrado em Ynys Wydryn. Você poderia amarrar Sansum com ferro e encostar uma espada em sua garganta, e mesmo assim ele se livrava.

Morgana, sua amiga pagã, tinha sido a sacerdotisa de maior confiança de Merlin até que a jovem Nimue usurpou essa posição, mas Merlin e Nimue estavam muito longe e deixaram Morgana como virtual governante das terras de Merlin em Avalon. Morgana, com sua máscara de ouro escondendo o rosto devastado pelo fogo e o manto preto escondendo o corpo retorcido pelas chamas, assumiu o poder de Merlin sendo ela ainda quem terminou de reconstruir o salão de Merlin no Tor,

sendo ela ainda quem organizou os coletores de impostos na parte norte da terra de Artur. Morgana se tornou uma das conselheiras de maior confiança de Artur. De fato, após o bispo Bedwyn ter morrido de febre naquele outono, Artur chegou a sugerir, contra todos os precedentes, que Morgana fosse nomeada conselheira integral. Nenhuma mulher jamais havia se sentado no conselho de um rei na Britânia, e Morgana poderia muito bem ter sido a primeira, mas Guinevere se certificou de que isso não acontecesse. Guinevere não deixaria nenhuma mulher ser conselheira se ela própria não pudesse ser, e além disso Guinevere odiava qualquer coisa feia e, os Deuses sabiam, a pobre Morgana era grotesca até mesmo com sua máscara de ouro. Então Morgana permaneceu em Ynys Wydryn, enquanto Guinevere supervisionava a construção do novo palácio em Lindinis.

Era um palácio estupendo. A antiga vila romana que Gundleus tinha queimado foi reconstruída e aumentada, de modo que suas alas em claustro cercavam dois grandes pátios onde a água corria em canais de mármore. Lindinis, perto do morro real de Caer Cadarn, seria a nova capital de Dumnonia, apesar de Guinevere ter cuidado para que Mordred, com seu pé esquerdo torto, não tivesse permissão de se aproximar dali. Apenas a beleza era permitida em Lindinis, e em seus pátios em meio a arcadas Guinevere reuniu estátuas vindas de vilas e templos de toda Dumnonia. Não havia templo cristão lá, mas Guinevere fez um grande salão escuro para Ísis, a Deusa das mulheres, e fez uma luxuosa ala de cômodos onde Lancelot podia ficar quando viesse de seu novo reino em Silúria para fazer uma visita. Elaine, a mãe de Lancelot, vivia naqueles cômodos e ela, que um dia tornara Ynys Trebes tão linda, agora ajudava Guinevere a transformar o palácio de Lindinis num templo de beleza.

Artur, eu sei, ficava raramente em Lindinis. Estava ocupado demais preparando-se para a guerra contra os saxões, e com esse objetivo começou a reforçar as antigas cidadelas de terra no sul de Dumnonia. Até Caer Cadarn, no coração de nosso país, teve sua muralha reforçada e novas plataformas de madeira, para luta, postas em suas fortificações, mas o maior trabalho dele foi em Caer Ambra, a apenas meia hora a leste das Pedras, que seria sua nova base contra os saxões. O povo antigo fizera uma fortaleza ali, mas durante todo aquele outono e no inverno os escravos trabalharam para tornar mais íngremes as altas barreiras de terra e fazer novas paliçadas e plataformas de luta nos cumes. Mais fortalezas foram reforçadas ao sul de Caer Ambra para defender as partes de baixo de Dumnonia contra os saxões do sul, liderados por Cerdic, que certamente iria nos atacar quando Artur atacasse Aelle no norte. Ouso dizer que, desde os romanos, nunca uma quantidade tão grande de terra britânica tinha sido cavada nem madeira cortada, e os impostos honestos de Artur jamais poderiam pagar metade

do trabalho. Portanto, ele fez um empréstimo compulsório com as igrejas cristãs que eram ricas e poderosas no sul da Britânia, as mesmas igrejas que tinham apoiado o esforço de Nabur e Sansum para derrubá-lo. Mais tarde esse empréstimo foi pago, e ele protegeu os cristãos das atenções pavorosas dos pagãos saxões, mas os cristãos nunca perdoaram Artur, nem perceberam que o mesmo empréstimo foi tomado do punhado de templos pagãos que ainda possuíam riquezas.

Nem todos os cristãos eram inimigos de Artur. Pelo menos um terço de seus lanceiros era cristão, e esses homens eram tão leais quanto qualquer pagão. Muitos outros cristãos apoiavam seu governo, mas a maioria dos líderes da igreja deixava a cobiça ditar a lealdade, e eram esses que se opunham a ele. Acreditavam que um dia seu Deus retornaria à terra e andaria entre nós como um homem mortal, mas Ele não viria de novo enquanto todos os pagãos não tivessem sido convertidos à Sua fé. Os pregadores, sabendo que Artur era pagão, sussurravam pragas contra ele, mas Artur ignorava suas palavras enquanto fazia as incessantes viagens pelo sul da Britânia. Um dia ele estava com Sagramor na fronteira de Aelle, no seguinte estava lutando com um dos bandos de guerreiros de Cerdic que percorriam os vales dos rios no sul, e depois cavalgava para o norte atravessando Dumnonia e Gwent até Isca, onde discutiria com os chefes locais quanto ao número de lanceiros que poderiam ser conseguidos no oeste de Gwent ou no leste de Silúria. Graças à batalha do vale do Lugg, agora Artur era muito mais do que o principal lorde de Dumnonia e o protetor de Mordred; era o comandante guerreiro da Britânia, o líder indiscutível de todos os nossos exércitos, e nenhum rei ousava lhe recusar coisas — e nem, naqueles dias, queria isso.

Mas tudo isso eu perdi, porque estava em Caer Sws, com Ceinwyn, e estava apaixonado.

E esperando Merlin.

Merlin e Nimue chegaram a Cwm Isaf apenas alguns dias antes do solstício de inverno. Nuvens escuras pressionavam logo acima dos topos nus dos carvalhos nas encostas, e a geada matinal tinha resistido até o meio da tarde. O riacho era uma colcha de retalhos de lajes de gelo e água que escorria, as folhas caídas estavam quebradiças, e o chão do vale duro como pedra. Tínhamos um fogo aceso na câmara central, de modo que nossa casa ficava bastante quente, mas quase sufocávamos com a fumaça que se avolumava entre as traves rústicas antes de encontrar o pequeno buraco na cumeeira do teto. Outras fogueiras fumegavam nos abrigos que meus lanceiros tinham feito pelo vale; pequenas cabanas atarracadas com paredes de terra e pedra sustentando tetos de madeira e samambaias. Tínhamos feito um abrigo atrás da casa, onde um touro, duas vacas, três porcas, um porco, uma dúzia de ovelhas

e um bocado de galinhas ficavam presos à noite para se proteger dos lobos. Tínhamos muitos lobos em nossa floresta, e seu uivo ecoava a cada crepúsculo, e à noite algumas vezes os ouvíamos raspando atrás do abrigo dos animais. As ovelhas baliavam de dar pena, as galinhas cacarejavam em pânico, e então Issa, ou quem estivesse montando guarda, gritava e jogava um pedaço de lenha acesa na beira da floresta, e os lobos iam embora. Certa manhã, quando eu ia pegar água no riacho, dei de cara com um lobo grande e velho. Ele estivera bebendo, mas quando saí dos arbustos o bicho ergueu o focinho cinza, me olhou e depois esperou minha saudação antes de partir em silêncio rio acima. Decidi que era um bom presságio, e naqueles dias em que esperávamos Merlin contávamos os presságios.

Também caçávamos os lobos. Cuneglas nos deu três pares de cães caçadores de lobos, que eram maiores e mais peludos do que os famosos caçadores de cervos powsianos, como os que Guinevere possuía em Dumnonia. O esporte mantinha meus lanceiros ativos e até Ceinwyn gostava daqueles dias longos e frios na floresta alta. Ela usava calções de couro, botas altas e um gibão de couro, e levava na cintura uma comprida faca de caça. Trançava o cabelo louro e prendia num nó na nuca, depois subia pedras, descia gargantas e pulava árvores atrás de sua parilha de cães presos com compridas cordas de crina de cavalo. O modo mais simples de caçar lobos era com arco e flecha, mas, como poucos de nós possuíam essa habilidade, usávamos os cães, lanças de guerra e facas, e quando Merlin voltou tínhamos uma pilha de peles guardada no depósito de Cuneglas. O rei quisera que nós nos mudássemos de volta para Caer Sws, mas Cenwyn e eu estávamos tão felizes quanto permitia a expectativa da provação com Merlin, e por isso ficamos em nosso pequeno vale e contávamos os dias.

E estávamos felizes em Cwm Isaf. Ceinwyn sentia um prazer ridículo em fazer todas as coisas que até agora tinham sido feitas para ela pelos serviçais, mas estranhamente jamais conseguiu torcer o pescoço de uma galinha, e eu sempre gargalhava quando ela precisava matar uma. Não tinha necessidade de fazê-lo, porque qualquer um dos serviçais teria matado a ave e meus lanceiros fariam qualquer coisa por Ceinwyn, mas ela insistia em compartilhar o trabalho. Mas, quando se tratava de matar galinhas, patos ou gansos, não conseguia se obrigar a fazer direito. O único método que imaginou foi colocar a pobre criatura no chão, pôr o pé no pescoço dela e depois, com os olhos bem fechados, dar um puxão decidido na cabeça.

Teve mais sucesso com a roca. Cada mulher na Britânia, a não ser as muito ricas, vivia com uma roca e um fuso, porque fiar a lã era um daqueles trabalhos intermináveis que presumivelmente durarão até que o sol dê a última volta na terra. Assim que a lã tosquiada de um ano fosse transformada em fio, a tosquia do ano seguinte chegava aos depósitos e

as mulheres podiam recolher os aventais cheios, lavar e pentear a lã, e depois começar a fiar de novo. Elas fiavam andando, fiavam conversando, fiavam sempre que não havia outra tarefa precisando de suas mãos. Era um trabalho monótono e que não exigia pensamento, mas não desprovido de habilidade; a princípio Ceinwyn só conseguia produzir fiapos patéticos de lã, mas melhorou, ainda que jamais tenha ficado tão rápida quanto as mulheres que fiavam a lã desde que as mãos tinham tamanho para segurar a roca. Ela se sentava à tarde, contando sobre seu dia, e a mão esquerda girava a roca e a direita torcia o fuso que pendia da roca com um peso, para alongar e torcer o fio que emergia. Quando o fuso chegava ao chão ela enrolava o fio nele, fixava a lã enrolada com o prendedor de osso no topo do fuso e depois começava a fiar de novo. A lã que ela fez naquele inverno frequentemente ficava grossa, ou então frágil, mas usei lealmente uma das camisas que ela fez com o fio, até que se rasgou toda.

Cuneglas nos visitava frequentemente, mas sua mulher, Helledd, nunca veio. A rainha Helledd era realmente convencional, e desaprovava profundamente o que Ceinwyn tinha feito.

— Ela acha que isso traz desgraça à família — disse Cuneglas, divertido. Como Artur e Galahad, ele se tornou um dos meus melhores amigos. Acho que vivia solitário em Caer Sws porque, afora Iorweth e alguns dos druidas mais novos, ele tinha poucos homens com quem pudesse falar de algo além de caçadas e guerra, por isso substituí os irmãos que ele havia perdido. Seu irmão mais velho, que deveria ter se tornado rei, fora morto numa queda de cavalo, o filho seguinte morreria de febre, e o mais novo tinha sido morto lutando contra os saxões. Como eu, Cuneglas desaprovava intensamente a ida de Ceinwyn à Estrada Escura, mas disse-me que apenas um golpe de espada poderia impedi-la. — Todo mundo sempre pensa que ela é doce e gentil, mas há uma vontade de ferro aí dentro. Teimosa.

— Não consegue matar uma galinha.

— Nem consigo imaginá-la tentando. — Ele gargalhou. — Mas ela está feliz, Derfel, e por isso eu lhe agradeço.

Foi uma época feliz, uma das épocas mais felizes de todas, mas sempre sombreada pelo conhecimento de que Merlin viria e exigiria o cumprimento de nossas promessas.

Ele chegou numa tarde gelada. Eu estava do lado de fora da casa, usando um machado de guerra saxão para rachar lenha que encheria nossa casa de fumaça, e Ceinwyn estava dentro, apartando uma discussão entre suas aias e a feroz Scarach, quando uma trombeta soou no vale. A trombeta era um sinal de meus lanceiros, de que um estranho se aproximava de Cwm Isaf. Baixei o machado a tempo de ver a alta figura de Merlin andando entre as árvores. Nimue estava com ele. Ela havia ficado uma semana conosco depois da noite do noivado de

Lancelot, e agora, vestida de preto atrás de seu senhor que usava o longo manto branco, ela estava de volta.

Ceinwyn veio de dentro da casa. Seu rosto estava manchado de fuligem e as mãos com o sangue de uma lebre que estivera cortando.

— Pensei que ele ia trazer um bando de guerreiros — disse ela, os olhos azuis fixos em Merlin. Foi isso que Nimue tinha nos dito antes de partir; que Merlin estava levantando o exército que iria protegê-lo na Estrada Escura.

— Talvez ele os tenha deixado no rio, não é? — sugeri.

Ela puxou uma madeixa para longe do rosto, juntando uma mancha de sangue à fuligem.

— Você não está com frio? — perguntou, porque eu estava despido até a cintura enquanto rachava lenha.

— Ainda não — falei, mas vesti uma camisa de lã enquanto Merlin saltava com as pernas longas sobre o riacho. Meus lanceiros, antecipando novidades, vieram seguindo-o de suas cabanas, mas ficaram fora da casa quando ele se abaixou passando por nossa porta pequena.

Não nos cumprimentou, apenas entrou na casa. Nimue foi atrás, e quando Ceinwyn e eu entramos eles já estavam agachados junto ao fogo. Merlin estendeu as mãos para as chamas, depois pareceu dar um suspiro comprido. Não falou nada, e nenhum de nós queria perguntar quais eram as novidades. Eu, como ele, sentei-me à beira do fogo enquanto Ceinwyn punha a lebre meio desmembrada numa tigela e depois enxugava o sangue das mãos. Em seguida fez um gesto para que Scarach e as serviçais saíssem da casa, depois sentou-se ao meu lado.

Merlin estremeceu, depois pareceu relaxar. Suas costas compridas estavam inclinadas enquanto ele se curvava para a frente, de olhos fechados. Ficou assim durante longo tempo. Seu rosto moreno tinha rugas profundas, e a barba era de um branco espantoso. Como todos os druidas, raspava a parte da frente do crânio, mas agora essa tonsura estava suavizada por uma fina camada de cabelo branco e curto, evidência de que estivera longo tempo na estrada, sem uma navalha ou um espelho de bronze. Parecia muito velho naquele dia, e curvado junto ao fogo até parecia frágil.

Nimue sentou-se na frente dele, em silêncio. Levantou-se uma vez para pegar Hywelbane, que estava pendurada nos pregos na trave principal, e a vi sorrir quando reconheceu as duas tiras de osso engastadas no punho. Desembainhou a lâmina e depois a segurou na parte mais enfumaçada do fogo, e assim que o aço estava coberto de fuligem rabiscou cuidadosamente uma inscrição com um pedaço de palha. As letras não eram dessas que escrevo agora, que tanto eu quanto os saxões empregamos, mas letras mais antigas e mágicas, meros riscos cortados por barras, que só os druidas e feiticeiros usavam. Em seguida encostou a bainha na parede e pendurou a espada de novo nos pregos,

mas não explicou o significado do que tinha escrito. Merlin a ignorou.

Ele abriu os olhos subitamente, e a aparência de fragilidade foi substituída por uma terrível selvageria.

— Lancei uma maldição sobre as criaturas de Silúria — falou devagar. Depois estalou os dedos na direção do fogo e um sopro de chama mais brilhante sibilou na madeira. — Que as plantações deles se encham de pragas — rosnou —, que o gado fique estéril, os filhos aleijados, as espadas cegas e os inimigos triunfantes. — Para ele foi uma maldição bastante suave, mas havia uma malignidade sibilante em suas palavras. — E a Gwent eu dei uma morrinha no gado, geadas no inverno e úteros encolhidos como palha seca. — Ele cuspiu nas chamas. — Em Elmet as lágrimas farão lagos, pestes encherão sepulturas e ratos governarão as casas. — E cuspiu de novo. — Quantos homens você vai trazer, Derfel?

— Todos os que tenho, senhor. — Hesitei em admitir como eram poucos, mas finalmente dei a resposta. — Vinte escudos.

— E todos os seus homens que ainda estão com Galahad? — Ele me deu um olhar rápido por baixo das sobrancelhas brancas e fartas. — Quantos são?

— Não tenho notícias deles, senhor.

Ele fungou.

— Eles formam uma guarda palaciana para Lancelot. Lancelot insiste nisso. Ele transformou o irmão num porteiro. — Galahad era meio-irmão de Lancelot, e os dois não poderiam ser mais diferentes. — Foi uma coisa boa, senhora — Merlin olhou para Ceinwyn —, não ter se casado com Lancelot.

Ela sorriu para mim.

— Também acho, senhor.

— Ele acha Silúria um tédio. Não posso culpá-lo por isso, mas ele buscará os confortos de Dumnonia e será uma serpente na barriga de Artur. — Merlin sorriu. — A senhora seria um brinquedo para ele.

— Prefiro estar aqui — disse Ceinwyn, fazendo um gesto para nossas rústicas paredes de pedra e as traves do teto cobertas de fuligem.

— Mas ele tentará prejudicá-la. Seu orgulho sobe mais alto do que a águia de Lleullaw, senhora, e Guinevere está praguejando contra a senhora. Ela matou um cão em seu templo de Ísis e pendurou a pele dele numa cadela aleijada, à qual deu o seu nome.

Ceinwyn ficou pálida, fez o sinal contra o mal e cuspiu no fogo.

Merlin deu de ombros.

— Anulei o feitiço, senhora. — Em seguida, ele esticou os braços compridos e curvou a cabeça para trás, de modo que as tranças amarradas com fitas quase tocassem o chão coberto de junco. — Ísis é uma Deusa estrangeira, e o poder dela é fraco nesta terra. — Merlin trouxe a cabeça para a frente de novo, depois esfregou os olhos com as

mãos compridas. — Vim de mãos vazias — falou em voz opaca. — Nenhum homem em Elmet quis se apresentar, e ninguém em lugar nenhum. Dizem que suas lanças estão dedicadas às barrigas saxãs. Não lhes ofereci ouro, não ofereci prata, apenas uma luta em nome dos Deuses, e eles me ofereceram suas orações, depois deixaram que as mulheres lhes falassem de crianças, fogões, gado e terra, e assim se afastaram. Oitenta homens! Era só o que eu queria! Diwrnach pode juntar duzentos, talvez um pouco mais, mas oitenta teriam bastado, mas nem mesmo oito homens quiseram vir. Seus senhores estão jurados a Artur. Dizem que o Caldeirão pode esperar até que Lloegyr seja nossa de novo. Querem terra saxã, ouro saxão, e tudo o que lhes ofereci foi sangue e frio na Estrada Escura.

Houve um silêncio. Uma tora desmoronou no fogo soltando uma constelação de fagulhas em direção ao teto preto.

— Nenhum homem ofereceu uma lança? — perguntei, chocado com a notícia.

— Alguns — disse ele, sem dar importância —, mas nenhum em quem eu pudesse confiar. Estou lutando contra o chamariz do ouro saxão e contra Morgana. Ela se opõe a mim.

— Morgana! — Eu não podia esconder minha perplexidade. Morgana, a irmã mais velha de Artur, fora a companheira mais próxima de Merlin até Nimue usurpar seu posto, e, apesar de Morgana odiar Nimue, eu não achava que esse ódio tivesse se estendido a Merlin.

— Morgana — disse ele peremptoriamente. — Ela espalhou uma história pela Britânia. A história diz que os Deuses se opõem à minha busca e que serei derrotado, e que minha morte abarcará todos os meus companheiros. Ela sonhou a história, e as pessoas acreditam em seus sonhos. Diz que sou velho, frágil e caduco.

— Ela diz que uma mulher matará você — disse Nimue —, e não Diwrnach.

Merlin deu de ombros.

— Morgana faz o jogo dela, e ainda não o entendo. — Ele enfiou a mão num bolso do manto e pegou um punhado de capim seco cheio de nós. Cada haste com nós me parecia igual à outra, mas ele as separou e escolheu uma que estendeu para Ceinwyn. — Eu a libero de seu juramento, senhora.

Ceinwyn me olhou, depois olhou de novo para o nó de capim.

— O senhor ainda vai tomar a Estrada Escura?

— Vou.

— Mas como encontrará o Caldeirão sem mim?

Ele deu de ombros, mas não respondeu.

— Como o senhor irá encontrá-lo com ela? — perguntei, porque ainda não entendia por que uma virgem deveria encontrar o Caldeirão, ou por que essa virgem tinha de ser Ceinwyn.

Merlin deu de ombros outra vez.

— O Caldeirão esteve sempre sob a guarda de uma virgem. Uma o guarda agora, se os meus sonhos me dizem corretamente, e apenas outra virgem pode revelar seu esconderijo. Você sonhará com ele — falou a Ceinwyn —, se estiver disposta a vir.

— Eu irei, senhor, como prometi.

Merlin enfiou o nó de capim de volta ao bolso antes de esfregar o rosto de novo com as mãos compridas.

— Partimos dentro de dois dias — anunciou peremptoriamente. — Vocês devem fazer pão, armazenar carne e peixe secos, afiar as armas e se certificar de ter peles para se proteger do frio. — Ele olhou para Nimue. — Vamos dormir em Caer Sws. Venha.

— Vocês podem ficar aqui — ofereci.

— Preciso falar com Iorweth. — Ele se levantou, com a cabeça ao nível dos caibros do teto. — Eu libero vocês dois de seus juramentos — falou com muita formalidade —, mas mesmo assim rezo para que venham. Entretanto, será mais difícil do que imaginam, e mais do que temem em seus piores pesadelos, porque entreguei minha vida ao Caldeirão. — Ele olhou para nós e seu rosto estava imensamente triste. — No dia em que pisarmos na Estrada Escura começarei a morrer, porque este é o meu juramento, e não tenho certeza de que o juramento me trará sucesso, e, se a busca fracassar, estarei morto e vocês sozinhos em Lleyln.

— Teremos Nimue — disse Ceinwyn.

— E ela é tudo que terão — disse Merlin em voz sombria, depois saiu abaixando-se ao passar pela porta. Nimue foi atrás.

Ficamos sentados em silêncio. Pus outro pedaço de lenha no fogo. Estava verde, porque toda a nossa lenha era recém-cortada, por isso soltava tanta fumaça. Olhei a fumaça se adensar em redemoinhos junto aos caibros, depois peguei a mão de Ceinwyn.

— Você quer morrer em Lleyln? — perguntei, censurando-a.

— Não, mas quero ver o Caldeirão.

Olhei para o fogo.

— Ele vai se encher de sangue — falei em voz baixa.

Os dedos de Ceinwyn acariciaram os meus.

— Quando eu era criança ouvi todas as histórias da velha Britânia, de como os Deuses viviam entre nós e todo mundo era feliz. Não havia fome, nem pragas, só nós, os Deuses e a paz. Quero aquela Britânia de volta, Derfel.

— Artur diz que ela jamais poderá voltar. Nós somos o que somos, e não o que fomos um dia.

— Então em quem você acredita? Em Artur ou Merlin?

Pensei durante longo tempo.

— Em Merlin — falei enfim, e talvez porque quisesse acreditar na

Britânia dele, onde todos os nossos sofrimentos seriam afastados magicamente. Eu amava também a ideia da Britânia de Artur, mas esta exigiria guerra, trabalho duro e a confiança em que os homens iriam se comportar, caso fossem bem-tratados. O sonho de Merlin exigia menos e prometia mais.

— Então vamos com Merlin — disse Ceinwyn. Ela hesitou, me olhando. — Você está preocupado com a profecia de Morgana?

Balancei a cabeça.

— Ela tem poder, mas não tanto assim. E não como Nimue, também. — Nimue e Merlin tinham sofrido as Três Feridas da Sabedoria, e Morgana apenas havia passado pela ferida do corpo, jamais pela da mente ou a do orgulho; mas a profecia de Morgana era uma história astuta, porque de alguns modos Merlin estava desafiando os Deuses. Ele queria domar os caprichos deles, e de volta lhes dar toda uma terra dedicada ao seu culto, mas por que os Deuses desejariam ser domados? Talvez eles tivessem escolhido o poder menor de Morgana para ser seu instrumento contra as tramas de Merlin, caso contrário o que poderia explicar a hostilidade de Morgana? Ou talvez Morgana, como Artur, acreditasse que a busca de Merlin era um absurdo, a busca inútil de um velho por uma Britânia que havia desaparecido com a chegada das legiões. Para Artur havia apenas uma luta: expulsar os reis saxões da Britânia. E Artur teria apoiado a história sussurrante da irmã se isso significasse que nenhuma lança britânica fosse desperdiçada contra os escudos sangrentos de Diwrnach. De modo que talvez Artur estivesse usando a irmã para garantir que nenhuma preciosa vida dumnoniana fosse jogada fora em Lley. A não ser pela minha vida, a vida de meus homens e a vida de minha amada Ceinwyn. Porque estávamos ligados por juramento.

Porém Merlin tinha nos livrado do juramento, por isso tentei uma última vez persuadir Ceinwyn a ficar em Powys. Falei de como Artur acreditava que o Caldeirão não existia mais, que devia ter sido roubado pelos romanos e levado para Roma, aquele grande sorvedouro de tesouros, e derretido para fazer pentes, alfinetes, moedas ou broches. Tudo isso falei, e quando terminei ela sorriu e perguntou de novo em quem eu acreditava: em Merlin ou Artur.

— Merlin — repeti.

— E eu também. E eu vou.

Assamos pão, juntamos carne e afiamos as armas. E na noite seguinte, a véspera da partida na jornada de Merlin, caiu a primeira neve.

Cuneglas nos deu dois pôneis que carregamos com a comida e as peles, depois penduramos nas costas os escudos com estrelas pintadas e pegamos a estrada para o norte. Iorweth nos abençoou e os lanceiros de

Cuneglas nos acompanharam durante os primeiros quilômetros, mas assim que passamos pelas grandes vastidões geladas do pântano de Dugh, que ficava além dos morros a norte de Caer Sws, esses lanceiros ficaram de lado e estávamos sozinhos. Eu tinha prometido a Cuneglas que protegeria a vida de sua irmã com a minha, e ele havia me abraçado, e depois sussurrado em meu ouvido:

— Mate-a, Derfel, em vez de deixar que Diwrnach a possua.

Havia lágrimas em seus olhos, e eles quase me fizeram mudar de ideia.

— Se o senhor ordenasse que não fôssemos, senhor rei — pedi —, talvez ela obedecesse.

— Jamais — respondeu ele —, mas agora ela está mais feliz do que nunca. Além disso, Iorweth me disse que vocês retornarão. Vá, meu amigo. — Ele recuou. Seu presente de despedida tinha sido um saco com lingotes de ouro que guardamos num dos pôneis.

A estrada coberta de neve ia para o norte, entrando em Gwynedd. Eu nunca tinha estado naquele reino, e descobri que era um lugar rude, difícil. Os romanos tinham vindo até aqui, mas apenas para escavar chumbo e ouro. Tinham deixado algumas poucas marcas na terra, e não deram qualquer lei. O povo vivia em cabanas baixas e escuras que se agrupavam dentro de muralhas de pedra de onde cães rosnavam para nós, e onde os crânios de lobos e ursos haviam sido presos para espantar os espíritos. Marcos de pedra assinalavam o cume de morros, e a intervalos de alguns quilômetros encontrávamos na beira da estrada um poste com ossos de homens e fiapos de tecido rasgado. Havia poucas árvores, os riachos estavam congelados e a neve bloqueava algumas das passagens altas. À noite nos abrigávamos nas casas, onde pagávamos pelo calor com lascas de ouro cortadas dos lingotes de Cuneglas.

Vestíamos-nos com peles. Ceinwyn e eu, como meus homens, estávamos envoltos em peles de lobo e cervo, cheias de piolhos, mas Merlin usava uma roupa feita da pele de um grande urso preto. Nimue tinha peles de lontra cinzenta que eram muito mais leves do que as nossas, mas mesmo assim parecia não sentir o frio como o resto de nós. Apenas Nimue não levava armas. Merlin tinha seu cajado preto, uma coisa temível em batalha, e meus homens levavam lanças e espadas, e até Ceinwyn carregava uma lança leve e tinha sua faca de caça, de lâmina comprida, enfiada numa bainha na cintura. Não usava ouro, e as pessoas que nos davam abrigo não faziam ideia de sua posição social. Percebiam seu cabelo claro e presumiam que ela, como Nimue, fosse uma das crianças adotadas por Merlin. Adoravam Merlin, porque todos sabiam sobre ele e lhes traziam crianças aleijadas para ser tocadas por sua mão.

Levamos seis dias para chegar a Caer Gei, onde Cadwallon, rei de Gwynedd, estava passando o inverno. O *caer* em si ficava numa

fortaleza no topo de um morro, mas abaixo da fortaleza havia um vale profundo com árvores altas crescendo nas encostas íngremes, e no vale existia uma paliçada circulando uma residência de madeira, alguns cômodos para depósito e várias cabanas para dormir, todos amortalhados de branco pela névoa, com compridos pingentes de gelo pendendo nos beirais. Cadwallon se mostrou um velho azedo, seu salão tinha meramente um terço do de Cuneglas, e a quantidade de guerreiros significava que o chão de terra já estava atulhado de camas. Um espaço foi aberto para nós, de má vontade, e um canto separado por cortinas, para Nimue e Ceinwyn. Naquela noite Cadwallon nos deu uma festa, uma coisa pobre, com carneiro salgado e cenouras cozidas, mas era o melhor que seus depósitos podiam fornecer. Ele se ofereceu generosamente para tirar Ceinwyn de nossas mãos, tornando-a sua oitava esposa, mas não pareceu ofendido nem desapontado quando ela recusou. Suas sete esposas atuais eram morenas, mulheres carrancudas que compartilhavam uma cabana redonda onde brigavam e perseguiam os filhos umas das outras.

Caer Gei era um lugar abominável, ainda que pertencente à realeza, e era difícil acreditar que o pai de Cadwallon, Cunedda, fora o Grande Rei antes de Uther de Dumnonia. As lanças de Gwynedd tinham caído em tempos escassos desde aqueles grandes dias. Também era difícil acreditar que havia sido aqui, sob os picos elevados que agora estavam brilhantes de gelo e neve, que Artur fora criado. Fui ver a casa onde sua mãe recebeu abrigo depois de Uther rejeitá-la, e descobri que era um salão com paredes de terra, mais ou menos do tamanho de nossa casa em Cwm Isaf. Ficava entre alguns pinheiros cujos galhos estavam curvados com o peso da neve, e era virada para o norte, em direção à Estrada Escura. Agora a casa era o lar de três lanceiros, suas famílias e seus animais domésticos. A mãe de Artur era meia-irmã do rei Cadwallon, que portanto era tio de Artur, ainda que o nascimento de Artur tenha sido ilegítimo, e o relacionamento dificilmente poderia render muitas lanças para a campanha de primavera que Artur lançaria contra os saxões. Na verdade, Cadwallon tinha mandado homens lutar contra Artur no vale do Lugg, mas esse presente de homens tinha sido uma precaução para manter a amizade de Powys, e não porque o rei de Gwynedd odiasse Dumnonia. Na maior parte do tempo as lanças de Cadwallon ficavam viradas para o norte, em direção a Lleyrn.

O rei convocou seu *edling*, Byrthig, para a festa, de modo que ele nos contasse sobre Lleyrn. O príncipe Byrthig era um homem baixo e atarracado, com uma cicatriz que ia da têmpora esquerda, passava pelo nariz quebrado e descia até a barba densa. Tinha apenas três dentes, o que tornava demorados seus esforços para mastigar carne e acabava fazendo uma enorme sujeira. Ele usava os dedos para rasgar a carne com o único dente da frente, partindo-a em pedaços pequenos que ajudava a

descer com hidromel, e o esforço laborioso deixara sua barba preta e hirsuta imunda dos sucos da carne e de fiapos meio mastigados. Cadwallon, a seu jeito carrancudo, ofereceu-o como marido para Ceinwyn, e de novo não pareceu abalado com a recusa.

O príncipe Byrthig nos disse que Diwrnach tinha sua casa em Boduan, uma fortaleza a oeste da península de Lleyrn. O rei era um dos senhores irlandeses do Outro Lado do Mar, mas seu bando de guerreiros, diferentemente do de Oengus de Demétia, não era composto de homens de apenas uma tribo irlandesa, e sim de fugitivos de todas as tribos.

— Ele recebe bem tudo que atravessar as águas, e, quanto mais homicidas forem, melhor — disse Byrthig. — Os irlandeses o usam para se livrar de seus fora da lei, e ultimamente têm sido muitos.

— Os cristãos — rosnou Cadwallon numa explicação curta, depois cuspiu.

— Lleyrn é cristão? — perguntei, surpreso.

— Não — respondeu Cadwallon com rispidez, como se eu devesse saber. — Mas a Irlanda está se curvando ao Deus cristão. Curvando-se aos montes, e os que não suportam aquele Deus fogem de Lleyrn. — Ele tirou um pedaço de osso da boca e o inspecionou, carrancudo. — Teremos de lutar contra eles em breve.

— Os números de Diwrnach estão crescendo? — perguntou Merlin.

— Foi o que ouvimos dizer, se bem que ouvimos muito pouco — respondeu Cadwallon. Ele ergueu os olhos enquanto o calor no salão derretia um bocado de neve no teto que se curvava para dentro. Houve um som raspado, e em seguida um estalo baixo quando a massa escorregou de cima da palha.

— Diwrnach só pede para ser deixado em paz — explicou Byrthig, com a voz sibilante por causa dos dentes destroçados. — Se não o incomodarmos, ele só nos incomodará ocasionalmente. Seus homens vêm pegar escravos, mas agora nos restam poucas pessoas no norte, e seus homens não viajam muito longe, mas, se o bando de guerreiros crescer demais para as colheitas de Lleyrn, ele procurará terras novas em algum lugar.

— Ynys Mon é famosa por suas colheitas — disse Merlin. Ynys Mon era a grande ilha na costa norte de Lleyrn.

— Ynys Mon pode alimentar mil — concordou Cadwallon —, mas apenas se seu povo for poupado para semear e colher, e aquele povo não é poupado. Ninguém é. Qualquer britânico com bom senso abandonou Lleyrn há anos, e os que restam estão esmagados pelo terror. Vocês também estariam, se Diwrnach viesse nos visitar para pegar o que deseja.

— E o que ele deseja? — perguntei.

Cadwallon me olhou, fez uma pausa, depois deu de ombros.

— Escravos.

— Com os quais você lhe paga tributos? — perguntou Merlin em voz sedosa.

— É um pequeno preço pela paz — explicou Cadwallon, desconsiderando a acusação.

— Quantos?

— Quarenta por ano — admitiu Cadwallon finalmente. — Na maioria crianças órfãs e talvez alguns prisioneiros. Mas ele fica mais feliz com meninas. — E olhou pensativo para Ceinwyn. — Ele tem apetite por meninas.

— Muitos homens têm, senhor rei — respondeu Ceinwyn secamente.

— Mas não com o apetite de Diwrnach. Seus magos lhe disseram que um homem armado com o escudo coberto com a pele curtida de uma virgem será invisível em batalha. — Ele deu de ombros. — Não posso dizer que eu já tenha tentado isso.

— Então você lhe manda crianças? — perguntou Ceinwyn, em tom de acusação.

— Você conhece algum outro tipo de virgem?

— Achemos que ele é tocado pelos Deuses, porque parece maluco — disse Byrthig, como se isso explicasse o apetite de Diwrnach por escravas virgens. — Um de seus olhos é vermelho. — Ele parou para rasgar no dente da frente um pedaço de carne de carneiro cinzenta. — Ele cobre seus escudos de pele — prosseguiu quando a carne foi reduzida a fiapos — e depois pinta com sangue, e é por isso que seus homens se chamam de Escudos Sangrentos. — Cadwallon fez o sinal contra o mal. — E alguns homens dizem que ele come a carne das meninas — prosseguiu Byrthig —, mas não sabemos; quem sabe o que os loucos fazem?

— Os loucos são íntimos dos Deuses — rosou Cadwallon. Ele estava claramente aterrorizado com o vizinho do norte, o que não era de espantar, pensei.

— Alguns dos loucos são íntimos dos Deuses — disse Merlin. — Não todos.

— Diwrnach é — alertou Cadwallon. — Ele faz o que quer, com quem quer, como quer, e os Deuses o mantêm em segurança. — De novo fez o sinal contra o mal, e de repente desejei estar de volta na distante Dumnonia, onde havia tribunais, palácios e compridas estradas romanas.

— Com duzentas lanças você poderia expulsar Diwrnach de Lleyl — disse Merlin. — Poderia jogá-lo no mar.

— Já tentamos uma vez, e cinquenta dos nossos homens morreram de fluxo numa semana, e mais cinquenta ficaram tremendo no próprio excremento, e o tempo todo os guerreiros dele nos cercavam uivando, montados em pôneis, e suas lanças compridas surgiam do meio da noite. Quando chegamos a Boduan havia apenas uma grande muralha onde

estavam penduradas coisas agonizantes que sangravam, gritavam e se retorciam nos ganchos, e nenhum dos meus homens quis escalar aquele terror. Nem eu faria isso — admitiu ele. — E, se tivesse feito, o que aconteceria? Ele fugiria para Ynys Mon e eu levaria dias e semanas para arranjar os barcos para persegui-lo sobre a água. Não tenho tempo, nem lanceiros nem o ouro para jogar Diwrnach no mar, por isso lhe dou crianças. É mais barato. — Ele gritou para um escravo trazer mais hidromel, depois lançou um olhar azedo para Ceinwyn. — Dê a garota a ele — falou para Merlin — e talvez ele lhe dê o Caldeirão.

— Não darei nada em troca do Caldeirão — disse Merlin, ríspido. — Além disso, ele nem sabe que o Caldeirão existe.

— Ele sabe — interveio Byrthig. — Toda a Britânia sabe por que você está indo para o norte. E você acha que os magos dele não querem encontrar o Caldeirão?

Merlin sorriu.

— Mande seus lanceiros comigo, senhor rei, e tomaremos o Caldeirão de Lleyl.

Cadwalon zombou da proposta.

— Diwrnach nos ensina a ser bons vizinhos, Merlin. Deixarei você viajar por minhas terras porque temo sua maldição, caso não permita, mas nenhum homem meu irá com você, e, quando seus ossos estiverem enterrados nas areias de Lleyl, direi a Diwrnach que sua passagem nada teve a ver comigo.

— Você vai contar a ele por qual estrada nós vamos viajar? — perguntou Merlin, porque agora estávamos diante de duas estradas. Uma seguia pelo litoral, e era a estrada usada normalmente durante o inverno, enquanto a outra era a Estrada Escura, que a maioria dos homens admitia ser intransponível no inverno. Merlin esperava que, usando a Estrada Escura, pudéssemos surpreender Diwrnach e sair de Ynys Mon quase antes mesmo que ele soubesse que tínhamos ido.

Cadwallon sorriu pela única vez naquela noite.

— Ele já sabe — disse o rei, depois olhou para Ceinwyn, a figura mais luminosa naquele salão escurecido pela fumaça. — E sem dúvida está ansioso por sua chegada.

Será que Diwrnach sabia que planejávamos usar a Estrada Escura? Ou Cadwallon estaria adivinhando? Mesmo assim cuspi, para nos proteger contra o mal. O solstício estava chegando, a longa noite do ano em que a vida reflui, a esperança é parca e os demônios têm o domínio do ar, e era então que estaríamos na Estrada Escura.

Cadwallon nos considerava tolos, Diwrnach nos esperava, e nós nos envolvemos em peles e dormimos.

O sol brilhava na manhã seguinte, transformando os picos ao redor em pontas ofuscantes de uma brancura que doía nos olhos. O céu estava

quase limpo, e um vento forte soprava do chão criando nuvens de partículas brilhantes que atravessavam a terra branca. Carregamos os pôneis, aceitamos o presente de uma pele de ovelha, dado de má vontade por Cadwallon, e depois marchamos para a Estrada Escura, que começa logo ao norte de Caer Gei. Era uma estrada sem povoados, sem fazendas, sem uma alma para nos oferecer abrigo; nada além de um caminho áspero através da barreira de montanhas que protegia o interior da terra de Cadwallon dos Escudos Sangrentos de Diwrnach. Dois postes marcavam o início da estrada, e no topo de ambos havia crânios humanos cobertos por trapos, dos quais pendiam compridos pingentes de gelo, tilintando ao vento. Os crânios estavam virados para o norte, para Diwrnach, dois talismãs destinados a manter o seu mal do outro lado das montanhas. Vi Merlin tocar um amuleto de ferro pendurado em seu pescoço enquanto passávamos pelos crânios, e me lembrei de sua promessa pavorosa, de que começaria a morrer no instante em que chegássemos à Estrada Escura. Agora, enquanto nossas botas rangiam na camada de neve intocada sobre o caminho, eu soube que o juramento da morte havia começado a trabalhar. Observei-o, mas não vi qualquer sinal de perturbação enquanto, durante todo aquele dia, subíamos os morros, escorregando na neve e lutando numa nuvem formada por nossa própria respiração. Dormimos àquela noite numa cabana de pastor, abandonada, que felizmente ainda possuía um precário teto de tábuas velhas e palha apodrecida, com as quais fizemos uma fogueira que tremulou debilmente na escuridão nevada.

Na manhã seguinte, não tínhamos andado mais do que uns quatrocentos metros quando uma trompa soou acima e atrás de nós. Paramos, viramo-nos, e protegemos os olhos para ver uma escura fileira de homens na crista de um morro por onde tínhamos passado na tarde anterior. Eram quinze, todos com escudos, espadas e lanças, e, quando viram que tinham atraído nossa atenção, meio correram e meio escorregaram descendo a traiçoeira encosta de neve. Seu avanço criou grandes plumas de névoa que pairaram no vento em direção oeste.

Meus homens, sem minhas ordens, formaram uma fileira, pegaram os escudos e baixaram as lanças, formando uma parede na estrada. Eu tinha dado as responsabilidades de Cavan a Issa, e ele rosnou para que todos ficassem firmes, mas nem bem tinha falado reconheci o emblema curioso pintado num dos escudos que se aproximavam. Era uma cruz, e aquele símbolo cristão só era carregado por um homem que eu conhecesse: Galahad.

— São amigos! — gritei para Issa, depois corri. Agora podia ver claramente quem se aproximava. Eram todos do grupo de meus homens que tinham sido deixados em Silúria e forçados a servir como a guarda do palácio de Lancelot. Seus escudos ainda tinham o emblema do urso de Artur, mas a cruz de Galahad os guiava. Ele estava acenando e

gritando, e eu fazia o mesmo, de modo que nenhum de nós ouvia uma palavra do que o outro falava, até que já estávamos juntos e abraçados.

— Senhor príncipe — cumprimentei, e depois o abracei de novo, porque, dentre todos os amigos que já tive neste mundo, ele era o melhor.

Galahad tinha cabelos claros e um rosto largo e forte, ao passo que o de seu meio-irmão era fino e sutil. Como Artur, ele infundia confiança à primeira vista, e, se todos os cristãos fossem como Galahad, acho que teria aceitado a cruz naqueles primeiros tempos.

— Dormimos a noite toda na crista do morro — ele fez um gesto para a estrada, atrás — e quase congelamos, enquanto vocês devem ter descansado lá, não é? — Ele apontou para o fiapo de fumaça que ainda restava de nossa fogueira.

— Quentes e secos — falei, e então, quando os recém-chegados tinham cumprimentado seus antigos companheiros, abracei a todos e disse seus nomes a Ceinwyn. Um a um eles se ajoelharam e juraram lealdade. Todos tinham ouvido contar como ela havia fugido do noivado para ficar comigo, e a amaram por isso, e agora estendiam as lâminas nuas das espadas para seu toque real. — E quanto aos outros homens? — perguntei a Galahad.

— Foram para Artur. — Ele fez uma careta. — Infelizmente nenhum dos cristãos veio, a não ser eu.

— Você acha que um caldeirão pagão vale a pena? — perguntei, fazendo um gesto para a fria estrada adiante.

— Diwrnach está no fim da estrada, meu amigo — disse Galahad —, e ouvi dizer que ele é o rei mais maligno que já saiu do poço do diabo. Uma das tarefas cristãs é lutar contra o mal, portanto estou aqui. — Ele cumprimentou Merlin e Nimue, e então, porque era um príncipe e portanto da mesma classe que Ceinwyn, abraçou-a. — Você é uma mulher de sorte — ouvi-o sussurrar.

Ela sorriu e beijou seu rosto.

— De mais sorte ainda agora que está aqui, senhor príncipe.

— Isso é verdade, claro. — Galahad deu um passo atrás e olhou dela para mim, e de mim para ela. — Toda a Britânia fala de vocês dois.

— Porque toda a Britânia está cheia de línguas ferinas — disse Merlin, num surpreendente jorro de rabugice —, e temos uma jornada para fazer quando vocês dois pararem de mexericar. — Seu rosto estava repuxado, e seu pavio curto. Atribuí isso à idade e à estrada difícil pela qual andávamos no mau tempo, e tentei não pensar em seu juramento de morte.

A viagem pelas montanhas demorou mais dois dias. A Estrada Escura não era muito longa, mas era difícil e subia por morros íngremes e descia em vales profundos, onde o menor som ecoava oco e frio das paredes cobertas de gelo. Encontramos um povoado abandonado para

passar a segunda noite na estrada, um lugar de cabanas de pedra redondas, amontoadas dentro de um muro da altura de um homem, onde pusemos três guardas para vigiar as brilhantes encostas enlauradas. Não havia material para fazer fogo, por isso nos sentamos juntos, cantamos, contamos histórias e tentamos não pensar nos Escudos Sangrentos. Naquela noite Galahad nos deu notícias de Silúria. Disse que seu irmão se recusara a ocupar a antiga capital de Gundleus em Nidum porque ficava muito longe de Dumnonia e não tinha confortos além de um decadente quarteirão de alojamentos romanos, por isso tinha mudado o governo de Silúria para Isca, a gigantesca fortaleza romana que ficava ao lado do Usk, na fronteira do território de Silúria e a pouca distância de Gwent. Era o mais próximo que Lancelot podia ficar de Dumnonia permanecendo em Silúria.

— Ele gosta de pisos de mosaico e paredes de mármore — disse Galahad —, e há o bastante disso em Isca para deixá-lo satisfeito. Ele reuniu ali cada druida de Silúria.

— Não há druidas em Silúria — rosnou Merlin. — Pelo menos nenhum que preste.

— Então são pessoas que se dizem druidas — disse Galahad, com paciência. — Ele tem dois que valoriza especialmente, e lhes paga para que lancem maldições.

— Contra mim? — perguntei, tocando o ferro do punho de Hywelbane.

— Dentre outros — disse Galahad, olhando para Ceinwyn e fazendo o sinal da cruz. — Com o tempo ele vai esquecer — acrescentou, tentando nos tranquilizar.

— Ele vai esquecer quando estiver morto, e mesmo então vai levar o ressentimento para o outro lado da ponte de espadas — disse Merlin e estremeceu, não porque temesse a inimizade de Lancelot, mas porque estava com frio. — Quem são esses supostos druidas que ele valoriza especialmente?

— Os netos de Tanaburs — disse Galahad e senti uma mão gélida envolver meu coração. Eu tinha matado Tanaburs, e, mesmo tendo o direito de tomar sua alma, ainda era um idiota corajoso que havia matado um druida, e a maldição de Tanaburs ao morrer ainda pairava sobre mim.

Prosseguimos lentamente no dia seguinte, com o ritmo diminuído por causa de Merlin. Ele insistia em que estava bem e recusava qualquer ajuda, mas seu passo hesitava com muita frequência, seu rosto estava amarelo e abatido, e a respiração vinha em haustos curtos, ásperos. Tínhamos esperado atravessar o último passo ao anoitecer, mas ainda estávamos subindo para ele enquanto a luz do dia curto se desbotava. Durante toda a tarde a Estrada Escura se retorceu morro acima, ainda que fosse uma zombaria chamá-la de estrada, porque não passava de um

caminho pedregoso e terrível que atravessava repetidamente um rio congelado onde o gelo pendia grosso das pedras das cascatas frequentes. Os pôneis viviam escorregando, e algumas vezes recusavam a se mexer; parecia que passávamos mais tempo ajudando-os do que guiando-os, mas quando a última luz se recolheu fria no oeste chegamos ao passo, e foi exatamente como eu tinha visto em meu sonho trêmulo sobre o cume do Dolforwyn. Era igualmente melancólico, igualmente frio, embora sem qualquer monstro negro barrando a Estrada Escura, que agora descia íngreme para a estreita planície costeira de Lleyn e depois seguia para o norte em direção ao litoral.

E depois dele ficava Ynys Mon.

Eu nunca tinha visto a ilha abençoada. Ouvira falar dela a vida inteira e sabia de seu poder e lamentava a destruição feita pelos romanos no Ano Negro, mas nunca a tinha visto, a não ser no sonho. Agora, no crepúsculo invernal, a grande ilha não se parecia nem um pouco com aquela visão agradável. Não estava ensolarada, e sim sombreada por nuvens, de modo que parecia escura e ameaçadora, uma ameaça ainda maior pelo brilho soturno de lagos negros que interrompiam seus morros baixos. A ilha estava quase livre de neve, ainda que seus limites rochosos estivessem pintados de branco por um mar cinzento e maligno. Caí de joelhos ao avistá-la, todos fizemos isso, menos Galahad, e até ele finalmente se abaixou sobre um dos joelhos em sinal de respeito. Como cristão ele algumas vezes sonhava em ir a Roma ou mesmo à distante Jerusalém, se é que esse lugar existia, mas Ynys Mon era nossa Roma e nossa Jerusalém, e agora estávamos avistando seu solo sagrado.

Além disso, agora estávamos em Lleyn. Tínhamos atravessado a fronteira sem marcos, e os poucos povoados na planície costeira abaixo de nós eram propriedade de Diwrnach. Os campos estavam levemente cobertos de neve, fumaça subia das cabanas, mas nada humano parecia se mover naquele espaço escuro, e todos nós, acho, estávamos pensando em como iríamos da terra para a ilha.

— Há balseiros no estreito — disse Merlin, lendo nossos pensamentos. Dentre nós, só ele estivera em Ynys Mon, mas há muitos anos, e muito antes de saber que o Caldeirão ainda existia. Tinha ido lá quando Leodegan, o pai de Guinevere, governava a terra nos dias anteriores à chegada dos precários navios de Diwrnach, vindos da Irlanda para varrer do reino Leodegan e suas filhas órfãs de mãe. — De manhã vamos até o litoral pagar ao nosso balseiro. Quando Diwrnach souber que chegamos à sua terra, já teremos partido.

— Ele vai nos seguir até Ynys Mon — disse Galahad, nervoso.

— E teremos partido de novo — disse Merlin. Em seguida, espirrou. Parecia estar com um resfriado terrível. Seu nariz escorria, as bochechas estavam pálidas e de vez em quando tremia incontrolavelmente, mas achou algumas ervas poeirentas numa pequena bolsa de couro e as

engoliu com um punhado de neve derretida, e insistiu em que estava bem.

Parecia muito pior na manhã seguinte. Tínhamos passado aquela noite numa fenda nas rochas, onde não ousamos acender uma fogueira, apesar do feitiço de ocultação que Nimue fizera com a ajuda do crânio de um furão que encontramos mais acima na estrada. Nossas sentinelas ficaram vigiando a planície costeira onde três pequenos brilhos de fogo traíam a presença de vida, enquanto o resto de nós se espremia nas rochas fundas, onde tremíamos e xingávamos o frio e imaginávamos se a manhã chegaria. Finalmente chegou, com uma luz escorrida, leprosa, que fez a ilha distante parecer mais escura e mais ameaçadora do que nunca. Mas o feitiço de Nimue pareceu ter funcionado, porque nenhum lanceiro guardava o fim da Estrada Escura.

Agora Merlin estava tremendo, e fraco demais para andar, por isso quatro de meus lanceiros o carregaram numa liteira feita de capas e lanças, e fomos escorregando caminho abaixo até as primeiras árvores baixas e curvadas pelo vento nas cercas vivas de Lleyrn. Aqui a estrada era funda, com sulcos congelados e duros, retorcendo-se entre carvalhos encurvados, magros azevinhos e os pequenos campos negligenciados. Merlin estava gemendo e tremendo, e Issa perguntou se não deveríamos voltar.

— Atravessar as montanhas de novo certamente iria matá-lo — disse Nimue. — Vamos em frente.

Chegamos a uma bifurcação na estrada, onde encontramos o primeiro sinal de Diwrnach. Era um esqueleto com as partes atadas por cordas de crina e pendurado num poste, de modo que os ossos secos chocalhavam ao vento forte do oeste. Três corvos tinham sido pregados ao poste abaixo dos ossos humanos, e Nimue cheirou seus corpos enrijecidos para decidir que tipo de magia estava imbuída em sua morte.

— Mije! Mije! — Merlin conseguiu dizer em sua liteira. — Rápido, garota! Mije! — Ele tossiu horivelmente, depois virou a cabeça para cuspir o catarro em direção à vala. — Não vou morrer — falou para si mesmo. — Não vou morrer! — E se recostou de novo enquanto Nimue se agachava junto ao poste. — Ele sabe que estamos aqui — alertou Merlin.

— Ele está aqui? — perguntei, agachando-me ao seu lado.

— Alguém está. Tenha cuidado, Derfel. — Ele fechou os olhos e suspirou. — Estou muito velho — falou baixinho —, horivelmente velho. E há maldade aqui, toda para nós. — Ele balançou a cabeça. — Levem-me para a ilha, só isso. É só chegar à ilha. O Caldeirão vai curar tudo.

Nimue terminou, depois esperou para ver para que lado ia o riacho de sua urina. O vento o levou para o caminho da direita, e esse presságio decidiu nossa direção. Antes de partirmos, Nimue foi até um dos pôneis

e pegou uma bolsa de couro, de onde tirou um punhado de setas de elfo e pedras de água, que distribuiu entre os lanceiros.

— Proteção — explicou enquanto punha uma pedra de serpente na liteira de Merlin. — Vamos — ordenou.

Andamos a manhã inteira, com o passo retardado por causa da necessidade de carregar a liteira de Merlin. Não vimos ninguém, e essa ausência de vida pôs um medo pavoroso nos meus homens, porque parecíamos ter chegado a uma terra dos mortos. Havia frutos de sorveira-brava e azevinho nas cercas vivas, e tordos de vários tipos nos galhos, mas não havia gado, nem ovelhas nem homens. Vimos um povoado de onde um fiapo de fumaça soprava ao vento, mas estava longe, e ninguém parecia nos vigiar do muro em volta.

Mas havia homens nessa terra dos mortos. Soubemos disso quando paramos para descansar num pequeno vale onde um riacho escorria lentamente entre margens geladas sob um bosque de carvalhos escuros e curvados pelo vento. Os galhos intrincados estavam delicadamente cobertos por uma camada de gelo branco, e descansamos debaixo deles até que Gwilym, um dos lanceiros de vigia na retaguarda, me chamou.

Fui até a borda dos carvalhos e vi que uma fogueira fora acesa na encosta mais baixa das montanhas. Não havia chamas visíveis, apenas um denso rolo de fumaça cinzenta que subia feroz antes de ser arrastada pelo vento oeste. Gwilym apontou para a fumaça com a ponta de sua lança, depois cuspiu para evitar o mal.

Galahad veio para perto de mim.

— Um sinal? — perguntou ele.

— Provavelmente.

— Então eles sabem que estamos aqui? — Galahad fez o sinal da cruz.

— Eles sabem. — Nimue se juntou a nós. Estava com o pesado cajado preto de Merlin, e somente ela parecia queimar com energia naquele lugar frio e morto. Merlin estava doente, o resto de nós sitiado pelo medo, porém, quanto mais fundo penetrávamos na terra negra de Diwrnach, mais feroz Nimue se tornava. Estava se aproximando do Caldeirão, e a atração do objeto era como um fogo em seus ossos. — Eles estão nos vigiando.

— Você pode nos esconder? — perguntei, querendo outro de seus feitiços de ocultação.

Ela balançou a cabeça.

— Esta é a terra deles, Derfel, e os Deuses deles são poderosos aqui.

— Ela fez uma cara de desprezo quando Galahad se persignou pela segunda vez. — Seu Deus pregado não vai derrotar Crom Dubh.

— Ele está aqui? — perguntei temeroso.

— Ou algum como ele.

Crom Dubh era o Deus Negro, um horror aleijado e maligno que

trazia pesadelos sombrios. Os outros Deuses, dizia-se, evitavam Crom Dubh, o que sugeria que estávamos sozinhos sob seu poder.

— Então estamos condenados — disse Gwilym, peremptoriamente.

— Idiota! — sibilou Nimue. — Só estamos condenados se não encontrarmos o Caldeirão. Então estaremos condenados de qualquer modo. Você vai ficar olhando aquela fumaça a manhã inteira? — ela me perguntou.

Continuamos andando. Merlin não podia mais falar, e seus dentes chocalhavam, mesmo depois de o cobrirmos com um monte de peles.

— Ele está morrendo — disse-me Nimue calmamente.

— Então devemos encontrar um abrigo e fazer uma fogueira.

— Para que possamos estar quentes enquanto somos trucidados pelos lanceiros de Diwrnach? — Ela descartou a ideia. — Ele está morrendo, Derfel, porque está perto de seu sonho, e porque fez uma barganha com os Deuses.

— Sua vida pelo Caldeirão? — perguntou Ceinwyn, caminhando do meu outro lado.

— Não exatamente. Mas enquanto vocês dois estavam montando sua casinha — ela fez essa declaração com sarcasmo —, fomos a Cadar Idris. Fizemos um sacrifício lá, o antigo sacrifício, e Merlin prometeu sua vida, não pelo Caldeirão, mas pela busca. Se encontrarmos o Caldeirão, ele viverá, mas se fracassarmos ele morrerá e a alma-sombra do sacrifício reivindicará a alma de Merlin para todo o sempre.

Eu sabia o que era o antigo sacrifício, mas nunca tinha ouvido dizer que ele fora feito em nosso tempo.

— Quem foi o sacrificado? — perguntei.

— Ninguém que você conhecesse. Ninguém que conhecêssemos. Era apenas um homem. — Nimue não deu importância. — Mas a alma-sombra dele está aqui, vigiando-nos, e quer que fracássemos. Ela quer a vida de Merlin.

— E se Merlin morrer de qualquer modo?

— Ele não vai morrer, seu idiota! Não se encontrarmos o Caldeirão.

— Se eu encontrá-lo — disse Ceinwyn, nervosa.

— Você vai encontrar — replicou Nimue, cheia de confiança.

— Como?

— Você vai sonhar, e o sonho nos levará ao Caldeirão.

E Diwrnach, percebi quando chegamos ao estreito que separava a terra da ilha, queria que o encontrássemos. A fogueira de sinalização disse que seus homens estavam nos vigiando, mas eles não se haviam mostrado nem tentaram impedir nossa jornada, e isso sugeria que Diwrnach sabia de nossa busca e queria que ela fosse bem-sucedida, para que pudesse pegar o Caldeirão. Não poderia haver outro motivo para estar tornando tão fácil chegarmos a Ynys Mon.

O estreito não era largo, mas a água cinzenta redemoinhava,

chocava-se e espumava varrendo o canal. O mar corria rápido, torcendo-se em redemoinhos ou então se partindo branco nas rochas escondidas. Mas não era tão amedrontador quanto a costa distante que se alçava tão absolutamente vazia, escura e melancólica, quase como se esperasse para sugar nossas almas. Estremeci enquanto olhava para aquela distante encosta coberta de capim, e não pude deixar de pensar no distante Dia Negro em que os romanos pararam nesta mesma costa rochosa e aquela margem distante estava cheia de druidas que lançavam suas maldições pavorosas contra os soldados estrangeiros. As maldições tinham fracassado, os romanos atravessaram e Ynys Mon morreu, e agora estávamos no mesmo lugar numa última tentativa desesperada de reivindicar os anos e enrolar de novo os séculos de tristeza e dificuldades para que a Britânia fosse restaurada ao seu estado abençoado antes da vinda dos romanos. Seria a Britânia de Merlin, uma Britânia dos Deuses, uma Britânia sem saxões, uma Britânia cheia de ouro, salões festivos e milagres.

Fomos para o leste, em direção à parte mais curta do estreito, e ali, rodeando uma ponta de rocha e abaixo do muro de terra de uma fortaleza deserta, encontramos dois barcos nos pedregulhos de uma enseada minúscula. Uma dúzia de homens esperava com os barcos, quase como se nos aguardassem.

— São os barqueiros? — perguntou-me Ceinwyn.

— Barqueiros de Diwrnach — falei e toquei o ferro do punho de Hywelbane. — Eles querem que nós atravessemos. — E fiquei com medo porque o rei estava tornando a coisa muito fácil para nós.

Os marinheiros não demonstraram medo. Eram criaturas atarracadas, de aparência rude, com escamas de peixe grudadas nas barbas e usando grossas roupas de lã. Não possuíam armas além das facas de estripar e lanças de pescaria. Galahad perguntou se tinham visto algum lanceiro de Diwrnach, mas eles simplesmente deram de ombros como se sua língua não fizesse sentido. Nimue falou-lhes no seu irlandês nativo e eles responderam com bastante educação. Disseram não ter visto nenhum Escudo Sangrento, mas falaram que precisávamos esperar até que a maré chegasse à altura máxima antes de atravessarmos. Parecia que só então o estreito seria seguro para os barcos.

Fizemos uma cama para Merlin em um dos barcos, depois Issa e eu subimos à fortaleza deserta e olhamos para o interior da terra. Uma segunda pira de fumaça subia do vale de carvalhos retorcidos, mas afora isso nada mudara e não havia qualquer inimigo à vista. Mas eles estavam lá. Não era preciso ver seus escudos manchados de sangue para saber que estavam perto. Issa tocou a ponta de sua lança.

— Parece, senhor, que Ynys Mon será um bom lugar para morrer.

Sorri.

— Seria um lugar melhor para viver, Issa.

— Mas certamente nossas almas estarão seguras se morrermos na ilha abençoada, não é? — perguntou ele, ansioso.

— Elas estarão seguras, e nós atravessaremos juntos a ponte de espadas. — E Ceinwyn, prometi a mim mesmo, estaria apenas um ou dois passos à nossa frente, porque eu mesmo iria matá-la antes que qualquer dos homens de Diwrnach pudesse tocar nela. Desembainhei Hywelbane, sua lâmina comprida ainda manchada da fuligem com que Nimue havia escrito seu feitiço, e levei a ponta da arma até o rosto de Issa. — Faça-me um juramento — ordenei.

Ele se apoiou num dos joelhos.

— Diga, senhor.

— Se eu morrer, Issa, e Ceinwyn estiver viva, você deve matá-la com um golpe de espada antes que os homens de Diwrnach possam pegá-la.

Ele beijou a ponta da espada.

— Juro, senhor.

Na maré alta as correntes em redemoinho desapareceram, de modo que o mar estava calmo, a não ser pelas ondas batidas pelo vento que levantavam os barcos de cima do cascalho. Pusemos os dois pôneis a bordo, depois ocupamos nossos lugares. Os barcos eram compridos e estreitos e, assim que nos acomodamos entre as pegajosas redes de pesca, os barqueiros fizeram um gesto dizendo que deveríamos tirar a água que vazasse por entre as tábuas cobertas de alcatrão. Usamos os elmos para devolver o mar ao seu lugar de direito, e rezei a Manawydan, o Deus do oceano, para que nos preservasse enquanto os barqueiros enfiavam os grandes remos entre os toletes. Merlin tremia. Seu rosto estava branco como nunca, mas tocado por um amarelo nauseabundo e sujo com bolhas de espuma que brotava dos cantos da boca. Ele não estava consciente, mas murmurava coisas estranhas no delírio.

Os barqueiros entoavam uma canção estranha enquanto moviam os remos, mas ficaram quietos quando chegaram ao meio do estreito. Pararam ali, e um homem em cada barco fez um gesto para a terra de onde tínhamos vindo.

Viramo-nos. A princípio eu só podia ver a tira escura do litoral abaixo da neve branca e da encosta negra das montanhas atrás, mas então vi uma coisa preta e irregular se movendo logo abaixo da praia pedregosa. Era um estandarte, meras tiras de trapos amarradas num mastro, mas um instante depois de ele ter aparecido uma fila de guerreiros surgiu acima da margem do estreito. Eles riram de nós, e as gargalhadas chegaram claras através do vento frio, acima do som do mar. Estavam todos montados em pôneis rudes, e todos vestidos no que pareciam ser tiras rasgadas de tecido preto que eram agitadas pela brisa e balançavam como penachos. Carregavam escudos e as gigantescas lanças de guerra, que eram a preferência dos irlandeses, e nem os escudos nem as lanças me amedrontaram, mas havia algo em seus trapos

e nos compridos cabelos selvagens que fez um arrepio súbito me atravessar. Ou talvez o arrepio tenha vindo da neve misturada com chuva que começou a cuspir no vento oeste, pintalgando a superfície cinzenta do mar.

Os cavaleiros escuros ficaram olhando enquanto nossos barcos atracavam em Ynys Mon. Os barqueiros nos ajudaram a levar Merlin e os pôneis em segurança até a praia, depois empurraram os barcos de novo para o mar.

— Não deveríamos ter mantido os barcos aqui? — perguntou Galahad.

— Como? — perguntei. — Nós teríamos que dividir os homens, alguns para guardar os barcos e outros para irem com Ceinwyn e Nimue.

— Então como vamos sair da ilha?

Adotei a confiança de Nimue.

— Com o Caldeirão todas as coisas serão possíveis. — Eu não tinha outra resposta para dar, e não ousava dizer a verdade. A verdade era que me sentia condenado. Sentia-me como se as maldições daqueles druidas da antiguidade estivessem se coagulando em volta de nossas almas.

Da praia fomos para o norte. Gaivotas gritavam para nós, girando em volta na chuva enquanto subíamos das rochas para um urzal interrompido apenas por afloramentos de rochas. Nos velhos tempos, antes que os romanos viessem destruir Ynys Mon, a terra era cheia de carvalhos sagrados entre os quais os maiores mistérios da Britânia eram levados a cabo. A notícia daqueles rituais governava as estações na Britânia, na Irlanda e até na Gália, porque aqui os Deuses tinham vindo à terra, e aqui o elo entre os homens e os Deuses era mais forte antes de ser partido pelas curtas espadas romanas. Este era um terreno sagrado, mas também era um terreno difícil, porque depois de apenas uma hora de caminhada chegamos a um vasto lodaçal que parecia barrar o caminho para o interior da ilha. Seguimos pela borda do pântano, procurando um caminho, mas não havia; assim, enquanto a luz começava a se desbotar, usamos os cabos das lanças para descobrir a passagem mais firme entre os eriçados tufo de capim e os trechos traiçoeiros de lodo. Nossas pernas estavam encharcadas em lama gelida, e a chuva com neve achava caminho para dentro das peles. Um dos pôneis ficou agarrado e o outro começou a entrar em pânico, por isso descarregamos os dois animais, distribuímos o resto dos fardos entre nós e os abandonamos.

Continuamos lutando, algumas vezes descansando sobre os escudos circulares que serviam como barcos rasos para suportar nosso peso até que, inevitavelmente, a água salobra passava sobre as bordas e nos forçava a ficar de pé outra vez. A chuva com neve ficou cada vez mais forte e mais grossa, chicoteada por um vento crescente que achatava o

capim do pântano e enfiava o frio dentro dos ossos. Merlin estava gritando palavras estranhas e balançando a cabeça de um lado para o outro, e alguns de meus homens fraquejavam, minados pelo frio e pela malignidade de quaisquer Deuses que governassem aquela terra devastada.

Nimue foi a primeira a chegar ao outro lado do pântano. Foi saltando de moita em moita, mostrando um caminho, e finalmente encontrou terreno firme, onde ficou pulando para mostrar que a segurança estava próxima. Então, por alguns segundos, se imobilizou antes de apontar o cajado de Merlin para o lugar de onde viéramos.

Viramo-nos e vimos que os cavaleiros negros estavam conosco, só que agora em maior número; toda uma horda de maltrapilhos Escudos Sangrentos nos olhavam do lado mais distante do pântano. Três estandartes esfarrapados se erguiam acima deles, e um daqueles estandartes foi erguido numa saudação irônica antes que os cavaleiros virassem seus pôneis para leste.

— Eu nunca deveria ter trazido você aqui — confessei a Ceinwyn.

— Você não me trouxe, Derfel. Vim por minha vontade. — Ela tocou um dedo enluvado em meu rosto. — E voltaremos pelo mesmo caminho, meu amor.

Saímos do pântano e, depois de uma colina baixa, encontramos uma paisagem de pequenos campos entre urzais e súbitos afloramentos de rochas. Precisávamos de um refúgio para a noite, e o encontramos num povoado de oito cabanas de pedra cercadas por um muro da altura de uma lança. O lugar estava deserto, mas sem dúvida viviam pessoas ali, porque as pequenas cabanas de pedra estavam varridas e as cinzas no fogão ainda queimavam ao toque. Tiramos o teto de turfa de uma cabana e cortamos os caibros para fazer uma fogueira para Merlin, que agora estava tremendo e delirando. Montamos uma guarda, depois despimos as peles e tentamos secar as botas encharcadas e as calças molhadas.

Então, enquanto a última luz escorria para fora do céu cinzento, subi no muro e examinei toda a paisagem. Não vi nada.

Quatro de nós montamos guarda na primeira parte da noite, depois Galahad e mais três lanceiros vigiaram durante o resto daquela escuridão chuvosa, e ninguém ouviu coisa alguma além do vento e do crepitar do fogo na cabana. Não ouvimos nada, não vimos nada, mas na primeira luz da manhã havia uma cabeça de ovelha recém-decapitada, pingando sangue numa parte do muro.

Nimue empurrou furiosa a cabeça da ovelha de cima do muro, depois gritou um desafio para o céu. Pegou uma bolsa com pó cinzento e espalhou no sangue fresco, depois bateu no muro com o cajado de Merlin e nos disse que a maldade tinha sido contrabalançada. Acreditamos nela porque queríamos acreditar, assim como queríamos

acreditar que Merlin não estava morrendo. Mas ele estava numa palidez mortal, com a respiração curta e sem emitir qualquer som. Tentamos dar a ele o resto de nosso pão, mas Merlin cuspiu as migalhas, desajeitadamente.

— Temos de encontrar o Caldeirão hoje — disse Nimue com calma. — Antes que ele morra.

Juntamos nossos fardos, penduramos os escudos nas costas, pegamos as lanças e a acompanhamos para o norte.

Nimue nos guiava. Merlin lhe dissera tudo que sabia sobre a ilha sagrada, e esse conhecimento nos levou para o norte durante toda a manhã. Os Escudos Sangrentos apareceram logo depois de sairmos do abrigo, e agora que nos aproximávamos do objetivo eles se tornavam mais ousados, de modo que a qualquer momento sempre havia uns vinte à vista, e às vezes um número três vezes maior. Formavam um círculo frouxo em volta, mas tomavam o cuidado de se manter fora do alcance de nossas lanças. A chuva e a neve tinham parado ao alvorecer, deixando apenas um vento frio e úmido que encurvava o capim nos urzais e levantava os trapos pretos das capas dos cavaleiros.

Foi logo depois do meio-dia que chegamos a um lugar que Nimue chamou de Llyn Cerrig Bach. O nome significa “o lago das pedrinhas” e era um lençol escuro de água rasa, rodeado por pântanos. Aqui, segundo Nimue, os antigos britânicos realizavam suas cerimônias mais sagradas, e aqui também, pelo que nos disse, nossa busca teria início; mas parecia um lugar melancólico para procurar o maior Tesouro da Britânia. A oeste situava-se um braço de mar pequeno e raso, depois do qual havia outra ilha, ao sul e ao norte eram apenas terras plantadas e pedras, e a leste se erguia um pequeno morro íngreme coroado por um grupo de pedras cinzentas, tal como uma quantidade de outros afloramentos pelos quais passáramos naquela manhã. Merlin parecia morto. Eu tinha de me ajoelhar ao seu lado e encostar o ouvido em seu rosto para ouvir o som fraquíssimo e áspero de cada respiração dificultosa. Pus a mão em sua testa e vi que estava fria. Beijei seu rosto.

— Viva, senhor — sussurrei. — Viva.

Nimue mandou um dos meus homens enfiar uma lança no chão. Ele forçou a ponta no solo duro, depois Nimue pegou meia dúzia de capas e, pendurando-as no cabo da lança e fazendo peso nas bainhas com pedras, formou uma espécie de tenda. Os cavaleiros negros fizeram um círculo em volta de nós, mas ficaram bastante longe, a ponto de não interferir conosco, nem nós com eles.

Nimue enfiou a mão debaixo de suas peles de lontra e pegou a taça de prata da qual eu tinha bebido no Dolforwyn, e uma pequena garrafa de cerâmica lacrada com cera. Enfiou-se debaixo da tenda e mandou Ceinwyn acompanhá-la.

Esperei e vigiei enquanto o vento caçava ondas negras no lago, e de

repente Ceinwyn gritou. Gritou de novo, terrivelmente, e seguiu em direção à tenda, mas a lança de Issa me impediu. Galahad, que era cristão e não devia acreditar em nada daquilo, ficou ao lado de Issa e deu de ombros para mim.

— Já chegamos até aqui — disse ele. — Vamos até o final.

Ceinwyn gritou de novo, e dessa vez Merlin ecoou o som, emitindo um gemido fraco e patético. Ajoelhei-me ao seu lado e acariciei sua testa, tentando não pensar nos horrores com que Ceinwyn sonhava dentro da tenda preta.

— Senhor? — chamou Issa.

Girei e vi que ele estava olhando para o sul, onde um novo grupo de cavaleiros tinha se juntado ao círculo de Escudos Sangrentos. A maioria dos recém-chegados montava pôneis, mas um homem estava num cavalo preto e lúgubre. Aquele homem, eu sabia, tinha de ser Diwrnach. Seu estandarte se erguia atrás dele; um mastro no qual havia um travessão, e do travessão pendiam dois crânios e um amarrado de fitas pretas. O rei usava capa preta e seu cavalo preto tinha uma manta preta, e em sua mão havia uma grande espada preta que ele ergueu na vertical antes de se adiantar lentamente a cavalo. Veio sozinho e, quando estava a cinquenta passos, pegou o escudo e ostensivamente virou-o de cabeça para baixo, mostrando que não viera procurando luta.

Fui encontrá-lo. Lá atrás, Ceinwyn ofegava e gemia dentro da tenda, em volta da qual meus homens tinham feito um círculo protetor.

O rei estava vestido com armadura de couro preto debaixo da capa, e não usava elmo. Seu escudo tinha flocos cor de ferrugem e eu supus que os flocos fossem as camadas de sangue seco, assim como sua cobertura de couro devia ser a pele de alguma garota escrava. Ele deixou o escudo sombrio pender ao lado da comprida espada preta enquanto virava o cavalo e pousava o cabo da lança no chão.

— Sou Diwrnach — disse ele.

Fiz uma reverência com a cabeça.

— Sou Derfel, senhor rei.

Ele sorriu.

— Bem-vindo a Ynys Mon, lorde Derfel Cadarn — disse ele, sem dúvida querendo me surpreender com o conhecimento de meu nome inteiro e do título, porém me deixou ainda mais pasmo por ser um homem bem-apeado. Eu esperava um monstro de nariz adunco, uma criatura de pesadelo, mas Dirwnarch estava no início da meia-idade e tinha testa ampla, boca larga e uma barba preta, curta, que acentuava o maxilar forte. Nada havia de louco em sua aparência, mas ele realmente tinha um olho vermelho e isso bastava para torná-lo temível. Ele encostou a lança no flanco do cavalo e pegou um bolo de aveia numa bolsa.

— Você parece faminto, lorde Derfel.

— O inverno é tempo de fome, senhor rei.

— Mas certamente não recusará o meu presente, não é? — Ele partiu o bolo de aveia ao meio e jogou a metade para mim. — Coma.

Peguei o bolo, e hesitei.

— Jurei não comer, senhor rei, até que meu objetivo esteja cumprido.

— Seu objetivo! — ele zombou, depois pôs sua metade do bolo na boca. — Não estava envenenado, lorde Derfel — disse quando terminou de comer.

— Por que estaria, senhor rei?

— Porque sou Diwrnach, e mato meus inimigos de muitos modos. — Ele sorriu de novo. — Fale de seu objetivo, lorde Derfel.

— Vim rezar, senhor rei.

— Ah! — disse ele, extraindo o som como se quisesse sugerir que eu havia esclarecido todo o mistério. — As orações feitas em Dumnonia são tão ineficazes assim?

— Este é um solo sagrado, senhor rei.

— E também é solo meu, lorde Derfel Cadarn. E acho que os estranhos deveriam pedir minha permissão antes de defecar no chão ou mijar nos muros.

— Se o ofendemos, senhor rei, pedimos desculpas.

— É tarde demais para isso — disse ele em tom afável. — Vocês estão aqui agora, lorde Derfel, e posso sentir o cheiro de seu excremento. Tarde demais. Então o que devo fazer com vocês? — Sua voz soava baixa, quase gentil, sugerindo que ali estava um homem que enxergaria a razão facilmente. — O que devo fazer com vocês? — perguntou de novo e fiquei quieto. O círculo de guerreiros negros continuava imóvel, o céu era de chumbo e os gritos de Ceinwyn tinham se transformado em pequenos gemidos. O rei levantou o escudo, não em ameaça, mas porque o peso estava desconfortável no quadril, e vi com horror que a pele de um braço humano pendia da borda inferior. O vento agitou os dedos gordos da mão. Diwrnach viu meu horror e sorriu. — Ela era minha sobrinha — falou, depois olhou para além de mim e outro sorriso lento surgiu em seu rosto. — A raposa saiu da toca, lorde Derfel.

Virei-me e vi que Ceinwyn tinha saído da tenda. Ela havia tirado as peles de lobo e usava o vestido branco que trajara na festa de noivado, a bainha ainda manchada da lama de quando havia fugido de Caer Sws. Estava descalça, com o cabelo dourado solto, e para mim parecia em transe.

— É a princesa Ceinwyn, imagino — disse Diwrnach.

— De fato, senhor rei.

— E ainda é virgem, pelo que ouvi falar, não é? — perguntou o rei. Não respondi. Diwrnach inclinou-se para acariciar as orelhas do cavalo. — Não teria sido cortês da parte dela ter me procurado para me

cumprimentar quando chegou ao meu país?

— Ela também tem orações a fazer, senhor rei.

— Então esperemos que as orações funcionem. — Ele gargalhou. — Entregue-a para mim, lorde Derfel, ou então vocês sofrerão a mais lenta das mortes. Tenho homens que podem tirar a pele de uma pessoa centímetro a centímetro, até que não passe de uma coisa em carne viva e sangue, e mesmo assim ela consegue ficar de pé. Consegue até andar! — Ele bateu no pescoço do cavalo com a mão enfiada na luva preta, depois sorriu de novo. — Eu já sufoquei homens em seu próprio excremento, lorde Derfel, esmaguei-os debaixo de pedras, queimei, enterrei vivos, coloquei víboras em sua cama, afoguei, matei de fome e até de pavor. São tantos modos interessantes! Mas simplesmente me dê a princesa Ceinwyn, lorde Derfel, e lhe prometo uma morte tão rápida quanto a queda de uma estrela brilhante.

Ceinwyn começara a andar para oeste e meus homens haviam agarrado a liteira de Merlin, suas capas, armas e fardos, e agora estavam indo com ela. Olhei para Diwrnach.

— Um dia, senhor rei, colocarei sua cabeça num buraco e vou enterrá-la em excremento de escravos. — E me afastei.

Ele gargalhou.

— Sangue, lorde Derfel! — gritou para mim. — Sangue! É disso que os Deuses se alimentam, e o seu dará um cozido suculento! Farei sua mulher bebê-lo na minha cama! — E com isso ele esporeou o cavalo e virou-o na direção de seus homens.

— São setenta e quatro — disse Galahad quando o alcancei. — Setenta e quatro homens e lanças. E somos trinta e seis lanças, um homem agonizante e duas mulheres.

— Eles ainda não vão atacar. Vão esperar até que tenhamos encontrado o Caldeirão — repliquei.

Ceinwyn devia estar congelando no vestido fino e sem botas, mas suave como se fosse verão enquanto cambaleava sobre o capim. Estava achando difícil manter-se de pé, quanto mais andar, e se contorcia como eu havia me contorcido no cume do Dolforwyn após beber na taça de prata; mas Nimue estava ao seu lado, falando com ela e apoiando-a, mas também, estranhamente, puxando-a para longe da direção que ela queria tomar. Os cavaleiros negros de Diwrnach mantinham o passo conosco, um anel móvel de Escudos Sangrentos que seguia pela terra num círculo frouxo e amplo centrado em nosso pequeno grupo.

Apesar da tontura, agora Ceinwyn estava quase correndo. Mal parecia consciente e murmurava palavras que eu não podia captar. Seus olhos estavam vazios. Nimue a arrastava constantemente para um dos lados, fazendo-a seguir um caminho de ovelhas que se retorcia para o norte pela colina coroada de pedras cinzentas, mas, quanto mais perto chegávamos daquelas rochas altas e cobertas de líquen, mais Ceinwyn

resistia, até que Nimue foi forçada a usar toda a força para mantê-la no caminho estreito. A borda da frente do círculo de cavaleiros negros já havia passado pela colina íngreme de modo que esta, como nós, estava dentro do círculo deles. Ceinwyn gemia e protestava, então começou a bater nas mãos de Nimue, mas Nimue a segurava com força e arrastava, e o tempo todo os homens de Diwrnach se moviam conosco.

Nimue esperou até que o caminho estivesse no ponto mais perto da íngreme crista de rochas, e finalmente deixou Ceinwyn correr livre.

— Para as rochas! — gritou. — Todos vocês! Para as rochas! Corram!

Corremos. Então vi o que Nimue tinha feito. Diwrnach não ousaria nos tocar até saber para onde estávamos indo, e se tivesse visto Ceinwyn se dirigindo para a colina rochosa certamente teria mandado uma dúzia de seus lanceiros para o cume, depois mandaria o resto nos capturar. Mas agora, graças à inteligência de Nimue, teríamos o íngreme amontoado de rochas para nos proteger, as mesmas rochas, se Ceinwyn estivesse certa, que tinham protegido o Caldeirão de Clyddno Eiddyn por mais de quatro séculos e meio da escuridão que se juntava.

— Corram! — gritou Nimue, e ao nosso redor os pôneis estavam sendo chicoteados para dentro enquanto o círculo de cavaleiros negros se fechava para cortar nosso caminho. — Corram! — gritou Nimue de novo. Eu estava ajudando a carregar Merlin, Ceinwyn já ia trepando pelas rochas e Galahad gritava para os homens encontrarem lugares de onde pudessem ficar de pé em meio às pedras e usar suas lanças. Issa permaneceu comigo, a lança pronta para derrubar qualquer cavaleiro negro que chegasse perto. Gwilym e três outros arrancaram Merlin de nós e o carregaram até o pé das rochas no momento em que os três primeiros Escudos Sangrentos nos alcançaram. Eles gritaram um desafio enquanto esporeavam os pôneis morro acima, mas derrubei a lança comprida do primeiro homem com meu escudo e depois girei minha lança, fazendo a lâmina de aço bater como um porrete no crânio do pônei. O animal gritou e caiu de lado. Issa enfiou sua lança na barriga do cavaleiro, enquanto eu virava minha lança para o segundo cavaleiro. O cabo de sua lança se chocou com o da minha e logo ele passou por mim. Mas consegui agarrar um punhado de suas fitas esfarrapadas e o puxei para trás, arrancando-o do pequeno animal. Ele tentou me acertar enquanto caía. Pus uma das botas em sua garganta, levantei a lança e enfiei com força em seu coração. Havia um peitoral de couro debaixo da túnica esfarrapada, mas a lança cortou ambos e de repente sua barba preta estava borbulhando com uma espuma sangrenta.

— Para trás! — gritou Galahad, e Issa e eu jogamos nossos escudos e lanças para os homens que já estavam seguros no cume rochoso, depois subimos. Uma lança de cabo preto bateu nas pedras ao meu lado, depois uma mão forte se esticou para baixo, agarrou meu pulso e me levantou.

Merlin tinha sido levantado desse jeito sobre as pedras, depois largado sem cerimônia no centro do cume onde, como uma taça coroada pelo anel de pedras enormes, havia uma reentrância funda e pedregosa. Ceinwyn estava naquela reentrância, raspando como um cão frenético as pequenas pedras que preenchiam a taça. Ela havia vomitado, e suas mãos, sem que ela se importasse, remexiam a mistura de vômito e pedras pequenas e frias.

A colina era ideal para a defesa. Nosso inimigo só podia subir as pedras usando as mãos e os pés, enquanto podíamos nos abrigar nas fendas para enfrentá-los quando aparecessem. Alguns tentaram nos alcançar, e gritaram quando as lâminas cortaram seus rostos. Uma chuva de lanças foi jogada contra nós, mas levantamos os escudos e as armas ricochetearam sem causar danos. Pus seis homens na reentrância do centro e eles usaram os escudos para abrigar Merlin, Nimue e Ceinwyn, enquanto os outros lanceiros guardavam o círculo externo do cume. Os Escudos Sangrentos, tendo abandonado seus pôneis, fizeram mais uma tentativa, e durante alguns momentos estivemos ocupados cortando e furando. Um dos meus homens recebeu um corte de lança no braço durante aquela breve luta, mas afora isso estávamos incólumes, enquanto os cavaleiros negros carregavam quatro mortos e seis feridos de volta ao pé da colina.

— É isso que dá fazer escudos com peles de virgens — falei aos meus homens.

Esperamos outro ataque, mas não veio. Em vez disso, Diwrnach subiu o morro sozinho, montado em seu cavalo.

— Lorde Derfel? — gritou ele em sua voz enganadoramente agradável. Quando mostrei meu rosto entre duas pedras, ele me ofereceu seu sorriso plácido. — Meu preço subiu. Agora, em troca de sua morte rápida, exijo a princesa Ceinwyn e o Caldeirão. É pelo Caldeirão que vocês vieram, não é?

— O Caldeirão é de toda a Britânia, senhor rei.

— Ah, e você acha que eu seria um guardião indigno? — Ele balançou a cabeça com tristeza. — Lorde Derfel, você insulta um homem com muita facilidade. Como é que era? Minha cabeça num poço e sendo defecada por escravos? Que imaginação mesquinha você tem. A minha às vezes parece excessiva, até para mim. — Ele fez uma pausa e olhou para o céu, como se avaliasse quanta luz restava ao dia. — Tenho poucos guerreiros, lorde Derfel, e não quero perder mais nenhum para as suas lanças. Mas, cedo ou tarde, vocês terão de sair das pedras e vou esperar, e enquanto espero deixarei minha imaginação crescer a novas alturas de realização. Dê meus cumprimentos à princesa Ceinwyn, e diga que estou ansioso para conhecê-la mais de perto. — Ele ergueu a lança num fingimento de saudação e em seguida cavalgou de volta ao círculo de cavaleiros negros que agora tinham rodeado totalmente a colina.

Desci até a reentrância no centro das pedras e vi que qualquer coisa que encontrássemos aqui viria tarde demais para Merlin; a morte estava clara em seu rosto. Sua boca estava aberta e os olhos tão vazios quanto o espaço entre os mundos. Seus dentes se chocaram uma vez para me mostrar que ele ainda estava vivo, mas aquela vida era um fiapo, e estava se esgarçando rapidamente. Nimue tinha apanhado a faca de Ceinwyn e estava raspando e gadanhando as pequenas pedras que enchiam a reentrância, enquanto Ceinwyn, com o rosto exausto, tinha se deixado cair encostada numa rocha, onde tremia e olhava Nimue cavar. O transe que possuía Ceinwyn tinha passado e a ajudei a limpar a sujeira das mãos. Encontrei sua roupa de peles de lobo e a cobri.

Ela calçou as luvas.

— Eu tive um sonho — sussurrou — e vi o fim.

— O nosso fim? — perguntei, alarmado.

Ela balançou a cabeça.

— O fim de Ynys Mon. Havia fileiras de soldados, Derfel, com saiotas, peitorais e capacetes de bronze romanos. Grandes fileiras de soldados caçando, e os braços que seguravam as espadas estavam sangrentos até os ombros, porque simplesmente matavam e matavam. Vieram pelas florestas numa grande fileira, só matando. Braços subindo e descendo, e todas as mulheres e crianças correndo, só que não havia para onde fugir, e os soldados simplesmente chegavam e trucidavam. Crianças, Derfel!

— E os druidas?

— Todos mortos. Todos menos três, e eles trouxeram o Caldeirão para cá. Já haviam feito um poço para ele, antes que os romanos atravessassem as águas, e o enterraram aqui, depois cobriram com pedras do lago, e depois puseram cinzas nas pedras, fizeram fogo com as mãos nuas, para que os romanos pensassem que nada poderia ser enterrado aqui. E, quando isso terminou, eles foram cantando para os bosques, para morrer.

Nimue sibilou, alarmada, e girei para ver que ela havia descoberto um pequeno esqueleto. Ela remexeu entre suas peles de lontra e pegou uma bolsa de couro, abriu e tirou de dentro duas plantas secas. Tinham folhas espinhentas e pequenas flores amarelas, desbotadas, e eu soube que Nimue estava aplacando os ossos com um presente de asfódelo.

— Foi uma criança que eles enterraram — explicou Ceinwyn, falando do tamanho dos ossos. — Era guardiã do caldeirão e filha de um dos três druidas. Tinha cabelos curtos e um bracelete de pele de raposa no pulso, e eles a enterraram viva para guardar o Caldeirão até que o encontrássemos.

Tendo aplacado com o asfódelo a alma morta da guardiã do Caldeirão, Nimue retirou das pedras os ossos da menina, em seguida atacou o buraco cada vez maior com a faca e me chamou rispidamente,

para que fosse ajudá-la.

— Cave com sua espada, Derfel! — ordenou. Obedientemente, enfiou a ponta de Hywelbane no buraco.

E encontrei o Caldeirão.

A princípio foi apenas um vislumbre de ouro sujo, depois um movimento da mão de Nimue mostrou uma grossa borda dourada. O Caldeirão era muito maior do que o buraco que tínhamos feito, por isso ordenei a Issa e a outro homem que ajudassem a alargá-lo. Pegávamos as pedras com nossos elmos, trabalhando numa pressa desesperada porque a alma de Merlin estava se desgarrando no fim de sua longa vida. Nimue estava ofegando e chorando enquanto atacava as pedras compactadas que tinham sido trazidas a este cume junto ao lago sagrado de Llyn Cerrig Bach.

— Ele está morto! — gritou Ceinwyn. Ela estava ajoelhada junto de Merlin.

— Ele não está morto! — cuspiu Nimue entre os dentes trincados, depois segurou a borda de ouro com as duas mãos e começou a puxar o Caldeirão com toda a força. Eu me juntei a ela, e parecia impossível que aquele vaso enorme pudesse ser movido com todo o peso de pedras que ainda estavam em sua barriga funda; mas, de algum modo, com a ajuda dos Deuses, nós arrancamos aquela grande coisa de ouro e prata de dentro do buraco escuro.

E assim trouxemos à luz o perdido Caldeirão de Clyddno Eiddyn.

Era uma tigela grande, do tamanho das mãos esticadas de um homem, e com a profundidade equivalente à lâmina de uma faca de caça. Era feito de prata grossa e irregular, apoiava-se sobre três pernas curtas de ouro e era decorado com pródigos desenhos em ouro. Havia três alças de ouro fixas na borda, para que pudesse ser pendurado acima do fogo. Era o maior Tesouro da Britânia, e o arrancamos de sua sepultura, espalhando as pedras, e vi que o ouro que o decorava tinha a forma de guerreiros, Deuses e cervos. Mas não tivemos tempo de admirar o Caldeirão, porque Nimue arrancou freneticamente as últimas pedras de seu interior e o recolocou no buraco antes de arrancar as peles pretas de cima do corpo de Merlin.

— Ajudem-me! — gritou e, juntos, rolamos o velho para o buraco onde estava o caldeirão de prata. Nimue enfiou as pernas dele dentro da borda dourada e pôs uma capa sobre o druida. Só então ela se recostou nas pedras. Fazia um frio enregelante, mas seu rosto brilhava de suor.

— Ele está morto — disse Ceinwyn numa voz fraca, amedrontada.

— Não — insistiu Nimue, exausta. — Não está.

— Ele estava frio! — protestou Ceinwyn. — Estava frio e não havia respiração. — Ela se agarrou comigo e começou a chorar baixinho. — Ele está morto.

— Ele vive — disse Nimue asperamente.

A chuva recomeçara, uma chuva muito fina, soprada pelo vento, que tornava as pedras escorregadias e formava gotas nas lâminas das lanças. Merlin estava amortalhado e imóvel no buraco do caldeirão, e meus homens vigiavam o inimigo do outro lado das pedras cinzentas, os cavaleiros negros nos cercavam e fiquei imaginando que loucura nos trouxera a esse lugar horrível na extremidade fria e escura da Britânia.

— Então o que fazemos agora? — perguntou Galahad.

— Esperamos — disse Nimue ríspidamente. — Só esperamos.

Nunca esquecerei o frio daquela noite. A geada criou cristais nas rochas, e tocar uma lâmina de lança era deixar um pedaço da pele congelada e grudada no aço. Estava frio demais. A chuva se transformou em neve no crepúsculo, depois parou, e depois da neve o vento diminuiu e as nuvens navegaram para o leste, revelando uma lua enorme se erguendo cheia sobre o mar. Era uma lua plena de portentos; uma grande bola de prata inchada, enevoadada pelo tremular de uma nuvem distante sobre um oceano cheio de ondas pretas e prateadas. As estrelas jamais pareceram tão brilhantes. A grande forma da carruagem de Bel chamejava acima de nós, caçando eternamente a constelação que chamávamos de A Truta. Os Deuses viviam entre as estrelas, e mandei uma oração pelo ar frio, na esperança de que chegasse àquelas fogueiras distantes e luminosas.

Alguns de nós cochilaram, mas era o sono leve dos cansados, com frio e medo. Nossos inimigos, cercando a colina com suas lanças, tinham feito fogueiras. Pôneis traziam combustível para os Escudos Sangrentos, e as chamas queimavam vastas na noite, lançando fagulhas no céu claro.

Nada se movia no buraco do caldeirão, onde o corpo de Merlin, coberto pela capa, estava à sombra do círculo de pedras altas sobre as quais nos revezávamos vigiando as formas dos cavaleiros contra as chamas. Às vezes uma lança comprida voava na noite e sua ponta brilhava ao luar, antes que a arma batesse inofensiva nas pedras.

— Então o que você vai fazer com o Caldeirão agora? — perguntei a Nimue.

— Nada até Samain — disse ela. Nimue estava enrolada perto do monte de fardos que tinham sido postos na reentrância do cume, com os pés pousados no aterro que tínhamos tirado tão desesperadamente do buraco. — Tudo tem de estar certo, Derfel. A lua precisa estar cheia, o tempo certo, e todos os Treze Tesouros reunidos.

— Fale dos Tesouros — disse Galahad, do outro lado da reentrância. Nimue foi ríspida:

— Para que você possa zombar de nós, cristão?

Galahad sorriu.

— Há milhares de pessoas que zombam de vocês, Nimue. Dizem que os Deuses estão mortos e que deveríamos pôr a fé nos homens. Dizem que deveríamos seguir Artur, e acreditam que a sua busca por caldeirões,

capas, facas, chifres é um absurdo que morreu em Ynys Mon. Quantos reis da Britânia mandaram os homens nessa busca? — Ele se remexeu, tentando encontrar algum conforto nessa noite fria. — Nenhum, Nimue, nenhum, porque eles zombam de vocês. Dizem que é tarde demais. Os romanos mudaram tudo e os homens sensatos dizem que vocês estão fazendo a obra do diabo, mas este cristão, cara Nimue, trouxe sua espada a este lugar, e por isso, cara senhora, você me deve pelo menos alguma educação.

Nimue não estava acostumada a reprimendas, a não ser, talvez, de Merlin, e se enrijeceu diante da leve censura de Galahad, mas afinal cedeu. Puxou a pele de urso de Merlin para cima dos ombros e se curvou à frente.

— Os Tesouros foram deixados para nós pelos Deuses. Foi há muito tempo, quando a Britânia estava sozinha no mundo. Não havia outras terras; só a Britânia e um mar enorme coberto por uma grande névoa. Havia na época doze tribos na Britânia, e doze reis e doze salões de festa, e só doze Deuses. Esses Deuses andavam como nós na terra, e um deles, Bel, até se casou com uma humana; a nossa dama aqui — ela fez um gesto para Ceinwyn, que estava ouvindo com tanta avidez quanto todos os lanceiros — descende desse casamento.

Nimue fez uma pausa enquanto um grito soava do círculo de fogueiras, mas o grito não pressagiava qualquer ameaça, e o silêncio caiu sobre a noite outra vez enquanto ela continuava sua história.

— Mas outros Deuses, que tinham ciúme dos doze que governavam a Britânia, vieram das estrelas e tentaram tirar a Britânia dos doze Deuses, e nas batalhas as doze tribos sofreram. Um golpe de lança de um Deus podia matar cem pessoas, e nenhum escudo terreno podia barrar a espada de um Deus. Assim, porque amavam a Britânia, os doze Deuses deram os Doze Tesouros às doze tribos. Cada Tesouro era para ser guardado num salão real, e a presença do Tesouro impediria as lanças dos Deuses de cair sobre a moradia de qualquer um de seu povo. Não eram coisas grandiosas. Se os doze Deuses tivessem nos dado coisas esplêndidas, os outros Deuses iriam vê-las, adivinhariam seu objetivo e iriam roubá-las para sua própria proteção. De modo que os doze presentes eram coisas comuns: uma espada, um cesto, um chifre, uma carruagem, um cabresto, uma faca, uma pedra de amolar, uma capa com manga, um manto, um prato, um tabuleiro de jogos e um anel de guerreiro. Doze coisas comuns, e a única coisa que os Deuses pediam era que cuidássemos dos doze Tesouros, que os mantivéssemos em segurança e os homenageássemos. E de volta, além de ter a proteção dos Tesouros, cada tribo poderia usar o presente para invocar o Deus. Elas tinham permissão de invocar uma vez por ano, só uma, mas essas invocações davam às tribos algum poder na terrível guerra dos Deuses.

Ela fez uma pausa e apertou mais a pele em volta dos ombros.

— Então as tribos tinham os seus tesouros, mas Bel, porque amava tanto sua garota da terra, deu-lhe um décimo terceiro Tesouro. Deu-lhe o Caldeirão e disse que, assim que ela comesse a envelhecer, só precisava encher o Caldeirão com água, imergir nele, e ficaria jovem de novo. Assim, em toda a sua beleza, ela poderia andar junto de Bel para sempre e sempre. E o Caldeirão, como vocês viram, é esplêndido; é de ouro e prata, mais bonito do que qualquer coisa que o homem pode fazer. As outras tribos o viram e ficaram com ciúme, e assim começaram as guerras da Britânia. Os Deuses guerreavam no ar e as doze tribos guerreavam na terra e, um a um, os tesouros foram capturados, ou então trocados por lanceiros, e em sua fúria os Deuses retiraram a proteção. O Caldeirão foi roubado, a amante de Bel envelheceu e morreu, e Bel rogou uma praga contra nós. A praga foi a existência de outras terras e outros povos, mas Bel nos prometeu que, se em um Samain juntássemos os doze Tesouros das doze tribos e fizéssemos os rituais adequados, e se enchêssemos o décimo terceiro Tesouro com água que nenhum homem bebe, mas sem a qual não pode viver, os doze Deuses viriam nos ajudar de novo. — Ela parou, encolheu os ombros e olhou para Galahad. — Pronto, cristão, foi por isso que sua espada veio aqui.

Houve um longo silêncio. O luar escorria pelas rochas, chegando cada vez mais perto do buraco onde Merlin estava sob a fina cobertura de uma capa.

— E vocês têm todos os doze Tesouros? — perguntou Ceinwyn.

— A maioria — disse Nimue, evasiva. — Mas mesmo sem os doze o Caldeirão tem poder imenso. Vasto poder. Mais poder do que todos os outros Tesouros juntos. — Ela olhou beligerante para Galahad, do outro lado do buraco. — E o que você fará, cristão, quando vir esse poder?

Galahad sorriu.

— Irei lembrá-la de que trouxe minha espada para a sua busca — disse com suavidade.

— Todos trouxemos. Somos os guerreiros do Caldeirão — falou Issa em voz baixa, revelando um traço poético que eu não havia suspeitado nele, e os outros lanceiros sorriram. Suas barbas estavam brancas de gelo, as mãos enroladas em trapos e pele, e os olhos fundos, mas eles haviam encontrado o Caldeirão, e o orgulho desse feito os preenchia, mesmo que à primeira luz tivessem de enfrentar os Escudos Sangrentos e a certeza cada vez maior de que estávamos condenados.

Ceinwyn se encostou em meu peito, compartilhando a capa de pele de lobo. Esperou até que Nimue estivesse dormindo, depois encostou o rosto no meu.

— Merlin está morto, Derfel — disse numa vozinha triste.

— Eu sei — falei, porque não houvera mais nenhum movimento nem som vindo do buraco do caldeirão.

— Senti o rosto e as mãos dele — sussurrou ela — e estavam frios como gelo. Pus a lâmina da minha faca junto de sua boca e ela não se embaçou. Ele está morto.

Fiquei quieto. Eu amava Merlin porque ele tinha sido um pai para mim, e não podia acreditar realmente que tivesse morrido nesse momento de triunfo, mas também não conseguia encontrar a esperança de ver de novo a vida de sua alma.

— Devemos enterrá-lo aqui — disse Ceinwyn baixinho — dentro de seu Caldeirão. — Continuei mudo. Sua mão encontrou a minha. — O que vamos fazer?

Morrer, pensei, mas mesmo assim fiquei quieto.

— Você não vai deixar que eu seja apanhada, vai? — sussurrou ela.

— Nunca.

— O dia em que o conheci, lorde Derfel Cadarn, foi o melhor dia da minha vida. — E isso fez minhas lágrimas chegarem, mas, se eram de alegria ou um lamento por tudo que eu ia perder no próximo amanhecer gelado, não sei dizer.

Caí num sono leve e sonhei que estava preso num pântano e rodeado por cavaleiros negros que tinham a capacidade mágica de se mover sobre a terra encharcada, e então descobri que não podia levantar o braço do escudo e vi uma espada descendo sobre meu ombro direito, e acordei com um susto, tentando pegar a lança, mas vi que era Gwilym que, inadvertidamente, havia tocado em meu ombro enquanto subia na pedra para o turno de guarda.

— Desculpe, senhor — sussurrou ele.

Ceinwyn dormia aninhada em meu braço e Nimue estava encolhida do meu outro lado. Galahad, com a barba embranquecida pela geada, roncava baixo, e meus outros lanceiros dormiam ou então estavam deitados numa estupefação gélida. Agora a lua estava quase sobre mim, a luz caindo de lado para mostrar as estrelas pintadas nos escudos empilhados dos meus homens e na lateral pedregosa do buraco que tínhamos aberto na reentrância do cume. A névoa que fizera tremular o rosto inchado da lua quando ela pendia logo acima do mar havia sumido, e agora ela era um disco puro, duro, claro e frio, desenhado com tanta nitidez quanto uma moeda recém-cunhada. Eu meio que lembrava de minha mãe dizendo o nome do homem da lua, mas não conseguia identificar a lembrança totalmente. Minha mãe era saxã, e eu estava em sua barriga quando ela foi capturada num ataque dumnoniano. Tinham me dito que continuava viva em Silúria, mas eu não a via desde o dia em que o druida Tanaburs me arrancou de seus braços e tentou me matar no poço da morte. Depois disso Merlin me criou, e eu me tornei britânico, amigo de Artur, era o homem que havia tirado a estrela de Powys da casa de seu irmão. Que estranho fio de vida, pensei, e como era triste que ele tivesse de ser cortado aqui na ilha

sagrada da Britânia.

— Acho que não tem nenhum queijo, não é? — perguntou Merlin.

Eu o encarei, pensando que era um sonho.

— Do tipo claro, Derfel — disse ele ansioso —, que se esfarela. Não daqueles amarelos e duros. Não suporto aquele queijo amarelo e duro.

Ele estava de pé no buraco, e me olhava sério, com a capa que havia coberto seu corpo agora pendendo dos ombros como um xale.

— Senhor? — falei numa voz minúscula.

— Queijo, Derfel. Não ouviu? Estou com fome de queijo. Tínhamos um pouco. Estava enrolado num pano. E onde está o meu cajado? Um homem se deita para dormir um pouco e imediatamente roubam o seu cajado. Não existe mais honestidade? É um mundo terrível. Sem queijo, sem honestidade e sem cajado.

— Senhor!

— Pare de gritar comigo, Derfel. Não estou surdo, só com fome.

— Ah, senhor!

— Agora está chorando! Odeio gente chorona. Só pedi um pedaço de queijo e você começa a chorar feito criança. Ah, ali está o meu cajado. Bom. — Ele o pegou ao lado de Nimue e usou para sair do buraco. Agora os outros lanceiros estavam acordados e boquiabertos. Então Nimue se agitou e eu ouvi Ceinwyn ofegar. — Acho, Derfel — disse Merlin enquanto começava a remexer nos fardos para encontrar o queijo —, que você nos deixou numa encrenca. Estamos cercados, não é?

— Sim, senhor.

— Eles são em maior número?

— Sim, senhor.

— Que coisa, Derfel, que coisa! E você se diz um comandante de guerreiros? Queijo! Aqui está. Eu sabia que tínhamos um pouco. Maravilhoso.

Apontei um dedo trêmulo para o buraco.

— O Caldeirão, senhor. — Eu queria saber se o Caldeirão tinha realizado um milagre, mas estava confuso demais com espanto e alívio para ser coerente.

— E é um Caldeirão muito bonito, Derfel. Amplo, fundo, cheio das qualidades que queremos num caldeirão. — Ele mordeu um pedaço do queijo. — Estou esfomeado! — Mordeu de novo, depois se encostou nas pedras e abriu um sorriso enorme para todos nós. — Em menor número e cercados! Bem, bem! E o que vai ser em seguida? — Ele enfiou o resto do queijo na boca e depois espanou as migalhas de cima da mão. Lançou um sorriso especial para Ceinwyn, depois estendeu o braço comprido para Nimue. — Tudo bem? — perguntou a ela.

— Tudo bem — disse Nimue calmamente enquanto se acomodava no abraço dele. Só ela não parecia surpresa por seu aparecimento nem

por sua saúde evidente.

— A não ser que estamos rodeados e em menor número! — disse ele, zombando. — O que faremos? Geralmente a melhor coisa numa emergência é sacrificar alguém. — Ele espiou, cheio de expectativa, o perplexo círculo de homens. Seu rosto tinha recuperado a cor e toda a sua velha energia maliciosa estava de volta. — Derfel, talvez?

— Senhor! — protestou Ceinwyn.

— Senhora! Você não! Não, não, não, não, não. Você já fez o bastante.

— Nada de sacrifícios, senhor — implorou Ceinwyn.

Merlin sorriu. Nimue parecia ter adormecido em seus braços, mas o resto de nós não podia dormir mais. Uma lança se chocou com ruído nas pedras abaixo, e o som fez Merlin erguer o cajado para mim.

— Suba ao topo, Derfel, e aponte meu cajado para oeste. Para oeste, lembre-se, e não para leste. Tente fazer alguma coisa certa, para variar, está bem? Claro, se a gente quer um trabalho bem-feito, tem de fazer pessoalmente, mas não quero acordar Nimue. Vá.

Peguei o cajado e subi as pedras, até o ponto mais alto da colina. E ali, seguindo as instruções de Merlin, apontei-o para o mar distante.

— Não balance! — gritou Merlin. — Aponte! Sinta a força dele! Não é uma vara de guiar bois, garoto, é um cajado de druida!

Apontei o cajado para oeste. Os cavaleiros negros de Diwrnach devem ter sentido cheiro de magia, porque seus feiticeiros subitamente uivaram e um punhado de lanceiros subiu a encosta para atirar as lanças contra mim.

— Agora — gritou Merlin enquanto as lanças caíam abaixo de mim —, dê-lhe poder, Derfel, dê-lhe poder! — Concentrei-me no cajado, mas na verdade não sentia coisa alguma, ainda que Merlin parecesse satisfeito com meu esforço. — Agora traga para baixo e descanse um pouco. Temos uma boa caminhada para fazer de manhã. Tem mais queijo? Eu poderia comer um saco inteiro.

Ficamos deitados no frio. Merlin não queria falar do Caldeirão nem de sua doença, mas senti a mudança de humor em todos nós. Subitamente tínhamos esperança. Viveríamos, e foi Ceinwyn quem viu pela primeira vez o caminho de nossa salvação. Cutucou o meu lado, depois apontou para a lua, e vi que o que tinha sido uma forma clara e limpa estava agora com um torque de névoa brilhante. Aquele torque de névoa parecia um anel de pedras preciosas em pó, de tanto que brilhavam aqueles pontos minúsculos em volta da lua cheia de prata.

Merlin não se importou com a lua, ainda estava falando de queijo.

— Havia uma mulher em Dun Seilo que fazia o queijo macio mais maravilhoso. Ela o enrolava em folhas de urtiga, pelo que lembro, depois insistia em que ele passasse seis meses numa tigela de madeira que tinha sido enfiada em urina de carneiro. Urina de carneiro! Algumas

peessoas possuem as superstições mais absurdas, mas mesmo assim o queijo era muito bom. — Ele deu um risinho. — Ela fazia o coitado do marido colher a urina. Como ele fazia? Eu nunca quis perguntar. Agarrava o bicho pelos chifres e fazia cócegas, será? Ou talvez usasse a dele mesmo e nunca dissesse a ela. Eu teria feito isso. Está ficando mais quente, não acham?

A névoa de gelo brilhante em volta da lua estava desaparecendo, mas isso não havia tornado suas bordas mais claras. Em vez disso estavam ficando difusas por causa de uma névoa mais suave que era soprada por um fraco vento do oeste, que de fato era mais quente. As estrelas brilhantes estavam enevoadas, o cristal da geada nas pedras se derretia num brilho úmido, e todos tínhamos parado de tremer. As pontas das nossas lanças podiam ser tocadas de novo. Uma névoa se formava.

— Os dumnonianos, claro, insistem em que seus queijos são os melhores da Britânia — disse Merlin, sério, como se nenhum de nós tivesse coisa melhor para fazer do que ouvir uma palestra sobre queijos — e, claro, ele pode ser bom, mas frequentemente é duro. Eu me lembro de que Uther quebrou um dente num pedaço de queijo de uma fazenda próxima de Lindinis. Partiu em dois, direto! O coitado sentiu dor durante semanas. Insistiu em que eu fizesse alguma magia, mas é estranho, a magia nunca funciona com dentes. Olhos, sim, entranhas, sempre, e até o cérebro algumas vezes, ainda que hoje em dia haja pouco disso na Britânia. Mas dentes? Nunca. Devo trabalhar nesse problema quando tiver algum tempo. Vejam bem, gosto de arrancar dentes. — Ele deu um sorriso extravagante, gabando-se de seus dentes perfeitos, uma raridade. Artur tinha uma bênção semelhante, mas o resto de nós éramos assolados por dores de dentes.

Ergui os olhos e vi que as rochas de cima estavam quase escondidas pela névoa que se adensava a cada minuto. Era uma névoa de druida, densa e branca sob a lua e cobrindo toda Ynys Mon em seu grosso manto de vapor.

— Em Silúria — disse Merlin — eles servem uma tigela de bolotas e dizem que é queijo. É tão repelente que nem os camundongos comem, mas o que mais se pode esperar em Silúria? Há alguma coisa que queira me dizer, Derefel? Você parece agitado.

— Névoa, senhor.

— Que homem observador você é! — disse ele, admirando. — Então será que poderiam tirar o Caldeirão do buraco? Está na hora de irmos, Derefel, está na hora de irmos.

E fomos.



Parte 2

A guerra partida

— NÃO — PROTESTOU IGRAINE, quando olhou para o último pergaminho da pilha.

— Não? — perguntei educadamente.

— Você não pode parar a história aqui! O que aconteceu?

— Nós saímos, claro.

— Ah, Derfel! — Ela jogou o pergaminho. — Existem ajudantes de cozinha que contam uma história melhor do que você! Diga como aconteceu, insisto!

Então eu contei.

Já estava quase amanhecendo, e a neve parecia uma pele de carneiro, tão densa que quando conseguimos descer das pedras e nos reunimos no capim do topo da colina corríamos perigo de nos perdermos uns dos outros se déssemos apenas um passo. Merlin fez com que formássemos uma corrente, cada um segurando a capa do da frente, e então, com o caldeirão amarrado às minhas costas, descemos morro abaixo em fila. Merlin, com o cajado erguido, nos guiou passando pelos Escudos Sangrentos ao redor, e nenhum deles nos viu. Eu podia ouvir Diwrnach gritando, dizendo para se espalharem, mas os cavaleiros negros sabiam que era névoa de druida, e preferiram ficar perto de suas fogueiras; no entanto aqueles primeiros passos foram os mais perigosos de nossa jornada.

— Mas as histórias dizem que todos vocês desapareceram — insistiu minha rainha. — Os homens de Diwrnach disseram que vocês saíram voando da ilha. Você não pode dizer que foram simplesmente andando!

— Mas fomos.

— Derfel! — repreendeu ela.

— Nós nem desaparecemos nem voamos, independentemente do que sua mãe lhe tenha contado.

— Então o que aconteceu em seguida? — perguntou ela, ainda desapontada por minha versão insignificante da história.

Andamos durante horas, seguindo Nimue, que possuía uma capacidade incrível de achar o caminho na escuridão ou na neblina. Nimue guiara meu bando de guerreiros antes da batalha do vale do Lugg, e agora, naquela densa neblina de inverno em Ynys Mon, guiou-nos a um dos grandes montes cobertos de grama, feitos pelo Povo Antigo. Merlin conhecia o lugar, disse que tinha dormido ali havia anos, e ordenou que três de meus homens tirassem as pedras que bloqueavam a entrada entre dois barrancos curvos, cobertos de grama, que se projetavam como chifres. Então, um a um, abaixados de quatro, entramos no centro negro do morro.

Aquele morro baixo era uma sepultura, e tinha sido feito empilhando-se pedras enormes para fazer uma passagem central de onde se ramificavam seis câmaras menores, e, quando a coisa toda ficou pronta, o Povo Antigo tinha coberto o corredor e as câmaras com lajes de pedra, depois puseram terra em cima das pedras. Eles não queimavam seus mortos, como nós, nem os deixavam na terra fria como os cristãos, punham-nos nas câmaras de pedras onde eles ainda estavam, cada um com seus tesouros: taças de chifre, galhadas de cervos, pontas de lança feitas de pedra, facas de sílex, um prato de bronze e um colar de preciosas contas de azeviche presas num apodrecido fio de tendão. Merlin insistiu em que não perturbássemos os mortos, porque éramos seus hóspedes, e nos apinhamos na passagem central e deixamos as câmaras de ossos em paz. Cantamos canções e contamos histórias. Merlin contou que o Povo Antigo tinha sido o guardião da Britânia antes que os britânicos viessem, e havia lugares, segundo ele, onde ainda viviam. Ele estivera naqueles vales perdidos e fundos e aprendera algo de sua magia. Contou como pegavam a primeira ovelha nascida no ano, amarravam com vime e enterravam numa pastagem para garantir que as outras ovelhas nascessem saudáveis e fortes.

— Nós ainda fazemos isso — observou Issa.

— Porque os seus ancestrais aprenderam com o Povo Antigo — disse Merlin.

— Em Benoic — disse Galahad — tirávamos a pele da primeira ovelha e pregávamos numa árvore.

— Isso também funciona. — A voz de Merlin ecoava na passagem fria e escura.

— Pobres ovelhas — disse Ceinwyn, e todo mundo riu.

A névoa se desfez, mas no fundo do morro tínhamos pouca sensação de noite ou dia, a não ser quando desbloqueávamos a entrada para que alguns de nós pudessem sair. Tínhamos de fazer isso de vez em quando se não quiséssemos viver em nosso excremento, e, se quando tirávamos as pedras fosse de dia, nos escondíamos entre os chifres de terra e observávamos os cavaleiros negros procurando nos campos, cavernas, urzais, rochas, cabanas e pequenos bosques de árvores curvadas pelo vento. Eles procuraram durante cinco longos dias, e nesse tempo comemos as últimas migalhas de comida e bebemos a água que escorria através do morro, mas finalmente Diwrnach decidiu que nossa magia era superior à dele e abandonou a busca. Esperamos mais dois dias para ter certeza de que ele não estava tentando nos atrair para fora do esconderijo, e então, finalmente, fomos embora. Acrescentamos ouro aos tesouros dos mortos como pagamento de aluguel, bloqueamos a entrada e fomos para o leste, sob um sol invernal. Assim que chegamos à costa, usamos as espadas para confiscar dois barcos de pesca e navegamos para fora da ilha sagrada. Fomos para o leste, e enquanto viver me lembrarei

do sol brilhando nos ornamentos dourados e na grossa barriga de prata do Caldeirão, enquanto as velas rotas nos levavam para a segurança. Fizemos uma canção enquanto navegávamos, a Canção do Caldeirão, e até hoje ela é cantada algumas vezes, ainda que seja uma coisa pobre comparada com as canções dos bardos. Aportamos em Cornóvia e dali andamos para o sul, atravessando Elmet, até o amigável Powys.

— E é por isso, minha senhora — concluí —, que todas as histórias dizem que Merlin desapareceu.

Igraine franziu a testa.

— Os cavaleiros negros não revistaram o morro?

— Duas vezes — falei —, mas não sabiam que a entrada podia ser desbloqueada, ou então temiam os espíritos dos mortos lá dentro. E Merlin, claro, tinha tecido um feitiço de ocultação.

— Eu gostaria de que vocês tivessem voado — reclamou ela. — Seria uma história muito melhor. — Ela suspirou por esse sonho perdido. — Mas a história do Caldeirão não termina aí, não é?

— Infelizmente não.

— Então...

— Então contarei na hora certa — interrompi.

Ela fez beicinho. Hoje está usando sua capa de lã cinza com borda de pele de lontra, e que a deixa tão bonita. Ainda não engravidou, o que me faz pensar que não está destinada a ter filhos ou que o seu marido, o rei Brochvail, está passando muito tempo com a amante, Nwylle. Hoje faz frio, e o vento sopra na minha janela e agita as pequenas chamas da lareira que tem tamanho suficiente para um fogo dez vezes maior do que este que o bispo Sansum me concede. Eu consigo ouvir o santo repreendendo o irmão Arun, que é o cozinheiro do mosteiro. O mingau estava quente demais hoje de manhã, e escaldou a língua de São Tudwal. Tudwal é uma criança que vive no nosso mosteiro, companheiro íntimo do bispo em Jesus Cristo, e no ano passado o bispo declarou que Tudwal era santo. O demônio põe muitas armadilhas no caminho da fé verdadeira.

— Então ficaram você e Ceinwyn — acusa-me Igraine.

— Ficamos o quê?

— Você era amante dela.

— Durante toda a vida, senhora — confessei.

— E nunca se casou?

— Nunca. Ela fez um juramento, lembra-se?

— Mas ela não se partiu ao meio com um bebê.

— A terceira criança quase a matou, mas as outras foram muito mais fáceis.

Igraine estava agachada perto do fogo, estendendo as mãos pálidas para as chamas patéticas.

— Você tem sorte, Derfel.

— Tenho?

— Por ter conhecido um amor assim. — Ela parecia triste. A rainha não é mais velha do que Ceinwyn, quando a conheci, e, como Ceinwyn, Igraine é bela e merece um amor digno da canção de um bardo.

— Tive sorte — admiti. Do lado de fora da minha janela o irmão Maelgwyn está terminando de montar a pilha de lenha do mosteiro, rachando os toros com uma cunha e uma marreta, e cantando enquanto trabalha. Sua canção fala da história de amor de Rhydderch e Morag, o que significa que será repreendido assim que São Sansum termine de humilhar Arun. Nós somos irmãos em Cristo, diz o santo, unidos no amor.

— Cuneglas não ficou com raiva da irmã por ter fugido com você? — pergunta Igraine. — Nem um pouco?

— Nem um pouco. Ele queria que nos mudássemos para Caer Sws, mas gostávamos do Cwm Isaf. E Ceinwyn nunca tolerou realmente sua cunhada. Helledd vivia reclamando, veja bem, e tinha duas tias muito chatas. Todas desaprovavam Ceinwyn, e foram elas que começaram todas as histórias de escândalo, mas nunca fomos escandalosos. — Parei, lembrando-me daqueles primeiros tempos. — Na verdade a maioria das pessoas era muito gentil. Em Powys, veja bem, ainda havia algum ressentimento pela batalha do vale do Lugg. Muitas pessoas tinham perdido pais, irmãos e maridos, e o desafio de Ceinwyn era uma espécie de recompensa para eles. Gostaram de ver Artur e Lancelot embaraçados, de modo que, afora Helledd e suas tias medonhas, ninguém era grosseiro conosco.

— E Lancelot não lutou por ela? — perguntou Igraine, chocada.

— Eu gostaria de que ele tivesse lutado — falei secamente. — Gostaria muito.

— E Ceinwyn simplesmente tomou uma decisão? — Igraine estava pasma com a simples ideia de uma mulher ousando fazer isso. Levantou-se e foi até a janela, onde ouviu Maelgwyn cantar durante um tempo. — Pobre Gwenhwyvach — falou de repente. — Você fez com que ela parecesse muito simples, gorda e sem graça.

— Ela era todas essas coisas, infelizmente.

— Nem todo mundo pode ser bonito — disse Igraine, com a confiança de alguém que era.

— Não, mas você não quer histórias de pessoas comuns. Quer que a Britânia de Artur seja plena de paixões, e eu não pude sentir paixão por Gwenhwyvach. Não é possível dar ordens ao amor, senhora, apenas a beleza ou a luxúria fazem isso. Quer que o mundo seja justo? Então imagine um mundo sem reis, nem rainhas, nem lordes, nem paixão nem magia. Gostaria de viver num mundo tão insípido?

— Isso não tem nada a ver com beleza — protestou Igraine.

— Tem tudo a ver com beleza. O que é a sua posição social senão um acidente de nascimento? E o que é sua beleza senão outro acidente? Se os Deuses... — parei e me corrigi — se Deus quisesse que fôssemos iguais, ele teria nos feito iguais, e, se fôssemos todos idênticos, onde estaria o romance?

Ela abandonou a discussão, em vez disso me desafiou:

— Você acredita em magia, irmão Derfel?

Pensei a respeito.

— Sim. E mesmo como cristão podemos acreditar. O que são os milagres, senão magia?

— E Merlin era mesmo capaz de criar uma neblina?

Franzi a testa.

— Tudo que Merlin fazia, senhora, tinha outra explicação. As névoas vêm do mar, e coisas perdidas são encontradas todos os dias.

— E os mortos voltam à vida?

— Lázaro voltou, e nosso Salvador também. — Eu me persignei. Igraine obedientemente fez o sinal da cruz.

— Mas Merlin voltou dos mortos?

— Não sei se ele estava morto — falei cautelosamente.

— Mas Ceinwyn tinha certeza?

— Até o dia em que morreu, senhora.

Igraine torceu nos dedos o cinto trançado de seu vestido.

— Mas essa não era a magia do Caldeirão? Restaurar a vida?

— Foi o que nos disseram.

— E sem dúvida a descoberta do Caldeirão, feita por Ceinwyn, foi mágica.

— Talvez, mas talvez fosse apenas bom senso. Merlin tinha passado meses descobrindo cada lembrança desgarrada a respeito de Ynys Mon. Ele sabia onde os druidas tinham seu centro sagrado, era ao lado do Llyn Cerrig Bach, e Ceinwyn meramente nos guiou ao local mais próximo onde o Caldeirão poderia ser escondido com sucesso. Mas ela teve o seu sonho.

— E você também, no Dolforwyn. O que foi que Merlin lhe deu de beber?

— A mesma coisa que Nimue deu a Ceinwyn no Llyn Cerrig Bach. E provavelmente era uma infusão de chapéu-vermelho.

— O cogumelo! — Igraine estava pasma.

Confirmei com a cabeça.

— Por isso eu ficava me retorcendo e não conseguia me manter de pé.

— Mas vocês poderiam ter morrido!

— Não são muitas as pessoas que morrem ingerindo chapéu-vermelho. Além do mais, Nimue era hábil nessas coisas.

Decidi não dizer a ela que o melhor modo de tornar o chapéu-

vermelho seguro era o próprio feiticeiro comer o cogumelo e depois dar ao sonhador uma taça com sua urina.

— Ou talvez ela tenha usado fungo de centeio — falei. — Mas acho que era chapéu-vermelho.

Igraine franziu a testa quando São Sansum ordenou que o irmão Maelgwyn parasse de cantar sua canção pagã. Nestes dias o santo está mais mal-humorado do que o normal. Ele sofre dores ao urinar, talvez por causa de uma pedra. E rezamos por ele.

— Então o que acontece agora? — perguntou Igraine, ignorando a arenga de Sansum.

— Fomos para casa. De volta a Powys.

— E de volta a Artur? — perguntou ela ansiosa.

— A Artur, também — falei, porque esta história é dele; a história de nosso querido senhor da guerra, nosso legislador, Artur.

Aquela primavera foi gloriosa no Cwm Isaf, ou talvez, quando você está apaixonado, tudo pareça mais pleno e mais luminoso. Mas me parecia que o mundo nunca estivera tão cheio de primulas e mercúrio-dos-cães, de campânulas e violetas, lírios e grandes amontoados de pastinacas. Borboletas azuis assombravam a campina onde colhíamos fardos de capim debaixo das macieiras cheias de flores rosa. Papa-formigas cantavam nas flores, havia maçaricos junto ao riacho e uma lavandisca fez ninho debaixo da cobertura de palha de Cwm Isaf. Tivemos cinco bezerros, todos saudáveis, cobiçosos e de olhos mansos, e Ceinwyn estava grávida.

Eu tinha feito anéis de amantes para nós dois quando voltamos de Ynys Mon. Os anéis de amantes eram anéis com uma cruz gravada, mas não era a cruz cristã, e as garotas costumavam usá-los quando deixavam de ser virgens. A maioria das garotas pegava um anel de palha com os amados e o usava como distintivo, e as mulheres dos lanceiros costumavam usar um anel de guerreiro com uma cruz riscada, ao passo que as mulheres do nível mais elevado raramente usavam anéis, considerando-os símbolos vulgares. Alguns homens também usavam, e tinha sido um desses anéis de amante, com uma cruz, que Valerin, chefe guerreiro de Powys, usara ao morrer no vale do Lugg. Valerin era noivo de Guinevere antes de ela conhecer Artur.

Os nossos eram anéis de guerreiro feitos a partir de um machado saxão, mas antes de eu deixar Merlin, que continuaria sua jornada para o sul até Ynys Wydryn, parti em segredo um pedaço da decoração do Caldeirão; era uma lança de ouro em miniatura, carregada por um guerreiro, e saiu facilmente. Escondi o ouro numa bolsa e, assim que voltamos a Cwm Isaf, levei o pedacinho de ouro e os dois anéis de guerreiro a um homem que trabalhava com metais, e vi enquanto ele derretia o ouro e transformava em duas cruzes que pôs a fogo no ferro.

Fiquei perto dele para me certificar de que não substituiria o ouro por qualquer outro metal, e então levei um dos anéis para Ceinwyn e usei o outro. Ceinwyn riu ao ver o dela.

— Um pedaço de palha teria servido, Derfel — falou.

— O ouro do Caldeirão servirá melhor — respondi. Usávamos os anéis sempre, para desgosto da rainha Helledd.

Artur veio nos visitar naquela primavera maravilhosa. Encontrou-me nu da cintura para cima e ceifando capim, um trabalho tão interminável quanto fiar lã. Saudou-me do riacho, depois subiu o morro para me encontrar. Estava vestido com uma camisa de linho cinza e calças compridas escuras, e não trazia espada.

— Gosto de ver um homem trabalhando — provocou ele.

— Colher capim é um trabalho mais duro do que lutar — resmunguei e apertei as mãos nos rins. — Veio ajudar?

— Vim ver Cuneglas — disse ele, depois sentou-se numa pedra perto de uma das macieiras que pintalgavam o pasto.

— Guerra? — perguntei, como se Artur pudesse ter outro negócio em Powys.

Ele assentiu.

— Está na hora de juntar as lanças, Derfel. Especialmente — ele sorriu — dos Guerreiros do Caldeirão. — Depois insistiu em ouvir toda a história, mesmo provavelmente já tendo ouvido uma dúzia de vezes, e quando terminei ele teve a gentileza de se desculpar por ter duvidado da existência do Caldeirão. Tenho certeza de que Artur ainda achava que foi tudo um absurdo, e até mesmo um absurdo perigoso, porque o sucesso de nossa busca tinha irritado os cristãos de Dumnonia que, como dissera Galahad, achavam que estávamos fazendo a obra do diabo. Merlin tinha levado o precioso Caldeirão para Ynys Wydryn, onde estava guardado em sua torre. Com o tempo, segundo Merlin, ele invocaria seus vastos poderes, mas mesmo agora, simplesmente estando em Dumnonia, e apesar da hostilidade dos cristãos, o Caldeirão estava dando uma nova confiança à terra.

— Apesar de eu confessar — disse Artur — que sinto mais confiança em ver meus lanceiros reunidos. Cuneglas me diz que marchará na semana que vem. Os silurianos de Lancelot estão se reunindo em Isca, e os homens de Tewdric estão prontos para marchar. E será um ano seco, Derfel, um bom ano para a luta.

Concordei. Os freixos tinham ficado verdes antes dos carvalhos, e isso significava um verão seco adiante, e os verões secos significavam terreno firme para as paredes de escudos.

— E onde o senhor quer meus homens? — perguntei.

— Comigo, claro — disse ele, depois parou antes de me dar um sorriso maroto. — Eu achava que você ia me dar os parabéns, Derfel.

— Ao senhor? — perguntei, fingindo ignorância para que ele próprio

pudesse dar a notícia.

Seu sorriso ficou mais largo.

— Guinevere deu à luz faz um mês. Um menino. Um belo menino!

— Senhor! — exclamei, fingindo que ele havia me surpreendido com a notícia, mas um relato do nascimento tinha nos alcançado há uma semana.

— Ele é saudável e esfomeado! Um bom presságio. — Artur estava claramente deliciado, mas ele sempre ficava incrivelmente satisfeito com as coisas comuns da vida. Ansiava por uma família forte dentro de uma casa bem construída, rodeada por plantações bem-cuidadas. — Nós o chamamos de Gwydre — disse ele, e repetiu o nome com carinho. — Gwydre.

— Um bom nome, senhor — falei, depois contei da gravidez de Ceinwyn, e Artur declarou imediatamente que ela deveria ter uma menina, que, claro, iria se casar com seu Gwydre quando chegasse a ocasião. Passou um braço pelo meu ombro e foi comigo até a casa onde encontramos Ceinwyn tirando a nata de uma tigela de leite. Artur a abraçou calorosamente e insistiu que ela deixasse aquele trabalho e saísse ao sol, para conversar.

Sentamo-nos num banco que Issa tinha feito debaixo da macieira ao lado da porta da casa. Ceinwyn perguntou sobre Guinevere.

— Foi um parto fácil?

— Foi. — Artur tocou um amuleto de ferro pendurado no pescoço. — Foi mesmo, e ela está bem! — Ele fez uma careta. — Está um pouco preocupada com a ideia de um filho fazer com que pareça velha, mas isso é absurdo. Minha mãe nunca pareceu velha. E ter um filho será bom para Guinevere. — Ele sorriu, imaginando que Guinevere amaria um filho tanto quanto ele. Gwydre, claro, não era seu primeiro filho. Sua amante irlandesa, Ailleann, tinha lhe dado meninos gêmeos, Amhar e Loholt, que agora tinham idade para ocupar seus lugares numa parede de escudos, mas Artur não estava ansioso por sua companhia. — Eles não gostam de mim — admitiu, quando perguntei pelos gêmeos —, mas gostam de nosso velho amigo Lancelot. — E nos ofereceu um olhar de desculpas ao mencionar o nome. — E vão lutar com os homens dele.

— Lutar? — perguntou Ceinwyn, cautelosa.

Artur lhe deu um sorriso gentil.

— Vim para levar Derfel para longe da senhora.

— Traga-o de volta para mim, senhor — foi tudo que ela disse.

— Com riquezas suficientes para um reino — prometeu Artur. Mas então se virou e olhou para as paredes baixas do Cwm Isaf e para o alto monte de palha que nos mantinha quentes, e para a pilha de esterco depois do final do oitão. O lugar não era tão grande quanto a maioria das fazendas ricas de Dumnonia, mas ainda era o tipo de chácara que um homem próspero e livre em Powys podia ter, e gostávamos dali.

Achei que Artur ia fazer algum comentário comparando minha situação humilde atual com a riqueza futura, e eu estava pronto para defender o Cwm Isaf contra uma comparação dessas, mas em vez disso ele ficou triste. — Invejo você por isso, Derfel.

— É seu, quando quiser, senhor — falei, ouvindo o desejo em sua voz.

— Estou condenado a colunas de mármore e paredes altíssimas. — E riu, afastando o sentimento. — Vou partir amanhã. Cuneglas irá dentro de dez dias. Você poderia ir com ele? Ou antes, se puder? E traga o máximo de comida possível.

— Para onde?

— Corinium — respondeu ele, depois se levantou e olhou para o vale antes de sorrir para mim. — Uma última palavra?

— Preciso ver se Scarach não está estragando o leite — disse Ceinwyn, pegando a deixa de Artur. — Desejo-lhe vitória, senhor — disse ela, depois se levantou para dar um abraço de despedida.

Artur e eu subimos pelo vale, onde ele admirou as cercas vivas recém-cortadas, as macieiras podadas e o pequeno lago de peixes que tínhamos feito represando o riacho.

— Não fique muito enraizado neste solo, Derfel. Quero você de volta em Dumnonia.

— Nada me daria mais prazer, senhor — falei, sabendo que não era Artur quem me mantinha longe de minha pátria, e sim sua esposa e o aliado dela, Lancelot.

Artur sorriu, mas não falou mais sobre minha volta. Em vez disso observou:

— Ceinwyn parece muito feliz.

— Ela está. Nós estamos.

Ele hesitou um segundo.

— Talvez você descubra — falou com a autoridade de um pai recente — que a gravidez vai deixá-la turbulenta.

— Até agora, não, senhor. Mas estas são as primeiras semanas.

— Você tem sorte com ela — disse ele baixinho, e pensando agora acho que foi a primeira vez em que o ouvi pronunciar a menor crítica a Guinevere. — O parto é uma ocasião tensa — acrescentou numa explicação apressada — e esses preparativos de guerra não ajudam. Infelizmente não posso estar em casa tanto quanto gostaria. — Ele parou ao lado de um carvalho antigo que tinha sido acertado por um raio, de modo que o tronco preto do fogo estava partido ao meio, mas mesmo agora a velha árvore lutava para produzir novos brotos verdes. — Tenho um favor a lhe pedir.

— Qualquer coisa, senhor.

— Não seja apressado, Derfel, você ainda não sabe qual é o favor. — Ele fez uma pausa e senti que o pedido seria difícil, porque Artur estava

embaraçado. Por alguns instantes não conseguiu pedir, em vez disso ficou olhando para a floresta no lado sul do vale, e murmurou alguma coisa sobre cervos e campânulas.

— Campânulas? — perguntei, achando que tinha ouvido mal.

— Só estava imaginando por que os cervos nunca comem campânulas — falou evasivamente. — Eles comem todo o resto.

— Não sei, senhor.

Ele hesitou um instante, depois me encarou nos olhos.

— Pedi uma reunião de Mitra em Corinium — admitiu finalmente.

Entendi o que viria e endureci o coração. A guerra tinha me dado muitas recompensas, mas nenhuma tão preciosa quanto a irmandade de Mitra. Ele era rei romano da guerra, e tinha ficado na Britânia quando os romanos partiram; os únicos homens admitidos em Seus mistérios eram os eleitos pelos iniciados. Esses iniciados vinham de todos os reinos, e lutavam uns contra os outros tão frequentemente quanto uns a favor dos outros, mas quando se encontravam no salão de Mitra se encontravam em paz, e só elegiam os mais bravos dos bravos para ser seus companheiros. Ser iniciado em Mitra era receber o elogio dos melhores guerreiros da Britânia, e era uma honra que eu não daria levemente a nenhum homem. Nenhuma mulher, claro, era permitida no culto a Mitra. De fato, se uma mulher visse os mistérios seria morta.

— Convoquei uma reunião — disse Artur — porque quero que admitamos Lancelot nos mistérios. — Eu sabia que este era o motivo. Guinevere me fizera o mesmo pedido no ano passado, e nos meses que se seguiram esperei que a ideia sumisse, mas aqui, na véspera da guerra, ela voltara.

Dei uma resposta política.

— Não seria melhor, senhor, se o rei Lancelot esperasse até a derrota dos saxões? Então, com certeza, o teríamos visto lutar. — Nenhum de nós ainda tinha visto Lancelot na parede de escudos e, para ser sincero, eu ficaria perplexo se o visse lutando no próximo verão. Mas esperava que a sugestão adiasse por alguns meses o momento terrível da escolha.

Artur fez um gesto vago como se minha sugestão fosse um tanto irrelevante.

— Há uma pressão para elegê-lo agora.

— Que pressão?

— A mãe dele não está bem.

Achei graça.

— Não é bem um motivo para eleger um homem a Mitra, senhor.

Artur fez um muxoxo, sabendo que seus argumentos eram frágeis.

— Ele é um rei, Derfel, e lidera um exército de rei para as nossas guerras. Ele não gosta de Silúria, e não posso culpá-lo. Ele sente saudade dos poetas, das harpistas e dos salões de Ynys Trebes, mas perdeu o reino porque não pude cumprir meu juramento de ajudar seu pai. Nós

lhe devemos, Derfel.

— Eu não, senhor.

— Nós lhe devemos — insistiu Artur.

— Ele deveria esperar por Mitra — falei com firmeza. — Se o senhor propuser o nome dele agora, ousou dizer que será rejeitado.

Artur temera que eu fosse dizer isso, mas mesmo assim não abandonou seus argumentos.

— Você é meu amigo. — Ele descartou qualquer comentário que eu fosse fazer. — E me agradaria, Derfel, que meu amigo fosse tão honrado em Dumnonia quanto é em Powys. — Ele estivera olhando para o tronco do carvalho partido pela tempestade, mas agora ergueu os olhos para mim. — Eu quero você em Lindinis, amigo, e se você, acima de todos os outros, apoiar o nome de Lancelot no salão de Mitra, a eleição dele está garantida.

Havia muito mais do que as palavras despidas de Artur tinham dito. Ele estava sutilmente confirmando que Guinevere é que pressionava pela candidatura de Lancelot, e que minhas ofensas aos olhos de Guinevere seriam perdoadas se lhe concedesse esse único desejo. Estava dizendo que, se elegeisse Lancelot a Mitra, eu poderia levar Ceinwyn para Dumnonia e assumir a honra de ser o campeão de Mordred com toda a riqueza, as terras e o posto que acompanhavam esse alto cargo.

Olhei um grupo de meus lanceiros descendo do alto morro do norte. Um deles carregava um carneiro, e achei que seria um órfão que teria de ser alimentado a mão por Ceinwyn. Era um trabalho difícil, porque o carneiro teria de ser alimentado numa teta de pano encharcada em leite o tempo todo, para o bichinho não morrer, mas Ceinwyn insistia em salvar a vida deles. Tinha proibido terminantemente que qualquer de seus carneiros fosse enterrado em vime, ou que tivesse a pele pregada numa árvore, e o rebanho parecia não ter sofrido em resultado dessa negligência. Suspirei.

— Então o senhor vai propor Lancelot em Corinium?

— Não, eu não. Bors vai propor. Bors o viu lutar.

— Então esperemos, senhor, que Bors tenha uma língua de ouro.

Artur sorriu.

— Você não pode me dar uma resposta agora?

— Nenhuma que o senhor queira ouvir.

Ele deu de ombros, pegou meu braço e voltamos juntos.

— Odeio essas organizações secretas — falou com afabilidade e acreditei, porque nunca tinha visto Artur numa reunião de Mitra, mesmo sabendo que ele fora iniciado há muitos anos. — Os cultos como o de Mitra deveriam unir os homens, mas só servem para separá-los. Provocam inveja. Mas algumas vezes, Derfel, você precisa usar um mal para lutar contra outro, e estou pensando em fundar uma nova organização de guerreiros. Os homens que levantarem armas contra os

saxões farão parte, todos eles, e eu irei transformá-lo no grupo mais honrado de toda a Britânia.

— Espero que o maior também.

— Não os *levies* — disse ele, assim restringindo esse grupo honrado aos homens que usavam lanças pelo dever, e não por obrigação de terra.

— Meus homens preferirão pertencer à minha associação do que a qualquer mistério secreto.

— E como o senhor vai chamá-la?

— Não sei. Guerreiros da Britânia? Os Camaradas? As Lanças de Cadarn? — Ele falou como se não desse importância, mas vi que era sério.

— E acha que se Lancelot pertencer a esses Guerreiros da Britânia — falei, pegando um dos títulos sugeridos — ele não se importará em ser barrado de Mitra?

— Talvez ajude, mas não é meu motivo principal. Vou impor uma obrigação a esses guerreiros. Para participar eles terão de fazer um juramento de sangue de jamais lutar uns contra os outros. — Ele deu um sorriso rápido. — Se os reis da Britânia se desentenderem, tornarei impossível que seus guerreiros lutem entre si.

— Não é impossível — falei azedamente. — Um juramento real suplanta qualquer outro, até o seu juramento de sangue.

— Então tornarei difícil — insistiu ele — porque terei paz, Derfel, terei paz. E você, meu amigo, irá compartilhá-la comigo em Dumnonia.

— Espero que sim, senhor.

Artur me abraçou.

— Vou encontrá-lo em Corinium. — Ele ergueu uma das mãos cumprimentando meus lanceiros, depois me olhou de novo. — Pense em Lancelot, Derfel. E considere a verdade de que algumas vezes precisamos pagar um pequeno preço em troca de uma grande paz.

E com essas palavras ele se afastou. Fui avisar meus homens de que a época de trabalhar no campo estava terminando. Tínhamos lanças a amolar, espadas a afiar e escudos a repintar, reenvernizar e restaurar. Estávamos voltando à guerra.

Partimos dois dias antes de Cuneglas, que estava esperando seus chefes tribais do oeste chegarem com os guerreiros que usavam peles ásperas, vindo das áridas montanhas de Powys. Ele me mandou prometer a Artur que os homens de Powns estariam em Corinium dentro de uma semana, depois me abraçou e jurou por sua vida que Ceinwyn estaria em segurança. Ela ia voltar para Caer Sws, onde um pequeno grupo de homens guardaria a família de Cuneglas enquanto ele estivesse em guerra. Ceinwyn tinha ficado relutante em deixar o Cwm Isaf e voltar ao salão das mulheres onde Helledd e suas tias dominavam, mas me lembrei da história de Merlin sobre um cão sendo morto e sua pele posta

sobre uma cadela aleijada no templo de Ísis construído por Guinevere, e por isso implorei a Ceinwyn que se refugiasse, por mim, e finalmente ela cedeu.

Acrescentei seis dos meus homens à guarda de Cuneglas, e com o resto, todos os Guerreiros do Caldeirão, marchei para o sul. Todos usávamos nos escudos a estrela de cinco pontas, de Ceinwyn, cada um levava duas lanças, a espada e enormes fardos de pão assado duas vezes, carne salgada, queijo duro e peixe seco amarrados às costas. Era bom estar marchando de novo, ainda que nossa rota nos levasse pelo vale do Lugg, onde os mortos tinham sido desenterrados por javalis, de modo que o vale parecia um campo de ossos. Fiquei preocupado com a ideia de que os ossos lembrassem a derrota aos homens de Cuneglas, por isso insisti em que passássemos metade de um dia enterrando de novo os cadáveres que, todos eles, tinham tido um dos pés decepado antes do primeiro enterro. Nem todos os homens podiam ser incinerados como gostaríamos, de modo que enterrávamos a maioria dos nossos mortos, mas arrancávamos um pé para impedir que a alma andasse. Agora enterramos de novo os mortos com um pé só, mas mesmo depois de meio dia de trabalho ainda não havia como disfarçar a chacina ocorrida ali. Interrompi o trabalho para visitar o templo romano onde minha espada tinha matado o druida Tanaburs e onde Nimue havia extinguido a alma de Gundleus, e ali, num chão ainda manchado de sangue, deitei-me entre as pilhas de crânios cobertos de teia de aranha e rezei para voltar incólume para minha Ceinwyn.

Passamos a noite seguinte em Magnis, uma cidade que estava a um mundo de distância dos caldeirões enevoados e das histórias noturnas dos Tesouros da Britânia. Estávamos em Gwent, território cristão, e tudo aqui era trabalho sério. Os ferreiros forjavam pontas de lanças, tanoeiros faziam coberturas de escudos, bainhas, cintos e botas, enquanto as mulheres da cidade assavam os pães duros e finos que podiam durar semanas durante uma campanha. Os homens do rei Tewdric estavam com seus uniformes romanos compostos de peitorais de bronze, saiotes de couro e capas compridas. Uma centena desses homens já havia marchado para Corinium, outros duzentos iriam depois, mas não sob o comando do rei, porque Tewdric estava doente. Seu filho Meurig, o *edling* de Gwent, seria o líder titular, embora na verdade Agrícola estivesse comandando-os. Agora Agrícola era um homem velho, mas suas costas eram retas e o braço cheio de cicatrizes ainda podia usar uma espada. Dizia-se que ele era mais romano do que os romanos, e eu sempre tive um pouquinho de medo de sua cara séria, mas naquele dia de primavera perto de Magnis ele me cumprimentou como um igual. A cabeça de cabelos curtos e grisalhos se abaixou ao passar pela entrada de sua tenda. Vestido com o uniforme romano ele veio para mim e, para meu espanto, me recebeu com um abraço.

Em seguida inspecionou meus 34 lanceiros. Pareciam rudes e desarrumados junto aos seus homens bem barbeados, mas ele aprovou as armas e ainda mais a quantidade de comida que carregávamos.

— Passei anos ensinando que não adianta mandar um lanceiro para a guerra sem um saco cheio de comida — rosnou ele —, mas o que faz Lancelot de Silúria? Manda cem lanceiros sem uma migalha de pão.

Ele tinha me convidado à sua tenda, onde me serviu um vinho azedo e claro.

— Devo-lhe desculpas, lorde Derfel.

— Duvido, senhor. — Eu me sentia embaraçado por tal intimidade com um guerreiro famoso que tinha idade para ser meu avô.

Ele descartou minha modéstia.

— Nós deveríamos ter estado no vale do Lugg.

— Parecia uma luta sem esperança, senhor, e estávamos desesperados. O senhor não estava.

— Mas vocês venceram, não foi? — resmungou ele. Em seguida se virou quando um sopro de vento tentou tirar do lugar uma ripa de madeira sobre a mesa, que estava coberta com uma enorme quantidade de ripas iguais, cada uma com listas de homens e rações. Ele prendeu a madeira fina com um chifre de tinta, depois me olhou de novo. — Ouvi dizer que vamos nos encontrar com o touro.

— Em Corinium — confirmei. Agrícola, como seu senhor Tewdric, era pagão, mas não tinha tempo para os deuses britânicos, só para Mitra.

— Para eleger Lancelot — disse Agrícola com azedume. Ele prestou atenção enquanto um homem gritava ordens para suas fileiras acampadas, não ouviu nada que o fizesse sair da tenda e por isso me olhou de novo. — O que sabe sobre Lancelot?

— O bastante para falar contra ele.

— Você ofenderia Artur? — Ele pareceu surpreso.

— Ou eu ofendo Artur — falei amargamente — ou Mitra. — E fiz o sinal contra o mal. — E Mitra é um Deus.

— Artur falou comigo no caminho de volta de Powys, e disse que a eleição de Lancelot selaria a união da Britânia. — Ele fez uma pausa, parecendo mal-humorado. — Entendi sutilmente que lhe devia um voto para compensar a ausência do vale do Lugg.

Parecia que Artur estava comprando votos de todos os modos possíveis.

— Então vote por ele, senhor, porque a exclusão só precisa de um voto, e o meu bastará.

— Não digo mentiras a Mitra — disse Agrícola, rispidamente —, e não gosto do rei Lancelot. Ele esteve aqui há dois meses, comprando espelhos.

— Espelhos! — Tive de rir. Lancelot vivia colecionando espelhos, e

no alto e arejado palácio de seu pai, junto ao mar de Ynys Trebes, ele cobrira todas as paredes de um salão com espelhos romanos. Todos devem ter se derretido no incêndio quando os francos invadiram as muralhas do palácio, e agora, aparentemente, Lancelot estava remontando a coleção.

— Tewdric lhe vendeu um belo espelho de eletro. Grande como um escudo e bastante extraordinário. Tão límpido que era como olhar para um poço negro num dia bonito. E ele pagou caro. — Teria de pagar, pensei, porque os espelhos de eletro, um amálgama de prata e ouro, eram muito raros. — Espelhos! — disse Agrícola em tom de desprezo. — Ele deveria estar cumprindo seus deveres em Silúria, e não comprando espelhos. — O velho comandante pegou sua espada e o elmo quando uma trombeta soou na cidade. Tocou duas vezes, um sinal que Agrícola reconheceu. — O *edling* — resmungou ele, e me levou para a luz do sol, onde vi que Meurig estava realmente cavalgando das fortificações romanas de Magnis. — Eu acampo aqui para ficar longe dos padres — disse Agrícola enquanto olhava sua guarda de honra se formar em duas fileiras.

O príncipe Meurig veio seguido por quatro sacerdotes cristãos que corriam para acompanhar o cavalo do *edling*. O príncipe era jovem, de fato, eu o vi pela primeira vez quando era criança, de modos lamuriosos e irritadiços. Baixo, pálido e magro, com uma barba castanha e crespa, era notoriamente uma criatura ligada a detalhes mesquinhos, que adorava as rixas dos tribunais e as discussões da igreja. Sua erudição era famosa; diziam que era especialista em refutar a heresia pelágica que tanto assediou a igreja cristã na Britânia, e sabia de cor os dezoito capítulos da lei tribal britânica, e podia citar as genealogias dos dez reinos britânicos remontando a vinte gerações, bem como a linhagem de seus clãs e tribos; e isso, pelo que informavam seus admiradores, era só o começo do conhecimento de Meurig. Para seus admiradores ele parecia um jovem paradigma do conhecimento e o melhor retórico da Britânia, mas eu achava que o príncipe tinha herdado toda a inteligência do pai e nada de sua sabedoria. Fora Meurig, mais do que qualquer outro homem, quem convencera Gwent a abandonar Artur antes da batalha do vale do Lugg, e só por esse motivo eu não sentia amor por Meurig, mas obedientemente me abaixei sobre um dos joelhos quando o príncipe desmontou.

— Derfel — disse ele em sua voz curiosamente aguda. — Lembro-me de você. — Ele não mandou que eu me levantasse, simplesmente passou por mim entrando na tenda.

Agrícola me chamou para entrar, assim me poupando da companhia dos quatro padres ofegantes que não tinham o que fazer aqui além de ficar perto do príncipe que, vestido de toga e com uma pesada cruz de madeira pendurada ao pescoço numa corrente de prata, parecia irritado

com minha presença. Ele fez cara de desagrado para mim e depois prosseguiu com uma reclamação a Agrícola, mas como os dois falavam em latim eu não tinha ideia do assunto. Meurig estava enfatizando seu argumento com uma folha de pergaminho que acenava diante de Agrícola, que por sua vez suportava a arenga pacientemente.

Finalmente Meurig abandonou a discussão, enrolou o pergaminho e o enfiou dentro da toga. Em seguida se virou para mim.

— Você não espera que alimentemos seus homens, não é? — falou de novo em britânico.

— Nós levamos nossa própria comida, senhor príncipe — falei, depois perguntei pela saúde de seu pai.

— O rei sofre de uma fístula na virilha — explicou Meurig em sua voz que parecia um grasnido. — Usamos cataplasmas e os médicos estão sangrando papai regularmente, mas por infelicidade Deus não quis remediar a situação.

— Mande chamar Merlin, senhor príncipe.

Meurig piscou para mim. Era muito míope, e eram aqueles olhos fracos que davam ao rosto uma permanente impressão de mau humor. Ele soltou um risinho curto.

— Você, claro, se me perdoar a observação — falou zombeteiro —, é famoso como um dos tolos que se arriscaram diante de Diwrnach para trazer uma tigela de volta para Dumnonia. Uma tigela de sopa, não é?

— Um caldeirão, senhor príncipe.

Os lábios finos de Meurig deram um sorriso rápido.

— Não acha, lorde Derfel, que os nossos ferreiros poderiam ter feito uma dúzia de caldeirões para vocês durante o mesmo tempo?

— Saberei onde procurar minhas panelas da próxima vez, senhor príncipe.

Meurig se enrijeceu diante do insulto, mas Agrícola sorriu.

— Você entendeu alguma coisa? — perguntou Agrícola quando Meurig tinha saído.

— Não sei latim, senhor.

— Ele estava reclamando porque um chefe não tinha pagado os impostos. O pobre nos deve trinta salmões defumados e vinte carroças de madeira cortada, e não recebemos salmões dele e apenas cinco carroças de madeira. Mas o que Meurig não quis entender é que o pobre povo de Cyllig foi golpeado pela peste no inverno passado, o rio Wye esvaziou, e Cyllig ainda está me trazendo duas dúzias de lanceiros. — Agrícola cuspiu, enojado. — Dez vezes por dia! Dez vezes por dia o príncipe vem aqui com um problema que qualquer escriba débil mental poderia resolver num instante. Eu só gostaria de que o pai dele pusesse uma funda na virilha e voltasse para o trono.

— Tewdric está muito doente?

Agrícola deu de ombros.

— Ele está cansado, não doente. Quer abrir mão do trono. Diz que vai tonsurar a cabeça e virar padre. — Ele cuspiu no chão da tenda outra vez. — Mas eu cuido do nosso *edling*. Vou me certificar de que as damas dele venham à guerra.

— Damas? — perguntei, curioso com o tom irônico que Agrícola pusera na palavra.

— Ele pode ser cego como um verme, lorde Derfel, mas ainda consegue achar uma garota como um falcão caçando um rato-do-campo. Ele gosta das suas damas, Meurig realmente gosta, e de muitas. E por que não? Os príncipes são assim, não é? — Agrícola tirou o cinto da espada e pendurou num prego enfiado num dos mastros da tenda. — Você marcha amanhã?

— Sim, senhor.

— Jante comigo esta noite — disse ele, depois me levou para fora da tenda e forçou a vista para o céu. — Vai ser um verão seco, lorde Derfel. Um verão para matar saxões.

— Um verão que renderá grandes canções — falei com entusiasmo.

— Frequentemente acho que o problema conosco, os britânicos — disse Agrícola, sombrio —, é que passamos tempo de mais cantando e tempo de menos matando saxões.

— Não este ano, não este ano. — Porque este era o ano de Artur, o ano de matar saxões. O ano da vitória total, rezei.

Assim que saímos de Magnis marchamos pelas estradas romanas retas que uniam o interior da Britânia. Fizemos um bom tempo, chegando a Corinium em apenas dois dias, e todos ficamos felizes por estar de novo em Dumnonia. A estrela de cinco pontas em meu escudo podia ser um símbolo estranho, mas no momento em que as pessoas ouviam meu nome elas se ajoelhavam para uma bênção, porque eu era Derfel Cadarn, que sustentou o vale do Lugg e um dos Guerreiros do Caldeirão, e parecia que minha reputação era grande em minha pátria. Pelo menos entre os pagãos. Nas cidades e nos povoados maiores, onde os cristãos eram mais numerosos, o mais provável era sermos recebidos com sermões. Diziam-nos que iríamos marchar para fazer a vontade de Deus lutando contra os saxões, mas se morrêssemos na batalha nossas almas iriam para o inferno se ainda cultuássemos os Deuses antigos.

Eu temia os saxões mais do que o inferno cristão. Os *sais* eram um inimigo terrível; pobres, desesperados e numerosos. Assim que chegamos a Corinium ouvimos histórias agourentas sobre novos navios atracando quase diariamente no litoral leste da Britânia, e cada navio trazia sua carga de guerreiros ferozes e famílias famintas. Os invasores queriam nossa terra, e para tomá-la podiam juntar centenas de lanças, espadas e machados de lâmina dupla, mas ainda tínhamos confiança. Tolos que éramos, marchávamos quase alegremente para a guerra. Acho que,

depois dos horrores do vale do Lugg, acreditávamos que jamais seríamos derrotados. Éramos jovens, éramos fortes, éramos amados pelos Deuses e tínhamos Artur.

Encontrei Galahad em Corinium. Desde o dia em que nos separamos em Powys ele ajudara Merlin a levar o Caldeirão de volta a Ynys Wydryn, depois tinha passado a primavera em Caer Ambra, de cuja fortaleza reconstruída havia penetrado fundo atacando Lloegyr com as tropas de Sagramor. Disse-me que os saxões estavam prontos para a nossa chegada, que tinham posto fogueiras em cada morro para alertar de nossa aproximação. Galahad viera a Corinium para o grande Conselho de Guerra que Artur convocara, e trouxe Cavan e os meus homens que tinham se recusado a marchar até Lleyn. Cavan se abaixou sobre um joelho e implorou para, com seus homens, renovar o juramento para comigo.

— Não fizemos nenhum outro juramento — garantiu ele — a não ser a Artur, e ele diz que deveríamos servir com o senhor, se o senhor aceitar.

— Achei que você já estava rico e tinha ido para casa na Irlanda. Ele sorriu.

— Ainda tenho o tabuleiro de jogos, senhor.

Dei-lhe as boas-vindas ao meu serviço. Cavan beijou a lâmina de Hywelbane e perguntou se ele e seus homens podiam pintar a estrela branca em seus escudos.

— Podem pintar — falei —, mas só com quatro pontas.

— Quatro, senhor? — Cavan olhou para o meu escudo. — O seu tem cinco.

— A quinta ponta é para os Guerreiros do Caldeirão. — Ele pareceu infeliz, mas concordou. Tampouco Artur teria aprovado, porque teria entendido que a quinta ponta era uma divisa implicando que um grupo de homens era superior ao outro, mas os guerreiros gostam dessas distinções, e os homens que tinham se arriscado na Estrada Escura mereciam.

Fui cumprimentar os homens que acompanhavam Cavan e os encontrei acampados ao lado do rio Churn, que corria para leste de Corinium. Pelo menos cem homens estavam ao lado do pequeno rio, porque não havia espaço suficiente na cidade para todos os guerreiros que se juntavam perto das muralhas romanas. O exército em si estava reunido perto de Caer Ambra, mas cada líder que tinha vindo para o Conselho de Guerra trouxera alguns acompanhantes, e só esses homens já bastavam para causar a aparência de um pequeno exército nas campinas junto ao Churn. Seus escudos empilhados mostravam o sucesso da estratégia de Artur, já que num olhar pude ver o touro negro de Gwent, o dragão vermelho de Dumnonia, a raposa de Silúria, o urso de Artur e os escudos de homens, como eu, que tinham a honra de

portar suas próprias insígnias: estrelas, corvos, águias, javalis, o temível crânio de Sagramor e a solitária cruz cristã de Galahad.

Culhwch, primo de Artur, estava acampado com seus lanceiros, mas agora veio correndo me cumprimentar. Era bom revê-lo. Eu tinha lutado ao seu lado em Benoic, e tinha passado a amá-lo como um irmão. Ele era vulgar, engraçado, alegre, intolerante, ignorante e rude, e não havia homem melhor para se ter ao lado numa luta.

— Ouvi dizer que você pôs um pão no forno da princesa — disse ele quando me abraçou. — Você é um cachorro sortudo. Pediu a Merlin para fazer um feitiço?

— Mil.

Ele gargalhou.

— Não posso reclamar. Tenho três mulheres agora, todas tentando arrancar os olhos umas das outras, e todas grávidas. — Ele riu, depois coçou a virilha. — Carrapatos — falou. — Não consigo me livrar deles. Mas pelo menos infestaram aquele bastardozinho do Mordred.

— O nosso senhor rei? — provoqueei-o.

— O sacaninha — disse ele, vingativo. — Vou lhe dizer, Derfel, bati nele até tirar sangue, e o sujeito não aprende. Um vermezinho cheio de falsidade. — Ele cuspiu. — Então amanhã você vai falar contra Lancelot?

— Como sabe? — Eu tinha contado apenas a Agrícola sobre essa decisão firme, mas de algum modo a notícia havia me precedido em Corinium, ou então minha antipatia pelo rei siluriano era conhecida demais para que os homens acreditassem que eu faria qualquer outra coisa.

— Todo mundo sabe, e todo mundo apoia você. — Ele olhou para além de mim e cuspiu de repente. — Corvos — resmungou.

Virei-me e vi uma procissão de padres cristãos andando ao longo da outra margem do Churn. Havia uma dúzia deles, todos de manto preto, todos barbudos, e todos cantando uma das lamúrias de sua religião. Uns vinte lanceiros seguiam os padres, e vi com surpresa que seus escudos tinham a raposa de Silúria ou a águia-do-mar de Lancelot.

— Eu achava que os ritos seriam daqui a dois dias — falei a Galahad, que tinha ficado comigo.

— E serão — disse ele. Os ritos eram o preâmbulo para a guerra, e pediriam as bênçãos dos Deuses para nossos homens, e essas bênçãos seriam pedidas tanto ao Deus cristão quanto às divindades pagãs. — Isso parece mais um batismo — acrescentou Galahad.

— O que, em nome de Bel, é um batismo? — perguntou Culhwch. Galahad suspirou.

— É um sinal externo, meu caro Culhwch, de que os pecados de um homem foram lavados pela graça de Deus.

Essa explicação fez Culhwch se dobrar de rir, provocando uma

carranca num dos padres que tinha enfiado a bainha do manto no cinto e agora ia entrando no rio raso. Ele estava usando uma vara para encontrar um local suficientemente fundo para o rito batismal, e seus movimentos sem jeito atraíram uma multidão de lanceiros entediados para a margem coberta de juncos, do lado oposto aos cristãos.

Durante um tempo não aconteceu muita coisa. Os lanceiros silurianos formaram uma guarda embaraçada enquanto os padres tonsurados uivavam sua cantiga e o que estava no rio cutucava a água com seu cajado comprido em cujo topo havia uma cruz de prata.

— Você nunca vai pegar uma truta com isso — gritou Culhwch. — Tente uma lança de pesca! — Os lanceiros que olhavam caíram na gargalhada, e os padres fizeram caras de desprezo enquanto cantavam pavorosamente. Algumas mulheres da cidade vieram ao rio e se juntaram à cantoria. — É uma religião de mulheres — cuspiu Culhwch.

— É a minha religião, caro Culhwch — murmurou Galahad. Ele e Culhwch tinham discutido assim durante toda a demorada guerra em Benoic, e a discussão, como a amizade entre eles, não tinha fim.

O padre encontrou um lugar suficientemente fundo, na verdade era tão fundo que a água chegava até sua cintura, e ali ele tentou fixar o cajado no leito do rio, mas a força da água ficava inclinando a cruz, e cada fracasso provocava um coro de vaias dos lanceiros. Alguns espectadores eram cristãos, mas não fizeram tentativa de acabar com a zombaria.

Finalmente o padre conseguiu plantar a cruz, ainda que precariamente, e saiu de novo do rio. Os lanceiros assobiaram e uivaram ao ver suas pernas brancas e magricelas, e ele baixou rapidamente a bainha encharcada do manto para escondê-las.

Então surgiu uma segunda procissão, e a visão dela bastou para causar um silêncio na nossa margem do rio. O silêncio era de respeito, porque uma dúzia de lanceiros estava acompanhando um carro de bois enfeitado de tecidos brancos, onde estavam duas mulheres e um padre. Uma das mulheres era Guinevere, e a outra era a rainha Elaine, mãe de Lancelot, porém o mais espantoso de tudo era a identidade do padre. Era o bispo Sansum. Estava com toda a sua indumentária de bispo, uma montanha de mantos espalhafatosos e xales bordados, e com uma pesada cruz vermelha e dourada pendendo do pescoço. A tonsura raspada na frente da cabeça estava rosa, queimada de sol, e acima dela o cabelo preto se erguia eriçado como orelhas de camundongo. *Lightigern*, era como Nimue sempre o chamava, o lorde camundongo.

— Eu achava que Guinevere não podia suportá-lo — falei, porque Guinevere e Sansum sempre tinham sido os piores inimigos, entretanto ali estava o lorde camundongo, indo para o rio na carroça de Guinevere. — E ele não está em desgraça? — perguntei.

— Algumas vezes a merda flutua — rosnou Culhwch.

— E Guinevere nem é cristã — protestei.

— E olhe a outra merda que está com ela — disse Culhwch, e apontou para um grupo de seis cavaleiros que seguiam a carroça lenta. Lancelot os liderava. Estava montado num cavalo preto e usava apenas um calção e uma camisa branca. Os filhos gêmeos de Artur, Amhar e Loholt, o flanqueavam, vestidos com todo o equipamento de guerra, elmos emplumados, cotas de malha e botas de cano longo. Atrás deles iam mais três cavaleiros, um de armadura e os outros dois com mantos brancos e compridos de druidas.

— Druidas? — perguntei. — Num batismo?

Galahad deu de ombros, tão incapaz de arranjar uma explicação quanto eu. Ambos os druidas eram jovens musculosos com rostos morenos e bonitos, barbas pretas e cerradas e cabelos compridos e pretos, cuidadosamente penteados para trás, que cresciam a partir das tonsuras estreitas. Levavam cajados pretos com visgo no topo e, de modo incomum para druidas, tinham espadas embainhadas na cintura. O guerreiro que cavalgava com eles, notei, não era um homem, e sim uma mulher; uma mulher alta, de costas retas, ruiva, cujas tranças extravagantemente longas cascadeavam saindo do elmo prateado até tocar a espinha de seu cavalo.

— Ela se chama Ade — disse Culhwch.

— Quem é?

— Quem você acha? A cozinheira dele? Ela mantém sua cama quente. — Culhwch riu. — Ela faz você se lembrar de alguém?

Ela me lembrava Ladwys, a amante de Gundleus. Seria o destino dos reis de Silúria, imaginei, sempre ter uma amante que andava a cavalo e usava espada como homem? Ade tinha uma espada comprida na cintura, uma lança na mão e no braço o escudo com a águia-do-mar.

— A amante de Gundleus — falei a Culhwch.

— Com aquele cabelo ruivo? — perguntou Culhwch, descartando.

— Guinevere — falei, e havia uma nítida semelhança entre Ade e a ativa Guinevere que estava sentada na carroça junto da rainha Elaine. Elaine estava pálida, mas afora isso eu não via qualquer evidência da doença que, segundo boatos, vinha matando-a. Guinevere estava bonita como sempre, e não traía qualquer sinal do sofrimento do parto. Não trouxera o filho, mas eu não esperaria isso. Gwydre sem dúvida estava em Lindinis, seguro nos braços de uma ama de leite e bastante longe para que seus gritos não perturbassem o sono de Guinevere.

Os gêmeos de Artur desmontaram atrás de Lancelot. Ainda eram muito jovens, apenas tinham idade suficiente para levar uma lança à guerra. Eu os havia encontrado muitas vezes e não gostava deles, porque nada possuíam do senso pragmático de Artur. Tinham sido mimados desde a infância, e o resultado era um par de jovens tempestuosos, egoístas e cobiçosos que se ressentiam do pai, desprezavam a mãe,

Ailleán, e se vingavam do fato de serem bastardos nas pessoas que ousavam não lutar contra a progenitura de Artur. Eram desprezíveis. Os dois druidas desmontaram e ficaram ao lado do carro de bois.

Foi Culhwch quem entendeu primeiro o que Lancelot estava fazendo.

— Se ele for batizado — resmungou para mim —, não vai poder entrar para Mitra, vai?

— Bedwin entrou — observei —, e Bedwin era bispo.

— O querido Bedwin jogava dos dois lados do tabuleiro — explicou Culhwch. — Quando ele morreu encontramos uma imagem de Bel em sua casa, e sua mulher disse que ele estivera fazendo sacrifícios àquele Deus. Não, veja se não estou errado: é assim que Lancelot evita ser rejeitado por Mitra.

— Talvez ele tenha sido tocado por Deus — protestou Galahad.

— Então o seu Deus deve estar com as mãos imundas. Desculpe, já que ele é seu irmão.

— Meio-irmão — disse Galahad, não querendo ser muito associado a Lancelot.

A carroça parou bem perto da margem do rio. Agora Sansum desceu dela e, sem se incomodar em levantar os mantos esplêndidos, passou pelos juncos e entrou no rio. Lancelot desmontou e esperou na margem enquanto o bispo estendia a mão e pegava a cruz. Sansum é um homem pequeno, e a água chegava até a cruz pesada em seu peito. Ele nos encarou, sua congregação involuntária, e levantou a voz forte:

— Esta semana — gritou — vocês levarão suas lanças para o inimigo, e Deus vai abençoá-los. Deus vai ajudá-los! E hoje, aqui neste rio, vocês verão um sinal da força de nosso Deus. — Os cristãos na campina se persignaram enquanto alguns pagãos, como Culhwch e eu, cuspiamos para evitar o mal.

— Vocês veem aqui o rei Lancelot! — berrou Sansum, apontando a mão para Lancelot, como se nenhum de nós o reconhecesse. — Ele é o herói de Benoic, rei de Silúria e Senhor das Águas!

— Senhor de quê? — perguntou Culhwch.

— E esta semana — prosseguiu Sansum —, esta semana mesmo, ele seria recebido na imunda companhia de Mitra, aquele falso Deus do sangue e da ira.

— Ele não seria recebido — rosnou Culhwch em meio aos outros murmúrios de protesto vindos dos homens que também eram mitraístas.

— Mas ontem — a voz de Sansum dominou os protestos — este nobre rei recebeu uma visão. Uma visão! Não um pesadelo provocado pela barriga, gerado por um feiticeiro bêbado, mas um sonho puro e lindo, mandado em asas douradas do céu. Uma visão santa!

— Ade levantou as saias — murmurou Culhwch.

— A santa e abençoada mãe de Deus veio ao rei Lancelot — gritou

Sansum. — Era a própria Virgem Maria, a senhora das tristezas, de cujo ventre imaculado e perfeito nasceu o menino Cristo, o Salvador de toda a humanidade. E ontem, num jorro de luz, numa nuvem de estrelas douradas, ela veio ao rei Lancelot e encostou sua mão adorável em Tanlladwyr!

Sansum fez um gesto para trás de novo, e Ade solenemente desembainhou a espada de Lancelot, que se chamava Tanlladwyr, que significa “Matadora Brilhante”, e a ergueu bem alto. O sol lançou seu reflexo no aço, ofuscando-me por um instante.

— Com esta espada — gritou Sansum — nossa abençoada Senhora prometeu ao rei que ele traria a vitória à Britânia. Esta espada, disse nossa Senhora, foi tocada pela mão ferida do Filho e abençoada pelo carinho de Sua mãe. Deste dia em diante, decretou nossa Senhora, esta espada será conhecida como a Lâmina de Cristo, porque ela é sagrada.

Lancelot, para lhe dar crédito, parecia estranhamente embaraçado diante do sermão; na verdade toda a cerimônia devia tê-lo embaraçado porque ele era um homem de vasto orgulho e dignidade frágil, mas mesmo assim deve ter lhe parecido melhor ser mergulhado num rio do que humilhado publicamente perdendo uma eleição para Mitra. A certeza dessa rejeição deve tê-lo levado a esse repúdio público de todos os deuses pagãos. Guinevere, eu vi, olhava descaradamente para longe do rio, mirando os estandartes de guerra que tinham sido pendurados nas fortificações de terra e madeira de Corinium. Ela era pagã, cultuava Ísis; de fato, seu ódio pelos cristãos era famoso, mas esse ódio claramente fora suplantado pela necessidade de apoiar essa cerimônia pública que poupava Lancelot da humilhação de Mitra. Os dois druidas falavam em voz baixa com ela, algumas vezes fazendo-a rir.

Sansum se virou e encarou Lancelot.

— Senhor rei — chamou ele, suficientemente alto para que nós, do outro lado do rio, ouvíssemos —, venha agora! Venha para as águas da vida, venha agora como uma criança receber o seu batismo e entrar na abençoada igreja do único Deus verdadeiro.

Guinevere se virou lentamente para olhar Lancelot entrando no rio. Galahad fez o sinal da cruz. Os padres cristãos na outra margem estavam com os braços abertos, em atitude de oração, enquanto as mulheres da cidade tinham caído de joelhos olhando em êxtase para o rei belo e alto, que chegava ao lado de Sansum. O sol brilhava na água e fazia o ouro saltar da cruz de Sansum. Lancelot manteve os olhos baixos, como se não quisesse ver quem o testemunhava nesse rito humilhante.

Sansum levantou a mão e pôs sobre a cabeça de Lancelot. Em seguida, gritou para que todos pudessemos ouvir:

— Você aceita a única fé verdadeira, a única fé, a fé do Cristo que morreu por nossos pecados?

Lancelot deve ter dito “Sim”, mas nenhum de nós pôde ouvir a resposta. Sansum berrou ainda mais alto:

— E renuncia a todos os outros Deuses e a todas as outras crenças e a todos os outros espíritos e demônios imundos, ídolos e filhos do diabo cujos atos pérfidos enganam este mundo?

Lancelot assentiu e murmurou, confirmando. Sansum prosseguiu, com prazer enorme:

— E você denuncia e rejeita as práticas de Mitra, e declara que elas são o excremento de Satã e o horror de nosso Jesus Cristo?

— Sim. — Essa resposta de Lancelot chegou clara a todos nós.

— Então, em nome do Pai — gritou Sansum — e do Filho e do Espírito Santo, eu o declaro cristão. — E com isso ele deu um grande empurrão no cabelo oleado de Lancelot, forçando o rei para dentro da água fria do Churn. Sansum manteve Lancelot ali durante tanto tempo que pensei que o desgraçado fosse se afogar, mas finalmente o bispo deixou que ele se levantasse. — E — terminou Sansum enquanto Lancelot engasgava e cuspiam água — agora o proclamo abençoado, declaro-o cristão e o alisto no exército sagrado dos guerreiros de Cristo. — Guinevere, sem saber como reagir, bateu palmas educadamente. As mulheres e os padres irromperam num canto que, em termos de música cristã, era surpreendentemente alegre.

— O que, em nome de uma santa meretriz — perguntou Culhwch a Galahad —, é um espírito santo?

Mas Galahad não esperou para responder. Num jorro de felicidade causado pelo batismo de Lancelot, ele havia mergulhado no rio e agora o atravessava, emergindo da água ao mesmo tempo que o ruborizado meio-irmão. Lancelot não esperava vê-lo, e por um segundo se enrijeceu, sem dúvida pensando na amizade de Galahad por mim, mas de súbito lembrou-se do dever do amor cristão que tinha acabado de lhe ser imposto, por isso se submeteu ao abraço entusiasmado de Galahad.

— Devemos beijar aquele desgraçado também? — perguntou Culhwch com um riso.

— Deixe para lá — falei. Lancelot não me vira, e eu não sentia necessidade de ser visto, mas nesse momento Sansum, que tinha emergido do rio e estava tentando torcer a água dos mantos pesados, me identificou. O lorde camundongo jamais conseguiu resistir a provocar um inimigo, e não resistiu agora.

— Lorde Derfel! — gritou o bispo.

Eu o ignorei. Guinevere, ao ouvir meu nome, ergueu os olhos incisivamente. Estivera falando com Lancelot e seu meio-irmão, mas agora deu uma ordem ríspida ao condutor que bateu nos flancos dos bois com sua vara e o carro começou a se mexer. Lancelot subiu rapidamente no veículo em movimento, abandonando seus seguidores ao lado do rio. Ade foi atrás, puxando o cavalo dele pelo cabresto.

— Lorde Derfel — gritou Sansum outra vez.

Virei-me relutante para ele.

— Bispo?

— Será que eu poderia convencê-lo a acompanhar o rei Lancelot no rio da salvação?

— Tomei banho na última lua cheia, bispo — gritei de volta, provocando algumas gargalhadas nos guerreiros na nossa margem.

Sansum fez o sinal da cruz.

— Você seria lavado no sangue sagrado do Cordeiro de Deus, para limpar a mancha de Mitra! Você é uma coisa maligna, Derfel, um pecador, um idólatra, um diabrete do demônio, uma cria dos saxões, um senhor de prostituta!

Esse último insulto provocou minha fúria. Os outros eram simples palavras, mas Sansum, apesar de inteligente, nunca foi um homem prudente em confrontos públicos, e não pôde resistir a esse insulto final contra Ceinwyn, e sua provocação me fez disparar à frente, sob os aplausos dos guerreiros na margem leste do Churn, aplausos que cresceram quando Sansum se virou em pânico e fugiu. Ele tinha uma boa dianteira e era um homem magro e ágil, mas as camadas encharcadas de seus mantos pesados se emaranharam nos pés, e o alcancei a alguns passos da margem oposta do Churn. Usei minha lança para fazê-lo tropeçar e ele se esparramou entre as margaridas e as prímulas.

Em seguida, desembainhei Hywelbane e encostei em sua garganta.

— Não ouvi o último nome do qual me chamou.

Ele não falou nada, só olhou para os quatro companheiros de Lancelot que agora chegavam perto. Amhar e Loholt tinham desembainhado as espadas, mas os dois druidas deixaram as suas onde estavam, e só me olhavam com expressões ilegíveis. Agora Culhwch tinha atravessado o rio e estava ao meu lado, bem como Galahad, enquanto os preocupados lanceiros de Lancelot nos observavam a distância.

— Que palavra o senhor usou, bispo? — perguntei, cutucando sua garganta com Hywelbane.

— A prostituta da Babilônia — engrolou ele desesperadamente. — Todos os pagãos a cultuam. A mulher escarlata, lorde Derfel, a fera! O Anticristo.

Sorri.

— E pensei que você estivesse insultando a princesa Ceinwyn.

— Não, senhor, não! — Ele cruzou as mãos. — Nunca!

— Jura?

— Juro, senhor! Pelo Espírito Santo, eu juro.

— Não sei quem é o Espírito Santo, bispo — falei, dando uma pequena pancada em seu pomo de adão com a ponta de Hywelbane. —

Jure em minha espada. Beije-a, e acreditarei.

Então ele me odiou absolutamente. Até então não gostava de mim, mas agora me odiou. Mesmo assim, pôs os lábios na lâmina de Hywelbane e beijou o aço.

— Não pretendi insultar a princesa — disse ele. — Eu juro.

Deixei Hywelbane encostada em seus lábios um instante, depois a afastei e deixei que ele se levantasse.

— Pensei, bispo, que o senhor tinha um Espinheiro Sagrado para guardar em Ynys Wydryn.

Ele espanou o capim de seus mantos molhados.

— Deus me chama para coisas mais elevadas.

— Fale-me delas.

Ele me fixou com ódio nos olhos, mas o medo suplantou o ódio.

— Deus me chamou para o lado do rei Lancelot, lorde Derfel, e a graça d'Ele serviu para suavizar o coração da princesa Guinevere. Tenho esperanças de que ela possa ver Sua luz eterna.

Ri disso.

— Ela tem a luz de Ísis, bispo, e o senhor sabe. E ela o odeia, sua coisa imunda. Então, o que você lhe trouxe para que ela mudasse de ideia?

— Trouxe, senhor? — perguntou ele dissimuladamente. — O que tenho para trazer a uma princesa? Não tenho nada, sou um pobre a serviço de Deus, sou apenas um humilde sacerdote.

— Você é um verme, Sansum — falei, guardando Hywelbane. — Você é a sujeira debaixo das minhas botas. — Cuspi para evitar o mal. Adivinhei, pelas suas palavras, que tinha sido ideia dele propor o batismo a Lancelot, e essa ideia servira muito bem para poupar ao rei de Silúria um embaraço com Mitra, mas não acreditava que a sugestão bastasse para reconciliar Guinevere com Sansum e sua religião. Ele devia ter lhe dado alguma coisa, ou prometido alguma coisa, mas eu sabia que ele nunca me confessaria. Cuspi de novo, e Sansum, tomando essa cuspidinha como sua dispensa, foi rapidamente em direção à cidade.

— Uma bela demonstração — disse causticamente um dos druidas.

— E o lorde Derfel Cadarn não tem reputação de beleza — disse o outro. Ele assentiu quando o olhei carrancudo. — Dinas — falou, apresentando-se.

— E eu sou Lavaine — disse o companheiro. Os dois eram rapazes altos, ambos com corpo de guerreiro e ambos com rosto duro e cheio de confiança. Os mantos eram de um branco ofuscante, e os cabelos compridos e pretos estavam cuidadosamente penteados, traindo uma meticulosidade que, de algum modo, ficava arrepiante diante da calma deles. Era a mesma calma que homens como Sagamor possuíam. Artur não possuía. Era inquieto demais, mas Sagamor, como alguns outros grandes guerreiros, tinha uma calma arrepiante na batalha. Nunca temi

os homens ruidosos numa luta, mas tomo cuidado quando um inimigo é calmo, porque esses são os homens mais perigosos, e aqueles dois druidas tinham a mesma confiança calma. Também eram muito parecidos, e supus que fossem irmãos.

— Nós somos gêmeos — disse Dinas, talvez lendo meus pensamentos.

— Como Amhar e Loholt — acrescentou Lavaine, fazendo um gesto para os filhos de Artur, que ainda estavam com as espadas desembainhadas. — Mas você pode identificar cada um de nós. Tenho uma cicatriz aqui — disse Lavaine, tocando a bochecha direita, onde uma cicatriz branca atravessava a barba crespa.

— Que recebeu no vale do Lugg — disse Dinas. Como seu irmão, ele tinha uma voz extraordinariamente profunda, uma voz áspera que não combinava com sua juventude.

— Vi Tanaburs no vale do Lugg — falei — e me lembro de Iorweth, mas não me lembro de outros druidas no exército de Gorfyddyd.

Dinas sorriu.

— No vale do Lugg nós lutamos como guerreiros.

— E matamos nossa cota de dumnonianos — acrescentou Lavaine.

— E só raspamos as tonsuras depois da batalha — explicou Dinas. Ele possuía um olhar que não piscava, inquietante. — E agora servimos ao rei Lancelot — acrescentou em voz baixa.

— Os juramentos dele são nossos juramentos — disse Lavaine. Havia uma ameaça em suas palavras, mas era uma ameaça distante, não desafiadora.

— Como é que druidas podem servir a um cristão?

— Trazendo uma magia mais antiga para trabalhar ao lado da magia deles, claro — respondeu Lavaine.

— E nós fazemos magia, lorde Derfel — acrescentou Dinas. Estendeu a mão vazia, fechou-a, virou-a, abriu os dedos e ali, em sua palma, estava um ovo de tordo. Ele jogou o ovo fora, descuidadamente. — Nós servimos ao rei Lancelot por opção, e os amigos dele são nossos amigos.

— E seus inimigos são nossos inimigos — concluiu Lavaine.

— E você — Loholt, o filho de Artur, não pôde resistir a se juntar na provocação — é inimigo de nosso rei.

Olhei para os gêmeos mais novos: jovens imaturos, desajeitados, que sofriam de um excesso de orgulho e pouca sabedoria. Os dois tinham o rosto comprido e ossudo do pai, mas neles isso era sobreposto por petulância e ressentimento.

— Como é que sou inimigo de seu rei, Loholt? — perguntei.

Ele não soube o que dizer, e nenhum dos outros respondeu por ele. Dinas e Lavaine eram sábios demais para começar uma briga aqui, nem mesmo com todos os lanceiros de Lancelot tão perto, porque Culhwch e

Galahad estavam comigo, e muitos outros que me apoiavam se encontravam na outra margem do lento Churn. Loholt ficou vermelho, mas não disse nada.

Usei Hywelbane para empurrar sua espada para o lado, depois cheguei perto dele.

— Deixe-me dar um conselho, Loholt — falei em voz baixa. — Escolha seus inimigos com mais sabedoria do que escolhe os amigos. Não tenho nada contra você, nem quero ter, mas se quiser, prometo que meu amor por seu pai e minha amizade por sua mãe não me impedirão de enfiar Hywelbane em suas entranhas e enterrar sua alma num monte de esterco. — E embainhei minha espada. — Agora vá.

Ele piscou para mim, mas não tinha coragem para brigar. Foi pegar seu cavalo, e Amhar foi junto. Dinas e Lavaine riram, e Dinas até fez uma reverência para mim.

— Uma vitória! — aplaudiu ele.

— Nós fomos suplantados — disse Lavaine — mas o que mais seria de esperar de um Cavaleiro do Caldeirão? — Ele pronunciou o título com zombaria.

— E matador de druidas? — acrescentou Dinas, nem um pouco zombeteiro.

— Nosso avô, Tanaburs — disse Lavaine, e me lembrei de que Galahad tinha me alertado na Estrada Escura com relação à inimizade daqueles dois druidas.

— É reconhecidamente insensato matar um druida — disse Lavaine em sua voz áspera.

— Especialmente nosso avô, que era como um pai para nós.

— Já que nosso pai morreu.

— Quando éramos jovens.

— De uma doença maligna.

— Ele também era druida — explicou Dinas — e nos ensinou feitiços. Nós podemos secar plantações.

— Podemos fazer mulheres gemer — disse Lavaine.

— Podemos azedar o leite.

— Enquanto ainda está no seio — acrescentou Lavaine, depois se virou abruptamente e, com uma agilidade impressionante, saltou em sua sela.

Seu irmão pulou no outro cavalo e pegou as rédeas.

— Mas podemos fazer mais do que estragar leite — disse Dinas, olhando malévolo para mim de cima de seu cavalo, e então, como tinha feito antes, estendeu a mão vazia, fechou-a, virou-a e abriu de novo, e ali, em sua palma, estava um pergaminho de cinco pontas. Ele sorriu, depois rasgou o pergaminho em pedaços pequenos que deixou cair na grama. — Podemos fazer as estrelas desaparecerem — disse em despedida, depois esporeou o animal.

Os dois partiram a galope. Cuspi. Culhwch pegou minha lança caída e a entregou na minha mão.

— Quem, afinal, são eles? — perguntou.

— Netos de Tanaburs. — Cuspi uma segunda vez para evitar o mal. — As crias de um mau druida.

— E eles podem fazer as estrelas desaparecerem? — Culhwch parecia em dúvida.

— Uma estrela. — Eu olhei para os dois cavaleiros que se afastavam. Ceinwyn, eu sabia, estava em segurança na residência do irmão, mas também sabia que teria de matar os gêmeos silurianos para ela continuar em segurança. A maldição de Tanaburs estava comigo, e a maldição se chamava Dinas e Lavaine. Cuspi pela terceira vez, depois toquei o punho de Hywelbane para dar sorte.

— Você deveria ter matado seu irmão em Benoic — rosnou Culhwch para Galahad.

— Que Deus me perdoe — disse ele —, mas você está certo.

Dois dias depois Cuneglas chegou, e naquela noite houve um Conselho de Guerra, e depois do conselho, sob a lua minguante e à luz de tochas, pusemos nossas lanças ao serviço da guerra contra os saxões. Nós, guerreiros de Mitra, mergulhamos as lâminas em sangue de boi, mas não fizemos nenhuma reunião para eleger novos iniciados. Não havia necessidade; Lancelot, com seu batismo, tinha escapado à humilhação de ser rejeitado, ainda que para mim fosse um mistério inexplicável como um cristão poderia ter druidas a seu serviço.

Merlin veio naquele dia, e foi ele quem presidiu os ritos pagãos. Iorweth de Powys ajudou, mas não havia qualquer sinal de Dinas ou Lavaine. Cantamos a Canção da Batalha de Beli Mawr, lavamos as lanças em sangue, prometemos nos dedicar à morte de cada saxão, e no dia seguinte marchamos.

HAVIA DOIS IMPORTANTES líderes saxões em Lloegyr. Como nós, os saxões tinham chefes e reis subalternos, na verdade eles tinham tribos, e algumas das tribos nem mesmo se chamavam de saxãs, e afirmavam ser de anglos ou jutos, mas chamávamos todos eles de saxões, e sabíamos que só possuíam dois reis importantes e que esses líderes se chamavam Aelle e Cerdic. Os dois se odiavam.

Aelle, claro, era o famoso. Ele se designava como *Bretwalda*, que na língua saxã significa “governante da Britânia”, e suas terras se estendiam do sul do Tâmis a até a fronteira da distante Elmet. Seu rival era Cerdic, cujo território ficava no litoral sul da Britânia e cujas únicas fronteiras eram com as terras de Aelle e com Dumnonia. Dos dois reis Aelle era o mais velho, mais rico em terras e mais forte em guerreiros, o que o tornava nosso principal inimigo; achávamos que, se derrotássemos Aelle, Cerdic inevitavelmente cairia em seguida.

O príncipe Meurig de Gwent, vestido com sua toga e com uma ridícula grinalda de bronze empoleirada no topo do cabelo castanho-claro e fino, tinha proposto uma estratégia diferente no Conselho de Guerra. Com a timidez e a humildade fingidas, sugeriu que fizéssemos uma aliança com Cerdic.

— Deixemos que ele lute por nós! — disse Meurig. — Deixemos que ataque Aelle do sul, enquanto atacamos do oeste. Sei que não sou estrategista — Meurig parou para dar um riso afetado, convidando algum de nós a contradizê-lo, mas todos seguramos a língua —, entretanto parece claro, com certeza até mesmo para as menores inteligências, que lutar contra um inimigo é melhor do que contra dois.

— Mas temos dois inimigos — disse Artur simplesmente.

— De fato, eu mesmo fiz questão de enfatizar esse ponto, lorde Artur. Mas o que proponho, se o senhor entende, é que tornemos um desses inimigos nosso amigo. — Ele cruzou as mãos e piscou para Artur. — Um aliado — acrescentou Meurig, para o caso de Artur ainda não ter entendido.

— Cerdic não tem honra — rosnou Sagramor em seu britânico atroz. — Ele romperá um juramento com tanta facilidade quanto uma pega rompe um ovo de pardal. Eu não farei paz com ele.

— Vocês não entendem — protestou Meurig.

— Não farei paz com ele — interrompeu Sagramor, dizendo as palavras muito devagar, como se falasse com uma criança. Meurig enrubesceu e ficou quieto. O *edling* de Gwent praticamente morria de medo daquele alto guerreiro núbida, o que não era de espantar, porque a reputação de Sagramor era tão temível quanto sua aparência. O

Senhor das Pedras era um homem alto, muito magro, e rápido como um chicote. Seu cabelo e o rosto eram pretos como piche, e aquele rosto comprido, cheio de cicatrizes de toda uma vida de guerras, tinha uma carranca perpétua que escondia um caráter divertido e até mesmo generoso. Sagramor, apesar do domínio imperfeito de nossa língua, era capaz de manter um acampamento fascinado durante horas com suas histórias de terras distantes, mas a maioria dos homens só o conhecia como o mais feroz guerreiro de Artur; o implacável Sagramor terrível na batalha e sombrio fora dela, ao passo que os saxões acreditavam que ele era um demônio negro mandado de seu inferno. Eu o conhecia muito bem, e gostava dele, na verdade foi Sagramor quem me iniciou no serviço de Mitra, e foi Sagramor quem tinha lutado ao meu lado durante todo aquele dia longo no vale do Lugg.

— Agora ele está com uma garota saxã grandalhona — sussurrou Culhwch para mim durante o conselho. — Alta como uma árvore e com cabelos que parecem um monte de feno. Não é de espantar que ele esteja tão magro.

— As suas três mulheres mantêm você em excelente estado — falei, cutucando-o nas costelas substanciais.

— Eu as escolho pelo modo como cozinham, Derfel, e não pela aparência.

— Tem algo a contribuir para a reunião, lorde Culhwch? — perguntou Artur.

— Nada, primo! — respondeu Culhwch, animado.

— Então vamos continuar. — Artur perguntou a Sagramor que chance havia de os homens de Cerdic lutarem a favor de Aelle, e o núnida, que tinha guardado a fronteira com os saxões durante todo o inverno, deu de ombros e disse que qualquer coisa era possível com Cerdic. Disse ter ouvido que os dois saxões haviam se encontrado e trocado presentes, mas ninguém havia relatado uma aliança de fato. A opinião de Sagramor era que Cerdic ficaria contente em deixar Aelle se enfraquecer, e que enquanto o exército dumnoniano estivesse fazendo isso ele atacaria ao longo da costa, num esforço para capturar Durnovária.

— Se estivéssemos em paz com ele... — tentou Meurig de novo.

— Não estamos — disse o rei Cuneglas, incisivo. Meurig, inferior em posição ao único rei no Conselho, calou-se de novo.

— Há uma última coisa — alertou Sagramor. — Os saxões têm cães, agora. Cães enormes. — Ele abriu as mãos para mostrar o tamanho gigantesco dos cães de guerra saxões. Todos tínhamos ouvido falar daquelas feras, e as temíamos. Diziam que os saxões soltavam os cachorros segundos antes que as paredes de escudos se chocassem, e que os animais eram capazes de rasgar buracos enormes na parede, por onde jorravam os lanceiros.

— Eu cuido dos cães — disse Merlin. Foi a única participação dele no conselho, mas a declaração calma e confiante aliviou alguns homens preocupados. A presença inesperada de Merlin junto ao exército já era colaboração suficiente, porque a posse do Caldeirão o tornava, até para muitos cristãos, uma figura mais poderosa do que nunca. Não que muitos entendessem o objetivo do Caldeirão, mas estavam satisfeitos porque o druida havia declarado sua disposição de acompanhar o exército. Com Artur à nossa frente e Merlin ao lado, como poderíamos perder?

Artur fez seus arranjos. Disse que o rei Lancelot, com os lanceiros de Silúria e o destacamento de homens de Dumnonia, guardaria a fronteira sul contra Cerdic. O resto de nós iria se juntar em Caer Ambra e marchar para o leste ao longo do vale do Tâmis. Lancelot fingiu estar relutante em ser separado assim do exército principal que lutaria contra Aelle, mas Culhwch, ouvindo as ordens, balançou a cabeça, pasmo.

— Ele está fugindo da batalha de novo, Derfel! — sussurrou para mim.

— Não se Cerdic atacá-lo.

Culhwch olhou para Lancelot, que estava flanqueado pelos gêmeos Dinas e Lavaine.

— E vai estar perto de sua protetora, não é? Ele não deve se afastar muito de Guinevere, caso contrário vai ter de ficar de pé sozinho.

Eu não me importava. Sentia alívio porque Lancelot e seus homens não participariam do exército principal; já bastava enfrentar os saxões sem me preocupar com os netos de Tanaburs ou uma faca siluriana nas costas.

E assim marchamos. Era um exército desordenado, feito de contingentes de três reinos britânicos enquanto alguns de nossos aliados mais distantes ainda não tinham chegado. Havia homens prometidos de Elmet e até mesmo de Kernow, mas eles iriam nos seguir ao longo da estrada romana que ia para o sudeste, partindo de Corinium e depois para leste em direção a Londres.

Londres. Os romanos a chamavam de Londinium, e antes disso tinha sido simplesmente Londo, que, segundo Merlin me contou uma vez, significava “lugar selvagem”, e agora era o nosso objetivo, a cidade que já fora grandiosa, a maior de toda a Britânia romana, e que agora estava decadente em meio às terras roubadas por Aelle. Uma vez Sagramor liderou um famoso ataque contra a cidade antiga, e descobriu os habitantes britânicos acovardados diante dos novos senhores. Mas agora esperávamos tomá-los de volta. Essa esperança se espalhou como um incêndio pelo exército, ainda que Artur a negasse constantemente. Segundo ele, nossa tarefa era trazer os saxões para a batalha e não ser atraídos pelas ruínas de uma cidade morta, mas nisso Artur tinha a oposição de Merlin.

— Não estou indo ver um punhado de saxões mortos — disse-me ele, cheio de desprezo. — Que utilidade tenho para matar saxões?

— Toda utilidade — falei. — Sua magia apavora o inimigo.

— Não seja absurdo, Derfel. Qualquer idiota pode dar pulos na frente de um exército, fazer caretas e lançar maldições. Amedrontar saxões não é um trabalho de habilidade. Até aqueles ridículos druidas de Lancelot poderiam conseguir isso! Não que eles sejam druidas de verdade.

— Não são?

— Claro que não! Para ser druida de verdade é preciso estudar. Você precisa ser testado. Precisa convencer outros druidas de que conhece o ofício, e nunca ouvi falar de nenhum druida que tenha testado Dinas e Lavaine. A não ser que Tanaburs tenha feito isso, e que tipo de druida ele era? Não muito bom, sem dúvida, caso contrário não teria deixado você sobreviver. Eu deploro a ineficiência.

— Eles sabem fazer magia, senhor.

— Fazer magia! — zombou ele. — Um daqueles desgraçados mostra um ovo de tordo e você acha que é magia? Os tordos fazem isso o tempo todo. Agora, se ele tivesse feito um ovo de ovelha, eu acharia interessante.

— Ele fez uma estrela também, senhor.

— Derfel! Que homem absurdamente crédulo você é! Uma estrela feita com tesoura e pergaminho? Não se preocupe, ouvi falar daquela estrela, e sua preciosa Ceinwyn não corre perigo nenhum. Nimue e eu nos certificamos disso enterrando três crânios. Você não precisa saber dos detalhes, mas pode descansar sabendo que, se aqueles charlatães chegarem perto de Ceinwyn serão transformados em cobras da grama. Depois poderão botar ovos para sempre. — Agradei por isso, depois perguntei por que ele estava acompanhando o exército se não para nos ajudar contra Aelle. — Por causa do pergaminho, claro — disse ele, e bateu no bolso de seu manto preto e sujo, para mostrar que o pergaminho estava em segurança.

— O pergaminho de Caleddin?

— Existe outro?

O pergaminho de Caleddin era o tesouro que Merlin trouxera de Ynys Trebes, e a seus olhos era tão valioso quanto os Tesouros da Britânia, o que não era de espantar, porque o segredo daqueles Tesouros estava descrito no documento antigo. Os druidas eram proibidos de escrever qualquer coisa, porque acreditavam que registrar um feitiço era destruir o poder mágico do escritor, e assim todo seu conhecimento e seus rituais eram passados apenas verbalmente. Mas antes de atacar Ynys Mon os romanos temiam tanto a religião britânica que tinham subornado um druida chamado Caleddin e o persuadiram a ditar tudo que sabia a um escriba romano, e o traiçoeiro pergaminho de Caleddin

tinha preservado o antigo conhecimento da Britânia. Boa parte desse conhecimento, pelo que Merlin me contou uma vez, fora esquecido com o passar dos séculos, porque os romanos tinham perseguido cruelmente os druidas, mas agora, com o pergaminho, ele poderia recriar aquele poder perdido.

— E o pergaminho menciona Londres? — perguntei.

— Ora, ora, como você é curioso! — zombou Merlin, mas então, talvez porque fizesse um dia bonito e ele estivesse num humor ensolarado, cedeu. — O último Tesouro da Britânia está em Londres. Ou estava — acrescentou rapidamente. — Está enterrado lá. Pensei em lhe dar uma pá e deixar que cavasse até achar a coisa, mas você ia acabar fazendo uma bagunça. Olhe só o que fez em Ynys Mon! Cercados e em número inferior. Imperdoável. Por isso decidi fazer eu mesmo. Primeiro tenho de descobrir onde está enterrado, claro, o que pode ser difícil.

— E foi por isso que trouxe os cães, senhor? — Merlin e Nimue tinham reunido uma matilha de cachorros sarnentos que latiam sem parar, acompanhando o exército.

Merlin suspirou.

— Deixe-me dar um conselho, Derfel. Você não compra um cachorro e fica você mesmo latindo. Sei o objetivo dos cães, Nimue sabe o objetivo deles, e você não sabe. É assim que os Deuses quiseram. Tem mais alguma pergunta? Ou será que posso desfrutar a caminhada matinal? — Ele passou a andar mais rápido, batendo com o cajado preto na terra a cada passo enfático.

A fumaça de grandes fogueiras nos recebeu assim que passamos por Calleva. Eram os sinais do inimigo, indicando que estávamos à vista, e sempre que um saxão via uma pluma de fumaça daquelas estava sob ordens de devastar a terra. Os depósitos de grãos eram esvaziados, as casas eram queimadas e os animais levados para longe. E sempre Aelle recuava ficando sempre um dia de marcha à nossa frente, atraindo-nos para aquela terra devastada. Sempre que a estrada passava por florestas era bloqueada por árvores, e algumas vezes, enquanto nossos homens lutavam para tirar do caminho os troncos caídos, uma flecha ou lança atravessava as folhas roubando uma vida, ou então um dos grandes cães de guerra saxões vinha saltando e babando de dentro do mato baixo, mas eram os únicos ataques feitos por Aelle, e nenhuma vez vimos sua parede de escudos. Ele recuava, e nós marchávamos para a frente, e a cada dia as lanças ou os cães do inimigo roubavam uma vida ou duas.

Um dano muito maior nos era causado pela doença. Tínhamos descoberto a mesma coisa antes do vale do Lugg: sempre que um grande exército se reunia, os Deuses nos assolavam com doenças. Os doentes nos retardavam terrivelmente, porque se não pudessem marchar tinham de ser postos num local seguro e guardados por lanceiros contra os

bandos de guerreiros saxões que rondavam nossos flancos. Víamos aqueles bandos de inimigos durante o dia como distantes figuras maltrapilhas, e a cada noite suas fogueiras tremulavam em nosso horizonte. Mas não eram os doentes que nos retardavam mais, e sim a simples lentidão de movimentar tantos homens. Para mim era um mistério o motivo de trinta lanceiros poderem cobrir facilmente trinta quilômetros num dia tranquilo, mas um exército vinte vezes maior, mesmo se esforçando, tinha sorte de cobrir doze ou treze. Nossos marcos eram as pedras romanas plantadas na margem da estrada, registrando a distância até Londres, e depois de um tempo eu me recusava a olhar para ela, com medo de sua mensagem depressiva.

As carroças de bois também nos retardavam. Estávamos equipados com quarenta grandes carroças que levavam a comida e as armas de reserva, e elas seguiam a passo de lesma atrás do exército. O príncipe Meurig tinha recebido o comando dessa retaguarda, e ficava o tempo todo verificando as carroças, contava-as obsessivamente, e sempre reclamando que os lanceiros à frente marchavam depressa demais.

Os famosos cavaleiros de Artur lideravam o exército. Agora eram cinquenta, todos montados nos cavalos grandes e peludos que eram criados no interior de Dumnonia. Outros cavaleiros, que não usavam a armadura de malha do bando de Artur, se adiantavam como batedores, e algumas vezes esses homens deixavam de voltar, mas sempre encontrávamos suas cabeças cortadas esperando-nos na estrada enquanto avançávamos.

O corpo principal do exército era composto de quinhentos lanceiros. Artur tinha decidido não levar os *levies*, porque aqueles agricultores raramente possuíam armas adequadas; por isso éramos todos guerreiros jurados, e todos carregávamos lanças e escudos, e a maioria também possuía espadas. Nem todo homem podia pagar por uma espada, mas Artur enviara ordens por toda a Dumnonia, dizendo que toda casa que possuísse uma espada deveria entregar a arma, e as oitenta coletadas desse modo tinham sido distribuídas pelo seu exército. Alguns homens — poucos — levavam machados de guerra saxões capturados, mas outros, como eu, não gostavam deles, por considerá-los incômodos.

E para pagar tudo isso? Para pagar espadas, novas lanças, novos escudos, carroças, bois, farinha, botas, estandartes, arreios, painéis, capacetes, capas, facas, ferraduras e carne salgada? Artur riu quando perguntei.

— Você deveria agradecer aos cristãos, Derfel.

— Eles cederam mais? Pensei que aquele úbere estava seco.

— Agora está — disse ele, sério. — Mas é espantosa a quantidade que os templos deles deram quando oferecemos o martírio aos seus guardiães, e é ainda mais espantoso quanto prometemos pagar de volta.

— Pagamos de volta ao bispo Sansum? — perguntei. O mosteiro

dele em Ynys Wydryn proporcionara a fortuna que comprou a paz de Aelle durante a campanha de outono que tinha terminado no vale do Lugg.

Artur balançou a cabeça.

— E ele vive me lembrando disso.

— O bispo parece ter feito novos amigos — falei cautelosamente.

Artur riu de minha tentativa de demonstrar tato.

— Ele é capelão de Lancelot. Parece que nosso caro bispo não consegue ficar por baixo. Como uma maçã num barril cheio d'água, ele simplesmente boia de novo.

— E ele fez as pazes com sua esposa — observei.

— Gosto de ver as pessoas resolverem suas pendências, mas ultimamente o bispo Sansum parece ter aliados estranhos. Guinevere o tolera, Lancelot o ergue e Morgana o defende. Que acha disso? Morgana! — Artur gostava de sua irmã, mas sofria ao ver que ela estava tão afastada de Merlin. Ela governava Ynys Wydryn com uma eficiência feroz, quase como se quisesse demonstrar a Merlin que era uma parceira mais adequada do que Nimue, mas há muito Morgana tinha perdido a batalha para ser a principal sacerdotisa de Merlin. Ela era valorizada por Merlin, disse Artur, mas queria ser amada, e quem, perguntou Artur com tristeza, poderia amar uma mulher tão marcada, encolhida e desfigurada pelo fogo? — Merlin nunca foi amante dela — disse Artur —, mas ela fingia que sim, e ele nunca se importou com o fingimento, porque, quanto mais as pessoas o acham estranho, mais feliz ele fica. Mas na verdade ele não suporta ver Morgana sem a máscara. Ela é solitária, Derfel. — Assim, não era de espantar que Artur estivesse feliz pela amizade de sua irmã mutilada com o bispo Sansum, ainda que me espantasse que o mais feroz proponente do cristianismo em Dumnonia fosse tão amigo de Morgana, que era uma sacerdotisa pagã famosa por seu poder. O lorde camundongo, pensei, era como uma aranha fazendo uma teia muito estranha. Sua última teia havia tentado pegar Artur e falhara, então para quem Sansum estava tecendo agora?

Não tivemos notícias de Dumnonia depois de os derradeiros aliados chegarem. Agora estávamos isolados, rodeados por saxões, ainda que as últimas notícias de casa fossem tranquilizadoras. Cerdic não fizera qualquer movimento contra as tropas de Lancelot, e parecia que também não tinha ido para o leste ajudar Aelle. A última tropa aliada a se juntar a nós foi um bando de guerreiros de Kernow, liderado por um velho amigo que veio galopando pela colina até me encontrar, depois desceu do cavalo, tropeçou e caiu aos meus pés. Era Tristan, príncipe e *edling* de Kernow, que se levantou, bateu a poeira da capa e depois me abraçou.

— Pode relaxar, Derfel — disse ele. — Os guerreiros de Kernow chegaram. Tudo vai ficar bem.

Eu ri.

— O senhor está com boa aparência, senhor príncipe. — E estava mesmo.

— Estou livre do meu pai. Ele me deixou sair da gaiola. Provavelmente espera que um saxão enterre um machado no meu crânio. — Tristan fez uma cara grotesca, imitando um homem agonizante, e cuspi para afastar o mal.

Tristan era um homem bonito, de boa compleição, com cabelos pretos, barba bifurcada e bigodes compridos. Tinha pele clara e um rosto que costumava parecer triste, mas que hoje estava cheio de felicidade. Tinha desobedecido ao pai trazendo um pequeno bando de homens ao vale do Lugg, e por esse ato, segundo ouvimos dizer, fora confinado a uma fortaleza remota na costa norte de Kernow durante todo o inverno, mas o rei Mark tinha cedido e liberado o filho para esta campanha.

— Agora somos da mesma família — explicou Tristan.

— Família?

— Meu querido pai tomou uma nova esposa — disse ele ironicamente. — Ialle de Broceliande. — Broceliande era o reino britânico que restava em Armórica, e era governado por Budic ap Camran, que era casado com a irmã de Artur, Anna, o que significava que Ialle era sobrinha de Artur.

— Qual é essa? — perguntei. — Sua sexta madrastra?

— Sétima, e só tem quinze verões de idade, e papai deve ter pelo menos cinquenta. Eu já tenho trinta! — acrescentou ele, sombrio.

— E não se casou?

— Ainda não. Mas meu pai se casa o suficiente para nós dois. Pobre Ialle. Dê-lhe quatro anos, Derfel, e ela estará morta como as outras. Mas ele está bem feliz por enquanto. Está acabando com ela como acabou com as outras. — Tristan pôs o braço sobre meus ombros. — E ouvi dizer que você está casado.

— Casado não, mas bem arreado.

— Com a lendária Ceinwyn! — ele gargalhou. — Muito bem, meu amigo, muito bem. Um dia terei a minha Ceinwyn.

— Que seja logo, senhor príncipe.

— Terá de ser! Estou ficando velho! Velhíssimo! Vi um fio de cabelo branco um dia desses, aqui na barba. — Ele cutucou o queixo. — Está vendo? — perguntou ansioso.

— Se estou? — zombei. — Você está parecendo um texugo. — Talvez houvesse três ou quatro fios grisalhos em meio aos pretos, mas só isso.

Tristan riu, depois olhou para um escravo que estava correndo pela estrada com uma dúzia de cães presos por correias.

— Ração de emergência? — perguntou.

— Magia de Merlin, e ele não quer me dizer para que são. — Os cachorros do druida eram um incômodo; precisavam de comida da qual não podíamos abrir mão, mantinham-nos acordados à noite com seus uivos e lutavam como demônios contra os outros cachorros que acompanhavam nossos homens.

Um dia depois de Tristan se juntar a nós, chegamos a Pontes, onde a estrada atravessa o Tâmisia numa maravilhosa ponte de pedra feita pelos romanos. Esperávamos encontrar a ponte destruída, mas nossos batedores disseram que estava inteira e, para nosso espanto, continuava inteira quando os lanceiros chegaram.

Foi o dia mais quente da marcha. Artur proibiu qualquer um de atravessar a ponte até que as carroças tivessem chegado ao corpo principal do exército, de modo que nossos homens se esparramaram junto ao rio enquanto esperavam. A ponte tinha onze arcos, dois em cada margem, onde erguiam a estrada para a extensão de sete arcos que atravessava o rio em si. Troncos de árvores e outros destroços flutuantes tinham se amontoado no lado voltado para a nascente, de modo que o rio a oeste era mais largo e mais fundo do que no leste, e aquela espécie de represa fazia a água correr e espumar entre os pilares de pedra. Havia um povoado romano na margem oposta; um grupo de construções de pedra rodeado pelos restos de um muro de terra, e do nosso lado da ponte uma grande torre guardava a estrada que passava sob seu arco arruinado onde ainda havia uma inscrição romana. Artur a traduziu para mim, dizendo que o imperador Adriano ordenara a construção da ponte.

— *Imperator* — falei, olhando a placa de pedra. — Significa imperador, não é?

— Sim.

— E um imperador está acima de um rei?

— Um imperador é um senhor dos reis — disse Artur. A ponte o havia deixado sombrio. Ele seguiu pelos arcos sobre a terra e foi até a torre, pondo uma das mãos nas pedras enquanto olhava a inscrição acima. — Suponha que você e eu quiséssemos fazer uma ponte assim, como faríamos?

Dei de ombros.

— De madeira, senhor. Bons pilares de olmo, e o resto de carvalho cortado.

Ele fez uma careta.

— E ainda estaria de pé quando nossos bisnetos vivessem?

— Eles podem construir suas próprias pontes.

Ele acariciou a torre.

— Não temos quem entalhe pedras assim. Ninguém que saiba como afundar um pilar de pedras num leito de rio. Ninguém que se lembre. Somos como homens com um tesouro, Derfel, e dia a dia ele se encolhe e

não sabemos como impedir, e nem como fazer mais. — Ele olhou de volta e viu as primeiras carroças de Meurig aparecendo a distância. Nossos batedores haviam penetrado fundo nas matas que cresciam de cada lado da estrada, e não tinham visto nem sentido o cheiro de nenhum saxão, mas Artur continuava cheio de suspeitas. — Se eu fosse eles deixaria nosso exército atravessar e atacaria as carroças — falou, por isso tinha decidido mandar uma guarda avançada pela ponte, atravessar as carroças até os restos da muralha de terra do povoado e só então trazer a parte principal do exército por cima do rio.

Meus homens formaram a guarda avançada. A terra do outro lado do rio tinha menos florestas, e ainda que algumas das árvores que restavam crescessem suficientemente perto para esconder um pequeno exército, ninguém apareceu para nos desafiar. O único sinal dos saxões foi uma cabeça de cavalo cortada esperando no centro da ponte. Nenhum de meus homens quis passar, até que Nimue se adiantou para espantar o mal. Ela meramente cuspiu na cabeça. Segundo ela, a magia saxã era uma coisa débil, e assim que o mal foi dissipado Issa e eu jogamos aquela coisa por cima do parapeito.

Meus homens guardaram a muralha de terra enquanto as carroças e sua guarda atravessavam. Galahad tinha vindo comigo, e nós dois examinamos as construções dentro da muralha. Os saxões, por algum motivo, não gostavam de usar povoados romanos, preferindo suas construções de madeira e palha, ainda que algumas pessoas tivessem vivido ali até recentemente, porque os fogões continham cinzas e alguns dos pisos estavam varridos.

— Talvez seja gente nossa — disse Galahad, porque uma quantidade de britânicos vivia entre os saxões, muitos como escravos, mas alguns como pessoas livres que tinham aceitado seu governo estrangeiro.

As construções pareciam ter sido alojamentos militares um dia, mas também havia duas casas e o que achei que fosse um silo gigantesco mas que, quando empurramos sua porta aberta, revelou ser uma casa de animais, onde o gado era guardado à noite para ser protegido dos lobos. O piso era um fundo atoleiro de palha e esterco que fedia tanto que eu teria saído da construção imediatamente, mas Galahad viu alguma coisa nas sombras do lado mais distante, por isso o segui pelo chão molhado e viscoso.

A extremidade oposta da construção não era uma parede reta, mas sim interrompida por uma abside curva. Bem alto no gesso da abside, e quase invisível através do pó e da sujeira dos anos, havia um símbolo pintado que parecia um grande X, sobre o qual estava superposto um P. Galahad olhou para o símbolo e fez o sinal da cruz.

— Antigamente isso era uma igreja, Derfel — disse ele, espantado.

— Ela fede.

Ele olhou com reverência para o símbolo.

— Houve cristãos aqui.

— Não existem mais. — Estremeci diante do fedor insuportável, e fiquei batendo inutilmente nas moscas que zumbiam em volta da minha cabeça.

Galahad não se importava com o fedor. Enfiou o cabo da lança na massa compacta de bosta de vaca e palha apodrecida, e finalmente conseguiu descobrir um pequeno trecho do piso. O que encontrou apenas o fez trabalhar com mais empenho, até revelar a parte superior de um homem representado em pequenos ladrilhos de mosaico. O homem usava os mantos de um bispo, tinha um halo de sol em volta da cabeça e numa das mãos erguida levava um pequeno animal de corpo magro e grande cabeça peluda.

— São Marcos e seu leão — disse Galahad.

— Eu achava que os leões eram feras enormes — falei, desapontado. — Sagamor disse que são maiores do que cavalos e mais ferozes do que ursos. — Olhei para o bicho sujo de esterco. — É só um gatinho.

— É um leão simbólico — reprovou-me ele. Em seguida, tentou limpar uma parte maior do piso, mas a sujeira era antiga demais, compactada e grudenta. — Um dia — disse ele — vou construir uma igreja grande como esta. Uma igreja enorme. Um lugar onde todo um povo possa se reunir diante do seu Deus.

— E quando você estiver morto — puxei-o de volta para a porta — algum desgraçado vai trazer dez rebanhos de gado no inverno e lhe agradecerá.

Ele insistiu em ficar mais um minuto e, enquanto eu segurava seu escudo e a lança, abriu os braços e fez uma nova oração num lugar antigo.

— É um sinal de Deus — disse empolgado, quando finalmente me acompanhou de volta à luz do sol. — Devemos restaurar o cristianismo em Lloegyr, Derfel. É um sinal de vitória!

Poderia ser um sinal de vitória para Galahad, mas aquela igreja velha quase foi a causa de nossa derrota. No dia seguinte, enquanto avançávamos para o leste em direção a Londres que estava tão hipnotizantemente próxima, o príncipe Meurig ficou em Pontes. Mandou as carroças com a maior parte da escolta, mas manteve cinquenta homens para limpar a imundície da igreja. Meurig, como Galahad, ficou comovido pela existência daquela igreja antiga e decidiu rededicar o templo a seu Deus, por isso mandou seus lanceiros deixarem de lado o equipamento de guerra e limpar a bosta e a palha do prédio, para que os padres que o acompanhavam pudessem fazer as orações necessárias para restaurar a santidade do prédio.

E, enquanto a retaguarda tirava bosta, os saxões que vinham nos seguindo chegaram à ponte.

Meurig escapou. Ele tinha um cavalo, mas a maioria dos limpadores

de bosta morreu, bem como dois dos padres, e então os saxões vieram a toda pela estrada e atacaram as carroças. O resto da retaguarda lutou, mas estavam em menor número e os saxões os flanquearam, dominaram e começaram a trucidar os bois de modo que, uma a uma, as carroças foram paradas e caíram nas mãos inimigas.

Agora tínhamos ouvido a agitação. O exército parou enquanto os cavaleiros de Artur galopavam de volta em direção ao som da matança. Nenhum daqueles cavaleiros estava adequadamente equipado para a batalha, porque era simplesmente quente demais cavalgar de armadura o dia inteiro, mas seu aparecimento súbito bastou para espantar os saxões, entretanto o dano já tinha sido feito. Dezoito das quarenta carroças haviam sido imobilizadas e, sem bois, teríamos de abandoná-las. A maior parte das dezoito tinha sido pilhada, e barris de nossa preciosa farinha se derramaram no caminho. Salvamos o que pudemos da farinha e a enrolamos em capas, mas o pão feito por ela seria ruim e cheio de poeira e gravetos. Mesmo antes do ataque vínhamos reduzindo as rações, percebendo que tínhamos o bastante para mais duas semanas, mas agora, como a maior parte da comida estava nos veículos de trás, enfrentávamos a perspectiva de abandonar a marcha em apenas uma semana, e mesmo então mal haveria comida suficiente para voltarmos a Calleva ou Caer Ambra.

— Há peixe no rio — observou Meurig.

— Deuses, peixe de novo, não — resmungou Culhwch, lembrando-se das privações dos últimos dias de Ynys Trebes.

— Não há peixe suficiente para alimentar um exército — respondeu Artur, furioso. Ele gostaria de ter gritado com Meurig, desnudado sua estupidez, mas Meurig era um príncipe, e o sentimento de Artur do que era certo jamais iria deixá-lo humilhar um príncipe. Se tivesse sido Culhwch ou eu a dividir a retaguarda e expor as carroças, Artur teria perdido as estribeiras, mas o nascimento de Meurig o protegia.

Estávamos num Conselho de Guerra ao norte da estrada, que aqui seguia reta através de uma planície lisa e coberta de capim, interrompida por agrupamentos de árvores e com trechos de tojo e pilriteiros espaçados. Todos os comandantes estavam presentes, e dúzias de homens de postos inferiores se amontoavam para ouvir nossas discussões. Meurig, claro, negou toda responsabilidade. Se ele tivesse recebido mais homens, falou, o desastre nunca teria acontecido.

— Além disso, e se vocês me permitem observar — falou —, ainda que eu pense que uma coisa tão óbvia não deveria precisar de minha explicação, nenhum sucesso pode chegar a um exército que ignora Deus.

— Então por que Deus nos ignorou? — perguntou Sagramor.

Artur silenciou o númida.

— O que está feito está feito. O que interessa aqui é o que vai acontecer em seguida.

Mas o que acontecesse em seguida teria mais a ver com Aelle do que conosco. Ele tinha obtido a primeira vitória, mas era possível que não soubesse da extensão desse triunfo. Estávamos quilômetros dentro de seu território, e encarávamos a fome se não pudéssemos acuar seu exército, derrotá-lo e com isso chegar a terras cujos suprimentos não tivessem sido arrancados. Nossos batedores traziam cervos, e de vez em quando encontravam alguns bois ou ovelhas, mas essas iguarias eram raras e nem de longe suficientes para compensar a perda da farinha e da carne-seca.

— Ele tem de defender Londres, não é? — sugeriu Cuneglas.

Sagramor balançou a cabeça.

— Londres é povoada por britânicos. Os saxões não gostam de lá. Ele deixará que tomemos Londres.

— Haverá comida em Londres — disse Cuneglas.

— Mas quanto tempo vai durar, senhor rei? — perguntou Artur. E, se a levarmos conosco, o que faremos? Andar para sempre, esperando Aelle atacar? — Ele olhou para o chão, com o rosto endurecido pelo pensamento. Agora a tática de Aelle estava bastante clara, o saxão iria deixar que marchássemos e marchássemos, e seus homens estariam sempre à nossa frente para tirar a comida de nosso caminho, e assim que estivéssemos enfraquecidos e desanimados a horda saxã viria como um enxame em volta de nós.

Meurig piscou rapidamente.

— Como? — perguntou, num tom que sugeria que Artur estava sendo ridículo.

Os druidas que nos acompanhavam, Merlin, Iorweth e os dois outros de Powys estavam sentados num grupo de um dos lados do Conselho, e Merlin, que ocupara um conveniente formigueiro como assento, agora exigia a atenção levantando seu cajado.

— O que vocês fazem quando querem alguma coisa valiosa? — perguntou.

— Tomamos — rosnou Agravain. Agravain comandava os pesados cavaleiros de Artur, deixando-o livre para liderar todo o exército.

— Quando vocês querem alguma coisa valiosa dos Deuses — Merlin corrigiu a pergunta —, o que fazem?

Agravain deu de ombros, e nenhum de nós pôde dar uma resposta.

Merlin se levantou, de modo que sua altura dominasse o conselho.

— Se vocês querem alguma coisa — falou muito simplesmente, como se fosse o professor e nós seus alunos —, devem dar alguma coisa. Devem fazer uma oferenda, um sacrifício. A coisa que eu mais queria neste mundo era o Caldeirão, por isso ofereci minha vida à sua busca e recebi o desejo, mas, se não tivesse oferecido minha alma, o presente não teria vindo. Precisamos sacrificar alguma coisa.

O cristianismo de Meurig se ofendeu, e ele não resistiu a provocar o

druída.

— Que tal sua vida, lorde Merlin? Deu certo da última vez. — Ele riu e olhou para seus padres sobreviventes, para que se juntassem ao riso.

O riso morreu assim que Merlin apontou o cajado preto para o príncipe. Manteve o cajado muito imóvel, o cabo a apenas centímetros do rosto de Meurig, e o manteve ali muito depois de o riso ter acabado. Merlin sustentou o cajado, estendendo o silêncio insuportavelmente. Agrícola pigarreou, sentindo que devia apoiar seu príncipe, mas um minúsculo movimento do cajado impediu qualquer protesto que ele pudesse ter feito. Meurig se retorceu desconfortável, mas parecia ter ficado mudo. Enrubescou, piscou e se remexeu. Artur franziu a testa, mas ficou quieto. Nimue sorriu antecipando o destino do príncipe, enquanto o resto de nós observava em silêncio até que, por fim, Meurig não pôde mais suportar o suspense.

— Eu estava brincando — quase gritou, desesperado. — Não quis ofender.

— Disse alguma coisa, senhor príncipe? — perguntou Merlin, ansioso, fingindo que as palavras apavoradas de Meurig o tivessem retirado de um devaneio. Baixou o cajado. — Devo ter sonhado desperto. Onde é que eu estava? Ah, sim, um sacrifício. O que temos de mais precioso, Artur?

Artur pensou durante alguns segundos.

— Temos ouro, prata e armaduras.

— Ninharias — respondeu Merlin, descartando.

Houve silêncio durante um tempo, então os homens de fora do Conselho ofereceram suas respostas. Alguns pegaram torques do pescoço e balançaram no ar. Outros sugeriram oferecer armas, um homem chegou a gritar o nome da espada de Artur, Excalibur. Os cristãos não fizeram sugestões, porque esse era um procedimento pagão e eles ofereceriam apenas suas preces, mas um homem de Powys sugeriu que sacrificássemos um cristão, e essa ideia provocou aplausos ruidosos. Meurig ficou vermelho de novo.

— Algumas vezes acho que estou condenado a viver entre idiotas — disse Merlin, quando não surgiram mais sugestões. — Será que o mundo inteiro está louco, menos eu? Será que nenhum pobre imbecil tacanho entre vocês enxerga a coisa mais preciosa que possuímos? Nenhum?

— Comida — falei.

— Ah! — gritou Merlin, deliciado. — Muito bem, seu pobre imbecil tacanho! Comida, seus idiotas. — Ele cuspiu o insulto para o Conselho. — Os planos de Aelle se baseiam na crença de que estamos sem comida, de modo que precisamos demonstrar o contrário. Precisamos desperdiçar comida como os cristãos desperdiçam orações, precisamos espalhá-las pelos céus vazios, precisamos esbanjá-la, precisamos jogar

fora, precisamos... — ele parou, para enfatizar a palavra seguinte — sacrificá-la. — Em seguida esperou que alguma voz se erguesse em oposição, mas ninguém falou. — Encontre um lugar aqui perto onde você ache que seria bom ter uma batalha com Aelle — ordenou Merlin a Artur. — Não pareça muito forte, porque você não quer que ele recuse o combate. Você o está tentando, lembre-se, e deve fazer com que ele ache que pode derrotá-lo. Quanto tempo demoraria para ele preparar as forças para a batalha?

— Três dias. — Artur suspeitava de que os homens de Aelle estavam muito espalhados no círculo frouxo que nos acompanhava, e o saxão demoraria pelo menos dois dias para encolher esse círculo e formar um exército compacto, e mais um dia inteiro para colocá-lo em ordem de batalha.

— Precisarei de dois dias — disse Merlin —, portanto assem pão duro suficiente para nos manter apenas vivos durante quatro dias — ordenou. — Nada de ração generosa, Artur, porque nosso sacrifício tem de ser verdadeiro. Então encontre seu campo de batalha e espere. Deixe o resto comigo, mas quero Derfel e uma dúzia dos homens dele para fazer um trabalho. E será que temos aqui — ele ergueu sua voz de modo que todos que se agrupavam em volta do Conselho pudessem ouvir — algum homem hábil em esculpir madeira?

Ele escolheu seis homens. Dois eram de Powys, um usava o falcão de Kernow no escudo e os outros eram de Dumnonia. Receberam machados e facas, mas nada para esculpir até que Artur tivesse descoberto seu campo de batalha.

Encontrou-o num amplo urzal que subia até um cume suave coroadado por um bosque ralo de teixos e sorveiras. A encosta não era íngreme, mas ainda assim teríamos o terreno mais elevado, e ali Artur plantou seus estandartes, e em volta dos estandartes cresceu um acampamento de abrigos cobertos de palha, feitos de galhos cortados do bosque. Nossos lanceiros faziam um círculo em volta das bandeiras e ali, esperávamos, enfrentariam Aelle. O pão que iria nos manter vivos enquanto aguardávamos os saxões foi assado em fornos de turfa.

Merlin escolheu seu lugar a norte do urzal. Ali havia uma campina, um lugar de amieiros atrofiados e capim viçoso à beira de um riacho que fazia uma curva para o sul em direção ao distante Tâmis. Meus homens receberam ordem de derrubar três carvalhos, depois tirar os galhos e a casca dos troncos, e em seguida cavar três buracos onde os carvalhos poderiam ser postos como colunas, mas primeiro ordenou que os seis escultores transformassem os troncos de carvalho em três ídolos horrendos. Iorweth ajudou Nimue e Merlin, e os três adoraram aquele trabalho porque lhes permitiu planejar as coisas mais medonhas e temíveis — que tinham pouca semelhança com qualquer Deus que já conheci, mas Merlin não se importava. Disse que os ídolos não eram

para nós, mas para os saxões, assim ele e seus escultores fizeram três coisas horrendas, com rosto de animais, seios femininos e genitália masculina, e quando as colunas ficaram prontas meus homens pararam os outros trabalhos e ergueram as três figuras nos buracos, enquanto Merlin e os escultores socavam terra na base, de modo que finalmente as colunas ficaram de pé.

— O pai, o filho e o espírito santo! — disse Merlin, cabriolando na frente dos ídolos.

Enquanto isso meus homens tinham feito uma grande pilha de madeira na frente dos buracos, e naquela pilha pusemos o que sobrava de comida. Matamos os bois que restavam e pusemos seus cadáveres pesados na pilha, de modo que o sangue fresco escorria pelas camadas de madeira, e em cima dos bois pusemos tudo que eles haviam trazido: carne-seca, peixe seco, queijo, maçãs, cereais e feijões, e em cima desses suprimentos preciosos pusemos a carcaça de dois cervos recém-caçados e um carneiro que matamos na hora. A cabeça do carneiro, com os chifres, foi cortada e pregada na coluna central.

Os saxões nos olhavam trabalhar. Estavam na margem oposta do riacho, e uma ou duas vezes, no primeiro dia, suas lanças foram jogadas por cima da água, mas depois daqueles primeiros esforços inúteis de interferir conosco eles ficaram contentes em apenas olhar e ver exatamente que coisas estranhas fazíamos. Senti que o seu número aumentava. No primeiro dia tínhamos avistado apenas uma dúzia de homens entre as árvores mais distantes, mas na segunda tarde havia pelo menos vinte fogueiras soltando fumaça atrás da cortina de folhas.

— Agora — disse Merlin no fim da tarde — nós lhes damos alguma coisa para olhar.

Carregamos fogo, em panelas de cozinhar, do baixo cume do urzal até a grande pilha de madeira, e o enfiamos no emaranhado de galhos. A madeira estava verde, mas tínhamos posto montes de capim seco no centro, e ao anoitecer a fogueira ardia ferozmente. As chamas iluminavam nossos ídolos grosseiros com uma claridade sinistra, a fumaça subia numa grande pluma que se desviava na direção de Londres, e o cheiro de carne assando flutuava hipnotizante em direção ao nosso acampamento. A fogueira estalou e desmoronou, explodindo jatos de fagulhas para o ar, e em seu calor feroz os animais mortos se retorciam enquanto as chamas encolhiam seus tendões e faziam explodir seus crânios. Gordura derretida sibilava no fogo, depois se incendiava branca, lançando sombras negras nos três ídolos horrendos. Durante toda a noite o fogo ardeu, queimando nossas últimas esperanças de deixar Lloegyr sem vitória, e de madrugada vimos os saxões se esgueirarem para investigar os restos fumegantes.

Então esperamos. Não estávamos totalmente passivos. Nossos cavaleiros foram para o leste vigiar a estrada de Londres e voltaram

falando de bandos de saxões em marcha. Outros de nós cortavam madeira e usavam para começar a construir um salão ao lado do bosque que se encolhia no cume do urzal. Não tínhamos necessidade daquele salão, mas Artur queria dar a impressão de que estávamos estabelecendo uma base no interior de Lloegyr, de onde assediáramos as terras de Aelle. Se essa crença convencesse Aelle, sem dúvida iria provocá-lo à batalha. Fizemos o início de uma fortificação de terra, mas sem as ferramentas adequadas a muralha ficou precária, mas deve ter ajudado a enganar.

Estávamos bastante ocupados, mas isso não impediu que uma divisão rancorosa surgisse no exército. Alguns, como Meurig, achavam que tínhamos adotado a estratégia errada desde o início. Teria sido melhor, dizia Meurig, se tivéssemos mandado três ou mais exércitos menores para tomar as fortalezas saxãs na fronteira. Deveríamos ter assediado e provocado, mas em vez disso estávamos ficando ainda mais famintos numa armadilha feita por nós mesmos no interior de Lloegyr.

— E talvez ele esteja certo — confessou-me Artur na terceira manhã.

— Não, senhor — insisti e, para provar meu ponto de vista, fiz um gesto para o norte, em direção à ampla mancha de fumaça que traía o lugar onde uma crescente horda de saxões se juntava do outro lado do rio.

Artur balançou a cabeça.

— O exército de Aelle está lá, certamente, mas isso não significa que atacará. Eles vão nos vigiar, mas, se ele tiver algum senso, vai deixar que apodreçamos aqui.

— Nós poderíamos atacá-lo.

Ele balançou a cabeça.

— Guiar um exército através de árvores e atravessar um rio é receita de desastre. Esta é a nossa última opção, Derfel. Só reze para que ele venha hoje.

Mas não veio, e esse foi o fim do quinto dia desde que os saxões tinham destruído nossos suprimentos. Amanhã comeríamos migalhas, e dentro de dois dias estaríamos passando fome. Em três espiaríamos os olhos horrendos da derrota. Artur não demonstrava preocupação, independentemente de qualquer desgraça que os inconformados do exército sugerissem, e naquela tarde, enquanto o sol descia sobre a distante Dumnonia, me chamou para juntar-me a ele no salão que ia sendo erguido grosseiramente. Subi nos toros e cheguei ao topo da parede.

— Olhe — ele apontou para o leste, e no horizonte distante pude ver outra mancha de fumaça cinza, e debaixo da fumaça, com as construções iluminadas pelo sol poente, uma cidade grandiosa, maior do que qualquer uma que eu já vira. Maior do que Glevum ou Corinium, maior até do que Aquae Sulis. — Londres — disse Artur num tom de

espanto. — Algum dia você achou que ia vê-la?

— Sim, senhor.

Ele sorriu.

— Meu confiante Derfel Cadarn. — Ele estava empoleirado no topo da parede, segurando-se numa coluna sem acabamento e olhando fixamente para a cidade. Atrás de nós, no retângulo de madeira do salão, os cavalos do exército estavam abrigados. Aqueles pobres animais já estavam famintos, porque havia pouco capim no urzal seco, e não tínhamos trazido forragem para eles. — É estranho, não é? — disse Artur, ainda olhando para Londres. — A esta altura Lancelot e Cerdic já devem ter se batido e nós ainda nem começamos.

— Reze para que Lancelot vença — falei.

— Eu rezo, Derfel, eu rezo. — Ele bateu os calcanhares na parede semiconstruída. — Que chance Aelle tem! — falou de súbito. — Ele poderia derrotar aqui os melhores guerreiros da Britânia. No fim do ano, Derfel, seus homens poderiam ser donos de nossas residências, poderiam caminhar até o mar de Severn. Tudo acabado. Toda a Britânia! Acabada. — Ele pareceu achar divertido o pensamento, depois se virou e olhou para os cavalos embaixo. — Sempre podemos comê-los. A carne deles nos manteria vivos por uma ou duas semanas.

— Senhor! — protestei diante de seu pessimismo.

— Não se preocupe, Derfel — ele riu. — Mandeí uma mensagem ao nosso velho amigo Aelle.

— Mandou?

— A mulher de Sagramor. O nome dela é Malla. Que nomes estranhos têm esses saxões. Você a conhece?

— Eu a vi, senhor. — Malla era uma garota alta, com pernas compridas e musculosas e ombros largos como um barril. Sagramor a fizera cativa em um de seus ataques no fim do ano passado, e ela evidentemente aceitara o destino com uma passividade que se refletia em seu rosto chato, quase vazio, rodeado por uma massa de cabelos cor de ouro. Afora esse cabelo não havia qualquer característica particularmente atraente em Malla, mas de algum modo ela ainda era estranhamente sugestiva; uma criatura grande, forte, lenta, robusta, com uma graça calma e um jeito taciturno como o de seu amante núpida.

— Ela está fingindo que escapou de nós — explicou Artur — e agora mesmo deve estar dizendo a Aelle que planejamos ficar aqui durante o próximo inverno. Disse que Lancelot vem se juntar a nós com mais trezentas lanças, e que precisamos dele aqui porque um bocado dos nossos homens está fraco devido a doenças, apesar de nossos depósitos estarem cheios de boa comida. — Ele sorriu. — Ela está tecendo absurdos para ele, pelo menos é o que espero.

— Ou talvez esteja contando a verdade — sugeri, sombrio.

— Talvez — ele não parecia preocupado. Ficou olhando uma fileira

de homens trazendo odres de água de uma fonte que borbulhava ao pé da encosta sul. — Mas Sagramor confia nela, e há muito tempo aprendi a confiar em Sagramor.

Fiz o sinal contra o mal.

— Eu não deixaria minha mulher ir para um acampamento inimigo.

— Ela se ofereceu. Diz que os saxões não lhe farão mal. Parece que o pai dela é um dos chefes.

— Rezemos para que ela o ame menos do que ama Sagramor.

Artur deu de ombros. O risco estava assumido, e discuti-lo não diminuiria os perigos. Ele mudou de assunto.

— Quero você em Dumnonia quando tudo isto terminar.

— De boa vontade, senhor, se me prometer que Ceinwyn estará em segurança — respondi e, quando ele tentou descartar meus temores com um gesto de mão, insisti: — Ouvi dizer que um cachorro foi morto e a pele sangrenta posta em cima de uma cadela.

Artur girou e pulou no estábulo provisório. Empurrou um cavalo para o lado e me chamou para onde ninguém pudesse nos ver ou ouvir. Ele estava furioso.

— Diga de novo o que ouviu — ordenou.

— Que um cão foi morto — falei depois de pular — e a pele sangrenta posta em cima de uma cadela aleijada.

— E quem fez isso?

— Uma amiga de Lancelot — respondi, não querendo dizer o nome de sua esposa.

Ele socou a rústica parede de madeira, espantando os cavalos mais próximos.

— Minha mulher é amiga do rei Lancelot — disse ele e fiquei quieto.

— Assim como eu. — Ele estava me desafiando, e continuei quieto. — Ele é um homem orgulhoso, Derfel, e perdeu o reino do pai porque fracassei em meu juramento. Eu lhe devo. — Artur falou com frieza as últimas três palavras.

Eu devolvi sua frieza com a minha.

— Ouvi dizer que a cadela aleijada recebeu o nome de Ceinwyn.

— Chega! — Ele bateu de novo na parede. — Histórias! Só histórias! Ninguém nega que há ressentimento pelo que você e Ceinwyn fizeram, Derfel. Não sou idiota, mas não vou tolerar esse absurdo de sua parte! Guinevere atrai esse tipo de boato. As pessoas se ressentem dela. Qualquer mulher que seja bonita, inteligente, que tenha opiniões firmes e não tenha medo de dá-las atrai ressentimento, mas você está dizendo que ela seria capaz de fazer algum feitiço imundo contra Ceinwyn? Que mataria um cão e tiraria a pele? Você acredita nisso?

— Gostaria de não acreditar.

— Guinevere é minha mulher. — Ele tinha baixado a voz, mas o tom continuava amargo. — Não tenho outras esposas, não levo escravas

para a cama, eu sou dela e ela é minha, Derfel, e não admitirei ouvir nada contra ela. Nada! — Artur gritou esta última palavra e imaginei se estaria se lembrando dos insultos imundos lançados por Gorfyddyd no vale do Lugg. Gorfyddyd afirmara que tinha dormido com Guinevere, e mais, dizia que toda uma legião de homens também havia dormido com ela. Lembrei-me do anel de amante de Valerin, cortado pela cruz e enfeitado com o símbolo de Guinevere, mas joguei as lembranças de lado.

— Senhor — falei em voz baixa —, nunca mencionei o nome de sua esposa.

Ele me olhou e por um segundo pensei que ia me bater, mas balançou a cabeça.

— Ela pode ser difícil, Derfel. Há ocasiões em que gostaria de que ela não tivesse tanta facilidade em demonstrar desprezo, mas não posso me imaginar vivendo sem o conselho dela. — Ele parou e me deu um sorriso triste. — Não posso me imaginar vivendo sem ela. Ela não matou nenhum cão, Derfel, ela não matou nenhum cão. Acredite. Aquela Deusa que ela cultua, Ísis, não pede sacrifícios, pelo menos não de coisas vivas. De ouro, sim. — Ele riu, com o bom humor subitamente restaurado. — Ísis engole ouro.

— Acredito, senhor, mas isso não torna Ceinwyn segura. Dinas e Lavaine a ameaçaram.

Ele balançou a cabeça.

— Você feriu Lancelot, Derfel. Não o culpo, porque sei o que o levou a isso, mas pode culpá-lo por se ressentir de você? E Dinas e Lavaine servem a Lancelot, e é direito que os homens compartilhem o rancor de seus senhores. — Ele fez uma pausa. — Quando esta guerra terminar, Derfel, faremos uma reconciliação. Todos nós! Quando eu transformar meu bando de guerreiros em irmãos, faremos a paz entre todos nós. Você, Lancelot e todo mundo. E até que isso aconteça, Derfel, juro a proteção de Ceinwyn. Juro por minha vida, se você insistir. Você pode impor o juramento, Derfel. Pode exigir o preço que quiser, minha vida, até a vida do meu filho, porque preciso de você. Dumnonia precisa de você. Culhwch é um bom homem, mas não consegue lidar com Mordred.

— E eu consigo?

Artur ignorou minha pergunta.

— Mordred é voluntarioso. Mas o que podemos esperar? Ele é neto de Uther, tem o sangue de reis e não queremos que seja um fracote, mas ele precisa de disciplina. Precisa de orientação. Culhwch acha que basta lhe dar umas surras, mas isso só o torna mais teimoso. Quero que você e Ceinwyn o criem.

Estremeci.

— O senhor torna a volta para casa ainda mais atraente, senhor. Ele

desprezou minha leviandade.

— Jamais se esqueça, Derfel, de que o nosso juramento é de dar o trono a Mordred. Por isso voltei à Britânia. Este é o meu primeiro dever na Britânia, e todos vocês que me prestaram juramento estão jurados a esse dever. Ninguém disse que seria fácil, mas será feito. Daqui a nove anos aclamaremos Mordred em Caer Cadarn. Nesse dia, Derfel, estaremos livres do juramento, e rezo a todos os Deuses que me ouvirem para que eu possa pendurar Excalibur e nunca mais lutar. Mas até esse dia, independentemente das dificuldades, devemos nos manter firmes no juramento. Entende isso?

— Sim, senhor — falei humildemente.

— Bom. — Artur empurrou um cavalo para o lado. — Aelle virá amanhã — disse confiante enquanto se afastava. — Portanto, durma bem.

O sol baixou sobre Dumnonia, afogando-a num incêndio vermelho. Ao norte os nossos inimigos cantavam canções de guerra, e em volta de nossas fogueiras cantávamos sobre o lar. Nossas sentinelas olhavam para o escuro, os cavalos relinchavam, os cães de Merlin uivavam e alguns de nós dormiam.

Ao amanhecer vimos que os três pilares de Merlin tinham sido derrubados durante a noite. Um feiticeiro saxão, com o cabelo esticado para cima em pontas duras com a ajuda de bosta de vaca e o corpo num mal escondido pelas tiras de pele de lobo penduradas de uma faixa no pescoço, girava dançando onde os pilares tinham estado. A visão daquele feiticeiro convenceu Artur de que Aelle estava planejando um ataque.

Deliberadamente, não demonstramos prontidão. Nossas sentinelas montavam guarda; outros lanceiros simplesmente relaxavam na encosta adiante, como se esperassem mais um dia comum, mas atrás deles, nas sombras dos abrigos, sob as árvores que restavam e dentro do salão semiconstruído, a massa de nossos homens se aprontava.

Apertávamos correias de escudos, afiávamos espadas e pontas de lanças que já tinham um gume feroz, depois martelamos com força as pontas das lanças nos cabos. Tocamos nossos amuletos, abraçamo-nos, comemos o pouco pão que restava e rezamos para quaisquer Deuses em que acreditássemos para que nos ajudassem naquele dia. Merlin, Iorweth e Nimue caminhavam entre os abrigos tocando lâminas e distribuindo ramos de verbena seca para dar proteção.

Preparei meu equipamento de batalha. Eu tinha botas pesadas, que iam até o joelho, com tiras de ferro costuradas para proteger os tornozelos dos golpes de lança que viessem por baixo do escudo. Usava a camisa feita com a lã grosseira fiada por Ceinwyn, e sobre ela um casaco de couro onde tinha prendido o pequeno broche de ouro de

Ceinwyn, que vinha sendo meu talismã protetor durante todos aqueles longos anos. Sobre o couro pus uma cota de malha, um luxo que eu tinha tomado de um chefe powysano morto no vale do Lugg. Era uma antiga cota de feitura romana, forjada com uma habilidade que ninguém possui hoje em dia, e frequentemente me perguntei que outros lanceiros tinham usado aquela cota de elos de ferro que ia até os joelhos. O guerreiro powysano tinha morrido nela, com o crânio cortado por Hywelbane, mas eu suspeitava de que pelo menos um dos usuários da cota tinha morrido usando-a, porque os elos tinham uma moesa profunda sobre o peito esquerdo. A malha fora consertada grosseiramente com elos de corrente de ferro.

Usava anéis de guerreiro na mão esquerda, porque na batalha serviam para proteger os dedos, mas nenhum na direita, porque os anéis de ouro tornavam mais difícil segurar uma espada ou uma lança. Prendi grevas de couro nos antebraços. O capacete era de ferro, uma simples forma de tigela forrada de couro almofadado com linho, mas na parte de trás havia uma grossa aba de couro de javali para proteger o pescoço, e no início da primavera eu pagara a um ferreiro em Caer Sws para rebitar dois protetores de rosto nas laterais. O elmo era encimado por um botão de ferro de onde pendia uma cauda de lobo tirada nas fundas matas de Benoic. Prendi Hywelbane no cinto, enfiei a mão esquerda nas alças de couro do escudo e levantei a lança de guerra. A lança era mais alta do que um homem, o cabo tão grosso quanto o pulso de Ceinwyn, e a ponta era uma lâmina comprida, pesada, em forma de folha. A lâmina era afiada como navalha, e o encaixe de aço tão liso que a lâmina não ficava presa na barriga ou na armadura de um inimigo. Eu não usava capa, porque o dia estava quente demais.

Cavan, vestido em sua armadura, veio até mim e se ajoelhou.

— Se eu lutar bem, senhor, posso pintar uma estrela de cinco pontas em meu escudo? — perguntou.

— Espero que os homens lutem bem, então por que deveria recompensá-los por fazer o que é esperado?

— E se eu lhe trouxer um troféu, senhor? O machado de um chefe? Ouro?

— Traga-me um chefe saxão, Cavan, e você pode pintar cem pontas em sua estrela.

— Cinco bastarão, senhor.

A manhã passou devagar. Os nossos guerreiros que usavam armadura de metal suavam demais no calor. Visto do outro lado do riacho ao norte, onde os saxões estavam encobertos pelas árvores, devia parecer que nosso acampamento estava adormecido, ou então povoado por homens doentes e imóveis, mas essa ilusão não serviu para trazer os saxões por entre as árvores. O sol subiu mais. Nossos batedores, os cavaleiros com armas leves que cavalgavam apenas com um feixe de

lanças de atirar como armas, trotaram para fora do acampamento. Eles não teriam lugar numa batalha entre paredes de escudos, por isso levaram seus cavalos nervosos para o sul, em direção ao Tâmisia. Podiam voltar bem depressa, mas se o desastre chegasse eles tinham ordem de cavalgar para o oeste e levar um alerta da derrota à distante Dumnonia. Os cavaleiros de Artur vestiram suas pesadas armaduras de couro e ferro, e então, com tiras que prenderam nas cernelhas dos cavalos, penduraram os desajeitados escudos de couro que protegiam os peitos dos animais.

Artur, escondido com seus cavaleiros dentro do salão semiconstruído, estava usando sua famosa armadura de escamas, que era uma peça romana feita de milhares de pequenas placas de ferro costuradas num gibão de couro, de modo que as placas se sobrepunham como escamas de peixe. Havia placas de prata em meio ao ferro, de modo que a peça parecia tremeluzir enquanto ele se movia. Usava uma capa branca e Excalibur, em sua mágica bainha com bordados em cruz que protegia o usuário do mal, pendurada no quadril esquerdo, enquanto seu serviçal Hygwydd segurava a lança comprida, o elmo cinza-prateado com penas brancas de ganso e o escudo redondo com a cobertura de prata espelhada. Na paz Artur gostava de se vestir com modéstia, mas na guerra era vistoso. Gostava de pensar que sua reputação se devia ao governo honesto, mas a armadura ofuscante revelava que ele sabia qual era a verdadeira fonte de sua fama.

Antigamente Culhwch montava com os pesados cavaleiros de Artur, mas agora, como eu, liderava um bando de lanceiros, e ao meio-dia me procurou e se deixou cair ao lado, na pequena sombra de meu abrigo de turfa. Usava um peitoral de ferro, um gibão de couro e grevas de bronze romano nas canelas despidas.

— O desgraçado não quer vir, não é? — resmungou ele.

— Quem sabe amanhã? — sugeriu.

Ele fungou, aborrecido, e me ofereceu um olhar sério.

— Sei o que você vai dizer, Derfel, mas mesmo assim vou perguntar. Porém, antes de responder quero que considere uma coisa. Quem foi que lutou ao seu lado em Benoic? Quem ficou com você, escudo colado em escudo, em Ynys Trebes? Quem dividiu a cerveja com você e até o deixou seduzir aquela pescadora? Quem apoiou você no vale do Lugg? Fui eu. Lembre-se disso quando responder. Então, quanta comida você tem escondida?

Sorri.

— Nenhuma.

— Você é um grande saco saxão cheio de tripas inúteis, é isso. — Ele olhou para Galahad que estava descansando com meus homens. — Tem comida, senhor príncipe? — perguntou ele.

— Dei o último pedaço a Tristan — respondeu Galahad.

— Imagino que tenha sido um ato de cristandade, não é? — perguntou Culhwch, cheio de sarcasmo.

— Gostaria de pensar que sim.

— Não é de espantar que eu seja pagão — disse Culhwch. — Preciso de comida. Não posso matar saxões de barriga vazia. — Ele se virou para meus homens com uma carranca, mas ninguém lhe deu nada, porque ninguém tinha nada a oferecer. — Então você vai tirar aquele desgraçado do Mordred das minhas mãos? — perguntou quando tinha abandonado a esperança de comer algo.

— É o que Artur quer.

— É o que eu quero — disse ele vigorosamente. — Se eu tivesse comida aqui, Derfel, daria até o último pedaço em troca desse favor. Esteja à vontade para cuidar daquele desgraçado ranhento. Que ele transforme sua vida numa desgraça, e não a minha, mas aviso: você vai gastar o seu cinto naquela pele maldita.

— Talvez não seja sábio chicotear meu futuro rei — falei cautelosamente.

— Talvez não seja sábio, mas é prazeroso. Moleque insuportável. — Ele se virou para olhar para fora do abrigo. — Qual é o problema com aqueles saxões? Eles não querem batalha?

Sua resposta veio quase imediatamente. De súbito, uma trompa soou seu chamado profundo, lamentoso, e em seguida ouvimos a batida de um dos grandes tambores que os saxões levavam para a guerra, e nos agitamos a tempo de ver o exército de Aelle sair das árvores do outro lado do rio. Num momento era uma paisagem vazia, de folhas e sol de primavera, e então o inimigo estava ali.

Eram centenas. Centenas de homens vestidos de peles e ferro, com machados, cãs, lanças e escudos. Seus estandartes eram crânios de touros sobre mastros com trapos pendurados, e a vanguarda era uma tropa de feiticeiros com cabelos endurecidos com bosta, em pontas, que cabriolavam na frente da parede de escudos e lançavam pragas contra nós.

Merlin e os outros druidas desceram a encosta para encontrar os feiticeiros. Não caminhavam. Como todos os druidas antes das batalhas, saltavam numa perna e mantinham o equilíbrio com os cajados, enquanto erguiam a mão livre. Pararam a cem passos dos feiticeiros mais próximos e devolveram as maldições enquanto os padres cristãos do exército se mantinham no topo da encosta, abriam as mãos e olhavam para o céu invocando a ajuda de seu Deus.

O resto de nós se arrumava em fileiras. Agrícola estava na esquerda com sua tropa vestida em uniformes romanos, o resto de nós formava o centro, e os cavaleiros de Artur, que por enquanto permaneciam escondidos no salão tosco, finalmente formariam a ala direita. Artur pôs o elmo, montou em Llamrei, abriu a capa branca sobre as ancas do

animal, em seguida pegou a lança pesada e o escudo com Hygwydd.

Sagamor, Cuneglas e Agrícola lideravam a infantaria. Por enquanto, e só até os cavaleiros de Artur aparecerem, meus homens tinham a extremidade direita da linha, e vi que tínhamos probabilidade de ser flanqueados, já que a linha saxã era muito mais larga do que a nossa. Eles estavam em maior número. Os bardos dirão que havia milhares daquelas pragas na batalha, mas desconfio que Aelle não tinha mais do que seiscentos homens. O rei saxão, claro, possuía muito mais lanceiros do que os que víamos à nossa frente, mas ele, como nós, fora forçado a deixar fortes guarnições nas fortalezas de fronteira, mas até mesmo seiscentos lanceiros eram um exército grande. E havia uma quantidade pelo menos igual de seguidores atrás da parede de escudos; na maioria mulheres e crianças que não participariam da batalha, mas que sem dúvida esperavam limpar nossos cadáveres quando a luta terminasse.

Nossos druidas pularam laboriosamente encosta acima. O suor escorria pelo rosto de Merlin descendo às tranças amarradas de sua barba comprida.

— Não há magia — disse-nos. — Os feiticeiros deles não conhecem a magia de verdade. Vocês estão seguros. — Em seguida passou entre nossos escudos, procurando Nimue. Os saxões marcharam lentamente em nossa direção. Seus feiticeiros cuspiam e berravam, homens gritavam para seus seguidores manterem a linha reta, enquanto outros gritavam insultos contra nós.

Nossas trombetas tinham começado a soar seu desafio, e os homens começaram a cantar. Em nossa extremidade da parede de escudos estávamos cantando a Grande Canção de Batalha de Beli Mawr, que é um triunfante uivo de matança capaz de pôr fogo na barriga dos homens. Dois de meus homens dançavam na frente da parede de escudos, saltando sobre suas espadas e lanças cruzadas no chão. Chamei-os de volta para a parede porque achei que os saxões continuariam marchando direto, subindo o morro baixo, e assim precipitariam um choque rápido e sangrento, mas em vez disso eles pararam a cem passos de nós e realinharam os escudos para formar a parede contínua de madeira reforçada com couro. Ficaram quietos enquanto seus feiticeiros mijavam em nossa direção. Seus cães enormes latiam e puxavam as correias, os tambores de guerra soavam, e de vez em quando uma trombeta soltava um uivo triste, mas afora isso os saxões permaneceram quietos, a não ser quando batiam o cabo das lanças nos escudos ao ritmo dos tambores.

— São os primeiros saxões que vejo. — Tristan tinha vindo para o meu lado e olhava o exército saxão com suas grossas armaduras de pele, os machados de lâminas duplas, os cães e as lanças.

— Eles morrem com bastante facilidade.

— Não gosto dos machados — confessou, tocando a borda de ferro

de seu escudo, para dar sorte.

— São armas desajeitadas — tentei tranquilizá-lo. — Basta um golpe e eles ficam inúteis. Apare com o escudo e golpeie por baixo com a espada. Sempre funciona. — Ou quase sempre.

Os tambores saxões pararam de repente, a linha inimiga se partiu no centro e o próprio Aelle apareceu. Levantou-se e nos encarou por alguns segundos, cuspiu e ostensivamente largou o escudo e a lança, mostrando que queria falar. Veio andando em nossa direção, um homem enorme, alto, de cabelos escuros, com uma grossa capa de pele de urso preto. Dois feiticeiros o acompanhavam, além de um homem magro e meio careca que eu presumi que fosse seu intérprete.

Cuneglas, Meurig, Agrícola, Merlin e Sagramor foram encontrá-lo. Artur decidira ficar com seus cavaleiros, e como Cuneglas era o único rei de nosso lado do campo, estava certo que ele falasse por nós, mas convidou os outros para acompanhá-lo e me convocou como intérprete. Foi assim que encontrei Aelle pela segunda vez. Ele era um homem alto, de peito largo, com rosto chato e duro, e olhos escuros. Sua barba era cheia e preta, o rosto marcado de cicatrizes, o nariz quebrado e faltavam dois dedos na mão direita. Vestia uma cota de malha e botas de couro, e usava um elmo de ferro onde estavam presos dois chifres de touro. Havia ouro britânico em seu pescoço e nos pulsos. A capa de pele de urso devia ser tremendamente desconfortável naquele dia quente, mas uma pele tão grossa podia aparaar um golpe de espada tão bem quanto qualquer armadura de couro. Ele me olhou com ar furioso.

— Eu me lembro de você, verme. Um saxão traidor.

Baixei a cabeça brevemente.

— Saudações, senhor rei.

Ele cuspiu.

— Você acha que, por ser educado, sua morte será fácil?

— Minha morte nada tem a ver com o senhor, senhor rei. Mas espero contar aos meus netos sobre a sua.

Ele gargalhou, depois lançou um olhar zombeteiro para os cinco líderes.

— São cinco! E eu sou só um! E onde está Artur? Esvaziando as tripas, aterrorizado?

Falei o nome de nossos líderes para Aelle, depois Cuneglas assumiu o diálogo que traduzi. Ele começou, como era o costume, exigindo a rendição imediata de Aelle. Seríamos misericordiosos, disse Cuneglas. Exigiríamos a vida de Aelle, todo o seu tesouro, todas as suas armas, todas as suas mulheres, todos os seus escravos, mas seus lanceiros poderiam ir embora livres, todos sem a mão direita.

Aelle, como era o costume, zombou de nossas exigências, revelando a boca com dentes podres, manchados.

— Será que Artur acha que, só porque fica escondido, não sabemos

que ele está aqui com seus cavalos? Diga-lhe, verme, que usarei o cadáver dele como travesseiro esta noite. Diga que a mulher dele será minha prostituta, e que quando eu a exaurir ela será o prazer de meus escravos. E diga àquele idiota de bigode — ele fez um gesto na direção de Cuneglas — que ao cair da noite este lugar será conhecido como a Sepultura dos Britânicos. Diga que vou arrancar seus bigodes e fazer com eles um brinquedo para os meus gatos. Diga que esculpirei uma taça de bebida com seu crânio e darei sua barriga para os meus cães comerem. E diga àquele demônio — ele apontou a barba para Sagramor — que hoje sua alma negra irá para os terrores de Tor, e que ela irá se retorcer no círculo de serpentes para sempre. E quanto a ele — Aelle olhou para Agrícola —, espero há muito tempo sua morte, e a lembrança dela irá me divertir nas longas noites vindouras. E diga àquela coisa transparente — ele apontou para Meurig — que vou cortar seus bagos e transformá-lo em meu copeiro. Diga tudo isso a eles, verme.

— Ele disse que não — falei a Cuneglas.

— Com certeza ele disse mais do que isso, não foi? — Meurig, que só estava presente por causa de sua posição, insistiu, pedante.

— Você não quer saber — disse Sagramor, em tom cansado.

— Todo conhecimento é relevante — protestou Meurig.

— O que eles estão dizendo, verme? — perguntou Aelle, ignorando o seu intérprete.

— Eles estão discutindo qual terá o prazer de matá-lo, senhor rei.

Aelle cuspiu.

— Diga a Merlin — o rei saxão olhou para o druida — que não lhe ofereci nenhum insulto.

— Ele já sabe, senhor rei, porque fala a sua língua. — Os saxões temiam Merlin, e mesmo agora não queriam antagonizá-lo. Os dois feiticeiros saxões estavam sibilando maldições contra ele, mas esse era o seu serviço, e Merlin não se ofendeu. Nem pareceu se interessar pela conferência, apenas olhava para a distância, mas concedeu um sorriso a Aelle depois do elogio do rei.

Aelle me encarou por alguns instantes. Finalmente me perguntou:

— Qual é a sua tribo?

— Dumnonia, senhor rei.

— Antes disso, idiota! Seu nascimento!

— O seu povo, senhor. O povo de Aelle.

— Seu pai?

— Não o conheci, senhor. Minha mãe foi capturada por Uther quando eu estava na barriga.

— E o nome dela?

Tive de pensar durante um ou dois segundos. Finalmente me lembrei de seu nome.

— Erce, senhor rei.

Aelle sorriu diante do nome.

— Um bom nome saxão! Erce, a Deusa da terra e mãe de todos nós. Como vai a sua Erce?

— Não a vejo desde que era criança, senhor, mas me disseram que está viva.

Ele me olhou pensativo. Meurig estava se agitando impaciente, exigindo saber o que era dito, mas se aquietou quando todos os outros o ignoraram.

— Não é bom um homem ignorar a mãe — disse Aelle finalmente.

— Qual é o seu nome?

— Derfel, senhor rei.

Ele cuspiu em minha cota de malha.

— Você é um desgraçado, Derfel, por ignorar sua mãe. Você lutaria por nós hoje? Pelo povo de sua mãe?

Sorri.

— Não, senhor rei, mas o senhor me honra.

— Que sua morte seja tranquila, Derfel. Mas diga a esses imundos — ele balançou a cabeça para os quatro líderes armados — que venho comer seus corações. — Ele cuspiu uma última vez, virou-se e voltou para seus homens.

— Então, o que ele disse? — Meurig exigiu saber.

— Ele falou comigo sobre minha mãe. E me lembrou de meus pecados.

Que Deus me ajude, mas naquele dia gostei de Aelle.

*

Nós vencemos a batalha.

Igraine vai querer que eu diga mais. Ela quer grandes heroísmos, e eles aconteceram, mas também houve covardes, e outros homens que sujaram os calções de tanto terror e mesmo assim mantiveram a parede de escudos. Houve homens que não mataram ninguém, simplesmente se defenderam desesperadamente, e houve os que deram aos poetas novos desafios para encontrar palavras e expressar seus feitos. Resumindo, foi uma batalha. Amigos morreram, Cavan foi um, amigos foram feridos, isso aconteceu com Culhwch, e outros amigos sobreviveram intocados, como Galahad, Tristan e Artur. Levei um golpe de machado no ombro esquerdo e, apesar de a cota de malha ter aparado a maior parte do golpe, o ferimento demorou semanas para sarar, e até hoje há uma cicatriz irregular e vermelha, que dói quando faz frio.

O importante não foi a batalha, e sim o que aconteceu depois; mas primeiro, porque minha querida rainha Igraine insistirá para que eu escreva sobre o heroísmo do avô de seu pai, o rei Cuneglas, vou contar a história brevemente.

Os saxões nos atacaram. Aelle demorou mais de uma hora para persuadir seus homens a partir contra nossa parede de escudos, e durante todo esse tempo os feiticeiros com bosta de vaca no cabelo gritavam para nós, os tambores batiam e os odres de cerveja eram passados entre as fileiras saxãs. Muitos de nossos homens estavam tomando hidromel, porque, mesmo tendo exaurido a comida, nenhum exército britânico jamais parecia ficar sem hidromel. Pelo menos metade dos homens na batalha estava bêbada, mas isso acontecia em todas as batalhas, porque poucas outras coisas servem para dar coragem aos guerreiros na tentativa da manobra mais aterrorizante, o ataque frontal contra uma parede de escudos que espera. Fiquei sóbrio porque sempre ficava, mas a tentação de beber era forte. Alguns saxões tentaram nos provocar fazendo cabriolas sem escudos ou elmos, mas tudo que receberam pelo incômodo foram algumas lanças mal atiradas. Algumas lanças foram jogadas de volta para nós, mas a maioria bateu inofensivamente nos escudos. Dois homens nus, enlouquecidos por bebida ou magia, nos atacaram, e Culhwch matou o primeiro e Tristan o segundo. Comemoramos as duas vitórias. Os saxões, com a língua solta pela bebida, gritaram insultos de volta.

O ataque de Aelle, quando veio, deu tremendamente errado. Os saxões estavam contando com seus cães de guerra para romper nossa linha, mas Merlin e Nimue estavam prontos com seus cachorros, só que os nossos não eram cachorros, e sim cadelas, e um grande número estava no cio a ponto de deixar loucas as feras dos saxões. Em vez de nos atacar, os grandes cães de guerra foram direto para as cadelas e houve um tumulto de rosnados, lutas, latidos e uivos, e de repente havia cães fornicando em toda parte, com outros cães lutando para desalojar os mais sortudos, mas nenhum cão mordeu um britânico. Os saxões, que estavam prontos para lançar seu ataque mortal, ficaram desequilibrados pelo fracasso dos animais. Hesitaram, e Aelle, temendo que atacássemos, gritou para que avançassem, por isso eles vieram. Mas chegaram desarrumados, em vez de numa linha disciplinada.

Cães que copulavam ganiram ao ser pisoteados, depois os escudos se chocaram com aquele som oco e terrível que ecoa pelos longos anos. É o som da batalha, o som das trombetas de guerra, homens gritando, e então o estalo surdo de escudo contra escudo, e depois do estalo os gritos começaram enquanto as lâminas das lanças encontravam os espaços entre escudos e os machados baixavam com violência, mas foram os saxões que mais sofreram naquele dia. Os cães entre as paredes de escudos tinham rompido seu alinhamento cuidadoso, e sempre que isso acontecia com a parede que avançava nossos lanceiros encontravam aberturas e penetravam, enquanto as fileiras de trás se afunilavam nas aberturas para fazer cunhas protegidas por escudos que penetravam ainda mais na massa de saxões. Cuneglas liderou uma dessas cunhas e

quase chegou ao próprio Aelle. Não vi Cuneglas na luta, mas os bardos cantaram depois sobre sua participação, e ele modestamente me garantiu que eles não exageraram muito.

Fui ferido cedo. Meu escudo desviou o golpe de machado e tirou a maior parte da força, mas mesmo assim a lâmina acertou meu ombro e entorpeceu o braço esquerdo, ainda que o ferimento não impedisse minha lança de cortar a garganta do atacante. Então, quando a pressão de homens era grande demais para que a lança tivesse utilidade, desembainhei Hywelbane e usei sua lâmina para cortar e furar a massa de homens grunhindo, balançando, forçando. A luta se transformou numa disputa de empurra-empurra, mas todas as batalhas são assim até um lado ceder. Apenas uma disputa suada, quente, imunda.

Esta ficou mais difícil porque a linha saxã, que em toda parte tinha uns cinco homens de profundidade, flanqueou nossa parede de escudos. Para evitar que fôssemos envolvidos tínhamos de curvar nossa linha para trás nas extremidades e apresentar duas paredes de escudos menores para os atacantes, e durante um tempo aqueles dois flancos saxões hesitaram, talvez esperando que os homens do centro atravessassem primeiro. Então um chefe saxão chegou à minha extremidade da linha e chamou seus homens aos brios, incitando um ataque. Ele correu para a frente sozinho, desviou duas lanças com seu escudo e se lançou no centro de nossa curta linha de flanco. Cavan morreu ali, atravessado por um golpe da espada do chefe saxão, e a visão daquele homem corajoso abrindo sozinho nosso flanco trouxe seus homens rugindo num jorro louco, cheio de empolgação.

Foi então que Artur veio do salão inacabado. Não vi o ataque, mas ouvi. Os bardos dizem que os cascos dos cavalos sacudiram o mundo, e de fato o chão pareceu estremecer, mas talvez fosse apenas o ruído daqueles animais enormes calçados com placas de ferro chatas, amarradas firmemente aos cascos. Os grandes cavalos golpearam a extremidade exposta da linha saxã e a batalha realmente terminou com aquele impacto terrível. Aelle imaginara que seus homens iriam nos romper com os cães, e que suas fileiras de retaguarda segurariam nossos cavaleiros com seus escudos e lanças, porque ele sabia muito bem que nenhum cavalo atacaria uma parede de escudos bem defendida, e eu não duvidava de que ele tivesse ouvido como os lanceiros de Gorfyddyd haviam mantido desse modo os homens de Artur a distância, no vale do Lugg. Mas o flanco exposto dos saxões tinha se desorganizado ao atacar, e Artur acertou perfeitamente o momento de intervir. Ele não esperou que seus cavaleiros se formassem, simplesmente saiu esporeando das sombras, gritou para que seus homens o seguissem e impeliu Llamrei com força na extremidade aberta da fileira saxã.

Eu estava cuspiendo num saxão barbudo e desdentado que xingava sobre a borda de nossos escudos quando Artur golpeou. A capa branca

adejava atrás dele, as plumas brancas se erguiam no alto, e seu escudo brilhante derrubou o estandarte do chefe, que era um crânio de touro pintado de sangue, enquanto sua lança se projetava à frente. Ele abandonou a lança na barriga de um saxão e pegou Excalibur, brandindo-a para a direita e para a esquerda enquanto penetrava fundo nas fileiras inimigas. Agravain veio em seguida, seu cavalo espalhando saxões apavorados, depois Lanval e os outros se chocaram com espadas e lanças contra a linha inimiga que se rompia.

Os homens de Aelle se partiram como ovos sob um martelo. Simplesmente correram. Duvido de que a batalha tenha durado mais de dez minutos, desde o início com os cães até o final com os cavalos, mas demorou uma hora ou mais para os cavaleiros exaurirem sua matança. Nossos cavaleiros leves disparavam gritando pelo urzal com as lanças em direção ao inimigo em fuga, e os cavalos mais pesados de Artur penetravam entre os homens espalhados, matando e matando, enquanto os lanceiros iam atrás, ansiosos por cada migalha de pilhagem.

Os saxões corriam como cervos. Jogavam fora capas, armaduras e armas na ânsia de escapar. Aelle tentou contê-los durante um momento, depois viu que a tarefa era impossível, por isso jogou fora a pele de urso e correu com seus homens. Escapou entre as árvores apenas um instante antes de nossos cavaleiros leves mergulharem atrás dele.

Fiquei entre os feridos e mortos. Cães machucados uivavam de dor. Culhwch estava cambaleando com a coxa ensanguentada, mas viveria, por isso o ignorei e me agachei perto de Cavan. Eu nunca o vira chorar, mas a dor era terrível, porque a espada do chefe saxão tinha atravessado direto sua barriga. Segurei sua mão, enxuguei suas lágrimas e disse que ele tinha matado o inimigo com um contragolpe. Se era verdade ou não, eu não sabia nem me importava, só queria que Cavan acreditasse, por isso prometi que ele atravessaria a ponte de espadas com uma quinta ponta na estrela do escudo.

— Você será o primeiro de nós a chegar ao Outro Mundo, então guarde um lugar para nós.

— Farei isso, senhor.

— E iremos encontrá-lo.

Ele trincou os dentes e arqueou as costas, tentando reprimir um grito. Pus a mão direita em seu pescoço e encostei o rosto no dele. Eu estava chorando.

— Diga a eles no Outro Mundo — falei em seu ouvido — que Derfel Cadarn saúda você como um homem corajoso.

— O Caldeirão — disse ele. — Eu deveria ter...

— Não — interrompi —, não. — E então, com um gemido, ele morreu.

Fiquei sentado junto ao seu corpo, balançando para trás e para a frente por causa da dor no ombro e do sofrimento na alma. Lágrimas

desciam pelo meu rosto. Issa parou ao lado, sem saber o que dizer, e por isso não falou nada.

— Ele sempre quis ir para casa e morrer lá — falei. — Na Irlanda. — E depois desta batalha, pensei, ele poderia ter feito isso com muita honra e riqueza.

— Senhor — falou Issa.

Pensei que ele estava tentando me consolar, mas eu não queria consolo. A morte de um homem corajoso merece lágrimas, portanto ignorei Issa e segurei o cadáver de Cavan, enquanto sua alma começava a última jornada para a ponte de espadas que fica depois da Caverna de Cruachan.

— Senhor! — repetiu Issa e alguma coisa em sua voz me fez erguer os olhos.

Vi que estava apontando para leste, para Londres, mas quando me virei naquela direção não pude ver nada, porque as lágrimas turvavam minha visão.

E então percebi que outro exército tinha chegado ao campo. Outro exército coberto de peles sob estandartes de crânios e chifres de touro. Outro exército com cães e machados. Outra horda saxã.

Cerdic tinha vindo.

MAIS TARDE PERCEBI que todos os ardis que tínhamos imaginado para fazer Aelle nos atacar e toda aquela boa comida que atraiu o ataque haviam sido esforços desperdiçados, porque o *Bretwalda* devia saber que Cerdic estava vindo, e que não vinha nos atacar, sim atacar seu colega saxão. Cerdic, realmente, estava propondo se juntar a nós, e Aelle decidira que a melhor chance de sobreviver aos exércitos combinados era vencer primeiro Artur, e lidar com Cerdic depois.

Aelle perdeu esse jogo. Os cavaleiros de Artur o derrotaram e Cerdic chegou tarde demais para se juntar à luta, mas sem dúvida, ao menos por alguns instantes, o traçoeiro Cerdic pode ter se sentido tentado a atacar Artur. Um ataque rápido teria nos derrotado, e uma semana de campanha certamente destruiria o exército desbaratado de Aelle, e então Cerdic seria o governante de todo o sul da Britânia. Cerdic deve ter se sentido tentado, mas hesitou. Tinha menos de trezentos homens, o bastante para dominar os poucos britânicos que restavam no cume do urzal, mas a trombeta prateada de Artur soou repetidamente, e o toque da trombeta convocou um número suficiente de cavaleiros de dentro das árvores para fazer uma demonstração corajosa no flanco norte de Cerdic. Cerdic nunca tinha encarado aqueles grandes cavalos em batalha, e a visão deles o fez parar o suficiente para que Sagamor, Agrícola e Cuneglas montassem uma parede de escudos no cume do urzal. Era uma parede perigosamente pequena, porque a maioria dos nossos homens continuava ocupada perseguindo os guerreiros de Aelle ou saqueando seu acampamento em busca de ouro.

Os que estávamos no topo da colina baixa nos preparamos para a batalha, e ela prometia ser difícil, porque a parede de escudos montada às pressas era muito menor do que as fileiras de Cerdic. Naquela hora, claro, ainda não sabíamos que era o exército de Cerdic; a princípio presumimos que aqueles novos saxões fossem os reforços de Aelle que tinham se atrasado para a batalha, e o estandarte que eles mostravam, um crânio de lobo pintado de vermelho e com a pele curtida de um homem morto pendurada, não significava nada para nós. O estandarte usual de Cerdic era um par de rabos de cavalo presos num osso de coxa cruzado num mastro, mas seus feiticeiros tinham imaginado este símbolo novo e momentaneamente ele nos confundiu. Mais homens voltaram da perseguição aos restos derrotados de Aelle para engrossar nossa parede, enquanto Artur liderava seus cavaleiros de volta ao topo da colina. Ele veio trotando com Llamrei pelas nossas fileiras e me lembro de que sua capa branca estava manchada de sangue.

— Eles morrerão como os outros! — encorajou-nos enquanto passava a trote, com a ensanguentada Excalibur na mão. — Eles morrerão como os outros!

Então, assim como o exército de Aelle tinha se aberto para deixá-lo emergir das fileiras, essa nova força saxã se abriu e seus líderes vieram em nossa direção. Três deles caminhavam, mas seis vieram a cavalo, contendo os animais para manter o passo com os três a pé. Um dos homens a pé carregava o horrendo estandarte do crânio de lobo, depois um dos cavaleiros levantou um segundo estandarte e um som perplexo atravessou nosso exército. O som fez Artur virar seu animal e olhar, pasmo, para os homens que se aproximavam.

Porque o novo estandarte mostrava uma águia-do-mar com um peixe nas garras. Era o estandarte de Lancelot, e agora eu podia ver que o próprio Lancelot era um dos seis cavaleiros. Ele estava esplendidamente vestido em sua armadura esmaltada de branco e usando o elmo com asas de cisne, e flanqueado pelos filhos gêmeos de Artur, Amhar e Loholt. Dinas e Lavaine, com seus mantos de druida, cavalgavam atrás, enquanto Ade, a amante ruiva de Lancelot, levava o estandarte do rei de Silúria.

Sagramor viera para o meu lado, e me olhou para ter certeza de que eu estava vendo o mesmo que ele, e então cuspiu no chão.

— Malla está em segurança? — perguntei.

— Em segurança e incólume — disse ele, satisfeito por eu ter perguntado. Em seguida olhou de novo para Lancelot, que se aproximava. — Você entende o que está acontecendo?

— Não. — Nenhum de nós entendia.

Artur embainhou Excalibur e se virou para mim.

— Derfel! — gritou, querendo-me como tradutor, depois convocou seus outros líderes enquanto Lancelot se separava da delegação e esporeava empolgado seu cavalo, subindo a colina até nós.

— Aliados! — ouvi Lancelot gritar. Ele acenou de volta para os saxões. — Aliados! — gritou de novo enquanto se aproximava de Artur.

Artur não disse nada. Apenas conteve seu animal enquanto Lancelot lutava para aquietar seu grande garanhão preto.

— Aliados — disse Lancelot pela terceira vez. — É Cerdic — acrescentou empolgado, apontando para o rei saxão que caminhava lentamente para nós.

Artur perguntou em voz baixa:

— O que você fez?

— Trouxe aliados para você! — disse Lancelot, feliz, depois me olhou. — Cerdic tem seu próprio tradutor — acrescentou, me descartando.

— Derfel permanece! — disse Artur com uma raiva súbita e aterrorizante na voz. Depois se lembrou de que Lancelot era um rei, e

suspirou. — O que fez, senhor rei?

Dinas, que se adiantara com os outros cavaleiros, foi suficientemente idiota para responder por Lancelot:

— Nós fizemos a paz, senhor! — disse em sua voz sombria.

— Vá embora! — rugiu Artur, chocando e deixando perplexo o par de druidas com sua ira. Eles só tinham visto o Artur calmo, paciente e pacificador, e não suspeitavam de que ele contivesse tamanha fúria. Essa raiva não tinha nada a ver com a ira que o havia consumido no vale do Lugg, quando o agonizante Gorfyddyd tinha chamado Guinevere de prostituta, mas mesmo assim era aterrorizante. — Vão embora! — gritou para os netos de Tanaburs. — Esta é uma reunião de lordes. E vocês dois — ele apontou para seus filhos — vão embora! — Em seguida esperou até que os seguidores de Lancelot tivessem recuado, depois olhou de novo para o rei siluriano. — O que você fez? — perguntou pela terceira vez, numa voz amarga.

A dignidade afrontada de Lancelot o levou a se enrijecer.

— Fiz a paz — falou acidamente. — Impedi Cerdic de atacar você. Fiz o possível para ajudá-lo.

— O que você fez — disse Artur numa voz irada, mas tão baixa que nenhum homem do grupo de Cerdic pôde ouvi-lo — foi lutar a batalha de Cerdic. Acabamos de praticamente destruir Aelle, então o que isso torna Cerdic? Torna-o duas vezes mais poderoso do que antes. É isso que o torna! Que os Deuses nos ajudem! — com isso Artur jogou as rédeas para Lancelot, um insulto sutil, e desmontou de seu animal, ajeitou a capa ensanguentada e olhou imperiosamente para os saxões.

Foi a primeira vez que vi Cerdic, e, apesar de todos os bardos o fazerem parecer um demônio com cascos fendidos e picada de serpente, na verdade era um homem baixo, um tanto magro, de cabelos claros e finos que ele penteava para trás e amarrava na nuca. Era muito pálido, tinha testa larga e um queixo fino, raspado. Sua boca era de lábios finos, o nariz afilado e os olhos claros como água enevoada ao amanhecer. Eu duvidava que o autocontrole de Cerdic permitiria que sua expressão traísse seus pensamentos. Usava um peitoral romano, calções de lã e uma capa de pelo de raposa. Parecia organizado e preciso; de fato, se não fosse pelo ouro na garganta e nos pulsos, eu o teria confundido com um escriba. Só que seus olhos não eram de um funcionário; aqueles olhos claros não perdiam coisa alguma e nada revelavam.

— Sou Cerdic — anunciou numa voz baixa.

Artur ficou de lado para que Cuneglas pudesse se anunciar, depois Meurig insistiu em fazer parte da conferência. Cerdic olhou para os dois, desconsiderou-os e olhou de volta para Artur.

— Eu lhe trago um presente — disse ele e esticou a mão para o chefe tribal que o acompanhava. O sujeito pegou uma faca de cabo de ouro que Cerdic estendeu para Artur.

— O presente — traduzi as palavras de Artur — deveria ir para o nosso rei Cuneglas.

Cerdic pôs a lâmina nua na palma esquerda e fechou os dedos em volta. Seus olhos jamais abandonaram os de Artur, e quando ele abriu a mão havia sangue na lâmina.

— O presente é para Artur — insistiu ele.

Artur pegou. Estava nervoso de um modo pouco característico, talvez temesse alguma magia no aço ensanguentado ou então temendo que a aceitação do presente o tornasse cúmplice das ambições de Cerdic.

— Fale ao rei — disse-me Artur — que não tenho presente para ele.

Cerdic sorriu. Foi um sorriso gélido, e pensei em como seria a aparência de um lobo para um cordeiro desgarrado.

— Diga ao lorde Artur que ele me deu o presente da paz.

— Mas e se eu escolhesse a guerra? — perguntou Artur, em tom desafiador. — Aqui e agora! — Ele fez um gesto para o topo da colina, onde um número ainda maior de nossos lanceiros tinha se juntado, de modo que agora o nosso número era pelo menos igual ao de Cerdic.

— Diga que estes não são todos os meus homens — ordenou-me Cerdic. E fez um gesto para a parede de escudos. — E diga também que o rei Lancelot me deu a paz em nome de Artur.

Falei isso a Artur, e vi um músculo estremecer em seu rosto, mas ele manteve a raiva sob controle.

— Dentro de dois dias — disse Artur, e não foi uma sugestão, e sim uma ordem — nos reuniremos em Londres. Lá discutiremos nossa paz. — Ele enfiou a faca ensanguentada no cinto e, quando terminei de traduzir suas palavras, me convocou. Não esperou para ouvir a resposta de Cerdic, em vez disso me guiou morro acima até estarmos fora do alcance da audição das duas delegações. Artur percebeu o meu ombro pela primeira vez.

— O ferimento foi muito ruim?

— Vai curar.

Ele parou, fechou os olhos e respirou fundo.

— O que Cerdic deseja — falou quando abriu os olhos — é governar toda a Lloegyr. Mas se o deixarmos fazer isso, teremos um inimigo terrível em vez de dois mais fracos. — Ele deu alguns passos em silêncio, passando entre os mortos da primeira carga de Aelle. — Antes desta guerra Aelle era poderoso e Cerdic era uma insignificância. Com Aelle destruído poderíamos nos voltar contra Cerdic. Agora é o contrário. Aelle se enfraqueceu, mas Cerdic está poderoso.

— Então lute contra ele agora.

Ele me observou com os olhos castanhos cansados.

— Seja honesto, Derfel — disse em voz baixa —, sem se gabar. Nós venceríamos se lutássemos?

Olhei para o exército de Cerdic. Estava muito bem arrumado e

pronto para a batalha, enquanto os nossos homens estavam cansados e famintos, mas os homens de Cerdic nunca tinham enfrentado os cavaleiros de Artur.

— Acho que venceríamos, senhor — falei honestamente.

— Eu também, mas será uma luta difícil, Derfel, e no final teremos pelo menos uma centena de feridos que teremos de carregar para casa, e os saxões vão convocar cada guarnição em Lloegyr para nos enfrentar. Podemos derrotar Cerdic aqui, mas nunca chegaremos em casa vivos. Estamos muito dentro de Lloegyr. — Ele fez uma careta diante do pensamento. — E se nos enfraquecermos lutando contra Cerdic você acha que Aelle não vai estar esperando para nos emboscar no caminho de casa? — E estremeceu com um súbito jorro de raiva. — O que Lancelot estava pensando? Não posso ter Cerdic como aliado! Ele vai ganhar metade da Britânia, virar-se contra nós e teremos um inimigo saxão duas vezes mais forte do que antes. — Artur soltou um de seus raros palavrões, depois esfregou o rosto ossudo com a mão enluvada. — Bom, o caldo está derramado — falou amargamente — mas ainda temos de tomá-lo. A única resposta é deixar Aelle suficientemente forte para ainda amedrontar Cerdic, por isso pegue seis dos meus cavaleiros e o encontre. Encontre-o, Derfel, e lhe dê essa coisa desgraçada como presente. — Ele estendeu a faca de Cerdic para mim. — Limpe primeiro — disse irritado — e você pode levar também a capa de pele de urso dele. Agravain a encontrou. Dê a ele como um segundo presente e lhe diga para vir a Londres. Diga que juro por sua segurança e que esta é sua única chance de manter alguma terra. Você tem dois dias Derfel, encontre-o.

Hesitei, não porque discordasse, mas porque não entendia o motivo de Aelle ter de ir a Londres.

— Porque não posso ficar em Londres com Aelle à solta em Lloegyr — respondeu Artur, cansado. — Ele pode ter perdido seu exército aqui, mas tem guarnições suficientes para montar outro, e enquanto nos desembaraçamos de Cerdic ele poderia acabar com meia Dumnonia. — Artur se virou e olhou malévolo para Lancelot e Cerdic. Pensei que ia xingar de novo, mas ele apenas suspirou, cansado. — Vou fazer a paz, Derfel. Os Deuses sabem que não é a paz que eu queria, mas podemos mesmo assim fazer direito. Agora vá, meu amigo, vá.

Fiquei o tempo suficiente para me certificar de que Issa cuidaria adequadamente de queimar o corpo de Cavan e que encontraria um lago para jogar na água a espada do irlandês morto, e então cavalguei para o norte, atrás de um exército derrotado.

Enquanto Artur, com o sonho estragado por um idiota, marchava para Londres.

Há muito tempo eu sonhava conhecer Londres, mas nem mesmo em

minhas fantasias mais loucas tinha imaginado sua realidade. Pensava que seria como Glevum, talvez um pouco maior, mas ainda assim um lugar onde haveria um agrupamento de construções altas em volta de um espaço central aberto, com pequenas ruas atulhadas atrás e uma muralha de terra cercando tudo, mas em Londres havia seis desses espaços abertos, todos com seus salões cheios de colunas, templos com arcadas e palácios de tijolos. As casas comuns, que em Glevum ou Durnovária eram baixas e cobertas de palha, aqui eram construídas com dois ou três andares. Muitas das casas tinham se desmoronado no correr dos anos, mas ainda havia uma boa quantidade com os tetos de telha e as pessoas ainda subiam em suas íngremes escadas de madeira. A maioria dos nossos homens nunca tinha visto uma escada dentro de uma construção, e no primeiro dia em Londres todos corriam como crianças empolgadas para observar a vista dos andares mais altos. Finalmente um dos prédios desmoronou sob o peso deles, e então Artur proibiu que ficassem subindo as escadas.

A fortaleza de Londres era maior do que Caer Sws, e essa fortaleza era meramente o bastião noroeste da muralha da cidade. Havia uma dúzia de alojamentos dentro da fortaleza, cada um maior do que um salão de festas, e cada um feito de pequenos tijolos vermelhos. Ao lado da fortaleza havia um anfiteatro, um templo e uma das dez casas de banho da cidade. Outras cidades tinham essas coisas, claro, mas tudo aqui era mais alto e mais largo. O anfiteatro de Durnovária era feito de terra gramada, e eu sempre o havia achado bem impressionante, até que vi a arena de Londres, que poderia ter engolido cinco anfiteatros como o de Durnovária. A muralha em volta da cidade era feita de pedras, e não de terra, e, apesar de Aelle ter deixado seus parapeitos desmoronarem, ainda era uma barreira formidável, agora coroada pelos triunfantes homens de Cerdic. Ele tinha ocupado a cidade, e a presença de seus estandartes feitos de crânios nas muralhas mostrava que pretendia mantê-la.

A margem do rio também possuía uma muralha de pedras que havia sido construída originalmente contra os piratas saxões. Aberturas nessas muralhas levavam aos cais, e uma se abria para um canal que atravessava o coração de um grande jardim onde havia um palácio construído. Ainda havia bustos e estátuas no palácio, longos corredores ladrilhados e um grande salão com colunas onde presumi que nossos governantes romanos se reuniam para tomar decisões. Agora a água da chuva escorria pelas paredes pintadas, os ladrilhos do chão estavam partidos e o jardim era um emaranhado de ervas daninhas, mas a glória continuava lá, mesmo que fosse apenas uma sombra. Toda a cidade era uma sombra da glória antiga. Nenhuma das casas de banho funcionava. As piscinas estavam rachadas e vazias, as fornalhas frias e os pisos de mosaico tinham estofado e estalado sob o ataque do frio e do mato. As

ruas de pedra se haviam transformado em vias enlameadas, mas apesar da decadência a cidade ainda era enorme e magnífica. Fez com que eu imaginasse como seria Roma. Galahad me disse que Londres era um mero povoado em comparação, e que o anfiteatro de Roma poderia engolir vinte arenas como a de Londres, mas não pude acreditar. Mal podia acreditar em Londres, mesmo olhando para ela. Parecia obra de gigantes.

Aelle jamais gostara da cidade e não queria morar aqui, por isso os únicos habitantes eram um punhado de saxões e os britânicos que tinham aceitado o governo de Aelle. Alguns desses britânicos ainda prosperavam. A maioria era composta de mercadores que negociavam com a Gália, e suas casas grandes eram construídas ao lado do rio, e os armazéns eram guardados por suas próprias muralhas e seus lanceiros, mas boa parte do resto da cidade estava deserto. Era um lugar agonizante, uma cidade entregue aos ratos, uma cidade que um dia tivera o título de Augusta. Fora conhecida como Londres, a Magnífica, e um dia seu rio estivera cheio dos mastros de galeras; agora era um lugar de fantasmas.

Aelle foi para Londres comigo. Eu o havia encontrado a meio dia de marcha ao norte da cidade. Ele se refugiara numa fortaleza romana onde tentava montar de novo um exército. A princípio suspeitou de minha mensagem. Gritou comigo, acusando-nos de usar feitiçaria para derrotá-lo, depois ameaçou matar minha escolta, mas tive o bom senso de esperar pacientemente sua raiva se esgotar e, depois de um tempo, ele se acalmou. Tinha jogado a faca de Cerdic longe, mas ficou satisfeito em ter de volta sua grossa capa de pele de urso. Não creio que tenha corrido perigo real, porque sentia que ele gostava de mim, e de fato, quando sua raiva se dissipou, ele passou o braço pesado pelo meu ombro e caminhou comigo de um lado para o outro pelas fortificações.

— O que Artur quer? — perguntou.

— Paz, senhor rei. — O peso de seu braço estava machucando meu ombro ferido, mas não ousei protestar.

— Paz! — ele cuspiu a palavra como se fosse um pedaço de carne estragada, mas sem o escárnio que usara para rejeitar a oferta de paz feita por Artur antes da batalha do vale do Lugg. Na época Aelle era mais forte e podia se dar ao luxo de pedir um preço mais alto. Agora estava humilhado, e sabia disso. — Nós, saxões, não nos destinamos a estar em paz. Nós nos alimentamos dos grãos do inimigo, nos vestimos com a lã dele, obtemos prazer com suas mulheres. O que a paz nos oferece?

— Uma chance de restaurar sua força, senhor rei, caso contrário Cerdic estará se alimentando de seu grão e se vestindo com sua lã.

Aelle riu.

— Ele gostaria das mulheres também. — Em seguida, tirou o braço

de cima do meu ombro e olhou para o norte, por cima dos campos. — Terei de ceder terras — resmungou.

— Mas se escolher a guerra, senhor rei, o preço será mais alto. Enfrentará Artur e Cerdic, e talvez termine sem terra nenhuma, a não ser o capim acima de sua sepultura.

Ele se virou e me deu um olhar esperto.

— Artur só quer a paz para que eu lute contra Cerdic por ele.

— Claro, senhor rei.

Ele riu de minha honestidade.

— E se eu não for a Londres vocês vão me caçar como um cão.

— Como um grande javali, senhor rei, cujas presas ainda estão afiadas.

— Você fala como luta, Derfel. Bem. — Aelle havia ordenado que seus feitiçeiros fizessem um cataplasma de musgo e teias de aranha, que eles puseram em meu ombro ferido enquanto ele consultava seu conselho. A consulta não demorou muito, porque Aelle sabia que tinha pouca escolha. Assim, na manhã seguinte marchei com ele pela estrada romana que ia até a cidade. Ele insistiu em levar uma escolta de sessenta lanceiros. — Talvez vocês confiem em Cerdic — falou —, mas não existe uma promessa que ele tenha feito e que não tenha quebrado. Diga isso a Artur.

— Diga o senhor, senhor rei.

Aelle e Artur se reuniram secretamente na véspera do dia em que deveriam negociar com Cerdic, e naquela noite discutiram sua paz separada. Aelle cedeu muito. Abriu mão de grandes trechos de terras na fronteira oeste e concordou em pagar de novo a Artur todo o ouro que este lhe dera no ano anterior, e mais ouro ainda. Em troca Artur prometeu quatro anos inteiros de paz e o apoio caso Cerdic não concordasse com os termos do dia seguinte. Os dois se abraçaram quando a paz foi feita, e depois, enquanto voltávamos ao nosso acampamento fora da muralha oeste da cidade, Artur balançou a cabeça tristemente.

— A gente nunca deveria encontrar um inimigo cara a cara — disse-me. — Pelo menos se souber que um dia terá de destruí-lo. Ou isso ou os saxões devem se submeter ao nosso governo. E não vão. Não vão.

— Talvez se submetam. Ele balançou a cabeça.

— Os saxões e os britânicos não se misturam, Derfel.

— Eu me misturo, senhor.

Ele riu.

— Mas se sua mãe não tivesse sido capturada, Derfel, você teria sido criado como saxão e provavelmente estaria agora no exército de Aelle. Seria um inimigo. Cultuaria os Deuses dele, sonharia os sonhos dele, e desejaria nossa terra. Esses saxões precisam de muito espaço.

Mas pelo menos tínhamos contido Aelle, e no dia seguinte, no

grande palácio junto ao rio, encontramos Cerdic. Naquele dia o sol brilhava, lançando fagulhas no canal onde antigamente o governador da Britânia atracava sua barça. Os brilhos escondiam a espuma, a lama e a sujeira que agora cobriam o canal, mas nada podia esconder o fedor do esgoto.

Cerdic teve primeiro uma reunião de conselho, e, enquanto debatia, nós, britânicos, nos reunimos numa sala acima da muralha que dava para o rio, de modo que o teto, que era pintado com seres curiosos, metade mulheres e metade peixes, estava coberto de faixas de luz tremulante. Nossos lanceiros guardavam todas as portas e janelas, para ter certeza de que não fôssemos entreouvindo.

Lancelot estava lá, e tivera permissão de trazer Dinas e Lavaine. Os três ainda insistiam em que sua paz com Cerdic fora sábia, mas Meurig era o único que os apoiava, e o resto de nós estava com raiva diante de seu carrancudo desafio. Artur ouviu nossos protestos durante um tempo, depois interrompeu para dizer que nada seria resolvido discutindo o passado.

— O que está feito está feito, mas preciso me certificar de uma coisa. — Ele olhou para Lancelot. — Garanta que não fez qualquer promessa a Cerdic.

— Eu lhe dei a paz — insistiu Lancelot — e sugeri que ele o ajudasse a lutar contra Aelle. Só isso.

Merlin estava sentado na janela que dava para o rio. Tinha adotado um dos gatos vadios do palácio e agora acariciava o animal em seu colo.

— O que Cerdic quer? — perguntou em tom afável.

— A derrota de Aelle.

— Só isso? — perguntou Merlin, não se incomodando em esconder a descrença.

— Só isso — insistiu Lancelot. — Mais nada. — Todos ficamos olhando para ele. Artur, Merlin, Cuneglas, Meurig, Agrícola, Sagramor, Galahad, Culhwch e eu. Nenhum de nós falou, só ficamos olhando. — Ele não queria mais nada! — insistiu Lancelot, que para mim parecia uma criancinha contando mentiras descaradas.

— Que coisa notável num rei! — disse Merlin placidamente. — Querer tão pouco. — Em seguida começou a provocar o gato, balançando uma das tranças de sua barba contra as patas dele. — E o que você queria? — perguntou, ainda em tom afável.

— A vitória de Artur — declarou Lancelot.

— Porque não achava que Artur poderia vencer sozinho? — sugeriu Merlin, ainda acariciando o gato.

— Eu queria torná-la certa. Estava tentando ajudar! — Ele olhou o salão em volta, procurando aliados, e encontrando apenas o jovem Meurig. — Se vocês não querem paz com Cerdic — falou petulante —, por que não lutam contra ele agora?

— Porque, senhor rei, você usou meu nome para garantir a trégua com ele — disse Artur pacientemente —, e porque nosso exército está a muitas marchas distante de casa, e os homens dele estão no nosso caminho. Se você não tivesse feito a paz — explicou, ainda falando com cortesia —, metade do exército dele estaria na fronteira, vigiando os seus homens, e eu estaria livre para marchar para o sul e atacar a outra metade. Do jeito que está... — ele deu de ombros. — O que Cerdic vai exigir de nós hoje?

— Tudo que os saxões sempre querem, senhor — disse Agrícola com firmeza. — Terra, terra e mais terra. Eles não ficarão felizes enquanto não tiverem cada fatia de terra do mundo, e então vão começar a procurar outros mundos para pôr sob seus arados.

— Ele deve ficar satisfeito com a terra que tirou de Aelle. Não receberá nenhuma de nós.

— Deveríamos pegar um pouco da dele — falei pela primeira vez. — A terra que ele roubou no ano passado. — Era um belo trecho de terra ribeirinha na nossa fronteira sul, um local fértil e rico que ia dos altos urzais até o mar. A terra tinha pertencido a Melwas, o rei dos Belgae, que Artur mandara para Isca como punição, e era uma terra que nos fazia tremenda falta, porque sua perda trouxe Cerdic muito perto das ricas propriedades próximas de Durnovária, e também significava que seus navios estavam a minutos de Ynys Wit, a grande ilha que os romanos tinham chamado de Vectis e que ficava perto de nossa costa. Há um ano os saxões de Cerdic tinham atacado Ynys Wit implacavelmente, e o povo da ilha vivia pedindo mais lanceiros a Artur, para proteger suas propriedades.

— Devemos ter aquela terra de volta — apoiou Sagramor. Ele tinha agradecido a Mitra pela volta de sua mulher em segurança pondo uma espada capturada no templo do Deus em Londres.

— Duvido de que Cerdic faça a paz em troca de ceder terras — interveio Meurig.

— E não marchamos para a guerra com o objetivo de ceder terras — respondeu Artur, irado.

— Eu pensei, perdoe-me — insistiu Meurig, e uma espécie de rosnado baixo perpassou a sala enquanto ele persistia com o argumento. — Mas você disse, não disse?, que não podia continuar com a guerra. Estando tão longe de casa, não é? Mas agora, em troca de um pedaço de terra, vai arriscar a vida de todos nós? Espero não estar sendo tolo — ele deu um risinho para mostrar que tinha feito uma piada —, mas não consigo entender por que arriscamos a única coisa que não podemos nos dar ao luxo de suportar.

— Senhor príncipe — disse Artur em voz baixa —, nós podemos estar fracos, mas se mostrarmos nossa fraqueza, estaremos mortos aqui. Não vamos até Cerdic hoje para ceder um fio de cabelo. Vamos fazer

exigências.

— E se ele recusar? — perguntou Meurig, indignado.

— Então teremos uma retirada difícil — admitiu Artur calmamente. Ele olhou por uma janela que dava para o pátio. — Parece que nosso inimigo está pronto. Vamos então?

Merlin empurrou o gato para o chão e usou o cajado para se levantar.

— Vocês se importam se eu não for? Estou velho demais para suportar um dia de negociações. Toda aquela agitação e aquela raiva! — Ele espanou do manto os pelos do gato, depois se virou subitamente para Dinas e Lavaine e perguntou, desaprovando: — Desde quando os druidas usam espadas ou servem a um rei cristão?

— Desde que decidimos as duas coisas — disse Dinas. Os gêmeos, que eram quase tão altos quanto Merlin, desafiaram-no olhando sem piscar.

— Quem tornou vocês druidas?

— O mesmo poder que fez de você um druida — disse Lavaine.

— E que poder é esse? — Quando os gêmeos não responderam, Merlin zombou dos dois. — Pelo menos vocês sabem botar ovos de tordo. Acho que esse tipo de truque impressiona os cristãos. Também transformam o vinho deles em sangue e o pão em carne?

— Usamos nossa magia e a deles também — disse Dinas. — Esta não é a antiga Britânia, e sim uma nova Britânia com novos Deuses. Misturamos a magia deles com a antiga. Você poderia aprender conosco, lorde Merlin.

Merlin cuspiu para mostrar sua opinião sobre o conselho, depois, sem dizer mais nada, saiu da sala. Dinas e Lavaine não se abalaram com sua hostilidade. Possuíam uma autoconfiança extraordinária.

Seguimos Artur até o grande salão cheio de colunas onde, como Merlin tinha previsto, discutimos e fizemos pose, gritamos e adulamos. A princípio foram Aelle e Cerdic que fizeram mais barulho, e Artur era frequentemente o mediador entre os dois, mas nem mesmo Artur podia impedir Cerdic de se tornar rico em terras à custa de Aelle. Ele manteve a posse de Londres e ganhou o vale do Tâmsa e grandes trechos de terra fértil ao norte do rio. O reino de Aelle se encolheu em um quarto, mas ele ainda possuía um reino, e por isso devia agradecer a Artur. Não ofereceu nada, apenas saiu da sala quando a conversa terminou e deixou Londres naquele mesmo dia, como um grande javali ferido se arrastando para a toca.

Era o meio da tarde quando Aelle saiu, e Artur, usando-me como intérprete, levantou o assunto da terra dos belgae que Cerdic tinha capturado no ano anterior, e prosseguiu exigindo a devolução da terra muito depois de quando o resto de nós já teria desistido do esforço. Não fez ameaças, apenas repetiu e repetiu a exigência até que Culhwch estava

dormindo, Agrícola bocejando e eu cansado de tirar o tom cortante das reiteradas rejeições de Cerdic. E Artur continuou insistindo. Ele sentia que Cerdic precisava de tempo para consolidar as novas terras que havia tomado de Aelle, e sua ameaça era que não daria paz a Cerdic a não ser que as terras ribeirinhas fossem devolvidas. Cerdic contrapôs ameaçando lutar conosco em Londres, mas Artur finalmente revelou que buscaria a ajuda de Aelle para lutar, e Cerdic sabia que não podia derrotar nossos dois exércitos.

Estava quase escuro quando Cerdic por fim cedeu. Não cedeu totalmente, mas disse a contragosto que discutiria o assunto com seu conselho privado. Então acordamos Culhwch e saímos para o pátio, depois passamos por um pequeno portão na muralha do rio até chegar a um cais onde olhamos o Tâmis deslizar escuro. A maioria de nós falou pouco, mas Meurig ficou discursando de modo irritante para Artur, sobre a perda de tempo de fazer exigências impossíveis, mas, quando Artur se recusou a discutir, o príncipe gradualmente foi ficando quieto. Sagamor sentou-se encostado na muralha, incessantemente passando uma pedra de amolar pela lâmina de sua espada. Lancelot e os druidas silurianos ficaram separados de nós; três homens altos e bonitos, rígidos de orgulho. Dinas olhava para as árvores que iam escurecendo do outro lado do rio, enquanto seu irmão me lançava longos olhares especulativos.

Esperamos uma hora até que, finalmente, Cerdic veio para a margem do rio.

— Diga a Artur o seguinte — falou ele sem qualquer preâmbulo. — Que não confio em nenhum de vocês e que não quero nada mais do que matar todos vocês. Mas vou lhe entregar a terra dos belgae com uma condição. Que Lancelot seja feito rei daquela terra. Não um rei submetido, e sim rei com todos os poderes de um reino independente.

Mirei os olhos cinza-azulados do saxão. Estava tão pasmo por sua condição que não falei nada, nem mesmo para dar a entender que tinha ouvido as palavras. Tudo de repente ficou claro. Lancelot tinha feito essa barganha com o saxão, e Cerdic escondera o acordo secreto por trás de uma tarde de rejeições cheias de escárnio. Eu não tinha prova disso, mas sabia que devia ser verdade, e quando olhei para o outro lado vi que Lancelot estava me observando cheio de expectativa. Ele não falava saxão, mas sabia exatamente o que Cerdic acabara de falar.

— Diga a ele! — ordenou Cerdic.

Traduzi para Artur. Agrícola e Sagamor cuspiram enojados e Culhwch deu uma gargalhada breve e azeda, mas Artur apenas olhou nos meus olhos durante alguns segundos graves, antes de assentir, cansado.

— Concordo — disse ele.

— Vocês sairão deste lugar ao amanhecer — disse Cerdic

abruptamente.

— Partiremos em dois dias — respondi, sem me importar em consultar Artur.

— Concordo — disse Cerdic e se virou para ir embora.

Assim, tivemos nossa paz com os saxões.

Não era a paz que Artur queria. Ele acreditava que poderíamos enfraquecer tanto os saxões que seus navios parariam de chegar do outro lado do mar Germânico, e que dentro de um ou dois anos poderíamos expulsar o resto da Britânia. Mas era paz.

— O destino é inexorável — disse Merlin na manhã seguinte. Eu o encontrei no centro do anfiteatro romano, onde ele se virou lentamente para olhar as fileiras de bancos de pedra que formavam um círculo inteiro em volta da arena. Tinha requisitado quatro de meus lanceiros, que estavam sentados na borda da arena olhando para ele, tão ignorantes quanto eu de seus deveres.

— Ainda está procurando o último Tesouro? — perguntei.

— Gosto deste lugar — disse ele, ignorando minha pergunta enquanto se virava para fazer outra longa inspeção na arena. — Realmente gosto.

— Pensei que o senhor odiava os romanos.

— Eu? Odiar os romanos? — perguntou ele num ultraje fingido. — Como rezo para que meus ensinamentos não sejam passados à posteridade através da peneira estragada que você optou por chamar de cérebro, Derfel. Eu amo toda a humanidade! — declarou grandiloquente. — E até os romanos são perfeitamente aceitáveis se ficarem em Roma. Eu lhe disse que estive em Roma uma vez, não disse? Cheia de padres e catamitas. Sansum iria se sentir bem à vontade lá. Não, Derfel, o erro dos romanos foi vir à Britânia e estragar tudo, mas nem tudo que eles fizeram aqui foi ruim.

— Eles nos deram isto — falei, fazendo um gesto para as doze fileiras de assentos e o alto balcão onde os senhores romanos assistiam à arena.

— Ah, poupe-me do discurso tedioso de Artur sobre estradas, tribunais, pontes e estruturas. — Ele cuspiu a última palavra. — Estrutura! O que é a estrutura da lei, das estradas e das fortalezas senão uma canga? Os romanos nos domaram, Derfel. Nos transformaram em pagadores de impostos e foram tão inteligentes que chegamos a acreditar que eles nos fizeram um favor! Um dia nós caminhamos com os Deuses, éramos um povo livre, e então pusemos nossa cabeça estúpida na canga dos romanos e nos tornamos pagadores de impostos.

— Então o que os romanos fizeram de tão bom?

Ele deu um sorriso lupino.

— Antigamente atulhavam esta arena com cristãos, Derfel, depois

mandavam cães para cima deles. Em Roma, veja bem, faziam isso direito; usavam leões. Mas a longo prazo, infelizmente, os leões perderam.

— Vi uma imagem de um leão — falei com orgulho.

— Ah, estou fascinado — disse Merlin, não se incomodando em esconder um bocejo. — Por que não me conta isso? — Tendo me silenciado desse modo, ele sorriu. — Vi um leão de verdade uma vez. Era um bicho pouco impressionante, puído. Suspeitei de que ele estivesse recebendo a dieta errada. Talvez o estivessem alimentando com mitraístas em vez de cristãos. Isso foi em Roma, claro. Eu o cutuquei com meu cajado e ele apenas bocejou e coçou uma pulga. Também vi um crocodilo, só que estava morto.

— O que é um crocodilo?

— Uma coisa parecida com Lancelot.

— Rei dos belgae — acrescentei acidamente.

Merlin gargalhou.

— Ele foi esperto, não foi? Ele odiava Silúria, e quem pode culpá-lo? Todo aquele povo desenxabido em seus vales sem graça, não era o tipo de lugar para Lancelot, mas ele vai gostar da terra belgae. Lá o sol brilha, está cheia de propriedades romanas e, melhor de tudo, não fica longe de sua querida amiga Guinevere.

— Isso é importante?

— Não seja tão sonso, Derfel.

— Não sei o que quer dizer.

— Quero dizer, meu guerreiro ignorante, que Lancelot se comporta como quer com Artur. Pega o que quer e faz o que quer, e pode fazer isso porque Artur tem aquela qualidade ridícula chamada culpa. Nesse sentido, ele é muito cristão. Você consegue entender uma religião que a faz gente se sentir culpada? Que ideia absurda! Mas Artur seria um cristão muito bom. Ele acredita que fez um juramento para salvar Benoic, e quando fracassou sentiu que tinha abandonado Lancelot, e, enquanto essa culpa ferir Artur, Lancelot vai se comportar como quiser.

— Com Guinevere também? — perguntei curioso com sua menção anterior à amizade entre Lancelot e Guinevere, uma menção que possuía mais do que uma sugestão de boato maldoso.

— Nunca explico o que não posso saber — disse Merlin, com ar superior. — Mas deduzo que Guinevere esteja entediada com Artur, e por que não? Ela é uma criatura esperta e gosta de outras pessoas espertas, e Artur, por mais que o amemos, não é complicado. As coisas que ele deseja são pateticamente simples: lei, justiça, ordem, limpeza. Ele realmente quer que todo mundo seja feliz, e isso é impossível. Guinevere não é tão simples. Você é, claro.

Ignorei o insulto.

— Então o que Guinevere quer?

— Que Artur seja rei de Dumnonia, claro, e que ela própria seja a verdadeira governante da Britânia governando-o, mas até isso acontecer, Derfel, ela vai se divertir do melhor modo possível. — Ele pareceu malicioso enquanto uma ideia lhe ocorria. — Se Lancelot se tornar rei dos belgae — disse alegremente —, apenas observe Guinevere decidir que não quer o palácio novo em Lindinis, afinal de contas. Vai encontrar um lugar bem mais próximo de Venta. Veja se eu não estou certo. — Ele deu um risinho. — Os dois foram muito espertos — acrescentou, cheio de admiração.

— Guinevere e Lancelot?

— Não seja tão obtuso, Derfel! Quem estava falando de Guinevere? Realmente, o seu apetite por fofocas é indecente. Estou falando de Cerdic e Lancelot, claro. Aquela foi uma peça de diplomacia bastante sutil. Artur faz toda a luta. Aelle entrega a maior parte da terra, Lancelot agarra um reino muito mais adequado, e Cerdic duplica o próprio poder e tem Lancelot, em vez de Artur, como seu vizinho no litoral. Muito bem-feito. Como os maus prosperam! Gosto de ver isso. — Ele sorriu, depois se virou enquanto Nimue aparecia em um dos dois túneis que passavam por baixo das arquibancadas chegando até a arena. Veio rapidamente pisando no chão coberto de mato ralo, com um ar de empolgação no rosto. Seu olho de ouro, que tanto amedrontava os saxões, brilhava ao sol da manhã.

— Derfel! — exclamou. — O que vocês fazem com o sangue do touro?

— Não o confunda — disse Merlin. — Esta manhã ele está mais estúpido do que o costume.

— Em Mitra — disse ela, agitada. — O que vocês fazem com o sangue?

— Nada.

— Eles misturam com aveia e gordura — disse Merlin —, e fazem pudim.

— Diga! — insistiu Nimue.

— É segredo — falei, embaraçado.

Merlin soltou um uivo.

— Segredo? Segredo! “Ah, grande Mitra!” — entoou ele numa voz que ecoou da arquibancada — “cuja ponta de lança foi forjada nas profundezas do oceano e cujo escudo sombreia as estrelas mais brilhantes, ouvi-nos”. Devo continuar, garoto? — Merlin estivera recitando a invocação com a qual iniciávamos nossas reuniões, e que supostamente fazia parte de nossos rituais secretos. Ele se virou de costas para mim, escarnecendo. — Eles têm um poço, querida Nimue, coberto com uma grade de ferro, e a vida do pobre animal é jorrada no buraco, depois eles mergulham as lanças no sangue, se embebedam e pensam que fizeram alguma coisa significativa.

— Foi o que pensei — disse Nimue, depois sorriu. — Não há poço.

— Ah, querida menina! — disse Merlin, admirando. — Querida menina! Ao trabalho. — E saiu às pressas.

— O que vocês estão fazendo? — gritei para ele, mas Merlin simplesmente acenou e continuou andando, chamando meus lanceiros que esperavam. Fui atrás mesmo assim, e ele não tentou me impedir. Passamos pelo túnel e saímos numa das ruas estranhas com prédios altos, depois fomos para o oeste em direção à grande fortaleza que formava o bastião noroeste das muralhas da cidade, e ao lado do forte, construído encostado na cidade, havia um templo.

Acompanhei Merlin para dentro.

Era uma construção bonita; comprida, escura, estreita e alta, com o teto pintado, sustentado por duas fileiras de sete colunas. Evidentemente, o templo era usado agora como depósito, porque fardos de lã e montes de peles estavam empilhados num corredor lateral, mas algumas pessoas ainda deviam cultuar na construção, porque havia uma estátua de Mitra usando seu estranho chapéu mole numa das extremidades, e estátuas menores arrumadas na frente das colunas afiladas. Supus que as pessoas que cultuavam aqui fossem descendentes dos colonos romanos que tinham optado por ficar na Britânia quando as legiões partiram, e parecia que tinham abandonado a maioria das divindades de seus ancestrais, inclusive Mitra, porque as pequenas oferendas de flores, comida e lamparinas estavam reunidas apenas diante de três imagens. Duas eram de Deuses romanos elegantemente esculpidos, mas o terceiro ídolo era britânico; uma lisa pedra fálica com um rosto brutal, arregalado, esculpido na ponta, e somente essa estátua estava encharcada em sangue seco, enquanto a única oferta ao lado da estátua de Mitra era a espada saxã que Sagamor tinha deixado como agradecimento pela volta de Malla. Era um dia ensolarado, mas a única luz dentro do templo vinha por um trecho do telhado onde as telhas haviam desaparecido. O templo deveria ser escuro, porque Mitra nascera numa caverna e nós o cultuávamos na escuridão de uma caverna.

Merlin bateu nas pedras do assoalho com seu cajado, finalmente escolhendo um ponto no fim da nave, logo abaixo da estátua de Mitra.

— É aqui que você mergulharia suas lanças, Derfel?

Passei para o corredor lateral onde as peles e a lã estavam empilhadas.

— Aqui — falei, apontando para um poço raso meio escondido por uma das pilhas.

— Não seja absurdo! — reagiu Merlin. — Alguém fez isso mais tarde! Você realmente acha que está escondendo os segredos de sua religião patética? — Ele bateu de novo no chão debaixo da estátua, depois tentou outro local a pouco mais de um metro de distância, e

evidentemente decidiu que os dois pontos produziam sons diferentes, por isso bateu pela terceira vez aos pés da estátua. — Cavem aqui — ordenou aos meus lanceiros.

Estremeci diante do sacrilégio.

— Ela não deveria estar aqui, senhor — falei, fazendo um gesto para Nimue.

— Mais uma palavra sua, Derfel, e o transformo num ouriço manco. Levantem as pedras! — disse rispidamente aos meus homens. — Usem as lanças como alavancas, idiotas. Andem! Trabalhem!

Sentei-me ao lado do ídolo britânico, fechei os olhos e rezei a Mitra para que me perdoasse o sacrilégio. Depois rezei para que Ceinwyn estivesse em segurança e que o bebê em sua barriga ainda estivesse vivo, e ainda estava rezando por meu filho não nascido quando a porta do templo se abriu com um som raspado e botas ressoaram nas pedras. Abri os olhos, virei a cabeça e vi que Cerdic tinha vindo ao templo.

Vinha com vinte lanceiros, seu intérprete e, mais surpreendentemente, com Dinas e Lavaine.

Levantei-me e toquei os ossos no cabo de Hywelbane para dar sorte, enquanto o rei saxão caminhava lentamente pela nave.

— Esta cidade é minha — anunciou Cerdic em voz baixa — e tudo que há dentro das muralhas é meu. — Ele olhou um momento para Merlin e Nimue, depois para mim. — Diga para eles se explicarem.

— Diga a esse idiota para ir molhar a cabeça num balde — ordenou Merlin, rispidamente. Ele falava saxão bastante bem, mas era adequado fingir que não.

— Aquele é o intérprete dele, senhor — alertei a Merlin, fazendo um gesto para o homem ao lado de Cerdic.

— Então ele pode dizer ao rei para molhar a cabeça — disse Merlin. O intérprete obedeceu, e o rosto de Cerdic estremeceu num sorriso perigoso.

— Senhor rei — falei, tentando desfazer o dano causado por Merlin —, meu lorde Merlin tenta restaurar o templo à condição antiga.

Cerdic considerou esta resposta enquanto inspecionava o que estava sendo feito. Meus quatro lanceiros tinham levantado as pedras do piso para revelar uma massa compacta de areia e cascalho, e agora estavam tirando essa massa pesada, que se encontrava acima de uma plataforma inferior, feita de tábuas encharcadas de piche. O rei olhou para o poço, depois fez um gesto para meus quatro lanceiros continuarem com o trabalho.

— Mas se encontrarem ouro — falou comigo —, é meu. — Comecei a traduzir para Merlin, mas Cerdic me interrompeu com um gesto de mão. — Ele fala a nossa língua — disse, olhando para Merlin. — Eles me contaram — e apontou a cabeça para Dinas e Lavaine.

Olhei para os gêmeos maldosos, depois de novo para Cerdic.

— O senhor tem companheiros estranhos, senhor rei.

— Não mais estranhos do que você — respondeu ele, espiando o olho dourado de Nimue. Ela o retirou com um dedo e deu-lhe toda a visão horrenda da órbita encolhida e nua, mas Cerdic pareceu não se abalar com a ameaça. Em vez disso, pediu que eu lhe dissesse o que sabia sobre os diferentes deuses do templo. Respondi do melhor modo possível, mas era claro que ele não estava interessado de verdade. Interrompeu-me para olhar Merlin de novo. — Onde está o seu Caldeirão, Merlin?

Merlin lançou um olhar assassino para os gêmeos silurianos, depois cuspiu no chão.

— Escondido.

Cerdic não pareceu surpreso com a resposta. Passou pelo poço que estava cada vez mais fundo e pegou a espada saxã que Sagramor tinha doado a Mitra. Deu um corte especulativo no ar e pareceu aprovar o equilíbrio da lâmina.

— Esse Caldeirão tem grandes poderes? — perguntou a Merlin. Merlin se recusou a responder, por isso falei por ele.

— É o que dizem, senhor rei.

— Poderes que vão livrar a Britânia dos saxões? — Cerdic me encarou com seus olhos claros.

— É por isso que rezamos, senhor rei.

Ele sorriu, depois se virou de novo para Merlin.

— Qual é o seu preço pelo Caldeirão, velho?

Merlin o encarou, irado.

— O seu fígado, Cerdic.

Cerdic se aproximou mais de Merlin e encarou os olhos do mago. Não vi medo em Cerdic, nenhum. Os Deuses de Merlin não eram dele. Aelle poderia ter temido Merlin, mas Cerdic jamais sofrera a magia do druida, e assim, para Cerdic, Merlin era apenas um velho sacerdote britânico com reputação exagerada. De repente ele estendeu a mão e segurou uma das tranças da barba de Merlin, amarradas com fita preta.

— Eu lhe pago muito ouro, velho.

— Eu disse qual é o meu preço — respondeu Merlin. Em seguida, tentou se afastar de Cerdic, mas o rei apertou a trança com mais força.

— Eu pago o seu preço em ouro.

— O seu fígado — contrapôs Merlin.

Cerdic levantou a lâmina saxã, fez um rápido movimento de serra com a lâmina e cortou a trança da barba. Em seguida, se afastou.

— Brinque com o seu Caldeirão, Merlin de Avalon — falou, jogando a espada de lado —, mas um dia vou cozinhar o seu fígado nele e servir aos meus cães.

Nimue olhou o rei, com o rosto pálido. Merlin estava chocado demais para se mover, quanto mais para falar, enquanto os meus

lanceiros simplesmente ficaram boquiabertos.

— Continuem com isso, idiotas — rosnei para eles. — Trabalhem! — Eu estava mortificado. Nunca tinha visto Merlin sofrer humilhação, e nunca quis ver. Nem mesmo achava possível.

Merlin esfregou a barba violada.

— Um dia, senhor rei — falou em voz baixa —, terei minha vingança.

Cerdic descartou essa ameaça frágil e voltou para os seus homens. Deu a barba cortada a Dinas, que curvou a cabeça em agradecimento. Eu cuspi, porque sabia que agora a dupla siluriana poderia tecer um grande mal. Poucas coisas são tão poderosas para fazer feitiços quanto pelos ou pedaços de unha de um inimigo, e era por isso, para impedir que essas coisas caíssem em mãos malévolas, que todos tomávamos o cuidado de queimá-las. Até uma criança pode fazer maldade com uma mecha de cabelos.

— Quer que eu pegue a trança de volta, senhor? — perguntei a Merlin.

— Não seja absurdo, Derfel — disse ele cautelosamente, fazendo um gesto para os vinte lanceiros de Cerdic. — Acha que poderia matar todos eles? — Merlin balançou a cabeça, depois sorriu para Nimue. — Você está vendo como estamos longe de nossos Deuses aqui? — falou, tentando explicar a impotência.

— Cavem — rosnou Nimue para os meus homens, mas agora eles já haviam terminado e estavam tentando levantar a primeira das grandes tábuas. Cerdic, que obviamente tinha vindo ao templo porque Dinas e Lavaine lhe disseram que Merlin estava procurando um tesouro, ordenou que três de seus lanceiros ajudassem. Os três pularam no poço e enfiaram as lanças debaixo da borda da tábua, e lentamente a forçaram para cima até que meus homens puderam segurá-la e arrastá-la.

O poço era o poço de sangue, o lugar onde a vida do touro agonizante penetrava na mãe terra, mas em algum momento tinha sido habilmente disfarçado com as tábuas, a areia, o cascalho e as pedras.

— Isso foi feito quando os romanos partiram — disse Merlin, fora do alcance da audição do pessoal de Cerdic. Ele esfregou a barba de novo.

— Senhor — falei sem jeito, entristecido por sua humilhação.

— Não se preocupe, Derfel. — Ele tocou meu ombro, me tranquilizando. — Você acha que eu deveria invocar fogo dos Deuses? Fazer a terra se abrir e engoli-lo? Invocar uma serpente do mundo dos espíritos?

— Sim, senhor — respondi arrasado.

Ele baixou a voz ainda mais.

— Não comandamos a magia, Derfel, nós a usamos, e aqui não há nenhuma para ser usada. No Samain, Derfel, juntarei os Tesouros e

desvelarei o Caldeirão. Vamos acender fogueiras e depois fazer um feitiço que fará o céu guinchar e a terra gemer. Isso eu prometo. Vivi a vida inteira por esse momento, e ele trará a magia de volta à Britânia. — Merlin se encostou na coluna e passou a mão no local onde a barba tinha sido cortada. — Nossos amigos de Silúria pensam em me desafiar — falou, olhando para os gêmeos de barba preta —, mas uns fios perdidos da barba de um velho não são nada diante do poder do Caldeirão. Uns fios de barba não farão mal a ninguém além de mim, mas o Caldeirão, Derfel, o Caldeirão fará a Britânia inteira estremecer e fará aqueles dois impostores se ajoelhar pedindo misericórdia. Mas até então, Derfel, até então você deve ver nossos inimigos prosperarem. Os Deuses se afastam cada vez mais. Ficam fracos e nós, que os amamos, também enfraquecemos, mas isso não vai durar. Vamos trazê-los de volta, e a magia que agora é tão fraca na Britânia irá se tornar tão densa quanto aquela névoa em Ynys Mon. — Ele coçou meu ombro ferido de novo. — Isso eu prometo.

Cerdic nos observava. Não podia nos ouvir, mas havia uma diversão em seu rosto em forma de cunha.

— Ele ficará com o que estiver no poço, senhor — murmurei.

— Rezo para que ele não saiba qual é o valor — disse Merlin, baixinho.

— Eles saberão, senhor — falei, olhando para os dois druidas de mantos brancos.

— Eles são traidores e serpentes — sibilou Merlin, olhando para Dinas e Lavaine que tinham chegado mais perto do poço. — Mas, mesmo se eles guardarem o que encontrarmos agora, ainda possui onze dos treze Tesouros, Derfel, e sei onde o décimo segundo pode ser encontrado, e nenhum homem juntou tanto poder na Britânia em mil anos. — Ele se apoiou no cajado. — O rei vai sofrer, prometo.

A última tábua foi tirada do buraco e jogada com ruído sobre as pedras. Os lanceiros suados recuaram enquanto Cerdic e os druidas silurianos se adiantavam lentamente e olhavam para o poço. Cerdic olhou durante longo tempo, depois começou a gargalhar. Seu riso ecoou no alto teto pintado e atraiu seus lanceiros para a borda do poço, onde eles também começaram a gargalhar.

— Gosto de um inimigo que põe tanta fé em lixo. — Cerdic empurrou seus lanceiros para o lado e fez um sinal para nós. — Venha ver o que você descobriu, Merlin de Avalon.

Fui com Merlin até a beira do poço e vi uma pilha de madeira velha, escura e arruinada pela umidade. Parecia apenas um punhado de lenha, pedaços de madeira; alguns apodrecidos pela umidade que tinha escorrido por um canto do poço de tijolos, e o resto tão velho e frágil que poderia se incendiar transformando-se em cinzas num instante.

— O que é? — perguntei a Merlin.

— Parece que procuramos no lugar errado — disse Merlin em saxão.
— Venha — falou de novo em britânico enquanto tocava meu ombro —, desperdicei nosso tempo.

— Mas não o nosso — falou Dinas asperamente.

— Estou vendo uma roda — disse Lavaine.

Merlin se virou devagar, o rosto parecendo devastado. Tinha tentado enganar Cerdic e os gêmeos silurianos, e o engano fracassara totalmente.

— Duas rodas — falou Dinas.

— E um eixo cortado em três pedaços — acrescentou Lavaine.

Olhei de novo para o lamentável emaranhado e vi que algumas das peças eram curvas, e que, se os fragmentos curvos fossem juntados e presos com as muitas hastes curtas, realmente formariam um par de rodas. Misturados com os pedaços das rodas havia alguns painéis finos e um eixo comprido, grosso como o meu pulso, mas tão longo que tinha sido cortado em três pedaços para caber no buraco. Também havia um cubo de eixo visível, com uma fenda no centro onde podia ser ajustada uma longa lâmina de faca. O monte de madeira eram os restos de uma pequena carruagem como as que antigamente levavam os guerreiros da Britânia para a batalha.

— A Carruagem de Modron — falou Dinas, com reverência.

— Modron — disse Lavaine —, a mãe dos Deuses.

— Cujá carruagem liga a terra aos céus — disse Dinas, e completou:
— E Merlin não a quer.

— Então levaremos a carruagem — anunciou Lavaine.

O intérprete de Cerdic fizera o máximo para traduzir tudo isso para o rei, mas estava claro que Cerdic continuava sem se impressionar com a lamentável coleção de madeira partida e podre. Mesmo assim, ordenou que seus lanceiros recolhessem os fragmentos e os colocassem numa capa que Lavaine pegou. Nimue sibilou uma maldição contra eles e Lavaine apenas riu dela.

— Querem lutar conosco pela carruagem? — perguntou, fazendo um gesto para os lanceiros de Cerdic.

— Vocês não podem se abrigar atrás dos saxões para sempre — falei —, e chegará a hora em que terão de lutar.

Dinas cuspiu no poço vazio.

— Nós somos druidas, Derfel, e você não pode tirar nossa vida, não sem entregar sua alma, e cada alma que você ama, para o horror eterno.

— Eu posso matá-los — cuspiu Nimue.

Dinas a encarou, depois estendeu o punho para ela. Nimue cuspiu no punho para afastar o mal, mas Dinas apenas o virou, abriu a palma e mostrou um ovo de tordo. Em seguida jogou-o para ela.

— Alguma coisa para preencher o buraco do seu olho, mulher — falou sem dar importância, depois se virou e acompanhou o irmão e Cerdic para fora do templo.

— Sinto muito, senhor — falei com Merlin quando ficamos a sós.

— Sente o quê, Derfel? Você acha que poderia ter derrotado vinte lanceiros? — Ele suspirou e coçou a barba violada. — Está vendo como as forças dos novos Deuses contra-atacam? Mas enquanto possuímos o Caldeirão possuímos o poder maior. Venha. — Ele estendeu o braço para Nimue, não procurando consolo, mas porque queria o apoio dela. De repente, parecia velho e cansado enquanto caminhava lentamente pela nave.

— O que vamos fazer, senhor? — perguntou um dos meus lanceiros.

— Preparar-nos para ir embora — respondi. Eu estava olhando as costas encurvadas de Merlin. O corte de sua barba, pensei, era uma tragédia maior do que ele ousava admitir, mas me consolei pensando que ele ainda possuía o Caldeirão de Clyddno Eiddyn. Seu poder ainda era grande, mas havia algo infinitamente triste nas costas encurvadas e no passo arrastado. — Vamos nos preparar para ir — repeti.

Partimos no dia seguinte. Ainda estávamos com fome, mas íamos para casa. E, de certa forma, tínhamos paz.

Logo ao norte da arruinada Calleva, em terras que tinham sido de Aelle e que agora eram nossas outra vez, encontramos o tributo esperando. Aelle tinha mantido a palavra.

Não havia guardas ali, apenas grandes pilhas de ouro esperando na beira da estrada, sem ninguém que vigiasse. Não tínhamos como pesar o ouro, e tanto Artur quanto Cuneglas suspeitaram de que nem todo o tributo combinado fora pago, mas era o bastante. Era um grande butim.

Juntamos o ouro sobre várias capas, penduramos os fardos pesados na garupa dos cavalos de guerra e prosseguimos. Artur caminhava conosco, o ânimo melhorando enquanto nos aproximávamos cada vez mais de casa, mas ainda restavam desapontamentos.

— Lembra-se do juramento que fiz aqui perto? — perguntou-me pouco depois de termos recolhido o ouro de Aelle.

— Lembro, senhor. — O juramento fora feito na noite depois de termos entregado a maior parte desse mesmo ouro a Aelle. O ouro fora nosso suborno para afastar Aelle da fronteira e mandá-lo a Ratae, a fortaleza de Powys, e naquela noite Artur tinha jurado que mataria Aelle. — Agora, em vez disso, eu o preservo — comentou pesaroso.

— Cuneglas tem Ratae de volta.

— Mas o juramento não foi cumprido, Derfel. Tantos juramentos não cumpridos! — Ele olhou para um gavião que deslizava na frente de um grande fiapo de nuvem. — Sugeri a Cuneglas e Meurig que dividissem Silúria ao meio, e Cuneglas sugeriu que você talvez gostasse de ser rei da parte dele. O que acha?

Fiquei tão pasmo que mal pude responder.

— Se o senhor desejar — falei enfim.

— Bom, não desejo. Quero você como guardião de Mordred.

Dei alguns passos com aquele desapontamento.

— Talvez Silúria não queira ser dividida — falei.

— Silúria fará o que for mandado — disse Artur com firmeza. — E você e Ceinwyn viverão no palácio de Mordred, em Dumnonia.

— Se o senhor mandar. — De repente eu relutava em abandonar os prazeres humildes de Cwm Isaf.

— Anime-se, Derfel. Não sou rei, por que você deveria ser?

— Não é a perda do reino que lamento, senhor, mas o acréscimo de um rei ao meu lar.

— Você vai conseguir lidar com ele, Derfel. Você consegue lidar com tudo.

No dia seguinte, dividimos o exército. Sagramor já havia deixado as fileiras, levando seus lanceiros para guardar a nova fronteira com o reino de Cerdic, e agora o resto de nós tomou duas estradas separadas. Artur, Merlin, Tristan e Lancelot seguiram para o sul, enquanto Cuneglas e Meurig foram para o oeste em direção às suas terras. Abracei Artur e Tristan, depois me ajoelhei para a bênção de Merlin, que ele deu benignamente. Tinha recuperado parte de sua velha energia durante a marcha saindo de Londres, mas não podia esconder o fato de que a humilhação no templo de Mitra o havia abalado. Ainda podia possuir o Caldeirão, mas seus inimigos possuíam uma trança de sua barba, e ele precisaria de toda a sua magia para desviar os feitiços. Merlin me abraçou, beijei Nimue e fiquei olhando enquanto se afastavam, antes de acompanhar Cuneglas para o oeste. Estava indo a Powys, encontrar minha Ceinwyn, e viajava com uma parte do ouro de Aelle, mesmo assim aquilo não parecia um triunfo. Tínhamos derrotado Aelle e garantido a paz, mas Cerdic e Lancelot tinham sido os verdadeiros vencedores da campanha, e não nós.

Naquela noite todos descansamos em Corinium, mas à meia-noite uma tempestade me acordou. A tempestade estava longe, no sul, mas era tal a violência dos trovões distantes, e tão nítidos eram os clarões dos raios que iluminavam as paredes do pátio onde eu estava dormindo, que acabei despertando. Ailleán, a antiga amante de Artur e mãe dos gêmeos, tinha me oferecido abrigo, e agora veio de seu quarto com o rosto preocupado. Enrolei-me com a capa e fui com ela até as muralhas da cidade, onde encontrei metade dos meus homens já olhando o tumulto distante. Cuneglas e Agrícola também estavam nas fortificações, mas não Meurig, porque se recusava a enxergar qualquer portento no clima.

Todos sabíamos que não era assim. As tempestades são mensagens dos Deuses, e essa tempestade era uma explosão tumultuosa. Nenhuma chuva caiu em Corinium e nenhum vento soprou nossas capas, mas longe no sul, em algum ponto de Dumnonia, os Deuses assolavam a

terra. Raios partiam nítidos do céu e golpeavam suas adagas tortas contra a terra. O trovão rolava incessante, explosão após explosão, e a cada estalo ecoante os raios saltavam e espalhavam seu fogo irregular pela noite trêmula.

Issa estava perto de mim, com o rosto honesto iluminado por aquelas distantes cusparadas de fogo.

— Alguém morreu?

— Não sabemos, Issa.

— Estamos condenados, senhor?

— Não — respondi com uma confiança que não sentia totalmente.

— Mas ouvi dizer que cortaram a barba de Merlin.

— Alguns fios — falei sem dar importância —, só isso. O que é que tem?

— Se Merlin não tem poder, senhor, quem tem?

— Merlin tem poder — tentei tranquilizá-lo. E eu tinha poder também, porque logo seria o campeão de Mordred e viveria numa grande propriedade. Moldaria o garoto e Artur faria o reino dele.

Mas eu continuava preocupado com os trovões. E teria me preocupado mais ainda se soubesse o que eles significavam. Porque o desastre chegou naquela noite. Só ficamos sabendo dentro de mais três dias, mas finalmente descobrimos por que os trovões tinham falado e os raios golpeado.

A tempestade tinha golpeado o Tor, o salão de Merlin onde os ventos gemeram em sua torre dos sonhos. E ali, em nossa hora de vitória, um raio havia incendiado a torre de madeira e suas chamas tinham subido, saltado e uivado na noite, e de manhã, quando as brasas estavam sendo molhadas e apagadas pelo fim da chuva da tempestade, não restavam Tesouros em Ynys Wydryn. Não havia Caldeirão nas cinzas, só um vazio no coração chamuscado de Dumnonia.

Parecia que os novos Deuses estavam contra-atacando. Ou então os gêmeos silurianos tinham tramado um feitiço poderoso com a trança da barba de Merlin, porque o Caldeirão se fora e os Tesouros haviam desaparecido.

E fui para o norte encontrar Ceinwyn.



Parte 3

Camelot

— TODOS OS TESOUROS FORAM QUEIMADOS? — perguntou Igraine.

— Tudo desapareceu.

— Pobre Merlin. — Igraine ocupou seu lugar de sempre no banco da minha janela, mas está bem agasalhada contra o frio deste dia, com uma grossa capa de pelo de castor. E ela precisa disso, porque o frio é de rachar. Nevou esta manhã, e o céu no leste está agourento com nuvens de chumbo. — Não posso ficar muito tempo — tinha anunciado quando chegou e se sentou para folhear os últimos pergaminhos.

— Vai nevar. Há muitas frutinhas nas sebes, e isso sempre significa um inverno duro.

— Os velhos dizem isso todos os anos — observou Igraine com mordacidade.

— Quando a gente está velha, todo inverno é duro.

— Quantos anos tinha Merlin?

— Na época em que perdemos o Caldeirão? Perto de oitenta. Mas viveu muito tempo depois disso.

— Mas nunca mais reconstruiu a torre de sonhos?

— Não.

Ela suspirou e se cobriu melhor com a capa de pele.

— Eu gostaria de uma torre de sonhos. Gostaria de ter uma torre de sonhos.

— Então mande construir. Você é rainha. Dê ordens, crie uma confusão. É bastante simples: apenas uma torre de quatro lados sem telhado e com uma plataforma no meio do caminho. Assim que estiver construída, só você pode entrar, e o truque é dormir na plataforma e esperar que os Deuses mandem mensagens. Merlin sempre dizia que era um lugar terrivelmente frio para se dormir no inverno.

— E o Caldeirão estava escondido na plataforma?

— Sim.

— Mas ele não foi queimado, foi, irmão Derfel? — insistiu ela.

— A história do Caldeirão continua, mas não vou contá-la agora. Ela esticou a língua para mim. Está com uma beleza espantosa hoje. Talvez seja o frio que pôs a cor em suas bochechas e aquele brilho nos olhos, ou talvez as peles de castor lhe caiam bem, mas suspeito de que esteja grávida. Eu sempre sabia quando Ceinwyn estava com criança, e Igraine mostra aquele mesmo jorro de vida. Mas Igraine não disse nada, portanto não vou perguntar. Ela já rezou muito por um filho, Deus sabe, e talvez o nosso Deus cristão ouça as orações. Não temos mais nada para nos dar esperança, porque nossos Deuses estão mortos, ou fugiram, ou não se importam conosco.

— Os bardos dizem que a batalha de Londres foi terrível — disse Igraine, e eu soube pelo tom de sua voz que outra crítica à minha capacidade de narrador estava para ser feita. — Dizem que Artur lutou o dia inteiro.

— Dez minutos — falei, sem dar importância.

— E todos declaram que Lancelot o salvou, chegando no último momento com cem lanceiros.

— Todos dizem isso porque os poetas de Lancelot escreveram as canções.

Ela balançou a cabeça tristemente.

— Se este for o único registro sobre Lancelot, Derfel, o que as pessoas vão pensar? — disse ela, batendo na grande bolsa de couro onde leva de volta ao Caer os pergaminhos terminados. — Que os poetas mentem?

— Quem se importa com o que as pessoas pensam? E os poetas sempre mentem. É para isso que são pagos. Mas você me pediu a verdade, eu conto, e aí você reclama.

— “Lancelot e seus guerreiros” — recitou ela —, “ousados lanceiros, viúvas criando e ouro doando. Matadores de saxões, temidos pelos vilões...”

— Por favor, pare com isso — interrompi. — Ouvi essa canção uma semana depois de ter sido composta!

— Mas, se as canções mentiam, por que Artur não protestou?

— Porque ele nunca se importava com canções. Por que deveria? Artur era um guerreiro, e não um bardo, e, desde que seus homens cantassem antes da batalha, ele não se importava. E, além disso, ele nunca soube cantar. Achava que tinha voz, mas Ceinwyn dizia que era igual a uma vaca com gases.

Igraine franziu a testa.

— Ainda não entendo por que foi tão ruim Lancelot ter feito a paz.

— Não é difícil entender. — Desci do banco e fui até o fogão, onde usei um pedaço de pau para tirar algumas brasas do fogo pequeno. Enfileirei seis brasas no chão, depois dividi a fileira em dois e quatro. — As quatro brasas representam as forças de Aelle. As duas são de Cerdic. Entenda que nunca poderíamos ter derrotado os saxões se todas as brasas estivessem juntas. Não poderíamos ter derrotado seis, mas poderíamos derrotar quatro. Artur planejou derrotar aqueles quatro e depois se voltar contra os dois, e desse modo poderíamos ter livrado a Britânia dos saxões. Mas, ao fazer a paz, Lancelot aumentou o poder de Cerdic. — Acrescentei outra brasa às duas, de modo que agora as quatro enfrentavam um grupo de três, depois apaguei a chama do pau que estava pegando fogo. — Tínhamos enfraquecido Aelle, mas nos enfraquecemos porque não tínhamos mais os trezentos lanceiros de Lancelot. Eles estavam comprometidos com a paz. Isso aumentou ainda

mais o poder de Cerdic. — Empurrei duas brasas de Aelle para o campo de Cerdic, dividindo a fileira em dois e cinco. — Então, tudo que fizemos foi enfraquecer Aelle e reforçar Cerdic. E foi isso que a paz de Lancelot alcançou.

— Está dando aulas de contar à nossa rainha? — Sansum entrou na cela com um olhar cheio de suspeitas. — E pensei que você estava escrevendo um evangelho — acrescentou maliciosamente.

— Os cinco pães e os dois peixes — disse Igraine rapidamente. — O irmão Derfel achou que seriam cinco peixes e dois pães, mas tenho certeza de que estou certa, não estou, senhor bispo?

— Minha rainha está certa — disse Sansum. — E o irmão Derfel é um cristão fraco. Como um homem tão ignorante pode escrever um evangelho para os saxões?

— Apenas com seu apoio amoroso, senhor bispo — respondeu Igraine —, e, claro, com o apoio de meu marido. Ou será que devo dizer ao rei que o senhor se opõe a esta coisa de somenos importância?

— A senhora seria culpada da pior das falsidades se fizesse isso — mentiu Sansum, de novo suplantado por minha inteligente rainha. — Vim lhe dizer, senhora, que seus lanceiros acham que deve partir. O céu ameaça mais neve.

Ela pegou a bolsa com os pergaminhos e me deu um sorriso.

— Virei vê-lo quando a neve tiver parado, irmão Derfel.

— Rezarei por esse momento, senhora.

Ela sorriu de novo, depois passou pelo santo, que meio se curvou enquanto ela atravessava a porta, mas assim que ela saiu ele se empertigou e ficou me olhando. Os tufoes acima de suas orelhas, que nos faziam chamá-lo de lorde camundongo, são brancos agora, mas a idade não suavizou o santo. Ele ainda pode explodir com vitupérios, e a dor que ainda sente quando urina só serve para piorar seu humor.

— Há um lugar especial no inferno para os mentirosos, irmão Derfel.

— Rezarei por essas pobres almas, senhor — falei, em seguida dei as costas para ele e mergulhei esta pena na tinta, para continuar com a história de Artur, meu comandante, meu pacificador e amigo.

Os anos que se seguiram foram gloriosos. Igraine, que ouve demais os poetas, os chama de Camelot. Nós não. Foram os anos do melhor governo de Artur, os anos em que ele moldou um país segundo seus desejos, e os anos em que Dumnonia se pareceu mais com seu ideal de uma nação em paz consigo mesma e com os vizinhos, mas somente olhando para trás aqueles anos parecem muito melhores do que foram, isso porque os anos seguintes foram muito piores. Ouvindo as histórias contadas diante de lareiras à noite você pensaria que tínhamos feito todo um novo país na Britânia, dando-lhe o nome de Camelot e povoando

com heróis brilhantes, mas a verdade é que simplesmente governamos Dumnonia do melhor modo que podíamos, governamos com justiça e jamais a chamamos de Camelot. Eu mesmo só fui ouvir esse nome há dois anos. Camelot só existe nos sonhos dos poetas, enquanto na nossa Dumnonia, mesmo naqueles anos bons, as pestes continuavam assolando e as guerras ainda eram travadas.

Ceinwyn veio para Dumnonia, e foi em Lindinis que nossa primeira filha nasceu. Nós a chamamos de Morwenna, em homenagem à mãe de Ceinwyn. Nasceu de cabelos pretos, mas depois de um tempo ele se transformou num dourado pálido como o da mãe. Linda Morwenna.

Merlin estava certo com relação a Guinevere, porque, assim que Lancelot estabeleceu seu novo governo em Venta, ela se declarou cansada do novíssimo palácio de Lindinis. Disse que era úmido demais, e exposto demais aos ventos úmidos vindos dos pântanos perto de Ynys Wydryn, e frio demais no inverno, e de repente nada serviria, a não ser se mudar de volta para o antigo palácio de inverno de Uther em Durnovária. Mas Durnovária era quase tão distante de Venta quanto Lindinis, por isso Guinevere persuadiu Artur de que eles precisavam preparar uma casa para o dia distante em que Mordred se tornasse rei e, por direito de rei, reivindicasse a devolução do palácio de inverno, por isso Artur deixou Guinevere escolher. O próprio Artur sonhava com um salão forte com paliçada, abrigo para os animais e depósitos de grãos, mas Guinevere encontrou uma vila romana logo ao sul do porto de Vindocládia, e que ficava, como previra Merlin, na fronteira entre Dumnonia e o novo reino belgae de Lancelot. A vila era construída num morro acima de um rio perto do oceano, e Guinevere a chamou de seu Palácio do Mar. Mandou um enxame de construtores reformar a vila e encher com todas as estátuas que um dia tinham enfeitado Lindinis. Até mesmo requisitou o piso de mosaico do salão de entrada de Lindinis. Por um tempo Artur ficou preocupado porque o Palácio do Mar era perigosamente próximo da terra de Cerdic, mas Guinevere insistiu em que a paz negociada em Londres duraria, e Artur, percebendo como ela amava aquele lugar, cedeu. Ele jamais se importava com o local que chamava de lar, porque raramente estava em casa. Gostava de ficar em movimento, sempre visitando algum canto do reino de Mordred.

O próprio Mordred mudou-se para o saqueado palácio de Lindinis, e Ceinwyn e eu, como seus guardiães, também morávamos lá, e conosco havia sessenta lanceiros, dez cavaleiros para levar mensagens, dezesseis meninas de cozinha e 28 escravos domésticos. Tínhamos um administrador, um camareiro, um bardo, dois caçadores, um preparador de hidromel, um falcoeiro, um médico, um porteiro, um encarregado das velas e seis cozinheiras, e todos eles tinham escravos, e além dos escravos domésticos havia um pequeno exército de outros que trabalhavam a terra, podavam as árvores e mantinham as valas drenadas. Uma pequena

cidade crescia em volta do palácio, habitada por oleiros, sapateiros e ferreiros; os comerciantes que ficavam ricos com os nossos negócios.

Tudo parecia muito longe de Cwm Isaf. Agora dormíamos numa câmara com piso de ladrilhos, paredes rebocadas e passagens com colunas. Nossas refeições eram feitas num salão de festas onde poderiam sentar-se cem pessoas, mas frequentemente o deixávamos vazio e comíamos numa pequena câmara ligada às cozinhas, porque nunca pude suportar comida fria quando deveria ser quente. Se chovesse podíamos andar pela arcada coberta até o pátio externo, e assim ficar secos, e no verão, quando o sol batia quente nos ladrilhos, havia uma piscina alimentada por uma fonte no pátio interno, onde podíamos nadar. Nada disso era nosso, claro; esse palácio e suas terras espaçosas eram honras devidas a um rei, e todos pertenciam a Mordred, de seis anos.

Ceinwyn estava acostumada ao luxo, ainda que não em tamanha escala, mas a presença constante de escravos e serviçais nunca a embaraçava como a mim, e ela se encarregava de seus deveres com uma tranquilidade eficiente que mantinha o palácio calmo e feliz. Era Ceinwyn quem comandava os serviçais, supervisionava as cozinhas e fazia as contas, mas sei que ela sentia falta de Cwm Isaf, e à noite, algumas vezes, ela ainda pegava sua roca e fiava lâ enquanto conversávamos.

Frequentemente falávamos de Mordred. Ambos esperávamos que as histórias de malcriações fossem exageros, mas não eram, porque, se havia uma criança má, era Mordred. Desde o primeiro dia em que veio de carro de boi do salão de Culhwch, perto de Durnovária, e foi posto em nosso pátio, ele se comportou mal. Cheguei a odiá-lo, que Deus me ajude. Ele era só uma criança, e eu o odiava.

O rei sempre foi pequeno para sua idade, mas, afora o pé esquerdo torto, tinha compleição sólida com músculos duros e pouca gordura. Seu rosto era muito redondo, mas desfigurado por um nariz estranhamente bulboso que tornava feio o pobre coitado. O cabelo castanho-escuro era naturalmente encaracolado e crescia em dois grandes tufoes que se projetavam de uma divisão no centro e fazia as outras crianças de Lindinis o chamarem de Cabeça de Escova, mas nunca diante dele. Tinha olhos estranhamente velhos, porque mesmo aos seis anos eram resguardados e cheios de suspeita, e não ficaram mais gentis quando seu rosto se endureceu com a idade. Era um garoto inteligente, mas se recusava obstinadamente a aprender as letras. O bardo de nossa casa, um rapaz sério chamado Pyrlig, era responsável por ensinar Mordred a ler, contar, cantar, tocar harpa, dizer o nome dos Deuses e aprender a genealogia de seus antepassados reais, mas logo Mordred encheu as medidas de Pyrlig.

— Ele não quer fazer nada, senhor — reclamava Pyrlig comigo. — Eu lhe dou pergaminho, ele rasga, dou uma pena e ele quebra. Bato nele

e ele me morde, olhe! — O bardo estendeu um pulso magro, picado por pulgas, onde as marcas dos dentes reais estavam vermelhas e inchadas.

Pus Eachern, um lanceiro irlandês pequeno e forte, na sala de aula com ordens de manter o rei sob controle, e isso funcionou bastante bem. Uma surra de Eachern persuadiu o garoto de que tinha encontrado alguém equivalente, e ele se submeteu carrancudo à disciplina, mas mesmo assim não aprendia nada. Parecia que era possível manter uma criança imóvel, mas não era possível fazê-la aprender. Mordred tentou amedrontar Eachern dizendo que, quando virasse rei, iria se vingar das frequentes surras do lanceiro, mas Eachern só lhe dava outra surra e prometia que estaria de volta na Irlanda quando Mordred chegasse à idade certa.

— Então, se quer vingança, senhor rei — dizia Eachern, dando outra pancada no garoto —, leve seu exército à Irlanda e lhe daremos uma surra adequada a um adulto.

Mordred não era simplesmente um menino detestável — poderíamos ter lidado com isso —, mas era positivamente mau. Seus atos se destinavam a ferir, até a matar. Uma vez, quando tinha dez anos, encontramos cinco serpentes no porão escuro onde guardávamos os barris de hidromel. Ninguém além de Mordred poderia tê-las colocado ali, e sem dúvida fez isso na esperança de que um escravo ou um serviçal fosse picado. O frio do porão tinha deixado as serpentes sonolentas, e nós as matamos facilmente, mas um mês depois uma criada morreu depois de comer cogumelos que mais tarde descobrimos que eram os venenosos chapéus-de-cobra. Ninguém sabia quem tinha feito a substituição, mas todo mundo achava que era Mordred. Era como se houvesse uma mente adulta e calculista dentro daquele corpinho briguento, dizia Ceinwyn. Acho que ela desgostava dele tanto quanto eu, mas tentava ser gentil com o garoto, e odiava as surras que todos lhe dávamos.

— Isso só o torna pior — censurava ela.

— É o que também temo — admiti.

— Então por que faz?

Dei de ombros.

— Porque se a gente tentar ser gentil ele simplesmente se aproveita disso.

No início, quando Mordred tinha chegado a Lindinis, eu prometera a mim mesmo que nunca bateria no garoto, mas essa ambição elevada tinha se esvaído com o passar dos dias, e no fim do primeiro ano bastava ver seu rosto feio e carrancudo, de nariz bulboso e com cabeça de escova, que eu sentia vontade de colocá-lo sobre os joelhos e bater até tirar sangue.

E até Ceinwyn eventualmente batia nele. Ela não queria, mas um dia a ouvi gritar. Mordred tinha encontrado uma agulha e estava

preguiçosamente enfiando-a no couro cabeludo de Morwenna. Tinha decidido ver o que aconteceria se enfiasse a agulha num dos olhos do bebê quando Ceinwyn veio correndo ver por que a filha chorava. Agarrou Mordred no ar e lhe deu um tapa tão forte que ele saiu rodando pelo quarto. Depois disso nossos filhos nunca dormiam sozinhos, um serviçal estava sempre ao lado, e Mordred tinha acrescentado o nome de Ceinwyn à lista de seus inimigos.

— O garoto é simplesmente maligno — explicou Merlin. — Sem dúvida você se lembra da noite em que nasceu.

— Claramente — falei, porque eu, ao contrário de Merlin, estivera lá.

— Eles deixaram os cristãos mexerem na cama do parto, não foi? E só chamaram Morgana quando tudo estava dando errado. Que precauções os cristãos tomaram?

Dei de ombros.

— Orações. Lembro de um crucifixo. — Eu não estivera na câmara do parto, claro, porque nenhum homem jamais entrava numa câmara de parto, mas tinha observado das paliçadas de Caer Cadarn.

— Não é de espantar que tudo tenha dado errado. Orações! De que adiantam as orações contra um espírito maligno? Tem de haver urina na soleira da porta, ferro na cama, artemísia no fogo. — Ele balançou a cabeça tristemente. — Um espírito entrou no menino antes que Morgana pudesse ajudá-lo, e por isso o pé dele é torto. O espírito provavelmente estava agarrado no pé quando sentiu a presença de Morgana.

— Então como tiramos o espírito?

— Com uma espada atravessando o coração daquela criança desgraçada — disse ele, sorrindo e se recostando em sua cadeira.

— Por favor, senhor — insisti. — Como?

Merlin deu de ombros.

— O velho Balise achava que isso poderia ser conseguido colocando-se a pessoa possuída numa cama entre duas virgens. Todos os três nus, claro. — Ele deu um risinho. — Pobre velho Balise. Ele era um bom druida, mas a maioria absoluta de seus feitiços envolviam tirar roupas de garotas. A ideia era que o espírito preferiria estar numa virgem, veja bem, por isso você oferecia duas, para que ele ficasse confuso com relação a qual escolher, e o truque era tirar os três da cama no momento exato em que o espírito tivesse saído da pessoa louca e ainda estivesse tentando decidir que virgem preferia, e justo nesse momento você tirava os três da cama e jogava um pau pegando fogo na palha. Isso deveria transformar o espírito em fumaça, veja bem, mas nunca fez muito sentido para mim. Confesso que tentei a técnica uma vez. Tentei curar um pobre velho maluco chamado Malldyn, e só consegui um idiota ainda louco feito um cuco, duas garotas escravas aterrorizadas e todos os três ligeiramente chamuscados. — Ele suspirou. — Mandamos

Malldyn para a Ilha dos Mortos. O melhor lugar para ele. Você poderia mandar Mordred para lá?

A Ilha dos Mortos era o lugar aonde mandávamos nossos loucos terríveis. Nimue estivera lá uma vez, e eu a havia arrancado de seu horror.

— Artur jamais permitiria.

— Acho que não. Vou tentar um feitiço para você, mas não posso dizer que esteja com muita esperança.

Agora Merlin morava conosco. Era um velho que morria lentamente, ou pelo menos achávamos, porque a energia lhe fora arrancada pelo fogo que consumiu o Tor, e com a energia tinham sumido seus sonhos de juntar os Tesouros da Britânia. Tudo que restava agora era uma casca seca, ficando cada vez mais velha. Sentava-se durante horas ao sol, e no inverno se encolhia junto ao fogo. Mantinha a tonsura de druida, mas não trançava mais a barba, apenas a deixava crescer selvagem e branca. Comia pouco, mas estava sempre pronto a falar, mas nunca sobre Dinas e Lavaine, nem sobre o momento pavoroso em que Cerdic havia cortado a trança de sua barba. Foi essa violação, deduzi, tanto quanto o raio golpeando o Tor, que havia sugado a vida de Merlin, mas ele mantinha um minúsculo fiapo de esperança. Estava convencido de que o Caldeirão não fora queimado, e sim roubado, e no início de nossa estada em Lindinis me provara isso no jardim. Construiu uma imitação de torre com lenha cortada, pôs uma taça de ouro no centro e um punhado de mecha embaixo, depois ordenou que trouxessem fogo das cozinhas.

Até Mordred se comportou naquela tarde. O fogo sempre havia fascinado o rei, e ele ficou olhando arregalado enquanto a maquete da torre chamejava ao sol. Os toros empilhados desmoronaram no centro, e as chamas continuavam saltando, e estava quase escuro quando Merlin pegou um ancinho e penteou as cinzas. Tirou a taça de ouro, não mais reconhecida como uma taça, de tão retorcida, mas ainda era ouro.

— Revirei o Tor na manhã após o incêndio, Derfel, e procurei e procurei entre as cinzas. Retirei à mão cada pedaço de madeira queimada, separei os carvões, raspei o resto e não encontrei ouro. Suspeito de que os Tesouros foram roubados na mesma ocasião, porque estavam todos guardados, menos a carruagem e o outro.

— Que outro?

Por um momento ele pareceu que ia responder, depois deu de ombros como se nada disso importasse mais.

— A espada de Rhydderch. Você a conhece como Caledfwlch.

Ele estava falando da espada de Artur, Excalibur.

— O senhor deu a ele, mesmo sabendo que era um dos Tesouros? — perguntei, pasmo.

— Por que não? Ele jurou me devolvê-la quando eu precisasse. Ele

não sabe que é a espada de Rhydderch, Derfel, e você precisa prometer que não vai contar. Ele só vai fazer alguma coisa estúpida, se descobrir, como derretê-la para provar que não tem medo dos Deuses. Às vezes Artur pode ser muito obtuso, mas é o melhor governante que temos, por isso decidi lhe dar um poder secreto extra, deixando que usasse a espada de Rhydderch. Ele zombaria se soubesse, claro, mas um dia a lâmina vai se transformar em chama e então ele não zombará.

Eu queria saber mais sobre a espada, mas ele não quis dizer.

— Agora não importa, tudo acabou. Os Tesouros se foram. Nimue irá procurá-los, acho, mas estou velho demais, velho demais.

Odiei ouvi-lo falar nisso. Depois de todo o esforço para colecionar os Tesouros ele simplesmente parecia tê-los abandonado. Nem mesmo o Caldeirão, pelo qual tinha sofrido na Estrada Escura, parecia importar.

— Se os Tesouros ainda existem, senhor, eles podem ser encontrados. Ele deu um sorriso indulgente.

— Eles serão encontrados — falou sem dar importância. — Claro que serão encontrados.

— Então por que não procuramos?

Ele suspirou, como se minhas perguntas fossem bobagens.

— Porque estão escondidos, Derfel, e o esconderijo está sob um feitiço de ocultação. Eu sei. Posso sentir. Por isso temos de esperar até que alguém tente usar o Caldeirão. Quando isso acontecer, saberemos, porque só eu tenho o conhecimento para usar o Caldeirão adequadamente, e se mais alguém invocar os poderes espalhará um horror pela Britânia. — Ele deu de ombros. — Vamos esperar o horror, Derfel, então vamos ao coração dele, e lá encontraremos o Caldeirão.

— E quem o senhor acha que o roubou? — insisti.

Ele abriu as mãos para mostrar ignorância.

— Os homens de Lancelot? Para Cerdic, provavelmente. Ou talvez para aqueles dois gêmeos silurianos. Eu os subestimei, não foi? Não que isso importe agora. Só o tempo dirá quem foi, Derfel, só o tempo dirá. Espere o surgimento do horror, e então vamos encontrá-lo. — Ele parecia contente em esperar, e enquanto esperava contava histórias antigas e ouvia novas, mas de vez em quando entrava arrastando os pés em seu quarto que dava no pátio externo, e ali fazia algum feitiço, geralmente para o bem de Morwenna. Ainda dizia a sorte, geralmente espalhando uma camada de cinzas frias nas pedras do pátio e deixando uma cobra do capim passar sobre o pó, para que ele lesse a trilha deixada, mas percebi que as previsões eram sempre amenas e otimistas. Não sentia prazer na tarefa. Ainda possuía algum poder, porque quando Morwenna pegou uma febre ele fez um encanto com lâ e cascas de noz de faia, depois lhe deu uma infusão de bichos-das-contas que tirou a febre totalmente, mas quando Mordred ficava doente ele sempre fazia feitiços para a doença piorar, porém o rei nunca enfraquecia e morria.

— O demônio o protege — explicava Merlin —, e atualmente estou fraco demais para dominar jovens demônios.

Ele se recostava em suas almofadas e chamava um dos gatos para o colo. Merlin sempre gostara de gatos, e tínhamos uma infinidade de gatos em Lindinis. Merlin estava bem feliz no palácio. Éramos amigos, ele gostava apaixonadamente de Ceinwyn e de nossa família que crescia com as filhas, e Gwlyddyn, Ralla e Gaddwg, seus antigos serviçais no Tor, cuidavam dele. Quando o rei estava com doze anos Ceinwyn já dera à luz cinco vezes. Todas as três meninas sobreviveram, mas os dois meninos morreram menos de uma semana depois do nascimento, e Ceinwyn culpava o espírito maligno de Mordred pelas mortes.

— Ele não quer outros garotos no palácio — dizia ela com tristeza. — Só meninas.

— Mordred vai embora logo — prometi, porque estava chegando o dia de seu décimo quinto aniversário, quando seria aclamado rei.

Artur também contava os dias, mas com algum medo, porque temia que Mordred desfizesse todas as suas realizações. Naqueles anos Artur vinha frequentemente a Lindinis. Ouvíamos o som dos cascos no pátio externo, a porta se abria e sua voz ecoava pelos grandes salões do palácio meio vazio.

— Morwenna! Seren! Dian! — E nossas três filhas de cabelos dourados corriam ou engatinhavam para ser erguidas num abraço enorme, e eram mimadas com presentes; um favo de mel, pequenos broches ou a delicada concha espiral de um caracol. Depois, com minhas filhas penduradas, vinha até o cômodo onde estivéssemos, para dar as últimas notícias: uma ponte reconstruída, um tribunal aberto, um magistrado honesto encontrado, um salteador de estradas executado; ou então alguma história de espanto natural: uma serpente marinha vista junto à costa, um bezerro nascido com cinco pernas ou, uma vez, histórias de um malabarista que comia fogo. — Como vai o rei? — perguntava quando essas maravilhas tinham sido contadas.

— O rei cresce — respondia Ceinwyn com afabilidade, e Artur não perguntava mais.

Dava notícias de Guinevere, e eram sempre boas, ainda que Ceinwyn e eu suspeitássemos de que seu entusiasmo escondia uma estranha solidão. Ele nunca estava sozinho, mas acho que jamais descobriu a alma gêmea que tanto desejava. Antigamente Guinevere tinha se mostrado tão apaixonadamente interessada pelos negócios do governo quanto Artur, mas gradualmente voltou as energias para o culto a Ísis. Artur, que sempre ficava desconfortável com o fervor religioso, fingia interesse pela Deusa da mulher, mas na verdade acho que ele acreditava que Guinevere estava perdendo tempo buscando um poder que não existia, assim como um dia tínhamos desperdiçado nosso tempo procurando o Caldeirão.

Guinevere só lhe deu um filho. Ou eles dormiam separados, dizia Ceinwyn, ou então Guinevere estava usando magia de mulher para impedir a concepção. Cada povoado tinha uma mulher sábia, conhecedora das ervas que fariam isso, assim como conheciam que substâncias podiam abortar uma criança ou curar uma doença. Eu sabia que Artur gostaria de ter mais filhos porque adorava crianças, e alguns de seus momentos mais felizes era quando trazia Gwydre para ficar em nosso palácio. Artur e seu filho adoravam o bando de crianças sujas, com os cabelos embolados, que corriam descuidadas em Lindinis, mas que sempre evitavam a presença carrancuda e mal-humorada de Mordred. Gwydre brincava com nossas três meninas e com os três de Ralla, e com as outras dúzias de filhos de escravos ou serviçais formando exércitos para brincadeiras de combate, ou então penduravam capas de guerra emprestadas sobre o galho de uma pereira baixa no jardim para transformá-la numa casa de brincadeira que imitava as paixões e os procedimentos do palácio maior. Mordred tinha seus próprios companheiros, todos garotos, todos filhos de escravos, e eles, como eram mais velhos, andavam até mais longe. Ouvíamos histórias de uma foice roubada de uma cabana, de um teto de palha ou um monte de feno incendiado, de uma peneira rasgada ou uma cerca nova partida, e, nos últimos anos, de uma pastora ou filha de agricultor agredida. Artur ouvia, estremecia, depois ia falar com o rei, mas isso não fazia diferença.

Guinevere raramente vinha a Lindinis. Mas meus deveres, que me levavam por toda a Dumnonia a serviço de Artur, me levavam ao palácio de inverno de Durnovária com frequência suficiente, e era lá que de vez em quando eu encontrava Guinevere. Ela era educada comigo, mas éramos todos educados naqueles dias, porque Artur tinha inaugurado seu grande bando de guerreiros. Ele havia descrito a ideia pela primeira vez em Cwm Isaf, e agora, nos anos de paz que tinham se seguido à batalha perto de Londres, transformara em realidade sua associação de lanceiros.

Até hoje, se você mencionar a Távola Redonda, alguns velhos vão se lembrar e rir daquela antiga tentativa de domar as rivalidades, a hostilidade e a ambição. A Távola Redonda, claro, jamais foi o que o nome diz, esse era apenas um apelido. O próprio Artur tinha decidido chamá-la de Irmandade da Britânia, que soava muito mais impressionante, mas ninguém a chamava assim. Eles se lembravam daquilo, se é que lembravam, como o juramento da Távola Redonda, e provavelmente se esqueceram de que ele deveria nos trazer a paz. Pobre Artur. Ele realmente acreditava na irmandade, e, se beijos podiam trazer a paz, mil homens mortos ainda estariam vivos até hoje. Artur realmente tentou mudar o mundo, e seu instrumento foi o amor.

A Irmandade da Britânia deveria ter sido inaugurada no Palácio de

Inverno em Durnovária, no verão depois de o pai de Guinevere, Leodegan, o exilado rei de Henis Wyren, ter morrido de uma peste. Mas naquele mês de julho, quando todos deveríamos nos reunir, a peste chegou de novo a Durnovária e assim, no último momento, Artur transferiu a grande reunião para o Palácio do Mar, que agora estava terminado e brilhando em sua colina sobre o riacho. Lindinis teria sido um local melhor para os ritos inaugurais por ser um palácio muito maior, mas Guinevere deve ter decidido que queria mostrar sua casa nova. Sem dúvida lhe agradava ter os rudes, cabeludos e barbudos guerreiros da Britânia andando por seus salões civilizados e pelas arcadas sombreadas. Essa beleza, ela parecia estar nos dizendo, é o que vocês vivem para proteger, mas tomou muito cuidado de se certificar de que poucos de nós dormíssemos dentro da vila ampliada. Acampamos do lado de fora e, para dizer a verdade, estávamos mais felizes lá.

Ceinwyn foi comigo. Ela não estava bem, porque as cerimônias aconteceram pouco depois do nascimento de nosso terceiro filho, um menino, e tinha sido um resguardo difícil, que terminou com Ceinwyn desesperadamente fraca e o menino morto, mas Artur implorou para que ela viesse. Queria todos os lordes da Britânia, e, apesar de não ter vindo nenhum de Gwynedd, de Elmet ou dos outros reinos do norte, muitos fizeram a longa jornada e virtualmente todos os grandes homens de Dumnonia estavam presentes. Cuneglas de Powys veio, Meurig de Gwent estava lá, o príncipe Tristan de Kernow compareceu, além de Lancelot, claro, e todos aqueles reis trouxeram lordes, druidas, bispos e chefes tribais, de modo que as tendas e os abrigos formaram uma grande faixa em volta da colina do palácio. Mordred, que estava com nove anos, veio conosco, e ele, também para desgosto de Guinevere, recebeu aposentos com os outros reis dentro do palácio. Merlin se recusou a comparecer. Disse que estava velho demais para esse absurdo. Galahad foi nomeado mestre de cerimônias da Irmandade e por isso presidiu com Artur e, como Artur, acreditava devotamente na ideia.

Nunca confessei a Artur, mas achava aquilo tudo embaraçoso. Sua ideia era de que todos deveríamos jurar paz e amizade uns aos outros, e assim curar as inimizades e nos ligarmos por juramentos que proibiriam a qualquer um da Irmandade da Britânia de sequer levantar a lança contra o outro; mas até os Deuses pareciam zombar dessa alta ambição, porque o dia da cerimônia amanheceu gélido e sombrio, mas não chegou a chover, o que Artur, que era ridiculamente otimista com relação à coisa toda, declarou ser um sinal propício.

Ninguém portaria espada, lança ou escudo durante a cerimônia, feita no grande jardim do Palácio do Mar, que ficava entre duas arcadas recém-construídas estendendo-se sobre encostas gramadas que desciam até o riacho. Estandartes pendiam das arcadas, onde dois coros cantavam música solene para dar uma dignidade adequada às

cerimônias. Na extremidade norte do jardim, perto de uma grande porta em arco que levava ao palácio, fora arrumada uma mesa. Por acaso era uma mesa redonda, mas nada havia de significativo nessa forma; era apenas a mesa mais conveniente para ser levada ao jardim. Não era muito grande, talvez do tamanho dos braços abertos de um homem, mas lembro que era muito bonita. Era romana, claro, e feita de uma pedra branca e translúcida em que fora esculpido um cavalo notável com grandes asas abertas. Uma das asas era atravessada por uma lamentável rachadura, mas a mesa ainda era um objeto impressionante, e o cavalo alado uma maravilha. Sagramor disse que nunca tinha visto um animal assim em suas viagens, mas afirmava que os cavalos alados existiam nos países misteriosos do outro lado dos oceanos de areia, onde quer que fossem. Sagramor tinha se casado com sua forte saxã Malla, e agora era pai de dois garotos.

As únicas espadas que tiveram permissão de estar na cerimônia eram as pertencentes aos reis e príncipes. A espada de Mordred estava sobre a mesa, e cruzadas em cima estavam as de Lancelot, Meurig, Cuneglas, Galahad e Tristan. Um a um, nos adiantamos, reis, príncipes, chefes e lordes, e pusemos as mãos onde as seis lâminas se tocavam, e fizemos o juramento de Artur, que nos ligava em amizade e paz. Ceinwyn havia vestido Mordred, então com nove anos, com roupas novas, depois tinha cortado e penteado seu cabelo numa tentativa de impedir que os pelos encaracolados e duros se projetassem como duas escovas do crânio redondo, mas ele ainda parecia uma figura desajeitada enquanto mancava com o pé esquerdo torto para murmurar o juramento. Admito que o instante em que pus a mão sobre as seis lâminas foi bastante solene. Como a maioria dos homens ali, eu tinha toda a intenção de manter o juramento que era, claro, apenas para homens, porque Artur não considerava este um negócio para mulheres — ainda que um bom número de mulheres estivesse no terraço, acima da porta em arco, para testemunhar a longa cerimônia. E foi longa. Originalmente Artur pensara em restringir a participação em sua Irmandade aos guerreiros jurados que tinham lutado contra os saxões, mas agora a aumentara para incluir cada homem importante que conseguisse atrair ao palácio, e quando os juramentos terminaram ele fez o seu, depois se levantou no terraço e disse que o juramento que acabáramos de fazer era tão sagrado quanto qualquer outro anterior, que tínhamos prometido a paz à Britânia, e que se algum de nós rompesse essa paz seria o dever de todos os outros membros da Irmandade punir o transgressor. Em seguida mandou que nos abraçássemos uns aos outros, e depois disso, claro, começaram as bebidas.

A solenidade do dia não terminou quando começaram as bebidas. Artur tinha observado cuidadosamente, para ver que homens evitavam os abraços de outros, e então, grupo a grupo, as almas recalcitrantes

foram convocadas ao grande salão do palácio onde Artur insistiu em que se reconcilhassem. O próprio Artur deu exemplo, primeiro abraçando Sansum e depois Melwas, o destronado rei belgae que ele tinha exilado em Isca. Melwas se submeteu com uma graça desajeitada ao beijo da paz, mas morreu um mês depois, por ter comido ostras estragadas no jejum. O destino, como dizia Merlin, é inexorável.

Essas reconciliações mais íntimas inevitavelmente adiaram o serviço do festim que aconteceria no grande salão onde Artur estava reunindo os inimigos, assim mais hidromel foi levado ao jardim, onde os guerreiros entediados esperavam e tentavam adivinhar quais, dentre eles, seriam convocados em seguida para a pacificação de Artur. Eu sabia que seria chamado, porque tinha evitado cuidadosamente Lancelot durante toda a cerimônia, e de fato Hygwydd, o serviçal de Artur, me encontrou e insistiu que eu fosse ao grande salão onde, como temia, Lancelot e seus cortesãos me esperavam. Artur tinha persuadido Ceinwyn a comparecer e, para lhe dar mais algum conforto, pedira a presença de seu irmão Cuneglas. Nós três ficamos num dos lados do salão, Lancelot e seus homens do outro, enquanto Artur, Galahad e Guinevere presidiam da plataforma onde a grande mesa estava arrumada para a festa. Artur abriu um enorme sorriso para nós.

— Tenho nesta sala alguns de meus amigos mais queridos — declarou. — O rei Cuneglas, o melhor aliado que alguém pode querer na guerra ou na paz, o rei Lancelot, a quem sou jurado como irmão, lorde Derfel Cadarn, o mais bravo de todos os meus bravos homens, e a querida princesa Ceinwyn. — Ele sorriu.

Eu estava tão desajeitado quanto um espantalho num campo de ervilhas. Ceinwyn parecia graciosa, Cuneglas olhava para o teto pintado do salão, Lancelot fazia um muxoxo, Amhar e Loholt tentavam parecer beligerantes, enquanto Dinas e Lavaine mostravam apenas desprezo no rosto. Guinevere nos observava atentamente, e seu rosto bonito não traía coisa alguma, mas suspeito de que ela sentia tanto desprezo quanto Dinas e Lavaine por essa cerimônia inventada, tão cara ao seu marido. Artur queria a paz fervorosamente, e apenas ele e Galahad não pareciam embaraçados pela ocasião.

Quando nenhum de nós falou, Artur abriu os braços e desceu da plataforma.

— Exijo que o sangue ruim que possa existir entre vocês seja derramado agora, derramado de uma vez por todas e esquecido.

Esperou de novo. Arrastei os pés e Cuneglas repuxou os bigodes compridos.

— Por favor — disse Artur.

Ceinwyn fez um minúsculo gesto de ombros.

— Lamento o mal que causei ao rei Lancelot — disse ela.

Artur, deliciado porque o gelo estava derretendo, sorriu para o rei

belgae.

— Senhor rei? — Ele esperou uma resposta de Lancelot. — O senhor a perdoa?

Lancelot, que naquele dia estava todo vestido de branco, olhou-a, e depois fez uma reverência com a cabeça.

— Isso é um perdão? — resmunguei.

Lancelot ficou vermelho, mas conseguiu se alçar às expectativas de Artur.

— Não tenho nada contra a princesa Ceinwyn — falou rigidamente.

— Pronto! — Artur estava deliciado com as palavras ditas a contragosto, e abriu os braços convidando os dois a se adiantarem. — Abracem-se — falou. — Eu terei a paz!

Os dois se adiantaram, se beijaram no rosto e recuaram. O resto foi quase tão caloroso quanto aquela noite estrelada em que esperamos junto ao Caldeirão nas pedras junto ao Llyn Cerrig Bach, mas agradou a Artur.

— Derfel — ele me olhou —, você não vai abraçar o rei?

Eu me enrijeci no conflito.

— Irei abraçá-lo, senhor, quando seus druidas retirarem as ameaças que fizeram contra a princesa Ceinwyn.

Houve silêncio. Guinevere suspirou e bateu com o pé no mosaico da plataforma, os mesmos mosaicos que tinha tirado de Lindinis. Como sempre, estava soberba. Usava um vestido escuro, talvez em reconhecimento à solenidade do dia, e era um vestido onde estavam costurados dezenas de pequenos crescentes de prata. O cabelo fora domado em tranças que ela tinha enrolado no crânio, seguras por dois prendedores de ouro na forma de dragões. No pescoço usava o bárbaro colar de ouro saxão que Artur lhe mandara depois de uma antiga batalha contra os homens de Aelle. Guinevere tinha me dito que não gostava do colar, mas ficava magnífico em seu pescoço. Ela podia desprezar os procedimentos do dia, mas ainda fazia o máximo para ajudar o marido.

— Que ameaças? — perguntou-me ela com frieza.

— Eles sabem — falei, encarando os gêmeos.

— Nós não fizemos ameaças — protestou Lavaine taxativamente.

— Mas vocês podem fazer as estrelas desaparecerem — acusei.

Dinas permitiu que um lento sorriso aparecesse em seu rosto brutal e bonito.

— A pequena estrela de papel, lorde Derfel? — perguntou com surpresa fingida. — É esse o seu insulto?

— Foi a sua ameaça.

— Meu senhor! — apelou Dinas a Artur. — Foi um truque infantil. Não significa nada.

Artur olhou para mim e em seguida para os druidas.

— Você jura?

— Pela vida do meu irmão — disse Dinas.

— E a barba de Merlin? — perguntei, desafiando. — Vocês ainda estão com ela?

Guinevere suspirou, como a sugerir que eu estava ficando chato. Galahad franziu a testa. Fora do palácio as vozes dos guerreiros estavam ficando altas e ásperas devido ao hidromel.

Lavaine olhou para Artur.

— É verdade, senhor — falou com cortesia —, que possuímos uma trança da barba de Merlin, cortada depois de ele insultar o rei Cerdic. Mas, pela minha vida, senhor, nós a queimamos.

— Nós não lutamos com velhos — rosnou Dinas, depois olhou para Ceinwyn. — Nem com mulheres.

Artur deu um sorriso feliz.

— Venha, Derfel, abracem-se. Terei a paz entre meus amigos mais queridos.

Eu ainda hesitava, mas Ceinwyn e seu irmão me empurraram e assim, por uma segunda e pela última vez na vida, abracei Lancelot. Dessa vez, em vez de sussurrar insultos como tínhamos feito no primeiro abraço, não falamos nada. Apenas nos beijamos e nos separamos.

— Haverá paz entre vocês — insistiu Artur.

— Eu juro, senhor — respondi rigidamente.

— Não tenho disputas — respondeu Lancelot, com igual rigidez.

Artur teve de se contentar com nossa reconciliação tosca e deu um enorme suspiro de alívio como se a parte mais difícil de sua tarefa estivesse feita; depois nos abraçou antes de insistir para que Guinevere, Galahad, Ceinwyn e Cuneglas viessem e trocassem beijos.

Nossa provação estava terminada. As últimas vítimas de Artur eram sua esposa e Mordred, e isso eu não queria ver, portanto saí com Ceinwyn do salão. O irmão dela, a pedido de Artur, permaneceu, de modo que nós dois ficamos sozinhos.

— Sinto muito sobre o que aconteceu — falei.

Ceinwyn deu de ombros.

— Foi uma provação inevitável.

— Ainda não confio naquele desgraçado — falei vingativamente.

Ela sorriu.

— Você, Derfel Cadarn, é um grande guerreiro, e ele é Lancelot. O lobo teme a lebre?

— Teme a serpente — falei mal-humorado. Não sentia vontade de encarar meus amigos e descrever a reconciliação com Lancelot, por isso levei Ceinwyn pelos salões graciosos do Palácio do Mar, com suas paredes cheias de colunas, os pisos decorados e as pesadas lâmpadas de bronze que pendiam em compridas correntes de ferro de tetos pintados com cenas de caçada. Ceinwyn achou o palácio imensuravelmente

grandioso, mas também frio.

— Exatamente como os romanos — falou.

— Exatamente como Guinevere — retruquei. Encontramos um lance de escada que descia até algumas cozinhas movimentadas, e de lá uma porta para o pomar dos fundos, onde frutas e legumes cresciam em canteiros organizados. — Não consigo pensar — falei quando estávamos ao ar livre — que esta Irmandade da Britânia vá resultar em alguma coisa.

— Vai, se um número suficiente de vocês levar o juramento a sério.

— Talvez. — Eu tinha parado de súbito, embaraçado, porque à minha frente, levantando-se depois de ter se curvado sobre um canteiro de salsa, estava a irmã mais nova de Guinevere, Gwenhwyfach.

Ceinwyn a cumprimentou, alegre. Eu tinha me esquecido de que as duas haviam sido amigas nos longos anos do exílio de Guinevere e Gwenhwyfach em Powys e, depois de as duas se beijarem, Ceinwyn trouxe Gwenhwyfach até mim. Pensei que ela poderia estar ressentida por eu não ter me casado com ela, mas Gwenhwyfach parecia não guardar mágoas.

— Eu me tornei jardineira da minha irmã — falou.

— Não está falando sério, senhora, não é? — perguntei.

— O cargo não é oficial — confirmou ela secamente — assim como meus altos cargos de administradora-chefe ou encarregada dos cães, mas alguém tem de fazer o serviço, e quando papai morreu ele fez Guinevere prometer que cuidaria de mim.

— Senti muito a morte de seu pai — disse Ceinwyn.

Gwenhwyfach deu de ombros.

— Ele só foi ficando cada vez mais magro, até que um dia não estava mais ali. — Já Gwenhwyfach não tinha emagrecido, na verdade agora estava obesa, uma mulher gorda e de cara vermelha que, em seu vestido manchado de terra e com o sujo avental branco, mais parecia a mulher de um agricultor do que uma princesa. — Eu vivo ali — disse ela, apontando para uma substancial construção de madeira a cem passos do palácio. — Minha irmã permite que eu faça meu serviço todos os dias, mas quando toca o sino do entardecer devo estar em segurança fora das vistas. Vocês entendem, nada de má aparência pode macular o Palácio do Mar.

— Senhora! — protestei diante de sua autodepreciação.

Gwenhwyfach fez um gesto para que eu me calasse.

— Estou feliz — disse ela, em tom opaco. — Levo os cachorros para longos passeios e converso com as abelhas.

— Venha para Lindinis — pediu Ceinwyn.

— Isso jamais seria permitido! — disse Gwenhwyfach fingindo choque.

— Por que não? — perguntou Ceinwyn. — Nós temos quartos

sobrando. Por favor.

Gwenhwyvach deu um sorriso tímido.

— Sei demais, Ceinwyn, é por isso. Sei quem vem, quem fica e o que fazem aqui. — Nenhum de nós queria sondar essas sugestões, por isso ficamos quietos os dois, mas Gwenhwyvach precisava falar. Devia estar solitária, e Ceinwyn era um rosto amigável e amoroso vindo do passado. De repente, Gwenhwyvach jogou fora as ervas que tinha acabado de colher e veio rapidamente conosco em direção ao palácio.

— Deixe-me mostrar a vocês.

— Tenho certeza de que não precisamos ver — disse Ceinwyn, temendo o que estaria para ser revelado.

— Você pode ver — disse Gwenhwyvach a Ceinwyn —, mas Derfel não. Ou não deve. Os homens não devem entrar no templo.

Ela havia nos guiado até uma porta na base de uma pequena escada de tijolos e que, quando ela abriu, levava a um grande porão sob o piso do palácio, suportado por enormes arcos de tijolos romanos.

— Eles guardam vinho aqui — disse Gwenhwyvach, explicando as jarras e os odres arrumados nas prateleiras. Ela havia deixado a porta aberta, de modo que alguns raios da luz do dia penetrassem os arcos escuros e empoeirados. — Por aqui — falou, e desapareceu entre alguns pilares à direita.

Seguimos mais devagar, tateando cada vez com mais cuidado enquanto nos afastávamos progressivamente da luz do dia na porta do porão. Ouvimos Gwenhwyvach levantando a trava e então um sopro de ar frio passou por nós enquanto ela abria uma porta gigantesca.

— Isto é um templo de Ísis? — perguntei.

— Você ouviu falar dele? — Gwenhwyvach parecia desapontada.

— Guinevere me mostrou seu templo em Durnovária, há anos — falei.

— Ela não mostraria este — disse Gwenhwyvach, que em seguida puxou para o lado as grossas cortinas pretas que ficavam um pouco para dentro das portas, de modo que Ceinwyn e eu pudéssemos olhar o templo particular de Guinevere. Por medo da ira da irmã, Gwenhwyvach não deixou que eu fosse além do pequeno saguão entre a porta e as cortinas grossas, mas desceu com Ceinwyn dois degraus entrando no salão comprido que tinha piso feito de pedra preta e polida, paredes e teto em arco pintados de piche, uma plataforma de pedra preta com um trono de pedra preta, e atrás do trono outra cortina preta. Na frente da plataforma baixa havia um poço raso que, eu sabia, era cheio de água durante as cerimônias de Ísis. Na verdade o templo era quase exatamente igual ao que Guinevere tinha me mostrado há tantos anos, e se parecia muito com o templo deserto que havíamos descoberto no palácio de Lindinis. A única diferença — além de esse porão ser maior e mais baixo do que os dois templos anteriores — era que ali a luz

do dia tinha permissão de entrar, porque havia um grande buraco no teto arqueado, diretamente acima do poço raso.

— Há uma parede lá — sussurrou Gwenthwyvach, apontando para o buraco —, mais alta do que um homem. Assim o luar pode entrar pelo buraco, mas ninguém pode ver de cima para baixo. Inteligente, não é?

A existência daquele fosso lunar sugeria que o porão se estendia até o jardim lateral do palácio, e Gwenthwyvach confirmou isso.

— Antigamente havia uma entrada aqui — disse ela, apontando para uma linha irregular nos tijolos cobertos de piche na metade da extensão do templo —, de modo que os suprimentos pudessem ser trazidos diretamente para o porão, mas Guinevere estendeu o arco, está vendo? E o cobriu com um gramado.

Não parecia haver qualquer coisa sinistra no templo, além de seu negrume malévolo, já que não havia nenhum ídolo, nenhuma fogueira ou altar de sacrifícios. No máximo era desapontador, porque o porão arqueado não possuía a grandiosidade dos salões de cima. Parecia de mau gosto, até mesmo ligeiramente sujo. Os romanos, pensei, saberiam como tornar esse local digno de uma Deusa, mas os melhores esforços de Guinevere tinham simplesmente transformado um porão de tijolos numa caverna preta, ainda que o trono baixo, que era feito de um único bloco de pedra preta e, pelo que eu presumia, devia ser o mesmo que eu vira em Durnovária, fosse bastante impressionante. Gwenthwyvach passou pelo trono e puxou para o lado a cortina preta, de modo que Ceinwyn pudesse passar. As duas demoraram um bom tempo atrás da cortina, mas quando saímos do porão Ceinwyn me contou que não havia muito que ver ali.

— Era apenas um pequeno cômodo preto com uma cama grande e um bocado de bosta de camundongo.

— Uma cama? — perguntei, cheio de suspeitas.

— Uma cama de sonhos — disse Ceinwyn com firmeza — como a que ficava na metade da torre de Merlin.

— É só isso? — perguntei, ainda suspeitando.

Ceinwyn deu de ombros.

— Gwenthwyvach tentou sugerir que era usada para outros propósitos — falou em tom de censura —, mas ela não tinha provas, e finalmente admitiu que a irmã dormia ali para receber sonhos. — Ceinwyn deu um sorriso triste. — Acho que a pobre Gwenthwyvach não é boa da cabeça. Ela acredita que Lancelot virá procurá-la um dia.

— Ela acredita em quê? — perguntei, perplexo.

— Ela está apaixonada por ele, coitada. — Tínhamos tentado persuadir Gwenthwyvach a se juntar às comemorações no jardim da frente, mas ela se recusou. Confessou que não seria bem-vinda, e por isso saiu correndo, lançando olhares cheios de suspeita à esquerda e à direita. — Pobre

Gwenhwyfach — disse Cenwyn, depois riu. — É tão típico de Guinevere, não é?

— O quê?

— Adotar uma religião tão exótica! Por que ela não pode cultuar os Deuses da Britânia como o resto de nós? Mas não, ela tem de arranjar alguma coisa estranha e difícil. — Ceinwyn suspirou, depois passou o braço pelo meu. — Temos de ficar para a festa?

Ela estava se sentindo fraca, porque ainda não havia se recuperado totalmente do último parto.

— Artur vai entender se não formos — falei.

— Mas Guinevere não — ela suspirou —, de modo que é melhor eu sobreviver.

Caminhamos pelo comprido flanco oeste do palácio, passamos pela alta paliçada de troncos que formava o poço lunar do templo e chegamos ao final da comprida arcada. Parei-a antes que virássemos a esquina, e pus as mãos em seus ombros.

— Ceinwyn de Powys — falei, olhando em seu rosto espantoso e lindo. — Realmente amo você.

— Sei disso — replicou ela com um sorriso, depois ficou na ponta dos pés para me dar um beijo, antes de me guiar alguns passos para que pudéssemos olhar todo o jardim do Palácio do Mar. — Ali — disse Ceinwyn, divertida — está a Irmandade da Britânia, criada por Artur.

O jardim estava apinhado de bêbados. Tinham sido obrigados a esperar a festa durante muito tempo, por isso agora estavam oferecendo uns aos outros abraços elaborados e floridas promessas de amizade eterna. Alguns dos abraços tinham se transformado em lutas que rolavam ferozmente sobre os canteiros de Guinevere. Há muito os coros tinham abandonado as tentativas de cantar música solene, e algumas das mulheres do coro bebiam com os guerreiros. Nem todos os homens estavam bêbados, claro, mas os convidados sóbrios tinham se retirado para o terraço, para proteger as mulheres, muitas das quais eram aias de Guinevere, e dentre elas estava Lunette, minha primeira e antiga amante. Guinevere também estava no terraço, de onde olhava horrorizada para os escombros em que seu jardim estava se transformando, apesar de ser culpa sua, porque servira hidromel preparado especialmente forte, e agora pelo menos cinquenta homens se divertiam ruidosamente no jardim; alguns tinham arrancado flores para usar em fingidas lutas de espada, e pelo menos um estava com o rosto sangrando, enquanto outro arrancava um dente frouxo e xingava com palavrões imundos o jurado Irmão da Britânia que o golpeará. E alguém tinha vomitado na tábua redonda.

Ajudei Ceinwyn a subir até a segurança da arcada, enquanto abaixo de nós a Irmandade da Britânia xingava, lutava e bebia até perder os sentidos.

E foi assim, ainda que Igraine jamais acredite, que começou a Irmandade da Britânia criada por Artur, aquela que os ignorantes ainda chamam de Távola Redonda.

Eu gostaria de dizer que o espírito de paz engendrado pela Távola Redonda de Artur espalhou felicidade pelo reino, mas o povo mais comum nem sequer teve notícia de que o juramento fora feito. A maioria das pessoas não sabia nem se importava com o que seus senhores faziam, desde que os campos e suas famílias fossem deixados em paz. Artur, claro, dava grande importância ao juramento. Como Ceinwyn costumava dizer, para um homem que afirmava odiar juramentos ele gostava demais de fazê-los.

Mas pelo menos o juramento foi mantido naqueles anos, e a Britânia prosperou nesse período de paz. Aelle e Cerdic lutavam entre si pelo domínio de Lloegyr, e seu conflito violento poupou o resto da Britânia de suas lanças saxãs. Os reis irlandeses no oeste viviam testando suas armas contra escudos britânicos, mas eram conflitos pequenos e esparsos, e a maioria de nós desfrutou um longo período de paz. O Conselho de Mordred, do qual eu era membro agora, podia se preocupar com leis, impostos e disputas de terra, em vez de com inimigos.

Artur presidia o conselho, mas nunca ocupou o lugar na cabeceira da mesa porque aquele era o trono reservado para o rei, e esperava vazio a maioridade de Mordred. Oficialmente Merlin era o principal conselheiro do rei, mas nunca viajava a Durnovária e dizia pouco nas raras ocasiões em que o Conselho se reunia em Lindinis. Meia dúzia dos conselheiros consistia em guerreiros, mas a maioria desses jamais comparecia. Agravain dizia que aquele negócio o entediava, enquanto Sagramor preferia manter a fronteira saxã em paz. Os outros conselheiros eram dois bardos que conheciam as leis e as genealogias da Britânia, dois magistrados, um mercador e dois bispos cristãos. Um dos bispos era um homem idoso e sério chamado Emrys, que tinha sucedido Bedwin como bispo de Durnovária, e o outro era Sansum.

Sansum havia conspirado contra Artur, e poucos homens duvidavam de que ele deveria ter perdido a cabeça quando a conspiração foi revelada, mas de algum modo tinha se livrado. Ele jamais aprendeu a ler ou escrever, mas era um homem inteligente e com uma ambição interminável. Vinha de Gwent, onde seu pai tinha sido tanoeiro, e Sansum havia crescido e se tornado um dos sacerdotes de Tewdric, mas chegou à verdadeira proeminência ao casar Artur e Guinevere quando os dois fugiram de Caer Sws. Foi recompensado por esse serviço sendo nomeado bispo em Dumnonia e capelão de Mordred, mas perdeu esta última honra depois de ter conspirado com Nabur e Melwas. Depois disso deveria apodrecer na obscuridade como guardião do templo do

Espinheiro Sagrado, mas Sansum não suportava a obscuridade. Tinha salvado Lancelot da humilhação de ser rejeitado por Mitra, e ao fazer isso obtivera a gratidão cautelosa de Guinevere, mas nem sua amizade com Lancelot nem a trégua com Guinevere seriam suficientes para alçá-lo ao Conselho de Dumnonia.

Ele havia alcançado essa eminência pelo casamento, e a mulher com quem se casou foi a irmã mais velha de Artur, Morgana — Morgana, a sacerdotisa de Merlin, adepta dos mistérios, Morgana, a pagã. Com esse casamento Sansum tinha apagado todos os traços de sua desgraça antiga e se alçado às maiores alturas do poder dumnoniano. Fora posto no Conselho, feito bispo de Lindinis e nomeado de novo capelão de Mordred, mas felizmente seu desgosto pelo jovem rei o mantinha longe do palácio de Lindinis. Ele assumiu a autoridade sobre todas as igrejas do norte de Dumnonia, assim como Emrys dominava todas as igrejas do sul. Para Sansum foi um casamento brilhante, e para o resto de nós foi a perplexidade.

O casamento em si aconteceu na igreja do Espinheiro Sagrado em Ynys Wydryn. Artur e Guinevere ficaram em Lindinis, e todos nós cavalgamos juntos até o templo no grande dia. As cerimônias começaram com o batismo de Morgana nas águas cercadas de junco do Lago de Issa. Ela havia abandonado sua antiga máscara de ouro com a imagem do chifrudo Deus Cernunnos, e adotou uma nova máscara decorada com uma cruz cristã e, para marcar a felicidade do dia, abandonara o manto preto usual em troca de um vestido branco. Artur chorou de alegria ao ver a irmã ir mancando para dentro do lago onde Sansum, com ternura evidente, sustentou suas costas enquanto baixava-a até a água. Um coro cantava aleluias. Esperamos enquanto Morgana se enxugava e vestia um novo manto branco, depois ficamos olhando-a ir mancando até o altar, onde o bispo Emrys os reuniu como marido e mulher.

Acho que não poderia estar mais perplexo se o próprio Merlin abandonasse os Deuses antigos para assumir a cruz. Para Sansum, claro, foi um triunfo duplo, já que ao se casar com a irmã de Artur ele não somente entrava no Conselho real, como ao convertê-la ao cristianismo dava um forte golpe contra todos os pagãos. Alguns homens o acusaram azedamente de oportunismo, mas para ser justo acho que ele realmente amava Morgana, ao seu modo calculista, e ela sem dúvida o adorava. Eram duas pessoas inteligentes unidas por ressentimentos. Sansum sempre acreditou que deveria estar numa posição mais elevada, ao passo que Morgana, que um dia fora linda, se ressentia do incêndio que havia torcido seu corpo e transformado seu rosto num horror. Também se ressentia de Nimue, porque um dia Morgana fora a sacerdotisa de maior confiança de Merlin, e a jovem Nimue tinha usurpado esse lugar, e agora, vingando-se, Morgana se tornou a mais ardorosa das cristãs. Era

tão estridente em suas defesas de Cristo quanto fora ao serviço dos Deuses mais antigos, e depois do casamento toda a sua vontade formidável foi posta na campanha missionária de Sansum.

Merlin não compareceu ao casamento, mas se divertiu com ele.

— Ela está solitária — disse-me ao saber da novidade — e o lorde camundongo é pelo menos uma companhia. Você não acha que eles copulam, acha? Santos Deuses, Derfel, se a pobre Morgana se despiu na frente de Sansum ele vomitaria! Além disso, ele não sabe cruzar. Pelo menos não com mulheres.

O casamento não suavizou Morgana. Em Sansum ela encontrou um homem disposto a ser guiado por seus conselhos hábeis, e cujas ambições ela poderia apoiar com toda a sua energia feroz, mas para o resto do mundo ela ainda era a tirana por trás da proibitiva máscara de ouro. Ainda vivia em Ynys Wydryn, mas em vez de morar no Tor de Merlin agora habitava a casa do bispo no templo, de onde podia ver o Tor incendiado onde vivia sua inimiga, Nimue.

Nimue, agora separada de Merlin, estava convencida de que Morgana tinha roubado os Tesouros da Britânia. Pelo que eu percebesse, essa convicção se baseava apenas no ódio de Nimue por Morgana, considerada por ela a maior traidora da Britânia. Afinal de contas, Morgana era a sacerdotisa pagã que tinha abandonado os Deuses para virar cristã, e, onde quer que a visse, Nimue cuspiu e soltava pragas que Morgana lhe devolvia energeticamente; a ameaça pagã batalhando contra a perdição cristã. Elas jamais eram educadas uma com a outra, ainda que uma vez, a pedido de Nimue, eu tenha perguntado a Morgana sobre o Caldeirão. Isso foi um ano depois do casamento e, apesar de agora eu ser um lorde e um dos homens mais ricos de Dumnonia, ainda me sentia nervoso com Morgana. Quando eu era criança ela tinha sido uma figura de autoridade espantosa e aparência aterrorizante que governava o Tor com um mau humor brusco e um cajado sempre pronto, com o qual todos éramos disciplinados. Agora, tantos anos depois, eu a achava igualmente assustadora.

Encontrei-a numa das novas construções de Sansum em Ynys Wydryn. A maior era do tamanho de um salão de festas real, e era a escola onde dúzias de padres eram treinados como missionários. Esses padres começavam a estudar aos seis anos, eram proclamados sagrados aos dezesseis e depois mandados para as estradas da Britânia, para arregimentar convertidos. Frequentemente eu os encontrava em minhas muitas viagens. Eles andavam em duplas, carregando apenas uma pequena sacola e um cajado, mas algumas vezes eram acompanhados por grupos de mulheres que pareciam curiosamente atraídas pelos missionários. Eles não tinham medo. Sempre que eu os encontrava eles me desafiavam a negar seu Deus, e eu sempre admitia cortesmente sua existência, e depois insistia em que meus Deuses também viviam, e

diante disso eles me xingavam e suas mulheres uivavam e berravam insultos. Uma vez, quando dois daqueles fanáticos assustaram minhas filhas, usei o cabo da lança contra eles, e admito que usei com muita força, porque no fim da discussão havia uma cabeça quebrada e um pulso despedaçado, nenhum deles meu. Artur insistiu em que eu fosse julgado, como demonstração de que nem mesmo os dumnonianos mais privilegiados estavam acima da lei, e assim compareci ao tribunal de Lindinis, onde um magistrado cristão me cobrou o preço dos ossos como metade do meu peso em prata.

— Você deveria ter sido chicoteado. — Morgana evidentemente se lembrava do incidente, e lançou seu veredicto contra mim quando fui admitido à sua presença. — Chicoteado até ficar em carne viva. Em público!

— Acho que até a senhora acharia isso difícil agora — falei educadamente.

— Deus me daria a força necessária — rosnou ela de trás da nova máscara de ouro com a cruz cristã. Estava sentada atrás de uma mesa cheia de pergaminhos e ripas de madeira cobertas de tinta, porque não somente administrava a escola de Sansum como contabilizava os tesouros de cada igreja e mosteiro no norte de Dumnonia, mas a realização da qual mais se orgulhava era sua comunidade de mulheres santas que cantavam e rezavam num salão próprio onde os homens não tinham permissão de pôr os pés. Eu podia ouvir suas doces vozes cantando agora, enquanto Morgana me olhava de cima a baixo. Evidentemente não gostou muito do que via. — Você veio pegar mais dinheiro — falou rispidamente. — Não vai poder levar. Não enquanto não pagar os empréstimos que ainda restam.

— Não restam empréstimos, que eu saiba — falei com educação.

— Absurdo. — Ela pegou uma das ripas e leu uma lista fictícia de empréstimos não pagos.

Deixei que terminasse, depois falei gentilmente que o Conselho não estava querendo dinheiro emprestado da igreja.

— E se quisesse — acrescentei —, tenho certeza de que o seu marido teria dito.

— E eu tenho certeza — disse ela — de que os pagãos do Conselho estão tramando coisas por trás das costas do santo. — Ela fungou. — Como vai meu irmão?

— Ocupado, senhora.

— Ocupado demais para vir me ver, obviamente.

— E a senhora é ocupada demais para visitá-lo — repliquei com gentileza.

— Eu? Ir a Durnovária? E encarar aquela bruxa, a Guinevere? — Ela fez o sinal da cruz, depois mergulhou a mão numa tigela d'água e fez o sinal de novo. — Eu preferiria entrar no inferno e ver o próprio Satã ver

aquela feiticeira de Ísis! — Morgana já ia cuspir para evitar o mal, depois se lembrou e, em vez disso, fez outro sinal da cruz. — Você sabe que rituais Ísis exige? — perguntou ela, irada.

— Não, senhora.

— A imundície, Derfel, a imundície! Ísis é a mulher escarlate! A prostituta da Babilônia. É a fé do diabo, Derfel. Eles se deitam juntos, homem e mulher. — Ela estremeceu diante desse pensamento horrendo. — Pura imundície.

— Os homens não têm permissão de entrar no templo, senhora — falei, defendendo Guinevere —, assim como não têm permissão de entrar em seu salão das mulheres.

— Não têm permissão! — Morgana deu uma gargalhada. — Eles vão à noite, seu idiota, e cultuam nus sua Deusa imunda. Homens e mulheres juntos, suando como suínos! Acha que não sei? Eu, que um dia fui uma daquelas pecadoras? Você acha, Derfel, que sabe mais do que eu sobre os cultos pagãos? Eu lhe digo, Derfel, eles se deitam juntos no próprio suor, mulheres nuas e homens nus. Ísis e Osíris, mulher e homem, e a mulher dá a vida ao homem, e como você acha que isso é feito, seu idiota? É feito através do imundo ato da fornicação! — Ela mergulhou os dedos na tigela de água e fez de novo o sinal da cruz, deixando uma gota da água benta na testa da máscara. — Você é um ignorante, um idiota crédulo. — Não insisti na discussão. As diferentes crenças sempre se insultavam mutuamente assim. Muitos pagãos acusavam os cristãos de comportamento semelhante no que era chamado de “festas do amor”, e muitas pessoas do campo acreditavam que os cristãos sequestravam, matavam e comiam crianças. — Artur também é um idiota por confiar em Guinevere — rosnou Morgana. Em seguida me lançou um olhar inamistoso com seu olho único. — Então o que quer de mim, Derfel? Não é dinheiro?

— Quero saber, senhora, o que aconteceu na noite em que o Caldeirão desapareceu.

Ela riu disso. Era o eco de seu riso antigo, o som cruel e cacarejante que sempre pressagiava problemas no Tor.

— Seu idiotazinho miserável, desperdiçando meu tempo. — E com isso ela se virou de novo para a mesa de trabalho. Esperei enquanto ela fazia marcas em suas ripas de contabilidade ou nas margens de rolos de pergaminho e fingia me ignorar. — Ainda está aí, idiota?

— Ainda estou, senhora.

Ela se virou no banco.

— Por que quer saber? É aquela prostitutazinha maligna do morro que o mandou? — Ela fez um gesto apontando o Tor através da janela.

— Merlin me pediu, senhora — menti. — Ele está curioso com o passado, mas sua memória anda ruim.

— Ele vai para o inferno logo, logo — disse ela, vingativa, depois

ponderou minha pergunta antes de, finalmente, dar de ombros. — Vou contar o que aconteceu naquela noite — disse enfim —, e só vou contar uma vez, e quando tiver contado nunca mais me pergunte.

— Uma vez basta, senhora.

Ela se levantou e foi mancando até a janela, de onde podia olhar o Tor lá em cima.

— O Senhor Deus Todo-Poderoso, o único Deus verdadeiro, Pai de todos nós, mandou fogo do céu. Eu estava lá, e sei o que aconteceu. Ele mandou o raio que acertou o teto do salão e o incendiou. Eu estava gritando, porque tenho bons motivos para temer o fogo. Conheço o fogo. Sou filha do fogo. O fogo arruinou minha vida, mas esse era um fogo diferente. Era o fogo da limpeza de Deus, o fogo que queimou meu pecado. O fogo se espalhou do teto de palha para a torre e queimou tudo. Vi aquele fogo e teria morrido nele se o abençoado São Sansum não tivesse vindo me guiar até a segurança. — Ela fez o sinal da cruz, depois se virou de novo para mim. — Isso, idiota, foi o que aconteceu.

Então Sansum estivera no Tor naquela noite? Isso era interessante, mas não fiz qualquer observação a respeito. Em vez disso, falei gentilmente:

— O fogo não queimou o Caldeirão, senhora. Merlin foi lá no dia seguinte e revirou as cinzas, e não encontrou nenhum ouro.

— Idiota! — Morgana cuspiu em mim através da abertura de sua máscara. — Acha que o fogo de Deus queima como suas chamas débeis? O Caldeirão era o pote do mal, a pior pústula sobre a terra. Era o penico do diabo, e o Senhor Deus o consumiu, Derfel, consumiu transformando-o em nada! Vi com este olho! — Ela bateu na máscara abaixo do olho bom. — Eu o vi queimar, e foi um clarão de fornalha, brilhante, quentíssimo, sibilante, no centro do coração do fogo, era uma chama como a chama mais quente do inferno, e ouvi os demônios gritando de dor enquanto seu caldeirão se transformava em fumaça. Deus o queimou! Queimou e mandou de volta ao inferno, que é o lugar dele! — Ela fez uma pausa e senti que seu rosto mutilado pelas chamas, arruinado, estava se abrindo num sorriso atrás da máscara. — Ele se foi, Derfel — disse ela numa voz mais baixa —, e agora você também pode ir.

Deixei-a, deixei o templo e subi até o Tor onde empurrei o portão da água, meio partido, que pendia loucamente numa dobradiça de corda. As cinzas empretecidas do salão e da torre estavam sendo engolidas pela terra, e em volta havia uma dúzia de cabanas apodrecendo, onde moravam Nimue e seu povo. Essas pessoas eram os indesejados de nosso mundo; aleijados e mendigos, as pessoas sem casa e meio loucas que sobreviviam da comida que Ceinwyn e eu mandávamos todas as semanas de Lindinis. Nimue afirmava que seu povo falava com os Deuses, mas tudo que eu ouvia deles eram risos loucos ou gemidos

tristes.

— Ela nega tudo — falei a Nimue.

— Claro que nega.

— Diz que o Deus dela queimou-o até virar nada.

— O Deus dela não poderia cozinhar um ovo mole — disse Nimue, vingativa. Ela havia tido uma decadência horrível nos anos desde o desaparecimento do Caldeirão e enquanto Merlin afundava em sua velhice gentil. Nimue vivia imunda, imunda, magra e quase enlouquecida como quando a resgatei da Ilha dos Mortos. Às vezes tremia, ou então seu rosto se retorcia em caretas incontrolláveis. Há muito tempo tinha vendido ou jogado fora o olho dourado, e agora usava um pedaço de couro sobre a órbita vazia. A beleza intrigante que possuíra um dia estava escondida sob sujeira e feridas, e sob a massa de cabelos pretos e embolados, tão grudada de sujeira que até mesmo os camponeses que vinham em busca de suas adivinhações ou curas costumavam se encolher com o fedor. Até eu, ligado a ela por juramento e que um dia fora seu amante, mal suportava estar perto dela.

— O Caldeirão ainda vive — disse Nimue naquele dia.

— É o que Merlin diz.

— E Merlin também vive, Derfel. — Ela pôs a mão arranhada em meu braço. — Ele está esperando, só isso, guardando a força.

Esperando sua pira funerária, pensei, mas fiquei quieto.

Nimue girou acompanhando o sentido do sol, olhando todo o horizonte.

— Em algum lugar lá longe, Derfel, o Caldeirão está escondido. E alguém está tentando descobrir como usá-lo. — Ela deu um riso baixinho. — E quando fizerem isso, Derfel, você verá a terra ficar vermelha de sangue. — Em seguida virou o olho único para mim. — Sangue! — sibilou. — O mundo vomitará sangue nesse dia, Derfel, e Merlin cavalgará de novo.

Talvez, pensei; mas era um dia ensolarado e Dumnonia estava em paz. Era a paz de Artur, dada por sua espada, mantida por seus tribunais, enriquecida por suas estradas e selada por sua Irmandade. Tudo parecia muito distante do mundo do Caldeirão e dos Tesouros desaparecidos, mas Nimue ainda acreditava na magia deles, e por ela eu não expressava descrença, ainda que naquele dia luminoso em Dumnonia me parecesse que a Britânia estava forjando o caminho da escuridão para a luz, do caos para a ordem e da selvageria para a lei. Essa era a realização de Artur. Esse era o seu Camelot.

Mas Nimue estava certa. O Caldeirão não estava perdido, e ela, como Merlin, estava apenas esperando o horror.

NOSSA PRINCIPAL TAREFA naqueles dias era preparar Mordred para o trono. Ele já era o nosso rei, porque quando bebê tinha sido aclamado no cume do Caer Cadarn, mas Artur decidira repetir a aclamação quando Mordred chegasse à maioridade. Acho que Artur esperava que algum poder místico investiria Mordred de responsabilidade e sabedoria nessa segunda aclamação, porque nada mais parecia capaz de melhorar o garoto. Nós tentamos, os Deuses sabem que tentamos, mas Mordred continuou o mesmo jovem carrancudo, ressentido e grosseiro. Artur não gostava dele, mas permanecia intencionalmente cego às piores faltas de Mordred, porque se Artur possuía alguma religião verdadeiramente sagrada era a crença na divindade dos reis. Chegaria o tempo em que seria forçado a encarar a verdade de Mordred, mas naqueles anos, sempre que o assunto da adequação do neto de Uther surgia no Conselho real, Artur sempre dizia a mesma coisa. Ele concordava que Mordred era uma criança sem atrativos, mas todos conhecíamos garotos assim que tinham se tornado homens decentes, e a solenidade da aclamação e as responsabilidades do reinado iriam contê-lo certamente.

— Eu também não fui uma criança modelo — gostava de dizer —, mas vocês não acham que virei um homem ruim. Tenham fé no garoto. — Além disso, acrescentava sempre com um sorriso, Mordred seria guiado por um conselho sábio e experiente.

— Ele vai nomear seu próprio Conselho — era o que um de nós sempre objetava, mas Artur descartava o assunto. Tudo ia ficar bem, garantia ele jovialmente.

Guinevere não tinha essas ilusões. De fato, nos anos seguintes ao juramento da Távola Redonda ela ficou obcecada com o destino de Mordred. Ela não participava do Conselho Real, porque nenhuma mulher tinha permissão para isso, mas quando estava em Durnovária suspeito de que Guinevere ouvia atrás da cortina de um arco que dava na câmara do conselho. Boa parte do que discutíamos iria entediá-la; passávamos horas discutindo se iríamos pôr mais pedras num vau ou gastar dinheiro numa ponte, ou se um magistrado estava aceitando suborno ou a quem deveríamos conceder a guarda de um herdeiro órfão. Essas questões eram a moeda comum das reuniões do conselho, e tenho certeza de que ela as considerava tediosas, mas imagino com que avidez teria ouvido quando falávamos de Mordred.

Guinevere mal conhecia Mordred, mas o odiava. Odiava-o porque ele era o rei, e não Artur, e um a um tentou convencer os conselheiros reais a aceitar seu ponto de vista. Chegava a ser agradável comigo, porque suspeito de que via dentro da minha alma e sabia que eu

secretamente concordava com ela. Depois da primeira reunião do conselho, após o juramento da Távola Redonda, ela pegou meu braço e caminhou comigo pelo claustro de Durnovária, que estava enevoadado com a fumaça das ervas queimadas nos braseiros para evitar a volta da peste. Talvez tenha sido a fumaça que me deixou tonto, mas é mais provável que tenha sido a proximidade de Guinevere. Ela usava um perfume forte, o cabelo ruivo estava cheio e revoltado, o corpo reto e esguio, e o rosto com ossos tão bons e tão cheio de espírito. Falei que lamentava a morte de seu pai.

— Pobre papai. Tudo com que ele sonhava era voltar a Henis Wyren.
— Ela fez uma pausa e eu perguntei se Guinevere teria reprovado Artur por não fazer mais esforços para desalojar Diwrnach. Duvido de que Guinevere quisesse ver de novo a costa de Henis Wyren, mas seu pai sempre desejara voltar à terra de seus ancestrais. — Você nunca me contou sua visita a Henis Wyren — disse Guinevere em tom reprovador.
— Ouvi dizer que conheceu Diwrnach, foi?

— E espero jamais encontrá-lo de novo, senhora.

Ela deu de ombros.

— Algumas vezes, num rei, a reputação de selvageria pode ser útil.
— Ela me interrogou sobre o estado de Henis Wyren, mas senti que não se interessava realmente pelas respostas, assim como quando perguntou como Ceinwyn estava.

— Bem, senhora, obrigado.

— Grávida de novo? — perguntou, meio divertida.

— Achamos que sim, senhora.

— Como vocês dois são ocupados, Derfel — disse ela, numa zombaria gentil. Sua irritação com Ceinwyn tinha se desbotado com o tempo, mas as duas nunca viraram amigas. Guinevere arrancou uma folha de um loureiro que crescia numa urna romana decorada com ninfas nuas, e esfregou a folha entre os dedos. — E como vai o nosso rei? — perguntou azedamente.

— Problemático, senhora.

— Ele serve para ser rei? — Isso era típico de Guinevere; uma pergunta direta, brutal e honesta.

— Ele nasceu para isso, senhora — falei na defensiva. — E nós lhe prestamos juramento.

Ela deu um riso escarninho. Suas sandálias enfeitadas de ouro batiam nas pedras do calçamento, e uma corrente de ouro com pérolas pendia de seu pescoço.

— Há muitos anos, Derfel, falamos disso e você me disse que, dentre todos os homens de Dumnonia, Artur era o mais adequado para ser rei.

— Disse — admiti.

— E acha que Mordred é mais adequado?

— Não, senhora.

— E então? — Ela se virou para me olhar. Poucas mulheres podiam me olhar direto nos olhos, mas Guinevere podia. — E então? — perguntou de novo.

— Então fiz um juramento, senhora, assim como o seu marido.

— Juramentos! — rosnou ela, soltando meu braço. — Artur fez um juramento de matar Aelle, e Aelle continua vivo. Jurou retomar Henis Wyren, mas Dirwnach continua governando lá. Juramentos! Vocês, homens, se escondem por trás de juramentos como os serviçais se escondem atrás da estupidez, mas no momento em que um juramento fica inconveniente o esquecem logo. Você acha que um juramento a Uther não pode ser esquecido?

— Meu juramento é ao príncipe Artur — falei, tomando cuidado, como sempre, de chamar Artur de príncipe na frente de Guinevere. — A senhora quer que eu esqueça esse juramento?

— Eu quero, Derfel, que você ponha bom senso na cabeça dele. Ele o escuta.

— Ele escuta a senhora.

— Não quando o assunto é Mordred. Em tudo o mais, talvez, mas não nisso. — Ela estremeceu, talvez lembrasse do abraço que fora forçada a dar em Mordred no Palácio do Mar, depois esmagou raivosa a folha de louro e jogou no chão. Dentro de minutos, eu sabia, uma serviçal iria varrê-la silenciosamente. O palácio de inverno de Durnovária era sempre muito organizado, enquanto o nosso palácio em Lindinis era tão atulhado de crianças que nunca podia ficar arrumado, e a ala de Mordred era um monturo. — Artur é o filho mais velho de Uther ainda vivo — insistiu Guinevere, agora com cansaço. — Ele deveria ser o rei.

Deveria mesmo, pensei, mas todos tínhamos feito o juramento de colocar Mordred no trono, e homens tinham morrido no vale do Lugg para defender esse juramento. Às vezes, que os Deuses me perdoem, eu simplesmente desejava que Mordred morresse, resolvendo o nosso problema, mas, apesar do pé torto e dos maus presságios de seu nascimento, ele parecia abençoado com uma saúde de ferro. Olhei os olhos verdes de Guinevere.

— Eu me lembro, senhora — falei cautelosamente —, de que há anos a senhora me levou por aquela porta — aponte para um arco baixo que dava fora do claustro — e me mostrou o seu templo de Ísis.

— Mostrei. E daí? — Ela soava defensiva, talvez lamentasse o momento de intimidade. Naquele dia distante ela estivera tentando fazer de mim um aliado na mesma causa que a levava a pegar meu braço e me trazer a esse claustro. Ela queria Mordred destruído para que Artur pudesse reinar.

— A senhora me mostrou o trono de Ísis — falei, com cuidado para não revelar que eu tinha visto a mesma cadeira preta no Palácio do Mar

— e me disse que Ísis era a Deusa que determinava que homem deveria estar no trono de um reino. Estou certo?

— É um de seus poderes, sim — disse Guinevere descuidadamente.

— Então a senhora deve rezar para a sua Deusa.

— Você acha que não rezo, Derfel? Acha que não cansei os ouvidos dela com minhas orações? Quero que Artur seja rei, e que Gwydre seja rei depois dele, mas não é possível forçar um homem a ocupar um trono. Artur precisa querer, antes que Ísis conceda.

Essa me parecia uma defesa frágil. Se Ísis não podia alterar a mente de Artur, como é que nós, simples mortais, deveríamos mudá-la? Tínhamos tentado frequentemente, mas Artur se recusava a discutir o assunto, assim como Guinevere desistiu de nossa conversa no pátio quando percebeu que eu não poderia ser persuadido a entrar para a sua campanha de substituir Mordred por Artur.

Eu queria Artur como rei, mas apenas uma vez em todos aqueles anos rompi a barreira de suas afirmações amenas e falei seriamente com ele sobre as reivindicações ao reino, e essa conversa só aconteceu cinco anos inteiros depois do juramento da Távola Redonda. Foi no verão antes do ano em que Mordred seria aclamado rei, e nessa época os sussurros de hostilidade tinham se transformado num grito ensurdecedor. Apenas os cristãos apoiavam Mordred, e mesmo eles faziam isso com relutância. Mas era sabido que sua mãe tinha sido cristã, e que o menino fora batizado, e isso bastava para persuadir os cristãos de que Mordred poderia ser simpático às suas ambições. Todas as outras pessoas em Dumnonia queriam que Artur as salvasse do garoto, mas Artur as ignorava serenamente. Aquele verão, do modo como agora aprendemos a contar as voltas do sol, aconteceu 495 anos depois do nascimento de Cristo, e foi uma estação bela, cheia de sol. Artur estava no auge de seus poderes, Merlin tomava sol no nosso jardim com minhas três filhas pequenas que imploravam histórias. Ceinwyn estava feliz, Guinevere lagarteava em seu lindo e novo Palácio do Mar com arcadas, galerias e o templo escuro e escondido, Lancelot parecia contente em seu reino junto ao mar, os saxões lutavam entre si, e Dumnonia estava em paz. Lembro que também foi um verão de sofrimento absoluto.

Porque foi o verão de Tristan e Isolda.

Kernow é o reino selvagem que fica como uma garra na ponta ocidental de Dumnonia. Os romanos foram até lá, mas poucos se estabeleceram em seu ermo, e, quando os romanos deixaram a Britânia, o povo de Kernow prosseguiu com sua vida como se os invasores nunca tivessem existido. Aravam pequenos campos, pescavam em mares bravios e mineravam estanho precioso. Viajar em Kernow, disseram-me, era ver a Britânia como tinha sido antes da vinda dos romanos, mas nunca fui lá,

nem Artur.

Desde quando eu podia me lembrar, Kernow tinha sido governado pelo rei Mark. Ele raramente nos perturbava, ainda que de vez em quando — geralmente quando Dumnonia estava envolvida com algum inimigo maior no leste — decidisse que algumas de nossas terras no oeste deveriam lhe pertencer, e havia uma pequena guerra de fronteira e ataques selvagens contra nossa costa, feitos pelos barcos guerreiros de Kernow. Nós sempre vencíamos essas guerras, como poderia não ser assim? Dumnonia era grande e Kernow pequeno, e quando as guerras terminavam Mark mandava um enviado para dizer que tudo tinha sido um acidente. Durante um curto tempo no início do governo de Artur, quando Cadwy de Isca havia se rebelado contra o resto de Dumnonia, Mark capturou algumas grandes porções de terra junto à sua fronteira, mas Culhwch acabara com a rebelião, e, quando Artur mandou a cabeça de Cadwy como presente a Mark, os lanceiros de Kernow voltaram silenciosamente às suas antigas fortalezas.

Esses problemas eram raros, porque as campanhas mais famosas do rei Mark eram lutadas na cama. Ele era famoso pelo número de mulheres, mas, enquanto outros homens assim podiam ter várias esposas ao mesmo tempo, Mark se casava com elas em sequência. Elas morriam com uma regularidade impressionante, quase sempre, parecia, apenas quatro anos depois da cerimônia de casamento ser realizada pelos druidas de Kernow, e apesar de Mark sempre ter uma explicação pelas mortes — uma febre, talvez, ou um acidente, ou talvez um parto difícil — a maioria de nós suspeitava de que era o tédio do rei que estava por trás das piras funerárias que queimavam os corpos das rainhas no Caer Dore, a fortaleza do reino. A sétima mulher a morrer tinha sido a sobrinha de Artur, Ialle, e Mark despachara um enviado com uma história triste falando de cogumelos venenosos e do apetite indomável de Ialle. Também havia mandado uma mula carregada de lingotes de estanho e raros ossos de baleia para evitar qualquer possibilidade de ira da parte de Artur.

A morte das esposas jamais pareceu impedir outras princesas de ousar a travessia marítima para compartilhar a cama de Mark. Talvez fosse melhor ser uma rainha em Kernow, ainda que por pouco tempo, do que esperar no salão das mulheres por um pretendente que talvez nunca viesse, e além disso as explicações para as mortes eram sempre plausíveis. Não passavam de acidentes.

Depois da morte de Ialle não houve um novo casamento durante um bom tempo. Mark estava ficando velho e os homens presumiam que ele tinha abandonado o jogo do casamento, mas então, naquele verão lindo do ano anterior a Mordred assumir o poder em Dumnonia, o idoso rei Mark tomou uma nova esposa. Era filha de nosso velho aliado, Oengus Mac Airem, o rei irlandês de Demétia, que nos levara à vitória no vale

do Lugg, e por esse presente Artur perdoou a Oengus sua miríade de invasões que ainda incomodavam a terra de Cuneglas. Os temidos guerreiros Escudos Negros de Oengus viviam atacando Powys e o que tinha sido Silúria, e durante todos aqueles anos Cuneglas era forçado a manter dispendiosos bandos de guerreiros em sua fronteira ocidental. Oengus sempre negava a responsabilidade pelos ataques, dizendo que seus chefes tribais eram ingovernáveis, e prometia que faria rolar algumas cabeças, mas as cabeças permaneciam no lugar, e a cada época de colheita os famintos Escudos Negros voltavam a Powys. Artur mandava alguns dos nossos jovens lanceiros para obter experiência de batalha naquelas guerras de colheita, que nos davam a chance de treinar guerreiros novatos e manter afiados os instintos dos mais velhos. Cuneglas queria acabar com Demétia de uma vez por todas, mas Artur gostava de Oengus e argumentava que suas depredações valiam a experiência que ele dava aos nossos lanceiros, e assim os Escudos Negros sobreviveram.

O casamento do idoso rei Mark com sua noiva-criança de Demétia era uma aliança de dois reinos pequenos que não incomodavam ninguém, e além disso ninguém acreditava que Mark tivesse se casado com a princesa em troca de qualquer vantagem política. Casou-se apenas porque tinha um apetite insaciável por jovem carne real. Na época estava com sessenta anos, seu filho Tristan tinha quase quarenta e Isolda, a nova rainha, apenas quinze.

O sofrimento começou quando Culhwch nos mandou uma mensagem dizendo que Tristan tinha chegado a Isca com a noiva-criança do pai. Culhwch, depois de Melwas ter morrido de seu excesso de ostras, fora nomeado governador da província ocidental de Dumnonia e sua mensagem dizia que Tristan e Isolda eram fugitivos do rei Mark. O próprio Culhwch ficou mais divertido do que perturbado com sua chegada, porque ele, como eu, tinha lutado ao lado de Tristan no vale do Lugg e perto de Londres, e gostava do príncipe.

“Pelo menos esta noiva viverá”, tinha anotado o escriba de Culhwch na carta para o Conselho, “e merece. Dei a eles uma antiga residência e uma guarda de lanceiros”.

A mensagem prosseguia descrevendo um ataque de piratas irlandeses vindos do outro lado do mar, e terminava com o pedido usual de Culhwch, de uma redução de impostos, e um alerta, também bastante usual, de que a colheita parecia fraca. Resumindo, era um despacho comum sem nada que alertasse as apreensões do Conselho, porque todos sabíamos que a colheita estava gorda e que Culhwch se preparava para sua luta costumeira com relação aos impostos. Quanto a Tristan e Isolda, a história deles era apenas uma diversão, e nenhum de nós via qualquer perigo ali. Os funcionários de Artur arquivaram a mensagem e o Conselho passou a discutir o pedido de Sansum, de que o Conselho

deveria construir uma grande igreja para celebrar o quingentésimo aniversário do nascimento de Cristo. Argumentei contra a proposta, o bispo Sansum rugiu, latiu e cuspiu, dizendo que a igreja era necessária para que o mundo não fosse destruído pelo diabo, e aquela luta feliz manteve o Conselho animado até que a refeição do meio-dia foi servida no pátio do palácio.

A reunião aconteceu em Durnovária e, como sempre, Guinevere viera de seu Palácio do Mar para estar na cidade quando o Conselho se reunisse, e se juntou a nós na refeição do meio-dia. Sentou-se ao lado de Artur e, como sempre, sua proximidade deu a ele uma felicidade luminosa. Tinha muito orgulho da esposa. O casamento podia ter lhe causado desapontamentos, especialmente no número de filhos, mas estava claro que Artur continuava apaixonado. Cada olhar dirigido a ela era uma proclamação da sua perplexidade por uma mulher daquelas se casar com ele, e nunca ocorreu a Artur que ele era o prêmio, que ele era o governante capaz e o homem bom. Ele a adorava, e naquele dia, enquanto comíamos frutas, pão e queijo sob um sol quente, era fácil ver por quê. Guinevere podia ser espirituosa e incisiva, divertida e sábia, e sua aparência ainda atraía a atenção. Os anos não pareciam tocá-la. Sua pele era clara como leite desnatado, e os olhos não tinham as rugas finas que os de Ceinwyn mostravam; parecia, de fato, que ela não envelhecera um só instante desde aquele dia longínquo em que Artur a vira do outro lado do salão apinhado de Gorfyddyd. E mesmo assim, acho, cada vez que Artur voltava para casa de alguma longa jornada pelo reino de Mordred recebia o mesmo choque de felicidade ao encontrar Guinevere, como no primeiro dia em que a viu. E Guinevere sabia como mantê-lo fascinado sempre mantendo-se um misterioso passo à sua frente, assim atraindo Artur cada vez mais fundo em sua paixão. Acho que era uma receita de amor.

Mordred estava conosco naquele dia. Artur insistira em que o rei começasse a comparecer ao Conselho antes de ser aclamado com todos os seus poderes, e sempre encorajava Mordred a participar de nossas discussões, mas a única contribuição dele era sentar-se raspando a sujeira de baixo das unhas ou então bocejar enquanto os negócios tediosos prosseguiam. Artur esperava que ele aprendesse a responsabilidade comparecendo ao Conselho, mas eu temia que o rei estivesse apenas aprendendo a evitar os detalhes do governo. Naquele dia ele se sentou, como era apropriado, no centro da mesa de refeições, e não fingiu nem um pouco estar interessado na história do bispo Emrys sobre uma fonte que tinha aparecido milagrosamente quando um padre abençoou uma colina.

— Essa fonte, bispo — interveio Guinevere —, seria nos morros a norte de Dunum?

— Bom, sim, senhora! — disse Emrys, satisfeito em ter outra

audiência além do distraído Mordred. — A senhora ouviu falar no milagre?

— Muito antes de seus padres chegarem lá — disse Guinevere. — Aquela fonte vem e vai, bispo, dependendo da chuva. E este ano, o senhor deve se lembrar, as chuvas do final do inverno foram extremamente fortes. — Ela deu um sorriso triunfante. Sua oposição à igreja ainda existia, mas agora estava emudecida.

— Esta é uma fonte nova — insistiu Emrys. — O povo do campo nos disse que ela nunca existiu antes! — Ele se virou de novo para Mordred. — O senhor deveria visitar a fonte, senhor rei. É um verdadeiro milagre.

Mordred bocejou e olhou distraído para os pombos no telhado distante. Sua capa estava manchada de hidromel, e a nova barba encaracolada repleta de migalhas.

— Já terminamos com os negócios? — perguntou de repente.

— Longe disso, senhor rei — disse Emrys entusiasmado. — Ainda temos de tomar uma decisão sobre a construção da igreja, e há três nomes propostos como magistrados. Presumo que os homens estejam aqui para ser interrogados, não é? — perguntou a Artur.

— Estão, bispo.

— Um dia inteiro de trabalho para nós! — disse Emrys, satisfeito.

— Não para mim — replicou Mordred. — Vou caçar.

— Mas, senhor rei... — protestou Emrys, sem muita ênfase.

— Vou caçar — interrompeu Mordred. Em seguida, empurrou seu assento para longe da mesa baixa e foi mancando pelo pátio.

Houve silêncio ao redor da mesa. Todos sabíamos o que os outros estavam pensando, mas ninguém falou alto até que tentei ser otimista.

— Ele presta atenção às suas armas — falei.

— Porque gosta de matar — disse Guinevere, gélida.

— Eu só gostaria de que o garoto falasse de vez em quando! — reclamou Emrys. — Ele só fica aqui sentado, carrancudo! Limpando as unhas.

— Pelo menos não é o nariz — disse Guinevere acidamente, depois ergueu os olhos quando um estranho foi trazido ao pátio. Hygwydd, o serviçal de Artur, anunciou o estranho como Cyllan, campeão de Kernow, e ele parecia o campeão de um rei, porque era um bruto gigantesco, de cabelos escuros e barba revolta, que tinha na testa a tatuagem azul de um machado. Ele curvou a cabeça para Guinevere e depois pegou uma espada comprida, de aparência bárbara, que pôs no chão com a lâmina apontando para Artur. O gesto era sinal de que existia problemas entre os dois países.

— Sente-se, lorde Cyllan. — Artur fez um gesto para o assento de Mordred, que estava vazio. — Temos queijo, um pouco de vinho. O pão é fresco.

Cyllan tirou o elmo de ferro que tinha na crista a máscara de um gato-do-mato rosnando.

— Senhor — disse numa voz trovejante —, venho com uma reclamação...

— E também com uma barriga vazia, sem dúvida — interrompeu Artur. — Sente-se, homem! Sua escolta será alimentada nas cozinhas. E pegue a espada.

Cyllan rendeu-se à informalidade de Artur. Partiu um pão ao meio e cortou um grande pedaço de queijo.

— Tristan — explicou ele num tom curto e grosso, quando Artur perguntou a natureza da reclamação. Cyllan falava com a boca cheia de comida, fazendo Guinevere estremecer de horror. — O *edling* fugiu para esta terra, senhor, e trouxe a rainha com ele. — O campeão de Kernow pegou o vinho e tomou um chifre cheio. — O rei Mark quer que eles voltem.

Artur não disse nada, apenas bateu na borda da mesa com os dedos.

Cyllan engoliu mais pão e queijo, depois serviu-se de mais vinho.

— É muito ruim — prosseguiu ele depois de um arroteo prodigioso que o *edling* esteja... — ele fez uma pausa, olhou para Guinevere, depois consertou a frase — ... esteja com sua madrastra.

Guinevere interrompeu, dizendo a palavra que Cyllan não ousara pronunciar em sua presença. Ele assentiu, ruborizou-se e continuou:

— Não é certo, senhora. Não é certo copular com a madrastra. Mas, além disso, ele roubou metade do tesouro do pai. Rompeu dois juramentos, senhor. O juramento ao pai real e o juramento à sua rainha, e agora ouvimos dizer que obteve refúgio perto de Isca.

— E ouvi dizer que o príncipe está em Dumnonia — disse Artur, afável.

— E meu rei o quer de volta. Quer os dois de volta. — Depois de dar a mensagem, Cyllan atacou o queijo.

O Conselho se reuniu de novo, deixando Cyllan esticando as pernas ao sol. Os três candidatos para magistrados receberam ordem de esperar, e o discutido problema da grande igreja de Sansum foi posto de lado enquanto debatíamos a resposta de Artur ao rei Mark.

— Tristan sempre foi amigo deste país — falei. — Quando ninguém mais quis lutar por nós, ele lutou. Trouxe homens ao vale do Lugg. Esteve conosco em Londres. Ele merece nossa ajuda.

— Ele rompeu juramentos feitos a um rei — disse Artur, preocupado.

— Juramentos pagãos — interveio Sansum, como se isso diminuísse a ofensa de Tristan.

— Mas ele roubou dinheiro — apontou o bispo Emrys.

— Que ele espera que seja seu em breve, por direito — respondi, tentando defender meu velho companheiro de batalhas.

— E é exatamente isso que preocupa o rei Mark — disse Artur. — Ponha-se no lugar dele, Derfel, e o que você temeria mais?

— Uma escassez de princesas?

Artur fez um muxoxo diante de minha leviandade.

— Ele teme que Tristan lidere lanceiros para atacar Kernow. Teme a guerra civil. Teme que seu filho esteja cansado de esperar sua morte, e tem o direito de temer isso.

Balancei a cabeça.

— Tristan nunca foi calculista, senhor. Ele age por impulso. Apaixonou-se estupidamente pela noiva do pai. Não está pensando no trono.

— Ainda não — disse Artur, agourento —, mas estará.

— Se dermos refúgio a Tristan, o que o rei Mark fará? — perguntou Sansum habilmente.

— Ataques — respondeu Artur. — Algumas fazendas queimadas, gado roubado. Ou então mandará suas lanças para pegar Tristan vivo. Seus barqueiros poderiam conseguir isso. — Os homens de Kernow eram os únicos marinheiros confiáveis nos reinos britânicos, e os saxões, nos primeiros ataques, tinham aprendido a temer os barcos compridos dos lanceiros de Mark. — Isso vai significar problemas constantes, incômodos. Uma dúzia de agricultores e suas esposas mortos a cada mês. Teremos de manter uma centena de lanceiros na fronteira até que isso esteja resolvido.

— É caro — comentou Sansum.

— Caro demais — disse Artur, sombrio.

— O dinheiro do rei Mark certamente pode ser devolvido — insistiu Emrys.

— E a rainha, provavelmente — interveio Cythryn, um dos magistrados que participavam do Conselho. — Não consigo imaginar que o orgulho do rei Mark deixe esse insulto sem vingança.

— O que acontecerá com a garota se ela voltar? — perguntou Emrys.

— Isso é para o rei Mark decidir, e não nós — disse Artur com firmeza. Em seguida, esfregou o rosto ossudo com as duas mãos. — Acho que seria melhor medirmos o caso — falou cautelosamente e sorriu. — Faz muito tempo desde que estive naquela parte do mundo. Talvez esteja na hora de voltar lá. Quer ir comigo, Derfel? Você é amigo de Tristan. Talvez ele o ouça.

— Com prazer, senhor.

O Conselho concordou em deixar Artur mediar a questão, mandou Cyllan de volta a Kernow com uma mensagem descrevendo o que Artur ia fazer, e então, com uma dúzia dos meus lanceiros acompanhando, cavalgamos para o sul e o oeste para encontrar os amantes fugitivos.

Aquela começou como uma viagem bastante feliz, apesar do

problema incômodo que havia no final. Nove anos de paz tinham inchado a bondade da terra, e se o tempo quente do verão durava, apesar das previsões sombrias de Culhwch, parecia que teríamos uma bela colheita naquele ano. Artur sentia uma alegria verdadeira em ver os campos bem-cuidados e os novos depósitos de grãos. Era recebido em cada cidade e povoado e cada recepção era sempre calorosa. Coros de crianças cantavam para ele, e presentes eram postos aos seus pés: bonecas de trigo, cestas de frutas ou uma pele de raposa. Ele dava ouro em troca dos presentes, discutia quaisquer problemas que afligissem o povoado, falava com o magistrado e em seguida prosseguíamos. A única nota dissonante foi dada pela hostilidade cristã, porque em quase todos os povoados havia um pequeno grupo de cristãos que gritavam maldições contra Artur, até que os vizinhos os silenciavam ou os empurravam para longe. Novas igrejas surgiam em toda parte, geralmente construídas onde os pagãos tinham cultuado um poço ou uma fonte sagrada. As igrejas eram produtos dos atarefados missionários do bispo Sansum, e eu me perguntava por que nós, pagãos, não empregávamos homens semelhantes para viajar pelas estradas e pregar aos camponeses. As novas igrejas dos cristãos eram coisas pequenas, devo admitir, meras cabanas de barro e palha com uma cruz pregada em uma empena, mas elas se multiplicavam e seus sacerdotes mais rancorosos xingavam Artur por ser pagão e detestavam Guinevere por sua ligação com Ísis. Guinevere nunca se incomodou por ser odiada, mas Artur desgostava de todo rancor religioso. Naquela jornada a Isca parava frequentemente para falar com os cristãos que cuspiam contra ele, mas suas palavras não causavam efeito. Os cristãos não se importavam em saber que ele dera paz à terra, nem que tinham se tornado prósperos, apenas que Artur era pagão.

— Eles são como os saxões — disse-me ele, sombrio, enquanto deixávamos para trás outro grupo hostil. — Não ficarão felizes enquanto não possuírem tudo.

— Então deveríamos fazer com eles o que fizemos com os saxões, senhor — falei. — Jogar uns contra os outros.

— Eles já lutam entre si. Você entende essa discussão sobre o pelagianismo?

— Eu nem gostaria de entender — respondi com impertinência, mas na verdade a discussão vinha ficando cada vez mais violenta, com um grupo de cristãos acusando o outro de heresia, e os dois lados infligindo a morte aos opositores. — O senhor entende?

— Acho que sim. Pelágio se recusava a acreditar que a humanidade era inerentemente má, ao passo que homens como Sansum e Emrys acham que todos nascemos maus. — Ele fez uma pausa. — Suspeito de que, se fosse cristão, eu seria pelagiano. — Pensei em Mordred e decidi que a humanidade poderia ser inerentemente má, mas fiquei quieto. —

Acredito mais na humanidade do que em qualquer Deus — disse Artur.

Cuspi na beira da estrada para evitar o mal que suas palavras pudessem trazer.

— Algumas vezes me pergunto — falei — como as coisas teriam mudado se Merlin tivesse mantido seu Caldeirão.

— Aquela panela velha? — Artur gargalhou. — Eu não pensava naquilo há anos! — Ele sorriu ao lembrar aqueles velhos tempos. — Nada teria mudado, Derfel. Algumas vezes acho que toda a vida de Merlin se resumiu a coletar os Tesouros, e assim que os conseguiu não restou o que fazer! Ele não ousou experimentar a magia deles porque suspeitava de que nada aconteceria.

Olhei a espada que pendia em seu quadril, um dos treze Tesouros, mas não falei nada, porque estava mantendo a promessa a Merlin, de não revelar a Artur o verdadeiro poder de Excalibur.

— O senhor acha que Merlin queimou sua própria torre?

— Já pensei nisso — admitiu ele.

— Não — falei com firmeza. — Ele acreditava. E algumas vezes, acho, ele ousa acreditar que vai viver para encontrar os tesouros de novo.

— Então é melhor se apressar — disse Artur com mordacidade —, porque não deve lhe restar muito tempo.

Passamos aquela noite no antigo palácio do governador romano em Isca, onde Culhwch vivia agora. Ele estava de mau humor, não por causa de Tristan, mas porque a cidade era um viveiro de cristãos fanáticos. Fazia apenas uma semana um bando de jovens cristãos tinha invadido os templos pagãos da cidade e derrubado as estátuas dos Deuses e jogado excremento nas paredes. Os lanceiros de Culhwch tinham apanhado alguns dos violadores e enchido a cadeia com eles, mas Culhwch estava preocupado com o futuro.

— Se não acabarmos com esses desgraçados agora, eles vão guerrear pelo seu Deus.

— Absurdo — disse Artur, sem dar importância.

Culhwch balançou a cabeça.

— Eles querem um rei cristão, Artur.

— Terão Mordred no ano que vem — disse Artur.

— Ele é cristão?

— Se é que é alguma coisa — falei.

— Mas não é ele que os cristãos querem — disse Culhwch, sombrio.

— Então quem é? — perguntou Artur, finalmente intrigado com os alertas do primo.

Culhwch hesitou, depois deu de ombros.

— Lancelot.

— Lancelot! — Artur pareceu achar divertido. — Eles não sabem que ele mantém seus templos pagãos abertos?

— Nada sabem sobre Lancelot, nem precisam saber. Pensam nele do mesmo modo que as pessoas pensavam sobre você nos últimos anos da vida de Uther. Pensam nele como o libertador.

— E ele vai libertá-los de quê? — perguntei com escárnio.

— Dos pagãos, claro. Eles insistem em que Lancelot é o rei cristão que vai guiar todos para o céu. E sabe por quê? Por causa da águia-domar em seu escudo. Ela tem um peixe nas garras, lembra? E o peixe é um símbolo cristão. — Culhwch cuspiu, enojado. — Eles não sabem nada a respeito de Lancelot, mas veem aquele peixe e acham que é um sinal de seu Deus.

— Um peixe? — claramente Artur não acreditava em Culhwch.

— Um peixe — insistiu Culhwch. — Talvez eles rezem para uma truta, como é que vou saber? Eles já cultuam um espírito santo, uma virgem e um carpinteiro, então por que não um peixe também? São todos loucos.

— Eles não são loucos — insistiu Artur. — Talvez empolgados.

— Empolgados! Você esteve num dos rituais deles ultimamente? — perguntou Culhwch ao primo, em tom de desafio.

— Não desde o casamento de Morgana.

— Então venha ver.

Era noite e tínhamos terminado de jantar, mas Culhwch insistiu para que vestíssemos mantos pretos e o seguíssemos saindo por uma das portas laterais do palácio. Fomos por um beco escuro até o fórum onde os cristãos tinham sua igreja num antigo templo romano que já fora dedicado a Apolo, mas que agora fora livrado do paganismo, lavado e dedicado ao cristianismo. Entramos pela porta oeste e encontramos um nicho sombreado onde, imitando a grande multidão de adoradores, nos ajoelhamos.

Culhwch tinha contado que os cristãos cultuavam ali todas as noites, e toda noite, segundo ele, o mesmo frenesi acompanhava o pão e o vinho que o padre distribuía aos fiéis. O pão e o vinho eram mágicos, supostamente eram o sangue e a carne do Deus deles, e ficamos olhando enquanto os adoradores faziam filas até o altar para receber suas migalhas. Pelo menos metade era de mulheres e, assim que recebiam o pão dos sacerdotes, essas mulheres começavam a cair em êxtase. Eu já vira esse fervor estranho, porque os antigos ritos pagãos de Merlin frequentemente terminavam com mulheres gritando e dançando em volta das fogueiras do Tor, e estas mulheres se comportavam praticamente do mesmo modo. Dançavam de olhos fechados e com as mãos acenando em direção ao teto branco onde a fumaça das tochas e das tigelas de incenso queimando formava uma névoa densa. Algumas uivavam palavras estranhas, outras estavam em transe e simplesmente olhavam para uma estátua da mãe de seu Deus, algumas se retorciam no chão, mas a maioria das mulheres dançava no ritmo do canto dos

padres. A maioria dos homens na igreja apenas olhava, mas alguns se juntavam às dançarinas, e foram eles os primeiros a se despir até a cintura e pegaram cordas cheias de nós, com as quais começaram a chicotear as próprias costas. Isso me deixou pasmo, porque nunca tinha visto algo assim, mas minha perplexidade se transformou em horror quando algumas mulheres se juntaram aos homens e começaram a gritar com alegria extática enquanto os chicotes tiravam sangue de seus seios e das costas.

Artur odiou aquilo.

— É loucura — sussurrou. — Pura loucura!

— Está se espalhando — alertou Culhwch sombrio. Uma das mulheres estava batendo nas costas nuas com um pedaço de corrente enferrujada, e seus gritos frenéticos ecoavam na grande câmara de pedra enquanto o sangue pingava grosso no chão de ladrilhos. — Eles continuam assim a noite inteira — disse Culhwch.

Gradualmente os fiéis tinham ido para a frente, rodear os dançarinos em êxtase, deixando nós três isolados no nicho em sombras. Um padre nos viu ali e veio rapidamente em nossa direção.

— Vocês comeram o corpo de Cristo? — perguntou.

— Nós comemos ganso assado — disse Artur educadamente, levantando-se.

O padre olhou para nós três e reconheceu Culhwch. Ele cuspiu no rosto de Culhwch.

— Pagão! — gritou. — Idólatra! Vocês ousam macular o templo de Deus! — E tentou dar um tapa em Culhwch; o que foi um erro, porque Culhwch lhe deu um soco que jogou o padre de costas no piso, mas os insultos tinham atraído a atenção, e um uivo brotou dos homens que estavam olhando os dançarinos flagelantes.

— Está na hora de ir — disse Artur, e nós três recuamos rapidamente pelo fórum até onde os lanceiros de Culhwch guardavam a arcada do palácio. Os cristãos saíram rapidamente de sua igreja, em perseguição, mas os lanceiros formaram uma sólida parede de escudos e baixaram as lanças, e os cristãos não fizeram qualquer tentativa de invadir o palácio.

— Talvez eles não ataquem esta noite — disse Culhwch —, mas estão ficando mais corajosos a cada dia.

Artur ficou numa janela do palácio olhando os cristãos que uivavam.

— O que eles querem? — perguntou perplexo. Ele gostava de que sua religião fosse decorosa. Quando ia a Lindinis sempre se juntava a Ceinwyn e a mim em nossas orações matinais, quando nos ajoelhávamos em silêncio diante de nossos Deuses domésticos, oferecendo um pedaço de pão e depois rezando para que nossas tarefas diárias fossem bem-feitas, e esse era o tipo de culto que agradava a Artur. Ele estava simplesmente pasmo com as coisas que vira na igreja de Isca.

— Eles acreditam que seu Deus vai voltar à terra dentro de cinco

anos. — Culhwch começou a explicar o fanatismo que tínhamos testemunhado. — E acreditam que têm o dever de preparar a terra para a chegada. Os sacerdotes lhes dizem que os pagãos têm de ser varridos antes que o Deus volte, e apregoam que Dumnonia precisa ter um rei cristão.

— Eles terão Mordred — disse Artur, sombrio.

— Então é melhor você trocar o dragão do escudo dele por um peixe, porque eu lhe digo, o fervor desse pessoal está piorando. Talvez seja melhor construirmos a igreja que Sansum quer — acrescentou para mim.

— Se isso os impedir de criar tumultos — falei —, por que não?

Deixamos Isca na manhã seguinte, agora acompanhados por Culhwch e uma dúzia de seus homens, atravessamos o Exe pela ponte romana e depois viramos para o sul entrando nas terras banhadas pelo mar da costa mais distante de Dumnonia. Artur não falou mais nada sobre o frenesi cristão que havia presenciado, mas ficou estranhamente silencioso naquele dia, e achei que os ritos o haviam perturbado muito. Ele odiava qualquer tipo de frenesi, porque isso afastava os homens e mulheres de seus sentidos, e ele devia temer o que tal loucura faria com sua paz cuidadosa.

Mas por enquanto nosso problema não eram os cristãos de Dumnonia, e sim Tristan. Culhwch tinha mandado um recado ao príncipe, alertando-o de nossa chegada, e Tristan veio nos receber. Cavalgava sozinho, e sua montaria levantava tufos de poeira galopando em nossa direção. Cumprimentou-nos alegre, mas recuou diante da reserva gélida de Artur. Essa reserva não era causada por qualquer aversão inata que Artur sentisse por Tristan — na verdade ele gostava do príncipe — mas brotava do reconhecimento de que ele não viera apenas mediar essa disputa, e sim participar do julgamento de um velho amigo.

— Ele está preocupado — expliquei vagamente, tentando garantir a Tristan que a frieza de Artur não guardava qualquer presságio.

Eu estava puxando meu cavalo, porque sempre me sentia mais feliz a pé, e Tristan, depois de cumprimentar Culhwch, desmontou e caminhou ao meu lado. Descrevi os loucos êxtases cristãos e atribuí a frieza de Artur às preocupações quanto ao significado destes, mas Tristan não queria saber disso. Estava apaixonado e, como todos os amantes, só conseguia falar de sua amada.

— Uma joia, Derfel, é isso que ela é, uma joia irlandesa! — Ele andava a passos largos ao meu lado, um braço passando sobre meus ombros e o cabelo preto e comprido ressoando com os anéis de guerreiro presos nas tranças. Sua barba estava mais marcada de branco, mas ainda era um homem bonito, de nariz ossudo e olhos escuros e ágeis que estavam brilhantes de paixão. — O nome dela — disse sonhador —

é Isolda.

— Ouvimos dizer — falei secamente.

— É uma jovem de Demétia, filha de Oengus Mac Airem. Uma princesa dos Uí Liatháin, meu amigo. — Ele falou o nome da tribo de Oengus Mac Airem como se as sílabas fossem forjadas no mais puro ouro. — Isolda, uma das Uí Liatháin. Quinze verões de idade e tão linda quanto a noite.

Pensei na paixão ingovernável de Artur por Guinevere e nos desejos de minha alma por Ceinwyn, e meu coração doeu por meu amigo. Ele fora cegado, varrido, enlouquecido pelo amor. Tristan sempre foi um homem apaixonado, dado a desesperos negros e profundos ou a incríveis alturas de felicidade, mas esta era a primeira vez em que eu o via assaltado pelos ventos tempestuosos do amor.

— Seu pai quer Isolda de volta — alertei cautelosamente.

— Meu pai está velho — disse Tristan, descartando qualquer obstáculo. — E quando ele morrer velejarei com minha princesa dos Uí Liatháin até os portões de ferro de Tintagel e construirei para ela um castelo de torres prateadas que vão tocar as estrelas. — Ele riu da própria extravagância. — Você vai adorá-la, Derfel.

Eu não disse mais nada, apenas deixei-o falar e falar. Ele não tinha apetite por nossas notícias, não se importava nem um pouco por eu ter três filhas ou os saxões estarem na defensiva, não tinha espaço em seu universo para nada além de Isolda.

— Espere até vê-la, Derfel! — falou repetidamente, e, quanto mais perto chegávamos de seu refúgio, mais empolgado ele ficava, até que por fim, incapaz de ficar longe de sua Isolda por mais um instante, saltou no cavalo e galopou à nossa frente. Artur olhou interrogativamente para mim e fez uma careta.

— Ele está apaixonado — falei, como se precisasse explicar.

— Com o gosto do pai por garotas novas — acrescentou Artur, sombrio.

— O senhor e eu conhecemos o amor — falei. — Seja gentil com eles.

O refúgio de Tristan e Isolda era um lugar bonito, talvez o mais bonito que já vi. Era um lugar onde pequenas colinas eram cortadas por riachos e bosques densos, onde rios caudalosos corriam depressa para o mar e onde grandes penhascos ressoavam com o grito dos pássaros. Era um lugar selvagem, mas lindo, um lugar feito para a loucura desabrida do amor.

E ali, no pequeno salão escuro em meio à verde floresta, conheci Isolda.

Pequena, morena, predestinada e frágil — é assim que recordo Isolda. Pouco mais do que uma criança, na verdade, e tinha sido forçada à condição de mulher pelo casamento com Mark, mas para mim parecia

uma garota tímida, pequena e magra, apenas um delicado sussurro de quase mulher, que mantinha os olhos enormes e escuros fixos em Tristan, até ele insistir que ela nos cumprimentasse. Ela fez uma reverência para Artur.

— Não se curve diante de mim — disse Artur, levantando-a —, porque a senhora é uma rainha. — E ele se abaixou sobre um joelho e beijou sua mão pequena.

A voz dela era sussurrante como a sombra de uma voz. Seu cabelo era preto, e ela tentava parecer mais velha prendendo-o num grande rolo no topo da cabeça e se enchendo de joias, mas usava as joias desajeitadamente, fazendo-me lembrar de Morwenna vestida com as roupas da mãe. Olhava-nos temerosa. Isolda percebeu, acho, mesmo antes de Tristan, que essa incursão de lanceiros armados não era a chegada de amigos, e sim de seus juízes.

Culhwch dera refúgio aos amantes. Era um salão de madeira e palha de centeio, não grande, mas bem construído, e havia pertencido a um chefe tribal que apoiara a rebelião de Cadwy, o que lhe custara a cabeça. O salão, com três cabanas e um depósito, era rodeado por uma paliçada numa depressão arborizada, onde os ventos do mar não podiam arrancar os tetos de palha, e ali, com seis lanceiros leais e uma pilha de tesouro roubado, Tristan e Isolda pensavam transformar seu amor numa grande canção.

Artur esfrangalhou a música.

— O tesouro precisa ser devolvido ao seu pai — falou.

— Ele não pode tê-lo de volta! — declarou Tristan. — Eu só trouxe para não ter de pedir a sua caridade, senhor.

— Enquanto estiverem nesta terra, senhor príncipe — disse Artur com voz pesada —, vocês serão meus hóspedes.

— E quanto tempo isso vai durar, senhor?

Artur franziu a testa e olhou para os caibros escuros do salão.

— Isso é chuva? Parece que faz muito tempo desde que choveu.

Tristan repetiu a pergunta e de novo Artur se recusou a responder. Isolda pegou a mão de seu príncipe e segurou-a enquanto Tristan lembrava a Artur o vale do Lugg.

— Quando ninguém mais foi em sua ajuda, senhor, eu fui.

— Foi, senhor príncipe — admitiu Artur.

— E quando lutou contra Owain, senhor, fiquei do seu lado.

— Ficou.

— E eu trouxe os meus escudos do falcão para Londres.

— Trouxe, senhor príncipe, e eles lutaram bem lá.

— E fiz o seu juramento da Távola Redonda — disse Tristan. Ninguém mais chamava aquilo de Irmandade da Britânia.

— Fez, senhor — disse Artur solenemente.

— Então, senhor — pediu Tristan —, não mereci sua ajuda?

— Mereceu muito, senhor príncipe, e penso nisso. — Era uma resposta evasiva, mas a única que Tristan recebeu naquela noite.

Deixamos os amantes no salão e fizemos nossas camas de palha nos pequenos depósitos. A chuva passou durante a noite e a manhã seguinte nasceu quente e linda. Acordei tarde e descobri que Tristan e Isolda já haviam deixado o salão.

— Se eles tiverem um mínimo de bom-senso — resmungou Culhwch para mim — devem ter fugido para o mais longe possível.

— Será?

— Eles não têm bom-senso, Derfel, eles são amantes. Achem que o mundo existe para sua conveniência. — Agora Culhwch andava mancando um pouco, legado do ferimento recebido na batalha contra o exército de Aelle. — Eles foram para o mar, rezar a Manawydan.

Culhwch e eu seguimos os amantes, subindo da depressão arborizada até um morro batido pelo vento que terminava num grande penhasco onde as aves marinhas giravam, e contra o qual o vasto oceano se partia branco em jorros de espuma. Culhwch e eu paramos no topo do penhasco e olhamos para uma pequena baía onde Tristan e Isolda caminhavam na areia. Na noite anterior, olhando a tímida rainha, eu não tinha entendido realmente o que levava Tristan à loucura do amor, mas naquela manhã cheia de vento entendi.

Vi quando ela de repente se separou de Tristan e saiu correndo, saltando, girando e rindo para o amante que andava lentamente atrás. Usava um vestido branco, solto, e seu cabelo preto, não mais preso num coque, voava livre no vento salgado. Ela parecia um espírito, como uma das ninfas da água que dançavam na Britânia antes da chegada dos romanos. E então, talvez para provocar Tristan ou para levar seus pedidos mais para perto de Manawydan, o Deus do mar, ela entrou correndo nas grandes ondas que se partiam. Mergulhou nas ondas desaparecendo totalmente, e Tristan só conseguiu ficar parado na areia, perturbado, olhando a massa branca do mar. E então, ágil como uma lontra num riacho, sua cabeça apareceu. Ela acenou, nadou um pouco e depois voltou à praia com o vestido branco molhado, grudado ao corpo pateticamente magro. Não pude deixar de ver que ela possuía seios pequenos e altos, e pernas longas e esguias, e nesse momento Tristan a escondeu de nossas vistas, envolvendo-a nas asas de sua grande capa preta, e ali, ao lado do mar, ele a abraçou com força e encostou o rosto em seu cabelo molhado e salgado. Culhwch e eu saímos da vista, deixando os amantes sozinhos no longo vento do mar que soprava da fabulosa Lyonesse.

— Ele não pode mandá-los de volta — resmungou Culhwch.

— Ele não deve — concordei. E ficamos olhando para o mar que se movia interminavelmente.

— Então por que Artur não os tranquiliza? — Culhwch estava irado.

— Não sei.

— Eu deveria tê-los mandado para Broceliande. — O vento levantou a capa de Culhwch enquanto íamos para o oeste ao redor do morro acima da baía. Nosso caminho levava a um lugar elevado, de onde podíamos ver um grande porto natural onde o oceano havia inundado um vale ribeirinho e formado uma cadeia de lagunas amplas e abrigadas. Culhwch disse o nome do porto: — Halcwm, e a fumaça é das salinas. — Ele apontou para um cinza tremulante no lado mais distante dos lagos.

— Lá deve haver marinheiros que poderiam levá-los a Broceliande — falei, porque o porto tinha pelo menos uma dúzia de navios ancorados no abrigo.

— Tristan não iria — disse Culhwch, desanimado. — Eu sugeri, mas ele acha que Artur é seu amigo. Ele confia em Artur. Mal pode esperar para ser rei, porque diz que então todas as lanças de Kernow estarão a serviço de Artur.

— Por que ele simplesmente não matou o pai? — perguntei, amargo.

— Pelo mesmo motivo que não matamos aquele miseravelzinho do Mordred. Não é uma coisa pequena matar um rei.

Naquela noite jantamos de novo no salão, e mais uma vez Tristan pressionou Artur para dizer quanto tempo ele e Isolda poderiam ficar em Dumnonia, e Artur voltou a evitar uma resposta.

— Amanhã, senhor príncipe, amanhã decidiremos tudo.

Mas, na manhã seguinte, dois navios escuros com mastros altos, velas rotas e proas elevadas com esculturas de cabeças de falcões entraram nas lagunas de Halcwm. Os bancos dos remadores dos dois navios estavam apinhados de homens que, à medida que a proximidade da terra prejudicava o uso das velas, pegaram os remos e impulsionaram os navios escuros e compridos em direção à praia. Feixes de lanças se projetavam na popa, onde homens se apoiavam em grandes remos que serviam como lemes. Ramos verdes estavam amarrados em cada cabeça de falcão nas proas, significando que os navios vinham em paz.

Eu não sabia quem estava nos grandes navios, mas podia adivinhar. O rei Mark tinha vindo de Kernow.

O rei Mark era um homem enorme, fazendo-me lembrar de Uther. Também era gordo, de modo que não podia subir os morros de Halcwm sem ajuda, por isso quatro lanceiros o carregaram numa cadeira equipada com quatro paus fortes. Quarenta outros lanceiros acompanhavam o rei que era precedido por Cyllan, seu campeão. A cadeira desajeitada balançava morro acima, depois desceu até a depressão, onde Tristan e Isolda acreditavam ter encontrado refúgio.

Isolda gritou ao vê-los, depois, em pânico, correu desesperada para escapar do marido, mas a paliçada tinha apenas um portão, e a enorme

cadeira de Mark o cobria, por isso ela correu de volta ao salão, onde seu amante estava preso. As portas do salão estavam guardadas pelos homens de Culhwch, que se recusaram a permitir que Cyllan ou qualquer dos homens de Mark entrasse. Podíamos ouvir Isolda chorando, Tristan gritando e Artur implorando. O rei Mark ordenou que sua cadeira fosse posta diante da porta do salão, e ali ele esperou até que Artur, com o rosto pálido e tenso, saiu e se ajoelhou à sua frente.

O rei de Kernow tinha um rosto balofo e manchado por veias partidas. Sua barba era rala e branca, a respiração fraca fazia um som áspero na garganta gorda, e os olhos pequenos eram remelentos. Ele fez um sinal para Artur se levantar, depois se ergueu com dificuldade sobre as pernas grossas e inseguras e acompanhou Artur até a cabana maior. Fazia um dia quente, mas o corpo gordo de Mark ainda estava envolto numa capa de pele de foca, como se estivesse sentindo frio. Pôs uma das mãos no braço de Artur para que este o ajudasse a andar até a cabana onde duas cadeiras tinham sido postas.

Culhwch, enojado, plantou-se na porta do salão e ficou ali com a espada desembainhada. Permaneci ao seu lado enquanto, atrás de nós, Isolda chorava.

Artur ficou uma hora inteira na cabana, depois saiu e olhou para Culhwch e para mim. Pareceu suspirar, depois passou por nós, entrando no salão. Não ouvimos o que disse, mas ouvimos Isolda gritar.

Culhwch olhava furioso para os lanceiros de Kernow, implorando para que apenas um deles o desafiasse, mas nenhum se mexeu. Cyllan, o campeão, estava imóvel junto ao portão com uma grande lança de guerra e sua espada enorme.

Isolda gritou de novo e, de repente, Artur emergiu ao sol e pegou meu braço.

— Venha, Derfel.

— E eu? — perguntou Culhwch, desafiante.

— Vigie-os, Culhwch. Ninguém deve entrar no salão. — Ele se afastou e segui com ele.

Artur não falou nada enquanto subíamos o morro, e continuou sem dizer nada enquanto seguíamos pelo caminho da colina. E também não disse nada enquanto íamos até o alto cume do penhasco. A rocha se projetava para o mar abaixo de nós, onde a água se partia alta e despedaçava sua espuma em direção leste, sob o vento constante. O sol brilhava sobre nós, mas no mar havia uma nuvem grande, e Artur olhou para a chuva escura que caía sobre as ondas vazias. O vento agitava sua capa branca.

— Você conhece a lenda de Excalibur? — perguntou de repente.

Melhor do que ele, pensei, mas não falei nada sobre a espada ser um dos Tesouros da Britânia.

— Pelo que sei, senhor — falei, imaginando por que ele teria feito a

pergunta naquele momento —, Merlin a ganhou num concurso de sonhos na Irlanda, e deu de presente ao senhor nas Pedras.

— E me disse que se eu tivesse grande necessidade só precisaria desembainhar a espada, mergulhá-la na terra e Gofannon viria do Outro Mundo para me ajudar. Não é?

— Sim, senhor.

— Então, Gofannon! — gritou ele para o vento do mar enquanto desembainhava a grande lâmina. — Venha! — E com esse chamado enfiou a espada com força no chão.

Uma gaivota gritou no vento, o mar sugava as rochas e recuava para as profundezas, o vento salgado agitou nossas capas, mas nenhum Deus veio.

— Que os Deuses me ajudem — disse Artur finalmente, olhando para a lâmina que balançava. — Mas como desejei matar aquele monstro gordo.

— E por que não o fez? — perguntei asperamente.

Ele não disse nada durante um tempo, notei lágrimas correndo por suas bochechas fundas e compridas.

— Eu lhes ofereci a morte, Derfel. Rápida e indolor. — Ele enxugou o rosto com os punhos, e então, numa fúria súbita, chutou a espada. — Deuses! — E cuspiu na lâmina trêmula. — Que Deuses?

Tirei Excalibur do chão e limpei a terra da ponta. Ele se recusou a pegar a espada de volta, por isso a coloquei, reverentemente, sobre uma pedra cinza. — O que vai acontecer com eles, senhor?

Ele sentou-se em outra pedra. Durante um tempo não respondeu, apenas olhou a chuva no mar distante enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto.

— Vivi minha vida segundo juramentos, Derfel. Não conheço outro modo. Não gosto de juramentos, e nenhum homem deveria gostar, porque os juramentos nos atam, tiram nossa liberdade. E quem não quer ser livre? Mas, se abandonarmos os juramentos, abandonamos a orientação. Caímos no caos. Simplesmente caímos. Não seremos melhores do que os animais. — De repente, ele não pôde continuar, apenas chorava.

Olhei para o enorme mar cinzento. Onde, perguntei-me, aquelas grandes ondas começam e onde terminam?

— E se o juramento for um erro? — perguntei.

— Um erro? — Ele me olhou, depois olhou de novo para o oceano. — Algumas vezes um juramento não pode ser mantido — falou em voz opaca. — Não pude salvar o reino de Ban, mas Deus sabe que tentei. Mas isso não pôde ser feito. E assim quebrei esse juramento e pagarei por isso, mas não o quebrei voluntariamente. Ainda tenho de matar Aelle, e este é um juramento que deve ser mantido, mas ainda não quebrei o juramento, apenas adiei. E talvez esse juramento seja um erro,

porém o fiz. De modo que aí está sua resposta. Se um juramento é um erro, você continua obrigado, porque jurou. — Ele enxugou o rosto. — De modo que, sim, um dia devo levar minhas lanças contra Diwrnach.

— O senhor não fez juramento a Mark — falei, amargo.

— Nenhum, mas Tristan fez. E Isolda também.

— E os juramentos deles são da sua conta?

Ele olhou para a espada. Sua lâmina cinzenta era gravada com arabescos complicados, e cabeças de dragão com línguas compridas refletiam as distantes nuvens cor de ardósia.

— Uma espada e uma pedra — disse ele em voz baixa, talvez pensando no momento em que Mordred seria rei. Levantou-se de repente e deu as costas para a espada, olhando os morros verdes. — Suponha que dois juramentos se choquem. Jurei lutar por você e por seu inimigo, que juramento mantenho?

— O que foi feito primeiro — falei, conhecendo a lei tanto quanto ele.

— E se ambos foram feitos ao mesmo tempo?

— Então o senhor se submete ao juramento do rei.

— Por que do rei? — Ele me perguntava como se eu fosse um novo lanceiro aprendendo as leis de Dumnonia.

— Porque seu juramento ao rei — falei obedientemente — está acima de todos os outros, e o seu dever é para com ele.

— De modo que o rei é o guardião de nossos juramentos, e sem um rei não há nada, a não ser um emaranhado de juramentos conflitantes. Sem um rei vem o caos. Todos os juramentos levam ao rei, Derfel, todos os nossos deveres terminam com o rei e todas as nossas leis estão sob a guarda do rei. Se desafiamos nosso rei desafiamos a ordem. Podemos lutar contra outros reis, podemos até matá-los, mas só porque eles ameaçam nosso rei e sua boa ordem. O rei, Derfel, é a nação, e pertencemos ao rei. Independentemente de qualquer coisa, devemos apoiar o rei.

Eu sabia que ele não estava falando de Tristan e Mark. Pensava em Mordred, por isso ousei falar o pensamento não dito que tanto pesara em Dumnonia em todos aqueles anos.

— Existem pessoas que dizem que o senhor deveria ser o rei.

— Não! — Ele gritou a palavra contra o vento. — Não! — repetiu mais baixo, olhando-me.

Olhei para a espada na pedra.

— Por que não?

— Porque fiz um juramento a Uther.

— Mordred não serve para ser rei. E o senhor sabe.

Ele se virou e olhou de novo para o mar.

— Mordred é o nosso rei, Derfel, e é só isso que precisamos saber. Ele tem os nossos juramentos. Não podemos julgá-lo, ele irá nos julgar,

e, se você ou eu decidirmos que outro homem deve ser rei, onde está a ordem? Se um homem toma o trono injustamente, qualquer outro pode fazer isso. Se eu o tomo, por que outro homem não deveria tomá-lo de mim? Toda a ordem desapareceria. Haveria simplesmente o caos.

— O senhor acha que Mordred se preocupa com a ordem?

— Acho que Mordred ainda não foi devidamente aclamado. Acho que quando os deveres elevados forem postos sobre seus ombros ele pode mudar. Acho mais provável que ele não mude, mas acima de tudo, Derfel, acredito que ele é o nosso rei e que devemos apoiá-lo porque é isso que temos de fazer, queiramos ou não. Em todo este mundo, Derfel — disse ele, subitamente pegando Excalibur e apontando sua lâmina para todo o horizonte —, em todo este mundo só existe uma ordem garantida, e é a ordem do rei. Não a dos Deuses. Eles se foram da Britânia. Merlin achou que poderia trazê-los de volta, mas olhe para Merlin agora. Sansum nos diz que seu Deus tem poder, e pode ser que tenha, mas não para mim. Eu só vejo reis, e nos reis estão concentrados nossos juramentos e deveres. Sem eles seríamos coisas selvagens lutando para conseguir um lugar. — Ele recolocou Excalibur com força na bainha. — Devo apoiar os reis, porque sem eles haveria o caos, por isso falei a Tristan e Isolda que eles devem ir a julgamento.

— Julgamento! — exclamei, depois cuspi no chão.

Artur me olhou, furioso.

— Eles são acusados de roubo. São acusados de quebrar juramentos. São acusados de fornicação. — A última palavra retorceu sua boca e ele se virou de costas para mim, para cuspi-la sobre o mar.

— Eles estão apaixonados! — protestei, e, quando ele não replicou, ataquei-o mais diretamente. — E o senhor foi a julgamento, Artur ap Uther, quando quebrou um juramento? E não o juramento a Ban, mas o juramento que fez ao ficar noivo de Ceinwyn. O senhor quebrou um juramento, e ninguém o colocou na frente de magistrados!

Ele se virou para mim numa fúria inflamada, e durante alguns instantes pensei que ia desembainhar Excalibur e me atacar, mas então ele estremeceu e ficou imóvel. Seus olhos brilharam outra vez com lágrimas. Durante longo tempo ficou quieto, depois assentiu.

— Quebrei um juramento, é verdade. Você acha que não me arrependi?

— E não vai deixar Tristan quebrar um juramento?

— Ele é um ladrão! — rosnou Artur em fúria. — Acha que deveríamos arriscar anos de ataques de fronteira por um ladrão que fornicava com a madrasta? Você poderia falar com as famílias dos camponeses mortos em nossa fronteira e justificar a morte deles em nome do amor de Tristan? Acha que mulheres e crianças deveriam morrer porque um príncipe está apaixonado? É esta a sua justiça?

— Acho que Tristan é nosso amigo — falei, e, quando ele não

respondeu, cuspi em direção aos seus pés. — O senhor mandou chamar Mark, não foi?

Ele assentiu.

— Sim. Mandei um mensageiro de Isca.

— Tristan é nosso amigo — gritei.

Ele fechou os olhos.

— Ele roubou de um rei — replicou com teimosia. — Roubou ouro, uma esposa e orgulho. Rompeu juramentos. Seu pai quer justiça, e jurei fazer justiça.

— Ele é seu amigo — insisti. — E meu!

Artur abriu os olhos e me encarou.

— Um rei vem a mim, Derfel, e pede justiça. Devo negar justiça a Mark porque ele é velho, grosseiro e feio? A juventude e a beleza merecem uma justiça pervertida? Por que lutei todos esses anos, se não para me certificar de que a justiça seja igualitária? — Agora ele estava implorando comigo. — Quando viemos para cá, passando por todos aqueles povoados e cidades, as pessoas fugiam ao ver nossas espadas? Não! E por quê? Porque sabem que no reino de Mordred há justiça. E agora, porque um homem vai para a cama com a mulher do pai, você quer que eu jogue a justiça fora como se fosse um fardo inconveniente?

— Sim, porque ele é um amigo, e porque se os fizer ir a julgamento eles serão considerados culpados. Eles não têm chance num julgamento — protestei, amargo — porque Mark é um Com-Língua.

Artur deu um sorriso triste enquanto reconhecia a lembrança que eu provocara deliberadamente. A memória era de nosso primeiro encontro com Tristan, e aquele encontro também tinha a ver com uma questão legal, e naquele caso uma grande injustiça quase foi feita porque o acusado era um Com-Língua. Em nossa lei a prova trazida por um Com-Língua era incontestável. Mil pessoas podiam jurar o oposto, mas a prova delas não valia nada se fosse contradita por um lorde, um druida, um sacerdote, um pai falando pelos filhos, um doador de presente falando de seu presente, uma virgem falando de sua virgindade, um pastor falando de seus animais ou um condenado dizendo suas últimas palavras. E Mark era um lorde, um rei, e sua palavra pesava mais do que a de um príncipe ou uma rainha. Nenhum tribunal na Britânia inocentaria Tristan e Isolda, e Artur sabia disso. Mas Artur tinha jurado sustentar a lei.

Mas, naquele dia distante, quando Owain tinha praticamente pervertido a justiça usando o privilégio de um Com-Língua para dizer uma mentira, Artur apelara para o tribunal das espadas. Em benefício de Tristan, o próprio Artur havia lutado contra Owain e vencido.

— Tristan poderia apelar ao tribunal das espadas — falei agora a Artur.

— É privilégio dele.

— E sou amigo dele — falei com frieza —, e posso lutar por ele.

Artur me encarou como se só agora estivesse percebendo a verdadeira profundidade de minha hostilidade.

— Você, Derfel?

— Lutarei por Tristan porque ele é meu amigo. Como o senhor foi um dia.

Ele parou alguns instantes.

— É seu privilégio — disse ele finalmente —, mas cumpri o meu dever. — Em seguida se afastou, e o segui dez passos atrás; quando ele reduzia o passo, eu reduzia, e, quando ele se virava para me olhar, eu olhava para outro lado. Eu ia lutar por um amigo.

Artur ordenou que os lanceiros de Culhwch escoltassem Tristan e Isolda até Isca. Lá, decretou, seria feito um julgamento. O rei Mark poderia indicar um juiz, e nós, dumnonianos, o outro.

O rei Mark sentou-se em sua cadeira sem dizer nada. Tinha argumentado para que o julgamento fosse realizado em Kernow, mas devia saber que isso não importava. Tristan não iria a julgamento porque jamais sobreviveria a um julgamento. Tristan só poderia apelar à espada.

O príncipe veio à porta do salão e encarou o pai. O rosto de Mark nada demonstrava. Tristan estava pálido, e Artur ficou de cabeça baixa, de modo a não ter de olhar para nenhum dos dois.

Tristan não usava armadura nem levava escudo. Seu cabelo preto com os anéis de guerreiro estava penteado para trás e amarrado com uma tira de linho branco que ele devia ter arrancado do vestido de Isolda. Usava uma camisa, calção e botas, e tinha uma espada na cintura. Foi até a metade do caminho em direção ao pai e parou ali. Desembainhou a espada, olhou os olhos implacáveis do pai e depois enfiou a lâmina com força no chão.

— Serei julgado pelo tribunal das espadas — insistiu.

Mark deu de ombros e fez um gesto letárgico com a mão direita, e esse gesto impeliu Cyllan à frente. Estava claro que Tristan conhecia a habilidade do campeão, porque olhou nervoso enquanto o homem enorme, cuja barba crescia até a cintura, tirava a capa. Cyllan empurrou o cabelo preto para trás, mostrando a tatuagem do machado, em seguida pôs o elmo de ferro na cabeça. Cuspiu nas mãos, esfregou o cuspe nas palmas, adiantou-se lentamente e derrubou a espada de Tristan. Com esse gesto aceitava a batalha.

Desembainhei Hywelbane.

— Lutarei por Tristan — ouvi-me dizendo. Estava estranhamente nervoso, e não era apenas o nervosismo que precede a batalha. Era medo do grande golfo que se abria em minha vida, o golfo que me separava de Artur.

— Lutarei por Tristan — insistiu Culhwch. Ele veio e parou ao meu lado. — Você tem filhas, seu idiota — murmurou.

— Você também.

— Mas posso vencer esse sapo barbudo mais rápido do que você, seu saco de tripas saxão — disse Culhwch, com carinho. Tristan entrou entre nós dois e protestou dizendo que lutaria sozinho contra Cyllan, que esta batalha era dele e de ninguém mais, porém Culhwch resmungou para que voltasse ao salão. — Já venci homens com o dobro do tamanho daquele palerma barbudo.

Cyllan desembainhou sua espada comprida e deu um golpe no ar.

— Qualquer um de vocês — falou descuidadamente. — Não me importa qual.

— Não! — gritou Mark de repente. Ele convocou Cyllan e dois outros lanceiros, e os três se ajoelharam diante da cadeira de Mark, ouvindo as instruções do rei.

Culhwch e eu presumimos que Mark estava ordenando aos três homens que lutassem contra nós três.

— Eu pego o desgraçado barbudo e de testa suja — decidiu Culhwch. — Você, aquele merda ruivo, Derfel, e o senhor, príncipe, pode espetar o careca. Trabalho de dois minutos?

Isolda se esgueirou para fora do salão. Parecia aterrorizada por se encontrar na presença de Mark, mas veio abraçar Culhwch e a mim. Culhwch a envolveu nos braços, e me ajoelhei e beijei sua mão fina e pálida.

— Obrigada — disse ela em sua vozinha de sombra. Seus olhos estavam vermelhos de lágrimas. Ficou na ponta dos pés para beijar Tristan, e então, com um olhar apavorado para o marido, fugiu de novo para as sombras do salão.

Mark levantou a cabeça pesada da gola de sua pele de foca.

— A corte de espadas exige um homem contra um homem — disse ele numa voz densa de muco. — Sempre foi assim.

— Então mande suas virgens uma de cada vez, senhor rei — gritou Culhwch —, e eu as mato uma de cada vez.

Mark balançou a cabeça.

— Um homem, uma espada — insistiu. — E meu filho pediu o privilégio, de modo que ele vai lutar.

— Senhor rei — falei —, o costume decreta que um homem pode lutar por seu amigo na corte de espadas. Eu, Derfel Cadarn, insisto no privilégio.

— Ignoro este costume — mentiu Mark.

— Artur conhece — falei asperamente. — Ele lutou pelo seu filho num tribunal de espadas, e lutarei por ele hoje.

Mark virou os olhos remelentos para Artur, mas este balançou a cabeça como a sugerir que não queria ter nada a ver com a discussão.

Mark olhou de novo para mim.

— A ofensa de meu filho é imunda, e só ele pode defendê-la.

— Eu defenderei — falei e em seguida Culhwch veio ao meu lado e insistiu em que lutaria por Tristan. O rei apenas nos olhou, ergueu a mão direita e fez um gesto cansado.

Os lanceiros de Kernow, instruídos pelo ruivo e pelo careca, formaram uma parede de escudos ao sinal do rei. Era uma parede dupla, e a fila da frente segurava os escudos travados uns nos outros enquanto a segunda levantava os escudos para proteger a cabeça dos que estavam na primeira. Então, a uma voz de comando, eles jogaram suas lanças no chão.

— Desgraçados — disse Culhwch, porque entendeu o que estava para acontecer. — Devemos quebrá-las, lorde Derfel?

— Vamos quebrá-las, lorde Culhwch — falei vingativo.

Eram quarenta homens de Kernow, e nós éramos três. Os quarenta se adiantaram lentamente com a parede de escudos e os olhos nos observando cautelosos por baixo da borda dos elmos. Não levavam lanças nem tinham desembainhado espadas. Não vinham para nos matar, mas para nos imobilizar.

E Culhwch e eu os atacamos. Eu não precisava romper uma parede de escudos há anos, mas a velha loucura fez um redemoinho dentro de mim enquanto gritava o nome de Bel, depois o de Ceinwyn, e enfiava a ponta de Hywelbane em direção aos olhos de um homem, e quando ele se desviou para o lado lancei o ombro contra a junção entre o escudo dele e o do vizinho.

A parede se rompeu e gritei de triunfo enquanto batia com o punho de Hywelbane na nuca de um homem, depois golpeava com ela para aumentar a abertura. Na batalha, nesse momento, meus homens estariam vindo atrás de mim, abrindo a fenda e encharcando o chão com sangue inimigo, mas eu não tinha homens atrás, e nenhuma arma se opondo a mim, apenas escudos e mais escudos, e mesmo girando, fazendo a lâmina de Hywelbane sibilar, aqueles escudos se fechavam inexoravelmente. Não ousei matar nenhum lanceiro, porque isso seria desonroso depois de eles terem deliberadamente jogado fora suas armas e, privado dessa oportunidade, eu só podia tentar amedrontá-los. Mas eles sabiam que eu não ia matar, de modo que um círculo de escudos me envolveu e finalmente Hywelbane foi parada pela borda de ferro de um escudo e de repente os escudos de Kernow estavam me pressionando com força.

Ouvi Artur gritar uma ordem áspera, e achei que alguns dos lanceiros de Culhwch e dos meus tinham desejado ajudar seus senhores, mas Artur os conteve. Ele não queria uma luta sangrenta de Kernow contra Dumnonia. Só queria que aquele negócio feio terminasse.

Culhwch tinha sido preso, como eu. Gritava enfurecido contra os

captores, chamava-os de crianças, cães e vermes, mas os homens de Kernow tinham suas ordens. Não seríamos feridos, apenas seguros pela pressão dos homens e pela trava de seus escudos, e assim, como Isolda, só pudemos ficar olhando enquanto o campeão de Kernow se adiantava com a espada baixa e dava um golpe contra o príncipe.

Tristan sabia que iria morrer. Havia tirado a fita do cabelo e amarrado na lâmina da espada, e agora beijou a tira de linho. Depois estendeu a espada, tocou a lâmina do campeão e saltou para a frente, estocando.

Cyllan aparou o golpe. O som das duas espadas ecoou da paliçada, depois ecoou de novo quando Tristan atacou pela segunda vez, agora girando a espada num golpe rápido de cima para baixo, mas de novo Cyllan aparou. Fez isso facilmente, quase de um jeito cansado. Mais duas vezes Tristan atacou, e depois continuou dando golpes, girando e estocando o mais rápido possível, tentando desesperadamente cansar Cyllan fazendo-o baixar a guarda, mas só cansou o seu próprio braço, e, no momento em que parou para respirar e deu um passo atrás, o campeão estocou.

A estocada foi muito bem-feita. Até mesmo lindamente feita, se você gostasse de ver uma espada ser bem usada. Foi feito até mesmo de modo misericordioso, porque Cyllan tirou a alma de Tristan num piscar de olhos. O príncipe nem teve tempo de olhar para a sua amante na porta sombreada do salão. Apenas olhou para o matador e o sangue jorrou da garganta cortada, transformando em vermelho sua blusa branca, depois sua espada caiu enquanto ele emitia o som agonizante, borbulhante, engasgado. E, enquanto sua alma voava, ele simplesmente tombou.

— A justiça está feita, senhor rei — disse Cyllan, em voz opaca, tirando a lâmina do pescoço de Tristan e depois se afastando. Os lanceiros que me rodeavam, nenhum dos quais tinha ousado encarar meus olhos, recuaram. Ergui Hywelbane, e a visão de sua lâmina cinza ficou borrada pelas lágrimas. Ouvi Isolda gritar enquanto os homens de seu marido matavam os seis lanceiros que tinham acompanhado Tristan, e que agora guardavam sua rainha. Fechei os olhos.

Não olharia para Artur. Não falaria com Artur. Fui para a ponta de terra e lá rezei aos meus Deuses e implorei para que voltassem à Britânia, e enquanto rezava os homens de Kernow levaram a rainha Isolda à laguna onde os dois navios escuros esperavam. Mas não a levaram para Kernow. Em vez disso, a princesa dos Uí Liatháin, aquela criança de quinze verões que tinha entrado descalça nas ondas e cuja voz era uma sombra sussurrando como os fantasmas dos marinheiros que montavam os longos ventos marinhos, foi amarrada a um poste e cercada de pedaços de madeira jogados pelo mar, que existiam em abundância na costa de Halcwm, e ali, diante dos olhos implacáveis do marido, foi queimada viva. O cadáver de seu amante foi queimado na

mesma pira.

Eu não partiria com Artur. Não falaria com ele. Deixei-o ir e dormi aquela noite no salão escuro e antigo onde os amantes haviam dormido. Depois viajei para casa em Lindinis, e foi então que confessei a Ceinwyn sobre o massacre no urzal quando matei os inocentes para manter um juramento. Conteí sobre Isolda queimando. Queimando e gritando enquanto seu marido olhava.

Ceinwyn me abraçou.

— Você conhecia essa dureza em Artur? — perguntou-me suavemente.

— Não.

— Ele é tudo que existe entre nós e o horror. Como poderia não ser duro?

Mesmo agora, de olhos fechados, algumas vezes vejo aquela criança vindo do mar, o rosto sorrindo, o corpo magro delineado no vestido branco grudado, e as mãos se estendendo para o amante. Não posso ouvir o grito de uma gaivota sem vê-la, porque ela me assombrará até o dia em que eu morrer, e, depois da morte, aonde quer que minha alma vá, estará ela; uma criança morta para um soberano, de acordo com a lei, em Camelot.

NÃO VI LANCELOT DURANTE MUITOS ANOS após o juramento da Távola Redonda, nem vi nenhum de seus lacaios. Amhar e Loholt, os gêmeos de Artur, viviam em Venta, a capital de Lancelot, onde lideravam bandos de lanceiros, mas a única luta que pareciam travar era em tavernas. Dinas e Lavaine também estavam em Venta, onde presidiam um templo dedicado a Mercúrio, um Deus romano, e suas cerimônias se rivalizavam com as realizadas na igreja do palácio de Lancelot, que fora consagrada pelo bispo Sansum. Sansum era visitante frequente em Venta e informava que o povo belgae parecia bastante feliz com Lancelot, o que, para nós, significava que não estava se rebelando totalmente.

Lancelot e seus companheiros também visitavam Dumnonia, frequentemente atravessando a fronteira até o Palácio do Mar, mas algumas vezes viajando até Durnovária para comparecer a alguma festa, mas eu simplesmente ficava longe dessas comemorações se soubesse que elas estavam para acontecer, e nem Artur nem Guinevere exigiam que eu comparecesse. Também não fui convidado ao grande funeral que se seguiu à morte de Elaine, a mãe de Lancelot.

Na verdade, Lancelot não era um mau governante. Não era um Artur, não se preocupava nem um pouco com a qualidade da justiça, com a justeza dos impostos ou a condição das estradas, simplesmente ignorava essas coisas, mas, como elas haviam sido ignoradas antes de seu governo, ninguém percebia qualquer grande diferença. Lancelot, como Guinevere, só se preocupava com seu conforto e, como ela, construiu um palácio luxuoso cheio de estátuas, paredes cobertas de pinturas e, claro, onde estava pendurada a extravagante coleção de espelhos em que ele podia admirar seu reflexo interminável. O dinheiro para esses luxos era arrancado nos impostos, e, se esses impostos eram pesados, a compensação era a terra dos belgae estar livre dos ataques saxões. Cerdic, espantosamente, tinha mantido a palavra dada a Lancelot, e os temidos lanceiros saxões jamais atacavam as ricas terras de Lancelot.

Mas não precisavam atacar, porque Lancelot os convidara a vir morar em seu reino. A terra ficara despovoada devido aos longos anos de guerra, e enormes trechos de campos excelentes estavam virando mato, por isso Lancelot convidou colonos do povo de Cerdic para cuidar dos campos. Os saxões fizeram juramento de lealdade a Lancelot, limpavam a terra, construíram novos povoados, pagavam impostos e seus lanceiros até marchavam em seu bando de guerreiros. Sua guarda palaciana, pelo que ouvimos, era totalmente composta de saxões. Ele a chamava de Guarda Saxã, e os escolhia pela altura e pela cor dos

cabelos. Não os vi naqueles anos, mas finalmente os encontrei, e eram todos homens altos e louros que levavam machados polidos até parecer espelhos. Corria o boato de que Lancelot pagava tributo a Cerdic, mas Artur negou irado quando nosso Conselho perguntou se era verdade. Artur desaprovava que colonos saxões fossem convidados para as terras britânicas, mas o problema era para Lancelot decidir, e não nós, e pelo menos a terra estava em paz. Parecia que a paz desculpava tudo.

Lancelot até alardeava ter convertido sua Guarda Saxã ao cristianismo, porque seu batismo, parece, não tinha sido apenas da boca para fora, era verdadeiro, pelo menos foi o que Galahad me contava em suas frequentes visitas a Lindinis. Ele descreveu a igreja que Sansum tinha construído no palácio de Venta, e disse que todos os dias um coro cantava e uma quantidade de padres celebrava os mistérios cristãos.

— É tudo muito bonito — disse Galahad, pensativo. Isso foi antes de eu ter visto os êxtases em Isca, e não tinha ideia de que esses frenesis aconteciam, por isso não perguntei se ocorriam em Venta, ou se seu irmão encorajava os cristãos de Dumnonia a vê-lo como libertador.

— O cristianismo mudou seu irmão? — perguntou Ceinwyn.

Galahad olhou o movimento rápido das mãos dela passando um fio da roca para o fuso.

— Não — admitiu. — Ele acha que basta dizer as orações uma vez por dia e depois se comporta como quer. Mas muitos cristãos são assim, infelizmente.

— E como ele se comporta? — perguntou Ceinwyn.

— Mal.

— Você quer que eu saia da sala para poder contar a Derfel sem me embarçar? — perguntou Ceinwyn com doçura. — E então ele pode me contar quando formos para a cama.

Galahad gargalhou.

— Ele sente tédio, senhora, e alivia o tédio do modo usual. Ele caça.

— O mesmo faz Derfel, o mesmo faço eu. Caçar não é ruim.

— Ele caça garotas — disse Galahad, sombrio. — Ele não as trata mal, mas elas não têm muita opção. Algumas gostam, e todas ficam bastante ricas, mas também se tornam prostitutas dele.

— Ele se parece com a maioria dos reis — disse Ceinwyn secamente. — É só isso que ele faz?

— Ele passa horas com aqueles dois druidas malditos, e ninguém sabe por que um rei cristão faz isso, mas Lancelot afirma que é só amizade. Ele encoraja seus poetas, coleciona espelhos e visita o Palácio do Mar, de Guinevere.

— Para fazer o quê? — perguntei.

— Diz que é para conversar. — Galahad deu de ombros. — Diz que falam de religião. Ou melhor, discutem. Ela ficou muito devota.

— A Ísis — disse Ceinwyn, desaprovando. Nos anos depois do

juramento da Távola Redonda todos tínhamos ouvido contar como Guinevere estava se recolhendo cada vez mais na prática de sua religião, e agora diziam que o Palácio do Mar era um gigantesco templo de Ísis, e as serviçais de Guinevere, todas escolhidas pela graça e pela aparência, eram as sacerdotisas de Ísis.

— A Deusa Suprema — disse Galahad em tom depreciativo, depois fez o sinal da cruz para manter a distância o mal pagão. — Guinevere evidentemente acredita que a Deusa tem enorme poder que pode ser canalizado para as questões humanas. Não posso imaginar que Artur goste disso.

— Ele está entediado com tudo aquilo — disse Ceinwyn, passando o resto do fio para o fuso e largando-o no chão. — Tudo que Artur faz agora é reclamar de que Guinevere não conversa com ele sobre nada além da religião. Deve ser horivelmente tedioso para ele.

Essa conversa aconteceu muito antes de Tristan fugir para Dumnonia com Isolda, e quando Artur ainda era um hóspede bem-vindo em nossa casa.

— Meu irmão diz que é fascinado pelas ideias dela — observou Galahad —, e talvez seja mesmo. Diz que ela é a mulher mais inteligente da Britânia e que não vai se casar enquanto não encontrar outra como ela.

Ceinwyn riu.

— Ainda bem que ele me perdeu, então. Com quantos anos seu irmão está?

— Trinta e três, acho.

— Tão idoso — disse Ceinwyn, rindo para mim, porque eu era apenas um ano mais novo. — O que aconteceu com Ade?

— Deu um filho a ele e morreu de parto.

— Não! — disse Ceinwyn, como sempre perturbada ao ouvir de uma morte no parto. — E você diz que ele tem um filho?

— Um bastardo — disse Galahad, desaprovando. — Peredur é o nome do menino. Tem quatro anos agora, e não é um garotinho mau. Na verdade, gosto dele.

— Já houve alguma criança de quem você não gostasse? — perguntei secamente.

— O Cabeça de Escova — disse ele, e todos sorrimos daquele velho apelido.

— Imagine Lancelot tendo um filho! — disse Ceinwyn com aquela entonação de importância cheia de surpresa com que as mulheres recebem esse tipo de notícia. Para mim a existência de outro bastardo real parecia pouquíssimo notável, mas vejo que os homens e as mulheres reagem a essas coisas de modo muito diferente.

Galahad, como seu irmão, nunca havia se casado. E além disso não tinha terra, mas era feliz e se mantinha ocupado servindo como

emissário de Artur. Tentava manter viva a Irmandade da Britânia, mas percebi como esses deveres se desmoronaram rapidamente, e ele viajava por todos os reinos britânicos levando mensagens, resolvendo disputas e usando seu cargo real para aliviar qualquer tipo de problema que Dumnonia pudesse ter com outros estados. Geralmente era Galahad quem viajava a Demétia para acabar com os ataques de Oengus Mac Airem contra Powys, e foi Galahad quem, depois da morte de Tristan, levou a notícia do destino de Isolda ao pai dela. Não o vi depois disso durante muitos meses.

Tentei não ver Artur também. Estava com muita raiva dele, e não respondia às suas cartas nem ia ao Conselho. Ele veio a Lindinis duas vezes nos meses seguintes à morte de Tristan, e nas duas fui friamente educado e o deixei assim que pude. Artur conversou durante longo tempo com Ceinwyn e ela tentou nos reconciliar, mas eu não podia afastar da cabeça o pensamento daquela criança queimando.

Mas também não podia ignorar Artur totalmente. Faltavam poucos meses para a segunda aclamação de Mordred, e os preparativos tinham de ser feitos. A cerimônia aconteceria no Caer Cadarn, a uma pequena caminhada a leste de Lindinis, e inevitavelmente Ceinwyn e eu fomos atraídos para o planejamento. O próprio Mordred até se interessou, talvez porque tenha percebido que a cerimônia iria finalmente livrá-lo de toda a disciplina.

— Você precisa decidir quem vai aclamá-lo — falei um dia.

— Vai ser Artur, não é? — perguntou ele carrancudo.

— Geralmente isso é feito por um druida, mas se você quiser uma cerimônia cristã deve escolher entre Emrys e Sansum.

Ele deu de ombros.

— Sansum, acho.

— Então vá falar com ele.

Nós fomos num dia frio do meio do inverno. Eu tinha outros negócios em Ynys Wydryn, mas primeiro fui com Mordred ao templo cristão, onde um padre nos disse que o bispo Sansum estava ocupado rezando a missa, e que deveríamos esperar.

— Ele sabe que o rei está aqui? — perguntei.

— Vou lhe dizer, senhor — respondeu o padre, e saiu rapidamente pelo chão congelado.

Mordred tinha se afastado até a sepultura de sua mãe onde, mesmo naquele dia frio, uma dúzia de peregrinos se ajoelhava prestando culto. Era uma sepultura muito simples, apenas um pequeno monte de terra com uma cruz de pedra que parecia minúscula ao lado da urna de bronze posta por Sansum para recolher as ofertas dos peregrinos.

— O bispo estará conosco logo — falei. — Devemos esperar lá dentro?

Ele balançou a cabeça e franziu a testa olhando para o monte baixo

coberto de grama. Em seguida, disse:

— Ela deveria ter uma sepultura melhor.

— Acho que é verdade — concordei, surpreso por ele ter ao menos falado. — Você pode construí-la.

— Teria sido melhor se outros tivessem prestado esse respeito — disse ele, sarcástico.

— Senhor rei, estávamos tão ocupados defendendo a vida do filho dela que tínhamos pouco tempo para nos preocupar com seus ossos. Mas está certo, nós fomos negligentes.

Ele chutou a urna, mal-humorado, depois olhou dentro para ver os pequenos tesouros deixados pelos peregrinos. Os que estavam rezando na sepultura se afastaram, não por medo de Mordred, a quem duvido que tenham reconhecido, mas porque o amuleto de ferro em meu pescoço me traía como pagão.

— Por que ela foi enterrada? — perguntou Mordred subitamente. — Por que não foi queimada?

— Porque era cristã — falei, escondendo meu horror diante de sua ignorância. Expliquei que os cristãos acreditavam que seus corpos seriam usados de novo na última vinda de Cristo, ao passo que os pagãos tomavam novos corpos de sombra no Outro Mundo, e por isso não tinham necessidade de nossos cadáveres que, se possível, queimávamos para impedir que nossos espíritos ficassem andando pela terra. Se não pudéssemos ter uma pira funerária, queimávamos o cabelo da pessoa e cortávamos um pé.

— Vou fazer uma câmara mortuária para ela — disse ele quando terminei minha explicação teológica. Ele perguntou como sua mãe tinha morrido, e contei toda a história de como Gundleus de Silúria havia traiçoeiramente se casado com Norwenna, e a assassinado depois, quando ela se ajoelhou à sua frente. E contei como Nimue tinha se vingado de Gundleus.

— Aquela bruxa — disse Mordred. Ele tinha medo de Nimue, e não era de espantar. Agora ela era uma reclusa rastejando nos restos da propriedade de Merlin, onde entoava seus feitiços, acendia fogueiras para seus Deuses e recebia poucos visitantes, mas de vez em quando, sem se anunciar, descia a Lindinis para se consultar com Merlin. Eu tentava alimentá-la naquelas raras visitas, as crianças corriam dela, e ela ia embora, murmurando sozinha com seu olho único, parecendo enlouquecida, o manto sujo de lama e cinzas e o cabelo preto embolado com imundícies. Abaixo de seu refúgio no Tor ela era forçada a ver o templo cristão crescer, ficar mais forte e até mais organizado. Os Deuses antigos, eu achava, iam perdendo a Britânia rapidamente. Sansum, claro, estava desesperado para que Merlin morresse, para tomar o Tor e construir uma igreja em seu cume incendiado. Sansum não sabia que toda a terra de Merlin passaria para mim, segundo seu testamento.

Parado junto à sepultura de sua mãe, Mordred pensou na semelhança do nome de minha filha mais velha com o de sua mãe falecida, e eu lhe disse que Ceinwyn era prima de Norwenna.

— Morwenna e Norwenna são nomes antigos em Powys — expliquei.

— Ela me amava? — perguntou Mordred e a incongruência dessa palavra em sua boca me fez parar. Talvez, pensei, Artur estivesse certo. Talvez Mordred crescesse e assumisse suas responsabilidades. Certamente, em todos os anos em que eu o conhecia, nunca tivéramos uma discussão tão cortês.

— Ela o amava muito — respondi sincero. — As vezes em que vi sua mãe mais feliz era quando você estava com ela. Era lá em cima. — Apontei para a cicatriz negra onde tinham estado o salão e a torre de Merlin, sobre o Tor. Fora lá que Norwenna tinha sido assassinada, e Mordred fora arrancado dela. Na época ele era um bebê, ainda mais novo do que eu quando fui arrancado de minha mãe, Erce. Será que Erce ainda vivia? Eu ainda não tinha viajado a Silúria para encontrá-la, e essa omissão me fez sentir culpa. Toquei o amuleto de ferro.

— Quando eu morrer — disse Mordred — quero ficar na mesma sepultura que minha mãe. E eu mesmo farei a sepultura. Uma câmara de pedra, com nossos corpos sobre um pedestal.

— Você deve falar com o bispo, e tenho certeza de que ele ficará satisfeito em fazer todo o possível. — Desde que ele não tenha de pagar pelo sepulcro, pensei.

Virei-me enquanto Sansum vinha apressado sobre a grama. Ele fez uma reverência a Mordred e em seguida me chamou para o templo.

— Espero que venha em busca da verdade, lorde Derfel.

— Vim visitar aquele templo — falei, apontando o Tor —, mas meu senhor rei tem negócios particulares com o senhor. — Deixei-os a sós e guiei meu cavalo para o Tor, passando pelo grupo de cristãos que, dia e noite, rezavam ao pé da colina para que seus habitantes pagãos fossem mandados embora. Suportei seus insultos e subi o morro íngreme até descobrir que o portão da água tinha caído da última dobradiça. Amarrei o cavalo numa estaca que restava da paliçada, depois levei a trouxa de roupas e peles que Ceinwyn havia preparado, de modo que os pobres que compartilhavam o refúgio de Nimue não congelassem no mau tempo. Dei as roupas a Nimue e ela as largou descuidadamente na neve, depois puxou minha manga e me levou à sua nova cabana, que tinha construído exatamente onde antigamente ficava a torre de sonhos de Merlin. A cabana fedia tanto que quase engasguei, mas ela não percebia o fedor mefítico. Era um dia congelante e uma chuva com neve chicoteava do leste num vento úmido, mas mesmo assim eu preferiria ficar debaixo do aguaceiro gélido a suportar aquela cabana fedorenta.

— Olhe — disse ela com orgulho, e me mostrou um caldeirão, não o Caldeirão, mas um caldeirão comum de ferro, pendurado numa trave do teto e cheio de algum líquido escuro. Ramos de visgo, um par de asas de morcego e pele descartada de serpentes, uma galhada partida e maços de ervas também pendiam dos caibros tão baixos que tive de me curvar para entrar na cabana, que estava cheia de fumaça a ponto de os olhos arderem. Havia um homem nu sobre um estrado nas sombras mais distantes, e ele reclamou da minha presença.

— Quietos — rosnou Nimue para ele. Em seguida pegou um pedaço de pau e enfiou no líquido escuro do caldeirão que fervia baixo sobre um pequeno fogo que gerava muito mais fumaça do que calor. Ela remexeu no caldeirão, encontrou o que queria e levantou do líquido. Vi que era um crânio humano. — Lembra-se de Balise? — perguntou.

— Claro. — Balise fora um druida, já era velho quando eu era novo, e agora estava morto há muito tempo.

— Queimaram o corpo dele, mas não a cabeça, e uma cabeça de druida, Derfel, é uma coisa de poder espantoso. Um homem trouxe para mim na semana passada. Tinha posto num barril de cera de abelha. Comprei dele.

O que significava que eu tinha adquirido a cabeça. Nimue vivia comprando objetos de poder oculto: o âmnio de uma criança morta, os dentes de um dragão, um pedaço do pão mágico dos cristãos, setas de elfo, e agora a cabeça de um defunto. Ela costumava aparecer no palácio e exigir dinheiro para aquelas coisas de mau gosto, mas agora eu achava mais fácil deixá-la com um pouco de ouro, mesmo que isso significasse que ela gastaria o metal em qualquer esquisitice que lhe oferecessem. Uma vez pagou um lingote de ouro inteiro em troca da carcaça de uma ovelha nascida com duas cabeças, e havia pregado a carcaça à paliçada, virada para o templo cristão, e ali deixou-a apodrecer. Eu não queria perguntar quanto ela havia pago por um barril de cera contendo a cabeça de um defunto.

— Tirei a cera e fervei a carne na panela até descolar da cabeça. — Isso explicava em parte o fedor insuportável da cabana. — Não existe augúrio mais poderoso — disse Nimue, com o olho único brilhando na cabana escura — do que a cabeça de um druida fervendo numa panela de urina com as dez ervas marrons de Crom Dubh. — Em seguida, largou o crânio que afundou na superfície escura do líquido. — Agora espere — ordenou.

Minha cabeça estava girando com a fumaça e o fedor, mas esperei obedientemente enquanto a superfície do líquido estremecia, brilhava e por fim se imobilizava até restar apenas uma coisa escura e lisa como um bom espelho, com apenas uma leve sugestão de fumaça saindo da superfície preta. Nimue se inclinou para perto e prendeu o fôlego, e eu soube que ela estava vendo portentos na superfície do líquido. O homem

no estrado tossiu horripelmente, depois agarrou debilmente um cobertor puído para cobrir parcialmente a nudez.

— Estou com fome — gemeu ele. Nimue o ignorou.

Esperei.

— Estou desapontado com você, Derfel — disse Nimue de repente, a respiração apenas enrugando a superfície do líquido.

— Por quê?

— Vejo uma rainha que foi queimada até a morte numa praia. Eu gostaria das cinzas dela, Derfel — falou reprovando. — Eu teria uso para as cinzas de uma rainha. Você deveria saber disso. — Ela ficou quieta e eu não disse nada. O líquido estava imóvel de novo, e quando Nimue falou em seguida foi numa voz estranha, profunda, que não turvou a superfície preta do líquido. — Dois reis virão a Cadarn, mas um homem que não é rei deverá governar lá. A morta será tomada em casamento, o que está perdido virá à luz e uma espada estará no pescoço de uma criança. — Depois deu um grito terrível, espantando o homem nu que correu freneticamente para o canto mais distante da cabana, onde se agachou com as mãos cobrindo a cabeça. — Diga isso a Merlin — falou Nimue com sua voz normal. — Ele saberá o que significa.

— Vou dizer — prometi.

— E diga — acrescentou ela com um fervor desesperado, agarrando meu braço com a mão em garra, com uma crosta de sujeira — que vi o Caldeirão no líquido. Diga que ele será usado logo. Logo, Derfel! Diga isso.

— Vou dizer — falei, e então, incapaz de continuar suportando o cheiro, soltei-me de seu aperto e recuei para a chuva e a neve.

Ela me seguiu para fora da cabana e puxou uma ponta da minha capa para se cobrir da chuva. Foi comigo em direção ao portão quebrado, e estava estranhamente animada.

— Todo mundo acha que estamos perdendo, Derfel, todo mundo acha que aqueles cristãos imundos estão tomando conta da terra. Mas não estão. O Caldeirão será revelado logo, Merlin voltará e o poder será solto.

Parei no portão e olhei para o grupo de cristãos que estava sempre agrupado ao pé do Tor, fazendo suas orações extravagantes com os braços abertos. Sansum e Morgana arranjaram para que eles sempre estivessem lá, de modo que suas orações constantes servissem para expulsar os pagãos do cume do Tor. Nimue olhou o grupo com desprezo. Alguns cristãos a reconheceram e fizeram o sinal da cruz.

— Você acha que o cristianismo está vencendo, Derfel?

— Receio que sim — falei, ouvindo os uivos de fúria ao pé do Tor. Lembrei-me dos adoradores frenéticos em Isca, e imaginei por quanto tempo o horror daquele fanatismo poderia ser mantido sob controle. — Temo que esteja — falei triste.

— O cristianismo não está vencendo — disse Nimue com escárnio. — Olhe. — Ela saiu de baixo da minha capa e levantou o vestido sujo para expor sua nudez devastada aos cristãos, e então sacudiu os quadris obscenamente para eles, e deu um grito que morreu no vento enquanto baixava o vestido. Alguns cristãos fizeram o sinal da cruz, mas a maioria, notei, instintivamente fez o sinal pagão contra o mal, com a mão direita, e em seguida cuspiu no chão. — Está vendo? — disse ela com um sorriso. — Eles ainda acreditam nos Deuses antigos. Ainda acreditam. E logo, Derfel, terão prova. Diga isso a Merlin.

Eu disse a Merlin. Parei diante dele e informei que dois reis viriam a Cadarn, mas um homem que não era rei governaria lá, que a morta seria tomada em casamento, o que estava perdido viria à luz e uma espada seria posta no pescoço de uma criança.

— Diga de novo, Derfel — pediu ele, forçando a vista para mim e acariciando um velho gato malhado estendido em seu colo.

Repeti tudo solenemente, depois acrescentei a promessa de Nimue, de que o Caldeirão seria revelado em breve, e que seu horror era iminente. Ele riu, balançou a cabeça e depois riu de novo. Em seguida tranquilizou o gato em seu colo.

— E você disse que ela estava com a cabeça de um druida?

— A cabeça de Balise, senhor.

Ele fez cócegas debaixo do queixo do gato.

— A cabeça de Balise foi queimada, Derfel, há anos. Foi queimada e depois transformada em pó. Até virar nada. Eu sei porque fiz isso. — Ele fechou os olhos e dormiu.

No verão seguinte, na véspera de uma lua cheia, quando as árvores que cresciam ao pé do Caer Cadarn estavam pesadas de tantas folhas, numa manhã de sol brilhante sobre bosques cheios de briônias, bons-dias e barbas-de-velho, aclamamos Mordred como rei no antigo cume do Caer.

A antiga fortaleza de Caer Cadarn ficava deserta durante boa parte do ano, mas ainda era a nossa colina do reino, o lugar solene do ritual no coração real de Dumnonia, e as paliçadas ainda eram mantidas fortes, mas o interior era um lugar triste com cabanas decadentes agachadas em volta do grande salão de festa que servia de lar para pássaros, morcegos e camundongos. O salão ocupava a parte de baixo do amplo cume do Caer Cadarn, enquanto na parte mais elevada, a oeste, ficava um círculo de pedras cobertas de líquen em volta de uma laje cinzenta que era a antiga pedra do reino de Dumnonia. Ali o grande Deus Bel tinha ungido seu filho meio Deus meio homem, Beli Mawr, como o primeiro de nossos reis, e desde então, mesmo nos anos em que os romanos tinham governado, nossos reis vinham ser aclamados neste lugar. Mordred nascera nesse morro, e aqui também fora aclamado ainda bebê, mas aquela cerimônia tinha sido apenas um sinal de sua

posição de rei, e não colocara deveres sobre ele. Mas agora ele estava na entrada da vida adulta, e a partir desse dia seria rei mais do que apenas no nome. Esta segunda aclamação retirava o juramento de Artur e dava a Mordred todo o poder de Uther.

A multidão se reuniu cedo. O salão de festas tinha sido varrido, depois enfeitado com bandeiras e ramos verdes. Barris de hidromel e potes de cerveja foram postos na grama, enquanto a fumaça subia das grandes fogueiras onde bois, porcos e cervos eram assados para a festa. Homens tatuados das tribos de Isca se misturavam aos elegantes cidadãos de Durnovária e Corinium com suas togas, e todos ouviam os bardos de mantos brancos que cantavam canções compostas especificamente para elogiar o caráter de Mordred e antever as glórias de seu reinado. Os bardos nunca foram de confiança.

Eu era o campeão de Mordred e, assim, único entre os lordes sobre o morro, estava vestido com todo meu equipamento de guerra. Não era mais o material precário, mal consertado que eu tinha usado naquela luta perto de Londres. Agora eu possuía uma armadura nova e cara que refletia minha alta posição. Tinha uma cota de fina malha romana enfeitada com aros de ouro no pescoço, na bainha e nas mangas. Tinha botas até o joelho que brilhavam com tiras de bronze, luvas até os cotovelos cheias de placas de ferro que protegiam os antebraços e os dedos, e um belo elmo engastado com prata e com uma aba de malha que protegia a nuca. O elmo tinha peças laterais presas com dobradiças sobre o rosto e um arremate de ouro de onde pendia minha cauda de lobo recém-escovada. Eu tinha uma capa verde, Hywelbane à cintura e um escudo que, em honra a este dia, mostrava o dragão vermelho de Mordred em vez de minha estrela branca.

Culhwch tinha vindo de Isca. Abraçou-me.

— Isto é uma farsa, Derfel — resmungou ele.

Não sorriu, em vez disso olhou carrancudo para a multidão cheia de expectativa.

— Cristãos — cuspiu.

— Parece haver muitos deles.

— Merlin está aqui?

— Ele estava cansado.

— Quer dizer que teve o bom-senso de não vir. Então, quem faz as honras do dia?

— O bispo Sansum.

Culhwch cuspiu. Sua barba tinha ficado grisalha nos últimos meses, e ele se movia rigidamente, mas ainda parecia um grande urso.

— Você já está falando com Artur?

— Falamos quando é necessário — respondi evasivamente.

— Ele quer voltar a ser seu amigo.

— Ele trata os amigos de um modo muito estranho — falei

rigidamente.

— Ele precisa de amigos.

— Então tem sorte de possuir você. — Eu me virei quando um toque de trompa interrompeu a conversa. Lanceiros formavam uma passagem na multidão, usando os escudos e os cabos das lanças para empurrar as pessoas gentilmente para trás, e no corredor dos lanceiros uma procissão de lordes, magistrados e sacerdotes caminhou lentamente até o círculo de pedras. Ocupei meu lugar na procissão ao lado de Ceinwyn e minhas filhas.

A reunião daquele dia era mais um tributo a Artur do que a Mordred, porque todos os aliados de Artur estavam ali. Cuneglas tinha vindo de Powys, trazendo uma dúzia de lordes e seu *edling*, o príncipe Perddel, que agora era um garoto bonito, com o rosto redondo e sério do pai. Agrícola, agora velho e com as juntas rígidas, acompanhava o rei Meurig, ambos vestidos com togas. Tewdric, o pai de Meurig, ainda vivia, mas o velho rei tinha abdicado do trono, raspado a cabeça com a tonsura de padre e se retirado para um mosteiro no vale do Wye, onde pacientemente montava uma biblioteca de textos cristãos, e permitia que seu pedante filho governasse Gwent. Byrthig, que sucedera ao pai como rei de Gwynedd, e que agora só possuía dois dentes, não parava quieto, como se os rituais fossem uma irritação necessária que precisaria terminar antes que ele pudesse voltar aos barris de hidromel que esperavam. Oengus Mac Airem, pai de Isolda e rei de Demétia, tinha vindo com um grupo de seus temíveis Escudos Pretos, enquanto Lancelot, rei dos belgae, era escoltado por uma dúzia de gigantes de sua Guarda Saxã e pelos malignos pares de gêmeos, Dinas e Lavaine e Amhar e Loholt.

Artur, percebi, abraçou Oengus, que devolveu o gesto alegremente. Ali parecia não haver má vontade, apesar da terrível morte de Isolda. Artur usava uma capa marrom, talvez não querendo que uma de suas capas brancas ofuscasse o herói do dia. Guinevere estava esplêndida num vestido castanho-avermelhado com detalhes de prata e bordado com seu símbolo do cervo coroadado pela lua. Sagramor veio de capa preta e trouxe sua esposa saxã, Malla, que estava grávida, e os dois filhos. Ninguém veio de Kernow.

Os estandartes dos reis, chefes e lordes estavam pendurados nas paliçadas onde um círculo de lanceiros montava guarda, todos equipados com escudos onde os dragões tinham sido recém-pintados. Uma trombeta soou de novo, um ruído lamentoso no ar ensolarado enquanto outros vinte lanceiros escoltavam Mordred na direção do círculo de pedras onde, quinze anos antes, o havíamos aclamado pela primeira vez. A primeira cerimônia acontecera no inverno, e o bebê Mordred tinha sido enrolado em peles e carregado em volta das pedras sobre um escudo virado. Morgana tinha supervisionado aquela primeira

aclamação, que fora marcada pelo sacrifício de um cativo saxão, mas desta vez a cerimônia seria totalmente cristã. Os cristãos tinham vencido, pensei mal-humorado, independentemente do que Nimue achasse. Não havia druidas, a não ser Dinas e Lavaine, e eles não tinham papel a representar. Merlin estava dormindo no jardim de Lindinis, Nimue estava no Tor e nenhum cativo seria morto para revelar os augúrios para o rei recém-aclamado. Tínhamos matado um prisioneiro saxão na primeira aclamação de Mordred, com um golpe de lança no alto da barriga de modo a sua morte ser lenta e agonizante, e Morgana tinha observado cada passo doloroso e cada jorro de sangue em busca de sinais para o futuro. Aqueles augúrios, lembrei, não tinham sido bons, mas eles haviam prometido um longo reino a Mordred. Tentei me lembrar do nome do pobre saxão, mas só pude recordar seu rosto aterrorizado e o fato de que tinha gostado dele, e então seu nome voltou de repente, atravessando os anos. Wlenca! Pobre Wlenca, cheio de tremores. Morgana insistira em sua morte, mas agora, com um crucifixo pendurado sob a máscara, só estava ali como mulher de Sansum e não participaria dos rituais.

Uma comemoração contida recebeu Mordred. Os cristãos aplaudiram, enquanto nós, pagãos, apenas juntamos as mãos obedientemente e ficamos quietos. O rei estava vestido totalmente de preto: camisa preta, calções pretos, capa preta e um par de botas pretas, uma das quais monstruosamente moldada para se ajustar ao pé esquerdo torto. Um crucifixo de ouro pendia no pescoço, e me pareceu que havia um riso de desprezo em seu rosto redondo e feio, ou talvez a careta apenas traísse o nervosismo. Ele tinha mantido a barba, mas era um negócio fino que pouco ajudava seu rosto bulboso com as moitas de cabelo se projetando. Ele caminhou sozinho até o círculo e ocupou seu lugar ao lado da pedra real.

Sansum, esplêndido em branco e ouro, apressou-se para ficar ao lado do rei. O bispo levantou os braços e, sem qualquer preâmbulo, começou a rezar em voz alta. Sua voz, sempre forte, atravessava direto a enorme multidão que se comprimia atrás dos lordes, indo até os lanceiros imóveis sobre as plataformas de luta das palçadas.

— Senhor Deus! — gritou ele. — Jorrai vossas bênçãos sobre vosso filho Mordred, sobre este rei abençoado, esta luz da Britânia, este monarca que liderará vosso reino de Dumnonia para um tempo novo e abençoado. — Confesso que estou parafraseando, porque na verdade não prestei muita atenção enquanto Sansum arengava com seu Deus. Ele era bom nessas arengas, mas eram todas muito parecidas; sempre longas demais, sempre cheias de elogio ao cristianismo e sempre repletas de zombaria dirigidas ao paganismo, então, em vez de escutar, fiquei olhando a multidão para ver quem abria os braços e fechava os olhos. A maioria fez isso. Artur, sempre pronto a demonstrar respeito por

qualquer religião, só ficou de cabeça baixa. Segurava a mão do filho enquanto, do outro lado de Gwydre, Guinevere olhava o céu com um sorriso secreto no rosto bonito. Amhar e Loholt, filhos de Artur com Ailleann, rezavam com os cristãos, enquanto Dinas e Lavaine apenas se mantinham imóveis, braços cruzados sobre os mantos brancos, e olhavam para Ceinwyn que, como no dia em que fugira do noivado, não usava ouro nem prata. Seu cabelo ainda brilhava fino e claro, e ela continuava sendo para mim a criatura mais adorável sobre esta terra. Seu irmão, o rei Cuneglas, estava do outro lado dela e, ao captar meu olhar durante um dos mais altos voos de imaginação de Sansum, deu um riso maroto. Mordred, de braços abertos em oração, olhava a todos nós com um sorriso torto.

Quando a oração terminou, o bispo Sansum pegou o braço do rei e o levou até Artur que, como guardião do reino, iria apresentar o novo governante ao seu povo. Artur sorriu para Mordred, como se para lhe dar coragem, depois o levou ao redor do círculo de pedras, e, enquanto Mordred passava, os que não eram reis se ajoelhavam. Eu, como seu campeão, caminhava atrás dele com a espada desembainhada. Caminhamos no sentido contrário ao movimento do sol, a única vez em que um círculo era percorrido assim, para mostrar que nosso novo rei descendia de Beli Mawr e podia desafiar a ordem natural de todas as coisas vivas, ainda que o bispo Sansum, claro, declarasse que a caminhada no sentido contrário ao sol provava a morte da superstição pagã. Culhwch, notei, conseguiu se esconder durante a caminhada pelo círculo para não ter de se ajoelhar.

Quando tinham sido completadas duas voltas inteiras ao redor das pedras, Artur levou Mordred até a pedra real e o ajudou a subir sobre ela. Dian, minha filha mais nova, se adiantou com centáureas trançadas no cabelo e pôs um pedaço de pão junto aos pés desiguais de Mordred, para simbolizar o dever do rei alimentar seu povo. As mulheres murmuraram ao vê-la, porque Dian, como as irmãs, herdara a beleza descuidada da mãe. Ela colocou o pão e depois olhou em volta, procurando um sinal do que deveria fazer. Depois, sem receber nenhuma indicação, olhou solenemente no rosto de Mordred e irrompeu em lágrimas. As mulheres deram um suspiro feliz enquanto a menina corria chorando até a mãe e Ceinwyn a pegava no colo e enxugava suas lágrimas. Em seguida Gwydre, o filho de Artur, levou um chicote de couro que colocou aos pés do rei como símbolo do dever de Mordred oferecer justiça à terra, e então levei a nova espada real, forjada em Gwent e com punho de couro preto enrolado com fio de ouro, e a coloquei na mão direita de Mordred.

— Senhor rei — falei, olhando em seus olhos —, isto é para o seu dever de proteger seu povo. — O riso superior de Mordred tinha desaparecido, e ele me olhou com uma dignidade fria que me fez ter

esperanças de que Artur estivesse certo, e que a solenidade desse ritual daria a Mordred a capacidade de ser um bom rei.

Então, um a um, apresentamos nossos presentes. Eu lhe dei um belo elmo, enfeitado de ouro e com um dragão de esmalte vermelho engastado na parte de cima. Artur lhe deu uma cota de escamas, uma lança e uma caixa de marfim cheia de moedas de ouro. Cuneglas lhe ofereceu lingotes de ouro das minas de Powys. Lancelot deu de presente uma enorme cruz de ouro e um pequeno espelho de eletro com moldura de ouro. Oengus Mac Airem pôs duas grossas peles de urso aos seus pés, e Sagramor pôs na pilha uma imagem saxã de ouro representando uma cabeça de touro. Sansum presenteou o rei com um pedaço da cruz em que — ele proclamou em altos brados — Cristo fora crucificado. O pedaço de madeira escura tinha sido lacrado com ouro. Só Culhwch não deu presente. Na verdade, quando os presentes tinham sido dados e os lordes fizeram fila para se ajoelhar diante do rei e jurar lealdade, Culhwch não estava à vista. Fui o segundo a prestar juramento, seguindo Artur até a pedra real, onde me ajoelhei do outro lado da grande pilha de ouro brilhante e pus os lábios na ponta da nova espada de Mordred e jurei pela minha vida que iria servi-lo fielmente. Foi um momento de solenidade, porque esse era o juramento real, o juramento que suplantava todos os outros.

Houve uma coisa nova naquela aclamação, um ritual que Artur imaginara como um modo de continuar a paz que ele construía cuidadosamente e mantivera no correr dos anos. A nova cerimônia era uma extensão de sua Irmandade da Britânia, porque ele persuadira os reis da Britânia — pelo menos os que estavam presentes — a trocar beijos com Mordred e jurar que nunca lutariam uns contra os outros. Mordred, Meurig, Cuneglas, Byrthig, Oengus e Lancelot se abraçaram, juntaram as lâminas das espadas e juraram manter a paz uns com os outros. Artur ficou felicíssimo, e Oengus Mac Airem, o maior patife que já houve, lançou-me uma enorme piscadela. Quando chegasse a época da colheita, eu sabia, seus lanceiros atacariam os depósitos de grãos em Powys, independentemente de qualquer juramento.

Quando o juramento real terminou, realizei o ato final da aclamação. Primeiro ofereci a mão enluvada a Mordred e o ajudei a descer da pedra, e então, quando o havia conduzido até a pedra mais ao norte no círculo externo, tomei sua espada real e a coloquei sobre a pedra real. Ela ficou ali, brilhando, uma espada sobre uma pedra, o verdadeiro sinal de um rei, e então cumpri o dever do campeão do rei, caminhando a passos largos pelo círculo, cuspidando em direção aos espectadores e desafiando-os a negar o direito de Mordred ap Mordred ap Uther de ser rei desta terra. Pisquei para minhas filhas enquanto passava, certifiquei-me de que meu cuspe caísse nos mantos brilhantes de Sansum e me certifiquei igualmente de que não caísse no vestido

bordado de Guinevere.

— Declaro que Mordred ap Mordred ap Uther é o rei! — gritei repetidamente. — E, se algum homem negar isso, que lute comigo agora. — Caminhei lentamente com Hywelbane nua na mão e gritei alto meu desafio. — Declaro que Mordred ap Mordred ap Uther é o rei, e, se algum homem negar isso, que lute comigo agora.

Eu quase tinha completado o círculo quando ouvi o som de uma lâmina saindo da bainha.

— Eu nego! — gritou uma voz, e o grito foi seguido por sons ofegantes de horror vindos da multidão. Ceinwyn ficou pálida, e minhas filhas, que já estavam apavoradas por me ver vestido com os estranhos equipamentos de ferro, aço, couro e pelo de lobo, esconderam o rosto na saia de linho da mãe.

Virei-me lentamente e vi que Culhwch tinha voltado ao círculo e agora me encarava com sua grande espada de batalha desembainhada.

— Não — falei com ele. — Por favor.

Culhwch caminhou sério até o centro do círculo e tirou da pedra a espada de punho dourado do rei.

— Eu nego Mordred ap Mordred ap Uther — disse cerimoniosamente, depois jogou a espada real na grama.

— Mate-o! — gritou Mordred de seu lugar ao lado de Artur. — Cumpra o seu dever, lorde Derfel!

— Eu nego a capacidade dele de reinar! — gritou Culhwch às pessoas reunidas. Um vento agitou os estandartes nas paredes e balançou o cabelo dourado de Ceinwyn.

— Ordeno que você o mate! — gritou Mordred, agitado.

Caminhei pelo círculo até encarar Culhwch. Meu dever agora era lutar com ele e, se ele me matasse, outro campeão do rei seria escolhido, e o negócio estúpido continuaria até que Culhwch, arrasado e sangrando, estivesse se retorcendo e derramando o sangue de sua vida no solo de Caer Cadarn, ou, mais provavelmente, até que uma batalha total irrompesse no cume, terminando com o triunfo dos defensores de Culhwch ou os de Mordred. Tirei o elmo da cabeça, afastei o cabelo dos olhos e pendurei o elmo na bainha da espada. Então, ainda segurando Hywelbane, abracei Culhwch.

— Não faça isso — sussurrei em seu ouvido. — Não posso matar você, meu amigo, de modo que você terá de me matar.

— Ele é um sapo desgraçado, um verme, e não um rei — murmurou Culhwch.

— Por favor — falei. — Não posso matar você, sabe disso.

Ele me abraçou com força

— Faça as pazes com Artur, meu amigo — sussurrou, depois deu um passo atrás e enfiou a espada de novo na bainha. Em seguida, recolocou a lâmina sobre a pedra. — Desisto da luta — gritou para que todos que

estavam no cume o ouvissem, depois foi até Cuneglas e se ajoelhou aos seus pés. — O senhor aceita meu juramento, senhor rei?

Foi um momento embaraçoso, porque se o rei de Powys aceitasse a lealdade de Culhwch o primeiro ato de Powys nesse novo reino dumnoniano seria dar as boas-vindas a um inimigo de Mordred, mas Cuneglas não hesitou. Estendeu o punho da espada para o beijo de Culhwch.

— Com prazer, lorde Culhwch, com prazer.

Culhwch beijou a espada de Cuneglas, depois se levantou e foi até o portão do oeste. Seus lanceiros o seguiram, e assim, com a ida de Culhwch, finalmente Mordred tinha o poder do reino sem ser desafiado. Houve silêncio, depois Sansum começou a dar vivas e os cristãos o acompanharam, aclamando seu novo governante. Homens se reuniram em volta do rei, dando os parabéns, e vi que Artur foi deixado de lado, sozinho. Ele me olhou e sorriu, mas me virei. Embainhei Hywelbane, depois me agachei perto de minhas filhas que ainda estavam amedrontadas e disse que não havia com que se preocupar. Dei meu elmo para Morwenna segurar, e mostrei a ela como as peças laterais balançavam de um lado para o outro presas pelas dobradiças.

— Não quebre! — avisei.

— Coitado do lobo — disse Seren, acariciando a cauda de lobo.

— Ele matou um monte de cordeiros.

— Foi por isso que o senhor matou o lobo?

— Claro.

— Lorde Derfel! — chamou a voz de Mordred de repente. Eu me levantei e me virei para ver que o rei tinha afastado seus admiradores, e ele veio mancando pelo círculo real, em minha direção.

Fui encontrá-lo, e baixei a cabeça.

— Senhor rei.

Os cristãos se reuniram em volta de Mordred. Agora eles eram os senhores, e sua vitória estava clara nos rostos.

— O senhor fez um juramento de me obedecer, lorde Derfel.

— Fiz, senhor rei.

— Mas Culhwch ainda vive — disse ele em voz perplexa. — Ele não vive?

— Vive, senhor rei.

Mordred sorriu.

— Um juramento quebrado, lorde Derfel, merece punição. Não é o que o senhor sempre me ensinou?

— Sim, senhor rei.

— E o juramento, lorde Derfel, foi feito sobre sua vida, não foi?

— Sim, senhor rei.

Ele coçou a barba rala.

— Mas suas filhas são bonitas, Derfel, de modo que lamentaria

perdê-lo de Dumnonia. Perdoo-o por Culhwch ainda viver.

— Obrigado, senhor rei — falei, lutando contra a tentação de lhe dar um soco.

— Mas um juramento quebrado merece punição — disse ele, empolgado.

— Sim, senhor rei. Merece.

Ele parou um instante, depois me bateu com força no rosto usando o chicote da justiça. Em seguida riu, e ficou tão deliciado com a reação de surpresa no meu rosto que bateu uma segunda vez.

— A punição foi dada, lorde Derfel — disse ele e se virou. Seus seguidores gargalharam e aplaudiram.

Não ficamos para a festa, nem para as lutas com e sem armas e as apresentações dos malabaristas, nem para o urso dançarino e a competição dos bardos. Andamos, em família, de volta a Lindinis. Caminhamos ao lado do riacho onde os salgueiros cresciam e floresciaam as salgueirinhas. Fomos para casa.

Cuneglas nos encontrou dentro de uma hora. Planejava ficar conosco uma semana, depois voltaria a Powys.

— Voltem comigo — disse ele.

— Fiz um juramento a Mordred, senhor rei.

— Ah, Derfel, Derfel! — Ele passou o braço em volta do meu pescoço e caminhou pelo pátio comigo. — Meu caro Derfel, você é tão ruim quanto Artur! Acha que Mordred se importa que você mantenha o juramento?

— Espero que ele não me queira como inimigo.

— Quem sabe o que ele quer? Garotas, provavelmente, cavalos rápidos, cervos correndo e hidromel forte. Venha para casa, Derfel! Culhwch vai estar lá.

— Sentirei falta dele, senhor. — Eu achava que Culhwch estaria esperando em Lindinis quando voltássemos de Caer Cadarn, mas ele claramente não ousara desperdiçar um instante e já estava correndo em direção ao norte, para escapar dos lanceiros que seriam mandados para encontrá-lo antes que cruzasse a fronteira.

Cuneglas abandonou sua tentativa de me persuadir a ir para o norte.

— O que aquele patife do Oengus estava fazendo lá? — perguntou irritado. — E com aquela promessa de manter a paz!

— Ele sabe, senhor rei, que se perder a amizade de Artur suas lanças invadirão as terras dele.

— E está certo — disse Cuneglas, mal-humorado. — Talvez eu dê esse serviço a Culhwch. Artur terá algum poder agora?

— Isso depende de Mordred.

— Vamos presumir que Mordred não seja um completo idiota. Não consigo compreender Dumnonia sem Artur. — Ele se virou quando um

grito vindo do portão anunciou mais visitantes. Eu meio esperava ver escudos com dragões e um grupo dos homens de Mordred procurando Culhwch, mas em vez disso eram Artur e Oengus Mac Airem que chegaram com cerca de vinte lanceiros. Artur hesitou junto ao portão.

— Sou bem-vindo? — gritou para mim.

— Claro, senhor — respondi, mas não calorosamente.

Minhas filhas o viram de uma janela e num instante correram gritando para recebê-lo. Cuneglas se juntou a eles, descaradamente ignorando o rei Oengus Mac Airem que veio até o meu lado. Fiz uma reverência, mas Oengus me levantou e me envolveu nos braços. Sua gola de pele fedia a suor e gordura velha. Ele riu para mim.

— Artur disse que você não luta numa guerra decente há dez anos — falou.

— Deve fazer esse tempo, senhor.

— Vai ficar sem prática, Derfel. Na primeira luta decente algum garoto franzino vai rasgar sua barriga e dar de comida aos cachorros. Como você está?

— Mais velho do que antes, senhor. Mas bem. E o senhor?

— Ainda estou vivo — disse ele e olhou para Cuneglas. — Imagino que o rei de Powys não queira me cumprimentar, não é?

— Ele sente, senhor, que seus lanceiros estão ocupados demais na fronteira dele.

Oengus gargalhou.

— Preciso mantê-los ocupados, Derfel, você sabe. Lanceiros ociosos são encrenca. E, além disso, tenho um número grande demais dos desgraçados atualmente. A Irlanda está ficando cristã! — Ele cuspiu. — Um britânico intrometido chamado Padraig transformou todos eles em maricas. Vocês nunca ousaram nos conquistar com suas lanças, por isso mandaram aquele pedaço de merda de foca para nos enfraquecer, e qualquer irlandês que tenha entranhas está vindo para a Britânia, a fim de escapar dos cristãos daquele sujeito. Ele pregava para o povo com uma folha de trevo! Dá para imaginar isso? Conquistando a Irlanda com uma folha de trevo? Não é de espantar que todos os guerreiros decentes estejam vindo para mim, mas o que posso fazer com eles?

— Mandá-los para matar Padraig?

— Ele já está morto, Derfel, mas seus seguidores estão muito vivos. — Oengus tinha me levado até um canto do pátio, onde parou e me encarou. — Ouvi dizer que você tentou proteger minha filha.

— Tentei, senhor. — Vi que Ceinwyn tinha vindo do palácio e estava abraçando Artur. Eles ficaram segurando um ao outro enquanto conversavam, e Ceinwyn me olhava de lado. Virei-me para Oengus. — Puxei uma espada por ela, senhor rei.

— Fez bem, Derfel — disse ele, descuidadamente. — Fez bem, mas não é importante. Tenho várias filhas. Nem sei se me lembro de qual era

Isolda. Uma coisinha magrinha, não era?

— Uma garota linda, senhor rei.

Ele gargalhou.

— Qualquer coisa jovem e com peitos é linda quando a gente é velho. Mas tenho uma beldade na ninhada. Argante é o nome dela, e vai partir alguns corações antes que sua vida termine. Seu novo rei vai estar procurando uma noiva, não é?

— Acho que sim.

— Argante serviria para ele. — Oengus não estava sendo gentil com Mordred ao sugerir sua linda filha como rainha de Dumnonia, e sim certificando-se de que Dumnonia continuasse protegendo Demétia dos homens de Powys. — Talvez eu traga Argante numa visita. — Em seguida, ele abandonou o assunto daquele possível casamento e empurrou o punho cheio de cicatrizes contra meu peito. — Escute, meu amigo, não vale a pena romper com Artur por causa de Isolda.

— Foi por isso que ele o trouxe aqui, senhor? — perguntei, cheio de suspeitas.

— Claro que sim, seu idiota! — disse Oengus, alegre. — E porque não suporto aqueles cristãos lá no Caer. Faça as pazes, Derfel. A Britânia não é tão grande para que os homens decentes comecem a cuspir uns nos outros. Ouvi dizer que Merlin mora aqui, não é?

— O senhor vai encontrá-lo lá — falei, apontando para um arco que levava ao jardim onde floresciam as rosas de Ceinwyn. — Ou o que resta dele.

— Vou enfiar um pouco de vida naquele desgraçado. Talvez ele possa me contar o que há de tão especial numa folha de trevo. E preciso de um feitiço para me ajudar a fazer mais filhas. — Ele riu e se afastou. — Estou ficando velho, Derfel, ficando velho!

Artur deixou minhas três filhas com Ceinwyn e seu tio Cuneglas, depois veio na minha direção. Hesitei, depois fiz um gesto para o portão externo, e fui à frente dele em direção à campina, onde esperei e olhei para as paliçadas de Caer Cadarn, cheias de estandartes acima das árvores.

Ele parou atrás de mim.

— Foi na primeira aclamação de Mordred que conhecemos Tristan. Lembra?

Não me virei.

— Sim, senhor.

— Não sou mais seu senhor, Derfel. Nosso juramento a Uther foi cumprido, terminou. Não sou seu senhor, mas gostaria de ser seu amigo. — Ele hesitou. — E, quanto ao que aconteceu, sinto muito.

Ainda não me virei. Não por orgulho, mas porque havia lágrimas em meus olhos.

— Também sinto muito — falei.

— Você me perdoaria? — perguntou ele humildemente. — Vamos ser amigos?

Olhei para o Caer e pensei em todas as coisas que eu tinha feito e que precisavam de perdão. Pensei nos corpos no urzal. Na época eu era um jovem lanceiro, mas a juventude não era desculpa para a chacina. Não era eu que deveria perdoar Artur pelo que ele fizera, pensei. Ele mesmo teria de fazê-lo.

— Seremos amigos até a morte — falei. E em seguida me virei.

E nos abraçamos. Nosso juramento a Uther estava cumprido. E Mordred era rei.



Parte 4

Os mistérios de Ísis

— ISOLDA ERA BONITA? — pergunta Igraine.

Pensei na pergunta durante alguns instantes.

— Ela era jovem — falei por fim —, e como o pai dela disse...

— Li o que o pai dela disse — interrompeu Igraine incisiva. Quando chega a Dinewrac ela sempre se senta e lê os pergaminhos terminados antes de ir para o banco da janela e conversar comigo. Hoje a janela tem uma cortina de couro para tentar manter o frio fora do cômodo, que está mal iluminado com lamparinas sobre minha mesa de escrever e cheio de fumaça porque o vento está no norte e a fumaça do fogo não consegue encontrar o caminho pelo buraco do teto.

— Foi há muito tempo — falei cautelosamente — e só a vi durante um dia e duas noites. Lembro-me dela como linda, mas acho que sempre tornamos os mortos belos quando eles são jovens.

— Todas as canções dizem que ela era linda — disse Igraine, pensativa.

— Paguei aos bardos por aquelas canções. — Assim como tinha pagado a homens para levar as cinzas de Tristan de volta a Kernow. Eu pensara que seria bom Tristan ir para a sua terra depois da morte, e tinha misturado seus ossos com os de Isolda, e suas cinzas às cinzas dela, e sem dúvida uma quantidade considerável de cinza comum também. Lacrei tudo numa jarra que encontramos no salão onde eles haviam compartilhado seu sonho impossível de amor. Na época eu era rico, um grande lorde, senhor de escravos, serviçais e lanceiros, suficientemente rico para comprar uma dúzia de canções sobre Tristan e Isolda que são cantadas até hoje em todos os salões festivos. Também me certifiquei de que as canções pusessem a culpa de sua morte em Artur.

— Mas por que Artur fez aquilo?

Esfreguei o rosto com minha mão única.

— Artur cultuava a ordem — expliquei. — Não creio que ele jamais tenha acreditado nos Deuses. Ah, ele acreditava na existência deles, não era um idiota, mas achava que não se importavam mais conosco. Lembro-me de que uma vez ele gargalhou e disse que éramos arrogantes demais em achar que os Deuses não tinham coisa melhor a fazer do que se preocupar conosco. Perdemos o sono por causa dos camundongos na palha do telhado?, perguntou-me ele. Então por que os Deuses iriam se importar conosco? De modo que tudo que lhe restava, se você tirasse os Deuses, era a ordem, e a única coisa que mantinha a ordem era a lei, e a única coisa que fazia os poderosos obedecerem à lei eram os seus juramentos. Era bem simples. — Dei de ombros. — Ele estava certo, claro; quase sempre estava.

— Ele deveria tê-los deixado viver — insistiu Igraine.

— Ele obedeceu à lei — falei em voz opaca. Frequentemente me arrependi de ter deixado os bardos culparem Artur, mas ele me perdoou.

— E Isolda foi queimada viva? — Igraine estremeceu. — E Artur simplesmente deixou acontecer?

— Ele podia ser muito duro, e tinha de ser, porque o resto de nós, Deus sabe, costumava ser mole.

— Ele deveria tê-los poupado.

— E não teria havido canções ou histórias. Eles teriam ficado velhos e gordos, teriam brigado e morrido. Ou então Tristan teria voltado para Kernow quando seu pai morresse e teria tomado outras mulheres. Quem sabe?

— Quanto tempo Mark viveu?

— Só mais um ano. Morreu de estrangúria.

— De quê?

Sorri.

— Uma doença feia, senhora. As mulheres, acho, não estão sujeitas a ela. Um sobrinho se tornou rei, e eu nem lembro o nome dele.

Igraine fez uma careta.

— Mas se lembra de Isolda saindo do mar — falou acusadoramente —, porque o vestido dela estava molhado.

Sorri.

— Como se tivesse sido ontem, senhora.

— O mar da Galileia — disse Igraine, animada, porque São Tudwal tinha entrado de repente na cela. Agora Tudwal está com dez ou onze anos, um garoto magro de cabelo preto e cujo rosto me lembra Cerdic. Um rosto de rato. Ela compartilha a cela e a autoridade de Sansum. Que sorte temos em possuir dois santos em nossa pequena comunidade!

— O santo quer que você decifre estes pergaminhos — exigiu Tudwal, pondo-os sobre minha mesa. Ignorou Igraine. Parece que os santos podem ser rudes com as rainhas.

— O que são? — perguntei.

— Um mercador quer vender. Diz que são salmos, mas os olhos do santo estão muito fracos para ler.

— Claro — falei. A verdade, obviamente, é que Sansum não sabe ler e Tudwal é muito preguiçoso para aprender, ainda que todos tenhamos tentado ensiná-lo e agora fingimos que ele sabe. Desenrolei cuidadosamente o pergaminho, quebradiço e frágil. A língua era latim, que mal entendo, mas vi a palavra *Cristus*. — Não são salmos — falei —, mas são cristãos. Suspeito de que sejam fragmentos do evangelho.

— O mercador quer quatro peças de ouro.

— Duas peças — falei, mas realmente não me importava se iríamos comprá-los ou não. Deixei os pergaminhos se enrolarem. — O homem disse onde os conseguiu?

Tudwal deu de ombros.

— Com os saxões.

— Certamente deveríamos preservá-los — falei obedientemente, devolvendo-os. — Devem ficar no depósito do tesouro. — Onde, pensei, Hywelbane repousava com todos os outros pequenos tesouros que eu trouxera de minha vida antiga. Tudo menos o pequeno broche de ouro de Ceinwyn, que eu mantinha escondido do santo mais velho. Humildemente agradeci ao santo mais novo por ter me consultado e baixei a cabeça enquanto ele saía.

— Moleque chato — disse Igraine quando Tudwal tinha saído. Ela cuspiu em direção ao fogo. — Você é cristão, Derfel?

— Claro que sou, senhora! Que pergunta!

Ela franziu a testa interrogativamente.

— Perguntei porque parece que você é menos cristão hoje do que quando começou a escrever esta história.

Esta, pensei, era uma observação inteligente. E verdadeira também, mas eu não ousava confessar abertamente porque Sansum adoraria ter uma desculpa para me acusar de heresia e me matar na fogueira. Ele não economizaria na lenha, pensei, mesmo que racionasse a que podíamos queimar em nossos fogões. Sorri.

— A senhora me faz lembrar coisas antigas. Só isso. — Não era só isso. Quanto mais eu recordava os velhos tempos, mais algumas daquelas coisas antigas me voltavam. Toquei um prego de ferro em minha mesa de madeira, para evitar o mal do ódio de Sansum. — Há muito tempo abandonei o paganismo.

— Eu gostaria de ser pagã — disse Igraine pensativa, apertando a capa de pele de castor nos ombros. Seus olhos ainda estão brilhantes e seu rosto tão cheio de vida que tenho certeza de que deve estar grávida. — Não diga aos santos que falei isso — acrescentou rapidamente. — E Mordred era cristão?

— Não. Mas sabia que os que o apoiavam em Dumnonia eram, de modo que fez o suficiente para mantê-los felizes. Deixou Sansum construir sua grande igreja.

— Onde?

— Em Caer Cadarn — sorri, lembrando. — Nunca foi terminada, mas deveria ser uma grande igreja em forma de cruz. Ele dizia que a igreja receberia o segundo advento de Cristo no ano 500, e derrubou a maior parte do salão de festas e usou a madeira para construir a parede e desfez o círculo de pedras para montar os alicerces da igreja. Mas deixou a pedra real, claro. Depois pegou metade das terras que pertenciam ao palácio de Lindinis e usou a riqueza delas para pagar aos monges de Caer Cadarn.

— A sua terra?

Balancei a cabeça.

— Nunca foi minha terra, sempre foi de Mordred. E, claro, Mordred quis que fôssemos expulsos de Lindinis.

— Para que ele pudesse viver no palácio?

— Para que Sansum pudesse. Mordred se mudou para o palácio de inverno de Uther. Ele gostava de lá.

— E para onde você foi?

— Encontramos um lar. — Era o antigo salão de Ermid, a sul do lago de Issa. O nome do lago não era por causa do meu Issa, claro, mas de um antigo chefe tribal, e Ermid tinha sido outro chefe que morou na margem sul do lago. Quando ele morreu comprei suas terras, e depois de Sansum e Morgana ocuparem Lindinis, me mudei para lá. As garotas sentiam falta dos corredores amplos e dos salões ecoantes de Lindinis, mas eu gostava da residência de Ermid. Era antiga, coberta de palha, sombreada por árvores e cheia de aranhas que faziam Morwenna gritar e, pelo bem de minha filha mais velha, eu me tornei lorde Derfel Cadarn, o matador de aranhas.

— Você teria matado Culhwch? — pergunta Igraine.

— Claro que não!

— Odeio Mordred — disse ela.

— Não está sozinha nisso, senhora.

Ela olhou para o fogo durante alguns instantes.

— Ele realmente precisava ser rei?

— Desde que isso estivesse nas mãos de Artur, sim. Se fosse eu? Não, eu tê-lo-ia matado com Hywelbane, mesmo que isso significasse romper meu juramento. Ele era um garoto triste.

— Tudo isso parece triste.

— Houve muita felicidade naqueles anos, e, mesmo depois, algumas vezes. Éramos bastante felizes. Ainda me lembro dos gritos das meninas ecoando em Lindinis, o som dos pés e a empolgação delas diante de algum novo jogo ou alguma descoberta estranha. Ceinwyn vivia feliz, tinha um dom para isso, e os que estavam ao redor dela captavam a felicidade e passavam adiante. E acho que Dumnonia era feliz. Prosperou, sem dúvida, e quem trabalhava muito ficou rico. Os cristãos fervilhavam de descontentamento, mas mesmo assim aqueles foram os anos gloriosos, o tempo de paz, o tempo de Artur.

Igraine afastou os novos pedaços de pergaminho para encontrar uma passagem específica.

— E quanto à Távola Redonda... — começou.

— Por favor. — Levantei a mão para silenciar o que sabia que seria um protesto.

— Derfel! — disse ela com seriedade. — Todo mundo sabe que foi uma coisa séria! Uma coisa importante! Todos os melhores guerreiros da Britânia, todos jurados a Artur, e todos amigos. Todo mundo sabe disso!

— Era uma mesa de pedra rachada, que no fim do dia estava ainda

mais rachada e suja de vômito. Todos ficaram muito bêbados.

Ela suspirou.

— Espero que tenha esquecido a verdade — falou, descartando o assunto muito facilmente, o que me faz pensar que Dafydd, o escrivão que traduz minhas palavras para a língua britânica, imaginará alguma coisa mais ao gosto de Igraine. Cheguei a ouvir uma história, não faz muito tempo, dizendo que a mesa era um vasto círculo de madeira em volta do qual toda a Irmandade da Britânia sentava-se com solenidade, mas nunca houve tal mesa, nem poderia ter havido, a não ser que tivéssemos cortado metade das florestas de Dumnonia para construí-la.

— A Irmandade da Britânia — falei pacientemente — foi uma ideia de Artur que nunca funcionou. Não poderia! Os juramentos reais dos homens tinham precedência sobre o juramento da Távola Redonda, e além disso ninguém, a não ser Artur e Galahad, jamais acreditou nele. No fim, creia, até ele ficava embaraçado quando alguém o mencionava.

— Tenho certeza de que você está certo — disse ela, querendo dizer que tinha certeza absoluta de que eu estava errado. — E quero saber o que aconteceu com Merlin.

— Vou contar. Prometo.

— Agora! Conte agora. Ele simplesmente foi definhando?

— Não. Seu tempo chegou. Nimue estava certa, veja bem. Em Lindinis ele só estava esperando. Ele sempre gostou de fingir, lembre-se, e naqueles anos fingiu ser um homem velho, agonizante, mas por baixo, onde nenhum de nós enxergava, o poder permanecia. Mas ele era velho, e tinha de juntar seu poder. Estava esperando o momento em que o Caldeirão fosse revelado. Sabia que então iria precisar do poder, mas, até que isso acontecesse, ele estava feliz em deixar que Nimue guardasse a chama.

— Então o que aconteceu? — perguntou Igraine, empolgada.

Enrolei a manga do manto em volta do cotoco do pulso.

— Se Deus permitir que eu viva, senhora, contarei. — E não quis falar mais. Eu estava à beira das lágrimas, lembrando-me daquela selvagem demonstração do poder de Merlin sobre a Britânia, mas aquele momento está muito, muito adiante na narrativa, muito depois do tempo em que se realizou a profecia de Nimue sobre a vinda dos reis a Cadarn.

— Se você não contar, não conto minha novidade.

— A senhora está grávida — falei — e fico muito feliz por isso.

— Você é um monstro, Derfel. Eu queria fazer uma surpresa!

— A senhora rezou por isso, e rezei pela senhora, e como Deus poderia não atender às nossas preces?

Ela fez uma careta.

— Deus mandou varíola para Nwylle, foi o que Deus fez. Ela ficou cheia de manchas e feridas, e chorando pus, por isso o rei a mandou

embora.

— Fico muito satisfeito.

Ela tocou a barriga.

— Só espero que ele viva para governar, Derfel.

— Ele?

— Ele — disse ela com firmeza.

— Então rezarei por isso também — falei piedosamente, mas não sabia se rezaria para o Deus de Sansum ou para os Deuses mais selvagens da Britânia. Tantas orações fiz durante a vida, tantas, e aonde elas me trouxeram? A este refúgio úmido nos morros enquanto nosso velho inimigo canta em nossos salões antigos. Mas esse final também está muito adiante, e a história de Artur está longe de terminar. De certa forma, mal começou, porque agora, quando ele descartou sua glória e entregou o poder a Mordred, vieram os tempos das provas, e seriam testes para Artur, meu senhor dos juramentos, meu senhor duro, mas meu amigo até a morte.

*

A princípio nada aconteceu. Prendemos o fôlego, esperamos o pior, e nada aconteceu.

Preparamos o feno, depois cortamos linho e pusemos as hastes fibrosas nos poços de maceração de modo que os povoados federam durante semanas. Colhemos os campos de centeio, cevada e trigo, depois ouvimos os escravos cantando suas canções no terreno de debulha ou as mós girando interminavelmente. A palha da colheita, usamos para reparar os tetos de modo que, durante um tempo, retalhos de telhados dourados brilhavam ao sol do fim de verão. Limpamos os pomares, cortamos a lenha para o inverno e colhemos hastes de salgueiro para os cesteiros, comemos amoras e nozes, tiramos as abelhas de suas colmeias usando fumaça e prensamos o mel em sacos que penduramos na frente dos fogões da cozinha, onde deixamos comida para os mortos na véspera de Samain.

Os saxões permaneceram em Lloegyr, a justiça era feita em nossos tribunais, virgens eram dadas em casamento, crianças nasciam e crianças morriam. O fim do ano trouxe névoas e gelo. O gado foi morto e o fedor dos poços de maceração deu lugar ao cheiro nauseabundo dos poços de curtume. O linho recém-tecido estava em tonéis cheios de cinza, água de chuva e a urina que tínhamos coletado o ano todo, os impostos de inverno foram pagos, e no solstício nós, mitraístas, matamos um touro no festival anual que homenageava o sol, enquanto no mesmo dia os cristãos comemoraram o nascimento de seu Deus. No Ibolc, a grande festa da estação fria, alimentamos duzentas almas em nosso salão, certificamo-nos de que três facas fossem postas sobre a mesa para uso dos Deuses invisíveis e oferecemos sacrifícios para as

colheitas do novo ano. Cordeiros recém-nascidos foram o primeiro sinal daquele ano que despertava, em seguida veio a época de arar e de semear, e de brotos novos nas árvores velhas e desnudas. Foi o primeiro ano do governo de Mordred.

Esse governo tinha trazido algumas mudanças. Mordred exigiu receber o Palácio de Inverno de seu avô, e isso não surpreendeu ninguém, mas fiquei surpreso quando Sansum exigiu o palácio de Lindinis. Fez a exigência no Conselho, dizendo que precisava do espaço do palácio para a sua escola e para a comunidade de mulheres santas de Morgana, e porque queria estar perto da igreja que estava construindo no cume do Caer Cadarn. Mordred acenou consentindo, e assim Ceinwyn e eu fomos sumariamente expulsos, mas o salão de Ermid estava vazio e nos mudamos para o conjunto de construções assombrado pela névoa junto ao lago. Artur argumentou contra deixar Sansum em Lindinis, assim como se opôs à exigência de Sansum, de que o tesouro real pagasse o reparo dos danos feitos ao palácio, segundo Sansum, por muitas crianças indisciplinadas, mas Mordred negou a argumentação de Artur. Aquelas foram as únicas decisões de Mordred, porque geralmente se contentava em deixar que Artur cuidasse das questões do reino. Artur, mesmo não sendo mais protetor de Mordred, era agora o principal conselheiro e o rei raramente vinha ao Conselho, preferindo caçar. Nem sempre eram cervos ou lobos que ele caçava, e Artur e eu nos acostumamos a levar ouro a alguma cabana de camponês para recompensar o homem pela virgindade da filha ou a vergonha da esposa. Não era um serviço agradável, mas raro e feliz era o reino em que isso não fosse necessário.

Dian, nossa filha mais nova, ficou doente naquele verão. Era uma febre que não queria passar, ou melhor, que vinha e ia, mas com tal ferocidade que três vezes achamos que ela estava morta, e por três vezes os preparados de Merlin a fizeram reviver, mas nada que o velho fizesse parecia capaz de afastar de vez a aflição. Dian prometia ser a mais animada de nossas três filhas. Morwenna, a mais velha, era uma criança sensível que adorava cuidar das mais novas e ficava fascinada pelos serviços domésticos; sempre curiosa com as cozinhas, com os poços de maceração ou os tonéis de clareamento do linho. Seren, a estrela, era a nossa beldade, uma criança que tinha herdado a aparência delicada da mãe, mas havia acrescentado a ela uma natureza pensativa e encantadora. Passava horas com os bardos aprendendo canções e tocando harpa, mas Dian, como sempre dizia Ceinwyn, era minha filha. Dian não tinha medo. Era capaz de atirar com arco e flecha, adorava montar a cavalo e até mesmo aos seis anos podia manobrar um barquinho tão bem quanto os pescadores do lago. Estava com seis anos quando a febre a atacou, e se não fosse aquela febre provavelmente teríamos todos viajado a Powys, porque faltava um mês para o primeiro

aniversário da aclamação de Mordred quando de repente o rei exigiu que Artur e eu viajássemos ao reino de Cuneglas.

Mordred fez a exigência em um de seus raros comparecimentos ao Conselho. Aquela exigência súbita nos surpreendeu, bem como a necessidade da tarefa que ele propôs, mas o rei estava decidido. Claro que havia outro motivo, mas nem Artur nem eu o vimos na ocasião, e ninguém mais do Conselho viu, a não ser Sansum, que tinha proposto a ideia, e demoramos muito para deduzir os motivos do lorde camundongo para a sugestão. Tampouco havia algum motivo para que suspeitássemos da proposta do rei, já que ela parecia bastante razoável, mas nem Artur nem eu entendemos por que deveríamos ser os dois despachados a Powys.

A questão decorria de uma história antiga, muito antiga. Norwenna, mãe de Mordred, tinha sido assassinada por Gundleus, o rei de Silúria, e, apesar de Gundleus ter recebido sua punição, o homem que traíra Norwenna ainda vivia. Seu nome era Ligessac, e tinha sido o chefe da guarda de Mordred quando o rei era apenas um bebê. Mas Ligessac aceitara o suborno de Gundleus e abrira os portões do Tor de Merlin aos intentos assassinos do rei siluriano. Morgana tinha levado Mordred para a segurança, mas sua mãe morreu. Ligessac, cuja traição causara a morte de Norwenna, havia sobrevivido à batalha do vale do Lugg.

Mordred tinha ouvido a história, claro, e era natural que sentisse interesse pelo destino de Ligessac, mas foi o bispo Sansum quem transformou esse interesse numa obsessão. De algum modo Sansum descobriu que Ligessac havia buscado refúgio com um bando de eremitas cristãos numa remota área montanhosa no norte de Silúria, que agora estava sob o domínio de Cuneglas.

— Dói-me trair um colega cristão — anunciou hipocritamente o lorde camundongo na reunião do Conselho —, mas dói-me igualmente que um cristão seja culpado de traição tão imunda. Ligessac ainda vive, senhor rei — disse ele a Mordred —, e deve ser trazido à sua justiça.

Artur sugeriu que pedíssemos a Cuneglas para prender o fugitivo e mandá-lo a Dumnonia, mas Sansum balançou a cabeça e disse que certamente era descortês pedir a outro rei para iniciar uma vingança que tocava tão de perto a honra de Mordred.

— Esta é uma questão dumnoniana — insistiu Sansum — e os dumnonianos, senhor rei, devem ser os agentes do seu sucesso.

Mordred concordou balançando a cabeça, depois insistiu em que Artur e eu fôssemos capturar o traidor. Artur, como sempre surpreso quando Mordred se apresentava com ênfase no conselho, objetou. Queria saber, por que dois lordes deveriam ir numa tarefa que poderia ser deixada na mão de uma dúzia de lanceiros? Mordred fez um muxoxo diante da pergunta.

— Você acha, lorde Artur, que Dumnonia cairá se você e Derfel

estiverem ausentes?

— Não, senhor rei, mas Ligessac deve estar velho, e não vai precisar de dois bandos de guerreiros para capturá-lo.

O rei bateu com o punho na mesa.

— Depois do assassinato de minha mãe você deixou Ligessac escapar. No vale do Lugg, lorde Artur, você deixou Ligessac escapar de novo. Você me deve a vida de Ligessac.

Artur se enrijeceu momentaneamente diante da acusação, mas depois inclinou a cabeça, reconhecendo a obrigação.

— Mas Derfel não era responsável — observou.

Mordred olhou para mim. Ainda desgostava de mim por todas as surras que tinha levado na infância, mas eu esperava que os tapas que ele me dera em sua aclamação e seu triunfo mesquinho em nos expulsar de Lindinis tivesse diminuído a sede de vingança.

— Lorde Derfel — disse ele, como sempre fazendo o título parecer uma zombaria — conhece o traidor. Quem mais iria reconhecê-lo? Insisto em que vão os dois. E não precisam levar dois bandos de guerreiros. — Ele reverteu à objeção anterior de Artur. — Bastam alguns homens. — Mordred devia estar embaraçado em dar tal conselho militar a Artur, porque sua voz se esvaiu fracamente e ele olhou sem jeito para outros conselheiros antes de recuperar a pequena pose que possuía. — Quero Ligessac à minha frente antes do Samain. E quero vivo.

Quando um rei insiste, os homens obedecem, por isso Artur e eu cavalgamos para o norte com trinta homens cada um. Nenhum de nós achava que precisaríamos de tantos, mas era uma oportunidade de dar aos homens pouco aproveitados a chance de uma marcha longa. Meus outros trinta homens permaneceram guardando Ceinwyn, enquanto os outros homens de Artur ficaram em Durnovária ou então foram reforçar Sagamor, que continuava guardando a fronteira norte contra os saxões. Os bandos de guerreiros saxões continuavam, como sempre, ativos naquela fronteira, não tentando nos invadir, mas tentando roubar gado e escravos, como tinham feito em todos os anos de paz. Fazíamos incursões semelhantes, mas os dois lados cuidavam para que os ataques não se transformassem numa guerra em escala total. A paz precária que tínhamos forjado em Londres havia durado notavelmente bem, mas houvera pouca paz entre Aelle e Cerdic. Aqueles dois tinham lutado um contra o outro até chegar a um impasse, e seus entreveros não nos haviam molestado. Na verdade, ficáramos acostumados à paz.

Meus homens caminhavam para o norte enquanto os de Artur cavalgavam, ou pelo menos guiavam os cavalos, pelas boas estradas romanas que nos levaram primeiro ao reino de Meurig, Gwent. O rei nos deu uma festa a contragosto, na qual o número de nossos homens foi suplantado pelo de padres, e depois disso fizemos um desvio até o vale de Wye para ver o velho Tewdric, que encontramos morando numa

humilde cabana coberta de palha, da metade do tamanho da construção onde ele mantinha sua coleção de pergaminhos cristãos. Sua mulher, a rainha Enid, reclamava do destino que a retirara dos palácios de Gwent para aquela vida na floresta, cercada por camundongos, mas o velho rei estava feliz. Tinha tomado as ordens cristãs e jubilosamente ignorado as reclamações de Enid. Deu-nos uma refeição composta de feijões, pão e água e se regozijou com a notícia da disseminação do cristianismo por Dumnonia. Nós lhe perguntamos sobre as profecias que falavam da volta de Cristo dentro de quatro anos, e Tewdric disse que rezava para que fossem verdadeiras, mas suspeitava de que era muito mais provável que Cristo esperasse mil anos antes de voltar em glória.

— Mas quem sabe? — perguntou ele. — É possível. Ele virá dentro de quatro anos. Que pensamento glorioso!

— Só gostaria de que seus colegas cristãos se contentassem em esperar em paz — disse Artur.

— Eles têm o dever de se preparar para a chegada d'Ele — disse Tewdric com seriedade. — Devem converter lorde Artur, e livrar a terra do pecado.

— Eles vão criar uma guerra entre si próprios e o resto de nós se não tiverem cuidado — resmungou Artur. Em seguida Artur contou a Tewdric sobre os tumultos em cada cidade dumnoniana enquanto os cristãos tentavam derrubar ou violar templos pagãos. As coisas que tínhamos visto em Isca foram apenas o início dessas encrencas, e a inquietação se espalhava rapidamente, e um dos sintomas do problema crescente era o sinal do peixe, um simples rabisco de duas linhas curvas, que os cristãos pintavam em paredes pagãs ou gravavam nas árvores dos bosques druídicos. Culhwch estava certo: o peixe era um símbolo cristão.

— É porque a palavra grega para peixe é *ichtus* — disse Tewdric —, e as letras gregas formam o nome de Cristo. *Iesous Christos, Theou Uios, Solter*. Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador. Muito interessante, de fato é muito interessante. — Ele deu um risinho de prazer pela própria explicação, e era fácil ver de onde Meurig herdara seu pedantismo irritante. — Claro que se eu ainda fosse um governante estaria preocupado com todo esse tumulto, mas como cristão devo recebê-lo bem. Os santos padres nos dizem que haverá muitos sinais e portentos nos últimos dias, lorde Artur, e as perturbações civis são apenas um desses sinais. Então talvez o fim esteja próximo, não é?

Artur esfarelou um pedaço de pão em seu prato.

— O senhor realmente recebe bem esses tumultos? Aprova os ataques contra os pagãos? Templos queimados e violados?

Tewdric olhou pela porta aberta para a mata verde que parecia comprimir seu pequeno mosteiro.

— Acho que deve ser difícil para os outros entenderem — disse ele,

fugindo de uma resposta à pergunta de Artur. — Você deve ver os tumultos como sintomas de empolgação, lorde Artur, e não como sinais da graça de nosso Senhor. — Ele fez o sinal da cruz e sorriu para nós. — Nossa fé — disse com seriedade — é uma fé do amor. O Filho de Deus se humilhou para nos salvar de nossos pecados, e somos chamados a imitá-lo em tudo que fazemos ou pensamos. Somos encorajados a amar nossos inimigos e a fazer o bem aos que nos odeiam, mas esses mandamentos são difíceis, difíceis demais para a maioria das pessoas. E você deve lembrar por que rezamos mais fervorosamente, pela volta de nossos Senhor Jesus Cristo a esta terra. — Ele fez de novo o sinal da cruz. — As pessoas rezam e anseiam por Sua segunda vinda, e temem que se o mundo ainda estiver governado por pagãos Ele talvez não venha, de modo que se sentem impelidos a destruir o paganismo.

— Destruir o paganismo não parece adequado para uma religião que prega o amor — observou Artur, mordaz.

— Destruir o paganismo é um ato cheio de amor — insistiu Tewdric. — Se vocês, pagãos, se recusam a aceitar Cristo, certamente vão para o inferno. Não importa que levem uma vida de virtude, porque mesmo assim queimarão durante toda a eternidade. Nós, cristãos, temos o dever de salvá-los desse destino, e isso não é um ato de amor?

— Não se eu não quiser ser salvo — disse Artur.

— Então deve suportar a inimizade dos que o amam. Ou pelo menos deve suportá-la até que essa empolgação acabe. E acabará. Esses entusiasmos nunca duram muito, e se Nosso Senhor Jesus Cristo não voltar dentro de quatro anos a empolgação certamente vai se esvair até a chegada do milênio. — Ele olhou de novo para a floresta densa. — Como seria glorioso — disse numa voz cheia de espanto — se eu pudesse viver para ver o rosto de meu Salvador na Britânia! — Ele se virou de novo para Artur. — E temo que os portentos de Sua vinda sejam perturbadores. Sem dúvida os saxões serão um incômodo. Eles estão perturbando muito ultimamente?

— Não — disse Artur —, mas seu número cresce a cada ano. Temo que não fiquem quietos durante muito tempo.

— Rezarei para que Cristo venha antes deles. Não creio que eu suportaria perder terras para os saxões. Não que isso seja mais problema meu — acrescentou rapidamente —, deixei todas essas coisas com Meurig. — Ele se levantou quando uma trompa soou na capela próxima. — Está na hora de rezar! — disse com felicidade. — Será que vocês se juntariam a mim?

Pedimos licença e, na manhã seguinte, subimos os morros afastando-nos do mosteiro do velho rei e entramos em Powys. Duas noites depois estávamos em Caer Sws, onde nos reunimos com Culhwch, que estava prosperando em seu novo reino. Naquela noite todos bebemos muito hidromel, e na manhã seguinte, quando Cuneglas e eu fomos a Cwm

Isaf, minha cabeça estava dolorida. Descobri que o rei tinha mantido intacta a nossa casinha.

— Não sei quando vocês precisarão dela de novo, Derfel — disse ele.

— Talvez logo — admiti melancólico.

— Logo? Espero que sim.

Dei de ombros.

— Não somos realmente benquistos em Dumnonia. Mordred se ressentia de mim.

— Então peça para ser liberado de seu juramento.

— Já pedi, e ele recusou. — Eu tinha pedido após a aclamação, pedi de novo seis meses depois, e ele continuou recusando. Acho que ele era inteligente o bastante para saber que o melhor modo de me punir era me forçar a servi-lo.

— São os seus lanceiros que ele quer? — perguntou Cuneglas, sentando-se no banco sob a macieira perto da porta da casa.

— Apenas minha lealdade abjeta — falei amargamente. — Parece que ele não deseja lutar nenhuma guerra.

— Então não é um completo idiota — disse Cuneglas secamente. Depois falamos de Ceinwyn e das garotas, e Cuneglas se ofereceu para mandar Malaine, seu novo druida principal, para ajudar Dian. — Malaine tem uma habilidade notável com as plantas. Melhor do que o velho Iorweth. Você sabia que ele morreu?

— Ouvi dizer. E se puder abrir mão de Malaine, senhor rei, eu ficaria contente.

— Ele partirá amanhã. Não posso deixar minhas sobrinhas doentes. A sua Nimue não ajuda?

— Nem mais nem menos do que Merlin — falei, tocando a ponta da lâmina de uma velha foice que estava encravada na casca da macieira. O toque no ferro era para afastar o mal que ameaçava Dian. — Os Deuses antigos abandonaram Dumnonia — falei amargamente.

Cuneglas sorriu.

— Nunca é bom subestimar os Deuses, Derfel. Eles terão seu tempo em Dumnonia outra vez. — Ele fez uma pausa. — Os cristãos gostam de se chamar de cordeiros, não é? Bom, não deixe de ouvi-los balir quando os lobos chegarem.

— Que lobos?

— Os saxões — disse ele infeliz. — Eles nos deram dez anos de paz, mas seus barcos continuam chegando nas costas orientais e posso sentir seu poder crescendo. Se começarem a lutar conosco de novo os cristãos vão ficar muito felizes com as espadas pagãs. — Ele se levantou e pôs a mão em meu ombro. — Os saxões são um negócio inacabado, Derfel, um negócio inacabado.

Naquela noite ele nos deu uma festa, e na manhã seguinte, com um guia oferecido por Cuneglas, viajamos para o sul até os morros

desolados que atravessavam a antiga fronteira de Silúria.

Estávamos indo para uma remota comunidade cristã. Os cristãos ainda eram poucos em Powys, porque Cuneglas expulsava implacavelmente os missionários de Sansum de seu reino sempre que descobria a presença deles, mas alguns cristãos viviam no reino e havia muitos nas antigas terras de Silúria. Este grupo em particular era famoso entre os cristãos da Britânia por sua santidade, e eles demonstravam essa santidade vivendo num lugar selvagem e difícil. Ligessac tinha encontrado refúgio entre esses fanáticos cristãos que, segundo nos contara Tewdric, mortificavam a carne, e com isso quisera dizer que disputavam entre si para ver quem levava uma vida mais desgraçada. Alguns moravam em cavernas, outros recusavam qualquer tipo de abrigo, outros só comiam coisas verdes, alguns abriam mão de todas as roupas, outros se vestiam em camisas feitas de cabelos com espinhos trançados, alguns usavam coroas de espinhos e outros se batiam até sangrar, dia após dia, como os flagelantes que tínhamos visto em Isca. Para mim parecia que a melhor punição para Ligessac seria deixá-lo numa comunidade daquelas, mas recebêramos ordens de pegá-lo e levá-lo para casa, o que significava que teríamos de desafiar o líder da comunidade, um bispo feroz chamado Cadoc, cuja beligerância era famosa.

Essa reputação nos persuadiu a vestir as armaduras enquanto nos aproximávamos do esqualido reduto de Cadoc nas altas montanhas. Não usávamos as melhores armaduras, pelo menos aqueles dentre nós que tinham essa opção não usavam, porque um material de qualidade teria sido desperdiçado num bando enlouquecido de fanáticos religiosos, mas todos estávamos com elmos e usando malha ou couro, e levávamos escudos. Pelo menos, pensávamos, o equipamento de guerra poderia espantar os discípulos de Cadoc que, segundo garantiu nosso guia, não somavam mais de vinte almas.

— E todos são loucos — disse o guia. — Um deles ficou absolutamente imóvel durante um ano inteiro! Nem mexia um músculo, pelo que dizem. Ficava parado como um varapau enquanto empurravam comida numa extremidade e tiravam bosta na outra. Deus estranho, o que exige uma coisa dessas de um homem.

A estrada para o refúgio de Cadoc tinha sido batida pelos pés dos peregrinos, e serpenteava pelos flancos de morros amplos e desnudos onde as únicas coisas vivas que enxergávamos eram ovelhas e bodes. Não víamos pastores, mas sem dúvida eles nos viam.

— Se Ligessac tiver algum senso já foi embora há muito — disse Artur. — Eles já devem ter nos visto.

— E o que diremos a Mordred?

— A verdade, claro — disse ele, sombrio. Sua armadura era composta de um elmo comum de lanceiro e um peitoral de couro, mas

até mesmo essas coisas humildes pareciam arrumadas e limpas nele. Sua vaidade nunca foi espalhafatosa como a de Lancelot, mas Artur se orgulhava da própria limpeza, e de algum modo toda essa expedição pelas terras altas e áridas ofendia seu sentimento do que era limpo e adequado. O tempo não ajudava, porque era um dia feio de verão, com a chuva chicoteando do oeste num vento frio.

O ânimo de Artur podia parecer baixo, mas nossos lanceiros estavam animados. Faziam piadas sobre atacar a fortaleza do poderoso rei Cadoc e alardeavam o ouro, os anéis de guerreiros e os escravos que capturariam, e as afirmações extravagantes faziam-nos rir quando finalmente chegamos à última corcova dos morros e pudemos olhar o vale onde Ligessac encontrara refúgio. Era realmente um lugar de penúria: um mar de lama onde uma dúzia de cabanas de pedra redondas rodeavam uma pequena igreja quadrada, também de pedras. Havia alguns precários canteiros de verduras, um pequeno lago escuro e alguns currais para os bodes da comunidade, mas nenhuma paliçada.

A única defesa do vale era uma grande cruz de pedra gravada com desenhos intrincados e uma imagem do Deus cristão entronizado em glória. A cruz, que era um maravilhoso trabalho de cantaria, marcava o lugar onde começava a terra de Cadoc, e foi ao lado da cruz, à plena vista do minúsculo povoado que ficava a apenas doze vezes a distância de uma lança arremessada, que Artur fez parar nosso bando de guerreiros.

— Não devemos invadir antes de termos a chance de conversar com eles — falou em voz amena. Em seguida, pousou o cabo da lança no chão, ao lado das patas dianteiras de seu cavalo, e esperou.

Havia uma dúzia de pessoas visíveis junto às cabanas, e ao nos ver elas fugiram para a igreja, de onde, um momento depois, surgiu um homem enorme que subiu o caminho em nossa direção. Era um gigante, alto como Merlin, e com peito largo e mãos grandes e capazes. Também era imundo, com rosto sujo e um manto marrom cheio de lama, e o cabelo grisalho, tão sujo quanto o manto, parecia nunca ter sido cortado. A barba crescia selvagem até abaixo da cintura, enquanto atrás da tonsura o cabelo se espalhava em emaranhados imundos como um velocino cinza recém-tosquiado. O rosto era bronzeado e ele tinha boca larga, testa que se projetava e olhos irados. Era um rosto impressionante. Levava um cajado na mão direita, e do quadril esquerdo, sem bainha, pendia uma gigantesca espada enferrujada. Parecia ter sido um lanceiro útil, e não duvidei de que ainda fosse capaz de dar um ou dois golpes fortes.

— Vocês não são bem-vindos — gritou enquanto se aproximava —, a não ser que venham pousar suas almas miseráveis diante de Deus.

— Nossas almas já estão postas diante de nossos Deuses — respondeu Artur afavelmente.

— Pagãos! — cuspiu o sujeito enorme, que, presumi, devia ser o famoso Cadoc. — Vêm com ferro e aço a um lugar onde os filhos de Cristo brincam com o Cordeiro de Deus?

— Viemos em paz — insistiu Artur.

O bispo cuspiu um grande perdigoto amarelo na direção do cavalo de Artur.

— Você é Artur ap Uther ap Satã — disse ele —, e sua alma é um trapo imundo.

— E você, suponho, é o bispo Cadoc — respondeu Artur cheio de cortesia.

O bispo parou ao lado da cruz e riscou uma linha na estrada, com o cabo de seu cajado.

— Apenas os fiéis e os penitentes podem atravessar esta linha — declarou — porque este é terreno sagrado de Deus.

Durante alguns instantes Artur olhou para a sujeira enlameada adiante, depois deu um sorriso grave para o desafiador Cadoc.

— Não tenho desejo de entrar em seu terreno de Deus, bispo, mas lhe peço, em paz, que nos traga o homem chamado Ligessac.

— Ligessac — trovejou Cadoc para nós como se estivesse se dirigindo a uma congregação de milhares de pessoas — é filho abençoado e santo de Deus. Recebeu refúgio aqui e nem você nem nenhum suposto lorde pode invadir esse santuário.

Artur sorriu.

— Um rei governa aqui, bispo, não o seu Deus. Só Cuneglas pode oferecer refúgio, e ele não fez isso.

— O meu rei, Artur, é o Rei dos Reis — disse Cadoc com orgulho — e Ele ordenou que eu recusasse sua entrada.

— Vão resistir a mim? — perguntou Artur com surpresa educada na voz.

— Até a morte! — gritou Cadoc.

Artur balançou a cabeça, triste.

— Não sou cristão, bispo, mas vocês não pregam que o seu Outro Mundo é um lugar de delícias absolutas? — Cadoc não respondeu e Artur deu de ombros. — Então lhes faço um favor levando-os logo para tal destino, não é? — Ele fez a pergunta e em seguida desembainhou Excalibur.

O bispo usou o cajado para aprofundar a linha que tinha rabiscado no caminho lamacento.

— Eu os proíbo de atravessar esta linha — gritou. — Proíbo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo! — Depois levantou o cajado e apontou para Artur. Manteve o cajado imóvel por um instante, depois girou-o para abarcar o resto de nós, e confesso que senti um arrepio naquele momento. Cadoc não era nenhum Merlin, e seu Deus, pensei, não tinha poder como os Deuses de Merlin, mas mesmo assim estremei

quando aquele cajado apontou para mim, e meu medo me fez tocar minha malha de ferro e cuspir na estrada. — Agora vou fazer minhas orações, Artur, e você, se quiser viver, vai fazer a volta e ir embora deste lugar, porque se passar por esta cruz sagrada eu lhe juro, pelo doce sangue do senhor Jesus Cristo, que suas almas queimarão atormentadas. Vocês conhecerão o fogo eterno. Serão condenados desde o início dos tempos até o fim, e desde as abóbadas do céu até o fundo dos poços do inferno. — E com essa maldição feroz ele cuspiu mais uma vez, depois se virou e foi embora.

Artur usou a ponta da capa para enxugar a chuva que molhava Excalibur, depois embainhou a espada.

— Parece que não somos bem-vindos — disse ele com certa diversão, depois se virou e chamou Balin, que era o cavaleiro mais velho. — Pegue os cavaleiros e vá por trás do povoado. Certifique-se de que ninguém escape. Assim que estiver no lugar, levarei Derfel e os homens dele para revistar as casas. E escutem! — Ele ergueu a voz de modo que todos os sessenta homens pudessem ouvi-lo. — Essas pessoas vão resistir. Vão nos insultar e lutar contra nós, mas não temos nada contra elas. Só com Ligessac. Vocês não roubarão nem irão ferir nenhuma delas desnecessariamente. Vão se lembrar de que são soldados, e elas não. Vão tratá-las com respeito e devolver as maldições com silêncio. — Artur falou sério, e então, quando teve certeza de que todos os nossos homens tinham entendido, sorriu para Balin e fez um gesto para que ele fosse cumprir a ordem.

Os trinta cavaleiros armados se adiantaram, saindo da estrada para galopar em volta da borda do vale e chegar à encosta mais distante, atrás do povoado. Cadoc, que ainda estava andando para a sua igreja, olhou para eles, mas não demonstrou alarme.

— Como será que ele sabia quem éramos? — perguntou Artur.

— O senhor é famoso — falei. Eu ainda o chamava de senhor, e sempre chamaria.

— Meu nome talvez seja conhecido, mas não meu rosto. Não aqui. — Ele deu de ombros para o mistério. — Ligessac sempre foi cristão?

— Desde que o conheci. Mas nunca foi um bom cristão.

Ele sorriu.

— A vida virtuosa fica mais fácil quando a gente é mais velha. Pelo menos eu acho que sim. — Ele olhou seus cavaleiros passarem galopando pela aldeia, os cascos levantando grandes jorros de água do capim encharcado, depois levantou a lança e olhou para meus homens. — Lembrem-se agora! Nada de roubar! — Eu me perguntei o que poderia haver para ser roubado num lugar daqueles, mas Artur sabia que todos os lanceiros geralmente encontravam algo para levar. — Não quero problemas. Só vamos procurar o homem, depois ir embora. — Ele tocou os flancos de Llamrei e a égua preta começou a andar

obedientemente. Seguimos a pé, com as botas apagando a linha rabiscada por Cadoc na estrada lamacenta ao lado da cruz cheia de desenhos intrincados. Nenhum fogo veio do céu.

O bispo tinha chegado à sua igreja, e parou na entrada, virou-se, viu que estávamos indo e entrou.

— Eles sabiam que vínhamos — disse-me Artur —, de modo que não vamos encontrar Ligessac aqui. Acho que é uma perda de tempo, Derfel. — Uma ovelha aleijada atravessou o caminho mancando, e Artur refreou a égua para lhe dar passagem. Eu o vi estremecer e soube que ele se sentia ofendido pela sujeira do povoado, quase capaz de se rivalizar com a imundície do Tor de Nimue.

Cadoc reapareceu na porta da igreja quando estávamos a apenas cem passos de distância. Agora nossos cavaleiros esperavam atrás do povoado, mas Cadoc não se incomodou em olhá-los. Apenas levou um grande chifre de carneiro aos lábios e fez um chamado que ecoou na tigela desnuda formada pelos morros. Tocou uma vez, parou para respirar fundo e depois tocou de novo.

E de repente estávamos com uma batalha nas mãos.

Eles sabiam mesmo que estávamos vindo, e estavam preparados. Cada cristão de Powys e Silúria devia ter sido convocado para defender Cadoc, e agora aqueles homens apareciam em todas as cristas em volta do vale enquanto outros corriam para bloquear a estrada atrás de nós. Alguns traziam lanças, outros tinham escudos, e outros levavam apenas foices, mas pareciam muito confiantes. Muitos, eu sabia, teriam sido lanceiros que serviram no *levy* para a guerra, mas o que dava verdadeira confiança àqueles cristãos, afora a fé em seu Deus, era que eles somavam pelo menos duzentos homens.

— Idiotas! — disse Artur, furioso. Ele odiava violência desnecessária, e sabia que algumas mortes eram inevitáveis. Também sabia que venceríamos, porque apenas fanáticos que acreditavam que seu Deus lutaria por eles enfrentariam sessenta dos melhores guerreiros de Dumnonia. — Idiotas! — cuspiu de novo, depois olhou para o povoado e viu mais homens armados chegando das cabanas. — Fique aqui, Derfel — disse ele. — Apenas os segure, e nós vamos expulsá-los. — Ele esporeou o animal e galopou sozinho pela borda do povoado, até seus cavaleiros.

— Anel de escudos — falei em voz baixa. Éramos apenas trinta homens, e nosso anel duplo formou um círculo tão pequeno que devia parecer um alvo fácil para aqueles cristãos que uivavam e corriam descendo os morros ou saindo do povoado para nos aniquilar. O anel de escudos nunca foi uma formação popular entre os soldados, porque a projeção das lanças para fora do círculo faz com que suas pontas fiquem separadas, e, quanto menor o anel, maior a distância entre as pontas das lanças, mas meus homens eram bem treinados. A fila da frente se

ajoelhou, com os escudos se tocando e os cabos das lanças compridas apoiados no chão atrás deles. Nós, da segunda fila, pusemos os escudos sobre os da primeira fila, forçando-os a se encostar no chão, de modo que os atacantes enfrentavam uma parede dupla de madeira coberta de couro. Então cada um de nós ficou de pé atrás de um dos homens ajoelhados e apontamos as lanças por cima da cabeça deles. Nosso serviço era proteger a fileira da frente e o deles era ficar firmes. Seria um trabalho duro e sangrento, mas enquanto os homens ajoelhados mantivessem seus escudos altos e as lanças firmes, e enquanto nós os protegêssemos, o anel de escudos ficaria bastante seguro. Lembrei a meus homens ajoelhados de seu treinamento, disse que eles eram apenas um obstáculo, e que deveriam deixar a matança para o resto de nós. — Bel está conosco — falei.

— Artur também — falou Issa, entusiasmado.

Porque Artur é que faria a verdadeira matança do dia. Nós éramos a isca e ele o executor, e os homens de Cadoc aceitaram a isca como um salmão faminto subindo para pegar uma mosca. O próprio Cadoc liderou o ataque vindo do povoado, levando sua espada enferrujada e um grande escudo redondo pintado com uma cruz preta, atrás do qual eu podia entrever a silhueta fantasmagórica da raposa de Silúria, que traía sua aliança anterior como lanceiro de Gundleus.

Aquela horda cristã não veio como uma parede de escudos. Isso poderia tê-los levado à vitória, mas em vez disso eles atacaram do modo antigo que os romanos nos fizeram abandonar através das derrotas. Nos velhos tempos, quando os romanos eram novos na Britânia, as tribos os atacavam num jorro glorioso, uivante, alimentado por hidromel. Um ataque assim era temível de se ver, mas fácil de se derrotar por homens disciplinados, e meus lanceiros eram maravilhosamente disciplinados.

Sem dúvida eles sentiam medo. Eu sentia medo, porque um ataque daqueles era terrível de se ver. Contra homens mal preparados ele funciona por causa do terror que provoca, e esta era a primeira vez que eu via aquele modo antigo das batalhas britânicas. Os cristãos de Cadoc corriam fanaticamente para nós, competindo para ver quem seria o primeiro a chegar às nossas lanças. Gritavam e xingavam, e parecia que cada um deles queria ser mártir ou herói. Sua corrida louca incluía até mulheres que gritavam brandindo pedaços de pau ou facas. Havia até crianças em meio àquela ralé uivante.

— Bel! — gritei quando o primeiro homem tentou saltar por cima dos nossos homens ajoelhados na primeira fila e morreu pela minha lança. Eu o atravessei como se ele fosse uma lebre pronta para ser assada, depois joguei-o, com lança e tudo, para fora do círculo, de modo que seu corpo agonizante formasse um obstáculo para seus camaradas. Hywelbane matou o homem seguinte, e eu podia ouvir meus lanceiros soltando seu terrível canto de batalha enquanto rasgavam, golpeavam,

cortavam e estocavam. Todos éramos muito bons, muito rápidos e extremamente bem treinados. Horas de treinamento monótono haviam penetrado naquele anel de escudos, e, mesmo tendo decorrido anos desde que a maioria de nós lutara numa batalha, descobrimos que os velhos instintos continuavam rápidos como sempre, e foram o instinto e a experiência que nos mantiveram vivos naquele dia. O inimigo era uma turba de fanáticos que gritava e fazia pressão, forçando-se contra o nosso anel e empurrando suas lanças em nossa direção, mas o anel externo de escudos se mantinha firme como uma rocha, e o monte de atacantes mortos e agonizantes que crescia tão rapidamente diante de nossos escudos atrapalhava os outros atacantes. Durante os dois primeiros minutos, aproximadamente, quando o terreno em volta de nosso anel de escudos continuava livre de obstáculos e os inimigos mais corajosos ainda conseguiam chegar perto, foi uma luta frenética. Mas, assim que o círculo de mortos e agonizantes nos protegeu, apenas os atacantes mais corajosos tentavam nos alcançar, e nós quinze do anel interno podíamos escolher os alvos e usá-los para treinarmos com lança ou espada. Lutávamos com rapidez, estimulávamos uns aos outros e matávamos sem misericórdia.

O próprio Cadoc chegou cedo à luta. Veio girando a enorme espada enferrujada, tão vigorosamente que ela assobiava no ar. Ele conhecia o serviço suficientemente bem, e tentou derrubar um dos homens ajoelhados, porque sabia que assim que o anel externo estivesse rompido o resto de nós morreria rapidamente. Aparei o golpe poderoso com Hywelbane, devolvi com um giro rápido que se perdeu em seus cabelos imundos, e então Eachern, o pequeno e forte lanceiro irlandês que ainda me servia apesar das ameaças de Mordred, acertou o rosto do bispo com o cabo de sua lança. A ponta da lança de Eachern havia desaparecido, arrancada por um golpe de espada, mas ele acertou na testa de Cadoc a ponta de ferro que havia na extremidade do cabo da lança. O bispo ficou zarolho durante um segundo, a boca aberta com dentes podres, e em seguida ele apenas afundou na lama.

O último atacante a tentar romper a parede de escudos foi uma mulher desgrenhada que subiu no círculo de mortos e gritou uma praga contra mim enquanto tentava pular sobre os homens ajoelhados na primeira fila. Agarrei seus cabelos, deixei sua foice se chocar em minha cota de malha e puxei-a para dentro do círculo, onde Issa bateu com força em sua cabeça. Foi então que Artur atacou.

Trinta cavaleiros com lanças compridas romperam a massa cristã. Acho que estávamos nos defendendo há uns três minutos, mas assim que Artur chegou a luta terminou num piscar de olhos. Seus cavaleiros vieram com lanças abaixadas, galopando a toda velocidade, e vi um terrível jorro de sangue quando uma das lanças acertou alguém, e então os atacantes estavam fugindo em pânico, e Artur, depois de largar a

lança e com Excalibur brilhando na mão, gritava para seus homens pararem com a matança.

— Só os afastem! — gritou ele. — Só os afastem! — Seus cavaleiros se dividiram em pequenos grupos que espalharam os sobreviventes aterrorizados e os caçaram pela estrada que ia em direção à cruz guardiã.

Meus homens relaxaram. Issa ainda estava sentado na mulher desgrenhada, e Eachern procurava sua ponta de lança. Dois homens no anel de escudos tinham recebido ferimentos feios, e um homem da segunda fila estava com o maxilar quebrado e sangrando, mas afora isso estávamos incólumes, enquanto ao redor havia vinte e três cadáveres e pelo menos um número igual de homens muito machucados. Cadoc, grogue devido ao golpe de Eachern, ainda estava vivo, e o amarramos pelas mãos e pés, e então, apesar das instruções de Artur para demonstrar respeito, cortamos seu cabelo e sua barba para envergonhá-lo. Ele cuspiu e xingava, mas enchemos sua boca com punhados da barba cortada, depois o fizemos andar de volta ao povoado.

E foi ali que descobri Ligessac. Ele não tinha fugido, simplesmente havia esperado junto ao pequeno altar da igreja. Agora era um velho, magro e grisalho, e obedeceu humildemente, mesmo quando cortamos sua barba e tecemos uma corda grosseira com seus cabelos e a amarramos em volta de seu pescoço, para mostrar que ele era um traidor condenado. Ele até pareceu satisfeito em me encontrar de novo depois de tantos anos.

— Eu disse que eles não iriam derrotá-lo — falou. — Não derrotariam Derfel Cadarn.

— Eles sabiam que vínhamos?

— Eles já sabiam há uma semana — disse ele, calmamente estendendo as mãos para que Issa amarrasse seus pulsos. — Até queríamos que vocês viessem. Achávamos que era a chance de livrar a Britânia de Artur.

— Por que desejavam isso? — perguntei.

— Porque Artur é inimigo dos cristãos, é por isso.

— Ele não é — falei, cheio de desprezo.

— E o que você sabe, Derfel? Estamos preparando a Britânia para a volta de Cristo, e temos de expulsar os pagãos desta terra! — Ele fez essa proclamação em voz alta e desafiadora, depois deu de ombros e riu. — Mas eu disse a eles que não havia como matar Artur e Derfel. Falei a Cadoc que vocês eram bons demais. — Ele se levantou e acompanhou Issa para fora da igreja, mas depois se virou para mim, perto da porta. — Acho que vou morrer agora, não é?

— Em Dumnonia — falei.

Ele encolheu os ombros.

— Verei a face de Deus. Então o que há a temer?

Eu o acompanhei para fora da igreja. Artur tinha destapado a boca do bispo, e agora Cadoc nos amaldiçoava com uma enxurrada de palavrões. Cutuquei o queixo recém-barbeado do bispo com a ponta de Hywelbane.

— Ele sabia que estávamos vindo — falei a Artur — e planejou nos matar aqui.

— E fracassou — disse Artur, virando a cabeça de lado para evitar uma cusparada do bispo. — Afaste a espada — ordenou-me.

— O senhor não o quer morto?

— A punição dele é viver aqui — decretou Artur —, em vez de no céu.

Pegamos Ligessac e fomos embora, e nenhum de nós refletiu de fato no que Ligessac revelara na igreja. Tinha dito que sabiam que viríamos há uma semana inteira, mas uma semana antes estávamos em Dumnonia, e não em Powys, e isso significava que alguém em Dumnonia enviara o alerta de nossa chegada. Mas nunca pensamos em conectar alguém de Dumnonia com o massacre enlameado naqueles morros miseráveis; ligamos o massacre ao fanatismo cristão, e não à traição, mas aquela emboscada foi tramada.

Até hoje, claro, existem cristãos que contam uma história diferente. Dizem que Artur surpreendeu o refúgio de Cadoc, estuprou as mulheres, matou os homens e roubou todos os tesouros de Cadoc, mas não vi nenhum estupro, matamos apenas os que tentaram nos matar, e não encontrei nenhum tesouro a ser roubado — mas, mesmo que houvesse, Artur não teria tocado nele. Chegaria um tempo, e não estava distante, em que eu veria Artur matar indiscriminadamente, mas todos aqueles mortos seriam pagãos; entretanto os cristãos ainda insistiam em que ele era seu inimigo, e a história da derrota de Cadoc só aumentou o ódio por ele. Cadoc foi transformado num santo vivo, e foi mais ou menos nessa época que os cristãos começaram a chamar Artur de Inimigo de Deus. Esse título raivoso ficou ligado a ele até o fim de seus dias.

Seu crime, claro, não foi ter partido algumas cabeças de cristãos no vale de Cadoc, e sim a tolerância pelo paganismo durante o tempo em que governou Dumnonia. Nunca ocorreu aos cristãos mais hidrófobos que o próprio Artur era pagão e tolerava o cristianismo, apenas o condenavam porque ele tinha poder de obliterar o paganismo e não o fez, e esse pecado o tornou Inimigo de Deus. Também lembravam, claro, como ele rescindira a determinação de Uther liberando a igreja de fazer empréstimos forçados.

Nem todos os cristãos o odiavam. Pelo menos uns vinte lanceiros que lutaram do nosso lado no vale de Cadoc eram cristãos. Galahad o amava, e havia muitos outros, como o bispo Emrys, que o apoiavam em silêncio, mas naqueles dias inquietos no fim dos primeiros anos do domínio de Cristo sobre a Terra a igreja não ouvia os homens calmos e

decentes, ouvia os fanáticos que diziam que os pagãos deveriam ser arrancados do mundo para que Cristo voltasse. Agora sei, claro, que a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo é a única fé verdadeira, e que não pode existir outra fé à luz gloriosa dessa verdade, mas ainda me parece estranho, até o dia de hoje, que Artur, o mais justo e leal dos governantes, fosse chamado de Inimigo de Deus.

Pois é. Nós demos uma dor de cabeça a Cadoc, amarramos a garganta de Ligessac com uma corda feita de seus cabelos e fomos embora.

Artur e eu nos separamos perto da cruz de pedra na entrada do vale de Cadoc. Ele levaria Ligessac para o norte e depois para o leste, indo encontrar as boas estradas que levavam de volta a Dumnonia, enquanto eu tinha decidido viajar mais para o interior de Silúria e procurar minha mãe. Levei Issa e quatro outros lanceiros, e deixei o resto marchar para casa com Artur.

Nós seis circulamos o vale de Cadoc, onde um espantoso bando de cristãos machucados e ensanguentados tinha se reunido para cantar orações por seus mortos, e depois atravessamos as colinas altas e desnudas descendo aos vales íngremes e verdes que levavam ao mar de Severn. Eu não sabia onde Erce vivia, mas suspeitava de que não seria difícil de ser encontrada, porque Tanaburs, o druida que eu tinha matado no vale do Lugg, a havia procurado para lançar-lhe um feitiço pavoroso. E sem dúvida a escrava saxã que recebera uma maldição tão terrível do druida seria bem conhecida. E era.

Encontrei-a vivendo junto ao mar, num minúsculo povoado onde as mulheres faziam sal e os homens pescavam. Os moradores se afastaram dos escudos estranhos dos meus homens, mas entrei numa das choças onde uma criança temerosa apontou a casa da saxã, uma cabana no alto de um penhasco acima da praia. Nem sequer era uma cabana, e sim um abrigo grosseiro feito de madeira apanhada no mar e coberta parcamente com palha e algas. Um fogo ardia no pequeno espaço do lado de fora do abrigo, e havia uma dúzia de peixes defumando acima das chamas, enquanto mais fumaça sufocante subia das fogueiras de carvão que ferviam as panelas de sal na base do penhasco baixo. Deixei a lança e o escudo na base do penhasco e subi o caminho íngreme. Um gato mostrou os dentes e sibilou para mim quando me agachei para olhar dentro da cabana escura.

— Erce? — chamei. — Erce?

Alguma coisa se agitou nas sombras. Era uma forma monstruosa e escura que soltou camadas de peles e trapos para me olhar.

— Erce? — perguntei. — Você é Erce?

O que será que eu esperava naquele dia? Não via minha mãe há mais de 25 anos, desde o dia em que fora arrancado de seus braços pelos

lanceiros de Gundleus e entregue a Tanaburs para ser sacrificado no poço da morte. Erce gritara enquanto eu era arrancado de suas mãos, e em seguida ela fora levada para sua nova escravidão em Silúria, e deve ter suposto que eu estava morto até quando Tanaburs lhe revelou que eu ainda vivia. Em minha mente nervosa, enquanto andava para o sul pelos vales íngremes de Silúria, tinha imaginado um abraço, lágrimas, perdão e felicidade.

Mas em vez disso uma mulher enorme, com o cabelo louro transformado num grisalho sujo, arrastou-se para fora do amontoado de peles e cobertores e ficou piscando diante de mim, cheia de suspeitas. Era uma criatura vasta, um grande monte de carne decadente com um rosto redondo como um escudo e marcado por doença e cicatrizes, e com olhos pequenos, duros e injetados.

— Eu me chamava Erce antigamente — disse numa voz rouca.

Recuei para fora da cabana, repellido pelo fedor de urina e podridão. Ela me seguiu, engatinhando pesada, e ficou piscando à luz da manhã. Estava vestida de trapos.

— Você é Erce? — perguntei.

— Já fui — disse ela e bocejou, mostrando uma boca devastada, sem dentes. — Há muito tempo. Agora me chamam de Enna. — Ela fez uma pausa. — Enna Maluca — acrescentou com tristeza, depois olhou minhas roupas finas, o rico cinto da espada e as botas de cano alto. — Quem é o senhor, lorde?

— Meu nome é Derfel Cadarn, lorde de Dumnonia. — O nome não significou nada para ela. — Sou seu filho.

Ela não demonstrou reação a isso, apenas se recostou na parede da cabana que balançou perigosamente sob seu peso. Enfiou uma mão dentro dos trapos e coçou o peito.

— Todos os meus filhos estão mortos.

— Tanaburs me pegou e jogou no poço da morte — lembrei a ela.

A história não pareceu significar nada para ela. Ficou encostada na parede, o corpo gigantesco balançando no esforço de cada respiração dificultosa. Brincou com o gato e olhou para o mar de Severn onde, desbotado na distância, o litoral de Dumnonia era uma linha escura sob uma fileira de nuvens de chuva.

— Tive um filho uma vez, que foi dado aos Deuses no poço da morte — disse ela finalmente. — Wygga era o nome dele. Wygga. Um belo garoto.

Wygga? Wygga! Esse nome, tão áspero e feio, me imobilizou durante alguns instantes.

— Eu sou Wygga — disse finalmente, odiando o nome. — Recebi um nome novo quando fui resgatado do poço da morte. — Falávamos em saxão, uma língua em que agora eu era mais fluente do que minha mãe, porque fazia muitos anos desde que ela a falara.

— Ah, não — disse ela, franzindo a testa. Pude ver um piolho se arrastando na borda de seus cabelos. — Não — insistiu ela de novo. — Wygga era só um garotinho. Só um garotinho. Meu primogênito, e eles o levaram embora.

— Sobrevivi, mãe. — Eu estava revoltado com ela, fascinado por ela e repetindo que tinha vindo encontrá-la. — Sobrevivi ao poço e me lembro de você. — E lembrava, mas em minha lembrança ela era magra e ágil como Ceinwyn.

— Era só um garotinho — disse Erce, sonhadora. Fechou os olhos e achei que ela estava dormindo, mas parecia que estava urinando, porque um fio apareceu na beira de suas roupas e pingou na pedra indo em direção ao fogo.

— Fale-me de Wygga — pedi.

— Eu estava pesada com ele quando Uther me capturou. Um homem grande, Uther, com um grande dragão no escudo. — Ela coçou o piolho, que desapareceu em seu cabelo. — Ele me deu a Madog, e foi na casa de Madog que Wygga nasceu. Éramos felizes com Madog. Ele era um bom lorde, gentil com os escravos, mas Gundleus veio e eles mataram Wygga.

— Não mataram — insisti. — Tanaburs não lhe contou?

À menção do nome do druida ela estremeceu e puxou o xale esfarrapado em volta dos ombros que pareciam montanhas. Não disse nada, mas depois de um tempo lágrimas apareceram nos cantos dos olhos.

Uma mulher subiu o caminho em nossa direção. Veio devagar e cheia de suspeitas, olhando cautelosa para mim enquanto chegava na plataforma de rocha. Quando finalmente se sentiu segura, passou por mim e agachou-se perto de Erce.

— Meu nome é Derfel Cadarn — falei à recém-chegada —, mas antigamente me chamava Wygga.

— Meu nome é Linna — disse a mulher em britânico. Era mais nova do que eu, mas a vida difícil naquela costa pusera rugas profundas em seu rosto, encurvara seus ombros e enrijecera suas juntas, enquanto o trabalho duro de cuidar das fogueiras para fazer o sal deixara sua pele escurecida pelo carvão.

— Você é filha de Erce? — perguntei.

— Sou filha de Enna.

— Então sou seu meio-irmão.

Não creio que ela tenha acreditado, e por que deveria? Ninguém saía vivo de um poço da morte, mas eu tinha saído e, portanto, fora tocado pelos Deuses e dado a Merlin. Mas o que essa história poderia significar para aquelas duas mulheres cansadas e esfarrapadas?

— Tanaburs! — disse Erce subitamente e levantou as duas mãos para afastar o mal. — Ele tomou o pai de Wygga! — Ela gritou e se balançou para trás e para a frente. — Ele entrou dentro de mim e tomou o pai de

Wygga. Me amaldiçoou e amaldiçoou Wygga, e amaldiçoou meu útero. — Agora ela estava chorando, e Linna aninhou a cabeça da mãe em seus braços e me olhou em reprovação.

— Tanaburs não tinha poder sobre Wygga — falei. — Wygga matou-o, porque ele tinha poder sobre Tanaburs. Tanaburs não podia tomar o pai de Wygga.

Talvez minha mãe tenha ouvido, mas não acreditou. Balançou-se nos braços da filha e as lágrimas correram por seu rosto marcado e sujo enquanto ela meio lembrava os fiapos mais ou menos compreendidos da maldição de Tanaburs.

— Wygga mataria o próprio pai — disse-me ela. — Era o que a maldição dizia, que o filho matará o pai.

— Então Wygga vive — falei.

Ela parou de se balançar subitamente e me espiou. Balançou a cabeça.

— Os mortos voltam para matar. As crianças mortas! Eu as vejo, senhor, lá longe — ela falou séria e apontou para o mar. — Todos os mortos pequeninos indo para a vingança. — E balançou de novo nos braços da filha. — E Wygga matará o próprio pai. — Agora ela estava chorando abertamente. — E o pai de Wygga era um homem tão bom! Um herói tão grande. Tão grande e forte! E Tanaburs o amaldiçoou. — Ela fungou, depois cantarolou uma canção de ninar por um momento, antes de falar mais sobre meu pai, dizendo como o povo dele tinha navegado pelo mar até a Britânia, e como ele usara a espada para fazer uma bela casa. Erce, deduzi, fora serviçal naquela casa, e o lorde saxão a tomara em sua cama e me dera a vida, a mesma vida que Tanaburs falhara em tirar no poço da morte. — Ele era um homem maravilhoso. Tão maravilhoso e bonito! Todo mundo tinha medo dele, mas ele era bom comigo. Ríamos juntos.

— Qual era o nome dele? — perguntei e acho que sabia a resposta mesmo antes de que ela dissesse.

— Aelle — disse num sussurro. — O maravilhoso e lindo Aelle.

Aelle. A fumaça girava na minha cabeça, e meu cérebro, por um momento, ficou tão turvo quanto o da minha mãe. Aelle? Eu era filho de Aelle?

— Aelle — disse Erce, sonhadora. — O maravilhoso e lindo Aelle.

Eu não tinha outras perguntas, por isso me forcei a me ajoelhar diante de minha mãe e a abraçá-la. Beijei suas bochechas, depois a apertei com força como se pudesse lhe dar de volta parte da vida que ela me dera, e, mesmo tendo sucumbido ao abraço, Erce não reconhecia que eu era seu filho. Peguei piolhos com ela.

Desci com Linna e descobri que ela era casada com um dos pescadores da aldeia e tinha seis filhos vivos. Dei-lhe ouro, acho que mais ouro do que ela jamais tinha esperado ver, e mais ouro

provavelmente do que ela imaginava que existisse. Minha irmã olhou incrédula para as pequenas barras.

— Nossa mãe ainda é escrava? — perguntei.

— Todos somos — disse ela, fazendo um gesto para toda a aldeia miserável.

— Isso vai comprar sua liberdade — falei, apontando para o ouro —, se vocês quiserem.

Ela deu de ombros e duvidei de que estar livre fizesse alguma diferença em suas vidas. Eu poderia ter encontrado o senhor deles e comprado sua liberdade, mas sem dúvida ele vivia longe, e o ouro, se fosse gasto com sabedoria, ajudaria em sua vida difícil — quer fossem escravos, quer livres. Um dia, prometi a mim mesmo, voltaria e tentaria fazer mais.

— Cuide de nossa mãe — pedi a Linna.

— Cuidarei, senhor — disse ela obedientemente, mas ainda achei que não acreditava em mim.

— Não chame seu irmão de senhor — falei, mas ela não pôde ser persuadida.

Deixei-a e desci até a praia onde meus homens esperavam com a bagagem.

— Vamos para casa — falei. Ainda era de manhã, e tínhamos um longo dia de marcha pela frente. Marcha para casa.

Para Ceinwyn. Para minhas filhas que descendiam de uma linhagem de reis britânicos e do sangue real de seu inimigo saxão. Porque eu era filho de Aelle. Parei num morro verdejante acima do mar e pensei na extraordinária onda da vida, mas não consegui entender qual seria o sentido dela. Eu era filho de Aelle, mas que diferença isso fazia? Isso não explicava nada nem exigia nada. O destino é inexorável. Eu estava indo para casa.

FOI ISSA QUEM VIU A FUMAÇA PRIMEIRO. Ele sempre teve olhos de falcão, e naquele dia, enquanto eu estava no morro tentando encontrar algum significado nas revelações de minha mãe, Issa viu fumaça do outro lado do mar.

— Senhor? — disse ele, e a princípio não respondi porque estava atordoado demais pelo que ficara sabendo. Eu iria matar meu pai? E esse pai era Aelle? — Senhor! — falou Issa com mais insistência, me despertando dos pensamentos. — Olhe, senhor, fumaça.

Ele estava apontando para o sul, na direção de Dumnonia, e a princípio achei que a brancura era apenas um trecho mais claro entre as nuvens de chuva, mas Issa tinha certeza, e mais dois lanceiros afirmaram que o que estávamos vendo era fumaça, e não nuvem ou chuva.

— Há mais, senhor — disse um deles, apontando mais para o oeste, onde outra pequena mancha branca aparecia contra o cinza.

Um incêndio poderia ser acidente, talvez um salão ou um campo seco queimando, mas naquele tempo úmido nenhum campo teria se queimado, e em toda a minha vida nunca vi dois salões incendiados, a não ser que um inimigo fizesse isso.

— Senhor? — insistiu Issa, porque ele, como eu, tinha mulher em Dumnonia.

— De volta ao povoado — falei. — Agora.

O marido de Linna concordou em nos levar pelo mar. A viagem não foi longa, porque ali o mar tinha apenas cerca de doze quilômetros de largura e oferecia a rota mais rápida para casa, mas, como todos os lanceiros, preferíamos uma jornada longa e seca a uma curta e molhada, e aquela travessia foi um sofrimento encharcado. Um vento forte havia brotado do oeste, levantando ondas que se despedaçavam na lateral baixa do barco. Baldeávamos água para salvar a vida enquanto a vela rota se enfunava, batia e nos arrastava para o sul. Nosso barqueiro, que se chamava Balig e agora era meu cunhado, declarou que não havia alegria como um bom barco em vento rápido, e gritava agradecendo a Manawydan por nos mandar um tempo assim, mas Issa estava enjoado como um cão, eu tinha ânsias de vômito, e todos ficamos contentes quando, no meio da tarde, ele nos deixou em terra numa praia de Dumnonia, a não mais de quatro horas de casa.

Paguei a Balig, depois penetramos num terreno plano e úmido. Havia um povoado não muito longe da praia, mas o povo dali tinha visto a fumaça e estava apavorado, e nos confundiu com inimigos e correu para suas cabanas. O povoado possuía uma pequena igreja, meramente uma cabana coberta de palha com uma cruz de madeira

pregada num oitão, mas todos os cristãos tinham ido embora. Um dos pagãos que ficaram me disse que todos os cristãos tinham ido para o leste.

— Seguiram o sacerdote deles, senhor.

— Por quê? Aonde?

— Não sabemos, senhor. — Ele olhou para a fumaça distante. — Os saxões voltaram?

— Não — garanti e esperava estar certo. A fumaça que ia ficando mais rala não parecia estar a mais de nove ou dez quilômetros de distância, e eu duvidava de que Aelle ou Cerdic pudessem ter chegado tão longe em Dumnonia. Se tivessem, toda a Britânia estava perdida.

Fomos rapidamente. Naquele momento só queríamos chegar a nossas famílias e, assim que soubéssemos que estavam em segurança, chegaria a hora de descobrir o que havia acontecido. Tínhamos a opção de duas rotas para o salão de Ermid. Uma, a mais longa e pelo interior, iria nos custar quatro ou cinco horas, boa parte no escuro, mas a outra seguia pelos grandes pântanos marinhos de Avalon; um pantanal traiçoeiro cheio de riachos, lodaçais cercados de salgueiros e vastidões cobertas de juncos onde, quando a maré era alta e o vento vinha do oeste, o mar podia algumas vezes chegar e encher as partes mais baixas, afogando os viajantes incautos. Havia rotas através daquele grande pântano, e até mesmo caminhos de madeira que levavam aonde ficavam os salgueiros sem galhos e onde eram postas as armadilhas para peixes e enguias, mas nenhum de nós conhecia as rotas dos pântanos. Mesmo assim escolhemos esses caminhos traiçoeiros porque ofereciam a opção mais rápida para casa.

Quando a noite ia chegando encontramos um guia. Como a maioria das pessoas do pantanal, ele era pagão, e, assim que soube quem eu era, ofereceu seus serviços. No meio do pântano, erguendo-se negro à luz que ia diminuindo, pudemos ver o Tor. Teríamos de ir lá primeiro, disse o guia, e depois encontrar um dos barqueiros de Ynys Wydryn para nos levar através das águas rasas do lago de Issa.

Ainda estava chovendo quando deixamos o povoado do pântano, as gotas de chuva fazendo barulho nos juncos e criando ondulações nos poços, mas ela parou em menos de uma hora e gradualmente uma lua pálida e leitosa brilhou fraca por trás das nuvens mais ralas que vinham do oeste. Nosso caminho atravessava pontes de tábuas sobre fossos escuros, passava pelas tramas intrincadas das armadilhas para enguias e serpenteava incompreensivelmente por brejos vazios e brilhantes onde nosso guia murmurava feitiços contra os espíritos do pântano. Algumas noites, segundo ele, estranhas luzes azuis brilhavam nas vastidões úmidas; segundo ele eram os espíritos das muitas pessoas que tinham morrido naquele labirinto de água, lama e juncos. Nossos passos espantavam aves em seus ninhos, as asas em pânico surgindo escuras

contra o céu atravessado por nuvens. O guia falava comigo enquanto andávamos, contando dos dragões que dormiam sob o pântano e dos monstros que deslizavam em seus riachos lamacentos. O homem usava um colar feito da coluna vertebral de um homem afogado, o único encanto seguro, segundo ele, contra aquelas coisas temíveis que assombravam o caminho.

Parecia que o Tor não estava ficando mais próximo, mas era apenas nossa impaciência; e passo a passo, riacho a riacho, fomos chegando mais perto. À medida que o grande morro se erguia cada vez mais alto no céu devastado, víamos uma grande mancha de luz ao seu pé. Era uma chama enorme, e a princípio achamos que o templo do Espinheiro Sagrado estaria pegando fogo. Entretanto, mesmo quando chegamos mais perto, as chamas não ficaram mais luminosas, e achei que a luz viesse de fogueiras, talvez para iluminar algum ritual cristão que buscasse proteger o templo. Todos fizemos o sinal contra o mal, e por fim chegamos a um barranco que levava direto das terras úmidas para o terreno mais elevado de Ynys Wydryn.

O guia nos deixou ali. Ele preferia os perigos do pântano aos perigos da iluminada Ynys Wydryn, por isso se ajoelhou à minha frente e o recompensei com o que me restava de ouro, depois o levantei e agradeci.

Nós seis caminhamos pela pequena cidade de Ynys Wydryn, um lugar de pescadores e cesteiros. As casas estavam escuras e as ruas desertas, a não ser por cães e ratos. Estávamos indo para a paliçada de madeira que rodeava o templo, e, mesmo podendo ver a fumaça e o brilho das fogueiras do outro lado da cerca, ainda não dava para ver nada do que acontecia lá dentro; mas nosso caminho nos levou ao portão principal do templo e, enquanto nos aproximávamos, vi dois lanceiros montando guarda na entrada. A luz vinda pelo portão aberto iluminou um dos escudos deles, e naquele escudo estava o último símbolo que eu esperaria ver em Ynys Wydryn. Era a águia-do-mar de Lancelot, com o peixe nas garras.

Nossos escudos estavam pendurados às costas, de modo que as estrelas brancas não eram vistas, e, apesar de todos usarmos as caudas de lobos cinzentas, os lanceiros devem ter pensado que éramos amigos, porque não fizeram qualquer desafio à nossa aproximação. Em vez disso, pensando que queríamos entrar no templo, ficaram de lado, e foi só quando eu estava passando pelo portão, atraído pela curiosidade quanto ao papel de Lancelot nos estranhos acontecimentos daquela noite, que os dois homens perceberam que não éramos seus camaradas. Um tentou barrar meu caminho com uma lança.

— Quem são vocês? — perguntou ele.

Empurrei sua lança para o lado e, antes que ele pudesse gritar um alerta, empurrei-o para fora do portão enquanto Issa arrastava seu colega para longe. Havia uma multidão gigantesca no templo, mas todos

estavam de costas para nós, e ninguém viu a agitação no portão principal. Nem podiam ouvir qualquer coisa, porque cantavam sem parar, e aquela balbúrdia abafou o pequeno barulho que fizemos. Arrastei meu cativo para as sombras perto da estrada, e me ajoelhei junto dele. Tinha largado minha lança quando o puxei para longe do portão, por isso agora peguei a faca curta que usava no cinto.

— Você é homem de Lancelot? — perguntei.

— Sim — sussurrou ele.

— Então o que está fazendo aqui? Este é o país de Mordred.

— O rei Mordred está morto — disse ele, apavorado com a lâmina da faca que eu empunhava contra sua garganta. Não falei nada, porque estava tão pasmo com sua resposta que não podia encontrar o que dizer. O homem deve ter pensado que meu silêncio pressagiava sua morte, porque ficou desesperado. — Estão todos mortos! — exclamou.

— Quem?

— Mordred, Artur, todos eles.

Durante alguns segundos meu mundo pareceu desmoronar. O homem lutou brevemente, mas a pressão de minha faca o aquietou.

— Como? — sibilei.

— Não sei.

— Como? — perguntei mais alto.

— Não sabemos — insistiu ele. — Mordred foi morto antes de virmos, e dizem que Artur morreu em Powys.

Recuei, sinalizando para um de meus homens manter os dois cativos quietos com a ponta de sua lança. Depois contei as horas desde que tinha visto Artur. Fazia apenas dois dias desde que nos havíamos separado junto à cruz de Cadoc, e o caminho de Artur para casa era muito mais longo do que o que eu tinha tomado; se ele tivesse morrido, pensei, a notícia de sua morte certamente não teria chegado a Ynys Wydryn antes de mim.

— Seu rei está aqui? — perguntei ao homem.

— Sim.

— Para quê?

Sua resposta mal passou de um sussurro.

— Para tomar o reino, senhor.

Cortamos tiras de lã da capa dos dois homens, amarramos seus braços e pernas e enfiamos pedaços de lã em sua boca para mantê-los em silêncio. Empurramos os dois para uma vala, mandamos que ficassem imóveis e em seguida fui com meus homens até o portão do templo. Queria olhar lá dentro por alguns instantes, descobrir o que fosse possível, e só então iria para casa.

— Puxem os capuzes sobre os elmos — ordenei aos meus homens — e virem os escudos ao contrário.

Puxamos os mantos sobre os elmos de modo que as caudas de lobos

ficassem escondidas, depois seguramos os escudos baixos, com as frentes viradas para as pernas, de modo que as estrelas ficassem escondidas. Assim disfarçados, entramos silenciosamente no templo. Movemo-nos nas sombras, circulando por trás da multidão agitada, até chegamos aos alicerces de pedra do templo que Mordred começara a construir para sua mãe morta. Subimos na fileira mais alta das pedras do sepulcro e dali podíamos olhar por cima das cabeças e ver que coisa estranha acontecia entre as duas fileiras de fogueiras que iluminavam a noite de Ynys Wydryn.

A princípio achei que fosse outro ritual cristão como os que havia testemunhado em Isca, porque o espaço entre as filas de fogueiras estava repleto de mulheres dançando, homens se balançando e padres cantando. O barulho que faziam era uma cacofonia de gritos, berros e uivos. Monges com chicotes de couro andavam entre as pessoas em êxtase e vergastavam suas costas nuas, e cada golpe só provocava mais gritos de alegria. Uma mulher estava ajoelhada perto do Espinheiro Sagrado.

— Venha, senhor Jesus! — gritava ela. — Venha. — Um monge a espancava num frenesi com tanta força que suas costas nuas eram um horrendo lençol de sangue, mas cada golpe apenas aumentava o fervor de sua prece desesperada.

Eu já ia pular do sepulcro e voltar ao portão quando lanceiros apareceram dos prédios do templo e empurraram os adoradores rudemente, abrindo espaço entre as fogueiras que iluminavam o espinheiro sagrado. Arrastaram para longe a mulher que gritava. Mais lanceiros vieram, dois deles carregando uma liteira, e atrás dessa liteira o bispo Sansum vinha na frente de um grupo de padres ricamente vestidos. Lancelot e seus atendentes caminhavam com os padres. Bors, o campeão de Lancelot, estava lá, e Amhar e Loholt estavam com o rei dos belgae, mas eu não podia ver os temidos gêmeos Lavaine e Dinas.

A multidão gritou ainda mais alto ao ver Lancelot. Esticavam as mãos para ele e alguns até se ajoelhavam quando ele passava. Lancelot estava vestido com sua armadura de escamas esmaltadas que, segundo ele jurava, tinha sido do antigo herói Agamenon, e usava seu elmo preto com as asas de cisne abertas na crista. O cabelo preto e comprido, que ele oleava a ponto de brilhar, descia sob o elmo, caindo liso sobre uma capa vermelha pendurada nos ombros. A Lâmina de Cristo estava na cintura, e ele calçava altas botas de guerra, de couro vermelho. Sua Guarda Saxã vinha atrás, todos homens gigantescos com cotas de malha prateada e levando machados de guerra, de lâminas largas, que refletiam as chamas dançantes. Não vi Morgana, mas um coro de suas mulheres vestidas de branco tentava inutilmente fazer uma canção ser ouvida acima dos gemidos e gritos da multidão agitada.

Um dos lanceiros levava uma estaca que ele pôs num buraco

preparado junto ao Espinheiro Sagrado. Por um momento temi que víssemos algum pobre pagão ser queimado na estaca, e cuspi para evitar o mal. A vítima estava sendo carregada na liteira, já que os homens que a carregavam trouxeram seu fardo até o Espinheiro Sagrado e em seguida se ocuparam amarrando o prisioneiro na estaca. Mas, quando eles se afastaram e pudemos ver direito, percebi que não era um prisioneiro, e que não seria queimado. A pessoa amarrada à estaca não era pagã, e sim cristã, e não era a morte que estávamos presenciando, e sim um casamento.

E pensei na estranha profecia de Nimue. A morta seria tomada em casamento.

Lancelot era o noivo, e agora estava junto da noiva amarrada à estaca. Ela era uma rainha, a antiga princesa de Powys que se tornara princesa de Dumnonia e depois rainha de Silúria. Era Norwenna, nora do Grande Rei Uther, mãe de Mordred, e estava morta há quatorze anos. Tinha ficado na sepultura durante todos aqueles anos, mas agora fora desenterrada e seus restos amarrados ao poste junto ao espinheiro cheio de votos pendurados.

Fiquei olhando cheio de horror, depois fiz o sinal contra o mal e toquei a malha de ferro de minha armadura. Issa tocou meu braço como se para garantir que não estava nas garras de algum pesadelo inimaginável.

A rainha morta era pouco mais do que um esqueleto. Um xale branco fora posto em seus ombros, mas o xale não podia esconder as medonhas tiras de pele amarela e os grossos nacos de carne branca e gordurosa ainda presos aos ossos. Seu crânio, inclinado numa das cordas que a prendiam à estaca, estava coberto por uma pele esticada, o maxilar caíra de um dos lados e pendia do crânio, enquanto os olhos não passavam de sombras na máscara da morte que era seu rosto iluminado pelo fogo. Um dos guardas pôs uma guirlanda de papoulas sobre o cocuruto, de onde mechas pegajosas de cabelo caíam emboladas sobre o xale.

— O que está acontecendo? — perguntou Issa em voz baixa.

— Lancelot está reivindicando Dumnonia — sussurrei de volta — e ao se casar com Norwenna ele se casa com a família real de Dumnonia. — Não podia haver outra explicação. Lancelot estava roubando o trono de Dumnonia, e essa cerimônia macabra em meio às fogueiras iria lhe dar uma desculpa legal. Ele estava se casando com a morta para se tornar herdeiro de Uther.

Sansum pediu silêncio com as mãos e os monges com chicotes gritaram para a multidão excitada, que aos poucos se acalmou do frenesi. De vez em quando uma mulher gritava e a multidão tinha um tremor nervoso, mas finalmente se fez silêncio. As vozes do coro foram silenciando e Sansum ergueu os braços e rezou para que o Deus Todo-

Poderoso abençoasse essa união de um homem com uma mulher, deste rei com esta rainha, em seguida instruiu Lancelot a pegar a mão da noiva. Lancelot baixou a mão enluvada e levantou os ossos amarelos. As laterais de seu elmo estavam abertas e pude ver que ele estava rindo. A multidão gritou de alegria e me lembrei das palavras de Tewdríc sobre sinais e portentos, e achei que naquele casamento hediondo os cristãos estavam vendo a prova de que a volta de seu Deus era iminente.

— Pelo poder investido a mim pelo Santo Pai e pela graça que me foi dada pelo Espírito Santo — gritou Sansum —, os declaro marido e mulher!

— Onde está o nosso rei? — perguntou Issa.

— Quem sabe? — sussurrei de volta. — Provavelmente morto. — Então vi Lancelot levantar os ossos amarelos da mão de Norwenna e fingir que os beijava. Um dos dedos caiu quando ele soltou a mão.

Sansum, sempre incapaz de resistir a uma chance de pregar, começou uma arenga para a multidão, e foi então que Morgana se aproximou de mim. Eu não a vira se aproximar, e só percebi sua presença quando senti a mão puxando minha capa e me virei alarmado, vendo sua máscara de ouro brilhando à luz da fogueira.

— Quando eles descobrirem que os guardas sumiram do portão — sibilou ela —, vão revistar o lugar inteiro, e vocês serão mortos. Sigam-me, idiotas.

Descemos, cheios de culpa, e seguimos sua figura corcunda e negra passando por trás da multidão até as sombras da grande igreja. Ela parou ali e me encarou.

— Eles disseram que você estava morto. Que foi morto com Artur no templo de Cadoc.

— Estou vivo, senhora.

— E Artur?

— Estava vivo há três dias, senhora. Nenhum de nós morreu no templo de Cadoc.

— Graças a Deus. — Ela respirou fundo. — Graças a Deus. — Em seguida agarrou minha capa e puxou meu rosto para perto de sua máscara. — Escute — disse ansiosa. — Meu marido não teve escolha nesta coisa.

— Se a senhora diz — falei, não acreditando sequer por um segundo, mas entendendo que Morgana se esforçava ao máximo para ficar em cima do muro nessa crise que chegara tão subitamente a Dumnonia. Lancelot estava tomando o trono e alguém havia conspirado para garantir que Artur estivesse fora do país quando ele fizesse isso. Pior, pensei: alguém tinha mandado Artur comigo ao vale de Cadoc e arranjado para que nos emboscassem lá. Alguém nos queria mortos, e tinha sido Sansum o primeiro a revelar o refúgio de Ligessac para nós, e era Sansum que agora estava diante de Lancelot e de um cadáver à luz

das fogueiras. Eu sentia o cheiro das patas do lorde camundongo em todo aquele negócio maligno, mas duvidava de que Morgana soubesse de metade do que o marido fizera ou planejava. Ela era velha e sábia demais para ser infectada pelo fervor religioso, e pelo menos estava tentando achar um caminho seguro em meio aos horrores que cascateavam.

— Jure que Artur está vivo! — insistiu ela.

— Ele não morreu no vale de Cadoc — falei. — Isso posso garantir.

Ela ficou quieta um tempo, e acho que estava chorando por baixo da máscara.

— Diga a Artur que não tivemos escolha.

— Direi — prometi. — O que você sabe sobre Mordred?

— Está morto — sussurrou ela. — Foi morto quando estava caçando.

— Mas se eles mentiram sobre Artur, por que não mentiriam sobre Mordred?

— Quem sabe? — Ela fez o sinal da cruz e puxou minha capa. — Venha — disse abruptamente e nos levou pelo lado da igreja até uma pequena cabana de madeira. Alguém estava preso dentro da cabana, porque eu podia ouvir punhos batendo na porta amarrada com uma tira de couro. — Você deve ir ver sua mulher, Derfel — disse Morgana enquanto desatava o nó com sua mão boa. — Dinas e Lavaine foram para o sul, para a sua casa, depois do anoitecer. Levaram lanceiros.

O pânico me chicoteou por dentro, fazendo-me usar a ponta da lança para arrancar o nó de couro. No momento em que a tira foi cortada a porta se abriu e Nimue saltou para fora, as mãos em forma de garras, mas então me reconheceu e se encostou em meu corpo buscando apoio. Cuspiu em Morgana.

— Vá, sua idiota — rosnou Morgana para ela. — E lembre-se de que fui eu quem a salvou da morte hoje.

Peguei as duas mãos de Morgana, a queimada e a boa, e as encostei nos lábios.

— Pelas ações desta noite, senhora, sou seu devedor.

— Vá, idiota. E depressa!

E corremos pelos fundos do templo, passamos por armazéns, cabanas de escravos e silos, depois saímos por um portão de vime e fomos aonde os pescadores guardavam seus barcos de junco. Pegamos dois pequenos e usamos os cabos das lanças para impulsioná-los, e me lembrei do dia distante da morte de Norwenna, quando Nimue e eu escapamos de Ynys Wydryn exatamente daquele jeito. Naquela ocasião, como agora, tínhamos ido em direção ao salão de Ermid, e naquela ocasião, como agora, éramos fugitivos caçados numa terra dominada por inimigos.

Nimue pouco sabia sobre o que acontecera em Dumnonia. Disse que

Lancelot tinha vindo e se declarado rei, mas sobre Mordred só podia repetir o que Morgana tinha dito, que o rei fora morto numa caçada. Contou que lanceiros tinham vindo ao Tor e a levado para o templo, onde Morgana a aprisionara. Depois ouviu dizer que uma multidão de cristãos tinha subido ao Tor, matado todos os que encontraram, derrubado as cabanas e começado a construir uma igreja com a madeira que restou.

— Então Morgana realmente salvou sua vida — falei.

— Ela quer o meu conhecimento. De que outro modo saberão o que fazer com o Caldeirão? Por isso Dinas e Lavaine foram para a sua casa, Derfel. Para encontrar Merlin. — Ela cuspiu no lago. — É como eu lhe disse, eles soltaram o Caldeirão e não sabem como controlar o poder dele. Dois reis vieram a Cadarn. Mordred foi um, e Lancelot o segundo. Ele foi lá esta tarde e subiu na pedra. E esta noite a morta está sendo tomada em casamento.

— E você também disse que uma espada seria posta na garganta de uma criança — lembrei amargamente. E enfiei minha lança na água rasa, na pressa desesperada de chegar ao salão de Ermid. Onde estavam minhas filhas. Onde estava Ceinwyn. E para onde os druidas silurianos e seus lanceiros tinham partido a cavalo fazia menos de três horas.

Chamas iluminavam nosso caminho para casa. Não as chamas que clareavam o casamento de Lancelot com a morta, mas novas chamas que saltavam vermelhas e altas do salão de Ermid. Estávamos na metade do lago quando esse fogo saltou, lançando seus longos reflexos na água preta.

Eu estava rezando a Goannon, a Lleullaw, a Bel, a Cernunnos, a Taranis, a todos os Deuses, onde quer que eles estivessem, para que apenas um deles se curvasse do reino das estrelas para salvar minha família. As chamas saltaram mais altas, lançando fagulhas da palha incendiada para a fumaça que soprava para oeste, sobre a pobre Dumnonia.

Viajamos em silêncio depois de Nimue terminar sua história. Issa tinha lágrimas nos olhos. Estava preocupado com Scarach, a garota irlandesa com quem havia se casado, e estava imaginando, como eu, o que teria acontecido com os lanceiros que deixamos guardando o salão. Deveriam ser suficientes para conter os invasores de Dinas e Lavaine. Mas as chamas contavam outra história, e enfiávamos o cabo das lanças no lago para fazer os barcos seguirem ainda mais rápido.

Ouvimos os gritos quando chegamos mais perto. Éramos apenas seis lanceiros, mas não hesitei nem tentei fazer uma aproximação indireta. Simplesmente impulsionamos os barcos para o riacho sombreado pelas árvores que ficava ao longo da paliçada. Ali, perto do pequeno *coracle* de Dian que Gwlyddin, o serviçal de Merlin, tinha feito para ela,

saltamos em terra.

Mais tarde consegui juntar a história daquela noite. Gwilym, o homem que comandava os lanceiros que haviam ficado enquanto eu marchava para o norte com Artur, vira a fumaça distante no leste e deduziu que havia algum problema surgindo. Pusera todos os seus homens de guarda, depois debateu com Ceinwyn se deveriam pegar os barcos e se esconder nos pântanos situados além do lago. Ceinwyn disse que não. Malaine, o druida de seu irmão, fornecera a Dian uma infusão de folhas que baixara a febre, mas a menina ainda estava fraca, e além disso ninguém sabia o que a fumaça significava, e nenhuma mensagem tinha chegado com um aviso; por isso Ceinwyn mandou dois lanceiros ao leste para saber das notícias e depois esperou atrás da paliçada de madeira.

O anoitecer não mandou novidades, mas trouxe algum alívio, porque poucos lanceiros marchavam à noite, e Ceinwyn sentiu-se mais segura do que durante o dia. De dentro da paliçada viram as chamas do outro lado do lago em Ynys Wydryn, e imaginaram o que significariam, mas ninguém ouviu os cavaleiros de Dinas e Lavaine chegarem às florestas próximas. Os cavaleiros desmontaram longe do salão, amarraram as rédeas dos animais nas árvores e em seguida, sob a lua pálida e enevoadada, se esgueiraram até a paliçada. Só quando os homens de Dinas e Lavaine chegaram ao portão Gwilym percebeu que o lugar estava sob ataque. Seus dois batedores não tinham voltado, não havia guardas na floresta e o inimigo já estava a poucos metros do portão da paliçada quando soou o alarme pela primeira vez. Não era um portão formidável, não era mais alto do que um homem, e o primeiro grupo de inimigos chegou a ele sem armaduras, lanças ou escudos, e conseguiu pular por cima antes que os homens de Gwilym pudessem se reunir. Os guardas da entrada lutaram e mataram, mas um número suficiente dos atacantes sobreviveu para levantar a barra do portão e abri-lo para a carga dos lanceiros altamente armados de Dinas e Lavaine. Dez desses lanceiros eram guardas saxões de Lancelot, e o resto formado de guerreiros belgae jurados a serviço de seu rei.

Os homens de Gwilym se defenderam do melhor modo possível, e a luta mais feroz aconteceu na porta do salão. Foi ali que o próprio Gwilym estava morto com mais seis dos meus homens. Outros seis estavam caídos no pátio onde um armazém fora incendiado, e aquelas tinham sido as chamas que iluminaram nosso caminho pelo lago e que agora, enquanto chegávamos ao portão aberto, mostravam o terror lá dentro.

A batalha não estava terminada. Dinas e Lavaine tinham planejado muito bem a traição, mas seus homens não haviam conseguido atravessar a porta da construção principal e meus lanceiros sobreviventes ainda a estavam guarnecendo. Eu podia ver seus escudos e

lanças bloqueando o arco da porta, e podia ver outra lança aparecendo em uma das altas janelas que deixavam a fumaça sair na extremidade da cumeira. Dois dos meus caçadores estavam naquela janela, e suas lanças impediam que os homens de Dinas e Lavaine levassem o fogo do armazém em chamas para a cobertura de palha do salão. Ceinwyn, Morwenna e Seren estavam lá dentro, com Merlin, Malaine e a maioria das outras mulheres e crianças que viviam na área, mas estavam rodeados e em menor número; e os druidas inimigos haviam encontrado Dian.

Dian estivera dormindo em uma das cabanas. Ela fazia isso frequentemente, porque gostava de ficar na companhia de sua antiga ama de leite, que era casada com meu ferreiro, e talvez tenham sido seus cabelos dourados que revelaram quem ela era. Ou talvez, sendo Dian, tivesse cuspido um desafio contra os captores e dito que seu pai iria se vingar.

E agora Lavaine, de manto preto e com uma bainha vazia na cintura, segurava minha Dian de encontro ao seu corpo. Os pezinhos sujos da menina se projetavam da pequena túnica que usava e ela lutava do melhor modo possível, mas Lavaine passara o braço esquerdo em volta de sua cintura e na mão direita segurava uma espada nua de encontro a sua garganta.

Issa agarrou meu braço para impedir que eu atacasse loucamente a fileira de homens virados para o salão. Eram vinte. Eu não podia ver Dinas, mas suspeitava de que ele estivesse com os outros lanceiros inimigos nos fundos do salão, onde estariam cortando a rota de fuga de todas as almas presas lá dentro.

— Ceinwyn — gritou Lavaine em sua voz profunda. — Saia! Meu rei quer você!

Larguei a lança e desembainhei Hywelbane. A lâmina sibilou baixinho na boca da bainha.

— Saia! — gritou Lavaine de novo.

Toquei as tiras de osso de porco no punho da espada, e em seguida rezei aos meus Deuses para que me tornassem terrível naquela noite.

— Quer que sua cria morra? — perguntou Lavaine e Dian gritou quando a lâmina da espada lhe pressionou a garganta. — Seu homem está morto! — gritou Lavaine. — Morreu em Powys com Artur, e não virá ajudá-la. — Ele apertou a espada com mais força, e Dian gritou de novo.

Issa manteve a mão no meu braço.

— Ainda não, senhor — sussurrou ele —, ainda não.

Os escudos se separaram na porta do salão e Ceinwyn saiu. Estava vestida com uma capa preta amarrada no pescoço.

— Largue a criança — disse calmamente a Lavaine.

— A criança será solta quando você vier até mim — respondeu ele.

— Meu rei exige sua companhia.

— Seu rei? — perguntou Ceinwyn. — Que rei é esse? — Ela sabia muito bem de quem eram os homens que haviam aparecido naquela noite, mas não iria facilitar nada para Lavaine.

— O rei Lancelot. Rei dos belgae e rei de Dumnonia.

Ceinwyn apertou o manto preto em volta dos ombros.

— E o que o rei Lancelot quer de mim? — Atrás dela, no espaço nos fundos do salão e fracamente iluminado pelo armazém, eu podia ver mais homens de Lancelot. Havia tirado os cavalos dos meus estábulos e agora observavam o confronto entre Ceinwyn e Lavaine.

— Esta noite, senhora — explicou Lavaine —, meu rei tomou uma noiva.

Ceinwyn deu de ombros.

— Então ele não precisa de mim.

— A noiva não pode dar ao meu rei os privilégios que um homem exige na noite de núpcias. Você, senhora, será o prazer dele. É uma velha dívida de honra sua. Além disso, agora você é viúva. Precisa de outro homem.

Fiquei tenso, mas de novo Issa agarrou meu braço. Um dos guardas saxões perto de Lavaine estava inquieto, e Issa sugeria mudamente que esperássemos até o homem relaxar de novo.

Ceinwyn baixou a cabeça durante alguns segundos, depois ergueu-a de novo.

— E se eu for com você? — falou em voz opaca. — Deixará minha filha viver?

— Ela viverá.

— E todos os outros também? — perguntou ela, fazendo um gesto para o salão.

— Eles também — disse Lavaine.

— Então solte minha filha.

— Venha aqui primeiro, e traga Merlin. — Dian chutou-o com os calcanhares descalços, mas ele apertou a espada de novo e ela ficou quieta. O teto do armazém desmoronou, lançando para a noite fagulhas e fiapos de palha incendiada. Algumas das chamas pousaram na cobertura do salão, onde tremularam debilmente. A água da chuva na palha estava protegendo o salão por enquanto, mas eu sabia que logo o teto pegaria fogo.

Retesei-me, preparado para atacar, mas então Merlin apareceu atrás de Ceinwyn. Sua barba, reparei, estava trançada de novo, ele segurava um grande cajado e estava mais ereto e sério do que eu o via há anos. Ele pôs o braço direito nos ombros de Ceinwyn.

— Solte a criança — ordenou.

Lavaine balançou a cabeça.

— Fizemos um feitiço com sua barba, velho, e você não tem poder

sobre nós. Mas esta noite teremos o prazer de sua conversa enquanto nosso rei tem o prazer da princesa Ceinwyn. Vocês dois — ordenou ele —, venham aqui.

Merlin levantou o cajado e apontou para Lavaine.

— Na próxima lua cheia você morrerá junto ao mar. Você e seu irmão morrerão, e seus gritos viajarão pelas ondas durante toda a eternidade. Solte a criança.

Nimue sibilou baixo atrás de mim. Ela havia apanhado minha lança e levantado o pedaço de couro que cobria sua medonha órbita ocular.

Lavaine não se abalou com a profecia de Merlin.

— Na próxima lua cheia — disse ele —, vamos ferver os restos de sua barba em sangue de touro, e daremos sua alma ao verme de Annwn. — Ele cuspiu. — Vocês dois, venham aqui!

— Solte minha filha — exigiu Ceinwyn.

— Quando chegarem perto de mim ela estará livre.

Houve uma pausa. Ceinwyn e Merlin trocaram palavras em voz baixa. Morwenna gritou de dentro do salão e Ceinwyn se virou e falou com a filha, depois pegou a mão de Merlin e começou a andar para Lavaine.

— Assim não, senhora — gritou Lavaine. — Meu lorde Lancelot exige que você vá para ele nua. Meu lorde quer que seja levada nua pelo campo, nua pela cidade e nua até a cama dele. Você o envergonhou, senhora, e esta noite ele devolverá sua vergonha multiplicada por cem.

Ceinwyn parou e o encarou furiosa. Mas Lavaine simplesmente apertou a lâmina da espada contra a garganta de Dian. A menina ofegou de dor e, instintivamente, Ceinwyn arrancou o broche que prendia sua capa e deixou-a cair, revelando um vestido branco e simples.

— Tire o vestido, senhora — ordenou Lavaine asperamente. — Tire, ou sua filha morre.

Então ataquei. Gritei o nome de Bel e ataquei como uma coisa louca. Meus homens vieram comigo, e mais homens vieram do salão quando viram as estrelas brancas em nossos escudos e as caudas cinzentas em nossos elmos. Nimue atacou conosco, gritando e uivando, e vi a linha de lanceiros inimigos se virar com horror nos rostos. Corri direto para Lavaine. Ele me viu, reconheceu-me e congelou de terror. Tinha se disfarçado de padre cristão pendurando um crucifixo no pescoço. Esta não era uma ocasião para homens andarem por Dumnonia vestidos como druidas, mas era ocasião de Lavaine morrer, e gritei o nome de meu Deus enquanto o atacava.

Então um guarda saxão correu na minha frente, seu machado brilhante refletindo a luz das chamas enquanto ele girava a lâmina em direção ao meu crânio. Aparei com o escudo e a força do golpe fez meu braço baixar. Então estoquei com Hywelbane, girei a lâmina na sua barriga e a arranquei de novo, seguindo-se um jorro de entranhas saxãs.

Issa matou outro saxão, e Scarach, sua feroz mulher irlandesa, tinha vindo do salão e golpeou um saxão ferido com uma lança de caçar javalis, enquanto Nimue enfiava a sua lança na barriga de um homem. Aparei outro golpe de machado, derrubei o lanceiro com Hywelbane e olhei em volta desesperadamente, procurando Lavaine. Vi-o correndo com Dian nos braços. Ele estava tentando chegar ao irmão atrás do salão quando um grupo de lanceiros cortou seu caminho e ele girou, me viu e correu para o portão. Segurava Dian como se fosse um escudo.

— Eu o quero vivo! — gritei e parti atrás dele em meio ao caos iluminado pelas fogueiras. Outro saxão veio para mim rugindo o nome de seu Deus, e cortei o nome do Deus de sua garganta com um golpe de Hywelbane. Depois Issa gritou um alerta, ouvi os cascos e vi que os inimigos que tinham guardado os fundos do salão vinham a cavalo resgatar os camaradas. Dinas, que como o irmão estava vestido de sacerdote cristão, liderava o ataque com a espada desembainhada.

— Façam com que eles parem! — gritei. Eu podia ouvir Dian gritando. O inimigo estava entrando em pânico. Eles eram em maior número, mas o surgimento dos lanceiros vindos da noite negra tinha rasgado seus corações, e Nimue, com o olho único, gritando e louca com sua lança ensanguentada, deve ter-lhes parecido um monstro da noite que viera buscar suas almas. Eles fugiram aterrorizados. Lavaine esperava o irmão perto do armazém incendiado, e ainda segurava a espada na garganta de Dian. Scarach, sibilando como Nimue, se aproximava dele com a lança, mas não ousava arriscar a vida da minha filha. Outros inimigos pulavam sobre a paliçada, outros corriam para o portão, alguns foram derrubados nas sombras entre as cabanas e alguns escaparam correndo junto aos cavalos aterrorizados que passavam por nós e desapareciam na noite.

Dinas veio direto em minha direção. Ergui o escudo, sustentei Hywelbane e gritei um desafio, mas no último momento ele desviou o cavalo de olhos brancos e lançou a espada contra minha cabeça. Em vez de me atacar, cavalgou para o irmão, e à medida que se aproximava de Lavaine, inclinou-se na sela e estendeu o braço. Scarach saiu do caminho do cavalo em disparada no instante em que Lavaine saltava para o abraço salvador de Dinas. Ele largou Dian e a vi cair esparramada enquanto eu corria atrás do cavalo. Lavaine se agarrava desesperadamente ao irmão que se agarrava com igual desespero ao arção da sela enquanto o cavalo galopava. Gritei para que ficassem e lutassem, mas os gêmeos apenas galoparam em direção às árvores negras para onde os outros sobreviventes inimigos tinham fugido. Xinguei suas almas. Parei no portão e os chamei de vermes, covardes, criaturas do mal.

— Derfel? — gritou Ceinwyn atrás de mim. — Derfel?

Abandonei os xingamentos e me virei para ela.

— Estou vivo — falei. — Estou vivo.

— Ah, Derfel! — gemeu ela, e foi então que vi que Ceinwyn segurava Dian, e que o vestido de Ceinwyn não era mais branco, e sim vermelho.

Corri para elas. Dian estava aninhada no colo da mãe. Larguei minha espada, arranquei o elmo e caí de joelhos junto delas.

— Dian? — sussurrei. — Meu amor?

Vi a alma tremular nos olhos dela. Ela me viu — me viu mesmo — e viu a mãe antes de morrer. Olhou para nós um instante e então sua alma jovem voou, suave como uma asa na escuridão, e com tão pouco tumulto quanto a chama de uma vela soprada por uma brisa. Sua garganta fora cortada quando Lavaine pulou para o braço do irmão, e agora o coraçãozinho simplesmente desistiu de lutar. Mas ela me viu primeiro. Sei que viu. Viu e depois morreu, e passei os braços em volta dela e da mãe e chorei como uma criança.

Chorei por minha linda e pequenina Dian.

Tínhamos feito quatro prisioneiros que não estavam feridos. Um era um guarda saxão e três eram lanceiros belgae. Merlin os interrogou, e quando terminou fiz os quatro em pedaços. Trucidei-os. Matei numa fúria, soluçando enquanto matava, cego para tudo a não ser o peso de Hywelbane e a satisfação vazia de sentir a lâmina cortar a carne. Um a um, diante de meus homens, diante de Ceinwyn, diante de Morwenna e Seren, chacinei os quatro, e quando isso terminou Hywelbane estava molhada e vermelha da ponta ao punho, e eu ainda golpeava os corpos sem vida. Meus braços estavam empapados de sangue, minha fúria poderia ter preenchido todo o mundo, e mesmo assim não traria a pequenina Dian de volta.

Eu queria mais homens para matar, porém os inimigos feridos já tinham tido a garganta cortada, e assim, sem mais vingança a cumprir e ensanguentado como estava, fui até minhas filhas aterrorizadas e as abracei. Não conseguia parar de chorar; elas também não. Segurei-as como se minha vida dependesse da delas, e depois as levei até onde Ceinwyn ainda aninhava o cadáver de Dian. Abri gentilmente os braços de Ceinwyn e os coloquei em volta das filhas vivas, depois peguei o corpinho de Dian e levei para o armazém que pegava fogo. Merlin foi comigo. Tocou o cajado na testa de Dian, depois assentiu para mim. Estava na hora, ele estava dizendo, de deixar a alma de Dian atravessar a ponte de espadas, mas primeiro a beijei, depois pus seu corpo no chão e usei minha faca para cortar uma grossa mecha de seus cabelos dourados, que pus cuidadosamente em minha bolsa. Feito isso, levantei-a, beijei-a uma última vez e joguei seu cadáver no fogo. Seu cabelo e seu vestido branco soltaram uma chama brilhante.

— Avivem o fogo! — gritou Merlin para meus homens. — Avivem!

Eles derrubaram uma cabana para transformar o fogo numa fornalha que queimaria o corpo de Dian até transformá-lo em nada. A alma já estava indo para o seu corpo de sombra no Outro Mundo, e agora sua pira funerária rugia na escuridão enquanto eu me ajoelhava diante das chamas com a alma vazia e devastada.

Merlin me levantou.

— Temos de ir, Derfel.

— Eu sei.

Ele me abraçou, segurando-me nos braços fortes como um pai.

— Se eu pudesse tê-la salvo... — disse ele, suavemente.

— O senhor tentou — falei e xinguei a mim mesmo por ter me demorado em Ynys Wydryn.

— Venha. De manhã precisamos estar bem longe.

Pegamos o pouco que podíamos levar. Descartei a armadura ensanguentada que estava usando e peguei a cota de malha boa, enfeitada de ouro. Seren levou três gatinhos numa bolsa de couro, Morwenna uma roca e um punhado de roupas, e Ceinwyn carregava um saco de comida. Éramos oitenta no total; lanceiros, famílias, serviçais e escravos. Todos tinham jogado algum pequeno presente na pira funerária; na maioria uma migalha de pão, mas Gwlyddyn, o serviçal de Merlin, tinha jogado o barquinho de Dian nas chamas, para que ela pudesse remar nele pelos lagos e riachos do Outro Mundo.

Ceinwyn, andando com Merlin e Malaine, o druida de seu irmão, perguntou o que acontecia com as crianças no Outro Mundo. Merlin disse com toda a sua autoridade antiga:

— Brincam debaixo das macieiras e esperam por vocês.

— Ela será feliz — garantiu Malaine. Ele era um rapaz alto, magro e encurvado que usava o antigo cajado de Iorweth. Parecia chocado com o terror da noite, e estava claramente nervoso com Nimue, em seu manto imundo e manchado de sangue. O tapa-olho tinha desaparecido, e seu cabelo imundo caía pegajoso e embaraçado.

Assim que ficou satisfeita com o destino de Dian, Ceinwyn veio andar ao meu lado. Eu continuava em agonia, culpando-me por ter parado para assistir à cerimônia de casamento de Lancelot, mas agora Ceinwyn estava mais calma.

— Era o destino dela, Derfel, e agora ela está feliz. — Ceinwyn pegou meu braço. — E você está vivo. Eles disseram que estava morto. Você e Artur.

— Ele vive — garanti. Caminhei em silêncio, seguindo os mantos brancos dos dois druidas. — Um dia vou encontrar Dinas e Lavaine — falei depois de um tempo — e a morte deles será terrível.

Ceinwyn apertou meu braço.

— Éramos tão felizes! — Ela recomçara a chorar e tentei encontrar palavras para consolá-la, mas não podia haver explicação para os

Deuses terem levado Dian. Atrás de nós, brilhantes no céu noturno, as chamas e a fumaça do salão de Ermid subiam para as estrelas. O teto de palha do salão finalmente tinha pegado fogo e nossa vida antiga estava virando cinzas.

Seguimos um caminho tortuoso junto ao lago. A luz saía de trás das nuvens, lançando uma luz prateada nos juncos e salgueiros e sobre o lago raso e ondulado. Andamos em direção ao mar, mas eu nem havia pensado no que faríamos assim que chegássemos ao litoral. Os homens de Lancelot iriam nos procurar, isso era certo, e de algum modo precisávamos encontrar a segurança.

Merlin interrogara os prisioneiros antes de eu matá-los, e agora nos disse o que havia descoberto. Supostamente Mordred fora morto durante uma caçada, e um dos prisioneiros afirmou que o rei foi assassinado pelo pai de uma menina que ele tinha estuprado. Os boatos eram de que Artur estava morto, e por isso Lancelot se declarou rei de Dumnonia. Os cristãos o haviam recebido na crença de que Lancelot era seu novo João Batista, um homem que havia pressagiado a primeira vinda de Cristo, assim como agora Lancelot pressagiava a segunda.

— Artur não morreu — falei amargo. — Essa era a intenção, e eu deveria morrer com ele, mas eles fracassaram. E, se eu vi Artur há apenas três dias, como é que Lancelot soube da morte dele em tão pouco tempo?

— Ele não soube — disse Merlin calmamente. — Ele só estava esperando isso.

Cuspi.

— Sansum e Lancelot — falei furioso. — Lancelot provavelmente tramou a morte de Mordred e Sansum tramou a nossa. Agora Sansum tem seu rei cristão e Lancelot tem Dumnonia.

— Só que você está vivo — disse Ceinwyn em voz baixa.

— E Artur está vivo — falei. — E, se Mordred está morto, o trono é de Artur.

— Só se ele derrotar Lancelot — disse Merlin secamente.

— Claro que ele vai derrotar Lancelot — repliquei, cheio de desprezo.

— Artur está enfraquecido — alertou Merlin com gentileza. — Muitos de seus homens foram mortos. Todos os guardas de Mordred estão mortos, bem como todos os lanceiros de Caer Cadarn. Cei e seus homens estão mortos em Isca, e se não estão mortos são fugitivos. Os cristãos se levantaram, Derfel. Ouvi dizer que eles marcaram as casas com o símbolo do peixe, e qualquer casa que não exibir essa marca terá os moradores trucidados. — Ele andou num silêncio sombrio durante um tempo. — Eles estão limpando a Britânia para a vinda de seu Deus.

— Mas Lancelot não matou Sagramor — falei, esperando que isso fosse verdade. — E Sagramor lidera um exército.

— Sagramor vive — garantiu Merlin, e então deu a pior notícia daquela noite terrível —, mas foi atacado por Cerdic. Parece que Lancelot e Cerdic podem ter concordado em dividir Dumnonia entre os dois. Cerdic ficará com as terras da fronteira e Lancelot governará o resto.

Eu não conseguia encontrar o que dizer. Parecia incompreensível. Cerdic solto em Dumnonia? E os cristãos se levantaram para tornar Lancelot seu rei? E tudo tinha acontecido tão depressa, em questão de dias, e não houvera qualquer sinal disso antes de eu sair de Dumnonia.

— Houve sinais — disse Merlin, lendo minha mente. — Houve sinais, só que nenhum de nós os levou a sério. Quem se importava se alguns cristãos pintavam um peixe na parede de suas casas? Quem ligava para os frenesis deles? Ficamos tão acostumados com os padres arengando que não ouvíamos mais o que eles diziam. E quem de nós acredita que o Deus deles virá à Britânia dentro de quatro anos? Havia sinais em volta, Derfel, e estivemos cegos a eles. Mas não foi isso que causou este horror.

— Sansum e Lancelot o causaram — falei.

— O Caldeirão o trouxe. Alguém o usou, Derfel, e o poder dele está solto na terra. Suspeito de que Dinas e Lavaine tenham feito isso, mas eles não sabem como controlá-lo, por isso derramaram o horror.

Continuei andando em silêncio. Agora o mar de Severn estava visível, uma fita de prata e negro por trás da lua que ia baixando. Ceinwyn chorava baixinho e peguei sua mão.

— Descobri quem é meu pai — falei, tentando distraí-la do sofrimento. — Só ontem fiquei sabendo.

— Seu pai é Aelle — disse Merlin placidamente.

Encarei-o.

— Como sabia?

— Está no seu rosto, Derfel. Esta noite, quando passou pelo portão, você só precisava de uma capa de urso preto para ser ele. — Merlin sorriu. — Lembro-me de você como um garotinho sério, cheio de perguntas e com a testa franzida, e esta noite chegou como um guerreiro dos Deuses, uma coisa aterrorizante feita de aço e ferro, pluma e escudo.

— É verdade? — perguntou Ceinwyn.

— É — admiti e temi pela reação dela.

Eu não precisaria temer.

— Então Aelle deve ser um grande homem — disse ela com firmeza, e me deu um sorriso triste —, senhor príncipe.

Chegamos ao mar e viramos para o norte. Não tínhamos para onde ir, a não ser em direção a Gwent e Powys, onde a loucura não havia se espalhado, mas nosso caminho terminou num lugar onde a areia da praia se projetava numa ponta em que a maré montante se quebrava numa vastidão de lama. À esquerda estava o mar, à direita os pântanos

de Avalon, e me pareceu que estávamos presos ali, mas Merlin disse para não nos preocuparmos.

— Descansem — falou —, porque a ajuda virá logo. — Ele olhou para o leste e viu um brilho de luz surgindo acima dos morros do outro lado do pântano. — Está amanhecendo. E quando o sol tiver nascido a ajuda chegará. — Ele se sentou e brincou com Seren e seus gatinhos, enquanto o resto de nós se deitava na areia, junto às coisas que levávamos, e Pyrlig, nosso bardo, entoava a Canção de Amor de Rhianon, que sempre fora a predileta de Dian. Ceinwyn, com um braço em volta de Morwenna, chorava enquanto eu apenas ficava olhando o mar cinzento e móvel, e sonhava com a vingança.

O sol nasceu, prometendo mais um belo dia de verão em Dumnonia, só que nesse dia os cavaleiros cobertos de ferro estariam se espalhando pelo campo para nos encontrar. Finalmente o Caldeirão fora usado, os cristãos tinham se reunido sob a bandeira de Lancelot, o horror se espalhava pela terra e a obra de Artur estava sendo sitiada.

Os homens de Lancelot não eram os únicos que nos procuravam naquela manhã. Os moradores do pântano tinham ouvido falar do que acontecera no salão de Ermid, assim como tinham ouvido dizer que a horrenda cerimônia em Ynys Wydryn era um casamento cristão, e qualquer inimigo dos cristãos era amigo do povo do pântano, por isso seus barqueiros, guias e caçadores se espalharam pelos atoleiros para nos encontrar.

Acharam-nos duas horas depois do nascer do sol, e nos guiaram para o norte pelos caminhos do pântano, onde nenhum inimigo ousaria entrar. Ao anoitecer, já fora dos pântanos, estávamos perto da cidade de Abona, onde navios partiam para a costa de Silúria com cargas de grãos, cerâmica, estanho e chumbo. Um bando dos homens de Lancelot guarnecia os cais construídos pelos romanos ao longo do rio, mas seu exército estava muito espalhado e não havia mais de vinte lanceiros vigiando os navios, e a maioria desses lanceiros já estava meio embriagada depois de saquear uma carga de hidromel. Matamos todos. A morte já chegara a Abona, porque os corpos de uma dúzia de pagãos estavam na lama acima da linha de maré do rio. Os cristãos fanáticos que trucidaram os pagãos já haviam partido para se juntar ao exército de Lancelot, e o povo que permanecia na cidade estava com medo. Contaram-nos o que tinha acontecido ali, juraram inocência nos assassinatos e depois trancaram as portas — todas tinham a marca do peixe. Na manhã seguinte, numa maré montante, navegamos para Isca, em Silúria — para a fortaleza de Usk, onde um dia Lancelot fizera seu palácio quando se entediava no trono inadequado de Silúria.

Ceinwyn estava sentada junto a mim no fundo do barco.

— É estranho o modo como as guerras vão e vêm com os reis —

disse ela.

— Como?

Ela deu de ombros.

— Uther morreu e houve apenas lutas até que Artur matou meu pai, depois tivemos paz, e agora Mordred chega ao trono e temos guerra de novo. É como as estações, Derfel. A guerra vem e vai. — Ela encostou a cabeça no meu ombro. — E o que vai acontecer agora?

— Você e as meninas vão para o norte, até Caer Sws. Vou ficar e lutar.

— Artur vai lutar?

— Se Guinevere foi morta ele lutará até que não reste um inimigo vivo. — Nada tínhamos ouvido sobre Guinevere, mas com os cristãos assolando Dumnonia parecia improvável que ela ficasse sem ser molestada.

— Pobre Guinevere — disse Ceinwyn — e pobre Gwydre. — Ela gostava muito do filho de Artur.

Chegamos ao rio Usk, finalmente a salvo em território governado por Meurig, e de lá caminhamos para o norte até a capital de Gwent, Burrium. Gwent era um país cristão, mas não fora infectado pela loucura que varria Dumnonia. Gwent já tinha um rei cristão, e talvez essa circunstância tenha bastado para manter o povo calmo. Meurig culpou Artur.

— Ele deveria ter suprimido o paganismo — falou.

— Por que, senhor rei? — perguntei. — O próprio Artur é pagão.

— A verdade de Cristo é de uma obviedade ofuscante, eu deveria ter pensado — disse Meurig. — Se um homem não pode ler as marés da história, ele só pode culpar a si mesmo. O cristianismo é o futuro, lorde Derfel, e o paganismo é o passado.

— Não é um futuro muito grande — falei com escárnio —, se a história vai terminar dentro de quatro anos.

— Ela não termina! Ela começa! Quando Cristo vier de novo, lorde Derfel, os dias de glória chegarão! Todos seremos reis, todos seremos alegres e abençoados.

— A não ser nós, pagãos.

— Naturalmente o inferno precisa ser alimentado. Mas ainda há tempo para vocês aceitarem a fé verdadeira.

Ceinwyn e eu recusamos seu convite para sermos batizados, e na manhã seguinte ela partiu para Powys com Morwenna, Seren e as outras mulheres e crianças. Nós, lanceiros, abraçamos nossas famílias e as olhamos caminhar para o norte. Meurig lhes deu uma escolta, e mandei seis dos meus homens com ordens para voltar ao sul assim que as mulheres estivessem seguras sob a guarda de Cuneglas. Malaine, o druida de Powys, foi com elas, mas Merlin e Nimue, cuja busca pelo Caldeirão estava subitamente tão fervorosa quanto estivera na Estrada

Escura, ficaram conosco.

O rei Meurig viajou conosco até Glevum. Essa cidade era dumnoniana, mas ficava bem na fronteira de Gwent, e suas muralhas de terra e madeira guardavam a terra de Meurig e, sensatamente, ele já a havia guarnecido com seus lanceiros para se certificar de que os tumultos de Dumnonia não se espalhassem para o norte entrando em Gwent. Levamos dois dias para chegar a Glevum, e ali, no grande salão onde tinha acontecido o último Grande Conselho de Uther, encontrei o resto de meus homens, os de Artur e o próprio Artur.

Ele me viu entrar no salão, e seu olhar de alívio foi tão sincero que lágrimas me vieram aos olhos. Meus lanceiros, os que permaneceram com Artur quando fui para o sul encontrar minha mãe, comemoraram, e nos momentos seguintes houve uma quantidade de encontros e notícias. Relatei o acontecido no salão de Ermid, dei o nome dos homens que tinham morrido, garanti que suas mulheres estavam vivas e em seguida olhei para Artur.

— Mas eles mataram Dian — falei.

— Dian? — Acho que a princípio ele não acreditou.

— Dian — repeti, e as lágrimas desgraçadas voltaram.

Artur saiu comigo do salão e caminhou com o braço direito em meus ombros até as fortificações de Glevum, onde os lanceiros de Meurig, com suas capas vermelhas, controlavam todas as plataformas de luta. Fez com que eu repetisse toda a história, a partir do momento em que o deixei até pegar o navio em Abona.

— Dinas e Lavaine — ele falou os nomes amargamente, depois desembainhou Excalibur e beijou a lâmina cinzenta. — Sua vingança é minha — disse formalmente e devolveu a espada à bainha.

Durante um tempo nada falamos, apenas ficamos encostados no topo da muralha, olhando para o vale amplo ao sul de Glevum. Parecia tão pacífico! A plantação de feno estava quase pronta para ser cortada, e havia papoulas coloridas em meio ao trigo que crescia.

— Tem alguma notícia de Guinevere? — Artur rompeu o silêncio e senti algo próximo ao desespero em sua voz.

— Não, senhor.

Ele estremeceu, depois recuperou o controle.

— Os cristãos a odeiam — falou baixo e depois, de modo pouco característico, tocou o ferro de Excalibur para evitar o mal.

— Senhor — tentei tranquilizá-lo —, ela tem guardas. E seu palácio fica perto do mar. Ela escaparia se houvesse perigo.

— Para onde? Broceliande? E se Cerdic mandou navios? — Ele fechou os olhos por alguns segundos, depois balançou a cabeça. — Só podemos esperar as notícias.

Perguntei sobre Mordred, mas ele não ouvira mais do que o resto de nós.

— Desconfio que esteja morto, porque se tivesse escapado já teria chegado aqui.

Ele tinha notícias de Sagramor, e eram notícias ruins.

— Cerdic causou grandes danos. Caer Ambra caiu, Calleva se foi e Corinium está sitiada. Deve se sustentar mais alguns dias, porque Sagramor conseguiu acrescentar duzentas lanças à guarnição, mas a comida acabará até o fim do mês. Parece que temos guerra de novo. — Ele deu um riso curto, quase um latido. — Você estava certo sobre Lancelot, não estava? E fui cego. Pensei que ele era amigo. — Não falei nada, apenas o olhei e vi, para minha surpresa, que havia fios grisalhos em suas têmporas. Para mim ele ainda parecia jovem, mas creio que se algum homem o conhecesse agora pensaria que estava chegando à meia-idade. — Como Lancelot pode ter trazido Cerdic para Dumnonia — perguntou furioso —, ou encorajado a loucura dos cristãos?

— Ele quer ser rei de Dumnonia, e precisa das lanças deles. E Sansum quer ser o seu principal conselheiro, tesoureiro real e tudo o mais.

Artur estremeceu.

— Você acha que Sansum realmente planejou nossa morte no templo de Cadoc?

— E quem mais? — Eu acreditava que Sansum tinha sido o primeiro a associar o peixe no escudo de Lancelot ao nome de Cristo, e era Sansum quem havia chicoteado e excitado a comunidade cristã até um fervor que colocaria Lancelot no trono de Dumnonia. Eu duvidava de que Sansum pusesse muita fé na vinda iminente de Cristo, mas ele queria ter o máximo de poder possível, e Lancelot era o seu candidato para o trono de Dumnonia. Se Lancelot tivesse sucesso em manter o trono, todas as rédeas do poder estariam nas patas do lorde camundongo. — Ele é um desgraçado perigoso — falei vingativo. — Nós deveríamos tê-lo matado há dez anos.

— Pobre Morgana — suspirou Artur. Depois fez uma careta. — O que nós fizemos de errado?

— Nós? — perguntei indignado. — Não fizemos nada de errado.

— Nunca entendemos o que os cristãos queriam, mas o que poderíamos ter feito se entendêssemos? Eles nunca iriam aceitar algo além da vitória total.

— Não foi nada que tenhamos feito, só o que o calendário faz com eles. O ano quinhentos os deixou loucos.

— Eu esperava que tivéssemos arrancado Dumnonia da loucura.

— O senhor lhes deu a paz, e a paz deu a eles a chance de alimentar a loucura. Se estivéssemos lutando contra os saxões durante todos esses anos as energias deles estariam indo para a batalha da sobrevivência, mas em vez disso lhes demos a chance de fomentar suas idiotices.

Ele deu de ombros.

— Mas o que faremos agora?

— Agora? Vamos lutar!

— Com o quê? — perguntou ele amargamente. — Sagramor está ocupado com Cerdic. Tenho certeza de que Cuneglas nos mandará lanças, mas Meurig não lutará.

— Não? — perguntei, alarmado. — Mas ele fez o juramento da Távola Redonda!

Artur deu um sorriso triste.

— Esses juramentos agora nos assombram, Derfel. E parece que nestes dias lamentáveis os homens os levam pouco a sério. Lancelot também fez o juramento, não foi? Mas Meurig diz que com Mordred morto não há *casus belli*. — Ele citou o latim com amargura, e me lembrei de Meurig usando as mesmas palavras antes da batalha do vale do Lugg, e de como Culhwch tinha zombado da erudição do rei torcendo o latim para “calças velhas”.

— Culhwch virá — falei.

— Para lutar pela terra de Mordred? Duvido.

— Para lutar pelo senhor. Porque, se Mordred estiver morto, o senhor é o rei.

Ele deu um sorriso amargo diante dessa declaração.

— Rei de quê? De Glevum? — Ele riu. — Eu tenho você, tenho Sagramor, tenho o que Cuneglas me der, mas Lancelot tem Dumnonia e tem Cerdic. — Artur andou em silêncio durante um tempo, depois me deu um sorriso torto. — Temos outro aliado, mas não é bem um amigo. Aelle se aproveitou da ausência de Cerdic para retomar Londres. Quem sabe Cerdic e ele matem um ao outro?

— Aelle será morto pelo próprio filho — falei —, não por Cerdic.

Ele me deu um olhar interrogativo.

— Que filho?

— É uma maldição. Sou eu. Sou filho de Aelle.

Ele parou e me olhou, para ver se eu estava brincando.

— Você?

— Eu, senhor.

— Verdade?

— Por minha honra, senhor. Sou filho de seu inimigo.

Artur continuava me olhando, depois começou a gargalhar. O riso era genuíno e extravagante, terminando em lágrimas que ele enxugou enquanto balançava a cabeça, divertido.

— Caro Derfel! Se ao menos Uther e Aelle soubessem! Uther e Aelle, os grandes inimigos, cujos filhos se tornaram amigos. O destino é inexorável.

— Talvez Aelle saiba — falei, lembrando-me de como ele tinha me repreendido gentilmente por ignorar Erce.

— Agora ele é nosso aliado — disse Artur —, quer queiramos, quer

não. A não ser que optemos por não lutar.

— Não lutar? — perguntei.

— Há ocasiões em que tudo que quero é ter Guinevere e Gwydre de volta e uma casinha onde possamos viver em paz. Até mesmo tentei fazer um juramento, Derfel. Se os Deuses me dessem de volta minha família, eu nunca mais iria perturbá-los de novo. Eu iria para uma casa como a que você tinha em Powys, lembra?

— Cwm Isaf — falei, e imaginei se Artur podia acreditar que Guinevere seria feliz num lugar daqueles.

— Igualzinho a Cwm Isaf. Um arado, alguns campos, um filho para criar, um rei para respeitar e canções à noite junto ao fogo. — Ele se virou e olhou de novo para o sul. A leste do vale os grandes morros verdes se erguiam íngremes, e os homens de Cerdic não estavam muito longe daqueles cumes. — Estou cansado de tudo isso. — Por um momento Artur parecia à beira das lágrimas. — Pense em tudo que conseguimos, Derfel, todas as estradas, os tribunais e as pontes, e todas as disputas que resolvemos e toda a prosperidade que criamos, e tudo isso transformado em nada pela religião! Religião! — Ele cuspiu por cima da paliçada. — Será que vale a pena lutar por Dumnonia?

— Vale a pena lutar pela alma de Dian — falei — e enquanto Dinas e Lavaine viverem não estou em paz. E rezo, senhor, para que não tenha essas mortes a vingar, mas mesmo assim deve lutar. Se Mordred estiver morto, o senhor é rei, e, se ele viver, temos nossos juramentos.

— Nossos juramentos — disse ele ressentido, e tenho certeza de que estava pensando nas palavras que tínhamos falado acima do mar junto ao qual Isolda morreria. — Nossos juramentos — repetiu.

Mas tudo que possuíamos agora eram juramentos, porque os juramentos eram nosso guia em tempos de caos, e agora o caos estava denso em Dumnonia. Porque alguém havia derramado o poder do Caldeirão, e o horror ameaçava nos engolfar a todos.

NAQUELE VERÃO, DUMNONIA parecia um gigantesco tabuleiro de jogo, e Lancelot jogara bem seus dados, recolhendo metade das apostas apenas com o lance de abertura. Tinha cedido o vale do Tâmis para os saxões, mas o resto do país agora era dele, graças aos cristãos que, cegamente, lutavam ao seu lado porque seu escudo mostrava o emblema de um peixe. Eu duvidava de que Lancelot fosse mais cristão do que Mordred tinha sido, mas os missionários de Sansum haviam espalhado sua mensagem insidiosa e, pelo menos para os pobres cristãos iludidos de Dumnonia, Lancelot era o precursor de Cristo.

Lancelot não ganhara todos os pontos. Sua trama para matar Artur fracassara, e enquanto Artur vivesse Lancelot corria perigo, mas um dia depois de eu ter chegado a Glevum ele tentou limpar todo o tabuleiro. Tentou ganhar tudo de uma vez.

Mandou um cavaleiro com um escudo virado de cabeça para baixo e um ramo de visgo preso na ponta da lança. O cavaleiro trazia uma mensagem convocando Artur a Dun Ceinach, uma antiga fortaleza de terra num cume a poucos quilômetros das fortificações de Glevum. A mensagem exigia que Artur fosse naquele mesmo dia à antiga fortaleza, jurava por sua segurança e permitia que ele levasse quantos lanceiros quisesse. O tom imperioso da mensagem quase convidava à recusa, mas terminava prometendo notícias de Guinevere, e Lancelot devia saber que essa promessa tiraria Artur de Glevum.

Ele partiu uma hora depois. Vinte de nós cavalgamos junto, todos com armadura integral sob um sol de rachar. Grandes nuvens brancas viajavam sobre os morros que se erguiam íngremes no lado leste do amplo vale do Severn. Poderíamos ter seguido as trilhas que serpenteavam subindo aqueles morros, mas elas levavam a muitos lugares onde uma emboscada poderia ser feita, por isso pegamos a estrada para o sul ao longo do vale, uma estrada romana que seguia entre campos onde papoulas coloriam o centeio e a cevada. Depois de uma hora viramos para o leste e acompanhamos uma sebe que estava branca com as flores de pilriteiros, em seguida atravessamos um campo de feno quase pronto para as foices, e assim chegamos à íngreme encosta coberta de capim sobre a qual ficava o antigo forte. Ovelhas se espalharam quando subimos a encosta, tão escarpada que preferi descer do cavalo e puxá-lo pelas rédeas. Orquídeas floriam cor-de-rosa e castanhas entre o capim.

Paramos cem passos abaixo do cume e subi sozinho para me certificar de que nenhuma emboscada esperava por trás da comprida barreira gramada da fortaleza. Estava suando e ofegando quando

cheguei ao topo do muro, mas não havia nenhum inimigo agachado atrás do barranco. Na verdade o antigo forte parecia vazio, a não ser por duas lebres que fugiram do meu aparecimento súbito. O silêncio no topo do morro me deixou cauteloso, mas então um único cavaleiro apareceu entre algumas árvores baixas que cresciam na parte norte da fortaleza. Trazia uma lança que baixou ostensivamente, virou o escudo de cabeça para baixo e em seguida desceu do cavalo. Uma dúzia de homens o acompanhou saindo das árvores. Eles também baixaram as lanças como se para garantir que a promessa de trégua era genuína.

Acenei para Artur subir. Seus cavalos chegaram ao muro, então ele e eu nos adiantamos. Artur estava com sua melhor armadura. Não vinha como suplicante, mas como guerreiro com elmo de plumas brancas e a cota de escamas prateada.

Dois homens vieram a pé nos encontrar. Eu esperava ver o próprio Lancelot, mas em vez disso veio o seu primo e campeão, Bors. Era um homem alto e de cabelos pretos, muito barbudo, de ombros largos, e era um guerreiro capaz, que atravessava a vida como um touro, enquanto seu senhor deslizava como uma cobra. Eu não desgostava de Bors, nem ele de mim, mas nossas lealdades ditavam que fôssemos inimigos.

Bors fez um rápido cumprimento com a cabeça. Estava de armadura, mas seu companheiro vestia manto de padre. Era o bispo Sansum. Isso me surpreendeu, porque Sansum geralmente cuidava de disfarçar suas lealdades, e pensei que o nosso pequeno lorde camundongo estava tão confiante na vitória que mostrava abertamente a aliança com Lancelot. Artur olhou para Sansum sem lhe dar importância, depois olhou para Bors.

— Você tem notícias da minha mulher — falou peremptoriamente.

— Ela vive — disse Bors —, e está em segurança. Assim como o seu filho.

Artur fechou os olhos. Não podia esconder o alívio. Na verdade, por um momento nem pôde falar.

— Onde eles estão? — perguntou quando retomou o controle.

— No Palácio do Mar. Sob guarda.

— Vocês mantêm mulheres como prisioneiras? — perguntei, cheio de escárnio.

— Eles estão sob guarda, Derfel — respondeu Bors com igual escárnio —, porque os cristãos de Dumnonia estão matando os inimigos. E esses cristãos, lorde Artur, não amam sua esposa. Meu lorde, o rei Lancelot pôs sua esposa e seu filho sob a proteção dele.

— Então o seu lorde rei Lancelot — disse Artur com apenas um traço de sarcasmo — pode mandá-los para o norte com uma escolta.

— Não — disse Bors. Ele estava com a cabeça descoberta e o calor do sol fazia o suor descer pelo rosto largo e cheio de cicatrizes.

— Não? — perguntou Artur com a voz cheia de perigo.

— Tenho uma mensagem para o senhor — disse Bors desafiadoramente. — E a mensagem é a seguinte: meu senhor rei lhe garante o direito de viver em Dumnonia com sua esposa. O senhor será tratado com honra, mas apenas se fizer um juramento de lealdade ao meu rei. — Ele parou e olhou para o céu. Era um daqueles dias portentosos em que a lua compartilhava o céu com o sol, e Bors fez um gesto para a lua que estava inchada, entre meia e cheia. — O senhor tem até a lua cheia para se apresentar ao meu senhor rei em Caer Cadarn. Pode vir com dez homens no máximo, fará seu juramento e poderá viver em paz sob o domínio dele.

Cuspi para mostrar minha opinião de sua promessa, mas Artur levantou a mão para controlar minha raiva.

— E se eu não for? — perguntou ele.

Outro homem poderia sentir vergonha de dar aquela mensagem, mas Bors não demonstrou escrúpulos.

— Se não for, meu senhor rei presumirá que está em guerra contra ele, e neste caso precisará de cada lança que puder coletar. Mesmo as que agora guardam sua esposa e seu filho.

— De modo que seus cristãos — Artur esticou o queixo para Sansum — possam matá-los?

— Ela pode se batizar! — interveio Sansum. Em seguida agarrou a cruz pendurada sobre o manto preto. — Garanto a segurança dela caso ela seja batizada.

Artur o encarou. Depois, muito deliberadamente, cuspiu direto no rosto de Sansum. O bispo recuou bruscamente. Percebi que Bors achou divertido, e suspeitei de que havia desaparecido um pouco de afeto entre o campeão e o capelão de Lancelot. Artur olhou de novo para Bors.

— Fale-me de Mordred.

Bors pareceu surpreso com a pergunta.

— Não há o que contar — falou depois de uma pausa. — Ele está morto.

— Você viu o cadáver?

Bors hesitou de novo, depois balançou a cabeça.

— Mordred foi morto por um homem cuja filha ele estuprou. Afora isso não sei de nada. Só que meu senhor rei entrou em Dumnonia para acalmar os tumultos que se seguiram ao assassinato. — Ele parou como se esperasse que Artur dissesse mais alguma coisa, mas quando nada foi dito ele apenas olhou para a lua. — O senhor tem até a lua cheia — disse e deu meia-volta.

— Um minuto! — gritei, fazendo Bors se virar. — E eu?

Os olhos duros de Bors me encararam.

— O que é que tem você? — perguntou ele, cheio de escárnio.

— O assassino de minha filha exige um juramento meu?

— Meu senhor não quer nada de você.

— Então diga-lhe que quero algo dele. Diga que quero a alma de Dinas e de Lavaine, e que, ainda que seja a última coisa que eu faça na terra, eu as terei.

Bors deu de ombros, como se a morte dos druidas nada significasse para ele, depois olhou de novo para Artur.

— Estaremos esperando o senhor em Caer Cadarn — falou, e em seguida foi andando. Sansum ficou, gritando contra nós, dizendo que Cristo vinha em sua glória e que todos os pagãos e pecadores seriam varridos da face da terra antes daquele dia feliz. Cuspi nele, depois me virei e acompanhei Artur. Sansum veio atrás, gritando nos nossos calcanhares, mas de repente chamou meu nome. Eu o ignorei.

— Lorde Derfel! — gritou ele de novo. — Seu usuário de prostituta! Seu amante de prostituta! — Ele devia saber que esses insultos iriam fazer com que eu me virasse furioso e, mesmo não querendo minha fúria, o bispo queria minha atenção. — Não falei a sério, senhor — disse ele apressadamente quando corri de volta. — Preciso falar com o senhor. Depressa. — Ele olhou para trás, certificando-se de que Bors estava fora do alcance auditivo, depois deu outro grito exigindo meu arrependimento, só para se certificar de que Bors achava que ele estava me pressionando. — Eu pensei que Artur e o senhor estavam mortos — falou em voz baixa.

— Você tramou a nossa morte.

Ele ficou branco.

— Ah, por minha alma, Derfel, não! Não! — Ele fez o sinal da cruz. — Que os anjos arranquem minha língua e a deem ao diabo se estou mentindo. Juro por Deus Todo-Poderoso, lorde Derfel, que não sabia de nada! — Depois de contar essa mentira ele olhou em volta de novo, e em seguida olhou para mim. — Dinas e Lavaine estão guardando Guinevere no Palácio do Mar. Lembre-se de que fui eu, senhor, quem lhe contou isso.

Sorri.

— Não quer que Bors saiba que você traiu seu conhecimento para mim, não é?

— Não, senhor, por favor!

— Então isso deve convencê-lo da sua inocência — falei, e dei um tapa na orelha do lorde camundongo, que deve ter feito sua cabeça ressoar como o grande sino de seu templo. Ele girou caindo no chão, onde gritou pragas contra mim enquanto eu me afastava. Agora entendia por que Sansum tinha vindo até esta fortaleza sob o céu. O lorde camundongo podia ver com clareza que a sobrevivência de Artur ameaçava o novo trono de Lancelot, e que ninguém podia manter a fé num senhor que se opusesse a Artur. Sansum, como sua mulher, estava se certificando de que eu lhe devesse um agradecimento.

— Que negócio foi aquele? — perguntou Artur quando o alcancei.

— Ele disse que Dinas e Lavaine estão no Palácio do Mar. Estão guardando Guinevere.

Artur resmungou, depois olhou para a lua empalidecida pelo sol, pairando acima.

— Quantas noites faltam para a cheia, Derfel?

— Cinto? Seis? Merlin sabe.

— Seis dias para decidir — disse ele, depois parou e me olhou. — Será que eles ousariam matá-la?

— Não, senhor — falei, esperando estar certo. — Eles não ousariam fazer do senhor um inimigo. Eles querem que o senhor faça o juramento, para depois matá-lo. Depois disso podem matá-la.

— E se eu não for — disse ele em voz baixa — eles continuarão com ela. E enquanto a tiverem, Derfel, estarei impotente.

— O senhor tem uma espada, e uma lança e um escudo. Nenhum homem poderia chamá-lo de impotente.

Atrás de nós Bors e seus homens montaram e se afastaram. Ficamos mais alguns instantes olhando das fortificações de Dun Ceinach para o oeste. Era uma das paisagens mais bonitas de toda a Britânia, uma visão que ia longe, por cima do Severn e até o interior da distante Silúria. Podíamos ver por quilômetros e quilômetros, e deste lugar alto tudo parecia muito iluminado, verde e lindo. Era um local pelo qual valia lutar.

E tínhamos seis noites até a lua cheia.

— Sete noites — disse Merlin.

— Tem certeza? — perguntou Artur.

— Talvez seis. Espero que você não espere que eu faça os cálculos. É um negócio muito tedioso. Já fiz vezes suficientes para Uther e quase sempre errei. Seis ou sete, mais ou menos. Talvez oito.

— Malaine deduzirá — disse Cuneglas. Havíamos voltado de Dun Ceinach e descobrimos que Cuneglas havia vindo de Powys. Trouxera Malaine depois de encontrar o druida que tinha acompanhado Ceinwyn e as outras mulheres. O rei de Powys tinha me abraçado e jurado vingança contra Dinas e Lavaine. Trouxera sessenta lanceiros em seu séquito e nos disse que mais cem já estavam vindo para o sul. Outros viriam, disse ele, porque Cuneglas esperava lutar e estava generosamente oferecendo cada guerreiro que comandava.

Agora seus sessenta guerreiros estavam agachados com os homens de Artur junto às paredes do grande salão de Glevum enquanto os senhores conversavam no centro. Apenas Sagramor não estava lá, porque permanecia com os lanceiros que lhe restavam, incomodando o exército de Cerdic perto de Corinium. Meurig estava presente, incapaz de esconder a irritação por Merlin ter ocupado a grande cadeira na

cabeceira da mesa. Cuneglas e Artur flanqueavam Merlin, Meurig estava virado para Merlin na outra extremidade da mesa, e Culhwch e eu ocupávamos os outros dois lugares. Culhwch viera a Glevum com Cuneglas, e sua chegada foi como um sopro de ar fresco e limpo no salão enfumaçado. Ele mal podia esperar para lutar. Declarou que, com Mordred morto, Artur era o rei de Dumnonia, e Culhwch estava pronto para vadear um rio de sangue para proteger o trono do primo. Cuneglas e eu compartilhávamos essa beligerância, Meurig guinchava falando de prudência, Artur não dizia nada, ao passo que Merlin parecia dormir. Duvidei de que ele estivesse dormindo, porque um pequeno sorriso aparecia em seu rosto, mas os olhos estavam fechados enquanto ele fingia estar abençoadamente alheio ao que dizíamos.

Culhwch zombou da mensagem de Bors. Insistia em que Lancelot jamais mataria Guinevere, e que Artur só precisava cavalgar para o sul à frente de seus homens e o trono cairia em suas mãos.

— Amanhã! — disse Culhwch a Artur. — Vamos partir amanhã. Tudo vai estar terminado em dois dias.

Cuneglas estava ligeiramente mais cauteloso, aconselhando Artur a esperar a chegada do resto de seus lanceiros powsianos, mas assim que esses homens chegassem ele tinha certeza de que deveríamos declarar guerra e ir para o sul.

— Qual é o tamanho do exército de Lancelot? — perguntou ele.

Artur deu de ombros.

— Sem contar os homens de Cerdic? Talvez uns trezentos.

— Não é nada! — rugiu Culhwch. — Nós os mataremos antes do desjejum.

— E um monte de cristãos ferozes — alertou Artur.

Culhwch deu uma opinião sobre os cristãos que fez Meurig se engasgar de indignação. Artur acalmou o jovem rei de Gwent.

— Todos vocês estão esquecendo uma coisa — disse em tom calmo. — Eu nunca quis ser rei. E ainda não quero.

Houve um silêncio momentâneo em volta da mesa, apesar de alguns guerreiros nos cantos do salão terem murmurado protestos contra as palavras de Artur.

— Não importa mais se você quer ou não — disse Cuneglas, rompendo nosso silêncio. — Parece que os Deuses tomaram esta decisão em seu lugar.

— Se os Deuses me quisessem como rei teriam arranjado para minha mãe se casar com Uther.

— Então o que você quer? — berrou Culhwch em desespero.

— Quero Guinevere e Gwydre de volta — disse Artur em voz baixa. — E Cerdic derrotado — acrescentou antes de olhar um momento para o tampo arranhado da mesa. — Quero viver como um homem comum. Com uma mulher, um filho, uma casa e uma fazenda. Quero paz — e

pela primeira vez ele não estava falando de toda a Britânia, e sim de si mesmo. — Não quero estar emaranhado em juramentos, não quero ficar lidando para sempre com as ambições dos homens e não quero mais ser o árbitro da felicidade dos outros homens. Só quero fazer o que o rei Tewdric fez. Quero encontrar um lugar verde e viver lá.

— E apodrecer? — Merlin desistiu do fingimento de sono.

Artur sorriu.

— Há muita coisa a aprender, Merlin. Por que um homem faz duas espadas do mesmo metal no mesmo fogo e uma lâmina será confiável e a outra vai se dobrar na primeira batalha? Há muita coisa a descobrir.

— Ele quer ser ferreiro — disse Merlin a Culhwch.

— O que quero é Guinevere e Gwydre de volta — declarou Artur com firmeza.

— Então deve fazer o juramento de Lancelot — disse Meurig.

— Se ele for a Caer Cadarn fazer o juramento de Lancelot — falei amargo —, será recebido por cem homens armados e trucidado como um cão.

— Não se eu levar reis comigo — disse Artur gentilmente.

Todos o encaramos e ele pareceu surpreso por ficarmos perplexos com suas palavras.

— Reis? — Culhwch finalmente rompeu o silêncio.

Artur sorriu.

— Se meu senhor rei Cuneglas e meu senhor rei Meurig forem comigo a Caer Cadarn, duvido que Lancelot ouse me matar. Se ele estiver diante dos reis da Britânia terá de falar, e se falar nós chegaremos a um acordo. Ele me teme, mas, se descobrir que não há o que temer, deixará que eu viva. E deixará minha família viver.

Houve outro silêncio enquanto digeríamos aquilo, depois Culhwch rugiu protestando:

— Você vai deixar aquele desgraçado do Lancelot ser rei? — Alguns dos lanceiros nos cantos do salão resmungaram concordando.

— Primo, primo! — Artur tranquilizou Culhwch. — Lancelot não é um homem mau. Acho que é fraco, mas não mau. Ele não faz planos, não tem sonhos, apenas um olho cobiçoso e mãos rápidas. Ele pega as coisas à medida que elas aparecem, depois as guarda e espera outra coisa que possa pegar. Ele me quer morto agora porque tem medo de mim, mas, quando descobrir que o preço de minha morte é alto demais, aceitará o que puder pegar.

— Ele aceitará sua morte, seu idiota! — Culhwch bateu na mesa com o punho. — Ele vai lhe contar mil mentiras, afirmar a amizade e enfiar uma espada entre suas costelas no momento em que os seus reis tiverem partido.

— Ele mentirá para mim — concordou Artur placidamente. — Todos os reis mentem. Nenhum reino poderia ser governado sem

mentiras. Nós pagamos aos bardos para transformar nossas vitórias esquálidas em grandes triunfos, e algumas vezes até acreditamos nas mentiras que eles cantam. Lancelot adoraria acreditar em todas aquelas canções, mas a verdade é que ele é fraco e anseia desesperadamente por amigos fortes. Agora ele me teme, porque presume minha inimizade, mas, quando descobrir que não sou inimigo, também descobrirá que precisa de mim. Ele precisará de cada homem que puder encontrar se quiser livrar Dumnonia de Cerdic.

— E quem convidou Cerdic a entrar em Dumnonia? — protestou Culhwch. — Foi Lancelot!

— E ele se arrependerá logo — disse Artur calmamente. — Ele usou Cerdic para ganhar um prêmio, e descobrirá que Cerdic é um aliado perigoso.

— O senhor lutaria por Lancelot? — perguntei horrorizado.

— Lutarei pela Britânia — disse Artur com firmeza. — Não posso pedir aos homens que morram para me tornar o que não quero ser, mas posso pedir que lutem por seus lares, suas mulheres e seus filhos. E é por isso que luto. Por Guinevere. E para derrotar Cerdic, e assim que ele estiver derrotado o que importa se Lancelot governar Dumnonia? Alguém tem de fazer isso, e ousa dizer que ele será um rei melhor do que Mordred jamais seria. — De novo houve silêncio. Um cão gemeu no canto do salão e um lanceiro espirrou. Artur olhou para nós e viu que ainda estávamos pasmos. — Se eu lutar contra Lancelot nós voltamos à Britânia que tínhamos antes da batalha do vale do Lugg. Uma Britânia em que lutávamos uns contra os outros, em vez de contra os saxões. Só há um princípio aqui, e é a velha insistência de Uther em que os saxões deviam ser mantidos longe do mar de Severn. E agora — disse ele vigorosamente — os saxões estão mais perto do Severn do que jamais estiveram. Se eu lutar por um trono não quero dar a Cerdic a chance de tomar Corinium e depois esta cidade, e, se ele tomar Glevum, terá nos dividido em dois. Se eu lutar contra Lancelot os saxões tomarão tudo. Tomarão Dumnonia e Gwent, e depois disso irão para o norte até Powys.

— Exato — Meurig aplaudiu Artur.

— Não lutarei por Lancelot — falei, irado, e Culhwch aplaudiu.

Artur sorriu para mim.

— Meu caro amigo Derfel, eu não esperaria que você lutasse por Lancelot, mas quero que seus homens lutem contra Cerdic. E meu preço para ajudar Lancelot a derrotar Cerdic é que ele lhe entregue Dinas e Lavaine.

Eu o encarei. Até este momento não havia entendido como ele estivera pensando tão longe. O resto de nós só vira a traição de Lancelot, mas Artur estava pensando apenas na Britânia e na necessidade desesperada de manter os saxões longe do Severn. Artur

descartaria a hostilidade de Lancelot, forçaria minha vingança sobre ele e depois continuaria com o trabalho de derrotar os saxões.

— E os cristãos? — perguntou Culhwch cheio de escárnio. — Acha que eles o deixarão voltar a Dumnonia? Acha que aqueles desgraçados não vão construir uma fogueira para você?

Meurig guinchou outro protesto que Artur refreou.

— O fervor cristão vai se exaurir. É como uma loucura, e assim que se exaurir eles vão para casa juntar os pedaços da vida. E assim que Cerdic estiver derrotado Lancelot pode pacificar Dumnonia. E viverei com minha família, que é o que desejo.

Cuneglas estivera recostado na cadeira, olhando os restos da pintura romana no teto. Agora se empertigou e olhou para Artur.

— Diga de novo o que você quer.

— Quero os britânicos em paz — disse Artur pacientemente. — E quero Cerdic expulso, e quero minha família.

Cuneglas olhou para Merlin.

— E então, senhor? — disse ele, convidando o julgamento do velho.

Merlin estivera dando nós em duas tranças de sua barba, mas agora pareceu ligeiramente espantado e rapidamente desamarrou-as.

— Duvido de que os Deuses queiram o que Artur quer — disse ele. — Vocês estão se esquecendo do Caldeirão.

— Isto não tem nada a ver com o Caldeirão — disse Artur com firmeza.

— Tem tudo a ver — reagiu Merlin com uma aspereza súbita e surpreendente. — E o Caldeirão traz o caos. Você deseja a ordem, Artur, e acha que Lancelot ouvirá sua razão e que Cerdic se submeterá à sua espada, mas sua ordem razoável não funcionará no futuro assim como não funcionou no passado. Você realmente acha que os homens e as mulheres lhe agradeceram por ter trazido a paz? Eles apenas se entediaram com a paz e por isso criaram seu próprio problema para preencher o tédio, enquanto você deseja o tédio como um homem sedento busca o hidromel. Sua razão não derrotará os deuses, e os Deuses se certificarão disso. Acha que pode se arrastar para um lar e brincar de ser ferreiro? Não. — Merlin deu um sorriso maligno e pegou seu cajado preto e comprido. — Neste momento mesmo os Deuses estão criando problemas para você. — Ele apontou o cajado para a porta da frente do salão. — Eis o seu problema, Artur ap Uther.

Todos nos viramos e vimos Galahad parado na porta. Estava vestindo uma armadura de malha, tinha uma espada e manchas de lama até a cintura. E com ele estava uma figura miserável, de pé torto, nariz chato, cara redonda, barba rala e cabelo de escova.

Mordred ainda vivia.

Houve um silêncio pasmo. Mordred entrou mancando no salão e seus

olhos pequenos traíam o ressentimento pela falta de boas-vindas. Artur apenas olhou para o senhor a quem havia prestado juramento e soube que ele estava desfazendo em sua cabeça todos os planos cuidadosos que tinha acabado de nos descrever. Não poderia haver paz razoável com Lancelot porque o senhor de Artur ainda vivia. Dumnonia ainda possuía um rei, e não era Lancelot. Era Mordred, e Mordred tinha o juramento de Artur.

Então o silêncio se rompeu enquanto os homens se reuniam em volta do rei para ficar sabendo das novidades. Galahad se afastou para me abraçar.

— Graças a Deus você está vivo — disse ele com alívio sincero.

Sorri para o meu amigo.

— Você espera que eu lhe agradeça por ter salvado a vida do meu rei?

— Alguém deveria, porque ele não agradeceu. É um monstrinho ingrato. Deus sabe por que ele vive e tantos homens bons morreram. Llywarch, Bedwyr, Dagonet, Blaise. Todos se foram. — Ele estava citando os guerreiros de Artur que tinham sido mortos em Durnovária. De algumas das mortes eu já sabia, outras eram novas para mim, mas Galahad sabia mais sobre como elas haviam acontecido. Ele estava em Durnovária quando o boato da morte de Mordred havia provocado o tumulto dos cristãos, mas Galahad jurava que havia lanceiros entre os que criavam o tumulto. Acreditava que os homens de Lancelot tinham se infiltrado na cidade disfarçados de peregrinos que viajavam para Ynys Wydryn, e aqueles lanceiros lideraram o massacre. — A maioria dos homens de Artur estava nas tavernas, e pouca chance tiveram. Alguns sobreviveram, mas só Deus sabe onde estão. — Ele fez o sinal da cruz. — Isto não é coisa de Cristo, Derfel, você sabe, não sabe? É o demônio trabalhando. — Ele me lançou um olhar dolorido, amedrontado. — É verdade o que aconteceu com Dian?

— Verdade — falei. Galahad me abraçou sem palavras. Ele nunca havia se casado e não tinha filhos, mas amava minhas filhas. Amava todas as crianças. — Dinas e Lavaine a mataram, e ainda estão vivos.

— Minha espada é sua.

— Eu sei.

— E se isso fosse coisa de Cristo — disse Galahad, sério — Dinas e Lavaine não estariam servindo Lancelot.

— Não culpo o seu Deus. Não culpo Deus nenhum. — Em seguida me virei para a agitação em volta de Mordred. Artur gritava pedindo silêncio e ordem, serviçais tinham sido mandados para trazer comida e roupas dignas de um rei, e outros homens tentavam ouvir as notícias dadas por ele. — Lancelot não exigiu que você lhe prestasse juramento? — perguntei a Galahad.

— Ele não sabia que eu estava em Durnovária. Eu estava hospedado

com o bispo Emrys, e o bispo me deu um manto de monge para usar por cima disto — ele bateu na cota de malha — e então fui para o norte. O pobre Emrys está arrasado. Acha que os cristãos enlouqueceram, e também acho. Creio que eu poderia ter ficado e lutado, mas não fiz isso. Fugi. Tinha ouvido dizer que você e Artur estavam mortos, mas não acreditei. Achei que iria encontrá-los, mas em vez disso encontrei nosso rei. — Ele me contou que Mordred estivera caçando javalis no norte de Durnovária, e Lancelot, pelo que Galahad acreditava, tinha mandado homens interceptar o rei na volta a Durnovária; mas uma garota aldeã tinha atraído o interesse de Mordred, e quando ele e seus companheiros terminaram com ela já estava quase escuro, por isso ele exigiu a maior casa do povoado e ordenou que trouxessem comida. Seus assassinos tinham esperado no portão norte da cidade enquanto Mordred se refestelava a uns vinte quilômetros de distância, e em algum momento daquela noite os homens de Lancelot devem ter decidido começar a matança mesmo que o rei dumnoniano tivesse escapado da emboscada. Eles tinham espalhado o boato de sua morte e usaram esse boato para justificar a usurpação de Lancelot.

Mordred soube dos problemas quando chegaram fugitivos de Durnovária. A maioria de seus companheiros tinha desaparecido, os aldeãos estavam juntando coragem para matar o rei, que havia estuprado uma das garotas do lugar e roubado boa parte da comida, e Mordred entrou em pânico. Ele e seus últimos amigos fugiram para o norte vestidos com roupas dos aldeãos.

— Eles estavam tentando chegar a Caer Cadarn — disse Galahad —, achando que encontrariam lanceiros fiéis lá, mas em vez disso me encontraram. Eu ia para a sua casa, mas soubemos que seu pessoal tinha fugido, por isso o trouxe para o norte.

— Você viu saxões?

Ele balançou a cabeça.

— Eles estão no vale do Tâmis. Nós os evitamos. — Galahad olhou para a confusão de pessoas em volta de Mordred. — E o que vai acontecer agora?

Mordred tinha ideias firmes. Estava com um manto emprestado e sentado à mesa onde atulhava pão e carne salgada na boca. Exigia que Artur marchasse imediatamente para o sul, e sempre que Artur tentava interromper o rei batia na mesa e repetia a exigência.

— Você está negando seu juramento? — gritou Mordred finalmente, cuspiendo pedaços de pão e carne.

— Lorde Artur está tentando preservar a mulher e o filho dele — respondeu Cuneglas acidamente.

Mordred olhou inexpressivo para o rei de Powys.

— Acima do meu reino? — perguntou ele finalmente.

— Se Artur for à guerra — explicou Cuneglas a Mordred —

Guinevere e Gwydre morrerão.

— Então não fazemos nada? — gritou Mordred. Ele estava histérico.

— Nós vamos pensar no assunto — disse Artur, amargo.

— Pensar? — gritou Mordred, e em seguida se levantou. — Você só vai pensar, enquanto aquele desgraçado governa minha terra? Você não fez um juramento? E de que servem estes homens se você não lutar? — Ele apontou para os lanceiros que estavam em círculo em volta da mesa. — Você vai lutar por mim, é isso que fará! É o que o seu juramento exige. Você lutará! — Ele bateu na mesa de novo. — Você não pensa! Você luta!

Eu já tinha aguentado o bastante. Talvez a alma morta de minha filha tenha vindo a mim naquele momento, porque quase sem pensar me adiantei e abri a fivela do cinto da espada. Tirei Hywelbane do cinto, joguei a espada no chão e dobrei a tira de couro ao meio. Mordred me viu e soltou um protesto frágil quando me aproximei dele, mas ninguém se mexeu para me impedir.

Cheguei ao lado de meu rei, parei e bati com força em seu rosto, com o cinto dobrado.

— Isto não é pelos tapas que você me deu, e sim pela minha filha. E isto — bati de novo, com muito mais força — é por seu fracasso em manter o juramento de guardar seu reino.

Lanceiros gritaram aprovando. O lábio inferior de Mordred estava tremendo, como acontecia em todas aquelas surras que ele havia tomado na infância. Suas bochechas ficaram vermelhas das pancadas e um fio de sangue apareceu num corte minúsculo sob o olho. Ele tocou aquele sangue com um dedo, depois cuspiu um pedaço de carne meio mastigada e pão no meu rosto.

— Você vai morrer por isso — prometeu, e depois, numa fúria crescente, tentou me dar um tapa. — Como eu poderia defender o reino? — gritou. — Você não estava lá! Artur não estava lá. — Tentou me dar um tapa outra vez, mas de novo aparei o tapa com o braço, depois levantei o cinto para bater de novo.

Horrorizado com meu comportamento, Artur puxou meu braço e me afastou. Mordred veio atrás, tentando me acertar com os punhos, mas então um cajado preto bateu com força em seu braço e ele se virou em fúria para reagir ao novo agressor.

Mas era Merlin quem estava acima do rei furioso.

— Bata em mim, Mordred — disse o druida em voz baixa —, e eu o transformo num sapo e lhe dou de comer às serpentes do Annwn.

Mordred olhou para o druida, mas não disse nada. Tentou afastar o cajado, mas Merlin o manteve firme e o usou para empurrar o jovem rei de volta à cadeia.

— Diga, Mordred — falou Merlin enquanto o fazia sentar-se de novo. — Por que mandou Artur e Derfel para tão longe?

Mordred balançou a cabeça. Estava apavorado com esse novo Merlin de costas retas e enorme. Ele só havia conhecido o druida como um velho frágil pegando sol no jardim de Lindinis, e este Merlin revigorado e com a barba trançada o aterrorizava.

Merlin levantou o cajado e bateu com força na mesa.

— Por quê? — perguntou gentilmente quando o eco da pancada morreu.

— Para prender Ligessac — sussurrou Mordred.

— Seu idiotazinho rastejante. Uma criança poderia ter prendido Ligessac. Por que mandou Artur e Derfel?

Mordred apenas balançou a cabeça.

Merlin suspirou.

— Faz muito tempo, jovem Mordred, desde que usei minha magia mais poderosa. Infelizmente estou sem prática, mas acho que, com a ajuda de Nimue, posso transformar sua urina no pus preto que arde como uma vespa cada vez que você mijar. Posso embaralhar o seu cérebro, ou o que resta dele, e posso fazer sua hombridade — subitamente o cajado balançou perto do ventre de Mordred — se encolher até o tamanho de um feijão seco. Tudo isso posso fazer, Mordred, e farei a não ser que você conte a verdade. — Ele sorriu, e havia mais ameaça naquele sorriso do que no cajado. — Diga, meu garoto, por que mandou Artur e Derfel ao acampamento de Cadoc?

O lábio inferior de Mordred estava tremendo.

— Porque Sansum me disse para fazer isso.

— O lorde camundongo! — exclamou Merlin como se a resposta o surpreendesse. Ele sorriu de novo, ou pelo menos mostrou os dentes. — Tenho outra pergunta, Mordred, e se não me disser a verdade suas entranhas vão expelir sapos misturados com lama, sua barriga será um ninho de vermes e sua garganta vai ficar cheia da bile produzida por eles. Vou fazer você tremer incessantemente, de modo que toda a sua vida, sua vida inteira, será um tremor, cagando sapos, comida por vermes e cuspidando bile. Vou deixar você — ele parou e baixou a voz — ainda mais horrível do que sua mãe o fez. Então, Mordred, diga o que o lorde camundongo prometeu que aconteceria se você mandasse Derfel e Artur para longe?

Mordred ficou olhando aterrorizado para o rosto de Merlin.

Merlin esperou. Nenhuma resposta veio, por isso ele levantou o cajado para o alto teto do salão.

— Em nome de Bel — entoou sonoramente — e de seu lorde-sapo Callyd, e em nome de Sucellos e seu mestre dos vermes Horfael, e em nome de...

— Eles seriam mortos! — guinchou Mordred desesperado.

O cajado foi baixado lentamente, até apontar de novo para o rosto de Mordred.

— Ele prometeu o quê a você, garoto?

Mordred se retorceu na cadeira, mas não havia como fugir daquele cajado. Engoliu em seco, olhou para a esquerda e para a direita, mas não havia ajuda para ele no salão.

— Que eles seriam mortos — admitiu Mordred — pelos cristãos.

— E por que você quereria isso?

Mordred hesitou, mas Merlin ergueu o cajado de novo e o garoto vomitou a confissão:

— Porque não posso ser rei enquanto ele viver!

— Você achava que a morte de Artur iria libertá-lo para se comportar como quisesse?

— Sim!

— E acreditava que Sansum era seu amigo?

— Sim.

— E nem uma vez pensou que Sansum poderia querer você morto, também? — Merlin balançou a cabeça. — Que garoto idiota você é. Não sabe que os cristãos nunca fazem nada certo? Até mesmo o primeiro deles foi pregado numa cruz. Não é assim que Deuses eficientes se comportam, de jeito nenhum. Obrigado pela conversa, Mordred. — Ele sorriu, deu de ombros e se afastou. — Só tentei ajudar — falou, enquanto passava por Artur.

Mordred parecia já estar com os tremores ameaçados por Merlin. Agarrou-se aos braços da cadeira, com espasmos, e lágrimas apareceram em seus olhos pelas humilhações que tinha acabado de sofrer. Mas tentou recuperar parte do orgulho apontando para mim e exigindo que Artur me prendesse.

— Não seja idiota! — Artur se virou para ele, com raiva. — Você acha que podemos recuperar seu trono sem os homens de Derfel? — Mordred ficou quieto, e aquele silêncio petulante lançou Artur numa fúria igual à que me fez bater no meu rei. — Isso pode ser feito sem você! — rosnou ele para Mordred. — E, independentemente do que for feito, você ficará aqui, sob guarda! — Mordred ficou boquiaberto e uma lágrima caiu, diluindo o fino fio de sangue. — Não como prisioneiro, senhor rei — explicou Artur, cansado —, mas para preservar sua vida das centenas de homens que gostariam de tomá-la.

— Então o que você vai fazer? — perguntou Mordred, agora absolutamente patético.

— Como eu disse — explicou Artur cheio de escárnio —, vou pensar no assunto. — E não quis falar mais.

Agora a forma do desígnio de Lancelot estava pelo menos clara. Sansum havia tramado a morte de Artur, Lancelot tinha mandado homens para matar Mordred e depois seguira com seu exército na crença de que todos os obstáculos para o trono de Dumnonia tinham sido eliminados e

que os cristãos, provocados até a fúria pelos diligentes missionários de Sansum, matariam o resto dos inimigos enquanto Cerdic mantinha os homens de Sagramor a distância.

Mas Artur vivia, e Mordred também, e enquanto Mordred vivesse Artur tinha um juramento a cumprir, e esse juramento significava que tínhamos de ir à guerra. Não importava que a guerra pudesse abrir o vale do Severn para os saxões, tínhamos de lutar contra Lancelot. Estávamos travados por um juramento.

Meurig não daria nenhum lanceiro para lutar contra Lancelot. Disse que precisava de todos os seus homens para guardar as fronteiras contra um possível ataque de Cerdic ou Aelle, e nada que ninguém dissesse foi capaz de dissuadi-lo. Mas concordou em deixar sua guarnição em Glevum, assim liberando a guarnição dumnoniana para se juntar às tropas de Artur, mas não daria nada além disso.

— Ele é um bastardozinho covarde — rosnou Culhwch.

— Ele é um rapaz sensato — disse Artur. — Seu objetivo é preservar seu reino. — Ele falava conosco, seus comandantes guerreiros, num salão dos banhos romanos de Glevum. O cômodo tinha piso de ladrilhos e teto em arco, onde os restos pintados de ninfas nuas eram perseguidos por um fauno em meio a redemoinhos de folhas e flores.

Cuneglas foi generoso. Os lanceiros que tinha trazido de Caer Sws seriam mandados, sob o comando de Culhwch, para ajudar os homens de Sagramor. Culhwch jurou que não faria nada para ajudar na restauração de Mordred, mas não tinha restrições quanto a lutar contra os guerreiros de Cerdic, e esta ainda era a tarefa de Sagramor. Assim que o númida fosse reforçado pelos homens de Powys ele iria para o sul, cortar o caminho dos saxões que estavam sitiando Corinium e com isso jogar os homens de Cerdic numa campanha que iria impedi-los de ajudar Lancelot no interior de Dumnonia. Cuneglas prometeu toda a ajuda possível, mas disse que demoraria pelo menos duas semanas para juntar toda a sua força e trazê-la para o sul, até Glevum.

Artur tinha pouquíssimos homens em Glevum. Tinha os trinta que haviam ido para o norte prender Ligessac, que agora estava acorrentado em Glevum, e tinha os meus homens, e a esses podia acrescentar os setenta lanceiros que haviam formado a pequena guarnição de Glevum. Esses números eram aumentados dia a dia pelos refugiados que conseguiam escapar dos furiosos bandos de cristãos que ainda caçavam qualquer pagão restante em Dumnonia. Ouvimos dizer que muitos desses fugitivos continuavam em Dumnonia, alguns deles se sustentando em antigas fortalezas de terra ou no fundo das florestas, mas outros chegavam a Glevum, e entre eles estava Morfans, o Feio, que tinha escapado do massacre nas tavernas de Durnovária. Artur o encarregou das forças de Glevum e ordenou que marchasse para o sul em direção a Aquae Sulis. Galahad iria com ele.

— Não aceitem batalha — alertou Artur aos dois. — Apenas provoquem os inimigos, assediem, incomodem. Fiquem nos morros, permaneçam ágeis, e façam com que continuem olhando nesta direção. Quando meu senhor rei chegar — ele estava falando de Cuneglas — vocês podem se juntar ao exército dele e marchar para o sul contra Caer Cadarn.

Artur declarou que não lutaria com Sagramor nem com Morfans, em vez disso buscaria a ajuda de Aelle. Artur sabia melhor do que ninguém que a notícia de seus planos seria levada ao sul. Havia um número suficiente de cristãos em Glevum que acreditavam que Artur era o Inimigo de Deus, e que viam em Lancelot o precursor mandado pelo céu para anunciar a volta de Cristo; Artur queria que esses cristãos enviassem suas mensagens até Dumnonia, e queria que essas mensagens dissessem a Lancelot que Artur não ousaria arriscar a vida de Guinevere marchando contra ele. Em vez disso, ia implorar a Aelle que levasse seus machados e lanças contra os homens de Cerdic.

— Derfel irá conosco — disse ele.

Eu não queria acompanhar Artur. Havia outros intérpretes, protestei, e meu único desejo era me juntar a Morfans e marchar para Dumnonia. Não queria encarar meu pai, Aelle. Queria lutar, mas não para pôr Mordred no trono, e sim derrubar Lancelot e encontrar Dinas e Lavaine.

Artur recusou.

— Você irá comigo, Derfel — ordenou —, e levaremos quarenta homens.

— Quarenta? — objetou Morfans. Quarenta era um número grande para tirar de seu pequeno bando de guerreiros que deveria distrair Lancelot.

Artur deu de ombros.

— Não ouse parecer fraco diante de Aelle. Na verdade deveria levar mais, mas quarenta homens devem bastar para convencê-lo de que não estou desesperado. — Ele fez uma pausa. — Uma última coisa — falou numa voz séria que atraiu a atenção dos homens que se preparavam para sair da casa de banhos. — Alguns de vocês não estão inclinados a lutar por Mordred. Culhwch já deixou Dumnonia, sem dúvida Derfel irá embora quando esta guerra terminar, e quem sabe quantos outros de vocês irão também? Dumnonia não pode se dar ao luxo de perder esses homens. — Ele parou. Tinha começado a chover, e a água pingava dos tijolos que apareciam entre os retalhos de teto pintado. — Conversei com Cuneglas — Artur indicou a presença do rei com uma inclinação da cabeça — e conversei com Merlin, e falamos sobre as leis e os costumes antigos de nosso povo. Independentemente do que eu fizer, farei dentro da lei, e não posso livrar vocês de Mordred, porque meu juramento proíbe isso e a antiga lei de nosso povo não pode admitir. — Ele parou

de novo, com a mão direita inconscientemente segurando o punho de Excalibur. — Mas a lei me permite uma coisa. Se um rei é incapaz de governar, o conselho pode governar em nome dele desde que o rei receba a honra e os privilégios de sua condição. Merlin me garante que é assim, e o rei Cuneglas afirma que isso aconteceu no reinado de seu bisavô Brychan.

— Era maluco feito um morcego! — disse Cuneglas, alegre.

Artur deu um meio sorriso, depois franziu a testa enquanto organizava os pensamentos.

— Isso não é o que eu sempre quis — protestou em voz baixa, com a voz sombria ecoando na câmara gotejante — mas proporei ao Conselho de Dumnonia que ele governe no lugar de Mordred.

— Sim! — gritou Culhwch.

Artur o silenciou.

— Eu esperava que Mordred aprendesse a responsabilidade, mas não aprendeu. Não me importa que ele me quisesse morto, mas me importo com que ele perca seu reino. Mordred violou o juramento da aclamação, e agora duvido de que algum dia ele possa manter aquele juramento. — Artur fez uma pausa, e muitos de nós devem ter refletido em quanto tempo Artur havia demorado para entender uma coisa tão óbvia para o resto de nós. Durante anos ele havia resistido teimosamente a reconhecer a incapacidade de Mordred para governar, mas agora, depois de Mordred perder seu reino e, o que era muito pior aos olhos de Artur, ter fracassado em proteger seus súditos, finalmente Artur estava preparado para encarar a verdade. A água pingava em sua cabeça descoberta, mas ele não parecia notar. — Merlin me disse que Mordred está possuído por um espírito maligno — prosseguiu com uma voz melancólica. — Não sou hábil nessas coisas, mas esse veredicto não me parece improvável, e assim, se o Conselho concordar, proporei que, depois de restaurarmos Mordred, concedamos a ele todas as honras devidas ao rei. Ele pode morar no Palácio de Inverno, pode caçar, pode comer como um rei e ceder a todos os apetites dentro da lei, mas não governará. Vou propor que ele tenha todos os privilégios, mas nenhum dos deveres do trono.

Nós comemoramos. E como comemoramos. Porque agora parecia que tínhamos algo por que lutar. Não por Mordred, aquele sapo desgraçado, mas por Artur, porque, apesar de toda a sua bela conversa sobre o Conselho governar Dumnonia no lugar de Mordred, todos sabíamos o que as palavras significavam. Significavam que Artur seria o rei de Dumnonia em todos os sentidos, menos no nome, e por este bom objetivo levaríamos nossas lanças à guerra. Comemoramos porque agora tínhamos uma causa pela qual lutar e morrer. Tínhamos Artur.

escolhesse vinte dos meus melhores lanceiros para a embaixada a Aelle.

— Temos de impressionar o seu pai — disse ele —, e não se impressiona um homem chegando com lanceiros abalados e velhos. Levaremos nossos melhores homens.

Ele também insistiu para que Nimue nos acompanhasse. Teria preferido a companhia de Merlin, mas o druida declarou que estava velho demais para a longa jornada e propôs Nimue.

Deixamos Mordred guardado pelos lanceiros de Meurig. Mordred sabia dos planos de Artur para ele, mas não tinha aliados em Glevum e nenhum desafio em sua alma podre, mas teve a satisfação de ver Ligessac ser estrangulado no fórum, e depois daquela morte lenta Mordred subiu ao terraço do grande salão e fez um discurso murmurante onde ameaçou de um destino igual todos os traidores de Dumnonia, depois voltou carrancudo para seus aposentos enquanto seguíamos Culhwch para o leste. Culhwch tinha ido se juntar a Sagramor e ajudar a lançar o ataque que, todos esperávamos, salvaria Corinium.

Artur e eu marchamos para a região elevada e bonita que era a rica província leste de Gwent. Era um lugar de vilas luxuosas, vastas fazendas e grande riqueza, na maioria crescida nas costas das ovelhas que pastavam os morros ondulados. Marchávamos entre dois estandartes, o urso de Artur e minha estrela, e ficamos bem ao norte da fronteira dumnoniana, de modo que todas as notícias que iam para Lancelot lhe dissessem que Artur não estava oferecendo ameaça ao seu trono roubado. Nimue caminhava conosco. De algum modo Merlin a persuadira a tomar banho e arranjar roupas limpas, e então, desesperado na tentativa de desemaranhar seu cabelo imundo, ele o havia cortado curto e queimado as tranças cheias de crostas de sujeira. O cabelo curto ficou bem, ela usava de novo um tapa-olho e carregava um cajado, mas nenhuma outra bagagem. Andava descalça e seguia relutante, porque não quisera vir, mas Merlin a havia convencido, ainda que Nimue continuasse afirmando que sua presença era um desperdício.

— Qualquer idiota pode derrotar um feiticeiro saxão — disse ela a Artur no fim do primeiro dia de marcha. — É só cuspir neles, revirar os olhos e balançar um osso de galinha. Só isso.

— Não veremos nenhum feiticeiro saxão — respondeu Artur calmamente. Agora estávamos em terreno aberto, longe de qualquer vila, e ele parou o cavalo, levantou a mão e esperou que os homens se juntassem em volta — porque não vamos ver Aelle. Vamos para o sul, entrar em nosso país. Um longo caminho para o sul.

— Até o mar? — perguntei.

Ele sorriu.

— Até o mar. — Em seguida segurou o arção da sela. — Nós somos poucos, e Lancelot tem muitos, mas Nimue pode nos fazer um feitiço de

ocultação, e marcharemos à noite, e marcharemos muito. — Ele sorriu e deu de ombros. — Não posso fazer nada enquanto minha mulher e meu filho forem prisioneiros, mas se os libertarmos também estarei livre. E quando eu estiver livre poderei lutar contra Lancelot, mas vocês devem saber que estaremos longe de auxílio numa Dumnonia sob o domínio dos inimigos. Assim que eu tiver Guinevere e Gwydre, não sei como escaparemos, mas Nimue vai nos ajudar. Os Deuses vão nos ajudar, mas, se algum de vocês teme essa tarefa, pode voltar agora.

Ninguém fez isso, e ele devia saber que ninguém o faria. Aqueles quarenta eram nossos melhores homens, e teriam seguido Artur até o poço das serpentes. Artur, claro, tinha contado apenas a Merlin o que planejava, de modo que nenhuma sugestão disso poderia chegar aos ouvidos de Lancelot; agora deu de ombros para mim, como se desculpando por ter me enganado, mas devia saber como eu estava satisfeito, porque não íamos apenas para onde Guinevere e Gwydre eram reféns, mas onde os dois assassinos de Dian acreditavam estar livres de qualquer vingança.

— Vamos esta noite — disse Artur —, e não haverá descanso até o amanhecer. Vamos para o sul, e de manhã quero estar nos morros do outro lado do Tâmis.

Pusemos capas sobre as armaduras, abafamos os cascos dos cavalos com camadas de tecido e depois fomos para o sul em meio à noite que chegava. Os cavaleiros guiavam seus animais e Nimue nos guiava, usando sua estranha capacidade de achar o caminho num local desconhecido e na escuridão.

Em algum momento da noite escura entramos em Dumnonia e, à medida que descíamos dos morros para o vale do Tâmis, vimos, bem à direita, um brilho no céu mostrando onde os homens de Cerdic estavam acampados do lado de fora de Corinium. Assim que saímos dos morros nosso caminho seguiu inevitavelmente através de povoados pequenos e escuros onde os cães latiam à nossa passagem, mas ninguém nos questionou. Ou os habitantes estavam mortos ou temiam que fôssemos saxões, e assim, como um bando de fantasmas, passamos por eles. Um dos cavaleiros de Artur era nativo das terras do rio, e nos guiou para um vau que chegava até a altura do peito. Seguramos as armas e os sacos de pão bem alto, depois nos esforçamos para atravessar a forte correnteza até chegar à margem oposta onde Nimue sussurrou um feitiço de ocultação na direção de um povoado próximo. Ao alvorecer estávamos nos morros do sul, seguros dentro de uma das fortalezas de terra do Povo Antigo.

Dormimos sob o sol e ao escurecer seguimos de novo para o sul. O caminho passava por terras boas e ricas onde nenhum saxão ainda pusera os pés, mas mesmo assim nenhum morador nos questionou, já que ninguém, a não ser um idiota, questionaria homens armados

viajando à noite em tempos de confusão. Ao amanhecer tínhamos chegado à grande planície, e o sol nascente lançava sombras compridas dos morros funerários do Povo Antigo sobre o capim pálido. Alguns dos morros ainda tinham tesouros guardados por monstros das sepulturas. Nós os evitamos enquanto procurávamos alguma reentrância coberta de capim onde os cavalos pudessem comer e pudéssemos descansar.

Sob o luar seguinte passamos pelas Pedras, aquele grande círculo misterioso onde Merlin dera a espada a Artur e onde, há tantos anos, tínhamos entregado o ouro a Aelle antes de marchar para o vale do Lugg. Nimue deslizava entre os grandes pilares de pedra, tocando-os com o cajado, depois parando no centro com os olhos virados para as estrelas. A lua estava quase cheia, e sua luz dava às Pedras uma luminosidade pálida.

— Elas ainda têm magia? — perguntei quando ela nos alcançou.

— Alguma, mas está acabando, Derfel. Toda a nossa magia está acabando. Nós precisamos do Caldeirão. — Ela sorriu no escuro. — Agora ele não está longe, posso sentir. Ele ainda vive, Derfel, e vamos encontrá-lo e devolver a Merlin. — Nesse ponto havia paixão nela, a mesma paixão que demonstrara à medida que nos aproximávamos do fim da Estrada Escura. Artur marchava no escuro por sua Guinevere, eu por vingança e Nimue para invocar os Deuses com o Caldeirão, mas mesmo assim éramos poucos e o inimigo numeroso.

Agora estávamos bem dentro da nova terra de Lancelot, mas não víamos qualquer evidência de seus guerreiros nem qualquer sinal dos bandos de cristãos hidrófobos que, segundo diziam, ainda aterrorizavam os pagãos da área rural. Os lanceiros de Lancelot não tinham o que fazer nesta parte de Dumnonia, porque estavam vigiando as estradas que vinham de Glevum, enquanto os cristãos deviam ter ido apoiar seu exército na crença de que este fazia o trabalho de Cristo, por isso seguimos sem ser molestados enquanto descíamos da grande planície para as terras ribeirinhas da costa sul de Dumnonia. Rodeamos a cidade-fortaleza de Sorviodunum e sentimos cheiro da fumaça das casas que tinham sido queimadas ali. Ainda ninguém nos questionava, porque caminhávamos sob a lua quase cheia e estávamos protegidos pelos feitiços de Nimue.

Chegamos ao mar na quinta noite. Tínhamos passado pela fortaleza romana de Vindocládia, onde Artur tinha certeza de que haveria uma guarnição das tropas de Lancelot, e ao alvorecer estávamos escondidos na floresta densa acima do rio onde ficava o Palácio do Mar. O palácio estava a apenas um quilômetro e meio a oeste, e nós o tínhamos alcançado sem ser vistos, chegando como fantasmas da noite em nossa própria terra.

E também faríamos o ataque à noite. Lancelot estava usando Guinevere como escudo. Nós tiraríamos esse escudo e, livres, levaríamos

as lanças até seu coração traiçoeiro. Mas não em nome de Mordred, porque agora lutávamos por Artur e pelo reino feliz que víamos além da guerra.

Como dizem os bardos agora, lutávamos por Camelot.

A maioria dos lanceiros dormiu naquele dia, mas Artur, Issa e eu nos esgueiramos até a beira da floresta e olhamos para o Palácio do Mar do outro lado do pequeno vale.

Parecia tão belo com suas pedras brancas brilhando ao sol nascente! Estávamos olhando para o flanco leste, de uma crista ligeiramente mais baixa do que o palácio. A parede do leste era rompida apenas por três janelas pequenas, de modo que parecia uma grande fortaleza branca sobre um morro verde, mas essa ilusão era um tanto estragada pelo grande sinal do peixe que fora desenhado grosseiramente com piche sobre a parede caiada, presumivelmente para guardar o palácio contra a fúria de qualquer cristão itinerante. A longa fachada sul, que dava para o riacho e o mar que ficava depois de uma ilha arenosa na margem sul do riacho, era onde os construtores romanos tinham posto as janelas, assim como tinham relegado as cozinhas, os alojamentos dos escravos e os depósitos de grãos ao terreno norte, atrás da vila onde ficava a casa de madeira de Gwenhwyvach. Agora ali também havia um pequeno povoado de cabanas cobertas de palha, e achei que deveria ser para os lanceiros e suas famílias, e um emaranhado de tiras de fumaça subia dos fogos de cozinhar nas cabanas. Atrás das cabanas ficavam os pomares e as hortas, e atrás deles, cercados pelas florestas que cresciam densas nessa parte do país, ficavam campos de feno parcialmente cortado.

Na frente do palácio, e exatamente como eu me recordava daquele dia distante em que fizera o precioso juramento de Artur na Távola Redonda, os dois barrancos encimados por arcadas se estendiam para o riacho. Todo o palácio estava ensolarado, muito branco, grandioso e belo.

— Se os romanos voltassem hoje — disse Artur com orgulho —, não saberiam que foi reconstruído.

— Se os romanos voltassem hoje — falou Issa —, eles enfrentariam uma bela luta. — Eu havia insistido para que ele viesse até a borda das árvores porque não conhecia ninguém com vista melhor, e precisávamos passar esse dia descobrindo quantos guardas Lancelot tinha posto no Palácio do Mar.

Naquela manhã não contamos mais de uma dúzia de guardas. Logo depois do alvorecer, dois homens subiram numa plataforma de madeira que fora construída no topo do telhado, e de lá vigiavam a estrada que levava ao norte. Quatro outros lanceiros andavam de um lado para o outro na arcada mais próxima, e parecia sensato deduzir que mais quatro estariam estacionados na arcada do oeste, oculta de nós. Todos

os outros guardas estavam na área entre um terraço com balaustrada de pedra na parte de baixo dos jardins e o riacho, uma patrulha que evidentemente guardava os caminhos que levavam à costa. Issa, deixando a armadura e o elmo, fez um reconhecimento por lá, esgueirando-se pelo mato numa tentativa de ver a fachada da construção, entre as duas arcadas.

Artur olhava fixamente para o palácio. Estava levemente empolgado, sabendo que se encontrava à beira de um resgate ousado que lançaria um choque no novo reino de Lancelot. De fato, raramente eu vira Artur tão feliz como naquele dia. Ao entrar no fundo de Dumnonia ele havia se afastado das responsabilidades do governo, e agora, como no passado antigo, seu futuro dependia apenas da habilidade com a espada.

— Você costuma pensar em casamento, Derfel? — perguntou-me subitamente.

— Não, senhor. Ceinwyn jurou nunca se casar, e não vejo necessidade de questioná-la. — Sorri e toquei meu anel de amante que tinha a pequena lasca de ouro do Caldeirão. — Veja bem, acho que somos mais casados do que a maioria dos casais que já ficaram diante de um druida ou um sacerdote.

— Não quis dizer isso. Você costuma pensar em casamento, em termos gerais?

— Não, senhor. Na verdade, não.

— Derfel teimoso — brincou ele. — Quando eu morrer — falou com voz sonhadora —, quero um enterro cristão.

— Por quê? — perguntei, horrorizado, e tocando a cota de malha para que o ferro desviasse o mal.

— Porque estarei deitado com Guinevere para todo o sempre, ela e eu, num túmulo, juntos.

Pensei na carne de Norwenna pendurada nos ossos amarelos e fiz uma careta.

— O senhor estará no Outro Mundo com ela.

— Nossas almas estarão, sim, e nossos corpos de sombra estarão lá, mas por que estes corpos aqui não podem ficar também de mãos dadas?

Balancei a cabeça.

— Seja queimado, a não ser que o senhor queira que sua alma fique vagueando pela Britânia.

— Talvez você esteja certo — disse ele, em tom casual. Estava deitado de barriga no chão, escondido da vila por uma barreira de tasnas e centáureas. Nenhum de nós usava armadura. Iríamos vestir os equipamentos de guerra ao anoitecer, antes de matar os guardas de Lancelot. — O que faz você e Ceinwyn felizes? — Artur não tinha feito a barba desde que havíamos deixado Glevum, e os fios novos estavam ficando grisalhos.

— Amizade.

Ele franziu a testa.

— Só isso?

Pensei a respeito. A distância os primeiros escravos estavam indo para os campos de feno, as foices refletindo o sol da manhã com brilhos fortes. Garotinhos corriam de um lado para o outro das hortas, assustando os pássaros para longe das ervilhas e das fileiras de groselhas, amoras e framboesas, enquanto mais perto, onde alguns convólulos se retorciam cor-de-rosa nos espinheiros, tentilhões verdes pareciam brigar fazendo muito barulho. Parecia que nenhuma disputa cristã havia perturbado aquele lugar, na verdade parecia impossível que Dumnonia estivesse em guerra.

— Ainda sinto uma pontada toda vez que olho para ela — admiti.

— É isso, não é? — disse ele entusiasmado. — Uma pontada! Uma aceleração no coração.

— Amor — falei secamente.

— Temos sorte, nós dois. — Ele sorriu. — É amizade, é amor, e ainda é algo mais. É o que os irlandeses chamam de *anmchara*, uma alma amiga. Com quem mais você quer conversar até o fim do dia? Adoro as tardes em que podemos simplesmente ficar sentados conversando enquanto o sol baixa e as mariposas vêm para as velas.

— E nós conversamos sobre filhos — falei e desejei não ter falado — e das brigas dos serviçais, e se a escrava zarolha que trabalha na cozinha está grávida de novo, e imaginamos quem quebrou a alça do pote, e se o teto de palha precisa de conserto ou se vai durar mais um ano, e tentamos decidir o que fazer com o cão velho que não consegue mais andar, e que desculpa Cadell vai inventar para não pagar o aluguel de novo, e se devemos passar folhas de tasneira nos úberes das vacas para melhorar a produção. É disso que falamos.

Ele gargalhou.

— Guinevere e eu falamos de Dumnonia. Da Britânia. E, claro, de Ísis. — Parte do seu entusiasmo se dissipou ao mencionar esse nome, mas então ele deu de ombros. — Não que fiquemos juntos bastante. É por isso que sempre esperava que Mordred assumisse o fardo, e então eu ficaria aqui todos os dias.

— Pensando em alças de potes quebrados, em vez de em Ísis? — provoquei.

— Nisso e em tudo o mais — disse ele calorosamente. — Um dia vou plantar nestas terras, e Guinevere continuará com o seu trabalho.

— Seu trabalho?

Ele deu um sorriso torto.

— Conhecer Ísis. Ela me diz que se ao menos puder fazer contato com a Deusa o poder voltará para o mundo. — Ele deu de ombros, cético como sempre com relação a essas afirmações religiosas. Só Artur teria ousado enfiar Excalibur na terra e desafiar Gofannon a vir em sua

ajuda, porque realmente não acreditava que Gofannon viria. Uma vez me disse que, para os Deuses, nós somos como camundongos num teto de palha, e só sobrevivemos enquanto não formos notados. Mas só o amor o fazia estender uma tolerância estranha à paixão de Guinevere. — Eu gostaria de estar mais convencido a respeito de Ísis — admitiu agora — mas, claro, os homens não fazem parte de seus mistérios. — Ele sorriu. — Guinevere até chama Gwydre de Hórus.

— Hórus?

— O filho de Ísis. Nome feio.

— Não tão ruim quanto Wygga.

— Quem? — perguntou ele, e subitamente se enrijeceu. — Olhe — falou empolgado. — Olhe!

Levantei a cabeça para olhar por cima da barreira florida, e lá estava Guinevere. Mesmo a quatrocentos metros de distância ela era inconfundível, porque os cabelos ruivos brotavam numa massa revolta sobre o longo vestido azul que estava usando. Caminhava pela arcada mais próxima, em direção ao pequeno pavilhão aberto na extremidade próxima do mar. Três criadas iam atrás, com dois de seus cães veadeiros. Os guardas saíam do caminho e faziam reverência a sua passagem. Assim que chegou ao pavilhão, Guinevere sentou-se a uma mesa de pedra e as três criadas serviram seu desjejum.

— Ela vai comer fruta — disse Artur, com carinho. — No verão ela não come outra coisa de manhã. — Ele sorriu. — Se ela soubesse como estou perto!

— Esta noite, senhor, estará com ela.

Ele assentiu.

— Pelo menos ela está sendo bem-tratada.

— Lancelot tem muito medo do senhor para tratá-la mal.

Alguns instantes depois, Dinas e Lavaine apareceram na arcada. Usavam seus mantos de druida e toquei o punho de Hywelbane ao vê-los, e prometi à alma da minha filha que os gritos de seus assassinos fariam todo o Outro Mundo se encolher de medo. Os dois druidas chegaram ao pavilhão, fizeram uma reverência para Guinevere e depois se juntaram a ela na mesa. Gwydre veio correndo alguns instantes depois, e vimos Guinevere desalinhar o cabelo dele, depois mandá-lo para os cuidados de uma criada.

— Ele é um bom garoto — disse Artur, com carinho. — Não há falsidade nele. Não é como Amhar e Loholt. Fracassei com eles, não foi?

— Eles ainda são jovens, senhor.

— Mas agora servem ao meu inimigo. O que devo fazer com eles?

Sem dúvida Culhwch teria dito para matá-los, mas apenas encolhi os ombros.

— Mande-os para o exílio. — Os gêmeos podiam se juntar aos homens infelizes que não tinham senhor jurado. Podiam vender suas

espadas até finalmente ser mortos em alguma batalha não lembrada, contra os saxões, os irlandeses ou os escoceses.

Mais mulheres apareceram na arcada. Algumas eram criadas, outras eram aias que serviam Guinevere como cortesãs. Lunete, minha antiga amante, provavelmente era uma daquelas dúzia de mulheres confidentes de Guinevere, e também sacerdotisas de sua fé.

Em algum momento no meio da manhã caí no sono com a cabeça aninhada nos braços e o corpo entorpecido pelo calor do sol de verão. Quando acordei, vi que Artur tinha ido embora e Issa voltara.

— Lorde Artur voltou para os lanceiros, senhor — disse ele.

Bocejei.

— O que você viu?

— Mais seis homens. Todos guardas saxões.

— Os saxões de Lancelot?

Ele assentiu.

— Todos no grande jardim, senhor. Mas só os seis. Vimos dezoito homens no total, e mais alguns outros devem ficar de guarda à noite, mas mesmo assim não podem ser mais de trinta no total.

Achei que ele estava certo. Trinta homens seriam suficientes para guardar esse palácio, e um número maior seria supérfluo, especialmente porque Lancelot precisava de cada lança para guardar seu reino roubado. Levantei a cabeça e vi que agora a arcada estava vazia, a não ser pelos quatro guardas que pareciam absolutamente entediados. Dois estavam sentados encostados nas colunas, enquanto mais dois conversavam no banco de pedra onde Guinevere fizera o jejum. Tinham deixado as lanças encostadas na mesa. Os dois guardas na pequena plataforma do telhado pareciam igualmente preguiçosos. O Palácio do Mar cozinhava sob um sol de verão, e ninguém ali acreditava que um inimigo poderia estar a menos de cem quilômetros.

— Você falou a Artur sobre os saxões? — perguntei a Issa.

— Sim, senhor. Ele disse que era de esperar. Lancelot deve querer que ela seja bem guardada.

— Vá dormir. Eu vigio agora — falei.

Ele foi e, apesar da promessa, adormeci de novo. Tinha andado a noite inteira e estava cansado, e além disso parecia não haver perigo ameaçando na borda daquela floresta no verão. Assim dormi até ser abruptamente despertado por um latido súbito e grandes patas arranhando.

Acordei em terror e descobri dois ferozes cães veadeiros acima de mim, um dos dois latindo e o outro rosnando. Tentei pegar a faca, mas então uma voz de mulher gritou para os animais.

— Parados! — gritou ela, incisiva. — Drudwyn, Gwen, parados! Quietos! — Os cães se deitaram relutantes e me virei e vi Gwenthwyvach me olhando. Ela usava um velho vestido marrom, tinha um xale na

cabeça e um cesto em que estivera colhendo ervas selvagens. O rosto estava mais gorducho do que nunca, e o cabelo, onde aparecia sob a echarpe, estava malcuidado e emaranhado. — O adormecido lorde Derfel — disse ela, alegre.

Toquei o dedo nos lábios e olhei para o palácio.

— Eles não me vigiam — disse ela —, não se importam comigo. Além disso, costumo falar sozinha. Os loucos fazem isso, você sabe.

— A senhora não é louca.

— Gostaria de ser. Não imagino por que alguém gostaria de ser outra coisa neste mundo. — Ela riu, levantou o vestido e se deixou sentar pesadamente ao meu lado. Virou-se quando os cães rosnaram ao ouvir um barulho atrás de mim e olhou divertida Artur se arrastar pelo chão até o meu lado. Ele devia ter ouvido os latidos. — Se arrastando de barriga que nem uma cobra, Artur?

Como eu, Artur encostou o dedo nos lábios.

— Eles não se importam comigo — disse Gwenthwyvach de novo. — Olhe! — E ela balançou os braços vigorosamente para os guardas que simplesmente balançaram a cabeça e se viraram para outro lado. — Eu não vivo, pelo menos para eles. Sou apenas a mulher maluca e gorda que passeia com os cachorros. — Ela acenou de novo, e de novo as sentinelas a ignoraram. — Nem Lancelot me percebe — acrescentou triste.

— Ele está aqui? — perguntou Artur.

— Claro que não. Ele está muito longe. Vocês também, pelo que me disseram. Vocês não deveriam estar conversando com os saxões?

— Estou aqui para levar Guinevere — disse Artur — e você também — acrescentou galante.

— Não quero ser levada — protestou Gwenthwyvach. — E Guinevere não sabe que você está aqui.

— Ninguém deveria saber.

— Ela deveria! Guinevere deveria! Ela fica olhando no pote de óleo. Diz que pode ver o futuro lá! Mas não viu você, viu? — Ela deu um risinho, depois se virou e olhou para Artur como se achasse sua presença divertida. — Você veio resgatá-la?

— Sim.

— Esta noite?

— Sim.

— Ela não vai ficar grata — disse Gwenthwyvach. — Esta noite, não. Não tem nuvens, está vendo? — Ela acenou para o céu quase sem nuvens. — Não dá para cultuar Ísis com nuvens, você sabe, porque a lua não consegue entrar no templo, e esta noite ela está esperando a lua cheia. Uma lua cheia e grande, como um queijo fresco. — Ela acariciou o pelo comprido de um dos cães. — Este aqui é Drudwyn, e ele é um garoto mau. E esta é Gwen. *Plop!* — disse ela inesperadamente. — É

assim que a lua vem: *plop!* Direto no templo dela. — Gwenhwyvach riu de novo. — Passa pelo fosso e, *plop*, bem no poço!

— Gwydre vai estar no templo? — perguntou Artur.

— Gwydre, não. Os homens não podem entrar, pelo menos foi o que me disseram — falou Gwenhwyvach numa voz sarcástica, e parecia que ia dizer mais alguma coisa, mas apenas deu de ombros. — Gwydre será posto na cama. — Em seguida, olhou para o palácio e um lento sorriso maroto apareceu em seu rosto redondo. — Como você vai entrar, Artur? Há um monte de barras naquelas portas, e todas as janelas estão trancadas.

— Vamos dar um jeito, desde que você não conte a ninguém que nos viu.

— Desde que você me deixe aqui, não conto nem às abelhas. É costume contar tudo a elas. É preciso, caso contrário o mel azeda. Não é, Gwen? — perguntou à cadela, coçando suas orelhas caídas.

— Deixo você aqui, se é o que quer — prometeu Artur.

— Só eu, só eu, os cães e as abelhas. É só isso que quero. Eu, os cães, as abelhas e o palácio. Guinevere pode ficar com a lua. — Ela sorriu de novo, depois cutucou meu ombro com a mão gorducha. — Lembra-se daquela porta do porão que mostrei a você, Derfel? A que dá no jardim?

— Acho que lembro — falei.

— Vou me certificar de que não esteja trancada. — Ela deu um risinho de novo, antecipando alguma diversão. — Vou me esconder no porão e destrancar a porta quando todas elas estiverem esperando a lua. Não há guardas lá à noite, porque a porta é grossa demais. Todos os guardas ficam nas cabanas, na frente. — Ela se virou para olhar Artur. — Você vem? — perguntou ansiosa.

— Prometo que vou.

— Guinevere ficará satisfeita. E eu também. — Ela riu e se levantou. — Esta noite, quando a lua chegar fazendo *plop*. — E com isso se afastou levando os dois cachorros. Continuou rindo enquanto andava, e até deu uns dois passos de dança desajeitados. — *Plop!* — gritou e os cachorros saltavam em volta enquanto ela cabriolava morro abaixo.

— Ela é louca? — perguntei a Artur.

— Amarga, acho. — Ele olhou a figura roliça descer desajeitadamente o morro. — Mas vai nos deixar entrar, Derfel, ela vai nos deixar entrar. — Ele sorriu, depois pegou um punhado de centáureas da beira do campo. Arrumou-as num pequeno buquê e deu um sorriso tímido. — Para Guinevere, esta noite.

Ao anoitecer os colhedores de feno terminaram o serviço, voltaram dos campos e os guardas do telhado desceram pela escada comprida. Os braseiros na arcada foram cheios de madeira nova e acesos, mas achei que os fogos se destinavam mais a iluminar o palácio do que a alertar a aproximação de qualquer inimigo. Gaivotas voavam para os ninhos no

interior, e o sol poente tornava suas asas tão róseas quanto os convólulos entrelaçados nos espinheiros.

De volta à floresta, Artur vestiu sua armadura de escamas. Prendeu o cinto de Excalibur sobre o brilho metálico da cota e em seguida pôs uma capa preta nos ombros. Ele raramente usava capas pretas, preferindo as brancas, mas à noite a vestimenta escura ajudaria a nos esconder. Ele levaria o elmo brilhante sob a capa, para esconder as exuberantes penas de ganso branco.

Dez de seus cavaleiros ficariam junto às árvores. A tarefa deles era esperar o som da trompa de prata de Artur e em seguida atacar as cabanas dos lanceiros adormecidos. Os grandes cavalos e seus cavaleiros com armaduras, saindo enormes e ruidosos da noite, serviriam para causar pânico em qualquer guarda que pudesse interferir com nossa retirada. Artur esperava que a trompa só fosse tocada quando tivéssemos achado Gwydre e Guinevere e estivéssemos preparados para partir.

O resto de nós faria a grande jornada para o lado oeste do palácio, e de lá iríamos nos esgueirar pelas sombras da horta até a porta do porão. Se Gwenhwyfach não cumprisse a promessa teríamos de rodear até a frente do palácio, matar os guardas e quebrar uma das janelas do terraço. Uma vez dentro do palácio mataríamos todos os lanceiros que encontrássemos.

Nimue iria conosco. Quando Artur terminou de falar ela disse que Dinas e Lavaine não eram propriamente druidas, não como Merlin ou Iorweth, mas alertou que os gêmeos silurianos possuíam alguns poderes estranhos e que deveríamos esperar seus feitiços. Ela passara a tarde procurando na floresta e agora levantou uma trouxa feita com uma capa, que parecia estremecer enquanto ela a segurava, e aquela visão estranha fez meus homens tocarem as pontas das lanças.

— Tenho coisas aqui para anular os feitiços deles — disse ela —, mas tenham cuidado.

— E eu quero Dinas e Lavaine vivos — falei a meus homens.

Esperamos, armados e cobertos pelas armaduras — quarenta homens em aço, ferro e couro. Esperamos até o sol morrer e a lua cheia de Ísis surgir do mar como uma grande bola de prata. Nimue fez seus feitiços e alguns de nós rezamos. Artur permaneceu sentado em silêncio, mas ficou olhando quando tirei da bolsa uma pequena trança de cabelos dourados. Beijei os fios brilhantes, segurei-os brevemente encostados no rosto, depois amarrei no punho de Hywelbane. Senti uma lágrima descer pelo rosto enquanto pensava na minha menininha em seu corpo de sombra, mas esta noite, com a ajuda dos meus Deuses, eu daria paz à minha Dian.

COLOQUEI O ELMO, afivelei a tira do queixo e joguei a cauda de lobo sobre os ombros. Flexionamos as luvas de couro que estavam rígidas, depois enfiamos o braço esquerdo nas alças dos escudos. Desembainhamos as espadas e as estendemos para o toque de Nimue. Por um momento parecia que Artur queria dizer mais alguma coisa, mas em vez disso apenas enfiou o pequeno buquê de centáureas no pescoço da cota de escamas e depois assentiu para Nimue que, coberta por uma capa preta e segurando seu estranho fardo, guiou-nos para o sul por entre as árvores.

Do outro lado das árvores havia uma pequena campina que descia até a margem do riacho. Atravessamos a campina escura em fila, ainda fora das vistas do palácio. Nosso surgimento espantou algumas lebres que se alimentavam ao luar, e elas correram em pânico quando saímos de alguns arbustos baixos e descemos um barranco íngreme até a praia de cascalhos do riacho. O mar quebrava e chiava ao sul, seu som abafando qualquer ruído que nossas botas fizessem no lodo.

Olhei por cima do barranco só uma vez, e vi o Palácio do Mar postado como uma grande maravilha branca ao luar, acima da terra escura. Sua beleza fez lembrar Ynys Trebes, aquela cidade mágica do mar, que fora devastada e destruída pelos francos. Este lugar tinha a mesma beleza etérea, porque brilhava acima da terra escura como se fosse construído de raios de luar.

Assim que estávamos bem a oeste do palácio subimos o barranco, ajudando-nos uns aos outros com os cabos das lanças, e então seguimos Nimue para o norte através das árvores. Uma quantidade suficiente de luar se filtrava entre as folhas de verão iluminando nosso caminho, mas nenhum guarda apareceu. O som interminável do mar preenchia a noite, porém uma vez um grito soou bem perto e todos nos imobilizamos, depois reconhecemos o som de uma lebre sendo morta por uma doninha. Respiramos aliviados e continuamos andando.

Parecíamos ter feito um longo percurso entre as árvores, mas finalmente Nimue virou para o leste e nós a seguimos até a borda da floresta, e vimos as paredes caiadas do palácio à nossa frente. Não estávamos longe do fosso lunar que descia até o templo, e eu pude ver que ainda faltava algum tempo antes que a lua estivesse suficientemente alta no céu para lançar a luz através do fosso, até o porão de paredes pretas.

Foi enquanto estávamos na borda da floresta que começaram os cantos. A princípio o som era tão fraco que achei que fosse o vento gemendo, mas então a canção ficou mais alta e percebi que era um coro

de mulheres entoando alguma música estranha, fantasmagórica e plangente, diferente de tudo o que eu já ouvira. A canção devia estar chegando pelo fosso lunar, porque soava muito distante; uma canção fantasma, como um coro dos mortos cantando para nós, do Outro Mundo. Não podíamos ouvir palavras, mas sabíamos que era uma canção triste porque a melodia subia e descia estranhamente em semitons, ficava mais alta e depois afundava numa suavidade longa que se fundia com o murmúrio distante do mar. A música era muito bonita, mas me fez tremer e tocar a ponta da lança.

Se tivéssemos saído das árvores seríamos vistos pelos guardas postados na arcada do oeste, por isso seguimos alguns passos pelo mato e de lá pudemos ir em direção ao palácio através de um emaranhado de sombras lançadas pela lua. Havia um pomar, algumas fileiras de arbustos frutíferos e até uma cerca alta que protegia uma horta dos cervos e das lebres. Seguíamos lentamente, um de cada vez, e o tempo todo aquela canção estranha subia e descia, deslizava e gemia. Um fio de fumaça estremeceu acima do fosso lunar, e o cheiro dela veio até nós na brisa da noite. Era um cheiro de templo; pungente e quase enjoativo.

Agora estávamos a poucos metros das cabanas dos lanceiros. Um cachorro começou a latir, depois outro, mas ninguém nas cabanas achou que os latidos significassem problema, porque algumas vozes apenas gritaram pedindo silêncio e lentamente os cães se calaram, deixando apenas o barulho do vento nas árvores, o gemido do mar e a melodia fina e fantasmagórica da canção.

Eu seguia na frente, porque era o único que já estivera antes naquela pequena porta, e me preocupava com a ideia de não achá-la, mas encontrei com facilidade. Desci com cuidado os velhos degraus de tijolos e a empurrei suavemente. A porta resistiu, e por um instante pensei que ainda pudesse estar trancada com a barra, mas então, com um guincho da dobradiça de metal, ela se abriu e me encharcou em luz.

O porão estava iluminado por velas de junco embebido em cera. Pisquei, ofuscado, e então a voz sibilante de Gwenhwyvach soou.

— Rápido! Rápido!

Entramos; trinta homens grandes, com armaduras, capas, lanças e elmos. Gwenhwyvach sussurrou para que fizessemos silêncio, depois fechou a porta e recolocou a pesada barra no lugar.

— O templo fica lá — sussurrou, apontando por um corredor de velas que tinham sido postas para iluminar o caminho até a porta do templo. Ela estava empolgada, o rosto gorducho ruborizado. A canção fantasmagórica soava muito mais baixo aqui, abafada pelas cortinas do templo e pela grossa porta externa.

— Onde está Gwydre? — sussurrou Artur para Gwenhwyvach.

— No quarto dele.

— Há guardas lá?

— À noite só ficam os serviçais no palácio.

— Dinas e Lavaine estão aqui? — perguntei.

Ela sorriu.

— Você vai vê-los, prometo. Você vai vê-los. — Ela segurou a capa de Artur para puxá-lo em direção ao templo. — Venham.

— Vou pegar Gwydre primeiro — insistiu Artur, soltando a capa, depois tocou o ombro de seis de seus homens. — O resto de vocês fique aqui — sussurrou. — Esperem aqui. Não entrem no templo. Vamos deixar que elas terminem o culto. — Depois, andando sem fazer barulho, levou seus seis homens até o outro lado do porão e subiu alguns degraus.

Gwenhwyvach deu um risinho ao meu lado.

— Fiz uma oração a Clud — murmurou ela — e ela vai nos ajudar.

— Bom — falei. Clud é uma Deusa da luz, e não seria uma coisa ruim ter sua ajuda esta noite.

— Guinevere não gosta de Clud — disse Gwenhwyvach, desaprovando. — Ela não gosta de nenhum dos Deuses britânicos. A lua está alta?

— Ainda não. Mas está subindo.

— Então não é hora ainda.

— Hora de quê, senhora?

— Você verá! — Ela riu. — Você verá — repetiu, depois se encolheu temerosa quando Nimue passou pelo amontoado de lanceiros nervosos. Nimue havia tirado o tapa-olho de couro, de modo que a órbita vazia e encolhida parecia um buraco negro em seu rosto, e à visão daquela coisa medonha Gwenhwyvach gemeu de terror.

Nimue ignorou Gwenhwyvach. Em vez disso, examinou o porão, depois farejou como um cão de caça. Eu só podia ver teias de aranha, odres de vinho e jarras de hidromel, e só podia sentir o odor úmido de podridão, mas Nimue sentia alguma coisa odiosa. Ela sibilou, depois cuspiu em direção ao templo. A trouxe em sua mão se remexeu lentamente.

Nenhum de nós se moveu. Na verdade, uma espécie de terror nos dominou naquele porão iluminado por velas de junco. Artur tinha saído, não havíamos sido detectados, mas o som dos cânticos e a imobilidade do palácio eram arrepiantes. Talvez esse terror fosse causado por um feitiço de Dinas e Lavaine, ou talvez fosse apenas porque tudo aqui parecia tão pouco natural. Estávamos acostumados com florestas, tetos de palha, terra e capim, e esse lugar escuro feito de arcos de tijolos e chão de pedra era estranho e enervante. Um dos meus homens tremia.

Nimue acariciou o rosto do homem para restaurar sua coragem e depois se esgueirou com os pés descalços em direção às portas do templo. Fui com ela, pisando cuidadosamente com as botas para não fazer barulho. Queria puxá-la de volta. Ela estava claramente decidida a

desobedecer à ordem dada por Artur, de que deveríamos esperar o término dos ritos, e eu temia que ela fizesse alguma coisa que alertasse as mulheres no templo e provocasse seus gritos, atraindo os guardas de suas cabanas, mas com minhas botas pesadas e barulhentas eu não conseguia andar tão depressa quanto Nimue que estava descalça, e ela ignorou meu sussurro de alerta. Em vez disso, segurou a maçaneta de bronze da porta do templo. Hesitou um instante, depois abriu a porta e de repente a canção fantasmagórica ficou muito mais alta.

As dobradiças da porta tinham sido lubrificadas, e ela se abriu em silêncio para uma escuridão absoluta. Era a escuridão mais completa que eu já tinha visto, e era causada pelas cortinas grossas que ficavam a cerca de um metro depois da porta. Fiz um gesto para meus homens permanecerem onde estavam, depois segui Nimue. Queria puxá-la de volta, mas ela repeliu minha mão e fechou a porta com suas dobradiças lubrificadas. Agora a cantoria estava muito alta. Eu não podia ver nada, só podia ouvir o coro, mas o cheiro do templo era denso e nauseante.

Nimue estendeu a mão para me encontrar, depois baixou minha cabeça em direção à sua.

— Mal! — sussurrou.

— Não devíamos estar aqui.

Nimue ignorou isso. Estendeu a mão e achou a cortina e, um instante depois, uma minúscula fresta de luz apareceu quando achou a borda. Acompanhei-a, curvei-me e olhei por cima de seu ombro. A princípio a fresta era tão pequena que eu não podia ver quase nada, mas então, à medida que meus olhos identificavam o que havia do outro lado, vi demais. Vi os mistérios de Ísis.

Para entender aquela noite eu tinha de conhecer a história de Ísis. Fiquei sabendo mais tarde, mas naquele momento, espiando por cima do cabelo curto de Nimue, eu não tinha ideia do significado do ritual. Só sabia que Ísis era uma Deusa e, para muitos romanos, uma Deusa dos poderes mais elevados. Também sabia que era protetora dos tronos, e isso explicava o trono baixo e preto que continuava na parte elevada no extremo oposto do porão, ainda que nossa visão dele estivesse turvada pela fumaça densa que se retorcia e pairava no salão preto procurando escapar pelo fosso lunar. A fumaça vinha de braseiros, e suas chamas haviam sido enriquecidas por ervas que soltavam o odor pungente e atordoante que tínhamos sentido desde a borda da floresta.

Eu não podia ver o coro que continuava cantando apesar da fumaça, mas podia ver os que cultuavam Ísis, e a princípio não acreditei no que via. Não queria acreditar.

Podia ver oito fiéis de joelhos no piso de pedra preta, mas mesmo assim notei que alguns dos fiéis nus eram homens. Não era de espantar que Gwenhwyfach tivesse rido em antecipação àquele momento, porque já devia saber desse segredo. Guinevere sempre insistira que os homens

não tinham permissão de entrar no templo de Ísis, mas nesta noite eles estavam ali e, suspeitei, em todas as noites em que a lua cheia lançasse sua luz fria pelo buraco no teto do porão. As chamas tremulantes dos braseiros lançavam sua luz sinistra nas costas dos fiéis. Estavam todos nus. Homens e mulheres, todos nus, como Morgana me dissera havia tantos anos.

Os fiéis estavam nus, mas não os dois celebrantes. Lavaine era um deles; estava parado num dos lados do trono baixo e preto, e minha alma exultou quando o vi. Tinha sido a espada de Lavaine que havia cortado a garganta de Dian, e agora minha espada estava apenas na outra extremidade do porão. Ele se erguia alto junto ao trono, com a cicatriz do rosto iluminada pela luz dos braseiros e o cabelo preto oleado como o de Lancelot caindo nas costas do manto preto. Nesta noite não usava manto de druida, apenas uma túnica preta e simples, e empunhava um cajado preto e fino, tendo no topo uma pequena lua crescente dourada. Não havia sinal de Dinás.

Duas tochas em suportes de ferro flanqueavam o trono onde Guinevere permanecia sentada, fazendo o papel de Ísis. Seu cabelo estava enrolado na cabeça e preso por um aro de ouro do qual se projetavam dois chifres. Não eram chifres de qualquer animal que eu conhecesse, e mais tarde descobrimos que eram esculpido em marfim. No pescoço havia um pesado torque de ouro, mas ela não usava outras joias, apenas um vasto manto vermelho-escuro que cobria todo o corpo. Eu não podia ver o chão à sua frente, mas sabia que o poço raso estava ali, e achei que eles estavam esperando a lua descer pelo fosso e tocar com prata a água negra do poço. As cortinas mais distantes, atrás das quais Ceinwyn me dissera que havia uma cama, estavam fechadas.

De repente, um raio de luz tremulou na fumaça e fez os adoradores nus ofegarem com sua promessa. A pequena tira de luz era pálida e prateada e mostrava que a luz finalmente tinha subido o bastante para lançar o primeiro facho em ângulo pelo piso do porão. Lavaine esperou um momento enquanto a luz ficava mais larga, depois bateu duas vezes com o cajado no chão.

— Está na hora — disse em voz áspera e profunda —, está na hora.
— O coro silenciou.

Então nada aconteceu. Eles apenas esperaram em silêncio enquanto aquela coluna prateada da lua que parecia balançar com a fumaça se alargava e se arrastava pelo chão. Aí me lembrei daquela noite distante em que havia me agachado no topo do morro de pedras ao lado do Llyn Cerrig Bach e visto a luz da lua seguir em direção ao corpo de Merlin. Agora olhava o luar deslizar e se inchar no templo silencioso de Ísis. O silêncio era cheio de portento. Uma das mulheres ajoelhadas nuas soltou um gemido baixo, depois ficou quieta de novo. Outra mulher se balançava para trás e à frente.

O raio de luar se alargou ainda mais, com o reflexo lançando um brilho pálido no rosto sério e bonito de Guinevere. A coluna de luz era quase vertical agora. Uma das mulheres nuas estremeceu, não de frio, mas com a agitação do êxtase, e então Lavaine se inclinou para a frente para olhar pelo fosso. A lua iluminou sua barba grande e o rosto largo e duro com a cicatriz de batalha. Ele olhou para cima durante alguns instantes, depois recuou e tocou solenemente o ombro de Guinevere.

Ela se levantou, de modo que os chifres em sua cabeça quase tocavam o teto baixo e arqueado do porão. Seus braços e as mãos estavam dentro da túnica que caía reta dos ombros até o piso. Ela fechou os olhos.

— Quem é a Deusa? — perguntou.

— Ísis, Ísis, Ísis — entoaram as mulheres baixinho. — Ísis, Ísis, Ísis. — Agora a coluna de luar era quase tão larga quanto o fosso, era um grande pilar enfumaçado de luz prateada que brilhava e parecia se mexer no centro do porão. Eu tinha pensado, quando vi o templo pela primeira vez, que aquele era um lugar tacanho, mas à noite, iluminado pela coluna de luz branca, era o templo mais fantasmagórico e misterioso que já vira.

— E quem é o Deus? — perguntou Guinevere, os olhos ainda fechados.

— Osíris — responderam os homens nus em voz baixa. — Osíris, Osíris, Osíris.

— E quem deve se sentar no trono? — perguntou Guinevere.

— Lancelot — responderam os homens e as mulheres juntos. — Lancelot, Lancelot.

Quando ouvi aquele nome eu soube que nada seria consertado esta noite. Esta noite nunca traria de volta a antiga Dumnonia. Esta noite nos daria apenas horror, porque sabia que esta noite destruiria Artur, e eu quis recuar para longe da cortina, voltar para o porão e levá-lo de volta para o ar puro e o luar limpo, depois transportá-lo de volta por todos os anos, todos os dias e todas as horas, de modo que esta noite nunca lhe viesse. Mas não me mexi. Nimue não se mexeu. Nenhum de nós ousava se mexer porque Guinevere tinha estendido a mão direita pegando o cajado preto com Lavaine, e o gesto fez seu manto vermelho se levantar do lado direito do corpo, e vi que sob as dobras pesadas do manto ela estava nua.

— Ísis, Ísis, Ísis — suspiraram as mulheres.

— Osíris, Osíris, Osíris — murmuraram os homens.

— Lancelot, Lancelot, Lancelot — entoaram todos juntos.

Guinevere pegou o cajado com a lua dourada e se adiantou, com o manto caindo de novo para cobrir seu seio direito, e então, muito lentamente, com gestos exagerados, tocou o cajado em alguma coisa que estava no poço de água debaixo do brilhante facho de fumaça prateada

que agora vinha verticalmente do céu. Ninguém mais se mexia no porão. Ninguém parecia respirar.

— Levante-se! — ordenou Guinevere. — Levante-se. — E o coro começou a cantar de novo aquela música estranha e assombrosa. — Ísis, Ísis, Ísis — cantavam eles, e por cima da cabeça dos fiéis vi um homem se levantar do poço. Era Dinas, e seu corpo alto e musculoso e o cabelo preto e comprido pingavam água enquanto ele se erguia diante de Guinevere, de costas para nós, e ele também estava nu. Saiu do poço e Guinevere entregou o cajado preto para Lavaine, depois levantou as duas mãos e soltou o manto que caiu no trono. E ficou ali, a mulher de Artur, nua a não ser pelo ouro no pescoço e o marfim na cabeça, e abriu os braços para que o neto nu de Tanaburs subisse na plataforma e entrasse em seu abraço.

— Osíris! Osíris! Osíris! — gritavam as mulheres no porão. Algumas se balançavam para trás e para a frente como os fiéis cristãos em Isca, que pareciam dominados por um êxtase parecido. Agora as vozes no porão estavam se tornando ásperas. — Osíris! Osíris! Osíris! — cantavam, e Guinevere deu um passo atrás enquanto Dinas, nu, se virava de frente para os fiéis e levantava os braços em triunfo. Assim mostrava seu magnífico corpo nu e não podia haver dúvida de que era um homem, nem qualquer dúvida quanto ao que deveria fazer em seguida enquanto Guinevere, com o corpo lindo, alto e empertigado tornado magicamente branco como prata pelo brilho da lua na fumaça, pegava seu braço direito e o guiava para a cortina pendurada atrás do trono. Lavaine foi com eles enquanto as mulheres se retorciam no culto, balançavam para trás e para a frente e gritavam o nome de sua grande Deusa.

— Ísis, Ísis, Ísis.

Guinevere puxou para o lado a cortina distante. Tive um rápido vislumbre do cômodo atrás e ele parecia luminoso como o sol, e então o canto se alçou a um novo nível de excitação enquanto os homens no templo pegavam as mulheres que estavam ao lado, e foi nesse momento que as portas atrás de mim foram abertas e Artur, em toda a glória de sua vestimenta de guerra, entrou no saguão do templo.

— Não, senhor — falei. — Não, senhor, por favor!

— Você não deveria estar aqui, Derfel — disse ele em voz baixa, mas reprovando-me. Na mão direita segurava um pequeno buquê de centáureas que colhera para Guinevere, e na esquerda a mão do filho. — Venha para fora — ordenou, mas então Nimue puxou a grande cortina para o lado e teve início o pesadelo de meu senhor.

Ísis é uma Deusa. Os romanos a trouxeram à Britânia, mas ela não veio de Roma, e sim de um país distante muito a leste de Roma. Mitra é outro Deus que vem de um país a leste de Roma, mas não o mesmo,

acho. Galahad me disse que metade das religiões do mundo começa no leste onde, desconfio, os homens se parecem mais com Sagramor do que conosco. O cristianismo é outra dessas crenças trazidas daquelas terras distantes onde, segundo Galahad, os campos produzem apenas areia, o sol brilha mais feroz do que em qualquer ocasião na Britânia e a neve não cai jamais.

Ísis veio daquelas terras quentes. Tornou-se uma deusa poderosa para os romanos, e muitas mulheres na Britânia adotaram sua religião, que ficou quando os romanos partiram. Nunca foi tão popular quanto o cristianismo, porque este último abriu suas portas para todo mundo que quisesse cultuar seu deus, ao passo que Ísis, como Mitra, restringia os seguidores àqueles, e apenas àqueles, que tinham sido iniciados em seus mistérios. De certo modo, disse-me Galahad, Ísis se parecia com a Santa Mãe dos cristãos, porque era considerada a mãe perfeita de seu filho Hórus, mas Ísis também possuía poderes que a Virgem Maria nunca reivindicou. Para seus adeptos, Ísis era a Deusa da vida e da morte, da cura e, claro, dos tronos mortais.

Galahad me disse que ela era casada com um Deus chamado Osíris, mas numa guerra entre os deuses Osíris foi morto e seu corpo cortado em pedaços espalhados num rio. Ísis encontrou os fragmentos dispersos e os juntou carinhosamente, e então se deitou com os fragmentos para trazer o marido de volta à vida. Osíris reviveu, ressuscitado pelo poder de Ísis. Galahad odiava essa história, e se persignava repetidamente ao contá-la, e acho que foi a história da ressuscitação e da mulher dando vida ao homem que Nimue e eu tínhamos visto naquele porão enfumaçado e negro. Tínhamos assistido a Ísis, a Deusa, a mãe, a doadora da vida, realizar o milagre que deu vida a seu marido e a transformou na guardiã dos vivos e dos mortos, e árbitra dos tronos dos homens. E era esse último poder, o poder que determinava que homens deveriam se sentar nos tronos desta terra, que, para Guinevere, era o supremo dom da Deusa. Era pelo poder da doadora de tronos que Guinevere cultuava Ísis.

Nimue puxou a cortina para o lado e o porão se encheu de gritos.

Por um segundo, por um segundo terrível, Guinevere hesitou junto à cortina mais distante e girou para ver o que perturbava seus rituais. Ficou ali parada, alta, nua e amedrontadora em sua beleza pálida, e junto dela havia um homem nu. Na porta do porão, parado com o filho numa das mãos e flores na outra, estava seu marido. As laterais do elmo de Artur estavam abertas e vi seu rosto naquele momento terrível, e foi como se sua alma tivesse acabado de voar para longe.

Guinevere desapareceu atrás da cortina, arrastando Dinas e Lavaine, e Artur emitiu um som medonho, meio um grito de batalha e meio o choro de um homem em sofrimento absoluto. Empurrou Gwydre para trás, largou as flores, desembainhou Excalibur e partiu alucinado por

entre os fiéis que gritavam nus, tentando desesperadamente sair de seu caminho.

— Peguem todos eles! — gritei para os lanceiros que seguiam Artur. — Não os deixem escapar! Peguem! — Depois, corri atrás de Artur com Nimue ao meu lado. Artur saltou por cima do poço negro, empurrou uma tocha para o lado enquanto atravessava a plataforma e empurrou a cortina do fundo para o lado, usando a lâmina de Excalibur.

E ali ele parou.

Parei ao lado. Tinha largado minha lança enquanto atravessava o templo, e agora segurava Hywelbane nua. Nimue estava comigo, e uivou de triunfo olhando para a sala pequena e quadrada ligada ao porão arqueado. Este parecia ser o santuário interno de Ísis, e ali, a serviço da Deusa, estava o Caldeirão de Clyddno Eiddyn.

O Caldeirão foi a primeira coisa que vi, porque estava sobre um pedestal negro da altura do peito de um homem, e havia tantas velas no cômodo que ele parecia brilhar em prata e ouro, refletindo aquela luz. A luz parecia ainda mais forte porque o cômodo, a não ser pela parede coberta pela cortina, era forrado de espelhos. Havia espelhos nas paredes e até no teto, espelhos que multiplicavam as chamas das velas e refletiam a nudez de Guinevere e Dinas. Guinevere, em seu terror, tinha subido na cama larga que preenchia o lado oposto do cômodo, e ali agarrou uma manta de pele num esforço de cobrir o corpo pálido. Dinas estava ao lado, com as mãos cobrindo o ventre, enquanto Lavaine nos encarava, desafiador.

Ele olhou para Artur, desconsiderou Nimue mal olhando-a, e depois estendeu o cajado preto na minha direção. Sabia que eu viera por sua morte, e agora iria impedi-la com a maior magia que possuísse. Apontou o cajado para mim, enquanto na outra mão segurava o fragmento da cruz verdadeira, engastado em cristal, que o bispo Sansum dera a Mordred em sua aclamação. Segurava o fragmento acima do caldeirão, que estava cheio de algum líquido escuro e aromático.

— Suas outras filhas também morrerão — disse ele. — Só preciso largar isso.

Artur levantou Excalibur.

— Seu filho também! — disse Lavaine, e nós dois nos imobilizamos. — Vocês vão sair agora — disse com autoridade calma. — Vocês invadiram o santuário da Deusa e agora vão sair e nos deixar em paz. Ou então vocês, e todos que vocês amam, morrerão.

Ele esperou. Atrás, entre o Caldeirão e a cama, estava a Távola Redonda de Artur com a imagem de pedra do cavalo alado, e sobre o cavalo, notei, havia um cesto de palha, um chifre comum, um antigo cabresto, uma faca usada, uma pedra de amolar, um manto com mangas, uma capa, um prato de cerâmica, um tabuleiro de jogo, um anel de guerreiro e um punhado de tábuas apodrecidas. O pedaço de

barba de Merlin também estava lá, ainda amarrado com a fita preta. Todo o poder da Britânia estava naquele cômodo pequeno, aliado a uma lasca da magia mais poderosa dos cristãos.

Levantei Hywelbane, e Lavaine fez como se fosse largar o pedaço da cruz verdadeira no líquido, e Artur pôs a mão no meu escudo, fazendo-me parar.

— Vocês irão embora — disse Lavaine. Guinevere não falou nada, apenas nos espiava com os olhos enormes, sobre a pele que agora a cobria parcialmente.

Então, Nimue sorriu. Ela estivera segurando a trouxa da capa com as duas mãos, mas agora sacudiu-a para Lavaine. Gritou ao soltar o fardo da capa. Foi um grito inumano que ecoou muito acima dos gritos das mulheres atrás de nós.

Víboras voaram pelo ar. Devia haver uma dúzia de cobras, todas encontradas por Nimue naquela tarde e guardadas para esse momento. Elas se retorceram no ar. Guinevere gritou e puxou a pele cobrindo o rosto, enquanto Lavaine, vendo uma cobra voar em direção aos seus olhos, instintivamente se encolheu e se abaixou. O pedaço da cruz verdadeira deslizou pelo chão enquanto as cobras, excitadas pelo calor do porão, se retorciam em direção à cama e sobre os Tesouros da Britânia. Dei um passo adiante e chutei com força a barriga de Lavaine. Ele caiu, depois gritou quando uma víbora picou seu tornozelo.

Dinas se encolhia para longe das cobras, em cima da cama, depois ficou absolutamente imóvel quando Excalibur tocou sua garganta.

Hywelbane estava na garganta de Lavaine, e usei a lâmina para trazer seu rosto em direção ao meu. Depois sorri.

— Minha filha está nos olhando do Outro Mundo — falei baixinho. — Ela manda lembranças, Lavaine.

Ele tentou falar, mas nenhuma palavra saiu. Uma cobra deslizou pela sua perna.

Artur ficou olhando sua mulher escondida debaixo da pele. Depois, quase com ternura, empurrou as cobras de cima da pele preta usando a ponta de Excalibur, e em seguida puxou a pele até poder ver o rosto de Guinevere. Ela o encarou, e todo o seu belo orgulho desapareceu. Era apenas uma mulher aterrorizada.

— Você tem alguma roupa aqui? — perguntou Artur gentilmente. Ela balançou a cabeça.

— Há uma capa vermelha no trono — falei.

— Pode pegá-la, Nimue? — pediu Artur.

Nimue trouxe a capa e Artur a estendeu para sua mulher usando a ponta de Excalibur.

— Aqui — disse ele, ainda falando suavemente —, para você.

Um braço nu emergiu da pele e pegou a capa.

— Vire-se — disse-me Guinevere numa voz baixa, apavorada.

— Vire-se, Derfel, por favor — disse Artur.

— Primeiro uma coisa, senhor.

— Vire-se — insistiu ele, ainda olhando para a mulher.

Estendi a mão para a borda do Caldeirão e o derrubei do pedestal. O precioso Caldeirão caiu, fazendo barulho enquanto o líquido se derramava nas pedras. Isso atraiu a atenção dele. Ele me olhou e mal reconheci seu rosto, de tão duro, frio e desprovido de vida, mas havia mais uma coisa a ser dita nessa noite, e se meu lorde devia engolir essa taça de horrores, poderia muito bem beber até a última gota. Pus a ponta de Hywelbane debaixo do queixo de Lavaine.

— Quem é a Deusa? — perguntei-lhe.

Ele balançou a cabeça e eu empurrei Hywelbane o bastante para tirar sangue de sua garganta.

— Quem é a Deusa? — perguntei.

— Ísis — sussurrou ele. Estava agarrando o tornozelo que fora picado pela cobra.

— E quem é o Deus?

— Osíris — disse ele em voz aterrorizada.

— E quem deve se sentar no trono? — perguntei. Ele estremeceu e não disse nada. — Estas, senhor — falei a Artur, com a espada ainda na garganta de Lavaine —, são as palavras que o senhor não ouviu. Mas ouvi, e Nimue ouviu também. Quem deve se sentar no trono? — perguntei de novo a Lavaine.

— Lancelot — disse ele numa voz tão baixa que era quase inaudível. Mas Artur ouviu, e deve ter visto o grande símbolo bordado em branco no luxuoso lençol preto que cobria a cama, debaixo da pele de urso nesta sala de espelhos. Era a águia-do-mar de Lancelot.

Cuspi em Lavaine, guardei Hywelbane e depois o agarrei pelo cabelo comprido. Nimue já havia segurado Dinas. Nós os arrastamos de volta ao templo e fechei a cortina depois de passar, para que Artur e Guinevere pudessem ficar a sós. Gwenhwyfach estivera olhando tudo e agora soltou uma gargalhada. Os fiéis e o coro, todos nus, estavam agachados num dos lados do templo, onde os homens de Artur os vigiavam com lanças. Gwydre estava agachado, cheio de terror, no chão do porão.

Atrás de nós, Artur gritou:

— Por quê?

E levei os assassinos de minha filha para fora, para a luz da lua.

Ao amanhecer ainda estávamos no Palácio do Mar. Deveríamos ter ido embora, porque alguns lanceiros tinham escapado das cabanas quando os cavaleiros finalmente foram convocados do morro pela trompa de Artur, e aqueles fugitivos deveriam estar espalhando o alarme para o norte, no interior de Dumnonia, mas Artur parecia incapaz de tomar

uma decisão. Estava totalmente atordoado.

Ainda chorava quando a madrugada trouxe uma borda de luz ao mundo.

Dinas e Lavaine morreram nessa hora. Morreram na beira do rio. Acho que não sou um homem cruel, mas suas mortes foram muito cruéis e muito longas. Nimue as arranhou, e o tempo todo, enquanto suas almas abandonavam a carne, ela sibilava o nome de Dian em seus ouvidos. Eles não eram homens quando morreram, suas línguas tinham sido arrancadas e cada um tinha apenas um olho, e essa pequena misericórdia só foi dada para que pudessem ver como viria o próximo jorro de dor, e eles viram, enquanto morriam. A última coisa que cada um dos dois viu foi aquela madeixa de cabelos luminosos no punho de Hywelbane quando terminei o que Nimue havia começado. Nesse ponto, os gêmeos não passavam de coisas, coisas de sangue e terror trêmulo, e quando eles morreram beijei a pequena madeixa, depois levei-a até um dos braseiros nas arcadas do palácio e joguei nas brasas, para que nenhum fragmento da alma de Dian restasse vagueando pela terra. Nimue fez o mesmo com a trança cortada da barba de Merlin. Deixamos os corpos dos gêmeos deitados sobre o lado esquerdo, junto ao mar, e ao sol nascente as gaivotas vieram rasgar a carne torturada com os bicos compridos e curvos.

Nimue tinha resgatado o Caldeirão e os Tesouros. Antes de morrer, Dinas e Lavaine tinham lhe contado toda a história, e Nimue estivera certa o tempo todo. Fora Morgana quem havia roubado os Tesouros e quem os tinha levado como presente para Sansum, para que ele se casasse com ela, e Sansum os tinha dado a Guinevere. A promessa do grande presente é que havia reconciliado Guinevere com o lorde camundongo antes do batismo de Lancelot no rio Churn. Quando ouvi a história pensei que, se ao menos tivesse deixado Lancelot entrar para os mistérios de Mitra, talvez nada disso tivesse acontecido. O destino é inexorável.

Agora as portas do templo estavam fechadas. Nenhuma das pessoas surpreendidas lá dentro tinha escapado, e, assim que Guinevere fora trazida para fora e depois de Artur ter falado com ela durante longo tempo, ele tinha voltado ao porão sozinho, com apenas Excalibur na mão, e só surgiu depois de uma hora inteira. Quando saiu seu rosto estava mais frio do que o mar e cinza como a lâmina de Excalibur, só que agora a preciosa lâmina estava vermelha e coberta de sangue. Numa das mãos ele trazia o círculo de ouro com os chifres, que Guinevere tinha usado como Ísis, e na outra a espada.

— Eles estão mortos — disse-me.

— Todos?

— Todo mundo. — Artur parecera estranhamente despreocupado, apesar de haver sangue em seus braços, na armadura de escamas e até

mesmo espirrado nas penas de ganso do elmo.

— As mulheres também? — perguntei, porque Lunete era uma das adoradoras de Ísis. Eu não a amava agora, mas ela havia sido minha amante, e senti uma pontada de tristeza. Os homens no templo eram os mais bonitos dentre os lanceiros de Lancelot, e as mulheres eram as aias de Guinevere.

— Todos mortos — disse Artur, quase com leveza. Ele tinha descido lentamente até o caminho central, de cascalho, no jardim dos prazeres. — Esta não era a primeira noite em que faziam isso — falou e pareceu quase perplexo. — Parece que faziam frequentemente. Todos. Sempre que a lua era propícia. E faziam uns com os outros, todos. Menos Guinevere. Ela só fazia com os gêmeos ou Lancelot. — Então ele estremeceu, mostrando a primeira emoção desde que havia saído do porão com os olhos gelados. — Parece que fazia isso por mim. Quem deve se sentar no trono? Artur, Artur, Artur, mas a Deusa não poderia ter me aprovado. — Ele começou a chorar. — Ou então resisti à Deusa com ênfase demais, por isso eles mudaram o nome para Lancelot. — Ele deu um golpe fútil no ar com a espada ensanguentada. — Há anos, Derfel, ela vem dormindo com Lancelot, e tudo por causa de religião, pelo que diz! Religião! Geralmente ele era Osíris e ela era Ísis. O que mais poderia ter sido? — Artur chegou ao terraço e se sentou num banco de pedra de onde podia olhar o riacho coberto pelo brilho da lua. — Eu não deveria ter matado todos — falou depois de longo tempo.

— Não, senhor, o senhor não deveria.

— Mas o que mais poderia fazer? Era imundície, Derfel, apenas imundície! — Então ele começou a soluçar. Falou algo sobre vergonha, sobre os mortos terem testemunhado a vergonha de sua mulher e a desonra dele e, quando não pôde falar mais, apenas soluçou desamparado e nada comentei. Ele não parecia se importar que eu ficasse junto ou não, mas fiquei até que chegou a hora de Dinas e Lavaine irem para a beira do mar para que Nimue pudesse arrancar suas almas centímetro a centímetro dos corpos.

E agora, num amanhecer cinzento, Artur estava sentado vazio e exausto acima do mar. Os chifres estavam aos seus pés, enquanto o elmo e a lâmina despida de Excalibur pousavam no banco ao lado. O sangue da espada havia secado numa grossa crosta marrom.

— Devemos ir embora, senhor — falei enquanto a alvorada tornava o mar da cor de uma ponta de lança.

— Amor — disse ele amargamente.

Pensei que ele tinha me ouvido mal.

— Devemos ir embora, senhor — falei de novo.

— Para quê?

— Para completar seu juramento.

Ele cuspiu, depois ficou sentado em silêncio. Os cavalos tinham sido

trazidos da floresta e o Caldeirão e os Tesouros da Britânia estavam guardados para a viagem. Os lanceiros nos olhavam e esperavam.

— Existe algum juramento que não esteja quebrado? — perguntou amargamente. — Ao menos um?

— Precisamos ir, senhor — falei, mas ele não se mexeu nem falou, por isso girei nos calcanhares. — Então vamos sem o senhor — falei brutalmente.

— Derfel! — gritou Artur, com dor verdadeira na voz.

— Senhor? — virei-me.

Ele olhou para a espada e pareceu surpreso em vê-la tão coberta de sangue.

— Minha mulher e meu filho estão num cômodo do andar de cima. Pegue-os para mim, está bem? Eles podem montar num mesmo cavalo. Depois podemos ir. — Ele estava lutando tremendamente para parecer normal, para parecer que este era apenas mais um amanhecer.

— Sim, senhor.

Ele se levantou e enfiou Excalibur, com sangue e tudo, dentro da baina.

— Então, acho — falou com acidez —, devemos refazer a Britânia?

— Sim, senhor, devemos.

Artur me olhou e vi que ele queria chorar de novo.

— Sabe de uma coisa, Derfel?

— Diga, senhor.

— Minha vida nunca mais será a mesma, não é?

— Não sei, senhor. Simplesmente não sei.

As lágrimas desciam por suas bochechas longas.

— Vou amá-la até o dia da minha morte. Todo dia em que viver pensarei nela. Toda noite antes de dormir irei vê-la, e a cada amanhecer pensarei nela. Vou me virar na cama e descobrir que ela se foi. Todo dia, Derfel, e toda noite e toda madrugada até o momento da minha morte.

Ele pegou o elmo com as plumas manchadas de sangue, deixou os chifres de marfim e caminhou comigo. Peguei Guinevere e seu filho no quarto e depois partimos.

Então Gwenhwyfach ficou com o Palácio do Mar. Viveu nele sozinha, com a sanidade vagueando, rodeada por cães e pelos tesouros estupendos que se desintegravam ao redor. Ficava numa janela esperando a vinda de Lancelot, porque tinha certeza de que um dia seu senhor viria morar com ela junto ao mar no palácio de sua irmã, mas o senhor nunca veio, e os tesouros foram roubados, o palácio desmoronou e Gwenhwyfach morreu lá, pelo que soubemos. Ou talvez ainda viva, esperando junto ao riacho pelo homem que nunca vem.

Fomos embora. E nas margens lamacentas do riacho as gaivotas arrancavam entranhas.

Guinevere, com um vestido preto e comprido coberto por uma capa verde-escura, com o cabelo ruivo penteado severamente para trás e amarrado com uma fita preta, cavalgava Llamrei, a égua de Artur. Montava de lado na sela, agarrando o arção com a mão direita e com o braço esquerdo na cintura do filho apavorado e lacrimoso, que ficava olhando para o pai que caminhava desanimado atrás do animal.

— Será que sou pai dele? — disse Artur uma vez, cuspidando em direção a ela.

Guinevere, com os olhos vermelhos de chorar, simplesmente olhou para outro lado. O movimento do animal a fazia balançar para trás e para a frente, mas mesmo assim ela conseguia parecer graciosa.

— De mais ninguém, senhor príncipe — disse ela depois de longo tempo. — De mais ninguém.

Depois disso Artur andou em silêncio. Não queria a minha companhia, queria apenas a companhia de seu sofrimento, por isso me juntei a Nimue na frente da coluna. Os cavaleiros vinham em seguida, depois Guinevere, e meus lanceiros escoltavam o Caldeirão na retaguarda. Nimue estava refazendo o mesmo caminho que nos levara ao litoral, uma trilha rústica que subia um urzal despido, interrompido por escuros retalhos de teixos e tojos.

— Então Gorfyddyd estava certo — falei depois de um tempo.

— Gorfyddyd? — perguntou Nimue, pasma por eu arrancar o nome do velho rei do passado.

— No vale do Lugg ele disse que Guinevere era uma prostituta.

— E você, Derfel Cadarn — disse Nimue cheia de escárnio —, é um especialista em prostitutas?

— O que mais ela é? — perguntei amargamente.

— Não é prostituta. — Nimue fez um gesto para a frente, apontando os fios de fumaça acima das árvores distantes que apareciam onde a guarnição de Vindocládia preparava o desjejum. — Nós precisamos evitá-los — falou e saiu da estrada para nos guiar até um cinturão denso de árvores a oeste. Eu suspeitava de que a guarnição já soubesse que Artur tinha vindo ao Palácio do Mar e de que não tinha desejo de enfrentá-lo, mas segui Nimue obedientemente e os cavaleiros nos seguiram obedientemente. — O que Artur fez — disse ela depois de um tempo — foi se casar com uma rival, em vez de uma companheira.

— Uma rival?

— Guinevere poderia governar Dumnonia tão bem quanto qualquer homem. Ela é tão inteligente quanto ele, e igualmente decidida. Se fosse filha de Uther, em vez daquele idiota do Leodegan, tudo teria sido diferente. Ela seria outra Boudica e haveria cristãos mortos desde aqui até o mar da Irlanda, e saxões mortos até o mar Germânico.

— Boudica perdeu a guerra — lembrei-a.

— E Guinevere também — disse Nimue, sombria.

— Não a vejo como rival de Artur — falei depois de um tempo. — Ela possuía poder. Não creio que ele tenha tomado ao menos uma decisão sem falar com ela.

— E ele falava com o Conselho, do qual nenhuma mulher pode participar — disse Nimue, zombeteira. — Ponha-se no lugar de Guinevere, Derfel. Ela é mais rápida do que todos vocês juntos, mas qualquer ideia que ela tivesse era apresentada a um punhado de homens sem brilho, lentos. Você, o bispo Emrys e aquele imbecil do Cythryn que finge ser tão judicioso e justo, depois vai para casa, espanca a mulher e a obriga a olhar enquanto ele leva uma garota anã para a cama. Conselheiros! Você acha que Dumnonia seria diferente se todos vocês se afogassem?

— Um rei precisa de um conselho — falei indignado.

— Não se ele for inteligente. Por que precisaria? Merlin tem um conselho? Merlin precisa de uma sala cheia de idiotas pomposos que lhe digam o que fazer? O único objetivo do Conselho é fazer com que vocês todos se sintam importantes.

— Ele faz mais do que isso — insisti. — Como um rei vai saber o que o povo está pensando se não houver um conselho?

— Quem se importa com o que os idiotas pensam? Deixe o povo pensar por si e metade vai virar cristã; este é um tributo para a capacidade do povo para pensar. — Ela cuspiu. — Então o que exatamente você faz no conselho, Derfel? Diz a Artur o que os seus pastores estão pensando? E Cythryn, acho, representa os homens de Dumnonia que vivem comendo anãs. É isso? — ela gargalhou. — O povo! O povo é composto de idiotas, por isso eles têm um rei e é por isso que o rei tem lanceiros.

— Artur deu um bom governo ao país — falei, teimoso. — E fez isso sem usar lanças contra o povo.

— E olhe o que aconteceu com o país. — Nimue andou em silêncio durante alguns instantes. Depois de um tempo, suspirou. — Guinevere estava certa o tempo todo, Derfel. Artur deveria ser o rei. Ela sabia disso. Queria isso. Até mesmo estaria feliz com isso, porque com Artur como rei ela seria rainha, e isso lhe daria o poder de que ela precisava. Mas seu precioso Artur não quis o trono. Que mente elevada! Todos aqueles juramentos sagrados! E o que ele queria? Ser fazendeiro. Viver como você e Ceinwyn; o lar feliz, os filhos, risos. — Ela fez essas coisas parecerem risíveis. — Até que ponto você acha que Guinevere ficaria contente com essa vida? A simples ideia a entediava! E era só isso que Artur sempre quis. Ela é uma dama inteligente e de raciocínio rápido, e ele queria transformá-la numa vaca leiteira. É de espantar que ela procurasse outras coisas que a empolgassem?

— A prostituição?

— Ah, não seja idiota, Derfel. Sou prostituta por ter ido para a cama

com você? Mais idiota sou eu. — Tínhamos chegado às árvores e Nimue se virou para o norte caminhando entre os freixos e os altos olmos. Os lanceiros nos seguiam idiotamente, e pensei que se os guiássemos em círculos eles teriam seguido sem protestar, tão pasmos e atordoados estávamos todos pelos horrores da noite. — Então Guinevere quebrou o juramento do matrimônio — disse Nimue. — Você acha que ela foi a primeira? Ou acha que isso a torna uma prostituta? Nesse caso a Britânia está cheia de prostitutas até a borda. Ela não é prostituta, Derfel. Ela é uma mulher forte que nasceu com mente rápida e boa aparência, e Artur amou a aparência e não quis usar a mente dela. Não a deixou torná-lo rei, por isso ela se voltou para aquela religião ridícula. E tudo que Artur fazia era dizer como ela seria feliz quando ele pudesse pendurar Excalibur e começar a criar gado! — Nimue riu da ideia. — E, como nunca ocorreu a Artur ser infiel, ele jamais suspeitou de Guinevere. O resto de nós suspeitava, mas não Artur. Ele vivia se dizendo que o casamento era perfeito, e o tempo todo estava a quilômetros de distância e a boa aparência de Guinevere atraía homens como a carniça atrai moscas. E eram homens bonitos, homens inteligentes, homens bem-humorados, homens que queriam o poder, e um era um homem bonito que queria todo o poder que conseguisse agarrar, por isso Guinevere decidiu ajudá-lo. Artur queria um curral de vacas, mas Lancelot quer ser Grande Rei da Britânia, e Guinevere acha esse um desafio mais interessante do que criar vacas ou limpar a merda dos bebês. E aquela religião idiota a encorajou. Árbitra dos tronos! — Ela cuspiu. — Guinevere não estava dormindo com Lancelot porque era uma prostituta, seu grande idiota, estava dormindo com ele para fazer de seu homem o Grande Rei.

— E Dinas? E Lavaine?

— Eles eram seus sacerdotes. Estavam ajudando-a. E em algumas religiões, Derfel, os homens e as mulheres copulam como parte do culto. E por que não? — Ela chutou uma pedra e a olhou correr por um trecho coberto de trepadeiras baixas. — E acredite, Derfel, aqueles dois homens eram bonitos. Sei disso porque tirei essa beleza deles, mas não pelo que fizeram com Guinevere. Fiz isso pelo insulto contra Merlin e pelo que fizeram com sua filha. — Ela caminhou alguns metros em silêncio. — Não despreze Guinevere — disse depois de um tempo. — Não a despreze por sentir tédio. Despreze-a, se for preciso, por ter roubado o Caldeirão e agradeça por Dinas e Lavaine jamais terem libertado o poder dele. Mas ele funcionou para Guinevere. Ela se banhava no Caldeirão semanalmente, e é por isso que não envelheceu nem uma semana. — Ela se virou enquanto passos soavam atrás de nós. Era Artur que corria para nos alcançar. Ele ainda parecia atordoadado, mas em algum momento recente devia ter percebido que havíamos abandonado a estrada.

— Aonde estamos indo? — perguntou.

— Você quer que a guarnição nos veja? — perguntou Nimue, apontando de novo para a fumaça das fogueiras de cozinhar.

Ele não disse nada, apenas olhou para a fumaça como se nunca tivesse visto algo assim. Nimue me olhou e deu de ombros para a evidente perplexidade dele.

— Se eles quisessem lutar — disse Artur —, já estariam nos procurando. — Seus olhos estavam vermelhos e inchados, e talvez fosse minha imaginação, mas o cabelo parecia mais grisalho. — O que você faria — perguntou-me — se fosse o inimigo? — Ele não estava falando da ridícula guarnição de Vindocládia, mas não diria o nome de Lancelot.

— Tentaria nos colocar numa armadilha, senhor.

— Como? Onde? — perguntou irritado. — No norte, é? Essa é nossa rota mais rápida para voltar aos lanceiros amigáveis, e eles sabem disso. Então não vamos para o norte. — Ele me olhou, e era quase como se não me reconhecesse. — Em vez disso, vamos para a garganta deles, Derfel — disse com selvageria.

— A garganta, senhor?

— Vamos para Caer Cadarn.

Durante um tempo não falei nada. Ele não estava pensando direito. O sofrimento e a raiva tinham-no perturbado, e fiquei pensando em como poderia afastá-lo daquele suicídio.

— Nós somos apenas quarenta, senhor — falei em voz baixa.

— Caer Cadarn — repetiu ele, ignorando minha objeção. — Quem tiver o Caer tem Dumnonia, e quem tiver Dumnonia tem a Britânia. Se não quiser vir, Derfel, siga o seu caminho. Vou para Caer Cadarn. — E se virou.

— Senhor! — gritei. — Dunum está no nosso caminho. — Aquela era uma grande fortaleza, e, apesar de sem dúvida sua guarnição estar dilapidada, ela poderia ter um número de lanças mais do que suficiente para destruir nossa pequena força.

— Não me importo, Derfel, se todas as fortalezas da Britânia estiverem no nosso caminho. — Artur cuspiu as palavras em minha direção. — Faça o que quiser, mas vou a Caer Cadarn. — Ele se afastou, gritando para os cavaleiros virarem para o oeste.

Fechei os olhos, convicto de que meu senhor queria morrer. Sem o amor de Guinevere, ele apenas queria morrer. Queria cair entre as lanças do inimigo no centro da terra pela qual lutara durante tanto tempo. Eu não podia pensar em outra explicação para ele liderar seu pequeno bando de lanceiros cansados para o próprio coração da rebelião, a não ser que desejasse a morte ao lado da pedra real de Dumnonia, mas então me veio uma lembrança e abri os olhos.

— Há muito tempo — falei a Nimue — conversei com Ailleann. — Ailleann era uma escrava irlandesa, mais velha do que Artur, mas fora

sua amante amorosa antes de ele conhecer Guinevere, e Amhar e Loholt eram seus filhos ingratos. Ela ainda vivia, graciosa e grisalha, e presumivelmente sitiada em Corinium. E agora, perdido na Dumnonia despedaçada, ouvi sua voz atravessar os anos. Só observe Artur, tinha dito ela, porque, quando você achar que ele está condenado, quando tudo estiver mais escuro, ele irá espantá-lo. Ele vencerá. Falei isso agora a Nimue. — E ela também disse que, assim que vencer, ele cometerá o erro usual de perdoar os inimigos.

— Não desta vez — disse Nimue. — Não desta vez. O idiota aprendeu a lição, Derfel. Então o que você vai fazer?

— O que sempre faço. Vou com ele.

Para a garganta do inimigo. Para Caer Cadarn.

Naquele dia Artur estava cheio de uma energia frenética, desesperada, como se a resposta para todos os seus sofrimentos estivesse no cume de Caer Cadarn. Ele não tentou esconder sua pequena força, apenas marchou conosco para o norte e o oeste com seu estandarte do urso tremulando no alto. Usava o cavalo de um de seus homens e sua famosa armadura, para que qualquer um pudesse ver exatamente quem passava pelo coração do país. Seguiu o mais rápido que meus lanceiros podiam acompanhar, e quando um cavalo partiu o casco ele simplesmente o abandonou e continuou em frente. Queria chegar ao Caer.

Chegamos primeiro a Dunum. O Povo Antigo construíra uma grande fortaleza no morro de Dunum, os romanos acrescentaram sua própria muralha, e Artur tinha reparado as fortificações e mantido uma forte guarnição ali. A guarnição nunca tinha visto batalha, mas, se Cerdic atacasse em direção ao oeste vindo pelo litoral de Dumnonia, Dunum seria um dos principais obstáculos e, apesar dos longos anos de paz, Artur nunca deixara o forte entrar em decadência. Um estandarte tremulava acima da muralha e, à medida que chegamos mais perto, vi que não era a águia-do-mar, e sim o dragão vermelho. Dunum tinha permanecido leal.

Trinta homens permaneciam na guarnição. O resto era de cristãos e tinha desertado ou então, temendo que Mordred e Artur estivessem mortos, haviam desistido do desafio e ido embora, mas Lanval, o comandante da guarnição, havia se mantido com sua força cada vez menor, com um fio de esperança de que as más notícias fossem erradas. Agora que Artur tinha vindo, Lanval guiou seus homens para fora do portão e Artur desceu da sela para abraçar seu velho guerreiro. Agora éramos setenta lanças, em vez de quarenta, e pensei nas palavras de Ailleann. Exatamente quando você acha que ele está derrotado, ele começa a vencer.

Lanval puxava seu cavalo caminhando ao meu lado, contou como os lanceiros de Lancelot tinham passado marchando ao largo da fortaleza.

— Não poderíamos impedi-los — disse ele amargamente — e eles não nos desafiaram. Apenas tentaram fazer com que eu me rendesse. Eu disse que tiraria o estandarte de Mordred quando Artur me ordenasse, e não acreditaria que Artur estava morto enquanto eles não trouxessem sua cabeça em cima de um escudo. — Artur devia ter lhe dito alguma coisa sobre Guinevere, porque Lanval, apesar de já ter sido comandante da sua guarda, a evitou. Conte-lhe um pouco do que havia acontecido no Palácio do Mar, e ele balançou a cabeça com tristeza. — Ela e Lancelot faziam isso em Durnovária — disse Lanval —, naquele templo que ela construiu lá.

— Você sabia? — perguntei horrorizado.

— Eu não sabia — disse ele em voz cansada — mas ouvia boatos, Derfel, só boatos, e não queria saber mais. — Ele cuspiu na beira da estrada. — Eu estava lá no dia em que Lancelot veio de Ynys Trebes, e lembro que os dois não podiam afastar os olhos um do outro. Depois disso eles esconderam, claro, e Artur nunca suspeitou de nada. E ele tornou tudo muito fácil para os dois! Confiava nela e nunca estava em casa. Vivia viajando para inspecionar um forte ou participar de um tribunal. — Lanval balançou a cabeça. — Não duvido de que ela chame isso de religião, Derfel, mas eu lhe digo, se essa senhora está apaixonada por alguém, é por Lancelot.

— Acho que ela ama Artur — falei.

— Talvez ame, mas ele é muito franco, para ela. Não há mistério no coração de Artur, está tudo escrito no seu rosto, e ela é uma mulher que gosta de sutilezas. Eu lhe digo, é Lancelot quem faz o coração dela se acelerar. — E era Guinevere, pensei com tristeza, que fazia o coração de Artur bater com mais força; eu nem ousava pensar no que estava acontecendo com o coração dele agora.

Dormimos naquela noite ao relento. Meus homens guardavam Guinevere, que se ocupava com Gwydre. Nenhuma palavra fora dita sobre o seu destino, e nenhum de nós queria perguntar a Artur, e por isso todos a tratávamos com uma polidez distante. Ela nos tratava do mesmo modo, não pedia favores e evitava Artur. Quando a noite caiu ela contou histórias a Gwydre, mas quando ele foi dormir vi que ela estava balançando ao seu lado, para trás e para a frente, e chorando baixinho. Artur também viu, depois começou a chorar e me afastei para a beira da colina, para que ninguém visse o seu sofrimento.

Marchamos de novo ao amanhecer, e nosso caminho levou para uma bela paisagem suavemente iluminada pelo sol que subia num céu sem nuvens. Esta era a Dumnonia pela qual Artur lutava, uma terra rica e fértil que os Deuses tinham tornado tão bela. Os povoados tinham grossos tetos de palha e pomares densos, mas muitas das paredes das cabanas estavam desfiguradas pela marca do peixe, enquanto outras tinham sido queimadas, mas percebi que os cristãos não insultavam

Artur como poderiam ter feito, e isso me fez suspeitar de que a febre que havia assolado Dumnonia já estaria diminuindo. Entre os povoados a estrada serpenteava entre as flores rosa dos espinheiros e entre campinas tornadas esplendorosas pelos trevos, margaridas, ranúnculos e papoulas. As garriças-dos-salgueiros e as verdelhas, os últimos pássaros a fazer seus ninhos, voavam com pedaços de palha no bico, enquanto mais alto, acima de alguns carvalhos, vi um falcão alçar voo, mas depois vi que não era falcão, e sim um jovem cuco voando pela primeira vez. E isso, pensei, era um bom presságio, porque Lancelot, como o jovem cuco, só se parecia com um falcão, e na verdade não passava de um usurpador.

Paramos a poucos quilômetros de Caer Cadarn, num pequeno mosteiro que fora construído onde uma fonte sagrada borbulhava saindo de um bosque de carvalhos. Este havia sido um templo druida, e agora o Deus cristão guardava as águas, mas o Deus não podia resistir aos meus lanceiros que, sob ordens de Artur, derrubaram o portão da paliçada e pegaram uma dúzia dos mantos marrons dos monges. O bispo do mosteiro se recusou a receber o pagamento oferecido, e apenas xingou Artur, e Artur, agora com raiva incontrolável, o derrubou com um soco. Deixamos o bispo sangrando na fonte sagrada e marchamos para o oeste. O bispo se chamava Carannog, e agora é um santo. Algumas vezes acho que Artur fez mais santos do que Deus.

Chegamos a Caer Cadarn passando pela Colina do Curral, mas paramos abaixo da crista da colina antes de chegarmos à vista das fortificações. Artur escolheu uma dúzia de lanceiros e ordenou que cortassem os cabelos com a tonsura cristã, depois que vestissem os mantos dos monges. Nimue foi quem fez o corte, e pôs todos os cabelos num saco, para que ficassem em segurança. Eu queria ser um dos doze, mas Artur recusou. Quem fosse ao portão de Caer Cadarn deveria ter um rosto que não pudesse ser reconhecido, disse ele.

Issa se submeteu à faca, rindo para mim quando perdeu o cabelo de cima da testa.

— Estou parecendo um cristão, senhor?

— Está parecendo o seu pai: careca e feio.

Os doze homens usavam espadas sob os mantos, mas não podiam levar lanças. Em vez disso tiramos as pontas das lanças e lhes demos os cabos para servir de armas. As testas raspadas pareciam mais pálidas do que os rostos, mas com os capuzes dos mantos sobre a cabeça eles passariam por monges.

— Vão — disse Artur.

Caer Cadarn não tinha verdadeiro valor militar, mas como o local simbólico do reino de Dumnonia seu valor era incalculável. Só por esse motivo sabíamos que a velha fortaleza estaria muito bem guardada, e que nossos doze monges falsos precisariam de sorte, além de coragem, se quisessem enganar a guarnição fazendo-a abrir os portões. Nimue lhes

deu uma bênção e depois eles passaram a crista da Colina do Curral e desceram. Talvez fosse porque trazíamos o Caldeirão, ou talvez tenha sido a sorte usual de Artur na guerra, mas o ardil deu certo. Artur e eu ficamos na grama quente do cume e olhamos Issa e seus homens descerem a escarpada encosta oeste da Colina do Curral, atravessarem as amplas pastagens e depois subirem o caminho íngreme que levava ao portão leste de Caer Cadarn. Eles afirmaram ser fugitivos que fugiam de um ataque dos cavaleiros de Artur, e sua história convenceu os guardas, que abriram o portão. Issa e seus homens mataram aquelas sentinelas, depois pegaram as lanças e os escudos dos mortos para que pudessem defender o portão aberto. Os cristãos nunca perdoaram Artur também por causa desse ardil.

Artur montou em Llamrei no momento em que viu a captura do portão do Caer.

— Venham! — gritou, e seus vinte cavaleiros instigaram os animais subindo a crista do Curral e descendo a encosta coberta de capim. Dez homens seguiram Artur até a fortaleza, enquanto os outros dez galopavam em volta do pé do morro de Caer Cadarn para cortar a fuga de alguém da guarnição.

O resto de nós foi atrás. Lanval estava encarregado de Guinevere, por isso seguia mais devagar, mas meus homens corriam afoitos descendo a escarpa e subindo o caminho pedregoso até onde Artur e Issa esperavam. A guarnição, assim que o portão havia caído, não demonstrou sequer um fiapo de disposição para a luta. Havia cinquenta lanceiros ali, na maioria veteranos mutilados ou jovens, mas ainda assim eram um número mais do que suficiente para sustentar a paliçada contra a nossa pequena força. O punhado que tentou escapar foi facilmente apanhado por nossos cavaleiros e trazido de volta ao topo, onde Issa e eu tínhamos ido até a fortificação acima do portão ocidental e ali tiramos o estandarte de Lancelot e erguemos o de Artur no lugar. Nimue queimou os cabelos cortados, depois cuspiu para os monges aterrorizados que estavam morando no Caer para supervisionar a construção da grande igreja de Sansum.

Esses monges, que demonstravam muito mais desafio do que os lanceiros da guarnição, já haviam escavado os alicerces da igreja e posto ali as pedras tiradas do círculo que antigamente ficava no cume do Caer. Tinham derrubado metade das paredes do salão de festas e usado a madeira para começar a levantar as paredes da igreja em forma de cruz.

— Vai queimar que é uma beleza! — falou Issa animado, esfregando a careca nova.

O uso do salão foi negado a Guinevere e seu filho, e eles receberam a maior cabana do Caer. Era a casa de uma família de lanceiros que foram expulsos, e Guinevere recebeu ordem de entrar. Ela olhou para a cama de palha de centeio e as teias de aranha nos caibros, e estremeceu.

Lanval pôs um lanceiro na porta, depois olhou quando um dos cavaleiros de Artur arrastou o comandante da guarnição, um dos homens que haviam tentado fugir.

O comandante derrotado era Loholt, um dos filhos gêmeos de Artur, que tornara a vida de sua mãe Ailleann um sofrimento só e sempre se ressentira do pai. Agora Loholt, que tinha encontrado um senhor em Lancelot, foi arrastado pelos cabelos até a presença do pai.

Loholt caiu de joelhos. Artur o encarou durante longo tempo, depois deu as costas e se afastou.

— Pai! — gritou Loholt, mas Artur o ignorou.

Ele foi até a fileira de prisioneiros. Reconheceu alguns dos homens que um dia haviam servido sob suas ordens, enquanto outros vieram do antigo reino belgae de Lancelot. Esses homens, em número de dezenove, foram levados à igreja meio construída e ali foram mortos. Era uma punição dura, mas Artur não estava com humor para dar misericórdia a homens que tinham invadido seu país. Ordenou que seus homens os matassem, e eles obedeceram. Os monges protestaram e as mulheres e filhos dos prisioneiros gritaram para nós, e ordenei que todos fossem levados ao portão do leste e expulsos.

Trinta e um prisioneiros permaneciam, todos dumnonianos, e Artur contou suas fileiras e escolheu seis homens: o quinto, o décimo, o décimo quinto, o vigésimo, o vigésimo quinto e o trigésimo.

— Mate-os — ordenou ele com frieza, e fez os seis homens marcharem até a igreja e acrescentei seus corpos à pilha sangrenta. O resto dos prisioneiros capturados se ajoelhou. Um a um, todos beijaram a espada de Artur para renovar seus juramentos mas, antes de beijar a lâmina, cada homem foi forçado a se ajoelhar diante de Nimue, que marcou sua testa com uma ponta de lança que ela mantinha incandescente numa fogueira de cozinhar. Assim todos os homens foram marcados como guerreiros que haviam se rebelado contra um senhor a quem estavam jurados, e a cicatriz de fogo em sua testa significava que seriam mortos se algum dia se mostrassem falsos de novo. Por enquanto, com a testa queimada e dolorosa, eles eram aliados dúbios, mas Artur ainda liderava mais de oitenta homens, um pequeno exército.

Loholt esperava ajoelhado. Ainda era muito jovem, de rosto liso e com uma barba rala que Artur pegou e usou para arrastá-lo até a pedra real, que era tudo que restava do antigo círculo. Em seguida, jogou o filho junto à pedra.

— Onde está o seu irmão?

— Com Lancelot, senhor. — Loholt ergueu os olhos para o pai.

— Então você pode se juntar a eles — disse Artur e o rosto de Loholt mostrou alívio absoluto porque iria viver. E Artur prosseguiu numa voz feita de gelo: — Mas primeiro diga: por que você levantou a mão contra seu pai?

— Eles disseram que o senhor estava morto.

— E o que você fez, filho, para vingar minha morte? — perguntou Artur e esperou uma resposta, mas Loholt não tinha. — E, quando ouviu dizer que eu estava vivo, porque continuou se opondo a mim?

Loholt olhou para o rosto implacável do pai e, de algum lugar, arranjou sua coragem.

— O senhor nunca foi um pai para nós — falou amargo.

O rosto de Artur foi retorcido por um espasmo e pensei que ele iria explodir numa fúria terrível, mas quando falou de novo sua voz estava estranhamente calma.

— Ponha a mão direita na pedra — ordenou.

Loholt achou que iria fazer um juramento, por isso pôs obedientemente a mão no centro da pedra real. Então Artur desembainhou Excalibur e Loholt entendeu o que o pai pretendia, e puxou a mão de volta.

— Não! — gritou. — Por favor! Não!

— Segure-a aí, Derfel — disse Artur.

Loholt lutou comigo, mas não era páreo para a minha força. Dei um tapa em seu rosto para dominá-lo, depois desnudei seu braço direito até o cotovelo, forcei-o de encontro à pedra e o segurei ali com firmeza enquanto Artur levantava a lâmina.

— Não, papai, por favor!

Mas naquele dia Artur não tinha piedade. E nem por muitos dias depois.

— Você levantou a mão contra o próprio pai, Loholt, e por isso perde o pai e a mão. Eu o renego. — E, com essa maldição terrível, ele baixou a espada e um jato de sangue jorrou sobre a pedra enquanto Loholt se retorcia violentamente para trás. Ele soltou um grito agudo, segurou o cotoco e olhou horrorizado a mão decepada, depois gemeu em agonia. — Faça um curativo — ordenou Artur a Nimue. — Depois esse idiota pode ir embora — e em seguida se afastou.

Chutei de cima da pedra a mão decepada, com seus dois patéticos anéis de guerreiro. Artur tinha deixado Excalibur cair na grama, por isso peguei a espada e a coloquei reverentemente em cima da mancha de sangue. Isso, pensei, era adequado. A espada certa na pedra certa, e tinham sido necessários tantos anos para colocá-la ali!

— Agora esperamos — disse Artur sombrio — e deixamos o desgraçado vir até nós.

Ele ainda não conseguia dizer o nome de Lancelot.

Lancelot veio dois dias depois.

Sua rebelião estava desmoronando, mas ainda não sabíamos disso. Sagamor, reforçado pelos dois primeiros contingentes de lanceiros de Powys, tinha detido os homens de Cerdic em Corinium, e o saxão só

escapou fazendo uma desesperada marcha noturna, e mesmo assim perdeu mais de cinquenta homens para a vingança de Sagramor. A fronteira de Cerdic ainda estava muito mais a oeste do que era antigamente, mas a notícia de que Artur vivia e tinha tomado Caer Cadarn e a ameaça do ódio implacável de Sagramor bastaram para persuadir Cerdic a abandonar seu aliado Lancelot. Ele se retirou para a sua nova fronteira e mandou homens tomarem o que pudessem das terras belgae de Lancelot. Pelo menos Cerdic tinha lucrado com a rebelião.

Lancelot trouxe seu exército a Caer Cadarn. O núcleo desse exército era formado pela Guarda Saxã e duzentos guerreiros belgae, e eles tinham sido reforçados por um *levy* de centenas de cristãos que acreditavam estar fazendo a obra de Deus servindo Lancelot, mas as notícias de que Artur tinha tomado o Caer e dos ataques que Morfans e Galahad estavam fazendo a sul de Glevum os confundiram e desanimaram. Os cristãos começaram a desertar, mas pelo menos duzentos continuavam com Lancelot quando ele chegou na hora do crepúsculo, dois dias depois de termos capturado o morro real. Ele ainda possuía uma chance de manter o novo reino se ao menos ousasse atacar Artur, mas hesitou, e na madrugada seguinte Artur me mandou com uma mensagem. Eu levava o escudo de cabeça para baixo e amarrei um ramo de folhas de carvalho na lança, para mostrar que tinha vindo falar, e não lutar, e um chefe belgae se encontrou comigo e jurou manter minha trégua, antes de me levar ao palácio de Lindinis onde Lancelot estava alojado. Esperei no pátio externo, vigiado por lanceiros carrancudos, enquanto Lancelot tentava decidir se deveria me receber ou não.

Esperei mais de uma hora, mas finalmente Lancelot apareceu. Estava vestido com sua cota de escamas esmaltadas de branco, levava o elmo dourado sob o braço e tinha a Lâmina de Cristo na cintura. Amhar e Loholt, este com o braço envolto em bandagens, estavam atrás dele. Sua Guarda Saxã e uma dúzia de chefes o flanqueavam, e Bors, seu campeão, se mantinha ao lado dele. Todos fediam a derrota. Eu podia sentir o cheiro neles, como carne apodrecida. Lancelot poderia ter-nos mantido trancados no Caer, destruído Morfans e Galahad e depois voltado para nos deixar morrer de fome, mas perdera a coragem. Só queria sobreviver. Sansum, observei secamente, não estava à vista. O lorde camundongo sabia quando se esconder.

— Encontramo-nos de novo, lorde Derfel — cumprimentou Bors em nome de seu senhor.

Ignorei Bors.

— Lancelot — falei diretamente ao rei, mas me recusei a honrá-lo com o título —, meu senhor Artur lhe dará a misericórdia com uma condição. — Eu falava alto, para que todos os lanceiros do pátio

ouvissem. A maioria dos guerreiros tinha a águia-do-mar de Lancelot nos escudos, mas alguns tinham cruzeiros pintados, ou então as curvas duplas do peixe. — A condição para essa misericórdia é que você lute com nosso campeão, homem a homem, espada contra espada, e, se viver, pode ir livre e seus homens podem ir junto, e, se morrer, mesmo assim seus homens estarão livres. Mesmo que escolha não lutar, seus homens serão perdoados, todos menos os que eram anteriormente jurados ao nosso rei Mordred. Esses serão mortos. — Era uma oferta sutil. Se Lancelot lutasse salvaria a vida dos homens que tinham trocado de lado para apoiá-lo, e se recusasse do desafio iria condená-los à morte, e sua preciosa reputação sofreria.

Lancelot olhou para Bors, depois me olhou de novo. Eu o desprezei infinitamente naquele momento. Ele poderia estar lutando contra nós, e não arrastando os pés no pátio de Lindinis, mas tinha se ofuscado com a ousadia de Artur. Não sabia quantos homens tínhamos, só podia ver as fortificações do Caer cheias de lanças, de modo que a vontade de lutar havia se esvaído. Chegou perto do primo e os dois trocaram palavras. Depois de Bors ter falado com ele, Lancelot me olhou de novo, e seu rosto estremeceu num pequeno sorriso.

— Meu campeão Bors aceita o desafio de Artur — disse ele.

— A oferta é para você lutar — falei —, e não para alguém amarrar e trucidar seu porco amestrado.

Bors rosou diante daquilo, e meio desembainhou sua espada, mas o chefe belgae que havia garantido minha segurança se adiantou com uma lança e Bors desistiu.

— E o campeão de Artur será o próprio Artur? — perguntou Lancelot.

— Não — falei e sorri. — Eu pedi esta honra. E recebi. Eu a quis pelo insulto que você fez a Ceinwyn. Você pensou em fazer com que ela desfilasse nua em Ynys Wydryn, mas arrastarei seu cadáver nu por toda a Dumnonia. E, quanto à minha filha — prossegui —, a morte dela já está vingada. Seus druidas estão mortos deitados do lado esquerdo, Lancelot. Os corpos deles não foram queimados, e suas almas vagueiam.

Lancelot cuspiu aos meus pés.

— Diga a Artur que mandarei a resposta ao meio-dia. — Em seguida, ele se virou.

— E você tem alguma mensagem para Guinevere? — perguntei, e a pergunta o fez se virar de novo. — Sua amante está no Caer. Quer saber o que vai acontecer? Artur me contou o destino dela.

Ele me olhou com ódio, cuspiu de novo, depois apenas se virou e foi embora. Fiz o mesmo.

Voltei ao Caer e encontrei Artur na paliçada, logo acima do portão ocidental onde, havia tantos anos, tinha falado comigo sobre o dever de um soldado. Esse dever, dissera ele, era lutar a batalha pelos que não

podiam lutar sozinhos. Este era o seu credo, e em todos aqueles anos ele havia lutado por Mordred, e agora, finalmente, lutava por si mesmo, e ao fazer isso perdera tudo que mais amava. Eu lhe dei a resposta de Lancelot e ele assentiu, não disse nada, e me dispensou.

Mais tarde, naquela manhã, Guinevere mandou Gwydre me chamar. O menino subiu a paliçada onde eu estava com meus homens e puxou minha capa.

— Tio Derfel? — Ele me espiou, abatido. — Mamãe quer conversar com você. — Falava com medo e havia lágrimas em seus olhos.

Olhei para Artur, mas ele não estava interessado em nenhum de nós, por isso desci a escada e fui com Gwydre até a cabana do lanceiro. Ter mandado me chamar devia ser um tremendo golpe no orgulho de Guinevere, mas ela queria dar um recado a Artur, e sabia que mais ninguém no Caer era tão próximo dele quanto eu. Ela se levantou quando me curvei para passar pela porta. Fiz-lhe uma reverência com a cabeça, depois esperei enquanto ela mandava Gwydre sair e ir conversar com o pai.

A cabana mal tinha altura para Guinevere ficar de pé. Seu rosto estava abatido, quase macilento, mas de algum modo a tristeza lhe dava uma beleza luminosa que o ar de orgulho usual lhe negava.

— Nimue disse que você viu Lancelot — disse ela, tão baixo que tive de me inclinar para ouvir as palavras.

— Sim, senhora, eu vi.

Sua mão direita estava inconscientemente repuxando as dobras do vestido.

— Ele mandou alguma mensagem?

— Nenhuma, senhora.

Ela me olhou com seus enormes olhos verdes.

— Por favor, Derfel — disse em voz baixa.

— Eu o convidei a falar, senhora. Ele não disse nada.

Guinevere se deixou cair num banco tosco. Ficou quieta durante um tempo e vi uma aranha descer da palha do teto tecendo seu fio cada vez mais perto do cabelo dela. Estava hipnotizado pelo inseto, imaginando se deveria afastá-lo ou deixar.

— O que você lhe disse?

— Eu me ofereci para lutar contra ele, senhora, homem a homem, Hywelbane contra a Lâmina de Cristo. E depois prometi arrastar seu corpo nu por toda a Dumnonia.

Ela balançou a cabeça selvagememente.

— Lutar — falou com raiva. — É só isso que vocês, brutos, sabem fazer! — Em seguida fechou os olhos alguns segundos. — Desculpe, lorde Derfel — falou humildemente. — Eu não deveria insultá-lo, não quando preciso de que peça um favor a lorde Artur. — Guinevere me olhou e vi que ela estava tão abalada quanto Artur. — Você faria isso?

— implorou.

— Que favor, senhora?

— Peça que ele me deixe ir, Derfel. Diga que irei para o outro lado do mar. Diga que ele pode ficar com nosso filho, e que ele é nosso filho, e que irei embora e ele nunca mais me verá nem ouvirá falar de mim.

— Vou pedir, senhora.

Ela captou a dúvida em minha voz e me encarou com tristeza. A aranha tinha desaparecido em seu cabelo denso e ruivo.

— Você acha que ele recusará? — perguntou numa voz baixa e amedrontada.

— Senhora, ele a ama. Ele a ama tanto que não creio que possa algum dia deixá-la ir.

Uma lágrima apareceu em seu olho, depois escorregou pelo rosto.

— E o que ele fará comigo?

Não respondi.

— O que ele fará, Derfel? — perguntou ela de novo com um pouco da energia antiga. — Diga!

— Senhora — falei com voz pesada —, ele irá colocá-la em algum lugar seguro e vai mantê-la sob guarda. — E todo dia, pensei, ele pensaria nela, e toda noite iria conjurá-la nos sonhos, e em todo amanhecer iria se revirar na cama até descobrir que ela não estava. — A senhora será bem-tratada — garanti com gentileza.

— Não — gemeu ela. Guinevere poderia ter esperado a morte, mas essa promessa de prisão parecia ainda pior. — Diga-lhe para me deixar ir embora, Derfel. Só diga para me deixar ir!

— Pedirei, mas não creio que ele deixe. Não creio que ele possa.

Agora ela estava chorando abertamente, com a cabeça nas mãos, e, ainda que eu esperasse, não disse mais nada, por isso saí da cabana. Gwydre tinha achado a companhia do pai sombria demais, por isso quisera voltar para perto da mãe, mas eu o levei e o fiz me ajudar a limpar e afiar Excalibur. O coitado estava com medo, porque não entendia o que tinha acontecido, e nem Guinevere nem Artur podiam explicar.

— Sua mãe está muito doente — falei —, e você sabe que algumas vezes as pessoas doentes precisam ficar sozinhas. — Sorri para ele. — Talvez você possa vir morar com Morwenna e Seren.

— Posso?

— Acho que sua mãe e seu pai vão dizer que sim, e eu gostaria disso. Agora não esfregue a espada! Afe. Com movimentos compridos e suaves, assim!

Ao meio-dia fui até o portão ocidental esperar o mensageiro de Lancelot. Mas não veio ninguém. O exército de Lancelot estava simplesmente se espalhando, como areia retirada de cima de uma pedra pela chuva. Alguns foram para o sul e Lancelot cavalgou com esses

homens, e as asas de cisne em seu elmo eram visíveis, brancas e luminosas enquanto ele se afastava, mas a maioria dos homens veio para a campina ao pé do Caer, e ali pousou as lanças, os escudos e as espadas e todos se ajoelharam no capim esperando a misericórdia de Artur.

— O senhor venceu — falei.

— Sim, Derfel — disse ele, ainda sentado —, parece que venci. — Sua nova barba, tão estranhamente grisalha, o fazia parecer mais velho. Não mais frágil, porém mais velho e mais duro. Acima de sua cabeça um sopro de vento agitou o estandarte do urso.

Sentei-me ao seu lado.

— A princesa Guinevere implorou que eu lhe pedisse um favor — falei, olhando o exército inimigo pousar as armas e se ajoelhar abaixo de nós. Ele não disse nada. Nem olhou para mim. — Ela quer...

— Ir embora.

— Sim, senhor.

— Com sua águia-do-mar — disse ele amargamente.

— Ela não disse isso, senhor.

— Para onde mais ela iria? — perguntou Artur e em seguida virou os olhos frios para mim. — Ele perguntou por ela?

— Não, senhor. Ele não disse nada.

Artur riu, mas era um riso cruel.

— Pobre Guinevere, pobre, pobre Guinevere. Ele não a ama, ama? Ela era apenas uma coisa bela para ele, outro espelho onde olhar para a própria beleza. Isso deve magoá-la, Derfel, isso deve magoá-la.

— Ela implora que o senhor a liberte — insisti, como tinha prometido. — Ela deixará Gwydre com o senhor, ela irá...

— Ela não pode impor condições — disse Artur, irado. — Nenhuma.

— Não, senhor — falei. Eu tinha feito o máximo por Guinevere, e tinha fracassado.

— Ela ficará em Dumnonia.

— Sim, senhor.

— E você também ficará aqui — ordenou ele asperamente. — Mordred pode liberá-lo do juramento, mas eu não libero. Você é meu homem, Derfel, é meu conselheiro e ficará aqui comigo. A partir de hoje você é meu campeão.

Virei-me para olhar a espada recém-limpa e afiada sobre a pedra real.

— Ainda sou campeão de um rei, senhor?

— Nós já temos um rei, e eu não quebrarei esse juramento, mas governarei este país. Ninguém mais, Derfel, só eu.

Pensei na ponte em Pontes, onde tínhamos atravessado o rio antes de lutar com Aelle.

— Se o senhor não for o rei, deve ser o nosso imperador. Deve ser um Senhor dos Reis.

Ele sorriu. Era o primeiro sorriso que eu via em seu rosto desde que Nimue tinha puxado a cortina preta no Palácio do Mar. Era um sorriso débil, mas estava ali. E ele não recusou meu título. Imperador Artur, Senhor dos Reis.

Lancelot tinha ido embora, e o que restava de seu exército estava ajoelhado diante de nós, em terror. Seus estandartes estavam caídos, as lanças no chão e os escudos tombados. A loucura varrera Dumnonia como uma tempestade, mas tinha passado e Artur vencera, e abaixo de nós, sob um alto sol de verão, todo um exército se ajoelhava pedindo sua misericórdia. Era o que Guinevere tinha sonhado um dia. Era Dumnonia aos pés de Artur com sua espada na pedra real, mas agora era tarde demais. Tarde demais para ela.

Mas para nós, que tínhamos mantido o juramento, era o que sempre havíamos esperado, porque agora, em todos os sentidos, menos no nome, Artur era rei.



Nota do autor

As histórias sobre caldeirões são comuns no folclore celta, e sua busca podia levar bandos de guerreiros a lugares sombrios e perigosos. Cuchulain, o grande herói irlandês, teria roubado um caldeirão mágico de uma fortaleza poderosa, e temas assim são recorrentes nos mitos galeses. Atualmente é impossível desvendar a origem desses mitos, mas podemos ter alguma certeza de que as populares narrativas medievais sobre a busca do Santo Graal eram apenas uma revisão cristianizada dos antigos mitos do caldeirão. Uma dessas narrativas envolve o caldeirão de Clyddno Eiddyn, que era um dos Treze Tesouros da Britânia. Esses tesouros desapareceram das narrativas modernas da saga arturiana, mas eles estavam firmemente lá, nos tempos mais antigos. A lista dos Tesouros varia de fonte para fonte, por isso compilei uma amostra razoavelmente representativa, ainda que a explicação de Nimue para as suas origens, na página 132, seja totalmente inventada.

Os caldeirões e os tesouros mágicos nos dizem que estamos em território pagão, o que torna estranho as histórias posteriores de Artur serem tão fortemente cristianizadas. Seria Artur o “Inimigo de Deus”? Algumas narrativas antigas sugerem que a igreja celta era hostil com relação a Artur; assim, na *Vida de São Padarn*, é dito que Artur roubou a túnica vermelha do santo e só concordou em devolver depois de o santo o ter enterrado até o pescoço. De modo semelhante, Artur teria roubado o altar de São Carannog para usar como mesa de refeições; de fato, nas vidas de muitos santos, Artur é representado como um tirano que só consegue ser impedido pela misericórdia ou pelas orações do homem santo. São Cadoc foi evidentemente um famoso opositor, cuja *Vida* alardeia a quantidade de vezes em que ele derrotou Artur, inclusive uma história bastante desagradável em que Artur, interrompido durante um jogo de dados por um casal de amantes em fuga, tenta estuprar a jovem. Esse Artur, ladrão, mentiroso e quase estuproador, sem dúvida não é o Artur da lenda moderna, mas as histórias sugerem que, de algum modo, Artur tinha atraído um forte repúdio por parte da igreja antiga, e a explicação mais simples desse repúdio seria que Artur era pagão.

Não podemos ter certeza disso, assim como só podemos imaginar que tipo de pagão ele era. A religião nativa dos britânicos, o druidismo,

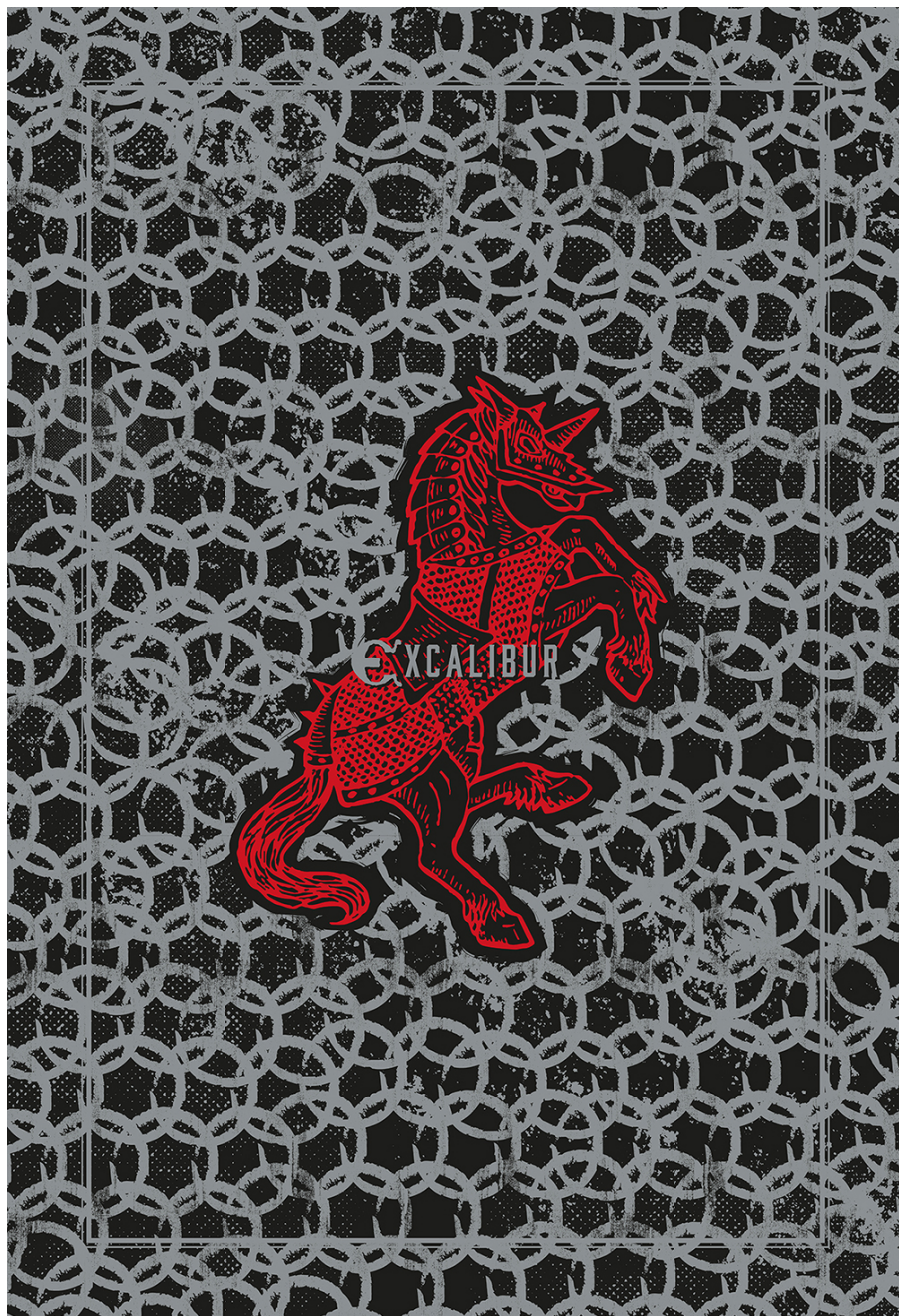
fora tão desgastada pelos séculos de domínio romano que, no século V, não passava de uma sombra, ainda que, sem dúvida, se mantivesse arraigada em partes rurais da Britânia. O “golpe doloroso” contra o druidismo foi o ano negro de 60 d.C., quando os romanos atacaram Ynys Mon (Anglesey) e destruíram o centro de culto da fé. Llyn Cerrig Bach, o Lago das Pedrinhas, existiu, e a arqueologia sugeriu que era um lugar importante para os rituais druídicos, mas infelizmente o lago e a paisagem em volta foram totalmente obliterados durante a Segunda Guerra Mundial quando o campo de aviação Valley foi expandido.

As crenças rivais do druidismo foram todas introduzidas pelos romanos, e durante um tempo o mitraísmo foi uma ameaça genuína ao cristianismo, enquanto outros Deuses, como Mercúrio e Ísis, continuaram a ser cultuados, mas o cristianismo foi, de longe, a importação mais bem-sucedida. Ele havia até mesmo varrido a Irlanda, levada por Patrick (Padraig), um cristão britânico que supostamente usou a folha de trevo para ensinar a doutrina da Trindade. Os saxões extirparam o cristianismo das partes da Britânia que capturaram, de modo que os ingleses tiveram de esperar mais cem anos até que Santo Agostinho de Canterbury reintroduzisse a religião em Lloegyr (a atual Inglaterra). Esse cristianismo agostiniano era diferente das formas célticas originais; a Páscoa era celebrada num dia diferente e, em vez de usar a tonsura druídica que raspava a frente da cabeça, os novos cristãos faziam o círculo mais familiar, no cocuruto.

Como em *O rei do inverno*, introduzi deliberadamente alguns anacronismos. As lendas arturianas são terrivelmente complexas, principalmente porque incluem todo tipo de histórias diferentes, muitas das quais, como a narrativa de Tristan e Isolda, começaram como histórias independentes e apenas aos poucos se incorporaram à saga arturiana mais ampla. Houve um tempo em que eu pretendia deixar de lado todos os acréscimos posteriores, mas isso me negaria, entre outras coisas, Merlin e Lancelot, de modo que permiti que o romantismo prevalecesse sobre o pedantismo. Confesso que a inclusão da palavra Camelot é um completo absurdo histórico, porque esse nome só foi inventado no século XII, de modo que Derfel nunca o teria ouvido.

Alguns personagens, como Derfel, Ceinwyn, Culhwch, Gwenhwyfach, Gwydre, Amhar, Loholt, Dinas e Lavaine, desapareceram das histórias no passar dos séculos e foram substituídos por novos personagens, como Lancelot. Outros nomes mudaram. Nimue se tornou Vivien, Cei virou Kay, e Peredur virou Percival. Os nomes mais antigos são galeses, e podem ser difíceis, mas, com a exceção de Excalibur (em vez de Caledfwlch) e Guinevere (em vez de Gwenhwyfar), eu os preferi porque refletem o ambiente da Britânia no século V. As lendas arturianas são narrativas galesas, e Artur é um ancestral dos galeses, ao passo que seus inimigos, como Cerdic e Aelle, eram o povo

que agora seria conhecido como os ingleses, e parecia certo enfatizar as origens galesas da história. Não que eu possa fingir que a trilogia do Senhor das Guerras seja de algum modo uma história precisa daqueles anos; ela nem mesmo é uma tentativa de fazer tal história, é apenas outra variação de uma saga fantástica e complicada que nos veio de uma era bárbara, mas que ainda fascina porque é tão repleta de heroísmo, romance e tragédia.



As CRÔNICAS de ARTUR Bernard Cornwell

VOLUME III

EXCALIBUR

28ª edição
TRADUÇÃO DE
ALVES CALADO



EDITORAL RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

REVISÃO-EXECUTIVA

Renata Barthelemy

PROJEÇÃO GRÁFICA DE CAPA E BOX

Marcia Martinez / Laboratório Secreto

MAQUETAGEM E IMPRESSÃO IMPRESSA

Pedro de Távares

ATUALIZAÇÃO EDITORIAL

Fidália Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C835e

Cornwell, Bernard, 1944-

Excalibur [recurso eletrônico] / Bernard Cornwell; tradução Alves Calado. – 1. ed. –

Rio de Janeiro: Record, 2021.

recurso digital (As crônicas de Artur; 3)

Tradução de: Excalibur

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-361-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Arthur, Rei – Ficção. 3. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título. III. Série.

21-72797

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

TÍTULO EM INGLÊS:

Excalibur

Copyright © 1997 by Bernard Cornwell

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-361-0

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Excalibur é para John e Sharon Martin



Sumário

[Personagens](#)

[Lugares](#)

[Mapa](#)

[Parte 1 | As Fogueiras do Mai Dun](#)

[Parte 2 | Mynydd Baddon](#)

[Mapa](#)

[Parte 3 | A Maldição de Nimue](#)

[Parte 4 | O último Feitiço](#)

[Nota histórica](#)



Personagens

AELLE

Rei saxão

AGRÍCOLA

Comandante guerreiro de Gwent

AMHAR

Filho bastardo de Artur, gêmeo de Loholt

ARGANTE

Princesa da Demétia, filha de Oengus Mac Airem

ARTUR

Filho bastardo de Uther, comandante guerreiro da Dumnonia, mais tarde governador da Silúria

ARTUR-BACH

Neto de Artur, filho de Gwydre e Morwenna

BALIG

Barqueiro, cunhado de Derfel

BALIN

Um dos guerreiros de Artur

BALISE

Antigo druida da Dumnonia

BORS

Campeão e primo de Lancelot

BROCHVAEL

Rei de Powys depois da época de Artur

BUDIC

Rei de Broceliande, casado com Anna, irmã de Artur

BYRTHIG

Rei de Gwynedd

CADDWG

Barqueiro e ex-serviçal de Merlin

CEINWYN

Irmã de Cuneglas, companheira de Derfel

CERDIC

Rei saxão

CILDYDD

Magistrado de Aquae Sulis

CLÓVIS

Rei dos francos

CULHWCH

Primo de Artur, guerreiro

CUNEGLAS

Rei de Powys

CYWWYLLOG

Antiga amante de Mordred, serviçal de Merlin

DAFYDD

O escrivão que traduz o relato de Derfel

DERFEL

(*pronuncia-se Dervel*) O narrador, um dos guerreiros de Artur e mais tarde monge

DIWRNACH

Rei de Lleyn

EACHERN

Um dos lanceiros de Derfel

EINION

Filho de Culhwch

EMRYS

Bispo da Durnovária, mais tarde bispo de Isca, na Silúria

ERCE

Saxã, mãe de Derfel

FERGAL

Druida de Argante

GALAHAD

Meio-irmão de Lancelot, um dos guerreiros de Artur

GAWAIN

Príncipe de Broceliande, filho do rei Budic

GUINEVERE

Mulher de Artur

GWYDRE

Filho de Artur e Guinevere

HYGWYDD

Serviçal de Artur

IGRAINE

Rainha de Powys depois do tempo de Artur, casada com Brochvael

ISSA

Segundo em comando de Derfel

LANCELOT

Rei exilado de Benoic, agora aliado de Cerdic

LANVAL

Um dos guerreiros de Artur

LIOFA

Campeão de Cerdic

LLADARN

Bispo em Gwent

LOHOLT

Filho bastardo de Artur, gêmeo de Amhar

MARDOC

Filho de Mordred e Cywyllog

MERLIN

Druida da Dumnonia

MEURIG

Rei de Gwent, filho de Tewdric

MORDRED

Rei da Dumnonia

MORFANS

“O Feio”, um dos guerreiros de Artur

MORGANA

Irmã mais velha de Artur, casada com Sansum

MORWENNA

Filha de Derfel e Ceinwyn, casada com Gwydre

NIALL

Comandante da guarda dos Escudos Pretos de Argante

NIMUE

Sacerdotisa de Merlin

OENGUS MAC AIREM

Rei irlandês da Demétia, líder dos Escudos Pretos

OLWEN, A PRATEADA

Seguidora de Merlin e Nimue

PERDDEL

Filho de Cuneglas, mais tarde rei de Powys

PEREDUR

Filho de Lancelot

PYRLIG

Bardo de Derfel

SAGRAMOR

Comandante de um dos bandos de guerreiros de Artur

SANSUM

Bispo em Durnovária, mais tarde bispo do mosteiro de Dinnewrac

SCARACH

Mulher de Issa

SEREN (I)

Filha de Derfel e Ceinwyn

SEREN (2)

Filha Gwydre e Morwenna, neta de Artur

TALIESIN

“Testa Brilhante”, um bardo famoso

TEWDRIC

Ex-rei de Gwent, agora eremita cristão

TUDWAL

Monge no mosteiro de Dinnewrac

UTHER

Antigo rei da Dumnonia, avô de Mordred, pai de Artur



Lugares

Aquae Sulis
Bath, Avon

Beadewan
Baddow, Essex

Burrium
Usk, Gwent

Caer Ambr**
Amesbury, Wiltshire

Caer Cadarn*
South Cadbury, Somerset

Camlann
Localização real desconhecida; Dawlish Warren, Devon, foi sugerido

Celmeresfort
Chelmsford, Essex

Cicucium
Fortaleza romana perto de Sennybridge, Powys

Corinium
Cirencester, Gloucestershire

Dun Caric*
Castelo Cary, Somerset

Dunum
Hod Hill, Dorset

Durnovária
Dorchester, Dorset

Glevum
Gloucester

Gobannium
Abergavenny, Monmouthshire

Isca (Dumnonia)
Exeter, Devon

Isca (Silúria)
Caerleon, Gwent

Lactodurum
Towcester, Northamptonshire

Leodasham
Leaden Roding, Essex

Lindinis
Ilchester, Somerset

Lyceceword
Letchworth, Hertfordshire

Mai Dun
Maiden Castle, Dorset

Moridunum
Carmarthen

Mynydd Baddon
Localização real desconhecida; Little Solsbury Hill, perto de Bath,
foi sugerido

Sorviodunum
Old Sarum, Wiltshire

Steortford
Bishop's Stortford, Hertfordshire

Thunreslea
Thundersley, Essex

Venta
Winchester, Hampshire

Wicford

Wickford, Essex

Ynys Wair

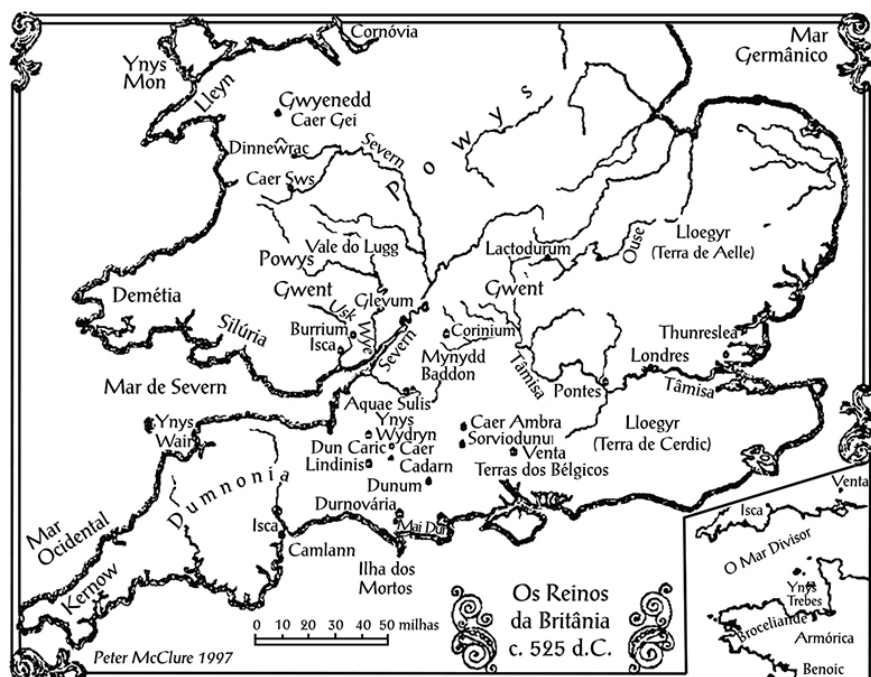
Ilha de Lundy, Canal de Bristol

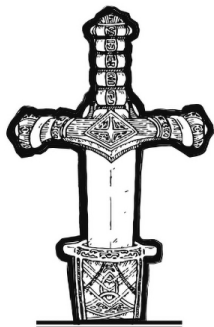
Ynys Wydryn

Glastonbury, Somerset

Nota

* Os nomes de lugares marcados com * são fictícios





Parte 1

As Fogueiras do Mai Dun

MULHERES, COMO ELAS assombram esta esta narrativa!

Quando comecei a escrever a história de Artur pensei que seria uma narrativa de homens; uma crônica de espadas e lanças, de batalhas vencidas e fronteiras criadas, de tratados arruinados e reis derrubados, não é assim que a história é contada? Quando recitamos a genealogia de nossos reis não citamos suas mães e avós, mas dizemos Mordred ap Mordred ap Uther ap Kustennin ap Kynnar e assim por diante até o grande Beli Mawr, que é pai de todos nós. A história é uma estória contada por homens e de feitura dos homens, mas nesta narrativa sobre Artur, como o brilho do salmão na água escura de turfa, as mulheres reluzem.

Os homens fazem história, e não posso negar que foram homens que derrubaram a Britânia. Éramos centenas, e todos armados de couro e ferro, e com espada, escudo e lança, e achávamos que a Britânia estava sob nosso comando porque éramos guerreiros, mas foram necessários um homem e uma mulher para derrubar a Britânia, e dos dois foi a mulher quem causou maior dano. Ela fez uma maldição e um exército morreu, e esta é sua história agora, porque ela era inimiga de Artur.

— Quem? — perguntará Igraine ao ler isto.

Igraine é minha rainha. Está grávida, coisa que dá grande alegria a todos nós. Seu marido é o rei Brochvael de Powys, e agora vivo sob sua proteção no pequeno mosteiro de Dinnewrac, onde escrevo a história de Artur. Escrevo por ordem da rainha Igraine, que é jovem demais para ter conhecido o imperador. Era como chamávamos Artur, o imperador, *Amherawdr* na língua britânica, mas o próprio Artur raramente usava o título. Escrevo na língua saxã, porque sou saxão e porque o bispo Sansum, o santo que dirige nossa pequena comunidade em Dinnewrac, jamais me permitiria escrever a história de Artur. Sansum odeia Artur, vilipendia sua memória e o chama de traidor, por isso Igraine e eu dissemos ao santo que estou escrevendo um evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo na língua saxã e, como Sansum não fala saxão nem sabe ler nenhuma língua, a mentira deixou a narrativa em segurança até este momento.

Agora a história fica mais sombria e mais difícil de contar. Algumas vezes, quando penso em meu amado Artur, vejo sua maturidade como um dia ensolarado, mas com que rapidez vieram as nuvens! Mais tarde, como veremos, as nuvens se partiram e o sol acariciou mais uma vez sua paisagem, mas então veio a noite, e desde então não vimos o sol.

Foi Guinevere quem escureceu o sol do meio-dia. Isso aconteceu

durante a rebelião quando Lancelot, que Artur considerava amigo, tentou usurpar o trono da Dumnonia. Nisso foi ajudado pelos cristãos que tinham sido enganados por seus líderes — dentre eles o bispo Sansum — para acreditar que era seu dever sagrado eliminar os pagãos do país e preparar a terra da Britânia para a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo no ano 500. Lancelot também foi ajudado pelo rei saxão Cerdic, que lançou um ataque aterrorizante ao longo do vale do Tâmisia numa tentativa de dividir a Britânia. Se os saxões tivessem chegado ao mar de Severn, os reinos britânicos do norte teriam sido separados dos do sul. Entretanto, pela graça dos Deuses, derrotamos não somente Lancelot e sua turba cristã, como também Cerdic. Mas na derrota Artur descobriu a traição de Guinevere. Encontrou-a nua nos braços de outro homem, e foi como se o sol tivesse desaparecido de seu céu.

— Realmente não entendo — disse-me Igraine um dia, no final do verão.

— O que não entende, cara senhora?

— Artur amava Guinevere, não é?

— Amava.

— Então por que não pôde perdoá-la? Perdoei Brochvael pelo que ele fazia com Nwylle. — Nwylle tinha sido amante de Brochvael, mas contraiu uma doença de pele que desfigurou sua beleza. Desconfio, mas nunca perguntei, de que Igraine usou um feitiço para levar a doença à rival. Minha rainha pode se dizer cristã, mas o cristianismo não é uma religião que oferece o consolo da vingança aos seus adeptos. Para isso você precisa procurar as mulheres velhas que sabem que ervas colher e que feitiços dizer sob uma lua minguante.

— A senhora perdoou Brochvael — concordei —, mas será que Brochvael perdoaria a senhora?

Ela estremeceu.

— Claro que não! Ele teria me queimado viva, mas esta é a lei.

— Artur poderia ter queimado Guinevere, e houve muitos homens que o aconselharam a fazer isso, mas ele a amava, amava-a com paixão, e por isso não podia matá-la nem a perdoar. Pelo menos não a princípio.

— Então ele era um idiota! — disse Igraine, que é muito jovem e tem a gloriosa certeza dos jovens.

— Ele era muito orgulhoso — repliquei, e talvez isso fizesse de Artur realmente um idiota, mas o mesmo acontecia com o resto de nós. Parei, pensando. — Ele queria muitas coisas, queria uma Britânia livre e os saxões derrotados, mas em sua alma queria a confirmação constante, da parte da esposa, de que ele era um homem bom. E quando Guinevere dormiu com Lancelot isso provou a Artur que ele era o homem inferior. O que não era verdade, claro, mas o magoou. Como magoou. Nunca vi um homem tão ferido. Ela rasgou o coração dele.

— Então ele a aprisionou?

— Ele a aprisionou — confirmei e me lembrei de como eu tinha sido forçado a levar Guinevere ao templo do Espinheiro Sagrado em Ynys Wydryn, onde a irmã de Artur, Morgana, se tornou sua carcereira. Jamais houve afeto entre Guinevere e Morgana. Uma era pagã, a outra cristã, e o dia em que tranquei Guinevere no templo foi uma das poucas vezes em que a vi chorar. “Ela ficará aqui”, disse-me Artur, “até o dia em que morrer”.

— Os homens são idiotas — declarou Igraine, depois me olhou de lado. — Alguma vez você foi infiel a Ceinwyn?

— Não — respondi com sinceridade.

— Alguma vez quis ser?

— Ah, sim. A luxúria não desaparece com a felicidade, senhora. Além disso, que mérito existe na fidelidade se ela jamais for testada?

— Você acha que existe mérito na fidelidade? — perguntou ela e eu me perguntei que guerreiro belo e jovem no *caer* de seu marido atraíra seu olhar. Sua gravidez impediria qualquer absurdo por enquanto, mas eu temia o que pudesse acontecer depois. Talvez nada.

Sorri.

— Nós queremos a fidelidade nas pessoas que amamos, senhora, então não é óbvio que elas a queiram em nós? A fidelidade é um presente que oferecemos aos que amamos. Artur a deu a Guinevere, mas ela não pôde devolver. Ela queria algo diferente.

— E o que era?

— A glória, e ele sempre foi avesso à glória. Ele a alcançou, mas não se deleitava com isso. Ela queria uma escolta de mil cavaleiros, estandartes coloridos tremulando no alto, e toda a ilha da Britânia prostrada à sua frente. E tudo que ele sempre quis foi justiça e boas colheitas.

— E uma Britânia livre e os saxões derrotados — lembrou Igraine secamente.

— Isso também, e queria mais uma coisa. Queria essa coisa mais do que todas as outras. — Sorri, lembrando, e então pensei que talvez, dentre todas as ambições de Artur, esta fosse a que ele achava mais difícil de alcançar, e aquela que os poucos de nós que éramos realmente seus amigos jamais acreditamos realmente que ele desejasse.

— Continue — incentivou Igraine, suspeitando de que eu estivesse caindo num cochilo.

— Ele só queria um pedaço de terra, um salão, algumas cabeças de gado, uma oficina de ferreiro que fosse sua. Queria ser comum. Queria que outros homens cuidassem da Britânia enquanto ele buscava a felicidade.

— E ele nunca encontrou?

— Encontrou — garanti, mas não naquele verão depois da rebelião de Lancelot. Foi um verão de sangue, uma estação de vingança, um

tempo em que Artur obrigou a Dumnonia a uma submissão mal-humorada.

Lancelot fugira para sua terra dos Belgae, no sul. Artur adoraria persegui-lo, mas agora os invasores saxões de Cerdic eram o maior perigo. Tinham avançado até Corinium no fim da rebelião, e até poderiam ter capturado a cidade se os Deuses não tivessem mandado uma peste que assolou seu exército. As entranhas dos homens se esvaziavam sem parar, eles vomitavam sangue, ficaram fracos a ponto de não conseguir se levantar, e quando a peste estava no auge as forças de Artur os atacaram. Cerdic tentou instigar os homens, mas os saxões acreditaram que seus Deuses os tinham abandonado e fugiram.

— Mas voltarão — disse-me Artur quando paramos entre os restos da derrotada retaguarda de Cerdic. — Na próxima primavera eles voltarão.

Ele limpou a lâmina de Excalibur na capa manchada de sangue e a enfiou na bainha. Tinha deixado a barba crescer, e ela estava grisalha. Isso o fazia parecer mais velho, muito mais velho, e a dor da traição de Guinevere abatera seu rosto comprido, de modo que homens que nunca tinham visto Artur até aquele verão acharam sua aparência temível, e ele nada fez para amenizar essa impressão. Ele sempre fora um homem paciente, mas agora sua raiva ficava muito próxima da pele, e podia irromper à menor provocação.

Foi um verão de sangue, uma estação de vingança, e o destino de Guinevere foi ser trancada no templo de Morgana. Artur tinha condenado a esposa a viver numa sepultura, e seus guardas receberam ordem de mantê-la ali para sempre. Guinevere, princesa de Henis-Wyren, tinha sumido do mundo.

— Não seja absurdo, Derfel — disse Merlin rispidamente uma semana depois. — Ela vai estar fora de lá em dois anos! Um, provavelmente. Se Artur quisesse tirá-la de sua vida teria de jogá-la nas chamas, e é o que ele deveria ter feito. Não há nada melhor do que uma boa queima para melhorar o comportamento de uma mulher, mas não adianta dizer isso a Artur. O imbecil é apaixonado por ela! E é um imbecil. Pense bem! Lancelot vivo, Mordred vivo, Cerdic vivo e Guinevere viva! Se alguém quiser viver para sempre neste mundo parece uma boa ideia virar inimigo de Artur. Estou muito bem, obrigado por ter perguntado.

— Perguntei antes — falei pacientemente —, mas o senhor me ignorou.

— É a minha audição, Derfel. Praticamente sumiu. — Ele bateu num dos ouvidos. — Surdo que nem uma porta. É a idade, Derfel, a pura velhice. Estou visivelmente em decadência.

Nada disso. Ele parecia melhor agora do que há muito tempo, e sua audição, tenho certeza, era tão aguda quanto a visão — e esta, a

despite dos oitenta anos ou mais, ainda era tão afiada quanto a de um falcão. Merlin não estava decadente, parecia ter uma nova energia, trazida pelos Tesouros da Britânia. Aqueles treze Tesouros eram antigos, tão antigos quanto a Britânia, e durante séculos tinham estado perdidos, mas Merlin finalmente conseguira encontrá-los. O poder dos Tesouros era convocar os antigos Deuses de volta à Britânia, um poder que nunca fora testado, mas agora, no ano do tumulto da Dumnonia, Merlin iria usá-los para criar grande magia.

Eu tinha procurado Merlin no dia em que levei Guinevere a Ynys Wydryn. Era um dia de chuva forte e eu tinha subido o Tor, meio que esperando encontrar Merlin no cume, mas descobri o local vazio e triste. Antigamente Merlin possuía um grande salão no Tor, com uma torre de sonhos anexa, mas o salão fora incendiado. Parei em meio às ruínas do Tor e senti uma grande desolação. Artur, meu amigo, estava ferido. Ceinwyn, minha mulher, estava longe, em Powys. Morwenna e Seren, minhas duas filhas, estavam com Ceinwyn, e Dian, a mais nova, se encontrava no Outro Mundo, despachada para lá por uma das espadas a serviço de Lancelot. Meus amigos estavam mortos ou longe. Os saxões se preparavam para lutar contra nós no novo ano, minha casa tinha se transformado em cinzas e minha vida parecia opaca. Talvez a tristeza de Guinevere me tivesse infectado, mas naquela manhã, no morro de Ynys Wydryn lavado pela chuva, me senti mais sozinho do que nunca em toda a vida, por isso me ajoelhei nas cinzas lamacentas e rezei a Bel. Implorei que o Deus nos salvasse e, como uma criança, implorei um sinal de que os Deuses se importavam conosco.

Esse sinal veio uma semana depois. Artur tinha ido para o leste, assediar a fronteira saxã, mas eu ficara em Caer Cadarn esperando a vinda de Ceinwyn e minhas filhas para casa. Em algum momento daquela semana Merlin e sua companheira, Nimue, foram ao grande palácio vazio em Lindinis, ali perto. Eu já havia morado lá, guardando nosso rei, Mordred, mas quando Mordred atingiu a maioridade, o palácio foi dado ao bispo Sansum como um mosteiro. Agora, os monges de Sansum tinham sido expulsos, expulsos dos grandes salões por lanceiros vingativos, de modo que agora o grande palácio estava vazio.

Foram as pessoas do local que nos disseram que o druida estava no palácio. Contaram histórias de aparições, de sinais maravilhosos e de Deuses caminhando na noite. Por isso fui de cavalo ao palácio, mas não encontrei sinal de Merlin. Duzentas ou trezentas pessoas estavam acampadas fora dos portões, e repetiram empolgadas as histórias das visões noturnas e, ouvindo-as, meu coração ficou apertado. A Dumnonia tinha acabado de suportar o frenesi de uma rebelião cristã instigada exatamente por esse tipo de superstição enlouquecida, e agora parecia que os pagãos iam se igualar à loucura cristã. Empurrei os portões do palácio, atravessei o grande pátio e caminhei pelos salões vazios de

Lindinis. Chamei o nome de Merlin, mas não houve resposta. Encontrei um fogão quente numa das cozinhas e evidências de outro cômodo varrido recentemente, mas nada vivia ali, além dos ratos e dos camundongos.

Mas durante todo aquele dia mais pessoas se reuniram em Lindinis. Vinham de toda parte da Dumnonia e havia uma esperança patética em todos os rostos. Traziam seus aleijados e doentes e esperaram com paciência até o crepúsculo, quando os portões do palácio foram abertos e eles puderam andar, mancar, se arrastar ou ser carregados para o pátio externo. Eu poderia jurar que ninguém estivera dentro da vasta construção, mas alguém tinha aberto os portões e acendido grandes tochas que iluminavam as arcadas do pátio.

Juntei-me à multidão que entrava. Estava acompanhado por Issa, meu segundo em comando, e ficamos cobertos pelas capas escuras ao lado do portão. Avaliei que a multidão era de camponeses. Estavam malvestidos e tinham o rosto escuro e marcado dos que precisavam lutar para retirar a vida difícil do solo, mas aqueles rostos estavam cheios de esperança nas tochas chamejantes. Artur teria odiado aquilo, porque sempre se ressentia de dar esperanças sobrenaturais às pessoas que sofriam, mas como aquela multidão precisava de esperança! As mulheres seguravam bebês doentes ou empurravam crianças aleijadas até a frente, e todos ouviam ansiosos as histórias milagrosas das aparições de Merlin. Esta era a terceira noite das maravilhas, e agora tanta gente queria testemunhar os milagres que nem todos conseguiam entrar no pátio. Alguns se empoleiravam no muro atrás de mim, e outros se comprimiam no portão, mas ninguém entrava na arcada que rodeava três lados do pátio, porque aquele caminho abrigado e entre colunas era protegido por quatro lanceiros que usavam as armas compridas para manter a turba à distância. Os quatro guerreiros eram Escudos Pretos, lanceiros irlandeses da Demétia, o reino de Oengus Mac Airem, e me perguntei o que eles estariam fazendo tão longe de casa.

A última luz do dia escorreu do céu e morcegos bateram asas sobre as tochas enquanto a multidão se acomodava nas pedras do piso, olhando ansiosa para a porta principal do palácio, do lado oposto ao portão do pátio. De vez em quando uma mulher gemia alto. Crianças choravam e eram silenciadas. Os quatro lanceiros se agacharam nos cantos da arcada.

Esperamos. Pareceu-me que esperamos durante horas, e minha mente vagueava, pensando em Ceinwyn e em Dian, minha filha morta, quando de repente houve um grande estrondo metálico dentro do palácio, como se alguém tivesse batido num caldeirão com uma lança. A multidão ofegou, e algumas mulheres se levantaram, cambaleando à luz das tochas. Balançavam as mãos no alto e chamavam os Deuses, mas nenhuma aparição surgiu, e as grandes portas do palácio continuaram

fechadas. Toquei o ferro do punho de Hywelbane e a sensação da espada me reconfortou. O clima de histeria na multidão era inquietante, mas não tanto quanto a própria circunstância da ocasião, porque eu nunca soube de que Merlin precisasse de plateia para sua magia. Na verdade, ele desprezava os druidas que reuniam multidões. “Qualquer fazedor de truques pode impressionar os imbecis”, gostava de dizer, mas ali, nessa noite, parecia que era ele quem queria impressionar os imbecis. Tinha a multidão preparada, tinha-a gemendo e balançando, e quando o grande ruído metálico soou de novo a turba se levantou e começou a gritar o nome de Merlin.

Então as portas do palácio se abriram e lentamente a multidão ficou em silêncio.

Durante alguns instantes, o portal era apenas um espaço preto, depois um jovem guerreiro com armadura de batalha completa saiu da escuridão e parou no degrau de cima da arcada.

Nada havia de mágico nele, a não ser que era belo. Não havia outra palavra para o rapaz. Num mundo de membros tortos, pernas aleijadas, pescoços inchados, rostos cheios de cicatrizes e almas cansadas, aquele guerreiro era lindo. Era alto, magro e de cabelos dourados, e tinha um rosto sereno que só poderia ser descrito como suave, até mesmo gentil. Seus olhos eram de um azul espantoso. Não usava elmo, de modo que o cabelo, comprido como o de uma garota, caía reto abaixo dos ombros. Tinha um peitoral branco e brilhante, grevas brancas e a bainha da espada era branca. O material de guerra parecia caro, e me perguntei quem ele seria. Eu pensava que conhecia a maior parte dos guerreiros da Britânia — pelo menos os que poderiam comprar uma armadura como a daquele jovem —, mas ele me era estranho. Sorriu para a multidão, depois ergueu as duas mãos e sinalizou para que se ajoelhassem.

Issa e eu continuamos de pé. Talvez fosse nossa arrogância de guerreiros, ou talvez apenas quiséssemos ver por cima das cabeças.

O guerreiro de cabelos compridos não falou, mas assim que a plateia ficou de joelhos ele sorriu agradecendo e depois caminhou pela arcada, apagando as tochas, tirando-as dos suportes e mergulhando-as em barris com água que estavam ali para isso. Percebi que era um desempenho cuidadosamente ensaiado. O pátio ficou cada vez mais escuro até que a única luz que restava era das duas tochas flanqueando a grande porta do palácio. Havia uma pequena lua, e a noite estava gélida e escura.

O guerreiro branco ficou entre as duas últimas tochas.

— Filhos da Britânia — disse e a voz estava à altura de sua beleza, uma voz gentil, cheia de calor —, rezem aos seus Deuses! Dentro destas paredes estão os Tesouros da Britânia e em breve, muito em breve, o poder deles será liberado, mas agora, para que possam ver seu poder, deixaremos que os Deuses lhes falem. — Com isso, apagou as últimas duas tochas e de repente o pátio ficou escuro.

Nada aconteceu. A multidão murmurava, invocando Bel, Gofannon, Grannos e Don a mostrar seus poderes. Minha pele se arrepiou e agarrei o punho de Hywelbane. Será que os Deuses estavam nos cercando? Olhei para onde um retalho de estrelas brilhava entre as nuvens e imaginei os grandes Deuses pairando naquele espaço superior, e então Issa ofegou e baixei o olhar das estrelas.

E também ofeguei.

Porque uma menina, pouco mais do que uma criança no limiar de ser mulher, tinha aparecido no escuro. Era uma menina delicada, adorável em sua juventude e graciosa em seu jeito adorável, e estava tão nua quanto um recém-nascido. Era magra, com pequenos seios empinados e coxas compridas, e numa das mãos tinha um punhado de lírios e na outra uma espada de lâmina estreita.

Fiquei apenas olhando. Porque no escuro, no escuro frio que se seguiu ao apagamento das chamas, a menina luzia. Realmente luzia. Brilhava com uma luz branca e tremeluzente. Não era uma luz forte, não ofuscava, apenas estava ali, como pó de estrela pincelado na pele branca. Era uma radiância espalhada, como se fosse um pó, que tocava o corpo, as pernas, os braços e os cabelos, mas não o rosto. Os lírios luziam, e a radiância brilhava na lâmina comprida e fina da espada.

A garota luminosa caminhou pelas arcadas. Parecia não perceber a multidão que erguia os membros envelhecidos e as crianças doentes. Ignorou-os, simplesmente andando com delicadeza e leveza pela arcada, com o rosto sombreado olhando as pedras do chão. Seus passos eram leves como plumas. Parecia distraída, perdida em sonhos, e as pessoas gemiam e chamavam-na, mas ela não as olhava. Simplesmente caminhava e a luz estranha brilhava em seu corpo, e nos braços e nas pernas, e no cabelo comprido e preto que crescia em volta do rosto que era uma máscara negra em meio ao brilho fantasmagórico, mas de algum modo, talvez instintivamente, senti que seu rosto era lindo. De repente, ela ergueu aquele rosto que era uma sombra negra e olhou em nossa direção. Senti cheiro de algo que me lembrou o mar, e então, tão subitamente quanto tinha aparecido, ela desapareceu por uma porta e a multidão suspirou.

— O que era aquilo? — perguntou Issa num sussurro.

— Não sei. — Eu estava apavorado. Aquilo não era loucura, era algo real, porque eu tinha visto. Mas o que era? Uma Deusa? Mas por que eu tinha sentido cheiro do mar? — Talvez fosse um dos espíritos de Manawydan — falei. Manawydan era o Deus do mar e, sem dúvida, suas ninfas teriam aquele cheiro de sal.

Esperamos longo tempo pela segunda aparição, e quando chegou foi muito menos impressionante do que a luminosa ninfa do mar. Uma sombra apareceu no telhado do palácio, uma forma preta que lentamente cresceu até se tornar um guerreiro armado, de capa, com um

elmo monstruoso encimado pela galhada de um grande cervo. O homem mal podia ser visto no escuro, mas quando uma nuvem saiu de frente da lua vimos o que ele era, e a multidão gemeu enquanto ele se erguia acima de nós com os braços abertos e o rosto escondido pelas gigantescas peças laterais do elmo. Segurava uma lança e uma espada. Ficou parado um segundo, depois desapareceu também, mas eu poderia ter jurado que ouvi uma telha escorregar do lado mais distante do telhado enquanto ele desaparecia.

Então, assim que ele desapareceu, a garota nua surgiu de novo, só que dessa vez parecia ter simplesmente se materializado no degrau de cima da arcada. Num segundo havia escuridão, e ali estava seu corpo esguio e luminoso, imóvel e brilhante. De novo seu rosto estava escuro, de modo que parecia uma máscara de sombra, cercado pelo cabelo cheio de luz. Ficou imóvel alguns segundos, depois fez uma dança lenta, esticando delicadamente os dedos dos pés enquanto pisava num padrão intricado que circulava e cruzava o mesmo ponto da arcada. Dançava olhando para baixo. Pareceu-me que aquela luz que brilhava fantasmagórica tinha escorrido na pele, porque vi que em alguns lugares era mais luminosa do que em outros, mas sem dúvida não era coisa humana. Agora Issa e eu estávamos ajoelhados, porque aquele tinha de ser um sinal dos Deuses. Era luz na escuridão, beleza entre as coisas que sobravam. A ninfa continuou dançando, a luz em seu corpo se desbotando lentamente, e então, quando era apenas uma sugestão de beleza brilhante na sombra da arcada, ela parou, abriu os braços e as pernas e nos encarou ousadamente, e em seguida desapareceu.

Um momento depois, duas tochas acesas foram trazidas do palácio. Agora a multidão gritava, chamando seus Deuses e exigindo ver Merlin, que finalmente apareceu na entrada do palácio. O guerreiro branco segurava uma das tochas e Nimue, a caolha, trazia a segunda.

Merlin chegou ao degrau de cima e parou, alto em seu longo manto branco. Deixou que a multidão continuasse gritando. A barba grisalha, que ia quase até a cintura, estava arrumada em tranças amarradas com fitas pretas, e o cabelo comprido fora trançado e amarrado do mesmo modo. Ele segurava seu cajado preto e, passado algum tempo, ergueu-o como sinal de que a multidão deveria silenciar.

— Apareceu alguma coisa? — perguntou ele, ansioso.

— Sim, sim! — gritou a multidão de volta. E no rosto velho, esperto e malicioso de Merlin surgiu um ar de surpresa satisfeita, como se ele não soubesse o que podia ter acontecido no pátio.

Ele sorriu, depois ficou de lado e chamou com a mão livre. Duas crianças pequenas, um menino e uma menina, vieram do palácio carregando o Caldeirão de Clyddno Eiddyn. A maior parte dos Tesouros da Britânia era de coisas pequenas, até mesmo comuns, mas o Caldeirão era um Tesouro genuíno e, dentre todos os treze, o de maior poder. Era

uma grande tigela de prata decorada com um traçado de ouro onde apareciam guerreiros e animais. As duas crianças lutavam com o grande peso do caldeirão, mas conseguiram colocá-lo junto do druida.

— Eu tenho os Tesouros da Britânia! — anunciou Merlin e a multidão suspirou em resposta. — Breve, muito em breve, o poder dos Tesouros será liberado. A Britânia será restaurada. Nossos inimigos serão derrubados! — Ele parou, deixando os gritos de comemoração ecoarem no pátio. — Vocês viram o poder dos Deuses esta noite, mas o que viram é coisa pequena, coisa insignificante. Logo toda a Britânia verá, mas se formos convocar os Deuses, preciso da ajuda de vocês.

A multidão gritou dizendo que ele teria essa ajuda, e Merlin sorriu aprovando. Aquele sorriso benevolente me deixou cheio de suspeita. Uma parte de mim sentia que ele estava jogando com aquelas pessoas, mas nem mesmo Merlin, falei a mim mesmo, poderia fazer uma garota luzir no escuro. Eu a tinha visto, e queria muito acreditar, e a lembrança daquele corpo flexível e brilhante me convenceu de que os Deuses não tinham nos abandonado.

— Vocês devem ir ao Mai Dun! — disse Merlin, sério. — Devem ir enquanto puderem, e devem levar comida. Se tiverem armas, devem levar. No Mai Dun trabalharemos, e o trabalho será longo e duro, mas no Samain, quando os mortos andam, invocaremos os Deuses juntos. Vocês e eu! — Ele parou, então levantou a ponta do cajado para a multidão. A haste preta balançou, como se estivesse procurando alguém na turba, depois apontou direto para mim. — Lorde Derfel Cadarn! — chamou Merlin.

— Senhor? — respondi, embaraçado por ter sido escolhido na multidão.

— Você ficará, Derfel. O resto pode ir agora. Vão para as suas casas, porque os Deuses só virão de novo na véspera do Samain. Vão para as suas casas, cuidem de seus campos, depois venham ao Mai Dun. Tragam machados, tragam comida e se preparem para ver seus Deuses em toda a glória! Agora vão! Vão!

A multidão se foi obedientemente. Muitos pararam para tocar minha capa, porque eu era um dos guerreiros que tinham trazido o Caldeirão de Clyddno Eiddyn de seu esconderijo em Ynys Mon e, pelo menos para os pagãos, isso me tornava um herói. Eles tocavam Issa também, porque ele era outro Guerreiro do Caldeirão, mas quando a multidão se foi, Issa esperou no portão enquanto eu ia me encontrar com Merlin. Cumprimentei-o, mas ele desconsiderou minha pergunta quanto à sua saúde, perguntando se eu tinha gostado dos estranhos acontecimentos da noite.

— O que foi aquilo?

— O que foi o quê? — perguntou ele, cheio de inocência.

— A garota no escuro.

Seus olhos se arregalaram, fingindo pasmo.

— Ela esteve aqui de novo, não esteve? Que interessante! Era a garota com asas ou a que brilha? A garota que brilha! Eu não tenho ideia de quem ela é, Derfel. Não sou capaz de solucionar todos os mistérios deste mundo. Você passou tempo demais com Artur e, como ele, acredita que tudo deve ter uma explicação corriqueira, mas infelizmente é raro que os Deuses decidam ser claros. Será que poderia ser útil e levar o Caldeirão para dentro?

Levantei o Caldeirão enorme e levei-o para dentro do salão de recepção do palácio. Quando estive ali antes, naquele dia, a sala estava vazia, mas agora havia um banco comprido, uma mesa baixa e quatro suportes de ferro com lâmpadas a óleo. O guerreiro jovem, bonito e de armadura branca, cujo cabelo era tão comprido, sorriu sentado no banco enquanto Nimue, vestida com um manto preto e velho, levava um círio aceso até os pavios das lâmpadas.

— Esta sala estava vazia hoje de tarde — falei em tom acusador.

— Deve ter-lhe parecido — disse Merlin em tom leve —, mas talvez nós simplesmente tenhamos optado por não aparecer. Você conheceu o príncipe Gawain? — Ele fez um gesto para o rapaz que se levantou e me cumprimentou curvando a cabeça. — Gawain é filho do rei Budic de Broceliande, o que o torna sobrinho de Artur.

— Senhor príncipe — cumprimentei. Eu tinha ouvido falar de Gawain, mas nunca o havia encontrado. Broceliande era o reino britânico do outro lado do mar, na Armórica, e ultimamente, à medida que os francos pressionavam sua fronteira, visitantes daquele reino se tornaram raros.

— Estou honrado em conhecê-lo, lorde Derfel — disse Gawain cortesmente. — Sua fama se espalhou longe, fora da Britânia.

— Não seja absurdo, Gawain — censurou Merlin. — A fama de Derfel não foi a lugar nenhum, a não ser, talvez, à cabeça gorda dele. Gawain está aqui para me ajudar — explicou.

— A fazer o quê?

— Proteger os Tesouros, claro. Ele é um lanceiro formidável, pelo que me disseram. É verdade, Gawain? Você é formidável?

Gawain apenas sorriu. Ele não parecia muito formidável, porque ainda era bem jovem, talvez com apenas quinze ou dezesseis verões, e ainda não precisava se barbear. Seu cabelo comprido e louro dava ao rosto um ar de menina, enquanto a armadura branca, que antes achei tão cara, agora se revelava apenas uma cobertura de cal pintada sobre ferro comum. Se não fosse sua segurança e a inegável boa aparência, ele teria sido risível.

— Então, o que andou fazendo desde que nos vimos da última vez? — perguntou Merlin, e foi então que lhe contei sobre Guinevere. Ele zombou de minha crença de que ela ficaria presa pelo resto da vida. —

Artur é um imbecil. Guinevere pode ser inteligente, mas ele não precisa dela. Precisa de alguma coisa simples e estúpida, alguma coisa para manter sua cama quente enquanto se preocupa com os saxões. — Ele se sentou no sofá e sorriu quando as duas crianças que tinham levado o Caldeirão para o pátio lhe trouxeram um prato de pão e queijo e uma taça de hidromel. — Jantar! — exultou. — Junte-se a mim, Derfel, porque queremos falar com você. Sente-se! Você achará o chão bastante confortável. Sente-se ao lado de Nimue.

Sentei-me. Nimue tinha me ignorado até agora. A órbita de seu olho que faltava, arrancado de seu rosto por um rei, estava coberta por um tapa-olho, e o cabelo, que fora cortado tão curto antes de irmos para o sul até o palácio do mar, de Guinevere, estava crescendo de novo, mas continuava curto o bastante para dar-lhe um ar de garoto. Ela parecia furiosa, mas Nimue sempre parecia assim. Sua vida era dedicada a apenas uma coisa: a busca dos Deuses, e desprezava tudo que a afastasse dessa busca, e talvez pensasse que as amenidades irônicas de Merlin eram uma perda de tempo. Tínhamos crescido juntos e, nos anos decorridos desde a infância, mais de uma vez eu a mantivera viva, tinha-a alimentado e vestido, mas ela ainda me tratava como se eu fosse um idiota.

— Quem rege a Britânia? — perguntou ela abruptamente.

— Pergunta errada! — disse Merlin rispidamente, com veemência surpreendente. — Pergunta errada!

— E então? — perguntou-me ela, ignorando a raiva de Merlin.

— Ninguém rege a Britânia — falei.

— Resposta certa — disse Merlin vingativamente. Seu mau humor tinha inquietado Gawain, que estava atrás do assento de Merlin e olhava ansioso para Nimue. Parecia amedrontado com ela, mas não posso culpá-lo por isso. Nimue amedrontava a maioria das pessoas.

— Então quem rege a Dumnonia? — perguntou-me ela.

— Artur — respondi.

Nimue lançou um olhar triunfante para Merlin, mas o druida apenas balançou a cabeça.

— A palavra é *rex* — disse ele. — *Rex*, e se algum de vocês tivesse a menor noção de latim, saberia que *rex* significa rei, e não imperador, ou *imperator*. Será que vamos arriscar tudo porque vocês não sabem de nada?

— Artur reina na Dumnonia — insistiu Nimue.

Merlin a ignorou.

— Quem é o rei aqui? — perguntou-me ele.

— Mordred, claro.

— Claro — repetiu Merlin. — Mordred! — Ele cuspiu em direção a Nimue. — Mordred!

Ela se virou para o outro lado, como se ele estivesse sendo chato. Eu

estava perdido, sem entender nem um pouco o que significava a discussão, e não tive chance de perguntar por que as duas crianças apareceram atravessando a cortina da porta de novo, trazendo mais pão e queijo. Quando elas puseram os pratos no chão senti um leve cheiro de mar, aquele sopro de sal e algas que tinha acompanhado a aparição nua, mas então as crianças voltaram pela cortina e o cheiro desapareceu com elas.

— Então — disse Merlin com o ar satisfeito de alguém que tivesse vencido uma discussão. — Mordred tem filhos?

— Provavelmente vários — respondi. — Ele vivia estuprando garotas.

— Como fazem os reis — disse Merlin descuidadamente. — E os príncipes também. Você estupra garotas, Gawain?

— Não, senhor. — Gawain parecia chocado com a sugestão.

— Mordred sempre foi um estuprador — disse Merlin. — Nisso puxou ao pai e ao avô, mas devo dizer que os dois eram muito mais gentis do que o jovem Mordred. Uther, bom... ele nunca podia resistir a um rosto bonito. Ou feio, se estivesse no clima. Mas Artur nunca foi dado aos estupros. Nisso ele é como você, Gawain.

— Fico muito satisfeito em ouvir isso — disse Gawain, e Merlin revirou os olhos, fingindo exasperação.

— Então o que Artur fará com Mordred? — perguntou-me o druida.

— Ele deve ser aprisionado aqui, senhor.

— Aprisionado! — Merlin pareceu achar divertido. — Guinevere trancada, o bispo Sansum cerrado, se a vida continuar assim, logo todo mundo na vida de Artur será prisioneiro! Estaremos todos vivendo a pão mofado e água. Que idiota é Artur! Ele deveria arrebentar os miolos de Mordred.

Mordred era criança quando herdou o reino, e Artur manteve o poder real enquanto o garoto crescia, mas quando ele chegou à maioridade, fiel à promessa feita ao Grande Rei Uther, Artur entregou o reino a Mordred. Mordred usou mal esse poder e chegou a tramar a morte de Artur, e foi essa trama que encorajou Sansum e Lancelot em sua revolta. Agora Mordred seria aprisionado, mas Artur havia decidido que o rei de direito da Dumnonia, no qual corria o sangue dos Deuses, deveria ser tratado com honra, ainda que não tivesse o poder. Seria mantido sob guarda nesse palácio luxuoso, receberia todos os luxos que desejasse, mas longe das trapaças.

— Então você acha que Mordred tem filhotes? — perguntou Merlin.

— Dúzias, é o que penso.

— Se é que algum dia você conseguiu pensar — disse Merlin rispidamente. — Dê-me um nome, Derfel! Dê-me um nome!

Pensei por um momento. Eu estava em posição melhor do que a maioria das pessoas para conhecer os pecados de Mordred, porque tinha

sido seu guardião durante a infância, uma tarefa que havia realizado mal e relutantemente. Jamais consegui ser um pai para ele, e ainda que minha Ceinwyn tenha tentado ser mãe, ela também fracassou, e aquele garoto desgraçado tinha crescido carrancudo e mau.

— Havia uma garota serviçal aqui, e ele manteve a companhia dela durante muito tempo.

— O nome dela? — perguntou Merlin com a boca cheia de queijo.

— Cywwyllog.

— Cywwyllog! — Ele pareceu achar o nome divertido. — E você diz que ele é pai de um filho dessa Cywwyllog?

— Um menino, se era dele, e provavelmente era.

— E essa tal de Cywwyllog — insistiu Merlin, balançando uma faca —, onde é que ela poderia estar?

— Provavelmente muito perto. Ela nunca foi morar conosco no salão de Ermid, e Ceinwyn sempre supôs que Mordred lhe dava dinheiro.

— Então ele gostava dela?

— Acho que sim.

— Que gratificante saber que há alguma coisa boa naquele garoto horrível. Cywwyllog, hein? Você pode encontrá-la, Gawain?

— Vou tentar, senhor — disse Gawain, ansioso.

— Não só tente, consiga! Como ela era, Derfel, essa garota com o curioso nome de Cywwyllog?

— Baixa, meio gorducha, cabelos pretos.

— Até agora tivemos sucesso em descrever praticamente todas as garotas da Britânia com menos de vinte anos. Pode ser mais específico? Quantos anos o menino teria agora?

— Seis. E se me lembro bem, tinha cabelo meio ruivo.

— E a garota?

Balancei a cabeça.

— Era agradável, mas não realmente memorável.

— Todas as garotas são memoráveis — disse Merlin, altivo. — Especialmente as chamadas Cywwyllog. Encontre-a, Gawain.

— Por que o senhor quer encontrá-la? — perguntei.

— Eu meto o nariz nos seus negócios? Vou lhe fazer perguntas idiotas sobre lanças e escudos? Vivo incomodando você com indagações idiotas sobre o modo como você administra a justiça? Eu me importo com suas colheitas? Resumindo, eu banquei o chato interferindo na sua vida, Derfel?

— Não, senhor.

— Então, por favor, não seja curioso com a minha. Não é dado às víboras entender a vida da águia. Agora coma um pouco de queijo, Derfel.

Nimue se recusou a comer. Estava mal-humorada, com raiva do

modo pelo qual Merlin havia descartado sua afirmação de que Artur era o verdadeiro governante da Dumnonia. Merlin a ignorou, preferindo provocar Gawain. Não mencionou Mordred de novo, nem quis falar sobre o que planejava fazer no Mai Dun, mas finalmente falou dos Tesouros enquanto me acompanhava até o portão do palácio onde Issa continuava me esperando. O cajado preto do druida ressoava nas pedras enquanto andávamos pelo pátio onde a multidão tinha assistido às aparições surgindo e sumindo.

— Preciso de pessoas, veja bem — disse Merlin —, porque se os Deuses vão ser invocados há trabalho a ser feito, e Nimue e eu não podemos fazer tudo sozinhos. Precisamos de cem pessoas, talvez mais!

— Para fazer o quê?

— Você verá, você verá. Gostou de Gawain?

— Ele parece prestimoso.

— Ah, ele é prestimoso sim, mas isso é admirável? Os cães são prestimosos. Ele me lembra Artur quando era jovem. Toda aquela ânsia em ser bom. — Merlin gargalhou.

— Senhor — falei, ansioso para ser tranquilizado —, o que vai acontecer no Mai Dun?

— Vamos invocar os Deuses, claro. É um procedimento complicado e só posso rezar para que consiga fazer direito. Claro, temo que não dê certo. Nimue, como você deve ter percebido, acredita que estou fazendo tudo errado, mas veremos, veremos. — Ele deu alguns passos em silêncio. — Mas se fizermos direito, Derfel, se fizermos direito, que visão iremos testemunhar! Os Deuses vindo em todo o seu poder. Manawydan saindo do mar, todo molhado e glorioso. Taranis rasgando o céu com raios. Bel arrastando fogo do céu e Don cortando as nuvens com sua lança de fogo. Isso deve amedrontar os cristãos, não é? — Ele deu uns dois passos de dança, em puro deleite. — Os bispos vão mijar em seus mantos pretos, hein?

— Mas o senhor não tem certeza — falei, ansioso para ser tranquilizado.

— Não seja absurdo, Derfel. Por que sempre quer a certeza de minha parte? Eu só posso fazer um ritual e esperar que esteja certo! Mas você testemunhou uma coisa esta noite, não foi? Isso não o convenceu?

Hesitei, imaginando se tudo que tinha testemunhado não seria algum tipo de truque. Mas que truque poderia fazer a pele de uma garota brilhar no escuro?

— E os Deuses vão lutar contra os saxões?

— É por isso que vamos invocá-los, Derfel — disse Merlin com paciência. — O objetivo é restaurar a Britânia ao que era nos velhos tempos, antes que a perfeição fosse azedada pelos saxões e cristãos. — Ele parou junto ao portão e olhou para o campo escuro. — Eu realmente amo a Britânia — falou numa voz subitamente débil —, amo

demais esta terra. É um lugar especial. — Ele pôs a mão em meu ombro. — Lancelot queimou sua casa. Então onde você está morando?

— Tenho de construir um lugar — falei, mas não seria no salão de Ermid, onde minha pequena Dian tinha morrido.

— Dun Caric está vazio, e deixo você morar lá, mas com uma condição: que quando meu trabalho estiver feito e os Deuses estiverem conosco, eu possa ir morrer em sua casa.

— O senhor pode ir morar lá.

— Morrer, Derfel, morrer. Estou velho. Resta-me uma tarefa, e essa tarefa será tentada no Mai Dun. — Ele continuou, com a mão no meu ombro. — Acha que não sei os riscos que estou correndo?

Senti medo nele.

— Que riscos, senhor? — perguntei, sem jeito.

Uma coruja piou no escuro e Merlin ouviu com a cabeça inclinada, esperando uma repetição do chamado, mas não veio nenhum.

— Toda a minha vida — falou depois de um tempo — busquei trazer os Deuses de volta à Britânia, e agora tenho os meios, mas não sei se vai dar certo. Ou se sou o homem certo para fazer os rituais. Ou se ao menos viverei para ver isso acontecer. — Sua mão apertou meu ombro. — Vá, Derfel, vá. Preciso dormir, porque amanhã viajo para o sul. Mas venha à Durnovária no Samain. Venha testemunhar os Deuses.

— Estarei lá, senhor.

Ele sorriu e se virou. E voltei atordoado para o Caer, cheio de esperança e assediado por temores, imaginando aonde a magia iria nos levar agora, ou se iria nos levar apenas aos pés dos saxões que viriam na primavera. Porque se Merlin não pudesse invocar os Deuses a Britânia certamente estava condenada.

Devagar, como um poço que tivesse sido agitado até ficar turvo, a Britânia se acalmou. Lancelot se encolheu em Venta, temendo a vingança de Artur. Mordred, nosso rei de direito, veio para Lindinis, onde recebia todas as honras, mas estava rodeado por lanceiros. Guinevere ficou em Ynys Wydryn sob o olhar duro de Morgana, enquanto Sansum, o marido de Morgana, era prisioneiro nos aposentos de hóspedes de Emrys, o bispo da Durnovária. Os saxões se retiraram para trás de suas fronteiras, mas assim que a colheita foi guardada cada um dos lados atacou o outro selvagemmente. Sagramor, o comandante núpida de Artur, guardava a fronteira saxã enquanto Culhwch, primo de Artur e agora novamente um dos seus líderes guerreiros, vigiava a fronteira belgae de Lancelot a partir de nossas fortalezas em Dunum. Nosso aliado, o rei Cuneglas de Powys, deixou uma centena de lanceiros sob o comando de Artur e voltou ao seu reino, e no caminho encontrou sua irmã, a princesa Ceinwyn, que voltava à Dumnonia. Ceinwyn era minha mulher e eu era seu homem, embora ela tivesse feito um

juramento de nunca se casar. Veio com nossas duas filhas no início do outono e confesso que não fiquei realmente feliz enquanto ela não voltou. Encontrei-a na estrada ao sul de Glevum e a abracei durante longo tempo, porque houvera momentos em que pensei que nunca mais iria vê-la. Ela era uma beldade, minha Ceinwyn, uma princesa de cabelos dourados que um dia, há muito tempo, fora noiva de Artur e, depois que ele abandonou o casamento planejado para ficar com Guinevere, a mão de Ceinwyn fora prometida a outros grandes príncipes, mas nós tínhamos fugido juntos, e ousou dizer que fizemos muito bem.

Tínhamos nossa casa nova em Dun Caric, que ficava a uma pequena jornada ao norte de Caer Cadarn. Dun Caric significa “O Morro junto do Rio Bonito”, e o nome era adequado, porque era um lugar lindo, onde achei que seríamos felizes. O salão no topo da colina era feito de carvalho, com teto de palha de centeio, e tinha uma dúzia de construções externas cercadas por uma paliçada de madeira meio apodrecida. As pessoas que viviam no pequeno povoado ao pé da colina achavam que o salão era assombrado, porque Merlin deixara um velho druida, Balise, chegar ao fim da vida ali, mas meus lanceiros tinham limpado tudo, tirando os ninhos e os bichos, depois puseram para fora toda a parafernália ritual de Balise. Eu não duvidava de que os aldeãos, apesar do medo do lugar antigo, já haviam levado caldeirões, tripés e tudo que tivesse valor real, de modo que tivemos de jogar fora as peles de cobra, os ossos secos e os cadáveres dissecados de pássaros, todos cheios de teias de aranha. Muitos dos ossos eram humanos, grandes montes de ossos, e nós queimamos esses restos em buracos espalhados para que as almas dos mortos não pudessem se costurar de novo e voltar para nos perseguir.

Artur havia me mandado dúzias de rapazes para transformar em guerreiros, e durante todo aquele outono ensinei-lhes a disciplina da lança e do escudo, e uma vez por semana, mais por dever do que por prazer, eu visitava Guinevere em Ynys Wydryn, que ficava perto. Levava comida de presente e, quando ficou mais frio, levei uma grande capa de pele de urso. Algumas vezes levava o filho dela, Gwydre, mas ela nunca se sentia realmente confortável com ele. Ficava entediada com suas histórias de pescarias no riacho de Dun Caric ou de caçadas em nossa floresta. Ela própria adorava caçar, mas esse prazer não era mais permitido, por isso se exercitava andando pela área do templo. Sua beleza não se desbotou, na verdade o sofrimento dava aos seus olhos grandes uma luminosidade que antes não existia, mas ela jamais admitiria a tristeza. Era orgulhosa demais para isso, mas eu podia ver que estava infeliz. Morgana a incomodava, perseguindo-a com pregações cristãs e constantemente acusando-a de ser a prostituta escarlate da Babilônia. Guinevere suportava isso com paciência, e a

única reclamação que fez foi no início do outono, quando as noites se alongaram e as primeiras geadas embranqueceram os vales, e ela me disse que seus aposentos estavam frios demais. Artur pôs um fim nisso, ordenando que Guinevere poderia queimar quanta lenha quisesse. Ele ainda a amava, mas odiava ouvir-me dizer seu nome. Quanto a Guinevere, não sei quem ela amava. Ela sempre me pedia notícias de Artur, mas nenhuma vez mencionou Lancelot.

Artur também era prisioneiro, mas apenas de seus próprios tormentos. Seu lar, se é que tinha um lar, era o palácio real da Durnovária, mas ele preferia viajar pela Dumnonia, indo de fortaleza em fortaleza, preparando-nos para a guerra do ano novo, mas se havia algum lugar onde ele passava mais tempo do que em qualquer outro, era conosco em Dun Caric. De nosso salão no topo da colina nós o víamos chegando, e um momento depois soava uma trompa alertando enquanto seus cavaleiros atravessavam o rio esparrinhando a água. Gwydre, seu filho, corria para encontrá-lo, e Artur se curvava na sela de Llamrei e pegava o garoto antes de passar por nosso portão. Ele demonstrava carinho por Gwydre, na verdade era assim com todas as crianças, mas com os adultos mostrava uma reserva gélida. O antigo Artur, o homem de entusiasmo alegre, tinha sumido. Apenas para Ceinwyn ele desnudava a alma, e sempre que vinha a Dun Caric conversava com ela durante horas. Falavam de Guinevere, de quem mais?

— Ele ainda a ama — disse-me Ceinwyn.

— Ele deveria se casar de novo.

— Como é que pode? Ele só pensa nela.

— O que você lhe diz?

— Para perdoá-la, claro. Duvido de que ela vá ser tola de novo, e se ela é a mulher que o deixa feliz, então ele deveria engolir o orgulho e aceitá-la de volta.

— Ele é orgulhoso demais para isso.

— Evidentemente — disse ela, desaprovando. Em seguida, pousou a roca e o fuso. — Acho que talvez ele precise matar Lancelot primeiro. Isso iria deixá-lo feliz.

Artur tentou naquele outono. Fez um ataque súbito a Venta, a capital de Lancelot, mas Lancelot ficou sabendo do ataque e fugiu para Cerdic, seu protetor. Levou consigo Amhar e Loholt, os filhos de Artur com a amante irlandesa, Ailleann. Os gêmeos sempre se ressentiram de ser bastardos e se aliaram aos inimigos de Artur. Artur não conseguiu encontrar Lancelot, mas trouxe de volta um grande carregamento de grãos que eram tremendamente necessários, porque o tumulto do verão tinha inevitavelmente afetado nossa colheita.

No meio do outono, apenas duas semanas antes do Samain e nos dias seguintes ao ataque a Venta, Artur veio de novo a Dun Caric. Estava ainda mais magro, e o rosto ainda mais fino. Artur nunca fora

um homem de presença assustadora, mas agora se tornara reservado para que os outros não soubessem de seus pensamentos, e essa reticência lhe dava um mistério, enquanto a tristeza na alma lhe acrescentava uma dureza. Ele nunca fora lento em demonstrar raiva, mas agora o temperamento explodia à menor provocação. Acima de tudo tinha raiva de si mesmo porque acreditava ser um fracassado. Seus dois primeiros filhos o haviam abandonado, o casamento azedara e a Dumnonia tinha fracassado junto. Ele pensara ser capaz de fazer um reino perfeito, um lugar de justiça, segurança e paz, mas os cristãos preferiram o morticínio. Ele se culpava por não ter visto o que se aproximava, e agora, na calma depois da tempestade, duvidava de sua própria visão.

— Nós devemos apenas nos acomodar em fazer as pequenas coisas, Derfel — disse-me naquele dia.

Era um dia perfeito de outono. O céu estava pintalgado de nuvens, de modo que os retalhos de luz do sol corriam sobre a paisagem amarelo-castanha que ficava a oeste de nós. Artur, pela primeira vez, não procurou a companhia de Ceinwyn, em vez disso me guiou por um trecho coberto de grama do lado de fora da paliçada remendada de Dun Caric, de onde olhou meditativo para o Tor que se erguia ao longe. Olhava para Ynys Wydryn, onde Guinevere estava.

— As pequenas coisas? — perguntei.

— Derrotar os saxões, claro. — Ele fez uma careta, sabendo que derrotar os saxões não era coisa pequena. — Eles se recusam a falar conosco. Se eu mandar emissários eles irão matá-los. Eles me disseram isso na semana passada.

— Eles?

— Eles — confirmou Artur carrancudo, querendo dizer Cerdic e Aelle. Geralmente os dois reis saxões viviam tentando se esgarar mutuamente, uma condição que encorajávamos com subornos enormes, mas agora parecia que tinham aprendido a lição que Artur ensinara tão bem aos reinos da Britânia: somente na unidade reside a vitória. Os dois monarcas saxões estavam juntando forças para esmagar a Dumnonia, e sua decisão de não receber emissários era sinal disso, bem como uma medida de autoproteção. Os mensageiros de Artur poderiam levar subornos que talvez enfraquecessem seus chefes tribais, e todos os emissários, por mais que procurem seriamente a paz, servem para espionar o inimigo. Cerdic e Aelle não queriam se arriscar. Pretendiam enterrar as diferenças e juntar forças para nos esmagar.

— Eu esperava que a peste os tivesse enfraquecido — falei.

— Mas novos homens vieram, Derfel. Ouvimos dizer que os barcos estão chegando todos os dias, e cada barco está cheio de almas famintas. Eles sabem que estamos fracos, de modo que milhares virão no próximo ano, milhares e milhares. — Artur pareceu se rejubilar com a perspectiva. — Uma horda! Talvez seja assim que nós dois devamos

terminar, não é? Dois velhos amigos, escudo junto de escudo, cortados por machados bárbaros.

— Há maneiras piores de morrer, senhor.

— E melhores. — Ele estava olhando para o Tor. Sempre que vinha a Dun Caric sentava-se nessa encosta ocidental; nunca do lado leste, nem na encosta sul, virada para Caer Cadarn, mas sempre aqui, olhando por sobre o vale. Eu sabia em que ele estava pensando, e ele sabia que eu sabia, mas Artur não falava o nome dela porque não queria que eu soubesse que todas as manhãs acordava pensando nela, e todas as noites rezava para sonhar com ela. Então teve súbita consciência de meu olhar e se virou para os campos onde Issa treinava os garotos para ser guerreiros. O ar do outono estava cheio do barulho áspero dos cabos das lanças se chocando e da voz rouca de Issa gritando para manterem as lâminas baixas e os escudos altos. — Como eles estão? — perguntou Artur, apontando com a cabeça para os recrutas.

— Como nós há vinte anos, e naquela época os mais velhos diziam que nunca seríamos guerreiros, e daqui a vinte anos esses garotos estarão dizendo o mesmo sobre os filhos. Eles serão bons. Uma batalha vai amadurecê-los, e depois disso serão tão úteis quanto qualquer guerreiro na Britânia.

— Uma batalha — disse Artur, carrancudo —, talvez só tenhamos uma batalha. Quando os saxões vierem, Derfel, estarão em maior número do que nós. Ainda que Powys e Gwent mandem todos os seus homens, estaremos em número menor. — Ele falava uma verdade amarga. — Merlin diz que eu não deveria me preocupar — acrescentou, sarcástico. — Diz que suas ações no Mai Dun tornarão a guerra desnecessária. Você visitou aquele lugar?

— Ainda não.

— Centenas de idiotas estão arrastando lenha até o cume. Loucura. — Ele cuspiu para baixo da encosta. — Não ponho minha confiança em Tesouros, Derfel, e sim em paredes de escudos e lanças afiadas. E tenho mais uma esperança. — Ele fez uma pausa.

— E qual é?

Artur se virou para me olhar.

— Se pudermos dividir nossos inimigos mais uma vez, ainda teremos uma chance. Se Cerdic vier sozinho podemos derrotá-lo, desde que Powys e Gwent nos ajudem, mas não posso derrotar Cerdic e Aelle juntos. Poderia vencer se tivesse cinco anos para reconstruir nosso exército, mas não posso fazer isso na primavera que vem. A única esperança, Derfel, é que os inimigos se separem. — Era o nosso modo antigo de fazer a guerra. Subornar um rei saxão para lutar contra o outro, mas, pelo que Artur tinha dito, os saxões estavam tomando cuidado para que isso não acontecesse nesse inverno. — Vou oferecer paz permanente a Aelle. Ele pode manter todas as terras que tem hoje

em dia, e todas as terras que puder tomar de Cerdic, e ele e seus descendentes podem governar essas terras para sempre. Está entendendo? Eu cedo a ele aquela terra perpetuamente, se ele ficar do nosso lado na próxima guerra.

Durante um tempo fiquei quieto. O antigo Artur, o Artur que fora meu amigo antes daquela noite no templo de Ísis, jamais teria falado essas palavras, porque não eram verdadeiras. Nenhum homem entregaria terras britânicas aos saxões. Artur estava mentindo na esperança de que Aelle acreditasse e, dentro de alguns anos, Artur quebraria a promessa e atacaria Aelle. Eu sabia disso, mas sabia que não deveria denunciar a mentira, porque então não poderia fingir que acreditava nela. Em vez disso, lembrei a Artur um juramento antigo que fora enterrado numa pedra junto a uma árvore distante.

— O senhor jurou matar Aelle — lembrei. — Esse juramento está esquecido?

— Agora não me importo com juramentos — falou friamente, depois explodiu: — E por que deveria? Alguém mantém os juramentos feitos a mim?

— Eu mantenho, senhor.

— Então me obedeça, Derfel — disse peremptoriamente —, e vá falar com Aelle.

Eu sabia que essa exigência ia chegar. A princípio não respondi, mas olhei Issa empurrar seus garotos, formando uma parede de escudos de aparência trêmula. Depois me virei para Artur.

— Eu achava que Aelle tinha prometido a morte aos seus emissários.

Artur não me olhou. Em vez disso, mirou aquele monte verde e distante.

— Os velhos dizem que o inverno este ano será duro, e quero a resposta de Aelle antes que as neves cheguem.

— Sim, senhor.

Ele deve ter ouvido a infelicidade em minha voz, porque se virou para mim de novo.

— Aelle não vai matar o próprio filho.

— Devemos esperar que não, senhor — falei desanimado.

— Então vá vê-lo, Derfel. — Artur sabia muito bem que tinha me condenado à morte, mas não demonstrou arrependimento. Levantou-se e espanou os fiapos de capim da capa branca. — Se ao menos pudermos derrotar Cerdic na primavera que vem, Derfel, poderemos refazer a Britânia.

— Sim, senhor.

Ele tinha feito tudo parecer simples: era só derrotar os saxões, e depois refazer a Britânia. Refleti que sempre tinha sido assim; uma última grande tarefa, depois a alegria viria para sempre. De algum modo a coisa nunca acontecia. Mas agora, no desespero e para nos dar uma

última chance, eu precisava viajar para ver meu pai.

SOU UM SAXÃO. Quando estava grávida, minha mãe saxã, Erce, foi tomada e escravizada por Uther, e nasci logo depois. Fui separado da minha mãe muito pequeno, mas não antes de ter aprendido a língua saxã. Mais tarde, muito mais tarde, logo antes da rebelião de Lancelot, encontrei minha mãe e fiquei sabendo que meu pai era Aelle.

Então meu sangue é puro saxão, e meio sangue real, mas como fui criado entre os britânicos não sentia parentesco pelos saxões. Para mim, como para Artur ou qualquer outro britânico nascido livre, os saxões são uma praga que chegou até nós pelo mar do Leste.

De onde eles vieram, ninguém sabe. Sagramor, que viajou mais do que qualquer um dos comandantes de Artur, diz que a terra dos saxões é um lugar distante, coberto por névoa e cheio de pântanos e florestas, mas admite que nunca esteve lá. Só sabe que fica do outro lado do mar e que eles a estão abandonando, segundo diz, porque a terra britânica é melhor, mas também ouvi dizer que a pátria dos saxões está sob cerco de outros inimigos, ainda mais estranhos, que vêm da borda mais distante do mundo. Mas por qualquer motivo que seja, já faz cem anos os saxões vêm atravessando o mar para tomar nossa terra, e agora ocupam todo o leste da Britânia. Nós chamamos esse território roubado de Lloegyr, as Terras Perdidas, e não há uma alma na Britânia livre que não sonhe em tomar de volta as Terras Perdidas. Merlin e Nimue acreditam que as terras só serão recuperadas pelos Deuses, enquanto Artur deseja fazê-lo com a espada. E minha tarefa é dividir nossos inimigos para tornar a tarefa mais fácil para os Deuses ou Artur.

Viajei no outono, quando os carvalhos tinham se transformado em bronze, as faias em vermelho e o frio cobria as colinas de névoa branca. Viajava sozinho, porque se Aelle fosse recompensar com a morte a chegada de um emissário, era melhor que só um homem morresse. Ceinwyn tinha implorado para que eu levasse um bando de guerreiros, mas com que objetivo? Um bando não podia ter esperança de dominar o poder de todo o exército de Aelle, e assim, enquanto o vento arrancava as primeiras folhas amarelas dos olmos, cavaleguei para o leste. Ceinwyn tentara me persuadir a esperar até depois do Samain, porque se as invocações de Merlin funcionassem no Mai Dun certamente não haveria necessidade de emissários para visitar os saxões, mas Artur não quis admitir qualquer adiamento. Ele havia posto a fé na traição de Aelle e queria uma resposta do rei saxão, e por isso eu fui, só esperando sobreviver e estar de volta à Dumnonia na véspera do Samain. Usava minha espada e tinha um escudo pendurado às costas, mas não levava

outras armas nem armadura.

Não fui diretamente para o leste, porque essa rota teria me levado perigosamente para perto da terra de Cerdic, por isso me dirigi ao norte entrando em Gwent, e depois ao leste, em direção à fronteira saxã, onde Aelle governava. Durante um dia e meio viajei pelas ricas terras agrícolas de Gwent, passando por vilas e povoados onde a fumaça subia dos buracos nos tetos. Os campos estavam lamacentos e revolvidos pelos cascos dos animais que iam sendo levados aos currais para a matança do inverno, e seu mugido acrescentava uma melancolia a minha jornada. O ar tinha aquele prenúncio de inverno, e de manhã o sol inchado pendia baixo e pálido na névoa. Estorninhos se juntavam em bandos nos campos abandonados.

A paisagem mudou à medida que eu cavalgava para o leste. Gwent era um país cristão, e a princípio passei por igrejas grandes e elaboradas, mas no segundo dia as igrejas eram muito menores e as fazendas menos prósperas, até que finalmente cheguei às terras do meio, os lugares devastados onde nem saxões nem britânicos governavam, mas onde ambos tinham seus campos de matança. Aqui as campinas que um dia haviam alimentado famílias inteiras estavam cheias de mudas de carvalho, pilriteiro, bétula e teixo, as vilas eram ruínas sem tetos e os salões, esqueletos incendiados. Mas algumas pessoas ainda moravam ali, e quando uma vez ouvi passos correndo numa floresta próxima desembainhei Hywelbane, com medo dos homens sem senhores, que tinham refúgio naqueles vales selvagens, mas ninguém me abordou até aquela noite, quando um bando de lanceiros barrou meu caminho. Eram homens de Gwent e, como todos os soldados do rei Meurig, usavam os vestígios do antigo uniforme romano: peitorais de bronze, elmos com crista de crina de cavalo tingida de vermelho e capas vermelho-ferrugem. O líder era um cristão chamado Carig, e ele me convidou a sua fortaleza, que ficava numa clareira sobre uma alta encosta coberta de floresta. O serviço de Carig era guardar a fronteira, e bruscamente exigiu saber meu objetivo, mas não perguntou mais quando lhe dei meu nome e disse que viajava para Artur.

A fortaleza de Carig era uma simples paliçada de madeira dentro da qual havia duas cabanas cheias de fumaça dos fogos desabrigados. Eu me esquentei enquanto a dúzia de homens de Carig se ocupava preparando um traseiro de veado num espeto feito de uma lança saxã capturada. Havia uma dúzia de fortalezas assim num raio de um dia de marcha, todas viradas para o leste para se guardar dos atacantes de Aelle. A Dumnonia tinha mais ou menos as mesmas precauções, mas mantínhamos um exército permanente nas fronteiras. O custo de um exército assim era exorbitante, e malvisto pelas pessoas cujos impostos em grãos, couro, sal e lã bruta pagavam pelas tropas. Artur sempre havia lutado para que os impostos fossem justos e para manter leve o

fardo deles, mas agora, após a rebelião, estava impiedosamente cobrando uma penalidade rígida de todos os homens ricos que tinham seguido Lancelot. Essa cobrança caía desproporcionalmente sobre os cristãos, e Meurig, o rei cristão de Gwent, mandara um protesto que Artur tinha ignorado. Carig, fiel seguidor de Meurig, me tratou com certa reserva, mas fez o máximo para me alertar do que me esperava do outro lado da fronteira.

— O senhor sabe que os saxões estão se recusando a deixar homens atravessarem a fronteira?

— Ouvi dizer que sim.

— Dois mercadores passaram há uma semana — disse Carig. — Estavam carregando cerâmica e lã bruta. Eu avisei, mas... — ele parou e deu de ombros. — Os saxões ficaram com os potes e a lã, mas mandaram de volta dois crânios.

— Se meu crânio voltar, mande para Artur. — Olhei a gordura do veado cair e se incendiar no fogo. — Algum viajante vem de Lloegyr?

— Há semanas que não, mas no ano que vem, sem dúvida, o senhor verá muitos lanceiros saxões na Dumnonia.

— E não em Gwent? — questionei.

— Aelle não tem discórdia conosco — disse Carig com firmeza. Ele era um jovem nervoso que não gostava muito de sua posição exposta na fronteira da Britânia, mas cumpria o dever conscienciosamente, e seus homens, notei, eram bem-disciplinados.

— Vocês são britânicos, e Aelle é saxão. Isso não é discórdia suficiente?

Carig deu de ombros.

— A Dumnonia está fraca, senhor, os saxões sabem disso. Gwent está forte. Eles vão atacar vocês, e não a nós. — Ele parecia horrivelmente complacente.

— Mas assim que tiverem derrotado a Dumnonia — falei, tocando o ferro do punho de minha espada para evitar o azar implícito nas palavras —, quanto tempo se passará antes que venham para Gwent?

— Cristo vai nos proteger — disse Carig cheio de fé, e fez o sinal da cruz. Havia um crucifixo pendurado na parede da cabana, e um dos homens dele lambeu os dedos e depois tocou os pés do Cristo torturado. Cuspi no fogo disfarçadamente.

Segui para o leste na manhã seguinte. Nuvens tinham chegado de noite e a madrugada me recebeu com uma chuva fina e fria que soprava em meu rosto. A estrada romana, agora partida e cheia de mato, se esticava por uma floresta úmida, e quanto mais eu seguia, mais meu ânimo baixava. Tudo que tinha ouvido na fortaleza de fronteira de Carig sugeria que Gwent não lutaria por Artur. Meurig, o jovem rei de Gwent, sempre fora um guerreiro relutante. Seu pai, Tewdric, sabia que os britânicos deveriam se unir contra o inimigo comum, mas Tewdric

abdicara do trono e fora viver como monge à margem do rio Wye, e seu filho não era um comandante guerreiro. Sem as tropas bem-treinadas de Gwent, a Dumnonia certamente estava condenada, a não ser que uma ninfá nua e luminosa pressagiasse alguma intervenção milagrosa dos Deuses. Ou a não ser que Aelle acreditasse na mentira de Artur. E será que Aelle ao menos me receberia? Será que acreditaria que eu era seu filho? O rei saxão tinha sido bastante gentil comigo nas poucas ocasiões em que havíamos nos encontrado, mas isso não significava nada, porque eu ainda era seu inimigo, e quanto mais longe eu ia através daquela chuva cortante entre as gigantescas árvores molhadas, maior era meu desespero. Tinha certeza de que Artur me mandara para a morte, e pior, que ele o fizera com a insensibilidade de um jogador que estivesse perdendo e arriscasse tudo numa última tentativa sobre o tabuleiro.

No meio da manhã as árvores terminaram e entrei numa clareira ampla através da qual corria um riacho. A estrada atravessava a corrente num vau, mas ao lado da passagem, e enfiado num monte de terra da altura do peito de um homem, havia um pinheiro morto cheio de oferendas penduradas. A magia me era estranha, por isso eu não tinha ideia se a árvore enfeitada guardava a estrada, se aplacava o rio ou se aquilo era meramente obra de crianças. Desmontei e vi que os objetos pendurados nos galhos secos eram os pequenos ossos da espinha de um homem. Não era brincadeira de criança, admiti, mas o que era? Cuspi ao lado do monte de terra para evitar o mal, toquei o ferro do punho de Hywelbane e depois guiei o cavalo atravessando o vau.

A floresta recomeçou trinta passos depois do rio, e eu não tinha coberto metade dessa distância quando um machado saltou das sombras das árvores. Ele girou enquanto vinha em minha direção, com a luz cinza do dia brilhando na lâmina. O lançamento foi ruim e o machado sibilou, passando a uns bons quatro passos de distância. Ninguém me desafiou, mas nenhuma outra arma saiu das árvores.

— Sou saxão! — gritei na língua deles. De novo, ninguém respondeu, mas ouvi um murmúrio de vozes baixas e o estalar de galhos se partindo. — Sou saxão! — gritei outra vez e imaginei se os que vigiavam escondidos não seriam saxões, e sim britânicos fora da lei, porque eu ainda estava nas terras onde os homens sem senhores, de todas as tribos e países, se escondiam da justiça.

Já ia gritar em língua britânica que não pretendia fazer mal quando uma voz gritou das sombras, em saxão:

— Jogue sua espada para cá — ordenou um homem.

— Você pode vir e pegar a espada — respondi.

Houve uma pausa.

— Qual é o seu nome? — perguntou a voz.

— Derfel, filho de Aelle.

Gritei o nome do meu pai como um desafio, e isso deve tê-los

inquietado, porque voltei a ouvir o murmúrio baixo de vozes. Então, um instante depois, seis homens saíram do mato e vieram para a clareira. Todos estavam com as peles grossas que os saxões usam como armadura, e todos traziam lanças. Um deles usava um elmo com chifres, e ele, evidentemente o líder, veio pela beira da estrada até onde eu estava.

— Derfel — disse ele, parando a doze passos de distância. — Derfel — repetiu. — Já ouvi esse nome, e não é um nome saxão.

— É o meu nome, e sou saxão.

— Filho de Aelle? — Ele estava cheio de suspeita.

— Sou.

Ele me observou durante um momento. Era um homem alto, com uma massa de cabelos castanhos enfiados no elmo com chifres. A barba chegava quase à cintura e o bigode ia até a borda superior do peitoral de couro que usava por baixo da capa de pele. Supus que ele fosse um chefe local, ou talvez um guerreiro encarregado de guardar essa parte da fronteira. Ele torceu um dos lados do bigode com a mão livre, depois deixou os fios se desenrolarem.

— Hrothgar, filho de Aelle, conheço — falou, pensativo. — Cyrning, filho de Aelle, eu chamo de amigo. Penda, Saebold e Yffe, filhos de Aelle, já vi em batalha, mas Derfel, filho de Aelle? — Ele balançou a cabeça.

— Você está vendo agora.

Ele levantou a lança, percebendo que meu escudo continuava pendurado na sela do cavalo.

— De Derfel, amigo de Artur, eu ouvi falar — disse em tom acusador.

— Você também o vê — retruquei.

— Nenhum britânico tem negócios com Aelle — disse ele e seus homens rosnaram confirmando.

— Eu sou saxão.

— Então qual é o seu negócio?

— Isso é para meu pai ouvir e eu falar. Não é da conta de vocês.

Ele se virou e fez um gesto para os homens.

— Nós fazemos com que seja da nossa conta.

— Qual é o seu nome? — exigi saber.

Ele hesitou, depois decidiu que revelar seu nome não faria mal.

— Ceowulf, filho de Eadbehrt.

— Então, Ceowulf, você acha que meu pai vai recompensá-lo quando souber que atrasou minha viagem? O que vai esperar dele? Ouro? Ou uma sepultura?

Era um belo blefe, e deu certo. Eu não fazia ideia se Aelle iria me abraçar ou me matar, mas Ceowulf tinha medo suficiente da ira de seu rei para me dar passagem — com relutância — e uma escolta de quatro lanceiros que me levaram cada vez mais para o interior das Terras

Perdidas.

E assim viajei por lugares onde poucos britânicos tinham pisado numa geração. Esse era o coração das terras inimigas, e durante dois dias viajei por elas. À primeira vista o lugar parecia pouco diferente das terras britânicas, porque os saxões tinham tomado nossos campos e os utilizavam mais ou menos do mesmo modo que nós, mas notei que suas pilhas de feno eram mais altas e mais quadradas do que as nossas, e que suas casas eram mais robustas. A maioria das vilas romanas estava deserta, mas aqui e ali uma grande propriedade ainda funcionava. Não havia igrejas cristãs, na verdade não pude ver qualquer templo, mas uma vez passamos por um ídolo britânico com algumas oferendas deixadas na base. Ainda viviam britânicos aqui, e alguns até eram donos de suas terras, mas a maioria era composta de escravos ou então eram mulheres dos saxões. Os nomes de todos os lugares tinham mudado, e minha escolta nem sabia como eles eram chamados quando os britânicos governavam. Passamos por Lyceword e Steortford, depois Leodasham e Celmeresfort, todos estranhos nomes saxões, mas todos lugares prósperos. Estas não eram as casas e as fazendas de invasores, e sim assentamentos de pessoas fixadas. De Celmeresfort viramos para o sul passando por Beadewan e Wicford e, enquanto seguíamos, meus companheiros contaram orgulhosamente que agora viajávamos por terras que Cerdic tinha devolvido a Aelle durante o verão. A terra, disseram eles, era o preço da lealdade de Aelle na próxima guerra que levaria aquelas pessoas por toda a Britânia até o mar Ocidental. Minha escolta tinha confiança em que eles iriam vencer. Todos tinham ouvido dizer como a Dumnonia fora enfraquecida pela rebelião de Lancelot, e essa revolta encorajara os reis saxões a se unir num esforço de tomar todo o sul da Britânia.

Os alojamentos de inverno de Aelle ficavam num lugar que os saxões chamavam de Thunreslea. Era um morro alto numa paisagem plana de campos de argila e pântanos escuros, e do cume chato do monte um homem podia olhar para o sul por sobre o amplo Tâmisia até a terra enevoadada onde reinava Cerdic. Havia um grande salão sobre o morro. Era uma construção grande, feita de escuras tábuas de carvalho, e no alto de sua cumeeira pontuda ficava o símbolo de Aelle: um crânio de touro pintado de sangue. No crepúsculo o salão solitário parecia negro e gigantesco, um lugar agourento. No leste havia um povoado depois de algumas árvores, e pude ver o tremular de miríades de fogueiras lá. Parecia que eu tinha chegado a Thunreslea na época de uma reunião, e as fogueiras mostravam onde as pessoas estavam acampadas.

— É uma festa — disse um dos membros da minha escolta.

— Em homenagem aos Deuses?

— Em homenagem a Cerdic. Ele veio conversar com nosso rei.

Minhas esperanças, que já eram baixas, afundaram mais. Com Aelle

eu tinha alguma chance de sobrevivência, mas com Cerdic, pensei, não havia nenhuma. Cerdic era um homem frio e duro, enquanto Aelle tinha uma alma emocional, até mesmo generosa.

Toquei o punho de Hywelbane e pensei em Ceinwyn. Rezei aos Deuses para vê-la de novo, e então chegou a hora de descer do cavalo, ajeitar a capa, soltar o escudo da sela e ir encarar meus inimigos.

Trezentos guerreiros deviam estar festejando no chão coberto de junco daquele salão alto e lúgubre sobre o morro úmido. Trezentos homens barulhentos, alegres, barbudos e de cara vermelha, que, diferentemente de nós, britânicos, nada viam de errado em levar armas para o salão de festas de um senhor. Três enormes fogueiras chamejavam no centro do salão, e a fumaça era tão densa que a princípio não consegui enxergar os homens sentados atrás da mesa comprida na extremidade mais distante do salão. Ninguém percebeu minha entrada, porque, com meu cabelo comprido e a barba densa, eu parecia um lanceiro saxão, mas quando fui levado para além das fogueiras que rugiam um guerreiro viu a estrela de cinco pontas no meu escudo e se lembrou de ter visto aquele símbolo numa batalha. Um rosnado irrompeu através do tumulto de conversas e risos. O rosnado se espalhou até que cada homem no salão uivava para mim enquanto eu ia ao tablado onde estava a mesa. Os guerreiros uivantes baixaram os chifres de cerveja e começaram a bater com as mãos no chão ou nos escudos até o teto alto ecoar com o ritmo da morte.

O barulho de uma lâmina batendo na mesa terminou com o tumulto. Aelle havia se levantado, e foi sua espada que tinha arrancado lascas da mesa comprida e rústica, onde uma dúzia de homens se sentava atrás de pratos cheios e de chifres com bebida. Cerdic estava ao lado dele, e do outro lado de Cerdic encontrava-se Lancelot. E Lancelot não era o único britânico ali. Bors, seu primo, estava encurvado ao lado dele, e Amhar e Loholt, os filhos de Artur, ocupavam a extremidade da mesa. Todos eram meus inimigos, e toquei o punho de Hywelbane e rezei por uma boa morte.

Aelle me encarou. Ele me conhecia muito bem, mas saberia que eu era seu filho? Lancelot pareceu perplexo ao me ver, até mesmo ruborizou-se, depois chamou um intérprete, falou com ele brevemente e o intérprete se inclinou para Cerdic e sussurrou no ouvido do monarca. Cerdic também me conhecia, mas nem as palavras de Lancelot nem o reconhecimento de um inimigo mudaram a expressão impenetrável de seu rosto. Era um rosto de escrivão, barbeado, de queixo fino e com uma testa alta e larga. Seus lábios eram finos, o cabelo ralo era penteado severamente para trás, fazendo um nó na nuca, mas o rosto pouco notável se tornava memorável devido aos olhos. Eram olhos claros, implacáveis, olhos de assassino.

Aelle pareceu pasmo demais para falar. Ele era muito mais velho do

que Cerdic, na verdade faltavam um ou dois anos para completar cinquenta, o que o tornava um idoso segundo qualquer avaliação, mas ainda parecia formidável. Era alto, de peito largo, e tinha um rosto chato e duro, nariz quebrado, bochechas cheias de cicatrizes e uma barba preta. Vestia um belo manto escarlate e tinha um grosso torque de ouro no pescoço, e usava mais ouro nos pulsos, mas nenhuma joia podia disfarçar o fato de que, acima de tudo, Aelle era um guerreiro saxão que parecia um grande urso. Faltavam dois dedos em sua mão direita, perdidos em alguma batalha antiga onde, ousou dizer, ele tivera uma vingança sangrenta. Finalmente falou:

— Você ousa vir aqui?

— Para vê-lo, senhor rei — respondi e pousei um dos joelhos no chão. Curvei a cabeça para Aelle, depois para Cerdic, mas ignorei Lancelot. Para mim ele era um nada, um rei submetido a Cerdic, um elegante traidor britânico cujo rosto moreno era cheio de desprezo por mim.

Cerdic fисgou um pedaço de carne com uma faca comprida, trouxe para a boca e em seguida hesitou.

— Não recebemos nenhum mensageiro de Artur — falou em tom casual — e qualquer um que seja idiota o bastante para vir é morto. — Ele pôs a carne na boca, depois se virou para o outro lado, como se tivesse me descartado como algo trivial. Seus homens gritaram pedindo minha morte.

De novo Aelle silenciou o salão batendo com a espada na mesa.

— Você vem em nome de Artur? — perguntou.

Decidi que os Deuses perdoariam uma inverdade.

— Eu lhe trago lembranças de Erce, senhor rei, e o respeito filial do filho de Erce que, para alegria dele, também é seu.

As palavras nada significaram para Cerdic. Lancelot, que tinha ouvido uma tradução, mais uma vez sussurrou ansioso para o intérprete, e esse homem falou de novo com Cerdic. Eu não duvidava que ele houvesse encorajado o que Cerdic pronunciou agora:

— Ele deve morrer — insistiu Cerdic. Falava muito calmo, como se minha morte fosse uma coisa pequena. — Nós temos um acordo — lembrou a Aelle.

— Nosso acordo diz que não receberemos embaixadas de nossos inimigos — disse Aelle, ainda me encarando.

— E quem mais ele é? — perguntou Cerdic, finalmente mostrando algum temperamento.

— É meu filho — disse Aelle simplesmente, e um som ofegante brotou por todo o salão apinhado. — Ele é meu filho — repetiu Aelle —, não é?

— Sou, senhor rei.

— Você tem mais filhos — disse Cerdic descuidadamente e fez um

gesto para alguns homens barbudos que sentavam-se à esquerda de Aelle. Aqueles homens, que presumi fossem meus meios-irmãos, apenas me encararam, confusos. — Ele traz uma mensagem de Artur! — insisti Cerdic e apontou a faca para mim. — Esse cão sempre serve a Artur.

— Você traz uma mensagem de Artur? — perguntou Aelle.

— Tenho as palavras de um filho para um pai — menti de novo —, só isso.

— Ele deve morrer! — disse Cerdic peremptoriamente, e todos os que o apoiavam no salão rosnaram concordando.

— Não matarei meu filho em meu próprio salão — retrucou Aelle.

— Então eu posso? — perguntou Cerdic acidamente. — Se um britânico vem a nós, ele deve passar pelo fio da espada. — Cerdic falou essas palavras para todo o salão. — Nisso nós concordamos! — insisti. Seus homens rugiram sua aprovação e bateram com os cabos das lanças nos escudos. — Essa coisa — disse Cerdic, balançando a mão para mim — é um saxão que luta por Artur! É um verme, e você sabe o que se faz com um verme! — Os guerreiros gritaram pedindo minha morte, e seus cães aumentaram o clamor com uivos e latidos. Lancelot me observava, o rosto ilegível, enquanto Amhar e Loholt pareciam ansiosos para me enfiar a espada. Loholt tinha um ódio especial por mim, porque eu havia segurado seu braço enquanto seu pai lhe cortava a mão direita.

Aelle esperou até que o tumulto diminuísse.

— No meu salão — disse ele, enfatizando o pronome possessivo para mostrar que ele governava ali, e não Cerdic — um guerreiro morre com a espada na mão. Algum homem aqui deseja matar Derfel enquanto ele carrega sua espada? — Aelle olhou o salão em volta, convidando alguém a me desafiar. Ninguém o fez, e Aelle olhou para o outro rei. — Não romperei nenhum acordo com você, Cerdic. Nossas lanças marcharão juntas, e nada que meu filho diga impedirá essa vitória.

Cerdic tirou um fiapo de carne de entre os dentes.

— O crânio dele será um belo estandarte para a batalha — falou apontando para mim. — Eu o quero morto.

— Então mate-o — disse Aelle cheio de desprezo. Eles podiam ser aliados, mas havia pouco afeto entre os dois. Aelle se ressentia de Cerdic, mais jovem, como de um carreirista, ao passo que Cerdic achava que o homem mais velho carecia de implacabilidade.

Cerdic deu um meio sorriso diante do desafio de Aelle.

— Eu não — falou em tom afável —, mas meu campeão fará o serviço. — Ele olhou para o salão, encontrou o homem que queria e apontou o dedo. — Liofa! Há um inseto aqui. Mate-o!

Os guerreiros comemoraram de novo. Adoravam a ideia de uma luta, e sem dúvida, antes que a noite terminasse, a cerveja que estavam bebendo causaria mais do que algumas batalhas mortais, mas uma luta até a morte entre o campeão de um rei e o filho de um rei era uma

diversão muitíssimo melhor do que a melodia das duas harpistas que observavam das bordas do salão.

Virei-me para ver meu oponente, esperando que ele já estivesse meio bêbado e fosse uma carne fácil para Hywelbane, mas o homem que passou por entre os outros não era o que eu esperava. Pensei que seria um homem enorme, não muito diferente de Aelle, mas esse campeão era um guerreiro magro, ágil, com um rosto calmo e esperto que não tinha uma única cicatriz. Ele me lançou um olhar despreocupado enquanto deixava a capa cair, depois puxou da bainha de couro uma espada de lâmina comprida e fina. Usava pouca joia, nada além de um torque simples de prata, e suas roupas não tinham os adereços que a maioria dos campeões usava. Tudo nele falava de experiência e confiança, enquanto o rosto sem cicatrizes dizia de uma sorte monstruosa ou de habilidade incomum. Além disso, parecia assustadoramente sóbrio enquanto vinha até o espaço aberto na frente da mesa sobre o tablado e fazia uma reverência aos reis.

Aelle pareceu perturbado.

— O preço para falar comigo — disse-me — é se defender contra Liofa. Ou então deve partir agora e ir para casa em segurança. — Os guerreiros zombaram dessa sugestão.

— Falarei com o senhor, senhor rei.

Aelle assentiu, depois se sentou. Ainda parecia infeliz, e achei que Liofa teria uma reputação temível como espadachim. Tinha de ser bom, caso contrário não seria o campeão de Cerdic, mas alguma coisa no rosto de Aelle me disse que Liofa era mais do que apenas bom.

Mas eu também tinha reputação e isso pareceu preocupar Bors, que estava sussurrando ansioso no ouvido de Lancelot. Este, assim que seu primo terminou, chamou o intérprete, que em seguida falou com Cerdic. O rei ouviu, depois me lançou um olhar sombrio.

— Como saberemos que este seu filho, Aelle, não está usando algum feitiço de Merlin?

Os saxões sempre haviam temido Merlin, e a sugestão os fez rosnar irados.

Aelle franziu a testa.

— Você tem algum, Derfel?

— Não, senhor rei.

Cerdic não estava convencido.

— Esses homens reconheceriam a magia de Merlin — insistiu ele, mostrando Lancelot e Bors; em seguida falou com o intérprete, que passou suas ordens a Bors. Bors deu de ombros, levantou-se, rodeou a mesa e desceu do tablado. Hesitou enquanto se aproximava de mim, mas abri os braços como se para mostrar que não lhe desejava mal. Bors examinou meus pulsos, talvez procurando fios de capim amarrados ou algum outro amuleto, depois abriu os laços de meu gibão de couro.

— Tenha cuidado com ele, Derfel — murmurou em britânico e percebi, com surpresa, que Bors não era inimigo, afinal de contas. Ele tinha persuadido Lancelot e Cerdic de que eu precisava ser revistado apenas para poder sussurrar seu alerta. — Ele é rápido como uma fuinha, e luta com as duas mãos. Tome cuidado com o desgraçado quando ele parecer que escorregou. — Bors viu o pequeno broche que tinha sido presente de Ceinwyn. — É enfeitado? — perguntou.

— Não.

— Mesmo assim vou guardá-lo para você — falou, tirando o broche e mostrando ao salão, e os guerreiros rugiram de raiva porque eu poderia estar escondendo o talismã. — E me dê seu escudo — disse Bors, porque Liofa não tinha nenhum.

Soltei as alças do braço esquerdo e dei o escudo a Bors. Ele o pegou e encostou no tablado, depois pôs o broche de Ceinwyn em cima da borda do escudo. E me olhou como se quisesse se certificar de que eu tinha visto onde ele o havia posto. Assenti.

O campeão de Cerdic cortou o ar enfumaçado com sua espada.

— Matei quarenta e oito homens em combate individual — disse numa voz calma, quase entediada —, e perdi a conta dos que caíram diante de mim em batalha. — Em seguida, parou e tocou o rosto. — Em todas essas lutas não recebi sequer uma cicatriz. Você pode se entregar a mim, se quiser que sua morte seja rápida.

— Você pode me dar sua espada e se poupar de levar uma surra — falei.

A troca de insultos era uma formalidade. Liofa deu de ombros para a minha oferta e se virou para os reis. Fez outra reverência de cabeça e o imitei. Estávamos separados por dez passos, no espaço aberto entre o tablado e as três fogueiras mais próximas, e cada flanco do salão estava apinhado de homens empolgados. Eu podia ouvir o barulho de moedas enquanto as apostas eram feitas.

Aelle assentiu para nós, dando permissão para o início da luta. Desembainhei Hywelbane e levantei o punho até os lábios. Beijei uma das pequenas lascas de osso de porco engastadas ali. As duas lascas de osso eram meu verdadeiro talismã, e muito mais poderosas que o broche, porque os ossos de porco tinham feito parte da magia de Merlin. As lascas de osso não me davam proteção mágica, mas beijei o punho uma segunda vez, depois encarei Liofa.

Nossas espadas são coisas pesadas e desajeitadas, não mantêm o gume na batalha e se tornam pouco mais do que grandes porretes de ferro que precisam de força considerável para ser levantados. Nada há de delicado em lutar com espadas, mas há habilidade. A habilidade está no engano, em persuadir o oponente de que um golpe virá da esquerda e, quando ele guardar esse lado, atacar da direita, ainda que a maioria das lutas de espadas não seja vencida por essa habilidade, e sim pela

força bruta. Um homem irá se enfraquecer, e então sua guarda será derrubada e a espada do vencedor irá rasgá-lo e bater nele até a morte.

Mas Liofa não lutava assim. Na verdade, antes ou depois daquele dia nunca lutei com alguém como Liofa. Senti a diferença quando ele se aproximou, porque a lâmina de sua espada, ainda que tão longa quanto a de Hywelbane, era muito mais fina e leve. Ele havia sacrificado o peso em nome da velocidade, e percebi que esse homem seria tão rápido quanto Bors me alertara, uma rapidez de raio. E no momento em que percebi isso ele atacou, só que em vez de girar a espada numa grande curva deu uma estocada, tentando passar a ponta da lâmina pelos músculos do meu braço direito.

Esquivei-me da estocada. Essas coisas acontecem tão depressa que depois, tentando lembrar as passagens de uma luta, a mente não consegue identificar cada movimento e contragolpe, mas eu tinha visto um tremor em seu olho, vi que sua espada só podia golpear para a frente e tinha me movido no momento em que ele veio para mim. Fingi que a velocidade de seu golpe não tinha me causado surpresa e não aparei, apenas passei por ele e então, quando percebi que ele devia estar desequilibrado, rosnei e dei um golpe para trás com Hywelbane, um golpe que teria estripado um boi.

Ele saltou para trás, nem um pouco desequilibrado, e abriu os braços de modo que meu golpe passasse inofensivo a quinze centímetros de sua barriga. Esperou que eu girasse de novo, mas em vez disso eu estava esperando-o. Homens gritavam para nós, pedindo sangue, mas eu não tinha ouvidos para eles. Mantinha o olhar fixo nos olhos cinzentos e calmos de Liofa. Ele ergueu a espada na mão direita, moveu-a rapidamente para tocar minha lâmina, depois golpeou.

Aparei com facilidade, depois contra-ataquei seu giro para trás, o que se seguiu tão naturalmente quanto o dia vem depois da noite. O clangor das espadas era alto, mas eu podia sentir que não havia esforço real nos golpes de Liofa. Ele estava me oferecendo a luta que eu poderia ter esperado, mas também estava me avaliando enquanto se adiantava e lançava golpe atrás de golpe. Eu aparava os giros, sentindo quando eles vinham mais fortes, e justo quando esperava um esforço de verdade ele conteve o golpe, soltou a espada no meio do ar, pegou-a com a mão esquerda e baixou-a na direção da minha cabeça. Fez isso com a velocidade de uma víbora dando o bote.

Hywelbane aparou esse golpe de cima para baixo. Não sei como ela fez isso. Eu estivera esperando um golpe de lado e de repente não havia espada ali, apenas a morte acima do meu crânio, mas de algum modo minha lâmina estava no lugar certo e sua espada mais leve deslizou até o punho de Hywelbane. Tentei converter a aparada num contragolpe, mas não houve força em minha reação e ele saltou facilmente para trás. Continuei indo para a frente, com cortes laterais como ele tinha feito, só

que com toda a minha força, de modo que qualquer um dos golpes o teria estripado, e a velocidade e a força dos meus ataques não lhe davam chance além de recuar. Ele aparava os golpes tão facilmente quanto eu tinha aparado os seus, mas não havia resistência em suas aparadas. Ele me permitia golpear, e em vez de se defender com a espada estava se protegendo e recuando constantemente. Também estava deixando que eu exaurisse minha força contra o ar, em vez de em osso, músculo e sangue. Dei um último golpe lateral, parei a lâmina no meio do ar e torci o pulso para estocar Hywelbane contra sua barriga.

A espada dele foi em direção à estocada, depois chicoteou de volta em minha direção enquanto ele dava um passo de lado. Dei o mesmo passo rápido de lado, de modo que ambos erramos o ataque. Em vez disso nos chocamos, peito contra peito, e senti o cheiro de seu hálito. Havia um leve odor de cerveja, mas ele certamente não estava bêbado. Imobilizou-se durante um instante, depois moveu para o lado o braço da espada e me olhou interrogativamente, como a sugerir que deveríamos concordar em nos separarmos. Assenti e nós dois recuamos, as espadas para o lado, enquanto a multidão falava empolgada. Sabiam que estavam assistindo a uma luta rara. Liofa era famoso entre eles e ousou dizer que meu nome não era obscuro, mas sabia que ele era superior. Minhas habilidades, se é que possuía alguma, eram as de um soldado. Eu sabia como romper uma parede de escudos, mas Liofa, o campeão de Cerdic, tinha apenas uma habilidade: lutar homem a homem com uma espada. Ele era mortal.

Recuamos seis ou sete passos, então Liofa saltou à frente, rápido nos pés como um dançarino, e deu um golpe lateral. Hywelbane enfrentou o golpe com força e o vi recuar do choque com um pequeno sobressalto. Fui mais rápido do que ele esperava, ou talvez ele estivesse mais lento do que o usual, porque até mesmo uma pequena quantidade de cerveja é capaz de ralentar um homem. Alguns homens só lutam bêbados, mas os que vivem mais lutam sóbrios.

Pensei naquele sobressalto. Ele não tinha se ferido, mas obviamente eu o havia preocupado. Dei um golpe lateral e ele saltou para trás, e esse salto me deu outra pausa para pensar. O que o tinha sobressaltado? Então me lembrei da fraqueza de suas aparadas e percebi que ele não ousava arriscar sua lâmina contra a minha, porque ela era leve demais. Se eu pudesse acertar aquela lâmina com toda a força ela poderia se partir, por isso golpeei de novo, só que dessa vez continuei golpeando e rugindo para ele enquanto ia em sua direção. Xinguei-o pelo ar, pelo fogo e pelo mar. Chamei-o de mulher, cuspi em sua sepultura e na sepultura de cachorro em que sua mãe estava enterrada, e o tempo todo ele não dizia uma palavra, apenas deixava sua espada encontrar a minha e deslizar para o lado, e sempre ele recuava e aqueles olhos claros me vigiavam.

Então ele escorregou. Seu pé direito pareceu deslizar num trecho coberto de junco e a perna bambeou. Ele caiu para trás e estendeu a mão esquerda para se apoiar. Rugi sua morte e levantei Hywelbane bem alto.

Então me afastei dele, sem mesmo tentar o golpe fatal.

Bors tinha me alertado para aquele escorregão e eu estivera esperando. Ver aquilo era maravilhoso e quase fui enganado, porque poderia ter jurado que o escorregão era acidental, mas Liofa era um acrobata, além de espadachim, e o escorregão aparentemente desequilibrado se transformou num súbito movimento ágil que girou sua espada para onde meus pés deveriam estar. Ainda posso ouvir aquela lâmina comprida e fina sibilando e varrendo apenas a centímetros acima dos juncos no chão. O golpe teria cortado meus tornozelos, aleijando-me, só que eu não estava lá.

Eu tinha recuado e agora o observava calmamente. Ele ergueu os olhos pesaroso.

— Levante-se, Liofa. — Minha voz soou calma, dizendo que toda a minha raiva havia sido fingimento.

Acho que ele soube então que eu era realmente perigoso. Piscou uma ou duas vezes e achei que ele tinha usado seus melhores truques comigo, mas nenhum havia funcionado e sua confiança estava abalada. Mas não sua habilidade. Ele se adiantou com ímpeto e rapidez para me fazer recuar com uma espantosa sucessão de golpes laterais curtos, estocadas rápidas e giros súbitos. Deixei os giros sem ser aparados, enquanto rechaçava do melhor modo possível os outros ataques, desviando-os e tentando quebrar seu ritmo, mas pelo menos um golpe lateral me acertou. Recebi-o no antebraço esquerdo e a manga de couro diminuiu a força da espada, mas fiquei com uma luxação durante praticamente um mês depois disso. A multidão suspirou. Todos assistiam à luta atentamente, ansiosos por ver o primeiro sangue ser arrancado. Liofa puxou a lâmina, tentando ver seu gume cortar o couro e ir até o osso, mas tirei o braço do caminho, estoquei com Hywelbane e o fiz recuar.

Ele esperou que eu prosseguisse com o ataque, mas agora era a minha vez de brincar com truques. Deliberadamente não fui na sua direção, em vez disso deixei a espada baixar alguns centímetros enquanto respirava fundo. Balancei a cabeça, tentando afastar da testa os fios de cabelo encharcados de suor. Estava quente ao lado da grande fogueira. Liofa me observou cuidadosamente. Ele podia ver que eu estava sem fôlego, viu minha espada hesitar, mas não tinha matado 48 homens correndo riscos. Deu um de seus rápidos golpes laterais para testar minha reação. Era um movimento curto que exigia ser aparado, mas não seria como um machado mordendo a carne. Eu o aparei tarde, deliberadamente tarde, e deixei a ponta da espada de Liofa acertar a parte superior do meu braço enquanto Hywelbane se chocava com a parte mais grossa da lâmina dele. Grunhi, fingindo que dava um golpe

giratório, depois puxei minha espada enquanto ele se afastava facilmente.

De novo esperei. Ele estocou, desviei sua espada, mas dessa vez não tentei contra-atacar. A multidão havia silenciado, sentindo que a luta estava para acabar. Liofa tentou outra estocada e aparei de novo. Ele preferia a estocada porque mataria sem prejudicar sua lâmina preciosa, mas eu sabia que, se aparasse aquelas estocadas rápidas com frequência suficiente, ele em vez disso acabaria me matando do modo antigo. Liofa tentou mais duas estocadas e desviei a primeira desajeitadamente, recuei da segunda e depois levei a manga direita aos olhos, como se o suor os estivesse fazendo arder.

Então ele girou. Gritou alto pela primeira vez enquanto dava um poderoso golpe circular que veio de cima de sua cabeça em ângulo para o meu pescoço. Eu o aparei com facilidade, mas cambaleei enquanto desviava o golpe com segurança por cima do crânio, usando a lâmina de Hywelbane, então deixei-a baixar um pouco e ele fez o que eu esperava.

Ele girou de volta com toda a força. Fez isso rapidamente e bem, mas agora eu conhecia sua velocidade e já estava levantando Hywelbane num contragolpe igualmente rápido. Eu estava com as duas mãos no punho da espada e pus toda a força nesse golpe para cima, que não era destinado a Liofa, e sim à sua espada.

As duas espadas se encontraram em ângulo reto.

Só que dessa vez não houve um som ressoante, e sim um estalo.

A lâmina de Liofa tinha se partido. Os dois terços externos voaram e caíram entre os juncos, deixando apenas um cotoco em sua mão. Ele ficou aterrorizado. Então, por um segundo, pareceu tentado a me atacar com o resto da espada, mas dei dois rápidos golpes laterais com Hywelbane que o fizeram recuar. Agora ele podia ver que eu não estava nem um pouco cansado. Também podia ver que era um homem morto, mas mesmo assim tentou aparar Hywelbane com a arma partida, mas minha espada afastou aquele frágil cotoco de metal e então estoquei.

E mantive a lâmina imóvel no torque de prata em sua garganta.

— Senhor rei? — gritei, mas mantendo o olhar nos olhos de Liofa. Houve um silêncio no salão. Os saxões tinham visto seu campeão derrotado e perderam a voz. — Senhor rei! — chamei de novo.

— Lorde Derfel? — respondeu Aelle.

— O senhor me pediu para lutar com o campeão de Cerdic, não pediu que eu o matasse. Imploro-lhe pela vida dele.

Aelle fez uma pausa.

— A vida dele é sua, Derfel.

— Você se rende? — perguntei a Liofa. Ele não respondeu de imediato. Seu orgulho continuava procurando uma vitória, mas enquanto ele hesitava movi a ponta de Hywelbane de sua garganta para a bochecha direita. — E então? — insisti.

— Eu me rendo — disse ele e largou o cotoco da espada.

Empurrei Hywelbane apenas o bastante para cortar a pele e a carne em seu malar.

— Uma cicatriz, Liofa, para lembrá-lo de que você lutou com lorde Derfel Cadarn, filho de Aelle, e que perdeu. — E o deixei sangrando. A multidão gritava comemorando. Os homens são coisas estranhas. Num momento estavam clamando por meu sangue, agora gritavam elogios porque eu tinha poupado a vida de seu campeão. Peguei de volta o broche de Ceinwyn, depois apanhei o escudo e olhei para o meu pai. — Eu lhe trago lembranças de Erce, senhor rei.

— E elas são bem-vindas, lorde Derfel — disse Aelle —, elas são bem-vindas.

Ele fez um gesto para uma cadeira à sua direita, que um de seus filhos tinha vagado, e assim me juntei aos inimigos de Artur em sua mesa elevada. E festejei.

No fim da festa Aelle me levou à sua câmara, que ficava atrás do tablado. Era um cômodo grande, com teto de traves altas, uma fogueira acesa no centro e uma cama de peles debaixo da cumeeira. Ele fechou a porta onde tinha postado guardas, depois me convidou a sentar num baú de madeira junto à parede, enquanto ele ia até a extremidade mais distante, afrouxava os calções e urinava num buraco no chão de terra.

— Liofa é rápido — falou enquanto mijava.

— Muito.

— Achei que ele iria vencê-lo.

— Não era suficientemente rápido, ou então a cerveja o deixou lento. Agora cuspa em cima.

— Cuspir em quê? — perguntou meu pai.

— Em sua urina. Para impedir o azar.

— Meus Deuses não se incomodam com mijo ou com cuspe, Derfel — disse ele, divertido. Tinha convidado dois de seus filhos para o quarto, e esses dois, Hrothgar e Cyrning, me olhavam curiosamente. — Então, que mensagem Artur manda?

— Por que ele deveria mandar alguma?

— Porque caso contrário você não estaria aqui. Acha que foi gerado por um idiota, garoto? Então, o que Artur quer? Não, não diga, deixe-me adivinhar. — Ele amarrou a corda que servia de cinto em seus calções, depois foi sentar-se na única cadeira do cômodo, uma cadeira de braços, romana, feita de madeira preta e engastada de marfim, ainda que boa parte do desenho em marfim tivesse se soltado. — Ele vai me oferecer segurança de terra se eu atacar Cerdic no ano que vem. É isso?

— Sim, senhor.

— A resposta é não — rosnou ele. — Um homem me oferece o que já é meu! Que tipo de oferta é essa?

— Uma paz perpétua, senhor rei.

Aelle sorriu.

— Quando um homem promete alguma coisa para sempre, está jogando com a verdade. Nada é para sempre, garoto, nada. Diga a Artur que minhas lanças marcham com Cerdic no ano que vem. — Ele gargalhou. — Desperdiçou seu tempo, Derfel, mas fico feliz por você ter vindo. Amanhã falaremos de Erce. Quer uma mulher para passar a noite?

— Não, senhor rei.

— Sua princesa nunca saberá — provocou ele.

— Não, senhor rei.

— E ele se diz meu filho! — Aelle gargalhou e seus filhos riram junto. Os dois eram altos e, apesar de terem cabelo mais escuro do que o meu, suspeito de que se parecessem comigo, assim como suspeitei de que tivessem sido trazidos ao aposento para testemunhar a conversa e passar aos outros líderes saxões a recusa peremptória de Aelle. — Você pode dormir do lado de fora da minha porta — disse Aelle, sinalizando para seus filhos saírem. — Estará seguro ali. — Ele esperou enquanto Hrothgar e Cyrning saíam do cômodo, depois me fez parar com um gesto. — Amanhã — disse meu pai em voz mais baixa — Cerdic vai embora, e leva Lancelot. Cerdic terá suspeitas porque deixarei você viver, mas sobreviverei às suspeitas. Conversaremos amanhã, Derfel, e terei uma resposta mais longa para o seu Artur. Não será a resposta que ele quer, mas talvez seja uma resposta com a qual ele possa viver. Vá agora, estou esperando companhia.

Dormi no espaço estreito entre o tablado e a porta do meu pai. À noite uma garota passou por mim indo para a cama de Aelle, enquanto no salão os guerreiros cantavam, lutavam, bebiam e por fim dormiram, mas já era madrugada quando o último homem começou a roncar. Foi então que acordei e ouvi os galos cantando no morro de Thunreslea. Pus o cinto com Hywelbane, peguei a capa e o escudo e passei pelas brasas das fogueiras e saí no ar de um frio cortante. Uma névoa se grudava ao alto platô, ficando cada vez mais densa à medida que a terra descia até onde o Tâmis se alargava indo para o mar. Fui do salão até a borda do morro, de onde olhei para a brancura acima do rio.

— Meu senhor rei ordenou que o matasse caso o encontrasse sozinho — disse uma voz atrás de mim.

Virei-me e me deparei com Bors, primo e campeão de Lancelot.

— Eu lhe devo agradecimentos — falei.

— Por ter alertado sobre Liofa? — Bors deu de ombros, como se o alerta tivesse sido pouca coisa. — Ele é rápido, não é? Rápido e mortal. — Bors parou ao meu lado e mordeu uma maçã, decidiu que estava ressecada e jogou fora. Ele era outro grande guerreiro, outro lanceiro com cicatrizes e barba preta, que estivera em muitas paredes de escudos

e vira muitos amigos serem mortos. Arrotou. — Eu nunca me importei em lutar para dar o trono da Dumnonia ao meu primo, mas nunca quis lutar por um saxão. E não queria ver você ser cortado só para divertir Cerdic.

— Mas no ano que vem — falei — você estará lutando por Cerdic.

— Estarei? — Ele pareceu achar divertido. — Não sei o que farei no ano que vem, Derfel. Talvez navegue para Lyonesse, não é? Dizem que as mulheres de lá são as mais bonitas de todo o mundo. Elas têm cabelo de prata, corpos de ouro e não têm língua. — Ele riu, depois pegou outra maçã num bolso e limpou na manga. — Já o meu senhor rei — disse ele, falando de Lancelot — vai lutar por Cerdic, mas que outra opção ele tem? Artur não irá recebê-lo.

Então percebi o que Bors estava dando a entender.

— Meu senhor Artur não tem desavença com você — falei cautelosamente.

— Nem eu com ele — disse Bors, com a boca cheia de maçã. — Então talvez nos encontremos de novo, lorde Derfel. É uma grande pena, mas não consegui encontrá-lo hoje de manhã. Meu senhor rei teria me recompensado regamente se eu o tivesse matado. — Ele riu e se afastou.

Duas horas depois, vi Bors partir com Cerdic, descendo o morro onde a névoa se dissipava em farrapos entre as árvores de folhas vermelhas. Uma centena de homens ia com Cerdic, a maioria sofrendo da festa da véspera, exatamente como os homens de Aelle que formavam uma escolta para os hóspedes de partida. Eu cavalgava atrás de Aelle, cujo cavalo era puxado enquanto ele caminhava ao lado do rei Cerdic e de Lancelot. Logo atrás deles iam dois porta-estandartes, um levando o crânio de boi manchado de sangue sobre um cajado — o estandarte de Aelle — e o outro o crânio de lobo pintado de vermelho, no qual estava pendurada a pele frouxa de um homem morto — o estandarte de Cerdic. Lancelot me ignorou. Mais cedo, quando tínhamos nos encontrado inesperadamente perto do salão, ele simplesmente olhara através de mim e fez que não o vi. Seus homens tinham assassinado minha filha mais nova e, apesar de eu ter matado os assassinos, ainda gostaria de ter vingado a morte de Dian no próprio Lancelot, mas o salão de Aelle não era o lugar para fazer isso. Agora, de uma crista coberta de grama acima das margens lamacentas do Tâmisia, eu olhava Lancelot e seus poucos seguidores indo em direção aos navios de Cerdic.

Só Amhar e Loholt tinham ousado me desafiar. Os gêmeos eram rapazes carrancudos que odiavam o pai e desprezavam a mãe. A seus próprios olhos eles eram príncipes, mas Artur, que desdenhava títulos, recusava-se a lhes dar a honra, e isso só fazia aumentar seu ressentimento. Acreditavam que tinham sido privados de posto real, de terras, riqueza e honra e lutariam por qualquer um que tentasse derrotar

Artur, a quem culpavam por todo o seu infortúnio. O coto do braço direito de Loholt estava engastado em prata, à qual ele prendera um par de garras de urso. Foi Loholt quem se virou para mim.

— Vamos nos encontrar no ano que vem — falou.

Eu sabia que ele estava louco por uma luta, mas mantive a voz amena.

— Estou ansioso pelo encontro.

Ele levantou o coto engastado em prata, lembrando-me de como eu tinha segurado seu braço enquanto seu pai golpeava com Excalibur.

— Você me deve uma mão, Derfel.

Não falei nada. Amhar tinha vindo para o lado do irmão. Os dois tinham o rosto comprido e de ossos grandes do pai, mas neles isso parecera ter azedado, de modo que não mostravam nada da força de Artur. Em vez disso pareciam astutos, quase como lobos.

— Não me ouviu? — perguntou Loholt.

— Agradeça porque ainda tem uma das mãos — falei. — E quanto à minha dívida com você, Loholt, pagarei com Hywelbane.

Eles hesitaram, mas não podiam ter certeza de que os guardas de Cerdic iriam apoiá-los caso desembainhassem as espadas. Finalmente se contentaram em cuspir na minha direção antes de se virar e descer até a praia lamacenta onde os dois barcos de Cerdic esperavam.

Essa praia abaixo de Thunreslea era um lugar deplorável, meio terra e meio mar, onde o encontro do rio com o oceano tinha produzido uma paisagem monótona feita de bancos de lama, baixios arenosos e riachos emaranhados. Gaivotas gritavam enquanto os lanceiros de Cerdic chapinhavam na lama viscosa, entravam no riacho raso e se alçavam às laterais de madeira dos barcos. Vi Lancelot levantar a barra da capa enquanto escolhia caminho delicadamente pela lama fétida. Loholt e Amhar seguiram-no e, assim que chegaram ao barco, viraram-se e apontaram os dedos para mim, um gesto destinado a lançar má sorte. Eu os ignorei. As velas dos barcos já estavam levantadas, mas o vento era fraco, e as duas embarcações de proa alta tiveram de ser manobradas para fora do riacho estreito na maré vazante com a ajuda de remos compridos usados pelos lanceiros de Cerdic. Assim que as proas com cristas de lobo estavam viradas para o mar aberto os guerreiros-remadores começaram um canto que dava ritmo aos movimentos.

— *Hwaet* para sua mãe — cantavam —, e *hwaet* para sua garota, e *hwaet* para sua amante que você *hwaet* no chão. — E a cada “*hwaet*” eles gritavam mais alto e puxavam os remos compridos, e os dois barcos ganharam velocidade até que finalmente a névoa envolveu as velas grosseiramente pintadas com crânios de lobos. — E *hwaet* para sua mãe — começou o canto de novo, só que as vozes soavam mais fracas através do vapor —, e *hwaet* para sua garota — e os cascos baixos ficaram vagos na névoa até que, finalmente, os navios se desvaneceram no ar

embranquecido —, e *hwaet* para sua amante que você *hwaet* no chão. — O som parecia vir de lugar nenhum e então desaparecia com o barulho dos remos.

Dois dos homens de Aelle ajudaram seu senhor a montar no cavalo.

— Você dormiu? — perguntou ele enquanto se acomodava na sela.

— Sim, senhor rei.

— Eu tinha coisas melhores a fazer. Agora me siga. — Ele bateu com os calcanhares nos flancos do animal e virou-o ao longo da margem, onde os riachos serpenteavam e recuavam com a maré. Nessa manhã, em honra aos hóspedes de partida, Aelle tinha se vestido como um rei guerreiro. Seu elmo de ferro era enfeitado de ouro e coroado com um leque de penas pretas, o peitoral de couro e as botas de cano comprido eram tingidos de preto, e dos ombros caía uma comprida pele de urso preto que fazia seu pequeno cavalo parecer ainda menor. Uma dúzia de seus homens nos seguia a cavalo, um deles levando o estandarte do crânio de touro. Aelle, como eu, era mau cavaleiro.

— Eu sabia que Artur iria mandá-lo — falou subitamente, e quando não respondi ele se virou para mim. — Então você encontrou sua mãe?

— Sim, senhor rei.

— Como ela está?

— Velha — falei com sinceridade. — Velha, gorda e doente.

Ele suspirou diante da notícia.

— Elas começam como garotas jovens, tão lindas que podem partir o coração de todo um exército, e depois de terem dois filhos todas parecem velhas, gordas e doentes. — Ele fez uma pausa, pensando naquilo. — Mas de algum modo eu pensava que isso nunca aconteceria com Erce. Ela era muito bonita — falou pensativo, depois riu. — Mas graças aos Deuses há um suprimento constante das novas, não é? — Ele gargalhou, depois me olhou de novo. — Quando você disse o nome de sua mãe pela primeira vez, eu soube que você era meu filho. — Ele parou. — Meu primogênito.

— Seu primogênito bastardo.

— E daí? Sangue é sangue, Derfel.

— E eu me orgulho de ter o seu, senhor rei.

— E deve se orgulhar mesmo, garoto, apesar de compartilhá-lo com outros. Não fui egoísta com meu sangue. — Ele deu um risinho, depois virou o cavalo para um banco de lama e chicoteou o animal, subindo o barranco escorregadio até onde uma frota de barcos estava encalhada. — Olhe para eles, Derfel! — disse meu pai, puxando as rédeas do cavalo e fazendo um gesto para os barcos. — Olhe para eles! Inúteis agora, mas quase todos vieram neste verão, e cada um deles estava cheio até a borda com pessoas. — Ele bateu os calcanhares de novo no animal e passamos devagar pela lamentável fileira de barcos encalhados.

Devia haver umas oitenta ou noventa embarcações no banco de

lama. Todos eram navios de duas pontas, elegantes, mas agora todos estavam apodrecendo. As tábuas estavam verdes de limo, os cascos inundados e pretos com a podridão. Alguns barcos, que deviam estar lá há mais de um ano, não passavam de esqueletos escuros.

— Três vintenas de pessoas em cada barco, Derfel, pelo menos três vintenas, e cada maré trazia mais. Agora, quando as tempestades assolam o mar aberto, eles não vêm, mas outros estão sendo construídos e chegarão na primavera. E não só aqui, Derfel, mas por todo o litoral! — Ele girou o braço para abarcar todo o litoral leste da Britânia. — Barcos e mais barcos! Todos cheios com nosso povo, todos querendo um lar, todos querendo terra. — Ele falou a última palavra ferozmente, depois virou o cavalo sem esperar resposta. — Venha! — gritou e seguiu seu animal atravessando a lama ondulada de um riacho, subi um banco de areia e depois atravessei trechos de espinheiros subindo o morro onde ficava seu grande salão.

Aelle parou o cavalo numa crista do morro e me esperou. Depois, quando me juntei a ele, apontou, sem falar nada, para uma pequena elevação. Havia um exército lá. Eu não podia contá-los, tamanho era o número de homens reunidos naquela dobra do terreno, e esses homens, eu sabia, eram apenas uma parte do exército de Aelle. Os guerreiros saxões formavam uma multidão enorme, e quando viram seu rei no horizonte explodiram num grande rugido de aclamação e começaram a bater com os cabos das lanças nos escudos, de modo que todo o céu cinzento se encheu com o barulho terrível. Aelle levantou a mão direita cheia de cicatrizes e o barulho morreu.

— Está vendo, Derfel?

— Agora vejo o que quis me mostrar, senhor rei — respondi evasivamente, sabendo exatamente qual era a mensagem que eu havia recebido com os barcos encalhados e a massa de homens armados.

— Agora estou forte, e Artur está fraco. Será que ele consegue juntar pelo menos quinhentos homens? Duvido. Os lanceiros de Powys irão ajudá-lo, mas bastarão? Duvido. Tenho mil lanceiros treinados, Derfel, e um número duas vezes maior de homens famintos que usarão um machado para ganhar um metro de terra que possam considerar seu. E Cerdic tem mais homens ainda, muito mais, e precisa de terra ainda mais desesperadamente do que eu. Nós dois precisamos de terra, Derfel, nós dois precisamos, e Artur tem terras, e Artur está fraco.

— Gwent tem mil lanceiros — falei —, e se o senhor invadir a Dumnonia, Gwent irá ajudar. — Eu não tinha certeza disso, mas não faria mal à causa de Artur me mostrar confiante. — Gwent, a Dumnonia e Powys vão lutar, e ainda há outros que virão para a bandeira de Artur. Os Escudos Pretos lutarão por nós, e virão lanceiros de Gwynedd e Elmet, até de Rheged e Lothian.

Aelle sorriu de minha fanfarronada.

— Sua lição ainda não terminou, Derfel. Então venha. — E de novo ele esporeou o animal, ainda subindo o morro, mas agora foi para o leste em direção a um bosque. Desmontou perto das árvores, fez um gesto para sua escolta permanecer onde estava, depois me guiou por um caminho estreito e úmido até uma clareira onde havia duas pequenas construções de madeira. Eram pouco mais do que cabanas com tetos de palha de centeio, e paredes baixas feitas de troncos rústicos. — Está vendo? — disse ele, apontando para a empena da cabana mais próxima.

Cuspi para evitar o mal, porque ali, no alto da empena, estava uma cruz de madeira. Aqui, na pagã Lloegyr, estava uma das últimas coisas que eu esperava ver: uma igreja cristã. A segunda cabana, ligeiramente menor do que a igreja, era evidentemente o alojamento do padre que recebeu nossa chegada abaixando-se para passar na porta de seu casebre. Ele usava a tonsura, tinha o manto preto de monge e uma barba marrom emaranhada. Reconheceu Aelle e se curvou bastante.

— Cristo o saúda, senhor rei! — exclamou o homem em mau saxão.

— De onde você é? — perguntei na língua britânica.

Ele pareceu surpreso por lhe falarem em sua língua nativa.

— De Gobannium, senhor.

A mulher do monge, uma criatura maltrapilha e com olhos cheios de ressentimento, saiu da cabana e parou junto ao homem.

— O que está fazendo aqui? — perguntei.

— O Senhor Jesus Cristo abriu os olhos de Aelle, senhor, e nos convidou a trazer a boa-nova de Cristo ao seu povo. Estou aqui com meu irmão o padre Gorfydd para pregar o evangelho aos saxões.

Olhei para Aelle, que estava dando um sorriso maroto.

— Missionários de Gwent? — perguntei.

— Criaturas débeis, não são? — disse Aelle, fazendo um gesto para o monge e sua mulher voltarem à cabana. — Mas eles acham que vão nos tirar do culto a Thunor e Seaxnet, e eu me contento em deixar que pensem assim. Por enquanto.

— Só porque o rei Meurig lhe prometeu trégua enquanto o senhor deixar os sacerdotes dele falarem com seu povo? — falei devagar.

Aelle gargalhou.

— É um idiota, aquele Meurig. Ele se importa mais com as almas do meu povo do que com a segurança de sua terra, e dois padres são um preço pequeno para manter os mil lanceiros de Gwent parados enquanto tomamos a Dumnonia. — Aelle passou o braço pelos meus ombros e me levou de novo para os cavalos. — Está vendo, Derfel? Gwent não vai lutar, não enquanto o rei de lá acreditar que há uma chance de espalhar sua religião entre o meu povo.

— E a religião está se espalhando?

Ele fungou.

— Entre alguns escravos e mulheres, mas não muitos, e não vai se

espalhar até longe. Vou me certificar disso. Vi o que essa religião fez com a Dumnonia e não vou permitir aqui. Nossos Deuses antigos são suficientemente bons para nós, Derfel, então por que precisaríamos de outros? Essa é a metade do problema com os britânicos. Eles perderam seus Deuses.

— Merlin não perdeu.

Isso fez Aelle parar. Ele se virou na sombra das árvores e vi preocupação em seu rosto. Aelle sempre temera Merlin.

— Ouvi histórias — falou, inseguro.

— Os Tesouros da Britânia.

— O que eles são?

— Não muita coisa, senhor rei — falei com honestidade. — Só uma coleção precária de coisas velhas. Apenas duas têm valor real: uma espada e um caldeirão.

— Você os viu? — perguntou ele com ferocidade.

— Vi.

— O que eles fazem?

Dei de ombros.

— Ninguém sabe. Artur acha que não farão nada, mas Merlin diz que eles comandam os Deuses e que se ele realizar a magia certa na hora certa os antigos Deuses da Britânia irão lhe obedecer.

— E ele soltará esses Deuses para cima de nós?

— Sim, senhor rei.

E seria em breve, muito em breve, mas não falei isso ao meu pai.

Aelle franziu a testa.

— Nós também temos Deuses.

— Então chame-os, senhor rei. Deixe que os Deuses lutem contra os Deuses.

— Os Deuses não são tolos, garoto. Por que deveriam lutar quando os homens podem lutar por eles? — Aelle começou a andar de novo. — Agora estou velho, e em todos os meus anos nunca vi os Deuses. Acreditamos neles, mas será que eles se importam conosco? — Ele me olhou, preocupado. — Você acredita nesses Tesouros?

— Acredito no poder de Merlin, senhor rei.

— Mas Deuses andando na terra? — Ele pensou durante um tempo, depois balançou a cabeça. — E se os seus Deuses vierem, por que os nossos não viriam nos proteger? Até você, Derfel — disse ele com sarcasmo —, acharia difícil lutar contra o martelo de Thunor. — Ele havia me guiado para fora do bosque e vi que sua escolta e nossos cavalos tinham sumido. — Podemos andar, e eu vou lhe contar tudo sobre a Dumnonia.

— Já sei sobre Dumnonia, senhor rei.

— Então sabe, Derfel, que o rei de lá é um idiota, e que o governante não quer ser rei, nem mesmo um... como é que vocês chamam, um

kaiser?

— Um imperador.

— Um imperador — repetiu ele, zombando da palavra com sua pronúncia. Ele estava me guiando por um caminho junto à floresta. Não havia mais ninguém à vista. À nossa esquerda o terreno caía até a região enevoadada do estuário, e ao norte ficavam as florestas fundas e úmidas. — Os seus cristãos são rebeldes, o seu rei é um idiota aleijado e o seu líder se recusa a roubar o trono do idiota. Com o tempo, Derfel, e mais cedo do que mais tarde, outro homem exigirá aquele trono. Lancelot quase o tomou, e um homem melhor do que Lancelot tentará em breve. — Ele parou, franzindo a testa. — Por que Guinevere abriu as pernas para ele?

— Porque Artur não quis ser rei — falei em voz opaca.

— Então ele é um idiota. E no ano que vem será um idiota morto, a não ser que aceite uma proposta.

— Que proposta, senhor rei? — perguntei, parando junto a uma faixa ferozmente vermelha.

Ele parou e pôs as mãos nos meus ombros.

— Diga a Artur para dar o trono a você, Derfel.

Encarei os olhos de meu pai. Por um instante pensei que ele podia estar brincando, depois vi que não poderia ser mais sério.

— Eu? — perguntei atônito.

— Você, e você jurará lealdade a mim. Vou querer terras suas, mas você pode dizer a Artur para lhe dar o trono, e você pode governar a Dumnonia. Meu povo vai se estabelecer lá e plantar nas terras, e você irá governá-la, mas como rei submetido a mim. Faremos uma federação, você e eu. Pai e filho. Você governa a Dumnonia e eu governo Aengeland.

— Aengeland? — perguntei, porque a palavra era nova para mim.

Ele tirou as mãos dos meus ombros e fez um gesto em volta.

— Aqui! Vocês nos chamam de saxões, mas você e eu somos aenglos. Cerdic é saxão, mas você e eu somos aenglos e o nosso país é Aengeland. Isto é Aengeland! — disse ele com orgulho, olhando aquele morro úmido.

— E Cerdic?

— Você e eu mataremos Cerdic — disse ele com franqueza, depois beliscou meu cotovelo e recomeçou a andar, só que agora me guiava por uma trilha entre as árvores, onde porcos escavavam entre as folhas procurando frutos de faia. — Diga a Artur o que sugeri. Diga que ele pode ficar com o trono, se quiser, mas qualquer de vocês dois que o ocupe fará isso em meu nome.

— Direi, senhor rei. — Mas sabia que Artur zombaria da proposta. Acho que Aelle também sabia, porém seu ódio por Cerdic o levava à sugestão. Meu pai sabia que, mesmo que ele e Cerdic capturassem todo

o sul da Britânia, ainda teria de haver outra guerra para determinar qual dos dois seria o Bretwalda, que é a palavra que designa Grande Rei. — E se Artur e o senhor atacassem Cerdic juntos no ano que vem?

Aelle balançou a cabeça.

— Cerdic distribuiu muito ouro entre os meus chefes. Eles não lutarão contra ele, não enquanto ele oferecer a Dumnonia como preço. Mas se Artur der a Dumnonia a você, e se você a der a mim, eles não precisarão do ouro de Cerdic. Diga isso a Artur.

— Direi, senhor rei — falei de novo, mas continuava sabendo que Artur jamais concordaria com a proposta, porque significaria violar seu juramento a Uther, o juramento que prometia tornar Mordred rei, e esse juramento estava na base de toda a vida de Artur. De fato, eu tinha tanta certeza de que ele não violaria o juramento que, apesar de minhas palavras a Aelle, duvidava de que sequer mencionaria a proposta a Artur.

Agora Aelle me levou para uma grande clareira onde vi que meu cavalo estava esperando, e com ele uma escolta de lanceiros montados. No centro da clareira havia uma grande pedra rústica da altura de um homem, e mesmo não se parecendo nem um pouco com os *sarsen* adornados dos antigos templos da Dumnonia, nem como as pedras chatas em que aclamávamos nossos reis, estava claro que devia ser uma pedra sagrada, porque se erguia sozinha num círculo de grama e nenhum dos guerreiros saxões se aventurava perto dela, ainda que um de seus objetos sagrados, um grande tronco de árvore descascado e com um rosto grosseiramente esculpido, tivesse sido plantado no solo ali perto. Aelle me levou em direção à grande rocha, mas parou a alguma distância e enfiou a mão numa bolsa presa ao cinto da espada. Pegou uma pequena sacola de couro que desamarrou, e em seguida jogou alguma coisa na palma da mão. Estendeu o objeto para mim, e vi que era um minúsculo anel de ouro em que havia uma pequena ágata engastada.

— Eu ia dar isso à sua mãe, mas Uther a capturou antes de eu ter a chance, e desde então guardei. Tome.

Peguei o anel. Era uma coisa simples, feita por algum camponês. Não era trabalho romano, porque as joias deles eram elaboradas, nem era dos saxões, porque eles gostavam de joias pesadas, mas o anel provavelmente fora feito por algum britânico pobre que caíra diante de uma lâmina saxã. A pedra verde e quadrada nem sequer tinha sido engastada direito, mas mesmo assim o anel possuía uma beleza estranha e frágil.

— Eu não o dei à sua mãe, e se ela está gorda, não poderá usá-lo agora. Então dê à sua princesa de Powys. Ouvi dizer que ela é uma boa mulher. É?

— É, senhor rei.

— Dê a ela, e diga que se nossos países entrarem em guerra pouparei a mulher que estiver usando esse anel. Ela e toda a sua família.

— Obrigado, senhor rei — falei e pus o anelzinho na minha bolsa.

— Tenho mais um presente para você — disse ele e pôs o braço em meus ombros e me levou até a pedra. Eu estava me sentindo culpado por não ter trazido nenhum presente. Na verdade, com o medo de entrar em Lloegy, esse pensamento nem me havia ocorrido, mas Aelle deixou de lado a omissão. Parou junto à pedra. — Esta pedra já pertenceu aos britânicos, e era sagrada para eles. Há um buraco nela, está vendo? Venha para o lado, garoto, veja.

Fui para o lado da pedra e vi que realmente havia um grande buraco preto entrando no coração da pedra.

— Uma vez falei com um escravo britânico e ele me disse que, sussurrando naquele buraco, é possível falar com os mortos.

— Mas o senhor não acredita nisso, não é? — perguntei, tendo ouvido o ceticismo em sua voz.

— Nós acreditamos que podemos falar com Thunor, Woden e Seaxnet através daquele buraco, mas e você? Talvez você consiga alcançar os mortos, Derfel. — Ele sorriu. — Vamos nos encontrar de novo, garoto.

— Espero que sim, senhor rei — falei e então me lembrei da estranha profecia de minha mãe, de que Aelle seria morto pelo filho. Tentei descartar isso como a arenga de uma velha louca, mas frequentemente os Deuses escolhem essas mulheres como porta-vozes e, de repente, eu não tinha o que dizer.

Aelle me abraçou, esmagando meu rosto na gola de sua grande capa de pele.

— Sua mãe ainda tem muito a viver? — perguntou ele.

— Não, senhor rei.

— Enterre-a com os pés virados para o norte. Ao modo do nosso povo. — Ele me deu um último abraço. — Você será levado em segurança para casa. — Em seguida, ele recuou e disse, mal-humorado: — Para falar com os mortos você deve dar três voltas ao redor da pedra, depois se ajoelhar perto do buraco. Mande um beijo meu para minha neta. — Ele sorriu, satisfeito por ter me surpreendido ao revelar um conhecimento tão íntimo de minha vida, depois se virou e foi embora.

A escolta ficou olhando enquanto eu rodeava três vezes a pedra, depois me ajoelhava e me encostava no buraco. De repente senti vontade de chorar, e minha voz ficou embargada quando sussurrei o nome de minha filha.

— Dian? — sussurrei para o coração da pedra. — Minha querida Dian? Espere por nós, querida, e nós vamos encontrá-la. Dian. — Minha filha morta, minha linda Dian, assassinada pelos homens de Lancelot. Falei que a amávamos, mandei o beijo de Aelle, depois encostei a testa

na rocha fria e pensei em seu corpinho de sombra, sozinho no Outro Mundo. Merlin, é verdade, tinha nos dito que as crianças brincam felizes entre as macieiras de Annwn naquele mundo da morte, mas mesmo assim chorei ao imaginá-la subitamente ouvindo minha voz. Será que olhou para cima? Será que, como eu, estaria chorando?

Fui embora. Demorei três dias para chegar a Dun Caric e lá dei a Ceinwyn o pequeno anel de ouro. Ela sempre gostou de coisas simples, e o anel lhe caiu muito melhor do que algumas joias romanas elaboradas. Ela o usava no mindinho da mão direita, o único em que cabia.

— Mas duvido que isso salve minha vida — disse ela, pensativa.

— Por quê?

Ela sorriu, admirando o anel.

— Que saxão vai parar para olhar um anel? Estupre primeiro e pilhe depois, não é a regra dos lanceiros?

— Você não estará aqui quando os saxões vierem. Você precisa voltar a Powys.

Ela balançou a cabeça.

— Eu ficarei. Posso fugir para junto de meu irmão quando os problemas começarem.

Deixei essa discussão de lado até quando chegasse a hora, e mandei mensageiros a Durnovária e a Caer Cadarn, para dizerem a Artur que eu tinha voltado. Quatro dias depois ele veio a Dun Caric, onde falei da recusa de Aelle. Artur deu de ombros, como se não esperasse outra coisa.

— Valeu a tentativa — disse sem dar importância. Eu não contei a oferta que Aelle me fez, porque em seu humor azedo ele provavelmente acharia que eu estava tentado a aceitar, e talvez nunca mais confiasse em mim. Nem contei que Lancelot estivera em Thunreslea, porque sabia como ele odiava a simples menção daquele nome. Contei sobre os padres de Gwent e essa notícia o fez dar um muxoxo. — Acho que terei de visitar Meurig — falou em voz inexpressiva, olhando o Tor. Depois se virou para mim. — Você sabia que Excalibur é um dos Tesouros da Britânia?

— Sim, senhor — admiti. Merlin tinha me contado há muito tempo, mas fez com que eu jurasse segredo, por medo de que Artur destruísse a espada para demonstrar a falta de superstição.

— Merlin exigiu que eu a devolvesse.

Artur sempre soubera que essa exigência viria, desde o dia distante em que Merlin lhe dera a espada mágica.

— O senhor vai entregá-la?

Ele fez uma careta.

— Se não entregar, Derfel, será que isso impedirá o absurdo de Merlin?

— Se é que seja absurdo, senhor — falei e me lembrei daquela garota

nua e luminosa, e disse a mim mesmo que ela era uma precursora de coisas estupendas.

Artur desafivelou o cinto com a bainha bordada com linhas entrecruzadas.

— Leve-a para ele, Derfel — disse relutante —, leve-a para ele. — Artur pôs a espada preciosa em minhas mãos. — Mas diga a Merlin que eu a quero de volta.

— Direi, senhor — prometi. Porque se os Deuses não viessem na véspera do Samain, Excalibur teria de ser desembainhada e levada contra o exército de todos os saxões.

Mas agora a véspera do Samain estava muito próxima, e naquela noite dos mortos os Deuses seriam invocados.

E no dia seguinte levei Excalibur para o sul, para fazer com que isso acontecesse.

MAI DUN É UM GRANDE morro ao sul de Durnovária, e antigamente deve ter sido a maior fortaleza de toda a Britânia. Era um cume amplo, suavemente curvo, estendendo-se para o leste e o oeste, ao redor do qual o povo antigo construiu três gigantescas muralhas de terra compactada, cobertas de grama e íngremes. Ninguém sabe quando foi construída, nem mesmo como, e alguns acreditavam que os próprios Deuses deviam ter escavado as fortificações, porque aquela muralha tripla parece alta demais — e os fossos parecem fundos demais — para mero trabalho humano, mas nem a altura das muralhas nem a profundidade dos fossos impediu que os romanos capturassem a fortaleza e passassem sua guarnição pelo fio das espadas. O Mai Dun ficara vazio desde aquele dia, a não ser por um pequeno templo de Mitra que os romanos vitoriosos construíram na extremidade leste do platô no cume. No verão a antiga fortaleza é um belo lugar onde as ovelhas pastam junto às muralhas precipitosas e as borboletas adejam sobre a grama, o tomilho selvagem e as orquídeas, mas no fim do outono, quando as noites chegam mais cedo e as chuvas varrem a Dumnonia vindas do oeste, o cume pode ser um lugar desnudo e gélido onde o vento corta com força.

A trilha principal para o cume leva ao portão do oeste, que parece um labirinto, e o caminho estava escorregadio de lama enquanto eu levava Excalibur para Merlin. Uma horda de pessoas comuns subia comigo. Algumas tinham grandes fardos de lenha nas costas, outras carregavam odres de água para beber e algumas poucas incitavam bois que arrastavam grandes troncos ou puxavam trenós cheios de galhos sem folhas. Escorria sangue dos flancos dos bois que lutavam para levar as cargas pelo caminho íngreme e traiçoeiro onde, muito acima de mim sobre a fortificação externa e coberta de grama, eu podia ver lanceiros montando guarda. A presença desses lanceiros confirmava o que me tinham dito na Durnovária, que Merlin havia fechado Mai Dun para todos, menos os que vinham trabalhar.

Dois lanceiros guardavam o portão. Ambos eram guerreiros irlandeses dos Escudos Pretos, contratados com Oengus Mac Airem, e me perguntei quanto da fortuna de Merlin estava sendo gasto na preparação daquela desolada fortaleza de grama para a chegada dos Deuses. Os homens reconheceram que eu não era uma das pessoas que trabalhavam no Mai Dun, e um deles perguntou respeitosamente:

— O senhor tem algum negócio aqui?

Eu não estava usando armadura, mas usava Hywelbane, e só a bainha da minha espada me designava como alguém importante.

— Tenho negócios com Merlin.

O Escudo Preto não abriu caminho.

— Muitas pessoas vêm aqui, senhor, e dizem ter negócios com Merlin. Mas será que lorde Merlin tem negócios com elas?

— Diga que lorde Derfel trouxe a ele o último Tesouro. — Tentei dar às palavras o devido sentimento cerimonioso, mas elas não pareceram impressionar os Escudos Pretos. O mais jovem subiu com a mensagem, enquanto o mais velho conversava comigo. Como a maioria dos lanceiros de Oengus, ele parecia um sujeito alegre. Os Escudos Pretos vinham da Demétia, um reino que Oengus criou no litoral oeste da Britânia, mas, mesmo sendo invasores, os lanceiros irlandeses de Oengus não eram odiados como os saxões. Os irlandeses lutavam contra nós, roubavam de nós, escravizavam-nos e tomavam nossa terra, mas falavam uma língua parecida com a nossa, seus Deuses eram os nossos Deuses e, quando não estavam lutando conosco, misturavam-se facilmente aos nativos britânicos. Alguns, como o próprio Oengus, agora pareciam mais britânicos do que irlandeses, porque sua Irlanda nativa, que sempre se orgulhara de nunca ter sido invadida pelos romanos, agora sucumbira à religião que os romanos haviam trazido. Os irlandeses tinham adotado o cristianismo, mas os Senhores do Outro Lado do Mar, os reis irlandeses que, como Oengus, ocuparam terras na Britânia, ainda se agarravam aos seus Deuses antigos e na próxima primavera, refleti, a não ser que os ritos de Merlin trouxessem esses Deuses para nos salvar, esses lanceiros Escudos Pretos sem dúvida lutariam pela Britânia contra os saxões.

Foi o jovem príncipe Gawain quem veio do cume para se encontrar comigo. Ele desceu a trilha vestindo sua armadura pintada de cal, mas o esplendor se estragou quando seus pés escorregaram num trecho enlameado e ele desceu alguns metros arrastando o traseiro.

— Lorde Derfel! — gritou ele enquanto se levantava. — Lorde Derfel! Venha, venha! Bem-vindo! — Ele abriu um sorriso largo enquanto eu me aproximava. — Não é a coisa mais empolgante?

— Ainda não sei, senhor príncipe.

— Um triunfo! — exclamou ele, entusiasmado, cuidadosamente se desviando da lama que causara sua queda. — Uma grande obra! Rezemos para que não seja em vão.

— Toda a Britânia reza por isso. A não ser, talvez, os cristãos.

— Dentro de três dias, lorde Derfel, não haverá mais cristãos na Britânia, porque todos terão visto os Deuses verdadeiros. Desde que não venha chuva — acrescentou ansioso. Ele ergueu os olhos para as nuvens desanimadoras e de repente pareceu à beira das lágrimas.

— Chuva?

— Ou talvez seja uma nuvem que nos negue os Deuses. Chuva ou nuvem, não tenho certeza, e Merlin está impaciente. Ele não explica,

mas acho que a chuva é inimiga, ou talvez seja a nuvem. — Ele parou, ainda sofrendo. — Talvez os dois. Perguntei a Nimue, mas ela não gosta de mim. — Ele parecia muito triste. — De modo que não tenho certeza, mas estou implorando aos Deuses que mandem céus limpos. E ultimamente anda nublado, muito nublado, e suspeito de que os cristãos estejam rezando por chuva. O senhor realmente trouxe Excalibur?

Desenrolei o tecido da espada embainhada e estendi o punho para ele. Por um momento ele não ousou tocá-la, depois estendeu a mão hesitante e tirou Excalibur da bainha. Olhou com reverência para a espada, depois tocou com o dedo os arabescos engastados e os dragões gravados que decoravam o aço.

— Feita no Outro Mundo — disse ele numa voz cheia de espanto — pelo próprio Gofannon!

— Mais provavelmente forjada na Irlanda — falei impiedoso, porque havia algo na juventude e na credulidade de Gawain que me levavam a cutucar sua inocência piedosa.

— Não, senhor — garantiu ele, sério. — Foi feita no Outro Mundo. — Ele pôs Excalibur de novo nas minhas mãos. — Venha, senhor — falou tentando me apressar, mas apenas escorregou de novo na lama e cambaleou tentando se equilibrar. Sua armadura branca, tão impressionante à distância, estava lamentável. A pintura de cal estava suja de lama e se desbotando, mas ele possuía uma confiança indomável que o impedia de parecer ridículo. Seus cabelos compridos e brilhantes estavam presos numa trança frouxa que chegava ao meio das costas. Enquanto seguíamos pela entrada que serpenteava entre os altos muros gramados perguntei a Gawain como ele havia conhecido Merlin. — Ah, conheço Merlin a minha vida inteira! — respondeu o príncipe, feliz. — Ele ia à corte do meu pai, veja bem, ultimamente não muito, mas quando eu era pequeno ele estava sempre lá. Ele foi meu professor.

— Seu professor? — Pareci surpreso, e estava mesmo, mas Merlin sempre gostou de segredos e nunca tinha falado de Gawain comigo.

— Não para ensinar as letras. As mulheres me ensinaram isso. Não, Merlin me ensinou qual será o meu destino. — Ele deu um sorriso tímido. — Ele me ensinou a ser puro.

— A ser puro! — Dei-lhe um olhar curioso. — Nada de mulheres?

— Nada, senhor — admitiu com inocência. — Merlin insiste. Pelo menos não agora, mas depois, claro. — Sua voz sumiu e ele até ruborizou-se.

— Não é de espantar que você reze pelos céus limpos.

— Não, senhor, não! Eu rezo por céus limpos para que os Deuses venham! E quando vierem, trarão Olwen, a Prateada. — Ele ruborizou-se de novo.

— Olwen, a Prateada?

— O senhor a viu, em Lindinis. — O rosto bonito dele se tornou

quase etéreo. — Ela pisa mais leve do que um sopro de vento, sua pele brilha no escuro e flores crescem em seus passos.

— E ela é o seu destino? — perguntei, reprimindo uma pequena pontada de ciúme maligno só em pensar naquele espírito brilhante e ágil sendo dado ao jovem Gawain.

— Devo me casar com ela quando a tarefa estiver terminada — disse ele, sério —, mas por enquanto meu dever é guardar os Tesouros. Mas dentro de três dias darei as boas-vindas aos Deuses e irei liderá-los contra o inimigo. Serei o libertador da Britânia. — Ele disse essa ultrajante fanfarronada com muita calma, como se fosse uma tarefa comum. Fiquei quieto, apenas o segui passando pelo fosso profundo entre a muralha média e a interna do Mai Dun, e vi que a trincheira estava cheia de pequenos abrigos precários feitos de galhos e palha. — Dentro de dois dias — Gawain viu para onde eu estava olhando — vamos derrubar aqueles abrigos e acrescentar tudo às fogueiras.

— Fogueiras?

— O senhor verá, o senhor verá.

Mas a princípio, quando cheguei ao cume, não pude entender o que vi. A crista do Mai Dun é um espaço alongado e coberto de grama onde toda uma tribo com todos os seus animais poderia se abrigar em tempo de guerra, mas agora a extremidade oeste do morro estava coberta por um complexo emaranhado de cercas feitas de mato seco.

— Ali! — disse Gawain com orgulho, apontando para as cercas como se elas fossem uma realização sua.

As pessoas que carregavam a lenha estavam sendo dirigidas para uma das cercas mais próximas, onde largavam seus fardos e saíam para colher mais madeira. Então vi que na verdade as cercas eram grandes fileiras de lenha empilhada e pronta para ser queimada. Os montes eram mais altos do que um homem, e parecia haver quilômetros deles, mas só quando Gawain me guiou até a fortificação mais interna é que vi o desenho que formavam.

Elas preenchiam toda a metade oeste do platô, e no centro havia cinco pilhas de lenha que formavam um círculo no meio de um espaço aberto com cerca de sessenta ou setenta passos de diâmetro. Esse amplo espaço era rodeado por uma cerca espiralada que fazia três voltas inteiras, de modo que toda a espiral, incluindo o centro, tinha mais de 150 passos de largura. Do lado de fora da espiral havia um círculo de grama vazia, cercado por um anel de seis espirais duplas, cada uma se desenrolando de um espaço circular e se enrolando de novo para envolver outro, de modo que doze espaços com anéis de fogo ficavam no intrincado anel interno. As espirais duplas se tocavam umas às outras, de modo que formariam uma paliçada de fogo em volta de todo o desenho enorme.

— Doze círculos menores — perguntei a Gawain — para treze

Tesouros?

— O Caldeirão ficará no centro, senhor — disse ele com a voz cheia de espanto.

Era uma realização gigantesca. As cercas eram altas, bem acima da altura de um homem, e todas densas de combustível; na verdade, devia existir lenha suficiente naquele topo para manter as fogueiras da Durnovária acesas durante nove ou dez invernos. As espirais duplas na extremidade oeste da fortaleza ainda estavam sendo completadas, e eu podia ver homens comprimindo com energia a lenha para que o fogo não queimasse com rapidez, e sim demorada e ferozmente. Havia troncos inteiros esperando pelas chamas dentro da lenha empilhada. Seria uma fogueira para sinalizar o fim do mundo, pensei.

E de certa forma, supus, era exatamente isso que o fogo pretendia marcar. Seria o fim do mundo que conhecíamos, porque, se Merlin estivesse certo, os Deuses da Britânia viriam a este lugar elevado. Os Deuses inferiores iriam para os círculos menores do anel externo, enquanto Bel desceria ao coração feroz do Mai Dun, onde seu Caldeirão esperava. O grande Bel, Deus dos Deuses, Senhor da Britânia, viria num grande sopro de ar com as estrelas rolando atrás como folhas de outono jogadas por uma tempestade. E ali, onde as cinco fogueiras individuais marcavam o coração dos círculos de chamas feito por Merlin, Bel pisaria de novo em Ynys Prydain, a Ilha da Britânia. De repente, minha pele ficou fria. Até este momento não tinha entendido de fato a magnitude do sonho de Merlin, e agora ele quase me esmagava. Dentro de três dias os Deuses estariam aqui.

— Temos quatrocentas pessoas trabalhando nas fogueiras — disse Gawain, sério.

— Acredito.

— E nós desenhamos as espirais com corda das fadas.

— Com o quê?

— Uma corda, senhor, trançada com os cabelos de uma pessoa virgem, com apenas um fio de grossura. Nimue ficou no centro e eu andei pelo perímetro, e meu lorde Merlin marcou meus passos com pedras de elfo. As espirais tinham de ser perfeitas. Demorou uma semana para ficar pronto, porque a corda vivia se partindo, e a cada vez que isso acontecia tínhamos de recomeçar.

— Quem sabe não era uma corda de fadas de verdade, senhor príncipe? — provoqueei-o.

— Ah, era, senhor. Foi feita com meus cabelos.

— E na véspera de Samain vocês vão acender as fogueiras e esperar?

— As fogueiras devem queimar três horas vezes três, senhor, e na sexta hora iniciaremos a cerimônia. — E em algum momento depois disso a noite iria virar dia, o céu iria se encher de fogo e o ar cheio de fumaça iria ser tumultuado pelas asas dos Deuses.

Gawain estivera me guiando pela muralha de terra no norte da fortaleza, mas agora fez um gesto para onde ficava o pequeno templo de Mitra, logo a leste dos anéis de lenha.

— O senhor pode esperar aqui — disse ele — enquanto vou buscar Merlin.

— Ele está longe? — perguntei, pensando que Merlin poderia se encontrar num dos abrigos temporários montados na extremidade leste do platô.

— Não tenho certeza de onde ele está, mas sei que foi pegar Anbarr, e acho que sei onde pode ser.

— Anbarr? — Eu só conhecia Anbarr de histórias em que ele era um cavalo mágico, um garanhão perfeito que podia galopar tão depressa sobre a água quanto sobre a terra.

— Montarei Anbarr junto com os Deuses — disse Gawain com orgulho — e levarei meu estandarte contra o inimigo. — Ele apontou para o templo onde uma bandeira enorme estava encostada, sem cerimônia, no teto baixo de telhas. — A bandeira da Britânia — acrescentou Gawain e me guiou para o templo, onde desenrolou o estandarte. Era um vasto quadrado de linho branco onde estava bordado o desafiador dragão vermelho da Dumnonia. A fera era toda feita de garras, cauda e fogo. — Na verdade é a bandeira da Dumnonia, mas não creio que os outros reis britânicos se importarão, o senhor acha?

— Não se você lançar os saxões no mar.

— Esta é minha tarefa — disse Gawain, muito solene. — Com a ajuda dos Deuses, claro, e disso — ele tocou Excalibur, que ainda estava debaixo do meu braço.

— Excalibur! — falei, surpreso, pois não podia imaginar outro homem, que não Artur, usando a espada mágica.

— E o que mais? Vou levar Excalibur, montar Anbarr e expulsar o inimigo da Britânia. — Ele deu um sorriso deliciado, depois apontou para um banco perto da porta do templo. — Se quiser esperar, senhor, vou procurar Merlin.

O templo era guardado por seis lanceiros Escudos Pretos, mas como eu tinha chegado na companhia de Gawain eles não fizeram menção de me impedir de curvar a cabeça e passar pelo portal baixo do templo. Não estava explorando a pequena construção por curiosidade, e sim porque Mitra era meu principal Deus naqueles tempos. Ele era o Deus dos soldados, o Deus secreto. Os romanos tinham trazido seu culto para a Britânia e, mesmo tendo eles se retirado há muito tempo, Mitra ainda era o preferido entre os guerreiros. Esse templo era minúsculo, apenas dois pequenos cômodos sem janela, para imitar a caverna do nascimento de Mitra. O cômodo externo estava cheio de caixas de madeira e cestos de vime que, suspeitei, conteriam os Tesouros da Britânia, mas não

levantei nenhuma tampa para olhar. Em vez disso, passei abaixado pela porta interna, entrei no santuário negro e vi, brilhando, o Caldeirão prateado e dourado de Clyddno Eiddyn. Para além do Caldeirão, e quase invisível à fraca luz cinzenta que escorria pelas duas portas baixas, estava o altar de Mitra. Merlin ou Nimue, que ridicularizavam Mitra, tinha posto um crânio de texugo no altar, para evitar a atenção do Deus. Tirei o crânio, depois me ajoelhei ao lado do Caldeirão e rezei. Implorei que Mitra ajudasse nossos outros Deuses e rezei para que ele viesse ao Mai Dun, emprestar seu terror ao morticínio de nossos inimigos. Toquei o punho de Excalibur na pedra dele e me perguntei quando um touro teria sido sacrificado ali pela última vez. Imaginei os soldados romanos forçando o touro a se ajoelhar, depois empurrando suas ancas e puxando os chifres para que ele passasse pelas portas baixas até que, dentro do santuário interno, ele ficasse de pé e mugisse de medo, farejando apenas os lanceiros no escuro. E ali, na escuridão aterrorizante, ele receberia uma marretada. Mugiria de novo, desmoronaria, mas ainda assim sacudiria os grandes chifres para os fiéis, mas eles iriam dominá-lo e fazer seu sangue se esvaír, e o touro morreria lentamente e o templo ficaria cheio do fedor de sua bosta e de seu sangue. Então os fiéis beberiam o sangue do touro em memória de Mitra, assim como ele havia ordenado. Disseram-me que os cristãos tinham uma cerimônia semelhante, mas eles alegavam que nada era morto em seus rituais, ainda que poucos pagãos acreditassem, porque a morte é o que devemos aos Deuses em troca da vida que nos dão.

Fiquei de joelhos no escuro, um guerreiro de Mitra vindo a um dos seus templos esquecidos, e ali, enquanto rezava, senti o mesmo cheiro de mar que recordava de Lindinis, o odor de algas e sal que tocou nossas narinas quando Olwen, a Prateada, caminhara tão esguia, delicada e linda pela arcada de Lindinis. Por um momento pensei que um Deus estaria presente, ou talvez que Olwen, a Prateada, tivesse vindo ao Mai Dun, mas nada se mexeu; não houve visão, nenhuma pele nua e brilhante, apenas o fraco cheiro de sal do mar e o sussurro baixo do vento do lado de fora do templo.

Voltei pela porta interna e ali, na sala externa, o cheiro de mar era mais forte. Abri tampas de caixas e levantei coberturas de pano dos cestos de vime, e pensei ter encontrado a fonte do cheiro de mar quando descobri que dois dos cestos estavam cheios de sal que tinha ficado pesado e empedrado no ar úmido de outono, mas o cheiro de mar não vinha do sal, e sim de um terceiro cesto que estava cheio de algas. Toquei a alga, depois lambi os dedos e senti gosto de água salgada. Havia um grande pote de barro perto do cesto e, quando levantei a tampa, descobri que o pote estava cheio de água do mar, presumivelmente para manter a alga úmida, por isso enfiei a mão dentro do cesto de algas e encontrei, logo abaixo da superfície, uma camada de

mariscos. Os mariscos tinham conchas duplas compridas, estreitas e elegantes, e pareciam mexilhões, só que eram um pouco maiores do que os mexilhões e as conchas eram de um branco acinzentado, em vez de pretas. Levantei um, cheirei e achei que seria apenas alguma iguaria que Merlin gostava de comer. O marisco, talvez se ressentindo do meu toque, entreabriu a concha e mijou uma espécie de líquido na minha mão. Coloquei-o de volta no cesto e cobri a camada de mariscos com as algas.

Já ia me virando para a porta externa, planejando esperar lá fora, quando vi minha mão. Olhei-a durante vários instantes, pensando que meus olhos tinham me enganado, mas à luz fraca perto da porta externa eu não pude ter certeza, por isso voltei pela porta interna até onde o grande Caldeirão esperava junto ao altar, e ali, na parte mais escura do templo de Mitra, levantei a mão diante do rosto.

E vi que ela estava brilhando.

Olhei. Na verdade não queria acreditar no que enxergava, mas a mão luzia realmente. Não estava luminosa, não era uma luz interna, mas sim uma camada de claridade inconfundível na palma. Passei um dedo pela área molhada deixada pelo marisco e fiz uma risca escura na superfície brilhante. Então Olwen, a Prateada, não era uma ninfa, não era nenhuma mensageira dos Deuses e sim uma garota humana molhada com os líquidos de um marisco. A magia não era dos Deuses e sim de Merlin, e todas as minhas esperanças pareceram morrer naquela câmara escura.

Enxuguei a mão na capa e voltei à luz do dia. Sentei-me no banco junto à porta do templo e olhei para a fortificação interna, onde um grupo de crianças rolava e escorregava numa brincadeira ruidosa. O desespero que tinha me assombrado na viagem a Lloegyr voltou. Eu queria muito acreditar nos Deuses, mas estava cheio de dúvidas. O que importava, perguntei-me, que a garota fosse humana, e que sua luz inumana fosse um truque de Merlin? Isso não renegava os Tesouros, mas sempre que eu tinha pensado nos Tesouros, e sempre que fora tentado a duvidar de sua eficácia, havia me tranquilizado com a lembrança daquela garota nua e luminosa. E agora parecia que ela não era nenhuma precursora dos Deuses, mas meramente uma das ilusões de Merlin.

— Senhor? — A voz de uma garota perturbou meus pensamentos. — Senhor? — perguntou de novo. Levantei a cabeça e vi uma moça gorducha, de cabelos escuros, sorrindo nervosamente para mim. Usava uma túnica simples e uma capa, tinha uma fita em volta dos cabelos curtos e encaracolados e segurava pela mão um menino ruivo. — Não se lembra de mim, senhor? — perguntou, desapontada.

— Cywwyllog — falei, lembrando o nome. Ela tinha sido uma de nossas serviçais em Lindinis quando foi seduzida por Mordred.

Levantei-me. — Como você está?

— Tão bem quanto possível, senhor — disse ela, feliz por eu ter me lembrado. — E este é o pequeno Mardoc. Puxou ao pai, não é? — Olhei o garoto. Teria uns seis ou sete anos e era atarracado, de rosto redondo, e tinha cabelos duros e espetados como os do pai, Mordred. — Mas não por dentro, por dentro ele não puxou ao pai. Ele é um garotinho bom, é mesmo, bom como ouro, senhor. Nunca deu um minuto de problema, não mesmo, deu, meu querido? — Ela se curvou e deu um beijo em Mardoc. O garoto ficou embaraçado com a demonstração de afeto, mas mesmo assim riu. — Como vai *lady* Ceinwyn?

— Muito bem. Ela vai ficar feliz em saber que nos encontramos.

— Ela sempre foi boa comigo, foi sim. Eu teria ido para a sua casa nova, senhor, só que conheci um homem. Agora estou casada, é sim.

— Quem é ele?

— Idfael ap Meric, senhor. Agora ele serve ao lorde Lanval.

Lanval comandava a guarda que mantinha Mordred em sua prisão dourada.

— Pensamos que você tinha deixado nossa casa porque Mordred lhe deu dinheiro — confessei a Cywwylllog.

— Ele? Me deu dinheiro? — Cywwylllog riu. — Eu viveria para ver as estrelas caindo antes disso acontecer, senhor. Naquela época eu era uma idiota — confessou, alegre. — Claro que não sabia que tipo de homem Mordred era, e ele não era realmente um homem, não na época, e acho que fiquei com a cabeça virada, porque ele era o rei, mas não fui a primeira garota, fui? E digo que não serei a última. Mas tudo acabou saindo bem. Meu Idfael é um homem bom e não se importa que o pequeno Mardoc seja um cuco no ninho dele. É isso que você é, meu bonito, um cuco! — E ela se curvou e fez um carinho em Mardoc, que se retorceu em seus braços e em seguida explodiu em gargalhadas quando ela lhe fez cócegas.

— O que vocês estão fazendo aqui?

— Lorde Merlin pediu que a gente viesse — disse Cywwylllog com orgulho. — Ele gostou do pequeno Mardoc, gostou mesmo. Ele mima o garoto! Vive dando comida a ele, vive mesmo, e você vai ficar gordo, vai sim, vai ficar gordo que nem um porco! — E ela fez cócegas de novo no garoto, que riu, lutou e finalmente se libertou. Não correu para longe, ficou a poucos passos de distância, observando-me com o polegar na boca.

— Merlin pediu para você vir?

— Precisava de uma cozinheira, senhor, foi o que ele disse, e acho que sou tão boa cozinheira quanto qualquer outra, e com o dinheiro que ele ofereceu, bom, Idfael disse que eu tinha de vir. Não que lorde Merlin coma muito. Ele gosta de queijo, gosta sim, mas para isso não precisa de cozinheira, precisa?

— Ele come mariscos?

— Ele gosta de amêijoas, mas não conseguimos muitas. Não, ele come principalmente queijo. Queijo e ovos. Ele não é como o senhor, o senhor adorava carne, se bem me lembro.

— Ainda adoro.

— Aquele tempo era bom. O pequeno Mardoc tem a mesma idade da sua Dian. Eu vivia pensando que eles brincavam muito bem juntos. Como ela está?

— Ela morreu, Cywwyllog.

O rosto dela ficou desolado.

— Ah, não, senhor, diga que não é verdade.

— Ela foi morta pelos homens de Lancelot.

Cywwyllog cuspiu na grama.

— Homens malignos, todos eles. Sinto muito, senhor.

— Mas Dian está feliz no Outro Mundo — garanti. — E um dia todos nós vamos nos juntar a ela.

— O senhor irá, o senhor irá. Mas e as outras?

— Morwenna e Seren estão ótimas.

— Isso é bom, senhor. — Ela sorriu. — O senhor vai ficar aqui para as Invocações?

— As Invocações? — Essa era a primeira vez que eu ouvia aquilo ser chamado assim. — Não, não fui convidado. Acho que provavelmente vou assistir da Durnovária.

— Vai ser digno de se ver — disse Cywwyllog, depois sorriu e me agradeceu por conversar com ela, e em seguida fingiu perseguir Mardoc, que fugiu gritando de prazer. Fiquei sentado, feliz por revê-la, e então imaginei que jogos Merlin estaria fazendo. Por que quis encontrar Cywwyllog? E por que contratar uma cozinheira quando ele nunca havia empregado alguém para preparar suas refeições?

Uma agitação súbita do outro lado das paredes de terra interrompeu meus pensamentos e espalhou as crianças que brincavam. Levantei-me no momento em que dois homens apareceram puxando uma corda. Gawain apareceu correndo um instante depois, e então, no final da corda, vi um garanhão preto, grande e feroz. O cavalo estava tentando se soltar, e quase arrastou os dois homens para baixo da parede, mas eles agarraram o cabresto e estavam puxando o animal aterrorizado, que subitamente disparou descendo a muralha interna e puxando os homens. Gawain gritou para tomarem cuidado, depois meio que escorregou meio que correu atrás do grande animal. Merlin vinha com Nimue, aparentemente sem se preocupar com o pequeno drama. Ele ficou olhando enquanto o cavalo era levado a um dos abrigos no leste, depois desceu com Nimue até o templo.

— Ah, Derfel! — cumprimentou, despreocupado. — Você está muito macambúzio. É dor de dente?

— Eu lhe trouxe Excalibur — falei, tenso.

— Isso eu posso ver com meus olhos. Não estou cego, você sabe. Às vezes um pouco surdo, e a bexiga é frágil, mas o que se pode esperar na minha idade? — Ele pegou Excalibur comigo, tirou alguns centímetros da lâmina de dentro da bainha e beijou o aço. — A espada de Rhydderch — falou, cheio de espanto, e por um segundo seu rosto tinha um ar estranhamente extático, depois ele guardou a espada abruptamente e deixou que Nimue a pegasse. — Então você foi falar com seu pai. Gostou dele?

— Sim, senhor.

— Você sempre foi um sujeito absurdamente emocional, Derfel — disse Merlin e depois olhou para Nimue, que havia retirado Excalibur da bainha e estava segurando a lâmina encostada com força no corpo magro. Por algum motivo, Merlin pareceu perturbado com isso, pegou a bainha com ela e em seguida tentou pegar a espada de volta. Ela não quis soltar e Merlin, depois de lutar alguns instantes, abandonou a tentativa. — Ouvi dizer que você poupou Liofa. Verdade? — disse ele, virando-se de novo para mim. — Foi um erro. Liofa é uma fera muito perigosa.

— Como sabe que o poupei?

Merlin me lançou um olhar reprovador.

— Talvez eu fosse uma coruja nos caibros do salão de Aelle, Derfel, ou talvez eu fosse um camundongo na palha do chão, não é? — Ele saltou para Nimue e dessa vez teve sucesso em arrancar-lhe a espada. — Não se deve gastar a magia — murmurou, enfiando a espada desajeitadamente na bainha. — Artur não se importou em entregar a espada?

— Por que deveria, senhor?

— Porque Artur é perigosamente próximo do ceticismo — disse, abaixando-se para enfiar Excalibur pela porta baixa do templo. — Ele acredita que pode se virar sem os Deuses.

— Então é uma pena que ele nunca tenha visto Olwen, a Prateada, brilhando no escuro — falei sarcasticamente.

Nimue sibilou para mim. Merlin parou, depois se virou lentamente e se empertigou junto à porta, lançando-me um olhar azedo.

— Por que é uma pena, Derfel? — perguntou numa voz perigosa.

— Porque se ele a tivesse visto, senhor, certamente acreditaria nos Deuses, não é? Desde, claro, que não descobrisse os seus mariscos.

— Então é isso. Você andou xeretando, não foi? Andou enfiando seu gordo nariz saxão onde ele não deveria se enfiar, e encontrou minhas fóladas.

— Fóladas?

— Os mariscos, seu idiota, chamam-se fóladas.

— E eles luzem?

— Os sucos dessas fóladas têm uma qualidade luminosa — admitiu Merlin aereamente. Dava para ver que estava chateado com minha descoberta, mas fazia o máximo para não demonstrar irritação. — Plínio menciona o fenômeno, mas menciona também que é muito difícil saber exatamente em que acreditar. A maioria das ideias dele são puro absurdo, claro. Toda aquela bobagem sobre os druidas cortando visgo no sexto dia de uma lua nova! Eu nunca faria isso, nunca! No quinto dia, sim, mas no sexto? Nunca! E ele também recomenda, pelo que me lembro, pegar a faixa dos seios de uma mulher e enrolar no crânio para curar dor de cabeça, mas o remédio não funciona. Como poderia? A magia está nos seios e não na faixa, de modo que é muito mais eficaz enfiar a cabeça dolorida nos seios em si. O remédio nunca me falhou, isso é certo. Você leu Plínio, Derfel?

— Não, senhor.

— Isso mesmo, eu nunca lhe ensinei latim. Descuido meu. Bom, ele fala das fóladas, e observou que as mãos e a boca de quem come a criatura ficava luminosa em seguida, e confesso que fiquei intrigado. Quem não ficaria? Relutei em explorar mais o fenômeno, porque teria perdido muito tempo nas ideias mais crédulas de Plínio, mas esta se mostrou precisa. Você se lembra de Caddwg? O barqueiro que nos resgatou de Ynys Trebes? Agora ele é meu caçador de fóladas. As criaturas vivem em buracos nas rochas, o que é inconveniente para elas, mas pago bem a Caddwg e ele assiduamente as arranca, como um bom pescador de fóladas. Você parece desapontado, Derfel.

— Eu pensei, senhor — comecei e depois hesitei, sabendo que ia ser zombado.

— Ah, você pensou que a garota vinha dos céus! — Merlin terminou a frase para mim, depois deu um riso escarninho. — Ouviu isso, Nimue? Nosso grande guerreiro, Derfel Cadarn, acreditou que nossa pequena Olwen era uma aparição! — Ele deu um tom portentoso à última palavra.

— Ele deveria acreditar nisso — disse Nimue secamente.

— Acho que sim, pensando bem — admitiu Merlin. — É um bom truque, não é, Derfel?

— Mas não passa de um truque, senhor — falei, incapaz de conter o desapontamento.

Merlin suspirou.

— Você é absurdo, Derfel, inteiramente absurdo. A existência dos truques não implica a ausência de magia, mas nem sempre a magia é garantida pelos Deuses. Você não entende nada? — Essa última pergunta foi feita com raiva.

— Sei que fui enganado, senhor.

— Enganado! Enganado! Não seja tão patético. Você é pior do que Gawain! Um druida no segundo dia de treinamento poderia enganá-lo!

Nosso serviço não é satisfazer sua curiosidade infantil, e sim fazer a obra dos Deuses, e esses Deuses, Derfel, se afastaram muito de nós. Foram para longe! Estão desaparecendo, fundindo-se à escuridão, indo para o abismo de Annwn. Eles precisam ser invocados, e para invocá-los preciso de trabalhadores, e para atrair trabalhadores precisei oferecer uma pequena esperança. Você acha que Nimue e eu poderíamos construir as fogueiras sozinhos? Precisávamos de gente! Centenas de pessoas! E molhar uma garota com suco de fóladas as trouxe para nós, mas tudo que você faz é choramingar dizendo que foi enganado. Quem se importa com o que você pensa? Por que não vai mastigar uma fólada? Talvez isso o ilumine. — Ele chutou o punho de Excalibur, que ainda estava se projetando para fora do templo. — Imagino que aquele idiota do Gawain mostrou tudo a você, não foi?

— Ele me mostrou os anéis de fogo, senhor.

— E agora você quer saber para que eles servem, suponho.

— Sim, senhor.

— Qualquer pessoa de inteligência mediana poderia deduzir sozinha — disse Merlin grandiosamente. — Os Deuses estão longe, isso é óbvio, caso contrário não estariam nos ignorando, mas há muitos anos eles nos deram os meios de invocá-los: os Tesouros. Agora os Deuses penetraram tanto no turbilhão de Annwn que os Tesouros sozinhos não funcionam. Por isso temos de atrair a atenção deles, e como fazemos isso? Simples! Mandamos um sinal para o abismo, e esse sinal é simplesmente um grande desenho de fogo, e no desenho colocamos os Tesouros, e então fazemos uma ou duas coisas que realmente não importam muito, e depois disso posso morrer em paz em vez de explicar as coisas mais elementares para débeis mentais absurdamente crédulos. E não — disse ele antes que eu ao menos falasse, quanto mais fizesse uma pergunta. — Você não pode estar aqui em cima na véspera do Samain. Eu só quero aqueles em quem posso confiar, e se você aparecer aqui de novo ordenarei aos guardas que usem sua barriga como alvo para treinamento de lança.

— Por que não rodear o morro com uma cerca-fantasma? — perguntei. Uma cerca-fantasma era uma fileira de crânios, enfeitiçada por um druida, pela qual ninguém ousaria passar.

Merlin me olhou como se minha sanidade tivesse desaparecido.

— Uma cerca-fantasma! Na véspera do Samain! É a única noite do ano, débil mental, em que essas cercas não funcionam! Será que preciso explicar tudo? Uma cerca-fantasma, seu idiota, funciona porque usa as almas dos mortos para amedrontar os vivos, mas na véspera do Samain as almas dos mortos são libertadas para andar, e não podem ser controladas. Na véspera do Samain uma cerca-fantasma tem tanta utilidade para o mundo quanto a sua inteligência.

Recebi a censura calmamente.

— Só espero que não haja nuvens — falei, tentando acalmá-lo.

— Nuvens? Por que as nuvens me preocupariam? Ah, sei! Aquele imbecil do Gawain falou com você, e ele entende tudo errado. Se estiver nublado, Derfel, os Deuses ainda verão nosso sinal porque a visão deles, diferentemente da nossa, não é restrita por nuvens, mas se houver nuvens demais há probabilidade de chover — ele falou como alguém que explicasse uma coisa muito simples para uma criança pequena — e a chuva forte pode apagar todas as grandes fogueiras. Pronto, isso foi difícil para você deduzir sozinho, não foi? — Ele me encarou furioso, depois se virou para olhar os anéis de lenha. Apoiou-se no cajado preto, pensando na coisa gigantesca que tinha feito no cume do Mai Dun. Ficou quieto longo tempo, depois deu de ombros subitamente. — Você já pensou no que poderia ter acontecido se os cristãos tivessem sucesso em pôr Lancelot no trono? — Sua raiva tinha sumido, substituída por uma melancolia.

— Não, senhor.

— O ano 500 deles teria vindo e todos estariam esperando que aquele absurdo Deus pregado numa cruz viesse em toda a glória. — Merlin estava olhando para os círculos enquanto falava, mas agora se virou para me olhar. — E se ele não viesse? — perguntou, perplexo. — Imagine que todos os cristãos estivessem preparados, todos com as melhores roupas, todos lavados, esfregados e rezando, e nada acontecesse?

— No ano 501 não haveria mais cristãos.

Merlin balançou a cabeça.

— Duvido. O negócio dos sacerdotes é explicar o inexplicável. Homens como Sansum teriam inventado um motivo, e as pessoas acreditariam porque querem demais acreditar. As pessoas não desistem da esperança por causa do desapontamento, Derfel, elas só redobram a esperança. Como vocês são idiotas!

— Então o senhor está com medo de que nada aconteça na véspera do Samain? — perguntei com uma súbita pena dele.

— Claro que estou com medo, seu débil mental. Nimue não está. — Ele olhou para Nimue, que estava nos olhando carrancuda. — Você é tão cheia de certeza, minha pequenina, não é? — zombou Merlin. — Mas eu, Derfel, eu gostaria de que nada disso tivesse sido necessário. Nós nem sabemos o que deve acontecer quando acendermos as fogueiras. Talvez os Deuses venham, mas talvez se demorem, não é? — Ele me deu um olhar feroz. — Se nada acontecer, Derfel, não significa que nada aconteceu. Entende isso?

— Acho que sim, senhor.

— Duvido. Nem sei por que me incomodo em desperdiçar explicações com você! É o mesmo que discursar para um boi sobre os pontos mais complexos da retórica! Você é um homem absurdo. Pode ir

agora. Já entregou Excalibur.

— Artur a quer de volta — falei, lembrando-me do recado de Artur.

— Tenho certeza de que sim, e talvez ele a tenha de volta quando Gawain terminar com ela. Ou talvez não. O que importa? Pare de me incomodar com bobagens, Derfel. E adeus. — Ele se afastou, de novo com raiva, mas parou depois de alguns passos para se virar e chamar Nimue. — Venha, garota!

— Vou me certificar de que Derfel vai embora — disse Nimue, e com essas palavras pegou meu cotovelo e me guiou para a muralha de terra interna.

— Nimue! — gritou Merlin.

Ela o ignorou, arrastando-me pela encosta coberta de grama até onde o caminho seguia ao longo da fortificação. Olhei para os complexos círculos de lenha.

— Vocês fizeram um trabalho enorme — falei sem jeito.

— E será tudo desperdiçado se não fizermos os rituais apropriados — disse Nimue em voz cortante. Merlin demonstrara raiva, mas sua raiva era principalmente fingida, e tinha chegado e sumido como um raio, mas a fúria de Nimue era profunda e violenta, e havia deixado tenso seu rosto branco e em forma de cunha. Ela nunca foi bonita, e a perda do olho dera ao rosto um ar temível, mas havia nela uma selvageria e uma inteligência que a tornava memorável, e agora, naquela alta fortificação batida pelo vento do oeste, ela parecia mais formidável do que nunca.

— Há algum perigo de que o ritual não seja feito adequadamente?

— Merlin é como você — disse ela, irada, ignorando minha pergunta. — Ele é emocional.

— Absurdo.

— E o que você sabe, Derfel? Você já teve de suportar os paroxismos dele? Já teve de discutir com ele? Já teve de tranquilizá-lo? Já teve de vê-lo cometer o maior erro de toda a história? — Ela cuspiu essas perguntas para mim. — Você precisa vê-lo desperdiçar todo esse esforço? — Ela apontou a mão magra para as fogueiras. — Você é um idiota — acrescentou, amarga. — Se Merlin peidar, você acha que é a sabedoria falando. Ele é um velho, Derfel, e não vai viver muito, e está perdendo o poder. E o poder, Derfel, vem de dentro. — Ela bateu com a mão entre os seios pequenos. Tinha parado no topo da fortificação e se virado para me olhar. Eu era um soldado forte, ela uma fatia minúscula de mulher, mas era mais poderosa do que eu. Sempre foi. Em Nimue corria uma paixão tão profunda, sombria e forte que quase nada podia enfrentá-la.

— Por que as emoções de Merlin ameaçam o ritual?

— Elas ameaçam, só isso! — disse Nimue, que em seguida se virou e foi andando.

— Diga.

— Nunca! — respondeu ela bruscamente. — Você é um idiota.

Fui andando atrás dela.

— Quem é Olwen, a Prateada?

— Uma garota escrava que compramos na Demétia. Ela foi capturada de Powys e nos custou mais de seis peças de ouro porque é muito bonita.

— É mesmo — falei, lembrando seu passo delicado pela noite silenciosa em Lindinis.

— Merlin também acha — disse Nimue, com escárnio. — Ele estremece ao vê-la, mas está velho demais e além disso temos de fingir que ela é virgem, por causa de Gawain. E ele acredita em nós! Mas aquele idiota acredita em tudo! Ele é um idiota.

— E vai se casar com Olwen quando isto tudo acabar?

Nimue gargalhou.

— Foi isso que prometemos ao idiota, mas assim que ele descobrir que ela nasceu escrava e não é um espírito, talvez mude de ideia. Então talvez ele a venda. Você gostaria de comprá-la? — Ela me lançou um olhar de lado.

— Não.

— Ainda é fiel a Ceinwyn? — perguntou zombeteira. — Como vai ela?

— Vai bem.

— E vem a Durnovária assistir às invocações?

— Não.

Nimue se virou para me lançar um olhar cheio de suspeita.

— Mas você vem?

— Vou assistir, sim.

— E Gwydre, você vai trazê-lo?

— Ele quer vir. Mas antes preciso pedir a permissão do pai.

— Diga a Artur que deve deixá-lo vir. Todas as crianças da Britânia deveriam assistir à invocação dos Deuses. Será uma visão para jamais esquecer, Derfel.

— Então vai acontecer? Apesar dos erros de Merlin?

— Vai acontecer — disse Nimue vingativamente. — Apesar de Merlin. Vai acontecer porque farei acontecer. Darei àquele velho o que ele quer, quer ele queira ou não. — Ela parou, virou-se e segurou minha mão esquerda espiando com o olho único a cicatriz na palma. Aquela cicatriz me ligava por juramento a ela, e senti que Nimue ia fazer alguma exigência, mas algum impulso de cautela a fez parar. Ela respirou fundo, me olhou e depois largou minha mão com a cicatriz. — Você pode encontrar seu caminho agora — falou num tom amargo, depois se afastou.

Desci o morro. As pessoas ainda se esforçavam subindo ao cume do Mai Dun com suas cargas de lenha. Durante nove horas, segundo

Gawain, as fogueiras deveriam queimar. Nove horas para encher um céu com chamas e trazer os Deuses à terra. Ou talvez, se os rituais fossem feitos do modo errado, as fogueiras não trouxessem nada.

E dentro de três noites descobriríamos.

Ceinwyn gostaria de ter ido a Durnovária assistir à invocação dos Deuses, mas a véspera do Samain é a noite em que os mortos andam na terra, e ela queria ter certeza de que deixaríamos presentes para Dian, e achava que o lugar para deixar esses presentes era onde Dian tinha morrido, por isso levou nossas duas filhas vivas às ruínas do Salão de Ermid e ali, entre as cinzas do salão, pôs uma jarra de mel diluído, um pouco de pão com manteiga e um punhado de nozes cobertas de mel, das quais Dian tanto gostava. As irmãs de Dian puseram algumas nozes e ovos cozidos nas cinzas, depois todas se abrigaram numa cabana próxima, na floresta, guardada por meus lanceiros. Elas não viram Dian, porque na véspera do Samain os mortos nunca se mostram, mas ignorar a presença deles é convidar o infortúnio. De manhã, Ceinwyn me disse mais tarde, a comida tinha sumido e a jarra estava vazia.

Eu estava em Durnovária, onde Issa se juntou a mim com Gwydre. Artur dera permissão ao filho para assistir à invocação, e Gwydre se mostrava empolgado. Estava com onze anos, cheio de alegria, vida e curiosidade. Tinha a compleição esguia do pai, mas herdara a boa aparência de Guinevere, porque tinha o nariz comprido e os olhos ousados da mãe. Havia malícia nele, mas não maldade, e tanto Ceinwyn quanto eu ficaríamos felizes se a profecia de seu pai se realizasse e ele se casasse com Morwenna. Essa decisão só seria tomada dentro de dois ou três anos, e até então Gwydre moraria conosco. Ele queria ir ao cume do Mai Dun e ficou desapontado quando expliquei que ninguém tinha permissão de ficar lá além dos que realizariam as cerimônias. Até as pessoas que tinham construído as grandes fogueiras foram mandadas embora durante o dia. Elas, como as centenas de outros curiosos que tinham vindo de toda a Britânia, assistiriam às invocações dos campos abaixo da antiga fortaleza.

Artur chegou na manhã da véspera do Samain, e vi a alegria com que ele encontrou Gwydre. O garoto era sua única fonte de felicidade naqueles dias sombrios. O primo de Artur, Culhwch, chegou de Dunum com meia dúzia de lanceiros.

— Artur disse que eu não deveria vir — disse-me ele, rindo —, mas não perderia isso. — Culhwch foi mancando cumprimentar Galahad, que passara os últimos meses com Sagramor, guardando a fronteira contra os saxões de Aelle, e apesar de ter obedecido às ordens de Artur, de ficar em seu posto, Sagramor tinha pedido a Galahad para ir à Durnovária e levar de volta às suas forças as notícias dos acontecimentos da noite. As grandes expectativas preocupavam Artur,

que temia que seus seguidores sentissem um desapontamento terrível caso nada acontecesse.

As expectativas só aumentaram, porque naquela tarde o rei Cuneglas de Powys entrou na cidade e trouxe uma dúzia de homens, inclusive seu filho Perddel, que agora era um jovem acanhado tentando deixar crescer o primeiro bigode. Cuneglas me abraçou. Ele era irmão de Ceinwyn, e o homem mais decente e honesto que jamais viveu. Tinha encontrado Meurig de Gwent na viagem para o sul, e agora confirmou a relutância daquele monarca em lutar contra os saxões.

— Ele acredita que Deus vai protegê-lo — disse Cuneglas, sério.

— E nós também — falei, apontando da janela do palácio de Durnovária para as encostas do Mai Dun, cobertas de pessoas que esperavam estar perto de qualquer coisa que a noite importante poderia trazer. Muitas pessoas haviam tentado subir ao topo do morro, mas os lanceiros Escudos Pretos de Merlin as estavam mantendo à distância. No campo logo ao norte da fortaleza um corajoso grupo de cristãos rezava ruidosamente para que seu Deus mandasse chuva para derrotar os ritos pagãos, mas foram expulsos por uma multidão furiosa. Uma mulher cristã foi espancada até desacordar, e Artur mandou seus soldados para manter a paz.

— Então o que vai acontecer esta noite? — perguntou-me Cuneglas.

— Talvez nada, senhor rei.

— Vim tão longe para não ver nada? — rosnou Culhwch. Ele era um homem atarracado, belicoso, boquirroto, que eu contava entre os meus melhores amigos. Mancava desde que uma lâmina saxã tinha penetrado fundo em sua perna numa batalha contra os guerreiros de Aelle perto de Londres, mas não se incomodava com a cicatriz enorme do ferimento, e ainda dizia ser um lanceiro tão formidável como sempre. — E o que está fazendo aqui? — perguntou a Galahad. — Eu pensava que você era cristão.

— E sou.

— Então está rezando pela chuva, não é? — acusou Culhwch.

Estava chovendo enquanto falávamos, mas não passava de uma garoa fina que vinha do oeste. Algumas pessoas achavam que o tempo bom acompanharia a garoa, mas havia pessimistas prevendo um dilúvio.

— Se cair chuva pesada esta noite — disse Galahad, instigando Culhwch —, você admitirá que meu Deus é maior do que o seu?

— Eu corto a sua garganta — rosnou Culhwch, que jamais faria uma coisa dessas porque, como eu, era amigo de Galahad há muitos anos.

Cuneglas foi falar com Artur, Culhwch desapareceu para tentar descobrir se uma garota ruiva ainda se oferecia numa taverna no portão norte da Durnovária, enquanto Galahad e eu fomos andando com o pequeno Gwydre até a cidade. A atmosfera era alegre, na verdade era

como se uma grande feira de outono tivesse enchido as ruas da Durnovária e se espalhado pelas campinas em volta. Mercadores tinham armado barracas, as tavernas estavam fazendo bons negócios, malabaristas fascinavam a multidão com suas habilidades e inúmeros bardos cantavam canções. Um urso amestrado subia e descia o morro da Durnovária abaixo da casa do bispo Emrys, ficando cada vez mais perigoso à medida que as pessoas lhe ofereciam tigelas de hidromel. Entrevi o bispo Sansum espiando a grande fera através de uma janela, mas quando me viu ele saltou para trás e fechou a janela.

— Durante quanto tempo ele ficará prisioneiro? — perguntou Galahad.

— Até que Artur o perdoe, coisa que ele fará, porque Artur sempre perdoa os inimigos.

— Que atitude cristã da parte dele!

— Que estupidez da parte dele! — falei, certificando-me de que Gwydre não ouvisse. Ele tinha ido olhar o urso. — Mas não consigo imaginar Artur perdoadando seu meio-irmão. Eu o vi há alguns dias.

— Lancelot? — perguntou Galahad, parecendo surpreso. — Onde?

— Com Cerdic.

Galahad fez o sinal da cruz, sem perceber os olhares de desprezo que isso atraiu. Na Durnovária, como na maioria das cidades da Dumnonia, a maior parte das pessoas era cristã, mas hoje as ruas estavam apinhadas de pagãos do campo, muitos deles ansiosos para arranjar brigas com seus inimigos cristãos.

— Você acha que Lancelot lutará por Cerdic?

— Alguma vez ele luta? — respondi causticamente.

— Ele pode.

— Então, se ele lutar, será por Cerdic.

— Então rezo pela chance de matá-lo — disse Galahad, e de novo fez o sinal da cruz.

— Se o esquema de Merlin der certo não haverá guerra, só um morticínio comandado pelos Deuses.

Galahad sorriu.

— Seja honesto comigo, Derfel, isso vai funcionar?

— É o que estamos aqui para ver — falei, evasivo, e de repente percebi que devia haver uma grande quantidade de espiões saxões na cidade, que teriam vindo ver a mesma coisa. Esses homens provavelmente seriam seguidores de Lancelot, britânicos que poderiam se misturar à multidão expectante que inchava durante todo o dia. Se Merlin fracassasse, pensei, os saxões ganhariam coragem e as batalhas de primavera seriam muito mais difíceis.

A chuva começou a cair com mais força, chamei Gwydre e nós três corremos de volta para o palácio. Gwydre implorou ao pai permissão para assistir à invocação a partir dos campos perto das muralhas de

terra de Mai Dun, mas Artur balançou a cabeça.

— Se chover assim, nada acontecerá mesmo. Você só vai pegar um resfriado, e aí... — ele parou abruptamente. Estava para dizer: “E aí sua mãe vai ficar furiosa comigo.”

— Aí você vai passar o resfriado para Morwenna e Seren — falei —, e vou pegar delas, e vou passar ao seu pai, e então todo o exército vai estar espirrando quando os saxões chegarem.

Gwydre pensou nisso durante um segundo, decidiu que era absurdo e puxou a mão do pai.

— Por favor!

— Você pode assistir do salão de cima, com o resto de nós — insistiu Artur.

— Então posso ir de novo olhar o urso, pai? Ele está ficando bêbado, e vão colocar cachorros para brigar com ele. Fico na soleira de uma porta, para ficar seco. Eu prometo. Por favor, papai.

Artur deixou-o ir e mandei Issa para guardá-lo, depois Galahad e eu subimos ao salão superior do palácio. Um ano antes, quando Guinevere ainda visitava algumas vezes esse palácio, ele era elegante e limpo, mas agora estava malcuidado, cheio de poeira e abandonado. Era uma construção romana, e Guinevere tentara restaurá-lo ao esplendor antigo, mas então o lugar tinha sido saqueado pelas forças de Lancelot durante a rebelião e nada fora feito para reparar os danos. Os homens de Cuneglas tinham feito uma fogueira no piso do salão, e o calor das toras estava estalando os pequenos ladrilhos. O próprio Cuneglas estava parado junto à ampla janela de onde olhava pensativo por cima dos tetos de palha e telha de Durnovária, em direção às encostas do Mai Dun que estavam quase escondidas pelo véu de chuva.

— O tempo vai melhorar, não vai? — perguntou ele quando entramos.

— Provavelmente vai piorar — disse Galahad e, justo naquele momento, o estrondo de um trovão soou ao norte e a chuva aumentou perceptivelmente até estar ricocheteando dez ou quinze centímetros nos telhados. A lenha no cume do Mai Dun estaria ficando encharcada, mas até agora apenas as camadas externas estariam molhadas, e a madeira no coração das pilhas continuaria seca. Na verdade, aquela madeira de dentro ficaria seca durante mais de uma hora debaixo da chuva pesada, e a madeira seca no interior de uma fogueira logo tiraria a umidade das camadas externas, mas se a chuva persistisse durante a noite as fogueiras nunca se acenderiam direito.

— Pelo menos a chuva vai deixar os bêbados mais sóbrios — observou Galahad.

O bispo Emrys apareceu na porta do salão, com as saias de seu manto de padre encharcadas e lamacentas. Ele deu um olhar preocupado para os temíveis lanceiros pagãos de Cuneglas, depois se apressou para

juntar-se a nós junto à janela.

— Artur está aí? — perguntou-me.

— Está em algum lugar no palácio — falei, depois apresentei Emrys ao rei Cuneglas, e acrescentei que o bispo era um dos nossos bons cristãos.

— Eu acho que todos nós somos bons, lorde Derfel — disse Emrys, curvando-se para o rei.

— Em minha opinião — falei —, os bons cristãos são os que não se rebelaram contra Artur.

— Aquilo foi uma rebelião? — perguntou Emrys. — Acho que foi uma loucura provocada pela esperança piedosa, e ousou dizer que o que Merlin está fazendo hoje é exatamente a mesma coisa. Suspeito de que ele ficará desapontado, assim como muitos dos meus pobres cristãos se desapontaram no ano passado. Mas no desapontamento desta noite o que pode acontecer? É por isso que estou aqui.

— O que acontecerá? — perguntou Cuneglas.

Emrys deu de ombros.

— Se os Deuses de Merlin não aparecerem, senhor rei, quem será o culpado? Os cristãos. E quem será trucidado pela multidão? Os cristãos. — Emrys fez o sinal da cruz. — Eu quero a promessa de Artur de que nos protegerá.

— Tenho certeza de que ele o fará de boa vontade — disse Galahad.

— Para o senhor, bispo — acrescentei —, ele fará. — Emrys tinha permanecido leal a Artur e era um bom homem, mesmo sendo tão cauteloso no conselho quanto pesado no corpo velho. Como eu, o bispo era membro do Conselho Real, o grupo que ostensivamente aconselhava Mordred, mas agora que nosso rei era prisioneiro em Lindinis o conselho raramente se reunia. Artur se encontrava em particular com os conselheiros, depois tomava suas decisões, mas as únicas decisões que realmente precisavam ser tomadas eram as que preparavam a Dumnonia para a invasão saxã, e todos nós estávamos contentes em deixar que Artur carregasse o fardo.

Um raio bifurcado cortou as nuvens cinzentas, e um instante depois o estalo de um trovão soou tão alto que todos nos encolhemos involuntariamente. A chuva, já forte, intensificou-se de súbito, batendo furiosamente nos tetos e criando riachos de água lamacenta nas ruas e becos de Durnovária. Poças se espalhavam no chão do salão.

— Talvez os Deuses não queiram ser invocados, não é? — observou Cuneglas, mal-humorado.

— Merlin diz que eles estão distantes — falei —, portanto, essa chuva não é obra deles.

— O que prova, sem dúvida, que há um Deus maior por trás da chuva — argumentou Emrys.

— A seu pedido? — indagou Cuneglas acidamente.

— Não rezei pela chuva, senhor rei. Na verdade, se for do seu agrado, posso rezar para que a chuva pare. — E com isso ele fechou os olhos, abriu os braços e levantou a cabeça em oração. A solenidade do momento foi um tanto estragada por uma gota de água da chuva que atravessou as telhas e caiu direto em sua testa tonsurada, mas ele terminou a oração e fez o sinal da cruz.

E milagrosamente, no momento em que a mão gorducha de Emrys tinha feito o sinal da cruz sobre seu manto sujo, a chuva começou a diminuir. Algumas rajadas ainda vieram fortes no vento oeste, mas o tamborilar no teto terminou abruptamente e o ar entre nossa alta janela e a crista do Mai Dun começou a se limpar. O morro ainda estava escuro sob as nuvens cinzentas, e nada havia para ser visto na antiga fortaleza, a não ser um punhado de lanceiros guardando as paredes de terra e, abaixo deles, alguns peregrinos que tinham se alojado o mais alto que ousavam na encosta do morro. Emrys não tinha certeza se deveria ficar satisfeito ou desanimado com a eficácia de sua oração, mas o resto de nós ficou impressionado, especialmente quando se abriu uma fenda nas nuvens do oeste e um raio de luz do sol surgiu inclinado, deixando verdes as encostas do Mai Dun.

Escravos nos trouxeram hidromel aquecido e carne de veado fria, mas eu não tinha apetite. Em vez disso olhava o dia afundar na tarde e as nuvens se esfarraparem. O céu estava clareando e o oeste se tornava uma grande fornalha em vermelho acima da distante Lyonesse. O sol ia se pondo na véspera do Samain e por toda a Britânia, e mesmo na cristã Irlanda, as pessoas deixavam comida e bebida para os mortos que cruzariam o golfo de Annwn sobre a ponte de espadas. Esta era a noite em que a procissão fantasmagórica dos corpos de sombra vinha visitar a terra onde tinham respirado, amado e morrido. Muitos tinham morrido no Mai Dun, e nesta noite o morro estaria cheio de suas fúrias; então, inevitavelmente, pensei no pequeno corpo de sombra de Dian vagueando entre as ruínas do salão de Ermid.

Artur veio ao salão e pensei em como ele ficava diferente sem Excalibur pendurada dentro de sua bainha com bordados em cruz. Ele grunhiu ao ver que a chuva tinha parado, depois ouviu o pedido do bispo Emrys.

— Meus lanceiros irão para as ruas — garantiu ao bispo — e desde que o seu pessoal não provoque os pagãos, eles estarão em segurança. — Artur pegou um chifre de hidromel com um escravo e em seguida se virou de novo para o bispo. — Eu queria mesmo vê-lo. — E em seguida contou ao bispo suas preocupações com relação ao rei Meurig de Gwent. — Se Gwent não lutar, os saxões estarão em número maior do que nós.

Emrys ficou pálido.

— Gwent não deixará a Dumnonia cair, sem dúvida!

— Gwnet foi subornado, bispo — falei e descrevi como Aelle permitira a entrada dos missionários de Meurig em seu território. — Enquanto achar que há uma chance de converter os saxões, Meurig não lutará contra eles.

— Devo me regozijar com a ideia de evangelizar os saxões — disse Emrys piedosamente.

— Não — alertei. — Assim que tiverem servido aos objetivos de Aelle, aqueles padres terão suas gargantas cortadas.

— E depois ele cortará as nossas — acrescentou Cuneglas, carrancudo. Ele e Artur tinham decidido fazer uma visita em conjunto ao rei de Gwent, e agora Artur insistiu em que Emrys se juntasse aos dois. — Meurig irá ouvi-lo, bispo, e se puder convencê-lo de que os cristãos da Dumnonia estão mais ameaçados pelos saxões do que por mim, talvez ele mude de ideia.

— Irei com prazer — disse Emrys. — Com muito prazer.

— E no mínimo o jovem Meurig precisará ser persuadido a deixar meu exército atravessar seu território — disse Cuneglas.

Artur ficou alarmado.

— Ele poderia recusar?

— É o que meus informantes dizem — confirmou Cuneglas, depois deu de ombros. — Mas se os saxões vierem, Artur, cruzarei o território dele, quer ele dê permissão ou não.

— Então haverá guerra entre Gwent e Powys — observou Artur, azedo —, o que só ajudará aos saxões. — E estremeceu. — Por que Tewdric abdicou do trono? — Tewdric era o pai de Meurig e, mesmo sendo cristão, sempre liderara seus homens contra os saxões, ao lado de Artur.

A última luz avermelhada no oeste se desbotou. Por alguns instantes, o mundo ficou suspenso entre luz e escuridão, e então o golfo nos engoliu. Ficamos parados na janela, sentindo o frio do vento úmido, e vimos as primeiras estrelas perfurarem os abismos nas nuvens. A lua crescente estava baixa sobre o mar do sul, onde sua luz surgia difusa nas bordas de uma nuvem que escondia as estrelas que formavam a cabeça da constelação da serpente. Era o anoitecer da véspera do Samain, e os mortos estavam vindo.

Algumas fogueiras iluminavam as casas de Durnovária, mas o campo mais além estava absolutamente negro, a não ser onde um raio de luar prateava um trecho de árvores na encosta de um monte distante. O Mai Dun não passava de uma sombra pairando na escuridão, um negror no coração negro da noite morta. A escuridão se aprofundou, mais estrelas apareceram e a lua voou louca entre as nuvens esfarrapadas. Agora os mortos estavam passando sobre a ponte de espadas, e estavam aqui entre nós, no palácio, nas ruas, em cada vale, cidade e lar da Britânia, enquanto nos campos de batalha, onde tantas

almas tinham sido arrancadas de seus corpos terrenos, eles vagueavam em bandos densos como os de estorninhos. Dian estava sob as árvores do salão de Ermid, e os corpos de sombra ainda continuavam passando pela ponte de espadas para preencher a ilha da Britânia. Um dia, pensei, eu também viria nessa noite ver meus filhos, os filhos deles e os filhos de seus filhos. Por todo o tempo, pensei, minha alma vagaria pela terra em cada véspera de Samain.

O vento se acalmou. De novo a lua estava escondida por um grande ajuntamento de nuvens que pairava sobre a Armórica, mas acima de nós o céu estava mais claro. As estrelas, onde os Deuses viviam, chamejavam no vazio. Culhwch tinha voltado ao palácio e se juntou a nós na janela, onde nos apinhávamos para olhar a noite. Gwydre tinha voltado da cidade, mas depois de um tempo ficou chateado de olhar para uma escuridão úmida e foi ver seus amigos entre os lanceiros do palácio.

— Quando os ritos começam? — perguntou Artur.

— Ainda falta muito tempo — alertei. — As fogueiras devem queimar durante seis horas antes do início da cerimônia.

— Como Merlin conta as horas? — perguntou Cuneglas.

— Na cabeça, senhor rei — respondi.

Os mortos deslizavam entre nós. O vento tinha parado totalmente, e a imobilidade fazia os cães uivarem na cidade. As estrelas, emolduradas pelas nuvens com bordas de prata, pareciam ter um brilho que não era natural.

E então, subitamente, do escuro dentro do escuro áspero da noite, no amplo cume cercado do Mai Dun, a primeira fogueira se acendeu e teve início a invocação dos Deuses.

DURANTE UM MOMENTO AQUELA chama única saltou pura e brilhante sobre as fortificações do Mai Dun, então os fogos se espalharam até que toda a ampla tigela formada pelos barrancos gramados das muralhas da fortaleza estivesse cheia de uma luz fraca e enfumaçada. Imaginei homens jogando tochas nas altas cercas de lenha, depois correndo com a chama para carregar o fogo até a espiral do centro ou ao longo dos anéis externos. A princípio o fogo pegou lentamente, as chamas lutando contra a madeira molhada e sibilante que estava por cima, mas o calor gradualmente evaporou a umidade e o clarão se tornou cada vez maior, até que por fim o fogo tivesse tomado conta de todo aquele desenho e a luz surgisse gigantesca e triunfante na noite. A crista do morro era agora uma coroa de fogo, um tumulto de chamas sobre o qual a fumaça se tingia de vermelho subindo para o céu. As fogueiras produziam luz suficiente para lançar sombras tremulantes na Durnovária, onde as ruas estavam cheias de pessoas; algumas tinham até mesmo subido nos telhados para assistir à conflagração distante.

— Seis horas? — perguntou Culhwch, incrédulo.

— Foi o que Merlin me disse.

Culhwch cuspiu.

— Seis horas! Eu poderia voltar para a ruiva!

Mas ele não se mexeu. Na verdade, nenhum de nós se mexeu; em vez disso, olhamos aquela dança de chamas acima do morro. Era a pira funerária de toda a Britânia, o fim da história, a invocação dos Deuses, e ficamos olhando num silêncio tenso como se esperássemos ver a fumaça lívida se partir com a descida dos Deuses.

Foi Artur quem rompeu a tensão.

— Comida — falou carrancudo. — Se tivermos de esperar seis horas, é melhor comer.

Houve pouca conversa durante a refeição, e a maior parte do que foi dito tinha a ver com o rei Meurig de Gwent e a terrível possibilidade de que ele mantivesse seus lanceiros longe da guerra que viria. Se é que haveria guerra, eu continuava pensando, e constantemente olhava pela janela, para onde as chamas saltavam e a fumaça borbulhava. Tentei avaliar a passagem das horas, mas na verdade não imaginava se haviam se passado uma ou duas horas até que a refeição terminasse, e de novo estávamos parados junto à grande janela aberta, olhando para o Mai Dun, onde, pela primeira vez, os Tesouros da Britânia tinham sido reunidos. Lá estava o Cesto de Garantir, que era um prato tecido com salgueiro, capaz de carregar um pão e alguns peixes, mas agora a trama

estava tão estragada que qualquer mulher respeitável teria há muito tempo jogado o cesto no fogo. O Chifre de Bran Galed era um chifre de boi que estava preto pela idade e lascado nas bordas com acabamento de latão. A Carruagem de Modron tinha sido quebrada no correr dos anos e estava tão pequena que apenas uma criança poderia andar nela, na verdade, só se ela pudesse ser montada de novo. O Cabresto de Eiddyn era um cabresto de boi, feito de corda esfiapada e anéis de ferro enferrujado, que até mesmo o camponês mais pobre hesitaria em usar. A Faca de Laufrodedd era cega e com a lâmina larga, e tinha o cabo de madeira quebrado, enquanto a Pedra de Amolar de Tudwal era um objeto gasto que qualquer artesão teria vergonha de possuir. A Capa de Padarn estava puída e remendada, era a roupa de um mendigo, mas ainda em melhor estado do que o Manto de Rhegadd, que supostamente daria invisibilidade ao usuário, mas que agora mal passava de uma teia de aranha. O Prato de Rhygenydd era uma tigela rasa de madeira, rachada a ponto de ser impossível de usar, enquanto o Tabuleiro de Gwenddolau era um pedaço de madeira velha e empenada onde as marcas do jogo tinham desaparecido quase completamente. O Anel de Eluned parecia um anel de guerreiro comum, os círculos simples de metal que os lanceiros gostavam de fazer a partir das armas dos inimigos, mas todos nós tínhamos jogado fora anéis de guerreiro com aparência melhor do que o Anel de Eluned. Só dois dos Tesouros tinham algum valor intrínseco. Um era a Espada de Rhydderch, Excalibur, que havia sido forjada no Outro Mundo pelo próprio Gofannon, e o outro era o Caldeirão de Clyddno Eiddyn. Agora todos eles, tanto aqueles em mau estado quanto os esplêndidos, estavam cercados por fogo, sinalizando aos seus Deuses distantes.

O céu ainda estava clareando, mas algumas nuvens continuavam agrupadas no horizonte sul, onde, à medida que penetrávamos mais naquela noite dos mortos, raios começaram a tremular. Aqueles raios eram o primeiro sinal dos Deuses e, temendo-os, toquei o ferro do punho de Hywelbane. Mas os grandes clarões de luz estavam longe, muito longe, talvez acima do mar distante ou mesmo mais além, sobre a Armórica. Durante uma hora ou mais, os raios assolaram o horizonte sul, mas sempre em silêncio. Uma vez uma nuvem inteira pareceu se iluminar por dentro. Todos ficamos boquiabertos e o bispo Emrys fez o sinal da cruz.

Os raios distantes foram se acabando, deixando apenas o fogo feroz dentro das fortificações de Mai Dun. Era uma fogueira de sinalização destinada a atravessar o golfo de Annwn, um clarão para chegar ao escuro entre os mundos. O que os mortos estariam pensando?, perguntei-me. Haveria uma horda de almas-sombras reunindo-se em volta do Mai Dun para testemunhar a invocação dos Deuses? Imaginei os reflexos daquelas chamas tremulando nas lâminas de aço da ponte de

espadas e talvez chegando ao próprio Outro Mundo, e confesso que fiquei com medo. Os raios tinham desaparecido e agora nada parecia estar acontecendo além da grande violência do fogo, mas acho que todos tínhamos consciência de que o mundo tremia na borda da mudança.

Então, em algum momento daquelas horas que passavam, veio o próximo sinal. Foi Galahad quem viu primeiro. Ele fez o sinal da cruz, olhou pela janela como se não pudesse acreditar no que via, depois apontou para acima da grande pluma de fumaça que lançava um véu sob as estrelas.

— Estão vendo? — perguntou ele e todos nos comprimimos na janela para olhar para cima.

E vi que as luzes do céu noturno tinham vindo.

Todos tínhamos visto essas luzes antes, mas não com frequência, mas a chegada nesta noite era certamente significativa. A princípio havia apenas uma névoa azul tremulante no escuro, mas pouco a pouco a névoa ficou mais forte e mais luminosa, e uma cortina vermelha de fogo se juntou ao azul, pairando como um tecido ondulado entre as estrelas. Merlin tinha me dito que aquelas luzes eram comuns no norte distante, mas estas estavam pairando no sul, e então, gloriosamente, abruptamente, todo o espaço sobre nossas cabeças foi coberto de cascatas azuis, prateadas e carmesins. Todos descemos ao pátio para ver melhor, e ali ficamos pasmos enquanto os céus luziam. Do pátio não podíamos ver mais as fogueiras do Mai Dun, mas sua luz preenchia o céu do sul, assim como as luzes mais estranhas se arqueavam gloriosamente acima de nossas cabeças.

— Acredita agora, bispo? — perguntou Culhwch.

Emrys parecia incapaz de falar, mas então estremeceu e tocou a cruz de madeira pendurada em seu pescoço.

— Nunca negamos a existência de outros poderes. Só achamos que nosso Deus é o único Deus verdadeiro.

— E os outros Deuses são o quê? — perguntou Cuneglas.

Emrys franziu a testa, a princípio incapaz de responder, mas a honestidade o fez falar:

— São poderes das trevas, senhor rei.

— Sem dúvida são poderes da luz — disse Artur, pasmo, porque até ele ficou impressionado. Artur, que preferiria que os Deuses nunca nos tocassem, estava vendo o poder deles no céu, e ficou cheio de espanto. — E o que acontece agora?

Ele tinha perguntado a mim, mas foi o bispo Emrys quem respondeu:

— Haverá morte, senhor.

— Morte? — perguntou Artur, sem saber se tinha ouvido corretamente.

Emrys tinha ido para baixo da arcada, como se temesse a força da

magia que tremulava e fluía tão luminosa contra as estrelas.

— Todas as religiões usam a morte, senhor — disse com pedantismo. — Até a nossa acredita no sacrifício. Só que no cristianismo foi o Filho de Deus que morreu para que ninguém mais precisasse ser esfaqueado num altar, mas não consigo pensar numa religião que não use a morte como parte de seu mistério. Osíris foi morto. — De repente, ele percebeu que estava falando do culto a Ísis, a perdição da vida de Artur, e se apressou: — Mitra morreu também, e seu culto exige a morte de touros. Todos os nossos Deuses morrem, senhor, e todas as religiões, menos o cristianismo, recriam essas mortes como parte do culto.

— Nós, cristãos, ultrapassamos a morte e chegamos à vida — disse Galahad.

— Graças a Deus — concordou Emrys, fazendo o sinal da cruz. — Mas Merlin não. — As luzes no céu estavam mais fortes agora: grandes cortinas de cores através das quais, como fios numa tapeçaria, clarões de luz branca se retorciam e caíam. — A morte é a magia mais poderosa — disse o bispo, desaprovando. — Um Deus misericordioso não permitiria, e nosso Deus terminou isso com a morte de Seu próprio Filho.

— Merlin não usa a morte — disse Culhwch, irado.

— Usa — falei em voz baixa. — Antes de irmos pegar o Caldeirão, ele fez um sacrifício humano. Ele me contou.

— Quem? — perguntou Artur, incisivo.

— Não sei, senhor.

— Ele provavelmente estava inventando — replicou Culhwch, olhando para cima. — Merlin gosta de fazer isso.

— Ou mais provavelmente estava dizendo a verdade — replicou Emrys. — A religião antiga exigia muito sangue, e geralmente era humano. Sabemos muito pouco, claro, mas me lembro do velho Balise falando que os druidas gostavam de matar humanos. Geralmente eram prisioneiros. Alguns eram queimados vivos, outros lançados em poços da morte.

— E alguns escapavam — acrescentei em voz baixa, porque eu mesmo fora lançado no poço da morte de um druida quando era criança, e a fuga daquele horror de mortes e corpos partidos levava à minha adoção por parte de Merlin.

Emrys ignorou meu comentário.

— Em outras ocasiões, claro, um sacrifício mais valioso era exigido. Em Elmet e na Cornóvia ainda falam do sacrifício feito no Ano Negro.

— Que sacrifício foi esse? — perguntou Artur.

— Pode ser apenas uma lenda — disse Emrys —, porque aconteceu há muito tempo para que a lembrança seja exata. — O bispo estava falando do Ano Negro em que os romanos tinham capturado Ynys Mon e arrancado o coração da religião dos druidas, um evento sombrio que acontecera há mais de quatrocentos anos no nosso passado. — Mas as

peças daquela região ainda falam do sacrifício do rei Cefydd. Faz muito tempo desde que ouvi a história, mas Balise sempre acreditou nela. Cefydd, claro, estava enfrentando o exército romano, e parecia provável que seria derrotado, de modo que sacrificou sua posse mais valiosa.

— E que foi o quê? — perguntou Artur. Ele tinha se esquecido das luzes no céu e estava olhando fixamente para o bispo.

— Seu filho, claro. Era sempre assim, senhor. Nosso Deus sacrificou Seu Filho, Jesus Cristo, e até mesmo pediu a Abraão que matasse Isaac, ainda que, é claro, Ele tenha chegado a hesitar nesse desejo. Mas os druidas persuadiram Cefydd a matar o filho. Não deu certo, claro. A história registra que os romanos mataram Cefydd e todo o seu exército, e em seguida destruíram os bosques dos druidas em Ynys Mon. — Senti que o bispo estava tentado a acrescentar alguns agradecimentos ao seu Deus por essa destruição, mas Emrys não era um Sansum, e teve tato suficiente para não verbalizar o agradecimento.

Artur foi até a arcada.

— O que está acontecendo no topo daquele morro, bispo? — perguntou em voz grave.

— Não sei dizer, senhor — disse Emrys, indignado.

— Mas você acha que há uma matança?

— Acho possível, senhor — disse Emrys, nervoso. — Acho até mesmo provável.

— Estarão matando quem? — perguntou Artur, e a aspereza em sua voz fez cada homem no pátio se virar da glória do céu para olhá-lo.

— Se é o antigo sacrifício, senhor, e o sacrifício supremo, deve ser o filho de um governante.

— Gawain, filho de Budic — falei em voz baixa. — E Mardoc.

— Mardoc? — Artur girou em minha direção.

— Um filho de Mordred — respondi, entendendo subitamente por que Merlin tinha me perguntado sobre Cywwyllog, e por que tinha levado a criança ao Mai Dun, e por que tinha tratado o menino tão bem. Por que eu não havia entendido antes? Agora parecia óbvio.

— Onde está Gwydre? — perguntou Artur subitamente.

Durante alguns segundos ninguém respondeu, então Galahad fez um gesto para a guarita.

— Ele estava com os lanceiros enquanto jantávamos.

Mas Gwydre não estava mais lá, nem no quarto onde Artur dormia quando ficava em Durnovária. Não foi encontrado em lugar nenhum, e ninguém se lembrava de tê-lo visto desde o anoitecer. Artur se esqueceu totalmente das luzes mágicas enquanto revirava o palácio, procurando dos porões até o pomar, mas sem encontrar sinal do filho. Eu estava pensando nas palavras que Nimue me dissera no Mai Dun, quando havia me encorajado a trazer Gwydre à Durnovária, e estava me

lembrando da discussão dela com Merlin em Lindinis, sobre quem realmente reinava na Dumnonia, e não queria acreditar em minhas suspeitas, mas não podia ignorá-las.

— Senhor — puxei a manga de Artur. — Acho que ele foi levado ao morro. Não por Merlin, mas por Nimue.

— Ele não é filho de um rei — disse Emrys nervosamente.

— Gwydre é filho de um governante! — gritou Artur. — Alguém aqui nega isso? — Ninguém negou, e de repente ninguém ousava dizer uma palavra. Artur se virou para o palácio. — Hygwydd! Uma espada, lança, escudo, Llamrei! Depressa!

— Senhor! — interveio Culhwch.

— Quietos! — gritou Artur. Agora ele estava furioso, e foi em mim que descarregou a raiva porque eu o tinha encorajado a deixar Gwydre vir à Durnovária. — Você sabia o que ia acontecer? — perguntou.

— Claro que não, senhor. Ainda não sei. Acha que eu faria algum mal a Gwydre?

Artur me olhou, mal-encarado, depois se virou.

— Nenhum de vocês precisa vir — falou por sobre o ombro —, mas vou ao Mai Dun pegar meu filho. — Ele atravessou o pátio até onde Hygwydd, seu serviçal, estava segurando Llamrei enquanto um cavaleiro punha a sela no animal.

Confesso que por alguns segundos não me mexi. Não queria me mexer. Queria que os Deuses viessem. Queria que todos os nossos problemas terminassem com o bater de grandes asas e o milagre de Beli Mawr pisando na terra. Queria a Britânia de Merlin.

E então me lembrei de Dian. Será que minha filha mais nova estava no pátio do palácio naquela noite? Sua alma devia estar na terra, porque era a véspera do Samain, e de repente havia lágrimas em meus olhos enquanto me lembrava da agonia de perder uma filha. Não poderia ficar no pátio do palácio da Durnovária enquanto Gwydre morria, nem enquanto Mardoc sofria. Não queria ir ao Mai Dun, mas sabia que não poderia encarar Ceinwyn se não fizesse nada para impedir a morte de uma criança, por isso acompanhei Artur e Galahad.

Culhwch tentou me impedir.

— Gwydre é filho de uma prostituta — rosnou ele, baixo demais para Artur ouvir.

Optei por não discutir a linhagem do filho de Artur.

— Se Artur for sozinho, ele vai ser morto. Há duas vintenas de Escudos Pretos naquele morro.

— E se formos nos tornaremos inimigos de Merlin — alertou Culhwch.

— E se não formos tornaremos Artur um inimigo.

Cuneglas veio para o meu lado e pôs a mão em meu ombro.

— E então?

— Vou com Artur — respondi. Eu não queria ir, mas não podia fazer outra coisa. — Issa! — gritei. — Um cavalo!

— Se você vai — resmungou Culhwch —, acho que terei de ir. Só para me garantir que você não seja machucado. — E, de repente, todos estávamos gritando e pedindo cavalos, armas e escudos.

Por que fomos?, pensei frequentemente naquela noite. Ainda posso ver as luzes tremulantes sacudindo as estrelas e sentir o cheiro da fumaça que vinha do cume do Mai Dun, e o grande peso da magia possuindo a Britânia, mas mesmo assim fomos. Sei que estava confuso naquela noite rasgada pelas chamas. Era impulsionado por um sentimentalismo por causa da morte de uma criança e pela lembrança de Dian, e pela minha culpa porque tinha encorajado Gwydre a estar na Durnovária. Mas acima de tudo havia meu afeto por Artur. E quanto ao meu afeto por Merlin e Nimue? Acho que nunca pensei que eles precisassem de mim, mas Artur precisava, e naquela noite em que a Britânia estava presa entre o fogo e a luz, fui encontrar seu filho.

Éramos doze. Artur, Galahad, Culhwch, Derfel e Issa eram os dumnonianos, os outros eram Cuneglas e seus seguidores. Hoje, quando a história ainda é contada, as crianças aprendem que Artur, Galahad e eu éramos os três destruidores da Britânia, mas éramos doze cavaleiros naquela noite dos mortos. Não tínhamos armadura, apenas os escudos, mas cada homem carregava uma lança e uma espada.

As pessoas se encolhiam para os cantos da rua iluminada pelas fogueiras enquanto íamos até o portão sul da Durnovária. O portão estava aberto, como era deixado em todas as vésperas de Samain para dar acesso aos mortos. Abaixamo-nos sob as traves do portão e depois galopamos para o sul e o oeste, entre campos cheios de pessoas que olhavam fascinadas para a mistura de chamas e fumaça que escorria do cume do morro.

Artur estabeleceu um ritmo aterrorizante, e eu me agarrava ao arção temendo ser jogado longe. Nossas capas adejavam, as bainhas das espadas subiam e desciam, e acima de nós os céus estavam cheios de fumaça e luz. Eu sentia o cheiro de madeira queimando e ouvia o estalar das chamas muito antes de chegarmos à encosta do morro.

Ninguém tentou nos impedir enquanto instigávamos os cavalos para cima. Só quando chegamos ao emaranhado complexo do labirinto do portão alguns lanceiros se opuseram. Artur conhecia a fortaleza — porque quando ele e Guinevere moravam na Durnovária os dois costumavam subir ao cume no verão — e nos guiou tranquilamente pela passagem tortuosa. E foi ali que três Escudos Pretos levantaram as lanças para nos fazer parar. Artur não hesitou. Bateu com os calcanhares, apontou a lança comprida e deixou Llamrei correr. Os Escudos Pretos saíram de lado, gritando impotentes enquanto os grandes cavalos passavam trovejando.

Agora a noite era toda feita de ruídos e luzes. O barulho era de um incêndio gigantesco e do estalar de árvores inteiras no coração das chamas famintas. A fumaça escondia as luzes do céu. Havia lanceiros gritando para nós do topo das paredes de terra, mas nenhum se opôs enquanto atravessávamos a parede interna e entrávamos no cume do Mai Dun.

E ali fomos parados, não por Escudos Pretos, mas por um jorro de calor escaldante. Vi Llamrei recuar e se afastar das chamas, vi Artur agarrado à crina da égua e vi os olhos do animal lampejarem com o reflexo vermelho do fogo. O calor era como mil fornalhas de ferreiro: um choque de ar escaldante que fez com que nos encolhêssemos e recuássemos. Eu não podia ver nada dentro das chamas, porque o centro do desenho de Merlin estava escondido pelas paredes de fogo. Artur esporeou Llamrei até onde eu estava.

— Por onde? — gritou ele.

Devo ter dado de ombros.

— Como Merlin entra? — perguntou Artur.

Tentei adivinhar.

— Pelo lado mais distante, senhor. — O templo ficava no lado leste do labirinto de fogo, e suspeitava de que uma passagem teria sido deixada através das espirais externas.

Artur puxou as rédeas e instigou Llamrei subindo a muralha interna até o caminho que seguia pela crista. Os Escudos Pretos se dispersaram, em vez de enfrentá-lo. Subimos o barranco atrás de Artur e, apesar de aterrorizados com o incêndio à direita, nossos cavalos seguiram Llamrei em meio às fagulhas e à fumaça. Num momento uma grande seção da fogueira desmoronou enquanto passávamos a galope, e minha égua se desviou daquele inferno para a face externa da muralha de terra. Por um segundo achei que ela ia cair no fosso e fiquei pendurado desesperadamente, fora da sela, com a mão direita emaranhada em sua crina, mas de algum modo ela recuperou o passo, voltou ao caminho e continuou galopando.

Assim que ultrapassamos a ponta norte dos grandes anéis de fogo, Artur se virou de novo para o platô no cume. Um carvão em brasa tinha pousado em sua capa branca e começou a chamuscar a lã. Cavalguei até o seu lado para apagar a chama.

— Onde? — gritou ele para mim.

— Ali, senhor — aponte para as espirais de fogo mais próximas do templo. Eu não podia ver qualquer abertura lá, mas à medida que chegávamos mais perto ficou evidente que houvera uma abertura que tinha sido fechada com lenha, mas agora essa linha nova estava empilhada quase tão densamente quanto o resto, e havia um espaço estreito onde o fogo, em vez de subir dois e meio ou três metros de altura, não era mais alto do que a cintura de um homem. Do outro lado

daquela abertura baixa ficava o espaço aberto entre as espirais externas e internas, e naquele espaço pudemos ver mais Escudos Pretos esperando.

Artur foi com Llamrei até a abertura. Estava se inclinando à frente, falando com o animal, quase como se explicasse o que queria. A égua estava apavorada. Suas orelhas ficavam estremeando e ela dava passos nervosos e curtos, mas não se afastou do fogo feroz de cada um dos lados da única passagem para o coração do incêndio no topo do morro. Artur a fez parar a alguns passos da abertura e a acalmou, ainda que a cabeça da égua ficasse balançando e seus olhos estivessem arregalados e brancos. Ele a deixou olhar para a abertura, depois deu um tapinha em seu pescoço, falou com ela de novo e a fez girar.

Trotou num círculo amplo, esporeou-a para o centro e depois esporeou de novo enquanto apontava para a abertura. Llamrei balançou a cabeça e pensei que iria refugar, depois ela pareceu se decidir e voou para as chamas. Cuneglas e Galahad foram atrás. Culhwch xingou por causa do risco que estávamos correndo, depois todos nós esporeamos os animais, indo atrás de Llamrei.

Artur se agachou sobre o pescoço da égua enquanto ela ia em direção ao fogo. Estava deixando Llamrei escolher o caminho, e ela diminuiu a velocidade de novo. Achei que a égua iria sair de lado, depois vi que estava se preparando para o salto entre as chamas. Eu estava gritando, tentando encobrir meu medo, depois Llamrei pulou e a perdi de vista enquanto o vento puxava uma capa de fumaça chamejante sobre a abertura. Galahad passou em seguida pelo espaço, mas o cavalo de Cuneglas refugou. Eu galopava a toda velocidade atrás de Culhwch, e o calor e o clamor do fogo preenchiam o ar ruidoso. Acho que eu meio que queria que minha montaria refugasse, mas ela continuou andando e fechei os olhos quando a chama e a fumaça me rodearam. Senti a égua subir, ouvi-a relinchar, depois caímos dentro do anel externo de chamas e senti um vasto alívio e quis gritar de triunfo.

Então uma lança rasgou minha capa logo atrás do ombro. Eu estava tão preocupado em sobreviver ao fogo que não tinha pensado no que nos esperava dentro do anel de chamas. Um Escudo Preto tinha me golpeado e errado, mas agora abandonou a lança e correu para me tirar da sela. Ele estava perto demais para que a lâmina de minha lança fosse útil, por isso simplesmente bati com o cabo na sua cabeça e esporeei a égua. O homem agarrou minha lança. Soltei-a, desembainhei Hywelbane e dei um golpe para trás. Vislumbrei Artur circulando com Llamrei e brandindo sua espada à esquerda e à direita, e agora fiz o mesmo. Galahad chutou o rosto de um homem, acertou outro com a lança e em seguida foi em frente. Culhwch tinha agarrado a crista do elmo de um Escudo Preto e estava arrastando o homem para o fogo. O homem tentou desesperadamente desamarrar a correia do queixo, depois gritou

quando Culhwch lançou-o nas chamas antes de girar e ir embora.

Agora Issa estava passando pela abertura, assim como Cuneglas e seus seis seguidores. Os Escudos Pretos sobreviventes tinham fugido para o centro do labirinto de fogo e fomos atrás, trotando entre duas paredes de chamas. A espada emprestada, na mão de Artur, estava vermelha com a luz. Ele esporeou Llamrei, que começou a galopar, e os Escudos Pretos, sabendo que seriam apanhados, correram de lado e largaram as lanças para mostrar que não lutariam mais.

Tínhamos de cavalgar por metade do círculo para encontrar a entrada da espiral interna. A passagem entre as fogueiras internas e externas tinha uns bons trinta passos de largura, suficientemente ampla para que cavalgássemos sem ser assados vivos, mas o espaço dentro da passagem em espiral media menos de dez passos de largura, e aquelas eram as maiores fogueiras, as mais ferozes, e todos hesitamos na entrada. Ainda não podíamos ver nada do que acontecia dentro do círculo. Será que Merlin sabia que estávamos ali? E os Deuses? Olhei para cima, meio que esperando uma lança vingativa descendo do alto, mas havia apenas a cúpula retorcida da fumaça amortalhando o céu torturado pelo fogo e pela cascata de luz.

Assim entramos na última espiral. Cavalgávamos rapidamente, galopando numa curva fechada entre o rugido das chamas que saltavam. Nossas narinas se enchiam de fumaça enquanto as brasas chamuscavam o rosto, mas a cada volta chegávamos mais perto do centro do mistério.

O barulho das fogueiras obscureceu nossa chegada. Acho que Merlin e Nimue não faziam ideia de que seu ritual estava para ser encerrado, porque não nos viam. Em vez disso os guardas no centro do círculo nos viram primeiro e correram para se opor, mas Artur saiu das fogueiras como um demônio vestido de fumaça. Na verdade suas roupas arrastavam fumaça enquanto ele gritava um desafio e impelia Llamrei contra a parede de escudos feita apressadamente pelos Escudos Pretos. Rompeu a parede simplesmente com a velocidade e o peso, e fomos atrás, brandindo as espadas, enquanto o punhado de leais Escudos Pretos se espalhava.

Gwydre estava lá. E Gwydre vivia.

Estava seguro por dois Escudos Pretos, que, ao ver Artur, soltaram o menino. Nimue gritou para nós, lançando pragas sobre o anel central de cinco fogueiras, enquanto Gwydre corria soluçando para perto do pai. Artur se abaixou e, com o braço forte, levantou o filho para a sela. Depois se virou para olhar Merlin.

Merlin, com o rosto coberto de suor, encarou-nos calmamente. Estava na metade de uma escada encostada num cadafalso feito de dois troncos enterrados no chão e com um terceiro em cima, e esse cadafalso ficava bem no meio das cinco fogueiras que formavam o círculo central. O druida usava um manto branco e as mangas desse manto estavam

vermelhas de sangue das mangas até os cotovelos. Em sua mão havia uma faca comprida, mas em seu rosto, juro, houve um momentâneo olhar de alívio absoluto.

O menino Mardoc vivia, mas não viveria por muito tempo. A criança já estava nua, a não ser por uma tira de pano amarrada na boca para silenciar seus gritos, e estava pendurada pelos tornozelos ao cadafalso. Perto dele, também pendurado pelos tornozelos, estava um corpo pálido e magro que parecia muito branco à luz das chamas, a não ser pela garganta que tinha sido cortada quase até a espinha. Todo o sangue tinha escorrido para o Caldeirão e ainda escorria e pingava das pontas vermelhas e lisas do cabelo comprido de Gawain. O cabelo era tão comprido que as tranças ensanguentadas caíam dentro da borda dourada do Caldeirão de prata de Clyddno Eiddyn, e foi só pelos cabelos compridos que eu soube que era Gawain pendurado ali, já que seu rosto bonito estava coberto de sangue, escondido pelo sangue, amortalhado de sangue.

Merlin, ainda com a faca comprida que tinha matado Gawain, pareceu pasmo com nossa chegada. Seu ar de alívio tinha desaparecido e agora eu não podia ler seu rosto, mas Nimue gritava para nós. Havia erguido a palma da mão esquerda, a que tinha a cicatriz gêmea à da minha palma esquerda.

— Mate Artur! — gritou ela para mim. — Derfel! Você é jurado a mim! Mate-o! Não podemos parar agora!

De repente, uma lâmina de espada brilhou perto da minha barba. Galahad a segurou, e Galahad sorriu gentilmente para mim.

— Não se mexa, meu amigo. — Ele conhecia o poder dos juramentos. Sabia também que eu não mataria Artur, mas estava tentando me poupar da vingança de Nimue. — Se Derfel se mover — gritou ele para Nimue —, corto a garganta dele.

— Corte! — gritou ela. — Esta é uma noite para a morte dos filhos dos reis!

— Não o meu — disse Artur.

— Você não é rei, Artur ap Uther — falou Merlin finalmente. — Você acha que eu mataria Gwydre?

— Então por que ele está aqui? — Artur tinha um braço em volta de Gwydre, enquanto com o outro segurava a espada avermelhada. — Por que ele está aqui? — perguntou de novo, com mais raiva.

Pela primeira vez Merlin não tinha o que dizer, e foi Nimue quem respondeu:

— Ele está aqui, Artur ap Uther — disse ela com um riso de desprezo —, porque a morte daquela criatura miserável pode não bastar. Ele é o filho de um rei, mas não o herdeiro legítimo.

— Então Gwydre teria morrido? — perguntou Artur.

— E voltado à vida! — disse Nimue com beligerância. Tinha de

gritar para ser ouvida acima do troar das fogueiras. — Você não conhece o poder do Caldeirão? Ponha os mortos no Caldeirão de Clyddno Eiddyn e os mortos andam de novo, respiram de novo, vivem. — Ela se esgueirou na direção de Artur, com uma loucura no olho único. — Dê-me o garoto, Artur.

— Não. — Artur puxou a rédea de Llamrei e a égua saltou para longe de Nimue. Nimue se virou para Merlin. — Mate-o! — gritou ela, apontando para Mardoc. — Pelo menos podemos tentar com ele. Mate-o!

— Não! — gritei.

— Mate-o! — guinchou Nimue e então, quando Merlin não se mexeu, ela correu para o cadafalso. Merlin parecia incapaz de se mover, mas então Artur virou Llamrei de novo e afastou Nimue. Ele deixou a égua acertá-la e derrubá-la no chão.

— Deixe a criança viver — disse Artur a Merlin. Nimue estava esticando as garras para ele, mas ele a empurrou para o lado e, quando ela voltou, toda dentes e mãos em garra, ele girou a espada perto de sua cabeça e a ameaça a acalmou.

Merlin moveu a lâmina brilhante até perto da garganta de Mardoc. O druida parecia quase gentil, apesar das mangas encharcadas de sangue e da lâmina comprida na mão.

— Você acha, Artur ap Uther, que pode derrotar os saxões sem a ajuda dos Deuses?

Artur ignorou a pergunta.

— Corte a corda que prende o garoto.

Nimue se virou para ele.

— Você quer receber uma maldição, Artur?

— Já sou amaldiçoado — respondeu ele, amargo.

— Deixe o garoto morrer! — gritou Merlin da escada. — Ele não é nada para você, Artur. Um filho ilegítimo de um rei, um bastardo nascido de uma prostituta.

— E o que sou eu senão um filho ilegítimo de um rei, um bastardo nascido de uma prostituta? — gritou Artur.

— Ele deve morrer — disse Merlin com paciência — e sua morte trará os Deuses para nós. E quando os Deuses estiverem aqui, Artur, poremos o corpo dele no Caldeirão e deixaremos que o sopro da vida retorne.

Artur fez um gesto para o corpo horrendo e exangue de Gawain, seu sobrinho.

— E uma morte não basta?

— Uma morte nunca basta — disse Nimue. Ela tinha corrido em volta da égua de Artur até chegar ao cadafalso, onde agora segurava a cabeça de Mardoc para que Merlin lhe cortasse a garganta.

Artur aproximou Llamrei do cadafalso.

— E se os Deuses não vierem depois de duas mortes, Merlin, quantas mais?

— Quantas forem necessárias — respondeu Nimue.

— E a cada vez que a Britânia tiver problemas — disse Artur em voz alta, para que todos pudessemos ouvir —, a cada vez que houver um inimigo, a cada vez que houver uma peste, a cada vez que homens e mulheres estiverem amedrontados, nós deveremos levar crianças ao cadafalso?

— Se os Deuses vierem — disse Merlin — não haverá mais peste, medo ou guerra.

— E eles virão?

— Eles estão vindo! — gritou Nimue. — Olhem! — E apontou para cima com a mão livre, e todos olhamos e vimos que as luzes no céu estavam se desbotando. Os azuis luminosos se reduziam até um roxo quase preto, os vermelhos estavam esfumaçados e vagos, e as estrelas recuperavam o brilho por trás das cortinas que iam morrendo. — Não! — uivou Nimue. — Não! — E o último grito saiu num lamento que pareceu durar para sempre.

Artur tinha levado Llamrei até o cadafalso.

— Vocês me chamam de *Amherawdr* da Britânia — disse a Merlin. — E um imperador deve governar ou deixar de ser imperador. E não governarei uma Britânia onde as crianças precisam ser mortas para salvar a vida dos adultos.

— Não seja absurdo! — protestou Merlin. — Puro sentimentalismo!

— Eu seria lembrado apenas como um homem, e já há sangue demais nas minhas mãos.

— Você será lembrado como traidor — cuspiu Nimue —, como destruidor, como covarde.

— Mas não pelos descendentes desta criança — disse Artur afavelmente. E com isso ele estendeu a mão e cortou com sua espada a corda que segurava os tornozelos de Mardoc. Nimue gritou quando o menino caiu, depois saltou para Artur de novo com as mãos em garra, mas Artur simplesmente lhe deu um golpe forte e rápido na cabeça usando a parte chata da espada, fazendo-a girar atordoada. A força do golpe pôde ser facilmente ouvida acima do estalar das chamas. Nimue cambaleou, com o queixo caído e o olho único desfocado. E em seguida despencou.

— Ele deveria ter feito isso com Guinevere — rosnou Culhwch para mim.

Galahad tinha saído do meu lado, desmontado, e agora desamarrou Mardoc. O menino começou a gritar imediatamente pela mãe.

— Nunca suporrei crianças barulhentas — disse Merlin em voz baixa. Depois puxou a escada até apoiá-la junto à corda que segurava Gawain à trave. Subiu lentamente os degraus. — Não sei se os Deuses

vieram ou não — falou enquanto subia. — Todos vocês esperavam demais, e talvez eles já estejam aqui. Quem sabe? Mas vamos terminar sem o sangue do filho de Mordred. — E com isso ele começou a cortar desajeitadamente a corda que segurava os tornozelos de Gawain. O corpo balançou enquanto ele cortava, de modo que o cabelo encharcado de sangue batia na borda do Caldeirão, mas então a corda se partiu e o cadáver caiu pesado no sangue, que esparrinhou manchando a borda do Caldeirão. Merlin desceu lentamente a escada, depois ordenou aos Escudos Pretos que assistiam ao confronto que pegassem os grandes cestos de vime cheios de sal, que estavam a alguns metros de distância. Os homens jogaram o sal no Caldeirão, pressionando-o com força em volta do corpo curvado e nu de Gawain.

— E agora? — perguntou Artur, embainhando a espada.

— Nada — disse Merlin. — Acabou.

— Excalibur? — perguntou Artur.

— Está na espiral mais ao sul. — Merlin apontou naquela direção.

— Mas suspeito de que terá de esperar que as fogueiras terminem de queimar, antes de poder pegá-la.

— Não! — Nimue tinha se recuperado o suficiente para protestar. Ela cuspiu sangue do interior da bochecha que tinha sido cortada pelo golpe de Artur. — Os Tesouros são nossos!

— Os Tesouros foram reunidos e usados — disse Merlin, exausto. — Agora eles não são nada. Artur pode ter a espada de volta. Ele vai precisar. — Em seguida se virou e jogou sua faca longa na fogueira mais próxima, depois se virou para olhar enquanto os dois Escudos Pretos terminavam de encher o Caldeirão. O sal ficou cor-de-rosa enquanto cobria o corpo terrivelmente ferido de Gawain. — Na primavera os saxões virão, e então veremos se houve alguma magia esta noite.

Nimue gritou conosco. Chorava e falava em fúria, cuspia e xingava, prometeu a morte pelo ar, pelo fogo, pela terra e pelo mar. Merlin a ignorou, mas Nimue nunca pôde aceitar meias medidas, e naquela noite se tornou inimiga de Artur. Naquela noite começou a trabalhar nas maldições que dariam sua vingança contra os homens que tinham impedido os Deuses de virem ao Mai Dun. Ela nos chamou de destruidores da Britânia, e nos prometeu o horror.

Ficamos no morro a noite inteira. Os Deuses não vieram, e as fogueiras queimaram com tanta ferocidade que somente na tarde seguinte Artur recuperou Excalibur. Mardoc foi devolvido à sua mãe, e mais tarde ouvi dizer que ela morreu de febre naquele inverno.

Merlin e Nimue pegaram os outros Tesouros. Um carro de boi levou o Caldeirão com seu conteúdo medonho. Nimue foi na frente, e Merlin, como um velho obediente, seguiu-a. Eles levaram Anbarr, o cavalo totalmente preto de Gawain, e levaram o grande estandarte da Britânia, e nenhum de nós soube para onde foram, mas achamos que seria um

lugar selvagem no oeste, onde as maldições de Nimue poderiam ser afiadas através das tempestades de inverno.

Antes que os saxões viessem.

É estranho, ao rever o passado, lembrar como Artur era odiado na época. No verão tinha partido as esperanças dos cristãos, e agora, no fim do outono, havia destruído os sonhos pagãos. Como sempre, ele parecia surpreso com a impopularidade.

— O que eu deveria fazer? — perguntou-me. — Deixar meu filho morrer?

— Cefydd deixou — falei sem ajudar muito.

— E Cefydd perdeu a batalha! — respondeu Artur incisivamente. Estávamos cavalgando para o norte. Eu estava indo para casa em Dun Caric, enquanto Artur, com Cuneglas e o bispo Emrys, viajava para encontrar o rei Meurig de Gwent. Aquela reunião era a única coisa que interessava a Artur. Ele jamais tinha confiado nos Deuses para salvar a Britânia dos saxões, mas admitia que oitocentos ou novecentos lanceiros treinados de Gwent poderiam pesar na balança. Naquele inverno sua cabeça estava fervilhando de números. A Dumnonia, admitia ele, podia levar a campo seiscentos lanceiros, dos quais quatrocentos tinham sido testados em batalha. Cuneglas traria mais quatrocentos, os irlandeses Escudos Pretos mais 150, e a esses podíamos acrescentar talvez uns cem homens sem senhores que poderiam vir da Armórica ou dos reinos do norte, atrás de pilhagem. — Digamos mil e duzentos homens — sugeria Artur, depois se preocupava dizendo um número maior ou menor segundo seu humor, mas se o humor estivesse otimista ele algumas vezes ousava acrescentar oitocentos homens de Gwent, o que nos daria um total de dois mil homens, mas talvez nem isso bastasse, dizia ele, porque os saxões provavelmente reuniriam um exército ainda maior. Aelle podia juntar pelo menos setecentas lanças, e ele era o mais fraco dos dois reis saxões. Estimávamos as lanças de Cerdic em mil, e chegavam boatos dizendo que Cerdic estava comprando lanceiros de Clóvis, o rei dos francos. Esses mercenários eram pagos em ouro, e tinham recebido promessa de mais ouro quando a vitória lhes desse o tesouro de Dumnonia. Nossos espiões também informavam que os saxões esperariam até depois da Festa de Eostre, seu festival da primavera, para dar aos novos barcos tempo de atravessar o mar. — Eles terão dois mil e quinhentos homens — avaliou Artur, e nós só teríamos mil e duzentos se Meurig não lutasse. Poderíamos convocar o *levy*, claro, mas nenhum *levy* resistiria a guerreiros adequadamente treinados, e o nosso *levy*, composto de velhos e meninos, enfrentaria o *fyrð* saxão.

— Então, sem os lanceiros de Gwent — falei sombrio —, estamos condenados.

Artur raramente sorria desde a traição de Guinevere, mas agora

sorriu.

— Condenados? Quem diz isso?

— O senhor. Os números dizem.

— Você nunca lutou e venceu estando em menor número?

— Sim, senhor.

— Então por que não podemos vencer de novo?

— Só um tolo procura batalha contra um inimigo mais forte, senhor.

— Só um tolo procura batalha — disse ele vigorosamente. — Não quero lutar na primavera. São os saxões que querem lutar, e não temos escolha. Acredite, Derfel, eu não queria estar em menor número, e farei o possível para persuadir Meurig a lutar, mas se Gwent não marchar teremos de vencer os saxões sozinhos. E podemos vencer! Acredite nisso, Derfel!

— Eu acreditava nos Tesouros, senhor.

Ele deu um riso escarninho.

— Este é o Tesouro em que acredito — falou, batendo no punho de Excalibur. — Acredite na vitória, Derfel! Se marcharmos contra os saxões como homens derrotados, eles darão nossos ossos aos lobos. Mas se marcharmos como vitoriosos, vamos ouvi-los uivar.

Era uma bela bravata, mas era difícil acreditar em vitória. A Dumnonia estava coberta pelo desânimo. Tínhamos perdido nossos Deuses, e as pessoas diziam que foi Artur quem os expulsara. Ele não era apenas o inimigo do Deus cristão, agora era inimigo de todos os Deuses, e os homens diziam que os saxões eram sua punição. Até o clima pressagiava o desastre, já que, na manhã depois de eu me separar de Artur, começou a chover e parecia que aquela chuva não pararia jamais. Dia após dia chegavam nuvens baixas e cinzentas, um vento gélido, e a chuva insistente e forte. Tudo estava molhado. Nossas roupas, nossa cama, nossa lenha, os juncos do chão, as próprias paredes das casas pareciam pegajosas de umidade. Lanças se enferrujavam em seus suportes, o grão armazenado brotava ou mofava, e a chuva continuava chegando implacável do oeste. Ceinwyn e eu fizemos o máximo para lacrar o salão de Dun Caric. Seu irmão trouxera um presente de peles de lobo de Powys, e as usamos para cobrir as paredes de madeira, mas o próprio ar debaixo das traves do teto parecia encharcado. As fogueiras queimavam soturnas, dando de má vontade um calor fraco e enfumaçado que avermelhava os olhos. Nossas duas filhas ficaram rabugentas no início daquele inverno. Morwenna, a mais velha, que geralmente era a mais plácida e contente das crianças, ficou tão geniosa e egoísta que Ceinwyn lhe deu uma surra de cinto.

— Ela sente falta de Gwydre — disse-me Ceinwyn depois. Artur havia decretado que Gwydre não sairia de seu lado, por isso o menino tinha ido com o pai se encontrar com o rei Meurig. — Eles deveriam se casar no ano que vem — acrescentou Ceinwyn. — Isso iria curá-la.

— Se Artur deixar Gwydre se casar com ela — respondi, desanimado. — Ele não tem grande amor por nós ultimamente. — Eu quisera acompanhar Artur a Gwent, mas ele havia recusado peremptoriamente. Houvera um tempo em que eu me achava seu amigo mais íntimo, mas agora ele resmungava comigo, em vez de dar as boas-vindas. — Ele acha que arrisquei a vida de Gwydre.

— Não — discordou Ceinwyn. — Ele está distante com você desde a noite em que descobriu Guinevere.

— Por que isso mudaria as coisas?

— Porque você estava com ele, querido — disse Ceinwyn com paciência. — Com você ele não pode fingir que nada mudou. Você foi testemunha da vergonha de Artur. Ele o vê e se lembra dela. Além disso, tem ciúme.

— Ciúme?

Ela sorriu.

— Ele acha que você é feliz. Acha agora que, se tivesse se casado comigo, também seria feliz.

— Provavelmente seria.

— Ele até sugeriu isso — disse Ceinwyn descuidadamente.

— Sugeriu o quê? — reagi com brusquidão.

Ela me acalmou.

— Não foi a sério, Derfel. O pobre coitado precisa de apoio. Ele acha que, como uma mulher o rejeitou, todas as mulheres o rejeitariam, por isso me perguntou.

Eu toquei o punho de Hywelbane.

— Você nunca me disse.

— Por que deveria? Não havia o que contar. Ele fez uma pergunta muito desajeitada e eu disse que tinha jurado aos Deuses que ficaria junto de você. Contei com muita gentileza, e depois ele sentiu muita vergonha. Além disso, prometi que não iria contar a você e agora quebrei essa promessa, o que significa que devo ser punida pelos Deuses. — Ela deu de ombros, como a sugerir que a punição seria merecida e portanto aceita. — Ele precisa de uma esposa — acrescentou maliciosamente.

— Ou de uma mulher.

— Não. Ele não é um homem casual. Não pode se deitar com uma mulher e depois ir embora. Ele confunde desejo com amor. Quando Artur dá a alma, ele dá tudo, e não pode dar só um pouquinho de si.

Eu ainda estava com raiva.

— O que Artur acha que eu faria enquanto ele se casasse com você?

— Ele pensou que você governaria a Dumnonia como guardião de Mordred. Tinha uma ideia estranha de que eu iria com ele para Broceliande e que lá viveríamos como crianças sob o sol, e que você ficaria aqui e derrotaria os saxões. — Ela riu.

— Quando ele pediu isso?

— No dia em que ordenou que você fosse se encontrar com Aelle. Acho que pensou que eu fugiria com ele enquanto você estivesse longe.

— Ou esperava que Aelle me mataria — falei cheio de ressentimento, lembrando-me da promessa dos saxões, de matar qualquer emissário.

— Depois ele ficou com muita vergonha — garantiu Ceinwyn, séria. — E você não vai lhe dizer que contei. — Ela me fez prometer isso, e manteve a promessa. — Realmente não foi importante — acrescentou, encerrando a conversa. — Ele ficaria verdadeiramente chocado se eu tivesse dito sim. Ele pediu, Derfel, porque está sofrendo, e os homens que sofrem se comportam de modo desesperado. O que ele realmente quer é fugir com Guinevere, mas não pode, porque o orgulho não deixa, e sabe que precisamos dele para derrotar os saxões.

Nós precisávamos dos lanceiros de Meurig para fazer isso, mas não tivemos notícias das negociações de Artur com Gwent. Semanas se passaram e nenhuma certeza vinha do norte. Um padre que viajava vindo de Gwent nos disse que Artur, Meurig, Cuneglas e Emrys tinham conversado durante uma semana em Burrium, a capital de Gwent, mas o padre não sabia o que fora decidido. O padre era um homem pequeno e moreno, de vista fraca e barba rala que ele moldava com cera de abelha na forma de uma cruz. Tinha vindo a Dun Caric porque não havia igreja no pequeno povoado e ele queria estabelecer uma. Como muitos desses padres itinerantes, ele tinha um grupo de mulheres: três criaturas esquálidas que se juntavam protetoramente em volta. Ouvi falar de sua chegada quando ele começou a pregar do lado de fora da oficina de ferreiro, perto do riacho, e mandei Issa e um par de lanceiros parar com aquele absurdo e trazê-lo ao salão. Demos-lhe um mingau de grãos de cevada brotados, que ele comeu avidamente, enfiando a mistura quente na boca e depois sibilando e cuspidando porque a comida queimou sua língua. Restos de mingau se grudaram em sua barba de forma estranha. Suas mulheres se recusaram a comer enquanto ele não tivesse terminado.

— Eu só sei, senhor — disse ele respondendo às nossas perguntas impacientes —, que Artur agora viajou para o oeste.

— Para onde?

— Para a Demétia, senhor. Para se encontrar com Oengus Mac Airem.

— Por quê?

Ele deu de ombros.

— Não sei, senhor.

— O rei Meurig está fazendo preparativos para a guerra?

— Ele está preparado para defender seu território, senhor.

— E para defender a Dumnonia?

— Só se a Dumnonia reconhecer o Deus único, o Deus verdadeiro — disse o padre, fazendo o sinal da cruz com a colher de pau e chapiscando

o manto sujo com o mingau de cevada. — O nosso rei é fervoroso pela cruz, e suas lanças não serão oferecidas a pagãos. — Ele olhou para o crânio de boi pregado em uma das nossas altas traves, e fez de novo o sinal da cruz.

— Se os saxões tomarem a Dumnonia — falei —, Gwent não estará muito atrás.

— Cristo protegerá Gwent — insistiu o padre. Ele deu a tigela a uma de suas mulheres, que raspou os poucos restos com um dedo sujo. — Cristo protegerá o senhor se o senhor se humilhar diante Dele. Se renunciar aos seus Deuses e for batizado terá a vitória no ano que vem.

— Então foi por isso que Lancelot não foi vitorioso no ano passado? — perguntou Ceinwyn.

O padre olhou para ela com o olho bom, enquanto o outro vagueava para as sombras.

— O rei Lancelot, senhor, não era o Escolhido. O rei Meurig é. Diz em nossas escrituras que um homem será escolhido, e parece que o rei Lancelot não era aquele homem.

— Escolhido para quê? — perguntou Ceinwyn.

O padre a encarou. Ela ainda era uma mulher muito bonita, dourada e calma, a estrela de Powys.

— Escolhido, senhora, para unir todos os povos da Britânia sob o Deus vivo. Saxões e britânicos, gwentianos e dumnonianos, irlandeses e pictos, todos cultuando o único Deus verdadeiro e todos vivendo em paz e amor.

— E se nós decidirmos não seguir o rei Meurig? — perguntou Ceinwyn.

— Então nosso Deus irá destruí-los.

— E esta é a mensagem que veio aqui pregar? — perguntei.

— Não posso fazer outra coisa, senhor. Recebi a ordem.

— De Meurig?

— De Deus.

— Mas sou o senhor da terra dos dois lados do riacho — falei — e de toda a terra ao sul até Caer Cadarn, e ao norte até Aquae Sulis, e você não pregará aqui sem minha permissão.

— Nenhum homem pode contrariar a palavra de Deus, senhor.

— Este pode — falei, desembainhando Hywelbane.

As mulheres sibilaram. O padre olhou para a espada, depois cuspiu no fogo.

— O senhor se arrisca à ira de Deus.

— Você se arrisca à minha ira. E se ao pôr do sol de amanhã ainda estiver na terra que governo, eu o entregarei como escravo para os meus escravos. Podem dormir com os animais esta noite, mas amanhã vocês vão embora.

Ele partiu de má vontade no dia seguinte e, como se para me punir, a

primeira neve do inverno veio com sua partida. Essa neve tinha chegado cedo, prometendo uma estação fria. A princípio caiu misturada com chuva, mas ao anoitecer tinha se tornado uma neve densa que havia embranquecido a terra ao alvorecer. Durante a semana seguinte ficou mais frio. Agulhas de gelo pendiam dentro de nosso teto, e agora começava a luta pelo aquecimento durante o longo inverno. No povoado as pessoas dormiam com os animais, enquanto lutávamos no ar cortante com as lareiras que faziam os pingentes de gelo caírem da palha do teto. Pusemos o gado do inverno nos abrigos e matamos o resto, guardando a carne salgada como Merlin tinha guardado o corpo exangue de Gawain. Durante dois dias o povoado ecoou com os mugidos atormentados dos bois que eram arrastados para o machado. A neve estava manchada de vermelho e o ar fedia a sangue, sal e bosta. Dentro do salão as lareiras ardiam, mas aqueciam pouco. Estávamos com frio, tremíamos dentro de nossas peles e esperávamos em vão por um degelo. O riacho congelou, de modo que tínhamos de quebrar o gelo todos os dias para pegar água.

Ainda treinávamos nossos jovens lanceiros. Marchávamos com eles pela neve, endurecendo seus músculos para lutarem contra os saxões. Nos dias em que a neve caía com força e o vento redemoinhava os flocos sobre as baixas empenas dos casebres do povoado, eu mandava os homens fazerem seus escudos com tábuas de salgueiro cobertas de couro. Eu estava montando um bando de guerreiros, mas enquanto os observava trabalhar temia por eles, imaginando quantos viveriam para ver o sol de verão.

Uma mensagem de Artur chegou antes do solstício. Em Dun Caric estávamos ocupados preparando a grande festa que duraria toda a semana da morte do sol, quando o bispo Emrys chegou. Montava um cavalo com as patas envoltas em couro e estava acompanhado por uma escolta de seis lanceiros de Artur. O bispo nos disse que ficara em Gwent, discutindo com Meurig, enquanto Artur tinha ido à Demétia.

— O rei Meurig não se recusou absolutamente a nos ajudar — disse o bispo, tremendo junto ao fogo onde tinha aberto espaço empurrando dois dos nossos cachorros para o lado. Ele estendeu as mãos gorduchas e vermelhas para as chamas. — Mas temo que suas condições para ajudar sejam inaceitáveis. — Ele espirrou. — Cara senhora, a senhora é muito gentil — disse a Ceinwyn, que lhe trouxera um chifre de hidromel quente.

— Que condições? — perguntei.

Emrys balançou a cabeça, triste.

— Ele quer o trono da Dumnonia, senhor.

— Quer o quê? — explodi.

Emrys levantou uma das mãos gorduchas para aplacar minha raiva.

— Ele diz que Mordred não é feito para governar, que Artur não

quer governar, e que a Dumnonia precisa de um rei cristão. Ele se oferece.

— Desgraçado — falei. — Desgraçadinho traiçoeiro e covarde.

— Artur não pode aceitar, claro — disse Emrys. — Seu juramento a Uther garante isso. — Ele bebericou o hidromel e suspirou apreciando. — É tão bom estar quente de novo!

— Então, se não dermos o reino a Meurig — falei, furioso — ele não vai nos ajudar?

— É o que ele diz. Ele insiste em que Deus irá proteger Gwent e que, a não ser que o aclamemos como rei, devemos defender a Dumnonia sozinhos.

Fui até a porta do salão, empurrei a cortina de couro e olhei a neve que se empilhava alta nas pontas de nossa paliçada de madeira.

— O senhor falou com o pai dele? — perguntei a Emrys.

— Eu vi Tewdric. Fui com Agrícola, que lhe manda lembranças.

Agrícola tinha sido o comandante guerreiro do rei Tewdric, um grande guerreiro que lutava com armadura romana e ferocidade gélida. Mas agora estava velho e Tewdric, seu senhor, tinha abdicado do trono e raspado a cabeça numa tonsura de padre, entregando o poder ao filho.

— Agrícola está bem? — perguntei.

— Está velho, mas vigoroso. Ele concorda conosco, claro, mas... — Emrys deu de ombros. — Quando Tewdric abdicou do trono, abriu mão do poder. Diz que não pode mudar o pensamento do filho.

— Não quer — resmunguei, voltando à lareira.

— Provavelmente não — concordou Emrys. E suspirou. — Eu gosto de Tewdric, mas no momento ele está ocupado com outros problemas.

— Que problemas? — perguntei com veemência demais.

— Ele gostaria de saber se no céu nós comeremos como mortais, ou se seremos poupados da necessidade de nutrição terrena. Há uma crença, vocês devem entender, de que os anjos não comem, de que são poupados de todos os apetites grosseiros e mundanos, e o velho rei está tentando copiar esse modo de vida. Come muito pouco, na verdade alardeou que uma vez conseguiu ficar três semanas inteiras sem defecar e se sentiu muito mais santo depois disso. — Ceinwyn sorriu, mas não disse nada, e eu apenas encarei o bispo, incrédulo. Emrys terminou com o hidromel. — Tewdric afirma — acrescentou em dúvida — que vai passar fome até entrar em estado de graça. Confesso que não estou convencido, mas ele parece um homem muito piedoso. Todos nós deveríamos ser igualmente abençoados.

— O que Agrícola diz? — perguntei.

— Ele alardeia a frequência com que defeca. Perdão, senhora.

— Deve ter sido um encontro alegre para os dois homens — disse Ceinwyn secamente.

— Não teve uma utilidade imediata — admitiu Emrys. — Eu

esperava persuadir Tewdric a mudar o pensamento do filho, mas infelizmente — ele deu de ombros — agora só podemos rezar.

— E manter as lanças afiadas — falei, desanimado.

— Isso também — concordou o bispo, que espirrou de novo e fez o sinal da cruz para anular o azar do espirro.

— Meurig deixará que os lanceiros de Powys atravessem suas terras?

— Cuneglas disse que, se Meurig recusasse, ele atravessaria assim mesmo.

Gemi. A última coisa de que precisávamos era um reino da Britânia lutando contra outro. Durante anos essas guerras haviam enfraquecido a Britânia e permitido que os saxões tomassem um vale depois do outro e uma cidade depois da outra, mas ultimamente eram os saxões que vinham lutando entre si, e éramos nós que tínhamos nos aproveitado de sua inimizade para lhes infligir derrotas; mas Cerdic e Aelle tinham aprendido a lição que Artur ensinara duramente aos britânicos, de que a vitória vinha com a unidade. Agora eram os saxões que estavam unidos e os britânicos se haviam dividido.

— Acho que Meurig deixará Cuneglas atravessar — disse Emrys — porque não quer guerra com ninguém. Ele só quer a paz.

— Todos queremos paz — falei —, mas se a Dumnonia cair, Gwent será o próximo país a sentir as lâminas dos saxões.

— Meurig insiste em que não, e está oferecendo abrigo a qualquer cristão dumnoniano que deseje evitar a guerra.

Isso era má notícia, porque significava que qualquer pessoa que não tivesse coragem para enfrentar Aelle e Cerdic só precisava afirmar a fé cristã para se refugiar no reino de Meurig.

— Ele realmente acredita que seu Deus irá protegê-lo? — perguntei a Emrys.

— Ele precisa, senhor, caso contrário, de que serve Deus? Mas Deus, claro, pode ter outras ideias. É muito difícil ler Sua mente. — Agora o bispo estava quente o bastante para se ariscar a tirar dos ombros a grande capa de pele de urso. Debaixo dela usava um gibão de pele de ovelha. Pôs a mão dentro do gibão e presumi que estivesse coçando por causa de um piolho, mas em vez disso ele pegou um pergaminho dobrado, amarrado com uma fita e lacrado com cera derretida. — Artur mandou isso para mim, da Demétia — disse ele, me oferecendo o pergaminho. — E disse que você deveria entregá-lo à princesa Guinevere.

— Claro — falei, pegando o pergaminho. Confesso que me senti tentado a quebrar o lacre e ler o documento, mas resisti. — O senhor sabe o que ele diz? — perguntei ao bispo.

— Infelizmente não, senhor — disse Emrys, mas sem me olhar, e desconfiei que o velho tinha rompido o lacre e sabia do conteúdo da carta, mas não queria admitir esse pequeno pecado. — Tenho certeza de

que não é nada importante, mas Artur disse especialmente que ela deveria recebê-lo antes do solstício. Isto é, antes de ele voltar.

— Por que ele foi à Demétia? — perguntou Ceinwyn.

— Para se certificar de que os Escudos Pretos lutarão nesta primavera, acho — disse o bispo, mas detectei uma evasão em sua voz. Suspeitei de que a carta conteria o verdadeiro motivo da visita de Artur a Oengus Mac Airem, mas Emrys não podia revelar isso sem também admitir que tinha rompido o lacre.

Fui para Ynys Wydryn no dia seguinte. Não era longe, mas a jornada levou a maior parte da manhã porque em alguns lugares eu tinha de puxar meu cavalo e a mula através de nevascas. A mula estava carregando uma dúzia das peles que Cuneglas havia nos trazido, e elas se mostraram um presente bem-vindo porque o quarto de prisão de Guinevere, com suas paredes de tábuas, era cheio de rachaduras pelas quais o vento sibilava, gélido. Descobri-a agachada junto a uma lareira que queimava no centro do cômodo. Ela se levantou quando fui anunciado, depois mandou suas duas serviçais para as cozinhas.

— Estou tentada a me tornar uma cozinheira também — disse ela. — Pelo menos a cozinha é quente, mas infelizmente cheia de cristãos hipócritas. Eles não conseguem quebrar um ovo sem louvar ao seu Deus desgraçado. — Ela estremeceu e apertou a capa nos ombros magros. — Os romanos sabiam se manter quentes, mas acho que perdemos essa habilidade.

— Ceinwyn mandou isto para a senhora — falei, jogando as peles no chão.

— Agradeça a ela por mim — disse Guinevere e então, apesar do frio, abriu uma janela para que a luz do dia entrasse no cômodo. O fogo oscilou sob o sopro de ar gélido e fagulhas redemoinharam até as traves empretecidas. Guinevere vestia um manto grosso, de lã marrom. Estava pálida, mas aquele rosto altivo e de olhos verdes não tinha perdido nada de seu poder ou orgulho. — Eu esperava vê-lo antes — zombou ela.

— Tem sido uma estação difícil, senhora — falei, desculando minha longa ausência.

— Quero saber o que aconteceu no Mai Dun, Derfel.

— Eu conto, senhora, mas primeiro tenho ordem de lhe entregar isto.

Peguei o pergaminho de Artur na bolsa em meu cinto e entreguei-lhe. Ela arrancou a fita, levantou o lacre de cera com uma unha e desdobrou o documento. Leu à luz refletida da neve através da janela. Vi seu rosto ficar tenso, mas ela não demonstrou outra reação. Pareceu ler a carta duas vezes, depois dobrou-a e jogou num baú de madeira.

— Então fale do Mai Dun — disse ela.

— O que a senhora já sabe?

— Sei o que Morgana opta por me contar, e o que aquela cadela

escolhe é uma versão da verdade de seu Deus desgraçado. — Ela falava suficientemente alto para ser escutada por qualquer um que tentasse entreouvir nossa conversa.

— Duvido de que o Deus de Morgana tenha se desapontado com o que aconteceu — falei. Depois contei toda a história daquela véspera do Samain. Ela ficou em silêncio quando terminei, só olhando pela janela, para o pátio coberto de neve onde uma dúzia de peregrinos empedernidos se ajoelhava diante do espinheiro. Alimentei o fogo pegando lenha da pilha junto à parede.

— Então Nimue levou Gwydre para o cume?

— Ela mandou os Escudos Pretos pegarem-no. Na verdade, sequestrá-lo. Não foi difícil. A cidade estava cheia de estranhos e todo tipo de lanceiros entrava e saía do palácio. — Fiz uma pausa. — Mas duvido de que ele tenha corrido perigo verdadeiro em algum momento.

— Claro que correu! — disse ela rispidamente.

Sua veemência me deixou pasmo.

— A outra criança é que seria morta — protestei —, o filho de Mordred. Ele estava nu, pronto para a faca, mas Gwydre não.

— E quando a morte da outra criança não tivesse produzido nada, o que teria acontecido? Você acha que Merlin não teria pendurado Gwydre pelos calcanhares?

— Merlin não faria isso com o filho de Artur — falei, mas confesso que não havia convicção em minha voz.

— Mas Nimue faria. Nimue mataria todas as crianças da Britânia para trazer de volta os Deuses, e Merlin se sentiria tentado. Chegar tão perto — ela manteve o indicador e o polegar separados o equivalente à espessura de uma moeda — e apenas com a vida de Gwydre entre Merlin e a volta dos Deuses? Ah, acho que ele se sentiria tentado. — Ela foi até a lareira e abriu o manto para deixar o calor entrar nas dobras. Usava um vestido preto por baixo do manto e não tinha uma única joia à vista. Nem mesmo um anel. — Merlin poderia ter sentido uma pontada de culpa por matar Gwydre — disse ela em voz baixa —, mas não Nimue. Ela não vê diferença entre este mundo e o Outro Mundo, então o que lhe importa se uma criança viver ou morrer? Mas a criança que importa, Derfel, é o filho do governante. Para ganhar o que é mais precioso você precisa abrir mão do que é mais valioso, e o que é valioso na Dumnonia não é uma cria bastarda de Mordred. Artur governa aqui, não Mordred. Nimue queria Gwydre morto. Merlin sabia disso, só esperava que as mortes inferiores bastassem. Mas Nimue não se importa. Um dia, Derfel, ela vai juntar os Tesouros de novo, e nesse dia Gwydre terá o sangue derramado no Caldeirão.

— Não enquanto Artur viver.

— Não enquanto eu viver também! — proclamou ela ferozmente, e então, reconhecendo a impotência, deu de ombros. Virou-se de novo

para a janela e deixou o manto marrom cair. — Eu não tenho sido uma boa mãe — falou inesperadamente. Eu não sabia o que dizer, por isso fiquei quieto. Nunca tinha sido íntimo de Guinevere, na verdade ela me tratava com a mesma mistura áspera de afeto e desprezo que poderia ter dedicado a um cão estúpido mas obediente, mas agora, talvez porque não tivesse com quem partilhar seus pensamentos, ofereceu-os a mim. — Eu nem gosto de ser mãe — admitiu. — Já aquelas mulheres — ela indicou as mulheres de Morgana, vestidas de branco, que corriam pela neve entre as construções do templo — todas cultuam a maternidade, mas são todas secas como palha. Choram por sua Maria e me dizem que só uma mãe conhece a verdadeira tristeza, mas quem quer conhecer isso? — Ela fez a pergunta com ferocidade. — É tudo um desperdício de vida! — Agora ela estava com raiva. — As vacas são boas mães e as ovelhas amamentam adequadamente, então que mérito existe na maternidade? Qualquer garota estúpida pode ser mãe! É para isso que a maioria delas serve! A maternidade não é uma realização, é uma inevitabilidade! — Percebi que Guinevere estava chorando apesar da raiva. — Mas era só isso que Artur queria que eu fosse! Uma vaca leiteira!

— Não, senhora.

Ela se virou furiosa para mim, com os olhos brilhantes de lágrimas.

— Você sabe mais do que eu sobre isso, Derfel?

— Ele tinha orgulho da senhora — falei sem jeito. — Ele adorava sua beleza.

— Ele poderia mandar fazer uma estátua minha, se era isso que queria! Uma estátua com dutos de leite, onde ele poderia grudar seus bebês!

— Ele a amava — protestei.

Guinevere me encarou e achei que estava prestes a irromper numa fúria total, mas em vez disso deu um sorriso triste.

— Ele me cultuava, Derfel — falou em voz cansada —, e isso não é o mesmo que ser amada. — Ela se sentou de repente, desmoronando num banco junto ao baú. — E ser cultuada, Derfel, é muito cansativo. Mas parece que agora ele encontrou uma nova deusa.

— Ele fez o quê, senhora?

— Você não sabia? — Ela pareceu surpresa, depois pegou a carta. — Aqui, leia.

Peguei o pergaminho. Não tinha data, no sobrescrito só havia Moridunum, mostrando que fora redigida na capital de Oengus Mac Airem. A carta tinha a letra sólida de Artur, e era tão fria quanto a neve que se acumulava tão densa no parapeito da janela.

“Deve saber, senhora”, escrevera ele, “que estou renunciando da senhora como minha esposa e tomando Argante, filha de Oengus Mac Airem. Não renuncio a Gwydre, só à senhora”.

Era só isso. Nem estava assinada.

— Você realmente não sabia? — perguntou Guinevere.

— Não, senhora — falei. Eu estava muito mais perplexo do que Guinevere. Tinha ouvido homens dizerem que Artur deveria tomar outra esposa, mas ele não me dissera nada e me senti ofendido por não ter confiado em mim. Senti-me ofendido e desapontado. — Eu não sabia — insisti.

— Alguém abriu a carta — disse Guinevere num tom divertidamente esquisito. — Dá para ver que deixaram uma mancha de sujeira na parte de baixo. Artur não faria isso. — Ela se recostou, de modo que os cabelos ruivos e encaracolados se esmagaram contra a parede. — Por que ele está se casando?

Dei de ombros.

— Um homem deve ser casado, senhora.

— Absurdo. Você não pensa mal de Galahad porque ele nunca se casou.

— Um homem precisa... — comecei, e então minha voz sumiu.

— Sei do que um homem precisa — disse Guinevere, divertida. — Mas por que Artur está se casando agora? Você acha que ele ama essa garota?

— Espero que sim, senhora.

Ela sorriu.

— Ele está se casando, Derfel, para provar que não me ama.

Acreditei, mas não ousei concordar.

— Tenho certeza de que é amor, senhora — falei em vez disso.

Ela riu.

— Quantos anos tem essa tal de Argante?

— Quinze? — especulei. — Talvez apenas quatorze?

Ela franziu a testa, pensando.

— Eu achava que ela estava destinada a se casar com Mordred.

— Eu também — respondi, porque me lembrava de Oengus oferecendo-a como noiva para o nosso rei.

— Mas por que Oengus casaria uma filha com um idiota manco como Mordred quando pode colocá-la na cama de Artur? Só quinze, você acha?

— No máximo.

— Ela é bonita?

— Nunca a vi, senhora, mas Oengus diz que sim.

— Os Uí Liatháin geram garotas bonitas — disse Guinevere. — A irmã dela era bonita?

— Isolda? Sim, de certo modo.

— Essa criança precisará ser bonita — disse Guinevere em tom divertido. — Caso contrário, Artur não olhará para ela. Todos os homens têm de invejá-lo. Isso ele exige de suas esposas. Elas devem ser

lindas e, claro, muito mais bem-comportadas do que eu fui. — Ela riu e me olhou de lado. — Mas mesmo que ela seja bonita e bem-comportada não vai dar certo, Derfel.

— Não vai?

— Ah, tenho certeza de que a criança pode cuspir bebês para ele, se é o que ele quer, mas a não ser que ela seja inteligente, ele vai ficar muito entediado. — Guinevere se virou para olhar o fogo. — Por que acha que ele me escreveu contando?

— Porque acha que a senhora deve saber.

Ela riu e disse:

— Devo saber? O que me importa se ele se deita com alguma criança irlandesa? Não preciso saber, mas ele precisa me contar. — Ela me olhou de novo. — E vai querer saber como reagi, não é?

— Vai? — perguntei, um tanto confuso.

— Claro que vai. Então diga, Derfel, que eu ri. — Ela me olhou desafiadora, depois deu de ombros subitamente. — Não. Diga que lhe desejo toda a felicidade. Diga o que quiser, mas peça-lhe um favor. — Ela fez uma pausa e percebi como ela odiava pedir favores. — Não quero morrer sendo estuprada por uma horda de guerreiros saxões cheios de piolhos, Derfel. Quando Cerdic vier na próxima primavera, peça a Artur para mudar minha prisão para algum lugar mais seguro.

— Acho que a senhora estará segura aqui.

— Por que acha isso? — perguntou ela, incisiva.

Demorei um instante para juntar os pensamentos.

— Quando os saxões vierem, vão avançar pelo vale do Tâmis. O objetivo deles é chegar ao mar de Severn, e aquela é a rota mais rápida.

Guinevere balançou a cabeça.

— O exército de Aelle virá pelo Tâmis, Derfel, mas Cerdic atacará no sul e subirá para o norte para se encontrar com Aelle. Ele passará por aqui.

— Artur diz que não — insisti. — Ele acredita que os dois não confiam um no outro, por isso vão querer ficar juntos para se prevenir contra traições.

Guinevere descartou isso com outro movimento brusco de cabeça.

— Aelle e Cerdic não são idiotas, Derfel. Eles sabem que precisam confiar um no outro por tempo suficiente para vencer. Depois disso podem se estranhar, mas não antes. Quantos homens eles trarão?

— Pensamos em dois mil, talvez dois e quinhentos.

Ela assentiu.

— O primeiro ataque será no Tâmis, e será suficientemente grande para vocês pensarem que é o ataque principal. E assim que Artur tiver juntado as forças para se opor a esse exército, Cerdic marchará no sul. Ele virá como louco, Derfel, e Artur terá de mandar homens para enfrentá-lo, e quando fizer isso Aelle atacará o resto.

— A não ser que Artur deixe Cerdic vir como um louco — falei, não acreditando em sua previsão sequer por um instante.

— Ele poderia fazer isso, mas se fizer, Ynys Wydryn estará nas mãos dos saxões, e não quero estar aqui quando isso acontecer. Se ele não me libertar, implore para que ele me prenda em Glevum.

Hesitei. Não via motivo para repassar seu pedido a Artur, mas queria ter certeza de que ela estava sendo sincera.

— Se Cerdic vier nesta direção, senhora, talvez traga amigos seus no exército.

Ela me lançou um olhar assassino. Sustentou-o por longo tempo antes de falar.

— Não tenho amigos em Lloegyr — disse por fim, gélida.

Hesitei, depois decidi ir mais fundo.

— Vi Cerdic há menos de dois meses, e Lancelot estava em sua companhia.

Eu nunca lhe havia mencionado o nome de Lancelot, e sua cabeça se sacudiu como se eu tivesse lhe dado um soco.

— O que está dizendo, Derfel? — perguntou ela em voz baixa.

— Estou dizendo, senhora, que Lancelot virá para cá na primavera. Estou sugerindo, senhora, que Cerdic fará dele o senhor desta terra.

Guinevere fechou os olhos e, por alguns segundos, não tive certeza se ela estava rindo ou chorando. Depois vi que era o riso que a fazia estremecer.

— Você é um idiota — falou, olhando-me de novo. — Está tentando me ajudar! Você acha que amo Lancelot?

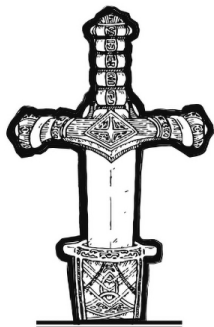
— A senhora queria que ele fosse rei.

— O que isso tem a ver com amor? — perguntou ela, cheia de desprezo. — Eu queria que ele fosse rei porque ele é um homem fraco, e uma mulher só pode governar neste mundo através de um homem frágil. Artur não é fraco. — Ela respirou fundo. — Mas Lancelot é, e talvez ele governe aqui quando os saxões vierem, mas quem controlará Lancelot não serei eu, e sim Cerdic, e Cerdic, pelo que ouvi dizer, é qualquer coisa, menos fraco. — Ela se levantou, veio até mim e arrancou a carta das minhas mãos. Desdobrou-a, leu uma última vez e em seguida jogou o pergaminho no fogo. Ele ficou preto, encolheu-se e depois irrompeu em chamas. — Vá — disse ela, olhando para o fogo. — E diga a Artur que chorei ao saber da notícia. Se é isso que ele quer ouvir, então diga. Diga que chorei.

Deixei-a. Nos dias seguintes a neve derreteu, mas as chuvas voltaram e as árvores desnudas pingavam numa terra que parecia estar apodrecendo na umidade enevoadada. O solstício se aproximava, mas o sol não aparecia. O mundo estava morrendo num desespero escuro e molhado. Eu esperava a volta de Artur, mas ele não me convocou. Levou sua nova esposa para Durnovária e ali comemorou o solstício. Se estava

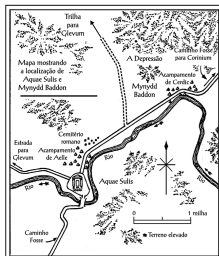
preocupado com o que Guinevere pensava de seu novo casamento, não me perguntou.

Demos a festa do solstício de inverno no salão de Dun Caric, e não havia uma pessoa presente que não suspeitasse de que seria a última. Fizemos as oferendas ao sol do meio do inverno, mas sabíamos que quando o sol voltasse a nascer ele não traria a vida para a terra, e sim a morte. Traria lanças saxãs, machados saxões e espadas saxãs. Nós rezamos, festejamos e tememos que estivéssemos condenados. E a chuva não parava.



Parte 2

Mynydd Baddon



— QUEM? — PERGUNTOU IGRAINE assim que leu a primeira folha da última pilha de pergaminhos. Nos últimos meses ela aprendeu um pouco da língua saxã e está muito orgulhosa dessa realização, mas na verdade essa é uma língua bárbara, e muito menos sutil do que o britânico.

— Quem? — ecoei a pergunta.

— Quem foi a mulher que guiou a Britânia para a destruição? Foi Nimue, não foi?

— Se me der tempo para escrever a história, cara senhora, descobrirá.

— Eu sabia que você ia dizer isso. Nem sei por que perguntei. — Ela se sentou no banco da minha janela, com uma das mãos na barriga inchada e a cabeça inclinada de lado, como se estivesse escutando. Depois de um tempo, um olhar de deleite malicioso surgiu em seu rosto.

— O bebê está chutando. Quer sentir?

Estremeci.

— Não.

— Por quê?

— Nunca me interessei por bebês.

Ela fez uma careta.

— Você vai adorar o meu, Derfel.

— Vou?

— Ele vai ser lindo!

— Como sabe que é um menino?

— Porque uma menina não consegue chutar assim. Olhe! — E minha rainha alisou o vestido azul sobre a barriga, e riu quando aquele domo esticado estremeceu. — Fale de Argante — disse ela, soltando o vestido.

— Pequena, morena, magra, bonita.

Igraine fez uma careta diante da precariedade de minha descrição.

— Ela era inteligente?

Pensei nisso.

— Ela era dissimulada, portanto sim, tinha uma espécie de inteligência, mas que nunca foi alimentada pela educação.

Minha rainha deu de ombros, com escárnio.

— A educação é tão importante assim?

— Acho que é. Sempre lamento não ter aprendido latim.

— Por quê?

— Porque boa parte da experiência da humanidade foi escrita nessa língua, senhora, e uma das coisas que uma educação nos dá é o acesso a

todas as coisas que outras pessoas souberam, temeram, sonharam e alcançaram. Quando a gente está com problemas é útil descobrir alguém que esteve na mesma dificuldade. Isso explica coisas.

— Como o quê?

Dei de ombros.

— Eu me lembro de uma coisa que Guinevere me disse uma vez. Eu não sabia o que significava, porque foi em latim, mas ela traduziu e aquilo explicava Artur exatamente. E nunca esqueci.

— E o que era? Continue.

— *Odi at amo, excrucior* — citei lentamente as palavras estranhas.

— O que significa?

— Eu odeio e amo, isso dói. Um poeta escreveu esse verso, esqueci qual, mas Guinevere leu o poema e um dia, quando estávamos falando de Artur, ela citou o verso. Ela o entendia exatamente, veja bem.

— Argante o entendia?

— Ah, não.

— Ela sabia ler?

— Não sei. Não lembro. Provavelmente não.

— Como ela era?

— Tinha pele muito clara, porque se recusava a sair ao sol. Gostava da noite. E tinha cabelo muito preto, tão brilhante como as penas de um corvo.

— Você disse que ela era pequena e magra?

— Muito magra, e bem baixa, mas a coisa que mais lembro sobre Argante é que sorria muito raramente. Observava tudo e não deixava nada escapar, e sempre havia um ar calculista em seu rosto. As pessoas confundiam esse ar com inteligência, mas não era inteligência. Ela era meramente a mais nova de sete ou oito filhas, por isso vivia preocupada em ser deixada de fora. Ficava o tempo todo procurando a sua parte, e o tempo todo acreditava que não estava recebendo.

Igraine fez uma careta.

— Você faz com que ela pareça horrenda!

— Ela era cobiçosa, amarga e muito jovem, mas também era linda. Tinha uma delicadeza muito tocante. — Parei e suspirei. — Pobre Artur. Ele escolhia muito mal suas mulheres. A não ser Ailleann, claro, mas afinal de contas ele não a escolheu. Ela lhe foi dada como escrava.

— O que aconteceu com Ailleann?

— Morreu na Guerra Saxã.

— Mataram-na? — estremeceu Igraine.

— Morreu de peste. Foi uma morte muito normal.

Cristo!

Esse nome fica estranho na página, mas deixarei aí. Justamente quando Igraine e eu estávamos falando de Ailleann, o bispo Sansum entrou no cômodo. O santo não sabe ler, e como desaprovava

totalmente eu estar escrevendo esta história de Artur, Igraine e eu fingimos que estou fazendo um evangelho na língua saxã. Digo que ele não sabe ler, mas Sansum tem a capacidade de reconhecer algumas palavras, e Cristo é uma delas. Ele parece muito velho ultimamente. Quase todo o cabelo desapareceu, mas ainda tem dois tufo brancos como as orelhas de Lughtigern, o lorde camundongo. Ele sente dor quando urina, mas não admite submeter o corpo às mulheres sábias para a cura, porque afirma que todas são pagãs. Deus, segundo o santo, irá curá-lo, mas às vezes, que Deus me perdoe, rezo para que o santo esteja morrendo, porque então este pequeno mosteiro teria um novo bispo.

— Minha senhora está bem? — perguntou ele a Igraine depois de forçar a vista para este pergaminho.

— Obrigada, bispo, estou.

Sansum olhou em volta, procurando alguma coisa errada, mas não sei o que ele esperava encontrar. O cômodo é muito simples: um catre, uma mesa para escrever, um banco e um fogão. Ele gostaria de me criticar por acender um fogo, mas hoje é um dia de inverno muito ameno, e estou economizando o pouco combustível que o santo me permite ter. Espanou um pouquinho de poeira, decidiu não comentar sobre isso e espiou para Igraine.

— A sua hora deve estar muito próxima, senhora, não é?

— Menos de duas luas, pelo que falam, bispo — disse Igraine e fez o sinal da cruz de encontro ao vestido azul.

— A senhora deve saber, claro, que nossas preces ecoarão pelo céu em seu nome — disse Sansum, sem acreditar em sequer uma palavra.

— Reze também para que os saxões não estejam perto.

— Eles estão? — perguntou Sansum, alarmado.

— Meu marido ouviu dizer que eles estão preparados para atacar Ratae.

— Ratae fica longe — disse o bispo, sem dar importância.

— Um dia e meio? E se Ratae cair, que fortaleza existe entre nós e os saxões?

— Deus irá nos proteger — disse o bispo, inconscientemente ecoando a crença, há muito morta, do piedoso rei Meurig de Gwent —, assim como Deus protegerá a senhora na hora de seu sofrimento. — Ele ficou mais alguns minutos, mas não tinha realmente o que fazer com nenhum de nós dois. Ultimamente o santo está entediado. Ele carece de alguma maldade para fomentar. O irmão Maelgwyn, que era o mais forte de nós e realizava a maior parte do trabalho físico do mosteiro, morreu há algumas semanas e, com seu falecimento, o bispo perdeu um dos seus alvos prediletos para o escárnio. Ele tem pouco prazer em atormentar porque suporta com paciência seu desprezo e, além disso, estou protegido por Igraine e seu marido.

Finalmente Sansum foi embora e Igraine fez uma careta para as costas dele.

— Fale, Derfel — disse ela quando o santo estava fora do alcance da audição —, o que devo fazer para o parto?

— Por que está perguntando a mim? — falei, perplexo. — Nada sei sobre dar à luz, graças a Deus! Nunca vi uma criança nascer, e não quero.

— Mas você sabe sobre as coisas antigas — disse ela, ansiosa —, é isso que quero dizer.

— As mulheres do seu *caer* saberão muito mais do que eu, mas sempre que Ceinwyn dava à luz nos certificávamos de haver ferro na cama, urina de mulher na soleira da porta, artemísia no fogo e, claro, tínhamos uma menina virgem pronta para levantar a criança da palha do nascimento. Mais importante que tudo — prossegui, sério —, não deve haver homens no cômodo. Nada traz tanto azar quanto ter um homem presente na hora do parto. — Toquei o prego que se projetava em minha mesa, para evitar a má sorte de sequer mencionar uma circunstância tão aziaga. Nós, cristãos, claro, não acreditamos que tocar o ferro afetará qualquer sina, seja ela boa ou má, mas mesmo assim a cabeça de prego em minha mesa está bastante polida, de tanto ser tocada. — É verdade o que disse sobre os saxões?

Igraine assentiu.

— Eles estão chegando mais perto, Derfel.

Esfreguei de novo a cabeça de prego.

— Então diga ao seu marido para ter lanças afiadas.

— Ele não precisa de aviso — retrucou ela em tom sombrio.

Imagino se algum dia a guerra vai terminar. Enquanto vivi, os britânicos lutaram contra os saxões, e mesmo tendo conseguido uma grande vitória sobre eles, nos anos depois dessa vitória tivemos mais terras perdidas e, junto com as terras, as histórias que eram ligadas aos morros e aos vales também se perderam. A história não é apenas uma narrativa dos feitos dos homens, mas é uma coisa ligada à terra. Chamamos um morro com o nome de um herói que morreu lá, ou damos a um rio o nome de uma princesa que fugiu junto às suas margens, e quando os nomes antigos desaparecem, as histórias se vão com eles, e os novos nomes não trazem lembranças do passado. Os saxões tomam nossa terra e nossa história. Espalham-se como um contágio, e não temos mais Artur para nos proteger. Artur, o flagelo dos saxões, senhor da Britânia e o homem que foi mais machucado pelo amor do que por espada ou lança. Como tenho saudades de Artur!

O solstício de inverno é quando rezávamos para que os Deuses não abandonassem a terra à grande escuridão. Nos mais negros dos invernos essas orações pareciam pedidos desesperados, e isso nunca foi mais

verdadeiro do que no ano antes de os saxões atacarem, quando nosso mundo estava amortalhado sob uma concha de gelo e neve compactada. Para aqueles de nós que eram adeptos de Mitra o solstício tinha um significado duplo, porque também era a ocasião do nascimento de nosso Deus, e depois da grande festa de solstício em Dun Caric levei Issa para o oeste, até as cavernas onde realizávamos nossas cerimônias mais solenes, e ali o iniciei no culto a Mitra. Ele suportou com sucesso as provas e foi recebido naquele grupo de guerreiros de elite que guardavam os mistérios do Deus. Depois festejamos. Naquele ano matei o touro, primeiro cortando o tendão do jarrete do animal, para que ele não pudesse se mexer, depois golpeando com o machado, dentro da caverna baixa, para cortar sua coluna. Lembro que o touro tinha o fígado encolhido, o que foi visto como mau presságio, mas não havia bons presságios naquele inverno frio.

Quarenta homens compareceram aos rituais, apesar do inverno cortante. Artur, apesar de iniciado há muito, não compareceu, mas Sagramor e Culhwch tinham vindo de seus postos de fronteira para as cerimônias. No fim da festa, quando a maioria dos guerreiros dormia com os efeitos do hidromel, nós três nos recolhemos a um túnel comprido onde a fumaça não estava densa e onde pudemos conversar particularmente.

Tanto Sagramor quanto Culhwch tinham certeza de que os saxões atacariam diretamente pelo vale do Tâmis.

— O que ouvi contar — disse Sagramor — é que eles estão enchendo Londres e Pontes com comida e suprimentos. — Ele parou para tirar com os dentes um pouco de carne de um osso. Fazia meses que eu não via Sagramor e achei sua companhia tranquilizadora; o númida era o mais forte e temível comandante guerreiro de Artur e sua capacidade se refletia no rosto estreito como um machado. Ele era o mais leal dos homens, um amigo sólido e um maravilhoso contador de histórias, mas acima de tudo era um guerreiro natural, capaz de ser mais esperto e lutar melhor do que qualquer inimigo. Os saxões tinham pavor de Sagramor, acreditando que ele era um demônio negro vindo do Outro Mundo deles. Ficávamos felizes por eles viverem num medo tão atordoante, e era um conforto saber que, mesmo em número inferior, tínhamos sua espada e seus lanceiros experientes do nosso lado.

— Cerdic não vai atacar no sul? — perguntei.

Culhwch balançou a cabeça.

— Ele não está demonstrando isso. Nada se mexe em Venta.

— Eles não confiam um no outro — disse Sagramor sobre Cerdic e Aelle. — Um não ousa deixar o outro fora das vistas. Cerdic teme que subornemos Aelle, e Aelle teme que Cerdic o trapaceie com os espólios, de modo que vão ficar mais próximos do que irmãos.

— Então o que Artur vai fazer? — perguntei.

— Esperávamos que você dissesse — respondeu Culhwch.

— Atualmente Artur não tem conversado comigo — falei, não me incomodando em esconder o azedume.

— Então somos dois — resmungou Culhwch.

— Três — disse Sagramor. — Ele me procura, faz perguntas, participa dos ataques e depois vai embora. Não diz nada.

— Esperemos que ele esteja pensando — falei.

— Está ocupado demais com a nova esposa, provavelmente — sugeriu Culhwch azedamente.

— Você a conheceu? — perguntei.

— É um bichinho irlandês — disse ele sem dar importância — com garras. — Culhwch contou que tinha visitado Artur e sua nova esposa no caminho para a reunião de Mitra. — Ela é bastante bonita — falou de má vontade. — Se você pegasse a escrava dela, provavelmente desejaria que ela ficasse na sua cozinha durante um tempo. Bom, eu desejaria. Você não, Derfel. — Culhwch costumava me provocar pela lealdade a Ceinwyn, ainda que minha fidelidade não fosse muito incomum. Sagramor tinha tomado como esposa uma saxã capturada e, como eu, era famoso pela lealdade à mulher. — De que adianta um touro que só serve a uma vaca? — perguntou Culhwch, mas nenhum de nós respondeu à provocação.

— Artur está com medo — disse Sagramor. Ele fez uma pausa, juntando os pensamentos. O núnida falava bem a língua britânica, ainda que com um sotaque terrível, mas esta não era a sua língua natural, e ele frequentemente falava devagar para se certificar de que estava expressando suas ideias exatas. — Ele desafiou os Deuses, e não somente no Mai Dun e sim tomando o poder de Mordred. Os cristãos o odeiam, e agora os pagãos dizem que ele é seu inimigo. Vocês percebem como isso o deixa solitário?

— O problema com Artur é que ele não acredita nos Deuses — disse Culhwch.

— Artur acredita em si mesmo — disse Sagramor — e quando Guinevere o traiu, ele levou um golpe no coração. Sente vergonha. Perdeu boa parte do orgulho, e é um homem orgulhoso. Acha que todos rimos dele, por isso fica distante de nós.

— Eu não rio dele — protestei.

— Eu sim — disse Culhwch, fazendo uma careta quando esticou a perna ferida. — Desgraçado estúpido. Deveria ter batido com o cinto da espada nas costas de Guinevere algumas vezes. Isso teria ensinado uma lição àquela vaca.

— Agora ele teme a derrota — disse Sagramor, tranquilamente ignorando a opinião previsível de Culhwch. — Afinal de contas, o que ele é, senão um soldado? Artur gosta de pensar que é um homem bom, que governa porque é um líder natural, mas é a espada que o levou ao

poder. Dentro da alma ele sabe disso, e se perder esta guerra perde a coisa que mais lhe importa: sua reputação. Ele será lembrado como o usurpador que não foi suficientemente bom para manter o que usurpou. Ele se aterroriza com uma segunda derrota por causa da reputação.

— Talvez Argante possa curar a primeira derrota — falei.

— Duvido — disse Sagramor. — Galahad me disse que Artur não queria realmente se casar com ela.

— Então por que se casou? — perguntei, carrancudo.

Sagramor deu de ombros.

— Para desagradar Guinevere? Para agradar Oengus? Para nos mostrar que não precisa de Guinevere?

— Para se enroscar com uma garota bonita? — sugeri Culhwch.

— Se é que ele faz isso — disse Sagramor.

Culhwch olhou para o númida, num choque aparente.

— Claro que faz — disse Culhwch.

Sagramor balançou a cabeça.

— Ouvi dizer que não. Só boatos, claro, e o boato é menos digno de confiança quando fala de um homem com sua mulher. Mas acho que essa princesa é jovem demais para o gosto de Artur.

— Elas nunca são jovens demais — resmungou Culhwch. Sagramor apenas deu de ombros. Ele era muito mais sutil do que Culhwch, o que lhe dava um entendimento muito maior sobre Artur, que gostava de parecer muito reto, mas cuja alma na verdade era tão complicada quanto as curvas sinuosas e os dragões recurvados que decoravam a lâmina de Excalibur.

Separamo-nos de manhã, com as lâminas das lanças e das espadas ainda vermelhas do sangue do touro sacrificado. Issa estava empolgado. Há alguns anos ele havia sido um garoto do campo, mas agora era um adepto de Mitra e logo, pelo que me disse, seria pai, já que Scarach, sua mulher, estava grávida. Cheio de confiança pela iniciação em Mitra, de repente Issa tinha certeza de que podíamos vencer os saxões sem a ajuda de Gwent, mas eu não tinha essa crença. Eu podia não gostar de Guinevere, mas nunca a achei uma tola, e estava preocupado com sua previsão de que Cerdic atacaria no sul. A alternativa fazia sentido, claro; Cerdic e Aelle eram aliados relutantes e gostariam de ficar de olho um no outro. Um ataque avassalador ao longo do Tâmis seria o caminho mais rápido para chegar ao mar de Severn e rachar os reinos britânicos em duas partes. E por que os saxões sacrificariam a vantagem numérica dividindo suas forças em dois exércitos menores que Artur poderia derrotar um depois do outro? Mas se Artur esperasse apenas um ataque, e só se guardasse contra esse ataque, as vantagens de uma investida no sul eram gigantescas. Enquanto Artur estivesse embolado com um exército saxão no vale do Tâmis, o outro poderia dar a volta em seu flanco direito e chegar ao Severn quase sem oposição. Mas Issa não

estava preocupado com essas coisas. Só se imaginava na parede de escudos onde, enobrecido pela aceitação de Mitra, cortaria saxões como um agricultor colhia feno.

O tempo continuou frio depois da época do solstício. Um dia após outro amanhecia gelado e pálido, com o sol parecendo pouco mais do que um disco avermelhado pairando baixo nas nuvens do sul. Lobos penetravam nas fazendas, caçando as ovelhas que tínhamos prendido nos currais temporários, e num dia glorioso pegamos seis das grandes feras cinzentas, garantindo assim seis novas caudas para os elmos dos meus guerreiros. Meus homens começaram a usar essas caudas no topo dos elmos nas profundas selvas da Armórica, onde havíamos lutado contra os francos. E como os tínhamos assediado como animais de rapina, eles nos chamavam de lobos, e tomamos o insulto como elogio. Éramos os Caudas de lobos, ainda que nossos escudos, em vez de ostentar uma máscara de lobo, fossem pintados com uma estrela de cinco pontas como um tributo a Ceinwyn.

Ceinwyn ainda insistia em que não fugiria para Powys na primavera. Morwenna e Seren podiam ir, dizia, mas ela permaneceria. Fiquei com raiva dessa decisão.

— Então as meninas podem perder a mãe e o pai ao mesmo tempo? — perguntei.

— Se for isso que os Deuses decretarem, sim — disse ela placidamente, depois deu de ombros. — Posso estar sendo egoísta, mas é o que quero.

— Quer morrer? Isso é egoísmo?

— Não quero estar tão longe, Derfel. Você sabe como é estar num país distante quando seu homem está lutando? A gente espera com terror. Teme cada mensageiro. Ouve cada boato. Desta vez vou ficar.

— Para me dar mais uma preocupação?

— Que homem arrogante você é — disse ela calmamente. — Acha que não sei cuidar de mim?

— Esse anelzinho não irá mantê-la a salvo dos saxões — falei, apontando para a lasca de ágata em seu dedo.

— Então eu mesma me mantereí a salvo. Não se preocupe, Derfel, não estarei incomodando você e não me permitirei ser tomada em cativeiro.

No dia seguinte, os primeiros cordeiros nasceram num aprisco sob o morro de Dun Caric. Era muito cedo para esses nascimentos, mas tomei como bom sinal dos Deuses. Antes que Ceinwyn pudesse proibir, o primeiro cordeiro nascido foi sacrificado para garantir que o resto da temporada fosse boa. A pele ensanguentada do animalzinho foi pregada num salgueiro ao lado do riacho e debaixo dela, no dia seguinte, um acônito floresceu, suas pequenas pétalas amarelas sendo o primeiro clarão de cor na virada do ano. Naquele dia também vi três martins-

pescadores adejando perto das margens geladas do riacho. A vida estava se agitando. De madrugada, após os galos nos acordarem, de novo podíamos ouvir as canções de tordos, papos-roxos, cotovias, garriças e pardais.

Artur mandou nos chamar duas semanas depois do nascimento daqueles primeiros cordeiros. A neve havia derretido, e seu mensageiro pelejara pelas estradas lamacentas para trazer a convocação que exigia nossa presença no palácio de Lindinis. Deveríamos estar lá para a festa de Imbolc, a primeira festividade depois do solstício e que é dedicada à Deusa da fertilidade. Na festa de Imbolc empurramos cordeiros recém-nascidos através de aros em chamas e depois — quando acham que ninguém está olhando — as meninas saltam através dos aros incendiados e tocam com os dedos as cinzas dos fogos de Imbolc, para depois passar o pó cinzento entre as coxas. Uma criança nascida em novembro é chamada de filha de Imbolc, e tem a cinza como mãe e o fogo como pai. Ceinwyn e eu chegamos na tarde da véspera da festa de Imbolc, enquanto o sol invernal lançava sombras compridas sobre a grama pálida. Os lanceiros de Artur rodeavam o palácio, guardando-o contra a hostilidade mal-humorada das pessoas que se lembravam de Merlin invocando magicamente a garota brilhante no pátio.

Para minha surpresa, descobri que o pátio estava preparado para a festa de Imbolc. Artur nunca havia se importado com essas coisas, deixando as observações mais religiosas para Guinevere, e ela nunca havia comemorado os grosseiros festivais campestres como Imbolc; mas agora um grande aro de palha trançada estava pronto para as chamas no centro do pátio, enquanto alguns cordeiros recém-nascidos estavam presos junto das mães num pequeno cercado temporário. Culhwch nos recebeu, dando um olhar maroto para o aro.

— Uma chance de ter outro bebê — falou a Ceinwyn.

— Por que outro motivo eu estaria aqui? — respondeu ela, dando-lhe um beijo. — E quantos você tem agora?

— Vinte e um — disse ele, orgulhoso.

— De quantas mães?

— Dez. — Ele riu, depois deu um tapa nas minhas costas. — Nós receberemos as ordens amanhã.

— Nós?

— Você, eu, Sagramor, Galahad, Lanval, Balin, Morfans... — Culhwch deu de ombros. — Todo mundo.

— Argante está aqui? — perguntei.

— Quem você acha que aprontou o aro? Isso tudo é ideia dela. Ela trouxe um druida da Demétia, e antes de comermos esta noite temos de cultivar Nantosuelta.

— Quem? — perguntou Ceinwyn.

— Uma Deusa — disse Culhwch sem dar importância. Havia tantos

Deuses e Deusas que era impossível para qualquer um que não fosse druida saber todos os nomes, e nem Ceinwyn nem eu tínhamos ouvido falar de Nantosuelta.

Também não vimos Artur ou Argante até depois de escurecer, quando Hygwydd, o serviçal de Artur, nos convocou a todos para o pátio iluminado com tochas embebidas em piche, acesas em seus suportes de ferro. Lembrei-me da noite de Merlin naquele lugar, e da multidão espantada que levantava seus aleijados e bebês doentes para Olwen, a Prateada. Agora uma assembleia de lordes e suas esposas esperava sem jeito de cada lado do aro trançado, enquanto num tablado na extremidade oeste do pátio havia três cadeiras cobertas de tecido branco. Um druida estava ao lado do aro e presumi que fosse o feiticeiro que Argante tinha mandado vir do reino de seu pai. Era um homem baixo, atarracado, com barba preta revolta onde estavam trançados tufo de pelo de raposa e pequenos punhados de ossos.

— Ele se chama Fergal — disse-me Galahad — e odeia os cristãos. Passou a tarde inteira lançando feitiços contra mim, depois Sagramor apareceu e Fergal quase desmaiou de horror. Ele pensou que fosse Crom Dubh que tivesse chegado pessoalmente. — Galahad riu.

Sagramor realmente poderia ter sido aquele Deus escuro, porque estava vestido de couro preto e tinha uma espada com bainha preta pendurada na cintura. Viera a Lindinis com sua grande e plácida esposa saxã, Malla, e os dois estavam separados do resto de nós no lado mais distante do pátio. Sagramor cultuava Mitra, mas tinha pouco tempo para os Deuses britânicos, ao passo que Malla ainda cultuava Woden, Eostre, Thunor, Fir e Seaxnet: todas divindades saxãs.

Todos os líderes de Artur estavam ali, mas enquanto esperava por ele pensei nos homens que faltavam. Cei, que havia crescido com Artur na distante Gwynedd, tinha morrido em Isca da Dumnonia durante a rebelião de Lancelot. Foi assassinado por cristãos. Agravain, que durante anos fora o comandante dos cavaleiros de Artur, morrera durante o inverno, derrubado por uma febre. Balin tinha assumido as tarefas de Agravain e trouxera três esposas para Lindinis, junto com uma tribo de pequenas crianças atarracadas que olhavam horrorizadas para Morfans, o homem mais feio da Britânia, cujo rosto agora era tão familiar para o resto de nós que não percebíamos mais seu lábio leporino, o bócio no pescoço ou o maxilar torto. A não ser por Gwydre, que ainda era menino, eu provavelmente era o homem mais novo ali, e essa percepção me chocou. Precisávamos de novos comandantes guerreiros, e naquele momento decidi que daria a Issa seu próprio bando de homens assim que terminasse a guerra com os saxões. Se Issa vivesse. Se eu vivesse.

Galahad estava cuidando de Gwydre e os dois vieram ficar com Ceinwyn e comigo. Galahad sempre fora um homem bonito, mas agora,

chegando à idade madura, essa boa aparência assumia uma nova dignidade. Seu cabelo tinha se transformado do ouro luminoso em cinzento, e agora ele usava uma pequena barba pontuda. Sempre fôramos íntimos, mas naquele inverno difícil ele provavelmente esteve mais próximo de Artur do que todo mundo. Galahad não estivera presente no palácio do mar para ver a vergonha dele, e isso, junto com sua calma simpatia, o tornava aceitável para Artur. Ceinwyn, mantendo a voz baixa para que Gwydre não ouvisse, perguntou-lhe como Artur estava.

— Gostaria de saber — disse Galahad.

— Sem dúvida está feliz — observou Ceinwyn.

— Por quê?

— Com uma nova esposa...

Galahad sorriu.

— Quando um homem faz uma jornada, cara senhora, e tem o cavalo roubado no meio do caminho, ele frequentemente compra um substituto muito apressadamente.

— E depois disso não o monta, é o que ouvi? — intervim brutalmente.

— Ouviu isso, Derfel? — respondeu Galahad, sem confirmar nem negar o boato. Ele sorriu. — O casamento é um enorme mistério para mim — acrescentou vagamente.

O próprio Galahad nunca tinha se casado. Na verdade nunca havia se estabelecido num lugar desde que Ynys Trebes, seu lar, caíra diante dos francos. Desde então estava na Dumnonia, e vira uma geração de crianças crescerem até ficar adultas, mas ainda parecia um visitante. Tinha aposentos no palácio da Durnovária, mas mantinha pouca mobília e escasso conforto. Viajava fazendo serviços para Artur, percorrendo toda a Britânia para resolver problemas com outros reinos, ou então cavalgando com Sagramor em ataques na fronteira saxã, e parecia mais feliz quando estava assim ocupado. Algumas vezes eu suspeitava de que ele era apaixonado por Guinevere, mas Ceinwyn sempre zombou desse pensamento. Segundo ela, Galahad estava apaixonado pela perfeição, e era exigente demais para amar uma mulher real. Ele amava a ideia das mulheres, segundo Ceinwyn, mas não podia suportar a realidade da doença, do sangue e da dor. Não mostrava nojo dessas coisas na batalha, mas isso, segundo Ceinwyn, era porque na batalha eram os homens que sangravam e que eram falíveis, e Galahad nunca havia idealizado os homens, só as mulheres. E talvez ela estivesse certa. Eu só sabia que às vezes meu amigo devia estar solitário, mas ele nunca reclamava.

— Artur tem muito orgulho de Argante — disse ele em tom ameno, mas sugerindo que havia deixado algo sem dizer.

— Entretanto ela não é nenhuma Guinevere? — sugeri.

— Ela certamente não é uma Guinevere — concordou Galahad, grato por eu ter verbalizado o pensamento —, mas de certa forma não é muito diferente dela.

— De que forma? — perguntou Ceinwyn.

— Ela tem ambições — disse Galahad de modo dubio. — Acha que Artur deveria entregar a Silúria ao pai dela.

— A Silúria não é para ser entregue! — falei.

— Não — concordou Galahad —, mas Argante acha que ele deve conquistá-la.

Cuspi. Para conquistar a Silúria, Artur teria de lutar com Gwent e até com Powys, os dois países que governavam o território em conjunto.

— Louca — falei.

— Ambiciosa, ainda que pouco realista — corrigiu Galahad.

— Você gosta de Argante? — perguntou Ceinwyn diretamente.

Ele foi poupado da resposta porque a porta do palácio se abriu de súbito e finalmente Artur apareceu. Estava vestido com o branco costumeiro e seu rosto, que tinha ficado tão magro nos últimos meses, parecia subitamente velho. Esse era um destino cruel, porque ao seu braço, vestida de ouro, estava a nova esposa, e aquela nova esposa era pouco mais do que uma criança.

Foi a primeira vez que vi Argante, a princesa dos Uí Liatháin e irmã de Isolda, e de muitas maneiras se parecia com a malfadada Isolda. Argante era uma criatura frágil situada entre a menina e a mulher, e naquela noite da véspera da festa de Imbolc ela parecia mais perto da infância do que da vida adulta, porque estava envolta num grande manto de tecido rígido que sem dúvida já pertencera a Guinevere. Decerto que o manto era grande demais para Argante, que caminhava desajeitadamente nas dobras douradas. Lembrei-me de ter visto sua irmã cheia de joias e de ter pensado que Isolda parecia uma criança enfeitada com o ouro da mãe, e Argante dava a mesma impressão de estar fantasiada para uma peça e, como uma criança que fingia ser adulta, portava-se com uma solenidade concentrada para desafiar a falta inata de dignidade. Usava os cabelos pretos e brilhantes numa trança comprida enrolada na cabeça, presa com um broche de azeviche, da mesma cor dos temidos escudos dos guerreiros de seu pai, e o estilo adulto se ajustava mal ao rosto jovem, assim como o pesado torque de ouro no pescoço parecia grosso demais para a garganta esguia. Artur a levou até o tablado e ali a deixou com uma reverência na cadeira da esquerda — e duvido que tenha havido uma única alma no pátio, fosse hóspede, druida ou guarda, que não pensasse que pareciam pai e filha. Houve uma pausa assim que Argante se sentou. Foi um momento incômodo, como se uma parte do ritual tivesse sido esquecida e uma cerimônia solene corresse o perigo de se tornar ridícula, mas então houve um movimento na porta, um riso contido e Mordred apareceu.

Nosso rei veio mancando com o pé torto, um sorriso maroto no rosto. Como Argante, ele estava representando um papel, mas, diferentemente dela, era um ator a contragosto. Sabia que cada homem no pátio era homem de Artur e que todos o odiavam. E que, enquanto fingiam aceitá-lo como rei, ele vivia apenas porque aqueles homens permitiam. Subiu ao tablado. Artur fez uma reverência e todos repetimos. Mordred, com o cabelo espetado tão indomável como sempre e a barba formando uma franja feia no rosto redondo, fez um pequeno movimento de cabeça e em seguida sentou-se na cadeira do centro. Argante lhe deu um olhar surpreendentemente amigável, Artur ocupou a última cadeira e ali eles ficaram, o imperador, o rei e a noiva-criança.

Eu não conseguia deixar de pensar que Guinevere faria tudo aquilo muito melhor. Teria hidromel quente para beber, mais fogueiras para aquecer e música para abafar os silêncios desajeitados, mas nesta noite ninguém parecia saber o que deveria acontecer, até que Argante sibilou para o druida de seu pai. Fergal olhou em volta, nervoso, depois atravessou o pátio e pegou uma das tochas nos suportes. Usou-a para acender o aro, depois murmurou encantamentos incompreensíveis enquanto as chamas tomavam a palha.

Escravos carregaram os cinco cordeiros recém-nascidos para fora do curral. As ovelhas chamavam dolorosamente os filhotes que se retorciam nos braços dos escravos. Fergal esperou até que o aro formasse um círculo de fogo completo, depois ordenou que os cordeiros fossem empurrados por entre as chamas. A confusão se seguiu. Sem ter ideia de que a fertilidade da Dumnonia dependia de sua obediência, os cordeiros se espalharam em todas as direções, menos na da fogueira, e os filhos de Balin juntaram-se alegres na caçada barulhenta e só conseguiram aumentar a confusão, mas finalmente, um a um, os animaizinhos foram recolhidos e conduzidos na direção do aro, e com o tempo todos os cinco foram persuadidos a pular pelo círculo de fogo, mas nesse momento a pretendida solenidade no pátio tinha sido despedaçada. Argante, que sem dúvida estava acostumada a ver essas cerimônias muito mais bem-realizadas na sua nativa Demétia, franzia a testa, mas o resto de nós ria e conversava. Fergal restaurou a dignidade da noite emitindo subitamente um berro feroz que nos imobilizou a todos. O druida estava parado com a cabeça jogada para trás, de modo a olhar para as nuvens. Na mão direita havia uma larga faca de sílex e, na esquerda, lutando desamparado, um cordeiro.

— Ah, não! — protestou Ceinwyn e em seguida se virou. Gwydre fez uma careta e pus um braço em seu ombro.

Fergal gritou seu desafio para a noite, depois levantou o cordeiro e a faca acima da cabeça. Gritou de novo, depois trucidou o cordeiro, golpeando e rasgando seu corpinho com a faca cega e desajeitada. O cordeirose debatia cada vez mais fraco, e balia para a mãe que o

chamava impotente, e o tempo todo o sangue jorrava de seus pelos para o rosto erguido de Fergal e para sua barba revolta, trançada com ossos e pelo de raposa.

— Fico muito feliz por não morar na Demétia — murmurou Galahad em meu ouvido.

Olhei para Artur enquanto esse sacrifício extraordinário era feito, e vi um ar de absoluta repulsa em seu rosto. Então ele viu que eu o estava olhando e seu rosto se enrijeceu. Argante, com a boca aberta ansiosa, estava inclinada à frente, olhando o druida. Mordred estava rindo.

O cordeiro morreu, e Fergal, para horror de todos nós, começou a dançar no pátio, sacudindo o cadáver e gritando orações. Pingos de sangue caíam em cima de nós. Joguei minha capa em cima de Ceinwyn enquanto o druida, com o rosto cheio de riachos de sangue, passava dançando. Artur claramente não tinha ideia de que esse assassinato bárbaro fora arranjado. Sem dúvida pensava que sua nova esposa havia planejado alguma cerimônia decorosa para preceder a festa, mas o rito havia se transformado numa orgia de sangue. Todos os cinco cordeiros foram trucidados, e quando a última garganta foi cortada pela negra faca de sílex, Fergal recuou e fez um gesto para o aro.

— Nantosuelta espera vocês — gritou para nós. — Aqui está ela! Venham para ela! — Sem dúvida ele esperava alguma reação, mas nenhum de nós se mexeu. Sagramor olhou para a lua e Culhwch caçou um piolho na barba. Pequenas chamas tremulavam no aro, e fiapos de palha incendiada flutuavam até onde os cadáveres sangrentos estavam nas pedras do pátio, e ainda nenhum de nós se mexia. — Venham para Nantosuelta! — gritou Fergal, rouco.

Então Argante se levantou. Deixou cair o manto rígido e dourado revelando um vestido simples, de lã azul, que a fazia parecer mais infantil do que nunca. Tinha quadris estreitos, de menino, mãos pequenas e um rosto delicado, tão branco quanto a lã dos carneiros antes que a faca negra tirasse suas pequenas vidas. Fergal gritou para ela:

— Venha, venha para Nantosuelta, Nantosuelta chama você, venha para Nantosuelta — e ele continuou entoando, convocando Argante para a sua Deusa. Argante, agora quase em transe, se adiantou lentamente, cada passo um esforço separado, de modo que ela se movia e parava, movia-se e parava, enquanto o druida a incitava. — Venha para Nantosuelta. Nantosuelta chama você. Venha para Nantosuelta. — Os olhos de Argante estavam fechados. Para ela, pelo menos, aquele era um momento espantoso, mas acho que todos estávamos embaraçados. Artur se mostrava pasmo, e não era de espantar, porque parecia que ele apenas havia trocado Ísis por Nantosuelta, e Mordred, que um dia tivera Argante prometida como noiva, olhava com o rosto ansioso enquanto a garota se adiantava arrastando os pés. — Venha para Nantosuelta.

Nantosuelta chama você — chamava Fergal, só que agora sua voz tinha subido a um fingimento de grito feminino.

Argante chegou ao aro e, enquanto o calor das últimas chamas tocava seu rosto, ela abriu os olhos e quase pareceu surpresa ao se ver ao lado do fogo da Deusa. Olhou para Fergal, depois passou rapidamente pelo anel fumegante. Deu um sorriso de triunfo e Fergal bateu palmas para ela, convidando-nos a aplaudir também. Educadamente fizemos isso, ainda que nossas palmas sem entusiasmo tenham cessado assim que Argante se agachou junto aos cordeiros mortos. Todos ficamos em silêncio enquanto ela mergulhava um dedo delicado num dos fermentos da faca. Ela tirou o dedo e o ergueu para que todos pudéssemos ver o sangue grosso na ponta. Depois se virou para que Artur visse. Encarou-o enquanto abria a boca, mostrando dentes pequenos e brancos, depois lentamente pôs o dedo entre os dentes e fechou os lábios em volta. Chupou-o até limpar. Vi que Gwydre estava olhando incrédulo para a madrastra. Argante não era muito mais velha do que ele. Ceinwyn estremeceu, sua mão agarrando a minha firmemente.

Argante ainda não tinha terminado. Virou-se, com o dedo de novo com sangue, e o enfiou nas brasas quentes do aro. Depois, ainda agachada, enfiou a mão debaixo da bainha do vestido azul, transferindo o sangue e as cinzas para as coxas. Estava garantindo que teria bebês. Estava usando o poder de Nantosuelta para começar sua dinastia, e todos éramos testemunhas dessa ambição. Seus olhos se reviraram de novo, quase em êxtase, depois, subitamente, o ritual estava terminado. Ela se levantou, de novo com a mão visível, e chamou Artur. Sorriu pela primeira vez naquela noite e vi que ela era linda, mas de uma beleza cortante, tão dura a seu modo quanto a de Guinevere, mas sem os cabelos emaranhados e brilhantes de Guinevere para suavizá-la.

Ela chamou Artur de novo, porque parecia que o ritual exigia que ele também passasse pelo aro. Por um segundo ele hesitou, depois olhou para Gwydre e, incapaz de suportar mais a superstição, levantou-se e balançou a cabeça.

— Vamos comer — falou asperamente, depois suavizou o convite peremptório rindo para os convidados; mas naquele momento olhei para Argante e vi um olhar de fúria absoluta em seu rosto pálido. Durante um segundo pensei que ela gritaria com Artur. Seu corpo pequeno estava tenso, rígido, os punhos trincados. Mas Fergal, o único além de mim que parecia ter notado sua raiva, sussurrou em seu ouvido e ela estremeceu enquanto a fúria passava. Artur não tinha notado nada. — Tragam as tochas — ordenou aos guardas, e as chamas foram carregadas para dentro do palácio, iluminando o salão de festas. — Venham — gritou Artur para o resto de nós e, agradecidamente, nos dirigimos às portas do palácio. Argante hesitou, mas de novo Fergal sussurrou e ela obedeceu

ao chamado de Artur. O druida ficou ao lado do aro fumegante.

Ceinwyn e eu fomos os últimos convidados a deixar o pátio. Algum impulso tinha me contido, e toquei o braço dela e puxei-a para a sombra da arcada, de onde vimos que mais uma pessoa permanecera no pátio. Agora, quando o lugar parecia vazio e restavam apenas as ovelhas balindo e o druida encharcado em sangue, essa pessoa saiu das sombras. Era Mordred. Ele passou mancando pelo tablado, atravessou o pátio e parou junto ao aro. Por um instante, ele e o druida se encararam, depois Mordred fez um gesto desajeitado com a mão, como se pedisse permissão para atravessar os restos do círculo de fogo. Fergal hesitou, depois assentiu abruptamente. Mordred baixou a cabeça e passou pelo aro. Parou do outro lado e molhou o dedo com sangue, mas não esperei para ver o que ele fez. Puxei Ceinwyn para o palácio, onde as chamas enfumaçadas iluminavam as grandes pinturas murais de Deuses romanos e caçadas romanas.

— Se servirem cordeiro — disse Ceinwyn —, eu me recuso a comer.

Artur serviu salmão, javali e veado. Uma harpista tocou. Mordred, sem que percebessem sua chegada tardia, ocupou o lugar na mesa principal onde sentou-se com um sorriso maroto no rosto grosseiro. Não falou com ninguém e ninguém falou com ele, mas às vezes olhava para a pálida e magra Argante, a única pessoa no salão que parecia não sentir prazer com a festa. Eu a vi captar o olhar de Mordred uma vez e eles deram de ombros exasperadamente, como a sugerir que desprezavam o resto de nós, mas, a não ser por esse único olhar, ela meramente ficou mal-humorada e Artur sentiu-se embaraçado pela esposa, enquanto o resto de nós fingia não notar. Mordred, claro, adorou a rabugice dela.

Na manhã seguinte fomos caçar. Éramos doze, todos homens. Ceinwyn gostava de caçar, mas Artur tinha pedido que ela passasse a manhã com Argante, e Ceinwyn concordara com relutância.

Fomos para a floresta no oeste, ainda que sem muita esperança, já que Mordred costumava caçar entre aquelas árvores e o mestre de caça duvidava que encontrássemos animais. Os cães veadeiros de Guinevere, agora sob os cuidados de Artur, saltavam entre os troncos pretos e conseguiram assustar uma corça que nos fez dar um belo galope pela floresta, mas o mestre de caça chamou os cães de volta quando viu que ela estava grávida. Artur e eu tínhamos cavalgado tangenciando a caçada, pensando em cortar o caminho da presa na borda da floresta, mas puxamos as rédeas quando ouvimos as trompas. Artur olhou em volta, como se esperasse encontrar mais companhia, depois resmungou quando viu que eu estava sozinho com ele.

— Negócio estranho ontem à noite — falou sem jeito. — Mas as mulheres gostam dessas coisas — acrescentou, como se não desse importância.

— Ceinwyn não gosta.

Ele me lançou um olhar cortante. Devia estar imaginando se ela havia me contado sobre a proposta de casamento, mas meu rosto não traía coisa alguma, e ele deve ter decidido que Ceinwyn não tinha falado.

— Não — disse ele. E hesitou de novo, depois deu uma gargalhada sem jeito. — Argante acha que eu deveria ter atravessado as chamas como um modo de marcar meu casamento, mas eu lhe disse que não preciso de cordeiros mortos para me dizer que estou casado.

— Não tive a chance de parabenizá-lo pelo casamento — falei formalmente —, então permita-me fazer isso agora. Ela é uma moça linda.

Isso o agradou.

— É mesmo — disse e ficou ruborizado. — Mas não passa de uma criança.

— Culhwch diz que elas devem ser tomadas jovens, senhor — falei tranquilamente.

Ele ignorou minha leviandade.

— Eu não pretendia me casar — falou em voz baixa e fiquei quieto. Artur não estava me encarando, olhava por sobre os campos sem cultivo. — Mas um homem deve ser casado — falou com firmeza, como se tentasse se convencer.

— De fato.

— E Oengus ficou entusiasmado. Na primavera, Derfel, ele trará seu exército. E os Escudos Pretos são bons lutadores.

— Não poderiam ser melhores, senhor — falei, mas refleti que Oengus teria trazido seus guerreiros quer Artur tivesse se casado com Argante ou não. O que Oengus realmente queria, claro, era a aliança de Artur contra Cuneglas e Powys, cujas terras os lanceiros de Oengus viviam atacando, mas sem dúvida o ardiloso rei irlandês tinha sugerido a Artur que o casamento garantiria a chegada dos Escudos Pretos à campanha da primavera. Com certeza o casamento fora arranjado às pressas, e agora, com igual certeza, Artur estava arrependido.

— Ela quer filhos, claro — disse Artur, ainda pensando nos rituais horrendos que tinham ensanguentado o pátio de Lindinis.

— O senhor não quer?

— Ainda não — disse ele peremptoriamente. — É melhor esperar, acho, até que acabe o problema com os saxões.

— Por falar nisso, eu tenho um pedido de *lady* Guinevere. — Artur me lançou outro olhar incisivo, mas ficou quieto. — Guinevere teme ficar vulnerável se os saxões atacarem no sul. Ela implora que o senhor mude sua prisão para um local mais seguro.

Artur se inclinou à frente, para acariciar a orelha de seu cavalo. Eu tinha esperado que ficasse raivoso com a menção a Guinevere, mas ele não mostrou irritação.

— Os saxões podem atacar no sul — disse em tom afável. — Na verdade, espero que façam isso, porque irão dividir suas forças e poderemos pegar uma parte de cada vez. Mas o perigo maior, Derfel, é se fizerem um único ataque ao longo do Tâmisia. E preciso planejar para o perigo maior, e não para o menor.

— Mas sem dúvida não seria prudente transferir o que for valioso do sul da Dumnonia?

Ele se virou para me olhar. Sua expressão era zombeteira, como se me desprezasse por demonstrar simpatia por Guinevere.

— Ela é valiosa, Derfel? — Não falei nada e Artur se virou para o outro lado, olhando por sobre os campos pálidos onde tordos e melros caçavam minhocas no mato baixo. — Será que devo matá-la? — perguntou subitamente.

— Matar Guinevere? — respondi, chocado com a sugestão, depois decidi que Argante provavelmente estava por trás das suas palavras. Ela devia se ressentir por Guinevere ainda estar viva depois de ter cometido uma ofensa pela qual sua irmã tinha morrido. — A decisão não é minha, senhor, mas se era a morte que ela merecia, isso não deveria ter sido dado há meses? Não agora.

Ele fez uma careta diante do conselho.

— O que os saxões farão com ela? — perguntou.

— Guinevere acha que irão estuprá-la. Suspeito de que a colocarão num trono.

Ele se virou sombrio para a paisagem pálida. Sabia que eu estava falando do trono de Lancelot, e estava imaginando o embaraço de ver seu inimigo mortal no trono da Dumnonia com Guinevere ao lado, e Cerdic mantendo o poder. Era um pensamento insuportável.

— Se ela correr qualquer risco de ser capturada — falou asperamente —, você irá matá-la.

Eu mal podia acreditar no que tinha ouvido. Encarei-o, mas ele se recusou a me fitar nos olhos.

— Sem dúvida é mais simples levá-la para um lugar seguro, não é? Ela não pode ir para Glevum?

— Já tenho o bastante com que me preocupar sem perder tempo pensando na segurança de traidores — disse ele ríspidamente. Durante alguns momentos seu rosto pareceu mais furioso do que eu já vira, mas então ele balançou a cabeça e suspirou. — Sabe quem invejo?

— Diga, senhor.

— Tewdric.

Eu ri.

— Tewdric! O senhor quer ser um monge constipado?

— Ele é feliz — disse Artur com firmeza. — Ele encontrou a vida que sempre desejou. Não quero a tonsura e não me importo com o Deus dele, mas mesmo assim o invejo. — Artur fez uma careta. — Eu me

desgaste me preparando para uma guerra em que ninguém além de mim acredita que possamos vencer, e não a quero. Nem um pouco! Mordred deveria ser rei, juramos torná-lo rei, e se vencermos os saxões, Derfel, eu o deixarei governar. — Ele falava desafiadoramente, e não acreditei. — Tudo que sempre quis era uma casa, um pouco de terra, algumas cabeças de gado, plantar segundo as estações, lenha para queimar, uma forja para trabalhar o ferro, um riacho para pegar água. Isso é demais? — Ele raramente cedia à autopiedade, e simplesmente deixei sua raiva se esgotar. Frequentemente ele havia expressado esse sonho de um lar dentro de uma paliçada, escondido do mundo por florestas densas e amplos campos, e cheio de sua gente, mas agora, com Cerdic e Aelle juntando as lanças, ele devia saber que era um sonho desesperançado. — Não posso sustentar a Dumnonia para sempre, e quando tivermos vencido os saxões pode ser a hora de deixar outros homens cuidarem de Mordred. Quanto a mim, vou acompanhar Tewdric até a felicidade. — Ele puxou as rédeas. — Não posso pensar em Guinevere agora, mas se ela estiver correndo perigo, cuide disso. — E com essa ordem curta ele bateu os calcanhares e impeliu o animal para longe.

Fiquei onde estava. Sentia-me perplexo, mas se tivesse pensado em sua ordem para além da repulsa que eu sentia, certamente saberia o que estava em sua mente. Ele sabia que eu não mataria Guinevere, e portanto sabia que ela estava em segurança, mas ao me dar a ordem áspera Artur não tinha precisado trair qualquer afeto por ela. *Odi at amo, excrucior.*

Não matamos nada naquela manhã.

À tarde os guerreiros se reuniram no salão de festas. Mordred estava lá, encurvado na cadeira que servia como seu trono. Não tinha com o que contribuir, já que era um rei sem reino, mas Artur lhe concedeu uma cortesia adequada. Na verdade Artur começou dizendo que, quando os saxões chegassem, Mordred cavalgaria com ele, e que todo o exército lutaria sob o estandarte do dragão vermelho de Mordred. Mordred assentiu. O que mais poderia fazer? De fato, e todos sabíamos, Artur não estava oferecendo a Mordred uma chance de redimir sua reputação em batalha, e sim garantindo que ele não tramasse alguma coisa. A melhor chance de Mordred recuperar o poder era se aliar com nossos inimigos se oferecendo como um rei fantoche para Cerdic, mas em vez disso ele seria prisioneiro dos empedernidos guerreiros de Artur.

Em seguida Artur confirmou que o rei Meurig de Gwent não lutaria. Essa notícia, ainda que não fosse surpresa, foi recebida com um rosnado de ódio. Artur silenciou o protesto. Segundo ele, Meurig estava convencido de que a guerra vindoura não era uma batalha de Gwent, mas o rei ainda não dera a permissão para Cuneglas trazer o exército de Powys pela terra de Gwent, e para Oengus marchar seus Escudos Pretos

através de seu reino. Artur nada disse sobre a ambição de Meurig de governar a Dumnonia, talvez porque soubesse que esse anúncio só nos tornaria mais furiosos com o rei de Gwent, e Artur ainda tinha alguma esperança de mudar a ideia de Meurig, por isso não quis provocar mais ódio entre nós e Gwent. As forças de Powys e da Demétia, segundo Artur, iriam se encontrar em Corinium, porque essa cidade romana cercada de muros seria a base de Artur e o local onde todos os nossos suprimentos seriam concentrados.

— Começaremos a mandar suprimentos para Corinium amanhã — disse ele. — Quero a cidade atulhada de comida, porque é lá que lutaremos nossa batalha. — Ele fez uma pausa. — Uma vasta batalha, com todas as forças deles contra cada homem que pudermos juntar.

— Um sítio? — perguntou Culhwch, surpreso.

— Não — disse Artur. E explicou que em vez disso pretendia usar Corinium como isca. Os saxões ouviriam dizer que a cidade estava cheia de carne salgada, peixe seco e grãos, e, como qualquer grande horda em marcha, estariam com pouca comida e seriam atraídos para Corinium como uma raposa para um lago de patos, e ali Artur planejava destruí-los. — Eles irão sitiá-la e Morfans irá defendê-la. — Morfans, que já fora alertado dessa tarefa, assentiu. — Mas o resto de nós estaremos nos morros ao norte da cidade. Cerdic saberá que terá de nos destruir, e interromperá o cerco para fazer isso. Então lutaremos com ele no terreno que escolhermos.

Todo o plano dependia de os dois exércitos saxões avançarem pelo vale do Tâmsa, e todos os sinais indicavam que essa era de fato sua intenção. Eles estavam reunindo suprimentos em Londres e Pontes, e não faziam qualquer preparativo na fronteira sul. Culhwch, que guardava essa fronteira, fizera ataques penetrando fundo em Lloegyr e nos disse que não tinha encontrado nenhuma concentração de lanceiros, nem qualquer indicação de que Cerdic estivesse estocando grãos ou carne em Venta ou qualquer das cidades de fronteira. Tudo, segundo Artur, apontava para um ataque único, brutal e avassalador ao longo do Tâmsa, em direção ao litoral do mar de Severn, com a batalha decisiva sendo lutada em algum ponto perto de Corinium. Os homens de Sagramor já tinham construído grandes fogueiras de alerta nos topos dos morros de cada lado do vale do Tâmsa, e mais fogueiras ainda estavam sendo feitas nos morros que se espalhavam ao sul e ao oeste entrando na Dumnonia, e quando víssemos a fumaça daquelas fogueiras deveríamos todos marchar para os nossos lugares.

— Isso só vai acontecer depois da festa de Beltain — disse Artur. Ele tinha espiões tanto no salão de Aelle quanto no de Cerdic, e todos haviam informado que os saxões esperariam até a festa de sua Deusa Eostre, que seria celebrada uma semana depois de Beltain. Os saxões queriam a bênção da Deusa, explicou Artur, e queriam dar tempo para

os barcos da nova estação chegarem do outro lado do mar, com os cascos cheios de lutadores ainda mais famintos.

Mas depois da festa de Eostre, disse ele, os saxões avançariam e ele deixaria que entrassem fundo em Dumnonia sem uma batalha, mas planejava incomodá-los o tempo todo. Sagramor, com seus lanceiros endurecidos pelas batalhas, recuaria diante da horda saxã e ofereceria toda a resistência possível que não implicasse uma parede de escudos, enquanto Artur reunia o exército aliado em Corinium.

Culhwch e eu tínhamos ordens diferentes. Nossa tarefa era defender os morros ao sul do vale do Tâmsa. Não poderíamos ter esperança de derrotar qualquer avanço decidido dos saxões que viessem para o sul através daqueles morros, mas Artur não esperava um ataque assim. Os saxões, disse ele repetidamente, continuariam marchando para o oeste, sempre para o oeste ao longo do Tâmsa, mas deveriam mandar grupos de ataque para os morros do sul, em busca de grãos e gado. Nossa tarefa era impedir esses grupos, forçando-os assim a ir para o norte. Isso levaria os saxões para o outro lado da fronteira de Gwent, talvez incitando Meurig a uma declaração de guerra. O pensamento não verbalizado nessa esperança, ainda que cada um de nós naquele salão enfumaçado entendesse mesmo assim, era que, sem os bem-treinados lanceiros de Gwent, a grande batalha perto de Corinium seria realmente uma coisa desesperada.

— Então lutem duro com eles — disse Artur a Culhwch e a mim. — Matem os que estiverem procurando comida, apavorem-nos, mas não sejam apanhados em batalha. Assediem, assustem, mas assim que eles estiverem a um dia de marcha de Corinium, deixem-nos em paz. Simplesmente marchem para se juntarem a mim.

Ele precisaria de cada lança que pudesse reunir para aquela grande batalha perto de Corinium, e Artur parecia ter certeza de que podíamos vencer, desde que nossas forças estivessem em terreno elevado.

De certa forma era um bom plano. Os saxões seriam atraídos para o interior da Dumnonia e ali forçados a atacar subindo um morro íngreme. Mas o plano dependia de o inimigo fazer exatamente o que Artur queria e Cerdic, pensei, não era um homem obediente. Mas Artur parecia ter bastante confiança, o que pelo menos era um consolo.

Fomos todos para casa. Eu me tornei impopular revistando todas as casas do distrito e confiscando grãos, carne salgada e peixe seco. Deixamos suprimentos suficientes para manter o povo vivo, mas mandamos o resto para Corinium, onde alimentaria o exército de Artur. Era um negócio desagradável, porque os camponeses temem a fome quase tanto quanto temem lanceiros inimigos, e éramos forçados a procurar esconderijos e ignorar os gritos das mulheres que nos acusavam de tirania. Mas melhor eles sofrerem nossas buscas, falei-lhes, do que os ataques saxões.

Também nos preparávamos para a batalha. Peguei meu equipamento de guerra e meus escravos passaram óleo no gibão de couro, poliram a cota de malha, pentearam a cauda de lobo do elmo e repintaram a estrela branca do meu escudo pesado. O novo ano veio com a primeira canção dos melros. Tordos gritavam dos altos galhos dos lariços atrás do salão de Dun Caric, e pagávamos às crianças do povoado para correr com painéis e paus nos pomares de maçãs para assustar os dom-fafes que roubavam as flores minúsculas. Pardais faziam ninhos e o riacho brilhava com os salmões que retornavam. Os crepúsculos ficavam barulhentos com bandos de lavandiscas. Dentro de algumas semanas surgiriam as flores das avelãs, as violetas nas florestas e os cones tocados de ouro nos salgueiros. Lebres dançavam nos campos onde os cordeiros brincavam. Em março houve um enxame de sapos e temi pelo que isso significaria, mas Merlin não estava ali para eu lhe perguntar, já que havia desaparecido com Nimue e tudo indicava que teríamos de lutar sem sua ajuda. Cotovias cantavam, e as pegas predadoras caçavam ovos recém-postos nos arbustos que ainda não tinham cobertura de folhagem.

As folhas chegaram finalmente, e com elas a notícia dos primeiros guerreiros chegando de Powys. Eram poucos, porque Cuneglas não queria exaurir os suprimentos de comida que estavam sendo acumulados em Corinium, mas sua chegada deu a promessa do exército maior que Cuneglas traria para o sul depois da festa de Beltain. Nossos bezerros nasceram, a manteiga foi preparada e Ceinwyn se ocupou limpando o salão depois do longo inverno enfumaçado.

Foram dias estranhos e agrídoces, porque havia a promessa de guerra numa nova primavera que era subitamente gloriosa com céus encharcados de sol e campinas cobertas de flores. Os cristãos pregam sobre “os últimos dias”, querendo falar dos tempos anteriores ao fim do mundo, e talvez as pessoas os sintam como nós sentíamos aquela primavera amena e linda. Havia uma qualidade irreal na vida cotidiana, que tornava especial qualquer tarefa. Talvez aquela fosse a última vez em que queimaríamos a palha de nossas camas do inverno, e talvez fosse a última vez em que tiraríamos um bezerro ensanguentado do útero da mãe e o colocaríamos no mundo. Tudo era especial, porque tudo estava ameaçado.

Também sabíamos que a próxima festa de Beltain poderia ser a última que conheceríamos como uma família, por isso tentamos torná-la memorável. Beltain comemora a vida do ano novo, e na véspera da festa deixamos todos os fogos morrerem em Dun Caric. Os fogos da cozinha, que tinham queimado durante todo o inverno, ficaram sem ser alimentados o dia inteiro, e à noite não passavam de brasas. Nós as retiramos, varremos os fogões e então pusemos lenha nova, enquanto num morro a leste do povoado montamos duas grandes pilhas de madeira, uma delas perto da árvore sagrada que Pyrlig, nosso bardo,

tinha escolhido. Era uma jovem avelreira que havíamos cortado e levamos cerimonialmente pelo povoado, atravessando o riacho e subindo o morro. A árvore estava cheia de pedaços de pano pendurados, e todas as casas, como o próprio salão, enfeitadas com novos ramos de avelã.

Naquela noite, por toda a Britânia, os fogos estavam mortos. Na véspera de Beltain a escuridão reina. A festa foi feita em nosso salão, mas não havia fogo para cozinhar nem chama para iluminar as altas traves. Não havia luz em lugar algum, a não ser nas cidades cristãs onde as pessoas avivavam os fogos para desafiar os Deuses, mas no campo tudo estava escuro. No crepúsculo tínhamos subido o morro, uma massa de aldeãos e lanceiros guiando cabeças de gado e ovelhas que foram postos em cercados de barro. Crianças brincavam, mas, assim que a grande escuridão pairou, as menores caíram no sono e ficaram deitadas na grama, enquanto o resto de nós se reunia perto das fogueiras ainda não acesas, e ali cantamos o Lamento de Annwn.

Então, na parte mais escura da noite, fizemos a fogueira do ano novo. Pyrlig criou a chama esfregando dois gravetos enquanto Issa jogava aparas de lariço na fagulha que gerou um minúsculo fio de fumaça. Os dois se curvaram sobre a chama minúscula, sopraram-na, puseram mais aparas, e finalmente uma chama forte saltou, e todos começamos a canção de Belenos enquanto Pyrlig levava o novo fogo para os dois montes de lenha. As crianças adormecidas acordaram e correram para encontrar os pais enquanto as fogueiras de Beltain saltavam altas e luminosas.

Um cabrito foi sacrificado assim que as fogueiras estavam acesas. Ceinwyn, como sempre, se virou para outro lado quando a garganta do animal era cortada e Pyrlig espalhava o sangue no capim. Ele jogou o cadáver do cabrito no fogo onde a avelreira sagrada estava queimando, depois os aldeãos pegaram o gado e as ovelhas e os fizeram passar entre as duas grandes fogueiras. Penduramos colares de palha trançada no pescoço das vacas e depois assistimos à dança das moças entre as fogueiras para trazer a bênção dos Deuses aos seus úteros. Elas tinham dançado através do fogo na festa de Imbolc, mas sempre faziam isso de novo em Beltain. Esse foi o primeiro ano em que Morwenna teve idade para dançar entre as fogueiras, e senti uma pontada de tristeza olhando minha filha girar e saltar. Ela parecia tão feliz! Estava pensando em casamento e sonhando com bebês, mas dentro de semanas, pensei, poderia estar morta ou escravizada. Esse pensamento me encheu de uma fúria gigantesca. Dei as costas às nossas fogueiras e me espantei ao ver as chamas brilhantes de outras fogueiras de Beltain queimando à distância. Por toda a Dumnonia as fogueiras ardiam para receber o ano recém-chegado.

Meus lanceiros tinham trazido dois caldeirões gigantescos ao topo

do morro e enchemos seu bojo com madeira acesa, depois descemos correndo o morro com os dois potes chamejantes. Assim que chegamos ao povoado o novo fogo foi distribuído, cada cabana pegando uma chama e levando-a à lenha que esperava nos fogões. Fomos finalmente ao salão e ali levamos o fogo novo às cozinhas. Já era quase madrugada, e os aldeãos se apinharam na paliçada para assistir ao sol nascente. No instante em que o primeiro raio de luz apareceu no horizonte leste, cantamos a canção do nascimento de Lugh: um jubiloso e dançante hino de alegria. Viramo-nos para o leste enquanto cantávamos as boas-vindas ao sol, e logo acima do horizonte podíamos ver o fio escuro da fumaça de Beltain subindo para o céu cada vez mais claro.

A preparação da comida teve início assim que os fogões esquentaram. Eu tinha planejado uma festa enorme para o povoado, pensando que esse poderia ser nosso último dia de felicidade por longo tempo. O povo comum raramente comia carne, mas naquele Beltain tínhamos cinco veados, dois javalis, três porcos e seis ovelhas para assar; tínhamos barris de hidromel recém-preparado e dez cestos de pães assados nos fogos da antiga estação. Havia queijo, nozes com mel e bolos de aveia com a cruz de Beltain queimada na crosta. Dentro de cerca de uma semana os saxões viriam, de modo que essa era a ocasião para dar uma festa que poderia ajudar nosso povo a passar os horrores vindouros.

Os aldeãos fizeram jogos enquanto a carne era preparada. Houve corridas a pé pela rua, lutas e uma competição para quem levantava o maior peso. As garotas trançavam flores nos cabelos e, muito antes de a festa começar, vi os casais se afastando. Comemos à tarde e, enquanto festejávamos, os poetas recitavam e os bardos do povoado cantavam, e o sucesso de suas composições era julgado pela quantidade de aplausos gerada. Distribuí ouro a todos os bardos e poetas, mesmo os piores, e havia muitos desses. A maioria dos poetas eram jovens que, ruborizados, declamavam versos canhestros dedicados às namoradas, e as meninas olhavam tímidas enquanto os aldeãos zombavam, riam e depois exigiam que cada garota recompensasse o poeta com um beijo, e se o beijo fosse rápido demais o casal era posto cara a cara e obrigado a beijar direito. Os poemas ficaram nitidamente melhores à medida que bebíamos mais.

Bebi demais. Na verdade todos festejamos bem e bebemos ainda melhor. Num determinado ponto, o fazendeiro mais rico me desafiou para uma luta, e a multidão exigiu que eu aceitasse, e assim, já meio bêbado, grudei as mãos no corpo do fazendeiro e ele fez o mesmo comigo, e eu pude sentir o cheiro de hidromel azedo em seu hálito, tal como ele, sem dúvida, o podia sentir no meu. Ele empurrava, eu empurrava de volta, e nenhum de nós conseguia mover o outro, por isso ficamos ali, grudados cabeça a cabeça como cervos numa disputa, enquanto a multidão zombava de nossa exibição lamentável. No final o

derrubei, mas só porque ele estava mais bêbado do que eu. E bebi ainda mais, talvez tentando apagar o futuro.

Ao anoitecer estava me sentindo enjoado. Fui até a plataforma de luta que tínhamos montado na paliçada ao leste, ali me encostei na parede e olhei o horizonte que escurecia. Dois fios de fumaça subiam do morro onde tínhamos feito as fogueiras do ano novo, mas para minha mente atordoada pelo hidromel parecia haver pelo menos uma dúzia de piras fumegantes. Ceinwyn subiu à plataforma e riu de minha cara lamentável.

— Você está bêbado — disse ela.

— Estou mesmo.

— Vai dormir feito um porco — falou acusadoramente —, e roncar feito um porco.

— É Beltain — falei em desculpa e aponte a mão para os distantes fiapos de fumaça.

Ela se encostou no parapeito ao meu lado. Tinha flores de abrunheiro tecidas nos cabelos dourados e parecia linda como sempre.

— Precisamos falar com Artur sobre Gwydre — disse ela.

— Casar-se com Morwenna? — perguntei, depois parei para juntar os pensamentos. — Artur parece inamistoso ultimamente — consegui dizer por fim — e talvez esteja pensando em casar Gwydre com outra menina, não é?

— Talvez sim — disse Ceinwyn calmamente. — E nesse caso precisamos arranjar alguém para Morwenna.

— Quem?

— É exatamente isso que quero que você pense quando estiver sóbrio. Quem sabe um dos garotos do Culhwch? — Ela olhou para as sombras noturnas ao pé da encosta, e pôde ver um casal ocupado entre as folhas. — Aquela é Morfudd — falou.

— Quem?

— Morfudd, a menina da queijaria. Outro bebê vindo, acho. Realmente está na hora de ela se casar. — Ceinwyn suspirou e olhou o horizonte. Ficou em silêncio um longo tempo, depois franziu a testa. — Não acha que este ano há mais fogueiras do que no ano passado? — perguntou enfim.

Olhei obedientemente para o horizonte, mas com toda a honestidade não podia distinguir entre uma trilha de fumaça e outra.

— É possível — falei evasivamente.

Ela continuou franzindo a testa.

— Ou talvez não sejam fogueiras de Beltain.

— Claro que são! — falei com a certeza de um bêbado.

— E sim fogueiras de alerta.

Demorou alguns instantes até que o significado de suas palavras se assentasse, e de repente não me senti nem um pouco bêbado. Sentia-me

enjoado, mas não bêbado. Olhei para o leste. Uma quantidade de plumas de fumaça manchava o céu, mas duas eram muito mais densas do que as outras, densas demais para ser os restos de fogueiras acesas na noite anterior e deixadas para morrer de madrugada.

E de repente, enjoativamente, eu soube que eram as fogueiras de alerta. Os saxões não tinham esperado até depois de sua festa de Eostre, tinham vindo durante Beltain. Sabiam que estávamos preparando fogueiras de alerta, mas também sabiam que as fogueiras de Beltain seriam acesas nos morros por toda a Dumnonia e deviam ter adivinhado que não perceberíamos os alertas em meio aos fogos rituais. Havia nos enganado. Nós tínhamos festejado, tínhamos bebido até a insensibilidade, e o tempo todo os saxões estavam atacando.

E a Dumnonia estava em guerra.

EU ERA O LÍDER DE SETENTA guerreiros experientes, mas também comandava 110 jovens que treinei durante o inverno. Esses 180 homens constituíam quase um terço de todos os lanceiros da Dumnonia, mas apenas dezesseis estavam prontos para marchar ao amanhecer. O resto continuava bêbado ou então sofrendo tanto que ignorou meus xingamentos e socos. Issa e eu arrastamos os que estavam em pior estado até o riacho e os jogamos na água gelada, mas não adiantou muito. Só pude esperar enquanto, hora a hora, mais homens recuperavam a consciência. Uma vintena de saxões sóbrios poderia ter devastado Dun Caric naquela manhã.

As fogueiras de alerta ainda queimavam para nos dizer que os saxões vinham, e senti uma culpa terrível por ter fracassado tanto com Artur. Mais tarde fiquei sabendo que praticamente todos os guerreiros da Dumnonia estavam igualmente insensíveis naquela manhã, ainda que os cento e vinte homens de Sagramor tivessem ficado sóbrios e recuado obedientemente diante do avanço dos exércitos saxões. Mas o resto de nós cambaleava, vomitava, tentava recuperar o fôlego e engolia água como cães.

Ao meio-dia a maior parte dos meus homens estava de pé, mas nem todos, e apenas uns poucos se encontravam prontos para marchar. Minha armadura, o escudo e as lanças de guerra estavam num cavalo de carga, enquanto dez mulas levavam os cestos de comida que Ceinwyn ocupara-se em encher durante toda a manhã. Ela esperaria em Dun Caric — pela vitória ou, mais provavelmente, por uma mensagem dizendo para fugir.

Então, alguns instantes antes do meio-dia, tudo mudou.

Um cavaleiro veio do sul num cavalo suado. Era o filho mais velho de Culhwch, Einion, e tinha se esforçado e ao animal até quase a exaustão na tentativa frenética de nos alcançar. Ele meio que caiu da sela.

— Senhor — ofegou ele, depois cambaleou, equilibrou-se e fez uma reverência rápida. Por alguns instantes ficou sem fôlego para falar, e depois as palavras saíram numa agitação frenética, mas ele estivera tão ansioso para dar a mensagem e tinha antecipado tanto o drama do momento que praticamente não conseguiu fazer qualquer sentido, mas entendi que ele vinha do sul e que os saxões estavam marchando lá.

Levei-o a um banco ao lado do salão e o fiz sentar-se.

— Bem-vindo a Dun Caric, Einion ap Culhwch — falei muito formalmente —, e diga tudo aquilo de novo.

Então Guinevere estivera certa: os saxões tinham marchado no sul. Tinham vindo da terra de Cerdic, além de Venta, e já estavam bem no interior da Dumnonia. Dunum, nossa fortaleza perto do litoral, tinha caído no alvorecer de ontem. Culhwch havia abandonado a fortaleza para não deixar seus cem homens ser dominados, e agora estava recuando diante do inimigo. Einion, um jovem com a mesma compleição atarracada do pai, me olhou cheio de pasma.

— Simplesmente eles eram muitos, senhor.

Os saxões tinham nos enganado. Primeiro nos haviam convencido de que não pretendiam nada no sul, depois atacaram durante nossa noite de festa, quando sabiam que confundiríamos as fogueiras distantes com as chamas de Beltain, e agora estavam soltos no nosso flanco sul. Aelle, imaginei, estaria vindo pelo Tâmsa enquanto as tropas de Cerdic assolavam livres junto ao litoral. Einion não tinha certeza de que o próprio Cerdic liderava o ataque no sul, porque não vira o estandarte do rei saxão com o crânio de lobo pintado de vermelho e com a pele de um cadáver pendurada, mas vira a bandeira de Lancelot, a águia do mar com o peixe nas garras. Culhwch achava que Lancelot estaria liderando seus próprios seguidores e mais duas ou três centenas de saxões.

— Onde eles estavam quando você partiu? — perguntei a Einion.

— Ainda a sul de Sorviodunum, senhor.

— E o seu pai?

— Estava na cidade, senhor, mas não ousa ficar lá e cair numa armadilha.

Então Culhwch preferiria entregar a fortaleza de Sorviodunum a ficar preso.

— Ele quer que eu me junte a ele?

Einion balançou a cabeça.

— Ele mandou a notícia a Durnovária, senhor, dizendo para as pessoas de lá virem para o norte. Ele acha que o senhor deve protegê-las e levá-las a Corinium.

— Quem está em Durnovária?

— A princesa Argante, senhor.

Xinguei baixinho. A nova mulher de Artur não poderia simplesmente ser abandonada, e agora entendi o que Culhwch estava sugerindo. Ele sabia que Lancelot não poderia ser detido, por isso queria que eu resgatasse quem fosse valioso dentro da Durnovária e recuasse para o norte em direção a Corinium, enquanto Culhwch fazia o máximo para diminuir a velocidade do avanço inimigo. Era uma estratégia desesperadamente improvisada, e no fim teríamos cedido a maior parte da Dumnonia às forças inimigas. Mas ainda havia a chance de podermos todos nos juntar em Corinium e lutar a batalha de Artur, ainda que ao resgatar Argante eu abandonasse os planos de Artur, de assediar os saxões nos morros ao sul do Tâmsa. Isso era uma pena, mas a guerra

raramente acontece segundo os planos.

— Artur sabe? — perguntei a Einion.

— Meu irmão está indo até ele — garantiu Einion, o que significava que Artur ainda não teria recebido a notícia. Seria fim de tarde antes que o irmão de Einion chegasse a Corinium, onde Artur tinha passado a festa de Beltain. Enquanto isso Culhwch se encontrava perdido em algum lugar ao sul da grande planície e o exército de Lancelot estava... onde? Aelle presumivelmente ainda marchava para o oeste, e talvez Cerdic estivesse com ele, o que significava que Lancelot poderia continuar ao longo da costa e capturar Durnovária ou então se virar para o norte e seguir Culhwch em direção a Caer Cadarn e Dun Caric. Mas de qualquer modo, refleti, esta paisagem estaria coberta por um enxame de lanceiros saxões dentro de três ou quatro dias.

Dei um cavalo descansado a Einion e o mandei para o norte com uma mensagem para Artur, dizendo que eu levaria Argante a Corinium, mas sugerindo que ele poderia mandar cavaleiros a Aquae Sulis para nos encontrar e depois levá-la para o norte. Em seguida, mandei Issa e cinquenta dos meus homens em melhores condições para Durnovária. Ordenei que marchassem rapidamente e sem carregar peso, levando apenas as armas, e alertei Issa de que ele talvez encontrasse Argante e os outros fugitivos de Durnovária vindo para o norte pela estrada. Issa deveria trazer todos a Dun Caric.

— Com sorte — falei —, você estará aqui amanhã ao anoitecer.

Ceinwyn fez seus preparativos para partir. Esta não era a primeira vez em que fugia da guerra, e sabia muito bem que ela e nossas filhas só poderiam levar o que conseguissem carregar. Todo o resto deveria ser abandonado, e assim dois lanceiros cavaram uma caverna na encosta do morro de Dun Caric e ali ela escondeu nosso ouro e nossa prata, depois os dois homens encheram o buraco e o disfarçaram com turfa. Os aldeãos estavam fazendo o mesmo com panelas, pás, pedras de amolar, rocas, peneiras, tudo que fosse pesado demais para carregar e valioso demais para ser perdido. Por toda a Dumnonia essas coisas valiosas estavam sendo enterradas.

Havia pouca coisa que eu pudesse fazer em Dun Caric além de esperar a volta de Issa, por isso cavalguei para o sul até Caer Cadarn e Lindinis. Mantínhamos uma pequena guarnição em Caer Cadarn, não por motivos militares, mas porque o morro era o nosso lugar real, por isso merecia guarda. Essa guarnição era composta por uma vintena de homens velhos, na maioria aleijados, e dos vinte apenas seis seriam realmente úteis na parede de escudos, mas ordenei que todos fossem para o norte até Dun Caric, depois virei a égua para o oeste, em direção a Lindinis.

Mordred tinha pressentido as notícias terríveis. Os boatos passam numa velocidade inimaginável no campo e, ainda que nenhum

mensageiro tivesse chegado ao palácio, mesmo assim ele adivinhou minha missão. Fiz uma reverência e depois requisitei educadamente que ele estivesse pronto para deixar o palácio dentro de uma hora.

— Ah, isso é impossível! — disse ele, o rosto redondo traindo o deleite diante do caos que ameaçava a Dumnonia. Mordred sempre se deleitou com o infortúnio.

— Impossível, senhor rei?

Ele fez um gesto indicando sua sala do trono, cheia de mobília romana, boa parte lascada ou com os engastes faltando, mas ainda luxuosa e bela.

— Tenho coisas a guardar — disse ele. — Pessoas a ver. Amanhã, talvez.

— O senhor vai para o norte, para Corinium, dentro de uma hora, senhor rei — falei asperamente. Era importante tirar Mordred do caminho dos saxões, e era por isso que eu tinha vindo, em vez de ir para o sul ao encontro de Argante. Se Mordred ficasse ele sem dúvida seria utilizado por Aelle e Cerdic, e Mordred sabia disso. Por um momento ele pareceu que ia discutir, depois ordenou que eu saísse da sala e gritou para um escravo preparar sua armadura. Procurei Lanval, o velho lanceiro que Artur tinha encarregado da guarda do rei. — Pegue todos os cavalos dos estábulos — falei a Lanval — e escolte o desgraçadozinho até Corinium. Entregue-o a Artur pessoalmente.

Mordred partiu em uma hora. Partiu vestindo sua armadura e com seu estandarte tremulando. Quase ordenei que ele enrolasse o estandarte, porque a visão do dragão apenas provocaria mais rumores no campo, mas talvez não fosse uma coisa ruim espalhar o alarme, porque as pessoas precisavam de tempo para se preparar e esconder seus valores. Vi os cavalos do rei partirem pelo portão e irem para o norte, depois voltei ao palácio onde o administrador, um lanceiro aleijado chamado Dyrrig, gritava para os escravos juntarem os tesouros do palácio. Castiçais, potes e caldeirões estavam sendo carregados para o jardim dos fundos para ser escondidos num poço seco, enquanto os cobertores, lençóis e roupas eram empilhados em carroças para ser escondidos nas florestas próximas.

— A mobília pode ficar — disse Dyrrig azedamente. — Que os saxões façam bom proveito.

Caminhei pelas salas do palácio e tentei imaginar os saxões festejando entre as colunas, despedaçando as cadeiras frágeis e os mosaicos delicados. Quem viveria aqui?, imaginei. Cerdic? Lancelot? Se fosse alguém, certamente seria Lancelot, porque os saxões pareciam não gostar do luxo romano. Eles deixavam lugares como Lindinis apodrecendo e construíam seus salões de madeira e palha em algum local próximo.

Demorei-me na sala do trono, tentando imaginá-la coberta com os

espelhos que Lancelot tanto amava. Ele existia num mundo de metal polido, de modo que pudesse sempre admirar sua beleza. Ou talvez Cerdic destruiria o palácio para mostrar que o velho mundo da Britânia estava terminado e que o novo reino brutal dos saxões tinha começado. Foi um momento melancólico em que cedi à autopiedade, e que foi interrompido quando Dyrrig entrou no salão arrastando a perna aleijada.

— Eu salvo a mobília se o senhor quiser — disse ele de má vontade.

— Não.

Dyrrig puxou um cobertor de cima de uma cadeira.

— O desgraçado deixou três garotas aqui, e uma delas está grávida. Acho que terei de dar ouro a elas. Ele não quis. Epa, o que é isso? — Dyrrig tinha parado atrás da cadeira esculpida que servia como trono de Mordred e cheguei perto e vi que havia um buraco no chão. — Isso não estava aqui ontem.

Ajoelhei-me e descobri que toda uma seção do piso de mosaico tinha sido levantada. Aquele trecho ficava na beira da sala, onde cachos de uvas formavam uma borda para a imagem central mostrando um Deus reclinado servido por ninfas, com todo um cacho de uvas cuidadosamente levantado da borda. Vi que os pequenos ladrilhos tinham sido colados num pedaço de couro cortado com a forma das uvas, e debaixo havia uma camada de estreitos tijolos romanos que agora se espalhavam sob a cadeira. Era um esconderijo deliberado, dando acesso aos dutos de aquecimento que passavam debaixo do piso.

Alguma coisa brilhava no fundo da câmara de aquecimento. Inclinei-me tateando em meio à poeira e ao entulho, peguei dois pequenos botões de ouro, uma tira de couro e o que, com uma careta, vi que era cocô de rato. Limpei as mãos e entreguei um dos botões a Dyrrig. O outro, que examinei, mostrava um rosto barbudo, beligerante e coberto por um elmo. Era um trabalho grosseiro, mas poderoso na intensidade do olhar.

— Feito pelos saxões — falei.

— Este também — disse Dyrrig e vi que seu botão era quase idêntico ao meu. Olhei de novo na câmara de aquecimento, mas não pude ver mais botões ou moedas. Certamente Mordred tinha escondido ouro ali, mas os camundongos haviam mordiscado a sacola de couro, de modo que quando ele a levantou dois botões tinham caído.

— Então por que Mordred tem ouro saxão? — perguntei.

— Diga o senhor — respondeu Dyrrig, cusindo no buraco.

Cuidadosamente, encostei os tijolos romanos nos baixos arcos de pedra que suportavam o piso, depois pus no lugar os ladrilhos presos em couro. Eu podia adivinhar por que Mordred tinha ouro, e não gostava da resposta. Mordred estivera presente quando Artur revelou os planos de campanha contra os saxões, e era por isso, pensei, que os saxões

puderam nos pegar desprevenidos. Eles sabiam que iríamos concentrar as forças no Tâmis, de modo que o tempo todo tinham nos deixado acreditar que era dali que vinha o ataque, e Cerdic montara lenta e secretamente suas forças no sul. Mordred tinha nos traído. Eu não podia ter certeza, porque dois botões de ouro não constituíam prova, mas tudo fazia sentido lamentavelmente. Mordred queria o poder de volta, e mesmo não ganhando todo aquele poder de Cerdic ele certamente teria a vingança que desejava contra Artur.

— Como os saxões podem ter conseguido falar com Mordred? — perguntei a Dyrrig.

— Simples, senhor. Sempre houve visitantes aqui. Mercadores, bardos, malabaristas, garotas.

— Deveríamos ter cortado a garganta dele — falei amargo, guardando o botão no bolso.

— Por que não o fizeram?

— Porque ele é neto de Uther — falei —, e Artur nunca permitiria. — Artur fizera um juramento de proteger Mordred, o que o atrelava por toda a vida. Além disso Mordred era nosso rei verdadeiro, nele corria o sangue de todos os reis, remontando ao próprio Beli Mawr, e apesar de Mordred ser podre, seu sangue era sagrado, e assim Artur o mantinha vivo. — A tarefa de Mordred é produzir um herdeiro com uma esposa adequada, mas assim que nos der um novo rei ele receberá o conselho de usar uma gola de ferro.

— Não é de espantar que ele não se case. E o que acontecerá se nunca se casar? E se não houver herdeiro?

— É uma boa pergunta, mas vamos derrotar os saxões antes de nos preocuparmos com a resposta.

Deixei Dyrrig disfarçando o velho buraco do poço com arbustos. Eu poderia ter voltado direto para Dun Caric, porque tinha cuidado das necessidades mais urgentes do momento: Issa estava a caminho para escoltar Argante até a segurança, Mordred seguira em segurança para o norte, mas eu ainda tinha uma questão inacabada, por isso cavalguei para o norte pelo Caminho Fosse, que seguia ao lado dos grandes pântanos e lagos que bordejavam Ynys Wydryn. Os pássaros cantavam alto em meio aos juncos enquanto os martins de asas em forma de foice se ocupavam carregando os bicos cheios de lama para fazer os ninhos novos debaixo das nossas empenas. Cucos gritavam dos salgueiros e bétulas à beira do pântano. O sol brilhava sobre a Dumnonia, os carvalhos tinham novas folhas verdes e as campinas a oeste estavam cheias de primulas e margaridas. Eu não ia muito rápido, deixei minha égua seguir à vontade até que, alguns quilômetros ao norte de Lindinis, virei para o oeste entrando na ponte de terra que ia em direção a Ynys Wydryn. Até então estivera servindo aos interesses de Artur garantindo a segurança de Argante e levando Mordred para longe, mas agora me

arriscava ao seu desprazer. Ou talvez estivesse fazendo exatamente o que ele sempre quisesa.

Fui ao templo do Espinheiro Sagrado, onde encontrei Morgana preparando-se para ir embora. Ela não ouvira notícias definitivas, mas os boatos tinham feito seu trabalho e a irmã de Artur sabia que Ynys Wydryn estava ameaçada. Falei o pouco que sabia e, depois de ouvir essas poucas notícias, ela me espiou por baixo da máscara dourada.

— Então onde está o meu marido? — perguntou asperamente.

— Não sei, senhora. — Pelo que eu soubesse, Sansum continuava sendo prisioneiro na casa do bispo Emrys na Durnovária.

— Você não sabe — disse Morgana rispidamente — e não se importa!

— Na verdade, senhora, não. Mas presumo que ele fugirá para o norte, como todo mundo.

— Diga-lhe que fomos para a Silúria. Para Isca. — Morgana, naturalmente, estava bem-preparada para a emergência. Estivera guardando os tesouros do templo antecipando a invasão saxã, e havia barqueiros prontos para levar esses tesouros e as mulheres cristãs através dos lagos de Ynys Wydryn até a costa, onde outros barcos esperavam para transportá-las para o norte, atravessando o mar de Severn até a Silúria. — Diga a Artur que estou rezando por ele, ainda que não mereça minhas preces. E diga que estou com a prostituta dele em segurança.

— Não, senhora — falei, porque era esse o motivo de eu ter vindo a Ynys Wydryn. Até hoje não tenho certeza exata de por que não deixei Guinevere ir com Morgana, mas acho que os Deuses me guiaram. Ou então, no redemoinho de confusão enquanto os saxões despedaçavam nossas preparações cuidadosas, eu quisesse dar um último presente a Guinevere. Nunca tínhamos sido amigos, mas na mente eu a associava aos bons tempos, e ainda que sua tolice tivesse trazido o mal, eu vira como Artur estava rançoso desde o eclipse de Guinevere. Ou talvez eu soubesse que nesse tempo terrível precisaríamos de cada alma forte que pudéssemos reunir, e havia poucas almas tão fortes quanto a princesa Guinevere de Henis-Wyren.

— Ela vem comigo! — insistiu Morgana.

— Recebi ordens de Artur — insisti e isso resolveu a questão, ainda que, na verdade, as ordens fossem terríveis e vagas. Se Guinevere estivesse correndo perigo, dissera-me Artur, eu deveria pegá-la ou talvez matá-la, mas tinha decidido levá-la e, em vez de mandá-la para local seguro atravessando o Severn, iria levá-la ainda mais para perto do perigo.

— É como ver um rebanho de vacas ameaçadas por lobos — disse Guinevere quando cheguei ao seu quarto. Ela estava parada na janela, de onde podia ver as mulheres de Morgana correndo de um lado para o outro entre as construções e os barcos que esperavam junto à paliçada

oeste do templo. — O que está acontecendo, Derfel?

— A senhora estava certa. Os saxões estão atacando no sul. — Decidi não dizer que era Lancelot quem liderava esse ataque.

— Acha que eles virão até aqui?

— Não sei. Só sei que não podemos defender lugar nenhum, a não ser aquele em que Artur estiver, e ele está em Corinium.

— Em outras palavras — disse ela com um sorriso —, tudo está em confusão. — Guinevere riu, sentindo uma oportunidade nessa confusão. Estava vestida com as roupas maltrapilhas de sempre, mas o sol brilhava pela janela aberta, dando ao seu esplêndido cabelo ruivo uma aura dourada. — Então, o que Artur quer comigo?

A morte? Não, decidi, ele nunca quisera isso realmente. O que ele queria era o que sua alma orgulhosa não o deixaria tomar por si mesmo.

— Apenas recebi a ordem de pegá-la, senhora.

— Para ir aonde, Derfel?

— A senhora pode atravessar o Severn com Morgana ou vir comigo. Estou levando pessoas para Corinium, e ousou dizer que de lá a senhora pode continuar viajando até Glevum. Lá estará segura.

Ela saiu de perto da janela e se sentou numa cadeira perto do fogão vazio.

— Pessoas — disse ela, tirando a palavra de minha frase. — Que pessoas, Derfel?

Fiquei ruborizado.

— Argante. Ceinwyn, claro.

Guinevere gargalhou.

— Gostaria de conhecer Argante. Você acha que ela gostaria de me conhecer?

— Duvido, senhora.

— Eu também. Imagino que ela me preferiria morta. Então posso viajar com você até Corinium ou ir para Silúria com as vacas cristãs? Acho que já ouvi hinos cristãos suficientes para o resto da minha vida. Além disso, a aventura maior está em Corinium, não acha?

— Temo que sim, senhora.

— Teme? Ah, não tema, Derfel. — Ela riu com uma felicidade hilariante. — Vocês todos se esquecem de como Artur é bom quando nada vai bem. Será uma alegria observá-lo. Então, quando partimos?

— Agora. Ou assim que a senhora estiver pronta.

— Estou pronta — disse ela, feliz. — Estou pronta há um ano para deixar este lugar.

— Seus serviços?

— Sempre há outros serviços. Vamos?

Eu só tinha um cavalo e assim, por educação, o cedi a ela e caminhei ao lado enquanto deixávamos o templo. Raramente vi um rosto tão radiante quanto o de Guinevere naquele dia. Durante meses ela estivera

trancada dentro dos muros de Ynys Wydryn, e de repente montava uma égua ao ar livre, entre as bétulas com folhas novas e sob um céu não limitado pela paliçada de Morgana. Subimos até a ponte de terra do outro lado do Tor, e assim que estávamos naquele terreno elevado e despido, ela gargalhou e me lançou um olhar malicioso.

— O que me impediria de cavalgar para longe, Derfel?

— Absolutamente nada, senhora.

Ela gritou como uma menina e bateu os calcanhares, depois bateu de novo para forçar a égua num galope. O vento agitou seus cabelos ruivos enquanto ela galopava livre sobre o capim. Gritava de pura alegria, levando o animal num amplo círculo ao meu redor. Suas saias eram sopradas para trás, mas ela não se importava, simplesmente esporeou o animal de novo e girou e girou até que a égua estava bufando e ela sem fôlego. Só então parou e desceu da sela.

— Estou assada! — disse cheia de felicidade.

— A senhora monta bem.

— Eu sonhava em montar de novo. Em caçar de novo. Tanta coisa!

— Ela ajeitou a saia, depois me lançou um olhar divertido. — O que exatamente Artur ordenou que você fizesse comigo?

Hesitei.

— Ele não foi específico, senhora.

— Que me matasse?

— Não, senhora! — repliquei, parecendo chocado. Eu puxava a égua pelas rédeas e Guinevere andava ao meu lado.

— Ele certamente não me quer nas mãos de Cerdic — falou com mordacidade. — Eu seria um embaraço grande demais! Suspeito de que Artur flertou com a ideia de cortar minha garganta. Argante deve ter desejado isso. Eu certamente desejaria, se fosse ela. Estava pensando nisso enquanto cavalgava em volta de você. Pensei: e se Derfel tiver ordens para me matar? Será que devo continuar cavalgando? Então decidi que você provavelmente não me mataria, mesmo que tivesse ordens. Ele mandaria Culhwch, se me quisesse morta. — De repente, ela grunhiu e dobrou os joelhos para imitar o passo manco de Culhwch. — Culhwch cortaria minha garganta sem pensar duas vezes. — Ela riu, com o novo ânimo irrepreensível. — Quer dizer que Artur não foi específico?

— Não, senhora.

— Então realmente, Derfel, isto é ideia sua? — Ela acenou para o campo em volta.

— Sim, senhora — confessei.

— Espero que Artur ache que você fez a coisa certa. Do contrário, vai estar encrencado.

— Já estou encrencado, senhora. A velha amizade parece morta.

Ela devia ter notado o desânimo em minha voz, porque de repente

passou o braço pelo meu.

— Pobre Derfel. Acho que ele está com vergonha, não é?

Fiquei embaraçado.

— Sim, senhora.

— Fui muito má — disse ela numa voz pesarosa. — Pobre Artur. Mas sabe o que vai restaurá-lo? E a amizade de vocês?

— Gostaria de saber, senhora.

Ela tirou o braço do meu.

— Fazer picadinho dos saxões, Derfel, é isso que vai trazer Artur de volta. A vitória! Dê a vitória a Artur e ele nos dará sua antiga alma de volta.

— Os saxões já estão a meio caminho da vitória, senhora.

Contei-lhe o que sabia: os saxões atacavam livres no leste e no sul, nossas forças estavam espalhadas e nossa única esperança era juntar o exército antes que os saxões chegassem a Corinium, onde o pequeno bando de guerreiros de Artur, com duzentos lanceiros, esperava sozinho. Presumi que Sagramor estivesse recuando em direção a Artur, que Culhwch estivesse vindo do sul, e que eu iria para o norte assim que Issa voltasse com Argante. Sem dúvida Cuneglas marcharia do norte e Oengus Mac Airem viria correndo do oeste assim que soubesse da notícia, mas se os saxões chegassem primeiro a Corinium, toda a esperança teria ido embora. Havia muito pouca esperança mesmo que vencêssemos a corrida, porque sem os lanceiros de Gwent estaríamos em número tão inferior que apenas um milagre nos salvaria.

— Absurdo! — disse Guinevere quando terminei de explicar a situação. — Artur nem começou a lutar! Nós vamos vencer, Derfel, vamos vencer! — E com essa declaração desafiadora ela gargalhou. Esquecendo-se de sua preciosa dignidade, dançou alguns passos na beira da trilha. Tudo parecia condenado, mas Guinevere estava subitamente livre, cheia de luz, e jamais gostei tanto dela quanto naquele momento. De súbito, pela primeira vez desde que vira as fogueiras de alerta no entardecer de Beltain, senti um jorro de esperança.

A esperança se desbotou muito rápido, porque em Dun Caric havia apenas o caos e o mistério. Issa não voltara, e o pequeno povoado abaixo do salão estava cheio de refugiados que fugiam dos boatos, ainda que nenhum tivesse visto realmente um saxão. Os refugiados traziam suas vacas, ovelhas, cabras e porcos, e todos tinham convergido para Dun Caric porque meus lanceiros ofereciam uma ilusão de segurança. Usei meus serviçais e escravos para iniciar novos boatos, dizendo que Artur iria recuar para o oeste até a região que fazia fronteira com Kernow, e que eu tinha decidido pegar os rebanhos dos refugiados para usar como ração para meus homens. Esses falsos boatos bastaram para induzir a maioria das famílias a seguir em direção à distante fronteira de

Kernow. Elas estariam em segurança nos grandes urzais e ao fugir para o oeste seus animais não bloqueariam as estradas para Corinium. Se eu simplesmente tivesse ordenado que fossem para Kernow, elas desconfiariam e iriam postergar, para ter certeza de que eu não as estava enganando.

Ao anoitecer, Issa não estava conosco. Eu ainda não me sentia preocupado demais, porque a estrada para a Durnovária era longa e sem dúvida estava apinhada de refugiados. Fizemos uma refeição no salão e Pyrlig cantou a canção da grande vitória de Uther sobre os saxões em Caer Idern. Quando a canção terminou e eu tinha jogado uma moeda de ouro para Pyrlig, observei que um dia tinha ouvido Cynyr de Gwent cantar aquela canção. Pyrlig ficou impressionado.

— Cynyr foi o maior de todos os bardos — disse ele, ansioso —, mas alguns dizem que Amairgin de Gwynedd era melhor. Gostaria de ter ouvido os dois.

— Meu irmão diz que há um bardo ainda maior em Powys agora — disse Ceinwyn. — E é apenas um jovem.

— Quem? — perguntou Pyrlig, não recebendo bem um rival.

— O nome dele é Taliesin.

— Taliesin! — Guinevere repetiu o nome, gostando. Significava “testa brilhante”.

— Nunca ouvi falar nele — disse Pyrlig, tenso.

— Quando tivermos vencido os saxões — falei —, vamos pedir uma canção da vitória a esse Taliesin. E a você também, Pyrlig — acrescentei rapidamente.

— Uma vez ouvi Amairgin cantar — disse Guinevere.

— Ouviu, senhora? — perguntou Pyrlig, de novo impressionado.

— Eu era só uma criança, mas lembro que ele conseguia soltar um rugido oco. Era muito assustador. Os olhos dele se arregalavam, ele engolia o ar e depois mugia como um touro.

— Ah, o velho estilo — disse Pyrlig, desconsiderando. — Atualmente, senhora, nós procuramos mais as harmonias das palavras do que o mero volume de som.

— Você deveria buscar as duas coisas — disse Guinevere incisivamente. — Não tenho dúvida de que esse Taliesin domina tanto o velho estilo quanto a habilidade na métrica, mas como é possível manter uma plateia fascinada se tudo que você oferece é ritmo inteligente? Você precisa fazer o sangue dela gelar, deve fazê-la gritar, deve fazê-la rir!

— Qualquer homem pode fazer barulho, senhora — disse Pyrlig, defendendo seu trabalho —, mas é necessário um artesão hábil para imbuir as palavras com harmonia.

— E logo as únicas pessoas que poderão entender as complexidades da harmonia serão os outros artesãos hábeis — argumentou Guinevere. — E aí vocês se tornam ainda mais inteligentes num esforço para

impressionar seus colegas poetas, mas se esquecem de que ninguém fora da profissão tem a mínima ideia do que vocês estão fazendo. Os bardos cantam para os bardos enquanto o resto de nós fica imaginando que barulho é aquele. Sua tarefa, Pyrlig, é manter vivas as histórias das pessoas, e para fazer isso não podem ser refinados demais.

— A senhora não desejaria que fôssemos vulgares! — disse Pyrlig e, num protesto, tocou as cordas de crina de sua harpa.

— Eu gostaria que vocês fossem vulgares com os vulgares e inteligentes com os inteligentes, e as duas coisas ao mesmo tempo, veja bem. Mas se só puderem ser inteligentes, negarão ao povo as histórias dele, e se só puderem ser vulgares, nenhum lorde irá lhes lançar ouro.

— A não ser os lordes vulgares — interveio Ceinwyn maliciosamente.

Guinevere olhou para mim e vi que ela estava para me insultar. Então, reconheceu o próprio impulso e explodiu em gargalhadas.

— Se eu tivesse ouro, Pyrlig — falou em vez disso —, o recompensaria, porque você canta lindamente, mas infelizmente não tenho.

— Seu elogio é recompensa que basta, senhora — disse Pyrlig.

A presença de Guinevere tinha agitado meus lanceiros, e durante toda a tarde vi pequenos grupos de homens vindo olhá-la cheios de espanto. Ela os ignorava. Ceinwyn a havia recebido sem demonstrar qualquer perplexidade, e Guinevere fora inteligente em se mostrar gentil com minhas filhas, de modo que agora Morwenna e Seren dormiam no chão ao seu lado. Elas, como meus lanceiros, tinham se fascinado com a mulher alta e ruiva cuja reputação era tão espantosa quanto sua aparência. E Guinevere sentia-se simplesmente feliz em estar ali. Não tínhamos mesas e cadeiras em nosso salão, apenas o chão coberto de junco e tapetes de lã, mas ela se sentou ao lado do fogo e sem esforço dominou o ambiente. Havia uma ferocidade em seus olhos que intimidava, sua cascata de cabelos vermelhos e emaranhados a tornava impressionante, e sua alegria em estar livre era contagiante.

— Quanto tempo ela continuará livre? — perguntou-me Ceinwyn naquela noite. Tínhamos dado nossa câmara particular para Guinevere, e estávamos no salão com o resto de nosso povo.

— Não sei.

— Então o que você sabe?

— Vamos esperar Issa, depois vamos para o norte.

— Para Corinium?

— Vou para Corinium, mas mandarei você e as famílias para Glevum. Lá vai estar suficientemente perto da luta e, se acontecer o pior, pode ir para o norte até Gwent.

Comecei a ficar agitado no dia seguinte porque Issa não aparecia. Em minha mente estávamos disputando uma corrida contra os saxões

em direção a Corinium, e quanto mais me atrasava, mais provavelmente perderia a corrida. Se os saxões pudessem pegar cada um dos nossos bandos de guerreiros separadamente, a Dumnonia cairia como uma árvore podre e meu bando, que era um dos mais fortes do país, estava parado em Dun Caric porque Issa e Argante não tinham aparecido.

Ao meio-dia a urgência era ainda maior, porque foi então que vi as primeiras manchas distantes de fumaça contra o céu do leste e do sul. Ninguém comentou as tiras altas e finas, e todos sabíamos que estávamos vendo palha de telhados sendo queimada. Os saxões destruíam tudo enquanto progrediam, e estavam suficientemente perto para que víssemos sua fumaça.

Mandei um cavaleiro rumo sul para tentar encontrar Issa, enquanto o resto de nós caminhava os três quilômetros pelo campo até o Caminho Fosse, a grande estrada romana que Issa deveria estar usando. Eu planejava esperar por ele, depois continuar pelo Caminho Fosse até Aquae Sulis, cerca de quarenta quilômetros para o norte, e depois para Corinium, cinquenta quilômetros mais adiante. Noventa quilômetros de estrada. Três dias de esforço longo e duro.

Esperamos num campo cheio de montes feitos por toupeiras ao lado da estrada. Eu estava com cem lanceiros e pelo menos um número igual de mulheres, crianças, escravos e serviçais. Tínhamos cavalos, mulas e cães, todos esperando. Seren, Morwenna e as outras crianças colhiam campânulas azuis num bosque próximo, enquanto eu andava de um lado para o outro sobre as pedras partidas da estrada. Refugiados passavam constantemente, mas nenhum deles, nem mesmo os que tinham vindo de Durnovária, trazia notícias da princesa Argante. Um padre pensou ter visto Issa e seus homens chegarem àquela cidade, porque vira a estrela de cinco pontas no escudo de alguns lanceiros, mas não sabia se ainda estavam lá ou se haviam partido. A única coisa de que todos os refugiados tinham certeza era que os saxões estavam perto da Durnovária, mas ninguém vira um lanceiro saxão. Meramente tinham ouvido os boatos que ficavam ainda mais loucos à medida que as horas passavam. Diziam que Artur estava morto, ou então que tinha fugido para Theged, enquanto Cerdic teria cavalos que soltavam fogo pelas ventas e machados mágicos capazes de partir ferro como se fosse pano.

Guinevere tinha apanhado um arco emprestado com um dos meus caçadores e estava lançando flechas contra um olmo morto ao lado da estrada. Ela atirava bem, pondo flecha após flecha na madeira podre, mas quando elogiei sua habilidade ela fez uma careta.

— Estou sem prática — falou. — Eu era capaz de derrubar um cervo na corrida, a cem passos de distância, e agora duvido de que conseguisse derrubar um parado a cinquenta passos. — Ela arrancou as flechas da árvore. — Mas acho que poderia acertar um saxão, se tivesse a chance.

— Guinevere devolveu o arco ao meu caçador, que fez uma reverência e se afastou. — Se os saxões estiverem perto da Durnovária — perguntou — o que eles vão fazer em seguida?

— Virão direto por esta estrada.

— Não vão mais para o oeste?

— Eles sabem dos nossos planos — falei mal-humorado e contei dos botões de ouro com os rostos barbudos que tinha encontrado nos alojamentos de Mordred. — Aelle está vindo para Corinium enquanto os outros podem assolar o sul. E estamos parados aqui por causa de Argante.

— Deixe-a apodrecer — disse Guinevere selvagemmente, depois deu de ombros. — Eu sei que você não pode. Ele a ama?

— Não sei, senhora.

— Claro que sabe — disse Guinevere com rispidez. — Artur adora fingir que é dominado pela sabedoria, mas anseia ser governado pela paixão. Ele viraria o mundo de cabeça para baixo pelo amor.

— Ele não andou virando-o de cabeça para baixo ultimamente — comentei.

— Mas virou por minha causa — disse ela em voz baixa, e não sem um leve orgulho. — Então, aonde você vai?

Eu tinha andado até a minha égua, que pastava entre os montes feitos pelas toupeiras.

— Vou para o sul.

— Faça isso — disse Guinevere — e nos arriscamos a perdê-lo também.

Ela estava certa, eu sabia, mas a frustração começava e ferver dentro de mim. Por que Issa não enviara uma mensagem? Tinha levado cinquenta dos meus melhores guerreiros, e eles estavam perdidos. Xinguei o dia desperdiçado, dei um sopapo num garoto que pulava fingindo ser lanceiro e chutei um arbusto de espinhos.

— Poderíamos ir para o norte — sugeriu Ceinwyn calmamente, indicando as mulheres e as crianças.

— Não. Devemos ficar juntos. — Olhei para o sul, mas não havia coisa alguma na estrada além de mais refugiados lamentáveis indo para o norte. Na maioria eram famílias com uma vaca preciosa e talvez um bezerro, mas muitos dos novos bezerros desta estação estavam pequenos demais para andar. Alguns, abandonados junto à estrada, chamavam pelas mães num lamento de dar pena. Outros refugiados eram mercadores tentando vender suas mercadorias. Um homem tinha um carro de boi cheio de cestos com greda de pisoeiro, outro tinha peles, alguns tinham potes. Olhavam-nos furiosos enquanto passavam, culpando-nos por não ter impedido os saxões antes.

Seren e Morwenna, entediadas com a tentativa de eliminar as campânulas do campo, tinham encontrado um ninho de filhotes de lebre

sob umas faias e madressilvas na borda da floresta. Empolgadas, chamaram Guinevere para ver, depois, cheias de animação, acariciaram os pequenos corpos peludos que tremiam sob seu toque. Ceinwyn as observava.

— Ela conquistou as meninas — falou comigo.

— E conquistou meus lanceiros também. — E era verdade. Fazia apenas alguns meses que meus homens tinham xingado Guinevere de prostituta, e agora a olhavam cheios de adoração. Ela se decidira a encantá-los, e quando decidia ser encantadora Guinevere era capaz de ofuscar. — Artur terá grande dificuldade para trancafiá-la depois disso.

— E provavelmente por isso ele queria que ela fosse solta — observou Ceinwyn. — Ele certamente não a desejava morta.

— Argante deseja.

— Tenho certeza de que sim — concordou Ceinwyn, depois olhou para o sul junto comigo, mas ainda não havia sinal de qualquer lanceiro na estrada comprida e reta.

Ao crepúsculo, Issa finalmente chegou. Veio com seus cinquenta lanceiros, com os trinta homens que tinham sido os guardas do palácio da Durnovária, com os doze Escudos Pretos que eram os soldados pessoais de Argante e com pelo menos duzentos outros refugiados. Pior, tinha trazido seis carroças de boi, e foram aqueles veículos pesados que causaram o atraso. A maior velocidade de um carro de bois carregado é mais lenta do que o passo de um homem velho, e Issa tinha levado as carroças por todo o caminho, em seu passo de lesma.

— O que deu em você? — gritei para ele. — Não é hora de ficar arrastando carroças!

— Sei disso, senhor — disse ele, infeliz.

— Você ficou maluco? — Eu estava furioso. Tinha cavalgado para encontrá-lo, e agora girei minha égua. — Você desperdiçou horas! — gritei.

— Não tive escolha.

— Você tem uma lança! — rosnei. — Isso lhe dá o direito de escolher o que quer.

Ele apenas deu de ombros e fez um gesto para a princesa Argante, que viajava em cima da carroça principal. Os quatro bois da carroça, com os flancos sangrando dos agulhões que os haviam impelido o dia inteiro, pararam na estrada com as cabeças baixas.

— As carroças não passam daqui! — gritei para ela. — Ou a senhora anda ou cavalga!

— Não! — insistiu Argante.

Desmontei da égua e segui pela linha de carroças. Uma tinha apenas as estatuetas romanas que haviam enfeitado o pátio do palácio da Durnovária, outra estava cheia de mantos e vestidos, e uma terceira estava apinhada de painéis, potes e candelabros de bronze.

— Tirem-nas da estrada — gritei furioso.

— Não! — Argante havia pulado de seu alto poleiro e agora correu na minha direção. — Artur ordenou que eu trouxesse.

— Artur, senhora — virei-me para ela, contendo a fúria —, não precisa de estátuas!

— Elas vão conosco — gritou Argante. — Caso contrário, fico aqui!

— Então fique, senhora — falei selvagememente. — Saiam da estrada — gritei para os condutores das carroças. — Andem! Fora da estrada, agora! — Eu tinha desembainhado Hywelbane e enfiei a lâmina no boi mais próximo para impelir o animal para a beira do caminho.

— Não vão! — gritou Argante para os condutores. Ela puxou o chifre de um dos bois. — Não vou deixar isso para os inimigos — gritou para mim.

Guinevere olhava da beira da estrada. Havia um ar de fria diversão em seu rosto, o que não era de espantar, porque Argante se comportava como uma criança mimada. O druida de Argante, Fergal, tinha corrido para ajudar a princesa, protestando que todos os seus caldeirões e ingredientes mágicos estavam numa das carroças.

— E o tesouro — acrescentou como um pensamento de última hora.

— Que tesouro? — perguntei.

— O tesouro de Artur — disse Argante com sarcasmo, como se ao revelar a existência do ouro vencesse a disputa. — Ele o quer em Corinium. — Ela foi até a segunda carroça, levantou alguns dos mantos pesados e bateu numa caixa de madeira escondida debaixo. — O ouro da Dumnonia! Você o entregaria aos saxões?

— Prefiro entregá-lo do que entregar a senhora e a mim — repliquei e em seguida golpeei com Hywelbane, cortando os arreios dos bois. Argante gritou, jurando que eu seria punido, que estava roubando seus tesouros, mas apenas cortei o arreio seguinte e gritei para os condutores soltarem os animais. — Ouça, senhora, temos de ir mais rápido do que os bois podem andar. — Apontei para a fumaça distante. — Aquilo é coisa dos saxões! Eles chegarão aqui dentro de algumas horas.

— Não podemos deixar as carroças! — gritou ela. Havia lágrimas em seus olhos. Ela podia ser a filha de um rei, mas crescera com poucas posses, e agora, casada com o governante da Dumnonia, era rica e não conseguia abandonar essas novas riquezas. — Não tirem esses arreios! — gritou para os condutores, que, confusos, hesitaram. Cortei outra correia de couro e Argante começou a me bater com os punhos, dizendo que eu era ladrão e seu inimigo.

Empurrei-a gentilmente, mas ela não queria se afastar e eu não ousava ser muito bruto. Agora ela estava tendo um ataque de fúria, xingando e me batendo com as mãos pequenas. Tentei empurrá-la para longe de novo, mas ela apenas cuspiu em mim, bateu de novo, depois gritou para sua guarda dos Escudos Pretos, para virem em sua ajuda.

Aqueles doze homens hesitaram, mas eram guerreiros de seu pai e jurados ao serviço de Argante, por isso vieram com as lanças apontadas. Meus homens correram imediatamente em minha defesa. Os Escudos Pretos estavam em número terrivelmente menor, mas não recuaram, e seu druida saltava na frente deles, com a barba trançada com pelos de raposa se sacudindo e os pequenos ossos amarrados nos cabelos ressoando, dizendo aos Escudos Pretos que eles estavam abençoados e que suas almas iriam para uma recompensa dourada.

— Matem-no! — gritou Argante para a sua guarda, apontando para mim. — Matem-no agora!

— Basta! — exclamou Guinevere incisivamente. Ela foi até o centro da estrada e olhou imperiosamente para os Escudos Pretos. — Não sejam idiotas, baixem suas lanças. Se quiserem morrer, levem alguns saxões junto, e não dumnonianos. — Em seguida se virou para Argante. — Venha aqui, criança — falou e puxou a garota para si, usando um canto de seu manto maltrapilho para enxugar as lágrimas de Argante. — Você fez muito bem em tentar salvar o tesouro, mas Derfel também está certo. Se não corrermos, os saxões vão nos alcançar. — E se virou para mim. — Não há chance de podermos levar o ouro?

— Nenhuma — respondi, peremptório, e não existia mesmo. Ainda que eu tivesse posto lanceiros para puxar as carroças, iríamos demorar demais.

— O ouro é meu! — gritou Argante.

— Agora pertence aos saxões — falei e gritei para Issa tirar as carroças da estrada e libertar os bois.

Argante gritou um último protesto, mas Guinevere a segurou e abraçou.

— A gente não vira princesa mostrando raiva em público — murmurou Guinevere com meiguice. — Seja misteriosa, minha cara, e nunca deixe os homens saberem o que você está pensando. Seu poder está nas sombras, mas à luz do sol os homens sempre vão dominá-la.

Argante não tinha ideia de quem era aquela mulher alta e bonita, mas deixou que Guinevere a reconfortasse enquanto Issa e seus homens arrastavam as carroças para a beira do capim. Deixei as mulheres pegarem as capas e os vestidos que quisessem, mas abandonamos os caldeirões, tripés e castiçais. Porém Issa descobriu um dos estandartes de guerra de Artur, um gigantesco pedaço de linho branco decorado com um grande urso preto bordado em lã, que guardamos para que não caísse na mão dos saxões, mas não podíamos levar o ouro. Em vez disso, levamos as caixas dos tesouros para uma vala num campo próximo e jogamos as moedas na água fétida, esperando que os saxões nunca as descobrissem.

Argante soluçava ao ver o ouro ser jogado na água preta.

— O ouro é meu! — protestou uma última vez.

— E um dia já foi meu, criança — disse Guinevere muito calmamente —, e sobrevivi à perda, assim como você sobreviverá.

Argante se afastou abruptamente para olhar a mulher alta.

— Seu?

— Eu não disse o meu nome, criança? — perguntou Guinevere com uma zombaria delicada. — Sou a princesa Guinevere.

Argante apenas gritou, depois saiu correndo pela estrada até onde estavam seus Escudos Pretos. Resmunguei, embainhei Hywelbane e depois esperei até o resto do ouro ser escondido. Guinevere tinha achado uma de suas antigas capas, uma cascata de lã dourada enfeitada com pele de urso, e havia descartado a vestimenta velha e feia que usara na prisão.

— Ouro dela! — falou comigo, raivosa.

— Parece que tenho mais alguém como inimigo — comentei, olhando para Argante, que conversava com seu druida, sem dúvida insistindo para que ele lançasse uma praga contra mim.

— Se compartilhamos um inimigo, Derfel — disse Guinevere com um sorriso —, isso nos torna finalmente aliados. Gosto disso.

— Obrigado, senhora — respondi e refleti que não eram apenas minhas filhas e meus lanceiros que estavam sendo enfeitiçados.

As últimas peças de ouro foram jogadas na vala, meus homens voltaram à estrada e pegaram suas lanças e os escudos. O sol flamejava sobre o mar de Severn, preenchendo o oeste com um brilho carmesim enquanto, finalmente, partíamos para a guerra no norte.

Tínhamos percorrido apenas alguns quilômetros quando a escuridão nos fez sair da estrada para procurar abrigo, mas pelo menos tínhamos chegado aos morros ao norte de Ynys Wydryn. Paramos naquela noite num salão abandonado onde fizemos uma refeição pobre com pão duro e peixe seco. Argante sentou-se separada do resto de nós, protegida por seu druida e seus guardas. Apesar de Ceinwyn ter tentado atraí-la para nossa conversa, ela se recusou a ser tentada, por isso a deixamos com seu mau humor.

Depois da refeição, fui com Ceinwyn e Guinevere até o topo de uma pequena colina atrás do salão onde ficavam dois morros funerários do povo antigo. Pedi perdão aos mortos e subi ao topo de um dos morros, onde Ceinwyn e Guinevere se juntaram a mim. Nós três olhamos para o sul. O vale abaixo estava belo e branco, as macieiras com flores cor de lua, mas não vimos nada no horizonte além do brilho maligno dos incêndios.

— Os saxões se movem depressa — falei com amargura.

Guinevere apertou a capa contra os ombros.

— Onde está Merlin? — perguntou.

— Desapareceu.

Tinha havido notícias de que Merlin estava na Irlanda, ou então nas regiões selvagens do norte, ou talvez nas vastidões de Gwynedd, enquanto outra história afirmava que estava morto e que Nimue havia cortado uma montanha inteira de árvores para fazer sua pira funerária. Eram apenas boatos, falei comigo mesmo, só boatos.

— Ninguém sabe onde Merlin está — disse Ceinwyn em voz baixa —, mas sem dúvida ele sabe onde estamos.

— Rezo para que sim — disse Guinevere com fervor e me perguntei para que Deus ou Deusa ela rezava agora. Ainda para Ísis? Ou teria revertido aos Deuses da Britânia? E talvez, estremei ao pensamento, esses Deuses tivessem finalmente nos abandonado. Sua pira funerária teriam sido as chamas de Mai Dun, e sua vingança eram os bandos de guerreiros que agora assolavam a Dumnonia.

Marchamos de novo ao alvorecer. O céu tinha se nublado durante a noite, e uma chuva fina começou às primeiras luzes. O Caminho Fosse estava cheio de refugiados e, mesmo eu tendo posto uma vintena de guerreiros armados à nossa frente, com ordens para tirar da frente todos os carros de bois e todos os rebanhos, nosso progresso ainda era lamentavelmente lento. Muitas das crianças não conseguiam nos acompanhar e precisavam ser levadas nos animais de carga que transportavam nossas lanças, armaduras e a comida, ou então postas nos ombros dos lanceiros mais jovens. Argante montava minha égua, enquanto Guinevere e Ceinwyn caminhavam e se revezavam contando histórias para as crianças. A chuva começou a ficar mais forte, varrendo os morros em grandes cortinas cinzentas e descendo pelas valas rasas de cada lado da estrada romana.

Eu esperava chegar a Aquae Sulis ao meio-dia, mas já era o meio da tarde antes que nosso grupo enlameado e cansado chegasse ao vale onde ficava a cidade. O rio estava cheio, e uma massa de destroços flutuantes tinha ficado presa nos pilares da ponte romana, formando uma represa que inundara os campos nas duas margens do rio acima da ponte. Um dos deveres do magistrado da cidade era manter a ponte livre desse entulho, mas essa tarefa tinha sido ignorada, assim como ele havia ignorado a manutenção da muralha da cidade. Essa muralha ficava a apenas cem passos ao norte da ponte, e como Aquae Sulis não era uma cidade fortificada, a muralha nunca fora formidável, mas agora praticamente não servia como obstáculo. Trechos inteiros da paliçada de madeira acima da fortificação de terra e pedras tinham sido arrancados para fazer lenha ou para construir, enquanto a fortificação em si havia se erodido tanto que os saxões poderiam atravessar a muralha da cidade sem diminuir o passo. Aqui e ali eu podia ver homens frenéticos tentando reparar trechos da paliçada, mas seriam necessários quinhentos homens durante um mês inteiro para reconstruir essas defesas.

Passamos pelo belo portão sul e vi que, apesar de a cidade não ter a

energia para preservar suas fortificações nem a mão de obra para impedir que a ponte se engasgasse com destroços, alguém havia arranjado tempo para mutilar a bela máscara da deusa romana Minerva, que um dia enfeitara o arco do portão. Onde estivera o rosto havia agora uma massa grosseira de pedras marteladas onde uma cruz tosca tinha sido gravada.

— Esta é uma cidade cristã? — perguntou-me Ceinwyn.

— Praticamente todas as cidades são — respondeu Guinevere por mim.

Também era uma cidade bonita. Ou tinha sido, mas no correr dos anos os telhados de cerâmica haviam caído e foram substituídos por uma palha grossa, e algumas casas haviam desmoronado e agora não passavam de pilhas de tijolos e pedra, mas mesmo assim as ruas eram pavimentadas, e os altos pilares e o frontão luxuosamente esculpido do magnífico templo de Minerva ainda se erguia acima dos tetos precários. Minha vanguarda forçou caminho brutalmente através das ruas apinhadas para chegar ao templo, que ficava numa elevação com degraus no coração da cidade. Os romanos haviam construído uma muralha interna em volta daquele templo central, uma muralha que abarcava o templo de Minerva e a casa de banhos que trouxera à cidade sua fama e prosperidade. Os romanos haviam posto telhado na terma, que era alimentada por uma fonte quente mágica, mas algumas telhas tinham caído e fiapos de vapor agora subiam dos buracos como se fossem fumaça. O templo em si, sem suas calhas de chumbo, estava manchado de água da chuva e líquen, enquanto o reboco pintado dentro do alto pórtico tinha se soltado e escurecido; mas apesar da decadência ainda era possível ficar no amplo pátio pavimentado e imaginar um mundo em que os homens podiam construir esses lugares sem medo de lanças vindo do leste bárbaro.

O magistrado da cidade, um homem agitado, nervoso e de meia-idade chamado Cildydd, que usava toga romana para marcar sua autoridade, veio correndo do templo para me receber. Eu o conhecia da época da rebelião, quando, apesar de cristão, ele fugira dos fanáticos enlouquecidos que haviam tomado os templos de Aquae Sulis. Fora restaurado à magistratura depois da rebelião, mas eu achava que sua autoridade era pouca. Ele carregava um pedaço de ardósia onde fizera uma quantidade de marcas, evidentemente o número do *levy* que estava reunido dentro da área do templo.

— Os reparos estão sendo feitos! — disse-me Cildydd sem qualquer outra cortesia. — Tenho homens cortando madeira para as muralhas. Ou tinha. A enchente é um problema, é mesmo, mas se a chuva parar... — Ele deixou a frase incompleta.

— A enchente?

— Quando o rio sobe, senhor, a água volta pelos esgotos romanos.

Já está na parte baixa da cidade. E temo que não seja só água. O cheiro, entende? — Ele fungou delicadamente.

— O problema — falei — é que os arcos da ponte estão cheios de entulho. Era sua tarefa mantê-los livres. Também era sua tarefa preservar as muralhas. — Sua boca se abriu e se fechou sem dizer palavra. Ele levantou a ardósia, como se para mostrar eficiência, depois apenas piscou desamparado. — Não que isso importe agora — continuei. — A cidade não pode ser defendida.

— Não pode ser defendida! — protestou Cildydd. — Não pode ser defendida! Ela deve ser defendida! Não podemos simplesmente abandonar a cidade!

— Se os saxões vierem — falei brutalmente —, vocês não terão escolha.

— Mas devemos defendê-la, senhor.

— Com o quê?

— Seus homens, senhor — disse ele, fazendo um gesto para os meus lanceiros que tinham se refugiado da chuva sob o alto pórtico do templo.

— Na melhor das hipóteses — respondi —, podemos guarnecer quatrocentos metros da muralha, ou do que restou dela. E quem defende o resto?

— O *levy*, claro. — Cildydd balançou a ardósia na direção do grupo lamentável de homens que esperavam ao lado da casa de banhos. Poucos tinham armas, e um número ainda menor possuía qualquer armadura.

— Você já viu os saxões atacarem? — perguntei a Cildydd. — Primeiro eles mandam grandes cães de guerra e vêm atrás com machados de quase um metro de comprimento e lanças em cabos de dois metros e meio. Eles vêm bêbados, enlouquecidos, e não querem nada além de mulheres e do ouro dentro da cidade. Quanto tempo você acha que o seu *levy* pode aguentar?

Cildydd piscou.

— Nós simplesmente não podemos desistir — falou debilmente.

— O seu *levy* tem alguma arma de verdade? — perguntei, indicando os homens de aparência melancólica esperando na chuva. Dois ou três dos sessenta tinham lanças, pude ver uma antiga espada romana, e a maioria do resto tinha machados ou enxadões, mas alguns nem mesmo possuíam essas armas grosseiras, apenas seguravam estacas endurecidas no fogo, que tinham sido afiadas com pontas pretas.

— Estamos procurando na cidade, senhor. Deve haver lanças.

— Com ou sem lanças — falei brutalmente —, se vocês lutarem aqui serão todos mortos.

Cildydd me olhou boquiaberto.

— Então o que fazemos? — perguntou enfim.

— Vão para Glevum.

— Mas a cidade! — Ele ficou pálido. — Há mercadores, ourives, igrejas, tesouros. — Sua voz se esvaiu enquanto ele imaginava a enormidade da queda da cidade, mas essa queda, se os saxões viessem, era inevitável. Aquae Sulis não era uma cidade com guarnição, apenas um lugar belo que ficava numa reentrância entre morros. Cildydd piscou na chuva. — Glevum — falou em voz soturna. — E o senhor nos escoltará até lá?

Balancei a cabeça.

— Estou indo para Corinium, mas vocês vão para Glevum. — Eu me senti meio tentado a mandar Argante, Guinevere, Ceinwyn e as famílias com ele, mas não confiava em Cildydd para protegê-las. Decidi que era melhor levar eu mesmo as mulheres e as famílias para o norte, depois mandá-las com uma pequena escolta de Corinium para Glevum.

Mas pelo menos Argante foi tirada das minhas mãos, já que quando eu estava brutalmente destruindo as poucas esperanças de Cildydd uma tropa de cavaleiros com armaduras entrou no pátio do templo. Eram homens de Artur, levando seu estandarte do urso, e vinham liderados por Balin, que estava xingando o bando de refugiados. Ele pareceu aliviado ao me ver, depois ficou perplexo ao ver Guinevere.

— Você trouxe a princesa errada, Derfel? — perguntou ao desmontar do cavalo.

— Argante está dentro do templo — falei, virando a cabeça na direção do grande prédio onde Argante se refugiara da chuva. Durante o dia inteiro ela não tinha falado comigo.

— Estou aqui para levá-la a Artur. — Balin era um homem direto, barbudo, com a tatuagem de um urso na testa e uma cicatriz branca e serrilhada na bochecha direita. Pedi-lhe notícias e ele contou o pouco que sabia, e nada era bom. — Os desgraçados estão vindo pelo Tâmis, achamos que estão a apenas três dias de marcha de Corinium, e ainda não há sinal de Cuneglas ou de Oengus. É o caos, Derfel, é isso que é, o caos. — Ele estremeceu de repente. — Que fedor é esse?

— Os esgotos estão refluindo.

— Por toda a Dumnonia — disse ele, carrancudo. — Preciso me apressar. Artur quer sua mulher em Corinium anteontem.

— Você tem ordens para mim? — gritei enquanto ele ia em direção aos degraus do templo.

— Vá para Corinium! E depressa! E mande toda a comida que puder! — Ele gritou a última ordem enquanto desaparecia pelas grandes portas de bronze do templo. Tinha trazido seis cavalos de reserva, o bastante para levar Argante, suas criadas e o druida Fergal, o que significava que os doze homens da escolta dos Escudos Pretos de Argante foram deixados comigo. Senti que eles ficaram tão satisfeitos quanto eu por se livrarem de sua princesa.

Balin partiu para o norte ao fim da tarde. Eu também queria estar na

estrada, mas as crianças estavam cansadas, a chuva era incessante e Ceinwyn me persuadiu de que faríamos um tempo melhor se todos descansássemos esta noite sob os telhados de Aquae Sulis e marchássemos descansados de manhã. Pus guardas na casa de banhos e deixei as mulheres e as crianças entrarem no grande poço de água quente, depois mandei Issa e vinte homens pela cidade, procurando armas para equipar o *levy*. Depois disso mandei chamar Cildydd e perguntei quanta comida restava na cidade.

— Praticamente nenhuma, senhor! — insistiu ele, dizendo que já havia mandado dezesseis carroças de grãos, carne seca e peixe salgado para o norte.

— Você revistou as casas das pessoas? As igrejas?

— Só os silos da cidade, senhor.

— Então vamos fazer uma busca adequada — sugeri e, ao crepúsculo, tínhamos recolhido mais sete carroças cheias de preciosos suprimentos.

Mandei as carroças para o norte naquela noite mesmo, apesar da hora tardia. Os carros de bois são lentos, e era melhor que começassem a jornada ao crepúsculo do que esperar pela manhã.

Issa esperava por mim no pátio do templo. Sua busca pela cidade tinha rendido sete espadas velhas e uma dúzia de lanças de caçar javalis, enquanto os homens de Cildydd haviam encontrado mais quinze lanças, oito delas partidas, mas Issa também tinha novidades.

— Dizem que há armas escondidas no templo, senhor.

— Quem diz?

Issa fez um gesto para um jovem barbudo, que usava um ensanguentado avental de açougueiro.

— Ele falou que uma quantidade de lanças foi escondida no templo depois da rebelião, mas o padre nega.

— Onde está o padre?

— Dentro, senhor. Ele me disse para sair quando o interroguei.

Subi correndo a escada do templo e passei pelas grandes portas. Aquele já fora um templo dedicado a Minerva e Sulis, a primeira Deusa romana e a segunda Deusa britânica, mas as divindades pagãs tinham sido expulsas e o Deus cristão instalado. Quando eu estivera pela última vez no templo havia uma grande estátua de bronze de Minerva cercada por lamparinas de óleo, mas a estátua fora destruída durante a rebelião cristã e agora apenas a cabeça oca da Deusa permanecia, empalada num poste para ficar como um troféu atrás do altar cristão.

O padre me desafiou.

— Esta é uma casa de Deus! — rugiu ele. Estava celebrando um mistério em seu altar, rodeado por mulheres que choravam, mas interrompeu a cerimônia para me encarar. Era jovem, cheio de paixão, um daqueles padres que haviam criado problemas na Dumnonia e a

quem Artur permitira viver, de modo que a amargura da rebelião fracassada não se infeccionasse. Mas esse padre certamente não tinha perdido nada de seu fervor insurgente. — Uma casa de Deus! — gritou de novo. — E você a profana com espada e lança! Você entraria com suas armas no salão de seu senhor? Então por que trazê-las para a casa de meu Senhor?

— Dentro de uma semana ela será um templo de Thunor, e eles estarão sacrificando seus filhos aí onde você está. Existem lanças aqui?

— Nenhuma! — disse ele em tom desafiador. As mulheres gritaram e se encolheram enquanto eu subia os degraus do altar. O padre apontou uma cruz para mim. — Em nome de Deus, e em nome de Seu Filho sagrado, e em nome do Espírito Santo. Não! — Esse último grito foi porque eu tinha desembainhado Hywelbane e a usei para tirar a cruz de sua mão. O pedaço de madeira deslizou pelo piso de mármore do templo enquanto eu enfiava a lâmina em sua barba emaranhada.

— Derrubarei este lugar pedra a pedra para encontrar as lanças — ameacei — e enterrarei sua carcaça miserável debaixo do entulho. Bem, onde elas estão?

Seu desafio desmoronou. As lanças, que ele vinha guardando com esperança de outra campanha para colocar um cristão no trono da Dumnonia, estavam escondidas numa cripta atrás do altar. A entrada da cripta era escondida, porque era o lugar onde antigamente se escondiam os tesouros doados pelas pessoas que buscavam o poder curativo de Sulis, mas o padre apavorado nos mostrou como levantar a laje de mármore para revelar um poço atulhado de ouro e armas. Deixamos o ouro, mas levamos as lanças para o *levy* de Cildydd. Eu duvidava de que os sessenta homens fossem de alguma utilidade verdadeira na batalha, mas pelo menos um homem armado com uma lança se parecia com um guerreiro e, à distância, poderiam fazer os saxões pararem. Eu disse ao *levy* que se preparasse para marchar de manhã, e para levar o máximo de comida que pudesse encontrar.

Dormimos aquela noite no templo. Tirei os enfeites cristãos do altar e coloquei a cabeça de Minerva entre duas lamparinas de óleo para que ela nos guardasse durante a noite. A chuva pingava do teto e empoçava no mármore, mas em algum momento da madrugada ela parou e a alvorada trouxe um céu que ia se limpando, e um novo vento frio do leste.

Deixamos a cidade antes de o sol se levantar. Somente quarenta homens do *levy* da cidade marchavam conosco, já que o resto tinha desaparecido na noite, mas era melhor ter quarenta homens dispostos do que sessenta aliados incertos. Nossa estrada estava livre de refugiados agora, porque eu tinha espalhado a notícia de que a segurança não estava em Corinium, e sim em Glevum, e assim era a estrada do oeste que estava atulhada de gado e pessoas. Nossa rota nos levou para o

leste, em direção ao sol nascente, ao longo do Caminho Fosse, que aqui seguia reto como uma lança entre túmulos romanos. Guinevere traduzia as inscrições, maravilhando-se porque ali estavam enterrados homens nascidos na Grécia, no Egito ou na própria Roma. Eram veteranos das legiões, que tinham tomado esposas britânicas e se estabelecido perto das fontes curativas de Aquae Sulis, e suas lápides cobertas de líquen algumas vezes agradeciam a Minerva ou a Sulis pelo dom dos anos. Depois de uma hora deixamos as tumbas para trás e o vale se estreitou enquanto os morros íngremes ao norte da estrada chegavam mais perto das campinas do rio; logo, eu sabia, a estrada iria se virar abruptamente para o norte, subindo os morros entre Aquae Sulis e Corinium.

Foi quando chegamos à parte estreita do vale que os condutores dos carros de bois voltaram correndo. Havia deixado Aquae Sulis na véspera, mas as carroças lentas não tinham ido além da curva para o norte da estrada, e agora, ao alvorecer, tinham abandonado as sete cargas de comida preciosa.

— Saxões! — gritou um homem correndo para nós. — Há saxões!

— Idiota — murmurei, depois gritei para Issa deter os homens que fugiam. Eu tinha deixado Guinevere montar minha égua, mas agora ela desmontou e subi desajeitadamente no dorso do animal e esporeei.

A estrada virava para o norte oitocentos metros à frente. Os bois e suas carroças tinham sido abandonados logo na curva, e passei por elas para espiar morro acima. Por um momento não pude ver nada, depois um grupo de cavaleiros apareceu ao lado de algumas árvores na crista. Estavam a oitocentos metros, delineados contra o céu que ia clareando. Não pude identificar detalhes de seus escudos, mas achei que fossem britânicos e não saxões, porque nosso inimigo não usava muitos cavaleiros.

Instiguei a égua morro acima. Nenhum dos cavaleiros se mexeu. Apenas me olharam, mas então, à minha direita, mais homens apareceram na crista do morro. Esses eram lanceiros, e acima deles estava um estandarte que me disse o pior.

O estandarte era um crânio com algo pendurado que parecia um trapo. Lembrei-me do estandarte de Aelle, com o crânio de lobo e uma pele humana pendurada. Os homens eram saxões e estavam barrando a estrada. Não havia muitos lanceiros à vista, talvez uma dúzia de cavaleiros e cinquenta ou sessenta homens a pé, mas se encontravam no terreno elevado e eu não sabia quantos mais estariam escondidos atrás da crista. Parei a égua e olhei os lanceiros, dessa vez vendo o brilho da luz do sol nas largas lâminas de machados que alguns carregavam. Só podiam ser saxões. Mas de onde tinham vindo? Balin me dissera que tanto Cerdic quanto Aelle estavam avançando ao longo do Tâmsa, portanto parecia provável que esses homens tivessem vindo do amplo vale do rio para o sul, mas talvez fossem alguns dos lanceiros de Cerdic

que serviam a Lancelot. Não que realmente importasse quem eram; tudo que importava era que nosso caminho estava bloqueado. Mais inimigos apareceram, com as lanças espetando o horizonte ao longo de toda a crista.

Virei a égua e vi Issa trazendo meus lanceiros mais experientes passando pelo bloqueio na curva da estrada.

— Saxões! — gritei para ele. — Formem uma parede de escudos aqui!

Issa olhou para os lanceiros distantes.

— Vamos lutar com eles aqui, senhor?

— Não. — Eu não ousaria lutar num lugar tão ruim. Seríamos forçados a batalhar morro acima, e ficaríamos sempre preocupados com nossas famílias atrás.

— Então vamos pegar a estrada para Glevum?

Balancei a cabeça. A estrada para Glevum estava atulhada de refugiados, e se eu fosse o comandante saxão não desejaria nada além de perseguir um inimigo em menor número ao longo daquela estrada. Não poderíamos marchar ao largo dele, porque estaríamos obstruídos por refugiados, e ele acharia simples atravessar em meio àquelas pessoas em pânico para nos levar a morte. Era possível, até mesmo provável, que os saxões não fizessem qualquer perseguição, que em vez disso ficassem tentados a saquear a cidade, mas era um risco que eu não ousava correr. Olhei para o morro comprido e vi um número ainda maior de inimigos vindo para a crista iluminada pelo sol. Era impossível contá-los, mas não era um bando de guerreiros pequeno. Meus homens estavam formando uma parede de escudos, mas eu sabia que não poderia lutar ali. Os saxões tinham mais homens e estavam no terreno elevado. Lutar aqui seria morrer.

Girei na sela. A oitocentos metros, logo ao norte do Caminho Fosse, havia uma das fortalezas do povo antigo e sua antiga muralha de terra — muito erodida agora — ficava na crista de um morro íngreme. Apontei para a fortificação coberta de grama.

— Nós vamos para lá.

— Para lá, senhor? — Issa estava perplexo.

— Se tentarmos escapar deles, eles vão nos seguir. Nossas crianças não podem ir depressa, e finalmente os desgraçados vão nos pegar. Seremos forçados a formar uma parede de escudos, colocar nossas famílias no centro, e o último de nós a morrer ouvirá a primeira mulher gritando. Melhor ir a um lugar onde eles hesitarão em atacar. No fim, eles terão de escolher. Ou nos deixam em paz e vão para o norte, e nesse caso vamos atrás, ou então lutam, e aí estaremos no topo de um morro, com chance de vencer. Uma chance melhor — acrescentei —, porque Culhwch virá por este caminho. Dentro de um ou dois dias podemos até mesmo estar em número maior do que eles.

— Então abandonamos Artur? — perguntou Issa, chocado com o pensamento.

— Manteremos um bando de guerreiros saxões longe de Corinium — falei. Mas não me sentia feliz com a opção, porque Issa estava certo. Eu ia abandonar Artur, mas não ousava arriscar a vida de Ceinwyn e de minhas filhas. Toda a cuidadosa campanha que Artur tinha tramado estava destruída. Culhwch estava separado em algum lugar ao sul, eu estava preso em Aquae Sulis, enquanto Cuneglas e Oengus Mac Airem ainda se encontravam a muitos quilômetros de distância.

Voltei para pegar minha armadura e as armas. Não tinha tempo para colocar o peitoral, mas pus o elmo com cauda de lobo, encontrei minha lança mais pesada e peguei o escudo. Dei a égua de volta a Guinevere e disse a ela para levar as famílias morro acima, depois ordenei aos homens do *levy* e aos meus lanceiros mais novos para dar a volta nas sete carroças de comida e seguirem para a fortaleza.

— Não me importa como vocês farão isso — falei —, mas quero aquela comida longe do inimigo. Puxem as carroças se for preciso! — Eu podia ter abandonado as carroças de Argante, mas na guerra uma carroça cheia de comida é muito mais preciosa do que ouro, e eu estava decidido a manter aqueles suprimentos longe do inimigo. Se necessário, queimaria as carroças e seu conteúdo, mas por enquanto tentaria salvar a comida.

Voltei para Issa e ocupei meu lugar no centro da parede de escudos. As fileiras inimigas estavam engrossando, e eu esperava que fizessem uma carga louca morro abaixo a qualquer minuto. Eles estavam em maior número, mas mesmo assim não vieram, e cada momento em que hesitavam era um momento extra para nossas famílias e as preciosas cargas de comida chegarem ao cume da colina. Eu olhava constantemente para trás, vigiando o progresso das carroças, e quando eles estavam na metade da encosta íngreme, ordenei que meus lanceiros voltassem.

O recuo incitou os saxões a avançar. Eles gritaram um desafio e vieram rápido morro abaixo, mas tinham deixado o ataque para muito tarde. Meus homens voltaram pela estrada e atravessaram um vau raso onde um riacho rolava dos morros em direção ao rio. Agora tínhamos o terreno mais elevado, porque estávamos recuando morro acima em direção à fortaleza em sua encosta íngreme. Meus homens mantinham a fileira reta, mantinham os escudos se sobrepondo e tinham firmes as lanças compridas, e essa evidência de seu treinamento fez a perseguição saxã parar a cinquenta metros de distância. Eles se contentaram em gritar desafios e insultos, enquanto um de seus feiticeiros nus, com o cabelo espetado à custa de bosta de vaca, dançava para nos lançar pragas. Chamou-nos de porcos, covardes e cabras. Ele nos xingou, e eu os contei. Havia 170 homens em sua parede, e mais ainda os que não

tinham descido o morro. Eu os contei e os líderes saxões se mantiveram nos cavalos atrás da parede de escudos e nos contaram. Agora eu podia ver seu estandarte claramente, e era o estandarte de Cerdic, com o crânio de lobo e a pele de um cadáver, mas o próprio Cerdic não estava ali. Este devia ser um de seus bandos de guerreiros vindos do Tâmisia para o sul. O bando de guerreiros era muito mais numeroso do que nós, mas seus líderes eram espertos demais para atacar. Sabiam que poderiam nos vencer, mas também sabiam do preço mortal que setenta guerreiros experientes cobrariam de suas fileiras. Para eles bastava terem nos afastado da estrada.

Recuamos lentamente morro acima. Os saxões nos vigiavam, mas só o feiticeiro nos seguiu, e depois de um tempo perdeu o interesse. Ele cuspiu para nós e se virou. Zombamos tremendamente da timidez do inimigo, mas na verdade eu estava sentindo um alívio gigantesco por não terem atacado.

Demoramos uma hora para levar as sete carroças de preciosa comida por cima da antiga muralha de terra e entrar no topo suavemente convexo do morro. Caminhei por aquele platô curvo e descobri que era uma maravilhosa posição defensiva. O cume formava um triângulo, e em cada um dos três lados o terreno descia íngreme, de modo que qualquer atacante seria forçado a subir até os dentes de nossas lanças. Eu esperava que a inclinação daquela encosta impedisse o ataque do bando saxão, e dentro de um ou dois dias o inimigo iria embora e estaríamos livres para seguir para o norte até Corinium. Chegaríamos tarde e sem dúvida Artur estaria com raiva de mim, mas por enquanto mantive segura essa parte do exército da Dumnonia. Éramos mais de duzentos lanceiros e protegíamos uma multidão de mulheres e crianças, sete carroças e duas princesas, e nosso refúgio era o topo de uma colina acima de um profundo vale ribeirinho. Encontrei um dos membros do *levy* e perguntei o nome do morro.

— Tem o mesmo nome da cidade, senhor — disse ele, aparentemente achando curioso eu querer saber.

— *Aquae Sulis*? — perguntei.

— Não, senhor! O nome antigo! O nome antes de os romanos virem.

— Baddon — falei.

— E este é o *Mynydd Baddon*, senhor.

O Monte Baddon. Com o tempo os poetas fariam esse nome ressoar por toda a Britânia. Ele seria cantado em um milhar de salões e poria fogo no sangue de crianças ainda não nascidas, mas por enquanto não significava nada para mim. Era apenas um morro conveniente, uma fortaleza com muralhas de terra, e o lugar onde, involuntariamente, eu tinha plantado meus dois estandartes no chão. Um mostrava a estrela de Ceinwyn, e o outro, que tínhamos encontrado e resgatado das carroças

de Argante, era o do urso de Artur.

Assim, à luz da manhã, tremulando no vento seco, o urso e a estrela desafiavam os saxões.

No Mynydd Baddon.

OS SAXÕES ESTAVAM CAUTELOSOS. Não tinham atacado quando nos viram pela primeira vez, e agora que estávamos seguros no cume do Mynydd Baddon se contentaram em se acomodar na base sul do morro e simplesmente vigiar. Na tarde, um grande contingente de seus lanceiros foi até Aquae Sulis, onde deve ter descoberto uma cidade quase deserta. Eu esperava ver o fogo e a fumaça da palha dos telhados se queimando, mas nada disso apareceu, e ao crepúsculo os lanceiros voltaram da cidade carregados com a pilhagem. As sombras do anoitecer escureceram o vale do rio e, enquanto nós no cume do Mynydd Baddon ainda estávamos nos últimos raios da luz do dia, as fogueiras dos acampamentos inimigos pontilhavam a escuridão lá embaixo.

Um número ainda maior de fogueiras aparecia nos morros ao norte. O Mynydd Baddon fica como uma ilha à parte daqueles morros, separada deles por uma depressão comprida e coberta de grama. Eu mais ou menos pensara que poderíamos atravessar aquele vale alto à noite, subir a encosta do outro lado e abrir caminho pelos morros em direção a Corinium; assim, antes do anoitecer, mandei Issa e vinte homens reconhecerem a rota, mas ele retornaram dizendo que havia sentinelas saxãs a cavalo, em todo o morro do outro lado da depressão. Eu ainda me inclinava a tentar fugir para o norte, mas sabia que os cavaleiros saxões nos veriam e que ao amanhecer teríamos todo o bando de guerreiros em nossos calcanhares. Preocupe-me com a opção até bem tarde da noite, depois escolhi o menor de dois males: ficaríamos no Mynydd Baddon.

Para os saxões devíamos ter parecido um exército formidável. Agora eu comandava 268 homens e o inimigo não saberia que menos de cem eram lanceiros de primeira. Quarenta dos restantes eram o *levy* da cidade, 36 eram guerreiros endurecidos que tinham guardado Caer Cadarn ou o palácio da Durnovária, mas a maioria dessas três dúzias compunha-se de homens velhos e lentos, enquanto 110 eram jovens que não tinham sentido o gosto de sangue. Meus setenta lanceiros experientes e os doze Escudos Pretos de Argante figuravam entre os melhores guerreiros da Britânia, e ainda que eu não duvidasse de que os 36 veteranos seriam úteis e que os jovens poderiam se mostrar formidáveis, ainda era uma força lamentavelmente pequena para proteger nossas 140 mulheres e as 79 crianças. Mas pelo menos tínhamos comida e água suficiente, porque possuíamos as sete preciosas carroças e havia três fontes nos flancos do Mynydd Baddon.

Ao anoitecer daquele primeiro dia tínhamos contado o inimigo.

Havia cerca de 360 saxões no vale e pelo menos mais oitenta nas terras ao norte. Era um número suficiente de lanceiros para nos manter presos no Mynydd Baddon, mas provavelmente não era o bastante para nos atacar. Cada um dos três lados lisos e sem árvores do cume tinha trezentos passos de comprimento, formando um total grande demais para que nosso pequeno número defendesse, mas se o inimigo atacasse nós o veríamos de longe e teríamos tempo de mover lanceiros para enfrentar o ataque. Eu sabia que se eles fizessem dois ou três ataques simultâneos eu ainda poderia me sustentar, porque os saxões teriam uma encosta terrivelmente íngreme para subir e meus homens estariam descansados. Mas se o número do inimigo aumentasse, eu sabia que seria derrotado. Minhas orações eram para que aqueles saxões não passassem de um forte bando em busca de pilhagem e que, assim que tivessem tirado toda a comida que pudessem de Aquae Sulis e do vale do rio, eles voltassem ao norte para se juntar de novo a Aelle e Cerdic.

A alvorada seguinte mostrou que os saxões continuavam no vale, onde a fumaça de suas fogueiras se misturava com a névoa do rio. À medida que a névoa se esgarçou, vimos que eles estavam cortando árvores para fazer cabanas; evidência deprimente de que pretendiam ficar. Meus homens também estavam ocupados nas encostas do morro, derrubando os pequenos pilriteiros e as bétulas jovens que poderiam dar cobertura contra um ataque do inimigo. Eles arrastaram os arbustos e as pequenas árvores para o cume e os empilharam como uma paliçada rudimentar sobre os restos da muralha de terra do povo antigo. Eu tinha outros cinquenta homens na crista do morro ao norte da depressão, onde estavam cortando lenha que levamos de volta para o monte num dos carros de bois do qual tínhamos retirado a comida. Esses homens trouxeram de volta madeira suficiente para fazer uma cabana comprida, ainda que a nossa, diferentemente da dos saxões, não passasse de uma estrutura precária com madeira unindo quatro das carroças e grosseiramente coberta de galhos. Mas tinha tamanho suficiente para abrigar as mulheres e as crianças.

Durante a primeira noite eu tinha mandado dois dos meus lanceiros para o norte. Ambos eram moleques espertos escolhidos entre os jovens que não tinham provado sangue e ordenei que cada um deles tentasse chegar a Corinium e contar nossas dificuldades a Artur. Eu duvidava de que ele pudesse nos ajudar, mas pelo menos saberia o que tinha acontecido. Durante todo o dia seguinte morri de medo de ver aqueles dois garotos de novo, temendo vê-los ser arrastados como prisioneiros atrás de um cavaleiro saxão, mas eles desapareceram. Ambos, como eu soube mais tarde, sobreviveram para alcançar Corinium.

Os saxões construíram seus abrigos e nós empilhamos mais espinheiros e arbustos sobre a muralha rasa. Nenhum dos inimigos chegou perto e não descemos para desafiá-los. Dividi o cume em seções e

designei uma tropa de lanceiros para cada uma. Os setenta guerreiros experientes, os melhores de meu pequeno exército, guardavam o ângulo das muralhas de terra que davam para o sul, a direção do inimigo. Dividi meus rapazes em duas tropas, uma em cada flanco dos homens experientes, depois dei a defesa do lado norte do morro para os doze Escudos Pretos apoiados pelo *levy* e pelos guardas de Caer Cadarn e Durnovária. O líder dos Escudos Pretos era um sujeito enorme e cheio de cicatrizes chamado Niall, veterano de cem ataques contra colheitas, cujos dedos eram grossos de tantos anéis de guerreiro, e Niall ergueu seu próprio estandarte improvisado na muralha norte. Não passava de uma jovem bétula sem os galhos, enfiada no chão e com um trapo de capa preta voando na ponta, mas havia algo de selvagem e satisfatoriamente desafiador naquela esfarrapada bandeira irlandesa.

Eu ainda tinha esperanças de escapar. Os saxões podiam estar fazendo abrigos no vale do rio, mas o alto terreno do norte continuava me tentando, e naquela segunda tarde montei em minha égua e atravessei a depressão de terra entre o estandarte de Niall e a crista oposta. Eachern, um guerreiro experiente que eu pusera no comando de um dos bandos de jovens que cortavam madeira naquela crista, veio até o lado de minha égua. Ele viu que eu estava olhando para o urzal despido e adivinhou o que havia em minha mente. Ele cuspiu.

— Os desgraçados estão lá, estão mesmo — falou.

— Tem certeza?

— Eles vêm e vão, senhor. Sempre a cavalo. — Eachern tinha um machado na mão direita e o apontou para oeste, onde um vale corria do norte para o oeste ao lado do urzal. Árvores cresciam densas no pequeno vale, mas tudo que podíamos ver delas eram as copas cheias de folhas. — Há uma estrada no meio daquelas árvores — disse Eachern. — E é lá que eles estão espreitando.

— A estrada deve ir para Glevum.

— Vai primeiro até os saxões, senhor. Os desgraçados estão lá, estão mesmo. Ouvi os machados deles.

O que significava, pensei, que a trilha no vale estava bloqueada com árvores caídas. Eu continuava tentando. Se destruíssemos a comida e deixássemos para trás tudo que pudesse retardar nossa marcha, poderíamos romper esse círculo de saxões e chegar ao exército de Artur. Durante todo o dia minha consciência estivera me cutucando como um agulhão, porque meu dever claro era estar com Artur, e quanto mais tempo eu ficasse preso no Mynydd Baddon, mais difícil era a tarefa dele. Imaginei se poderíamos atravessar as urzes à noite. Haveria uma meia-lua, o bastante para iluminar o caminho, e, se nos movêssemos rapidamente, sem dúvida ultrapassaríamos o grosso do bando saxão. Poderíamos ser incomodados por um punhado de cavaleiros saxões, mas meus lanceiros poderiam lidar com eles. Mas o que haveria do outro

lado do urzal? Terreno montanhoso, com certeza, e sem dúvida cortado por rios inchados pelas chuvas recentes. Eu precisava de uma estrada, precisava de vaus e pontes, precisava de velocidade, do contrário as crianças ficariam para trás, os lanceiros iriam diminuir o passo para protegê-las e subitamente os saxões estariam em cima de nós como lobos caçando um rebanho de ovelhas. Eu podia me imaginar escapando do Mynydd Baddon, mas não via como atravessaríamos os quilômetros entre o lugar onde estávamos e Corinium sem cairmos presa das lâminas inimigas.

No crepúsculo, a decisão foi tirada de minhas mãos. Eu ainda pensava numa corrida para o norte e esperava que, se deixássemos nossas fogueiras acesas, poderíamos enganar o inimigo fazendo-o pensar que continuávamos no cume do Mynydd Baddon. Mas no crepúsculo daquele segundo dia chegaram mais saxões. Vinham do nordeste, da direção de Corinium, e uma centena deles foi para o urzal que eu esperava atravessar, depois vieram para o sul para afastar das árvores os meus lenhadores, fazendo-os atravessar a depressão e subir de novo o Mynydd Baddon. Agora estávamos realmente numa armadilha.

À noite, sentei-me com Ceinwyn junto de uma fogueira.

— Isso me faz lembrar daquela noite em Ynys Mon.

— Eu estava pensando nisso — disse ela.

Foi a noite em que encontráramos o Caldeirão de Clyddno Eiddyn e tínhamos subido num amontoado de rochas, cercados pelas forças de Diwrnach. Nenhum de nós esperava sobreviver, mas então Merlin tinha despertado dos mortos e zombado de mim. “Estamos rodeados, é?”, perguntara ele. “Estamos em número menor, é?” Concordei com as duas proposições e Merlin sorriu. “E você se diz um comandante de guerreiros!”

— Você nos deixou numa encrenca — disse Ceinwyn, citando Merlin, e riu da lembrança. Depois suspirou. — Se não estivéssemos com você — prosseguiu, indicando as mulheres e crianças junto às fogueiras —, o que faria?

— Iria para o norte. Lutar uma batalha lá. — E virei a cabeça para as fogueiras saxãs acesas no terreno alto do outro lado da reentrância. — Depois continuaria marchando para o norte. — Eu não tinha realmente certeza de que teria feito isso, porque significaria abandonar cada homem ferido na batalha pela crista, mas o resto de nós, sem o estorvo de mulheres e crianças, sem dúvida poderia ter ido mais rápido do que a perseguição dos saxões.

— E se você pedir aos saxões para dar livre passagem às mulheres e crianças? — perguntou Ceinwyn em voz baixa.

— Eles dirão que sim, e tão logo vocês estiverem fora do alcance de nossas lanças irão pegá-las, estuprá-las, matá-las e escravizar as crianças.

— Então não é mesmo uma boa ideia?

— Não mesmo.

Ela encostou a cabeça no meu ombro, tentando não perturbar Seren, que estava dormindo com a cabeça no colo da mãe.

— E quanto tempo poderemos nos sustentar?

— Eu poderia morrer de velhice no Mynydd Baddon, desde que eles não mandem mais de quatrocentos homens para nos atacar.

— E eles farão isso?

— Provavelmente não — menti e Ceinwyn soube que era mentira. Claro que eles mandariam mais de quatrocentos homens. Na guerra, aprendi, o inimigo geralmente fará aquilo que você mais teme, e esse inimigo certamente mandaria cada lanceiro que tivesse.

Ceinwyn ficou quieta um tempo. Cães latiram em meio aos distantes acampamentos saxões; o som vinha claro na noite silenciosa. Nossos cães começaram a responder, e a pequena Seren se remexeu no sono. Ceinwyn acariciou o cabelo da filha.

— E se Artur está em Corinium — perguntou ela suavemente —, por que os saxões estão vindo para cá?

— Não sei.

— Você acha que eles acabarão indo para o norte, se juntar ao exército principal?

Eu tinha pensado nisso, mas a chegada de mais saxões me deixara em dúvida. Agora suspeitava de que estávamos diante de um grande bando de guerreiros inimigos que estivera tentando marchar para o sul ao largo de Corinium, penetrando fundo nos morros para surgir de novo em Glevum, e assim ameaçar a retaguarda de Artur. Eu não podia pensar em outro motivo para tantos saxões estarem no vale de Aquae Sulis, mas isso não explicava por que não continuavam marchando. Em vez disso faziam abrigos, o que sugeria que desejavam nos sitiar. E nesse caso, pensei, talvez estivéssemos prestando serviço a Artur ficando aqui. Estávamos mantendo um grande número de seus inimigos longe de Corinium, ainda que, se nossa avaliação das forças inimigas estivesse certa, os saxões tivessem homens em número mais do que suficiente para derrotar Artur e a mim.

Ceinwyn e eu ficamos quietos. Os doze Escudos Pretos tinham começado a cantar, e quando a canção terminou meus homens responderam com o canto de guerra de Illtydd. Pyrllig, meu bardo, acompanhou o canto com sua harpa. Ele havia encontrado um peitoral de couro e se armou com escudo e lança, mas o equipamento de guerra parecia estranho em seu corpo magro. Eu esperava que ele nunca tivesse de abandonar sua harpa e usar a lança, porque então toda esperança estaria perdida. Imaginei os saxões num enxame subindo o morro, uivando de deleite ao encontrar tantas mulheres e crianças, depois afastei o pensamento horrível. Tínhamos de ficar vivos, tínhamos de sustentar nossas muralhas, tínhamos de vencer.

Na manhã seguinte, sob um céu de nuvens cinzentas através do qual um vento refrescante trouxe retalhos de chuva do oeste, vesti meu equipamento de guerra. Era pesado, e eu deliberadamente não o tinha usado até agora, mas a chegada dos reforços saxões havia me convencido de que teríamos de lutar, e assim, para dar ânimo aos homens, escolhi usar minha melhor armadura. Primeiro, sobre a camisa de linho e os calções de lã pus uma túnica de couro que ia até os joelhos. O couro era suficientemente grosso para barrar um golpe lateral de espada, mas não uma ponta de lança. Sobre a túnica pus a preciosa cota de pesada malha romana que meus escravos tinham polido a ponto de os pequenos elos parecerem brilhar. A cota de malha era enfeitada com elos de ouro na bainha, nas mangas e no pescoço. Era uma cota cara, uma das mais ricas da Britânia, e muito bem-forjada para suportar praticamente qualquer golpe de espada. Minhas botas até o joelho tinham tiras de bronze costuradas, para desviar os golpes de lança que vêm por baixo numa parede de escudos, e eu usava luvas até o cotovelo, com placas de ferro para proteger os antebraços. Meu elmo era decorado com dragões de prata que subiam até o cume dourado onde era fixada a cauda de lobo. O elmo descia até os ouvidos, tinha uma aba de malha para proteger a nuca e peças laterais de prata que podiam ser viradas sobre o rosto, para que o inimigo não visse um homem e sim um matador coberto de metal com duas sombras pretas no lugar dos olhos. Era a rica armadura de um grande comandante guerreiro, destinada a amedrontar o inimigo. Pus o cinto de Hywelbane em volta da malha, amarrei uma capa no pescoço e sopesei minha mais pesada lança de guerra. Então, vestido assim para a batalha e com o escudo pendurado às costas, caminhei pelas muralhas do Mynydd Baddon para que todos os meus homens e todos os meus inimigos me vissem e soubessem que um lorde guerreiro esperava pela luta. Terminei meu circuito no pico sul de nossas defesas e ali, bem acima do inimigo, levantei as abas de malha e couro para mijar morro abaixo, na direção dos saxões.

Eu não sabia que Guinevere estava perto, só o soube quando ela riu, e aquele riso estragou bastante meu gesto, pois fiquei embaraçado. Ela descartou minhas desculpas.

— Você está ótimo, Derfel.

Abri as laterais do elmo.

— Eu esperava nunca mais usar essas coisas, senhora.

— Você fala como Artur — disse ela em tom maroto, depois foi para trás de mim, admirar as tiras de prata martelada que formavam a estrela de Ceinwyn no escudo. — Jamais entendi — observou ela, voltando-se para me encarar — por que você se veste como um criador de porcos na maior parte do tempo, mas fica tão esplêndido para a guerra.

— Não pareço um criador de porcos — protestei.

— Não os meus, porque não admito gente suja perto de mim,

mesmo que estejam cuidando de suínos, por isso sempre me certifico de que tenham roupas decentes.

— Tomei banho ano passado — insisti.

— Faz tão pouco tempo assim! — disse ela, fingindo estar impressionada. Estava segurando seu arco de caça e tinha um carcás de flechas nas costas. — Se eles vierem, pretendo mandar a alma de alguns para o Outro Mundo.

— Se eles vierem — falei, sabendo que viriam —, a senhora só verá elmos e escudos e vai desperdiçar as flechas. Espere até eles levantarem a cabeça para lutar contra nossa parede de escudos, depois mire nos olhos.

— Não vou desperdiçar flechas, Derfel — prometeu, séria.

A primeira ameaça veio do norte, onde os saxões recém-chegados formaram uma parede de escudos em meio às árvores acima da depressão que separava o Mynydd Baddon do terreno elevado. Nossa fonte mais copiosa estava naquela depressão, e talvez os saxões pretendessem impedir que a usássemos, porque logo depois do meio-dia sua parede de escudos desceu para o pequeno vale. Niall os vigiava de nossa muralha de terra.

— Oitenta homens — disse-me ele.

Eu trouxe Issa e cinquenta de meus homens para a muralha do norte, um número de lanceiros mais do que suficiente para enfrentar oitenta saxões lutando para subir o morro, mas logo se tornou óbvio que os saxões não pretendiam atacar, e sim nos atrair para a depressão onde poderiam lutar em termos mais iguais. E sem dúvida, assim que tivéssemos descido, mais saxões viriam das árvores altas para nos emboscar.

— Fiquem aqui — falei aos meus homens —, não desçam! Vocês ficam!

Os saxões zombavam de nós. Alguns conheciam palavras na língua britânica, o suficiente para nos chamar de covardes, mulheres ou vermes. Algumas vezes um pequeno grupo subia a metade de nossa encosta para nos provocar a romper as fileiras e correr morro abaixo, mas Niall, Issa e eu mantínhamos os homens calmos. Um feiticeiro saxão veio arrastando os pés pela encosta molhada, em pequenas corridas nervosas, lançando feitiços. Estava nu por baixo de uma capa de pele de lobo e tinha o cabelo levantado numa ponta única, com o uso de bosta de vaca. Gritou suas maldições em voz aguda, uivou suas palavras de feitiço e depois lançou um punhado de pequenos ossos contra nossos escudos, mas nenhum de nós se moveu. O feiticeiro cuspiu três vezes, depois desceu correndo até a depressão, onde um chefe saxão tentou provocar um de nós para um combate singular. Era um homem corpulento com uma juba emaranhada e suja, que descia até abaixo de um luxuoso colar de ouro. Sua barba era trançada com fitas pretas, o peitoral era de ferro, as grevas decoradas com bronze romano, e o escudo era pintado com a

máscara de um lobo rosnando. O elmo tinha chifres de touro aos quais ele havia amarrado uma massa de fitas pretas. Tinha tiras de pele com pelos pretos amarradas na parte superior dos braços e das coxas, levava um grande machado de lâmina dupla, e do cinto pendia uma espada comprida e uma das facas curtas, de lâmina larga, chamadas de *seax*, a arma que dava seu nome aos saxões. Durante um tempo exigiu que o próprio Artur descesse para lutar com ele, e quando se cansou disso me desafiou, chamando-me de covarde, de escravo com coração de galinha e filho de uma prostituta leprosa. Falava em sua própria língua, o que significava que nenhum de meus homens soube o que ele dizia. Simplesmente deixei suas palavras passarem ao largo, no vento.

Então, no meio da tarde, quando a chuva tinha parado e os saxões estavam entediados da tentativa de nos atrair para a batalha, eles trouxeram até a depressão três crianças capturadas. Eram crianças muito pequenas, não teriam mais de cinco ou seis anos, e foram seguradas com *seaxs* junto à garganta.

— Desçam — gritou o chefe grandalhão —, ou elas morrem!

Issa olhou para mim.

— Deixe-me ir, senhor — implorou.

— Esta muralha é minha — insistiu Niall, o líder dos Escudos Pretos. — Eu vou retalhar o desgraçado.

— A colina é minha — falei. Era mais do que apenas a minha colina, também era meu dever travar o primeiro combate singular de uma batalha. Um rei podia deixar seu campeão lutar, mas um comandante guerreiro não devia mandar homens aonde ele próprio não fosse, por isso fechei as laterais do elmo, toquei com a mão enluvada os ossos de porco no punho de Hywelbane e depois apertei a cota de malha para sentir o pequeno calombo formado pelo broche de Ceinwyn. Assim reconfortado, passei por nossa grosseira paliçada de madeira e cheguei na borda da encosta. — Você e eu! — gritei para o alto saxão em sua língua. — Pela vida delas. — E aponte a lança para as três crianças.

Os saxões rugiram em aprovação, porque finalmente iam trazer um britânico para baixo do morro. Eles recuaram, levando as crianças, deixando a depressão para seu campeão e para mim. O saxão corpulento sopesou o grande machado na mão esquerda, depois cuspiu nos ranúnculos.

— Você fala bem nossa língua, porco — elogiou.

— É uma língua de porcos — respondi.

Ele jogou para o alto o machado, que girou com a lâmina refletindo a luz fraca do sol que tentava romper as nuvens. O machado era comprido, e a cabeça de lâmina dupla era pesada, mas ele o pegou facilmente pelo cabo. A maioria dos homens acharia difícil brandir uma arma tão pesada mesmo por um tempo curto, quanto mais atirá-la e pegar, mas esse saxão fazia isso parecer fácil.

— Artur não ousou vir lutar comigo — falou —, então, em vez disso, vou matar o serviçal dele.

Sua referência a Artur me deixou perplexo, mas não era meu serviço desiludir o inimigo se ele achava que Artur estava no Mynydd Baddon.

— Artur tem coisas melhores a fazer do que matar insetos. Por isso me pediu para trucidar você, depois enterrar seu cadáver gordo com os pés apontando para o sul, de modo que por todo o tempo você vai vagar solitário e sofrendo, sem conseguir encontrar o seu Outro Mundo.

Ele cuspiu.

— Você guincha como um porco manco.

Esses insultos eram um ritual, assim como o combate singular. Artur desaprovava ambos, acreditando que os insultos eram um desperdício de fôlego e o combate singular um desperdício de energia, mas eu não tinha objeção a lutar contra um campeão inimigo. Esse combate servia a um propósito, porque, se eu matasse esse homem, minhas tropas ficariam tremendamente animadas e os saxões veriam um presságio terrível em sua morte. O risco era perder a luta, mas naquela época eu era um homem confiante. O saxão era um palmo mais alto do que eu, e muito mais largo nos ombros, mas eu duvidava que fosse rápido. Ele parecia um homem que contava com a força para vencer, enquanto eu me orgulhava de ser esperto, além de forte. Ele olhou para nossa muralha de terra que agora estava apinhada de homens e mulheres. Eu não podia ver Ceinwyn, mas Guinevere aparecia alta e marcante entre os homens armados.

— Aquela é a sua prostituta? — perguntou o saxão, apontando o machado para ela. — Esta noite ela será minha, seu verme. — Deu dois passos para perto de mim, de modo a ficar a apenas doze passos de distância, depois jogou de novo o grande machado para o ar. Seus homens gritavam para ele da encosta no norte, enquanto meus homens lançavam encorajamentos roucos da fortificação.

— Se você estiver apavorado — falei —, posso lhe dar tempo para esvaziar as tripas.

— Vou esvaziá-las no seu cadáver. — Ele cuspiu em minha direção. Imaginei se deveria derrubá-lo com a lança ou com Hywelbane, então decidi que a lança seria mais rápida desde que ele não aparasse a lâmina. Estava claro que o sujeito iria atacar logo, porque tinha começado a girar o machado em curvas rápidas e intrincadas que eram atordoantes de se olhar. Desconfiei que sua intenção fosse me atacar com aquela lâmina que parecia turva, derrubar minha lança com seu escudo e depois enterrar o machado no meu pescoço. — Meu nome é Wulfger — disse ele formalmente. — Chefe da tribo Sarnaed do povo de Cerdic, e esta terra será minha.

Tirei o braço esquerdo das alças do escudo, transferi o escudo para o

braço direito e sopesei a lança na mão esquerda. Não passei as alças do escudo no braço direito, apenas segurei com força o suporte de madeira. Wulfger dos Sarnaed era canhoto, o que significava que seu machado atacaria do meu lado desguarnecido se eu tivesse mantido o escudo no braço original. Nem de longe eu era tão bom com uma lança na mão esquerda, mas tinha uma ideia que poderia terminar com a luta rapidamente.

— Meu nome — respondi formalmente — é Derfel, filho de Aelle, rei dos aenglos. E sou o homem que pôs a cicatriz no rosto de Liofa.

Minha bazófia se destinava a inquietá-lo, e talvez tenha inquietado, mas ele deu pouco sinal. Em vez disso, com um rugido súbito, atacou, seus homens soltando gritos ensurdecedores. O machado de Wulfger assobiava no ar, seu escudo estava pronto para desviar minha lança e ele atacava como um touro, mas então joguei meu escudo no seu rosto. Joguei-o de lado, de modo que foi girando para ele como um pesado disco de madeira com aro de metal.

A visão súbita do escudo pesado voando para o seu rosto forçou-o a levantar o próprio escudo e parar com o giro violento de seu machado. Ouvi meu escudo bater no dele, mas eu já estava com um joelho apoiado no chão, com a lança baixa e apontada para cima. Wulfger dos Sarnaed tinha desviado meu escudo facilmente, mas não pôde conter o próprio ímpeto à frente. Também não conseguiu baixar o escudo a tempo, por isso correu direto para aquela lâmina comprida, pesada e malignamente afiada. Eu tinha apontado para sua barriga, para um lugar logo abaixo do peitoral de ferro, onde a única proteção era um grosso gibão de couro, e minha lança atravessou aquele couro como uma agulha furando tecido. Levantei-me enquanto a lâmina afundava através de couro, pele, músculo e carne para se enterrar no baixo-ventre de Wulfger. Fiquei de pé e girei o cabo, rugindo meu desafio agora que vi a lâmina do machado hesitar. Forcei de novo, com a lança ainda dentro de sua barriga, e girei a lâmina em forma de folha uma segunda vez. Wulfger dos Sarnaed abriu a boca me encarando, e vi o horror chegar aos seus olhos. Ele tentou levantar o machado, mas só havia uma dor terrível em sua barriga e uma fraqueza que liquefazia suas pernas, e então ele cambaleou, ofegou e caiu de joelhos.

Larguei a lança e recuei enquanto desembainhava Hywelbane.

— Esta terra é nossa, Wulfger dos Sarnaed — falei suficientemente alto para que seus homens ouvissem —, e continua sendo nossa. — Girei a lâmina uma vez, mas com tanta força que ela cortou o emaranhado de cabelos bem na nuca e atravessou sua coluna.

Ele caiu. Morto num piscar de olhos.

Agarrei o cabo da lança, pus uma das botas na barriga de Wulfger e arranquei a lâmina relutante. Depois me inclinei e arranquei o crânio de lobo de seu elmo. Segurei o osso amarelado na direção de nossos

inimigos, depois joguei-o no chão e o despedacei com o pé. Soltei o colar de ouro do morto, depois peguei seu escudo, o machado e a faca, e acenei com esses troféus na direção de seus homens, que ficaram olhando em silêncio. Meus homens estavam dançando e uivando de alegria. Por fim, me curvei e soltei suas pesadas grevas de bronze, decoradas com a imagem de meu Deus, Mitra.

Levantei-me com o butim.

— Mandem as crianças! — gritei para os saxões.

— Venha pegá-las! — gritou um homem de volta. Depois, com um gesto rápido, cortou a garganta de uma criança. As outras duas gritaram, depois também foram mortas e os saxões cuspiram em seus pequenos corpos. Por um instante, pensei que meus homens iriam perder o controle e descer atacando, mas Issa e Niall os mantiveram na fortificação. Cuspi no corpo de Wulfger, zombei do inimigo traiçoeiro e levei meus troféus de volta para o morro.

Dei o escudo de Wulfger a um dos membros do *levy*, a faca a Niall e o machado a Issa.

— Não o use em batalha — falei —, mas você pode cortar lenha com ele.

Levei o colar de ouro para Ceinwyn, mas ela balançou a cabeça.

— Não gosto do ouro dos mortos — falou. Ela estava aninhando nossas filhas, e pude ver que as três tinham chorado. Ceinwyn não era mulher de demonstrar as emoções. Tinha aprendido na infância que poderia ter o afeto de seu temível pai mantendo uma natureza luminosa, e de algum modo esse hábito de alegria tinha se entranhado em sua alma, mas agora ela não conseguiu esconder a perturbação. — Você poderia ter morrido! — falou. Eu não tinha o que dizer, por isso apenas me agachei perto dela, arranquei um punhado de grama e limpei o sangue da lâmina de Hywelbane. Ceinwyn franziu a testa para mim. — Eles mataram aquelas crianças?

— Sim.

— Quem eram elas?

Dei de ombros.

— Quem sabe? Crianças capturadas em algum ataque.

Ceinwyn suspirou e acariciou os cabelos louros de Morwenna.

— Você tinha de lutar?

— Você preferiria que eu mandasse Issa?

— Não — admitiu ela.

— Então sim, eu tinha de lutar — retruquei. Na verdade havia gostado da luta. Só um idiota deseja a guerra, mas assim que a guerra começa ela não pode se lutada com meia vontade. Nem pode ser lutada com arrependimento, mas deve ser levada com uma alegria terrível em derrotar o inimigo, e é essa alegria selvagem que inspira nossos bardos a escrever suas maiores canções de amor e de guerra. Nós, guerreiros, nos

vestíamos para a batalha como nos enfeitávamos para o amor: fazíamos belos, usávamos nosso ouro, púnhamos cristas nos elmos engastados de prata, andávamos empertigados, cantávamos vantagem, e quando as lâminas assassinas chegavam perto sentíamos como se o sangue dos Deuses corresse em nossas veias. O homem deve amar a paz, mas se não puder lutar de todo o coração não terá paz.

— O que teríamos feito se você morresse? — perguntou Ceinwyn, olhando enquanto eu prendia as excelentes grevas de Wulfger sobre minhas botas.

— Teriam me queimado, meu amor, e mandado minha alma para junto de Dian. — Beijei-a, depois levei o colar de ouro para Guinevere, que ficou deliciada com o presente, e mesmo não gostando dos grosseiros trabalhos saxões, pôs o colar no pescoço.

— Gostei daquela luta — disse ela, ajeitando as placas de ouro. — Você precisa me ensinar um pouco de saxão, Derfel.

— Claro.

— Insultos. Eu quero feri-los. — Ela gargalhou. — Insultos pesados, Derfel, os mais pesados que você conhecer.

E haveria muitos saxões para Guinevere insultar, porque um número ainda maior de lanceiros inimigos estava chegando ao vale. Meus homens no ângulo sul gritaram para me alertar, e fui até a muralha de terra embaixo de nossos dois estandartes e vi duas compridas fileiras de lanceiros serpenteando pelos morros do leste, descendo até as campinas do rio.

— Eles começaram a chegar há pouco — disse Eachern — e agora não acabam mais.

Não acabavam mesmo. Isso não era um bando de guerreiros que vinham lutar, e sim um exército, uma horda, todo um povo em marcha. Homens, mulheres, animais e crianças, todos se derramando dos morros do leste para o vale de Aquae Sulis. Os lanceiros marchavam em suas longas colunas, e entre as colunas havia rebanhos de bois e ovelhas e um número incontável de mulheres e crianças. Cavaleiros seguiam nos flancos, e mais cavaleiros se agrupavam junto aos dois estandartes que marcavam a chegada dos reis saxões. Isso não era um exército, e sim dois, as forças combinadas de Aelle e Cerdic, e em vez de enfrentar Artur no vale do Tâmis eles tinham vindo para cá, para mim, e suas lâminas eram tão numerosas quanto as estrelas do grande cinturão no céu.

Fiquei olhando sua chegada durante uma hora. Eachern estava certo. Eles não acabavam mais. Toquei os ossos no punho de Hywelbane e soube, com mais certeza do que nunca, que estávamos condenados.

Naquela noite as luzes das fogueiras saxãs pareciam uma constelação caída no vale de Aquae Sulis; um clarão de fogos que chegava até longe

no sul e se aprofundava no oeste, mostrando até onde ia o acampamento inimigo seguindo a linha do rio. Ainda havia mais fogueiras nos morros do leste, enquanto a retaguarda da horda saxã acampava em terreno elevado, mas ao alvorecer vimos esses homens descendo o vale abaixo de nós.

Era uma manhã feia, mas o dia prometia ser quente. Ao alvorecer, enquanto o vale ainda estava escuro, a fumaça das fogueiras saxãs se misturava à névoa do rio, fazendo parecer que o Mynydd Baddon era uma grande embarcação ensolarada à deriva num sinistro mar cinzento. Eu havia dormido mal, porque uma das mulheres dera à luz durante a noite e seus gritos tinham me assombrado. A criança nasceu morta e Ceinwyn me disse que o parto só deveria ter acontecido dentro de três ou quatro meses.

— Eles acham que é um mau presságio — acrescentou em voz soturna.

E provavelmente era mesmo, refleti, mas não ousava admitir. Em vez disso, tentei parecer confiante.

— Os Deuses não vão nos abandonar.

— Foi Terfa — disse Ceinwyn, falando o nome da mulher que tinha torturado a noite com seus gritos. — Seria o primeiro filho. Era um menino. Muito pequenino. — Ela hesitou, depois deu um sorriso triste. — Há um temor, Derfel, de que os Deuses tenham nos abandonado no Samain.

Ela só estava dizendo o que eu próprio temia, mas de novo não ousei admitir.

— Você acredita nisso? — perguntei.

— Não quero acreditar. — Ela pensou durante alguns segundos e ia dizer mais alguma coisa, quando um grito vindo da muralha sul nos interrompeu. Não me mexi e o grito veio de novo. Ceinwyn tocou meu braço. — Vá — disse ela.

Corri até a muralha sul e encontrei Issa, que tinha ficado de sentinela no último turno da noite, olhando para as sombras enfumaçadas do vale.

— Cerca de uma dúzia dos desgraçados — disse ele.

— Onde?

— Está vendo aqueles arbustos? — Ele apontou para a encosta desnuda onde um arbusto com flores brancas de pilriteiro marcava o fim da colina e o início da terra cultivada do vale. — Eles estão lá. Nós os vimos atravessando o campo de trigo.

— Eles só estão nos vigiando — respondi em tom azedo, irritado por ele ter me chamado para longe de Ceinwyn por uma coisa tão pequena.

— Não sei, senhor. Havia alguma coisa estranha neles. Ali! — Issa apontou de novo e vi um grupo de lanceiros atravessar a cerca de arbustos. Eles se agacharam do lado de cá da cerca e parecia que

estavam olhando para trás, e não para nós. Esperaram alguns minutos, depois subitamente correram para nós. — Desertores? — perguntou Issa. — Certamente não!

E realmente parecia estranho alguém desertar daquele vasto exército saxão para se juntar ao nosso bando sitiado, mas Issa estava certo, porque quando os onze homens estavam a meio caminho da encosta eles viraram ostensivamente os escudos de cabeça para baixo. Finalmente as sentinelas saxãs tinham visto os traidores e uns vinte lanceiros inimigos agora perseguiram os fugitivos, mas os onze homens estavam muito longe deles e podiam nos alcançar em segurança.

— Tragam-nos a mim quando chegarem — falei a Issa, depois voltei para o centro do cume, onde vesti minha cota de malha e preendi Hywelbane à cintura. — Desertores — falei a Ceinwyn.

Issa trouxe os onze homens. Reconheci primeiro os escudos, porque mostravam a águia-do-mar de Lancelot, com o peixe nas garras, e depois reconheci Bors, primo e campeão de Lancelot. Ele sorriu nervoso ao me ver, depois dei um riso aberto e ele relaxou.

— Lorde Derfel — cumprimentou ele. Seu rosto largo estava vermelho devido à subida, e seu corpanzil se esforçava para recuperar o fôlego.

— Lorde Bors — falei formalmente, depois o abracei.

— Se eu tiver de morrer — disse ele — prefiro morrer do meu lado. — Em seguida, disse o nome de seus lanceiros, todos britânicos que tinham estado a serviço de Lancelot e se ressentiam de ser forçados a usar suas lanças a favor dos saxões. Curvaram-se diante de Ceinwyn, depois sentaram-se enquanto pão, hidromel e carne salgada eram trazidos para eles. Disseram que Lancelot marchara para o norte indo juntar-se a Aelle e Cerdic, e agora todas as forças saxãs estavam unidas no vale abaixo de nós. — Mais de dois mil homens, é o que eles dizem.

— Tenho menos de trezentos.

Bors fez uma careta.

— Mas Artur está aqui, não está?

Balancei a cabeça.

— Não.

Bors me encarou, a boca aberta cheia de comida.

— Não está aqui? — disse finalmente.

— Pelo que sei, está em algum lugar no norte.

Bors engoliu o bocado de comida e depois xingou baixinho.

— Então quem está aqui?

— Só eu. — Fiz um gesto indicando o morro. — E o que você pode ver.

Ele ergueu um chifre de hidromel e bebeu sofregamente.

— Então admito que vamos morrer — falou, soturno.

Bors havia pensado que Artur estava no Mynydd Baddon. De fato,

segundo ele, Cerdic e Aelle acreditavam que Artur estava no morro, e por isso tinham marchado para o sul do Tâmis, vindo até Aquae Sulis. Os saxões que haviam nos levado a esse refúgio tinham visto o estandarte de Artur na crista do Mynydd Baddon, e enviado a notícia de sua presença para os reis saxões, que tinham estado procurando Artur na parte superior do Tâmis.

— Os desgraçados sabem quais são os planos de vocês — alertou Bors. — E sabem que Artur queria lutar perto de Corinium, mas não puderam encontrá-lo lá. E é isso que eles querem, Derfel, querem encontrar Artur antes que Cuneglas o alcance. Eles sabem que, se matarem Artur, o resto da Britânia perderá o ânimo.

Mas Artur, o inteligente Artur, enganara Cerdic e Aelle, e então os reis saxões tinham ouvido dizer que o estandarte do urso estava tremulando num morro perto de Aquae Sulis, por isso tinham voltado sua enorme força para o sul e despachado ordens para que as forças de Lancelot se juntassem a eles.

— Tem alguma notícia de Culhwch? — perguntei.

— Ele está em algum lugar por lá — disse Bors vagamente, acenando para o sul. — Não o encontramos. — De repente, ele se enrijeceu e olhei em volta e vi Guinevere nos observando. Ela havia abandonado seu vestido da prisão e usava um gibão de couro, calções de lã e botas de cano longo: roupas de homem, como as que usava para caçar. Mais tarde descobri que tinha encontrado as roupas em Aquae Sulis e, mesmo sendo de baixa qualidade, de algum modo conseguiu imbuí-las de elegância. Estava com o colar de ouro saxão no pescoço, um carcás de flechas nas costas, o arco de caça na mão e uma faca curta na cintura.

— Lorde Bors — ela cumprimentou gelidamente o campeão de seu antigo amante.

— Senhora. — Bors se levantou e fez uma reverência desajeitada.

Guinevere olhou para o escudo dele, que ainda mostrava a insígnia de Lancelot, depois levantou uma sobrancelha.

— Você também se entediou com ele?

— Sou britânico, senhora — disse Bors, rígido.

— E um britânico corajoso — concordou ela calorosamente. — Acho que temos sorte de tê-lo aqui. — Suas palavras eram precisamente corretas e Bors, que estivera embaraçado com o encontro, pareceu timidamente satisfeito. Murmurou alguma coisa sobre estar feliz em ver Guinevere, mas não era um homem que fazia elogios com elegância, e ruborizou-se ao falar. — Posso presumir que o seu antigo senhor está com os saxões?

— Está, senhora.

— Então rezo para que chegue ao alcance de meu arco.

— Talvez isso não aconteça, senhora — disse Bors, porque sabia da relutância de Lancelot em se colocar em perigo —, mas a senhora terá

um número suficiente de saxões para matar antes que o dia termine. Mais do que o bastante.

E estava certo, porque abaixo de nós, onde o resto da névoa do rio era afastado pelo sol, a horda saxã se reunia. Cerdic e Aelle, ainda acreditando que seu maior inimigo estava preso no Mynydd Baddon, planejavam um ataque avassalador. Não seria um ataque sutil, porque nenhum lanceiro estava sendo levado para nos tomar pelo flanco. Seria um golpe simples, grosseiro, que viria com força devastadora subindo a face sul do Mynydd Baddon. Centenas de guerreiros eram reunidos para o ataque, e suas lanças muito juntas brilhavam às primeiras luzes.

— Quantos eles são? — perguntou-me Guinevere.

— Muitos, senhora.

— Metade do exército deles — disse Bors, e explicou a ela que os reis saxões acreditavam que Artur e seus melhores homens estavam presos no topo do morro.

— Então ele os enganou? — perguntou Guinevere, não sem uma nota de orgulho.

— Ah, nós os enganamos — falei sombrio, indicando o estandarte de Artur que se agitava intermitentemente na brisa fraca.

— Então teremos de derrotá-los — respondeu Guinevere rapidamente, ainda que eu não soubesse como. Desde que me vira cercado pelos homens de Diwrnach em Ynys Mon nunca me sentira tão impotente, mas naquela noite triste Merlin era meu aliado, e sua magia nos fizera sair da armadilha. Agora eu não tinha magia ao meu lado e não conseguia prever nada além da perdição.

Durante toda a manhã vi os guerreiros saxões se reunindo em meio ao trigal e observei enquanto seus feiticeiros dançavam ao longo das linhas e os chefes arengavam para os lanceiros. Os homens na linha de frente saxã mostravam-se bastante firmes, já que eram guerreiros treinados que tinham feito juramento aos seus senhores, mas o resto daquela vasta multidão devia ser o equivalente ao nosso *levy*, ou *fyrð*, como chamavam os saxões, e esses homens ficavam indo e vindo. Alguns iam até o rio, outros voltavam aos campos, e da altura em que estávamos era como tentar ver pastores tentando juntar um vasto rebanho; assim que uma parte do exército ficava arrumada, outra se partia e tudo precisava recomeçar, e o tempo todo os tambores saxões troavam. Eles estavam usando grandes troncos ocos nos quais batiam com porretes de madeira, de modo que as batidas do coração da morte ecoavam da encosta coberta de árvores no lado mais distante do vale. Os saxões deviam estar bebendo cerveja, juntando a coragem necessária para vir contra nossas lanças. Alguns dos meus homens engoliam hidromel. Eu desencorajava isso, mas impedir um soldado de beber era como impedir um cão de latir, e muitos dos meus homens precisavam do fogo que o hidromel põe na barriga, já que sabiam contar tanto quanto

eu. Mil homens vinham para lutar contra menos de trezentos.

Bors tinha pedido para ficar com seus homens no centro de nossa linha, e concordei. Esperava que ele morresse rapidamente, cortado por um machado ou uma lança, porque se fosse capturado vivo sua morte seria longa e horrível. Ele e seus homens tinham descascado os escudos até chegar à madeira nua, e agora estavam bebendo hidromel, e eu não os culpava.

Issa estava sóbrio.

— Eles vão nos envolver, senhor — falou preocupado.

— Vão mesmo — concordei e desejei poder dizer algo mais útil, mas na verdade estava transfixado pelos preparativos do inimigo, e impotente para saber o que faria com relação ao ataque. Não duvidava de que meus homens poderiam lutar contra os melhores lanceiros saxões, mas só tinha lanceiros suficientes para fazer uma parede de escudos com cem passos de largura, e o ataque saxão, quando viesse, teria três vezes esse tamanho. Lutaríamos no centro, mataríamos, e o inimigo viria pelos flancos para capturar o cume do morro e nos trucidar por trás.

Issa fez uma careta. Seu elmo com cauda de lobo tinha sido meu, e ele havia engastado um desenho com estrelas de prata. Sua mulher grávida, Scarach, havia encontrado algumas verbenas que cresciam perto das fontes, e Issa usava um ramo no elmo, esperando que o livrasse do mal. Ofereceu-me um pouco da planta, mas recusei.

— Fique com ela.

— O que vamos fazer, senhor?

— Não podemos fugir. — Eu pensava em fazer uma corrida desesperada para o norte, mas havia saxões para além da depressão daquele lado, e teríamos de lutar morro acima, em direção às lanças deles. Tínhamos pouca chance de fazer isso, e uma chance muito maior de ficarmos presos na depressão entre dois inimigos em terreno mais elevado. — Temos de vencê-los aqui — falei, disfarçando minha convicção de que não poderíamos vencê-los de modo algum. Eu poderia lutar contra quatrocentos homens, talvez até seiscentos, mas não contra os mil saxões que agora se preparavam ao pé da encosta.

— Se tivéssemos um druida — falou Issa, depois deixou o pensamento no ar, mas sabia exatamente o que o incomodava. Estava pensando que não era bom entrar em batalha sem orações. Os cristãos nas nossas fileiras estavam rezando de braços abertos, numa imitação da morte de seu Deus, e tinham me dito que não precisavam de um padre para interceder por eles, mas nós, pagãos, gostávamos de ter as maldições de um druida chovendo sobre o inimigo antes de uma luta. Mas não tínhamos druida, e a ausência não apenas nos negava o poder de suas maldições, mas sugeria que a partir desse dia teríamos de lutar sem nossos Deuses, porque esses Deuses tinham fugido enojados com os

rituais interrompidos em Mai Dun.

Chamei Pyrlig e ordenei que xingasse o inimigo. Ele ficou pálido.

— Mas eu sou um bardo, senhor, e não um druida — protestou.

— Você iniciou o treinamento de druida?

— Todos os bardos fazem isso, senhor, mas nunca aprendi os mistérios.

— Os saxões não sabem disso. Desça o morro, pule numa perna e xingue as almas imundas deles até a esterqueira de Annwn.

Pyrlig fez o melhor que pôde, mas não conseguia manter o equilíbrio e senti que havia mais medo do que vitupérios em seus xingamentos. Vendo-os, os saxões mandaram seis de seus feiticeiros para contrapor a magia. Os feiticeiros nus, com o cabelo cheio de pequenos feitiços pendurados e enrijecidos em pontas grotescas com o uso de bosta de vaca, subiram atabalhoadamente a encosta para cuspir e xingar contra Pyrlig, que, vendo a aproximação deles, recuou nervosamente. Um dos feiticeiros saxões tinha um fêmur humano que usou para caçar Pyrlig, fazendo-o subir ainda mais a encosta. E quando viu o óbvio terror de nosso bardo, o saxão sacudiu o corpo em gestos obscenos. Os feiticeiros inimigos chegaram ainda mais perto, de modo que pudemos ouvir suas vozes esganiçadas acima do trovejar dos tambores no vale.

— O que eles estão dizendo? — Guinevere tinha vindo para perto de mim.

— Estão usando feitiços, senhora. Estão invocando seus Deuses para nos encher de medo e transformar nossas pernas em água. — Ouvi de novo os cantos. — Imploram para que nossos olhos sejam cegados, que nossas lanças se partam e nossas espadas fiquem rombudas. — O homem com o osso de coxa viu Guinevere e se virou para ela, e xingou uma fiada de obscenidades.

— O que ele está dizendo agora? — perguntou ela.

— A senhora não quer saber.

— Quero sim, Derefel, eu quero.

— Então não quero lhe dizer.

Ela gargalhou. O feiticeiro, agora a apenas trinta passos de nós, sacudiu o ventre tatuado na direção dela e balançou a cabeça, revirou os olhos e gritou que ela era uma feiticeira maldita e prometeu que seu útero secaria até virar uma crosta, e que seus seios iriam ficar azedos como fel, e então houve um *tóin* abrupto junto ao meu ouvido e o feiticeiro ficou subitamente silencioso. Uma flecha tinha penetrado em sua goela, atravessando direto, de modo que metade se projetava da nuca e o cabo com a pena aparecia debaixo do queixo. O homem encarou Guinevere, gorgolejou, e em seguida o osso caiu de sua mão. Ele segurou a flecha, ainda olhando para ela, depois estremeceu e caiu de súbito.

— É considerado azar matar os magos do inimigo — falei, numa

reprovação suave.

— Agora não — disse Guinevere vingativamente. — Agora não. — Ela pegou outra flecha no carcás e ajeitou na corda, mas os outros cinco feiticeiros tinham visto o destino de seu colega e estavam disparando morro abaixo, fora do alcance. Estavam gritando furiosos enquanto iam, protestando contra nossa má-fé. Tinham direito de protestar, e temi que a morte do feiticeiro só enchesse os atacantes de uma fúria gelada. Guinevere tirou a flecha do arco. — Então o que eles vão fazer, Derfel?

— Dentro de alguns minutos aquela massa de homens virá morro acima. Dá para ver como eles virão. — Apontei para a formação saxã que ainda estava sendo empurrada e arrebanhada para entrar na linha. — Cem homens na primeira fila, e nove ou dez homens em cada coluna para empurrar esses homens da frente contra nossas lanças. Podemos enfrentar aqueles cem homens, senhora, mas nossas colunas terão apenas dois ou três homens cada, e não poderemos empurrá-los de novo morro abaixo. Vamos pará-los durante um tempo, e as paredes de escudos vão se travar, mas não iremos pressioná-los para trás, e quando eles virem que todos os nossos homens estão travados na linha de luta, mandarão as fileiras de retaguarda pelos lados, para nos pegar por trás.

Seus olhos verdes me encararam, com um ar ligeiramente zombeteiro no rosto. Ela era a única mulher que já conheci que podia me encarar direto nos olhos, e sempre achei inquietante seu jeito de me olhar assim, olho no olho. Guinevere tinha a capacidade de fazer os homens se sentirem idiotas, ainda que naquele dia, enquanto os tambores saxões batiam e a grande horda se preparava para subir em direção às nossas lâminas, ela só me desejasse o sucesso.

— Você quer dizer que estamos perdidos? — perguntou em tom despreocupado.

— Estou dizendo, senhora, que não sei se podemos ganhar. — Eu estava imaginando se deveria fazer o inesperado e formar meus homens numa cunha que atacaria morro abaixo e cortaria fundo a massa de saxões. Era possível que um ataque assim os surpreendesse ou até causasse pânico, mas o perigo era que meus homens fossem rodeados por inimigos na encosta, e, quando o último de nós estivesse morto, os saxões subiriam ao cume para tomar nossas famílias indefesas.

Guinevere pendurou o arco no ombro.

— Podemos vencer — disse cheia de confiança. — Podemos vencer facilmente. — Por um momento, não a levei a sério. — Posso rasgar a coragem deles — disse ela, com mais intensidade.

Olhei-a e vi a alegria feroz em seu rosto. Se ela fosse fazer algum homem de idiota naquele dia, seria Cerdic e Aelle, não a mim.

— Como podemos vencer? — perguntei.

Um olhar malicioso surgiu em seu rosto.

— Você confia em mim, Derfel?

— Confio, senhora.

— Então me dê vinte homens bons.

Hesitei. Eu fora forçado a deixar alguns lanceiros na muralha do norte, para nos guardar contra um ataque que atravessasse a depressão, e não podia perder vinte dos que restavam virados para o sul; mas mesmo que tivesse mais duzentos lanceiros eu sabia que perderia esta batalha no topo da colina, por isso assenti.

— Vou lhe dar vinte homens do *levy*, e a senhora me dê a vitória. — Guinevere sorriu e foi andando. Gritei para Issa encontrar vinte homens jovens e mandá-los com ela. — Ela vai nos dar a vitória! — falei alto com ele, o bastante para meus homens ouvirem, e eles, sentindo a esperança num dia em que não havia nenhuma, sorriram e gargalharam.

Mas a vitória, pensei, precisaria de um milagre, ou então da chegada de aliados. Onde estava Culhwch? Durante todo o dia eu tinha esperado ver suas tropas no sul, mas não houvera sinal dele, então decidi que devia ter feito um amplo desvio em volta de Aquae Sulis numa tentativa de se juntar a Artur. Eu não conseguia pensar em outras tropas que pudessem vir em nossa ajuda, mas na verdade, mesmo que Culhwch tivesse se reunido a mim, seus números não fariam os nossos crescerem o bastante para suportar o ataque saxão.

Agora esse ataque estava próximo. Os feiticeiros tinham feito seu serviço, e um grupo de cavaleiros saxões deixou as fileiras e esporeou morro acima. Gritei pedindo minha égua, mandei Issa fazer apoio com as mãos para eu montar e cavalguei encosta abaixo para encontrar os enviados inimigos. Bors poderia ter me acompanhado, porque era um lorde, mas não queria encarar os homens dos quais tinha acabado de desertar, por isso fui sozinho.

Nove saxões e três britânicos se aproximaram. Um dos britânicos era Lancelot, belo como sempre em sua armadura de escamas brancas que ofuscavam ao sol. O elmo era prateado e tinha na crista um par de asas de cisne que se agitavam à brisa suave. Seus dois companheiros eram Amhar e Loholt, que marchavam contra o pai sob o estandarte de Cerdic, com o crânio de lobo e a pele humana pendurada, e o do meu pai, o grande crânio de touro manchado de sangue novo em honra a esta nova guerra. Cerdic e Aelle também subiram o morro, e com eles havia meia dúzia de chefes saxões; todos homens grandes, com mantos de pele e bigodes que iam até o cinto da espada. O último saxão era um intérprete, e ele, como os outros saxões, montava mal, assim como eu. Apenas Lancelot e os gêmeos eram bons cavaleiros.

Encontramo-nos na metade do morro. Nenhum dos cavalos gostava da encosta e todos se agitavam, nervosos. Cerdic fez um muxoxo para a nossa fortaleza de terra. Ele podia ver os dois estandartes lá, e um formigamento de pontas de lanças acima da barricada precária, mas nada além. Aelle assentiu sério para mim enquanto Lancelot evitava meu

olhar.

— Onde está Artur? — perguntou Cerdic finalmente. Seus olhos claros me espiavam de sob um elmo com borda de ouro enfeitado grotescamente com a mão de um cadáver na crista. Sem dúvida, pensei, era uma mão britânica. O troféu tinha sido defumado, de modo que a pele estava escurecida e os dedos pareciam garras.

— Artur está despreocupado, senhor rei. Ele me encarregou de espancar vocês enquanto planeja como removerá o fedor de sua imundície da Britânia. — O intérprete murmurou no ouvido de Lancelot.

— Artur está aqui? — exigiu saber Cerdic. A convenção determinava que os líderes dos exércitos conferenciassem antes da batalha, e Cerdic recebera minha presença como um insulto. Ele havia esperado que Artur viesse encontrá-lo, e não algum subalterno.

— Ele está aqui, senhor — falei enigmaticamente — e em toda parte. Merlin o transporta através das nuvens.

Cerdic cuspiu. Estava usando uma armadura tosca, sem qualquer enfeite além da mão horrenda no elmo com borda de ouro. Aelle vestia sua pele preta usual, tinha ouro nos pulsos e no pescoço, e um único chifre de touro se projetando da frente do elmo. Ele era o mais velho, mas Cerdic, como sempre, assumia a liderança. Seu rosto inteligente e contraído lançou-me um olhar de menosprezo.

— Seria melhor se vocês descessem o morro e largassem as armas na estrada — falou. — Mataremos alguns de vocês como tributo aos nossos Deuses e levaremos o resto como escravos, mas você deve nos entregar a mulher que matou nosso feiticeiro. Ela nós mataremos.

— Ela matou o feiticeiro sob minhas ordens — eu disse. — Em troca da barba de Merlin. — Tinha sido Cerdic quem cortara uma mecha da barba de Merlin, um insulto que eu não pretendia perdoar.

— Então mataremos você — disse Cerdic.

— Liofa tentou fazer isso uma vez — repliquei, aguilhoando-o. — E ontem Wulfger dos Sarnaed tentou arrancar minha alma, mas foi ele quem voltou para a pocilga dos seus ancestrais.

Aelle interveio.

— Não vamos matá-lo, Derfel, não se você se render. — Cerdic começou a protestar, mas Aelle o silenciou com um gesto abrupto de sua mão direita mutilada. — Não vamos matá-lo — insistiu. — Você deu o anel à sua mulher?

— Ela o usa agora, senhor rei — fiz um gesto para o alto do morro.

— Ela está aqui? — Ele pareceu surpreso.

— Com as suas netas.

— Deixe-me vê-las — exigiu Aelle. Cerdic protestou de novo. Ele estava aqui para nos preparar para o morticínio, não para testemunhar uma feliz reunião familiar, mas Aelle ignorou o protesto de seu aliado.

— Eu gostaria de vê-las uma vez — falou, por isso me virei e gritei para cima do morro.

Ceinwyn apareceu um instante depois, com Morwenna numa das mãos e Seren na outra. Elas hesitaram acima da muralha de terra, depois desceram delicadamente pela encosta coberta de grama. Ceinwyn estava vestida com simplicidade num vestido de linho, mas seu cabelo brilhava dourado ao sol de primavera e pensei, como sempre, que sua beleza era mágica. Senti um nó na garganta e lágrimas nos olhos quando ela veio descendo tão leve. Seren parecia nervosa, mas Morwenna tinha um olhar desafiador. Elas pararam junto de meu cavalo e olharam os reis saxões. Ceinwyn e Lancelot se entreolharam e Ceinwyn cuspiu deliberadamente na grama, para evitar o mal da presença dele.

Cerdic fingiu desinteresse, mas Aelle desceu desajeitadamente de sua gasta sela de couro.

— Diga que estou feliz em vê-las — pediu ele — e diga-me o nome das meninas.

— A mais velha se chama Morwenna, a mais nova é Seren. Significa estrela. — Olhei para minhas filhas. — Este rei — falei-lhes em britânico — é o seu avô.

Aelle enfiou a mão no manto preto e pegou duas moedas de ouro. Deu uma a cada uma das garotas, depois olhou mudamente para Ceinwyn. Ela entendeu o que ele queria e, soltando as mãos das filhas, deixou-se ser abraçada. Ele devia estar fedendo, porque sua capa de pele era gordurosa e cheia de sujeira, mas ela não deu sinal disso. Depois de beijar Ceinwyn, ele deu um passo atrás, levou a mão dela aos lábios e sorriu ao ver a pequena lasca de ágata azul-esverdeada no anel de ouro.

— Diga que pouparei a vida dela, Derfel.

Eu disse, e ela sorriu.

— Diga que seria melhor se ele voltasse para a sua terra — disse Ceinwyn — e que ficaríamos muito felizes em visitá-lo lá.

Aelle sorriu quando isso foi traduzido, mas Cerdic apenas fez cara de desprezo.

— Esta terra é nossa! — insistiu ele e seu cavalo raspou o chão com as patas enquanto ele falava. Minhas filhas recuaram de seu veneno.

— Diga-lhes para irem — rosnou Aelle para mim — porque precisamos falar de guerra. — Em seguida, olhou-as subindo o morro. — Você tem o gosto de seu pai pelas mulheres bonitas.

— E um gosto britânico pelo suicídio — interveio Cerdic rispidamente. — Sua vida lhe foi prometida, mas só se você descer do morro agora e largar as armas na estrada.

— Irei colocá-las na estrada, senhor rei, com o seu corpo atravessado por elas.

— Você mia como um gato — disse Cerdic com desprezo. Depois olhou para além de mim e sua expressão ficou mais séria. Virei-me e vi

que agora Guinevere estava de pé sobre a muralha de terra. Destacava-se alta, com as pernas longas em suas roupas de caçador, coroadas com uma massa de cabelos ruivos e o arco atravessado nos ombros, parecendo alguma Deusa da guerra. Cerdic deve tê-la reconhecido como a mulher que tinha matado seu feiticeiro. — Quem é ela? — perguntou em tom feroz.

— Pergunte ao seu cachorrinho — respondi, fazendo um gesto para Lancelot. Então, quando suspeitei de que o intérprete não havia traduzido minhas palavras com precisão, falei-as de novo em língua britânica. Lancelot me ignorou.

— Guinevere — disse Amhar ao intérprete de Cerdic —, e ela é a prostituta de meu pai — acrescentou com um riso escarninho.

Eu já havia chamado Guinevere de coisa pior, mas não tinha paciência para ouvir o escárnio de Amhar. Eu nunca sentira qualquer afeto por Guinevere, ela era arrogante demais, voluntariosa demais, mas nos últimos dias começara a admirá-la, e de repente me ouvi cuspiendo insultos para Amhar. Não lembro agora do que falei, só que a raiva deu um tom maligno a minha voz. Devo tê-lo chamado de verme, de traiçoeiro imundo, criatura sem honra, um garoto que seria cortado pela espada de um homem antes do fim do dia. Cuspi na direção dele, xinguei-o e o impeli morro abaixo junto com o irmão, debaixo de insultos. Depois me virei para Lancelot.

— Seu primo Bors manda lembranças e promete arrancar sua barriga pela garganta. E é melhor rezar para que ele faça isso, porque, se eu o pegar, farei sua alma gemer.

Lancelot cuspiu, mas não se incomodou em responder. Cerdic observara o confronto, achando divertido.

— Você tem uma hora para vir se humilhar diante de mim — disse, terminando a conferência. — E se não fizer isso, iremos matá-lo. — Ele virou o cavalo e desceu o morro. Lancelot e os outros foram atrás, deixando apenas Aelle parado junto ao seu animal.

Ele me ofereceu um meio sorriso, quase uma careta.

— Parece que teremos de lutar, filho.

— Parece que sim.

— Artur realmente não está aqui?

— Foi por isso que veio, senhor rei? — disse, sem responder de fato.

— Se matarmos Artur a guerra estará vencida.

— Precisarão me matar primeiro, pai.

— Acha que eu não faria isso? — perguntou ele asperamente, depois estendeu a mão aleijada. Apertei-a brevemente, a seguir fiquei olhando enquanto ele puxava o cavalo encosta abaixo.

Issa recebeu minha volta com um olhar interrogativo.

— Vencemos a batalha das palavras — falei, sério.

— É um começo, senhor — disse ele, animado.

— Mas eles vão terminá-la — concluí em voz baixa e me virei para olhar os reis inimigos voltando para os seus homens. Os tambores continuavam batendo. Os últimos saxões tinham finalmente sido juntados na densa massa de homens que subiria para nos trucidar, mas a não ser que Guinevere fosse realmente uma Deusa da guerra, eu não sabia como poderíamos vencê-los.

A princípio o avanço saxão foi desajeitado, porque as cercas de arbustos que separavam os pequenos campos ao pé da colina rompiam seu alinhamento cuidadoso. O sol baixava no oeste, porque esse ataque tinha demorado o dia inteiro para ser preparado, mas agora estava vindo, e podíamos ouvir as trombetas de chifre de carneiro soltando seu desafio rouco enquanto os lanceiros inimigos atravessavam os arbustos e cruzavam os pequenos campos plantados.

Meus homens começaram a cantar. Sempre cantávamos antes da batalha, e nesse dia, como acontecia antes das maiores batalhas, cantamos a Canção de Guerra de Beli Mawr. Como aquele hino terrível é capaz de comover os homens! Fala de morte, de sangue no trigo, de corpos partidos até os ossos, e de inimigos levados como gado para o matadouro. Fala das botas de Beli Mawr esmagando montanhas e alardeia as viúvas feitas por sua espada. Cada verso termina num uivo triunfante, e não pude deixar de chorar pelo desafio dos cantores.

Eu desmontara para ocupar meu lugar na primeira fila perto de Bors, que estava sob nossos dois estandartes. As laterais do meu elmo estavam fechadas, o escudo preso com força no braço esquerdo e a lança de guerra pesando na mão direita. À minha volta as vozes fortes cresciam, mas eu não cantava porque tinha o coração muito cheio de premonições. Sabia o que estava para acontecer. Durante um tempo lutaríamos na parede de escudos, mas então os saxões atravessariam a frágil barricada de espinheiros nos dois flancos e suas lanças viriam por trás, e seríamos cortados um a um, e o inimigo provocaria os agonizantes. Os últimos de nós a morrer veriam as primeiras mulheres sendo estupradas, mas nada podíamos fazer para impedi-lo, de modo que aqueles lanceiros cantavam e alguns homens dançavam a dança da espada no topo da muralha onde não havia barricada de espinheiros. Tínhamos deixado o centro da muralha livre de espinhos, na leve esperança de que isso pudesse tentar o inimigo a vir para as nossas lanças e não tentasse nos flanquear.

Os saxões atravessaram a última cerca-viva e começaram a longa subida pela encosta vazia. Seus melhores homens estavam na fila da frente e vi como os escudos estavam travados uns nos outros, como as lanças formavam uma imagem densa e como os machados brilhavam. Não havia sinal dos homens de Lancelot; parecia que essa matança seria deixada apenas para os saxões. Feiticeiros vinham na frente, trombetas

de chifres de carneiro os instigavam, e acima deles vinham os crânios ensanguentados dos estandartes dos reis. Alguns da primeira fila tinham cães de guerra em coleiras, que seriam soltos a poucos metros de nossa formação. Meu pai estava naquela primeira fila, enquanto Cerdic vinha a cavalo atrás da massa de saxões.

Vinham muito devagar. O morro era íngreme, as armaduras pesadas, e eles não sentiam pressa para esta matança. Sabiam que seria um negócio feio, ainda que de vida curta. Viriam numa parede trancada, e assim que chegassem à muralha nossos escudos iriam se chocar e eles tentariam nos empurrar para trás. Seus machados brilhariam sobre a borda dos escudos, as lanças golpeariam e sangrariam. Haveria grunhidos, uivos e gritos, e homens uivando e homens morrendo, mas o inimigo era em maior número e por fim nos flanquearia, e assim meus caudas de lobo iriam morrer.

Mas agora meus caudas de lobo cantavam tentando abafar o som áspero das trombetas e a batida incessante dos tambores de troncos. Os saxões chegavam mais perto. Agora podíamos ver as insígnias em seus escudos redondos; máscaras de lobos dos homens de Cerdic, touros de Aelle, e entre eles os escudos de seus comandantes guerreiros: falcões, águias e um cavalo erguendo as patas. Os cães forçavam as coleiras, ansiosos para abrir buracos em nossa parede. Os feiticeiros gritavam contra nós. Um deles sacudiu um punhado de ossos, enquanto outro ficava de quatro como um cão e uivava suas pragas.

Eu esperava no ângulo sul da muralha de terra que se projetava como a proa de um barco acima do vale. Era ali, no centro, que os primeiros saxões atacariam. Eu tinha brincado com a ideia de deixá-los vir e então, no último momento, recuar depressa para formar um anel em volta de nossas mulheres. Mas ao recuar eu cederia o topo liso do morro como meu campo de batalha e desistiria da vantagem do terreno mais elevado. Melhor deixar meus homens matarem o maior número possível de inimigos antes de sermos dominados.

Tentei não pensar em Ceinwyn. Eu não lhe dera um beijo de despedida, nem em minhas filhas, e talvez elas fossem viver. Talvez, em meio ao horror, algum lanceiro de Aelle reconhecesse o pequeno anel e as levasse em segurança para o seu rei.

Meus homens começaram a bater as lanças nos escudos. Ainda não tinham necessidade de travar os escudos. Isso poderia esperar até o último momento. Os saxões olhavam morro acima enquanto o barulho estrondeava em seus ouvidos. Nenhum deles correu à frente para atirar uma lança — o morro era íngreme demais para isso —, mas um de seus cães de guerra partiu a coleira e veio correndo depressa pela grama. Eirrllyn, que era um dos meus dois caçadores, atravessou-o com uma flecha e o cão começou a ganir e a correr em círculos com a flecha se projetando da barriga. Os dois caçadores começaram a atirar nos outros

cães, e os saxões puxaram os animais de volta, para trás da proteção de seus escudos. Os feiticeiros foram para os flancos, sabendo que a batalha estava para começar. A flecha de um caçador bateu no escudo de um lanceiro, depois outra ricocheteou num elmo. Agora não faltava muito. Cem passos. Lambi os lábios secos, pisquei para tirar o suor dos olhos e olhei para os ferozes rostos barbudos abaixo. O inimigo estava gritando, mas não me lembro de ter ouvido o som de suas vozes. Só lembro do som das trombetas, da batida dos tambores, de suas botas na grama, o ruído fraco das bainhas nas armaduras e o estalar dos escudos se tocando.

— Abram caminho! — A voz de Guinevere soou atrás de nós, e estava cheia de alegria. — Abram caminho! — gritou ela de novo.

Virei-me e vi que seus vinte homens estavam empurrando duas das carroças de comida para a muralha. Os carros de boi eram veículos grandes e desajeitados, com rodas de madeira maciça, e Guinevere havia acrescentado duas armas ao peso deles. Tinha retirado as varas da frente das carroças e posto lanças no lugar e as carroças propriamente ditas, em vez de comida, agora carregavam fogueiras de arbustos incendiados. Ela havia transformado as carroças em dois enormes bólidos flamejantes que planejava lançar morro abaixo, contra as fileiras compactas do inimigo, e atrás das carroças, ansiosa para assistir ao caos, vinha uma empolgada multidão de mulheres e crianças.

— Mexam-se! — gritei para os meus homens. — Mexam-se!

Eles pararam de cantar e se separaram rapidamente, deixando sem defesa todo o centro da fortificação. Agora os saxões estavam a apenas setenta ou oitenta passos e, vendo nossa parede de escudos se dividir, sentiram cheiro de vitória e apressaram o passo.

Guinevere gritou para seus homens se apressarem, e mais lanceiros correram para pôr o peso atrás das carroças enfumaçadas.

— Andem! — gritava ela. — Andem! — E eles grunhiam fazendo força enquanto as carroças começavam a vir mais depressa. — Andem! Andem! Andem! — gritava Guinevere e mais homens ainda se comprimiram atrás das carroças para forçar os veículos desajeitados em direção à terra compactada da antiga muralha. Por um instante achei que aquela pequena elevação iria nos derrotar, porque as duas carroças diminuíram a velocidade e pararam ali, e sua fumaça densa envolvia nossos homens engasgados, mas Guinevere gritou de novo para os lanceiros e eles trincaram os dentes fazendo um último esforço gigantesco para levar as carroças por cima do muro de terra.

— Empurrem! — gritava Guinevere. — Empurrem! — As carroças hesitaram na muralha, depois começaram a se inclinar para a frente enquanto os homens empurravam. — Agora! — gritou Guinevere e, de repente, não havia nada para segurar as carroças, apenas uma íngreme encosta de grama na frente e um inimigo abaixo. Os homens que tinham

empurrado se afastaram exaustos, enquanto os dois veículos flamejantes começavam a rolar pelo morro.

A princípio as carroças desceram lentamente, mas logo se aceleraram e começaram a se sacudir no terreno irregular, de modo que os galhos incendiados voavam por sobre as laterais. A encosta ficou mais íngreme, e agora os dois grandes bólidos estavam descendo; enormes pesos de madeira e fogo que trovejavam para a perplexa formação dos saxões.

Os saxões não tiveram chance. Suas fileiras estavam compactadas demais para que os homens escapassem das carroças, que estavam bem-apontadas, trovejando em meio a fumaça e chamas e indo para o próprio coração do ataque inimigo.

— Fechar! — gritei para os meus homens. — Formem a parede! Formem a parede!

Voltamos correndo para a posição assim que as carroças chegaram ao alvo. A linha inimiga tinha parado e alguns homens tentavam se separar, mas não havia escapatória para os que estavam no caminho direto das carroças. Ouvi um grito enquanto as longas lanças fixas na frente dos veículos penetravam na massa de homens, depois uma das carroças levantou a frente com as rodas batendo nos corpos caídos, mas mesmo assim ela continuou, queimando e quebrando homens no caminho. Um escudo se partiu ao meio, esmagado por uma roda. A segunda carroça se desviou ao bater na linha saxã. Por um instante ficou sobre duas rodas, depois virou de lado, derramando um monte de fogo nas fileiras saxãs. Onde houvera uma massa sólida e disciplinada havia apenas o caos, o medo e o pânico. Até mesmo onde as fileiras não tinham sido golpeadas pelas carroças havia caos, porque o impacto dos dois veículos fizera as cuidadosas fileiras estremecer e se partir.

— Ataquem! — gritei. — Venham!

Soltei um grito de guerra e pulei da muralha. Não tinha pretendido seguir as carroças morro abaixo, mas a destruição que elas haviam causado era tão grande, e o horror do inimigo tão evidente, que estava na hora de aumentar esse horror.

Gritávamos correndo morro abaixo. Era um grito de vitória, calculado para causar terror num inimigo já meio derrotado. Os saxões ainda eram em número maior do que nós, mas estavam sem fôlego, e chegamos como fúrias vingativas das alturas. Deixei minha lança na barriga de um homem, soltei Hywelbane da bainha e golpeei de um lado e do outro como se estivesse cortando feno. Não há cálculo numa luta assim, nem tática, apenas um deleite crescente em dominar os inimigos, em matar, em ver o medo nos olhos deles e ver suas fileiras de retaguarda correndo para longe. Eu estava fazendo um barulho louco, adorando a matança, e ao lado meus caudas de lobos cortavam, estocavam e zombavam de um inimigo que deveria estar dançando sobre nossos cadáveres.

Eles ainda poderiam ter nos derrotado, porque seu número era grande demais, mas é difícil lutar numa parede de escudos rompida e subindo um morro, além de nosso ataque súbito ter derrubado seu ânimo. Ademais, muitos saxões estavam bêbados. Um homem bêbado luta bem na vitória, mas na derrota entra em pânico rapidamente, e ainda que Cerdic tentasse mantê-los na batalha, os lanceiros se apavoraram e correram. Alguns dos meus jovens sentiram-se tentados a descer mais o morro, e um punhado cedeu à tentação e foi longe demais, pagando pela temeridade, mas gritei para os outros ficarem onde estavam. A maioria dos inimigos escapou, mas tínhamos vencido, e para provar isso ficamos de pé sobre o sangue dos saxões, e nossa encosta estava coberta de seus mortos, seus feridos e suas armas. A carroça virada queimava na colina, com um saxão preso embaixo, gritando sob o peso, enquanto a outra continuava descendo até se chocar contra uma cerca-viva no pé do morro.

Algumas das nossas mulheres desceram para pilhar os mortos e matar os feridos. Nem Aelle nem Cerdic estavam entre esses saxões deixados no morro, mas havia um grande chefe cheio de ouro, que usava uma espada com punho decorado em ouro numa bainha de couro preto macio bordado com fios de prata cruzados; peguei o cinto e a espada do morto e levei para Guinevere lá em cima. Ajoelhei-me diante dela, coisa que nunca tinha feito.

— A vitória foi sua, senhora, toda sua. — E ofereci a espada.

Ela prendeu-a na cintura, depois me levantou.

— Obrigada, Derfel.

— É uma boa espada — falei.

— Não estou agradecendo pela espada, mas sim por confiar em mim. Eu sempre soube que era capaz de lutar.

— Melhor do que eu, senhora — falei, pesaroso. Por que é que eu não tinha pensado em usar as carroças?

— Melhor do que eles! — disse Guinevere, indicando os saxões derrotados. E sorriu. — E amanhã faremos tudo de novo.

Os saxões não voltaram naquela tarde. Foi um crepúsculo lindo, suave e luminoso. Minhas sentinelas andavam sobre a muralha enquanto as fogueiras saxãs luziam nas sombras que se espalhavam embaixo. Comemos, e depois da refeição conversei com Scarach, a mulher de Issa. Ela recrutou outras mulheres e encontraram algumas agulhas, facas e fio. Eu lhes dera algumas capas que havia recolhido dos saxões mortos, e as mulheres trabalharam durante o crepúsculo, depois noite adentro, à luz de nossas fogueiras.

De modo que na manhã seguinte, quando Guinevere acordou, havia três estandartes na muralha sul do Mynydd Baddon. Havia o urso de Artur e a estrela de Ceinwyn, mas no meio, no lugar de honra devido a um comandante guerreiro, estava uma bandeira mostrando o distintivo

de Guinevere, o cervo coroadado pela lua. O vento da madrugada a fez tremular, ela viu o distintivo e vi seu sorriso.

Enquanto abaixo de nós os saxões juntavam as lanças de novo.

OS TAMBORES COMEÇARAM ao alvorecer e, dentro de uma hora, cinco feiticeiros tinham aparecido abaixo da encosta do Mynydd Baddon. Hoje parecia que Cerdic e Aelle estavam decididos a extrair vingança pela humilhação.

Corvos rasgavam mais de cinquenta cadáveres saxões que ainda estavam na encosta, perto dos restos calcinados da carroça. Alguns dos meus homens queriam arrastar aqueles mortos para o parapeito, e lá fazer uma horrenda exposição de corpos para receber o novo ataque saxão, mas proibi. Logo, eu sabia, nossos cadáveres estariam à disposição dos saxões e, se violássemos seus mortos, também seríamos violados.

Logo se tornou claro que dessa vez os saxões não se arriscariam a um assalto que poderia ser transformado em caos por uma carroça desabalada. Em vez disso estavam preparando cerca de vinte colunas que subiriam o morro pelo sul, pelo leste e pelo oeste. Cada grupo de atacantes teria apenas setenta ou oitenta homens, mas juntos os pequenos ataques poderiam nos dominar. Talvez pudéssemos lutar contra três ou quatro colunas, mas as outras passariam facilmente pelas muralhas, de modo que havia pouco a fazer além de rezar, cantar, comer e — para os que precisavam — beber. Prometemos uma boa morte uns aos outros, querendo dizer que lutaríamos até o final e cantaríamos enquanto pudéssemos, mas acho que todos sabíamos que o fim não seria uma canção de desafio, e sim um tumulto de humilhação, dor e terror. Seria ainda pior para as mulheres.

— Será que devo me render? — perguntei a Ceinwyn.

Ela ficou espantada.

— Não sou eu quem deve dizer.

— Não tenho feito nada sem o seu conselho.

— Na guerra eu não tenho conselho para você, apenas, talvez, deva perguntar o que acontecerá com as mulheres se você não se render.

— Serão estupradas, escravizadas ou então dadas como esposas para os homens que precisarem.

— E se você se render?

— Praticamente a mesma coisa — admiti. — Só que o estupro será menos urgente.

Ela sorriu.

— Então você não precisa do meu conselho. Vá lutar, Derfel, e se eu não o vir até o Outro Mundo, saiba que você cruza a ponte de espadas com o meu amor.

Abracei-a, depois beijei minhas filhas e voltei para a proa que se projetava da muralha sul, para ver os saxões começando a subir o morro. Este ataque nem de longe estava demorando tanto quanto o primeiro, porque aquele precisara de que a massa de homens fosse organizada e encorajada, enquanto hoje os inimigos não careciam de motivação. Vinham em busca de vingança, e vinham em grupos tão pequenos que, mesmo que empurrássemos uma carroça morro abaixo, eles poderiam facilmente se desviar dela. Não se apressavam, mas não precisavam se apressar.

Eu dividira meus homens em dez grupos, cada um responsável por duas colunas de saxões, mas duvidava de que até mesmo os melhores de meus lanceiros suportariam mais de três ou quatro minutos. Mais provavelmente, pensei, meus homens correriam para proteger suas mulheres assim que o inimigo tentasse flanqueá-los, e então a luta descambaria numa matança unilateral em nossa cabana improvisada e nas fogueiras ao redor. Então que seja, pensei, e caminhei entre meus homens agradecendo por seus serviços e encorajando-os a matar o máximo de saxões que pudessem. Lembrei-lhes de que os inimigos que matassem na batalha seriam seus serviçais no Outro Mundo.

— Então matem-nos e deixem que seus sobreviventes se lembrem desta luta com horror.

Alguns começaram a cantar a Canção da Morte de Werlinna, uma música lenta e melancólica entoada junto das fogueiras funerárias dos guerreiros. Cantei com eles, olhando os saxões que chegavam mais perto. E como estava cantando, e porque meu elmo apertava os ouvidos, não ouvi Niall, dos Escudos Pretos, me chamar da borda mais distante do morro.

Somente quando ouvi as mulheres gritando de alegria é que me virei. Ainda assim não vi nada incomum, mas então, acima do som dos tambores saxões, escutei o som agudo e alto de uma trompa.

Eu tinha ouvido antes o chamado daquela trompa. Ouvi pela primeira vez quando era um jovem lanceiro e Artur chegou a cavalo para salvar minha vida. E agora ele vinha de novo.

Tinha vindo a cavalo com seus homens, e Niall gritara para mim quando aqueles cavaleiros com armaduras pesadas atravessaram os saxões no morro do outro lado da depressão e desceram galopando a encosta. As mulheres no Mynydd Baddon estavam correndo às muralhas de terra para olhá-lo, porque Artur não subiu até o cume, e sim guiou seus homens ao redor da encosta superior do morro. Estava com a armadura de escamas polidas, usava o elmo incrustado de ouro e carregava o escudo de prata martelada. Seu grande estandarte de guerra estava desdobrado, com o urso preto adejando nítido num campo de linho tão branco quanto as penas de ganso no elmo. Sua capa branca se estendia do ombro, e havia um pendente de fita branca amarrado na

base da longa lâmina da espada. Cada saxão nas encostas mais baixas do Mynydd Baddon sabia quem ele era, e sabia o que aqueles cavalos pesados podiam fazer em suas pequenas colunas. Artur só trouxera quarenta homens, porque a maioria dos seus grandes cavalos de guerra tinham sido roubados por Lancelot no ano anterior, mas quarenta homens com armaduras pesadas sobre quarenta cavalos podiam rasgar uma infantaria, lançando-a no horror.

Artur puxou as rédeas abaixo do ângulo sul da fortificação. O vento era fraco, de modo que o estandarte de Guinevere não era visível, a não ser como uma bandeira irreconhecível pendendo do mastro improvisado. Ele me procurou e finalmente reconheceu meu elmo e a armadura.

— Tenho duzentos lanceiros cerca de um quilômetro e meio atrás! — gritou para mim.

— Bom, senhor! — gritei de volta. — E bem-vindo!

— Podemos nos sustentar até que os lanceiros venham! — gritou ele e em seguida acenou para seus homens. Artur não desceu o morro; ficou cavalgando ao redor das encostas superiores do Mynydd Baddon, como se desafiasse os saxões a subir e enfrentá-lo.

Mas a visão dos cavalos bastou para fazê-los parar, porque nenhum saxão queria ser o primeiro a subir no caminho daquelas lanças galopantes. Se todo o inimigo tivesse vindo junto, poderia facilmente ter dominado os homens de Artur, mas a curva do morro significava que a maioria dos saxões ficava invisível para os outros, e cada grupo deve ter esperado que o outro ousasse atacar os cavaleiros antes, e assim todos ficaram para trás. De vez em quando um bando de homens mais corajosos tentava subir, mas sempre que os cavaleiros de Artur chegavam à sua vista eles voltavam nervosamente morro abaixo. O próprio Cerdic veio instigar os homens logo abaixo do ângulo sul, mas quando os guerreiros de Artur se viraram para encará-los aqueles saxões hesitaram. Tinham esperado uma batalha fácil contra um pequeno número de lanceiros e não estavam prontos para enfrentar a cavalaria. Não morro acima, e não a cavalaria de Artur. Outros guerreiros a cavalo talvez não os amedrontassem, mas eles conheciam o significado daquela capa branca, das plumas de ganso e do escudo que brilhava como o próprio sol. Significava que a morte tinha vindo para eles, e ninguém estava disposto a subir na direção dela.

Meia hora depois, a infantaria de Artur chegou à depressão. Os saxões que tinham sustentado o morro ao norte da depressão fugiram à chegada dos nossos reforços, e aqueles lanceiros cansados subiram até as muralhas de terra sob nossos gritos ensurdecedores. Os saxões ouviram os gritos e viram as novas lanças aparecendo acima da antiga muralha, e isso terminou com suas ambições durante o resto do dia. As colunas foram embora, e o Mynydd Baddon ficou livre por mais um giro do sol.

Artur retirou o elmo enquanto esporeava a cansada Llamrei até nossos estandartes. Um vento soprou, ele olhou para cima e viu o cervo coroadado pela lua tremulando ao lado de seu urso, mas o sorriso largo no rosto não se alterou. Tampouco ele disse alguma coisa sobre o estandarte quando desmontou de Llamrei. Devia saber que Guinevere estava comigo, porque Balin a vira em Aquae Sulis, e os dois homens que eu mandara com mensagens deviam ter lhe contado, mas ele fingiu não saber de nada. Em vez disso, como nos velhos tempos, e como se nenhuma frieza tivesse surgido entre nós, me abraçou.

Toda a sua melancolia havia desaparecido. Existia vida de novo em seu rosto, uma verve que se espalhou entre meus homens apinhados à sua volta para ouvir as novidades, ainda que primeiro ele exigisse saber as nossas. Artur tinha cavalgado entre os saxões mortos na encosta e queria saber como e quando eles haviam morrido. Meus homens, de modo perdoável, exageraram o número dos atacantes do dia anterior. Artur gargalhou ao saber como havíamos empurrado duas carroças chamejantes encosta abaixo.

— Bem feito, Derfel — disse ele — bem feito.

— Não fui eu, senhor, e sim ela. — E aponte na direção do estandarte de Guinevere. — Foi tudo feito por ela, senhor. Eu estava preparado para morrer, mas ela tinha outras ideias.

— Ela sempre tem — disse ele em voz baixa, mas não perguntou mais nada. A própria Guinevere não estava à vista, e Artur não perguntou onde ela estava. Viu Bors e insistiu em abraçá-lo e em saber de suas notícias, e só então subiu na muralha de terra e olhou para os acampamentos saxões. Ficou ali durante longo tempo, mostrando-se para um inimigo desanimado, mas depois de um tempo chamou Bors e a mim.

— Nunca planejei lutar com eles aqui — falou —, mas é um lugar muito bom. Na verdade é melhor do que a maioria. Eles estão todos aqui? — perguntou a Bors.

De novo Bors estivera bebendo na antecipação do ataque dos saxões, mas se esforçou ao máximo para parecer sóbrio.

— Todos, senhor. Talvez menos a guarnição de Caer Ambra. Que deveria estar perseguindo Culhwch. — Bors apontou a barba na direção do morro ao leste, onde ainda mais saxões desciam para se juntar ao acampamento. — Talvez sejam eles, senhor, não é? Ou quem sabe são só grupos que foram pilhar.

— A guarnição de Caer Ambra não encontrou Culhwch — disse Artur —, porque recebi uma mensagem dele ontem. Culhwch não está longe, e Cuneglas também não. Dentro de dois dias teremos mais quinhentos homens aqui, e eles só estarão nos superando em dois para um. — Artur gargalhou. — Bem feito, Derfel!

— Bem feito? — perguntei com alguma surpresa. Eu tinha esperado

a desaprovação de Artur por ter ficado preso tão longe de Corinium.

— Tínhamos de lutar com eles em algum lugar, e você o escolheu bem. Temos o terreno elevado. — Ele falava alto, querendo espalhar a confiança entre meus homens. — Eu teria chegado aqui antes, só que não havia certeza de que Cerdic havia engolido a isca.

— Isca, senhor? — Eu estava confuso.

— Você, Derfel, você. — Ele riu e pulou da muralha. — Na guerra tudo é acidental, não é? E por acidente você encontrou um lugar onde podemos derrotá-los.

— Quer dizer que eles vão se esgotar subindo o morro?

— Os saxões não serão tão idiotas — disse ele, cheio de animação.

— Não, acho que teremos de descer e lutar com eles no vale.

— Com o quê? — perguntei amargo, porque até mesmo com as tropas de Cuneglas estaríamos em número terrivelmente menor.

— Com cada homem que tivermos — disse Artur, cheio de confiança. — Mas sem mulheres, acho. Está na hora de levarmos nossas famílias para algum lugar mais seguro.

Nossas mulheres e crianças não foram para longe; havia um povoado uma hora ao norte, e a maioria encontrou abrigo lá. Enquanto elas deixavam o Mynydd Baddon, mais lanceiros de Artur chegavam do norte. Esses eram os homens que Artur estivera reunindo perto de Corinium, e estavam entre os melhores da Britânia. Sagramor veio com seus guerreiros endurecidos e, como Artur, foi para o ângulo sul do Mynydd Baddon, de onde podia observar o inimigo e para que eles pudessem olhar para cima e ver sua figura esguia, de armadura preta, silhueta contra o céu. Um sorriso raro veio ao seu rosto.

— O excesso de confiança os transforma em idiotas — falou, cheio de escárnio. — Eles se jogaram numa armadilha em terreno baixo e agora não vão se mexer.

— Não vão?

— Assim que um saxão constrói um abrigo ele não gosta de marchar de novo. Cerdic levará uma semana ou mais para arrancá-los daquele vale.

De fato os saxões e suas famílias tinham se estabelecido confortavelmente, e agora o vale do rio parecia ter dois povoados de pequenas cabanas cobertas de palha. Um desses povoados ficava perto de Aquae Sulis, ao passo que o outro ficava uns três quilômetros a leste, onde o vale do rio fazia uma volta brusca para o sul. Os homens de Cerdic estavam naquelas cabanas do leste, e os lanceiros de Aelle aquartelados na cidade ou então nos abrigos recém-construídos do lado de fora. Eu tinha ficado surpreso ao ver que os saxões tinham usado a cidade como abrigo, em vez de apenas incendiá-la, mas a cada alvorecer uma procissão de homens saía dos portões, deixando para trás a visão aconchegante de fumaça das cozinhas subindo dos tetos de palha e

telhas de Aquae Sulis. A invasão inicial dos saxões fora rápida, mas agora seu ímpeto tinha desaparecido.

— E por que dividiram o exército em dois? — perguntou-me Sagramor, olhando incrédulo para a grande divisão entre o acampamento de Aelle e as cabanas de Cerdic.

— Para só nos deixar um lugar aonde ir, direto para lá. — Aponte para o vale. — Onde ficaríamos presos entre eles.

— E onde podemos mantê-los divididos — observou Sagramor cheio de felicidade. — E dentro de alguns dias eles terão doença lá embaixo.

A doença sempre se espalha quando um exército se acomoda num lugar. Foi uma peste assim que impediu a última invasão de Cerdic à Dumnonia, e uma doença ferozmente contagiosa tinha enfraquecido nosso exército quando marchamos para Londres.

Eu temia que uma doença dessas pudesse nos enfraquecer agora, mas por algum motivo fomos poupados, talvez porque nosso número ainda fosse pequeno, ou talvez porque Artur espalhou seu exército ao longo dos quase cinco quilômetros da elevada crista que corria atrás do Mynydd Baddon. Eu e meus homens permanecemos no monte, mas os lanceiros recém-chegados sustentaram a linha das colinas do norte. Nos dois primeiros dias depois da chegada de Artur o inimigo ainda poderia ter capturado aquelas colinas, porque os cumes tinham guarnições pequenas, mas os cavaleiros de Artur ficavam continuamente à vista, e Artur mantinha lanceiros movendo-se entre as árvores da crista para sugerir que seu número era maior do que era realmente. Os saxões observavam, mas não atacaram, e então, no terceiro dia depois da chegada de Artur, Cuneglas e seus homens chegaram de Powys e pudemos guarnecer toda a longa crista com piquetes fortes que poderiam convocar ajuda se algum ataque saxão os ameaçasse. Ainda estávamos em número muito inferior, mas mantivemos o terreno elevado e agora tínhamos as lanças para defendê-lo.

Os saxões deveriam ter deixado o vale. Poderiam ter marchado até o Severn e sitiado Glevum, e seríamos forçados a abandonar o terreno elevado e ir atrás, mas Sagramor estava certo; homens que se estabeleceram confortavelmente relutam em se locomover, de modo que Cerdic e Aelle permaneceram teimosamente no vale do rio, onde acreditavam que estavam nos sitiando, quando em verdade nós os sitiávamos. Eles finalmente fizeram alguns ataques morro acima, mas nenhum chegou longe. Os saxões subiam os morros parecendo enxames, mas quando uma fileira de escudos aparecia na crista, pronta para enfrentá-los, e uma tropa dos pesados cavaleiros de Artur surgia no flanco com lanças apontadas, seu ardor desaparecia e eles voltavam para os povoados, e cada fracasso saxão apenas aumentava nossa confiança.

Essa confiança estava tão elevada que, depois da chegada do exército de Cuneglas, Artur se sentiu capaz de nos deixar. A princípio fiquei

atônito, porque ele não ofereceu explicação além de que tinha uma tarefa importante a um dia de cavalgada em direção ao norte. Acho que minha perplexidade deve ter ficado clara, porque ele pôs a mão no meu ombro.

— Ainda não vencemos — disse ele.

— Eu sei, senhor.

— Mas quando vencermos, Derfel, quero que esta vitória seja avassaladora. Nenhuma outra ambição me tiraria daqui. — Ele sorriu.

— Confia em mim?

— Claro, senhor.

Ele deixou Cuneglas no comando de nosso exército, mas com ordens estritas para não atacarmos o vale. Os saxões deveriam ficar imaginando que tinham nos encurralado, e para ajudar nesse logro um punhado de voluntários que fingiram ser desertores correram para os acampamentos saxões com a notícia de que nossos homens se mostravam tão desanimados que alguns estavam fugindo em vez de encarar a luta, e que nossos líderes disputavam furiosamente se ficariam e enfrentariam um ataque saxão ou se correriam para o norte, para implorar abrigo em Gwent.

— Ainda não sei se vejo um final para isso — admitiu Cuneglas um dia depois da saída de Artur. — Estamos suficientemente fortes para mantê-los longe do terreno elevado, mas não o suficiente para descer ao vale e derrotá-los.

— Então talvez Artur tenha ido procurar ajuda, não é, senhor rei?

— Que ajuda?

— Quem sabe Culhwch? — sugeri, ainda que isso fosse improvável, porque supostamente Culhwch se encontrava a leste dos saxões e Artur seguia para o norte. — Ou Oengus Mac Airem? — acrescentei. O rei da Demétia havia prometido seu exército dos Escudos Pretos, mas aqueles irlandeses ainda não tinham vindo.

— Talvez Oengus — concordou Cuneglas —, mas nem mesmo com os Escudos Pretos teríamos homens suficientes para derrotar aqueles desgraçados. — Ele assentiu em direção ao vale. — Nós precisamos dos lanceiros de Gwent para fazer isso.

— E Meurig não vai marchar.

— Meurig não vai marchar — concordou Cuneglas — mas há alguns homens em Gwent que vão. Eles ainda se lembram do vale do Lugg. — Cuneglas me deu um sorriso torto, porque naquela ocasião ele era nosso inimigo, e os homens de Gwent, nossos aliados, recearam marchar contra o inimigo liderado pelo pai de Cuneglas. Alguns em Gwent ainda se sentiam envergonhados daquele fracasso, uma vergonha tornada pior porque Artur vencera sem a ajuda deles, e eu achava possível que, se Meurig permitisse, Artur poderia liderar alguns daqueles voluntários para o sul até Aquae Sulis; mas ainda não via como ele poderia reunir

homens suficientes para permitir que descêssemos até aquele ninho de saxões e trucidá-los.

— Quem sabe ele foi encontrar Merlin? — perguntou Guinevere.

Guinevere recusara-se a partir com as outras mulheres e crianças, insistindo em que veria toda a batalha até a vitória ou a derrota. Pensei que Artur poderia exigir que ela partisse, mas toda vez que Artur subira ao topo da colina Guinevere tinha se escondido, geralmente na cabana tosca que tínhamos feito no platô, e só reapareceu depois da partida de Artur. Por certo Artur sabia que ela havia permanecido no Mynydd Baddon, pois observara atentamente nossas mulheres se retirando e devia ter notado que ela não estava com as outras, mas não disse nada. Tampouco Guinevere mencionou Artur quando surgiu, mas sorria sempre que via que ele deixara seu estandarte na muralha. Originalmente eu a encorajara a ir embora, mas ela tinha zombado de minha sugestão, e nenhum de meus homens queria que ela partisse. Atribuíam sua sobrevivência a ela, e com razão, e a recompensa deles foi equipá-la para a batalha. Tinham tomado uma fina camisa de malha de ferro de um rico cadáver saxão e, assim que o sangue foi lavado dos elos, tinham-na presenteado a Guinevere. Pintaram seu símbolo num escudo capturado e um dos meus homens até mesmo entregou seu valioso elmo com cauda de lobo, de modo que agora ela estava vestida como o resto dos meus lanceiros, ainda que, sendo Guinevere, conseguisse fazer com que o equipamento de guerra parecesse perturbadoramente sedutor. Ela havia se tornado nosso talismã, uma heroína para todos os meus homens.

— Ninguém sabe onde Merlin está — falei, respondendo à sua sugestão.

— Houve um boato de que ele estaria na Demétia — disse Cuneglas —, de modo que talvez ele venha com Oengus, não é?

— Mas o seu druida veio? — perguntou Guinevere a Cuneglas.

— Malaine está aqui, e ele sabe soltar pragas muito bem. Não como Merlin, talvez, mas bastante bem.

— E quanto a Taliesin? — perguntou Guinevere.

Cuneglas não mostrou surpresa por ela ter ouvido falar do jovem bardo, porque, sem dúvida, a fama de Taliesin se espalhava rapidamente.

— Foi procurar Merlin.

— E ele é bom mesmo?

— Verdade. Com seu canto ele pode atrair as águias do céu e os salmões dos lagos.

— Rezo para que possamos ouvi-lo em breve — disse Guinevere, e de fato aqueles dias estranhos na colina ensolarada pareciam mais adequados a cantar do que a lutar. A primavera se tornara bela, o verão não estava distante, e nos deitávamos na grama quente e olhávamos o

inimigo que parecia golpeado por súbita impotência. Eles tentaram alguns ataques fúteis morro acima, mas não fizeram uma tentativa real de deixar o vale. Mais tarde soubemos que estavam discutindo. Aelle quisera juntar todos os lanceiros saxões e entrar nos morros ao norte, dividindo assim nosso exército em duas partes que poderiam ser destruídas separadamente. Mas Cerdic preferia esperar até que nossa comida se esgotasse e a confiança diminuísse. Mas essa era uma esperança vã, porque tínhamos comida suficiente e nossa confiança crescia diariamente. Eram os saxões que estavam com fome, porque a cavalaria ligeira de Artur assediava os grupos que saíam para pilhar, e portanto era a confiança saxã que se reduzia, porque depois de uma semana vimos montes de terra fresca aparecer nas campinas perto de suas cabanas, e soubemos que o inimigo cavava sepulturas para os seus mortos. A doença que transforma as entranhas em líquido e rouba a força dos homens tinha vindo para o inimigo, e os saxões enfraqueciam dia a dia. As mulheres punham armadilhas para peixe no rio, tentando conseguir comida para os filhos, os homens cavavam sepulturas, e nós deitávamos ao sol e falávamos de bardos.

Artur voltou um dia depois de as primeiras sepulturas saxãs serem cavadas. Esporeou seu cavalo, atravessando a depressão, e subiu a encosta norte do Mynydd Baddon, o que levou Guinevere a pôr o novo elmo e se agachar em meio a um grupo dos meus homens. Seu cabelo ruivo se projetava de sob o elmo como um estandarte, mas Artur fingiu não ver. Eu tinha ido encontrá-lo e, na metade do cume do morro, parei e o olhei perplexo.

Seu escudo era um círculo de tábuas de salgueiro coberto de couro, e sobre o couro havia uma fina folha de prata polida que brilhava com o reflexo da luz do sol, mas agora havia um novo símbolo no escudo. Era a cruz; uma cruz vermelha, feita de tiras de tecido que tinham sido coladas na prata. A cruz cristã. Ele viu minha perplexidade e riu.

— Gosta, Derfel?

— O senhor virou cristão? — Minha voz saiu pasma.

— Todos nós viramos cristãos — disse ele. — Você também. Esquentem uma lâmina de espada e queimem uma cruz em seus escudos.

Cuspi para evitar o mal.

— O senhor quer que façamos isso?

— Você me ouviu, Derfel — disse ele, depois desmontou de Llamrei e foi até a muralha do sul, de onde podia olhar para o inimigo. — Eles ainda estão aqui. Bom.

Cuneglas tinha se juntado a mim e entreouvido as palavras anteriores de Artur.

— O senhor quer que ponhamos uma cruz nos escudos? — perguntou.

— Não posso lhe exigir nada, senhor rei. Mas se puser uma cruz em

seu escudo e nos dos seus homens, eu agradeceria.

— Por quê? — perguntou Cuneglas ferozmente. Ele era famoso por sua oposição à nova religião.

— Porque a cruz é o preço que pagamos pelo exército de Gwent — disse ele, ainda olhando para o inimigo.

Cuneglas encarou Artur como se mal ousasse acreditar no que ouvia.

— Meurig vem? — perguntei.

— Não — disse Artur, virando-se para nós. — Meurig não. O rei Tewdric vem. O bom Tewdric.

Tewdric era pai de Meurig, era o rei que havia desistido do trono para virar monge, e Artur tinha ido até Gwent fazer um pedido ao velho.

— Eu sabia que era possível — disse-me Artur — porque Galahad e eu estivemos conversando com Tewdric durante todo o inverno. — A princípio, segundo Artur, o velho rei estivera relutante em abrir mão de sua vida piedosa e cheia de privações, mas outros homens em Gwent tinham somado suas vozes às de Artur e Galahad e, depois de noites rezando em sua pequena capela, Tewdric declarou com relutância que tomaria o trono temporariamente de volta e lideraria o exército de Gwent em direção ao sul. Meurig combatera a decisão, que, com todo o direito, ele via como uma censura e uma humilhação, mas o exército de Gwent dera apoio ao velho rei, que agora estava marchando para o sul. — Houve um preço — admitiu Artur. — Tive de me ajoelhar para o Deus deles e prometer que imputaria a vitória a Ele, mas eu imputaria a vitória a qualquer Deus que Tewdric desejasse, desde que ele trouxesse seus lanceiros.

— E o resto do preço? — perguntou Cuneglas habilmente.

Artur franziu a testa.

— Eles querem que você deixe os missionários de Meurig entrarem em Powys.

— Só isso? — perguntou Cuneglas.

— Posso ter dado a impressão de que você iria recebê-los bem. Sinto muito, senhor rei. A exigência só me foi feita há dois dias e foi ideia de Meurig, e a honra de Meurig precisava ser salva. — Cuneglas fez uma careta. Ele fizera o máximo para manter o cristianismo fora de seu país, achando que Powys não precisava da irritação que sempre seguia a nova fé, mas não protestou contra Artur. Deve ter decidido que era melhor ter cristãos do que saxões em Powys.

— Foi só isso que o senhor prometeu a Tewdric? — perguntei a Artur cheio de suspeitas. Estava me lembrando da exigência de Meurig, de receber o trono da Dumnonia, e do desejo de Artur de se livrar dessa responsabilidade.

— Esses tratados sempre têm detalhes com os quais não vale a pena se incomodar — respondeu Artur como se não desse importância —,

mas prometi libertar Sansum. Agora ele é o bispo da Dumnonia! E conselheiro real de novo. Tewdric insistiu nisso. A cada vez que derrubo o nosso bom bispo ele se levanta de novo. — Artur gargalhou.

— Foi só isso que o senhor prometeu? — perguntei de novo, ainda cheio de suspeitas.

— Prometi o bastante para garantir que Gwent marche em nossa ajuda, Derfel — disse Artur com firmeza —, e eles prometeram estar aqui dentro de dois dias com seiscentos lanceiros de primeira. Até Agrícola decidiu que não está velho demais para lutar. Lembra-se de Agrícola, Derfel?

— Claro que lembro, senhor. — Agrícola, o antigo comandante guerreiro de Tewdric, já devia estar bem velho, mas ainda era um dos guerreiros mais famosos da Britânia.

— Todos eles estão vindo de Glevum. — Artur apontou para oeste, onde a estrada de Glevum aparecia no vale do rio. — E quando chegarem vou me juntar a eles com meus homens e juntos vamos atacar direto pelo vale. — Artur estava de pé sobre a muralha, de onde olhava o vale profundo, mas em sua mente não via os campos, as estradas e as plantações agitadas pelo vento, nem as sepulturas de pedra do cemitério romano. O que via era toda a batalha se desenrolando diante dos olhos. — A princípio os saxões ficarão confusos, mas por fim haverá uma massa de inimigos correndo pela estrada. — Apontou para o Caminho Fosse, imediatamente abaixo do Mynydd Baddon. — E o senhor, senhor rei — curvou a cabeça para Cuneglas —, e você, Derfel — saltou da baixa muralha de terra e cutucou minha barriga com um dedo —, vão atacá-los pelo flanco. Descendo direto o morro e entrando nos escudos deles! Nós vamos nos ligar com vocês — ele curvou a mão para mostrar como suas tropas iriam se curvar ao longo do flanco norte dos saxões — e então vamos esmagá-los contra o rio.

Artur viria do oeste e nós atacariamos do norte.

— E eles vão escapar para o leste — falei azedamente.

Artur balançou a cabeça.

— Culhwch vai marchar para o norte amanhã para se encontrar com os Escudos Pretos de Oengus Mac Airem, e eles estão vindo de Corinium agora mesmo. — Artur estava deliciado consigo mesmo, o que não era de espantar, pois se tudo desse certo cercariamos o inimigo e em seguida iríamos trucidá-lo. Mas o plano não deixava de ter riscos. Achei que, assim que os homens de Tewdric chegassem e os Escudos Pretos de Oengus se juntassem a nós, nosso número não seria muito menor do que o dos saxões, mas Artur estava propondo dividir nosso exército em três partes, e se os saxões mantivessem a cabeça eles poderiam destruir cada parte separadamente. Mas se entrassem em pânico e se nossos ataques fossem duros e furiosos, e se eles ficassem confundidos pelo barulho, pela poeira e pelo horror, poderíamos simplesmente tangê-los como

gado para o matadouro. — Dois dias — disse Artur —, só dois dias. Rezemos para que os saxões não ouçam falar disso e rezemos para que fiquem onde estão. — Artur mandou trazer Llamrei, olhou para o lanceiro de cabelos ruivos e depois foi se juntar a Sagramor na crista do outro lado da depressão.

Na noite anterior à batalha gravamos cruzeiros a fogo nos escudos. Era um pequeno preço a pagar pela vitória, ainda que eu soubesse que não era todo o preço. Esse seria pago em sangue.

— Acho — falei a Guinevere naquela noite — que seria melhor a senhora ficar aqui em cima amanhã.

Nós dois estávamos compartilhando um chifre de hidromel. Eu tinha descoberto que ela gostava de conversar tarde da noite, e adquirira o hábito de me sentar junto dela antes de dormir. Agora Guinevere riu de minha sugestão de ficar no Mynydd Baddon enquanto descíamos para lutar.

— Sempre achei que você era um homem sem graça, Derfel. Sem graça, sem banho e lerdo. Agora comecei a gostar de você, então, por favor, não me faça pensar que eu estava certa o tempo todo.

— Senhora — implorei —, a parede de escudos não é lugar para uma mulher.

— Nem a prisão, Derfel. Além disso, você acha que pode vencer sem mim? — Guinevere estava sentada na abertura da cabana que tínhamos feito com as carroças e as árvores. Ela recebera toda uma extremidade da cabana para usar como alojamento, e naquela noite me convidara para dividir um jantar de carne tostada cortada do flanco de um dos bois que tinham puxado as carroças até o cume do Mynydd Baddon. Agora nossa fogueira estava morrendo, soltando fumaça na direção das estrelas brilhantes que se espalhavam em arco sobre o mundo. A foice da lua estava baixa sobre as colinas ao sul, delineando as sentinelas que caminhavam sobre nossa muralha de terra. — Quero ver isso até o fim — disse ela, com os olhos luminosos na sombra. — Há anos não desfruto tanto de alguma coisa, Derfel, há anos.

— O que acontecerá no vale amanhã, senhora, não será desfrutável. Será uma coisa feia.

— Eu sei. — Ela fez uma pausa. — Mas os seus homens acham que lhes trago a vitória. Irá negar-lhes minha presença quando o trabalho estiver sendo difícil?

— Não, senhora — cedi. — Mas fique em segurança, eu imploro. Ela sorriu da veemência de minhas palavras.

— Isso é uma oração pela minha sobrevivência, Derfel, ou medo de que Artur fique com raiva de você se algo acontecer comigo?

Hesitei.

— Acho que ele pode ficar com raiva, senhora.

Guinevere saboreou a resposta durante um tempo.

— Ele perguntou por mim? — inquiriu finalmente.

— Não — falei com sinceridade. — Nem uma vez.

Ela ficou olhando para os restos da fogueira.

— Talvez ele esteja apaixonado por Argante.

— Duvido de que Artur ao menos suporte a visão dela. — Uma semana antes jamais seria tão franco, mas agora Guinevere e eu estávamos muito mais próximos. — Ela é jovem demais para ele, e nem de longe tem inteligência suficiente.

Ela me olhou, mostrando um desafio nos olhos com o brilho da fogueira.

— Inteligente. Eu costumava me achar inteligente. Mas todos vocês me acham uma idiota, não é?

— Não, senhora.

— Você sempre foi um mau mentiroso, Derfel. Por isso nunca foi um cortesão. Para ser bom cortesão você precisa mentir com um sorriso. — Ela olhou para o fogo. Ficou quieta durante longo tempo e, quando falou de novo, a zombaria gentil tinha desaparecido. Talvez fosse a proximidade da batalha que a levou a uma camada de sinceridade que eu nunca ouvira de sua parte. — Fui uma idiota — falou baixo, tão baixo que tive de me inclinar para ouvir acima dos estalos da fogueira e da melodia das canções de meus homens. — Agora digo a mim mesma que foi uma espécie de loucura, mas não creio que fosse. Não passava de ambição. — Ela ficou quieta de novo, olhando as pequenas chamas tremulantes. — Eu queria ser uma esposa de César.

— A senhora era.

Ela balançou a cabeça.

— Artur não é um César. Ele não é um tirano, mas acho que eu queria que ele fosse um tirano, alguém como Gorfyddyd. — Gorfyddyd era o pai de Ceinwyn e Cuneglas, um brutal rei de Powys, inimigo de Artur, e, se os boatos fossem verdadeiros, amante de Guinevere. Ela devia estar pensando naquele boato, porque subitamente me desafiou com um olhar direto. — Alguma vez eu lhe disse que ele tentou me estuprar?

— Sim, senhora.

— Não foi verdade. — Ela falava em tom opaco. — Ele não tentou simplesmente, ele me estuprou. Ou eu disse a mim mesma que foi estupro. — Suas palavras vinham em espasmos curtos, como se a verdade fosse algo muito difícil de admitir. — Mas talvez não fosse estupro. Eu queria ouro, honra, posição. — Ela estava brincando com a bainha de seu gibão, tirando pequenos fiapos de linho da trama esgarçada. Fiquei sem jeito, mas não interrompi, porque sabia que ela queria falar. — Mas não consegui isso. Ele sabia exatamente o que eu queria, mas sabia ainda mais o que queria para si mesmo, e nunca pretendeu pagar meu preço. Em vez disso me fez noiva de Valerin. Sabe

o que eu ia fazer com Valerin? — Seus olhos me desafiaram de novo, e dessa vez o brilho neles não era apenas do fogo, mas uma película de lágrimas.

— Não, senhora.

— Eu ia torná-lo rei de Powys — disse ela vingativamente. — Eu ia usar Valerin para me vingar de Gorfyddyd. Poderia ter feito isso, mas então conheci Artur.

— No vale do Lugg — falei cautelosamente — matei Valerin.

— Sei disso.

— E havia um anel no dedo dele, senhora, com o seu distintivo nele.

Ela me encarou. Sabia que anel era.

— E tinha uma cruz de amante? — perguntou em voz baixa.

— Sim, senhora — falei e toquei o meu anel de amante, igual ao de Ceinwyn. Muitas pessoas usavam anéis de amantes com uma cruz gravada, mas não eram muitas que tinham anéis com cruzes feitas de ouro tirado do Caldeirão de Clyddno Eiddyn, como Ceinwyn e eu.

— O que fez com o anel?

— Joguei no rio.

— Contou a alguém?

— Só a Ceinwyn. E Issa também sabe, porque achou o anel e o trouxe para mim.

— E não contou a Artur?

— Não.

Ela sorriu.

— Acho que você foi um amigo melhor do que eu imaginava, Derfel.

— De Artur, senhora. Eu estava protegendo-o, e não à senhora.

— Imagino que sim. — Ela olhou de novo para o fogo. — Quando tudo isso terminar tentarei dar a Artur o que ele quer.

— A senhora mesma?

Minha sugestão pareceu surpreendê-la.

— Ele quer isso?

— Ele a ama. Ele pode não perguntar pela senhora, mas a procura sempre que vem aqui. Procurou-a até mesmo quando a senhora estava em Ynys Wydryn. Ele nunca falou da senhora comigo, mas quase gastou os ouvidos de Ceinwyn.

Guinevere fez uma careta.

— Você sabe como o amor pode empanturrar, Derfel? Não quero ser cultuada. Não quero que cada desejo meu seja realizado. Quero sentir que há alguma coisa mordendo de volta. — Ela falava com veemência e abri a boca para defender Artur, mas Guinevere fez um gesto para me silenciar. — Eu sei, Derfel, agora não tenho direito de querer nada. Serei boa, prometo. — Ela sorriu. — Você sabe por que Artur está me ignorando agora?

— Não, senhora.

— Porque não quer me encarar enquanto não tiver a vitória.

Achei que ela estava provavelmente certa, mas Artur não tinha demonstrado qualquer sinal explícito de afeto, por isso achei melhor dar um pequeno alerta.

— Talvez a vitória não seja satisfação suficiente para ele.

Guinevere balançou a cabeça.

— Eu o conheço melhor do que você, Derfel. Conheço tão bem que posso descrevê-lo em uma palavra.

Tentei pensar em que palavra seria. Corajoso? Certamente, mas isso deixava de lado sua atenção e dedicação. Imaginei se dedicado seria uma palavra melhor, mas isso não descrevia sua inquietude. Bom? Ele certamente era bom, mas essa palavra simples obscurecia a raiva que poderia torná-lo imprevisível.

— Qual é a palavra, senhora?

— Solitário — disse Guinevere e me lembrei de que Sagramor, na caverna de Mitra, havia usado exatamente essa palavra. — Ele é solitário, como eu. Então vamos lhe dar a vitória, e talvez ele não fique solitário de novo.

— Que os Deuses a mantenham em segurança, senhora.

— A Deusa, acho — disse ela e notou o ar de horror em meu rosto. Ela riu. — Não Ísis, Derfel, não Ísis. — Fora o culto de Ísis que tinha levado Guinevere à cama de Lancelot e ao sofrimento de Artur. — Acho que esta noite vou rezar a Sulis. Ela parece mais adequada.

— Juntarei minhas orações às suas, senhora.

Ela estendeu a mão para me fazer esperar.

— Nós vamos vencer, Derfel — falou com seriedade. — Vamos vencer, e tudo vai mudar.

Tínhamos dito isso com muita frequência, e nada jamais era assim. Mas agora, no Mynydd Baddon, tentaríamos de novo.

Acionamos nossa armadilha num dia tão lindo que fazia o coração doer. Além disso, prometia ser um dia longo, porque as noites estavam ficando cada vez mais curtas e a comprida luz da tarde se demorava profunda até as horas das sombras.

Na noite anterior à batalha Artur havia retirado suas tropas de todos os morros atrás do Mynydd Baddon. Ordenou que esses homens deixassem as fogueiras dos acampamentos acesas, para que os saxões achassem que eles ainda estavam lá, depois os levou para o oeste, para se juntar aos homens de Gwent que se aproximavam pela estrada de Glevum. Os guerreiros de Cuneglas também deixaram os morros, mas vieram ao cume do Mynydd Baddon, onde esperaram junto com meus homens.

Malaine, o principal druida de Powys, circulou entre os lanceiros durante a noite. Distribuiu verbenas, pedras de elfo e raspas de visgo

seco. Os cristãos se reuniram e rezaram juntos, mas percebi que muitos aceitavam os presentes do druida. Rezei junto à muralha de terra, implorando uma grande vitória a Mitra, e depois disso tentei dormir, mas o Mynydd Baddon estava inquieto com o murmúrio das vozes e o som monótono de pedras em aço.

Eu já havia amolado minha lança e pus um gume novo em Hywelbane. Nunca deixei um serviçal afiar minhas armas antes da batalha; fazia isso pessoalmente e tão obsessivamente quanto todos os meus homens. Assim que me certifiquei de que as armas estavam o mais afiadas possível, deitei-me perto do abrigo de Guinevere. Queria dormir, mas não conseguia afastar o medo de ficar numa parede de escudos. Tentava perceber presságios, temendo ver uma coruja, e rezei de novo. Devo ter dormido finalmente, mas foi um sono abalado por sonhos. Fazia muito tempo desde que eu havia lutado numa parede de escudos, e mais tempo ainda desde que rompera uma parede inimiga.

Acordei com frio, cedo e tremendo. O orvalho estava denso. Os homens grunhiam e tossiam, mijavam e gemiam. O morro fedia, porque mesmo tendo cavado latrinas, não havia um riacho para levar a sujeira para longe.

— O cheiro e o som de homens — disse a voz irônica de Guinevere da sombra de seu abrigo.

— A senhora dormiu? — perguntei.

— Um pouco. — Ela se arrastou para fora do galho baixo que servia como teto e porta. — Está frio.

— Logo vai esquentar.

Ela se agachou ao meu lado, envolta em sua capa. O cabelo estava desgrenhado e os olhos inchados do sono.

— Em que pensa durante uma batalha?

— Em ficar vivo, matar, vencer.

— Isso aí é hidromel? — perguntou ela, apontando para um chifre na minha mão.

— Água, senhora. O hidromel faz os homens ficarem lentos na batalha.

Ela pegou a água comigo, jogou um pouco nos olhos e bebeu o resto. Estava nervosa, mas eu sabia que nunca poderia persuadi-la a ficar no morro.

— E Artur, o que ele pensa na batalha?

Sorri.

— Na paz que se segue à luta, senhora. Ele acredita que cada batalha será a última.

— Mas das batalhas — disse ela em voz sonhadora — não haverá fim.

— Provavelmente nunca. Mas nesta batalha, senhora, fique perto de mim. Muito perto.

— Sim, lordes Derfel — disse ela em tom zombeteiro, depois me ofuscou com um sorriso. — E obrigada, Derfel.

Estávamos com as armaduras quando o sol flamejou por trás dos morros do leste para tocar de carmim as nuvens esgarçadas e lançar uma sombra profunda no vale dos saxões. A sombra se afinou e se encolheu enquanto o sol subia. Fiapos de névoa se enrolavam sobre o rio, adensando a fumaça das fogueiras entre as quais o inimigo se movia com uma energia incomum.

— Alguma coisa está sendo preparada lá embaixo — disse-me Cuneglas.

— Será que eles sabem que nós estamos indo?

— O que tornaria a vida mais difícil — disse Cuneglas carrancudo, mas se os saxões tinham sabido dos nossos planos, não demonstravam qualquer preparativo evidente. Nenhuma parede de escudos estava formada diante do Mynydd Baddon, e nenhuma tropa marchava para o oeste em direção à estrada de Glevum. Em vez disso, enquanto o sol subia o bastante para dissipar a névoa das margens do rio, parecia que enfim haviam decidido abandonar o local totalmente, e que estavam se preparando para marchar, mas era difícil dizer se planejavam ir para o oeste, o norte ou o sul, porque a primeira tarefa foi pegar as carroças, os cavalos de carga, os rebanhos. De nossa altura aquilo parecia um ninho de formigas chutado num caos, mas gradualmente alguma ordem emergiu. Os homens de Aelle juntaram a bagagem perto do portão norte de Aquae Sulis, ao passo que os de Cerdic organizavam sua marcha ao lado do acampamento junto à margem do rio. Um punhado de cabanas estava queimando, e sem dúvida eles planejavam incendiar os dois acampamentos antes de partir. Os primeiros homens a seguirem foi uma tropa de cavaleiros com armaduras leves que passou por Aquae Sulis, pegando a estrada de Glevum.

— Uma pena — disse Cuneglas em voz baixa. Os cavaleiros iam verificar a rota que os saxões esperavam tomar, e estavam indo direto para o ataque de surpresa de Artur.

Esperamos. Não desceríamos o morro enquanto a força de Artur não estivesse bem à vista, e então teríamos de descer rapidamente para preencher o vazio entre os homens de Aelle e as tropas de Cerdic. Aelle teria de enfrentar a fúria de Artur enquanto meus lanceiros e as tropas de Cuneglas impediriam Cerdic de ajudar o aliado. Certamente estaríamos em menor número, mas Artur esperava ser capaz de romper os homens de Aelle e trazer suas tropas em nossa ajuda. Olhei à esquerda, esperando uma visão dos homens de Oengus no Caminho Fosse, mas aquela estrada distante continuava vazia. Se os Escudos Pretos não viessem, Cuneglas e eu estaríamos presos entre as duas metades do exército saxão. Olhei para meus homens, percebendo seu nervosismo. Eles não podiam ver o vale, porque eu insistira em que

ficassem escondidos até lançarmos o ataque pelo flanco. Alguns estavam de olhos fechados, alguns cristãos se ajoelhavam com os braços estendidos enquanto outros homens passavam pedras de amolar em lâminas de lanças que já pareciam navalhas. Malaine, o druida, entoava um feitiço de proteção, Pyrlig rezava e Guinevere me olhava arregalada, como se pudesse entender, pela minha expressão, o que estava acontecendo.

Os batedores saxões tinham desaparecido no oeste, mas agora voltaram galopando subitamente. A poeira subia dos cascos de seus cavalos. A velocidade bastava para nos dizer que tinham visto Artur. E logo, pensei, aquele emaranhado de preparativos saxões iria se transformar numa parede de escudos e lanças. Agarrei o cabo comprido de minha lança, fechei os olhos e mandei uma oração através do azul, até onde Bel e Mitra estariam ouvindo.

— Olhe! — exclamou Cuneglas enquanto eu estava rezando. Abri os olhos e vi o ataque de Artur preenchendo a extremidade oeste do vale. O sol brilhava nos rostos deles e se refletia em centenas de lâminas nuas e elmos polidos. Ao sul, ao lado do rio, os cavaleiros de Artur esporeavam os animais para capturar a ponte sul de Aquae Sulis, enquanto as tropas de Gwent marchavam numa grande fileira pelo centro do vale. Os homens de Tewdric usavam equipamento romano: peitorais de bronze, capas vermelhas e elmos com plumas, de modo que do cume do Mynydd Baddon eles pareciam falanges de carmim e ouro sob uma quantidade de estandartes que mostravam, em vez do touro preto de Gwent, cruzes cristãs vermelhas. Ao norte estavam os lanceiros de Artur, liderados por Sagramor sob seu vasto estandarte preto num mastro encimado por um crânio saxão. Até hoje posso fechar os olhos e ver aquele exército avançando, o vento agitando os estandartes acima das fileiras organizadas, o pó subindo da estrada e as plantações pisoteadas onde eles haviam passado.

Enquanto à frente deles era o pânico e o caos. Saxões corriam para pegar armaduras, salvar as esposas, procurar os chefes ou se juntar em grupos que lentamente tentavam formar a primeira parede de escudos perto do acampamento nas proximidades de Aquae Sulis, mas era uma parede precária, fina e maldisposta. Vi um cavaleiro sinalizar para que ela recuasse. À nossa esquerda eu podia ver que os homens de Cerdic eram mais rápidos em formar suas fileiras, mas ainda estavam a mais de três quilômetros das tropas de Artur que vinham avançando, o que significava que os homens de Aelle teriam de enfrentar o grosso do ataque. Atrás desse ataque, maltrapilho e escuro à distância, nosso *levy* avançava com foices, machados, enxadões e porretes.

Vi o estandarte de Aelle erguido entre as sepulturas do cemitério romano e vi seus lanceiros correrem para se juntar sob o crânio sangrento. Os saxões já haviam abandonado Aquae Sulis, o

acampamento do oeste e a bagagem que tinha sido juntada fora da cidade. Talvez esperassem que os homens de Artur parassem para saquear as carroças e os cavalos de carga, mas Artur tinha visto esse perigo, por isso guiou seus homens bem ao norte do muro da cidade. Lanceiros de Gwent haviam guarnecido a ponte, deixando os cavaleiros com armaduras pesadas livres para cavalgar atrás daquela fileira de ouro e carmim. Tudo parecia acontecer devagar demais. Do Mynydd Baddon tínhamos uma visão privilegiada, e pudemos ver os últimos saxões fugindo por cima da muralha desmoronada de Aquae Sulis, pudemos ver a parede de escudos de Aelle finalmente se endurecendo e pudemos ver os homens de Cerdic correndo pela estrada para reforçá-la. Em silêncio instigamos Artur e Tewdric, querendo que eles esmagassem os homens de Aelle antes que Cerdic pudesse se juntar à batalha, mas parecia que o ataque andava a passo de lesma. Mensageiros montados disparavam entre as tropas de lanceiros, mas ninguém mais parecia ter pressa.

As forças de Aelle tinham recuado oitocentos metros de Aquae Sulis antes de formar sua linha, e agora esperavam o ataque de Artur. Seus feiticeiros cabriolavam nos campos entre os exércitos, mas eu não podia ver druidas diante dos homens de Tewdric. Eles marchavam sob seu Deus cristão e, finalmente, depois de reforçar a parede de escudos, aproximaram-se do inimigo. Esperei ver uma conferência entre as fileiras, com os líderes das duas paredes de escudos trocando insultos rituais enquanto as duas paredes se avaliavam mutuamente. Já vi paredes de escudos se entreolharem durante horas enquanto os homens juntavam coragem para atacar, mas aqueles cristãos de Gwent não diminuíram o passo. Não houve reunião de líderes inimigos nem tempo para os feiticeiros saxões lançarem seus feitiços, porque os cristãos simplesmente baixaram as lanças, levantaram os escudos oblongos pintados com a cruz e marcharam direto através das sepulturas romanas de encontro aos escudos inimigos.

No morro ouvimos os escudos se chocarem. Foi um som seco e raspado, como trovão debaixo da terra, e era o som de centenas de escudos e lanças golpeando enquanto dois grandes exércitos se chocavam cabeça com cabeça. Os homens de Gwent foram parados, seguros pelo peso dos saxões que se esforçavam contra eles, e eu soube que havia homens morrendo lá embaixo. Estavam sendo furados por lanças, cortados por machados, pisoteados. Homens estavam cuspidos e rosnando sobre as bordas dos escudos, e a pressão seria tão grande que uma espada mal poderia ser erguida em meio àquele esmagamento.

Então os guerreiros de Sagamor vieram do flanco norte. O núpida esperava claramente flanquear Aelle, mas o rei saxão percebera esse perigo e mandou parte de sua tropa de reserva formar uma linha que recebeu a carga de Sagamor com escudos e lanças. De novo soou o estrondo de escudos se chocando, e então, para nós que estávamos com

visão privilegiada, a batalha ficou estranhamente imóvel. Duas multidões travadas, os homens de trás empurrando os da frente, e os da frente lutando para soltar as lanças e enfiá-las de novo, e durante todo o tempo os homens de Cerdic corriam pelo Caminho Fosse, abaixo de nós. Assim que chegassem à batalha, esses homens flanqueariam Sagramor facilmente. Poderiam envolver seu flanco e pegar sua parede de escudos por trás, e foi por isso que Artur nos manteve no morro.

Cerdic deve ter adivinhado que continuávamos lá. Do vale ele não podia ver nada, porque nossos homens estavam escondidos atrás das baixas muralhas de terra do Mynydd Baddon, mas eu o vi galopar até um grupo de homens e apontar para a encosta. Estava na hora de irmos e olhei para Cuneglas. Ele me olhou ao mesmo tempo e sorriu.

— Que os Deuses estejam com você, Derfel.

— E com o senhor, senhor rei. — Toquei a mão que ele ofereceu, depois apertei a palma contra minha cota de malha para sentir o calombo tranquilizador do broche de Ceinwyn.

Cuneglas subiu na muralha e se virou para nós.

— Não sou bom em fazer discursos — gritou —, mas há saxões lá embaixo e vocês são reconhecidos como os melhores matadores de saxões em toda a Britânia. Então venham provar isso! E lembrem-se! Assim que chegarmos ao vale mantenham a parede de escudos apertada! Mantenham-na apertada! Agora vamos!

Gritamos enquanto pulávamos sobre a borda do morro. Os homens de Cerdic, os que tinham vindo investigar o cume, pararam e depois recuaram enquanto um número cada vez maior de nossos lanceiros aparecia acima deles. Éramos quinhentos descendo aquele morro, e fomos depressa, em ângulo para o oeste, golpear as primeiras tropas dos reforços de Cerdic.

O terreno era cheio de touceiras, íngreme e áspero. Não descemos em qualquer ordem, disputávamos corrida uns contra os outros para chegar embaixo, e lá, depois de atravessar o campo de trigo pisoteado e pular duas cercas vivas cheias de espinhos, formamos nossa parede. Assumi o lado esquerdo da fileira, Cuneglas à direita, e assim que estávamos adequadamente formados e com os escudos se tocando, gritei para meus homens se adiantarem. Uma parede de escudos saxões formava-se no campo à nossa frente, enquanto homens corriam pela estrada para nos enfrentar. Olhei para a direita à medida que avançávamos e vi o espaço gigantesco entre nós e os homens de Sagramor, um espaço tão grande que eu nem conseguia ver seu estandarte. Odiei a ideia daquela abertura, odiei pensar no horror que poderia jorrar por ela e vir por trás de nós, mas Artur fora inflexível. Não hesitem, disse ele, não esperem que Sagramor chegue até vocês, apenas ataquem. Deve ter sido Artur, pensei, que havia persuadido os cristãos de Gwent a atacar sem pausa. Ele estava tentando levar os

saxões ao pânico negando-lhes tempo, e agora era nossa vez de entrar rapidamente em combate.

A parede dos saxões era improvisada e pequena, talvez duzentos homens de Cerdic, que não esperavam lutar aqui, mas que haviam pensado em se somar às fileiras da retaguarda de Aelle. Além disso, eles estavam nervosos. Estávamos igualmente nervosos, mas esta não era hora de deixar o medo diminuir o fervor. Tínhamos de fazer o que os homens de Tewdric tinham feito, precisávamos atacar sem parar, para desequilibrar o inimigo, e assim soltei um grito de guerra e acelerei o passo. Tinha desembainhado Hywelbane e a empunhava pela parte superior da lâmina com a mão esquerda, deixando o escudo pendurado pelas alças no antebraço. Minha lança pesada estava na mão direita. O inimigo foi se juntando, escudo contra escudo, lanças apontadas, e de algum lugar à minha esquerda um grande cão de guerra foi solto para nos atacar. Ouvi o uivo da fera, depois a loucura da batalha me fez esquecer tudo, a não ser os rostos barbudos à frente.

Um ódio terrível cresce na batalha, um ódio que vem da alma negra para preencher os homens com uma raiva feroz e sangrenta. Alegria também. Eu sabia que a parede de escudos saxã iria se romper. Sabia muito antes de atacá-la. A parede era fina demais, tinha sido feita muito às pressas, e estava nervosa demais, por isso saí de nossa primeira fila e gritei meu ódio enquanto corria para o inimigo. Nesse momento eu só queria matar. Não, eu queria mais, queria que os bardos cantassem sobre Derfel Cadarn no Mynydd Baddon. Queria que os homens me olhassem e dissessem: ali está o guerreiro que rompeu a parede no Mynydd Baddon, queria o poder que vem da reputação. Uma dúzia de homens na Britânia tinha esse poder; Artur, Sagramor e Culhwch figuravam entre eles, e era um poder que suplantava todos os outros, menos o do rei. O nosso era um mundo em que as espadas davam *status*, e esquivar-se da espada era perder honra, por isso corri na frente, com a loucura enchendo a alma e a exultação dando-me um poder terrível enquanto escolhia minhas vítimas. Eram dois jovens, ambos menores do que eu, ambos nervosos, ambos com barbas ralas, e ambos estavam se encolhendo mesmo antes de eu acertá-los. Eles viram um comandante guerreiro britânico em todo o esplendor, e vi dois saxões mortos.

Minha lança acertou um na garganta. Abandonei a lança enquanto um machado se chocava contra meu escudo, mas eu o vira chegando e sustentei o golpe, depois bati o escudo contra o segundo homem e enfiei o ombro na barriga do escudo enquanto pegava Hywelbane com a mão direita. Baixei a espada e vi uma lasca voar do cabo de uma lança saxã, depois senti meus homens jorrando atrás de mim. Girei Hywelbane acima da cabeça, baixei-a de novo, gritei de novo, virei-a de lado, e de repente diante de mim havia apenas capim aberto, campânulas, a

estrada e as campinas do rio. Eu havia atravessado a parede e estava gritando minha vitória. Virei-me, enfiei Hywelbane nas costas de um homem, torci-a puxando de volta, vi o sangue derramar na ponta, e de repente não havia mais inimigos. A parede saxã tinha desaparecido, ou melhor, tinha sido transformada em carne morta e agonizante que sangrava no capim. Lembro-me de ter levantado o escudo e a lança para o sol e soltado um grito de agradecimento a Mitra.

— Parede de escudos! — ouvi Issa gritar a ordem enquanto eu comemorava. Parei para recuperar minha lança, depois girei para ver mais saxões correndo do leste.

— Parede de escudos! — ecoei o grito de Issa. Cuneglas estava formando sua parede, virado para o oeste para nos proteger dos homens da retaguarda de Aelle, enquanto eu fazia minha fileira se virar para o leste, de onde vinham os homens de Cerdic. Meus homens gritavam e zombavam. Tinham transformado uma parede de escudos em carniça e agora queriam mais. Atrás de mim, no espaço entre os homens de Cuneglas e os meus, alguns saxões feridos ainda viviam, mas três dos meus homens estavam acabando com eles. Cortaram suas gargantas, porque aquela não era hora de fazer prisioneiros. Vi que Guinevere os ajudava.

— Senhor, senhor! — Era Eachern gritando da extremidade direita de nossa curta parede. Olhei e o vi apontando para uma massa de saxões que corriam pelo espaço entre nós e o rio. A abertura era grande, mas os saxões não estavam nos ameaçando, e sim correndo para ajudar Aelle.

— Deixem-nos! — gritei. Eu estava mais preocupado com os saxões à nossa frente, porque haviam parado para formar fileiras. Tinham visto o que acabáramos de fazer e não iriam deixar que fizéssemos o mesmo com eles, por isso se apertaram com quatro ou cinco fileiras de profundidade, depois comemoraram quando um dos seus feiticeiros veio cabriolando nos xingar. Era um dos feiticeiros loucos, porque seu rosto se retorcia incontrolavelmente enquanto cuspiam imundícies contra nós. Os saxões valorizavam esses homens, pensando que tinham o ouvido dos Deuses, e seus Deuses devem ter empalidecido ao ouvir esse homem xingar.

— Devo matá-lo? — perguntou-me Guinevere. Ela estava segurando seu arco.

— Preferia que a senhora não estivesse aqui.

— É meio tarde para esse desejo, Derfel.

— Deixe-o — falei. As pragas do feiticeiro não estavam incomodando meus homens, que gritavam para os saxões virem testar suas lâminas, mas os saxões não estavam com ânimo para avançar. Esperavam reforços, que não se encontravam muito atrás.

— Senhor rei! — gritei para Cuneglas. Ele se virou. — Consegue ver

Sagramor?

— Ainda não.

E tampouco eu conseguia ver Oengus Mac Airem, cujos Escudos Pretos deveriam jorrar morro abaixo para penetrar mais fundo no flanco dos saxões. Comecei a temer que tivéssemos atacado cedo demais, e que agora estivéssemos presos entre as tropas de Aelle, que se recuperavam do pânico, e os lanceiros de Cerdic, que estavam cuidadosamente engrossando sua parede de escudos antes de vir nos dominar.

Então Eachern gritou de novo e olhei para o sul, vendo que agora os saxões corriam para o leste e não para o oeste. Os campos entre nossa parede e o rio estavam cheios de homens em pânico, e por um instante fiquei perplexo demais para entender o que via, e então ouvi o barulho. Um barulho que parecia trovão. Cascos de cavalos.

Os cavalos de Artur eram grandes. Uma vez Sagramor me disse que Artur tinha capturado os cavalos de Clóvis, rei dos francos, e antes de Clóvis ser dono do rebanho os cavalos eram criados para os romanos, e nenhum outro cavalo na Britânia se comparava a eles em tamanho, e Artur escolhia seus maiores homens para montá-los. Ele perdera muitos dos grandes cavalos de guerra para Lancelot, e eu meio que esperava ver aqueles animais enormes nas fileiras inimigas, mas Artur zombou de meu medo. Dissera-me que Lancelot havia capturado principalmente éguas prenhes e potros não treinados, e eram necessários tantos anos para treinar um cavalo quanto para ensinar um homem a lutar com uma lança em cima da sela. Lancelot não tinha esses homens, mas Artur tinha, e agora ele os liderava vindo da encosta sul, na direção dos homens de Aelle que lutavam contra Sagramor.

Eram apenas sessenta dos grandes cavalos, e estavam cansados porque tinham corrido para tomar a ponte ao sul, e depois vindo para o flanco oposto da batalha, mas Artur os incitou num galope e penetrou fundo na retaguarda da linha de batalha de Aelle. Esses homens da retaguarda tinham estado empurrando para a frente, tentando pressionar as fileiras sobre a parede de escudos de Sagramor, e o surgimento de Artur foi tão súbito que eles não tiveram tempo de se virar e formar uma parede de escudos. Os cavalos rasgaram suas fileiras e, à medida que os saxões se espalhavam, os guerreiros de Sagramor empurravam as primeiras fileiras para trás, e de repente a ala direita do exército de Aelle estava rompida. Alguns saxões correram para o sul, procurando segurança no resto do exército de Aelle, mas outros fugiram para o leste em direção a Cerdic, e eram esses homens que víamos na campina do rio. Artur e seus cavaleiros perseguiam implacavelmente esses fugitivos. Os cavaleiros usavam suas espadas compridas para cortar os homens em fuga, até que a campina ficou coberta de corpos, espadas e escudos abandonados. Vi Artur passar galopando pela minha fileira, a capa branca manchada de sangue, Excalibur avermelhada em

sua mão e um ar de absoluta alegria no rosto magro. Hygwydd, seu serviçal, levava a bandeira do urso, que agora tinha uma cruz vermelha no canto inferior. Hygwydd, normalmente o mais taciturno dos homens, riu para mim e passou, seguindo Artur de volta morro acima, até onde os cavalos podiam recuperar o fôlego e ameaçar o flanco de Cerdic. Morfans, o Feio, tinha morrido no ataque inicial dos homens de Aelle, mas foi a única perda de Artur.

A carga de Artur tinha rompido a ala direita de Aelle, e agora Sagramor estava guiando seus homens ao longo do Caminho Fosse para juntar seus escudos aos meus. Ainda não havíamos rodeado o exército de Aelle, mas o isolamos entre a estrada e o rio. Os disciplinados cristãos de Tewdric avançavam agora por esse corredor, matando enquanto vinham. Cerdic ainda estava fora da armadilha e deve ter-lhe ocorrido a ideia de deixar Aelle ali e permitir que seu rival saxão fosse destruído, mas em vez disso decidiu que a vitória ainda era possível. Se vencesse naquele dia, toda a Britânia se tornaria Lloegyr.

Cerdic ignorou a ameaça dos cavalos de Artur. Devia saber que eles tinham atacado os homens de Aelle onde estavam mais desordenados, e que lanceiros disciplinados, numa parede de escudos travada, nada teriam a temer da cavalaria, por isso ordenou que seus homens travassem os escudos, baixassem as lanças e avançassem.

— Apertem! Apertem! — gritei e abri caminho até a primeira fileira, onde me certifiquei de que meu escudo se sobrepusesse aos dos vizinhos. Os saxões estavam se adiantando, atentos para manter escudo contra escudo, os olhos examinando nossa fileira em busca de um ponto fraco, enquanto toda aquela massa vinha para nós. Não havia feiticeiros que eu pudesse ver, mas o estandarte de Cerdic estava no centro da grande formação. Eu tinha uma impressão de barbas e elmos com chifres, ouvia uma áspera trompa de chifre de carneiro soando continuamente e olhava as lanças e as lâminas dos machados. O próprio Cerdic estava em algum lugar da massa de homens, porque eu podia ouvir sua voz gritando:

— Escudos travados! Escudos travados!

Dois grandes cães de guerra foram soltos em nossa direção. Ouvi gritos e senti desordem em algum lugar à direita quando os bichos alcançaram a fileira. Os saxões devem ter visto minha parede de escudos se curvar onde os cães tinham atacado, porque de repente gritaram de alegria e se adiantaram.

— Apertados! — gritei, depois ergui a lança acima da cabeça. Pelo menos três saxões olhavam para mim enquanto se adiantavam rapidamente. Eu era um lorde, cheio de ouro, e se eles pudessem mandar minha alma para o Outro Mundo obteriam renome e riqueza. Um deles correu à frente dos companheiros, em busca da glória, com a lança apontada para o meu escudo, e achei que ele baixaria a ponta no último minuto para me pegar no tornozelo. Em seguida não havia tempo para

pensar, só para lutar. Enfiar minha lança no rosto do sujeito e empurrei o escudo para a frente e para baixo para desviar seu golpe. Sua lâmina ainda raspou no meu tornozelo, cortando o couro da bota direita abaixo da greva que eu havia tomado de Wulfger, mas minha lança estava ensanguentada no rosto dele, e ele caía para trás quando a puxei de volta e o próximo homem veio para me matar.

Eles chegaram assim que os escudos das duas fileiras se chocaram com um barulho que parecia o de mundos colidindo. Agora eu sentia o cheiro dos saxões, o cheiro de couro, suor e esterco, mas não sentia cheiro de cerveja. Esta batalha estava acontecendo de manhã muito cedo, os saxões haviam sido surpreendidos e não tiveram tempo de beber para juntar coragem. Homens me empurravam pelas costas, esmagando-me contra meu escudo que empurrava um escudo saxão. Cuspi no rosto barbudo, impeli a lança por cima do ombro dele e senti que ela foi segura por mão inimiga. Soltei-a e, dando um empurrão gigantesco, me libertei apenas o bastante para sacar Hywelbane. Baixei a espada sobre o homem que estava à frente. Seu elmo não passava de um chapéu de couro cheio de trapos e a lâmina recém-afiada de Hywelbane atravessou até o cérebro. Ficou ali grudada um momento e lutei contra o peso do morto. Enquanto lutava, um saxão baixou um machado sobre minha cabeça.

Meu elmo recebeu o golpe. Houve um clangor que preencheu o universo, e de repente minha cabeça se encheu de tiras de luz. Mais tarde meus homens disseram que fiquei insensível durante minutos, mas não caí porque a pressão de corpos me mantinha de pé. Não me lembro de nada, mas poucos homens se lembram de muita coisa no esmagamento dos escudos. Claro que você faz força, xinga, cospe e golpeia quando pode. Um dos meus vizinhos de escudo disse que cambaleei depois do golpe de machado e quase tropecei nos corpos dos homens que eu tinha matado, mas o homem atrás de mim segurou o cinto da minha espada e me puxou para cima, e meus caudas de lobo pressionaram em volta, para me dar proteção. O inimigo sentiu que eu estava ferido e lutou com mais intensidade, machados acertando escudos danificados e lâminas de espadas com mossas, mas saí lentamente do atordoamento e me vi na segunda fileira, ainda seguro atrás da abençoada proteção do escudo, e com Hywelbane ainda na mão. Minha cabeça doía, mas eu não percebia, só percebia a necessidade de estocar, cortar, gritar e matar. Issa estava sustentando a abertura feita pelos cães, malignamente matando saxões que tinham penetrado em nossa primeira fileira e assim lacrando nossa linha com seus cadáveres.

Cerdic estava em maior número, mas não podia nos flanquear pelo norte porque os cavaleiros se encontravam lá, e não queria mandar seus homens morro acima, ao encontro deles, por isso mandou homens para nos flanquear pelo sul, mas Sagramor previu isso e guiou seus lanceiros

para aquela abertura. Lembro-me de ter ouvido o choque dos escudos. O sangue tinha enchido minha bota esquerda, de modo que ela fazia um barulho chapinhado quando eu punha o peso em cima. Meu crânio latejava de dor e a boca estava fixa num rangido. O homem que havia ocupado meu lugar na primeira fila não queria entregá-lo de volta.

— Eles estão cedendo, senhor — gritou para mim —, estão cedendo! — E, sem dúvida, a pressão do inimigo enfraquecia. Eles não estavam derrotados, apenas recuando, e de repente um grito inimigo os chamou de volta e eles deram um último golpe de lança ou machado e recuaram depressa. Não fomos atrás. Estávamos muito ensanguentados, golpeados e cansados para perseguir, e obstruídos pela pilha de corpos que marcam a zona de maré de uma batalha com lança e escudo. Alguns daquela pilha estavam mortos, outros se mexiam em agonia e imploravam a morte.

Cerdic recuara seus homens para formar uma nova parede de escudos, suficientemente grande para chegar até os homens de Aelle, agora isolados da segurança pelas tropas de Sagamor, que tinham preenchido a maior parte da abertura entre meus homens e o rio. Mais tarde fiquei sabendo que os homens de Aelle estavam sendo empurrados para trás contra o rio pelos lanceiros de Tewdric, e Artur deixou apenas um número de homens suficiente para manter esses saxões presos e mandou o resto para reforçar Sagamor.

Meu elmo estava com um amassado no lado esquerdo e uma rachadura na base do amassado, que atravessava direto o ferro e o forro de couro. Quando o retirei ele repuxou o sangue grudado no cabelo. Tateei cuidadosamente o couro cabeludo, mas não senti nenhum osso rachado, apenas um galo e uma dor pulsante. Havia um ferimento áspero em meu antebraço esquerdo, o peito tinha um hematoma e o tornozelo direito continuava sangrando. Issa estava mancando, mas disse que era apenas um arranhão. Niall, o líder dos Escudos Pretos, estava morto. Uma lança havia furado seu peitoral e ele estava caído de costas, com a lança se projetando para o céu e a boca aberta cheia de sangue. Eachern tinha perdido um olho. Ele cobriu a órbita com um pedaço de trapo que amarrou na cabeça, depois enfiou o elmo sobre a bandagem grosseira e jurou vingar cem vezes aquele olho.

Artur veio cavalcando do morro para elogiar meus homens.

— Segurem-nos de novo! — gritou. — Segurem-nos até que Oengus venha, e então vamos acabar com eles para sempre! — Mordred cavalgava atrás de Artur, com seu grande estandarte ao lado da bandeira do urso. O nosso rei segurava uma espada e seus olhos estavam arregalados com a empolgação do dia. Por mais de três quilômetros ao longo da margem do rio havia pó e sangue, mortos e agonizantes, ferro contra carne.

As fileiras de ouro e escarlate de Tewdric rodearam os sobreviventes

de Aelle. Esses homens ainda lutavam, e agora Cerdic fez outra tentativa de chegar até lá. Artur levou Mordred de volta para o morro, enquanto travávamos os escudos de novo.

— Eles estão ansiosos — comentou Cuneglas ao ver as fileiras saxãs avançando.

— Eles não estão bêbados — falei. — É por isso.

Cuneglas não estava ferido, e sim cheio da empolgação de um homem que acredita ter corpo fechado. Tinha lutado na frente da batalha, tinha matado, e não sofrera um arranhão. Nunca fora famoso como guerreiro, não como seu pai, e agora acreditava estar merecendo sua coroa.

— Tome cuidado, senhor rei — falei enquanto ele voltava para os seus homens.

— Nós estamos vencendo, Derfel! — gritou ele e correu para enfrentar o ataque.

Este seria um ataque muito maior do que o primeiro, porque Cerdic postara sua própria guarda pessoal no centro da nova fileira, e esses guerreiros soltaram enormes cães de guerra que partiram para Sagramor, cujos homens formavam o centro de nossa fileira. Um instante depois, os lanceiros saxões atacaram, penetrando nos buracos que os cães tinham rasgado em nossa formação. Ouvi os escudos se chocarem, depois não pensei mais em Sagramor, porque a ala direita dos saxões se chocou com meus homens.

De novo os escudos bateram uns nos outros. De novo estocávamos com lanças ou cortávamos com espadas, e de novo estávamos esmagados uns contra os outros. O saxão à minha frente tinha abandonado a lança e tentava enfiar sua faca curta por baixo de minhas costelas. A faca não podia cortar minha cota de malha e ele estava grunhindo, empurrando e trincando os dentes enquanto torcia a faca contra os elos de ferro. Eu não tinha espaço para baixar o braço direito e pegar seu pulso, por isso bati em seu elmo com o cabo de Hywelbane e continuei batendo até ele afundar aos meus pés e eu poder pisar nele. Ele ainda tentou me cortar com a faca, mas o homem atrás de mim o acertou com a lança e depois empurrou o escudo nas minhas costas, forçando-me contra o inimigo. À minha esquerda um herói saxão brandia golpes à direita e à esquerda com o machado, abrindo um caminho em nossa parede, mas alguém o fez tropeçar com um cabo de lança e meia dúzia de homens golpearam o guerreiro caído com espadas ou lanças. Ele morreu entre os corpos de suas vítimas.

Cerdic cavalgava de um lado para o outro atrás de sua fileira, gritando para os homens empurrarem e matarem. Gritei para ele, desafiando-o a desmontar e vir lutar como um homem, mas ele não me ouviu, ou então ignorou as provocações. Em vez disso foi na direção sul, onde Artur lutava ao lado de Sagramor. Artur tinha visto a pressão

contra os homens de Sagamor e levou seus cavaleiros para trás da fileira, reforçando o nmida, e agora nossa cavalaria impulsionava os animais para o esmagamento de homens, golpeando por cima da fileira da frente com suas lanças compridas. Mordred estava lá, e mais tarde alguns homens disseram que ele lutou como um demônio. O nosso rei jamais careceu de valor bruto em batalha, apenas de sentimento e decência na vida. Ele não era um bom soldado a cavalo, por isso desmontou e ocupou um lugar na primeira fila. Eu o vi mais tarde e ele estava coberto de sangue, nenhum dele. Guinevere estava atrás de nossa linha. Tinha visto o cavalo abandonado por Mordred, montou-o e estava atirando flechas da garupa do animal. Vi uma acertar o escudo do próprio Cerdic, mas ele a jogou longe como se fosse uma mosca.

A pura exaustão fez terminar aquele segundo choque de paredes. Chegou um ponto em que estávamos cansados demais para levantar uma espada, quando s podíamos nos encostar no escudo do inimigo e cuspir insultos por sobre a borda. Ocasionalmente um homem juntava energia para levantar um machado ou espetar uma lança, e por um momento a fúria da batalha se incendiava, só para morrer de novo enquanto os escudos sugavam a fôrça. Estávamos todos sangrando, machucados, todos de boca seca, e quando o inimigo recuou ficamos gratos pelo adiamento.

Também recuamos, livrando-nos dos mortos amontoados numa pilha onde as paredes de escudos tinham se encontrado. Levamos conosco os nossos feridos. Entre os mortos havia um punhado cujas testas tinham sido marcadas pelo toque de uma lâmina incandescente, o que os identificava como homens que se juntaram  rebelião de Lancelot no ano anterior, mas eram homens que agora tinham morrido por Artur. Também encontrei Bors ferido no chão. Ele estava tremendo e reclamando do frio. Sua barriga fora aberta, de modo que, quando o levantei, suas tripas se derramaram no solo. Ele soltou um gemido alto enquanto eu o deitava e lhe dizia que o Outro Mundo o esperava com fogueiras rugindo, bons companheiros e hidromel sem fim. E ele agarrou minha mão esquerda com fôrça enquanto eu cortava sua garganta com um golpe rápido de Hywelbane. Um saxão se arrastava digno de pena e às cegas entre os mortos, com sangue escorrendo da boca, até que Issa pegou um machado caído e cortou a espinha do sujeito. Vi um dos meus jovens vomitar, depois cambalear alguns passos antes de um amigo pegá-lo e sustentá-lo. O rapaz estava chorando porque tinha esvaziado as tripas e estava com vergonha, mas não era o nico. O campo fedia a bosta e sangue.

Os homens de Aelle, muito atrás de nós, estavam numa parede de escudos travados, de costas para o rio. Os homens de Tewdric os encaravam, mas estavam contentes em manter aqueles saxões imóveis em vez de lutar agora, porque homens acuados são inimigos terríveis. E

ainda assim Cerdic não abandonava seu aliado. Ele ainda esperava poder atravessar os lanceiros de Artur, juntar-se a Aelle e em seguida virar para o norte, dividindo nossas forças ao meio. Havia tentado duas vezes, e agora reuniu os restos de seu exército para o último grande esforço. Ainda tinha homens descansados, alguns deles guerreiros contratados do exército do rei Clóvis dos francos, e agora esses homens foram trazidos para a frente da linha de batalha e ficamos olhando os feiticeiros arengar com eles, depois se virar para cuspir suas maldições para nós. Não haveria pressa nesse ataque. Não havia necessidade, porque o dia ainda era jovem, ainda nem era meio-dia, e Cerdic tinha tempo para deixar seus homens comerem, beberem e se prepararem. Um dos tambores de guerra começou com as batidas soturnas enquanto mais saxões ainda se formavam nos flancos do exército, alguns com cães presos em coleiras. Nós estávamos todos exaustos. Mandei homens para pegar água no rio e bebemos nos elmos dos mortos. Artur veio até mim e fez uma careta diante do meu estado.

— Vocês podem retê-los uma terceira vez? — perguntou.

— Temos de fazer isso, senhor.

Mas seria difícil. Tínhamos perdido uma grande quantidade de homens e nossa parede seria fina. Nossas lanças e espadas estavam rombudas agora, e não havia pedras de amolar suficientes para afiá-las de novo, enquanto o inimigo estava sendo reforçado com homens novos, cujas armas estavam intocadas. Artur desmontou de Llamrei, jogou as rédeas para Hygwydd, depois caminhou comigo até a linha de maré dos mortos. Ele conhecia alguns dos homens pelo nome e franziu a testa ao ver os jovens mortos que mal tiveram tempo de viver antes de encontrar o inimigo. Abaixou-se e tocou com um dedo a testa de Bors, depois parou diante de um saxão caído com uma flecha cravada na boca aberta. Por um momento pensei que Artur iria falar, depois ele apenas sorriu. Sabia que Guinevere estava entre meus homens, na verdade devia tê-la visto em seu cavalo e visto seu estandarte, que agora tremulava ao lado de minha bandeira com a estrela. Olhou de novo para a flecha e vi um clarão de felicidade em seu rosto. Ele tocou meu braço e me guiou de volta em direção aos nossos homens, que estavam sentados ou então apoiados nas lanças.

Um homem nas fileiras saxãs que se reuniam tinha reconhecido Artur, e agora veio no amplo espaço entre os exércitos e gritou um desafio para ele. Era Liofa, o espadachim que eu tinha enfrentado em Thunreslea, e ele chamou Artur de covarde e mulher. Não traduzi e Artur não pediu. Liofa chegou mais perto. Não portava escudo nem usava armadura, nem mesmo um elmo, e levava apenas a espada, agora na bainha, como se a mostrar que não tinha medo de nós. Eu podia ver a cicatriz em seu rosto e me senti tentado a me virar e lhe dar uma cicatriz maior, uma que o pusesse na sepultura, mas Artur me impediu.

— Deixe-o — falou.

Liofa continuou nos provocando. Ele se requebrava como uma mulher, sugerindo que éramos isso, e ficou de costas para nós, convidando que alguém viesse atacá-lo. Mesmo assim ninguém se moveu. Ele se virou para nos encarar de novo, balançou a cabeça com pena de nossa covardia e depois caminhou seguindo a linha de mortos. Os saxões o aplaudiram enquanto meus homens olhavam em silêncio. Passei a notícia à nossa linha dizendo que ele era o campeão de Cerdic e que era perigoso, e que deveria ser deixado em paz. Incomodava a nossos homens verem um saxão tão cheio de si, mas era melhor que Liofa vivesse agora do que receber a chance de humilhar um dos nossos lanceiros cansados. Artur tentou dar ânimo aos homens montando de novo em Llamrei e, ignorando as provocações de Liofa, galopando ao longo da linha de cadáveres. Ele espalhou os feiticeiros saxões nus, desembainhou Excalibur e chegou ainda mais perto da fileira saxã, mostrando a crista de plumas brancas e a capa suja de sangue. Seu escudo com a cruz vermelha brilhava, e meus homens gritaram de alegria ao vê-lo. Os saxões se encolheram para longe, enquanto Liofa, impotente com a chegada de Artur, chamava-o de coração de mulher. Artur virou o animal e voltou para perto de mim. Seu gesto implicava que Liofa não era um opositor digno, o que deve ter ferido o orgulho do campeão dos saxões, porque ele chegou ainda mais perto da fileira em busca de um oponente.

Liofa parou perto de uma pilha de cadáveres. Pisou no sangue derramado, depois pegou um escudo caído. Levantou-o para que todos pudessemos ver a águia de Powys e, quando tinha certeza de que tínhamos visto o símbolo, jogou o escudo no chão, abriu o calção e mijou na insígnia de Powys. Moveu a mira de modo que a urina caísse no morto que era dono do escudo, e esse insulto se mostrou grande demais.

Cuneglas rugiu de fúria e saiu correndo da fileira.

— Não! — gritei e fui na direção de Cuneglas. Era melhor que eu lutasse com Liofa, porque pelo menos conhecia seus truques e sua velocidade, mas era tarde demais. Cuneglas tinha desembainhado a espada e me ignorou. Achava-se invulnerável naquele dia. Era o rei da batalha, um homem que tinha precisado se mostrar como herói, que conseguira isso e agora acreditava que tudo era possível. Ele derrubaria aquele saxão impudente diante de seus homens, e durante anos os bardos cantariam sobre o rei Cuneglas, o Poderoso, o rei Cuneglas, o Matador de Saxões, o rei Cuneglas, o Guerreiro.

Eu não poderia salvá-lo porque ele perderia prestígio caso se virasse ou se outro homem ocupasse seu lugar, por isso olhei, horrorizado, enquanto ele caminhava cheio de confiança em direção ao saxão magro que não usava armadura. Cuneglas estava usando o antigo equipamento

de guerra de seu pai, ferro enfeitado com ouro, e com um elmo encimado por uma asa de águia. Estava sorrindo. Naquele momento estava exultante, cheio dos heroísmos do dia, e se acreditava tocado pelos Deuses. Não hesitou, mas baixou a espada sobre Liofa, e todos poderíamos ter jurado que aquele golpe acertaria, mas Liofa deslizou, deu um passo de lado, riu e depois se desviou de novo quando a espada de Cuneglas cortava o ar pela segunda vez.

Tanto nossos homens quanto os saxões rugiam encorajamentos. Só Artur e eu estávamos em silêncio. Eu estava vendo o irmão de Ceinwyn morrer e nada podia fazer para impedir. Pelo menos nada com honra, porque se resgatasse Cuneglas eu o desgraçaria. Artur me olhou de sua sela, o rosto preocupado.

Eu não podia aliviar a preocupação de Artur.

— Lutei com ele — falei amargo —, e ele é um matador.

— Você está vivo.

— Sou um guerreiro, senhor.

Cuneglas nunca fora um guerreiro, por isso queria se provar agora, mas Liofa o estava fazendo de bobo. Cuneglas atacava, tentando esmagar Liofa com sua espada, e a cada vez o saxão apenas se desviava ou deslizava para o lado, e nenhuma vez contra-atacou; e pouco a pouco nossos homens ficaram em silêncio, porque viam que o rei estava se cansando e Liofa brincava com ele.

Então, um grupo de homens de Powys correu para salvar seu rei. Liofa deu três passos rápidos para trás e fez um gesto mudo para eles com a espada. Cuneglas se virou para ver seus homens.

— Voltem! — gritou. — Voltem! — repetiu, com mais raiva. Devia saber que estava condenado, mas não perderia prestígio. Honra é tudo.

Os homens de Powys pararam. Cuneglas se virou de novo para Liofa, e dessa vez não se adiantou às pressas, foi com mais cautela. Pela primeira vez sua espada chegou a tocar a lâmina de Liofa. Vi Liofa escorregar na grama e Cuneglas deu um grito de vitória e levantou a espada para matar seu atormentador, mas Liofa estava girando, o escorregão era deliberado, e o giro de seu golpe levou a espada pouco acima do capim, cortando a perna direita de Cuneglas. Por um momento Cuneglas ficou de pé, com a espada balançando, e então, enquanto Liofa se levantava, ele caiu. O saxão esperou até o rei desmoronar, depois chutou o escudo de Cuneglas para o lado e estocou uma vez para baixo, com a ponta da espada.

Os saxões rugiram de alegria, porque o triunfo de Liofa era um presságio de sua vitória. O próprio Liofa só teve tempo para levantar a espada de Cuneglas, depois correu agilmente para longe dos homens que o perseguiam em busca de vingança. Ele os deixou para trás facilmente, depois se virou e provocou-os. Não tinha necessidade de lutar com eles, porque havia vencido o desafio. Tinha matado um rei inimigo, e não

duvidei de que os bardos saxões cantariam sobre Liofa, o Terrível, matador de reis. Ele dera a primeira vitória do dia aos saxões.

Artur desmontou e nós dois insistimos em levar o corpo de Cuneglas de volta para seus homens. Nós dois choramos. Em todos os longos anos não tínhamos possuído um aliado mais firme do que Cuneglas ap Gorfyddyd, rei de Powys. Ele jamais tinha discutido com Artur, e nenhuma vez lhe faltou, e para mim tinha sido um irmão. Era um bom homem, doador de ouro, amante da justiça, e agora estava morto. Os guerreiros de Powys tiraram de nós seu rei morto e o levaram para trás da parede de escudos.

— O nome do matador dele é Liofa, e darei cem moedas de ouro ao homem que me trouxer sua cabeça — falei.

Então, um grito fez com que eu me virasse. Tendo a certeza da vitória, os saxões haviam começado a avançar.

Meus homens se levantaram. Enxugaram o suor do rosto. Recoloquei meu elmo amassado e ensanguentado, fechei as peças laterais e peguei uma lança caída.

Estava na hora de lutar de novo.

Era o maior ataque saxão do dia, e foi feito por um jorro de lanceiros confiantes que se haviam recuperado da surpresa anterior e agora vinham para rachar nossas linhas e resgatar Aelle. Rugiam cantando enquanto vinham, batiam lanças em escudos e prometiam uns aos outros vinte britânicos mortos para cada um. Os saxões sabiam que haviam vencido. Tinham recebido o pior que Artur poderia lhes dar, tinham lutado até um impasse, tinham visto seu campeão matar um rei inimigo e agora, com as tropas descansadas na frente, avançavam para acabar conosco. Os francos prepararam suas lanças leves, prontos para atirá-las numa chuva de aço afiado sobre nossa parede de escudos.

Quando, de súbito, uma trompa soou no Mynydd Baddon.

A princípio poucos de nós ouvimos a trompa, tão altos eram os gritos, o barulho dos pés e os gemidos dos agonizantes, mas então a trompa soou de novo, e uma terceira vez. E ao terceiro toque os homens se viraram e olharam para a muralha abandonada do Mynydd Baddon. Até os francos e saxões pararam. Estavam a apenas cinquenta passos de nós quando a trompa os fez parar e eles, como nós, viraram a cabeça para olhar a comprida encosta verde.

E viram um único cavaleiro com um estandarte.

Era apenas um estandarte, mas enorme: um enorme pedaço de linho branco onde estava bordado o dragão branco da Dumnonia. A fera, toda garras, cauda e fogo, levantava as patas na bandeira que pegou o vento e quase derrubou o cavaleiro que a segurava. Mesmo dessa distância podíamos ver que o cavaleiro montava rigidamente e sem jeito, como se não pudesse controlar o cavalo preto nem firmar a bandeira

enorme, mas então dois lanceiros apareceram atrás e cutucaram o animal com suas armas, e o bicho saltou morro abaixo e seu cavaleiro foi sacudido para trás com força devido ao movimento súbito. Ele se inclinou para a frente de novo enquanto o cavalo disparava encosta abaixo, sua capa preta se estendeu para trás e vi que a armadura debaixo da capa era de um branco brilhante, tão branco quanto o linho da bandeira. Atrás dele, derramando-se do Mynydd Baddon como havíamos nos derramado logo depois do alvorecer, veio uma massa de homens gritando com escudos pretos e outros com javalis pintados nos escudos. Oengus Mac Airem e Culhwch tinham vindo, mas em vez de atacar pela estrada de Corinium haviam primeiro subido o Mynydd Baddon, para que seus homens pudessem se juntar aos nossos.

Mas era para o cavaleiro que eu olhava. Ele montava muito desajeitado, e agora dava para ver que estava amarrado ao cavalo. Seus tornozelos estavam presos com corda sob a barriga do garanhão, e o corpo fixo à sela com o que pareciam pedaços de madeira presos à armação. Ele não usava elmo, de modo que os cabelos compridos voavam ao vento, e debaixo do cabelo o rosto do cavaleiro não passava de um crânio sorridente coberto por uma pele amarela e ressecada. Era Gawain, o morto Gawain, com os lábios e as gengivas encolhidas e mostrando os dentes, as narinas duas fendas pretas e os olhos órbitas vazias. A cabeça balançava de um lado para o outro enquanto o corpo, ao qual estava amarrada a bandeira do dragão da Britânia, balançava de um lado para o outro.

Era a morte num cavalo preto chamado Anbarr e, ao ver aquela figura monstruosa vindo em direção ao seu flanco, a confiança dos saxões se abalou. Os Escudos Pretos estavam gritando atrás de Gawain, impulsionando o cavalo e seu cavaleiro morto por cima das cercas vivas e indo direto para o flanco saxão. Os Escudos Pretos não atacaram numa fileira, e sim numa massa uivante. Esse era o modo irlandês de guerrear, um ataque aterrorizante de homens enlouquecidos que vinham para a matança como se fossem amantes.

Por um momento a batalha tremeu. Os saxões tinham estado à beira da vitória, mas Artur viu sua hesitação e inesperadamente gritou para que avançássemos.

— Andem! — gritou ele. — Para a frente!

Mordred acrescentou seu comando ao de Artur.

Assim começou a matança no Mynydd Baddon. Os bardos contam tudo, e pela primeira vez não exageraram. Nós atravessamos a linha de cadáveres e levamos as lanças para o exército saxão no momento em que os Escudos Pretos e os homens de Culhwch chegavam ao seu flanco. Por alguns instantes houve o clangor de espada contra espada, o ruído de machados em escudos, a batalha de grunhidos, empurrões, suor, formada pelos escudos travados, mas então o exército saxão se rompeu

e lutamos entre suas fileiras rasgadas em campos que ficaram escorregadios com sangue franco e saxão. Os saxões fugiram, rompidos por uma carga louca liderada por um morto num cavalo preto, e nós os matamos até não pensar mais em matar. Atulhamos a ponte de espadas com mortos saxões. Furamos com lanças, estripamos, e alguns simplesmente se afogaram no rio. A princípio não fizemos prisioneiros, mas lançamos anos de ódio contra os inimigos. O exército de Cerdic tinha se despedaçado sob o assalto duplo, e rugíamos entre suas fileiras partidas e disputávamos uns com os outros a matança. Era uma orgia de morte, um turbilhão de chacina. Havia alguns saxões tão aterrorizados que não podiam se mexer, que literalmente ficavam parados, arregalados, esperando para ser mortos, enquanto havia outros que lutavam como demônios e outros que morriam correndo e outros que tentavam escapar no rio. Tínhamos perdido qualquer sugestão de uma parede de escudos, não passávamos de uma matilha de enlouquecidos cães de guerra rasgando o inimigo em pedaços. Vi Mordred mancando com seu pé torto enquanto cortava saxões, vi Artur a cavalo perseguindo fugitivos, vi os homens de Powys vingando mil vezes seu rei. Vi Galahad cortando à esquerda e à direita sobre seu cavalo, o rosto calmo como sempre. Vi Tewdric vestido num manto de padre, esquelético e com o cabelo tonsurado, golpeando selvagememente com uma grande espada. O velho bispo Emrys estava lá, com uma cruz enorme pendurada no pescoço e um velho peitoral amarrado sobre o manto com uma corda de crina de cavalo.

— Vão para o inferno! — gritava ele enquanto furava com uma lança os saxões impotentes. — Queimem para sempre no fogo purificador!

Vi Oengus Mac Airem, com a barba encharcada de sangue saxão, furando mais inimigos. Vi Guinevere montando o cavalo de Mordred e cortando com a espada que tínhamos lhe dado. Vi Gawain, com a cabeça caída, curvado morto sobre o cavalo ensanguentado que pastava pacificamente a grama cortada junto aos cadáveres saxões. Finalmente vi Merlin, porque ele tinha vindo com o cadáver de Gawain, e mesmo sendo um velho, estava golpeando saxões com seu cajado e xingando-os de vermes miseráveis. Ele tinha uma escolta de Escudos Pretos. Viu-me, sorriu e acenou para mim em meio à matança.

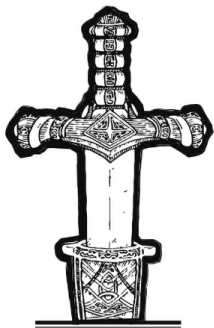
Passamos por cima do povoado de Cerdic, onde as mulheres e crianças se encolhiam nas cabanas. Culhwch e uns vinte homens abriam caminho como carneiros através de alguns lanceiros saxões que tentavam proteger as famílias e a bagagem abandonada de Cerdic. Os guardas saxões morreram e o ouro pilhado se derramou como farelo. Lembro-me da poeira se levantando como uma névoa, de gritos de mulheres e homens, crianças e cães correndo aterrorizados, cabanas queimando e soltando fumaça, e sempre os grandes cavalos de Artur

trovejando em meio ao pânico com lanças que mergulhavam para pegar os lanceiros inimigos pelas costas. Não há alegria igual à destruição de um exército partido. A parede de escudos se rompe e a morte governa, e assim matamos até termos os braços cansados demais para levantar uma espada, e quando a matança terminou vimo-nos num pântano de sangue, e foi então que meus homens descobriram a cerveja e o hidromel na bagagem dos saxões, e começou a bebedeira. Algumas mulheres saxãs encontraram proteção entre nossos poucos homens sóbrios que levavam água do rio para os feridos. Procuramos amigos vivos e os abraçamos, vimos amigos mortos e choramos por eles. Conhecemos o delírio da vitória absoluta, compartilhamos as lágrimas e o riso, e alguns homens, cansados como estavam, dançavam de pura alegria.

Cerdic escapou. Ele e sua guarda pessoal atravessaram o caos e subiram as colinas do leste. Alguns saxões nadaram até o outro lado do rio, enquanto outros seguiram Cerdic e alguns fingiram estar mortos e escaparam durante a noite, mas a maioria ficou no vale abaixo do Mynydd Baddon, e continua lá até hoje.

Porque tínhamos vencido. Tínhamos transformado os campos junto ao rio num matadouro. Tínhamos salvado a Britânia e realizado o sonho de Artur. Éramos os reis da matança e os senhores dos mortos, e uivávamos nosso triunfo sangrento para o céu.

Porque o poder dos saxões estava partido.



Parte 3

A Maldição de Nimue

A RAINHA IGRAINE SENTOU-SE NA minha janela e leu as últimas folhas de pergaminho, algumas vezes perguntando o significado de uma palavra em saxão, mas afora isso sem dizer nada. Leu às pressas a história da batalha, depois jogou os pergaminhos no chão, com nojo.

— O que aconteceu com Aelle? — perguntou, indignada. — Ou com Lancelot?

— Chegarei ao destino deles, senhora. — Eu tinha prendido uma pena sobre a mesa com o coto de meu braço esquerdo e estava afinando a ponta com uma faca. Soprei as lascas no chão. — Tudo no devido tempo.

— Tudo no devido tempo! — zombou ela. — Você não pode deixar uma história sem final, Derfel!

— Ela terá um final.

— Precisa de um final aqui e agora — insistiu minha rainha. — Esse é o objetivo das histórias. A vida não precisa de finais bem-feitos, por isso as histórias devem tê-los. — Agora Igraine se encontra muito inchada, porque a criança está perto de nascer. Rezarei por ela e ela precisará de minhas orações, porque muitas mulheres morrem ao dar à luz. As vacas não sofrem assim, nem gatas, nem porcas, nem cadelas, nem gazelas, nem raposas, nem qualquer criatura além da humanidade. Sansum diz que é porque Eva pegou a maçã no Éden e com isso azedou nosso paraíso. As mulheres, segundo o santo, são a punição de Deus aos homens. E as crianças a punição Dele para as mulheres. — Então o que aconteceu com Aelle? — perguntou Igraine, séria, quando não respondi às suas palavras.

— Foi morto pelo golpe de uma lança. Ela o acertou bem aqui — bati nas costelas logo acima do coração. A história era mais comprida do que isso, claro, mas eu não tencionava contar naquela hora, por isso senti pouco prazer em lembrar a morte de meu pai, mas acho que devo colocá-la na história, para que esta seja completa. Artur deixara seus homens pilhando o acampamento de Cerdic e voltou a cavalo para constatar se os cristãos de Tewdric tinham acabado com o exército de Aelle que estava encurralado. Encontrou o resto desses saxões derrotados, sangrando e agonizantes, mas ainda desafiadores. O próprio Aelle estava ferido e não podia mais segurar um escudo, mas não cedia. Em vez disso, rodeado por sua guarda pessoal e pelos últimos de seus lanceiros, esperava que os soldados de Tewdric viessem matá-lo.

Os lanceiros de Gwent relutavam em atacar. Um inimigo acuado é perigoso, e se ainda possuir uma parede de escudos, como acontecia com

os homens de Aelle, fica duplamente perigoso. Muitos lanceiros de Gwent já haviam morrido, dentre eles o bom e velho Agrícola, e os sobreviventes não queriam pressionar mais uma vez contra os escudos saxões. Artur não insistira para que tentassem, em vez disso falou com Aelle, e quando Aelle se recusou a se render Artur me convocou. Ao chegar junto de Artur pensei que ele tinha trocado sua capa branca por uma vermelha, mas era a mesma, apenas tão coberta de sangue que parecia vermelha. Ele me recebeu com um abraço, depois, com o braço nos meus ombros, levou-me ao espaço entre as paredes de escudos que se opunham. Eu me lembro de que havia um cavalo agonizante, homens mortos, escudos abandonados e armas quebradas.

— Seu pai não quer se render — disse Artur. — Mas acho que irá ouvi-lo. Diga que ele deve ser nosso prisioneiro, mas que viverá com honra e pode passar seus dias no conforto. Também prometo a vida dos seus homens. Ele só precisa me entregar a espada. — Artur olhou para os saxões em menor número e encurralados. Eles estavam em silêncio. Em seu lugar nós teríamos cantado, mas aqueles saxões esperavam a morte em silêncio absoluto. — Diga que já houve matança suficiente, Derfel.

Tirei o cinto de Hywelbane, deixei-a no chão com meu escudo e a lança, depois fui encarar meu pai. Aelle parecia fraco, abalado e ferido, mas veio mancando me encontrar, de cabeça erguida. Não tinha escudo, mas segurava uma espada na mão direita mutilada.

— Eu achava que eles iriam mandá-lo — grunhiu. O gume de sua espada estava cheio de mossas, a lâmina coberta com uma crosta de sangue. Ele fez um gesto abrupto com a arma quando comecei a descrever a oferta de Artur. — Sei o que ele quer de mim — interrompeu. — Quer minha espada, mas eu sou Aelle, o Bretwalda da Britânia, e não entrego minha espada.

— Pai — recomencei.

— Me chame de rei!

Sorri diante de seu desafio e baixei a cabeça.

— Senhor rei, nós oferecemos a vida de seus homens e...

De novo ele me interrompeu.

— Quando um homem morre em batalha vai para um lar abençoado no céu. Mas para chegar a esse grande salão de festas ele precisa morrer de pé, com a espada na mão e os ferimentos na frente. — Ele parou e quando recommçou a falar sua voz estava muito mais baixa. — Você não me deve nada, filho, mas eu aceitaria como uma gentileza se me desse o lugar naquele salão festivo.

— Senhor rei — falei, mas ele me interrompeu pela quarta vez.

— Eu seria enterrado aqui — continuou como se eu não tivesse falado —, com os pés para o norte e a espada na mão. Não lhe peço mais nada. — Ele se virou de novo para os seus homens e vi que mal

conseguia ficar de pé. Devia estar muito ferido, mas sua grande capa de urso escondia o ferimento. — Hrothgar! — gritou para um de seus lanceiros. — Dê sua lança ao meu filho. — Um saxão jovem e alto saiu da parede de escudos e obedientemente estendeu a lança. — Pegue! — disse-me Aelle rispidamente e obedeci. Hrothgar me lançou um olhar nervoso e correu de volta para os companheiros.

Aelle fechou os olhos um instante e vi uma careta atravessar seu rosto endurecido. Ele estava pálido sob a sujeira e o suor, e de repente trincou os dentes quando outra dor violenta rasgou-o, mas resistiu à dor e até tentou sorrir quando se adiantou para me abraçar. Apoiou o peso em meus ombros e pude ver a respiração áspera em sua garganta.

— Acho que você é o melhor dos meus filhos — falou em meu ouvido. — Agora me dê um presente. Dê-me uma boa morte, Derfel, porque eu gostaria de ir para o salão festivo dos guerreiros de verdade. — Ele deu um passo atrás, encostou a espada no corpo e laboriosamente desamarrou as tiras de couro de sua capa de pele. Ela caiu e eu vi que todo o lado esquerdo de seu corpo estava empapado de sangue. Ele tinha sofrido um golpe de lança por baixo do peitoral, e outro golpe o havia acertado no ombro, deixando o braço esquerdo pendendo inútil, por isso foi forçado a usar a mão direita, mutilada, para soltar as tiras de couro que prendiam o peitoral na cintura e nos ombros. Remexeu desajeitadamente as fivelas, mas quando eu me adiantei para ajudar ele recusou. — Estou tornando mais fácil para você, mas quando eu estiver morto, ponha o peitoral de novo no meu cadáver. Vou precisar de armadura no salão de festas, porque há muitas lutas lá. Lutas, festas e... — ele parou, de novo atravessado pela dor. Trincou os dentes, gemeu e depois se empertigou para me encarar. — Agora me mate — ordenou.

— Não posso matá-lo — falei, mas estava pensando na profecia de minha mãe louca, de que seria o filho de Aelle quem mataria Aelle.

— Então devo matá-lo — falou e, desajeitadamente, virou a espada para mim. Eu me afastei do golpe e ele tropeçou e quase caiu quando tentou me acompanhar. Parou, ofegante, e me olhou. — Em nome de sua mãe, Derfel — implorou —, você ia querer que eu morresse no chão como um cachorro? Você não pode me dar nada? — Meu pai tentou me golpear de novo, e dessa vez o esforço foi demasiado. Ele começou a oscilar e vi que havia lágrimas em seus olhos, e entendi que o modo de sua morte não era coisa pequena. Ele se obrigou a ficar de pé e fez um esforço imenso para levantar a espada. Mais sangue brilhou no lado esquerdo de seu peito, seus olhos estavam ficando vítreos, mas ele manteve o olhar no meu enquanto dava um último passo adiante e brandia um golpe frágil em direção à minha cintura.

Deus me perdoe, mas então enfiei a lança. Pus todo o peso e toda a força no golpe e a lâmina pegou o peso dele que estava caindo e o segurou de pé mesmo enquanto eu despedaçava suas costelas e

penetrava fundo em seu coração. Ele deu um tremor enorme e um olhar de determinação implacável veio ao seu rosto agonizante, e por uma fração de segundo pensei que ele quis levantar a espada para um último golpe, mas então vi que meramente se certificava de que a mão direita, ferida, estivesse apertando o punho da espada. Depois caiu e estava morto antes de bater no chão, mas a espada, sua espada cheia de mossas e sangrenta, continuava segura. Um gemido se ergueu de seus homens. Alguns estavam em lágrimas.

— Derfel? — disse Igraine. — Derfel!

— Senhora?

— Você estava dormindo.

— É a idade, senhora, simplesmente a idade.

— Então Aelle morreu na batalha — falou rapidamente. — E Lancelot?

— Isso vem depois — falei com firmeza.

— Conte agora!

— Eu lhe disse, isso vem depois. E odeio histórias que contam o fim antes do início.

Por um momento pensei que ela iria protestar, mas em vez disso apenas suspirou diante de minha obstinação e continuou com sua lista de coisas inacabadas.

— O que aconteceu com o campeão dos saxões, Liofa?

— Morreu. De modo muito horrível.

— Bom! — disse ela, parecendo interessada. — Conte!

— Foi uma doença, senhora. Alguma coisa inchou em sua virilha e ele não podia se sentar nem se deitar, e até ficar de pé era uma agonia. Ficou cada vez mais magro, e finalmente morreu, suando e tremendo. Foi o que ouvimos dizer.

Igraine ficou indignada.

— Então ele não foi morto no Mynydd Baddon?

— Ele escapou com Cerdic.

Igraine deu de ombros, insatisfeita, como se de algum modo tivéssemos fracassado ao deixar o campeão dos saxões escapar.

— Mas os bardos — disse ela e gemi, porque sempre que minha rainha menciona os bardos sei que estou para ser confrontado com a versão deles para a história que, inevitavelmente, Igraine prefere, mesmo que eu tenha estado presente quando a história foi feita, e que os bardos nem mesmo fossem nascidos. — Todos os bardos — disse ela com firmeza, ignorando meu gemido de protesto — contam que o combate de Cuneglas com Liofa durou quase a manhã inteira, e que Cuneglas matou seis campeões antes de ser acertado por trás.

— Ouvi essas canções — falei prudentemente.

— E? — Ela me encarou, irada. Cuneglas era avô de seu pai, e o orgulho familiar estava correndo risco. — E?

— Eu estava lá, senhora — falei simplesmente.

— Você tem memória de velho, Derfel — disse ela em tom desaprovador, e não tenho dúvida de que quando Dafydd, o escrivão de justiça que faz a tradução de meus pergaminhos, chegar à passagem sobre a morte de Cuneglas ele irá mudá-la para atender aos desejos de minha senhora. E por que não? Cuneglas foi um herói, e não fará mal se a história se lembrar dele como um grande guerreiro, mas na verdade ele não era um soldado. Era um homem decente, sensível, e mais sábio do que indicava sua idade, mas não era um homem cujo coração inchasse ao segurar uma lança. Sua morte foi a tragédia do Mynydd Baddon, mas uma tragédia que nenhum de nós percebeu no delírio da vitória. Nós o queimamos no campo de batalha e sua fogueira funerária chamejou durante três dias e três noites, e no último alvorecer, quando havia apenas brasas em meio às quais estavam os restos derretidos da armadura de Cuneglas, nos reunimos em volta da pira e cantamos a Canção da Morte de Werlinna. Além disso, matamos vinte prisioneiros saxões, mandando suas almas para acompanhar Cuneglas em honra até o Outro Mundo, e me lembro de ter pensado que era bom para minha querida Dian que seu tio tivesse atravessado a ponte de espadas para lhe fazer companhia no mundo das torres de Annwn.

— E Artur? — perguntou Igraine, ansiosa. — Ele correu para Guinevere?

— Não vi o encontro dos dois.

— Não importa o que você viu — disse Igraine com severidade. — Nós precisamos disso aqui. — Ela empurrou com o pé a pilha de pergaminhos terminados. — Você deveria ter escrito o encontro deles, Derfel.

— Eu lhe disse, não vi.

— O que isso importa? Seria um fim muito bom para a batalha. Nem todo mundo gosta de ouvir sobre lanças e mortes, Derfel. As histórias de homens se matando podem ficar muito maçantes depois de um tempo, e uma história de amor torna tudo muito mais interessante.

E sem dúvida a batalha estará cheia de romance assim que ela e Dafydd mutilarem minha história. Algumas vezes eu gostaria de poder escrever essa história na língua britânica, mas dois dos monges sabem ler e poderiam me trair com Sansum; por isso devo escrever em saxão e confiar em que Igraine não mude a história quando Dafydd lhe der a tradução. Sei o que Igraine quer: quer que Artur corra por entre os cadáveres e que Guinevere espere por ele de braços abertos, e que os dois se encontrem em êxtase, e talvez tenha acontecido assim, mas suspeito de que não, porque ela era orgulhosa demais e ele era muito acanhado. Imagino que choraram ao se encontrar, mas nenhum dos dois me contou, por isso não devo inventar nada. Sei que Artur se tornou um homem feliz depois do Mynydd Baddon, e não foi somente a vitória

sobre os saxões que lhe deu essa felicidade.

— E quanto a Argante? — quis saber Igraine. — Você deixa muita coisa de fora, Derfel.

— Chegarei a Argante.

— Mas o pai dela estava lá. Oengus não ficou com raiva porque Artur voltou para Guinevere?

— Vou contar tudo sobre Argante no tempo devido.

— E Amhar e Loholt? Você não se esqueceu deles?

— Eles escaparam. Encontraram um bote e remaram até o outro lado do rio. Temo que os encontraremos de novo nesta narrativa.

Igraine tentou arrancar mais alguns detalhes, mas insistiu em que contaria a história no meu ritmo e com a minha ordem. Ela finalmente abandonou as perguntas e parou para colocar os pergaminhos escritos na bolsa de couro que usava para levá-los de volta ao Caer; Igraine estava achando difícil se curvar, mas recusou minha ajuda.

— Vou ficar muito feliz quando o bebê nascer. Meus seios estão machucados, as pernas e as costas doem e não ando mais, só bamboleio que nem um ganso. Brochvael também está chateado com isso.

— Os maridos jamais gostam quando as mulheres ficam grávidas.

— Então não deviam tentar tão intensamente encher a barriga delas — disse Igraine em tom cortante. Em seguida parou para ouvir quando Sansum gritou com o irmão Llewellyn por ter deixado seu balde de leite na passagem.

Pobre Llewellyn. É um noviço em nosso mosteiro, e ninguém trabalha mais em troca de menos, e agora, por causa de um balde de madeira, vai ser condenado a uma semana de surras diárias dadas pelo irmão Tudwal, o rapaz — na verdade pouco mais do que uma criança — que está sendo preparado como sucessor de Sansum. Todo o nosso mosteiro vive com medo de Tudwal, e só eu escapo do pior de seu mau humor, graças à amizade de Igraine. Sansum precisa demais da proteção do marido dela para se arriscar ao desprazer de Igraine.

— Esta manhã — disse Igraine — vi um cervo com uma galhada só. É um mau presságio, Derfel.

— Nós, cristãos, não acreditamos em presságios.

— Mas vejo você tocando aquele prego na sua mesa.

— Nem sempre somos bons cristãos.

Ela fez uma pausa.

— Estou preocupada com o parto.

— Todos estamos rezando pela senhora.

Eu sabia que era uma resposta inadequada. Mas tinha feito mais do que rezar na pequena capela de nosso mosteiro. Tinha encontrado uma pedra de águia, rabiscado seu nome na superfície e enterrado perto de um freixo. Se Sansum soubesse que eu tinha realizado aquele feitiço antigo iria se esquecer da necessidade da proteção de Brochvael e

mandaria São Tudwal me espancar até tirar sangue durante um mês. Mas, afinal de contas, se soubesse que eu estava escrevendo essa história de Artur, o santo faria o mesmo.

No entanto devo escrevê-la, e por um tempo será fácil, porque agora vem a época feliz, os anos de paz. Mas também foram os anos em que a escuridão se aproximava, sem que víssemos, porque só víamos o sol e nunca ligávamos para as sombras. Pensávamos ter derrotado as sombras e que o sol iluminaria a Britânia para sempre. Mynydd Baddon era a vitória de Artur, sua maior realização, e talvez a história devesse terminar aqui; mas Igraine está certa, a vida não tem finais bem-acabados, por isso devo continuar com esta narrativa sobre Artur, meu senhor, meu amigo e o parteiro da Britânia.

Artur deixou os homens de Aelle viverem. Eles baixaram suas lanças e foram distribuídos entre os vencedores, como escravos. Usei alguns para ajudar a cavar a sepultura do meu pai. Cavamos fundo naquela terra macia e úmida ao lado do rio e ali pusemos Aelle com os pés virados para o norte e com a espada na mão, com o peitoral sobre o coração partido, o escudo sobre a barriga e a lança que o matara ao lado do cadáver, e então enchemos a sepultura e fiz uma oração a Mitra, enquanto os saxões rezavam ao seu Deus do Trovão.

Ao anoitecer as primeiras piras funerárias estavam acesas. Ajudei a pôr os cadáveres de meus homens em suas piras, depois deixei seus colegas cantando para levar suas almas ao Outro Mundo, enquanto eu pegava meu cavalo e ia para o norte através das sombras longas e suaves. Fui em direção ao povoado onde nossas mulheres tinham encontrado abrigo, e enquanto subia os morros do norte o ruído do campo de batalha recuava. Era o som de fogos estalando, de mulheres chorando, de elegias cantadas e bêbados gritando selvagememente.

Levei a Ceinwyn a notícia da morte de Cuneglas. Ela me olhou enquanto eu contava, e por um momento não demonstrou reação, mas então as lágrimas se incharam nos olhos. Ela puxou a capa sobre a cabeça.

— Pobre Perddel — disse, falando do filho de Cuneglas que agora era o rei de Powys.

Contei como seu irmão tinha morrido e então ela recuou para a cabana onde estava hospedada com minhas filhas. Queria fazer um curativo no ferimento da minha cabeça, que parecia muito pior do que realmente era, mas não podia porque ela e as filhas deviam guardar luto por Cuneglas, o que significava que tinham de se trancar durante três dias e três noites, escondidas do sol, sem poder ver nem tocar nenhum homem.

Já estava escuro. Eu poderia ter ficado na aldeia, mas estava inquieto, por isso voltei para o sul, sob a luz da lua minguante. Primeiro

fui a Aquae Sulis, pensando que poderia achar Artur na cidade, mas só encontrei os restos incendiados da carnificina. Nosso *levy* tinha passado por cima da muralha inadequada e trucidado todos que acharam dentro, mas o horror terminou assim que as tropas de Tewdric ocuparam a cidade. Aqueles cristãos limparam o templo de Minerva, tirando as entranhas de três touros sacrificados que os saxões haviam deixado sangrando sobre os ladrilhos, e assim que o templo foi restaurado os cristãos fizeram um ritual de agradecimento. Ouvi seus cantos e fui procurar as minhas canções, mas meus homens tinham ficado no acampamento arruinado de Cerdic, e Aquae Sulis estava cheia de estranhos. Não pude encontrar Artur e nenhum outro amigo, a não ser Culhwch, e ele estava totalmente bêbado. E assim, na escuridão suave, cavaleguei para o leste ao longo do rio. O ar fedia a sangue e estava cheio de fantasmas, mas me arrisquei às fúrias no desespero de encontrar companhia. Achei um grupo dos homens de Sagramor cantando perto de uma fogueira, mas eles não sabiam onde seu comandante estava, por isso continuei cavalgando, atraído ainda mais para o leste pela visão de homens dançando em volta de uma fogueira.

Os que dançavam eram Escudos Pretos, e seus passos eram altos porque estavam dançando sobre as cabeças cortadas de seus inimigos. Eu ia passar ao largo dos Escudos Pretos que cabriolavam, mas então vislumbrei duas figuras em mantos brancos sentadas calmamente ao lado da fogueira em meio ao círculo de dançarinos. Uma delas era Merlin.

Prendi as rédeas de minha égua num toco de espinheiro, depois passei pelo círculo de dançarinos. Merlin e seu companheiro estavam fazendo uma refeição com pão, queijo e cerveja, e quando ele me viu não me reconheceu.

— Vá embora — disse com rispidez —, ou transformo você num sapo. Ah, é você, Derfel! — Ele pareceu desapontado. — Eu sabia que, se achasse comida, alguma barriga vazia ia querer compartilhar. Imagino que esteja com fome, não é?

— Estou, senhor.

Ele fez um gesto para que eu me sentasse ao lado.

— Suspeito de que este queijo seja saxão — falou em tom de dúvida — e estava coberto de sangue quando o achei, mas lavei direito. Bom, pelo menos enxuguei, e está surpreendentemente comestível. Acho que tem o bastante para você. — Na verdade, havia o bastante para uma dúzia de homens. — Este é Taliesin — falou, apresentando seu companheiro. — Ele é uma espécie de bardo de Powys.

Olhei para o famoso bardo e vi um rapaz de rosto inteligente. Tinha raspado a parte da frente da cabeça como um druida, usava barba preta e curta, tinha maxilar comprido, bochechas fundas e nariz estreito. Sua testa raspada era circulada por um fio fino de prata. Ele sorriu e baixou

a cabeça.

— Sua fama o precede, lorde Derfel.

— Assim como a sua.

— Ah, não! — gemeu Merlin. — Se vocês dois vão ficar rastejando um para o outro façam isso em outro lugar. Derfel luta — falou a Taliesin — porque realmente nunca cresceu, e você é famoso porque, por acaso, tem uma voz passável.

— Eu faço canções, além de cantar — disse Taliesin modestamente.

— E qualquer homem pode fazer uma canção se estiver suficientemente bêbado — disse Merlin sem dar importância, depois forçou a vista para mim. — Isso aí é sangue no seu cabelo?

— Sim, senhor.

— Você deveria agradecer porque não foi ferido num lugar crucial. — Ele riu, depois fez um gesto para os Escudos Pretos. — O que acha da minha guarda pessoal?

— Eles dançam bem.

— Eles têm muitos motivos para dançar. Que dia satisfatório! E Gawain não fez bem o seu papel? É tão gratificante quando um simplório demonstra ter alguma utilidade, e que simplório era o Gawain! Um garoto chato! Sempre tentando melhorar o mundo. Por que os jovens sempre acham que sabem mais do que os velhos? Você, Taliesin, não sofre desse equívoco tedioso. Taliesin — explicou Merlin — veio aprender a minha sabedoria.

— Tenho muito a aprender — murmurou Taliesin.

— Verdade, verdade — disse Merlin. Em seguida, empurrou uma jarra de cerveja na minha direção. — Gostou de sua batalhazinha, Derfel?

— Não. — Na verdade eu estava me sentindo estranhamente desanimado. — Cuneglas morreu.

— Ouvi falar sobre Cuneglas — disse Merlin. — Que idiota! Deveria deixar o heroísmo para os simplórios como você. Mesmo assim é uma pena ele ter morrido. Ele não era exatamente um homem inteligente, não o que eu chamaria de inteligente, mas não era um simplório, e isso é bastante raro ultimamente. E sempre foi gentil comigo.

— Para mim ele era a própria gentileza — disse Taliesin.

— Então agora você terá de arranjar um novo patrono — disse Merlin ao bardo. — E não olhe para Derfel. Ele não saberia dizer a diferença entre uma boa canção e um peido de novilho. O truque para uma vida de sucesso — agora ele estava dando lição a Taliesin — é ser filho de pais ricos. Vivi muito confortavelmente com meus arrendamentos, ainda que, pensando bem, não os recolha há anos. Você paga o meu arrendamento, Derfel?

— Deveria pagar, senhor. Mas nunca soube para onde mandar.

— Não que isso importe agora. Estou velho e frágil. Sem dúvida vou

morrer logo.

— Absurdo, o senhor está maravilhosamente em forma. — Ele parecia velho, claro, mas havia uma fagulha de malícia em seus olhos e uma animação no rosto antigo e enrugado. O cabelo e a barba estavam lindamente trançados e amarrados com fitas pretas, e o manto, a não ser pelo sangue seco, estava limpo. Além disso estava feliz; não só porque tínhamos alcançado a vitória, acho, mas porque gostava da companhia de Taliesin.

— A vitória dá a vida — disse ele como se não desse importância —, mas logo esqueceremos a vitória. Onde está Artur?

— Ninguém sabe. Ouvi dizer que passou longo tempo falando com Tewdric, mas não está com ele agora. Suspeito de que tenha encontrado Guinevere.

Merlin fez um muxoxo.

— Um cão retorna ao próprio vômito.

— Eu estou começando a gostar dela — falei na defensiva.

— Isso é bem do seu feitio — disse ele com escárnio —, e ousou dizer que ela não fará mal agora. Guinevere seria uma boa patrona para você — falou a Taliesin. — Ela tem um respeito absurdo pelos poetas. Só não suba na cama dela.

— Não há perigo disso, senhor — disse Taliesin.

Merlin gargalhou.

— O nosso jovem bardo aqui é celibatário — disse-me. — É uma cotovia castrada. Abriu mão do maior prazer que um homem pode ter em troca de preservar seu dom.

Taliesin viu minha curiosidade e sorriu.

— Não a minha voz, lorde Derfel, mas o dom da profecia.

— E é um dom genuíno! — disse Merlin com admiração sincera. — Mas duvido de que valha o celibato. Se eu tivesse de pagar esse preço teria abandonado o cajado de druida! Teria arrumado um emprego humilde, como o de bardo ou lanceiro.

— Você vê o futuro? — perguntei a Taliesin.

— Ele previu nossa vitória hoje — disse Merlin —, e sabia da morte de Cuneglas há um mês, mas não imaginou que um inútil estorvo saxão viria aqui roubar todo o meu queijo. — Ele pegou o queijo da minha mão. — Acho que agora você vai querer que ele preveja seu futuro, não é, Derfel?

— Não, senhor.

— Está certo. É melhor não saber o futuro. Tudo termina em lágrimas, é só o que há.

— Mas a alegria se renova — disse Taliesin em voz baixa.

— Ah, essa não! — exclamou Merlin. — A alegria se renova! A alvorada chega! A árvore floresce! As nuvens se abrem! O gelo derrete! Você pode fazer melhor do que esse tipo de besteira sentimental. — Ele

ficou em silêncio. Sua guarda pessoal tinha terminado a dança e fora se divertir com algumas mulheres saxãs capturadas. As mulheres tinham crianças, e seus gritos eram suficientemente altos para incomodar Merlin, que zombou: — O destino é inexorável — disse azedamente — e tudo termina em lágrimas.

— Nimue está com o senhor? — perguntei e, pela expressão de alerta de Taliesin, vi imediatamente que tinha feito a pergunta errada.

Merlin olhou para a fogueira. As chamas cuspiram uma brasa na direção dele, e ele cuspiu de volta para devolver a malícia do fogo.

— Não me fale de Nimue — disse depois de cuspir. Seu bom humor tinha desaparecido e me senti embaraçado por ter feito a pergunta. Ele tocou seu cajado preto, depois suspirou. — Ela está com raiva de mim.

— Por quê, senhor?

— Porque não pode ter as coisas como quer, claro. É isso que geralmente deixa as pessoas com raiva. — Outra madeira estalou no fogo, lançando fagulhas que ele espanou irritado do roupão depois de ter cuspidido para as chamas. — Madeira de lariço. Lariço recém-cortado odeia ser queimado. — Ele me olhou pensativo. — Nimue não aprovou que eu trouxesse Gawain para esta batalha. Acha que foi um desperdício, e creio que provavelmente ela estava certa.

— Ele trouxe a vitória, senhor — falei.

Merlin fechou os olhos e pareceu suspirar, dando a entender que eu era um tolo grande demais para ser suportado.

— Dediquei toda a vida a uma coisa — falou depois de um tempo. — Uma coisa simples. Queria restaurar os Deuses. Será que isso é tão difícil de entender? Mas fazer qualquer coisa bem-feita, Derfel, demora uma vida inteira. Ah, está tudo bem para idiotas como você, vocês podem pensar em ser magistrados num dia e lanceiros no outro, e quando tudo termina, o que alcançaram? Nada! Para mudar o mundo, Derfel, você precisa ter um objetivo único. Artur chega perto, devo reconhecer. Ele quer livrar a Britânia dos saxões e provavelmente conseguiu por um tempo, mas eles ainda existem e vão voltar. Talvez não no meu período de vida, talvez nem no seu, mas seus filhos e os filhos de seus filhos terão de lutar esta batalha de novo. Só há um caminho para a vitória real.

— O caminho dos Deuses.

— O caminho dos Deuses — concordou ele. — E esse foi o trabalho da minha vida. — Merlin olhou por um momento para seu negro cajado de druida e Taliesin ficou muito imóvel, observando-o. — Eu tinha um sonho na infância — disse em voz muito baixa. — Fui à caverna de Carn Ingli e sonhei que tinha asas e podia voar o bastante para ver toda a ilha da Britânia, e ela era muito linda. Linda, verde e rodeada por uma grande névoa que mantinha todos os nossos inimigos longe. A ilha abençoada, Derfel, a ilha dos Deuses, o único lugar da terra que era

digno deles, e desde aquele sonho, Derfel, foi só isso que eu quis. Trazer de volta aquela ilha abençoada. Trazer os Deuses de volta.

— Mas — tentei interromper.

— Não seja absurdo — gritou ele, fazendo Taliesin sorrir. — Pense! — apelou Merlin. — O trabalho da minha vida, Derfel!

— Mai Dun — falei em voz baixa.

Ele assentiu e então, por um tempo, não disse nada. Alguns homens cantavam à distância e em toda parte havia fogueiras. Os feridos gritavam no escuro enquanto cães e animais de rapina predavam os mortos e agonizantes. Ao alvorecer este exército acordaria bêbado diante do horror de um campo após a batalha, mas por enquanto cantavam e se empanturravam de cerveja capturada.

— No Mai Dun — Merlin quebrou o silêncio — cheguei muito perto. Muito perto. Mas fui fraco demais, Derfel, fraco demais. Eu amo Artur demais. Por quê? Ele não é espirituoso, sua conversa pode ser tão chata quanto a de Gawain, e ele tem uma dedicação absurda à virtude, mas eu o amo. Você também, por acaso. É uma fraqueza, sei disso. Posso gostar de homens fortes, mas gosto de homens honestos. Admiro a força simples, veja bem, e em Mai Dun deixei esse gosto me enfraquecer.

— Gwydre — falei.

Ele assentiu.

— Deveríamos tê-lo matado, mas não pude fazer isso. Não com o filho de Artur. Esta foi uma fraqueza terrível.

— Não.

— Não seja absurdo — disse ele em voz cansada. — O que é a vida de Gwydre diante dos Deuses? Ou da perspectiva de restaurar a Britânia? Nada! Mas não pude fazer. Ah, eu tinha desculpas. O pergaminho de Caleddin é muito claro, diz que “o filho do rei da terra” deve ser sacrificado, e Artur não é rei, mas isso é uma simples firula. O ritual precisava da morte de Gwydre e não pude me obrigar a isso. Matar Gawain não foi problema, foi até um prazer acabar com o falatório daquele virgem idiota, mas não Gwydre, por isso o ritual ficou inacabado. — Agora ele estava combalido, curvado e arrasado. — Eu fracassei.

— E Nimue não quer perdô-lo? — perguntei hesitante.

— Perdoar? Ela não sabe o significado dessa palavra. Para Nimue o perdão é uma fraqueza! E agora ela vai realizar o ritual, e não vai fracassar, Derfel. Nem que isso signifique matar os filhos de todas as mães da Britânia, ela fará. Colocará todos numa panela e dará uma boa mexida! — Ele deu um meio sorriso, depois encolheu os ombros. — Mas agora, claro, tornei as coisas muito mais difíceis para ela. Como o velho idiota sentimental que sou, tinha de tentar ajudar Artur a vencer essa refrega. Usei Gawain para isso e agora, acho, ela me odeia.

— Por quê?

Ele ergueu os olhos para o céu enfumaçado, como se apelasse aos Deuses para me dar um pouquinho de compreensão.

— Você acha, seu idiota, que o cadáver de um príncipe virgem é coisa tão fácil de achar? Levei anos para encher de absurdos a cabeça daquele simplório para que ele estivesse pronto para o sacrifício! E o que fiz hoje? Joguei Gawain fora! Só para ajudar Artur.

— Mas nós vencemos!

— Não seja absurdo. — Ele me encarou, irado. — Vocês venceram? O que é esta coisa revoltante no seu escudo?

Virei-me e olhei para o escudo.

— A cruz.

Merlin esfregou os olhos.

— Há uma guerra entre os Deuses, Derfel, e hoje dei a vitória a Yahweh.

— Quem?

— É o nome do Deus cristão. Algumas vezes eles o chamam de Jeová. Pelo que posso determinar ele não passa de um humilde Deus do fogo, de algum distante país desgraçado, que agora está decidido a usurpar todos os outros Deuses. Deve ser um miseravelzinho ambicioso, porque está vencendo, e fui eu quem lhe deu esta vitória hoje. O que você acha que os homens vão lembrar sobre esta batalha?

— A vitória de Artur — falei com firmeza.

— Dentro de cem anos, Derfel, eles não vão lembrar se foi uma vitória ou uma derrota.

Fiz uma pausa.

— A morte de Cuneglas?

— Quem se importa com Cuneglas? Não passará de mais um rei esquecido.

— A morte de Aelle?

— Um cão agonizante mereceria mais atenção.

— Então o quê?

Ele fez uma careta diante de minha ignorância.

— Eles vão se lembrar, Derfel, de que a cruz estava nos seus escudos. Hoje, seu idiota, nós demos a Britânia aos cristãos, e fui eu quem deu. Dei a Artur sua ambição, mas o preço, Derfel, foi pago por mim. Entende agora?

— Sim, senhor.

— E assim tornei a tarefa de Nimue muito mais difícil. Mas ela tentará, Derfel, e ela não é como eu. Ela não é fraca. Há uma dureza dentro de Nimue, uma dureza grande demais.

Sorri.

— Ela não matará Gwydre — falei, cheio de confiança —, porque nem Artur nem eu deixaremos. E não receberá Excalibur, então como

pode vencer?

Ele me encarou.

— Você acha, idiota, que você ou Artur têm força suficiente para resistir a Nimue? Ela é uma mulher, e o que as mulheres querem elas conseguem, e se o mundo e tudo que há nele tiver de se partir para isso, que assim seja. Primeiro ela vai me destruir, depois voltará os olhos para você. Não é verdade, meu jovem profeta? — perguntou ele a Taliesin, mas o bardo fechou os olhos. Merlin deu de ombros. — Devo levar as cinzas de Gawain para ela e dar toda a ajuda que puder, porque prometi isso. Mas tudo vai terminar em lágrimas, Derfel, tudo vai terminar em lágrimas. Que confusão eu fiz! Que confusão terrível! — Ele puxou a capa sobre os ombros. — Agora preciso dormir.

Do outro lado do fogo, os Escudos Pretos estupravam suas cativas e fiquei sentado olhando as chamas. Tinha ajudado numa grande vitória, e estava numa tristeza inexprimível.

Não vi Artur naquela noite e só o encontrei brevemente na meia-luz enevoada logo antes do alvorecer. Ele me cumprimentou com toda a sua antiga vivacidade, passando o braço pelos meus ombros.

— Quero lhe agradecer por ter cuidado de Guinevere nestas últimas semanas.

Ele estava com toda a sua armadura e fazendo um desjejum apressado com um pedaço de pão cheio de mofo.

— Acho que Guinevere é que cuidou de mim — falei.

— Está falando das carroças! Eu gostaria de ter visto! — Ele jogou o pão fora enquanto Hygwydd, seu serviçal, trazia Llamrei do escuro. — Devo vê-lo esta noite, Derfel — disse Artur, deixando Hygwydd ajudá-lo a subir na sela —, ou talvez amanhã.

— Aonde está indo, senhor?

— Atrás de Cerdic, claro. — Ele se acomodou sobre Llamrei, segurou as rédeas e pegou o escudo e a lança com Hygwydd. Em seguida esporeou a égua, indo juntar-se aos seus cavaleiros que eram formas sombreadas na névoa. Mordred também montava com Artur, não mais sob guarda, mas aceito como um soldado útil por mérito próprio. Eu o vi sofrer o cavalo e me lembrei do ouro saxão que tinha encontrado em Lindinis. Será que Mordred tinha nos traído? Se tinha, eu não podia provar, e o resultado da batalha negava sua traição, mas eu ainda sentia uma pontada de ódio por meu rei. Ele captou meu olhar malévolo e virou o cavalo para o outro lado. Artur gritou para seus homens e ouvi o trovão dos cascos que se afastavam.

Acordei meus homens com o cabo de uma lança e ordenei que encontrassem cativos saxões para cavar mais sepulturas e montar mais piras funerárias. Achava que ia passar o dia fazendo esse negócio cansativo, mas no meio da manhã Sagramor mandou um mensageiro pedindo que eu levasse um destacamento de lanceiros a Aquae Sulis,

onde estavam surgindo problemas. Os tumultos tinham começado com um boato entre os lanceiros de Tewdric, de que o tesouro de Cerdic fora descoberto e que Artur estava guardando tudo para si. A prova deles era o desaparecimento de Artur, e a vingança era uma proposta de derrubar o templo central da cidade porque um dia fora um templo pagão. Consegui acalmar aquele frenesi anunciando que dois baús de ouro realmente tinham sido descobertos, mas que estavam sob guarda e o conteúdo seria distribuído com justiça assim que Artur voltasse. Sob sugestão de Tewdric mandamos meia dúzia de seus soldados ajudar a guardar os baús, que ainda estavam nos restos do acampamento de Cerdic.

Os cristãos de Gwent se acalmaram, mas então os lanceiros de Powys criaram novo problema culpando Oengus Mac Airem pela morte de Cuneglas. A inimizade entre Powys e a Demétia era antiga, porque Oengus Mac Airem gostava de atacar as colheitas do rico vizinho; de fato, Powys era conhecido na Demétia como “nossa despesa”, mas nesse dia foram os homens de Powys que arrumaram a discussão, insistindo em que Cuneglas não teria morrido se os Escudos Pretos não tivessem chegado tarde para a batalha. Os irlandeses nunca foram relutantes em entrar numa luta, e nem bem os homens de Tewdric se acalmaram houve um choque de espadas e lanças do lado de fora dos tribunais enquanto powysianos e Escudos Pretos criavam uma escaramuça sangrenta. Sagramor trouxe uma paz inquieta com o simples expediente de matar os líderes das duas facções, mas por todo o resto do dia houve problemas entre os dois reinos. A discórdia piorou quando souberam que Tewdric enviara um destacamento de soldados para ocupar Lactodurum, uma fortaleza do norte que não estava em mãos britânicas há muito tempo, mas que os homens de Powys, sem líder, afirmavam que sempre estivera em seu território, e não no de Gwent. E um bando de lanceiros powysianos reunido às pressas partiu atrás dos homens de Tewdric para questionar sua reivindicação. Os Escudos Pretos, que não tinham nada a ver com a luta por Lactodurum, mesmo assim insistiram em que os homens de Gwent estavam certos, só porque sabiam que essa opinião enfureceria os powysianos, e assim houve mais batalhas. Eram brigas mortais por uma cidade da qual a maioria dos combatentes nunca tinha ouvido falar e que, de qualquer modo, ainda poderia ter uma guarnição de saxões.

Nós, dumnonianos, conseguimos evitar essas batalhas, e assim eram os nossos lanceiros que guardavam as ruas, confinando as brigas às tavernas. Mas à tarde fomos arrastados para as disputas quando Argante e uns vinte atendentes chegaram de Glevum, descobrindo que Guinevere tinha ocupado a casa do bispo que ficava atrás do templo de Minerva. O palácio do bispo não era o maior nem o mais confortável de Aquae Sulis, essa distinção pertencia ao palácio de Cildydd, o

magistrado, mas Lancelot tinha usado a casa de Cildydd enquanto estava em Aquae Sulis, e por esse motivo Guinevere a evitou. Mesmo assim Argante insistiu em ficar com a casa do bispo, porque estava dentro da área sagrada, e um entusiasmado grupo de Escudos Pretos foi expulsar Guinevere, sendo recebido por um grupo dos meus homens decididos a defendê-la. Dois homens morreram antes de Guinevere anunciar que não se importava com a casa que a abrigasse e se mudar para os alojamentos dos padres, construídos ao longo das grandes termas. Argante, vitoriosa nessa disputa, declarou que os novos aposentos de Guinevere eram adequados, dizendo que as câmaras dos padres tinham sido um bordel. O druida de Argante, Fergal, liderou uma multidão de Escudos Pretos até a casa de banhos, onde se divertiram perguntando os preços do bordel e gritando para Guinevere lhes mostrar o corpo. Outro contingente de Escudos Pretos havia ocupado o templo e derrubado a cruz erigida às pressas que Tewdric tinha posto acima do altar, e uma quantidade de lanceiros de Gwent, vestidos de vermelho, se reuniram para abrir caminho lutando e recolocar a cruz.

Sagramor e eu levamos lanceiros até a área sagrada que, no fim da tarde, prometia abrigar um banho de sangue. Meus homens guardaram as portas do templo, os de Sagramor protegiam Guinevere, mas nós dois estávamos em menor número comparados aos guerreiros bêbados da Demétia e de Gwent, ao passo que os powysianos, felizes por terem uma causa com a qual incomodar os Escudos Pretos, gritavam apoiando Guinevere. Atravessei a multidão encharcada de hidromel, derrubando a cacetadas os mais encenqueiros, porém temia a violência que crescia cada vez mais ameaçadora enquanto o sol baixava. Foi Sagramor quem finalmente trouxe uma paz precária à noite. Ele subiu ao teto da casa de banhos e lá, erguendo-se alto entre duas estátuas, gritou pedindo silêncio. Tinha se despidido até a cintura de modo que, contrastado com o mármore branco dos guerreiros de cada lado, sua pele preta era muito mais impressionante.

— Se algum de vocês tem alguma questão — anunciou em seu britânico de sotaque curioso —, terá de resolver primeiro comigo. De homem para homem! Espada ou lança, é só escolher. — Ele desembainhou sua espada comprida e curva e olhou sério para os homens furiosos lá embaixo.

— Livre-se da prostituta! — gritou uma voz anônima dentre os Escudos Pretos.

— Você não gosta de prostitutas? — gritou Sagramor de volta. — Que tipo de guerreiro é você? Virgem? Se está tão decidido a ser virtuoso, venha aqui e vou castrá-lo. — Isso provocou uma gargalhada e acabou com o perigo imediato.

Argante estava mal-humorada em seu palácio. Dizia-se imperatriz da Dumnonia e exigia que Sagramor e eu lhe proporcionássemos guardas

dumnonianos, mas já estava tão cercada dos Escudos Pretos de seu pai que nenhum de nós obedeceu. Em vez disso nos despimos e entramos no grande banho romano, onde ficamos, exaustos. A água quente era maravilhosamente relaxante. O vapor subia até as telhas quebradas do teto.

— Me contaram que este é o maior prédio da Britânia — disse Sagramor.

Olhei para o teto vasto.

— Provavelmente é.

— Mas quando eu era criança fui escravo numa casa ainda maior do que esta.

— Na Numídia?

Ele assentiu.

— Apesar de eu ter vindo bem mais do sul. Fui vendido como escravo quando era muito pequeno. Nem me lembro dos meus pais.

— Quando você saiu da Numídia?

— Depois de matar meu primeiro homem. Era um capataz. E eu tinha o quê?... Dez anos? Onze? Fugi e me juntei a um exército romano como fundeiro. Ainda sou capaz de acertar uma pedra entre os olhos de um homem a cinquenta passos. Depois aprendi a montar. Lutei na Itália, na Trácia e no Egito, depois peguei dinheiro para me juntar ao exército franco. Foi quando Artur me fez cativo. — Ele raramente era tão aberto. Na verdade, o silêncio era uma das armas mais eficazes de Sagramor, isso e seu rosto de falcão e a reputação aterrorizante, mas em particular ele era uma alma gentil e reflexiva. — De que lado nós estamos? — perguntou agora com um olhar perplexo.

— O que quer dizer?

— De Guinevere? De Argante?

Dei de ombros.

— Diga você.

Ele enfiou a cabeça debaixo d'água, depois levantou-a e enxugou os olhos.

— Acho que de Guinevere, se o boato for verdadeiro.

— Que boato?

— De que ela e Artur ficaram juntos ontem à noite, mas sendo Artur quem é, claro, eles passaram a noite conversando. Ele vai gastar a língua muito antes de gastar a espada.

— Não há perigo de você fazer isso.

— Não — disse ele com um sorriso, depois o sorriso se alargou quando me olhou. — Ouvi dizer, Derfel, que você rompeu uma parede de escudos.

— Era uma parede fina. E jovem.

— Eu rompi uma grossa — disse ele com um riso. — Muito grossa, e cheia de guerreiros experientes.

Eu o enfiei na água como vingança, depois me afastei espadanando antes que ele pudesse me afogar. Os banhos estavam escuros porque nenhuma tocha fora acesa, e as últimas luzes do dia não podiam atravessar os buracos do teto e chegar ao chão. O vapor nublava a sala enorme, e mesmo tendo consciência de que outras pessoas estavam usando o lugar, não tinha reconhecido nenhuma delas, mas agora, nadando pela piscina, vi uma figura de manto branco curvada para um homem sentado num dos degraus sob a água. Reconheci os tufo de cabelo de cada lado da testa raspada do homem encurvado, e um instante depois captei suas palavras.

— Confie em mim — estava dizendo ele com um fervor contido —, deixe comigo, senhor rei. — Nesse momento, ele ergueu a cabeça e me viu. Era o bispo Sansum, recém-liberado do cativeiro e restaurado a todas as suas honras anteriores por causa das promessas de Artur a Tewdric. Pareceu surpreso em me ver, mas conseguiu dar um sorriso doentio. — O lorde Derfel — disse, recuando cautelosamente da beira da piscina —, um dos nossos heróis!

— Derfel! — rugiu o homem que estava nos degraus da piscina e vi que era Oengus Mac Airem, que agora se lançava para me oferecer um abraço de urso. — É a primeira vez que abraço um homem nu — disse o rei dos Escudos Pretos — e não posso dizer que vejo atrativo nisso. E também é a primeira vez que tomo banho. Você acha que isso vai me matar?

— Não — falei e depois olhei para Sansum. — O senhor tem companhias estranhas, senhor rei.

— Os lobos têm pulgas, Derfel, os lobos têm pulgas — grunhiu Oengus.

— Então, em que assunto meu senhor rei deve confiar em você? — perguntei a Sansum.

Sansum não respondeu, e o próprio Oengus pareceu estranhamente sem graça.

— O templo — disse ele finalmente como resposta. — O bom bispo estava dizendo que poderia arranjar para que meus homens o usassem como um lugar para orações durante um tempo. Não é, bispo?

— Exatamente, senhor rei — disse Sansum.

— Vocês dois são maus mentirosos — falei e Oengus gargalhou. Sansum me lançou um olhar hostil, depois se afastou rapidamente. Ele era um homem livre apenas há algumas horas e já estava tramando. — O que ele estava lhe dizendo, senhor rei? — pressionei Oengus, que era um homem de quem eu gostava. Era um homem simples, forte, um bandido, mas um bom amigo.

— O que você acha?

— Ele estava falando de sua filha.

— É uma coisinha bonita, não é? Magra demais, claro, e com a

mente que parece uma loba no cio. Este é um mundo estranho, Derfel. Tive filhos burros como bois e filhas espertas como lobos. — Ele parou para cumprimentar Sagramor, que tinha me acompanhado pela água. — Então, o que vai acontecer com Argante? — perguntou-me Oengus.

— Não sei, senhor.

— Artur se casou com ela, não foi?

— Nem mesmo tenho certeza disso.

Ele me lançou um olhar afiado, depois sorriu quando entendeu o que eu quis dizer.

— Ela conta que eles estão adequadamente casados, mas é o que ela diria. Eu nem tinha certeza de que Artur queria se casar com ela, mas pressionei. Era menos uma boca para alimentar, você entende. — Ele parou um segundo. — A coisa, Derfel, é que Artur não pode simplesmente mandá-la de volta. Já tenho filhas suficientes. Metade do tempo nem sei quais são minhas e quais não são. Você precisa de uma mulher? Venha para a Demétia e escolha, mas aviso que são todas como ela. Bonitas, mas com dentes muito afiados. Então, o que Artur fará?

— O que Sansum está sugerindo?

Oengus fingiu ignorar a pergunta, mas eu sabia que ele nos diria no fim, porque não era homem de guardar segredos.

— Ele só me lembrou — confessou finalmente — que Argante tinha sido prometida a Mordred.

— Tinha? — perguntou Sagramor, surpreso.

— Isso foi mencionado há algum tempo — falei. Fora mencionado pelo próprio Oengus, que estava desesperado por qualquer coisa que reforçasse sua aliança com a Dumnonia, que era sua melhor proteção contra Powys.

— E se Artur não se casou com ela adequadamente — prosseguiu Oengus — Mordred seria um consolo, não é?

— Tremendo consolo — disse Sagramor com azedume.

— Ela será rainha — observou Oengus.

— Será mesmo — concordei.

— De modo que não é má ideia — disse Oengus despreocupadamente, mas suspeitei de que era uma ideia que ele apoiaria com paixão. Um casamento com Mordred compensaria o orgulho ferido da Demétia, mas também daria à Dumnonia a obrigação de proteger o país de sua rainha. Quanto a mim, eu achava a proposta de Sansum a pior ideia que tinha ouvido o dia inteiro, porque podia imaginar bem demais que males a combinação de Mordred e Argante gerariam, mas fiquei quieto. — Vocês sabem o que falta nesses banhos? — perguntou Oengus.

— Diga, senhor rei.

— Mulheres — riu ele. — Então, onde está sua mulher, Derfel?

— De luto.

— Ah, por Cuneglas, claro! — O rei dos Escudos Pretos deu de ombros. — Ele jamais gostou de mim, mas eu gostava dele. Era um sujeito raro em termos de acreditar em promessas! — Oengus riu, porque as promessas eram as que ele tinha feito sem qualquer intenção de cumprir. — Mas não posso dizer que lamento sua morte. O filho dele não passa de um menino e gosta demais da mãe. Ela e aquelas tias pavorosas vão governar durante um tempo. Três bruxas! — Ele gargalhou de novo. — Dá para ver que poderemos pegar alguns pedaços de terra daquelas três senhoras. — Ele afundou o rosto lentamente na piscina. — Estou expulsando os piolhos para cima — explicou, depois espremeu um dos pequenos insetos cinzentos que estava se arrastando pela barba emaranhada para escapar da água.

Eu não tinha visto Merlin o dia inteiro, e naquela noite Galahad me disse que o druida já havia deixado o vale, indo para o norte. Eu tinha encontrado Galahad perto da pira funerária de Cuneglas.

— Sei que Cuneglas não gostava dos cristãos — explicou Galahad —, mas não creio que ele objetaria a uma oração cristã. — Convidei-o a dormir junto dos meus homens e ele foi comigo até onde estes estavam acampados. — Merlin deixou um recado para você — revelou Galahad. — Disse que você encontrará o que procura entre as árvores mortas.

— Não sei se estou procurando alguma coisa.

— Então procure entre as árvores mortas e descobrirá se é o que você está procurando ou não.

Naquela noite não procurei nada, em vez disso dormi enrolado em minha capa entre meus homens no campo de batalha. Acordei cedo com dor de cabeça e juntas doloridas. O bom tempo tinha passado, e caía uma chuva fraca do oeste. A chuva ameaçava encharcar as fogueiras funerárias, por isso começamos a colher lenha para alimentar as chamas, o que me fez lembrar da estranha mensagem de Merlin, mas não pude ver árvores mortas. Estávamos usando machados saxões para derrubar carvalhos, olmos e bétulas, poupando apenas os freixos sagrados, e todas as árvores que cortávamos eram bem-saudáveis. Perguntei a Issa se ele tinha visto árvores mortas e ele balançou a cabeça, mas Eachern disse que vira algumas perto da curva do rio.

— Mostre.

Eachern guiou um grupo nosso até a margem, e onde o rio fazia uma curva fechada para o oeste havia uma grande massa de galhos mortos emaranhados com outros entulhos que tinham descido rio abaixo, mas não pude ver nada de valor.

— Se Merlin disse que há alguma coisa aí — comentou Galahad —, então devemos procurar.

— Ele pode não ter falado destas árvores — observei.

— Elas servem tanto quanto quaisquer outras — replicou Issa e em seguida desembainhou a espada para que ela não se molhasse e pulou no

emaranhado. Quebrou os galhos de cima e entrou no rio. — Deem-me uma lança! — gritou.

Galahad entregou-lhe uma lança, que Issa usou para cutucar entre os galhos. Num determinado ponto, um pedaço de rede de pesca rasgada havia formado uma espécie de tenda cheia de folhas mortas, e Issa precisou de toda a força para empurrar para o lado aquela massa emaranhada.

Foi então que o fugitivo apareceu. Estivera escondido sob a rede, desconfortavelmente em cima de um tronco meio submerso, mas agora, como uma lontra assustada por cães, afastou-se da lança de Issa e tentou escapar para o rio. As árvores mortas o atrapalharam e o peso da armadura o retardou. Meus homens, uivando na margem, o alcançaram facilmente. Se não estivesse usando armadura o fugitivo poderia ter se jogado no rio e nadado até a outra margem, mas agora não podia fazer nada além de se render. O sujeito devia ter passado duas noites e um dia subindo pelo rio, mas depois descobriu o esconderijo e achou que poderia ficar ali até termos ido embora do campo de batalha. Agora foi apanhado.

Era Lancelot. Eu o reconheci primeiro por causa do cabelo comprido e preto com o qual tanto se envaidecia, depois, através da lama e dos galhos, vi o famoso esmalte branco de sua armadura. O rosto mostrava apenas terror. Ele nos olhou do rio, como se estivesse pensando em se jogar na corrente, depois olhou de novo e viu seu meio-irmão.

— Galahad! — gritou ele. — Galahad!

Galahad me olhou durante alguns instantes, depois fez o sinal da cruz, virou-se e foi embora.

— Galahad! — gritou Lancelot de novo, enquanto seu irmão desaparecia na margem acima.

Galahad continuou andando.

— Tragam-no para cá — ordenei. Issa cutucou Lancelot com a lança e o sujeito aterrorizado subiu desesperadamente em meio às urtigas que cresciam no barranco. Ainda tinha sua espada, mas a lâmina devia estar enferrujada devido à imersão no rio. Eu o encarei enquanto ele se livrava das urtigas. — Vai lutar comigo aqui e agora, senhor rei? — perguntei, desembainhando Hywelbane.

— Deixe-me ir, Derfel! Eu lhe mando dinheiro, prometo! — Ele continuou arengando, prometendo mais ouro do que eu desejava em sonhos, mas não quis desembainhar a espada até que cutuquei seu peito com a ponta de Hywelbane, e naquele momento ele soube que devia morrer. Cuspiu em mim, deu um passo atrás e desembainhou a espada. Um dia ela fora chamada de Tanlladwr, que significa Matadora Brilhante, mas ele havia mudado o nome para Lâmina de Cristo quando Sansum o batizou. Agora a Lâmina de Cristo estava enferrujada, mas ainda era uma arma formidável, e para minha surpresa Lancelot não era

mau espadachim. Eu sempre o havia considerado um covarde, mas naquele dia ele lutou com bastante bravura. Estava desesperado, e o desespero se mostrava numa série de ataques rápidos e cortantes que me forçaram para trás. Mas ele também estava cansado, molhado e com frio, e se cansou rapidamente. Assim, quando a primeira sequência de golpes tinha sido aparada, pude aproveitar o tempo enquanto decidia sobre sua morte. Ele ficou mais desesperado e seus golpes se tornaram mais selvagens, mas terminei a luta quando me abaixei sob um daqueles violentos golpes laterais e segurei Hywelbane de modo que a ponta o pegasse no braço, e o ímpeto de seu movimento abriu as veias do pulso ao cotovelo. Ele gritou enquanto o sangue corria, então sua espada caiu da mão sem força e ele esperou num terror abjeto o golpe mortal.

Limpei a lâmina de Hywelbane com um punhado de grama, sequei-a em minha capa e depois a embainhei.

— Não quero sua alma na minha espada — falei e por um instante ele pareceu agradecido, mas então acabei com suas esperanças. — Seus homens mataram minha filha, os mesmos homens que você mandou para tentar levar Ceinwyn para a sua cama. Você acha que posso perdoá-lo por alguma dessas coisas?

— Eles não estavam cumprindo minhas ordens — disse Lancelot, desesperado. — Acredite!

Cuspi em seu rosto.

— Será que devo entregá-lo a Artur, senhor rei?

— Não, Derfel, por favor! — Ele cruzou as mãos com força. Estremeceu. — Por favor!

— Dê-lhe a morte da mulher — insistiu Issa, querendo dizer que deveríamos despi-lo, castrá-lo e deixá-lo sangrar entre as pernas até a morte.

Senti-me tentado, mas temi gostar da morte de Lancelot. Há prazer na vingança, e eu dera aos matadores de Dian uma morte terrível. Não senti dor na consciência enquanto desfrutava o sofrimento deles, mas não tinha estômago para torturar aquele homem encolhido, abalado. Ele tremia tanto que senti pena, e me vi em dúvida se deveria deixá-lo viver. Sabia que ele era um traidor e covarde e que merecia ser morto, mas seu terror era tão abjeto que senti pena. Ele sempre fora meu inimigo, sempre havia me desprezado, mas enquanto se ajoelhava na minha frente e as lágrimas rolavam pelo seu rosto senti o impulso de lhe dar a misericórdia, e soube que haveria tanto prazer naquele exercício de poder quanto em ordenar a morte. Por um instante desejei sua gratidão, mas depois lembrei do rosto agonizante de minha filha e um tremor de fúria me abalou. Artur era famoso por perdoar os inimigos, mas este era um inimigo que eu jamais poderia perdoar.

— A morte da mulher — sugeriu Issa de novo.

— Não — falei e Lancelot ergueu os olhos para mim, com esperança

renovada. — Enforcuem-no como um bandido comum.

Lancelot uivou, mas endureci o coração.

— Enforcuem-no — ordenei de novo e foi o que fizemos. Encontramos um pedaço de corda de crina, passamos no galho de um carvalho e o penduramos. Ele dançou ao ser pendurado, e continuou dançando até que Galahad voltou e puxou os tornozelos do meio-irmão para tirá-lo do sofrimento engasgado.

Despimos o corpo de Lancelot. Joguei sua espada e a bela armadura de escamas no rio, queimei suas roupas, depois usei um grande machado de guerra saxão para desmembrar o cadáver. Não o queimamos, em vez disso jogamos aos peixes para que aquela alma sombria não azedasse o Outro Mundo com sua presença. Nós o obliteramos da terra e só mantive o cinto esmaltado de sua espada, que havia sido presente de Artur.

Encontrei Artur ao meio-dia. Ele estava voltando da perseguição a Cerdic e, junto com seus homens, desceu para o vale em seus cavalos cansados.

— Não pegamos Cerdic — informou —, mas pegamos alguns outros. — Em seguida deu um tapa no pescoço de Llamrei, embranquecido pelo suor. — Cerdic vive, Derfel, mas está tão fraco que não será problema durante longo tempo. — Ele sorriu, depois viu que eu não estava no mesmo humor alegre. — O que é? — perguntou.

— Só isto, senhor — falei e estendi o caro cinto esmaltado.

Por um momento ele pensou que eu estava lhe mostrando uma peça pilhada, depois reconheceu o cinto que dera de presente a Lancelot. Por um instante seu rosto teve a aparência de tantos meses antes da batalha do Mynydd Baddon: a aparência fechada e dura da amargura, então me olhou nos olhos.

— E o dono?

— Morto, senhor. Enforcado em vergonha.

— Bom — disse ele em voz baixa. — E esta coisa, Derfel, você pode jogar fora.

Joguei o cinto no rio.

E assim Lancelot morreu, embora as canções pelas quais pagou tenham vivido, sendo até hoje celebrado como um herói igual a Artur. Artur é lembrado como governante, mas Lancelot é chamado de guerreiro. Na verdade, ele foi o rei sem terra, um covarde e o maior traidor da Britânia, e sua alma vagueia por Lloegyr até hoje, gritando pelo corpo de sombra que jamais pode existir porque cortamos seu cadáver em pedaços e jogamos no rio para alimentar os peixes. Se os cristãos estiverem certos, e se houver um inferno, que ele sofra lá para sempre.

Galahad e eu seguimos Artur até a cidade, passando pela pira funerária

onde Cuneglas queimava e pisando nas sepulturas romanas entre as quais tantos homens de Aelle haviam morrido. Eu alertara Artur quanto ao que o esperava, mas ele não demonstrou desânimo ao saber que Argante tinha vindo para a cidade.

Sua chegada a Aquae Sulis instigou uma quantidade de pedintes clamando por atenção. Os pedintes eram homens que exigiam partilhas de escravos ou ouro, e homens que exigiam justiça em disputas que precediam há muito a invasão saxã. Artur disse a todos que iria recebê-los no templo, mas ao chegar lá ignorou os suplicantes. Em vez disso, convocou Galahad a uma antecâmara do templo e, passado algum tempo, mandou chamar Sansum. O bispo foi vaiado pelos lanceiros dumnonianos enquanto corria pelo pátio. Falou com Artur durante longo tempo, e então Oengus Mac Airem e Mordred foram chamados à presença de Artur. Os lanceiros no pátio estavam apostando se Artur iria para Argante na casa do bispo ou para Guinevere no alojamento dos padres.

Artur não quisera o meu conselho. Em vez disso, quando convocou Oengus e Mordred, pediu-me para dizer a Guinevere que tinha voltado, por isso atravessei o pátio até o alojamento dos padres, onde a encontrei num cômodo do andar de cima, atendida por Taliesin. O bardo, vestido com um manto branco e limpo e com o fio de prata em volta dos cabelos pretos, levantou-se e se curvou quando entrei. Tinha uma pequena harpa, mas senti que os dois estavam conversando, não fazendo música. Ele sorriu e saiu do cômodo, deixando a cortina grossa cair na porta.

— Um homem muito inteligente — disse Guinevere, levantando-se para me cumprimentar. Vestia um manto creme enfeitado com bainhas de fitas azuis, usava o colar saxão que eu lhe dera no Mynydd Baddon e tinha o cabelo preso no topo da cabeça com um pedaço de corrente de prata. Não parecia tão elegante quanto a Guinevere que eu recordava de antes dos problemas, mas estava muito longe da mulher com armadura que havia cavalgado com tanto entusiasmo no campo de batalha. Sorrii quando me aproximei. — Você está limpo, Derfel!

— Tomei um banho, senhora.

— E está vivo! — Ela zombou de mim gentilmente, em seguida beijou meu rosto, e depois do beijo segurou meus ombros durante um tempo. — Eu lhe devo muito — falou em voz baixa.

— Não, senhora, não — falei, ruborizando-me e me afastando.

Ela riu de meu embaraço, depois foi se sentar na janela que dava para o pátio. A chuva se empoçava entre as pedras e pingava da parede manchada do templo onde a égua de Artur estava amarrada num anel fixo num dos pilares. Guinevere não precisava de mim para lhe dizer que Artur tinha voltado, porque devia ter visto a chegada.

— Quem está com ele? — perguntou-me.

— Galahad, Sansum, Mordred e Oengus.

— E você não foi convocado ao conselho de Artur? — perguntou ela com um toque da antiga zombaria.

— Não, senhora — falei, tentando esconder o desapontamento.

— Tenho certeza de que ele não se esqueceu de você.

— Espero que não, senhora — repliquei e então, muito mais hesitante, disse-lhe que Lancelot estava morto. Não contei como. Simplesmente disse que estava morto.

— Taliesin já me contou — disse ela, olhando para as mãos.

— Como ele sabia? — perguntei, porque a morte de Lancelot acontecera pouco antes e Taliesin não estava presente.

— Ele sonhou ontem à noite. — Em seguida Guinevere fez um gesto abrupto, como se para mudar de assunto. — Então, o que eles estão discutindo lá? — perguntou, olhando para o templo. — A esposa-criança?

— Imagino que sim, senhora. — Depois contei o que o bispo Sansum tinha sugerido a Oengus Mac Airem: que Argante deveria se casar com Mordred. — Acho que é a pior ideia que já ouvi — protestei, indignado.

— Acha mesmo?

— É uma ideia absurda.

— Não foi ideia de Sansum — disse Guinevere com um sorriso. — Foi minha.

Eu a encarei, surpreso demais durante um tempo.

— Sua, senhora? — perguntei enfim.

— Não diga a ninguém que foi ideia minha. Argante não vai admitir nem por um instante se pensar que a ideia veio de mim. Ela preferiria se casar com um criador de porcos do que com alguém que eu sugerisse. Por isso mandei chamar o pequeno Sansum e implorei que ele me dissesse se o boato sobre Argante e Mordred era correto, e então disse o quanto odiava a simples ideia e isso, claro, o deixou muito mais entusiasmado, ainda que ele fingisse o contrário. Até chorei um pouco e implorei que ele nunca dissesse a Argante o quanto eu detestava a simples ideia. Nesse ponto, Derfel, eles já estavam praticamente casados. — Ela deu um sorriso triunfante.

— Mas por quê? Mordred e Argante? Eles só vão criar problemas!

— Eles vão criar problemas quer estejam casados ou não. E Mordred precisa se casar, Derfel, para ter um herdeiro, e isso significa que deve se casar com alguém de família real. — Ela parou, brincando com o colar. — Confesso que eu preferiria que ele não tivesse herdeiro, porque isso deixaria o trono livre quando morresse. — Guinevere deixou esse pensamento inacabado e eu lhe dei um olhar curioso, ao qual ela respondeu com uma máscara de inocência. Estaria pensando que Artur poderia tomar o trono de Mordred se ele não tivesse filhos? Mas Artur nunca quis governar. Então percebi que, se Mordred morresse, Gwydre, o filho de Guinevere, teria mais motivos para reivindicar o trono do que

qualquer homem. Esse pensamento deve ter aparecido em meu rosto, porque Guinevere sorriu. — Não que devamos especular sobre a sucessão — prosseguiu antes que eu pudesse dizer alguma coisa —, porque Artur insiste em que Mordred deve poder se casar, se quiser, e parece que aquele garoto desgraçado sente atração por Argante. Eles até podem se dar muito bem. Como duas víboras num ninho imundo.

— E Artur terá dois inimigos unidos no azedume.

— Não. — Guinevere suspirou e olhou pela janela. — Não se lhes dermos o que eles querem, e não se eu der a Artur o que ele quer. E você sabe o que é, não sabe?

Pensei um instante, depois entendi tudo. Entendi o que ela e Artur deviam ter conversado na longa noite após a batalha. Entendi também o que Artur estava fazendo agora no templo de Minerva.

— Não! — protestei.

Guinevere sorriu.

— Eu também não quero, Derfel, mas quero Artur. E o que ele quer eu devo dar. Eu lhe devo um pouco de felicidade, não é?

— Ele quer abrir mão do poder? — perguntei e ela assentiu. Artur sempre havia falado de seu sonho de viver com simplicidade com uma esposa, a família e um pouco de terra. Queria um salão, uma paliçada, uma oficina de ferreiro e campos. Imaginava-se dono de terras, sem outros problemas além dos pássaros que roubavam as sementes, dos cervos que comiam as plantações e da chuva que estragava a colheita. Tinha alimentado esse sonho durante anos e agora, depois de derrotar os saxões, parecia que ia tornar esse sonho realidade.

— Meurig também quer que Artur deixe o poder — disse Guinevere.

— Meurig! — cuspi. — Por que devemos nos importar com o que Meurig quer?

— É o preço que Meurig exigiu antes de concordar em deixar que seu pai liderasse o exército de Gwent na guerra. Artur não lhe disse antes da batalha porque sabia que você discutiria com ele.

— Mas por que Meurig desejaria que Artur abrisse mão do poder?

— Porque ele acha que Mordred é cristão — disse Guinevere, dando de ombros. — E porque quer que a Dumnonia seja malgovernada. Assim, Derfel, Meurig tem uma chance de tomar o trono da Dumnonia um dia. Ele é um desgraçadinho ambicioso.

Eu o chamei de algo pior e Guinevere sorriu.

— Isso também — disse ela. — Mas ele deve ter o que exigiu, de modo que Artur e eu vamos viver em Isca da Silúria, onde Meurig pode ficar de olho em nós. Não me importo de viver em Isca. Será melhor do que morar em algum salão apodrecido. Existem alguns bons palácios romanos em Isca, e caça muito boa. Nós levaremos alguns lanceiros. Artur não acha que precise de nenhum, mas ele tem inimigos e precisa de um bando de guerreiros.

Eu andei de um lado para o outro no salão.

— Mas Mordred! — reclamei amargo. — Ele vai receber o poder de volta?

— É o preço que tivemos de pagar pelo exército de Gwent. E se Argante se casar com Mordred ele deve ter o poder, ou então Oengus jamais concordará com o casamento. Ou pelo menos Mordred deve ter parte de seu poder, e ela deve compartilhá-lo.

— E tudo que Artur conseguiu estará destruído!

— Artur livrou a Dumnonia dos saxões, e não quer ser rei. Você sabe disso, Derfel, e eu também. Não é o que desejo. Eu sempre quis que Artur fosse o Grande Rei, e que Gwydre o sucedesse, mas ele não quer e não vai lutar por isso. Ele quer tranquilidade, pelo que me diz. E se ele não vai governar a Dumnonia, Mordred deve fazê-lo. A insistência de Gwent e o juramento de Artur a Uther garantem isso.

— Então ele vai simplesmente abandonar a Dumnonia à injustiça e à tirania!

— Não, porque Mordred não terá todo o poder.

Olhei-a, e pela sua voz adivinhei que não tinha entendido tudo.

— Continue — pedi, cheio de desconfiança.

— Sagramor vai ficar. Os saxões estão derrotados, mas ainda haverá uma fronteira, e não há ninguém melhor do que Sagramor para guardá-la. E o resto do exército da Dumnonia vai jurar lealdade a outro homem. Mordred pode governar porque é o rei, mas não comandará as lanças, e um homem sem lanças é um homem sem poder verdadeiro. Você e Sagramor ficarão com esse poder.

— Não!

Guinevere sorriu.

— Artur sabia que era o que você ia dizer, foi por isso que eu disse que iria persuadi-lo.

— Senhora — comecei a protestar, mas ela ergueu a mão, silenciando-me.

— Você vai governar a Dumnonia, Derfel. Mordred será rei, mas você terá as lanças, e o homem que tem as lanças governa. Você deve fazer isso por Artur, porque só se você concordar ele poderá deixar a Dumnonia de consciência leve. Então, para lhe dar a paz, você fará isso por ele e talvez — ela hesitou — por mim também?

Merlin estava certo. Quando uma mulher quer uma coisa, consegue.

E eu governaria Dumnonia.

TALIESIN FEZ UMA CANÇÃO sobre Mynydd Baddon. Fez deliberadamente no estilo antigo, com um ritmo simples que latejava de drama, heroísmo e linguagem bombástica. Uma canção muito longa, pois era importante que cada guerreiro que lutou bem recebesse pelo menos meio verso de elogio, enquanto nossos líderes tinham estrofes inteiras. Depois da batalha, Taliesin entrou para o lar de Guinevere e, com sensatez, deu à sua patrona o que ela merecia, descrevendo maravilhosamente as carroças lançadas com sua carga de fogo, mas evitando qualquer menção ao feiticeiro saxão morto com o arco. Usou seu cabelo ruivo como uma imagem da plantação de cevada encharcada de sangue, onde alguns saxões morreram, e ainda que eu não tivesse visto cevada no campo de batalha, foi um toque inteligente. Transformou a morte de seu antigo patrono, Cuneglas, num lamento vagaroso onde o nome do rei morto era repetido como um toque de tambor, e transformou o ataque de Gawain num relato arrepiante de como as almas-fúrias de nossos lanceiros mortos vieram da ponte de espadas para assaltar o flanco inimigo. Elogiou Tewdric, foi gentil comigo e deu honra a Sagramor, mas acima de tudo sua canção era uma celebração de Artur. Na canção de Taliesin foi Artur quem inundou o vale com o sangue inimigo, e foi Artur quem derrubou o rei inimigo, e foi Artur quem fez toda a Lloegyr se encolher de terror.

Os cristãos odiaram a canção de Taliesin. Fizeram suas próprias canções em que Tewdric foi quem derrotou os saxões. O Senhor Deus Todo-poderoso, segundo os cristãos, tinha ouvido os rogos de Tewdric e mandou uma falange celeste para o campo de batalha, e ali Seus anjos lutaram contra os saxões com espadas de fogo. Artur não recebeu qualquer menção nessas canções. Na verdade, os pagãos não receberam qualquer crédito pela vitória e até hoje há pessoas que declaram que Artur nem mesmo estava presente no Mynydd Baddon. Uma canção cristã credita a Meurig a morte de Aelle, e Meurig não estava presente no Mynydd Baddon, pois ficara em casa em Gwent. Depois da batalha Meurig foi restaurado como rei, enquanto Tewdric voltava ao mosteiro, onde foi declarado santo pelos bispos de Gwent.

Naquele verão Artur estava ocupado demais para se importar com canções ou santos. Nas semanas seguintes à batalha retomamos enormes porções de Lloegyr, mas não podíamos tomá-la inteira porque uma grande quantidade de saxões permanecia na Britânia. Quanto mais íamos para o leste, mais forte se tornava a resistência, mas no outono o inimigo estava encurralado num território com apenas metade do

tamanho onde dominava anteriormente. Naquele ano Cerdic até nos pagou tributo e prometeu pagar pelos próximos dez anos, mas não cumpriu. Em vez disso recebia cada barco que vinha pelo mar e lentamente reestruturava suas forças.

O reino de Aelle foi dividido. A parte sul voltou para as mãos de Cerdic, enquanto a parte norte se dividiu em três ou quatro reinos pequenos que eram implacavelmente atacados por bandos de guerreiros de Elmet, Powys e Gwent. Milhares de saxões passaram para o domínio britânico, na verdade as novas terras do leste da Dumnonia eram habitadas por eles. Artur queria que repovoássemos aquelas terras, mas poucos britânicos estavam dispostos a ir para lá, e assim os saxões ficavam, cuidavam da terra e sonhavam com o dia em que seus reis voltariam. Sagramor se tornou o virtual governante das terras tomadas pela Dumnonia. Os chefes saxões sabiam que seu novo rei era Mordred, mas naqueles primeiros anos depois do Mynydd Baddon era a Sagramor que eles prestavam vassalagem e pagavam impostos, e era sua bandeira preta que tremulava acima da velha fortaleza do rio em Pontes, de onde seus guerreiros marchavam para manter a paz.

Artur liderou a campanha para retomar as terras roubadas, mas deixou a Dumnonia assim que elas estavam seguras e os saxões concordaram com nossas novas fronteiras. Até o final alguns de nós esperávamos que ele rompesse a promessa dada a Meurig e Tewdric, mas ele não tinha vontade de ficar. Nunca quisera o poder. Havia-o tomado como um dever na época em que a Dumnonia possuía um rei criança e uma quantidade de senhores ambiciosos, cuja rivalidade poderia ter rasgado a terra, lançando-a num turbilhão. Mas durante todos os anos que se seguiram ele sempre se manteve preso ao sonho de levar uma vida mais simples, e assim que os saxões foram derrotados sentiu-se livre para tornar o sonho realidade. Implorei que ele pensasse de novo, mas Artur balançou a cabeça.

— Estou velho, Derfel.

— Não muito mais do que eu, senhor.

— Então você está velho — disse ele com um sorriso. — Mais de quarenta! Quantos homens vivem quarenta anos?

Realmente poucos. Mas mesmo assim acho que Artur teria desejado ficar na Dumnonia se tivesse recebido o que queria, e que era a gratidão. Ele era um homem orgulhoso, e sabia o que tinha feito pelo país, mas o país o recompensara com um descontentamento mal-humorado. Os cristãos tinham rompido sua paz primeiro, mas depois, em seguida às fogueiras do Mai Dun, os pagãos tinham se virado contra ele. Ele dera justiça à Dumnonia, tinha recuperado boa parte das terras perdidas e garantido as novas fronteiras, havia governado honestamente, e sua recompensa era ser desprezado como inimigo dos Deuses. Além disso, prometera a Mordred que deixaria a Dumnonia, e essa promessa

reforçava o juramento feito a Uther, de tornar Mordred rei, e agora declarou que cumpriria integralmente as duas promessas.

— Não terei felicidade até que os juramentos sejam cumpridos — disse-me e não pôde ser persuadido em contrário. Assim, quando a nova fronteira com os saxões foi decidida e o primeiro tributo de Cerdic foi pago, ele partiu.

Levou sessenta cavaleiros e cem lanceiros e foi para a cidade de Isca, na Silúria, que ficava ao norte da Dumnonia, do outro lado do mar de Severn. Originalmente havia proposto não levar lanceiros, mas o conselho de Guinevere prevaleceu. Ela disse que Artur tinha inimigos e que precisava de proteção. Além disso, seus cavaleiros estavam entre os mais poderosos guerreiros da Dumnonia, e ela não queria que eles caíssem sob o comando de outro homem. Artur deixou-se convencer, mas na verdade não creio que precisasse de muita persuasão. Ele podia sonhar em ser um mero dono de terras vivendo num local pacífico sem outras preocupações além da saúde de seus animais e do estado de suas plantações, mas sabia que a única paz que jamais teria seria feita por ele próprio, e que um senhor que vive sem guerreiros não fica em paz durante muito tempo.

A Silúria era um reino pequeno, pobre e pouco considerado. O último rei de sua antiga dinastia fora Gundleus, que havia morrido no vale do Lugg, e depois disso Lancelot foi aclamado rei. Mas não gostou da Silúria e a abandonou abruptamente pelo trono mais saudável do país dos Belgae. Sem ter outro rei, a Silúria fora dividida em dois reinos submetidos a Gwent e Powys. Cuneglas chamara a si próprio de Rei da Silúria Ocidental, enquanto Meurig se proclamava Rei da Silúria Oriental, mas na verdade nenhum dos dois monarcas tinha visto muito valor naqueles vales íngremes e apertados que iam das ásperas montanhas do norte até o mar. Cuneglas recrutara lanceiros dos vales, enquanto Meurig de Gwent fizera pouco mais do que mandar missionários para o território, e o único rei que jamais demonstrara algum interesse pela Silúria era Oengus Mac Airem, que tinha atacado os vales em busca de comida e escravos, mas afora isso a Silúria fora ignorada. Seus chefes tribais discutiam entre si e pagavam de má vontade os impostos a Gwent e Powys, mas a chegada de Artur mudou tudo isso. Quer gostasse ou não, ele se tornou o morador mais importante da Silúria, e portanto seu governante efetivo e, apesar de sua ambição declarada de se tornar um homem privado, não pôde resistir a usar os lanceiros para acabar com as disputas ruinosas dos chefes tribais. Um ano depois do Mynydd Baddon, quando visitamos Artur e Guinevere pela primeira vez em Isca, ele estava se chamando marotamente de governador, um título romano, e que lhe agradava porque não tinha conotação régia.

Isca era uma bela cidade. Primeiro os romanos tinham construído

uma fortaleza ali para guardar a travessia do rio, mas, à medida que levavam suas legiões mais para o oeste e o norte, a necessidade da fortaleza diminuiu e eles transformaram Isca num lugar não muito diferente de Aquae Sulis: uma cidade aonde os romanos iam se divertir. Tinha um anfiteatro e, mesmo não carecendo de fontes quentes, ainda alardeava seis termas, três palácios e tantos templos quantos eram os deuses romanos. Agora a cidade estava muito decaída, mas Artur andava reformando os tribunais e os palácios, um trabalho que sempre o deixara feliz. O maior dos palácios, aquele onde Lancelot tinha vivido, foi dado a Culhwch, nomeado comandante da guarda pessoal de Artur, e a maioria dos guardas agora compartilhava o grande palácio com Culhwch. O segundo maior palácio passou a ser a casa de Emrys, antigo bispo da Dumnonia, mas agora bispo de Isca.

— Ele não podia ficar na Dumnonia — disse-me Artur enquanto mostrava a cidade. Fazia um ano da batalha do Mynydd Baddon, e Ceinwyn e eu estávamos fazendo a primeira visita à nova morada de Artur. — Não há espaço para Emrys e Sansum na Dumnonia, por isso Emrys me ajuda aqui. Ele tem um apetite insaciável pela administração e, melhor ainda, mantém longe os cristãos de Meurig.

— Todos eles?

— A maioria — disse Artur com um sorriso. — E é um bom lugar, Derfel — prosseguiu ele, olhando as ruas pavimentadas de Isca. — Um bom lugar! — Ele estava absurdamente orgulhoso de sua nova moradia, afirmando que a chuva caía menos forte em Isca do que nos campos ao redor. — Vi os morros cobertos de neve grossa, enquanto aqui o sol brilhava sobre a grama verde.

— Sim, senhor — falei com um sorriso.

— É verdade, Derfel! Verdade! Quando saio da cidade levo uma capa. Chega um ponto em que o calor de repente desaparece e é preciso colocar a capa. Você verá, quando formos caçar amanhã.

— Parece magia — falei, provocando-o gentilmente, porque normalmente ele desprezava qualquer conversa sobre magia.

— Acho que pode ser mesmo! — disse ele totalmente sério e me levou por um beco que passava junto do grande templo cristão, indo até uma curiosa colina que ficava no centro da cidade. Um caminho em espiral subia até o cume da elevação, onde o povo antigo fizera um poço raso. O poço tinha um número incontável de pequenas oferendas deixadas para os Deuses: pedaços de fitas, tufo de lã, botões, tudo isso prova de que os missionários de Meurig, por mais que estivessem ocupados, não tinham derrotado totalmente a religião antiga. — Se há magia neste lugar — disse Artur quando alcançamos o topo da colina e estávamos olhando para o buraco coberto de grama —, é daqui que ela brota. O povo local diz que é uma entrada para o Outro Mundo.

— E o senhor acredita?

— Só sei que é um local abençoado — disse ele com felicidade. E Isca era realmente isso naquele dia de fim de verão. A maré montante havia inchado o rio que corria fundo entre as margens verdes, o sol brilhava nas paredes brancas dos prédios e nas folhas das árvores que cresciam nos pátios, enquanto ao norte os pequenos morros com suas terras plantadas se estendiam pacificamente até as montanhas. Era difícil acreditar que, não fazia tantos anos, um grupo de invasores saxões tinha chegado àqueles morros e matado fazendeiros, capturado escravos e deixado as colheitas queimando. Esse ataque havia acontecido no reino de Uther, e a realização de Artur fora expulsar o inimigo para tão longe que, naquele verão e em muitos outros, parecia que nenhum saxão livre chegaria de novo a Isca.

O menor palácio da cidade ficava logo a oeste da elevação, e era ali que Artur e Guinevere moravam. De nosso alto ponto de observação sobre a colina misteriosa podíamos olhar para o pátio onde Guinevere e Ceinwyn caminhavam, e estava claro que era Guinevere quem falava o tempo todo.

— Ela está planejando o casamento de Gwydre — disse Artur. — Com Morwenna, claro — acrescentou, com um sorriso rápido.

— Ela está pronta para isso — falei com fervor. Morwenna era uma boa garota, mas ultimamente andava mal-humorada e irritadiça. Ceinwyn me garantia que o comportamento de Morwenna era meramente os sintomas de uma garota pronta para o casamento, e pelo menos eu ficaria grato com a cura.

Artur sentou-se na borda gramada da colina e olhou para oeste. Suas mãos, notei, estavam marcadas por pequenas cicatrizes escuras, todas da fornalha da oficina de ferreiro que ele construía no pátio do estábulo do palácio. Ele sempre fora intrigado pelo serviço de ferreiro, e podia falar entusiasmado durante horas sobre suas habilidades. Mas agora tinha outras coisas em mente.

— Você se importaria se o bispo Emrys abençoasse o casamento? — perguntou com timidez.

— Se eu me importaria? — perguntei. Eu gostava de Emrys.

— Só o bispo Emrys. Sem druidas. Você deve entender, Derfel, que vivo aqui pela vontade de Meurig. Afinal de contas, ele é o rei desta terra.

— Senhor — comecei a protestar, mas ele me interrompeu com a mão levantada e não prossegui com a indignação. Sabia que o jovem rei Meurig era um vizinho inquieto. Ele se ressentia do fato de que seu pai o tirara temporariamente do poder, se ressentia de não ter partilhado da glória do Mynydd Baddon e tinha um ciúme carrancudo de Artur. O território de Meurig começava a apenas alguns metros daquela colina, na extremidade da ponte romana que atravessava o rio Usk, e esta parte leste da Silúria era legalmente outra das posses de Meurig.

— Foi Meurig quem insistiu para que eu vivesse aqui como seu inquilino — explicou Artur —, mas foi Tewdric quem me deu os direitos a todos os antigos aluguéis reais. Ele, pelo menos, é grato ao que conseguimos no Mynydd Baddon, mas duvido muito de que o jovem Meurig aprove os arranjos, por isso eu o aplaco fingindo aliança ao cristianismo. — Ele fez mímica do sinal da cruz e me ofereceu uma careta autodepreciativa.

— O senhor não precisa aplacar Meurig — falei, irado. — Dê-me um mês e arrasto aquele cão miserável até aqui de joelhos.

Artur gargalhou.

— Outra guerra? — E balançou a cabeça. — Meurig pode ser idiota, mas nunca foi homem de buscar a guerra, por isso não posso desgostar dele. Ele me deixará em paz desde que eu não o ofenda. Além disso, tenho lutas suficientes nas mãos sem me preocupar com Gwent.

Suas lutas eram coisas pequenas. Os Escudos Pretos de Oengus ainda atacavam a fronteira oeste da Silúria, e Artur estabeleceu pequenas guarnições de lanceiros para guardá-la contra essas incursões. Não sentia raiva de Oengus, que, de fato, era visto como amigo, mas Oengus não podia resistir a atacar colheitas, assim como um cão não consegue deixar de coçar pulgas. A fronteira norte da Silúria era mais complicada porque se ligava a Powys, e Powys, desde a morte de Cuneglas, tinha caído no caos. Perddel, o filho de Cuneglas, fora aclamado rei, mas pelo menos meia dúzia de chefes poderosos acreditavam ter mais direito à coroa do que Perddel — ou pelo menos o poder de tomar a coroa — e por isso o reino de Powys, que já fora poderoso, tinha degenerado num esqualido terreno de mortes. Gwynedd, o empobrecido país ao norte de Powys, atacava à vontade, bandos de guerreiros lutavam entre si, faziam alianças temporárias, rompiam-nas, massacravam as famílias dos outros e, sempre que estavam correndo perigo de ser massacrados, recuavam para as montanhas. Um número suficiente de lanceiros permanecera leal a Perddel para garantir que ele mantivesse o trono, mas eram muito poucos para derrotar os chefes rebeldes.

— Acho que deveríamos intervir — disse Artur.

— Nós, senhor?

— Meurig e eu. Ah, sei que ele odeia guerra, mas, cedo ou tarde, alguns de seus missionários serão mortos em Powys, e suspeito de que essas mortes vão persuadi-lo a mandar lanceiros em apoio a Perddel. Desde, claro, que Perddel concorde em estabelecer o cristianismo em Powys, coisa que sem dúvida ele fará se isso lhe der o reino de volta. E se Meurig for à guerra provavelmente me pedirá para ir. Ele prefere que morram meus homens, não os dele.

— Sob a bandeira cristã? — perguntei azedamente.

— Duvido de que ele queira outra — disse Artur com calma. — Tornei-me seu coletor de impostos na Silúria, então por que não seria

seu comandante guerreiro em Powys? — Ele deu um sorriso torto diante da perspectiva, depois me lançou um olhar sem graça. — Há outro motivo para fazer um casamento cristão para Gwydre e Morwenna — falou depois de um tempo.

— E qual é? — Tive de provocá-lo, porque o outro motivo certamente o embaraçava.

— Suponha que Mordred e Argante não tenham filhos.

Não falei nada durante um tempo. Guinevere tinha levantado a mesma possibilidade quando falei com ela em Aquae Sulis, mas parecia uma suposição improvável. E foi o que disse.

— Mas se eles não tiverem filhos — insistiu Artur —, quem teria a melhor chance de reivindicar o reino da Dumnonia?

— O senhor, claro. — Artur era filho de Uther, mesmo sendo bastardo, e não havia outros filhos que pudessem reivindicar o trono.

— Não, não — disse ele rapidamente. — Eu não quero. Nunca quis!

Olhei para Guinevere lá embaixo, suspeitando de que ela é quem tinha levantado o problema da sucessão de Mordred.

— Então seria Gwydre?

— Então seria Gwydre.

— E ele quer?

— Acho que sim. Ele ouve mais a mãe do que a mim.

— O senhor não quer que Gwydre seja rei?

— Quero que Gwydre seja o que ele deseja ser. E se Mordred não tiver herdeiro e Gwydre desejar fazer a reivindicação, irei apoiá-lo. — Artur olhava para Guinevere enquanto falava, e achei que ela era a verdadeira força por trás dessa ambição. Ela sempre quisera ser casada com um rei, mas aceitaria ser a mãe de um, caso Artur recusasse o trono. — Mas, como você diz, é uma suposição improvável. Espero que Mordred tenha muitos filhos, mas, se não tiver e se Gwydre for chamado a reinar, ele precisará do apoio cristão. Os cristãos mandam na Dumnonia agora, não é?

— Mandam, senhor — falei, sombrio.

— Então seria boa política de nossa parte observar os ritos cristãos no casamento de Gwydre — disse Artur e me deu um sorriso maroto. — Você vê como sua filha está perto de se tornar rainha? — Honestamente, eu nunca tinha pensado nisso, o que deve ter aparecido em meu rosto, porque Artur gargalhou. — Um casamento cristão não é coisa que eu desejaria para Gwydre e Morwenna — admitiu. — Se fosse por mim, Derfel, eu mandaria Merlin casá-los.

— O senhor tem notícias dele? — perguntei, ansioso.

— Nenhuma. Esperava que você tivesse.

— Só boatos.

Merlin não era visto há um ano. Tinha deixado o Mynydd Baddon levando as cinzas de Gawain, ou pelo menos um fardo contendo os

ossos chamuscados e quebradiços de Gawain e um pouco de cinza que poderia pertencer ao príncipe morto ou ser apenas cinzas de madeira. Desde aquele dia Merlin não fora visto. Corriam boatos de que estaria no Outro Mundo, outras pessoas afirmavam que ele estava na Irlanda ou então nas montanhas do oeste, mas ninguém tinha certeza. Ele me dissera que ia ajudar Nimue, mas ninguém tampouco sabia onde ela estava.

Artur se levantou e espanou o capim dos calções.

— Hora de jantar — falou. — Devo avisá-lo que Taliesin talvez cante uma canção extremamente tediosa sobre Mynydd Baddon. Pior, ela ainda está inacabada! Ele vive acrescentando versos. Guinevere diz que é uma obra-prima, e creio que deve ser, se ela diz. Mas por que eu tenho de suportar isso em todos os jantares?

Aquela foi a primeira vez em que ouvi Taliesin cantar, e fiquei fascinado. Como Guinevere me disse mais tarde, era como se ele pudesse tirar a música das estrelas e trazer à terra. Tinha uma voz pura e maravilhosa, e podia sustentar uma nota por mais tempo do que qualquer outro bardo que já ouvi. Mais tarde ele me disse que treinava respiração, coisa que nunca imaginei que precisasse de treino, mas isso significava que ele podia se demorar numa nota agonizante enquanto a pulsava até o fim exótico com golpes da harpa, ou então podia fazer uma sala ecoar e estremecer com a voz triunfante, e juro que naquela noite de verão em Isca ele fez a batalha do Mynydd Baddon reviver. Ouvi Taliesin cantar muitas vezes, e a cada vez o escutava com o mesmo pismo.

Entretanto, ele era um homem modesto. Entendia o seu poder e sentia-se confortável com o mesmo. Agradava-o ter Guinevere como patrona, porque ela era generosa e apreciava sua arte, e deixava que ele passasse semanas longe do palácio. Perguntei aonde ele ia durante aquelas ausências, e ele disse que gostava de visitar os morros e vales e cantar para as pessoas.

— E não somente cantar, mas também ouvir — falou. — Gosto das canções antigas. Algumas vezes eles só se lembram de trechos, e aí tento completá-las. — Disse que era importante ouvir as canções do povo comum, porque isso lhe ensinava o que eles gostavam, mas ele também queria cantar suas canções para as pessoas. — É fácil entreter os lordes, porque eles necessitam de diversão, mas um agricultor precisa dormir antes de querer música, e se eu puder mantê-lo acordado sei que a canção tem mérito. — E algumas vezes, pelo que me disse, ele simplesmente cantava para si mesmo. — Eu me sento sob as estrelas e canto — falou com um sorriso torto.

— Você realmente vê o futuro? — perguntei durante essa conversa.

— Eu sonho — disse, como se não fosse um grande dom. — Mas ver o futuro é como espiar através de uma névoa, e a recompensa não vale o

esforço. Além disso, nunca sei se minhas visões do futuro vêm dos Deuses ou de meus próprios temores. Afinal de contas, sou apenas um bardo. — Acho que ele estava sendo evasivo. Merlin me dissera que Taliesin permanecia celibatário para preservar seu dom da profecia, de modo que devia valorizá-la mais do que dava a entender, porém desconsiderava o dom para desencorajar as pessoas a ficarem perguntando a respeito. Acho que Taliesin via nosso futuro muito antes que qualquer um de nós pudesse vislumbrá-lo, e não queria revelar. Ele era um homem muito discreto.

— Apenas um bardo? — perguntei, repetindo suas últimas palavras.
— Dizem que você é o maior de todos os bardos.

Ele balançou a cabeça, rejeitando meu elogio.

— Apenas um bardo — insistiu —, mas me submeti ao treinamento de druida. Aprendi os mistérios com Celafydd na Cornóvia. Durante sete anos e três anos eu aprendi, e no último dia, quando poderia ter tomado o cajado de druida, saí da caverna de Celafydd e me chamei de bardo.

— Por quê?

— Porque um druida tem responsabilidades — disse ele depois de uma longa pausa — e eu não as queria. Eu gosto de observar, lorde Derfel, e de contar. O tempo é uma história, e eu gostaria de ser o narrador, não quem faz. Merlin queria mudar a história e fracassou. Não ousou querer tanto.

— Merlin fracassou?

— Não nas coisas pequenas — disse Taliesin calmamente. — Mas e nas grandes? Sim. Os Deuses estão indo cada vez mais para longe, e suspeito de que nem minhas canções nem as fogueiras de Merlin podem invocá-los agora. O mundo se volta para novos Deuses, senhor, e talvez esta não seja uma coisa ruim. Um Deus é um Deus, e por que deveria importar qual deles governa? Só o orgulho e o hábito nos seguram aos Deuses antigos.

— Está sugerindo que todos deveríamos nos tornar cristãos? — perguntei asperamente.

— Não me importa saber que Deus o senhor cultua. Estou aqui meramente para observar, ouvir e cantar.

Assim Taliesin cantava enquanto Artur governava com Guinevere na Silúria. Minha tarefa era ser um freio para as más ações de Mordred na Dumnonia. Merlin tinha desaparecido, provavelmente nas brumas assombrosas do oeste profundo. Os saxões estavam cabisbaixos, mas ainda desejavam nossas terras, e nos céus, onde não há freio para suas maldades, os Deuses rolavam os dados de novo.

Mordred estava feliz naqueles anos depois do Mynydd Baddon. A batalha tinha lhe dado um gosto pela guerra, que ele buscava

coibçosamente. Durante um tempo ficou contente em lutar sob a orientação de Sagramor, atacando a encolhida Lloegyr ou caçando bandos saxões que vinham pilhar nossas colheitas e nossos animais, mas depois de um tempo tornou-se frustrado com a cautela de Sagramor. O núnida não desejava iniciar uma guerra em escala total conquistando o território que Cerdic ainda possuía e onde os saxões permaneciam fortes, mas os homens se recusavam a marchar sem as ordens de Sagramor, o qual proibia a invasão. Mordred ficou irritadiço durante um tempo, mas um pedido de ajuda veio de Broceliande, o reino britânico na Armórica, e Mordred liderou um bando de guerreiros voluntários para lutar contra os francos que estavam pressionando as fronteiras do rei Budic. Ficou na Armórica durante mais de cinco anos, e nesse tempo fez nome. Na batalha, disseram-me, ele era destemido, e suas vitórias atraíram mais homens ainda para o seu estandarte do dragão. Eram homens sem senhores, desgarrados e renegados que poderiam enriquecer com pilhagens, e Mordred lhes deu o que desejavam. Tomou de volta boa parte do antigo reino de Benoic e os bardos começaram a cantar sobre ele como sendo Uther renascido, até mesmo como um segundo Artur, ainda que outras histórias, nunca transformadas em canções, também chegassem por sobre as águas cinzentas, histórias essas que falavam de estupro e assassinato, de homens cruéis que tinham licença para fazer de tudo.

O próprio Artur lutou durante aqueles anos, já que, como tinha previsto, alguns dos missionários de Meurig foram massacrados em Powys. Meurig exigiu sua ajuda para punir os rebeldes que tinham matado os padres, e assim Artur foi para o norte numa de suas maiores campanhas. Eu não estava lá para ajudá-lo, pois tinha responsabilidades na Dumnonia, mas todos ouvíamos as histórias. Artur persuadiu Oengus Mac Airem a atacar os rebeldes expulsando-os da Demétia, e enquanto os Escudos Pretos de Oengus atacavam do oeste, os homens de Artur vieram do sul. E o exército de Meurig, marchando dois dias atrás de Artur, chegou e encontrou a rebelião esmagada e a maioria dos assassinos capturados, mas alguns dos matadores dos padres tinham se refugiado em Gwynedd, onde Byrthig, o rei daquele país montanhoso, se recusou a entregá-los. Byrthig ainda esperava usar os rebeldes para conseguir mais terras em Powys, por isso, ignorando o conselho de Meurig para ter cautela, Artur seguiu para o norte. Derrotou Byrthig em Caer Gei e então, sem parar, e ainda usando a desculpa de que alguns dos matadores dos padres tinham fugido mais para o norte, guiou seu bando de guerreiros pela Estrada Escura até o temido reino de Lleyn. Oengus seguiu-o, e nas areias de Foryd, onde o rio Gwyrfair desliza para o mar, Oengus e Artur encurralaram o rei Diwrnach entre suas forças e assim derrotaram os Escudos Sangrentos de Lleyn. Diwrnach se afogou, mais de cem de seus lanceiros foram massacrados, e o resto fugiu em

pânico. Em dois meses de verão Artur tinha terminado a rebelião em Powys, feito Byrthig se dobrar e destruído Diwrnach. Ao fazer isto cumprira o juramento a Guinevere, de que vingaria a perda do reino de seu pai. Leodegan, o pai dela, fora rei de Henis-Wyren, mas Diwrnach tinha vindo da Irlanda, tomado Henis-Wyren, mudado o nome do reino para Lleyrn, e assim transformou Guinevere numa exilada sem um tostão. Agora Diwrnach estava morto e achei que Guinevere poderia insistir em que o reino capturado fosse dado ao seu filho, mas ela não fez qualquer protesto quando Artur deixou Lleyrn sob a guarda de Oengus, na esperança de que isso mantivesse o Escudo Preto ocupado demais para atacar Powys. Era melhor, disse-me Artur mais tarde, que Lleyrn tivesse um governante irlandês, porque a grande maioria do povo era irlandesa, e Gwydre sempre seria um estranho para eles. E assim o filho mais velho de Oengus governava Lleyrn e Artur levou a espada de Diwrnach de volta a Isca, como um troféu para Guinevere.

Nada disso eu vi porque estava governando a Dumnonia, onde meus lanceiros coletavam os impostos para Mordred e faziam cumprir sua justiça. Issa fazia a maior parte do trabalho, já que agora era um lorde por direito próprio e eu lhe dera metade de meus lanceiros. Além disso ele era pai, e Scarach, sua mulher, esperava outro filho. Ela vivia conosco em Dun Caric, de onde Issa partia para patrulhar o país, e de onde, a cada mês e cada vez mais relutante, eu ia para o sul participar do Conselho Real em Durnovária. Argante presidia esses encontros, pois Mordred mandara ordens dizendo que sua rainha ocuparia seu lugar no conselho. Nem mesmo Guinevere comparecera às reuniões do conselho, mas Mordred insistiu, de modo que Argante convocava o conselho e tinha o bispo Sansum como principal aliado. Sansum possuía aposentos no palácio e vivia sussurrando no ouvido de Argante, enquanto Fergal, seu druida, sussurrava no outro. Sansum proclamava o ódio a todos os pagãos, mas quando viu que não teria poder enquanto não o compartilhasse com Fergal, seu ódio se dissolveu numa aliança sinistra. Morgana, mulher de Sansum, voltara a Ynys Wydryn depois da batalha do Mynydd Baddon, mas Sansum ficou em Durnovária, preferindo as confidências da rainha à companhia da esposa.

Argante gostava de exercer o poder real. Não creio que ela tivesse grande amor por Mordred, mas possuía uma paixão pelo dinheiro, e ficando na Dumnonia garantia que a maior parte dos impostos do país passasse por suas mãos. Ela fazia pouca coisa com a riqueza. Não construía como Artur e Guinevere tinham construído, não se importava em restaurar pontes ou fortalezas, apenas vendia o imposto recolhido, quer fosse em sal, grãos ou peles, em troca de ouro. Mandava parte do ouro para o marido, que vivia exigindo mais dinheiro para seu bando de guerreiros, porém a maior parte ela empilhava nos depósitos do palácio até que as pessoas de Durnovária passaram a achar que sua cidade era

construída sobre um alicerce de ouro. Há muito tempo Argante tinha recuperado o tesouro que eu havia escondido ao lado do Caminho Fosse, e a este acrescentou cada vez mais, sendo encorajada no acúmulo pelo bispo Sansum, que além de ser bispo de toda a Dumnonia fora nomeado conselheiro-chefe e tesoureiro real. Eu não duvidava de que ele estivesse usando este último cargo para desfalcar o tesouro em proveito próprio. Acusei-o disso um dia e ele imediatamente adotou uma expressão ferida.

— Não me importo com ouro, senhor — disse piedosamente. — Nosso Senhor não exigiu que não juntássemos tesouros na terra, e sim no céu?

Fiz uma careta.

— Ele poderia exigir o que quisesse, mas mesmo assim você venderia a alma em troca de ouro, bispo, venderia mesmo, porque seria uma boa barganha.

Ele me lançou um olhar cheio de suspeitas.

— Uma boa barganha? Por quê?

— Porque você estaria trocando imundície por dinheiro, claro.

Eu não podia fingir que gostava de Sansum, nem ele que gostava de mim. O lorde camundongo vivia me acusando de diminuir os impostos dos homens em troca de favores e, como prova da acusação, citou o fato de que a cada ano uma quantia menor de dinheiro entrava no tesouro, mas essa queda não era culpa minha. Sansum havia persuadido Mordred a assinar um decreto que excluía todos os cristãos de ser tributados e ousou dizer que a igreja nunca encontrou um melhor modo de converter, mas Mordred rescindiu a lei assim que percebeu quantas almas estava salvando e que pequena quantidade de ouro estava ganhando; mas então Sansum convenceu o rei de que a igreja, e somente a igreja, deveria ser responsável por recolher impostos dos cristãos. Isso aumentou o ganho durante um ano, mas no outono seguinte os cristãos descobriram que saía mais barato subornar Sansum do que pagar ao rei. Então Sansum propôs dobrar os impostos de todos os pagãos, mas Argante e Fergal impediram tal medida. Em vez disso, Argante sugeriu que todos os impostos dos saxões deveriam ser dobrados, mas Sagramor se recusou a coletar o aumento, dizendo que isso só provocaria a rebelião nas partes de Lloegyr que tínhamos colonizado. Não era de espantar que eu odiasse comparecer às reuniões do conselho, e depois de um ou dois anos daquelas lutas inúteis abandonei as reuniões totalmente. Issa continuou coletando impostos, mas só os homens honestos pagavam, e parecia haver menos homens honestos a cada ano, por isso Mordred vivia reclamando de estar sem um tostão enquanto Argante e Sansum enriqueciam.

Argante ficou rica, mas continuou sem filhos. Algumas vezes visitava Broceliande e, muito de vez em quando, Mordred voltava à Dumnonia,

mas a barriga de Argante nunca inchava depois dessas visitas. Ela rezava, fazia sacrifícios e visitava fontes sagradas na tentativa de ter um filho, mas continuou estéril. Lembro-me do fedor nas reuniões do conselho, quando ela usava uma cinta suja com as fezes de uma criança recém-nascida, supostamente um remédio seguro para a esterilidade, mas isso não funcionava melhor do que as infusões de briônia e mandrágora que ela bebia diariamente. Por fim, Sansum a convenceu de que somente o cristianismo poderia operar o milagre e assim, dois anos depois de Mordred ter ido pela primeira vez para Broceliande, Argante expulsou o druida Fergal do palácio e foi publicamente batizada no rio Fraw, que passa em volta do limite norte de Durnovária. Durante seis meses compareceu aos cultos diários na imensa igreja que Sansum construía no centro da cidade, mas no fim dos seis meses sua barriga estava tão lisa como antes de ter entrado no rio. Por isso Fergal foi reconvocato ao palácio e trouxe consigo novas infusões de bosta de morcego e sangue de fuinha, que supostamente tornariam Argante fértil.

Nessa época Gwydre e Morwenna estavam casados e tinham produzido o primeiro filho. Essa criança era um menino conhecido como Artur-bach, ou Artur, o Pequeno. O menino foi batizado pelo bispo Emrys e Argante viu na cerimônia uma provocação. Ela sabia que nem Artur nem Guinevere tinham grande amor pelo cristianismo e que, ao batizar o neto, estavam meramente atraindo favores dos cristãos da Dumnonia, cujo apoio seria necessário caso Gwydre fosse tomar o trono. Além disso, a simples existência de Artur-bach era uma censura a Mordred. Um rei deve ser fecundo, era o dever dele, e Mordred estava falhando em cumprir esse dever. Não importava que ele tivesse gerado bastardos por toda a Dumnonia e toda a Armórica. Não estava gerando um herdeiro em Argante e a rainha falava de modo sombrio sobre seu pé aleijado, lembrava-se das profecias malignas do nascimento dele e olhava azedamente para a Silúria, onde sua rival, minha filha, estava se mostrando capaz de gerar novos príncipes. A rainha ficou mais desesperada, chegando mesmo a usar o tesouro para pagar em ouro qualquer charlatão que lhe promettesse um útero inchado, mas nem todas as feiticeiras da Britânia poderiam ajudá-la a conceber e, se os boatos eram verdadeiros, nem mesmo metade dos lanceiros de seu palácio podiam fazer isso. E o tempo todo Gwydre esperava na Silúria e Argante sabia que, se Mordred morresse, Gwydre reinaria na Dumnonia a não ser que ela produzisse um herdeiro.

Fiz o máximo para preservar a paz da Dumnonia naqueles primeiros anos do reinado de Mordred e, durante um tempo, meus esforços foram auxiliados pela ausência do rei. Eu nomeava magistrados e assim me certificava da continuação da justiça de Artur. Artur sempre tinha amado as boas leis, afirmando que elas uniam um país como as tábuas de salgueiro de um escudo são unidas pela cobertura de couro, e passei

por problemas imensos para nomear magistrados em cuja imparcialidade pudesse confiar. Na maior parte eram donos de terras, mercadores e padres, e quase todos suficientemente ricos para resistir aos efeitos corrosivos do ouro. Se os homens puderem comprar a lei, Artur sempre dissera, a lei se torna inútil. Os seus magistrados eram famosos pela honestidade, mas não demorou muito para que o povo da Dumnonia descobrisse que poderia passar por cima dos magistrados. Pagando dinheiro a Sansum ou Argante, eles garantiam que Mordred escreveria da Armórica ordenando a mudança de uma decisão, e assim, ano após ano, eu me vi lutando contra um crescente mar de pequenas injustiças. Os magistrados honestos se demitiram, para não ter suas decisões constantemente revertidas, enquanto homens que poderiam ter submetido seus problemas aos tribunais preferiam resolvê-los com lanças. Essa erosão da lei foi um processo lento, mas não pude impedi-la. Eu deveria ser um freio para os caprichos de Mordred, mas Argante e Sansum eram esporas gêmeas, e as esporas estavam suplantando o freio.

Mas, no todo, aquele foi um tempo feliz. Poucas pessoas viviam até os quarenta anos, entretanto Ceinwyn e eu vivemos, e ambos recebemos boa saúde dos Deuses. O casamento de Morwenna nos trouxe alegria, e o nascimento de Artur-bach ainda mais. Um ano depois nossa filha Seren se casou com Ederyn, o *edling* de Elmet. Era um casamento dinástico, porque Seren era prima em primeiro grau de Perddel, rei de Powys, e o casamento não foi contratado por amor, e sim para reforçar a aliança entre Elmet e Powys, e ainda que Ceinwyn tivesse se oposto ao casamento porque não via evidência de afeto entre Seren e Ederyn, Seren tinha decidido ser rainha, por isso se casou com seu *edling* e se mudou para longe de nós. Pobre Seren, nunca virou rainha, porque morreu dando à luz o primeiro bebê, uma menina que só viveu meio dia a mais do que a mãe. Assim a segunda de minhas três filhas foi para o Outro Mundo.

Choramos por Seren, mas as lágrimas não foram tão amargas quanto as que derramamos na morte de Dian, porque tinha morrido tão cruelmente nova. Mas apenas um mês depois de Seren ter morrido, Morwenna deu à luz uma segunda criança, uma filha a quem ela e Gwydre chamaram de Seren, e aqueles netos eram uma claridade maior na nossa vida. Eles não vinham à Dumnonia, porque ali correriam perigo devido ao ciúme de Argante, mas Ceinwyn e eu íamos frequentemente à Silúria. De fato, nossas visitas se tornaram tão frequentes que Guinevere mantinha aposentos em seu palácio apenas para o nosso uso e, depois de um tempo, passávamos mais tempo em Isca do que em Dun Caric. Minha cabeça e a barba estavam ficando grisalhas e eu me contentava em deixar Issa lutar com Argante enquanto eu brincava com meus netos. Construí para minha mãe uma casa no litoral da Silúria, mas ela estava tão louca que não sabia o que estava

acontecendo e vivia tentando voltar à sua choça de madeira podre no penhasco acima do mar. Morreu numa das pestes do inverno e, como eu prometera a Aelle, enterrei-a como uma saxã, com os pés virados para o norte.

A Dumnonia entrou em decadência e havia pouco que eu pudesse fazer para impedir, pois Mordred tinha poder suficiente para passar por cima de mim, mas Issa preservou o pouco de ordem e justiça que podia, enquanto Ceinwyn e eu passávamos cada vez mais tempo na Silúria. Que doces lembranças tenho de Isca! Lembranças de dias ensolarados com Taliesin cantando acalantos e Guinevere zombando gentilmente de minha felicidade enquanto eu puxava Artur-bach e Seren em cima de um escudo emborcado sobre a grama. Artur participava dos jogos, porque sempre adorou crianças, e algumas vezes Galahad estava lá. Tinha se juntado a Artur e Guinevere em seu exílio confortável.

Galahad ainda não havia se casado, mas agora tinha um filho. Era seu sobrinho, o príncipe Peredur, filho de Lancelot, que fora encontrado vagueando em lágrimas entre os mortos do Mynydd Baddon. À medida que crescia, Peredur ficou cada vez mais parecido com o pai; tinha a mesma pele morena, o mesmo rosto magro e bonito e o mesmo cabelo preto, mas no caráter ele era Galahad, e não Lancelot. Era um garoto inteligente e sério, e ansioso para ser um bom cristão. Não sei o quanto sabia da história de seu pai, mas Peredur vivia nervoso com Artur e Guinevere e eles, acho, o consideravam inquietante. Não era culpa do garoto, e sim porque seu rosto os fazia lembrar do que todos teríamos preferido esquecer. Ambos sentiram-se gratos quando, aos doze anos, Peredur foi mandado para a corte de Meurig em Gwent, para aprender as habilidades de guerreiro. Era um bom garoto, mas com sua partida foi como se uma sombra tivesse saído de Isca. Anos depois, muito depois de a história de Artur terminar, passei a conhecer bem Peredur, e a valorizá-lo mais do que à maioria dos homens.

Peredur podia inquietar Artur, mas havia poucas outras sombras perturbando-o. Nestes dias sombrios, quando as pessoas pensam no passado e se lembram do que perderam quando Artur se foi, geralmente elas falam da Dumnonia, mas outras pessoas também lamentam pela Silúria, porque naqueles anos ele deu ao reino subestimado um tempo de paz e justiça. Ainda havia doença, ainda havia pobreza, e os homens não deixavam de se embriagar e matar uns aos outros só porque Artur governava, mas as viúvas sabiam que seus tribunais dariam compensação e os famintos sabiam que seus silos tinham comida para durar todo o inverno. Nenhum inimigo atacava a fronteira da Silúria, e ainda que a religião cristã se espalhasse rapidamente pelos vales, Artur não deixava os padres violarem os templos pagãos nem permitia que os pagãos atacassem as igrejas cristãs. Naqueles anos ele transformou a Silúria no que sonhava que poderia fazer em toda a Britânia: um porto

seguro. As crianças não eram escravizadas, as colheitas não eram queimadas e os guerreiros não destruíam lares.

Mas para além dos limites do porto seguro coisas sombrias espreitavam. A ausência de Merlin era uma delas. Anos após ano se passava e ainda não havia notícias, e depois de um tempo o povo presumiu que o druida teria morrido, porque ninguém, nem mesmo Merlin, poderia viver tanto. Meurig era um vizinho incômodo e irritadiço, sempre exigindo impostos maiores ou a expulsão dos druidas que viviam nos vales da Silúria, ainda que Tewdric, seu pai, fosse uma influência moderadora quando podia ser arrancado da vida de privação autoimposta. Powys continuava fraco e a Dumnonia ficava cada vez mais sem leis, ainda que fosse poupada do pior de Mordred devido à ausência dele. Parecia que apenas na Silúria havia felicidade, e Ceinwyn e eu começamos a achar que passaríamos o resto de nossos dias em Isca. Tínhamos riqueza, tínhamos amigos, tínhamos uma família e éramos felizes.

Resumindo, éramos complacentes, e o destino sempre foi inimigo da complacência, e o destino, como Merlin sempre me disse, é inexorável.

Eu estava caçando com Guinevere nos morros ao norte de Isca quando ouvi falar pela primeira vez da calamidade de Mordred. Era inverno, as árvores estavam despidas e os valiosos cães veadeiros de Guinevere tinham acabado de derrubar um grande cervo vermelho quando um mensageiro da Dumnonia me encontrou. O sujeito me entregou uma carta, depois ficou olhando arregalado enquanto Guinevere passava entre os cães rosnantes para tirar o animal do sofrimento com um golpe misericordioso de sua lança curta. Seus caçadores afastaram os cães a chicotadas, depois pegaram as facas para estripar o cervo. Abri o pergaminho, li a breve mensagem e depois olhei para o mensageiro.

— Você mostrou isso a Artur?

— Não, senhor. A carta era endereçada ao senhor.

— Então leve para ele agora — falei, entregando-lhe o pedaço de pergaminho.

Guinevere, alegremente suja de sangue, parou com a carnificina.

— Você está com cara de quem recebeu má notícia, Derfel.

— Pelo contrário, a notícia é boa. Mordred foi ferido.

— Que bom! Está mal, não é?

— Parece. Um golpe de machado na perna.

— Pena que não foi no coração. Onde ele está?

— Ainda na Armórica.

A mensagem fora ditada por Sansum e dizia que Mordred tinha sido surpreendido e derrotado por um exército liderado por Clóvis, Grande Rei dos Francos, e que na batalha o nosso rei foi muito ferido na perna. Havia escapado, e agora estava sitiado por Clóvis numa das antigas

fortalezas num morro da velha Benoic. Deduzi que Mordred devia estar passando o inverno no território que tinha conquistado dos francos — e que sem dúvida desejava transformar num segundo reino do outro lado do mar, mas Clóvis levava seu exército franco para o oeste, numa campanha-surpresa durante o inverno. Mordred fora derrotado e, mesmo ainda estando vivo, estava encurralado.

— A notícia é digna de confiança? — perguntou Guinevere.

— Bastante. O rei Budic mandou um mensageiro a Argante.

— Bom! Bom! Esperemos que os francos o matem. — Ela voltou até a pilha de entranhas que soltavam vapor, para pegar um pedaço para seus cães amados. — Eles vão matá-lo, não vão?

— Os francos não são conhecidos pela misericórdia.

— Espero que dancem sobre os ossos dele. Chamando-se de segundo Uther!

— Ele lutou bem durante um tempo, senhora.

— Não é lutar bem que importa, Derfel, é se você vence ou não a última batalha. — Ela jogou pedaços das entranhas do cervo para os cães, enxugou a lâmina da faca na túnica e depois a enfiou de novo na bainha. — Então o que Argante quer de você? Um resgate?

Argante estava exigindo exatamente isso, e Sansum também, por isso ele me escrevera. Sua mensagem ordenava que eu marchasse com todos os meus homens para o litoral sul, encontrasse navios e fosse libertar Mordred. Conteí isso a Guinevere e ela me lançou um olhar zombeteiro.

— E você vai me dizer que seu juramento àquele desgraçadozinho vai forçá-lo a obedecer?

— Não tenho juramento com Argante, e certamente não com Sansum.

O lorde camundongo poderia me ordenar o quanto quisesse, mas eu não precisava obedecer e não tinha desejo de resgatar Mordred. Além disso, duvidava de que meu exército pudesse ser mandado para a Armórica no inverno e, mesmo que meus lanceiros sobrevivessem à difícil travessia, eles seriam muito poucos para sobreviver aos francos. A única ajuda que Mordred poderia esperar seria do velho rei Budic de Broceliande, que era casado com a irmã mais velha de Artur, Anna, mas ainda que Budic pudesse ficar feliz em ter Mordred matando francos na terra que tinha sido de Benoic, ele não teria vontade de atrair a atenção de Clóvis mandando lanceiros resgatar Mordred, que, pensei, estava condenado. Se o ferimento não o matasse, Clóvis o faria.

Pelo resto daquele inverno Argante me incomodou com mensagens exigindo que eu levasse meus homens para o outro lado do mar, mas fiquei na Silúria e a ignorei. Issa recebeu a mesma exigência, mas recusou-se peremptoriamente a obedecer, enquanto Sagramor simplesmente jogava no fogo as mensagens de Argante. Vendo o poder lhe escapar junto com a vida do marido, ela ficou mais desesperada e

ofereceu ouro aos lanceiros que fossem para a Armórica. Ainda que muitos aceitassem o ouro, preferiram navegar para o oeste até Kernow ou correr para o norte, entrando em Gwent, em vez de ir para o sul, onde o feroz exército de Clóvis aguardava. E à medida que Argante se desesperava, nossas esperanças cresciam. Mordred estava encurralado e doente, e cedo ou tarde chegaria a notícia de sua morte, e quando essa notícia chegasse planejavamos ir para a Dumnonia sob a bandeira de Artur, com Gwydre como candidato ao reino. Sagramor viria da fronteira saxã para nos apoiar, e nenhum homem na Dumnonia teria poder para se opor.

Mas outros homens também pensavam no reino da Dumnonia. Fiquei sabendo disso no início da primavera, quando São Tewdric morreu. Artur estava espirrando e tremendo com o último resfriado do inverno e pediu a Galahad para ir aos rituais fúnebres do velho rei em Burrium, a capital de Gwent, que ficava a uma curta viagem de Isca, seguindo rio acima. E Galahad pediu que eu o acompanhasse. Lamentei por Tewdric, que tinha se mostrado um bom amigo para nós, mas não desejava comparecer ao seu funeral para não ter de suportar a monotonia interminável dos rituais cristãos, mas Artur somou seu pedido ao de Galahad.

— Vivemos aqui porque Meurig quer — lembrou-me — e seria bom mostrarmos respeito. Eu iria, se pudesse. — Ele parou para espirrar. — Mas Guinevere diz que seria a morte.

Assim, Galahad e eu fomos no lugar de Artur e, de fato, os serviços fúnebres pareciam jamais terminar. Aconteceram numa grande igreja que parecia um celeiro, que Meurig construía no ano que marcava o suposto quinto centenário do surgimento do Senhor Jesus Cristo nesta terra pecaminosa, e assim que as orações dentro da igreja terminaram de ser ditas ou cantadas, tivemos de suportar mais orações ainda junto à sepultura de Tewdric. Não houve pira funerária, nem lanceiros cantando, só um buraco frio no chão, um punhado de padres lamurientos e uma corrida pouco digna para voltar à cidade e às tavernas assim que Tewdric foi finalmente enterrado.

Meurig exigiu que Galahad e eu fôssemos jantar com ele. Peredur, sobrinho de Galahad, juntou-se a nós, bem como o bispo de Burrium, um sujeito sombrio chamado Lladarn, que fora responsável pelas mais tediosas orações do dia. E ele começou o jantar com outra oração comprida, depois da qual fez uma indagação séria sobre o estado da minha alma e ficou chateado quando garanti que ela estava segura na posse de Mitra. Essa resposta normalmente teria irritado Meurig, mas ele estava distraído demais para notar a provocação. Eu sabia que ele não estava indevidamente perturbado pela morte do pai, porque Meurig ainda se ressentia por Tewdric ter tomado o poder de volta na época da batalha do Mynydd Baddon, mas pelo menos fingia estar perturbado e

nos incomodava com elogios falsos sobre a santidade e a sagacidade do pai. Exprimi a esperança de que a morte de Tewdric tivesse sido misericordiosa, e Meurig explicou que o pai tinha morrido de fome na tentativa de imitar os anjos.

— No final não restava nada nele — explicou o bispo Lladarn. — Só pele e osso, pele e osso! Mas os monges dizem que a pele estava cheia de uma luz celestial, Deus seja louvado!

— E agora o santo está à mão direita de Deus — disse Meurig, fazendo o sinal da cruz —, onde um dia estarei com ele. Experimente uma ostra, lorde. — Ele empurrou um prato de prata na minha direção, depois serviu-se de vinho. Era um rapaz pálido com olhos protuberantes, barba fina e um jeito pedante que irritava. Como seu pai, ele macaqueava os costumes romanos. Usava uma trança de bronze em volta dos cabelos ralos, vestia uma toga e comia deitado num sofá. Os sofás eram profundamente desconfortáveis. Ele havia se casado com uma princesa de Rheged, triste e parecida com um boi, que chegara pagã a Gwent, produziu gêmeos do sexo masculino e depois teve o cristianismo enfiado a chicote em sua alma teimosa. Ela apareceu por alguns instantes na sala de jantar mal-iluminada, olhou-nos, não disse nem comeu nada, depois desapareceu tão misteriosamente quanto havia chegado.

— Vocês têm alguma notícia de Mordred? — perguntou Meurig depois da breve visita da esposa.

— Não ouvimos nada de novo, senhor rei — disse Galahad. — Ele está encurralado por Clóvis, mas não sabemos se vive ou não.

— Tenho notícias — disse Meurig, satisfeito em sabê-las antes de nós. — Ontem chegou um mercador com notícias de Broceliande, e ele nos diz que Mordred se encontra à beira da morte. O ferimento está infeccionando. — O rei palitou os dentes com uma lasca de marfim. — Deve ser o julgamento de Deus, príncipe Galahad, o julgamento de Deus.

— Que Seu nome seja louvado — interveio o bispo Lladarn. A barba cinzenta do bispo era tão comprida que desaparecia sob o sofá. Ele a usava como toalha, enxugando a gordura das mãos em seus fios compridos e cheios de sujeira grudada.

— Já ouvimos esses boatos antes, senhor rei — falei.

Meurig deu de ombros.

— O mercador parecia muito seguro — disse, depois deixou uma ostra escorregar pela garganta. — Então, se Mordred ainda não está morto, provavelmente estará logo, e sem deixar um filho!

— Certo — disse Galahad.

— E Perddel de Powys também não tem filhos — prosseguiu Meurig.

— Perddel não se casou, senhor rei — disse eu.

— Mas ele pretende se casar?

— Fala-se que ele vai se casar com uma princesa de Kernow — comentei — e alguns dos reis irlandeses ofereceram filhas, mas a mãe quer que ele espere um ou dois anos.

— Ele é dominado pela mãe, não é? Não é de espantar que seja fraco — disse Meurig em sua voz petulante e aguda. — Fraco. Ouvi dizer que os morros no oeste de Powys estão cheios de renegados.

— Ouvi o mesmo, senhor rei — disse eu. Desde a morte de Cuneglas as montanhas junto ao mar da Irlanda tinham sido assombradas por homens sem senhores, e a campanha de Artur em Powys, Gwynedd e Lleyn só fizera o número deles aumentar. Alguns desses refugiados eram lanceiros dos Escudos Sangrentos de Diwrnach e, unidos aos insatisfeitos de Powys, podiam se mostrar uma nova ameaça ao trono de Perddel, mas até agora tinham sido pouco mais do que um incômodo. Atacavam para tomar gado e grãos, roubavam crianças como escravas, depois voltavam para seus redutos nos morros para evitar retaliação.

— E Artur? — perguntou Meurig. — Como vocês o deixaram?

— Não estava bem, senhor rei — disse Galahad. — Ele gostaria de estar aqui, mas infelizmente teve uma febre de inverno.

— Não foi séria? — perguntou Meurig com uma expressão sugerindo que ele esperava que o resfriado de Artur fosse fatal. — Não esperamos isso, claro — acrescentou às pressas —, mas ele é velho e os velhos sucumbem a coisas pequenas que um homem mais jovem descartaria facilmente.

— Não acho Artur velho — repliquei.

— Ele deve ter quase cinquenta! — observou Meurig, indignado.

— Ainda faltam um ou dois anos.

— Mas é velho — insistiu Meurig. — Velho. — Ele ficou quieto e olhei a câmara do palácio em volta, iluminada por pavios acesos fluando em pratos de bronze cheios de óleo. Além dos cinco sofás e da mesa baixa não havia mais móveis, e a única decoração era uma escultura de Cristo na cruz, pendurada no alto de uma parede. O bispo devorava uma costela de porco, Peredur estava sentado em silêncio, enquanto Galahad olhava o rei com um ar de leve diversão. Meurig palitou os dentes de novo, depois me apontou a lasca de marfim. — O que acontece se Mordred morrer? — Ele piscou rapidamente, algo que sempre fazia quando estava nervoso.

— Um novo rei precisará ser encontrado, senhor rei — falei em tom casual, como se a pergunta não fosse importante para mim.

— Isso eu sabia — disse ele com azedume. — Mas quem?

— Os lordes da Dumnonia decidirão — falei, evasivo.

— E escolherão Gwydre? — Ele piscou de novo enquanto me desafiava. — Foi o que ouvi dizer, que eles escolherão Gwydre! Estou certo?

Não falei nada e finalmente Galahad respondeu ao rei.

— Gwydre certamente tem direito a reivindicar, senhor rei — disse ele cautelosamente.

— Ele não tem direito nenhum! Nenhum! — guinchou Meurig, furioso. — O pai dele é um bastardo, será que preciso lembrar a vocês?

— Assim como eu, senhor rei — intervim.

Meurig ignorou isso.

— “Um bastardo não deve entrar na congregação do Senhor!” — insistiu ele. — Está escrito assim nas escrituras, não é, bispo?

— “Até a décima geração o bastardo não deve entrar na congregação do Senhor” — entoou Lladarn, depois fez o sinal da cruz. — Louvado seja Ele por Sua sabedoria e orientação, senhor rei.

— Pronto! — disse Meurig, como se toda a sua argumentação tivesse sido provada.

Sorri.

— Senhor rei — observei gentilmente —, se fôssemos negar o direito de reinar aos descendentes dos bastardos, não teríamos reis.

Ele me olhou com olhos pálidos e arregalados, tentando determinar se eu insultara sua linhagem, mas devia ter decidido não iniciar uma discussão.

— Gwydre é jovem — disse em vez disso —, e não é filho de um rei. Os saxões estão ficando mais fortes e Powys é malgovernado. A Britânia carece de líderes, lorde Derfel, carece de reis fortes!

— Cantamos hosanas diariamente porque o nosso mostra o contrário, senhor rei — disse Lladarn melosamente.

Achei que o elogio do bispo não passava de uma réplica educada, do tipo de frase sem sentido que os cortesãos vivem falando para os reis, mas Meurig a recebeu como a verdade do evangelho.

— Exatamente! — disse o rei com entusiasmo, depois me fitou com os olhos arregalados como se esperasse que eu ecoasse o sentimento do bispo.

— Quem o senhor gostaria de ver no trono da Dumnonia, senhor rei? — perguntei em vez disso.

Sua piscadela súbita e rápida mostrou que ele ficou incomodado com a pergunta. A resposta era óbvia: Meurig queria o trono para si próprio. Ele já havia feito uma tentativa de ganhá-lo antes da batalha do Mynydd Baddon, e sua insistência em que o exército de Gwent não ajudaria Artur a não ser que Artur renunciasse ao poder fora um esforço hábil para enfraquecer o trono da Dumnonia, na esperança de que um dia ele ficasse vago, mas agora, finalmente, ele via a oportunidade, entretanto não ousava anunciar a própria candidatura abertamente, enquanto notícias definitivas da morte de Mordred não chegassem à Britânia. Em vez disso falou:

— Apoiarei o candidato que se mostrar um discípulo de Nosso Senhor Jesus Cristo. — Ele fez o sinal da cruz. — Não posso fazer outra

coisa, porque sirvo ao Deus Todo-poderoso.

— Que Ele seja louvado! — disse o bispo apressadamente.

— E tenho boas informações, lorde Derfel — prosseguiu Meurig enfaticamente —, de que os cristãos da Dumnonia exigirão um bom governante cristão! Exigirão!

— E quem o informa sobre essa exigência, senhor rei? — perguntei numa voz tão ácida que o pobre Peredur ficou alarmado. Meurig não respondeu, mas eu não esperava resposta. Por isso eu mesmo respondi. — O bispo Sansum? — sugeri e vi pela expressão indignada de Meurig que estava certo.

— Por que você acha que Sansum tem algo a dizer sobre isso? — perguntou Meurig, com o rosto vermelho.

— Sansum vem de Gwent, não é, senhor rei? — E Meurig ruborizou-se ainda mais, tornando óbvio que Sansum realmente estava tramando para colocar Meurig no trono da Dumnonia, e Meurig com certeza recompensaria Sansum com mais poder ainda. — Mas não creio que os cristãos da Dumnonia precisem de sua proteção, senhor rei. Nem da de Sansum. Gwydre, como o pai, é amigo de sua fé.

— Amigo! Artur, amigo de Cristo! — disse rispidamente o bispo Lladarn. — Existem templos pagãos na Silúria, animais são sacrificados aos Deuses antigos, mulheres dançam nuas sob a lua, crianças são postas na fogueira, druidas arengam! — O cuspe voava da boca do bispo enquanto ele fazia a lista de iniquidades.

— Sem as bênçãos do domínio de Cristo — Meurig se inclinou para mim — não pode haver paz.

— Não pode haver paz, senhor rei — falei diretamente —, enquanto dois homens quiserem o mesmo reino. O que o senhor quer que eu diga ao meu genro?

De novo Meurig ficou incomodado com meus modos diretos. Ele remexeu uma concha de ostra enquanto pensava na resposta, depois deu de ombros.

— Você pode garantir a Gwydre que ele terá terra, honra, posto e minha proteção — falou, piscando rapidamente —, mas não admitirei vê-lo rei da Dumnonia. — Meurig chegou a ruborizar-se ao dizer as últimas palavras. Era um homem inteligente, mas covarde no coração, e deve ter sido necessário um grande esforço para se expressar de modo tão direto.

Talvez ele temesse minha raiva, mas dei uma resposta cortês.

— Direi, senhor rei. — Mas na verdade a mensagem não era para Gwydre, e sim para Artur. Meurig não estava somente declarando seu empenho em governar a Dumnonia, mas alertando Artur de que o formidável exército de Gwent iria se opor à candidatura de Gwydre.

O bispo Lladarn se inclinou para Meurig e falou num sussurro ansioso. Usou latim, confiante em que nem Galahad nem eu iríamos

entendê-lo, mas Galahad falava a língua e entreouviu o que era dito, e acusou Lladarn em britânico.

— O senhor está planejando manter Artur encurralado dentro da Silúria?

Lladarn ficou vermelho. Além de ser bispo de Burrium, era o principal conselheiro do rei e, portanto, um homem poderoso.

— Meu rei — disse ele curvando a cabeça na direção de Meurig —, não pode permitir que Artur movimente lanceiros pelo território de Gwent.

— Isso é verdade, senhor rei? — perguntou Galahad educadamente.

— Sou um homem de paz — disse Meurig bruscamente. — E um modo de garantir a paz é manter os lanceiros em casa.

Não falei nada, temendo que minha raiva só me fizesse dizer alguma coisa que pioraria tudo. Se Meurig insistisse em que não poderíamos movimentar lanceiros por suas estradas ele teria sucesso em dividir as forças que apoiariam Gwydre. Isso significava que Artur não poderia marchar para se juntar a Sagramor, e que Sagramor não poderia se juntar a Artur, e que se Meurig pudesse manter as forças deles divididas, provavelmente seria o próximo rei da Dumnonia.

— Mas Meurig não lutará — disse Galahad cheio de escárnio enquanto cavalgávamos junto ao rio em direção a Isca no dia seguinte. Os salgueiros estavam turvos com as primeiras sugestões de folhas de primavera, mas o dia era uma lembrança do inverno com vento frio e névoas pairando.

— Ele lutaria se o preço fosse suficientemente grande. — E o preço era gigantesco, porque se Meurig governasse Gwent e Dumnonia, controlaria a parte mais rica da Britânia. — Isso dependerá de quantas lanças se opuserem.

— As suas, as de Issa, as de Artur, as de Sagramor — disse Galahad.

— Uns quinhentos homens? — perguntei. — E Sagramor está muito longe, e Artur teria de atravessar o território de Gwent para chegar à Dumnonia. E quantos homens Meurig comanda? Mil?

— Ele não vai se arriscar numa guerra — insistiu Galahad. — Meurig quer o prêmio, mas sente pavor do risco.

Ele havia parado o cavalo para olhar um homem pescando num barquinho no centro do rio. O pescador lançou a rede com uma habilidade descuidada e, enquanto Galahad admirava a destreza do pescador, eu estava avaliando cada lançamento como um presságio. Se esse lançamento render um salmão, falava a mim mesmo, Mordred morrerá. O lançamento trouxe um grande peixe lutando, e então pensei que o augúrio era um absurdo, porque todos vamos morrer, por isso disse a mim mesmo que o próximo lançamento deveria trazer um peixe se Mordred devesse morrer antes de Beltain. A rede veio vazia e toquei o ferro no punho de Hywelbane. O pescador nos vendeu parte do que

tinha apanhado, enfiámos os salmões nas bolsas das selas e continuamos. Orei a Mitra para que meu presságio idiota estivesse errado, depois rezei para que Galahad estivesse certo e para que Meurig jamais ousasse comprometer suas tropas. Mas pela Dumnonia? Pela rica Dumnonia? Isso valia um risco, mesmo para um homem cauteloso como Meurig.

Os reis fracos são uma maldição na terra, mas nossos juramentos são feitos aos reis, e se não tivéssemos juramentos não teríamos leis, e se não tivéssemos leis teríamos a simples anarquia, e assim devíamos nos amarrar à lei e manter a lei através de juramentos, e se um homem pudesse mudar os reis à vontade poderia abandonar os juramentos ao rei inconveniente, portanto precisamos de reis porque precisamos de uma lei imutável. Tudo isso é verdade, mas enquanto Galahad e eu íamos para casa em meio à névoa do inverno eu poderia ter chorado, porque o único homem que deveria ser rei não seria, e porque os que nunca deveriam ser eram.

Encontramos Artur em sua oficina de ferreiro. Ele próprio tinha construído a oficina, feito uma fornalha coberta usando tijolos romanos, depois comprou uma bigorna e um jogo de ferramentas. Sempre havia declarado que queria ser ferreiro, mas, como observava Guinevere frequentemente, querer não era o mesmo que ser. Mas Artur tentava, e como tentava! Empregava um ferreiro de verdade, um homem magro e taciturno chamado Morridig, cuja tarefa era ensinar-lhe a profissão, mas Morridig há muito perdera a esperança de ensinar a Artur algo além de entusiasmo. Mesmo assim todos possuíamos coisas feitas por ele: candelabros de ferro com hastes tortas, panelas esquisitas e com cabos mal-ajustados ou ataçadores que se curvavam nas chamas. Mas o trabalho de ferreiro o deixava feliz e ele passava horas ao lado da fornalha sibilante, sempre com a certeza de que um pouquinho mais de prática iria torná-lo tão tranquilamente hábil quanto Morridig.

Ele estava sozinho na oficina quando Galahad e eu voltamos de Burrium. Grunhiu um cumprimento distraído, depois continuou martelando um pedaço informe de ferro que, segundo ele, era uma ferradura para um de seus cavalos. Relutantemente largou a marreta quando lhe presentamos um dos salmões que tínhamos comprado, depois interrompeu as novidades dizendo que já ouvira dizer que Mordred estava à beira da morte.

— Ontem chegou um bardo da Armórica contando que a perna do rei está apodrecendo no quadril — disse ele. — O bardo falou que ele está fedendo como um sapo morto.

— Como é que o bardo sabe? — perguntei, porque achava que Mordred estava cercado e separado dos outros britânicos na Armórica.

— Ele diz que é de conhecimento comum em Broceliande — disse

Artur e depois acrescentou feliz que esperava que o trono da Dumnonia estivesse vago em questão de dias. Mas estragamos sua alegria contando a recusa de Meurig em deixar que qualquer de seus lanceiros atravessasse as terras de Gwent, e aumentamos sua tristeza acrescentando minhas suspeitas sobre Sansum. Pensei por um segundo que Artur ia xingar, algo que fazia raramente, mas ele controlou o impulso, e em vez disso afastou o salmão da fornalha. — Não quero que cozinhe — falou. — Então Meurig fechou todas as estradas para nós?

— Ele diz que quer a paz, senhor — expliquei.

Artur deu um riso azedo.

— Ele quer se provar, é isso. Seu pai está morto e ele está ansioso para mostrar que é um homem melhor do que Tewdric. O melhor modo é se tornar herói na batalha, e o segundo melhor modo é roubar um reino sem batalha. — Artur deu um espirro violento, depois balançou a cabeça, com raiva. — Odeio ficar resfriado.

— O senhor deveria estar descansando — sugeri. — E não trabalhando.

— Isto não é trabalho, é prazer.

— O senhor deveria tomar unha-de-cavalo com hidromel — disse Galahad.

— Não bebo outra coisa há uma semana. Só duas coisas curam os resfriados: a morte ou o tempo. — Ele pegou a marreta e deu um golpe ressoante no pedaço de ferro que ia esfriando, depois apertou os foles de couro que jogavam ar na fornalha. O inverno tinha terminado, mas apesar da insistência de Artur de que o tempo era sempre bom em Isca, o dia estava gélido. — O que o seu lorde camundongo está tramando? — perguntou-me enquanto bombeava o fole até que a fornalha estivesse incandescente.

— Ele não é o meu lorde camundongo.

— Mas ele está tramando, não está? Quer ter candidato próprio ao trono.

— Mas Meurig não tem direito ao trono! — protestou Galahad.

— Nenhum — concordou Artur —, mas ele tem um monte de lanças. E teria metade da reivindicação caso se casasse com a viúva Argante.

— Ele não pode se casar com ela — disse Galahad. — Ele já é casado.

— Um cogumelo venenoso acabaria com uma rainha inconveniente — disse Artur. — Foi assim que Uther se livrou da primeira esposa. Um chapéu-de-sapo no meio de um cozido de cogumelos. — Ele pensou por alguns segundos, depois jogou a ferradura no fogo. — Chame Gwydre — pediu a Galahad.

Artur torturou o ferro quente durante um tempo. Uma ferradura era um objeto bastante simples, apenas uma folha de ferro que protegia o

casco vulnerável contra as pedras, e só era preciso um arco de ferro que se dobrava na frente do casco e um par de travas atrás, onde as tiras de couro eram presas, mas parecia que Artur não conseguia fazer direito. Seu arco era estreito demais e alto demais, a placa estava torta e as travas altas demais.

— Está quase boa — disse ele depois de martelar aquela coisa durante mais um minuto frenético.

— Boa para quê? — perguntei.

Ele enfiou a ferradura de novo na fornalha e depois tirou o avental chamuscado enquanto Galahad voltava com Gwydre. Artur contou a Gwydre a notícia da morte esperada de Mordred, depois falou da traição de Meurig e terminou com uma pergunta simples:

— Você quer ser rei da Dumnonia, Gwydre?

Gwydre ficou espantado. Ele era um bom homem, mas jovem, muito jovem. E não creio que fosse particularmente ambicioso, ainda que sua mãe fosse ambiciosa por ele. Tinha o rosto de Artur, mas era marcado por uma expressão alerta, como se a toda hora esperasse um golpe sujo do destino. Era magro, mas eu treinava espadas com ele o suficiente para saber que havia uma grande força em seu corpo enganosamente frágil.

— Tenho o direito de reivindicar o trono — respondeu ele reservadamente.

— Porque o seu avô se deitou com minha mãe — disse Artur, irritado. — Esta é a sua reivindicação, Gwydre, nada mais. O que quero saber é se você realmente deseja ser rei.

Gwydre me olhou procurando ajuda, não encontrou, e olhou de novo para o pai.

— Acho que sim, é.

— Por quê?

Gwydre hesitou mais uma vez, e acho que uma quantidade enorme de motivos girou em sua cabeça, mas finalmente ele assumiu um ar desafiador.

— Porque nasci para isso. Sou tão herdeiro de Uther quanto Mordred.

— Você acha que nasceu para isso, hein? — perguntou Artur sarcasticamente. Ele se inclinou e bombeou os foles, fazendo a fornalha rugir e cuspir fagulhas contra a cobertura de tijolos. — Cada homem neste cômodo é filho de um rei, menos você, Gwydre — disse Artur com ferocidade. — E você diz que nasceu para isso?

— Então seja rei o senhor, pai, e nesse caso também serei filho de um rei.

— Bem dito — intervim.

Artur me lançou um olhar furioso, depois pegou um trapo numa pilha ao lado da bigorna e assoou o nariz. Jogou o trapo na fornalha. O resto de nós simplesmente assoava o nariz apertando as narinas entre o

indicador e o polegar, mas ele sempre foi meticoloso.

— Aceitemos, Gwydre — disse ele —, que você seja da linhagem de reis. Que é neto de Uther e portanto pode reivindicar o trono da Dumnonia. Eu também posso, por acaso, mas optei por não exercer essa opção. Estou velho demais. Mas por que homens como Derfel e Galahad deveriam lutar para colocá-lo no trono da Dumnonia? Diga.

— Porque serei um bom rei — disse Gwydre, ruborizando-se, e em seguida me olhou. — E Morwenna será uma boa rainha.

— Cada homem que já foi rei disse que queria ser bom — resmungou Artur — e a maioria acabou sendo ruim. Por que você seria diferente?

— Diga-me o senhor, pai.

— Estou perguntando a você!

— Mas se um pai não conhece o caráter do filho — retrucou Gwydre — quem conhecerá?

Artur foi até a porta da oficina, abriu-a e olhou para o pátio do estábulo. Nada se mexia, a não ser a matilha de cães habitual, e ele acabou voltando.

— Você é um homem decente, filho — disse de má vontade —, um homem decente. Tenho orgulho de você, mas você tem pensamentos muito bons sobre o mundo. Existe maldade lá fora, maldade verdadeira, e você não dá crédito a ela.

— O senhor dava quando tinha a minha idade?

Artur admitiu a acuidade da pergunta com um meio sorriso.

— Quando eu tinha a sua idade achava que poderia renovar o mundo. Acreditava que todo esse mundo só necessitava de honestidade e gentileza. Acreditava que se tratamos as pessoas bem, que se lhes damos paz e oferecemos justiça elas responderão com gratidão. Achava que podia dissolver o mal no bem. — Ele fez uma pausa. — Acho que pensava nas pessoas como se elas fossem cães — prosseguiu, pesaroso —, e que se você lhes dá afeto suficiente elas serão dóceis. Mas elas não são cães, Gwydre, são lobos. Um rei precisa administrar mil ambições, e todas elas pertencem a pessoas falsas. Você será lisonjeado. E zombado pelas costas. Os homens jurarão lealdade imortal numa respiração e tramarão sua morte na próxima. E se você sobreviver às tramas, um dia estará com a barba grisalha como eu, olhará para o passado e verá que não realizou nada. Nada. Os bebês que admirou nos braços das mães se tornaram assassinos, a justiça que você impôs estará à venda, as pessoas que protegeu ainda estarão famintas e os inimigos que derrotou ainda ameaçarão suas fronteiras. — Ele tinha ficado cada vez mais irado enquanto falava, mas agora suavizou a raiva com um sorriso. — É isso que você quer?

Gwydre devolveu o olhar do pai. Por um momento pensei que ele fosse hesitar, ou talvez discutir, mas em vez disso deu uma boa resposta.

— O que eu quero, pai, é tratar bem as pessoas, dar-lhes a paz e oferecer a justiça.

Artur sorriu ao ouvir suas próprias palavras devolvidas.

— Então talvez devamos tentar fazê-lo rei, Gwydre. Mas como? — Ele voltou à fornalha. — Não podemos levar lanceiros através de Gwent, Meurig vai impedir. Mas se não tivermos lanceiros não teremos o trono.

— Barcos — disse Gwydre.

— Barcos? — perguntou Artur.

— Deve haver duas vintenas de barcos de pesca em nossa costa, e cada um deles pode levar dez ou doze homens.

— Mas não cavalos — disse Galahad. — Duvido de que possam levar cavalos.

— Então devemos lutar sem cavalos — afirmou Gwydre.

— Talvez nem precisemos lutar — disse Artur. — Se chegarmos à Dumnonia primeiro, e se Sagramor se juntar a nós, acho que o jovem Meurig pode hesitar. E se Oengus Mac Airem mandar um bando de guerreiros para o leste, em direção a Gwent, talvez isso apavore Meurig ainda mais. Provavelmente podemos congelar a alma de Meurig se parecermos suficientemente ameaçadores.

— Por que Oengus iria nos ajudar a lutar contra sua própria filha? — perguntei.

— Porque ele não se importa com ela — disse Artur. — E nós não estamos lutando contra a filha dele, Derfel, estamos lutando contra Sansum. Argante pode ficar na Dumnonia, mas não pode ser rainha, não se Mordred estiver morto. — Ele espirrou de novo. — E acho que você deveria ir logo para a Dumnonia, Derfel.

— Fazer o quê, senhor?

— Farejar o lorde camundongo. Ele está tramando e precisa de um gato para lhe dar uma lição, e você tem garras afiadas. E pode mostrar o estandarte de Gwydre. Não posso ir porque isso provocaria Meurig demais, mas você pode atravessar o Severn sem levantar suspeitas e, quando chegar a notícia da morte de Mordred, você proclamará o nome de Gwydre em Caer Cadarn e se certificará de que Sansum e Argante não possam chegar a Gwent. Ponha os dois sob guarda e diga que é para a proteção deles.

— Vou precisar de homens.

— Leve um barco cheio, e use os homens de Issa — disse Artur, revigorado pela necessidade de tomar decisões. — Sagramor lhe dará soldados, e no momento em que eu souber que Mordred está morto, levarei Gwydre com todos os meus lanceiros. Isto é, se eu ainda estiver vivo — falou, espirrando de novo.

— Estará — disse Galahad sem qualquer simpatia.

— Semana que vem — Artur me fitou com os olhos vermelhos. — Vá

na semana que vem, Derfel.

— Sim, senhor.

Ele se curvou para jogar outro punhado de carvões na fornalha.

— Os Deuses sabem que nunca desejei um trono, mas de um modo ou de outro eu consumo a vida lutando por ele. — Artur fungou. — Nós vamos começar a juntar barcos, Derfel, e você reúna lanceiros em Caer Cadarn. Se parecermos suficientemente fortes Meurig pensará duas vezes.

— E se não pensar? — perguntei.

— Então estamos perdidos. Estamos perdidos. A não ser que lutemos uma guerra, e não tenho certeza de que desejo isso.

— O senhor nunca deseja — falei —, mas sempre vence.

— Até agora — disse Artur em voz sombria. — Até agora.

Ele pegou as tenazes para resgatar a ferradura no fogo e fui encontrar um barco para tomar um trono.

NA MANHÃ SEGUINTE, NA maré vazante e com um vento oeste que chicoteava o rio Usk formando ondas curtas e altas, entrei no barco do meu cunhado. Balig era um pescador casado com Linna, minha meia-irmã, e gostou quando descobriu que era parente de um lorde da Dumnonia. Além disso lucrou com o relacionamento inesperado, mas merecia a boa sorte porque era um homem capaz e decente. Agora ordenou que seis de meus lanceiros pegassem os compridos remos do barco e que os outros quatro se agachassem no bojo. Eu tinha apenas uma dúzia de meus lanceiros em Isca, o resto estava com Issa. Mas achei que esses dez homens me levariam em segurança a Dun Caric. Balig me convidou a sentar-me num baú de madeira junto ao remo que servia de leme.

— E vomite por cima da amurada, senhor — acrescentou, alegre.

— Eu não faço isso sempre?

— Não. Da última vez encheu o fundo do barco com o seu desjejum. Um desperdício de comida para peixe. Vamos zarpar, seu sapo comido por vermes! — gritou para sua tripulação, um escravo saxão que fora capturado no Mynydd Baddon, mas que agora tinha uma esposa britânica, dois filhos e uma amizade ruidosa com Balig. — Ele conhece os barcos, isso tenho de admitir — disse Balig sobre o saxão, depois se inclinou para a corda de popa que ainda prendia o barco à margem. Já ia soltar a corda quando um grito soou. Erguemos os olhos e vimos Taliesin correndo em nossa direção, vindo do monte gramado do anfiteatro de Isca. Balig segurou com força a corda que prendia o barco. — Quer que eu espere, senhor?

— Sim — falei, levantando-me. Taliesin chegou mais perto.

— Vou com vocês, esperem! — O bardo carregava apenas uma pequena bolsa de couro e uma harpa dourada. — Esperem! — gritou de novo, depois levantou a bainha do manto branco, tirou os sapatos e vadeou pela lama pegajosa da margem do Usk.

— Não posso esperar a vida toda — resmungou Balig enquanto o bardo lutava na lama funda. — A maré está baixando depressa.

— Um momento, um momento. — Taliesin jogou a harpa, a bolsa e os sapatos a bordo, levantou a bainha ainda mais e entrou na água. Balig estendeu a mão, agarrou a mão do bardo e o puxou sem cerimônia por cima da amurada. Taliesin caiu esparramado no convés, encontrou os sapatos, a bolsa e a harpa, depois torceu a água da bainha do manto. — O senhor não se importa que eu vá? — perguntou-me, com o filete de prata torto no cabelo preto.

— Por que me importaria?

— Não que eu pretenda acompanhá-lo. Só queria passagem para a Dumnonia. — Ele ajeitou o filete de prata, depois franziu a testa para meus lanceiros sorridentes. — Esses homens sabem remar?

— Claro que não — respondeu Balig por mim. — Eles são lanceiros, não servem para nada útil. Façam isso juntos, seus desgraçados! Prontos? Empurrem! Remos para baixo! Puxem! — Ele balançou a cabeça num fingimento de desespero. — É mais fácil ensinar porcos a dançar.

De Isca ao mar aberto eram cerca de quatorze quilômetros, quatorze quilômetros que cobrimos rapidamente porque nosso barco estava sendo levado pela maré vazante e pela corrente do rio. O Usk deslizava entre bancos de lama brilhantes que subiam até campos de terras incultas, bosques despídos e pântanos largos. Nas margens ficavam armadilhas para peixes, feitas de vime, onde garças e gaivotas bicavam os salmões presos pela maré vazante. Aves pernaltas soltavam gritos lamentosos enquanto narcejas voavam e pairavam acima de seus ninhos. Praticamente não precisamos dos remos, porque a maré e a corrente nos levavam rapidamente. Assim que chegamos às águas mais largas onde o rio se derramava no Severn, Balig e seu tripulante levantaram uma vela marrom e puída que pegou o vento de oeste e fez o barco saltar à frente. — Usem esses remos agora — ordenou aos meus homens e em seguida pegou o grande remo usado como leme e se levantou alegre enquanto a pequena embarcação mergulhava a proa alta nas primeiras ondas grandes. — O mar vai estar animado hoje, senhor — gritou alegremente. — Tirem essa água com os baldes! — berrou para os meus lanceiros. — Ela tem de ficar fora do barco, e não dentro. — Balig riu do início de meu sofrimento. — Três horas, senhor, só isso, e já vai chegar em terra.

— O senhor não gosta de barcos? — perguntou Taliesin.

— Odeio.

— Uma oração a Manawydan deve afastar o enjoo — disse ele calmamente. Taliesin tinha levantando uma pilha de redes que estavam perto do meu baú e agora sentava-se sobre elas. Claramente não se perturbava com o movimento brusco do barco, na verdade parecia gostar. — Ontem à noite dormi no anfiteatro. Gosto de fazer isso — prosseguiu ao ver que eu estava sofrendo demais para falar. — Os assentos em degraus servem como uma torre de sonhos.

Olhei-o, com o enjoo meio diminuído pelas últimas duas palavras, porque me fizeram lembrar de Merlin, que um dia possuía uma torre de sonhos no cume do Tor de Ynys Wydryn. A torre de sonhos de Merlin era uma estrutura oca de madeira que, segundo ele, ampliava as mensagens dos Deuses, e pude entender como o anfiteatro romano de Isca, com as altas fileiras de assentos em volta da arena, podia servir ao mesmo propósito.

— Você estava vendo o futuro? — consegui perguntar.

— Um pouco, mas também encontrei Merlin no sonho ontem à noite.

A menção àquele nome expulsou as últimas revoluções na minha barriga.

— Falou com Merlin?

— Ele falou comigo — corrigiu Taliesin. — Mas não podia me ouvir.

— O que ele disse?

— Mais do que posso lhe contar, senhor, e nada que queira ouvir.

— O quê? — exige.

Ele segurou o cadaste de popa enquanto o barco mergulhava depois de uma onda alta. A água espirrava da proa e molhava os fardos com nossas armaduras. Taliesin certificou-se de que a harpa estivesse bem-protegida sob seu manto, depois tocou o filete de prata que circulava sua cabeça tonsurada, certificando-se de que continuava no lugar.

— Acho que o senhor viaja com o perigo — falou calmamente.

— Esta é a mensagem de Merlin — perguntei, tocando o ferro do punho de Hywelbane —, ou uma de suas visões?

— É só uma visão. E como lhe disse uma vez, senhor, é melhor ver o presente com clareza do que tentar discernir uma forma nas visões do futuro. — Ele parou, evidentemente pensando com cuidado nas próximas palavras. — Creio que o senhor não recebeu notícias definitivas da morte de Mordred, não é?

— Não.

— Se minha visão estava certa, o seu rei não está morto. Recuperou-se. Posso estar errado, na verdade rezo para estar errado, mas o senhor teve algum presságio?

— Sobre a morte de Mordred?

— Sobre o seu futuro, senhor.

Pensei um segundo. Houvera o pequeno augúrio da rede do pescador de salmões, mas eu o havia atribuído mais às minhas superstições do que aos Deuses. De modo mais preocupante, a pequena ágata azul-esverdeada do anel que Aelle dera a Ceinwyn havia caído, e uma das minhas capas velhas havia sido roubada, e embora os dois acontecimentos pudessem ser vistos como maus presságios, podiam igualmente ser meros acasos. Era difícil dizer, e nenhuma das duas perdas parecia suficientemente portentosa para ser mencionada a Taliesin.

— Nada me preocupou ultimamente — falei.

— Bom — disse ele, balançando com o movimento do barco. Seu cabelo preto e comprido flanava ao vento que esticava a barriga de nossa vela e forçava as bordas puídas. Além disso, o vento fazia borrifar os topos das ondas com cristas brancas e jogava as gotículas dentro do barco, entretanto achei que mais água entrava no barco pelas emendas

abertas do que por cima da amurada. Meus lanceiros tiravam-na apressadamente. — Mas acho que Mordred continua vivo — prosseguiu Taliesin, ignorando a atividade frenética no centro do barco — e que a notícia de sua morte iminente é um ardil. Mas não posso jurar. Algumas vezes confundimos nossos medos com profecias. Mas não imaginei Merlin, senhor, nem as palavras dele no meu sonho.

Voltei a tocar no punho de Hywelbane. Eu sempre tinha pensado que qualquer menção a Merlin seria tranquilizadora, mas as palavras calmas de Taliesin eram arrepiantes.

— Sonhei que Merlin estava num bosque denso — prosseguiu ele em sua voz precisa — e não conseguia achar a saída; na verdade, sempre que um caminho se abria a sua frente uma árvore gemia e se movia como se fosse um grande animal, deslocando-se para bloquear a passagem. O sonho me diz que Merlin está com problemas. Falei com ele no sonho, mas Merlin não podia ouvir. O que isso me diz, acho, é que ele não pode ser encontrado. Se mandarmos homens para procurá-lo, eles fracassarão e até podem morrer. Mas ele quer ajuda, isso eu sei, porque me mandou o sonho.

— Onde fica essa floresta?

O bardo virou os olhos escuros e profundos para mim.

— Talvez não haja floresta, senhor. Os sonhos são como canções. Sua tarefa não é dar uma imagem exata do mundo, e sim uma sugestão. Acho que a floresta me diz que Merlin é prisioneiro.

— De Nimue — falei, porque não podia pensar em outra pessoa que ousaria desafiar o druida.

Taliesin assentiu.

— Acho que ela é a carcereira. Nimue quer o poder dele e, quando o tiver, irá usá-lo para impor seu sonho à Britânia.

Eu estava achando difícil até mesmo pensar em Merlin e Nimue. Durante anos tínhamos vivido sem eles e, em consequência, as fronteiras de nosso mundo tinham assumido uma dureza precisa. Estávamos limitados pela existência de Mordred, pelas ambições de Meurig e pelas esperanças de Artur, não pelas incertezas enevoadas e redemoinhantes dos sonhos de Merlin.

— Mas o sonho de Nimue é o mesmo de Merlin — objetei.

— Não, senhor. Não é.

— Ela quer o que ele quer — insisti. — Restaurar os Deuses!

— Mas Merlin deu Excalibur a Artur, e o senhor não vê que com esse presente ele deu parte do poder a Artur? Pensei durante longo tempo sobre esse presente, porque Merlin nunca quis me explicar, mas acho que agora entendo. Merlin sabia que, se os Deuses falhassem, Artur talvez tivesse sucesso. E Artur teve sucesso, mas sua vitória no Mynydd Baddon não foi completa. Ela manteve a ilha da Britânia na mão dos britânicos, mas não derrotou os cristãos, o que é uma derrota

para os Deuses antigos. Nimue, senhor, jamais aceitará essa meia vitória. Para Nimue são os Deuses ou nada. Nimue não se importa com os horrores que venham para a Britânia desde que os Deuses voltem e derrotem os inimigos dela, e para alcançar isso, senhor, ela quer Excalibur. Quer cada fiapo de poder, de modo que quando acender de novo as fogueiras os Deuses não tenham opção além de responder.

Então entendi.

— E junto com Excalibur ela vai querer Gwydre.

— Vai mesmo, senhor. O filho de um governante é uma fonte de poder, e Artur, queira ou não, ainda é o líder mais famoso da Britânia. Se ele tivesse escolhido ser rei, seria nomeado Grande Rei. De modo que, sim, ela quer Gwydre.

Olhei o perfil de Taliesin. Ele parecia realmente estar gostando do balanço terrível do barco.

— Por que está me contando isso?

Minha pergunta o deixou perplexo.

— Por que não deveria contar?

— Porque me contando você me alerta para proteger Gwydre, e se eu proteger Gwydre impeço a volta dos Deuses. E você, se não estou enganado, gostaria de ver esses Deuses de volta.

— Gostaria — reconheceu —, mas Merlin me pediu que lhe contasse.

— Mas por que Merlin quer que eu proteja Gwydre? — perguntei.
— Ele quer que os Deuses retornem!

— O senhor se esquece de que Merlin previu dois caminhos. Um era o caminho dos Deuses, e o outro o caminho do homem, e Artur é esse segundo caminho. Se Artur for destruído, só teremos os Deuses, e acho que Merlin sabe que os Deuses não nos ouvem mais. Lembre-se do que aconteceu com Gawain.

— Ele morreu — falei em tom árido —, mas carregou seu estandarte em batalha.

— Ele morreu — corrigiu Taliesin — e então foi posto no Caldeirão de Clyddno Eiddyn. Deveria ter voltado à vida, senhor, porque esse é o poder do Caldeirão, mas não voltou. Não respirou de novo e isso significa certamente que a velha magia está desaparecendo. Ela não está morta, e suspeito de que causará grande mal antes de morrer. Mas Merlin, acho, está nos dizendo para olhar para o homem, e não para os Deuses, em busca da felicidade.

Fechei os olhos quando uma onda grande se despedaçou branca na alta proa do barco.

— Você está dizendo que Merlin fracassou? — falei quando as gotículas se desvaneceram.

— Acho que Merlin tinha fracassado quando o Caldeirão não reviveu Gawain. Por que outro motivo ele trouxe o corpo ao Mynydd

Baddon? Se Merlin pensasse, ao menos por um ínfimo instante, que poderia usar o corpo de Gawain para invocar os Deuses, jamais dissiparia sua magia na batalha.

— Mas ele ainda levou as cinzas para Nimue.

— Certo, mas isso foi porque tinha prometido ajudá-la, e até mesmo as cinzas de Gawain teriam retido algum poder do cadáver. Merlin pode saber que fracassou, mas como qualquer homem ele reluta em abandonar seu sonho, e talvez tenha acreditado que a energia de Nimue fosse eficaz, não é? Mas o que ele não previu, senhor, foi a extensão em que ela iria explorá-lo para o mal.

— Puni-lo — falei amargamente.

Taliesin assentiu.

— Ela o despreza porque ele fracassou, e acredita que ele lhe esconde conhecimentos, de modo que agora mesmo, senhor, neste mesmo vento, ela está arrancando segredos de Merlin à força. Ela sabe muito, mas não sabe tudo, mas se meu sonho é correto ela está retirando o conhecimento dele. Pode demorar meses ou anos até que ela aprenda tudo que precisa, mas aprenderá, senhor, e quando souber, usará o poder. E o senhor, acho, saberá disso primeiro. — Ele agarrou as redes quando o barco balançou de modo assustador. — Merlin me mandou alertá-lo, senhor, e por isso estou alertando. Mas contra o quê? Não sei. — Ele sorriu como se pedisse desculpas.

— Contra esta viagem à Dumnonia?

Taliesin balançou a cabeça.

— Creio que seu perigo é muito maior do que qualquer coisa planejada por seus inimigos na Dumnonia. Na verdade, seu perigo é tão grande, senhor, que Merlin chorou. Ele também me disse que queria morrer. — Taliesin olhou para a vela. — E se eu soubesse onde ele estava, senhor, e se tivesse o poder, mandaria o senhor para matá-lo. Mas em vez disso temos de esperar que Nimue se revele.

Agarrei o punho frio de Hywelbane.

— Então o que está me aconselhando?

— Não estou em posição de dar conselhos aos lordes. — Taliesin se virou e sorriu para mim, e de repente vi que seus olhos fundos estavam frios. — Para mim, senhor, não importa se o senhor vive ou morre, porque sou o cantor e o senhor é a canção, mas por enquanto, admito, eu o sigo para descobrir a melodia e, se puder, mudá-la. Merlin me pediu e farei isso por ele, mas acho que ele o está salvando de um perigo apenas para expô-lo a outro ainda maior.

— Você não está fazendo sentido — falei asperamente.

— Estou, senhor, mas nenhum de nós dois entende o sentido. Tenho certeza de que ele ficará claro.

Taliesin parecia muito calmo, mas meus medos eram tão cinzentos quanto as nuvens acima, e tão tumultuosos quanto o mar embaixo.

Toquei o punho tranquilizador de Hywelbane, rezei a Manawydan e disse a mim mesmo que o alerta de Taliesin era apenas um sonho, que não passava de um sonho, e que os sonhos não podem matar.

Mas podem, e matam. E em algum lugar na Britânia, num lugar escuro, Nimue tinha o Caldeirão de Clyddno Eiddyn e o estava usando para cozinhar nossos sonhos e transformá-los num pesadelo.

Balig nos deixou numa praia em algum lugar do litoral da Dumnonia. Taliesin se despediu alegre de mim, depois seguiu com passos longos pelas dunas.

— Você sabe aonde está indo? — gritei para ele.

— Saberei quando chegar, senhor — gritou ele de volta, depois desapareceu.

Pusemos as armaduras. Eu não tinha trazido meu equipamento melhor, era simplesmente um peitoral velho e funcional e um elmo amassado. Pendurei o escudo nas costas, peguei a lança e segui Taliesin para o interior.

— O senhor sabe onde estamos? — perguntou Eachern.

— Mais ou menos — falei. Na chuva adiante eu podia entrever alguns morros. — Vamos para o sul daquelas colinas e chegaremos a Dun Caric.

— Quer que eu levante o estandarte, senhor?

Em vez do meu estandarte com a estrela nós tínhamos trazido o de Gwydre, que mostrava o urso de Artur entrelaçado ao dragão da Dumnonia, mas decidi não o levar aberto. Um estandarte ao vento é um incômodo e, além disso, onze lanceiros marchando sob uma bandeira grande e espalhafatosa pareceria mais ridículo do que impressionante, por isso decidi esperar até que os homens de Issa pudessem reforçar meu pequeno bando antes de desenrolar a flâmula em seu mastro comprido.

Encontramos uma trilha nas dunas e seguimos por ela através de um bosque de pequenos espinheiros e aveleiras até um minúsculo assentamento de seis cabanas. O povo correu ao nos ver, deixando apenas uma velha que era curvada e aleijada demais para andar depressa. Ela se deixou cair no chão e cuspiu desafiadoramente quando nos aproximamos.

— Vocês não vão conseguir nada aqui — falou, rouca. — Não temos nada, só montes de esterco. Montes de esterco e fome, senhores, é só isso que tirarão de nós.

Agachei-me perto dela.

— Nós não queremos nada, a não ser notícias.

— Notícias? — a simples palavra lhe pareceu estranha.

— A senhora sabe quem é o nosso rei? — perguntei gentilmente.

— Uther, senhor. Ele é um homem grande. Como um Deus!

Estava claro que não conseguiríamos notícias ali, pelo menos

nenhuma que fizesse sentido, por isso continuamos andando, parando apenas para comer um pouco do pão e da carne-seca que levávamos nas sacolas. Eu estava no meu país, mas curiosamente parecia que andava em terra inimiga, e me censurei por dar crédito demais aos vagos alertas de Taliesin. Mas mesmo assim me mantinha nos caminhos cobertos de árvores e, à medida que a tarde caía, liderei meu pequeno grupo por um bosque de faias até um terreno mais elevado, de onde poderíamos ver qualquer outro lanceiro. Não vimos nenhum, mas muito ao sul um raio errante do sol que morria atravessou algumas nuvens para tocar de verde brilhante o Tor de Ynys Wydryn.

Não acendemos fogo. Em vez disso dormimos entre as faias, e de manhã acordamos com frio e rígidos. Andamos para o leste, ficando sob as árvores sem folhas, enquanto abaixo de nós, nos campos úmidos e pesados, homens aravam sulcos rígidos, mulheres semeavam e crianças pequenas corriam para espantar os pássaros para longe das preciosas sementes.

— Eu fazia isso na Irlanda — disse Eachern. — Passei metade da infância espantando pássaros.

— Pregue um corvo no arado, isso resolve — sugeriu um dos outros lanceiros.

— Pregue corvos em todas as árvores do campo — disse outro.

— Isso não faz com que eles parem, mas você vai se sentir melhor — observou um terceiro.

Estávamos seguindo uma trilha estreita entre sebes altas. As folhas não tinham desabrochado para esconder os ninhos, de modo que pegos e gaios se ocupavam roubando ovos e gritaram de protesto quando chegamos perto.

— As pessoas vão saber que estamos aqui, senhor — disse Eachern.

— Elas podem não nos ver, mas saberão. Vão ouvir os gaios.

— Não importa — falei.

Eu nem estava seguro do motivo de tomar tanto cuidado em permanecer escondido, a não ser porque éramos muito poucos. Como a maioria dos guerreiros, eu ansiava pela segurança dos números e sabia que me sentiria muito mais confortável assim que o resto dos meus homens estivesse ao redor. Até então iríamos nos esconder do melhor modo possível, ainda que no meio da manhã a rota tenha nos levado para fora das árvores, descendo aos campos abertos que levavam ao Caminho Fosse. Lebres dançavam nas campinas e cotovias cantavam acima de nós. Não vimos ninguém, mas sem dúvida os camponeses nos viam, e sem dúvida a notícia de nossa passagem corria rapidamente pelo campo. Homens armados eram sempre causa de alarma, por isso mandei alguns de meus homens carregarem os escudos na frente do corpo, para que as insígnias garantissem ao povo local que éramos amigos. Só quando tínhamos atravessado a estrada romana e estávamos perto de

Dun Caric é que vi outro ser humano, e era uma mulher que, quando ainda estávamos longe demais para que ela visse as estrelas nos escudos, correu para o mato atrás do povoado para se esconder entre as árvores.

— As pessoas estão nervosas — falei para Eachern.

— Ouviram dizer que Mordred está morrendo — disse ele, cuspidinho — e temem o que vai acontecer em seguida, mas deveriam estar felizes porque o desgraçado está morrendo. — Quando Mordred era criança, Eachern fora um dos seus guardas, e a experiência lhe provocara um ódio profundo pelo rei. Eu gostava de Eachern. Não era um homem inteligente, mas era obstinado, leal e duro em batalha. — Sabem que haverá guerra, senhor.

Vadeamos o rio abaixo de Dun Caric, rodeamos as casas e chegamos ao caminho íngreme que levava à paliçada em volta da pequena colina. Tudo estava muito silencioso. Nem mesmo os cães estavam na rua do povoado e, mais preocupante, nenhum lanceiro guardava a paliçada.

— Issa não está aqui — falei, tocando o punho de Hywelbane. A ausência de Issa não era incomum, porque ele passava muito tempo em outras partes da Dumnonia, mas duvidava de que ele tivesse deixado Dun Caric desguarnecido. Olhei o povoado, mas todas as portas estavam trancadas. Nenhuma fumaça aparecia acima dos telhados, nem mesmo na oficina do ferreiro.

— Nenhum cachorro na colina — disse Eachern em voz agourenta. Geralmente havia uma matilha de cães junto ao salão de Dun Caric, e alguns já deveriam ter descido o morro para nos receber. Em vez disso havia corvos ruidosos no teto do salão e gritando da paliçada. Um pássaro voou lá de dentro com uma coisa comprida e vermelha pendurada no bico.

Nenhum de nós falou enquanto subíamos a colina. O silêncio fora a primeira indicação de horror, depois os corvos, e na metade do morro sentimos o cheiro agriço de morte, que é como um travo no fundo da garganta, e esse cheiro, mais forte do que o silêncio e mais eloquente do que os corvos, nos alertou do que esperava dentro do portão aberto. A morte esperava, nada além da morte. Dun Caric tinha se tornado um local de morte. Os corpos de homens e mulheres estavam largados por toda parte e empilhados dentro do salão. O chão estava encharcado de sangue. O salão fora saqueado, cada cesto e baú revirado, e os estábulos estavam vazios. Até os cães tinham sido mortos, embora eles, pelo menos, tivessem permanecido com suas cabeças. As únicas coisas vivas eram os gatos e os corvos, e todos fugiram de nós.

Caminhei atordoado em meio ao horror. Somente depois de um tempo notei que só havia homens jovens entre os mortos. Deviam ser os guardas deixados por Issa, e o resto dos corpos era das famílias dos seus homens. Pyrlig estava lá, o pobre Pyrlig que ficara em Dun Caric porque não podia se rivalizar com Taliesin. E agora estava morto, com o manto

branco encharcado de sangue e as mãos de harpista com cortes fundos onde ele tentara se proteger dos golpes de espadas. Issa não estava ali, nem Scarach, sua mulher, porque não havia mulheres jovens naquele matadouro, e também não havia crianças. As mulheres jovens e as crianças deviam ter sido levadas para servir de joguetes ou escravos, enquanto os mais velhos, os bebês e os guardas tinham sido massacrados, suas cabeças levadas como troféus. A matança era recente, porque nenhum dos corpos tinha começado a inchar ou apodrecer. Moscas caminhavam sobre o sangue, mas ainda não havia vermes se retorcendo nos ferimentos deixados pelas lanças e espadas.

Vi que o portão tinha sido arrancado dos gonzos, mas não havia sinal de luta e suspeitei de que os homens que tinham feito aquilo haviam sido convidados a entrar.

— Quem fez isso, senhor? — perguntou um dos meus lanceiros.

— Mordred — falei em tom apático.

— Mas ele está morto! Ou morrendo!

— Ele só quer que pensemos isso — falei e não pude arranjar outra explicação. Taliesin me alertou e temi que o bardo estivesse certo. Mordred não estava morrendo. Tinha voltado e soltado seu bando de guerreiros no próprio país. O boato de sua morte devia se destinar a fazer com que as pessoas se sentissem seguras, e enquanto isso ele planejava retornar e matar cada lanceiro que se opusesse. Mordred estava jogando fora sua canga, o que certamente significava que, depois dessa matança em Dun Caric, devia ter ido para o leste encontrar Sagramor, ou talvez para o sul e o oeste para descobrir Issa. Se Issa ainda estivesse vivo.

Acho que foi culpa nossa. Depois do Mynydd Baddon, quando Artur abriu mão do poder, tínhamos pensado que a Dumnonia estaria protegida pelas lanças dos homens leais a Artur e às suas crenças, e que o poder de Mordred seria reduzido porque ele não tinha lanceiros. Nenhum de nós previra que o Mynydd Baddon daria ao nosso rei um gosto pela guerra, nem que ele seria tão bem-sucedido em batalha a ponto de atrair lanceiros para seu estandarte. Agora Mordred tinha lanças, e lanças dão poder, e eu estava vendo o primeiro exercício desse poder. Mordred estava flagelando as pessoas que haviam sido postas para limitar seu poder e que poderiam apoiar a reivindicação de Gwydre ao trono.

— O que faremos, senhor? — perguntou Eachern.

— Vamos para casa, Eachern, vamos para casa. — E com “casa” eu queria dizer Silúria. Nada podíamos fazer aqui. Éramos só onze homens e eu duvidava de que teríamos alguma chance de chegar até Sagramor, cujas forças estavam tão longe no leste. Além disso, Sagramor não precisava de nossa ajuda para cuidar de si mesmo. A pequena guarnição de Dun Caric podia ter sido fácil para Mordred, mas ele acharia muito

mais difícil cortar a cabeça do nûmida. E eu não podia ter esperanças de encontrar Issa, mesmo que ele estivesse vivo, de modo que nada havia a fazer senão ir para casa e sentir uma fúria frustrada. É difícil descrever essa fúria. No âmago havia um ódio frio por Mordred, mas era um ódio impotente e doloroso, porque eu sabia que nada podia fazer para dar uma vingança rápida àquelas pessoas que eram o meu povo. Também me sentia como se tivesse falhado com elas. Sentia culpa, ódio, pena e uma tristeza doída.

Pus um homem para guardar o portão aberto enquanto o resto de nós arrastava os corpos até o salão. Eu gostaria de queimá-los, mas não havia combustível suficiente e não tínhamos tempo de derrubar o teto de palha sobre os corpos, por isso nos contentamos em colocá-los numa fileira decente, e então rezei a Mitra por uma chance de dar uma vingança adequada àquelas pessoas.

— É melhor revistarmos o povoado — falei a Eachern quando terminamos a oração, mas não tivemos tempo. Naquele dia os Deuses tinham nos abandonado.

O homem de guarda no portão não estivera vigiando direito. Não posso culpá-lo. Ali em cima do morro nenhum de nós estava com a mente no lugar, e a sentinela devia estar olhando para o interior encharcado de sangue em vez de para fora do portão. Só viu o cavaleiro tarde demais. Eu o ouvi gritar, mas quando saí correndo do salão a sentinela já estava morta e um cavaleiro com armadura escura arrancava uma lança de seu corpo.

— Peguem-no! — gritei correndo para o cavaleiro, e esperei que ele virasse o cavalo e fosse embora, mas em vez disso ele abandonou a lança e veio para dentro da paliçada, e outros cavaleiros o seguiram imediatamente. — Juntem-se! — gritei e o resto de meus homens se reuniu a minha volta para formar um pequeno círculo de escudos, embora a maioria de nós estivesse sem os escudos, porque os tínhamos largado enquanto arrastávamos os mortos para o salão. Alguns nem tinham lanças. Desembainhei Hywelbane, mas sabia que não existia esperança, porque agora havia mais de vinte cavaleiros dentro da paliçada, e outros mais subiam o morro. Deviam estar esperando na mata do outro lado do povoado, talvez aguardando a chegada de Issa. Eu tinha feito o mesmo em Benoic. Matávamos os francos em algum posto remoto e esperávamos pelos outros numa emboscada, e agora tinha caído numa armadilha idêntica.

Não reconheci nenhum cavaleiro, e nenhum tinha insígnia nos escudos. Alguns haviam coberto os escudos com piche, mas esses não eram os Escudos Pretos de Oengus Mac Airem. Era um grupo de guerreiros veteranos, barbudos, desgrehados e com uma confiança sombria. O líder montava um cavalo preto e tinha um belo elmo com laterais gravadas. Ele riu quando um de seus homens desenrolou o

estandarte de Gwydre, depois se virou e esporeou o cavalo até onde eu estava.

— Lorde Derfel — cumprimentou ele.

Durante alguns instantes o ignorei, olhando pelo pátio encharcado de sangue na esperança de que ainda houvesse algum modo de escapar, mas estávamos cercados pelos cavaleiros que esperavam com lanças e espadas pela ordem de nos matar.

— Quem é você? — perguntei ao homem com o elmo decorado.

Como resposta, ele simplesmente abriu as peças laterais. E sorriu para mim.

Não era um sorriso agradável, mas ele não era um homem agradável. Eu estava olhando para Amhar, um dos filhos gêmeos de Artur.

— Amhar ap Artur — cumprimentei, depois cuspi.

— Príncipe Amhar — corrigiu ele. Como seu irmão Loholt, Amhar sempre fora amargo com relação ao nascimento ilegítimo, e agora devia ter decidido adotar o título de príncipe, mesmo que seu pai não fosse rei. Seria uma pretensão patética se Amhar não tivesse mudado tanto desde que eu o vira brevemente pela última vez nas encostas do Mynydd Baddon. Ele parecia mais velho e muito mais formidável. Sua barba estava cheia, uma cicatriz havia marcado o nariz e o peitoral tinha a marca de uma dúzia de golpes de espada. Parecia que Amhar crescera nos campos de batalha da Armórica, mas a maturidade não reduzira o ressentimento carrancudo. — Não me esqueci de seus insultos no Mynydd Baddon, e há muito sonhava com o dia em que poderia cobrá-los. Mas acho que meu irmão ficará ainda mais satisfeito do que eu em vê-lo.

Tinha sido eu a segurar o braço de Loholt enquanto Artur cortava sua mão.

— Onde está seu irmão? — perguntei.

— Com o nosso rei.

— E quem é o seu rei?

Eu sabia a resposta, mas queria que fosse confirmada.

— O mesmo que é seu, Derfel. Meu querido primo, Mordred.

E aonde mais, pensei, Amhar e Loholt teriam ido depois da derrota no Mynydd Baddon? Como tantos outros homens sem senhores na Britânia, eles tinham buscado refúgio com Mordred, que havia recebido cada espada desesperada que viesse sob seu estandarte. E como Mordred devia ter adorado ter os filhos de Artur ajudando-o!

— O rei está vivo?

— Ele prospera! — disse Amhar. — A rainha mandou dinheiro a Clóvis, que preferiu aceitar o ouro dela a lutar conosco. — Ele sorriu e fez um gesto para seus homens. — Então aqui estamos, Derfel. Viemos terminar o que começamos hoje de manhã.

— Terei sua alma pelo que vocês fizeram com essas pessoas — falei, apontando com Hywelbane para o sangue que continuava negro no pátio de Dun Caric.

— O que você terá, Derfel — disse Amhar, inclinando-se à frente na sela —, é o que eu, meu irmão e meu primo decidirmos lhe dar.

Encarei-o, desafiador.

— Servi lealmente ao seu primo.

Amhar sorriu.

— Mas duvido de que ele ainda queira os seus serviços.

— Então terei de deixar o seu país.

— Acho que não — disse Amhar em tom afável. — Acho que meu rei gostaria de encontrá-lo uma última vez, e sei que meu irmão está ansioso para trocar palavras com você.

— Prefiro ir embora.

— Não — insistiu Amhar. — Você vem comigo. Baixe a espada.

— Você deve tomá-la, Amhar.

— Se for preciso — disse ele e não pareceu preocupado com a perspectiva. Mas por que deveria se preocupar? Eles estavam em maior número, e pelo menos metade de meus homens não tinha escudos nem lanças.

Virei-me para os meus homens.

— Se quiserem se render saiam do círculo. Quanto a mim, vou lutar. — Dois dos meus homens desarmados deram um passo adiante, hesitando, mas Eachern rosnou e eles se imobilizaram. Sinalizei para que fossem. — Vão — falei com tristeza. — Não quero atravessar a ponte de espadas com companheiros que não estejam dispostos. — Os dois homens se afastaram, mas Amhar simplesmente fez sinal para seus cavaleiros e eles os rodearam, brandiram as espadas e mais sangue correu no cume do Dun Caric. — Seu bastardo! — falei, e corri para Amhar, mas ele apenas puxou as rédeas e afastou o cavalo do meu alcance e, enquanto ele se afastava de mim, seus homens esporearam na direção dos meus.

Foi outra matança, e eu não podia fazer nada para impedir. Eachern matou um dos homens de Amhar, mas enquanto sua lança ainda estava fixa na barriga dele, outro cavaleiro cortou-o por trás. O resto de meus guerreiros simplesmente morreu com igual rapidez. Os lanceiros de Amhar foram pelo menos misericordiosos nesse sentido. Não deixaram a alma de meus homens se demorar, apenas cortaram e estocaram com uma energia feroz.

Praticamente não vi, porque enquanto perseguia Amhar um de seus homens veio por trás e me deu um golpe fortíssimo na nuca. Tomei, com a cabeça redemoinhando numa névoa preta atravessada por tiras de luz. Lembro-me de ter caído de joelhos, e depois um segundo golpe acertou meu elmo e pensei que devia estar morrendo. Mas Amhar me

queria vivo, e quando recuperei a consciência me vi deitado num dos montes de esterco de Dun Caric com os pulsos amarrados com corda e a bainha de Hywelbane pendurada na cintura de Amhar. Minha armadura fora tirada, e um fino torque de ouro tinha sido roubado de meu pescoço, mas Amhar e seus homens não haviam encontrado o broche de Ceinwyn, que estava preso em segurança debaixo do gibão. Agora ocupavam-se em cortar as cabeças de meus lanceiros com suas espadas.

— Bastardo — cuspi o insulto para Amhar, mas ele apenas riu e voltou para seu trabalho odioso. Cortou o pescoço de Eachern com Hywelbane, depois pegou a cabeça pelos cabelos e jogou na pilha de cabeças que estavam sendo juntadas numa capa.

— Uma ótima espada — disse ele, balançando Hywelbane.

— Então use-a para me mandar ao Outro Mundo.

— Meu irmão nunca me perdoaria se eu demonstrasse essa misericórdia — disse ele, depois limpou a lâmina de Hywelbane em sua capa meio rasgada e a enfiou na bainha. Em seguida chamou três de seus homens e pegou uma pequena faca no cinto. — No Mynydd Baddon — disse ele encarando-me — você me chamou de cão bastardo e de filhote coberto de vermes. Acha que sou homem de esquecer insultos?

— A verdade é sempre memorável — falei, mesmo tendo de forçar o desafio na voz, porque minha alma estava aterrorizada.

— Sua morte certamente será memorável, mas por enquanto você deve se contentar com as atenções de um barbeiro. — Ele assentiu para seus homens.

Lutei com eles, mas com as mãos amarradas e a cabeça ainda latejando havia pouco que eu poderia fazer para resistir. Dois homens me seguraram contra a pilha de esterco enquanto o terceiro agarrava minha cabeça pelos cabelos e Amhar, com o joelho direito apoiado no meu peito, cortava minha barba. Fez isso grosseiramente, cortando até a pele, e jogou os tufo cortados a um de seus homens sorridentes, que separou os fios e os trançou numa corda curta. Assim que a corda estava pronta ela foi transformada num laço que foi posto no meu pescoço. Era o insulto supremo a um guerreiro capturado, a humilhação de ter uma corda de escravo feita com a própria barba. Eles riram de mim quando ficou pronta, depois Amhar me fez levantar, puxando a corda de barba.

— Fizemos o mesmo com Issa — disse ele.

— Mentiroso — falei debilmente.

— E fizemos a mulher dele olhar — disse Amhar com um sorriso. — Depois o obrigamos a olhar enquanto lidávamos com ela. Os dois estão mortos agora.

Cuspi no seu rosto, mas ele apenas riu de mim. Eu o tinha chamado de mentiroso, mas acreditava. Mordred, pensei, tinha tramado com eficiência a volta à Britânia. Havia espalhado a notícia da morte iminente, e o tempo todo Argante mandara o ouro guardado para

Clóvis, que, assim comprado, deixara Mordred sair livre. E Mordred tinha navegado para a Dumnonia e agora estava matando seus inimigos. Issa estava morto, e eu não duvidava de que a maioria de seus lanceiros — e os lanceiros que eu deixara na Dumnonia — também estivessem. Eu era prisioneiro. Só restava Sagramor.

Eles amarraram minha corda de barba à cauda do cavalo de Amhar, depois marcharam comigo para o sul. Os quarenta lanceiros de Amhar formavam uma escolta zombeteira, rindo sempre que eu tropeçava. Eles arrastaram o estandarte de Gwydre pela lama, amarrado à cauda de outro cavalo.

Levaram-me a Caer Cadarn, e assim que chegamos me jogaram numa cabana. Não era a cabana onde tínhamos aprisionado Guinevere há tantos anos, e sim uma muito menor, com uma porta baixa através da qual tive de me arrastar, ajudado pelas botas e pelos cabos das lanças de meus captores. Entrei nas sombras da cabana e vi outro prisioneiro, um homem trazido da Durnovária, cujo rosto estava vermelho de chorar. Por um momento ele não me reconheceu sem barba, mas depois ficou boquiaberto.

— Derfel!

— Bispo — falei cansado, porque era Sansum. Ambos éramos prisioneiros de Mordred.

— É um engano — insistiu Sansum. — Eu não deveria estar aqui!

— Diga a eles — sugeri, virando a cabeça na direção dos guardas do lado de fora da cabana —, e não a mim.

— Eu não fiz nada além de servir a Argante! E veja como eles me recompensam!

— Fique quieto!

— Ah, doce Jesus! — Ele caiu de joelhos, abriu os braços e olhou para as teias de aranha na cobertura de palha. — Mandai um anjo para mim! Levai-me ao Vosso doce seio.

— Quer ficar quieto? — rosnei, mas ele continuou rezando e chorando, enquanto eu olhava desanimado para o cume molhado de Caer Cadarn, onde estava sendo feita uma pilha de cabeças cortadas. As cabeças dos meus homens estavam lá, junto a uma quantidade de outras trazidas de toda a Dumnonia. Uma cadeira coberta de pano azul-claro estava em cima da pilha: o trono de Mordred. Mulheres e crianças, as famílias dos lanceiros de Mordred, espiavam o monte hediondo, e algumas vieram olhar pela porta baixa de nossa cabana e rir de meu rosto sem barba.

— Onde está Mordred? — perguntei a Sansum.

— Como é que vou saber? — respondeu ele, interrompendo sua oração.

— Então, o que você sabe? — perguntei. Ele voltou arrastando os pés até o banco. Tinha me feito um pequeno favor tirando a corda dos

meus pulsos, mas a liberdade me deu pouco conforto, porque eu podia ver seis lanceiros guardando a cabana e não duvidava de que houvesse outros que não podia enxergar. Um homem simplesmente ficava sentado virado para a porta aberta da cabana segurando uma lança, pedindo que eu tentasse me arrastar para fora e assim lhe desse a chance de me espetar. Eu não tinha condição de dominar nenhum deles. — O que você sabe? — perguntei de novo a Sansum.

— O rei voltou há duas noites com centenas de homens.

— Quantos?

Ele deu de ombros.

— Trezentos? Quatrocentos? Não pude contar, de tantos que eram. Mataram Issa na Durnovária.

Fechei os olhos e fiz uma oração pelo pobre Issa e sua família.

— Quando prenderam você?

— Ontem. — Ele estava indignado. — E por nada! Eu lhe dei as boas-vindas! Não sabia que ele estava vivo, mas fiquei feliz em vê-lo. Regozijei-me! E por isso me prenderam.

— Então por que eles acham que o prenderam?

— Argante afirma que eu estava escrevendo a Meurig, senhor, mas isso não pode ser verdade! Não tenho habilidade com as letras. O senhor sabe disso.

— Seus escrivães têm, bispo.

Sansum adotou um ar indignado.

— E por que eu deveria falar com Meurig?

— Porque estava tramando para dar o trono a ele, Sansum. E não negue. Falei com Meurig há duas semanas.

— Eu não estava escrevendo a ele — replicou Sansum, carrancudo.

Acreditei, porque Sansum sempre fora inteligente demais e não colocava suas tramas no papel, mas não duvidava de que ele tivesse mandado mensageiros. E um desses mensageiros, ou talvez um funcionário da corte de Meurig, o traía com Argante, que sem dúvida ansiava pelo ouro acumulado por Sansum.

— Você merece o que vai receber — acusei. — Você tramou contra cada rei que jamais lhe demonstrou gentileza.

— Tudo que sempre quis foi o bem do meu país, e de Cristo!

— Seu sapo comido por vermes — falei, cuspiendo no chão. — Você só queria o poder.

Ele fez o sinal da cruz e me encarou com desprezo.

— É culpa de Fergal.

— Por que culpá-lo?

— Porque ele quer ser tesoureiro!

— Quer dizer que ele quer ser rico como você?

— Eu? — Sansum me olhou com surpresa fingida. — Eu? Rico? Em nome de Deus, tudo que sempre quis foi economizar um pouquinho

para o caso de o reino necessitar! Só fui prudente, Derfel, prudente. — Continuou se justificando e, gradualmente, fui percebendo que ele acreditava em cada palavra que dizia. Sansum podia trair as pessoas, podia tramar para que fossem mortas como tinha tentado matar Artur e a mim quando fomos prender Ligessac, e podia esvaziar o tesouro, mas o tempo todo se persuadia de que seus atos eram justificados. Seu único princípio era a ambição e me ocorreu, à medida que aquele dia desgraçado se afundava na noite, que quando o mundo não tivesse homens como Artur e reis como Cuneglas, criaturas como Sansum governariam em toda parte. Se Taliesin tivesse razão, nossos Deuses estavam desaparecendo, e com eles iriam embora os druidas, e depois os grandes reis, e em seguida viria uma tribo de lordes camundongos para nos governar.

O dia seguinte trouxe o sol e um vento forte que lançava em nossa cabana o fedor das cabeças cortadas. Não tivemos permissão de sair, por isso fomos forçados a nos aliviar num canto. Não fomos alimentados, mas um odre de água fétida foi jogado para nós. Os guardas foram mudados, mas os novos eram tão atentos quanto os antigos. Amhar veio uma vez à cabana, mas apenas para cantar vantagem. Desembainhou Hywelbane, beijou a lâmina, limpou-a na capa e depois passou o dedo no gume novo.

— Afiada o bastante para cortar suas mãos, Derfel — disse ele. — Tenho certeza de que meu irmão gostaria de uma mão sua. Ele poderia colocá-la sobre o elmo! E eu poderia ficar com a outra. Preciso de uma crista nova.

Não falei nada e, depois de um tempo, ele se cansou de tentar me provocar e foi embora, cortando o mato baixo com Hywelbane.

— Talvez Sagramor mate Mordred — sussurrou Sansum.

— Rezo para que sim.

— Mordred foi para lá, tenho certeza. Ele veio aqui, mandou Amhar a Dun Caric e depois foi para o leste.

— Quantos homens Sagramor tem?

— Duzentos.

— Não são muitos.

— Quem sabe Artur venha? — sugeriu Sansum.

— Ele já deve saber que Mordred voltou, mas não pode marchar através de Gwent porque Meurig não vai permitir, o que significa que tem de mandar seus homens de barco. E duvido de que ele faça isso.

— Por quê?

— Porque Mordred é rei por direito, bispo, e Artur, por mais que odeie Mordred, não lhe negará esse direito. Ele não romperá o juramento feito a Uther.

— Ele não tentará resgatar você?

— Como? No momento em que esses homens virem Artur se

aproximando vão cortar a garganta de nós dois.

— Que Deus nos salve. Que Jesus, Maria e os santos nos protejam.

— Prefiro rezar a Mitra.

— Pagão! — sibilou Sansum, mas não tentou interromper minha prece.

O dia continuou. Um dia lindo de primavera, mas para mim era amargo como fel. Eu sabia que minha cabeça seria posta na pilha no cume do Caer Cadarn, mas a principal causa de sofrimento não era esta; era saber de que eu tinha fracassado com meu povo. Levara meus lanceiros para uma armadilha, tinha-os visto morrer, tinha fracassado. Se eles me recebessem no Outro Mundo com censuras, era o que eu merecia, mas eu sabia que me receberiam alegres, o que só fazia com que me sentisse mais culpado. Entretanto, a perspectiva do Outro Mundo era um consolo. Tinha amigos lá, e duas filhas, e quando a tortura terminasse e minha alma fosse liberada para o seu corpo de sombra, eu teria a felicidade do reencontro. Sansum, pelo que vi, não podia encontrar consolo em sua religião. Durante aquele dia inteiro ele gemeu, reclamou, chorou e arengou, mas o barulho não rendeu nada. Só podíamos esperar durante mais uma noite e mais um longo dia com fome.

Mordred voltou no fim da tarde daquele segundo dia. Veio do leste, liderando uma longa coluna de lanceiros a pé, que gritaram saudando os guerreiros de Amhar. Um grupo de cavaleiros acompanhava o rei, e dentre eles estava o maneta Loholt. Confesso que fiquei amedrontado ao vê-lo. Alguns dos homens de Mordred carregavam fardos que, pelo que suspeitei, conteriam cabeças cortadas. E eram mesmo, mas em número muito menor do que eu temia. Talvez vinte ou trinta foram colocadas no monte cheio de moscas, e nenhuma parecia ter pele negra. Achei que Mordred devia ter surpreendido e trucidado uma das patrulhas de Sagramor, mas não conseguira o prêmio principal. Sagramor estava livre, o que era um consolo. Sagramor era um amigo maravilhoso e um inimigo terrível. Artur daria um bom inimigo, porque estava sempre pronto a perdoar, mas Sagramor era implacável. O númida perseguiria um inimigo até o fim do mundo.

Mas a fuga de Sagramor era de pouca utilidade para mim naquela tarde. Ao saber de minha captura Mordred gritou de alegria, depois exigiu que lhe mostrassem o estandarte enlameado de Gwydre. Riu ao ver o urso e o dragão, depois ordenou que o estandarte fosse esticado na grama para que ele e seus homens pudessem mijar em cima. Loholt chegou a dançar alguns passos ao ouvir a notícia de minha captura, porque fora aqui, neste mesmo cume, que sua mão tinha sido cortada. A mutilação fora uma punição por ter ousado se rebelar contra o pai, e agora ele podia se vingar no amigo do pai.

Mordred exigiu me ver, e Amhar veio me pegar, trazendo a corda

feita com minha barba. Estava acompanhado de um homem enorme, de olhos esbugalhados e sem dentes, que se abaixou para entrar na cabana, puxou meu cabelo, me forçou a ficar de quatro e me empurrou pela porta baixa. Amhar passou a corda de barba no meu pescoço e, quando tentei me levantar, me forçou para baixo de novo.

— De quatro — ordenou ele. O brutamontes desdentado forçou minha cabeça para baixo, Amhar puxou a corda e fui forçado a engatinhar em direção ao cume, em meio às zombarias de homens, mulheres e crianças. Todos cuspiam em mim enquanto eu passava, alguns me chutavam, outros me golpeavam com cabos de lanças, mas Amhar impediu que me aleijassem. Queria-me inteiro para o prazer de seu irmão.

Loholt esperava junto à pilha de cabeças. O coto de seu braço direito tinha um engaste de prata, e na ponta do engaste, onde estivera a mão, havia um par de garras de urso. Ele riu quando cheguei junto aos seus pés, mas estava incoerente demais, de tanta alegria, para poder falar. Em vez disso, ficou soltando sons ininteligíveis e cuspiendo em mim, o tempo todo me chutando na barriga e nas costelas. Havia força em seus chutes, mas ele estava tão furioso que atacava às cegas, e assim fez pouco mais do que me arranhar. Mordred olhava de seu trono, posto em cima da pilha de cabeças cobertas de moscas.

— Chega! — gritou ele depois de um tempo e Loholt me deu um último chute e ficou de lado. — Lorde Derfel! — cumprimentou Mordred com uma cortesia zombeteira.

— Senhor — falei. Eu estava flanqueado por Loholt e Amhar, e ao redor da pilha de cabeças uma multidão cobiçosa tinha se reunido para ver minha humilhação.

— De pé, lorde Derfel — ordenou Mordred.

Eu me levantei e olhei-o, mas não podia ver nada de seu rosto porque o sol estava por trás e me ofuscou. Eu podia ver Argante parada de um dos lados da pilha de cabeças, e com ela estava Fergal, seu druida. Deviam ter vindo de Durnovária durante o dia, porque eu não os tinha visto antes. Ela sorriu ao ver meu rosto sem barba.

— O que aconteceu com sua barba, lorde Derfel? — perguntou Mordred fingindo preocupação.

Não falei nada.

— Fale! — ordenou Loholt e me golpeou com seu cotoco. As garras de urso lanharam meu rosto.

— Foi cortada, senhor rei.

— Cortada! — Ele gargalhou. — E sabe por que ela foi cortada, lorde Derfel?

— Não, senhor.

— Porque você é meu inimigo.

— Não é verdade, senhor rei.

— Você é meu inimigo! — gritou ele num ataque súbito, batendo num dos braços da cadeira e tentando ver se eu demonstrava algum medo de sua raiva. — Quando eu era criança — anunciou ele à multidão — esta coisa me criou. Ele me espancava! Ele me odiava!

A multidão ficou gritando até que Mordred levantou a mão para silenciá-la.

— E este homem — apontou-me com o dedo para acrescentar má sorte às palavras — ajudou Artur a cortar a mão do príncipe Loholt. — De novo a multidão gritou, furiosa. — E ontem lorde Derfel foi encontrado no meu reino com um estandarte estranho. — Ele sacudiu a mão direita e dois homens correram para a frente com a bandeira de Gwydre, encharcada de urina. — De quem é este estandarte, lorde Derfel?

— Pertence à Gwydre ap Artur, senhor.

— E por que o estandarte de Gwydre está na Dumnonia?

Por um ou dois instantes pensei em dizer uma mentira. Talvez pudesse afirmar que estava trazendo a bandeira como forma de tributo a Mordred, mas sabia que ele não acreditaria e, pior, eu iria me desprezar pela mentira. Assim, em vez disso, levantei a cabeça.

— Eu estava esperando levatá-lo após a notícia de sua morte, senhor rei.

Minha verdade o tomou de surpresa. A multidão murmurou, mas Mordred apenas tamborilou no braço da cadeira com os dedos.

— Você se declara traidor — falou depois de um tempo.

— Não, senhor rei. Posso ter esperado sua morte, mas não fiz nada para provocá-la.

— Você não foi à Armórica me resgatar! — gritou ele.

— Verdade.

— Por quê? — perguntou em tom perigoso.

— Porque teria desperdiçado bons homens em favor de maus — falei apontando para os seus guerreiros. Eles riram.

— E você esperava que Clóvis me matasse? — perguntou Mordred quando os risos pararam.

— Muitos esperavam isso, senhor rei — repliquei, e de novo minha honestidade pareceu surpreendê-lo.

— Então me dê um bom motivo, lorde Derfel, para eu não o matar agora.

Fiquei quieto um tempo, depois dei de ombros.

— Não consigo pensar num motivo, senhor rei.

Mordred desembainhou sua espada e a colocou sobre os joelhos, depois pôs as palmas das mãos sobre a lâmina.

— Derfel, eu o condeno à morte.

— O privilégio é meu, senhor rei! — exigiu Loholt, ansioso. — Meu! — E a multidão gritou apoiando. Observar minha morte lenta iria lhes

dar um bom apetite para a refeição que estava sendo preparada no cume do morro.

— É seu privilégio tirar a mão dele, príncipe Loholt — decretou Mordred. Ele se levantou e desceu mancando cuidadosamente da pilha de cabeças, a espada desembainhada na mão. — Mas é meu privilégio — falou quando estava perto de mim — tirar-lhe a vida. — Ele ergueu a lâmina da espada entre minhas pernas e deu um sorriso torto. — Antes de você morrer, Derfel, tiraremos mais do que as suas mãos.

— Mas não esta noite! — gritou uma voz aguda de trás da multidão. — Senhor rei! Não esta noite! — A multidão soltou um murmúrio. Mordred pareceu mais pasmo do que ofendido diante da interrupção, mas não disse nada. — Esta noite não! — gritou o homem de novo e eu me virei para ver Taliesin andando calmamente em meio à multidão agitada que se dividiu para lhe dar passagem. Ele trazia sua harpa e uma pequena bolsa de couro, mas agora tinha um cajado também, de modo que se parecia exatamente com um druida. — Posso lhe dar um motivo muito bom para Derfel não morrer esta noite, senhor rei — disse Taliesin enquanto chegava ao espaço aberto junto à pilha de cabeças.

— Quem é você? — perguntou Mordred.

Taliesin ignorou a pergunta. Em vez disso foi até Fergal e os dois se abraçaram e se beijaram, e só quando esse cumprimento formal terminou Taliesin olhou de volta para Mordred.

— Sou Taliesin, senhor rei.

— Uma coisa de Artur — zombou Mordred.

— Não sou coisa de homem nenhum — disse Taliesin calmamente —, e já que o senhor opta por me insultar, deixarei minhas palavras não ditas. Para mim tanto faz. — Em seguida, deu as costas para Mordred e começou a se afastar.

— Taliesin! — gritou Mordred. O bardo se virou para olhar o rei, mas não disse nada. — Não pretendi insultá-lo. — Mordred não queria a inimizade de um feiticeiro.

Taliesin hesitou, depois aceitou as desculpas do rei com um movimento de cabeça.

— Senhor rei, obrigado. — Ele falava gravemente e, como condizia a um druida se dirigindo a um rei, sem deferência ou espanto. Taliesin era famoso como bardo, não como druida, mas todo mundo ali o tratava como se fosse um druida integral e ele nada fez para corrigir a impressão errada. Usava a tonsura de druida, tinha um cajado preto, falava com uma autoridade sonora e tinha cumprimentado Fergal como um igual. Claramente Taliesin queria que acreditassem em sua mentira, porque um druida não pode ser morto ou maltratado, mesmo um druida inimigo. Até mesmo num campo de batalha os druidas podem andar em segurança e, ao bancar o druida, Taliesin estava garantindo a própria segurança. Um bardo não tinha a mesma imunidade.

— Então me diga por que esta coisa — Mordred apontou para mim com sua espada — não deve morrer esta noite.

— Há alguns anos, senhor rei, lorde Derfel me pagou em ouro para lançar um feitiço contra sua esposa. O feitiço a deixou estéril. Usei o útero de uma corça que enchi com as cinzas de uma criança morta para realizar o feitiço.

Mordred olhou para Fergal, que assentiu.

— Certamente esse é um modo de fazer, senhor rei — confirmou o druida irlandês.

— Não é verdade! — gritei e por isso recebi outro golpe violento das garras de urso do coto prateado de Loholt.

— Posso acabar com o feitiço — prosseguiu Taliesin calmamente —, mas ele deve ser quebrado enquanto Derfel estiver vivo, porque foi ele quem pediu o encanto. Se eu quebrá-lo agora, enquanto o sol se põe, a tentativa não poderá ser feita adequadamente. Preciso fazer isso ao alvorecer, senhor rei, porque o encanto deve ser retirado enquanto o sol estiver nascendo, ou então sua rainha ficará sem filhos para sempre.

Mordred olhou de novo para Fergal e os ossinhos trançados na barba do druida chacoalharam enquanto ele confirmava.

— Ele fala a verdade, senhor rei.

— Ele mente! — protestei.

Mordred enfiou a espada de novo na bainha.

— Por que está oferecendo isso, Taliesin?

Taliesin deu de ombros.

— Artur está velho, senhor rei. O poder dele está acabando. Druidas e bardos devem procurar patronos onde o poder está ascendendo.

— Fergal é meu druida — disse Mordred. Eu tinha pensado que ele era cristão, mas não fiquei surpreso ao ouvir que havia revertido ao paganismo. Mordred nunca foi um bom cristão, ainda que eu suspeitasse de que esse não fosse o menor de seus pecados.

— Eu me sentirei honrado em aprender mais habilidades com meu irmão — disse Taliesin, fazendo uma reverência para Fergal — e jurarei seguir sua orientação. Não busco nada, senhor rei, além de uma chance de usar meus pequenos poderes para sua maior glória.

Ele era escorregadio. Falava com mel na língua. Eu não havia lhe pago nenhum ouro em troca de feitiços, mas todo mundo acreditou, e ninguém acreditou mais do que Mordred e Argante. Foi assim que Taliesin, o de testa brilhante, me trouxe uma noite extra de vida. Loholt ficou desapontado, mas Mordred lhe prometeu minha alma, além de minha mão, de madrugada, o que lhe deu algum consolo.

Fui obrigado a engatinhar de volta à cabana. Levei pancadas e chutes no caminho, mas estava vivo.

Amhar tirou a corda de barba do meu pescoço, depois me chutou para dentro da cabana.

— Vamos nos encontrar ao amanhecer, Derfel — disse ele.
Com o sol nos meus olhos e uma lâmina na garganta.

Naquela noite Taliesin cantou para os homens de Mordred. Eles tinham se reunido na igreja inacabada que Sansum começara a construir sobre o Caer Cadarn, e que agora servia como um salão sem teto e de paredes quebradas, e ali Taliesin os encantou com sua música. Nunca o ouvi cantar de modo mais belo, antes ou depois. A princípio, como qualquer bardo entretenendo guerreiros, teve de lutar contra a balbúrdia de vozes, mas gradualmente sua habilidade os silenciou. Fez-se acompanhar da harpa e optou por cantar lamentos, mas lamentos tão belos que os lanceiros de Mordred ouviam num silêncio pasmo. Até os cães pararam de latir e ficaram quietos enquanto o bardo Taliesin cantava noite adentro. Se ele fizesse uma pausa muito longa entre as canções os lanceiros exigiam mais, e assim cantava de novo, com a voz morrendo nos finais das melodias, depois se alçando de novo com os novos versos, mas sempre tranquilizando, e o povo de Mordred bebia e ouvia, e a bebida e as canções os fizeram chorar, e Taliesin continuava cantando. Sansum e eu também ouvíamos, e também choramos pela tristeza etérea dos lamentos, mas à medida que a noite se esticava Taliesin começou a cantar canções de ninar, doces acalantos, acalantos para adormecer bêbados, e enquanto cantava o ar ficou mais frio e vi que a névoa se formava sobre Caer Cadarn.

A névoa se adensou e Taliesin continuava cantando. Se o mundo durar o reino de mil reis duvido de que homens ouçam melodias cantadas de modo tão maravilhoso. E o tempo todo a névoa envolvia o topo da colina, de modo que as fogueiras ficavam embaçadas no vapor, e as músicas preenchiam a escuridão como canções de fúrias ecoando da terra dos mortos.

Então, no escuro, as canções terminaram e ouvi apenas os doces acordes da harpa, e me pareceu que esses acordes ficavam cada vez mais próximos de nossa cabana e dos guardas que tinham estado sentados na grama ouvindo a música.

O som da harpa chegou ainda mais perto, e finalmente eu vi Taliesin na névoa.

— Eu trouxe hidromel — disse ele aos meus guardas. — Dividam entre vocês. — E tirou da bolsa um jarro que entregou a um dos guardas, e enquanto os guerreiros passavam o jarro de um para o outro ele cantou. Cantou a canção mais suave de todas naquela noite assombrada por música, um acalanto para fazer dormir uma alma cheia de perturbação, e eles dormiram. Um a um os guardas tombaram de lado e Taliesin continuou cantando, sua voz encantando toda aquela fortaleza, e só quando um dos guardas começou a roncar ele parou de cantar e baixou a mão da harpa.

— Acho, lorde Derfel, que o senhor pode sair agora — falou muito calmamente.

Taliesin sorriu quando apareci.

— Merlin ordenou que eu o salvasse, senhor, mas disse que talvez o senhor não agradeça por isso.

— Claro que agradecerei.

— Andem! — latiu Sansum. — Não está na hora de falar. Andem! Depressa!

— Espere, seu desgraçado — falei para ele, depois me inclinei e peguei uma lança com um dos guardas adormecidos. — Que feitiço você usou? — perguntei a Taliesin.

— Não é preciso feitiço para adormecer bêbados, mas nestes guardas usei uma infusão de raiz de mandrágora.

— Esperem por mim aqui — falei.

— Derfel! Nós precisamos ir! — sibilou Sansum, alarmado.

— Você deve esperar, bispo — insisti e me afastei na névoa, indo em direção ao brilho turvo das maiores fogueiras. Essas fogueiras ardiam na igreja semiconstruída que não passava de pedaços de paredes de madeira inacabadas, com grandes aberturas entre as tábuas. O espaço dentro estava cheio de gente adormecida, mas agora algumas iam acordando e olhando com olhos remelentos como se saíssem de um encanto. Cachorros procuravam comida entre os adormecidos, e sua agitação despertava mais gente ainda. Alguns dos recém-acordados me olharam, mas ninguém me reconheceu. Para eles eu não passava de outro lanceiro andando na noite.

Descobri Amhar perto de uma das fogueiras. Estava dormindo de boca aberta, e morreu assim mesmo. Enfiei a lança em sua boca escancarada, parei por tempo suficiente para que seus olhos se abrissem e sua alma me reconhecesse, e então, quando vi que ele me reconheceu, enfiei a lâmina no pescoço e na coluna, de modo que ele ficou pregado no chão. Amhar se sacudiu quando o matei, e a última coisa que sua alma viu nesta terra foi meu sorriso. Então me inclinei, tirei a corda de barba de seu cinto, desembainhei Hywelbane e saí da igreja. Queria procurar Mordred e Loholt, porém havia mais gente acordando agora e um homem gritou perguntando quem eu era, por isso simplesmente voltei para as sombras cheias de névoa e corri morro acima até onde Taliesin e Sansum esperavam.

— Precisamos ir — baliu Sansum.

— Tenho arreios perto da muralha de terra, senhor — disse Taliesin.

— Você pensa em tudo — falei admirado. Parei para jogar os restos de minha barba na pequena fogueira que tinha aquecido nossos guardas, e quando vi que os últimos fios tinham se queimado e virado cinza, segui Taliesin até a muralha de terra no lado norte. Ele encontrou os dois arreios nas sombras, depois subimos à plataforma de luta e ali,

escondidos dos guardas pela névoa, subimos a muralha e pulamos na encosta. A névoa terminava na metade do morro e corremos até a campina onde a maioria dos cavalos de Mordred dormia na noite. Taliesin acordou dois animais, acariciando gentilmente suas narinas, e eles calmamente o deixaram colocar os arreios sobre as cabeças.

— O senhor sabe cavalgar sem sela? — perguntou ele.

— Esta noite até sem cavalo, se for necessário.

— E eu? — perguntou Sansum enquanto eu montava num dos cavalos.

Olhei para ele. Sentia-me tentado a deixá-lo na campina, porque tinha sido um homem traiçoeiro durante toda a vida e eu não queria prolongar sua existência, mas ele também poderia ser útil para nós nesta noite, por isso estendi a mão e o levantei para a garupa do cavalo.

— Eu deveria deixá-lo aqui, bispo — falei enquanto ele se acomodava. Sansum não respondeu, apenas abraçou minha cintura com força. Taliesin estava puxando o cavalo para o portão da campina, que ele abriu.

— Merlin disse o que deveríamos fazer agora? — perguntei ao bardo enquanto instigava o animal pela passagem.

— Não, senhor, mas a sensatez sugere que devemos ir para a costa e encontrar um barco. E que devemos ir depressa, senhor. O sono no topo da colina não vai durar muito, e assim que descobrirem que o senhor desapareceu, mandarão homens para nos encontrar. — Taliesin usou o portão para montar no cavalo.

— O que vamos fazer? — perguntou Sansum em pânico, me apertando com força.

— Matar você? — sugeri. — Então Taliesin e eu poderemos ir mais depressa.

— Não, senhor, não! Por favor, não!

Taliesin olhou para as estrelas enevoadas.

— Vamos para o oeste? — sugeri.

— Sei para onde estamos indo — falei, instigando o cavalo na direção do caminho de Lindinis.

— Para onde? — perguntou Sansum.

— Ver sua mulher, bispo, ver sua mulher. — Era por isso que eu poupava a vida de Sansum naquela noite, porque agora Morgana era nossa melhor esperança. Eu duvidava de que ela me ajudasse e tinha certeza de que cuspiria no rosto de Taliesin se ele pedisse auxílio, mas por Sansum ela faria tudo.

Por isso fomos para Ynys Wydryn.

Acordamos Morgana e ela veio mal-humorada à porta de seu salão, ou melhor, num humor pior do que o usual. Não me reconheceu sem barba e não viu o marido, que, dolorido da viagem a cavalo, estava muito

atrás de nós; em vez disso enxergou Taliesin como um druida que tinha ousado ir aos confins sagrados de seu templo.

— Pecador! — guinchou para ele, sem que o despertar recente significasse uma barreira para a força total de seus vitupérios. — Violador! Idólatra! Em nome do santo Deus e de Sua Mãe abençoada, ordeno que se vá!

— Morgana! — gritei, mas nesse momento ela viu a figura de Sansum, arrasado e mancando, e deu um pequeno miado de alegria e correu para ele. O quarto de lua brilhou na máscara dourada com que ela cobria o rosto devastado pelo fogo.

— Sansum! — gritou ela. — Meu doce!

— Preciosa! — disse Sansum e os dois se abraçaram com força no meio da noite.

— Querido — balbuciou Morgana, acariciando o rosto dele —, o que fizeram com você?

Taliesin sorriu e nem eu, que odiava Sansum e não sentia amor por Morgana, pude resistir a dar um sorriso diante do evidente prazer dos dois. De todos os casamentos que já conheci, aquele era o mais estranho. Sansum era o homem mais desonesto que já viveu, e Morgana a mulher mais honesta de toda a criação, entretanto os dois evidentemente se adoravam. Ou Morgana, pelo menos, adorava Sansum. Ela havia nascido bela, mas o incêndio terrível que matou seu primeiro marido retorceu seu corpo e transformou o rosto numa cicatriz de horror. Nenhum homem poderia amar Morgana por sua beleza, ou por seu caráter que fora retorcido pelo fogo, transformando-se em algo amargo assim como o rosto se transformou na feiura, mas algum homem poderia amar Morgana por suas ligações, já que ela era irmã de Artur, e isso, sempre acreditei, foi o que atraiu Sansum. Mas se ele não a amava por ela própria, mesmo assim fazia uma demonstração de amor que a convencia e lhe dava felicidade, e por isso eu estava disposto a perdoar até mesmo a dissimulação do lorde camundongo. Além disso ele a admirava, porque Morgana era uma mulher inteligente e Sansum valorizava a inteligência, e assim os dois ganharam com o casamento; Morgana recebeu ternura, Sansum recebeu proteção e conselhos, e como nenhum dos dois buscava os prazeres da carne com o outro, o casamento tinha se mostrado melhor do que a maioria.

— Dentro de uma hora os homens de Mordred estarão aqui — falei, interrompendo brutalmente o encontro feliz. — Até então nós já devemos estar longe, e suas mulheres, senhora — falei a Morgana —, devem procurar a segurança nos pântanos. Os homens de Mordred não vão se importar em saber se elas são santas, vão estuprar todas.

Morgana me encarou furiosa com seu olho único, que brilhava no buraco da máscara.

— Você fica melhor sem barba, Derfel.

— Eu ficaria pior sem cabeça, senhora, e Mordred está fazendo uma pilha de cabeças no Caer Cadarn.

— Não sei por que Sansum e eu deveríamos salvar suas vidas pecaminosas — murmurou ela —, mas Deus ordena que sejamos misericordiosos. — Ela saiu dos braços de Sansum e gritou numa voz terrível para acordar suas mulheres. Taliesin e eu recebemos um cesto e a ordem de entrar na igreja e enchê-lo com o ouro do templo enquanto Morgana mandava mulheres ao povoado, para acordar os barqueiros. Ela era maravilhosamente eficiente. O templo estava cheio de pânico, mas Morgana controlava tudo. Passaram-se apenas alguns minutos até que as mulheres fossem ajudadas a entrar nos barcos de fundo chato que entraram no pântano coberto de névoa.

Fomos os últimos a sair, e juro que ouvi cascos de cavalos no leste, enquanto nossos barqueiros usavam paus para impelir os barcos nas águas escuras. Taliesin, sentado na proa, começou a cantar o lamento de Idfael, mas Morgana ordenou rispidamente que ele parasse com sua música pagã. Ele afastou os dedos da pequena harpa.

— A música não conhece crença, senhora — censurou gentilmente.

— A sua música é do demônio.

— Nem toda — disse Taliesin e recomeçou a cantar, mas dessa vez era uma canção que eu nunca tinha ouvido. — Pelos rios da Babilônia — cantou ele — onde nos sentamos, derramamos lágrimas amargas para lembrar nosso lar. — E vi que Morgana estava enfiando um dedo por baixo da máscara, como se enxugasse lágrimas. O bardo continuou cantando, e o alto Tor recuava à medida que as névoas do pântano nos amortalhavam e o barqueiro nos impelia pela água negra em meio aos juncos sussurrantes. Quanto Taliesin terminou a canção havia apenas o som das marolas batendo no casco e o barulho da vara do barqueiro batendo no fundo para nos impelir.

— Você deveria cantar para Cristo — disse Sansum em tom reprovador.

— Eu canto para todos os Deuses, e nos dias que virão precisaremos de todos eles.

— Só existe um Deus! — disse Morgana ferozmente.

— Se a senhora diz... — respondeu Taliesin em tom ameno. — Mas creio que Ele nos tenha servido mal esta noite. — E apontou para trás na direção de Ynys Wydryn, e todos nos viramos e vimos um brilho lívido se espalhando na névoa. Eu já vira esse brilho, tinha-o visto através dessa mesma névoa no mesmo lago. Era o brilho de construções sendo queimadas, o brilho de tetos de palha incendiados. Mordred tinha nos seguido e o templo do Espinheiro Sagrado, onde sua mãe foi enterrada, ia se transformando em cinzas, mas estávamos seguros nos pântanos onde nenhum homem ousava entrar sem guia.

De novo o mal tinha tomado conta da Dumnonia.

Mas estávamos em segurança e, ao alvorecer, encontramos um pescador que iria à Silúria em troca de ouro. Por isso fomos para casa, encontrar Artur.

E um novo horror.

CEINWYN ESTAVA DOENTE.

A doença viera com rapidez, disse-me Guinevere, horas depois de eu ter partido de Isca. Ceinwyn tinha começado a tremer, depois a suar, e naquela noite não teve mais forças para ficar de pé, e assim tinha ido para a cama. Morwenna cuidara dela, uma mulher sábia tinha lhe dado um preparado de pata-de-cavalo e arruda, e pôs um amuleto de cura entre seus seios, mas de manhã a pele havia se rompido em furúnculos. Todas as juntas doíam, ela não conseguia engolir, e sua respiração raspava na garganta. Então ela começou a delirar, sacudindo-se na cama e gritando rouca por Dian.

Morwenna tentou me preparar para a morte de Ceinwyn.

— Ela acha que recebeu uma maldição, pai, porque no dia em que o senhor partiu uma mulher veio pedir comida. Nós lhe demos grãos de cevada, mas quando ela partiu havia sangue no portal.

Toquei o punho de Hywelbane.

— As maldições podem ser cortadas.

— Nós chamamos o druida de Cefu-crib — disse Morwenna — e ele raspou o sangue da porta e nos deu uma pedra de bruxa. — Ela parou, olhando lacrimosa para a pedra partida que agora estava pendurada acima da cama de Ceinwyn. — Mas a maldição não quer ir embora! — chorou. — Ela vai morrer!

— Ainda não — falei. — Ainda não. — Eu não podia acreditar na morte iminente de Ceinwyn porque ela sempre fora muito saudável. Nem um fio do cabelo de Ceinwyn tinha ficado grisalho, ainda possuía a maior parte dos dentes e quando saí de Isca ela estava tão ágil quanto uma menina, mas agora, de repente, parecia velha e devastada. E estava sentindo dores. Não podia nos falar da dor, mas seu rosto a traía, e as lágrimas que desciam pelas bochechas gritavam isso alto.

Taliesin passou longo tempo olhando-a e concordou com que ela fora amaldiçoada, mas Morgana cuspiu contra essa opinião.

— Superstição pagã! — crocitou e se ocupou em encontrar novas ervas que ferveu em hidromel e deu numa colher, forçando entre os lábios de Ceinwyn. Vi que Morgana foi muito gentil, mesmo que, enquanto servia o líquido, arengasse chamando Ceinwyn de pecadora pagã.

Eu estava impotente. Só podia ficar sentado junto de Ceinwyn, segurar sua mão e chorar. Seu cabelo ficou pegajoso e, dois dias depois de minha volta, começou a cair aos tufos. Os furúnculos se romperam, encharcando a cama com pus e sangue. Morwenna e Morgana fizeram

camas novas com palha fresca e lençóis novos, mas a cada dia Ceinwyn manchava a cama e os lençóis antigos tinham de ser fervidos. A dor continuava, e era tanta que depois de um tempo comecei a desejar que a morte a arrancasse daquele tormento, mas Ceinwyn não morria. Simplesmente sofria, e algumas vezes gritava de dor, sua mão se apertava nos meus dedos com uma força terrível e eu só podia enxugar sua testa, dizer seu nome e sentir o medo da solidão me atravessar.

Eu amava Ceinwyn demais. Mesmo agora, anos depois, sorrio ao pensar nela, e algumas vezes acordo de noite com lágrimas no rosto e sei que se devem a ela. Tínhamos começado nosso amor numa chama de paixão, e as pessoas sensatas diziam que essa paixão iria acabar, mas a nossa nunca terminou, em vez disso tinha se transformado num amor longo e profundo. Eu a amava e admirava, os dias pareciam mais luminosos por causa de sua presença, e de repente eu só podia olhar enquanto os demônios a despedaçavam, a dor a fazia estremecer e os furúnculos cresciam, endureciam e estouravam imundos. E mesmo assim ela não morria.

Em alguns dias Galahad e Artur me substituíam junto da cama. Todo mundo tentava ajudar. Guinevere mandou procurar as mulheres mais sábias nas colinas da Silúria, e pôs ouro nas mãos delas para que trouxessem novas ervas ou frascos de água de alguma fonte remota e sagrada. Culhwch, agora careca, mas ainda áspero e beligerante, chorava por Ceinwyn e me deu uma seta de elfo que encontrara nos morros no oeste, mas quando Morgana encontrou aquele amuleto pagão na cama da enferma jogou-o longe, como tinha jogado a pedra de bruxa do druida e o amuleto que encontrara entre os seios de Ceinwyn. O bispo Emrys rezava por Ceinwyn, e até Sansum, antes de partir para Gwent, juntou-se a ele rezando, mas duvido de que seus rogos fossem tão sentidos quanto os que Emrys dirigia a Deus. Morwenna era dedicada à mãe, limpava-a, rezava por ela, chorava com ela. Guinevere, claro, não podia suportar a visão da doença de Ceinwyn, ou o cheiro do quarto, mas caminhava comigo durante horas enquanto Galahad ou Artur seguravam a mão de Ceinwyn. Lembro-me de um dia em que tínhamos ido ao anfiteatro e estávamos andando na arena quando, de modo um tanto desajeitado, Guinevere tentou me consolar.

— Você tem sorte, Derfel, porque experimentou uma coisa rara. Um grande amor.

— A senhora também — falei.

Ela fez uma careta, e desejei não ter provocado o pensamento não dito de que seu grande amor se estragara, mas na verdade ela e Artur tinham sobrevivido à infelicidade. Acho que aquilo ainda devia estar ali, uma sombra bem no fundo, e algumas vezes naqueles anos algum idiota mencionava o nome de Lancelot, e um silêncio súbito embaraçava o ar, e uma vez um bardo visitante tinha inocentemente cantado o Lamento de

Blodeuwedd, uma canção que fala da infidelidade de uma esposa, e o ar enfumaçado do salão de festas ficou tenso com o silêncio no fim da canção, mas na maior parte daquele tempo Artur e Guinevere eram realmente felizes.

— Sim — disse Guinevere —, também tenho sorte. — Ela falou de modo um tanto ríspido, não para me censurar, mas porque sempre ficava desconfortável com conversas íntimas. Somente no Mynydd Baddon ela havia superado essa reserva, e praticamente tínhamos ficado amigos naquela época. Mas desde então havíamos nos afastado, não para a antiga hostilidade, mas para uma relação cautelosa, ainda que com afeto. — Você fica bem sem barba — disse ela agora, mudando de assunto —, faz com que pareça mais jovem.

— Jurei deixá-la crescer de novo somente depois da morte de Mordred — falei.

— Que seja logo. Como eu odiaria morrer antes daquele verme! — Ela falava com violência e com um medo real de que a velhice a matasse antes da morte de Mordred. Todos estávamos com mais de quarenta anos e poucas pessoas viviam mais do que isso. Merlin, claro, tinha durado duas vezes quarenta e ainda mais, e todos conhecíamos outros que tinham feito cinquenta, sessenta ou até setenta anos, mas nos víamos como velhos. O cabelo ruivo de Guinevere tinha muitas riscas de grisalho, mas ela ainda era uma beldade e seu rosto poderoso observava o mundo com toda a antiga força e arrogância. Ela parou para olhar Gwydre, que tinha entrado de cavalo na arena. Ele ergueu uma das mãos para a mãe, depois fez o animal treinar os passos. Estava treinando o garanhão para ser um cavalo de guerra: a empinar, escoicear e manter as pernas em movimento mesmo quando ficava parado, de modo que nenhum inimigo pudesse cortar seus jarretes. Guinevere o observou durante um tempo. — Você acha que ele vai ser rei algum dia? — perguntou, melancólica.

— Sim, senhora. Mordred cometerá um erro cedo ou tarde, e então atacaremos.

— Espero que sim — disse ela passando o braço pelo meu. Não creio que estivesse tentando me confortar, e sim que estava procurando conforto. — Artur lhe falou de Amhar?

— Brevemente, senhora.

— Ele não culpa você. Você sabe disso, não é?

— Gostaria de acreditar.

— Bom, você pode. O sofrimento dele é pela própria falha como pai, e não pela morte daquele desgraçadinho.

Suspeito de que Artur estivesse lamentando muito mais por Dumnonia do que por Amhar, porque ficou profundamente amargo com a notícia dos massacres. Como eu, queria vingança, mas Mordred comandava um exército e Artur tinha menos de duzentos homens que

precisariam atravessar o Severn de barco, se fossem lutar contra Mordred. Com toda a honestidade, ele não conseguia ver como isso poderia ser feito. Até mesmo se preocupava com a legalidade dessa vingança.

— Os homens que Mordred matou eram jurados a ele — disse-me Artur. — Ele tinha o direito de matá-los.

— E nós temos o direito de vingá-los — insisti, mas não tenho certeza de que Artur concordava totalmente. Ele sempre tentou elevar a lei acima da paixão pessoal e segundo nossa lei de juramentos, que faz do rei a fonte de toda a lei e portanto de todos os juramentos, Mordred poderia fazer o que quisesse com sua própria terra. Esta era a lei, e Artur, sendo Artur, preocupava-se com a ideia de violá-la, mas também chorava pelos homens e mulheres que tinham morrido e pelas crianças escravizadas, e sabia que outras morreriam ou seriam escravizadas enquanto Mordred vivesse. Parecia que a lei teria de ser violada, mas Artur não sabia como fazer isso. Se pudéssemos marchar com nossos homens através de Gwent, e então levá-los ao leste distante a ponto de podermos entrar nas terras de fronteira com Lloegyr e juntarmos forças com Sagramor, teríamos a força para derrotar o exército selvagem de Mordred, ou pelo menos para enfrentá-lo em condições de igualdade, mas o rei Meurig se recusava obstinadamente a nos deixar atravessar suas terras. Se atravessássemos o Severn de barco poderíamos ir sem os cavalos, e então nos encontraríamos muito longe de Sagramor, e estaríamos separados dele pelo exército de Mordred. Mordred poderia nos derrotar primeiro, depois voltar para lidar com o núnida.

Pelo menos Sagramor continuava vivo, mas isso servia de pouco consolo. Mordred havia trucidado alguns dos guerreiros dele, mas não conseguira encontrar o próprio Sagramor e retirara seus homens da região de fronteira antes que Sagramor pudesse lançar uma represália sangrenta. Agora, pelo que soubemos, Sagramor e 120 de seus lanceiros tinham buscado refúgio numa fortaleza no sul. Mordred temia atacar a fortaleza, e Sagramor não tinha forças para sair e derrotar o exército de Mordred, por isso os dois se vigiavam mas não lutavam, enquanto os saxões de Cerdic, encorajados pela impotência de Sagramor, de novo vinham para o oeste entrando em nossas terras. Mordred destacou bandos de guerreiros para se opor a esses saxões, sem perceber os mensageiros que ousavam atravessar suas terras para conectar Artur com Sagramor. As mensagens refletiam a frustração de Sagramor — como ele poderia levar seus homens até a Silúria? A distância era grande e o inimigo, numeroso demais, estava no caminho. Realmente parecíamos impotentes para vingar as mortes, mas então, três semanas depois de minha volta da Dumnonia, chegaram notícias da corte de Meurig.

O boato chegou até nós através de Sansum. Ele tinha vindo comigo a

Isca, mas considerou a companhia de Artur incômoda demais e assim, deixando Morgana aos cuidados do irmão, foi para Gwent. E agora, talvez para mostrar como estava próximo do rei, mandou uma mensagem dizendo que Mordred estava pedindo a permissão de Meurig para atravessar Gwent com seu exército e atacar a Silúria. Segundo Sansum, Meurig ainda não decidira dar uma resposta.

Artur repetiu-me a mensagem de Sansum.

— O lorde camundongo está tramando de novo?

— Ele está apoiando o senhor e Meurig — falei azedamente —, de modo que os dois se sintam gratos.

— Mas é verdade?

Artur esperava que fosse, porque, se Mordred o atacasse, nenhuma lei poderia condená-lo por contra-atacar, e se Mordred marchasse com seu exército para o norte, entrando em Gwent, poderíamos atravessar o Severn de barco e juntar forças com os homens de Sagramor em alguma parte do sul da Dumnonia. Galahad e o bispo Emrys duvidavam de que Sansum falasse a verdade, mas eu discordava. Mordred odiava Artur acima de todos os homens, e achei que ele seria incapaz de resistir à tentativa de derrotá-lo em batalha.

Assim, durante alguns dias fizemos planos. Nossos homens treinavam com lança e espada, e Artur mandou mensageiros a Sagramor, delineando a campanha que esperava lutar, mas ou Meurig negou a permissão que Mordred necessitava ou então Mordred decidiu contra um ataque à Silúria, porque nada aconteceu. O exército de Mordred continuou entre nós e Sagramor, não ouvimos mais boatos vindos de Sansum e só podíamos esperar.

Esperar e ver a agonia de Ceinwyn. Ver seu rosto ficar fundo. Ouvila gritando, sentir o terror em sua mão apertada e o cheiro da morte que não vinha.

Morgana experimentou novas ervas. Pôs uma cruz no corpo nu de Ceinwyn, mas o toque da cruz fez Ceinwyn gritar. Uma noite, quando Morgana estava dormindo, Taliesin fez um contrafeitiço para evitar a maldição que ele ainda acreditava ser a causa da doença de Ceinwyn. Mas apesar de termos matado uma lebre e pintado o rosto de Ceinwyn com o sangue, e mesmo tendo tocado a pele devastada de seu corpo com a ponta queimada de um galho de freixo, e mesmo tendo rodeado sua cama com pedras de águia, setas de elfo e pedras de bruxa, e mesmo tendo pendurado um galho de espinheiro e um punhado de visgo cortado de uma limeira sobre sua cama, e mesmo tendo posto Excalibur, um dos Tesouros da Britânia, ao seu lado, a doença não diminuiu. Rezamos a Grannos, o Deus da cura, mas nossas preces não foram atendidas e os sacrifícios foram ignorados.

— É uma magia forte demais — disse Taliesin com tristeza. Na noite seguinte, enquanto Morgana dormia de novo, trouxemos um druida do

norte da Silúria para o quarto da doente. Era um druida do campo, todo barba e fedor, e ele entooou um feitiço, depois esmagou os ossos de uma cotovia, fazendo um pó que misturou numa infusão de artemísia numa taça sagrada. Derramou a mistura na boca de Ceinwyn, mas o remédio não produziu coisa alguma. O druida tentou lhe dar de comer pedaços do coração assado de um gato preto, mas ela cuspiu, por isso ele usou seu feitiço mais forte, o toque da mão de um cadáver. A mão, que me fez lembrar da crista do elmo de Cerdic, estava empretecida. O druida tocou com ela a testa, o nariz e a garganta de Ceinwyn, depois apertou-a contra o couro cabeludo enquanto murmurava um encanto, mas só conseguiu transferir um monte de piolhos de sua barba para o cabelo dela, e quando tentamos tirá-los com um pente arrancamos o resto dos fios. Paguei ao druida, depois o segui até o pátio para escapar da fumaça das fogueiras em que Taliesin queimava ervas. Morwenna foi comigo.

— O senhor precisa descansar, pai — disse ela.

— Haverá tempo para descanso depois — falei, olhando o druida arrastar os pés no escuro.

Morwenna me abraçou e pousou a cabeça em meu ombro. Tinha os cabelos dourados como eram antigamente os de Ceinwyn, e eles cheiravam como os de Ceinwyn.

— Talvez não seja magia — falou.

— Se não fosse magia ela teria morrido.

— Há uma mulher em Powys que dizem ter muitas habilidades.

— Então mande buscá-la — falei cansado, mas agora não tinha mais fé em feiticeiros. Um monte deles tinha vindo e recebido ouro, mas nenhum fizera a doença recuar. Eu tinha feito sacrifícios a Mitra, tinha rezado a Bel e Don, e nada dera certo.

Ceinwyn gemeu e o gemido se transformou num grito. Eu me encolhi ao ouvir o som, depois empurrei Morwenna gentilmente.

— Preciso ir até ela.

— Descanse, pai. Eu vou.

Foi então que vi a figura encapuzada parada no centro do pátio. Não dava para ver se era homem ou mulher, nem podia saber há quanto tempo estava ali. Parecia-me que há apenas um instante o pátio estivera vazio, mas agora a estranha figura encoberta se encontrava na minha frente com um capuz fundo sombreando a luz da lua sobre o rosto. Senti um pavor súbito de que fosse a morte aparecendo. Fui em direção à figura.

— Quem é você?

— Ninguém que o senhor conheça, lorde Derfel Cadarn.

Era uma mulher quem falava, e enquanto falava empurrou o capuz para trás e vi que ela havia pintado o rosto de branco, depois espalhado fuligem sobre os olhos de modo a parecer um crânio vivo. Morwenna ofegou.

— Quem é você? — perguntei de novo.

— Sou o sopro do vento oeste, lorde Derfel — disse ela numa voz sibilante — e a chuva que cai em Cadair Idris, e o gelo que cobre os picos de Eryri. Sou a mensageira do tempo anterior aos reis, sou a Dançarina. — Então ela riu, e seu riso foi como uma loucura na noite. Aquele som trouxe Taliesin e Galahad à porta do quarto da doente, onde pararam e olharam a mulher de rosto branco gargalhar. Galahad fez o sinal da cruz e Taliesin tocou o trinco de ferro da porta. — Venha cá, lorde Derfel — ordenou a mulher —, venha para mim, lorde Derfel.

— Vá, senhor — encorajou Taliesin e tive uma esperança súbita de que os feitiços do druida piolhento tivessem funcionado porque, mesmo não tendo retirado a doença de Ceinwyn, tinham trazido essa aparição ao pátio. Por isso pisei no chão enlustrado e me aproximei da mulher coberta pela capa.

— Abrace-me, lorde Derfel — disse a mulher e havia algo em sua voz que falava de podridão e terra, mas estremeci, dei mais um passo e pus os braços em volta de seus ombros magros. Ela cheirava a mel e cinzas. — Quer que Ceinwyn viva? — sussurrou no meu ouvido.

— Sim.

— Então venha comigo agora — sussurrou ela de volta e saiu do meu abraço. — Agora — repetiu, ao ver minha hesitação.

— Deixe-me pegar uma capa e uma espada.

— Você não precisará de espada aonde vamos, lorde Derfel, e pode compartilhar minha capa. Venha agora, ou deixe sua mulher sofrer. — Com essas palavras ela se virou e foi saindo do pátio.

— Vá! — insistiu Taliesin. — Vá!

Galahad tentou ir comigo, mas a mulher se virou no portão e ordenou que ele voltasse.

— Lorde Derfel vem sozinho ou não vem de jeito nenhum — disse ela.

E assim fui, seguindo a morte na noite, em direção ao norte.

Andamos por toda a noite, de modo que ao alvorecer estávamos na beira dos morros altos, e ela continuava andando, escolhendo caminhos que nos levavam para longe de qualquer povoado. A mulher que se chamava de Dançarina andava descalça, e algumas vezes saltitava como se estivesse cheia de uma alegria insaciável. Uma hora depois do alvorecer, quando o sol estava inundando os morros com ouro novo, ela parou junto a um laguinho, jogou água no rosto e esfregou as bochechas com um punhado de capim, para tirar a mistura de mel e cinzas com que tinha embranquecido a pele. Até aquele momento eu não sabia se ela era jovem ou velha, mas agora vi que era uma mulher de vinte e poucos anos, e muito bonita. Tinha rosto delicado, cheio de vida, com olhos felizes e sorriso rápido. Conhecia a própria beleza e sorriu ao ver que

também reconheci isso.

— O senhor se deitaria comigo, lorde Derfel?

— Não.

— Se isso curasse Ceinwyn, o senhor se deitaria comigo?

— Sim.

— Mas não cura! Não cura! — E ela riu e correu à minha frente, largando a capa pesada para revelar um vestido de linho fino grudado no corpo esguio. — Lembra-se de mim? — perguntou, virando-se para me encarar.

— Eu deveria?

— Eu me lembro do senhor, lorde Derfel. O senhor olhou para o meu corpo como um homem faminto, mas o senhor estava com fome. Com muita fome. Lembra? — E com isso ela fechou os olhos e desceu pelo caminho de ovelhas em minha direção. Dava passos altos e precisos, apontando os dedos dos pés a cada passo, e me lembrei imediatamente. Era a garota cuja pele nua tinha brilhado na escuridão de Merlin.

— Você é Olwen — falei, com o nome voltando através dos anos. — Olwen, a Prateada.

— Então o senhor se lembra. Agora estou mais velha. Olwen Mais Velha. — Ela gargalhou. — Venha, senhor! Traga a capa.

— Aonde estamos indo?

— Longe, senhor, longe. Aonde os ventos brotam, as chuvas começam, as névoas nascem e nenhum rei governa. — Ela dançou pelo caminho, com uma energia aparentemente interminável. Dançou durante todo aquele dia, e durante todo aquele dia falou absurdos comigo. Acho que era louca. Uma vez, enquanto passávamos por um pequeno vale onde árvores com folhas prateadas estremeciam na brisa, ela tirou o vestido e dançou nua na grama, e fez isso para me agitar e me tentar, e quando me aproximei cansado e não demonstrei fome por ela, simplesmente riu, pendurou o vestido no ombro e caminhou ao meu lado como se sua nudez não fosse uma coisa estranha. — Fui eu quem levou a maldição à sua casa — disse com orgulho.

— Por quê?

— Porque tinha de ser feita, claro — disse ela com toda a sinceridade aparente —, assim como agora tem de ser cancelada! E por isso estamos indo às montanhas, senhor.

— Até Nimue? — perguntei, já sabendo, como acho que sabia desde que Olwen aparecera no pátio, que era até Nimue que estávamos indo.

— Até Nimue — concordou Olwen, feliz. — Veja bem, senhor. O tempo chegou.

— Que tempo?

— O tempo de acabar com todas as coisas, claro — disse Olwen e jogou o vestido em meus braços para não ficar estorvada. Saltitou à

minha frente, virando-se algumas vezes para me lançar um olhar maroto, e sentindo prazer na minha expressão imutável. — Quando o sol brilha gosto de ficar nua.

— O que é o fim de todas as coisas?

— Nós tornaremos a Britânia um local perfeito. Não haverá doença nem fome, nem medo nem guerras, nem tempestades nem roupas. Tudo vai terminar, senhor! As montanhas cairão e os rios correrão ao contrário, os mares vão ferver e os lobos uivar, mas no fim o país será verde e dourado, e não haverá mais anos, nem mais tempo, e todos seremos Deuses e Deusas. Serei uma Deusa árvore. Governarei o lariço e a bétula, e dançarei de manhã, e à noite me deitarei com homens dourados.

— Você não deveria se deitar com Gawain? Quando ele saísse do Caldeirão? Eu achava que você seria a rainha dele.

— Eu me deitei com ele, senhor, mas ele estava morto. Morto e seco. Ele tinha gosto de sal. — Ela gargalhou. — Morto, seco e salgado. Durante uma noite inteira eu o esquentei, mas ele não se mexeu. Eu não queria me deitar com ele — acrescentou com uma voz confiante —, mas desde aquela noite, senhor, tive apenas felicidade! — Ela se virou com leveza, dançando num círculo sobre a grama.

Louca, pensei, louca e espantosamente linda, tão linda quanto Ceinwyn fora um dia, mas essa garota, diferentemente de minha Ceinwyn com sua pele pálida e cabelos dourados, tinha cabelos pretos e a pele escurecida pelo sol.

— Por que a chamam de Olwen, a Prateada?

— Porque minha alma é de prata, senhor. Meu cabelo é escuro, mas minha alma é de prata!

Ela girou no caminho, depois saiu correndo agilmente. Parei alguns instantes depois para recuperar o fôlego e olhei para um vale profundo, abaixo, onde podia ver um homem pastoreando ovelhas. O cão do pastor subiu a encosta correndo para pegar um animal desgarrado, e abaixo do rebanho pude ver uma casa onde uma mulher punha roupas para secar sobre arbustos. Aquilo, pensei, era real, enquanto esta jornada através dos morros era uma loucura, um sonho, e toquei a cicatriz na palma da mão direita, a cicatriz que me ligava a Nimue, e vi que ela estava vermelha. Tinha sido branca durante anos, agora estava em cor viva.

— Precisamos ir, senhor! — chamou Olwen. — Sempre em frente! Subindo até as nuvens! — Para meu alívio, ela pegou o vestido de volta e o enfiou pela cabeça, sacudindo-se para que ele baixasse sobre o corpo magro. — Às vezes fica frio nas nuvens, senhor — explicou e em seguida estava dançando de novo. Dei um último olhar pesaroso para o pastor e seu cão, e segui a dançante Olwen por um caminho estreito que subia entre rochas altas.

Descansamos à tarde. Paramos num vale de morros íngremes onde cresciam freixos, sorveiras e sicômoros, e onde um lago comprido e estreito estremecia negro sob a brisa. Encostei-me numa pedra e devo ter dormido um tempo, porque ao acordar vi que Olwen estava nua de novo, mas dessa vez nadava na água fria e preta. Saiu do lago tremendo, secou-se com a capa e em seguida pôs o vestido.

— Nimue me disse que se você se deitasse comigo Ceinwyn morreria — revelou ela.

— Então por que pediu para eu me deitar com você?

— Para ver se o senhor amava Ceinwyn, claro.

— Eu amo.

— Então pode salvá-la — disse Olwen cheia de felicidade.

— Qual foi a maldição que Nimue lançou sobre ela?

— Uma maldição de fogo, uma maldição de água e a maldição do abrunheiro — disse Olwen e em seguida se agachou aos meus pés e olhou meus olhos — e a maldição escura do Corpo Fantasma — acrescentou em voz agourenta.

— Por quê? — perguntei irado, sem me importar com os detalhes das maldições, só pensando que alguma maldição fora posta sobre minha Ceinwyn.

— Por que não? — Olwen gargalhou, pendurou a capa úmida nos ombros e continuou andando. — Venha, senhor! Está com fome?

— Estou.

— O senhor deve comer. Comer, dormir e falar. — Ela estava dançando de novo, dando passos delicados com os pés nus sobre o caminho pedregoso. Percebi que seus pés sangravam, mas ela não parecia se importar. — Estamos indo para trás.

— O que isso significa?

Ela se virou, de modo a ficar andando para trás e olhando para mim.

— Para trás no tempo, senhor. Nós desenrolamos os anos. Os anos de ontem estão passando por nós, mas tão rápido que não podemos ver suas noites ou seus dias. O senhor ainda não nasceu, seus pais ainda não nasceram e continuamos para trás, sempre para trás, até o tempo antes de haver reis. Para lá, senhor, é que vamos. Para o tempo antes dos reis.

— Seus pés estão sangrando.

— Eles se curam — e ela se virou e saltitou. — Venha! Venha para o tempo antes dos reis!

— Merlin está esperando por mim lá?

Esse nome fez Olwen parar. Ela ficou imóvel, virou-se de novo para trás e franziu a testa para mim.

— Eu me deitei com Merlin uma vez — falou depois de um tempo.

— Muitas vezes! — acrescentou num jorro de honestidade.

Isso não me surpreendeu. Ele era como um bode.

— Ele está esperando por nós? — perguntei.

— Ele está no coração do tempo antes dos reis — disse Olwen, séria.
— No coração absoluto, senhor. Merlin é o frio no gelo, a água na chuva, a chama no sol, o sopro no vento. Agora venha — ela puxou minha manga com uma urgência súbita —, agora não podemos falar.

— Merlin é prisioneiro? — perguntei, mas Olwen não quis responder. Corria à minha frente e esperava com impaciência que a alcançasse, e assim que a alcançava ela corria de novo. Seguiu tranquilamente por aqueles caminhos íngremes enquanto eu me esforçava atrás, e o tempo todo penetrávamos cada vez mais nas montanhas. Agora percebi que tínhamos deixado a Silúria e entrado em Powys, mas numa parte daquele país desafortunado onde o governo do jovem Perddel não chegava. Esta era a terra sem lei, a terra dos bandoleiros, mas Olwen deslizava descuidada em meio aos perigos.

A noite caiu. Nuvens chegaram do oeste, de modo que logo estávamos na escuridão completa. Olhei em volta e não vi coisa alguma. Nenhuma luz, nem mesmo o brilho de uma chama distante. Foi assim, imagino, que Bel encontrou a ilha da Britânia quando chegou pela primeira vez para trazer vida e luz.

Olwen pôs a mão na minha.

— Venha, senhor.

— Você não pode ver! — protestei.

— Eu vejo tudo. Confie, senhor. — E com isso ela continuou me guiando, algumas vezes alertando sobre um obstáculo. — Precisamos atravessar um riacho aqui, senhor. Pise com cuidado.

Eu sabia que nosso caminho estava subindo sempre, sabia pouco mais do que isso. Atravessamos um trecho de barro traiçoeiro, mas a mão de Olwen era firme na minha, e uma vez parecemos andar ao longo da crista de um morro alto onde o vento assobiava em meus ouvidos e Olwen cantou uma cançoneta estranha falando de elfos.

— Ainda existem elfos nestes morros — disse ela quando a canção terminou. — Em todo o resto da Britânia eles foram mortos, mas não aqui. Eu já vi. Eles me ensinaram a dançar.

— Ensinaram bem — falei, sem acreditar numa palavra, mas estranhamente reconfortado pelo aperto quente de sua mão pequena.

— Eles têm capas de teia de aranha.

— Eles não dançam nus? — perguntei, provocando-a.

— Uma capa de teia de aranha não esconde nada, senhor. Mas por que deveríamos esconder o que é belo?

— Você se deita com os elfos?

— Um dia vou me deitar. Por enquanto não. No tempo depois dos reis vou me deitar. Com eles e com homens dourados. Mas primeiro preciso me deitar com outro homem salgado. Barriga contra barriga com outra coisa seca saída do coração do caldeirão. — Ela gargalhou, puxou minha mão e deixamos a crista, subindo uma encosta de grama

suave até chegar a uma crista mais elevada. Ali, pela primeira vez desde que as nuvens tinham escondido a lua, vi luz.

Distante, do outro lado de uma depressão de terra, havia um morro, e no morro devia haver um vale que estava cheio de fogo, de modo que a silhueta do morro mais próxima tinha uma borda luminosa. Fiquei ali parado, com a mão inconscientemente na mão de Olwen, e ela riu deliciada ao me ver olhando aquela luz súbita.

— Aquela é a terra antes dos reis, senhor. Lá o senhor encontrará amigos. E comida.

Tirei minha mão da dela.

— Que amigo é esse que põe uma maldição em Ceinwyn?

Ela pegou minha mão de novo.

— Venha, senhor, agora não está longe. — E me puxou encosta abaixo, tentando me fazer correr, mas eu não queria. Segui devagar, lembrando-me do que Taliesin tinha contado na névoa mágica que fizera baixar sobre Caer Cadarn: que Merlin havia ordenado que ele me salvasse, mas que eu não deveria agradecer por isso, e à medida que chegava mais perto daquele vale de fogo eu temia descobrir o que Merlin quisera dizer. Olwen me atraía, ria de meus medos e seus olhos brilhavam com o reflexo do fogo, mas eu subia para o horizonte luminoso com o coração pesado.

Lanceiros guardavam a borda do vale. Eram homens de aparência selvagem envoltos em peles e carregando lanças de cabo rude com lâminas grosseiras. Não disseram nada enquanto passávamos, apesar de Olwen cumprimentá-los cheia de alegria. Depois ela me guiou descendo um caminho até o coração enfumaçado do vale. Havia um lago comprido e fino lá embaixo, e por toda a volta das margens negras havia fogueiras, e junto às fogueiras pequenas cabanas entre bosques de árvores atrofiadas. Um exército de pessoas acampava ali, já que havia duzentas fogueiras ou mais.

— Venha, senhor — disse Olwen, me puxando encosta abaixo. — Este é o passado, e este é o futuro. É aqui que o arco do tempo se encontra.

Isto é um vale nas terras altas de Powys, falei a mim mesmo. Um lugar escondido onde um homem desesperado poderia encontrar abrigo. O arco do tempo não significava nada aqui, garanti a mim mesmo, mas mesmo assim senti um tremor de apreensão enquanto Olwen me puxava até as cabanas junto ao lago, onde o exército estava acampado. Pensei que as pessoas deveriam estar dormindo, porque a noite era avançada, mas enquanto caminhávamos entre o lago e as cabanas uma multidão de homens e mulheres saiu das cabanas para nos ver passar. Eram coisas estranhas aquelas pessoas. Algumas riam sem motivo, algumas falavam sem significado, outras se coçavam. Vi rostos com bócio, olhos cegos, lábios leporinos, cabelos emaranhados e membros tortos.

— Quem são eles? — perguntei a Olwen.

— O exército dos loucos, senhor.

Cuspi em direção ao lago para evitar o mal. Aquelas pobres pessoas não eram todas loucas ou aleijadas, já que havia alguns lanceiros, e percebi que alguns poucos tinham escudos cobertos de pele humana e enegrecidos com sangue humano — dos derrotados Escudos Sangrentos de Diwrnach. Outros tinham a águia de Powys nos escudos, e um homem até mesmo mostrava a raposa da Silúria, um distintivo que não entrava em batalha desde a época de Gundleus. Esses homens, como o exército de Mordred, eram a escória da Britânia: homens derrotados, homens sem terra, homens sem nada a perder e com tudo a ganhar. O vale fedia a escória humana. Fez-me lembrar da Ilha dos Mortos, aquele lugar para onde a Dumnonia mandava seus loucos terríveis, o lugar onde um dia eu fora resgatar Nimue. Essas pessoas tinham o mesmo ar selvagem e davam a mesma impressão inquietante de que a qualquer momento poderiam saltar e gadanhar sem motivo aparente.

— Como vocês os alimentam? — perguntei.

— Os soldados arranjam comida, os soldados de verdade. Nós comemos muito carneiro. Eu gosto de carneiro. Aqui estamos, senhor. Fim da viagem! — E com essas palavras alegres ela separou a mão da minha e se adiantou. Tínhamos chegado à extremidade do lago, e à minha frente havia um bosque de grandes árvores que cresciam no abrigo de um penhasco alto.

Uma dúzia de fogueiras ardia sob as árvores e vi que os troncos formavam duas filas, dando ao bosque a aparência de um vasto salão. Na extremidade mais distante do salão havia duas pedras altas parecidas com as que o povo antigo erigia, mas eu não podia dizer se estas eram antigas ou erguidas recentemente.

Entre as pedras, entronada numa grande cadeira e segurando o cajado preto de Merlin numa das mãos, estava Nimue. Olwen correu até Nimue, jogou-se aos pés de Nimue, pôs os braços em volta das pernas de Nimue e pôs a cabeça nos joelhos de Nimue.

— Eu o trouxe, senhora — disse ela.

— Ele se deitou com você? — perguntou Nimue, falando com Olwen mas olhando fixamente para mim. Havia dois crânios acima das pedras, cada um coberto com uma grossa camada de cera derretida.

— Não, senhora.

— Você o convidou? — O olho único de Nimue continuava me encarando.

— Sim, senhora.

— Você se mostrou para ele?

— Durante o dia inteiro me mostrei para ele, senhora.

— Boa garota — disse Nimue, dando um tapinha no cabelo de Olwen, e quase pude imaginar a moça ronronando contente aos pés de

Nimue. Nimue continuava me encarando e eu, enquanto andava por entre aqueles altos troncos iluminados pelas fogueiras, a encarava de volta.

Nimue estava como quando eu a havia tirado da Ilha dos Mortos. Parecia não ter tomado banho, penteado o cabelo ou se cuidado de qualquer modo há anos. A órbita vazia não estava coberta, nem tinha qualquer olho falso, era uma cicatriz encolhida e enrugada no rosto magro. Sua pele estava com uma sujeira profundamente entranhada, o cabelo era um emaranhado gorduroso que caía até a cintura. Um dia seu cabelo tinha sido preto, mas agora era branco como osso, a não ser por uma madeixa preta. O manto branco estava imundo, e por cima ela usava uma capa maltrapilha, com mangas, grande demais para ela, e que subitamente percebi que devia ser a Capa de Padarn, um dos Tesouros da Britânia, e num dos dedos da mão esquerda estava o Anel de Eluned, um anel simples de ferro. Suas unhas estavam compridas e os poucos dentes completamente pretos. Parecia muito mais velha, ou talvez fosse apenas a sujeira que acentuava as rugas sérias do rosto. Ela nunca fora o que o mundo poderia chamar de bonita, mas seu rosto tinha sido iluminado pela inteligência, o que a tornava atraente, mas agora parecia repulsiva, e o rosto que já fora animado estava amargo, embora ela me oferecesse a sombra de um sorriso enquanto levantava a mão esquerda. Estava mostrando a cicatriz, a mesma cicatriz que eu tinha na mão esquerda, e em resposta levantei a mão e ela assentiu satisfeita.

— Você veio, Derfel.

— Eu tinha alguma opção? — perguntei amargo, depois aponte para a cicatriz na minha mão. — Isso não me liga a você? Por que atacar Ceinwyn para me trazer até aqui, quando você já tinha isso? — E bati de novo na cicatriz.

— Porque você não viria. — Suas criaturas loucas juntavam-se em volta do trono como cortesãos, outras alimentavam as fogueiras e uma farejou meus tornozelos como um cachorro. — Você nunca acreditou — acusou Nimue. — Você reza aos Deuses, mas não acredita neles. Ninguém acredita direito agora, a não ser nós. — Ela girou o cajado roubado, apontando para os mancos, os semicegos, os mutilados e os loucos, que a encaravam em adoração. — Nós acreditamos, Derfel.

— Eu acredito também.

— Não! — Nimue gritou a palavra, fazendo algumas das criaturas sob as árvores gritar de volta aterrorizadas. Em seguida, apontou o cajado para mim. — Você estava lá quando Artur tirou Gwydre da fogueira.

— Você não poderia esperar que Artur deixasse o filho ser morto.

— O que eu esperava, idiota, era ver Bel vindo do céu com o ar incendiado e estalando atrás dele, e as estrelas jogadas como folhas numa tempestade! Era isso que eu esperava! Era o que eu merecia! —

Ela inclinou a cabeça para trás e gritou para as nuvens, e todos os loucos aleijados uivaram juntos. Só Olwen, a Prateada, ficou quieta. Encarava-me com um meio sorriso, como a sugerir que só nós dois éramos sãos neste refúgio de loucos. — Era isso que eu queria! — gritou Nimue por sobre a cacofonia de gritos e uivos. — E é isso que terei. — E com essas palavras ela se levantou, afastou o abraço de Olwen e me chamou com o cado. — Venha.

Segui-a passando pelas pedras até uma caverna no penhasco. Não era uma caverna profunda, apenas com tamanho para um homem deitado de costas, e a princípio pensei ter visto um homem nu deitado nas sombras da caverna. Olwen tinha vindo para o meu lado e estava tentando pegar minha mão, mas a afastei enquanto, à minha volta, os loucos se comprimiam para ver o que estava no chão de pedra.

As brasas de uma pequena fogueira ardiam ali dentro e à luz fraca vi que não era um homem que estava deitado na pedra, e sim a figura de argila de uma mulher. Era uma figura em tamanho real, com seios grosseiros, pernas abertas e um rosto rudimentar. Nimue entrou na caverna e se agachou ao lado da cabeça da figura de argila.

— Veja, Derfel Cadarn. A sua mulher.

Olwen gargalhou e sorriu para mim.

— A sua mulher, senhor! — disse Olwen, para o caso de eu não ter entendido.

Olhei a grotesca figura de barro, depois olhei para Nimue.

— Minha mulher?

— Este é o Corpo Fantasma de Ceinwyn, seu idiota! E eu sou o flagelo de Ceinwyn. — Havia um cesto meio arrebitado no fundo da caverna, o Cesto de Garanhir, outro Tesouro da Britânia, e Nimue pegou dentro dele um punhado de frutinhas secas. Ela se curvou e comprimiu uma no corpo de argila da mulher. — Um novo tumor, Derfel! — disse ela e vi que a superfície do barro estava marcada por outras frutinhas. — E outro, e outro! — Ela gargalhou, apertando as frutinhas secas no barro vermelho. — Devemos dar-lhe dor, Derfel? Devemos fazê-la gritar? — E com essas palavras ela tirou da cintura uma faca grosseira e cravou-a na cabeça da mulher de barro. — Ah, ela está gritando agora! — disse Nimue. — Eles estão tentando segurá-la, mas a dor é forte demais, forte demais! — E com isso ela torceu a faca e de repente me enfureci, curvei-me entrando na boca da caverna e Nimue imediatamente soltou a faca e pôs dois dedos sobre os olhos de barro. — Será que devo cegá-la, Derfel? — sibilou. — É isso que você quer?

— Por que está fazendo isso?

Ela tirou a Faca de Laufrodedd do torturado crânio de argila.

— Vou deixá-la dormir — cantarolou. — Ou será que não? — E com isso deu uma gargalhada louca e pegou uma colher de ferro no Cesto de Garanhir, tirou algumas brasas da fogueira e espalhou-as sobre

o corpo. Imaginei Ceinwyn estremecendo e gritando, as costas arqueadas pela dor súbita, e Nimue gargalhou ao ver minha fúria impotente. — Por que estou fazendo isso? Porque você me impediu de matar Gwydre. E porque você pode trazer os Deuses à terra. Por isso.

Encarei-a.

— Você também está louca — falei em voz baixa.

— O que sabe sobre a loucura? — disse Nimue, cusbindo. — Você e sua mente pequena, sua mente pequena e patética. Você pode me julgar? Ah, dor! — E ela deu uma facada nos seios de argila. — Dor! Dor! — As criaturas loucas atrás de mim se juntaram ao seu grito. — Dor! Dor!

Elas exultavam, algumas batendo palmas e outras gargalhando com deleite.

— Pare! — gritei.

Nimue se agachou sobre a figura torturada, com a faca a postos.

— Você a quer de volta, Derfel?

— Quero. — Eu estava à beira das lágrimas.

— Ela é muito preciosa para você?

— Você sabe que sim.

— Você preferiria se deitar com isso — Nimue apontou para a grotesca figura de argila — do que com Olwen?

— Eu não me deito com nenhuma mulher além de Ceinwyn.

— Então irei dá-la de volta a você. — E Nimue acariciou com ternura a testa da figura de barro. — Vou restaurar sua Ceinwyn para você, mas primeiro você precisa me dar o que me é mais precioso. Este é o meu preço.

— E o que é mais precioso para você? — perguntei, sabendo a resposta antes mesmo que ela dissesse.

— Você deve me trazer Excalibur, Derfel. E deve me trazer Gwydre.

— Por que Gwydre? Ele não é filho de um rei.

— Porque ele foi prometido aos Deuses, e os Deuses exigem o que foi prometido. Você deve trazê-lo para mim antes da próxima lua cheia. Você trará Gwydre e a espada até onde as águas se encontram abaixo do Nant Dduu. Conhece o lugar?

— Conheço — falei, carrancudo.

— E se não os trouxer, Derfel, juro que o sofrimento de Ceinwyn vai aumentar. Plantarei vermes na barriga dela, transformarei os olhos dela em líquido, farei a pele se soltar e a carne apodrecer nos ossos que vão se partir. E mesmo que ela implore pela morte, eu não a mandarei, em vez disso darei apenas dor. Nada além de dor. — Eu quis me adiantar e matar Nimue ali mesmo. Ela fora minha amiga, e até mesmo amante, uma vez, mas agora tinha se afastado demasiadamente para um mundo onde os espíritos eram reais e as coisas reais eram brinquedos. — Traga-me Gwydre e traga-me Excalibur — prosseguiu Nimue, com o olho único brilhando na semiescuridão da caverna — e liberarei Ceinwyn de

seu Corpo Fantasma, e livrarei você de seu juramento para comigo, e lhe darei duas coisas. — Ela levou a mão atrás do corpo e pegou um pano. Abriu-o e vi que era a velha capa que me fora roubada em Isca. Remexeu na capa, encontrou alguma coisa e segurou entre o indicador e o polegar. Vi que ela estava com a pequena ágata que tinha desaparecido do anel de Ceinwyn. — Uma espada e um sacrifício em troca de uma capa e uma pedra. Você fará isso, Derfel?

— Sim — falei, sem sinceridade, mas sem saber que outra coisa poderia dizer. — Você vai me deixar ficar com ela agora?

— Não — disse Nimue, sorrindo. — Mas quer que ela descanse esta noite? Então nesta noite, Derfel, irei aliviá-la. — Ela soprou as cinzas para longe do barro, pegou as frutinhas e arrancou os feitiços que tinham sido enfiados no corpo. — De manhã colocarei de volta.

— Não!

— Não todas, mas um pouco mais a cada dia até eu saber que você chegou ao lugar onde as águas se encontram no Nant Dduu. — Ela tirou um pedaço de osso queimado de dentro do barro. — E quando eu tiver a espada meu exército dos loucos fará fogueiras tão grandes que a noite de Samain vai virar dia. E Gwydre voltará para vocês, Derfel. Ele ficará no Caldeirão e os Deuses vão beijá-lo trazendo-o à vida, e Olwen vai se deitar com ele e ele cavalgará em glória segurando Excalibur. — Ela pegou um jarro d'água e jogou um pouco na testa da figura, depois alisou gentilmente o barro brilhante. — Vá agora. Sua Ceinwyn dormirá e Olwen tem outra coisa para lhe mostrar. Ao alvorecer vocês partirão.

Saí cambaleando atrás de Olwen, abrindo caminho pela multidão sorridente de coisas horrendas que se pressionavam junto à cabana, seguindo a jovem que dançava ao longo do penhasco até outra caverna. Dentro vi uma segunda figura de barro, esta de um homem, e Olwen fez um gesto para ela, e depois riu.

— Sou eu? — perguntei, porque vi que a argila estava lisa e sem marcas, mas então, olhando mais de perto no escuro, vi que os olhos do homem de argila tinham sido arrancados.

— Não, senhor, não é. — Ela se inclinou ao lado da figura e pegou uma comprida agulha de osso que estava ao lado das pernas de argila. — Olhe — disse ela e enfiou a agulha no pé de argila. Em algum lugar atrás de nós um homem uivou de dor. Olwen deu um risinho. — De novo — disse ela, e enfiou o osso no outro pé, e de novo a voz gritou de dor. Olwen gargalhou, depois pegou minha mão. — Venha — falou e me levou para uma fenda no penhasco. A fenda ia se estreitando, depois pareceu terminar abruptamente, porque eu só podia ver o brilho fraco da luz refletida na pedra, mas então enxerguei uma espécie de jaula que tinha sido feita no final da abertura. Ali cresciam dois pilriteiros, e pedaços de madeira tosca tinham sido pregados entre os dois troncos, formando grosseiras barras de prisão. Olwen soltou minha mão e me

empurrou à frente. — Virei pegá-lo de manhã, senhor. Tem comida aí. — Ela sorriu, virou-se e saiu correndo.

A princípio pensei que a jaula grosseira era algum tipo de abrigo e que, quando chegasse perto, acharia uma entrada entre as barras, mas não havia porta. A jaula separava os últimos metros da fenda, e a comida prometida estava esperando sob um dos pilriteiros. Encontrei pão velho, carneiro seco e uma jarra d'água. Sentei-me, parti o pão e de repente alguma coisa se mexeu dentro da jaula. Estremeci assustado enquanto a coisa se arrastava até mim.

A princípio achei que fosse um animal, depois vi que era um homem, e depois vi que era Merlin.

— Eu serei bom — disse Merlin. — Eu serei bom. — Então entendi a segunda figura de barro, porque Merlin estava cego. Não tinha olhos. Só horror. — Espinhos nos meus pés, nos pés. — Depois desmoronou junto às barras e gemeu. — Eu serei bom, prometo!

Agachei-me.

— Merlin?

Ele estremeceu.

— Serei bom! — falou desesperado e, quando pus a mão entre as barras para acariciar seu cabelo emaranhado e imundo, ele se sacudiu para trás e estremeceu.

— Merlin? — repeti.

— Sangue na argila — disse ele. — Você deve pôr sangue na argila. Misture bem. Sangue de criança funciona melhor, pelo menos me disseram. Nunca fiz isso, minha cara. Tanaburs fez, eu sei, conversei uma vez com ele sobre isso. Ele era um idiota, claro, mas sabia algumas coisas malignas. O sangue de uma criança ruiva, pelo que ele disse, e de preferência de uma criança aleijada, uma aleijada ruiva. Qualquer criança serve, claro, mas a aleijada e ruiva é melhor.

— Merlin — falei. — É Derfel.

Ele continuou balbuciando, dando instruções sobre como fazer a figura de argila para que o mal pudesse ser mandado para longe. Ele falava de sangue, de orvalho e da necessidade de moldar o barro enquanto estivesse trovejando. Não queria me ouvir, e quando me levantei e tentei arrancar as barras das árvores dois lanceiros vieram rindo das sombras da fenda atrás de mim. Eram Escudos Sangrentos e suas lanças diziam para eu parar com os esforços de libertar o velho. Agachei-me de novo.

— Merlin!

Ele se arrastou para perto, farejando.

— Derfel?

— Sim, senhor.

Ele tentou me segurar, dei-lhe a mão e ele a apertou com força.

Então, ainda segurando minha mão, deixou-se cair.

— Eu estou louco, sabe? — falou numa voz razoável.

— Não, senhor.

— Fui punido.

— Por nada, senhor.

— Derfel? É você mesmo?

— Sou eu, senhor. Quer comida?

— Eu tenho muito a lhe contar, Derfel.

— Espero que sim, senhor — falei, mas ele parecia incapaz de controlar o pensamento. Nos momentos seguintes falou de novo do barro, depois de outros feitiços, e de novo esqueceu quem eu era, porque me chamou de Artur. E então ficou quieto durante longo tempo.

— Derfel? — perguntou finalmente outra vez.

— Sim, senhor.

— Nada deve ser escrito, entende?

— O senhor me disse isso muitas vezes.

— Todo o nosso conhecimento deve ser lembrado. Caleddin escreveu, e foi então que os Deuses começaram a recuar. Mas está na minha cabeça. Estava. E ela tirou. Tudo. Ou quase tudo. — Ele sussurrou as três últimas palavras.

— Nimue? — perguntei e ele agarrou minha mão com uma força terrível ao ouvir o nome, e de novo ficou quieto. — Ela o cegou?

— Ah, ela teve de fazer isso! — disse ele, franzindo a testa diante da desaprovação em minha voz. — Não havia outro modo, Derfel. Eu deveria ter pensado que isso era óbvio.

— Não para mim — falei, amargo.

— Muito óbvio! É absurdo não pensar isso. — Em seguida ele soltou minha mão e tentou ajeitar a barba e o cabelo. Sua tonsura tinha desaparecido por baixo do emaranhado de cabelos e sujeira, a barba estava embolada e cheia de folhas, e o manto branco estava cor de lama. — Agora ela é uma druida — disse ele num tom de espanto.

— Eu pensava que as mulheres não podiam ser druidas.

— Não seja absurdo, Derfel. Só porque as mulheres nunca foram druidas não significa que não possam ser! Qualquer um pode ser um druida! Só é preciso memorizar as seiscentas e oitenta e quatro maldições de Beli Mawr, os duzentos e sessenta e nove feitiços de Lleu e levar na cabeça cerca de mil outras coisas úteis, e Nimue, devo dizer, foi uma aluna excelente.

— Mas por que cegar o senhor?

— Nós dois juntos temos um olho. Um olho e uma mente. — Ele ficou quieto.

— Fale da figura de barro, senhor.

— Não! — Ele se afastou de mim, com terror na voz. — Ela me mandou não lhe contar — acrescentou num sussurro áspero.

— Como posso derrotar a figura?

Ele riu disso.

— Você, Derfel? Você lutaria contra minha magia?

— Diga como — insisti.

Ele voltou às barras e virou as órbitas vazias para a esquerda e a direita, como se procurasse algum inimigo que pudesse estar entreouvindo.

— Sete vezes e três vezes sonhei no Carn Ingli. — Ele tinha voltado à loucura, e durante toda aquela noite descobri que, se tentasse arrancar-lhe os segredos da doença de Ceinwyn, ele fazia o mesmo. Falava de sonhos, da garota de trigo que tinha amado junto às águas do Claerwen ou dos cães de Trygwyth, que ele estava convencido de que o caçavam. — É por isso que tenho essas barras, Derfel — falou, batendo nas ripas de madeira. — Para que os cães não me alcancem, e é por isso que não tenho olhos, para que eles não possam me ver. Os cães não podem vê-lo se você não tiver olhos. Deve se lembrar disso.

— Nimue vai trazer os Deuses de volta? — perguntei num dado momento.

— Foi para isso que ela tirou minha mente, Derfel.

— Ela terá sucesso?

— Boa pergunta! Pergunta excelente. Uma pergunta que me faço o tempo todo. — Ele se sentou e abraçou os joelhos ossudos. — Não tive coragem, não foi? Traí a mim mesmo. Mas Nimue não fará isso. Ela irá até o amargo fim, Derfel.

— Mas terá sucesso?

— Eu gostaria de ter um gato — disse ele depois de um tempo. — Sinto falta de gatos.

— Fale da invocação.

— Você já sabe! — disse ele indignado. — Nimue vai encontrar Excalibur, vai pegar o pobre Gwydre e os rituais serão feitos apropriadamente. Aqui, na montanha. Mas será que os Deuses virão? Esta é a questão, não é? Você cultua Mitra, não é?

— Sim, senhor.

— E o que sabe sobre Mitra?

— É o Deus dos soldados, nascido numa caverna. É o Deus do sol.

Merlin gargalhou.

— Você sabe tão pouco! Ele é o Deus dos juramentos. Sabia disso? Ou sabe quais são os graus do mitraísmo? Quantos graus vocês têm? — Hesitei, não querendo revelar os segredos do mistério. — Não seja absurdo, Derfel! — A voz de Merlin saiu mais sã do que nunca. — Quantos? Dois? Três?

— Dois, senhor.

— Então se esqueceram dos outros cinco! Quais são os seus dois?

— Soldado e Pai.

— *Miles e Pater*, é como devem ser chamados. E antigamente também havia *Leo*, *Corax*, *Perses*, *Nymphus* e *Heliodromus*. Como você sabe pouco sobre seu Deus miserável. Mas, afinal de contas, o seu culto é uma mera sombra de um culto. Vocês sobem a escada de sete degraus?

— Não, senhor.

— Bebem o vinho e o pão?

— Esse é o modo cristão, senhor — protestei.

— O modo cristão! Que imbecis são vocês! A mãe de Mitra era uma virgem, pastores e sábios vieram ver o filho recém-nascido, e o próprio Mitra cresceu e virou um curador e professor. Ele tinha doze discípulos, e na véspera da morte deu a eles uma última ceia com pão e vinho. Foi enterrado num túmulo de pedra e ressuscitou, e fez tudo isso muito antes de que os cristãos pregassem seu Deus numa árvore. Vocês deixaram os cristãos roubarem suas roupas, Derfel!

Olhei para ele.

— Isso é verdade?

— É verdade, Derfel — disse Merlin e levantou o rosto devastado para as barras grosseiras. — Você cultua a sombra de um Deus. Ele está sumindo, veja bem, assim como os nossos. Todos eles se vão, Derfel, vão para o vazio. Olhe! — Merlin apontou para o céu nublado. — Os Deuses vêm e vão, Derfel, e eu não sei mais se eles nos veem ou nos ouvem. Eles passam na grande roda do céu e agora é o Deus cristão quem governa, e Ele governará durante um tempo, mas a roda também vai levá-Lo para o vácuo, e de novo a humanidade vai estremecer no escuro e procurar novos Deuses. E vai encontrá-los, porque os Deuses vêm e vão, Derfel, eles vêm e vão.

— Mas Nimue vai girar a roda ao contrário?

— Talvez — disse Merlin com tristeza. — E eu gostaria disso, Derfel. Gostaria de ter meus olhos de volta, e minha juventude, e minha alegria. — Ele pousou a testa nas barras. — Não vou ajudá-lo a quebrar o feitiço — falou em voz baixa, tão baixa que quase não ouvi. — Eu amo Ceinwyn, mas se Ceinwyn precisa sofrer pelos Deuses, então ela está fazendo uma coisa nobre.

— Senhor! — comecei a implorar.

— Não! — Ele gritou tão alto que alguns cães uivaram no acampamento, em resposta. — Não — disse ele mais baixo. — Já cedi uma vez e não vou ceder de novo, pois qual foi o preço de ter cedido? Sofrimento! Mas se Nimue puder realizar os rituais, todo o nosso sofrimento vai acabar. Logo vai acabar. Os Deuses voltarão, Ceinwyn dançará e eu verei.

Ele dormiu um pouco e dormi também, mas depois de um tempo ele me acordou, passando a mão em forma de garra entre as barras e puxando meu braço.

— Os guardas estão dormindo? — perguntou.

— Acho que sim, senhor.

— Então procure a névoa de prata — sussurrou ele.

Por um instante pensei que ele tivesse escorregado para a loucura.

— Senhor?

— Algumas vezes — disse ele e sua voz soou bastante sã — acho que só resta um pouquinho de magia na terra. Ela se desvanece como os Deuses. Mas não entreguei tudo a Nimue, Derfel. Ela acha que entreguei, mas guardei um último feitiço. E eu o trabalhei para você e para Artur, porque amei vocês dois acima de todos os homens. Se Nimue fracassar, Derfel, procure Caddwg. Você se lembra de Caddwg?

Caddwg era o barqueiro que tinha nos resgatado de Ynys Trebes há tantos anos, e era o homem que pescava as fóladas para Merlin.

— Eu me lembro de Caddwg — falei.

— Agora ele vive em Camlann — disse Merlin num sussurro. — Procure-o, Derfel, e procure a névoa de prata. Lembre-se disso. Se Nimue fracassar e o horror chegar, leve Artur a Camlann, encontre Caddwg e procure a névoa de prata. É o último feitiço. Meu último presente para os que foram meus amigos. — Seus dedos se apertaram no meu braço. — Promete que vai procurar?

— Vou, senhor.

Ele pareceu aliviado. Sentou-se durante um tempo, segurando meu braço, depois suspirou.

— Gostaria de ir com você. Mas não posso.

— O senhor pode.

— Não seja absurdo, Derfel. Devo ficar aqui e Nimue vai me usar uma última vez. Posso estar velho, cego, meio louco e quase morto, mas ainda há poder em mim. Ela o quer. — Merlin soltou um gemidozinho horrendo. — Nem consigo mais chorar, e às vezes tudo que quero é chorar. Mas na névoa prateada, Derfel, naquela névoa prateada, você não encontrará choro nem tempo, só alegria.

Ele dormiu de novo e quando acordou estava amanhecendo e Olwen viera me pegar. Acariciei o cabelo de Merlin, mas ele tinha entrado na loucura de novo. Latia como um cachorro e Olwen gargalhou ao ouvir aquilo. Eu gostaria de ter alguma coisa para lhe dar, alguma coisa pequena que lhe desse conforto, mas não tinha nada. Por isso deixei-o e levei comigo seu último presente, mesmo não entendendo o que era: o último feitiço.

Olwen não me trouxe de volta pelo mesmo caminho que nos levara ao acampamento de Nimue. Em vez disso, guiou-me por uma ravina íngreme e depois por uma floresta escura onde um riacho rolava entre pedras. Tinha começado a chover e nosso caminho estava traçoeiro, mas Olwen dançava à minha frente em sua capa molhada.

— Gosto da chuva! — gritou ela uma vez.

— Pensei que você gostava do sol — falei, azedo.

— Gosto dos dois, senhor. — Olwen estava alegre como sempre, mas eu mal ouvia a maior parte do que ela falava. Estava pensando em Ceinwyn, em Merlin, em Gwydre e em Excalibur. Estava pensando que me encontrava numa armadilha e não via saída. Será que deveria escolher entre Ceinwyn e Gwydre? Olwen devia ter adivinhado o que eu estava pensando, porque veio e passou o braço pelo meu. — Seus problemas logo terminarão, senhor — falou, tentando me reconfortar.

Afastei o braço dela.

— Eles só estão começando.

— Mas Gwydre não ficará morto! — disse ela, encorajando. — Ele vai se deitar no Caldeirão, e o Caldeirão dá a vida. — Ela acreditava, mas eu não. Ainda acreditava nos Deuses, mas não acreditava mais que podíamos curvá-los à nossa vontade. Artur, pensei, estava certo. É para nós mesmos que devemos olhar, e não para os Deuses. Eles têm suas próprias diversões, e se não formos seus brinquedos, devemos ficar contentes.

Olwen parou junto a um poço sob as árvores.

— Existem castores aqui — falou, olhando para a água agitada pela chuva. Como eu não disse nada, ela ergueu os olhos e sorriu. — Se continuar descendo o riacho, senhor, chegará a um caminho. Siga-o morro abaixo e encontrará uma estrada.

Segui o caminho e a estrada, saindo dos morros perto da velha fortaleza romana de Cicucium, que agora era lar de um grupo de famílias nervosas. Os homens me viram e saíram do portão quebrado da fortaleza com lanças e cães, mas atravessei o riacho e subi o morro, e quando eles viram que eu não queria fazer mal, não tinha armas e evidentemente não era batedor de um grupo de ataque, contentaram-se em zombar de mim. Eu não me lembrava de já ter estado há tanto tempo sem uma espada desde a infância. Isso fazia com que um homem se sentisse nu.

Demorei dois dias para chegar em casa; dois dias de pensamentos desanimados sem qualquer resposta. Gwydre foi o primeiro a me ver chegando pela rua principal de Isca e correu para me receber.

— Ela está melhor do que antes, senhor — gritou ele.

— Mas está piorando de novo.

Ele hesitou.

— É. Mas há duas noites pensamos que ela estava se recuperando.

— Ele me olhou ansioso, preocupado com minha aparência séria.

— E a cada dia desde então ela foi piorando.

— Mas deve haver esperança — disse Gwydre, tentando me encorajar.

— Talvez — falei, mas não tinha nenhuma. Fui para perto da cama de Ceinwyn. Ela me reconheceu e tentou sorrir, mas a dor estava

crescendo de novo, e o sorriso aparecia como uma careta num crânio. Tinha uma bela camada de cabelo novo, mas era todo branco. Eu me curvei, sujo como estava, e beijei sua testa.

Troquei de roupa, tomei banho e me barbeei, prendi Hywelbane na cintura e depois procurei Artur. Conteí tudo que Nimue havia me dito, mas Artur não tinha respostas, pelo menos nenhuma que quisesse me dar. Ele não abriria mão de Gwydre — e isso condenava Ceinwyn —, mas não podia falar na minha cara. Em vez disso, pareceu irritado.

— Já estou cheio desse absurdo, Derfel.

— Um absurdo que está provocando agonia em Ceinwyn, senhor — falei, reprovando-o.

— Então devemos curá-la. — Mas a consciência o fez dar uma pausa. Ele franziu a testa. — Você acredita que Gwydre viverá de novo se for posto no Caldeirão?

Pensei nisso e não pude mentir.

— Não, senhor.

— Nem eu — disse ele e mandou chamar Guinevere, mas a única sugestão que ela pôde dar foi que deveríamos consultar Taliesin.

Taliesin ouviu minha história.

— Diga de novo quais foram as maldições, senhor — pediu ele quando terminei.

— A maldição do fogo, a maldição da água, a maldição do abrunheiro e a maldição do Corpo Fantasma.

Ele se encolheu quando falei a última.

— As três primeiras posso cancelar, mas a última? Não conheço ninguém que possa cancelá-la.

— Por que não? — perguntou Guinevere incisivamente.

Taliesin deu de ombros.

— É o conhecimento mais elevado, senhora. O aprendizado de um druida não termina junto com a fase de treinamento, mas continua entrando em novos mistérios. Não percorri esse caminho. E creio que nenhum outro homem além de Merlin percorreu. O Corpo Fantasma é uma grande magia, e para contra-atacá-la precisaríamos de uma magia igualmente grande. Infelizmente não a tenho.

Olhei para as nuvens de chuva sobre os telhados de Isca.

— Se eu cortar a cabeça de Ceinwyn, senhor — falei a Artur —, o senhor corta a minha um instante depois?

— Não — disse ele, enojado.

— Senhor! — implorei.

— Não! — insistiu ele, furioso. Estava ofendido pela conversa sobre magia. Queria um mundo onde a razão dominasse, não a magia, mas sua razão não podia nos ajudar agora.

Então Guinevere falou em voz baixa:

— Morgana.

— O que é que tem? — perguntou Artur.

— Ela foi sacerdotisa de Merlin antes de Nimue. Se alguém conhece a magia de Merlin, é Morgana.

Assim Morgana foi chamada. Ela entrou mancando no pátio, como sempre conseguindo trazer uma aura de raiva. Sua máscara de ouro brilhava enquanto ela olhava para cada um de nós e, não vendo nenhum cristão presente, fez o sinal da cruz. Artur puxou uma cadeira, mas ela recusou, dando a entender que tinha pouco tempo para nós. Desde que seu marido fora para Gwent, Morgana havia se ocupado num templo cristão ao norte de Isca. Pessoas doentes iam lá para morrer e ela as alimentava, cuidava delas e rezava por elas. As pessoas chamam seu marido de santo até hoje, mas acho que a esposa era chamada de santa por Deus.

Artur lhe contou a história e Morgana grunhiu a cada revelação, mas quando ele falou da maldição do Corpo Fantasma ela fez o sinal da cruz, depois cuspiu pelo buraco da máscara.

— E o que vocês querem de mim? — perguntou, beligerante.

— Você pode quebrar a magia? — perguntou Guinevere.

— Orações podem quebrá-la.

— Mas você rezou — disse Artur, exasperado. — E o bispo Emrys rezou. Todos os cristãos de Isca rezaram e Ceinwyn continua doente.

— Porque ela é pagã — disse Morgana como se isso fosse um vitupério. — Por que Deus desperdiçaria a misericórdia com pagãos quando tem Seu próprio rebanho para cuidar?

— Você não respondeu à pergunta — disse Guinevere friamente. Ela e Morgana se odiavam, mas pelo bem de Artur fingiam uma cortesia gélida quando se encontravam.

Morgana ficou quieta durante um tempo, depois assentiu abruptamente.

— A maldição pode ser quebrada. Se você acreditar nessas superstições.

— Eu acredito — falei.

— Mas só pensar nisso já é pecado! — exclamou Morgana e fez o sinal da cruz de novo.

— Sem dúvida seu Deus vai perdoá-la — falei.

— O que você sabe do meu Deus, Derfel? — perguntou ela azedamente.

— Eu sei, senhora — falei, tentando me lembrar de todas as coisas que Galahad me dissera no passar dos anos —, que o seu Deus é um Deus amoroso, um Deus que perdoa, e um Deus que mandou o próprio filho à terra para que os outros não sofressem. — Fiz uma pausa, mas Morgana não respondeu. — Também sei — prossegui suavemente — que Nimue está preparando uma grande maldade nos morros.

A menção a Nimue pode ter persuadido Morgana, pois ela sempre

tivera raiva porque a mulher mais jovem havia usurpado seu lugar no séquito de Merlin.

— É uma figura de barro? — perguntou ela. — Feita com sangue de criança, orvalho, e moldada sob o trovão?

— Exatamente — falei.

Ela estremeceu, abriu os braços e rezou em silêncio. Nenhum de nós falou. Sua oração prosseguiu durante longo tempo, e talvez ela estivesse esperando que a abandonássemos, mas quando nenhum de nós deixou o pátio ela baixou os braços e se virou para nós outra vez.

— Que amuletos a bruxa está usando?

— Frutinhas — falei —, lascas de osso, brasas.

— Não, idiota! Que amuletos? Como ela alcança Ceinwyn?

— Ela tem a pedra de um anel de Ceinwyn e uma das minhas capas.

— Ah — disse Morgana, interessada apesar da repulsa pela superstição pagã. — Por que uma das suas capas?

— Não sei.

— Simples, seu idiota: a maldade flui através de você!

— De mim?

— Você não entende nada? Claro que flui através de você. Você foi íntimo de Nimue, não foi?

— Sim — falei, ruborizando-me mesmo contra a vontade.

— E qual é o símbolo disso? Ela lhe deu um amuleto? Uma lasca de osso? Algum pedaço de lixo pagão para pendurar no pescoço?

— Ela me deu isso — falei e mostrei a cicatriz na mão esquerda.

Morgana olhou a cicatriz, depois estremeceu. Não falou nada.

— Quebre o feitiço, Morgana — implorou Artur.

Morgana ficou quieta de novo.

— É proibido mexer com bruxaria — disse ela depois de um tempo.

— As santas escrituras dizem que não devemos deixar que uma bruxa viva.

— Então me diga como se faz — implorou Taliesin.

— Você? — gritou Morgana. — Você? Você acha que pode quebrar a magia de Merlin? Se é para ser feito, que seja feito adequadamente.

— Por você? — perguntou Artur e Morgana gemeu. Sua mão boa fez o sinal da cruz e então ela balançou a cabeça e parecia incapaz de falar. Artur franziu a testa. — O que o seu Deus quer?

— Suas almas! — gritou Morgana.

— Você quer que eu me torne cristão? — perguntei.

A máscara de ouro com a cruz gravada se virou bruscamente para me encarar.

— Sim — disse Morgana simplesmente.

— Eu faço isso — falei com simplicidade igual.

Ela apontou para mim.

— Você será batizado, Derfel?

— Sim, senhora.

— E jurará obediência ao meu marido?

Isso me fez parar. Encarei-a.

— A Sansum? — perguntei debilmente.

— Ele é um bispo! Ele tem a autoridade de Deus! Você concordará em jurar obediência a ele, concordará em ser batizado, e só então quebrarei o feitiço.

Artur me encarou. Durante alguns momentos não pude engolir a humilhação da exigência de Morgana, mas então pensei em Ceinwyn e assenti.

— Eu faço isso.

Assim Morgana se arriscou à ira de seu Deus e quebrou o feitiço.

Foi naquela tarde. Ela veio ao pátio do palácio vestindo uma capa preta e sem máscara, de modo que o horror de seu rosto devastado, vermelho, marcado de cicatrizes, enrugado e retorcido, era visível a todos nós. Estava furiosa consigo mesma, mas cumpriu a promessa e fez o que devia. Um braseiro foi aceso e enchido de carvões e, enquanto o fogo esquentava, escravos pegaram cestos de argila de oleiro que Morgana moldou com a figura de uma mulher. Usou sangue de uma criança que tinha morrido na cidade naquela manhã e água que um escravo pegou na grama úmida do pátio, e misturou os dois na argila. Não havia trovão, mas Morgana disse que o contrafeitiço não precisava de trovão. Ela cuspiu horrorizada diante do que tinha feito. Aquela coisa era uma imagem grotesca, uma mulher com seios enormes, pernas abertas e um enorme canal de parto, e na barriga da figura ela cavou um buraco que, pelo que disse, era o útero onde o mal deveria ficar. Artur, Taliesin e Guinevere olhavam fascinados enquanto ela moldava a argila e em seguida andava três vezes ao redor da figura obscena. Depois do terceiro circuito seguindo o caminho do sol ela parou, levantou a cabeça para as nuvens e uivou. Por um momento pensei que Morgana sentia tanta dor que não poderia continuar, e que seu Deus estava exigindo que parasse a cerimônia, mas então ela virou o rosto retorcido para mim.

— Agora preciso do mal — falou.

— O que é? — perguntei.

A fenda que era sua boca pareceu sorrir.

— Sua mão, Derfel.

— Minha mão?

Agora vi que a fenda sem lábios era um sorriso.

— A mão que o une a Nimue. De que outro modo você acha que o mal é canalizado? Você deve cortá-la, Derfel, e dá-la a mim.

— Que bobagem... — Artur começou a protestar.

— Você me força a pecar — Morgana virou-se para o irmão soltando um guincho — e depois desafia meu conhecimento?

— Não — disse Artur às pressas.

— Para mim não importa se Derfel quer manter a mão — disse ela descuidadamente. — Então que seja. Ceinwyn pode sofrer.

— Não — falei. — Não.

Mandamos chamar Galahad e Culhwch, depois Artur e nós três fomos até a sua oficina de ferreiro, onde a forja ficava acesa noite e dia. Eu tirei o meu anel de amante do dedo da mão esquerda e o entreguei a Morridig, o ferreiro de Artur, e pedi que ele soldasse o anel no botão do cabo de Hywelbane. O anel era de ferro comum, um anel de guerreiro, mas tinha uma cruz feita de ouro que roubei do Caldeirão de Clyddno Eiddyn, e era gêmeo de um anel que Ceinwyn usava.

Colocamos um pedaço de madeira grossa sobre a bigorna. Galahad me segurou com força, envolvendo-me com os braços. Desnudei o braço e pus a mão esquerda sobre a bigorna. Culhwch agarrou meu antebraço. Não para mantê-lo imóvel, mas para depois.

Artur ergueu Excalibur.

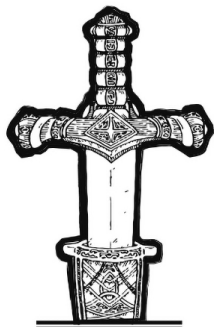
— Tem certeza, Derfel?

— Faça, senhor.

Morridig ficou olhando arregalado enquanto a lâmina brilhante tocava os caibros acima da bigorna. Artur fez uma pausa, depois baixou a espada. Baixou com força e por um segundo não senti dor, nenhuma, mas então Culhwch pegou meu pulso que jorrava sangue e o enfiou nos carvões acesos da forja, e foi então que a dor me atravessou como um golpe de lança. Gritei e depois não me lembro de nada.

Mais tarde ouvi dizer como Morgana pegou a mão cortada, com a cicatriz fatal, e lacrou-a no útero de argila. Então, com um cântico pagão tão antigo quanto o tempo, tirou a mão sangrenta pelo canal de parto e a jogou no braseiro.

E assim virei cristão.



Parte 4

O último Feitiço

A PRIMAVERA CHEGOU A Dinnewrac. O mosteiro se esquenta e o silêncio de nossas orações é rompido pelo balir dos cordeiros e a canção das cotovias. Violetas brancas e alsinas crescem onde a neve esteve tanto tempo, mas o melhor de tudo é a notícia de que Igraine deu à luz uma criança. É um menino, e ele e a mãe estão vivos. Deus seja louvado por isso, e pelo calor da estação, mas por pouco mais. A primavera deveria ser uma estação feliz, mas há rumores sombrios sobre nossos inimigos.

Os saxões voltaram, mas ninguém sabe se foram seus lanceiros que atearam os incêndios que vimos no horizonte ao leste ontem à noite. Mas o fogo queimou forte, chamejando no céu noturno como uma antevisão do inferno. Um fazendeiro veio ao alvorecer para nos dar alguns troncos de limeira que podemos usar para fazer uma nova batedeira de manteiga. Ele disse que o fogo foi ateadado por atacantes irlandeses, mas duvidamos disso, porque têm corrido muitas histórias sobre bandos saxões nas últimas semanas. A realização de Artur foi manter os saxões à distância por uma geração inteira, e para fazer isso ele ensinou coragem aos nossos reis, mas como nossos governantes ficaram débeis desde então! E agora os saxões voltam como uma peste.

Dafydd, o escrivão de justiça que traduz estes pergaminhos para a língua britânica, veio hoje pegar as peles mais recentes e disse que quase com certeza os incêndios são obra dos saxões e depois me informou que o novo filho de Igraine será chamado de Artur. Artur ap Brochvail ap Perddel ap Cuneglas; um bom nome, ainda que Dafydd claramente não o aprove, e a princípio eu não soube por quê. Ele é um homem pequeno, não muito diferente de Sansum, com a mesma expressão ocupada e o mesmo cabelo espetado. Sentou-se na minha janela para ler os pergaminhos terminados e ficou fazendo “tsc tsc” e balançando a cabeça diante da minha escrita.

— Por que Artur abandonou Dumnonia? — perguntou finalmente.

— Porque Meurig insistiu. E porque nunca quis governar.

— Mas foi irresponsabilidade da parte dele! — disse Dafydd, sério.

— Artur não era rei, e nossas leis insistem em que só os reis podem governar.

— As leis são maleáveis — disse Dafydd, fungando. — Eu sei, e Artur deveria ter sido rei.

— Concordo, mas não foi. Ele não nasceu para isso, e Mordred sim.

— Então Gwydre também não nasceu para reinar — objetou Dafydd.

— Verdade, mas se Mordred tivesse morrido, Gwydre tinha mais

direito a reivindicar o trono do que qualquer um, exceto Artur, claro, mas Artur não queria ser rei. — Fiquei pensando em quantas vezes tinha explicado essa mesma coisa. — Artur veio à Britânia porque jurou proteger Mordred, e quando foi para a Silúria tinha conseguido tudo que se havia proposto fazer. Tinha unido os reinos da Britânia, tinha dado justiça à Dumnonia e derrotado os saxões. Poderia ter resistido às exigências de Meurig, mas no coração ele não queria, por isso devolveu a Dumnonia ao rei de direito e viu desmoronar tudo que tinha conseguido.

— Então ele deveria ter se mantido no poder — argumentou Daffyd. Acho que Daffyd é muito parecido com São Sansum, um homem que jamais admite estar errado.

— Sim — falei —, mas ele estava exausto. Queria que outros homens carregassem o fardo. Se havia alguém a culpar, era eu! Eu deveria ter ficado na Dumnonia em vez de passar tanto tempo em Isca, mas na época nenhum de nós viu o que estava acontecendo. Nenhum de nós percebeu que Mordred seria um bom soldado, e quando isso aconteceu nos convencemos de que ele morreria logo e Gwydre seria o rei. Então tudo ficaria bem. Nós vivemos mais de esperança do que de realidade.

— Ainda acho que Artur nos abandonou — disse Daffyd, seu tom de voz explicando por que desaprovava o nome do novo *edling*.

Quantas vezes fui forçado a ouvir a mesma condenação de Artur? Se ao menos Artur tivesse ficado no poder, dizem os homens, os saxões continuariam nos pagando tributo e a Britânia se estenderia de um mar ao outro, mas quando a Britânia tinha Artur, vivia reclamando. Quando ele deu o que as pessoas queriam, os pagãos o atacaram por tolerar os cristãos, e os reis, todos menos Cuneglas e Oengus Mac Airem, tinham ciúme dele. O apoio de Oengus contava pouco, mas quando Cuneglas morreu Artur perdeu seu aliado mais valioso. Além disso, Artur não abandonou ninguém. A Britânia se abandonou. A Britânia deixou os saxões se esgueirarem de volta, a Britânia ficou presa numa discussão interna e começou a gemer dizendo que era tudo culpa de Artur. Artur, que tinha lhe dado a vitória!

Daffyd folheou as últimas páginas.

— Ceinwyn se recuperou? — perguntou ele.

— Graças a Deus, sim, e viveu muitos anos depois disso. — Eu já ia dizer a Daffyd alguma coisa sobre aqueles últimos anos, mas pude ver que ele não estava interessado, por isso guardei as lembranças para mim. No final Ceinwyn morreu de febre. Eu estava com ela e queria queimar seu corpo, mas Sansum insistiu em que ela fosse enterrada ao modo cristão. Obedeci, mas um mês depois arranjei para que alguns homens — filhos e netos de meus antigos lanceiros — exumassem seu corpo e o queimassem numa pira, para que sua alma pudesse se juntar às filhas no

Outro Mundo, e dessa ação pecaminosa não me arrependo. Duvido de que algum homem faça o mesmo por mim, mas talvez Igraine, se ler estas palavras, mande construir minha pira funerária. Rezo para que sim.

— Você muda a história quando traduz? — perguntei a Daffyd.

— Se eu mudo? — perguntou ele, indignado. — Minha rainha não me deixa mudar uma sílaba!

— Verdade?

— Talvez eu corrija algumas infelicidades gramaticais — disse ele pegando as peles —, mas só isso. Presumo que o fim da história está chegando, não é?

— Está.

— Então voltarei daqui a uma semana — prometeu ele. Em seguida, enfiou os pergaminhos numa sacola e saiu às pressas.

Um instante depois, o bispo Sansum entrou no meu quarto. Estava carregando um embrulho estranho que a princípio achei que fosse um pau enrolado numa capa velha.

— Daffyd trouxe notícias?

— A rainha está bem, assim como o filho. — Decidi não contar a Sansum que o menino teria o nome de Artur, porque isso apenas irritaria o santo, e a vida fica muito mais fácil em Dinnewrac quando Sansum está de bom humor.

— Eu pedi notícias — disse Sansum rispidamente — e não fofocas de mulher sobre uma criança. E quanto aos incêndios? Daffyd mencionou os incêndios?

— Ele não sabe mais do que nós, bispo. Mas o rei Brochvael acha que são os saxões.

— Que Deus nos guarde — disse Sansum e foi até a minha janela, de onde a mancha de fumaça era fracamente visível no leste. — Que Deus e seus santos nos guardem — rezou ele e em seguida veio até minha mesa e pôs o estranho embrulho em cima deste pergaminho. Depois retirou a capa e vi, espantado, que era Hywelbane. Não ousei demonstrar a emoção e em vez disso fiz o sinal da cruz como se estivesse chocado pelo aparecimento de uma arma em nosso mosteiro. — Há inimigos por perto — disse Sansum, explicando a presença da espada.

— Temo que esteja certo, bispo.

— E os inimigos provocam homens famintos naqueles morros, de modo que à noite você montará guarda ao mosteiro.

— Que seja, senhor — falei humildemente.

Mas eu? Montar guarda? Estou velho, frágil e tenho cabelos brancos. Seria o mesmo que pedir a um bebê para montar guarda, mas não protestei e, assim que Sansum saiu do quarto, tirei Hywelbane da bainha e pensei em como ela havia ficado pesada durante os longos anos em que permanecera no armário do tesouro do mosteiro. Era pesada e

desajeitada, mas ainda era minha espada. Olhei para os ossos de porco amarelados no punho e depois para o anel de amante preso no botão do cabo, e vi, naquele anel achatado, as minúsculas lascas de ouro que havia roubado do Caldeirão fazia tanto tempo. Esta espada trouxe de volta muitas histórias. Havia um trecho de ferrugem na lâmina, que raspei cuidadosamente com a faca que uso para afiar minhas penas, e depois a acalentei durante longo tempo, imaginando que era jovem e forte de novo para brandi-la.

Mas eu? Montar guarda? Na verdade Sansum não queria que eu montasse guarda, e sim que ficasse como um idiota para ser sacrificado enquanto ele se esgueirava pela porta dos fundos com São Tudwal numa das mãos e o ouro do mosteiro na outra. Mas se esse for meu destino, não vou reclamar. Prefiro morrer como meu pai, com a espada na mão, ainda que meu braço esteja fraco e a espada cega. Esse não era o destino que Merlin queria para mim, nem o que Artur queria, mas para um soldado não é ruim morrer, e mesmo que eu tenha sido um monge durante todos esses anos e um cristão há mais anos ainda, na minha alma pecadora continuo sendo um lanceiro de Mitra. E assim beijei minha Hywelbane, satisfeito por vê-la depois de todos esses anos.

De modo que agora devo escrever o fim da história com a espada ao lado, e espero ter tempo para terminar esta narrativa de Artur, meu senhor, que foi traído, vilipendiado e, depois de sua partida, teve sua falta sentida como nenhum outro homem na história da Britânia.

Caí numa febre depois que minha mão foi decepada, e quando acordei descobri Ceinwyn sentada junto à cama. A princípio não a reconheci, porque seu cabelo estava curto e tinha ficado branco como cinza. Mas era a minha Ceinwyn, estava viva e sua saúde ia voltando, e quando vi a luz em meus olhos se inclinou à frente e encostou o rosto no meu. Pus o braço esquerdo em volta dela e descobri que não tinha mão para acariciar suas costas, só um coto enrolado em pano ensanguentado. Eu podia sentir a mão, até podia senti-la coçar, mas não havia mão. Tinha sido queimada.

Uma semana depois fui batizado no rio Usk. O bispo Emrys realizou a cerimônia e, assim que ele me jogou na água fria, Ceinwyn me seguiu pela margem lamacenta e insistiu em ser batizada também.

— Vou aonde meu homem for — disse ao bispo Emrys, assim ele a fez cruzar as mãos sobre os seios e a mergulhou de costas no rio. Um coro de mulheres cantava enquanto éramos batizados. E naquela noite, vestidos de branco, recebemos o pão e o vinho cristãos pela primeira vez. Depois da missa Morgana pegou um pergaminho onde havia escrito minha promessa de obedecer ao seu marido na fé cristã, e exigiu que eu assinasse.

— Já lhe dei minha palavra — falei.

— Você assinará, Derfel, e jurará também sobre um crucifixo.

Suspirei e assinei. Parecia que os cristãos não confiavam na forma mais antiga de juramento e exigiam pergaminho e tinta. Assim reconheci Sansum como meu senhor e, depois de eu ter escrito meu nome, Ceinwyn insistiu em acrescentar o dela. Então começou a segunda metade de minha vida, a metade em que mantive o juramento a Sansum, ainda que não tão bem quanto Morgana esperava. Se Sansum soubesse que eu estava escrevendo esta história, veria isso como um rompimento da promessa e me puniria, mas não me importo mais. Cometi muitos pecados, mas violar juramentos não foi um deles.

Depois do batismo meio que esperei ser convocado por Sansum, que ainda estava com o rei Meurig em Gwent, mas o lorde camundongo simplesmente guardou a promessa escrita e não exigiu nada, nem mesmo dinheiro. Não na época.

O coto do meu pulso curou-se lentamente, e não ajudei na cura ao insistir em treinar com um escudo. Na batalha o homem passa o braço esquerdo pelas duas alças do escudo e agarra o suporte de madeira que fica adiante, mas eu não tinha mais dedos para segurar o suporte, por isso mandei refazer as alças como cintos com fivelas que poderiam ser apertadas no antebraço. Não era tão seguro quanto o modo adequado, mas era melhor do que não ter escudo, e assim que me acostumei com as tiras apertadas treinava com espada e escudo contra Galahad, Culhwch ou Artur. Achei o escudo desajeitado, mas ainda podia lutar, mesmo que cada treino fizesse o coto sangrar, e Ceinwyn me censurava enquanto punha um novo curativo.

A lua cheia chegou e não levei espada nem vítima de sacrifício a Nant Dduu. Esperei a vingança de Nimue, que não veio. A festa de Beltain acontecia uma semana depois da lua cheia, e Ceinwyn e eu, obedecendo às ordens de Morgana, não apagamos nossos fogos nem ficamos acordados para ver as novas fogueiras sendo acesas, mas Culhwch veio na manhã seguinte trazendo um pedaço de pau com o fogo novo e jogou no nosso fogão.

— Quer que eu vá a Gwent, Derfel? — perguntou ele.

— Gwent? Por quê?

— Assassinar aquele sapo do Sansum, claro.

— Ele não está me incomodando.

— Mas vai incomodar — resmungou Culhwch. — Não posso imaginar você como cristão. A sensação é diferente?

— Não.

Pobre Culhwch. Ele se regozijou em ver Ceinwyn bem, mas odiou a barganha que eu tinha feito com Morgana. Ele, como muitos outros, se perguntava por que eu simplesmente não rompi a promessa a Sansum, mas eu temia que a doença de Ceinwyn voltasse, por isso permaneci fiel. Com o tempo essa obediência se tornou um hábito, e quando Ceinwyn

morreu descobri que não tinha ânimo para quebrar a promessa, ainda que a morte dela tenha afrouxado a força da promessa sobre mim.

Mas isso estava longe, no futuro desconhecido, naquele dia em que novos fogos aqueciam fogões frios. Era um dia lindo, com sol e flores nascendo. Lembro-me de que compramos uns filhotes de ganso no mercado naquela manhã, pensando que nossos netos gostariam de vê-los crescer no laguinho atrás de nossos aposentos, e depois fui com Galahad ao anfiteatro, onde treinei de novo com meu escudo desajeitado. Éramos os únicos lanceiros ali, porque a maioria dos outros ainda estava se recuperando de uma noite de bebedeira.

— Filhotes de ganso não são boa ideia — disse Galahad, acertando meu escudo com um golpe forte do cabo da lança.

— Por quê?

— Eles crescem e ficam mal-humorados.

— Absurdo. Eles crescem e viram jantar.

Gwydre nos interrompeu dizendo que seu pai estava chamando. Voltamos à cidade e ficamos sabendo que Artur tinha ido ao palácio do bispo Emrys. O bispo estava sentado e Artur, de camisa e calções, estava encostado numa mesa grande coberta com lascas de madeira onde o bispo tinha escrito listas de lanceiros, armas e barcos. Artur nos olhou e por um instante ficou quieto, mas lembro-me de que seu rosto com a barba grisalha estava muito sério. Então ele pronunciou uma palavra:

— Guerra.

Galahad se persignou, enquanto eu, acostumado aos modos antigos, toquei o punho de Hywelbane.

— Guerra? — perguntei.

— Mordred está marchando contra nós. Está marchando agora mesmo! Meurig lhe deu permissão de atravessar Gwent.

— Com trezentos e cinquenta lanceiros, pelo que soubemos — acrescentou o bispo Emrys.

Até hoje acredito que a persuasão de Sansum convenceu Meurig a trair Artur. Não tenho prova e Sansum sempre negou, mas o esquema fedia à esperteza do lorde camundongo. É verdade que Sansum tinha nos alertado da possibilidade de um ataque assim, mas o lorde camundongo sempre foi cauteloso em suas traições, e se Artur vencesse a batalha que Sansum esperava que fosse travada em Isca ele desejaria uma recompensa de Artur. Certamente não queria recompensa de Mordred, porque o esquema de Sansum, se fosse realmente dele, destinava-se a beneficiar Meurig. Deixar Mordred e Artur lutarem até a morte, depois Meurig poderia tomar a Dumnonia e o lorde camundongo governaria em nome de Meurig.

E Meurig realmente queria a Dumnonia. Queria as terras ricas e as cidades abastadas, por isso encorajou a guerra, mas negou enfaticamente o encorajamento. Se Mordred queria visitar o tio, disse ele, como

poderia impedir? E se Mordred queria uma escolta de 350 lanceiros, quem era Meurig para negar ao rei o seu séquito? E assim deu a permissão que Mordred queria e quando soubemos do ataque os primeiros cavaleiros do exército de Mordred já haviam passado de Glevum e vinham para o oeste, onde estávamos.

Assim, pela traição, e através da ambição de um rei fraco, teve início a última guerra de Artur.

Estávamos prontos para essa guerra. Tínhamos esperado o ataque há semanas. E ainda que o momento escolhido por Mordred nos tenha surpreendido, nossos planos estavam feitos. Navegaríamos para o sul pelo mar de Severn e marcharíamos para a Durnovária, onde esperávamos que os homens de Sagramor se juntassem a nós. Então, com as forças unidas, seguiríamos o urso de Artur para o norte, para enfrentar Mordred quando ele voltasse da Silúria. Esperávamos uma batalha, esperávamos ganhar, e depois aclamaríamos Gwydre como rei da Dumnonia no Caer Cadarn. Era a velha história: mais uma batalha, e depois tudo mudaria.

Mensageiros foram mandados para a costa, exigindo que cada barco de pesca siluriano fosse trazido a Isca, e enquanto esses barcos remavam rio acima na maré montante, nos preparávamos para a viagem apressada. Espadas e lanças eram afiadas, armaduras eram polidas e a comida colocada em cestos ou sacos. Juntamos as riquezas dos três palácios e as moedas do tesouro, e alertamos aos habitantes de Isca para estarem preparados para fugir para o oeste antes da chegada dos homens de Mordred.

Na manhã seguinte tínhamos 27 barcos de pesca amarrados no rio abaixo da ponte romana de Isca. Cento e sessenta e três lanceiros estavam preparados para embarcar e a maioria deles tinha família, mas havia espaço nos barcos para todos. Fomos forçados a deixar os cavalos, porque Artur tinha descoberto que os cavalos eram maus marinheiros. Enquanto eu estivera viajando para me encontrar com Nimue ele havia tentado pôr cavalos num dos barcos de pesca, mas os animais entravam em pânico mesmo nas ondas mais fracas. Um deles chegou a arrebentar o casco do barco com coices, por isso, no dia anterior à viagem, levamos os animais até os pastos numa fazenda distante e prometemos a nós mesmos que voltaríamos para pegá-los assim que Gwydre fosse feito rei. Só Morgana se recusou a navegar conosco e insistiu em se juntar ao marido em Gwent.

Começamos a carregar os barcos ao alvorecer. Primeiro colocamos o ouro no fundo, e em cima do ouro pusemos as armaduras, a comida e, sob um céu cinzento e um vento forte, começamos a embarcar. A maioria dos barcos levava dez ou onze pessoas, e assim que estavam cheios eles foram para o meio do rio e ancoraram, de modo que toda a

frota partisse junta.

O inimigo chegou assim que o último barco estava sendo carregado. Era o maior e pertencia a Balig, marido de minha irmã. Nele estavam Artur, Guinevere, Gwydre, Morwenna e seus filhos, Galahad, Taliesin, Ceinwyn e eu, além de Culhwch, da única esposa que lhe restava e dois filhos. O estandarte de Artur tremulava na proa alta do barco, e o de Gwydre balançava na popa. Sentíamos-nos animados, porque navegávamos para dar um reino a Gwydre, mas no momento em que Balig gritou para Hygwydd, serviçal de Artur, o inimigo chegou.

Hygwydd vinha trazendo o último fardo vindo do palácio de Artur e estava a apenas cinquenta passos da margem do rio quando olhou para trás e viu os cavaleiros que chegavam do portão da cidade. Teve tempo de largar o fardo e meio que desembainhar a espada, mas então os cavalos estavam em cima dele e uma lança o acertou no pescoço.

Balig jogou a prancha de embarque para fora, tirou uma faca do cinto e cortou a corda de popa. Seu tripulante saxão jogou fora a corda de proa e nosso barco deslizou para a corrente enquanto os cavaleiros chegavam à margem. Artur estava de pé e olhando horrorizado para o agonizante Hygwydd, mas eu olhava para o anfiteatro onde uma horda tinha aparecido.

Não era o exército de Mordred. Era um enxame de insanos; uma torrente de criaturas tortas, partidas e lamentáveis que surgiu em volta dos arcos de pedra do anfiteatro e desceu correndo até a margem do rio soltando gritos débeis. Estavam em trapos, com cabelos desgrehados e olhos cheios de uma fúria fanática. Era o exército dos loucos de Nimue. A maioria estava armada apenas com pedaços de pau, mas alguns tinham lanças. Todos os cavaleiros estavam armados de lanças e escudos, e não eram loucos. Eram fugitivos dos Escudos Sangrentos de Diwrnach e ainda usavam as capas pretas e esfarrapadas e levavam os escudos escurecidos por sangue, e espalharam os loucos enquanto esporeavam os animais ao longo da margem para nos acompanhar.

Alguns dos loucos caíram sob os cascos dos cavalos, mas outras dezenas simplesmente pularam no rio e nadaram desajeitadamente em direção aos barcos. Artur gritou para os barqueiros soltarem as âncoras e, uma a uma, as embarcações pesadas se soltaram e começaram a deslizar. Algumas tripulações relutavam em abandonar as pedras pesadas que serviam de âncora e tentaram levantá-las, mas com isso os barcos soltos bateram nos que estavam parados e o tempo todo aquelas coisas desesperadas, tristes e loucas espadanavam desajeitadas vindo para nós.

— Cabos de lanças! — gritou Artur e pegou sua própria lança, virou-a ao contrário e bateu com força na cabeça de um nadador.

— Remos! — gritou Balig, mas ninguém obedeceu. Estávamos ocupados demais empurrando os nadadores para longe do casco. Eu

trabalhava com a mão única, acertando nos atacantes embaixo da água, mas um homem agarrou o cabo de minha lança e quase me derrubou na água. Eu o deixei ficar com a arma, desembainhei Hywelbane e golpeei com ela. O primeiro sangue jorrou no rio.

Agora a margem norte do rio estava coberta dos seguidores de Nimue, uivando e cabriolando. Alguns jogavam lanças contra nós, mas a maioria simplesmente gritava de ódio, enquanto outros seguiam os nadadores dentro do rio. Um homem de cabelos compridos com lábio leporino tentou subir na nossa proa, mas o saxão o chutou no rosto, depois chutou de novo até que ele caiu. Taliesin tinha encontrado uma lança e estava usando a lâmina contra outros nadadores. Abaixo de nós um barco deslizou para a margem onde sua tripulação tentou desesperadamente se livrar da lama usando os cabos das lanças. Mas estavam lentos demais e os lanceiros de Nimue subiram a bordo. Eram liderados por Escudos Sangrentos, e aqueles matadores treinados gritavam desafios enquanto usavam as lanças por todo o barco. Era o barco do bispo Emrys, e vi o religioso de cabelos brancos aparar um golpe de lança com uma espada, mas em seguida foi morto e uma quantidade de criaturas loucas seguiu os Escudos Sangrentos para dentro do casco escorregadio. A mulher do bispo gritou brevemente, depois foi cortada por uma lança. Facas cortavam, rasgavam e estocavam, e o sangue correu do casco indo em direção ao mar. Um homem com uma túnica de pele de cervo se equilibrou na popa do barco capturado e, enquanto passávamos por ele, saltou em direção à nossa amurada. Gwydre levantou sua lança e o homem gritou enquanto se empalava no cabo comprido. Lembro-me das mãos dele agarrando o cabo da lança enquanto o corpo se retorcia na ponta, e então Gwydre largou a lança e o homem no rio e desembainhou sua espada. A mãe dele estava enfiando uma lança nos braços que espadanavam junto ao barco. Mãos agarravam nossa amurada e pisávamos nelas, ou as cortávamos com espadas, e gradualmente o barco se afastou dos atacantes. Agora todas as embarcações estavam deslizando, algumas de lado, algumas com a popa para a frente, e os barqueiros xingavam e gritavam uns para os outros, ou então gritavam para os lanceiros usarem os remos. Uma lança voou da margem e bateu no nosso casco, e então chegaram as primeiras flechas. Eram flechas de caça e zumbiam ao passar sobre nossas cabeças.

— Escudos! — gritou Artur e fizemos uma parede de escudos ao longo da amurada. As flechas batiam neles. Eu estava agachado ao lado de Balig, protegendo nós dois, e meu escudo estremecia acertado pelas pequenas flechas.

Fomos salvos pela corrente rápida do rio e pela maré vazante que levava nossa massa desarrumada de barcos corrente abaixo, para longe do alcance dos arqueiros. A horda que gritava furiosa nos seguiu, mas a

oeste do anfiteatro havia um trecho de chão pantanoso, o que diminuiu a velocidade dos perseguidores e nos deu tempo para finalmente organizar o caos. Os gritos dos atacantes nos seguiram, e seus corpos deslizavam na corrente ao lado da pequena frota, mas finalmente estávamos com os remos e pudemos girar o barco e seguir os outros em direção ao mar. Nossos dois estandartes estavam crivados de flechas.

— Quem são eles? — perguntou Artur, olhando para a horda.

— O exército de Nimue — expliquei azedamente. Graças à habilidade de Morgana, os feitiços de Nimue tinham fracassado, e por isso ela havia mandado seus seguidores para pegar Excalibur e Gwydre.

— Por que nós não os vimos chegando? — quis saber Artur.

— Seria um feitiço de ocultação, senhor? — sugeriu Taliesin e me lembrei da frequência com que Nimue fizera esse tipo de feitiço.

Galahad zombou da explicação pagã.

— Eles marcharam durante a noite e se esconderam no mato até estarem prontos e nós ocupados demais para ver.

— Agora a cadela pode lutar contra Mordred, em vez de nós — sugeriu Culhwch.

— Ela não fará isso — falei. — Vai se juntar a ele.

Mas Nimue ainda não havia terminado conosco. Um grupo de cavaleiros galopava pela estrada que levava ao norte através do pântano, e uma horda de pessoas seguia a pé aqueles lanceiros. O rio não seguia reto até o mar, fazia vastas curvas pela planície costeira, e eu sabia que a cada curva para oeste encontraríamos o inimigo esperando.

De fato os cavaleiros nos esperavam, mas o rio se alargava enquanto se aproximava do mar, e a água corria rápida, e a cada curva éramos levados em segurança para além deles. Os cavaleiros xingavam-nos, depois galopavam até a próxima curva, de onde podiam jogar suas lanças e flechas. Logo antes do mar havia um longo trecho reto e os cavaleiros de Nimue mantiveram o passo conosco durante todo aquele trecho, e foi então que vi Nimue pela primeira vez. Montava um cavalo branco, vestida num manto branco e tinha o cabelo tonsurado como o de um druida. Levava o cajado de Merlin e usava uma espada na cintura. Gritou para nós, mas o vento levou suas palavras para longe e então o rio se curvou para leste e nos afastamos dela entre as margens cobertas de junco. Nimue se virou e esporeou o cavalo em direção à boca do rio.

— Agora estamos em segurança — disse Artur.

Podíamos sentir o cheiro do mar, gaivotas gritavam no alto, adiante havia o som interminável de ondas se quebrando, e Balig e o saxão estavam atando o pano da vela às cordas que as prendiam ao mastro. Havia uma última grande curva do rio, um último encontro com os cavaleiros de Nimue, e então entraríamos no mar de Severn.

— Quantos homens perdemos? — perguntou Artur e perguntas e

respostas foram gritadas entre a pequena frota. Apenas dois homens tinham sido acertados por flechas, o único barco desgarrado fora dominado, mas a maioria do pequeno exército estava em segurança. — Pobre Emrys — disse Artur e em seguida ficou quieto por um tempo, mas pôs a melancolia de lado. — Dentro de três dias estaremos com Sagramor. — Ele enviara mensagens para o leste e, agora que o exército de Mordred tinha deixado a Dumnonia, certamente nada poderia impedir Sagramor de vir nos encontrar. — Teremos um exército pequeno, mas bom. Suficientemente bom para derrotar Mordred, e depois vamos recomeçar tudo.

— Recomeçar? — perguntei.

— Derrotar Cerdic de novo e enfiar um pouco de bom senso em Meurig. — Artur deu um riso amargo. — Sempre há mais uma batalha. Já notou isso? Sempre que pensamos que tudo está resolvido, tudo começa de novo. — Ele tocou o punho de Excalibur. — Pobre Hygwydd. Vou sentir falta dele.

— Vai sentir falta de mim também, senhor — falei, sombrio. O coto do meu braço esquerdo latejava dolorosamente e a mão desaparecida pinicava de modo insuportável, com uma sensação tão real que eu ficava tentando coçá-la.

— Vou sentir falta de você? — perguntou Artur, levantando uma sobrancelha.

— Quando Sansum me convocar.

— Ah! O lorde camundongo. — Ele deu um sorriso rápido. — Creio que o nosso lorde camundongo desejará voltar à Dumnonia, não acha? Não consigo vê-lo obtendo importância em Gwent, eles já têm muitos bispos. Não, ele desejará voltar e a pobre Morgana vai querer de novo o templo em Ynys Wydryn, de modo que terei de fazer uma barganha com eles: sua alma pela permissão de Gwydre para que vivam na Dumnonia. Vamos livrá-lo do juramento, Derfel, não se preocupe. — Ele deu um tapa no meu ombro o depois foi até onde Guinevere estava sentada, junto ao mastro.

Balig tirou uma flecha do cadaste de popa, arrancou a ponta de ferro e guardou num bolso, depois jogou fora a haste com a pena.

— Não gosto do jeito daquilo — falou para mim, apontando o queixo para o oeste. Eu me virei e vi que havia nuvens pretas longe no mar.

— Chuva chegando?

— Pode haver um pouco de vento nela também — disse ele em tom agourento, depois cuspiu na água para evitar o azar. — Mas não temos de ir longe. Talvez não peguemos o mau tempo. — Ele se encostou no remo que servia como leme enquanto o barco era levado pela última grande curva do rio. Agora estávamos indo para o oeste, contra o vento, e a superfície do rio era agitada por ondas pequenas e com espuma

branca, que se despedaçavam na popa e espirravam no convés. A vela ainda estava abaixada. — Força agora! — gritou Balig para os nossos remadores. O saxão estava com um remo, Galahad com outro, Taliesin e Culhwch ocupavam o banco do meio e os dois filhos de Culhwch completavam a tripulação. Os seis remavam com força, lutando contra o vento, mas a corrente e a maré nos ajudavam. Os estandartes na proa e na popa estalavam ao vento, fazendo chacoalhar as flechas presas no tecido.

À nossa frente o rio virava para o sul, e era ali, eu sabia, que Balig levantaria a vela para que o vento nos ajudasse a seguir o longo trecho até o mar. Assim que chegássemos ao mar seríamos forçados a ficar dentro do canal cheio de juncos que corria entre os amplos alagadiços até as águas profundas, onde poderíamos sair da direção do vento e partir para o litoral da Dumnonia.

— A travessia não vai demorar muito — disse Balig em tom reconfortante, olhando as nuvens. — Não muito. Nós devemos chegar na frente daquele vento.

— Os barcos vão conseguir ficar juntos?

— O suficiente. — Ele virou a cabeça na direção do barco logo à nossa frente. — Aquele barril velho vai ficar para trás. Veleja que nem uma porca grávida, mas vai ficar suficientemente perto. Suficientemente.

Os cavaleiros de Nimue esperavam por nós numa língua de terra que ficava onde o rio virava para o sul em direção ao mar. À medida que nos aproximávamos, ela se destacou da massa de lanceiros e instigou o cavalo para a água rasa. Ao chegarmos mais perto, vi dois de seus lanceiros arrastarem um cativo para os alagadiços junto dela.

A princípio achei que deveria ser um dos nossos homens tirados do barco desgarrado, mas depois vi que o prisioneiro era Merlin. Sua barba fora cortada e o cabelo branco e desgrenhado se sacudia ao vento, que aumentava enquanto ele cambaleava às cegas em nossa direção, mas eu poderia jurar que estava sorrindo. Não podia ver seu rosto com clareza, porque a distância era grande demais, mas juro que estava sorrindo enquanto era empurrado para as ondas pequenas. Ele sabia o que ia acontecer.

Então, de repente, eu também soube, e não havia nada que pudesse fazer para impedir.

Na infância Nimue foi tirada deste mar. Fora capturada na Demétia por um bando de caçadores de escravos, depois levada através do Severn até a Dumnonia, mas na viagem surgiu uma tempestade e todos os navios de escravos afundaram. A tripulação e os cativos se afogaram, todos menos Nimue, que saiu do mar em segurança na costa rochosa de Ynys Wydryn, e Merlin, ao resgatar a criança, tinha-a chamado de Vivien, porque ela era claramente amada por Manawydan, o Deus do mar, e Vivien é um nome que pertence a Manawydan. Nimue, sendo

rabugenta, sempre se recusou a usar o nome, mas me lembrei dele agora, e lembrei de que Manawydan a amava, e soube que ela estava para usar a ajuda do Deus para lançar uma grande maldição sobre nós.

— O que ela está fazendo? — perguntou Artur.

— Não olhe, senhor.

Os dois lanceiros tinham voltado à margem, deixando o cego Merlin sozinho ao lado do cavalo de Nimue. Ele não fez qualquer tentativa de escapar. Apenas ficou ali parado, com os cabelos brancos balançando, enquanto Nimue pegava uma faca no cinto da espada. Era a Faca de Laufrodedd.

— Não! — gritou Artur, mas o vento carregou seu protesto de volta para o nosso barco, de volta sobre os pântanos e juncos, de volta para o nada. — Não! — gritou ele de novo.

Nimue apontou o cajado de druida para o oeste, levantou a cabeça para o céu e uivou. Ainda assim, Merlin não se mexeu. Nossa frota passou por eles, cada barco chegando perto dos alagadiços onde o cavalo de Nimue estava, antes de ser levado para o sul enquanto as tripulações levantavam as velas. Nimue esperou até que nosso barco com os estandartes chegasse perto, então baixou a cabeça e nos encarou com seu olho único. Estava sorrindo, e Merlin também. Agora eu me encontrava suficientemente perto para ver com clareza, e ele ainda sorria quando Nimue se abaixou na sela com a faca. Só foi preciso um golpe forte.

E o cabelo branco e comprido e o manto branco e comprido de Merlin ficaram vermelhos.

Nimue uivou de novo. Eu a tinha ouvido uivar muitas vezes, mas nunca assim, porque esse uivo misturava agonia com triunfo. Ela fizera o feitiço.

Em seguida, desmontou do cavalo e soltou o cajado. Merlin devia ter morrido de depressa, mas seu corpo ainda se sacudiu nas pequenas ondas e durante alguns instantes pareceu que Nimue lutava com o morto. Seu manto branco estava manchado de vermelho, e o vermelho foi instantaneamente diluído pelo mar enquanto ela empurrava o cadáver de Merlin mais para dentro da água. Finalmente, livre da lama, ele flutuou e ela o empurrou na corrente como um presente para seu senhor, Manawydan.

E que presente ela deu. O corpo de um druida é magia poderosa, a mais poderosa deste pobre mundo, e Merlin foi o último e o maior dos druidas. Outros vieram depois, claro, mas nenhum tinha seu conhecimento, e nenhum tinha sua sabedoria, e nenhum tinha metade de seu poder. E todo esse poder foi dado agora a um feitiço, um encantamento ao Deus do mar que havia resgatado Nimue há tantos anos.

Ela pegou o cajado que flutuava nas ondas e apontou para o nosso

barco, depois gargalhou. Curvou a cabeça para trás e gargalhou como os loucos que a haviam seguido das montanhas até essa matança na água.

— Vocês viverão! — gritou ela para o nosso barco —, e vamos nos encontrar de novo!

Balig levantou a vela, que foi apanhada pelo vento e nos levou para o mar. Nenhum de nós falou. Apenas ficamos olhando para Nimue e para onde, branco no tumulto das ondas cinzentas, o corpo de Merlin nos seguia para as profundezas.

Onde Manawdydan nos esperava.

Viramos o barco para o sudeste, deixando o vento entrar na barriga da vela, e meu estômago se embrulhava a cada onda.

Balig pelejava com o remo que servia de leme. Tínhamos guardado os outros remos, deixando que o vento fizesse o trabalho, mas a maré forte estava contra nós e ficava empurrando a cabeça do barco para o sul, onde o vento fazia a vela estalar, e o remo-leme se curvava de modo alarmante. Mas aos poucos o barco voltava, a vela estalava como um grande chicote ao se encher de novo, a proa mergulhava no espaço entre as ondas e minha barriga se embrulhava e a bile subia na garganta.

O céu escureceu. Balig olhava para as nuvens, cuspiu e depois forçava o remo de novo. A primeira chuva chegou, grandes gotas que se chocaram no convés e escureceram a vela suja.

— Baixem esses estandartes! — gritou Balig e Galahad enrolou a bandeira de proa enquanto eu lutava para soltar a da popa. Gwydre me ajudou a baixá-la, depois perdeu o equilíbrio quando o barco bateu na crista de uma onda. Caiu de encontro à amurada enquanto a onda se partia sobre a proa. — Tirem a água! — gritou Balig. — Tirem a água!

Agora o vento estava aumentando. Vomitei por cima da amurada e depois ergui os olhos e vi o resto da frota se sacudindo num pesadelo cinza de água agitada e espuma voando. Ouvi um estalo acima, ergui a cabeça e vi que nossa vela tinha se partido ao meio. Balig xingou. Atrás de nós a costa era uma linha escura, e além dela, iluminados pelo sol, os morros da Silúria brilhavam verdes, mas em volta de nós o tempo estava escuro, molhado e ameaçador.

— Tirem a água! — gritou Balig de novo e os que estavam na barriga do barco usaram os elmos para tirar a água de perto dos fardos do tesouro, das armaduras e da comida.

E a tempestade chegou. Até então tínhamos sofrido apenas os ataques externos da tormenta, mas agora o vento uivava sobre o mar e a chuva veio reta e cortante sobre as ondas embranquecidas. Perdi de vista os outros barcos, de tão densa era a chuva e tão escuro o céu. A costa desapareceu e eu só podia ver um pesadelo de ondas curtas, altas e com cristas brancas, das quais a água voava para encharcar nosso barco. A

vela se rasgou em trapos que voavam presos à verga como se fossem estandartes partidos. Trovões cortavam o céu, o barco caiu da crista de uma onda e eu vi a água, verde e preta, subindo para se derramar sobre a amurada, mas de algum modo Balig guiou a proa para a onda e a água hesitou na borda do barco, depois se afastou enquanto subíamos na próxima crista torturada pelo vento.

— Deixem o barco leve! — gritou Balig acima do uivo da tempestade.

Jogamos o ouro no mar. Abandonamos o tesouro de Artur, e o meu tesouro, e o tesouro de Gwydre e o tesouro de Culhwch. Demos tudo a Manawydan, derramando moedas, taças, castiçais e barras de ouro em seu bucho cobiçoso, e ele continuava querendo mais, por isso lançamos os cestos de comida e os estandartes enrolados. Mas Artur não admitia entregar sua armadura, nem eu, por isso guardamos as armaduras e nossas armas na cabine minúscula debaixo do convés de popa, e em vez disso lançamos parte do lastro de pedras depois do ouro. Cambaleávamos no barco como bêbados, sacudidos pelas ondas e com os pés escorregando numa mistura de vômito e água. Morwenna agarrava seus filhos, Ceinwyn e Guinevere rezavam, Taliesin tirava água com um elmo, enquanto Culhwch e Galahad ajudavam Balig e o tripulante saxão a baixar os restos da vela. Jogaram a vela no mar, com verga e tudo, mas amarraram os destroços numa comprida corda de crina de cavalo que prenderam no cadaste de popa, e de algum modo o arrasto da verga com a vela fez a cabeça do barco virar para o vento, de modo que estávamos de frente para a tempestade e cavalgávamos sua fúria em grandes saltos.

— Nunca vi uma tempestade se mover tão depressa! — gritou Balig para mim. E não era de espantar. Esta não era uma tempestade usual, e sim uma fúria trazida pela morte de um druida, e o mundo fazia o ar e o mar gritarem em nossos ouvidos enquanto o barco subia e caía nas ondas violentas. A água brotava entre as tábuas do casco, mas nós a retirávamos com a mesma velocidade com que entrava.

Então vi o primeiro destroço na crista de uma onda, e num instante enxerguei um homem nadando. Ele tentou nos chamar, mas o mar o puxou para baixo. A frota de Artur estava sendo destruída. Algumas vezes, quando o vendaval amainava e o ar se limpava momentaneamente, víamos homens baldeando feito loucos, e podíamos ver como seus barcos estavam com o casco baixo em meio ao tumulto. E então a tempestade nos cegava de novo e, quando parou outra vez, não havia barcos visíveis, só madeira flutuando. A frota de Artur, barco a barco, tinha afundado e seus homens e mulheres estavam afogados. Os que usavam armadura foram os que morreram mais rápido.

E o tempo todo, logo além dos destroços da vela que se arrastava atrás do barco, o corpo de Merlin nos seguia. Ele apareceu algum tempo

depois de termos jogado a vela na água e depois ficou conosco. E eu via seu manto branco na face de uma onda, via-o desaparecer, apenas para vislumbra-lo de novo enquanto o mar se movia. Uma vez pareceu que ele havia levantado a cabeça da água e vi que o ferimento na garganta tinha sido lavado pelo oceano, e ele nos encarava com as órbitas vazias, mas então as ondas o faziam afundar e eu tocava um prego de ferro no cadaste de popa e implorava a Manawydan que levasse o druida para o leito do mar. Leve-o para baixo, rezei, e mande sua alma para o Outro Mundo, mas a cada vez que eu olhava ele continuava ali, com o cabelo branco balançando em volta da cabeça no mar revolto.

Merlin estava ali, mas não os outros barcos. Espiávamos através da chuva e da espuma que voava, mas nada havia ali a não ser um céu escuro e agitado, um mar cinza e branco sujo, destroços e Merlin, sempre Merlin, e acho que ele estava nos protegendo, não porque nos desejava em segurança, mas porque Nimue ainda não tinha terminado conosco. Nosso barco levava o que ela mais desejava, e assim apenas o nosso barco deveria ser preservado através das águas de Manawydan.

Merlin só desapareceu quando a tempestade também foi embora. Vi seu rosto uma última vez e então ele simplesmente afundou. Por um instante foi uma forma branca de braços abertos no coração verde de uma onda, e então desapareceu. E com seu desaparecimento a ira do vento morreu e a chuva cessou.

O mar ainda nos sacudia, mas o ar se limpou e as nuvens se transformaram de pretas em cinzentas, e então num branco partido, e à nossa volta só havia o mar vazio. Nosso barco era o único que restava, e enquanto Artur olhava as ondas cinzentas em volta vi lágrimas em seus olhos. Seus homens tinham partido para Manawydan, todos, todos os seus bravos homens a não ser nós. Todo um exército tinha sumido.

E estávamos sozinhos.

Recuperamos a verga e os restos da vela, e então remamos para o oeste pelo resto daquele dia comprido. Todos os homens, menos eu, estavam com as mãos cheias de bolhas, e até eu tentei remar, mas descobri que uma mão boa não bastava para manobrar um remo, por isso fiquei sentado e olhando enquanto seguíamos para o sul através do mar agitado até que, no fim da tarde, nossa quilha raspou na areia e lutamos para chegar à praia com as poucas posses que restavam.

Dormimos nas dunas, e de manhã limpamos o sal das armas e contamos as moedas que ainda tínhamos. Balig e seu saxão ficaram com o barco, dizendo que poderiam salvá-lo. Dei-lhe minha última peça de ouro, abracei-o e depois segui Artur para o sul.

Encontramos um salão nos morros do litoral, e o senhor daquele salão se mostrou um defensor de Artur, dando-nos um cavalo de sela e duas mulas. Tentamos lhe dar ouro, mas ele recusou.

— Gostaria de ter lanceiros para lhes dar, mas infelizmente... — Ele

deu de ombros. Seu salão era pobre e ele já nos dera mais do que podia. Comemos sua comida, secamos as roupas junto ao seu fogo e depois nos sentamos com Artur sob a macieira florida no pomar.

— Não podemos lutar contra Mordred agora — disse Artur, desanimado. As forças de Mordred somavam pelo menos 350 lanceiros, e os seguidores de Nimue iriam ajudá-lo enquanto ele nos perseguisse, ao passo que Sagramor tinha menos de duzentos homens. A guerra estava perdida antes mesmo de começar.

— Oengus virá ajudar-nos — sugeriu Culhwch.

— Ele vai tentar — concordou Artur —, mas Meurig nunca deixará os Escudos Pretos marcharem através de Gwent.

— E Cerdic virá — disse Galahad em voz baixa. — Assim que souber que Mordred está lutando contra nós, ele marchará. E teremos duzentos homens.

— Menos — observou Artur.

— Para lutar contra quantos? — perguntou Galahad. — Quatrocentos? Quinhentos? E os nossos sobreviventes, se vencermos, terão de dar a volta e enfrentar Cerdic.

— Então o que faremos? — perguntou Guinevere.

Artur sorriu.

— Vamos para a Armórica. Mordred não nos perseguirá lá.

— Ele poderia fazer isso — rosnou Culhwch.

— Então enfrentaremos o problema quando ele chegar — disse Artur calmamente. Naquela manhã ele estava amargo, mas não com raiva. O destino lhe dera um golpe terrível, de modo que tudo que podia fazer era alterar os planos e tentar nos dar esperança. Lembrou-nos de que o rei Budic de Broceliande era casado com sua irmã, Anna, e Artur tinha certeza de que o rei nos daria abrigo. — Seremos pobres — disse com um sorriso que pedia desculpas a Guinevere —, mas temos amigos e eles vão nos ajudar. E Broceliande vai receber bem os lanceiros de Sagramor. Não passaremos fome. E quem sabe? — ele deu um sorriso para o filho —, Mordred pode morrer e poderemos voltar.

— Mas Nimue vai nos perseguir até o fim do mundo — falei.

Artur fez uma careta.

— Então Nimue deve ser morta. Mas esse problema também deve esperar. O que precisamos fazer agora é decidir como chegaremos a Broceliande.

— Vamos a Camlann — falei. — E perguntar pelo barqueiro Caddwg.

Artur me olhou, surpreso com a certeza na minha voz.

— Caddwg?

— Merlin arranjou isso, e me contou. É o presente final que ele tem para o senhor.

Artur fechou os olhos. Estava pensando em Merlin e, por um

instante ou dois, pensei que iria derramar lágrimas. Mas em vez disso apenas deu de ombros.

— Então vamos a Camlann — falou, abrindo os olhos.

Einion, o filho de Culhwch, pegou o cavalo e partiu para o leste em busca de Sagramor. Levou novas ordens instruindo Sagramor a arranjar barcos e atravessar o mar para o sul até a Armórica. Einion diria ao númida que pegaríamos nosso barco em Camlann e iríamos procurá-lo no litoral de Broceliande. Não haveria batalha contra Mordred, nem aclamação em Caer Cadarn, só uma fuga ignominiosa pelo mar.

Quando Einion tinha partido nós pusemos Artur-bach e a pequena Seren numa das mulas, amontoamos as armaduras na outra e caminhamos para o sul. Agora, Artur sabia, Mordred já teria descoberto que tínhamos fugido da Silúria, e o exército da Dumnonia já estaria voltando. Sem dúvida, os homens de Nimue estariam com eles, que tinham a vantagem das boas estradas romanas, enquanto nos restavam quilômetros de terreno montanhoso a atravessar. Por isso nos apressamos.

Ou tentamos nos apressar, mas os morros eram íngremes, a estrada era longa, Ceinwyn ainda estava fraca, as mulas eram lentas, e Culhwch mancava desde a antiga batalha contra Aelle perto de Londres. A jornada era lenta, mas agora Artur parecia resignado ao seu destino.

— Mordred não saberá onde nos procurar — disse ele.

— Nimue pode saber — sugeri. — Quem sabe o que ela forçou Merlin a contar no fim?

Artur não disse nada durante um tempo. Estávamos andando por um bosque cheio de campânulas azuis e folhas do novo ano.

— Sabe o que eu deveria fazer? — falou depois de um tempo. — Deveria encontrar um poço fundo e jogar Excalibur lá dentro, e então cobri-la com pedras para que ninguém a descubra entre agora e o fim do mundo.

— Por que não faz isso, senhor?

Ele sorriu e tocou o punho da espada.

— Estou acostumado com ela. Vou mantê-la até não precisar mais. Se for preciso, irei escondê-la. Mas ainda não. — Ele continuou andando, pensativo. — Você está com raiva de mim? — perguntou depois de uma longa pausa.

— Do senhor? Por quê?

Ele fez um gesto para abarcar toda a Dumnonia, todo aquele país triste que estava tão florido e cheio de folhas novas naquela manhã de primavera.

— Se eu tivesse ficado, Derfel, se tivesse negado o poder a Mordred, isso jamais teria acontecido. — Ele parecia lamentar.

— Mas quem saberia que Mordred seria um bom soldado? Ou que montaria um exército?

— Certo, e quando concordei com a exigência de Meurig pensei que Mordred apodreceria na Durnovária. Pensei que ele ia beber até cair na sepultura ou entraria numa disputa e receberia uma faca nas costas. — Artur balançou a cabeça. — Ele nunca deveria ter sido rei, mas que opção eu tinha? Havia jurado a Uther.

Tudo remontava àquele juramento, e me lembrei do Grande Conselho, o último realizado na Britânia, onde Uther propusera o juramento que tornaria Mordred rei. Uther era um velho na época, grosseiro, doente e agonizante, e eu uma criança que só queria virar lanceiro. Tudo aquilo fazia muito tempo, e na época Nimue era minha amiga.

— Uther nem queria que o senhor fosse um dos que fariam o juramento — falei.

— Nunca pensei que ele quisesse, mas fiz. E um juramento é um juramento e, se violarmos um deles propositadamente, violamos a fé para com todos. — Mais juramentos tinham sido violados do que mantidos, pensei, mas fiquei quieto. Artur tentara cumprir seus juramentos e isso lhe servia de consolo. Deu um sorriso súbito e vi que sua mente tinha passado para um assunto mais feliz. — Há muito tempo vi um pedaço de terra em Broceliande. Era um vale que ia para o litoral sul, e me lembro de um riacho e de algumas faias. Achei que seria um bom lugar para um homem construir um salão e levar a vida.

Gargalhei. Mesmo agora o que ele realmente queria era um salão, um pouco de terra e amigos em volta; as mesmas coisas que sempre desejara. Ele jamais amara palácios, nem se regozijara com o poder, mas tinha amado a prática da guerra. Tentava negar esse amor, mas era bom em batalha e rápido no pensamento, o que o tornava um soldado mortal. Era a atividade de soldado que o tornara famoso e que lhe permitira unir os britânicos e derrotar os saxões, mas então sua repulsa ao poder e sua crença perversa na bondade inata do homem, e sua ligação fervorosa à santidade dos juramentos, permitiram que homens inferiores desfizessem sua obra.

— Um salão de madeira — disse ele em voz sonhadora —, com uma arcada de pilares virada para o mar. A terra cai para o sul, em direção a uma praia, e podemos fazer o salão no alto, para que de dia e de noite possamos ouvir as ondas batendo na areia. E atrás do salão vou construir uma nova oficina de ferreiro.

— Para que possa torturar mais metal? — perguntei.

— *Ars longa* — disse ele em tom tranquilo —, *vita brevis*.

— Latim?

Ele assentiu.

— A arte é longa, a vida é breve. Vou melhorar, Derfel. Meu defeito é a impaciência. Vejo a forma do metal que desejo e corro, mas o ferro não se deixa apressar. — Ele pôs a mão sobre meu braço com o curativo.

— Você e eu ainda temos anos, Derfel.

— Espero que sim, senhor.

— Anos e anos, anos para envelhecer, ouvir canções e contar histórias.

— E sonhar com a Britânia?

— Servimos bem a ela, e agora ela deve servir a si mesma.

— E se os saxões voltarem e os homens o chamarem de novo, o senhor voltará?

Ele sorriu.

— Eu poderia voltar para dar o trono a Gwydre, mas caso contrário vou pendurar Excalibur na trave mais alta do teto do meu salão, Derfel, e deixar que as teias de aranha façam um sudário sobre ela. Vou olhar o mar, plantar e ver meus netos crescerem. Você e eu estamos acabados, meu amigo. Nós nos licenciamos dos juramentos.

— De todos menos um — falei.

Ele me lançou um olhar incisivo.

— Está falando de meu juramento para ajudar Ban?

Eu tinha me esquecido desse juramento, o único, o único que Artur havia fracassado em manter, e seu fracasso o atormentava desde então. O reino de Ban, Benoic, tinha caído diante dos francos, e apesar de Artur ter mandado homens, ele próprio não foi a Benoic. Ele queria ajudar, mas os saxões de Aelle estavam pressionando na época, e ele não poderia travar duas guerras ao mesmo tempo.

— Não, senhor. Eu estava pensando no meu juramento a Sansum.

— O lorde camundongo se esquecerá de você — disse Artur sem dar importância.

— Ele não se esquece de nada, senhor.

— Então teremos de mudar o pensamento dele, porque não creio que eu possa envelhecer sem você.

— Nem eu sem o senhor.

— Então vamos nos esconder, você e eu, e os homens perguntarão: onde está Artur? E onde está Derfel? E onde está Galahad? Ou Ceinwyn? E ninguém saberá, porque estaremos escondidos sob as faias junto ao mar. — Ele riu, mas agora podia ver o sonho muito perto, e a esperança o levou pelos últimos quilômetros de nossa longa jornada.

Levamos quatro dias e quatro noites, mas finalmente estávamos no litoral sul da Dumnonia. Tínhamos contornado o grande urzal e chegamos ao oceano andando pela crista de um morro alto. Paramos na crista enquanto a luz do fim de tarde passava sobre nossos ombros para iluminar o amplo vale do rio que se abria para o mar à frente. Isso era Camlann.

Eu tinha estado aqui antes. Aquele era o país do sul, abaixo de Isca da Dumnonia, onde o povo local tatuava o rosto de azul. Eu servia a lorde Owain quando vim pela primeira vez, e foi sob sua liderança que

participei do massacre do urzal. Anos depois cavalguei até perto deste morro quando fui com Artur tentar salvar a vida de Tristan, mas minha tentativa fracassou e Tristan morreu, e agora voltava pela terceira vez. Era um lugar bonito, um dos mais belos que já vira em toda a Britânia, mas para mim guardava lembranças de assassinato, e eu sabia que ficaria feliz em vê-lo sumir atrás do barco de Caddwg.

Olhamos para o fim de nossa jornada. O rio Exe corria para o mar abaixo de nós, mas antes de chegar ao oceano formava um grande lago separado do oceano por uma estreita faixa de areia. Essa faixa era o lugar que os homens chamavam de Camlann e em sua ponta, apenas visível de onde estávamos, os romanos tinham construído uma pequena fortaleza. Dentro do forte haviam erguido uma grande tigela de ferro onde antigamente era aceso um fogo à noite para alertar as galés que se aproximavam da traiçoeira língua de areia.

Agora olhávamos para o lago, a faixa de areia e a margem verde. Não havia inimigo à vista. Nenhuma lâmina de lança refletia o sol da tarde, nenhum cavaleiro percorria as trilhas do litoral e nenhum lanceiro escurecia a estreita língua de areia. Era como se estivéssemos sozinhos em todo o universo.

— Você conhece Caddwg? — perguntou Artur, rompendo o silêncio.

— Eu o encontrei uma vez, senhor, há anos.

— Então ache-o, Derfel, e diga que vamos esperá-lo na fortaleza.

Olhei para o sul, em direção ao mar. Gigantesco, vazio e brilhante, era o caminho para nos tirar da Britânia. Então desci para tornar possível a viagem.

A última luz da tarde iluminou meu caminho para a casa de Caddwg. Eu tinha pedido informações a pessoas e fora guiado a uma pequena cabana no litoral ao norte de Camlann, e agora, como a maré estava apenas na metade da subida, a cabana se encontrava diante de uma brilhante vastidão de lama vazia. O barco de Caddwg não estava na água, e sim empoleirado alto e seco na terra, com a quilha sustentada por troncos roliços, e o casco apoiado por paus.

— Ele se chama *Prydwen* — disse Caddwg, sem me cumprimentar. Tinha me visto parado junto ao barco e saiu da casa. Era um velho de barba densa, muito bronzado e vestia um gibão de lã manchado de piche e brilhando com escamas de peixe.

— Merlin me mandou — falei.

— Achei que ele mandaria. Disse que mandaria. Ele vem?

— Ele está morto.

Caddwg cuspiu.

— Nunca pensei que ouviria isso. — E cuspiu pela segunda vez. — Pensei que a morte não iria encontrá-lo.

— Ele foi assassinado.

Caddwg parou e jogou uns pedaços de lenha numa fogueira acesa sob um caldeirão borbulhante. O caldeirão continha piche e pude ver que ele estivera calafetando as fendas nas tábuas do *Prydwen*. O barco parecia lindo. O casco de madeira tinha sido limpo e a camada brilhante e nova de madeira contrastava com o preto intenso do piche que impediria a entrada da água. Tinha proa alta, um alto cadaste de popa e um mastro comprido e novo que agora repousava sobre cavaletes ao lado do casco.

— Então você vai querer o barco — disse Caddwg.

— Nós somos treze, esperando na fortaleza.

— Amanhã a esta hora.

— Não pode ser antes? — perguntei, alarmado com a demora.

— Não sabia que vocês viriam — resmungou ele — e só posso lançar o barco na maré alta, que vai ser amanhã de manhã. E quando eu tiver colocado o mastro, a vela e o leme, a maré terá baixado outra vez. O barco vai flutuar de novo no meio da tarde e virei pegar vocês o mais rápido possível, mas não antes do entardecer. Você deveria ter me mandado a notícia.

Era verdade, mas nenhum de nós tinha pensado em mandar um alerta a Caddwg porque nenhum de nós entendia de barcos. Tínhamos pensado em chegar aqui, encontrar o barco e ir embora, e nunca havíamos sonhado que o barco poderia estar fora d'água.

— Existem outros barcos? — perguntei.

— Não para treze pessoas, e nenhum para levar vocês para onde vou.

— Para Broceliande.

— Levarei vocês para onde Merlin me mandou levar — disse Caddwg obstinadamente, depois foi até a proa do *Prydwen* e apontou para uma pedra cinza mais ou menos do tamanho de uma maçã. Nada havia de notável na pedra, a não ser que fora habilmente encravada na proa, onde era presa pelo carvalho como uma gema num engaste de ouro. — Ele me deu esse pedaço de pedra — disse Caddwg, falando de Merlin. — Uma pedra-fantasma.

— Pedra-fantasma? — perguntei, porque nunca tinha ouvido falar disso.

— Levo Artur para onde Merlin queria que ele fosse, e nenhuma outra coisa o levará até lá. E nenhum outro barco pode levá-lo lá, só um barco ao qual Merlin deu um nome. — O nome *Prydwen* significava Britânia. — Artur está com você? — Perguntou Caddwg, subitamente ansioso.

— Está.

— Então levarei o ouro também.

— Ouro?

— O velho o deixou para Artur. Achava que ele precisaria. Não

adianta para mim. Ouro não pega peixe. Serviu para comprar uma vela nova, isso eu posso dizer, e Merlin me disse para comprar a vela, portanto teve de me dar o ouro, mas ouro não pega peixe. Pega mulheres — ele deu um risinho —, mas não peixe.

Olhei para o barco fora d'água.

— Você precisa de ajuda? — perguntei.

Caddwg ofereceu um sorriso sem humor.

— E que ajuda você pode dar? Você e seu cotoco de braço? Você pode calafetar um barco? Pode levantar um mastro ou prender uma vela? — Ele cuspiu. — Basta eu assobiar e terei vinte homens me ajudando. Você vai nos ouvir cantando de manhã, e isso significa que estamos empurrando o barco para a água. Amanhã à tarde — ele assentiu rapidamente para mim — procuro vocês na fortaleza. — Caddwg se virou e voltou para a cabana.

E fui me juntar a Artur. Já estava escuro e todas as estrelas espetavam o céu. Uma lua tremeluziu numa trilha comprida sobre o mar e iluminou as muralhas partidas da pequena fortaleza onde esperaríamos pelo *Prydwen*.

Tínhamos um último dia na Britânia, pensei. Uma última noite e um último dia, e então navegaríamos com Artur no caminho da lua, e a Britânia não passaria de uma lembrança.

O vento da noite soprava suave sobre a precária muralha de terra da fortaleza. O resto enferrujado do farol antigo estava inclinado sobre o mastro descorado acima de nós, as pequenas ondas se quebravam na praia comprida, a lua mergulhou lentamente no abraço do mar e a noite escureceu.

Dormimos no pequeno abrigo da muralha. Os romanos tinham feito as muralhas do forte com areia, sobre a qual puseram terra plantada com capim, e depois uma paliçada de madeira ao longo do topo. A muralha devia ser frágil mesmo quando foi construída, mas a fortaleza nunca tinha passado de um posto de atalaia e de um local onde um pequeno destacamento de homens podia se abrigar dos ventos marinhos enquanto cuidava do farol. A paliçada de madeira estava quase toda podre, e a chuva e o vento haviam desgastado boa parte do paredão de areia, mas em alguns lugares ele ainda se erguia a cerca de um metro e meio de altura.

A manhã surgiu clara e ficamos olhando enquanto um punhado de pequenos barcos de pesca saía para o dia de trabalho no mar. A partida deles deixou apenas o *Prydwen* junto ao lago. Artur-bach e Seren brincaram na areia do lago onde não havia ondas fortes, enquanto Galahad ia com o outro filho de Culhwch até a praia, para encontrar comida. Voltaram com pão, peixe seco e um balde de madeira com leite fresco. Todos estávamos estranhamente felizes naquela manhã. Lembro-

me dos risos enquanto víamos Seren rolar por uma duna, e como aplaudimos quando Artur-bach arrancou um grande tufo de algas da água rasa e trouxe até a areia. A enorme massa verde devia pesar tanto quanto ele, mas ele puxou, fez força, e de algum modo conseguiu arrastar o emaranhado pesado até a muralha do forte. Gwydre e eu aplaudimos seus esforços, e depois começamos a conversar.

— Se meu destino é não ser rei — disse Gwydre —, tudo bem.

— O destino é inexorável — falei e sorri quando ele me olhou interrogativamente. — Era um dos ditados preferidos de Merlin. Isso e “Não seja absurdo, Derfel”. Para ele eu era sempre absurdo.

— Tenho certeza de que não era — disse Gwydre com lealdade.

— Todos nós éramos. Exceto talvez Nimue e Morgana. O resto de nós simplesmente não era inteligente o bastante. Sua mãe, talvez, mas ele e ela nunca foram amigos de fato.

— Eu gostaria de tê-lo conhecido melhor.

— Quando você estiver velho, Gwydre, ainda poderá dizer aos homens que conheceu Merlin.

— Ninguém vai acreditar.

— É, provavelmente não. E quando você estiver velho terão inventado novas histórias sobre ele. E sobre o seu pai também. — Joguei um pedaço de concha pela face da fortaleza. De longe, sobre a água, podia ouvir o som forte de homens cantando e soube que estava escutando o lançamento do *Prydwen* ao mar. Agora não faltava muito, disse a mim mesmo, agora não faltava muito. — Talvez ninguém jamais acredite na verdade — falei a Gwydre.

— Na verdade?

— Sobre o seu pai, ou sobre Merlin.

Já havia canções que davam crédito a Meurig pela vitória no Mynydd Baddon, logo Meurig! E muitas canções punham Lancelot acima de Artur. Olhei em volta procurando Taliesin e imaginei se ele corrigiria essas canções. Naquela manhã o bardo havia nos contado que não pretendia atravessar o mar conosco, e que voltaria à Silúria ou a Powys, e acho que Taliesin só tinha vindo tão longe para poder conversar com Artur e assim saber dele a história de sua vida. Ou talvez tenha visto o futuro e veio vê-lo se desdobrar. Quaisquer que fossem seus motivos, o bardo estava conversando com Artur agora, mas de repente Artur saiu de perto de Taliesin e correu para a margem do lago. Ficou ali durante longo tempo, olhando para o norte. E de repente se virou e correu para a duna mais próxima. Subiu e em seguida se virou e olhou de novo para o norte.

— Derfel! — gritou ele. — Derfel! — Desci da face da fortaleza, corri pela areia e subi o flanco da duna. — O que você está vendo?

Olhei para o norte, por cima do lago brilhante. Podia ver o *Prydwen* na metade do caminho até a água, podia ver as fogueiras onde o sal era

evaporado e os peixes apanhados diariamente eram defumados, e podia ver algumas redes de pescadores penduradas em vergas plantadas na areia. Só então vi os cavaleiros.

A luz do sol brilhou numa ponta de lança, depois noutra, e de repente vi uns vinte homens, talvez mais, seguindo por uma estrada que entrava na terra, bem além da margem do lago.

— Escondam-se! — gritou Artur e escorregamos duna abaixo, pegamos Seren e Artur-bach e nos agachamos como coisas culpadas dentro da muralha de terra semidesmoronada da fortaleza.

— Eles devem ter nos visto, senhor — falei.

— Talvez não.

— São quantos homens? — perguntou Culhwch.

— Vinte? — sugeriu Artur. — Trinta? Talvez mais. Estavam saindo de umas árvores. Pode haver uma centena.

Houve um som raspado e baixo. Eu me virei e vi que Culhwch tinha desembainhado a espada. Ele riu para mim.

— Não me importo que sejam duzentos homens, eles não vão cortar minha barba.

— Por que eles quereriam sua barba? — perguntou Galahad. — Um negócio fedorento e cheio de piolhos?

Culhwch gargalhou. Ele gostava de provocar Galahad, e de ser provocado em troca, e ainda estava pensando na resposta quando Artur levantou cautelosamente a cabeça acima da muralha e olhou para o leste, em direção ao lugar onde os lanceiros apareceriam. Ficou muito imóvel, e sua imobilidade nos silenciou, e de repente ele se levantou e acenou.

— É Sagamor! — gritou para nós, e a alegria em sua voz era inconfundível. — É Sagamor! — repetiu, e estava tão empolgado que Artur-bach juntou-se num grito feliz.

— É Sagamor! — gritou o menino e todos nós subimos na muralha e vimos a bandeira preta de Sagamor balançando numa ponta de lança encimada por um crânio. O próprio Sagamor, com seu elmo preto e cônico, estava na frente. Ao ver Artur, esporeou o animal sobre a areia. Artur correu para encontrá-lo, Sagamor saltou do cavalo, tombou de joelhos e agarrou a cintura de Artur.

— Senhor! — disse ele numa rara demonstração de sentimento. — Senhor! Pensei que nunca mais ia vê-lo.

Artur o fez levantar e o abraçou.

— Teríamos nos encontrado em Broceliande, meu amigo.

— Broceliande? — disse Sagamor e cuspiu em seguida. — Odeio o mar. — Havia lágrimas em seu rosto negro e me lembrei de uma vez em que ele me contou por que tinha seguido Artur. Porque, disse ele, quando eu não tinha nada, Artur me deu tudo. Sagamor não viera aqui porque estava relutante em entrar num barco, mas porque Artur

precisava de ajuda.

O númida tinha trazido 83 homens, e Einion, o filho de Culhwch, tinha vindo com eles.

— Eu só tinha noventa e dois cavalos, senhor — disse Sagramor a Artur. — Estive recolhendo-os há meses. — Ele esperava poder cavalgar mais rápido do que as forças de Mordred e levar todos os seus homens em segurança até a Silúria, mas em vez disso trouxera o máximo possível para essa língua de areia entre o lago e o oceano. Alguns dos cavalos tinham ficado pelo caminho, mas 83 haviam chegado em segurança.

— Onde estão seus outros homens? — perguntou Artur.

— Navegaram para o sul ontem, com todas as nossas famílias — disse Sagramor e em seguida saiu do abraço de Artur e nos olhou. Devíamos estar parecendo um grupo lamentável e exausto, porque ele ofereceu um de seus raros sorrisos antes de fazer uma reverência para Guinevere e Ceinwyn.

— Nós só temos um barco — disse Artur preocupado.

— Então o senhor tomará esse barco, senhor — disse Sagramor calmamente — e nós cavalgaremos para o oeste até Kernow. Podemos encontrar barcos lá, e segui-lo para o sul. Mas eu queria encontrá-lo deste lado do mundo, para o caso de seus inimigos o encontrarem também.

— Até agora não vimos nenhum — disse Artur, tocando o punho de Excalibur —, pelo menos não deste lado do mar de Severn. E rezo para que não vejamos nenhum o dia inteiro. Nosso barco vai chegar no crepúsculo, e então partiremos.

— Então vou guardá-los até o crepúsculo — disse Sagramor e seus homens desceram das selas, tiraram os escudos das costas e plantaram as lanças na areia. Os cavalos, brancos de suor e ofegantes, ficaram parados exaustos enquanto os homens de Sagramor esticavam os braços e pernas cansados. Agora éramos um bando de guerreiros, quase um exército, e nossa bandeira era o estandarte preto de Sagramor.

Mas então, apenas uma hora depois, tão cansados quanto os homens de Sagramor, os inimigos chegaram a Camlann.

CEINWYN ME AJUDOU a colocar a armadura, porque era difícil manejar a pesada cota de malha só com uma das mãos, e era impossível afivelar as grevas de bronze que eu tinha tomado no Mynydd Baddon e que protegiam minhas pernas dos golpes de lanças que vêm por baixo da borda do escudo. Assim que as grevas e a malha estavam no lugar, e assim que o cinto de Hywelbane foi afivelado na cintura, deixei Ceinwyn prender o escudo no meu braço esquerdo.

— Mais apertado — falei, instintivamente fazendo pressão contra a cota de malha para sentir o pequeno calombo onde seu broche estava preso na minha camisa. Estava ali em segurança, um talismã que me levava através de incontáveis batalhas.

— Talvez eles não ataquem — disse ela, apertando ao máximo as tiras do escudo.

— Reze para que não.

— Rezar a quem? — perguntou ela com um sorriso triste.

— Ao Deus em quem você mais confia, meu amor — falei, e em seguida beijei-a. Pus o elmo e ela apertou a tira sob o queixo. A mossa feita no topo do elmo na batalha do Mynydd Baddon fora martelada até ficar lisa, e uma nova placa de ferro tinha sido rebitada para cobrir o rasgo. Beijei Ceinwyn de novo, depois fechei as laterais do elmo. O vento soprava a cauda de lobo na frente das fendas para os olhos, e sacudi a cabeça para trás, jogando para o lado os compridos pelos cinzentos. Eu era o último cauda de lobo. Os outros tinham sido massacrados por Mordred ou tomados por Manawydan. Eu era o último, assim como era o último guerreiro a levar a estrela de Ceinwyn no escudo. Sopesei a lança de guerra, cujo cabo era grosso como o pulso de Ceinwyn e a lâmina uma cunha afiada do melhor aço de Morridig. — Caddwg chegará aqui logo — falei. — Não teremos muito a esperar.

— Só o dia inteiro — disse Ceinwyn e olhou para o lago onde o *Prydwen* flutuava na beira do banco de lama. Homens levantavam o mastro, mas logo a maré vazante deixaria o barco de novo no seco, e teríamos de esperar que as águas subissem. Mas pelo menos o inimigo não havia incomodado Caddwg e não tinha motivos para fazê-lo. Para eles, sem dúvida, ele não passava de outro pescador e não era de sua conta. Nós éramos de sua conta.

Havia sessenta ou setenta inimigos, todos a cavalo, e deviam ter viajado muito para nos encontrar, mas agora esperavam no fim da língua de areia, e todos sabíamos que outros lanceiros viriam atrás. Ao crepúsculo poderíamos enfrentar um exército, talvez dois, porque os

homens de Nimue sem dúvida viriam com os lanceiros de Mordred.

Artur estava com sua vestimenta de guerra. A armadura de escamas, que tinha línguas de ouro em meio às placas de ferro, brilhava ao sol. Eu o vi colocar o elmo com a crista de plumas de ganso. Normalmente Hygwydd teria vestido a armadura nele, mas Hygwydd estava morto, por isso Guinevere prendeu na sua cintura a bainha de Excalibur, bordada em pontos cruzados, e pendurou a capa branca sobre seus ombros. Ele sorriu para ela, inclinou-se para perto falando alguma coisa, riu, depois fechou as laterais do elmo. Dois homens o ajudaram a subir na sela de um dos cavalos de Sagramor e, assim que ele estava montado, passaram-lhe sua lança e o escudo coberto de prata, de onde a cruz tinha sido arrancada há muito tempo. Ele pegou as rédeas com a mão do escudo e em seguida esporeou o cavalo até nós.

— Vamos agitá-los — gritou para Sagramor, que estava de pé ao meu lado. Artur planejava levar trinta cavaleiros em direção ao inimigo, depois fingir uma fuga em pânico, com a qual esperava atraí-los para uma armadilha.

Deixamos vinte homens guardando as mulheres e crianças na fortaleza enquanto o resto de nós seguia Sagramor até uma depressão funda atrás de uma duna diante da praia do mar. Toda a faixa de areia a oeste da fortaleza era uma confusão de dunas e depressões que formavam um labirinto de armadilhas e passagens ocultas, e só os últimos duzentos metros da faixa, a leste do forte, ofereciam terreno plano.

Artur esperou até que estivéssemos escondidos, depois levou seus trinta homens para oeste, ao longo da areia batida pelo mar, perto das ondas. Ficamos agachados sob a cobertura das dunas. Eu tinha deixado minha lança na fortaleza, preferindo lutar esta batalha somente com Hywelbane. Sagramor também planejava lutar apenas com a espada. Ele estava raspando um pedaço de ferrugem de sua lâmina curva, usando um punhado de areia.

— Você perdeu a barba — grunhiu ele.

— Troquei pela vida de Amhar.

Vi um lampejo de dentes enquanto ele ria por trás das sombras das laterais do elmo.

— Uma boa troca. E sua mão?

— Pela magia.

— Mas não a mão da espada. — Ele segurou a lâmina para refletir a luz e ficou satisfeito ao ver que a ferrugem tinha desaparecido. Depois inclinou a cabeça, ouvindo, mas não podíamos escutar nada além das ondas se partindo. — Eu não deveria ter vindo — falou depois de um tempo.

— Por quê? — Eu nunca tinha visto Sagramor evitar uma luta.

— Eles devem ter me seguido — falou, sacudindo a cabeça para o

oeste, indicando o inimigo.

— Eles deviam saber que estávamos vindo para cá — falei, tentando consolá-lo, mas a não ser que Merlin tivesse falado de Camlann a Nimue, parecia mais provável que Mordred realmente tivesse deixado alguns cavaleiros vigiando Sagramor, e que esses batedores houvessem revelado nosso esconderijo. Como quer que fosse, agora era tarde demais. Os homens de Mordred sabiam onde estávamos e agora era uma corrida entre Caddwg e o inimigo.

— Ouviram isso? — gritou Gwydre. Ele estava de armadura e levava o urso do pai no escudo. Estava nervoso, o que não era de espantar, porque seria sua primeira batalha de verdade.

Ouvi. Meu elmo forrado de couro abafava o som, mas finalmente ouvi o som de cascos na areia.

— Fiquem abaixados! — rosnou Sagramor para os homens que tentavam espiar por cima da crista da duna.

Os cavalos estavam galopando pela praia do mar, e a duna nos escondia daquela praia. O som chegou mais perto, crescendo até um trovejar de cascos enquanto agarrávamos as lanças e espadas. O elmo de Sagramor tinha na crista a máscara de uma raposa rosnando. Olhei para a raposa, mas ouvia apenas o ruído crescente dos cavalos. O dia estava quente, e o suor escorria pelo meu rosto. A cota de malha pesava, mas era sempre assim antes do início da luta.

Os primeiros cascos passaram por nós, e então Artur estava gritando da praia.

— Agora! Agora! Agora!

— Vamos! — gritou Sagramor e todos subimos a face interior da duna. Nossas botas escorregavam na areia, e parecia que nunca chegaríamos ao topo, mas então estávamos acima da crista e corríamos para a praia, onde um redemoinho de cavaleiros levantava a areia molhada junto ao mar. Artur tinha se virado e seus trinta homens haviam se chocado contra os perseguidores que estavam num número duas vezes maior do que os de Artur, mas agora esses perseguidores nos viram correndo para o seu flanco e os mais prudentes deram a volta de imediato e galoparam em direção à segurança no oeste. A maioria ficou para lutar.

Gritei um desafio, recebi a ponta da lança de um cavaleiro no centro do meu escudo, brandi Hywelbane na perna traseira do cavalo, para cortar seus tendões, e então, quando o cavalo tombou em minha direção, girei Hywelbane com força contra as costas do cavaleiro. Ele gritou de dor e saltei para trás quando cavalo e homem desmoronaram numa agitação de cascos, areia e sangue. Chutei o rosto do homem que se retorcia, enfiei Hywelbane e em seguida girei-a para trás contra um cavaleiro em pânico que me golpeava debilmente com a lança. Sagramor soltava um terrível grito de guerra, e Gwydre furava com a lança um

homem caído na beira do mar. O inimigo ia se retirando da luta e esporeando os cavalos para a segurança através dos baixios do mar, onde a água que recuava sugou um redemoinho de areia e sangue para as ondas. Vi Culhwch esporear seu cavalo até um inimigo e arrancar o sujeito da sela. O homem tentou ficar de pé, mas Culhwch girou sua espada para trás, fez o cavalo se virar e golpeou de novo para baixo. Os poucos inimigos que tinham sobrevivido estavam presos entre nós e o mar, e os matamos violentamente. Cavalos gritavam e sacudiam os cascos enquanto morriam. As pequenas ondas estavam cor-de-rosa e a areia preta com o sangue.

Matamos vinte e fizemos dezesseis prisioneiros, e quando os prisioneiros tinham contado tudo que sabiam foram mortos também. Artur fez uma careta ao dar a ordem, porque não gostava de matar homens desarmados, mas não podíamos poupar lanceiros para guardar prisioneiros, nem tínhamos misericórdia por aqueles bandidos que carregavam escudos sem distintivos, alardeando sua selvageria. Nós os matamos rapidamente, forçando-os a se ajoelhar na areia onde Hywelbane ou a espada afiada de Sagramor arrancava suas cabeças. Eram homens de Mordred, e o próprio Mordred os havia liderado pela praia, mas o rei tinha feito o cavalo retornar ao primeiro sinal de nossa emboscada, e gritou para que os homens recuassem.

— Cheguei perto dele — disse Artur pesaroso —, mas não o bastante. — Mordred tinha escapado, mas a primeira vitória era nossa, ainda que três de nossos homens tivessem morrido na luta e mais sete estivessem sangrando muito. — Como Gwydre lutou? — perguntou-me Artur.

— Com bravura, senhor. — Minha espada estava grossa de sangue que eu tentava limpar com um punhado de areia. — Ele matou, senhor.

— Bom — disse Artur, depois foi até o filho e pôs o braço sobre seus ombros. Usei minha única mão para limpar o sangue de Hywelbane, depois soltei a fivela do elmo e o tirei da cabeça.

Matamos os cavalos feridos, deixamos os outros voltarem à fortaleza e em seguida recolhemos as armas e os escudos dos inimigos.

— Eles não virão de novo enquanto não receberem reforços — falei a Ceinwyn. Em seguida olhei para o sol e vi que ele estava subindo lentamente pelo céu sem nuvens.

Tínhamos muito pouca água, só a que os homens de Sagramor tinham trazido na pequena bagagem, por isso racionamos os odres. Seria um dia longo e sedento, especialmente para os feridos. Um deles estava tremendo. Seu rosto estava pálido, quase amarelo, e quando Sagramor tentou derramar um pouco de água em sua boca o homem mordeu convulsivamente a beira do odre. Começou a gemer e o som de sua agonia rasgava nossas almas, por isso Sagramor apressou a morte dele com sua espada.

— Devíamos acender uma pira na ponta da faixa de areia — disse Sagramor e virou a cabeça na direção da areia lisa onde o mar tinha deixado um emaranhado de destroços de madeira embranquecida pelo sol.

Artur não pareceu ouvir a sugestão.

— Se você quiser pode ir para o oeste agora — disse a Sagramor.

— E deixá-lo aqui?

— Se você ficar, não sei se sairá. Nós só temos um barco. E mais homens virão ajudar Mordred. Nenhum virá em nossa ajuda.

— São mais homens para matar — disse Sagramor peremptoriamente, mas acho que ele sabia que ao ficar estava garantindo a própria morte. O barco de Caddwg podia levar vinte pessoas para a segurança, não mais. — Podemos nadar até a outra margem, senhor — disse ele, virando a cabeça para a margem leste do canal que corria rápido e fundo junto à ponta da faixa de areia. — Os que sabem nadar — acrescentou.

— Você sabe?

— Nunca é tarde demais para aprender — disse Sagramor e cuspiu.
— Além disso, ainda não estamos mortos.

Nem estávamos derrotados ainda, e cada minuto que passava nos levava mais perto da segurança. Eu podia ver os homens de Caddwg levando a vela até o *Prydwen*, inclinado na beira do mar. Agora o mastro estava de pé, mas os homens ainda prendiam as cordas na ponta, e dentro de uma ou duas horas a maré iria se virar e o barco flutuaria de novo, pronto para a viagem. Tínhamos de aguentar apenas até o fim da tarde. Ocupamo-nos fazendo uma pira gigantesca com os restos de madeira trazida pelo mar e quando ela estava acesa pusemos os corpos de nossos mortos nas chamas. O cabelo deles se incendiou luminoso, depois veio o cheiro de carne assando. Jogamos mais lenha até que o fogo estivesse rugindo, um inferno incandescente.

— Uma cerca-fantasma poderia deter o inimigo — observou Taliesin quando tínhamos cantado uma oração para os quatro homens cujas almas estavam subindo com a fumaça para encontrar seus corpos de sombra.

Eu não via uma cerca-fantasma há anos, mas fizemos uma naquele dia. Foi um negócio feio. Tínhamos 36 corpos de inimigos mortos, e pegamos 36 cabeças cortadas que enfiámos nas lâminas das lanças capturadas. Depois plantamos as lanças atravessando a língua de areia, e Taliesin, visível em seu manto branco e levando um cabo de lança para se parecer com um druida, foi de uma cabeça sangrenta à outra, de modo que o inimigo pensasse que um feitiço estava sendo realizado. Poucos homens atravessariam de boa vontade uma cerca-fantasma sem um druida para evitar o mal, e assim que a cerca ficou pronta descansamos mais tranquilamente. Compartilhamos uma parca refeição

de meio-dia e me lembro de Artur olhando pesaroso para a cerca-fantasma enquanto comia.

— De Isca até isso — observou baixinho.

— Do Mynydd Baddon até isso — falei.

Ele deu de ombros.

— Pobre Uther.

E devia estar pensando no juramento que tinha tornado Mordred rei, o juramento que levava até esta língua de areia aquecida pelo sol junto ao mar.

Os reforços de Mordred chegaram no início da tarde. Na maioria vinham a pé, numa longa coluna que se arrastava pela margem oeste do lago. Contamos mais de cem homens e sabíamos que mais estavam vindo.

— Eles estarão cansados — disse Artur — e nós temos a cerca-fantasma.

Mas agora o inimigo possuía um druida. Fergal tinha chegado com os reforços e, uma hora depois de termos visto pela primeira vez a coluna de lanceiros, vimos o druida se arrastar para perto da cerca e farejar o ar salgado como um cão. Jogou punhados de areia para a cabeça mais próxima, saltou numa das pernas por um momento, depois correu até a lança e a derrubou. A cerca estava quebrada, e Fergal virou a cabeça para o sol e deu um grande grito de triunfo. Nós pusemos os elmos, encontramos os escudos e passamos pedras de amolar de uns para os outros.

A maré tinha virado, e os primeiros barcos de pesca vinham para casa. Gritamos para eles enquanto passavam pela faixa de areia, mas a maioria ignorou os chamados, porque frequentemente as pessoas comuns têm bons motivos para temer lanceiros, porém Galahad mostrou uma moeda de ouro e essa isca trouxe um barco que se virou com agilidade para a praia e parou na areia perto da pira chamejante. Seus dois tripulantes, ambos com rostos muito tatuados, concordaram em levar as mulheres e crianças até o barco de Caddwg, que estava quase flutuando de novo. Demos ouro aos pescadores, pusemos as mulheres e crianças no barco e mandamos um dos lanceiros feridos para guardá-las.

— Diga aos outros pescadores que há ouro para todo homem que trouxer seu barco com Caddwg — disse Artur. Em seguida se despediu brevemente de Guinevere, como eu fiz com Ceinwyn. Segurei-a com força durante alguns instantes e descobri que não tinha palavras.

— Fique vivo — disse ela.

— Por você, eu fico. — E em seguida ajudei a empurrar o barco encalhado e o vi lentamente entrar no canal.

Um instante depois, um dos nossos batedores montados voltou galopando da cerca-fantasma quebrada.

— Eles estão vindo, senhor!

Desta vez não lutaríamos nas dunas, porque não tínhamos homens suficientes para montar uma parede de escudos que se estendesse pela parte ondulada da faixa de areia, o que significava que os cavaleiros de Mordred poderiam galopar em volta de nossos flancos, rodear-nos, e estaríamos condenados a morrer dentro de um círculo de inimigos. E não lutaríamos no forte, porque também ali poderíamos ser rodeados e isolados da água quando Caddwg chegasse, por isso recuamos para a ponta estreita da faixa de areia onde a parede de escudos poderia ir de uma margem à outra. A fogueira funerária ainda chamejava logo acima da linha de algas que marcava o limite da maré alta, e enquanto esperávamos pelo inimigo Artur ordenou que puséssemos mais pedaços de madeira nas chamas. Continuamos alimentando aquele fogo até que vimos os homens de Mordred se aproximando, e então fizemos a parede de escudos a poucos passos diante das labaredas. Pusemos o estandarte preto de Sagramor no centro da linha, tocamos os escudos borda com borda e esperamos.

Éramos 84 homens, e Mordred trouxe mais de cem para nos atacar, mas quando viram nossa parede de escudos formada e pronta, eles pararam. Alguns dos cavaleiros de Mordred esporearam os animais para a água rasa do lago, esperando ultrapassar nosso flanco, mas a água afundava rapidamente onde o canal passava junto à margem sul, e eles descobriram que não podiam nos flanquear; por isso desmontaram e levaram os escudos e lanças para se juntar à longa parede de Mordred. Ergui os olhos e vi que o sol finalmente estava descendo para os altos morros do oeste. O *Pryduwen* estava quase flutuando, mas os homens continuavam ocupados montando o cordame. Pensei que não demoraria muito até a chegada de Caddwg, mas já havia mais lanceiros inimigos chegando pela estrada do oeste. As forças de Mordred estavam crescendo, e nós só podíamos ficar mais fracos.

Fergal, a barba trançada com pelo de raposa e cheia de ossinhos pendurados, veio à areia em frente de nossa parede de escudos e pulou numa perna, ergueu uma das mãos e ficou com um olho fechado. Xingou nossas almas, prometendo-as ao verme de fogo de Crom Dubh e à matilha de lobos que caça no Passo de Flechas de Eryri. Nossas mulheres seriam dadas como brinquedos para os demônios de Annwn e as crianças seriam pregadas nos carvalhos de Arddu. Amaldiçoou nossas lanças e espadas, e emitiu um feitiço para despedaçar nossos escudos e transformar nossas entranhas em água. Gritou suas pragas, prometendo que para comer no Outro Mundo teríamos de revirar a bosta dos cães de Arawn, e que como água lamberíamos a bile das serpentes de Cefydd.

— Seus olhos serão sangue — cantarolou ele —, suas barrigas se encherão de vermes e suas línguas ficarão pretas! Vocês verão o estupro de suas mulheres e o assassinato de seus filhos! — Fergal chamou alguns

de nós pelo nome, ameaçando tormentos inimagináveis, e para enfrentar seus feitiços entoamos a Canção de Guerra de Beli Mawr.

Desde aquele dia até hoje nunca mais ouvi essa canção cantada por guerreiros, e nunca a ouvi mais bem-cantada do que naquele trecho de areia envolta pelo mar e aquecida pelo sol. Éramos poucos, mas éramos os melhores guerreiros que Artur jamais comandou. Havia apenas um ou dois jovens na parede de escudos; o resto era de homens calejados, endurecidos, que tinham atravessado batalhas, sentido o cheiro da morte e sabiam como matar. Éramos os senhores da guerra. Não havia um homem fraco ali, nenhum em quem o vizinho não pudesse confiar, e nenhum cuja coragem fosse fraquejar, e como cantamos naquele dia! Afogamos as pragas de Fergal, e o som forte de nossas vozes deve ter atravessado a água até onde nossas mulheres esperavam no *Prydwen*. Cantamos a Beli Mawr, que tinha arreado o vento em sua carruagem, cujo cabo da lança era uma árvore e cuja espada destroçava o inimigo como uma foice cortando um arbusto. Cantamos sobre suas vítimas espalhadas mortas nos campos de trigo e nos regozijamos pelas viúvas feitas por sua fúria. Cantamos dizendo que suas botas pareciam pedras de moinho, seu escudo um penhasco de ferro e que a pluma de seu elmo era tão grande que raspava as estrelas. Cantamos até ficar com lágrimas nos olhos e lançar medo no coração do inimigo.

A canção terminou num uivo feroz, e mesmo antes desse uivo terminar Culhwch tinha mancado para fora de nossa parede de escudos e sacudido a lança para o inimigo. Ele os acusou de covardes, cuspiu em sua linhagem e os convidou a sentir o gosto de sua lança. O inimigo o observou, mas ninguém se moveu para aceitar o desafio. Eles eram um bando esfarrapado, temível, tão endurecido para matar quanto nós, mas talvez não tão acostumado à guerra das paredes de escudos. Eram a escória da Britânia e da Armórica, os bandoleiros, renegados e homens sem senhores que tinham acorrido à promessa de pilhagem e estupro feita por Mordred. Minuto a minuto, suas fileiras se inchavam à medida que mais homens vinham pela faixa de areia, mas os recém-chegados estavam com os pés doídos e exaustos, e o estreitamento da faixa de areia restringia o número de homens que conseguiria avançar para nossas lanças. Eles poderiam nos empurrar para trás, mas não nos flanquear.

E parecia que nenhum viria enfrentar Culhwch. Ele se plantou diante de Mordred, que estava no centro da linha inimiga.

— Você nasceu de uma sapa prostituta! — gritou para o rei. — E de um pai covarde. Lute comigo! Sou manco! Sou velho! Sou careca! Mas você não ousa me enfrentar! — Ele cuspiu para Mordred, e ainda assim nenhum dos homens de Mordred se mexeu. — Crianças! — zombou Culhwch, depois se virou de costas para o inimigo para mostrar seu desprezo.

Foi então que um jovem saiu correndo das fileiras inimigas. Seu elmo era grande demais para a cabeça imberbe, o peitoral era uma coisa precária, de couro, e o escudo tinha um rasgo entre duas tábuas. Era um rapaz que precisava matar um campeão para conseguir riqueza, e ele correu para Culhwch gritando de ódio. O resto dos homens de Mordred gritou, incitando-o.

Culhwch se virou, meio que se agachou e levantou a lança em direção à virilha do inimigo. O rapaz levantou sua lança, pensando em enfiá-la por cima do escudo de Culhwch, depois gritou em triunfo enquanto baixava-a com força, mas o grito se transformou num gorgolejo quando a lança de Culhwch subiu para arrancar a alma do rapaz pela boca aberta. Culhwch, velho na guerra, deu um passo atrás. Seu escudo nem tinha sido tocado. O homem agonizante cambaleou com a lança presa na garganta. Ele deu uma meia-volta na direção de Culhwch e em seguida caiu. Culhwch chutou a lança do inimigo para fora de sua mão, liberou a dele e a enfiou com força no pescoço do jovem. Depois sorriu para os homens de Mordred.

— Outro? — gritou. Ninguém se mexeu. Culhwch cuspiu para Mordred e voltou para as nossas fileiras que comemoravam. Piscou para mim enquanto chegava perto. — Está vendo como se faz, Derfel? — gritou. — Olhe e aprenda. — E os homens perto de mim gargalharam.

Agora o *Prydwen* estava flutuando, com o reflexo do casco pálido brilhando na água agitada por um vento suave de oeste. Esse vento nos trouxe o fedor dos homens de Mordred: o cheiro misturado de couro, suor e hidromel. Muitos dos inimigos deviam estar bêbados, e muitos nunca ousariam encarar nossas lâminas se não estivessem. Imaginei se o rapaz cuja boca e garganta estavam agora pretas de moscas necessitaria da coragem do hidromel para enfrentar Culhwch.

Agora Mordred estava engambelando seus homens para se adiantarem, e os mais bravos encorajavam os companheiros a irem para a frente. De súbito, o sol parecia muito mais baixo, porque estava começando a nos ofuscar; eu não tinha percebido quanto tempo havia se passado enquanto Fergal nos xingava, e Culhwch provocava o inimigo, e mesmo assim esse inimigo não juntava coragem para atacar. Alguns se adiantavam, mas o resto ficava atrás, e então Mordred os xingava, fechando a parede de escudos e insistindo com eles de novo. Era sempre assim. É preciso grande coragem para se bater contra uma parede de escudos e a nossa, ainda que pequena, era fechada e cheia de guerreiros famosos. Olhei para o *Prydwen* e vi sua vela se abrir tombando da verga, e vi que a vela nova era tingida de vermelho como sangue e decorada com o urso preto de Artur. Caddwg gastara muito ouro para aquela vela, mas não tive tempo de ficar olhando o barco distante porque os homens de Mordred finalmente se aproximavam, e os corajosos instigavam os outros.

— Fiquem firmes! — gritou Artur e dobrou os joelhos para receber o impacto dos escudos. O inimigo estava a doze passos de distância, dez, e a ponto de atacar berrando quando Artur gritou de novo: — Agora! — E sua voz fez os inimigos pararem, porque não sabiam o que ele quis dizer, e então Mordred gritou para que matassem e finalmente eles chegaram.

Minha lança acertou um escudo e foi derrubada. Eu a soltei e peguei Hywelbane, que tinha enfiado na areia à minha frente. Um instante depois os escudos de Mordred golpearam nossos escudos e uma espada curta esbarrou na minha cabeça. Meus ouvidos zumbiram com um golpe no elmo enquanto eu enfiava Hywelbane por baixo do escudo para encontrar a perna do atacante. Senti a lâmina morder, torci-a com força e vi o homem cambalear quando o aleijei. Ele se encolheu, mas ficou de pé. Tinha cabelos pretos e crespos enfiados debaixo de um velho elmo de ferro, e estava cuspido para mim enquanto eu conseguia puxar Hywelbane de trás do escudo. Aparei um golpe violento de sua espada curta e em seguida bati com minha lâmina pesada em sua cabeça. Ele afundou na areia.

— Na minha frente! — gritei para o homem atrás de mim, que usou a lança para matar o homem aleijado que, caso contrário, poderia ter acertado minha virilha, e em seguida ouvi homens gritando de dor ou alarme. Olhei para a esquerda, com a vista obscurecida por espadas e machados, e vi que grandes pedaços de madeira incendiada estavam sendo jogados por sobre nossas cabeças, contra a fileira inimiga. Artur estava usando a pira funerária como arma e sua última palavra de comando antes que as paredes de escudos se chocassem fora para ordenar que os homens junto à fogueira pegassem os troncos pelas pontas não queimadas e jogassem sobre as fileiras de Mordred. Os lanceiros inimigos se encolheram instintivamente para longe das chamas, e Artur ordenou que nossos homens entrassem na abertura formada.

— Abram caminho! — gritou uma voz atrás de mim. Abaixei-me de lado enquanto um lanceiro corria através de nossas fileiras com uma grande tora de madeira em chamas. Ele jogou-a no rosto dos inimigos, que se desviaram da ponta em chamas, e pulamos na abertura. O fogo chamuscava nosso rosto enquanto cortávamos e estocávamos. Mais galhos em chamas voavam acima. O inimigo mais perto de mim tinha se afastado do calor, abrindo para o meu vizinho seu lado desprotegido, e ouvi suas costelas estalarem sob o golpe da lança e vi o sangue borbulhar em seus lábios enquanto ele caía. Agora eu estava na segunda fileira inimiga, e a lenha caída queimava minha perna, mas deixei a dor se transformar numa fúria que impulsionou Hywelbane com força contra o rosto de um homem. E então os homens atrás de mim chutaram areia nas chamas enquanto se adiantavam, levando-me para a terceira fila. Agora eu não tinha espaço para usar a espada, porque

estava esmagado — escudo com escudo — contra um homem que xingava e me cuspiu tentando passar a espada pela borda do meu escudo. Uma lança passou sobre meu ombro, acertando o rosto do homem que xingava, e a pressão de seu escudo cedeu apenas o bastante para deixar que eu empurrasse o meu e girasse Hywelbane. Mais tarde, muito mais tarde, lembro-me de ter soltado um grito de fúria incoerente enquanto golpeava aquele homem até ele cair na areia. A loucura da batalha estava conosco, a loucura desesperada de homens que lutavam presos num lugar pequeno, mas era o inimigo quem estava cedendo. A fúria se transformou em horror e lutávamos feito Deuses. O sol chamejava logo acima do morro do oeste.

— Escudos! Escudos! Escudos! — rugiu Sagramor, lembrando-nos de manter a parede contínua, e meu vizinho da direita bateu o escudo contra o meu, riu e deu uma estocada à frente com sua lança. Vi a espada de um inimigo sendo recuada para dar um golpe poderoso e o enfrentei com Hywelbane, que cortou aquele pulso como se os ossos do inimigo fossem feitos de junco. A espada dele voou para nossas fileiras de trás com a mão sangrenta ainda segurando o punho. O homem à minha esquerda caiu com uma lança inimiga na barriga, mas o da segunda fila ocupou seu lugar e gritou um juramento enquanto batia com o escudo e baixava a espada num golpe feroz.

Mais um tronco em chamas voou baixo acima de nós e caiu sobre dois inimigos, que se separaram rapidamente. Saltamos na abertura e de repente havia areia vazia à nossa frente.

— Fiquem juntos! — gritei. — Fiquem juntos! — O inimigo estava se rompendo. Todos de sua primeira fila estavam mortos ou feridos, os da segunda estavam morrendo, e os de trás eram os que menos queriam lutar, sendo por isso os mais fáceis de ser mortos. Essas fileiras de trás eram cheias de homens hábeis no estupro e inteligentes na pilhagem, mas que nunca tinham enfrentado uma parede de escudos feita de matadores endurecidos. E como estávamos matando agora! Sua parede ia se rompendo, corroída pelo fogo e pelo medo, e estávamos gritando um canto de vitória. Tropecei num corpo, caí para a frente e rolei com o escudo sobre o rosto. Uma espada bateu no escudo, um som ensurdecedor, depois os homens de Sagramor passaram sobre mim e um lanceiro me levantou.

— Está ferido? — perguntou ele.

— Não.

Ele foi em frente. Procurei ver se nossa parede precisava de reforço, mas em toda parte ela estava com espessura de pelo menos três homens, e aquelas três fileiras se comprimiam para a frente sobre a carnificina de um inimigo trucidado. Homens grunhiam girando, estocando e cravando as lâminas na carne do inimigo. É a glória jubilosa da guerra, a simples empolgação de romper uma parede de escudos e enfiar uma

espada num inimigo odiado. Olhei para Artur, o homem mais gentil que já conheci, e vi apenas alegria em seus olhos. Galahad, que rezava todos os dias para ser capaz de obedecer ao mandamento cristão de amar todos os homens, agora os matava com uma eficiência terrível. Culhwch rugia insultos. Tinha descartado o escudo para usar as duas mãos com sua lança pesada. Gwydre estava rindo por trás das laterais do elmo, e Taliesin cantava enquanto ia matando os inimigos feridos deixados para trás por nossa parede de escudos. Não se ganha a guerra da parede de escudos sendo sensato e moderado, e sim com um jorro divino de loucura uivante.

E os inimigos não puderam suportar nossa loucura, por isso se romperam e fugiram. Mordred tentou segurá-los, mas eles não queriam ficar, e ele fugiu junto com os outros em direção à fortaleza. Alguns dos nossos homens, com a fúria da batalha ainda fervendo por dentro, começaram a persegui-los, mas Sagramor os chamou de volta. Ele havia se ferido no ombro do escudo, mas descartou qualquer tentativa que fizemos de ajudá-lo e gritou para que seus homens parassem com a perseguição. Não ousamos ir atrás dos inimigos, por mais derrotados que estivessem, porque então chegaríamos à parte mais larga da faixa de areia, o que seria um convite para nos cercarem. Em vez disso, ficamos onde tínhamos lutado e zombamos, chamando-os de covardes.

Uma gaivota bicou os olhos de um morto. Desviei o olhar e vi que o *Prydwen* estava com a proa virada para nós, livre das amarras, mas a vela vibrante praticamente não tremia ao vento suave. Entretanto estava se movendo, e a cor da vela tremulava no reflexo comprido sobre a água vítrea.

Mordred viu o barco, viu o grande urso na vela e soube que o inimigo poderia escapar para o mar, por isso gritou para seus homens formarem uma nova parede. Os reforços estavam chegando minuto a minuto e alguns dos recém-chegados eram os homens de Nimue, porque vi dois Escudos Sangrentos ocuparem seus lugares na nova linha que se formava para nos atacar.

Voltamos para onde tínhamos começado, formando nossa parede de escudos logo na frente da fogueira que ajudara a vencer o primeiro ataque. Os corpos de nossos primeiros mortos estavam apenas meio queimados, e seus rostos riam de modo maligno para nós através de lábios encolhidos para longe dos dentes sem cor. Deixamos os mortos inimigos na areia, como obstáculos no caminho dos vivos, mas arrastamos os nossos para trás e os empilhamos junto à fogueira. Tínhamos dezesseis mortos e uns vinte que estavam muito feridos, mas ainda havia homens suficientes para formar uma parede de escudos, e ainda podíamos lutar.

Taliesin cantou para nós. Cantou sua própria canção sobre a batalha do Mynydd Baddon, e foi com esse ritmo intenso que juntamos os

escudos de novo. Nossas espadas e lanças estavam cegas e ensanguentadas, o inimigo estava renovado, mas comemoramos quando eles vieram. O *Pryduwen* mal se movia. Parecia um barco sobre um espelho, mas então vi remos compridos se desdobrarem como asas saindo do casco.

— Matem-nos! — gritou Mordred. Agora ele também tinha a fúria da batalha e essa fúria o impulsionou para a nossa linha. Um punhado de homens corajosos o apoiava, seguidos por algumas das almas dementes de Nimue, de modo que foi uma carga esfarrapada que caiu primeiro sobre nossa linha, mas entre esses homens havia alguns recém-chegados que queriam se provar, e de novo dobramos os joelhos e nos encolhemos por trás das bordas dos escudos. Agora o sol estava ofuscante, mas no momento anterior ao choque enlouquecido vi clarões de luz vindos do morro do oeste e soube que ainda havia mais lanceiros naquele terreno elevado. Tive a impressão de que todo um novo exército de lanceiros tinha chegado ao cume, mas de onde vinham, ou quem os liderava, eu não sabia. E então não tive tempo para pensar nos recém-chegados, porque estava empurrando meu escudo. O choque de escudo contra escudo fez o coto do braço cantar de dor e emití um som de agonia enquanto golpeava para baixo com Hywelbane. Um Escudo Sangrento estava à minha frente e o cortei com força, encontrando o espaço entre seu peitoral e o elmo, e quando soltei Hywelbane de sua carne golpeei selvagememente o próximo inimigo, uma criatura louca, e o fiz girar com sangue jorrando do rosto, do nariz e do olho.

Aqueles primeiros tinham corrido adiante da parede de escudos de Mordred, mas agora o grosso do inimigo chegou, e nos inclinamos para receber seu ataque e gritamos um desafio projetando as lâminas por cima das bordas dos escudos. Lembro-me da confusão e do ruído das espadas se chocando contra espadas, do choque de escudos batendo contra escudos. A batalha é uma questão de centímetros, e não de quilômetros. Os centímetros que separam um homem de seu inimigo. Você sente o cheiro de hidromel no hálito dele, ouve a respiração em sua garganta, ouve seus grunhidos, sente-o mudar o peso, sente o cuspe dele em seus olhos, e procura perigo, olha para os olhos do próximo homem que deve matar, encontra uma abertura, ocupa-a, fecha a parede de escudos de novo, dá um passo à frente, sente o impulso dos homens que vêm atrás, meio que tropeça nos corpos dos que matou, recupera-se, empurra, e mais tarde se lembra de pouca coisa, a não ser dos golpes que praticamente o mataram. Você trabalha, empurra, golpeia para fazer uma abertura na parede de escudos, e em seguida rosna, estoca e corta para aumentar a abertura, e só então a loucura toma conta quando o inimigo se rompe e você pode começar a matar como um Deus, porque ele está apavorado e correndo, ou apavorado e imobilizado, e tudo que pode fazer é morrer enquanto você colhe almas.

E nós os derrotamos de novo. De novo usamos chamas da pira funerária, e de novo rompemos sua parede, mas também rompemos a nossa ao fazer isso. Lembro-me do sol brilhante por trás do alto morro do oeste, e lembro-me de ter cambaleado num trecho de areia aberta e de gritar para os homens me apoiarem, e me lembro de brandir Hywelbane na nuca exposta de um inimigo, ver seu sangue jorrar para o alto através dos cabelos cortados e ver sua cabeça virando bruscamente para trás. Então vi que as duas linhas de batalha tinham se rompido e que não passávamos de pequenos grupos de homens sangrentos lutando num trecho ensanguentado de areia iluminada pelo fogo.

Mas tínhamos vencido. As fileiras de trás dos inimigos tinham preferido fugir a receber mais das nossas espadas, mas no centro, onde Mordred lutava, e onde Artur lutava, eles não correram, e a luta se tornou feia em volta daqueles dois líderes. Tentamos contornar os homens de Mordred, mas eles lutavam de volta, e vi como éramos poucos e que muitos de nós jamais lutariam de novo porque tinham derramado o sangue nas areias de Camlann. Uma multidão do inimigo olhava das dunas, mas eram covardes e não viriam ajudar seus companheiros, e assim os últimos de nossos homens lutavam contra os últimos de Mordred. Vi Artur cortando com Excalibur, tentando chegar ao rei, e Sagramor estava lá, e Gwydre também, e me juntei à luta, afastando uma lança com o escudo, estocando com Hywelbane, e minha garganta estava seca como fumaça e a voz parecia o crocitar de um corvo. Acertei outro homem, e Hywelbane deixou uma cicatriz em seu escudo enquanto ele cambaleava para trás e não tinha forças para se adiantar de novo. Minha força também estava se acabando, por isso apenas o olhei através dos olhos ardidos de suor. Ele veio para a frente devagar, estoquei, ele cambaleou para trás por causa do golpe no escudo e projetou a lança para mim, e foi a minha vez de recuar. Eu estava ofegando, e em toda a faixa de areia homens exaustos lutavam contra homens exaustos.

Galahad estava ferido, o braço da espada quebrado e o rosto ensanguentado. Culhwch estava morto. Eu não vi, mas encontrei seu corpo mais tarde com duas lanças enfiadas na virilha onde não havia armadura. Sagramor mancava, mas sua espada rápida ainda era mortal. Ele estava tentando proteger Gwydre, que sangrava de um corte no rosto e tentava chegar junto ao pai. As plumas de ganso de Artur estavam vermelhas de sangue, e o sangue escorria de sua capa branca. Vi-o cortar um homem alto, chutar desviando o golpe desesperado do inimigo e baixar Excalibur com força.

Foi então que Loholt atacou. Eu não o tinha visto até aquele momento, mas ele viu o pai, esporeou o cavalo e sopesou a lança com a mão que lhe restava. Gritou um canto de ódio enquanto penetrava no emaranhado de homens cansados. O cavalo estava com os olhos brancos

e aterrorizado, e as esporas o impeliavam enquanto Loholt apontava sua lâmina para Artur. Mas então Sagramor pegou uma lança e arremessou-a, de modo que as pernas do animal se embaraçaram com o cabo pesado e ele caiu num chuveiro de areia. Sagramor pisou entre os cascos agitados, girou sua lâmina escura e viu o sangue jorrar do pescoço de Loholt. Mas no momento em que Sagramor arrancava a alma de Loholt, um Escudo Sangrento saltou com uma lança e deu uma estocada contra ele. Sagramor girou a espada para trás, fazendo espirrar o sangue de Loholt da ponta, e o Escudo Sangrento caiu gritando, mas então um grito anunciou que Artur tinha alcançado Mordred e o resto de nós se virou instintivamente para ver os dois homens se confrontando. Toda uma vida de ódio se inflamou entre eles.

Mordred estendeu a espada lentamente, depois puxou-a para trás mostrando aos seus homens que queria Artur para si próprio. O inimigo se afastou, obediente. Mordred, assim como no dia em que fora aclamado em Caer Cadarn, estava todo de preto. Capa preta, peitoral preto, calções pretos, botas pretas e elmo preto. Em alguns lugares a armadura preta estava arranhada onde lâminas tinham cortado o piche seco e mostrado o metal nu. Seu escudo era coberto de piche, e os únicos toques de cor estavam num galho de verbena murcho que aparecia no pescoço e nas órbitas dos olhos do crânio montado na crista do elmo. Um crânio de criança, acho, porque era pequeno demais, e as órbitas tinham sido cheias de trapos vermelhos. Ele mancou à frente sobre o pé torto, girando a espada, e Artur fez um gesto para nos afastarmos, dando-lhe espaço para lutar. Ele sopesou Excalibur e levantou o escudo prateado, que estava rasgado e amassado. Quantos de nós restávamos então? Não sei. Quarenta? Talvez menos, e o *Prydwen* tinha chegado à curva do canal do rio e agora deslizava em nossa direção com a pedra-fantasma cinza na proa e a vela mal se agitando ao vento fraco. Os remos subiam e desciam, e a maré estava quase totalmente cheia.

Mordred estocou. Artur aparou, estocou também, e Mordred deu um passo atrás. O rei era rápido, e era jovem, mas o pé torto e o ferimento profundo que ele recebera na coxa na Armórica o tornavam menos ágil do que Artur. Ele lambeu os lábios secos, adiantou-se de novo e as espadas retiniram no ar da tarde. Um dos inimigos que olhava cambaleou de súbito e caiu sem motivo aparente, mas não se moveu de novo enquanto Mordred se adiantava depressa e girava a espada num arco ofuscante. Artur aparou a lâmina com Excalibur, depois empurrou o escudo para acertar o rei e Mordred se afastou cambaleando. Artur recuou o braço para estocar, mas de algum modo Mordred manteve o equilíbrio e recuou sua espada, contendo o golpe e respondendo rapidamente.

Eu podia ver Guinevere de pé na proa do *Prydwen*, com Ceinwyn logo atrás. Na maravilhosa luz da tarde parecia que o casco era feito de

prata e a vela do mais fino linho escarlate. Os remos compridos desciam e subiam, desciam e subiam, e lentamente o barco vinha, até que um sopro de ar quente finalmente encheu o urso na vela e a água criou marolas mais rápidas sob os flancos prateados. Foi nesse momento que Mordred gritou e atacou, as espadas se chocaram, os escudos bateram, e Excalibur arrancou o crânio medonho da crista do elmo de Mordred. Ele girou contra-atacando e vi Artur se encolher quando a lâmina do inimigo o acertou, mas ele empurrou o rei com o escudo e os dois se afastaram.

Artur apertou a mão da espada com força na cintura, onde fora acertado, depois balançou a cabeça como se negasse que estava ferido. Entretanto Sagramor estava ferido. Ele estivera olhando a luta, mas agora se curvou à frente de súbito e cambaleou na areia. Fui até lá.

— Uma lança na minha barriga — disse ele e vi que Sagramor estava agarrando o ventre com as duas mãos para impedir que as entranhas se derramassem na areia. No momento em que ele havia matado Loholt, o Escudo Sangrento tinha atacado com a lança e morrido ao fazer isso, mas agora Sagramor estava morrendo. Pus meu braço bom em volta dele e o deitei de costas. Ele agarrou minha mão. Seus dentes chacoalharam, e ele gemeu, depois forçou a cabeça coberta pelo elmo a se levantar para olhar enquanto Artur se adiantava cautelosamente.

Havia sangue na cintura de Artur. O último giro de Mordred tinha cortado sua armadura, subindo entre as escamas de metal, e penetrado fundo no flanco de Artur. Enquanto Artur se adiantava o sangue novo brilhava e brotava no ponto em que a espada rasgara a cota, mas de repente ele saltou e transformou sua estocada ameaçadora num golpe de cima para baixo, que Mordred aparou com o escudo. Mordred girou o escudo até longe, para afastar Excalibur, e estocou com sua espada, mas Artur recebeu esse golpe em seu escudo, puxou Excalibur e foi então que vi seu escudo se inclinar para trás e a espada de Mordred raspar a cobertura de prata rasgada. Mordred gritou e empurrou a lâmina com mais força, e Artur só viu a ponta da espada chegando quando ela passou sobre a borda do escudo e se cravou na fenda dos olhos de seu elmo.

Vi sangue. Mas também vi Excalibur descer do céu no golpe mais forte já dado por Artur.

Excalibur cortou o elmo de Mordred. Cortou o ferro preto como se fosse pergaminho, depois quebrou o crânio do rei e ficou cravada nele. E Artur, com sangue brilhando na fenda do olho do elmo, cambaleou, recuperou-se e em seguida soltou Excalibur, fazendo voar um chuveiro de sangue. Mordred, morto no momento em que Excalibur tinha cortado seu elmo, caiu para a frente aos pés de Artur. Seu sangue espirrou na areia e nas botas de Artur, e seus homens, vendo o rei morto e Artur ainda de pé, soltaram um gemido baixo e recuaram.

Soltei minha mão do aperto de Sagramor.

— Parede de escudos! — gritei. — Parede de escudos! — E enquanto os espantados sobreviventes de nosso pequeno bando de guerreiros cerraram fileiras na frente de Artur, juntamos os escudos combalidos e rosnamos passando sobre o corpo sem vida de Mordred. Pensei que os inimigos poderiam voltar em busca de vingança, mas em vez disso eles recuaram. Seus líderes estavam mortos e nós ainda mostrávamos desafio, e eles não tinham entranhas para mais morte naquela tarde.

— Fiquem aqui! — gritei para a parede de escudos, depois voltei para Artur.

Galahad e eu tiramos o elmo de sua cabeça, liberando um jorro de sangue. A espada tinha errado o olho direito pela distância de um dedo, mas havia quebrado o osso do lado de fora do olho, e o ferimento fazia o sangue sair pulsando.

— Pano! — gritei e um homem ferido rasgou um pedaço de pano do gibão de um morto e o usamos para apertar contra o ferimento. Taliesin o amarrou, usando uma tira arrancada da bainha de seu manto. Artur me olhou quando Taliesin terminou e tentou falar.

— Quietos, senhor — falei.

— Mordred — disse ele.

— Está morto, senhor. Está morto.

Acho que ele sorriu, e então a proa do *Prydwen* raspou na areia. O rosto de Artur estava pálido e riachos de sangue se desenhavam em sua bochecha.

— Agora você pode deixar a barba crescer, Derfel — disse ele.

— Sim, senhor. Vou deixar. Não fale. — Havia sangue em sua cintura, sangue demais, mas eu não podia tirar sua armadura para encontrar o ferimento, mesmo temendo que fosse o pior dos dois.

— Excalibur — disse-me ele.

— Quietos, senhor.

— Pegue Excalibur. Pegue e jogue no mar. Promete?

— Prometo, senhor.

Tirei a espada ensanguentada de sua mão, depois recuei enquanto quatro homens que não estavam feridos levantavam Artur e o carregavam por cima da amurada. Guinevere ajudou a pegá-lo e deitá-lo no convés do *Prydwen*. Ela fez um travesseiro com a capa de Artur, encharcada de sangue, depois se agachou ao lado e acariciou seu rosto.

— Você vem, Derfel? — perguntou ela.

Fiz um gesto para os homens que ainda formavam uma parede de escudos na areia.

— Vocês podem levá-los? E podem levar os feridos?

— Mais doze homens — gritou Caddwg da popa. — Só doze. Não tenho espaço para mais.

Nenhum barco de pesca tinha vindo. Mas por que viriam? Por que

aqueles homens iriam se envolver na matança, no sangue e na loucura quando seu serviço é tirar comida do mar? Nós tínhamos apenas o *Prydwen*, e o barco teria de viajar sem mim. Sorri para Guinevere.

— Não posso ir, senhora — falei e fiz um gesto de novo para a parede de escudos. — Alguém precisa ficar para levá-los pela ponte de espadas. — O coto do meu braço esquerdo estava brotando sangue, havia um hematoma nas minhas costelas, mas eu estava vivo. Sagramor estava morrendo, Culhwch estava morto, e Galahad e Artur estavam feridos. Não havia ninguém além de mim. Eu era o último dos lordes guerreiros de Artur.

— Eu posso ficar! — Galahad tinha entreouvido nossa conversa.

— Você não pode lutar de braço quebrado — falei. — Entre no barco e leve Gwydre. E depressa! A maré está baixando.

— Eu deveria ficar — disse Gwydre nervosamente.

Peguei-o pelos ombros e o empurrei para a água.

— Vá com o seu pai. Por mim. E diga a ele que fui fiel até o final. — Em seguida segurei-o subitamente e virei-o de novo para me encarar. Vi que havia lágrimas em seu rosto jovem. — Diga ao seu pai que o amei até o final.

Ele assentiu, depois subiu a bordo junto com Galahad. Artur estava com sua família agora e recuei enquanto Caddwg usava um dos remos para empurrar o barco de novo para o canal. Olhei para Ceinwyn e sorri, e havia lágrimas em meus olhos, mas não podia pensar em nada além de que iria esperá-la sob as macieiras do Outro Mundo; mas assim que estava formando as palavras desajeitadas, e no momento em que o barco se desgrudava da areia, ela subiu com passo leve na proa e pulou na água rasa.

— Não! — gritei.

— Sim — disse ela e estendeu a mão para que eu a ajudasse a chegar à margem.

— Sabe o que eles farão com você? — perguntei.

Ela me mostrou uma faca na mão esquerda, dando a entender que se mataria antes de ser tomada pelos homens de Mordred.

— Nós ficamos juntos por tempo demais, meu amor, para nos separarmos agora. — Em seguida ela permaneceu ao meu lado olhando o *Prydwen* entrar na água mais profunda. Nossa última filha e seus filhos estavam indo embora. A maré tinha virado e começava a arrastar o navio prateado para o mar.

Fiquei com Sagramor enquanto ele morria. Aninhei sua cabeça, segurei sua mão e falei guiando sua alma para a ponte de espadas. Depois, com os olhos cheios de lágrimas, voltei para nossa pequena parede de escudos e vi que Camlann estava cheia de lanceiros. Todo um exército tinha vindo, mas chegou tarde demais para salvar seu rei, porém ainda tinha bastante tempo para acabar conosco. Pude ver

Nimue finalmente, com o manto branco e o cavalo branco parecendo luminosos nas dunas sombreadas. Agora minha antiga amiga e amante era minha inimiga final.

— Arranje um cavalo — falei a um lanceiro. Havia cavalos desgarrados em toda parte, e ele correu, pegou uma rédea e me trouxe uma égua. Pedi a Ceinwyn para soltar meu escudo, depois deixei o lanceiro me ajudar a subir na sela e, assim que estava montado, enfiei Excalibur sob o braço esquerdo e peguei as rédeas com a mão direita. Esporeei e a égua saltou à frente, esporeei de novo, fazendo a areia espirrar e os homens saírem do caminho. Agora eu estava cavalgando entre os homens de Mordred, mas não havia luta neles, porque tinham perdido seu rei. Eram homens sem senhor, e o exército dos loucos de Nimue estava atrás, e atrás das forças esfarrapadas de Nimue havia um terceiro exército. Um novo exército havia chegado às areias de Camlann.

Era o mesmo exército que eu tinha visto no alto morro do oeste, e percebi que ele deveria ter marchado para o sul atrás de Mordred, para tomar a Dumnonia para si. Era um exército que viera olhar Artur e Mordred se destruírem, e agora que a luta havia terminado o exército de Gwent marchava lentamente entre suas bandeiras com a cruz. Veio governar a Dumnonia e tornar Meurig seu rei. Os mantos vermelhos e as plumas escarlates pareciam negros no crepúsculo, e ergui os olhos e vi que as primeiras estrelas estavam furando o céu.

Cavalguei na direção de Nimue, mas parei a cem passos de minha antiga amiga. Podia ver Olwen me observando e o olhar maligno de Nimue, e depois sorri, peguei Excalibur com a mão direita e levantei o coto da esquerda, para que ela visse o que eu tinha feito. Depois lhe mostrei Excalibur.

Então ela soube o que eu tinha planejado.

— Não! — gritou Nimue e seu exército de loucos uivou com ela, seus gritos abalando o céu do fim de tarde.

Pus Excalibur sob o braço de novo, peguei as rédeas e esporeei a égua enquanto me virava. Instiguei-a, galopando rápido na areia da praia do mar, e ouvi o cavalo de Nimue galopando atrás de mim, mas ela estava muito atrás. Atrás demais.

Cavalguei na direção do *Prydwen*. Agora o vento fraco enchia a vela, e o barco estava longe da faixa de areia, com a pedra-fantasma na proa que subia e descia nas intermináveis ondas do mar. Esporeei de novo, a égua sacudiu a cabeça e gritei instigando-a a entrar naquele mar escurecido. Continuei esporeando até que as ondas começaram a se partir frias em seu peito, e só então soltei as rédeas. Ela estremeceu debaixo de mim enquanto eu pegava Excalibur com a mão direita.

Recuei o braço. Havia sangue na espada, mas mesmo assim a lâmina parecia brilhar. Um dia Merlin tinha me dito que a Espada de Rhydderch iria se transformar em chamas no final, e talvez isso tenha

acontecido, ou talvez as lágrimas em meus olhos tenham me enganado.

— Não! — uivou Nimue.

E joguei Excalibur, joguei-a com força num arco em direção à água profunda onde a maré tinha cortado o canal através das areias de Camlann.

Excalibur girou no ar do fim de tarde. Nenhuma espada jamais foi tão linda. Merlin jurava que tinha sido feita por Gofannon na forja do Outro Mundo. Era a Espada de Rhydderch e um Tesouro da Britânia. Era a espada de Artur e presente de um druida, e girou contra o céu que escurecia e sua lâmina lançou um fogo azul contra as estrelas que iam se iluminando. Por um instante se tornou uma barra brilhante de chama azul presa nos céus, e então caiu.

Caiu bem no centro do canal. Praticamente não provocou espirros, apenas um brilho de água branca, e sumiu.

Nimue gritou. Virei a água e fui para a praia, atravessei os restos da batalha até onde esperava meu último bando de guerreiros. E ali vi que o exército dos loucos estava se espalhando. Estavam indo embora, e os homens de Mordred, os que tinham sobrevivido, fugiam pela praia para escapar ao avanço das tropas de Meurig. A Dumnonia cairia, um rei fraco governaria e os saxões voltariam, mas iríamos sobreviver.

Desmontei da água, peguei o braço de Ceinwyn e levei-a até o topo de uma duna próxima. O céu no oeste era um brilho vermelho e feroz porque o sol tinha se posto, e juntos ficamos na sombra do mundo, olhando o *Prydwen* subir e descer nas ondas. Agora a vela estava cheia, porque o vento da noite soprava do oeste e a proa do barco rompia a água criando espuma branca, e a popa deixava uma esteira que se alargava sobre o mar. Seguia para o sul, e em seguida virou para o oeste, mas o vento vinha do oeste, e nenhum barco pode velejar direto no olho do vento, mas juro que aquele fez isso. Velejou para o oeste, e o vento estava soprando do oeste, entretanto a vela estava cheia e a proa alta cortava a água em espumas brancas, ou talvez eu não soubesse o que via, porque havia lágrimas em meus olhos e mais lágrimas correndo pelo rosto.

E enquanto olhávamos vi uma névoa prateada se formar na água.

Ceinwyn agarrou meu braço. A névoa era apenas um fiapo, mas cresceu e brilhou. O sol tinha sumido, não havia lua brilhando, só as estrelas e a luz do crepúsculo, o mar com pontos prateados e o barco de vela escura, mas a névoa brilhava. Como o pó prateado das estrelas, ela brilhava. Ou talvez fossem apenas as lágrimas em meus olhos.

— Derfel! — gritou Sansum. Ele tinha vindo com Meurig e agora subia pela areia em nossa direção. — Derfel! Eu quero você! Venha aqui! Agora!

— Meu querido senhor — falei, mas não para ele. Falava com Artur. E fiquei olhando e chorando, com o braço em volta de Ceinwyn,

enquanto o barco pálido era engolido pela névoa de prata brilhante.

E assim meu senhor se foi.

E ninguém o viu desde então.



Nota histórica

Gildas, o historiador que provavelmente escreveu sua *De Excidio et Conquestu Brittaniae* (Da Ruína e da Conquista da Britânia) uma geração após o período arturiano, registra que a Batalha de Badonici Montis (geralmente traduzido hoje em dia como Monte Badon) foi um cerco, mas, de modo atormentador, não menciona se Artur estava presente à grande vitória que, como ele lamenta, “foi a última derrota daqueles desgraçados”. A *Historia Brittonum* (A História dos Britânicos) que pode ter sido escrita ou não por um homem chamado Nennius, e que foi compilada pelo menos dois séculos depois do período arturiano, é o primeiro documento a afirmar que Artur foi o comandante britânico no “Mons Badonis” onde “num só dia 960 homens foram mortos por um ataque de Artur, e ninguém senão ele os derrubou”. No século X alguns monges no oeste de Gales compilaram os *Annales Cambriae* (Anais de Gales) onde registram “a Batalha de Badon, onde Artur levou a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo nos ombros durante três dias e três noites, e os britânicos foram vitoriosos”. O Venerável Beda, um saxão cuja *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* (História Eclesiástica dos Ingleses) surgiu no século VIII, reconhece a derrota, mas não menciona Artur, mas isso não é surpreendente porque Beda parece ter tirado a maioria das informações de Gildas. Esses quatro documentos são praticamente as únicas fontes (e três deles não são suficientemente antigos) de informações sobre a batalha. Será que ela aconteceu?

Os historiadores, ainda que relutantes em admitir que o lendário Artur tenha existido, parecem concordar que em algum momento próximo do ano 500 d.C. os britânicos venceram uma grande batalha contra os usurpadores saxões num lugar chamado Mons Badonicus ou Mons Badonis, Badonici Montis, Mynydd Baddon, Monte Badon ou, simplesmente, Badon. Além disso, eles sugerem que esta foi uma batalha importante porque parece ter impedido que os saxões conquistassem terras britânicas durante uma geração. E também, como lamenta Gildas, parece ter sido a “última derrota daqueles desgraçados”, porque nos duzentos anos seguintes àquela derrota os saxões se espalharam pelo que

agora é chamado de Inglaterra, tirando o poder dos britânicos nativos. Em todo o negro período da era mais negra da história da Grã-Bretanha, esta única batalha se destaca como um acontecimento importante, mas infelizmente não temos ideia de onde ela ocorreu. Houve muitas sugestões. O castelo de Liddington em Wiltshire e Badbury Rings em Dorset são candidatos ao local, ao passo que Geoffrey de Monmouth, escrevendo no século XII, situa a batalha em Bath, provavelmente porque Nennius descreve as fontes quentes de Bath como *balnea Badonis*. Historiadores posteriores propuseram Little Solsbury Hill, logo a oeste de Batheaston no vale do Avon perto de Bath, como o campo de batalha, e adotei a sugestão para o local descrito no romance. Teria sido um cerco? Ninguém realmente sabe, assim como não sabemos quem sitiou quem. Só parece haver o consenso geral de que uma batalha provavelmente aconteceu no Monte Badon, onde quer que isso seja, que pode ter sido um cerco, mas talvez não, que provavelmente ocorreu muito perto do ano 500 d.C., ainda que nenhum historiador queira arriscar a reputação afirmando isso, que os saxões perderam e que possivelmente Artur foi o arquiteto dessa grande vitória.

Nennius, se é que ele foi realmente o autor da *Historia Brittonum*, atribui doze batalhas a Artur, a maioria em locais não identificáveis, e não menciona Camlann, a batalha que tradicionalmente encerra a narrativa de Artur. Os *Annales Cambriae* são nossa fonte mais antiga para essa batalha, e esses anais foram escritos muito tarde para terem credibilidade. A Batalha de Camlann, então, é ainda mais misteriosa do que a do Monte Badon, e é impossível identificar qualquer local onde ela possa ter acontecido, se é que de fato aconteceu. Geoffrey de Monmouth disse que foi travada junto ao rio Camel em Cornwall, ao passo que no século XV *Sir Thomas Malory* a situou na Planície de Salisbury. Outros escritores sugeriram Camlann em Merioneth em Gales, no rio Cam que corre perto de South Cadbury (“Caer Cadarn”), na Muralha de Adriano ou até mesmo em locais na Irlanda. Eu a situei em Dawlish Warren, no sul de Devon, por nenhum outro motivo além de eu já ter tido um barco no estuário do Exe e ter alcançado o mar passando por Warren. O nome Camlann pode significar “rio torto”, e o canal do estuário do Exe é muito torto, mas minha escolha é puro capricho.

Os *Annales Cambriae* têm apenas isto a dizer sobre Camlann: “(...) a batalha de Camlann, onde Artur e Medraut (Mordred) faleceram.” E talvez tenham mesmo, mas a lenda sempre insistiu em que Artur sobreviveu aos ferimentos e foi levado à ilha mágica de Avalon, onde ainda dorme com seus guerreiros. Nós passamos claramente para além do reino em que qualquer historiador de respeito iria se aventurar, só para sugerir que a crença na sobrevivência de Artur reflete uma profunda nostalgia popular por um herói perdido, e em toda a ilha da Grã-Bretanha nenhuma lenda é mais persistente do que essa ideia de que

Artur continua vivo. “Uma sepultura para Mark”, diz o Livro Negro de Carmarthen, “uma sepultura para Gwythur, uma sepultura para Gwgawn da espada vermelha, mas nem pensar numa sepultura para Artur.” Artur provavelmente não foi rei, pode não ter vivido, mas apesar de todos os esforços dos historiadores em negar sua existência, para milhões de pessoas em todo o mundo ele ainda é aquilo que um copista no século XIV chamou de *Arturus Rex Quondam, Rexque Futurus*: Artur, Nosso Rei Antigo e Futuro.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

As crônicas de Artur

Wikipédia do autor:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Bernard_Cornwell

Livros do autor:

<https://www.record.com.br/autores/bernard-cornwell/>

Site do autor:

<http://www.bernardcornwell.net/>

Goodreads do autor:

https://www.goodreads.com/author/show/12542.Bernard_Cornwell

O REI DO INVERNO

Rosto
Créditos
Sumário
Personagens
Lugares
Mapa | Os Reinos da Britânia
Parte 1 | Um nascimento no inverno
Parte 2 | A noiva
Parte 3 | A volta de Merlin
Parte 4 | A Ilha dos Mortos
Parte 5 | A parede de escudos
Nota do autor

O INIMIGO DE DEUS

Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
Prefácio
Personagens
Mapa | Os Reinos da Britânia
Lugares
Parte 1 | A estrada escura
Parte 2 | A guerra partida
Parte 3 | Camelot
Parte 4 | Os mistérios de Ísis
Nota do autor

EXCALIBUR

Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
Personagens
Lugares
Mapa | Os Reinos da Britânia
Parte 1 | As Fogueiras do Mai Dun
Parte 2 | Mynydd Baddon
Mapa
Parte 3 | A Maldição de Nimue
Parte 4 | O último Feitiço
Nota histórica